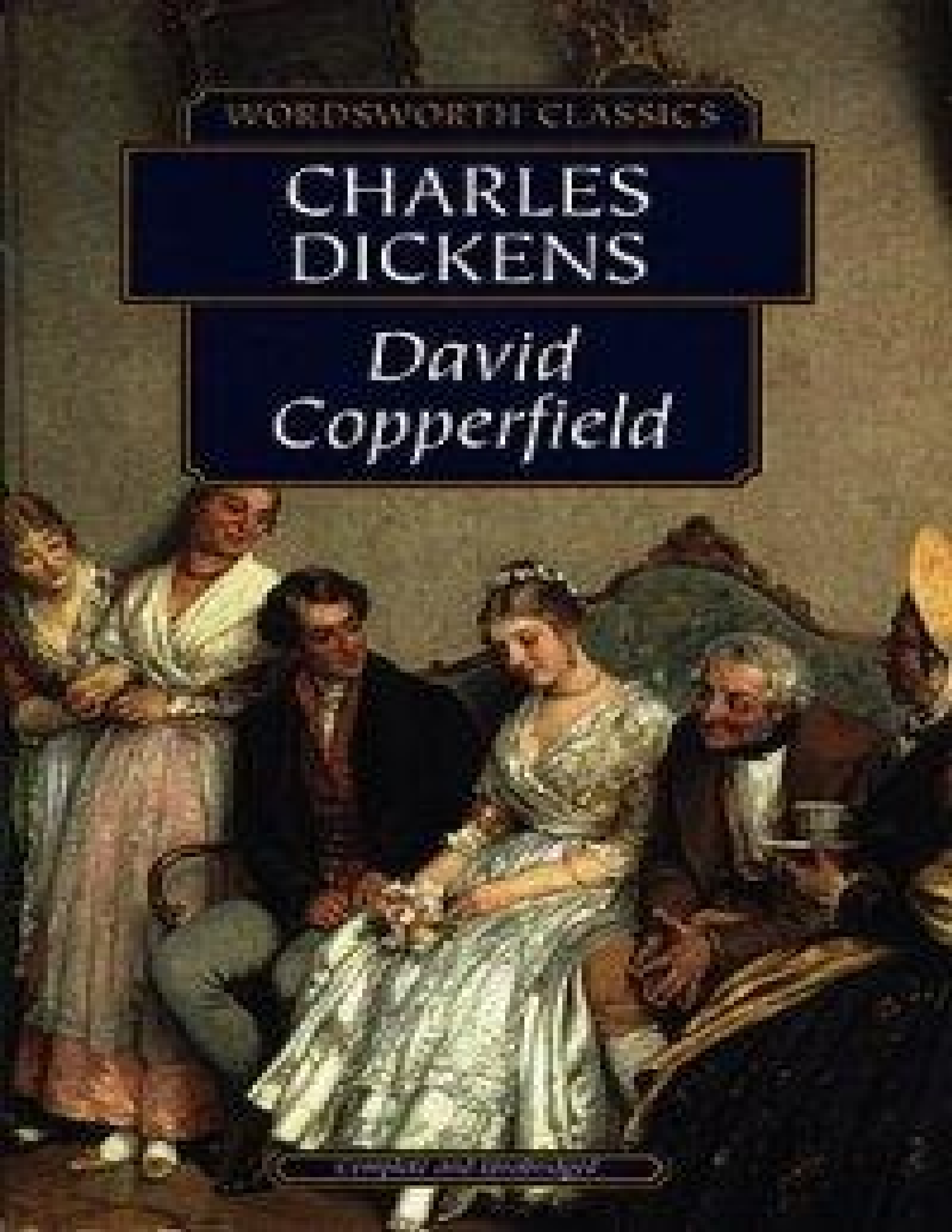
WORDSWORTH CLASSICS

# CHARLES DICKENS

# *David Copperfield*



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***

Charles Dickens

# DAVID COPPERFIELD

Título original: *David Copperfield* (1849)
Tradução: Jaime Filinto (1855-1922)
Revisão: Ângelo dos Santos Pereira
2013 © Centaur Editions
centaur.editions@gmail.com

# Capítulo I — Venho ao mundo

Serei eu o herói da minha própria história ou qualquer outro tomará esse lugar? É o que estas páginas vão fazer saber ao leitor. Para começar pelo princípio, direi, pois, que nasci numa sexta-feira, à meia-noite (pelo menos assim mo disseram, e acredito). E, coisa digna de nota, o relógio começou a dar as horas e eu comecei a gritar no mesmo instante.

Visto o dia e a hora do meu nascimento, a enfermeira de minha mãe e algumas senhoras vizinhas que bastante se interessavam por mim, muito tempo antes que pudéssemos mutuamente conhecer-nos, declararam: 1.°, que eu estava destinado a ser um desgraçado nesta vida; 2.°, que teria o privilégio de ver fantasmas e espíritos. Qualquer criança de um ou de outro sexo que tivesse a desgraça de nascer numa sexta-feira e à meia-noite possuía invariavelmente, diziam, esse duplo privilégio.

Não vou ocupar-me aqui da primeira predição dessa gente. A continuação desta história provará a sua exactidão ou falsidade. Quanto ao segundo ponto, limitar-me-ei a notar que estou sempre à espera, a menos que as almas do outro mundo me tivessem feito alguma visita quando eu era ainda de peito. Não é que eu deplore tal demora, bem pelo contrário: e mesmo se alguém possuir neste momento essa porção da minha herança, autorizo-o de todo o meu coração a guardá-la para si.

Nasci dentro de um *folie;* essa membrana foi posta à venda, por meio de anúncio nos jornais, pelo modicíssimo preço de quinze guinéus. Não sei se foi porque os marinheiros estavam então falhos ao naipe, ou se não tinham fé e preferiam cintos de cortiça, mas o que há de positivo é que apenas se recebeu uma proposta: proveio ela de um corrector comercial que oferecia quarenta xelins em prata e o resto da quantia em vinho de Xerez; não queria pagar por mais a segurança de nunca se afogar. Renunciou-se, pois, aos anúncios, que era preciso pagar, bem entendido. Quanto ao Xerez, a minha pobre mãe acabava de vender o seu, e não tratava, portanto, de comprar outro. Dez anos depois foi o *folie* rifado em lotaria, a meia coroa o bilhete; eram cinquenta bilhetes, e a pessoa a quem saísse devia dar mais cinco xelins. Assisti à extracção da lotaria, e lembra-me que estava muito aborrecido e humilhado de ver assim dispor de uma porção do meu ser. O *folie* saiu a uma velhota que, bem contra vontade, tirou do seu saco os cinco xelins em grossos *pence,* faltando-lhe ainda um *penny,* mas foi o mesmo que nada perder-se tempo e feitio em convencer a velhota. O facto é que toda a gente da terra lhes dirá que ela não se afogou e que teve a dita de

morrer vitoriosamente na sua cama aos noventa e dois anos. Contaram-me que, até ao último suspiro, se gabara de nunca ter atravessado água senão por cima de ponte; muitas vezes, quando tomava chá (ocupação com que muito se comprazia), desabafava duramente contra a iniquidade desses marinheiros e desses viajantes que têm a presunção de irem vadiar para longe. Baldadamente lhe observavam que sem essa culposa prática faltariam bastantes coisas boas, talvez mesmo o chá. Ela replicava num tom sempre enérgico e com uma confiança cada vez mais completa na força do seu raciocínio:

— Não, não, nada de vadiagem.

Mas para não nos expormos também a *vadiar*, voltemos ao meu nascimento.

Nasci em Blunderstone, no condado de Suffolk ou por aquelas redondezas, como se diz. Fui uma criança póstuma. Quando os meus olhos se abriram à luz deste mundo, meu pai tinha fechado os seus havia mais de seis meses. Há para mim, mesmo presentemente, qualquer coisa de estranho ao pensar que ele nunca me viu; qualquer coisa de mais singular ainda na longínqua recordação que me resta dos dias da minha infância passada não distante da pedra branca que lhe cobria a sepultura. Quantas vezes me senti então de uma compaixão indefinível para com essa pobre sepultura estirada sozinha no meio do cemitério, por uma noite escura, enquanto na nossa sala havia tanto calor e tanta luz! Parecia-me que havia quase crueldade em deixá-la fora e em fechar-lhe com todo o cuidado a nossa porta.

A grande personagem da nossa família era uma tia de meu pai, por consequência minha segunda tia, de que mais adiante terei de me ocupar, *miss* Trotwood ou *miss* Betsy, como lhe chamava minha pobre mãe, quando chegava a ocasião de nomear essa terrível pessoa (o que raras vezes sucedia). *Miss* Betsy tinha, pois, casado com um homem mais novo do que ela, muito bonito, mas não no sentido do provérbio: «para ser bonito é preciso ser bom». Desconfiava-se fortemente que ele tivesse batido em *miss* Betsy e até que um dia, a propósito de uma discussão de orçamento caseiro, tomasse algumas disposições súbitas, mas violentas, para a atirar pela janela de um segundo andar. Estas provas evidentes de incompatibilidade de génio decidiram *miss* Betsy a dar-lhe dinheiro para que ele se fosse embora e para que aceitasse uma separação amigável. Ele partiu para as Índias e lá, diziam as lendas de família, tinham-no encontrado montado num elefante, em companhia dum bugio mandril; eu creio que nisso há engano; não era um bugio, com certeza confundiram-se com uma dessas princesas indianas que se chamam *begum*. Fosse como fosse, dez anos depois recebeu-se em casa a notícia da sua morte. Nunca ninguém soube que efeito causou essa notícia em minha tia: a seguir à sua separação tinha ela adoptado o seu nome de solteira e comprado na aldeia, muito longe, uma casinha à beira mar aonde fora instalar-se.

Passava lá por uma solteirona que vivia só, em companhia da sua criada, sem ver vivalma.

Meu pai tinha sido, creio, o predilecto de *miss* Betsy; ela, porém, nunca lhe tinha perdoado o seu casamento, sob o pretexto de que minha mãe não passava de «uma boneca de cera». Nunca tinha visto minha mãe, mas sabia que ela não tinha ainda vinte anos. Meu pai nunca mais tornou a ver *miss* Betsy. Ele tinha o dobro da idade de minha mãe quando casou com ela e a sua saúde estava longe de ser robusta. Morreu passado um ano, seis meses antes de eu nascer, como já disse.

Tal era o estado das coisas na manhã dessa memorável e importante sexta-feira (seja-me permitido qualificá-la assim). Não posso, pois, vangloriar-me de ter sabido então tudo quanto acabo de contar, nem de ter conservado recordação alguma do que se vai seguir.

Não passando bem de saúde, profundamente abatida, minha mãe estava sentada ao canto do fogão, cujo brasido contemplava através das lágrimas; pensava com tristeza na sua própria vida e na do pobre orfãozinho que ia ser acolhido à sua chegada num mundo pouco encantado de o receber, por algumas cartas de alfinetes de mau agouro proféticos, já preparados numa gaveta do seu quarto; minha mãe, ia eu dizendo, estava sentada diante do fogão, por uma tarde clara e fria do mês de Março. Triste e tímida, dizia de si para si que ia provavelmente sucumbir à prova que a esperava, quando erguendo os olhos para enxugar as lágrimas viu chegar pelo jardim uma mulher que ela não conhecia.

Olhando outra vez, minha mãe teve o pressentimento certo de que era *miss* Betsy. Os raios do sol poente iluminavam à porta do jardim toda a pessoa dessa desconhecida, cujo andar era muito firme e com um ar muito resolvido, para que não fosse outra senão Betsy Trotwood.

Ao chegar ao pé da casa, deu ela uma outra prova da sua identidade. Meu pai tinha muitas vezes dito a minha mãe que sua tia não se comportava quase nunca como o resto da gente; e, efectivamente, eis que em vez de bater à porta, ela veio postar-se diante da janela, e encostou tão fortemente o nariz à vidraça que ele ficou branco e perfeitamente chato no mesmo instante, segundo minha mãe me contou muitas vezes.

Esta aparição ocasionou um tal sobressalto a minha mãe que eu estou convencido de que foi a *miss* Betsy que devo o ter nascido numa sexta-feira.

Minha mãe levantou-se bruscamente e foi esconder-se a um canto atrás da sua cadeira. *Miss* Betsy depois de ter lentamente percorrido todo o aposento com o olhar, movendo os olhos como fazem certas cabeças de sarracenos nos relógios flamengos, deu enfim com minha mãe. Fez-lhe sinal com um ar carrancudo de que lhe fosse abrir a porta, como quem tem o hábito de mandar. Minha mãe

obedeceu.

— Suponho que é *Mistress* David Copperfield — disse *miss* Betsy carregando na última palavra, sem dúvida para fazer compreender que a sua *suposição* provinha de ver minha mãe de luto pesado e grávida.

— Sim — respondeu tibiamente minha mãe.

— *Miss* Trotwood — replicou. — Ouviu alguma vez falar dela, suponho?

Minha mãe disse que tinha tido esse prazer. Mas sentia que, bem contra vontade, deixava perfeitamente ver que o prazer não tinha sido imenso.

— Pois bem! Está-a vendo agora — disse *miss* Betsy.

Minha mãe baixou a cabeça e rogou-lhe que entrasse.

Encaminharam-se para o aposento donde minha mãe acabara de sair; desde a morte de meu pai que não se tinha acendido o fogão da sala do outro lado do corredor; sentaram-se, *miss* Betsy conservava-se calada; após vários esforços para se conter, minha mãe desatou a chorar.

— Vamos! Vamos! — disse *miss* Betsy vivamente. — Isso não! Venha cá!

Minha mãe não fazia senão soluçar, não podia responder.

— Tire a touca, menina — disse *miss* Betsy — preciso de a ver.

Muito assustada para resistir a esta singular reclamação, minha mãe fez o que ela lhe dizia; mas as mãos tremiam-lhe por tal forma que desprendeu os compridos cabelos ao mesmo tempo que a touca.

— Ah! Bom Deus! — exclamou *miss* Betsy — a menina não passa de uma criança!

Minha mãe apresentava por certo um ar muito mais novo do que a idade que tinha; baixou a cabeça, pobre mulher!, como se tivesse alguma culpa e murmurou, no meio de lágrimas, que tinha medo de ser bem criança para ser já viúva e mãe. Houve um momento de silêncio, durante o qual minha mãe imaginou que *miss* Betsy lhe anediava docemente os cabelos com a mão; ergueu timidamente os olhos: mas não a tinha ao pé de si; estava sentada com modo rabugento diante do fogão, com o vestido levantado, as mãos cruzadas nos joelhos, os pés pousados nos ferros do fogão.

— Em nome do céu — exclamou de súbito *miss* Betsy — porque lhe chamam *rookery*?[1]

— Fala desta casa, minha senhora? — perguntou minha mãe.

— Falo, sim. Porque lhe chamam *rookery*? Vocês deviam ter-lhe chamado *cookery*[2], por muito pouco bom senso que um e outro tivessem.

— *Mister* Copperfield gostava desse nome — respondeu minha mãe. — Quando comprou esta casa, comprazia-se em pensar que havia ninhos de corvos nas imediações.

Começava a soprar o vento da noite, e os velhos olmos do jardim ramalhavam

com tanto ruído que minha mãe e *miss* Betsy deitaram ambas os olhos para esse lado. As grandes árvores inclinavam-se umas para as outras, como gigantes que vão confiar-se um segredo e que, depois de alguns segundos de confidência, se levantam bruscamente, sacudindo ao longe os braços enormes, como se o que acabavam de ouvir não os deixasse tranquilos; alguns velhos ninhos de corvos, meio destruídos pelos vendavais, balouçavam nas ramas superiores, como um resto de navio saltando num mar tempestuoso.

— Aonde é que estão os pássaros? — perguntou *miss* Betsy.

— Os...?

Minha mãe pensava numa coisa muito diferente.

— Os corvos?... para onde foram eles? — insistiu *miss* Betsy.

— Nunca os vi aqui — disse minha mãe. — Nós supúnhamos, *Mister* Copperfield tinha suposto... que havia aqui uma bonita *rookery,* mas os ninhos eram muito antigos e já há muito abandonados.

— Isso retrata bem o David Copperfield! — disse *miss* Betsy. — É bem ele, chamar à sua casa *rookery* quando nos arredores não se avista um único corvo, e acreditar em pássaros pelo facto de ver ninhos.

— *Mister* Copperfield morreu — replicou minha mãe — e, se a senhora tenta dizer-me mal dele...

Desconfio que minha pobre mãe teve um momento a intenção de se atirar à minha tia para a estrangular. Mesmo com saúde, minha mãe seria um triste campeão num combate corpo a corpo com *miss* Betsy; mas apenas se tinha levantado da cadeira quando renunciou a isso e, tornando a sentar-se humildemente, desmaiou.

Quando voltou a si, talvez pelos cuidados de *miss* Betsy, minha mãe viu-a de pé junto da janela: a escuridão tinha sucedido ao crepúsculo, e só o clarão do fogo as ajudou a distinguirem-se uma e outra.

— E então? — disse *miss* Betsy, voltando a sentar-se como se estivesse contemplando um instante a paisagem — e então, para quando é que conta?...

— Estou toda a tremer — balbuciou minha mãe. — Não sei o que tenho. Vou morrer, com certeza.

— Não, não, não — disse *miss* Betsy — tome um gole de chá.

— Oh! Meu Deus, meu Deus! Far-me-á bem, parece-lhe? — respondeu minha mãe num tom desolado.

— Com certeza que faz — disse *miss* Betsy. — Pura imaginação! Que nome dá à rapariga?

— Não sei ainda se será uma rapariga, minha senhora — disse minha mãe na sua inocência.

— Que o bom Deus abençoe esta criança! — exclamou *miss* Betsy citando,

sem o desconfiar, a segunda sentença inscrita a alfinetes na pregadeira que estava na cómoda lá em cima, mas aplicando-a a minha mãe, quando ela se aplicava a mim. — Não é disso que eu falo. Falo da sua criada.

— Peggotty! — disse minha mãe.

— Peggotty! — repetiu *miss* Betsy com certa indignação. — Quer fazer-me acreditar que houve uma mulher que recebeu, numa igreja, o nome de Peggotty?

— É o seu apelido de família — replicou timidamente minha mãe. — *Mister* Copperfield tinha o costume de lhe chamar assim para evitar confusões, porque ela tinha o mesmo nome de baptismo que eu.

— Aqui, Peggotty! — exclamou *miss* Betsy abrindo a porta da sala de jantar. — Chá! A sua senhora está incomodada. Não me seja lesma.

Depois de ter dado esta ordem com tanta energia, como se de há muito tempo exercesse na casa uma autoridade incontestada, *miss* Betsy foi certificar-se se se demorava Peggotty, a qual acorria estupefacta, de castiçal na mão, ao som dessa voz desconhecida; depois foi sentar-se como antes, com os pés nos ferros, o vestido arregaçado e as mãos cruzadas sobre os joelhos.

— Dizia que seria talvez uma rapariga — disse *miss* Betsy. — Não padece dúvida. Tenho um pressentimento de que há-de ser uma rapariga. Pois bem, minha filha, a datar do dia do seu nascimento, essa rapariga...

— Ou esse rapaz — permitiu-se insinuar minha mãe.

— Já lhe disse que tenho um pressentimento de que há-de ser uma rapariga — replicou *miss* Betsy. — Não me contradiga. A datar do dia do nascimento dessa pequena, quero ser amiga dela. Conto ser sua madrinha e peço para lhe pôr o nome de Betsy Trotwood Copperfield. É mister que não haja enganos na vida *dessa* Betsy. É mister que não façam pouco das *suas* afeições, pobre criança. Há-de ser muito bem educada e cuidadosamente premunida contra o perigo de entregar a sua ingénua confiança a alguém que a não mereça. No tocante a isto, dela me encarrego eu.

*Miss* Betsy meneava a cabeça, no fim de cada frase, como se a perseguisse a recordação dos seus antigos agravos e como se tivesse repugnância em fazer alusões mais explícitas. Pelo menos minha mãe julgou perceber isso, ao débil clarão do lume, mas tinha muito medo de *miss* Betsy, estava muito indisposta, muito intimidada e muito assustada para observar claramente as coisas ou para saber o que dizer.

— David era bom para si, menina? — perguntou *miss* Betsy após um momento de silêncio, durante o qual a sua cabeça acabara por deixar de se mexer. — Davam-se ambos bem?

— Éramos muito felizes — disse minha mãe. — *Mister* Copperfield era muito bom para mim.

— Enchia-a de mimos, provavelmente? — prosseguiu *miss* Betsy.

— Tenho medo agora que me encontro de novo só e abandonada neste triste mundo — disse minha mãe a chorar.

— Vamos! Não chore — disse *miss* Betsy. — Vocês não emparelhavam bem... se alguma vez duas pessoas podem emparelhar bem... E a razão porque lhe fiz essa pergunta... Era órfã, pois não era?

— Sim.

— É governante?

— Eu era subgovernante numa casa aonde *Mister* Copperfield ia muitas vezes. *Mister* Copperfield era muito bom para mim, ocupava-se muito de mim: testemunhava-me muito interesse e, por fim, pediu-me para casar com ele. Eu disse-lhe que sim e casámo-nos — disse minha mãe com simplicidade.

— Pobre criança! — disse *miss* Betsy, com os olhos sempre fixos no lume do fogão. — Sabe fazer alguma coisa?

— Senhora, peço perdão... — balbuciou minha mãe.

— Sabe dirigir uma casa, por exemplo? — disse *miss* Betsy.

— Receio que pouco — respondeu minha mãe. — Muito menos do que deveria. Mas *Mister* Copperfield ensinava-me...

— Havia de ir longe com o que ele sabia! — murmurou *miss* Betsy.

— E espero que teria aproveitado, porque eu tinha grande desejo de aprender, e ele era um mestre tão paciente, mas a terrível desgraça que me feriu...

Neste ponto minha mãe interrompeu-se novamente com os seus soluços.

— Bem, bem! — disse *miss* Betsy.

— Eu escriturava regularmente o meu livro de contas e dava balanço todas as noites com *Mister* Copperfield — disse minha mãe com uma nova explosão de soluços.

— Bem, bem! — disse *miss* Betsy — não chore mais.

— E nunca tivemos a mais pequena discussão a esse respeito, excepto quando *Mister* Copperfield achava que os meus três e os meus cincos se assemelhavam muito, ou que eu fazia umas hastes muito compridas aos meus setes e aos meus noves.

E minha mãe recomeçou a chorar cada vez mais.

— Vai pôr-se doente — disse *miss* Betsy — e isso é prejudicial para si e para a minha afilhada. Vamos! Não torne a chorar!

Este argumento contribuiu talvez para tranquilizar minha mãe, mas desconfio que a sua indisposição, sempre crescente, mais se agravou.

Fez-se um grande silêncio, apenas interrompido por algumas interjeições que murmurava de quando em quando *miss* Betsy, sempre aquecendo os pés.

— David colocou a sua fortuna em renda vitalícia — disse ela por fim. — Que

foi que ele fez a seu favor?

— *Mister* Copperfield — respondeu minha mãe com alguma hesitação — teve a bondade de colocar a meu favor uma porção dessa renda.

— Quanto? — perguntou *miss* Betsy.

— Cento e cinco libras esterlinas — respondeu minha mãe.

— Podia ser pior — disse minha tia.

Pior! Era muito justamente o termo que convinha à circunstância; porque minha mãe encontrava-se pior e Peggotty, que acabava de entrar trazendo o chá, viu num relance que ela estava mais doente, como *miss* Betsy poderia ter verificado antes se não estivesse escuro, e conduziu-a imediatamente para o seu quarto; depois mandou em procura da enfermeira e do médico o seu sobrinho Cham Peggotty, que ela tinha escondido em casa, havia dias, sem minha mãe saber, a fim de ter um mensageiro sempre à mão para um caso urgente.

Enfermeira e parteiro, esses poderes aliados, ficaram sobremodo admirados quando, à sua chegada quase simultânea, encontraram sentada diante do lume uma dama desconhecida de aspecto imponente; tinha o chapéu enganchado no braço esquerdo e ocupava-se em atafulhar os ouvidos com algodão em rama. Peggotty ignorava absolutamente quem ela era; minha mãe não dizia palavra sobre o caso: era um singular mistério. A provisão de algodão em rama que ela tirava da algibeira para meter nos ouvidos, nada diminuía à solenidade da sua figura.

O médico subiu ao quarto de minha mãe, depois desceu, decidido a ser polido e amável com a mulher desconhecida, com quem ia provavelmente achar-se frente a frente durante algumas horas. Era o homenzinho mais doce e mais afável que imaginar-se pode. Deslizava de esguelha num quarto para entrar e sair, a fim de ocupar o menor espaço possível. Caminhava assim ao de leve, mais ao de leve talvez do que o fantasma do *Hamlet.* Avançou de cabeça inclinada sobre o ombro. Por um sentimento modesto da sua humilde importância, e pelo desejo modesto de não incomodar ninguém, não bastaria dizer que era incapaz de dirigir uma palavra descortês a um cão: era incapaz de a dizer, sequer, a um cão danado. Talvez que lhe dirigisse docemente uma meia palavra, não mais que uma sílaba, e baixinho, porque ele falava tão humildemente como andava, mas quanto a tratá-lo com desabrimento, isso não poderia nunca passar-lhe pela cabeça.

*Mister* Chillip olhou afectuosamente para minha tia, com a cabeça sempre inclinada de lado, depois disse, levando a mão à orelha esquerda:

— É alguma irritação local, minha senhora?

— É comigo? — replicou minha tia, tirando bruscamente o algodão de um ouvido.

*Mister* Chillip repetiu-o depois muitas vezes a minha mãe, a impetuosidade de minha tia causou-lhe então um tal alarme que não compreendeu como pôde conservar o seu sangue frio. Mas repetiu docemente:

— É alguma irritação local, minha senhora!

— Que burrice! — respondeu minha tia, e tornou rapidamente a atafulhar o ouvido.

Que fazer depois disto? *Mister* Chillip sentou-se e olhou timidamente para minha tia até que o chamaram de novo para junto de minha mãe.

Depois de um quarto de hora de ausência, regressou.

— E então? — disse minha tia, tirando o algodão de um ouvido.

— Então, minha senhora — respondeu *Mister* Chillip — vamos indo, vamos indo devagarinho, minha senhora.

— Ora! Ora! — disse minha tia carregando bruscamente nessa interjeição desdenhosa. Depois, como antes, atafulhou outra vez o ouvido.

Em verdade (*Mister* Chillip disse-o muitas vezes depois a minha mãe), em verdade, sentia-se quase indignado. Falando sob o ponto de vista da sua profissão, sentia-se quase indignado. Todavia tornou-se a sentar e olhou perto de duas horas para ela, sempre sentada diante do fogão, até que foi chamado outra vez para junto de minha mãe. Depois desta ausência, tornou a vir ter com minha tia.

— E então? — disse ela, tirando o algodão do mesmo ouvido.

— Então, minha senhora — respondeu *Mister* Chillip, — vamos indo, vamos indo devagarinho, minha senhora.

— Ah! Ah! Ah! — disse minha tia, e isso com tal desdém que *Mister* Chillip sentiu-se incapaz de suportar por mais tempo *miss* Betsy. Havia de sobra com que fazer-lhe perder a cabeça, disse-o depois. Preferiu ir sentar-se nas escadas, no escuro, a despeito de uma violenta corrente de ar, e foi lá que ele esperou que voltassem a procurá-lo.

Cham Peggotty (testemunha digna de crédito, pois que ia à escola do governo e era forte como um turco no catecismo) contou no dia seguinte que tivera a desgraça de entreabrir a porta da sala de jantar, uma hora depois de sair *Mister* Chillip. *Miss* Betsy percorria o aposento numa grande agitação; ao descobri-lo, agarrara-o. Evidentemente, o algodão não tapava bem hermeticamente os ouvidos de minha tia, porque de tempos a tempos, quando o ruído das vozes ou dos passos se tornava mais forte no quarto de minha mãe, *miss* Betsy fazia sentir à sua desditosa vítima o excesso da sua agitação. Fazia-o percorrer o aposento a passos largos em todos os sentidos, sacudindo-o vivamente pela gravata (como se ele tivesse tomado muito láudano) — desgrenhava-lhe o cabelo, amarrotava-lhe o colarinho, atafulhava de algodão em rama os ouvidos do pobre rapaz,

confundindo-os sem dúvida com os seus, enfim fazia-lhe sofrer toda a espécie de maus-tratos. Esta narrativa foi em parte confirmada por minha mãe, que o viu à meia hora sobre a meia-noite, um instante depois da sua libertação; afirmava ela que ele estava tão vermelho como eu, nesse momento.

O excelente *Mister* Chillip não podia querer mal a alguém por muito tempo, sobretudo em tal ocasião. Introduziu-se na sala de jantar logo que teve um minuto livre e disse a minha tia num tom afável:

— Muito bem, minha senhora, sinto-me feliz por poder felicitá-la.

— Porquê? — disse bruscamente minha tia.

*Mister* Chillip sentiu-se novamente perturbado pela grande severidade de maneiras de minha tia; fez-lhe uma pequena vénia e esboçou um ligeiro sorriso no sentido de a tranquilizar.

— Misericórdia! Que é que terá este homem? — exclamou minha tia cada vez mais impacientada. — Será mudo?

— Tranquilize-se, minha querida senhora — disse *Mister* Chillip com a sua mais doce voz. — Já não existe o menor motivo de inquietação, minha senhora. Tranquilize-se, por quem é.

Não compreendo como minha tia pôde resistir ao desejo de sacudir *Mister* Chillip até o resolver a articular o que tinha a dizer. Limitou-se a menear a cabeça, mas com um olhar que o fez estremecer.

— Muito bem, minha senhora — prosseguiu *Mister* Chillip, logo que se encontrou com um pouco de coragem. — Sinto-me feliz em poder felicitá-la. Está tudo acabado, minha senhora, e acabado em bem.

Durante os cinco ou seis minutos que *Mister* Chillip gastou a pronunciar este discurso, minha tia observou-o curiosamente.

— Ela como está? — disse minha tia cruzando os braços, com o chapéu sempre pendente do punho esquerdo.

— Muito bem, minha senhora, e dentro de pouco completamente bem — respondeu *Mister* Chillip. — Está tão bem quanto possível para uma jovem mãe que se encontra numa tão triste situação. Não há inconveniente algum em que a senhora a veja. Talvez até lhe faça bem.

— E *ela,* como está *ela*? — perguntou vivamente minha tia.

*Mister* Chillip inclinou ainda um pouco mais a cabeça e olhou para minha tia com um ar aparvalhado.

— Como está a pequena? — disse minha tia.

— Minha senhora — respondeu *Mister* Chillip —, eu imaginava que já o sabia. É um rapaz.

Minha tia não disse palavra; pegou no chapéu pelas fitas, atirou-o como uma funda à cabeça de *Mister* Chillip, pô-lo depois todo amassado na sua própria

cabeça, saiu da sala e não mais voltou. Desapareceu como uma fada de mau génio ou como uma dessas criaturas sobrenaturais que, diziam, eu estava destinado a ver pelo privilégio do meu nascimento; desapareceu e nunca mais voltou.

Meu Deus, não. Eu estava deitado no meu berço, minha mãe na sua cama e Betsy Trotwood Copperfield estava para sempre na região dos sonhos e das sombras, nessa região misteriosa donde eu acabava de chegar; a lua, que iluminava as janelas do meu quarto, reflectia-se ao longe na morada terrestre de tantos recém-chegados como eu, e assim também sobre o cômoro debaixo do qual repousavam os restos mortais daquele sem o qual eu nunca teria existido.

## Capítulo II — Observo

Os primeiros objectos que eu encontro sob uma forma distinta quando procuro lembrar-me dos dias da minha pequena infância, são: primeiro minha mãe, com os seus lindos cabelos e o seu ar de moça. Depois, Peggotty; essa não tem idade, os seus olhos são tão pretos que lançam uma cambiante sombria por todo o seu rosto; as suas faces e os seus braços são tão duros e vermelhos que dantes, lembra-me, não compreendia como é que os pássaros não vinham debicá-la de preferência às maçãs.

Parece-me que estou a ver minha mãe e Peggotty colocadas uma em frente da outra; para se fazerem pequenas, inclinam-se ou ajoelham-se no chão, e eu vou cambaleando de uma para a outra. Resta-me uma recordação que me parece ainda muito recente: a do dedo que Peggotty me estendia para me ajudar a andar, um dedo todo picado da agulha e mais áspero do que um ralador de noz moscada.

É talvez uma ilusão, mas creio todavia que a memória de muitos dentre nós conserva mais impressão dos dias de infância do que geralmente se crê, da mesma maneira que creio na faculdade da observação muitas vezes desenvolvidíssima e exactíssima nas crianças. A maior parte dos homens feitos que são notáveis sob este ponto de vista conservaram, segundo penso, esta faculdade antes de a adquirirem; e, o que pareceria prová-lo, é que têm geralmente uma vivacidade de impressão e uma serenidade de carácter que são bem certamente neles uma herança da infância.

Acusar-me-ão talvez de divagar por me deter nesta reflexão, mas isso leva-me a dizer que tiro as minhas conclusões da minha experiência pessoal, e, se no decurso desta narrativa se encontrar a prova de que na minha infância eu tinha uma grande disposição para observar, ou que na minha idade madura conservei uma viva recordação da minha infância, menos admirado se ficará que eu me creia, de facto, com direitos incontestáveis a essas feições características.

Procurando, como já tenho dito, desenredar o caos da minha infância, os primeiros objectos que se me deparam são minha mãe e Peggotty. De que me lembro ainda? Vejamos.

O que sai primeiro da nuvem é a nossa casa, recordação familiar e distinta. Ao rés-do-chão, lá está a cozinha de Peggotty que deita para um pátio; nesse pátio há, na extremidade de uma vara, um pombal sem um único pombo; uma grande casota de cão, a um canto, sem o menor cachorro; mais, uma porção de pintainhos que me parecem gigantescos e que passeiam a grandes pernadas pelo

pátio com o ar mais ameaçador e mais feroz. Há um galo que salta para o poleiro a fim de me examinar quando assomo a cabeça à janela da cozinha; faz-me tremer, tem o ar tão cruel! De noite, vejo em sonhos os gansos de pescoço comprido avançarem para mim, ao pé da grade; vejo-os sem cessar nos meus sonhos, como um homem rodeado de animais ferozes adormece sonhando com leões.

Cá está um longo corredor, mas não lhe vejo o fim; vai desde a cozinha de Peggotty até à porta de entrada. A despensa deita para esse corredor é muito escura, e de noite é preciso atravessá-la muito depressa, porque quem sabe o que se pode encontrar no meio desses cântaros, desses potes, dessas velhas caixas de chá? Um velho candeeiro ilumina-a com fraca luz, e pela porta entreaberta sente-se um cheiro extravagante a sabão, a alcaparras, a pimenta, a velas e a café, isto tudo amalgamado. Em seguida há duas salas; aquela em que passamos as noites, minha mãe, eu e Peggotty, porque Peggotty está sempre ao pé de nós quando estamos sós e logo que acaba o seu serviço; e a sala grande onde passamos os domingos é mais bonita, mas não se está lá tanto à vontade. Esse aposento tem um aspecto lamentável aos meus olhos, porque Peggotty narrou-me (não sei quando, provavelmente há um século), o enterro de meu pai minuciosamente; contou-me que era nessa sala que os amigos da família estavam reunidos todos de preto. Foi ainda lá que um domingo à noite minha mãe nos leu, a Peggotty e a mim, a história de Lázaro ressuscitado dentre os mortos; e tanto medo me causou que tiveram de me ir buscar à cama e mostrar-me da janela o cemitério profusamente tranquilo, o lugar em que os mortos dormiam em repouso, à pálida claridade da lua.

Não conheço em parte alguma relva mais verde que a desse cemitério; não há nada tão copado como essas árvores, nada tão tranquilo como essas sepulturas. Todas as manhãs, quando me ajoelho na minha pequena cama ao pé do quarto de minha mãe, vejo os carneiros a pastar essa erva verdejante; vejo o sol fulgente que se reflecte no relógio de sol, e espanto-me de que com tudo isso que o cerca ele possa marcar horas.

Cá está o nosso banco na igreja, o nosso banco com o seu grande espaldar. Ao pé fica uma janela donde se pode ver a nossa casa; durante o ofício divino da manhã, Peggotty olha para ela a cada momento, para se certificar que não vá arder ou ser assaltada pelos ladrões, na nossa ausência. Mas Peggotty não quer que eu faça como ela, e quando isso sucede, faz-me sinal de que devo de olhar para o pastor. Todavia, eu não posso estar sempre a olhar para ele; bem o conheço quando ele não tem vestida essa grande coisa branca, e tenho medo de que não se vá admirar de eu estar sempre com os olhos fitos nele; quem sabe se não vai interromper-se para me perguntar o que quer isso dizer. Mas que diabo

hei-de fazer então? É bem feio abrir a boca, e no entanto é preciso fazer alguma coisa. Olho para minha mãe, mas ela finge que me não vê. Olho para um rapazito que fica quase ao pé de mim, ele faz-me carantonhas. Olho para o raio do sol que entra pelo pórtico e vejo uma ovelha desgarrada, não é um pecador que eu quero dizer, é um carneiro que por um triz está a entrar pela igreja dentro. Sinto que se olhasse mais tempo para ele acabaria por lhe gritar que se fosse embora, e então seria o bom e o bonito! Olho para as inscrições gravadas nas sepulturas em volta da parede e trato de pensar no falecido *Mister* Bodgers, natural desta paróquia, e na dor que devia ter sentido *Mistress* Bodgers, quando *Mister* Bodgers sucumbiu depois de uma longa doença em que a ciência dos médicos se tornou absolutamente ineficaz. Pergunto com os meus botões se consultaram para esse senhor o doutor Chillip; e se foi ele que foi ineficaz, desejaria saber se ele acha agradável reler em todos os domingos o epitáfio de *Mister* Bodgers. Estou a ver *Mister* Chillip com a sua gravata do domingo, depois passo ao púlpito. Como ali se brincaria bem! Que famosa fortaleza não se fazia desse púlpito; o inimigo precipitar-se-ia pela escada para nos atacar; e nós esmagá-lo-íamos com a almofada de veludo e com as suas borlas. Pouco a pouco vão-se-me cerrando os olhos; ouço ainda o pastor repetir um salmo; faz um calor sufocante, depois não ouço mais nada, até ao momento em que escorrego do banco com um ruído espantoso, e em que Peggotty me arrasta para fora da igreja mais morto que vivo.

Agora estou a ver a frontaria da nossa casa; a janela dos nossos quartos está aberta, e entra por ela um ar embalsamado; os velhos ninhos dos corvos balouçam-se ainda na copa dos olmos do jardim. Agora vejo-me por trás da casa, atrás do pátio aonde estão a casota e o pombal vazio: é um sítio todo cheio de borboletas, fechado por uma grande estacada, com uma porta que tem um cadeado; as árvores estão carregadas de frutos mais maduros e abundantes do que em qualquer outro jardim; minha mãe colhe alguns, e eu, que estou atrás dela, vou rabiscando algumas groselhas às escondidas, com um ar tão indiferente quanto possível. Levanta-se ventania, fugiu o Verão. Jogamos no salão por uma noite de Inverno. Quando minha mãe está fatigada vai sentar-se numa cadeira de braços, enrola nos dedos os compridos anéis dos cabelos, olha para o busto bem lançado, e ninguém sabe melhor do que eu que ela está contente por ser tão bonita.

São estas as minhas mais antigas recordações. Acrescentem-lhe a opinião, se é que eu já tinha uma opinião, de que tínhamos; minha mãe e eu, um pouco de medo de Peggotty, e que seguíamos quase sempre os seus conselhos.

Uma noite, Peggotty e eu estávamos sós na sala, sentados ao lume do fogão. Eu tinha lido a Peggotty uma história de crocodilos. Era preciso que eu tivesse

lido com bem pouca inteligência ou que a pobre rapariga estivesse muito distraída, porque me lembra que não lhe ficou da minha leitura senão uma espécie de impressão vaga de que os crocodilos eram uma qualidade de legumes. Eu estava cansado de ler e a cair com sono, mas nessa noite tinham-me feito o grande favor de me deixarem esperar o regresso de minha mãe, que tinha ido jantar a casa de uma vizinha, e eu deixar-me-ia morrer mais depressa na cadeira do que ir-me deitar. Quanto mais vontade eu tinha de dormir, tanto mais Peggotty me parecia tornar-se imensa e tomar proporções desmedidas. Eu arregalava os olhos tanto quanto podia; examinava o bocadinho de cera com que ela encerava a linha e que estava riscado em todos os sentidos, e a choupanazinha figurada que continha o seu metro; e o caixão de trabalho cujo tampo representava a catedral de S. Paulo com um zimbório cor-de-rosa. Depois chegava a vez do dedal e por fim a própria Peggotty; achava-a encantadora. O meu sono era tal, que se cessasse um instante de ter os olhos abertos estava pronto.

— Peggotty — disse eu de repente —, você já foi casada?

— Deus do céu! Sr. Davy — respondeu Peggotty —, donde é que lhe veio essa ideia de falar de casamento?

Ela respondeu com tanta energia que me despertou completamente. Pousou a obra e olhou-me fixamente, sempre puxando a linha da agulha a todo o comprimento.

— Vamos, Peggotty, já foi casada? — tornei eu. — Você é uma lindíssima mulher, pois não é?

Eu achava a beleza de Peggotty de um estilo muito diverso do de minha mãe, mas no seu género parecia-me perfeita. Havia na sala grande um tamborete de veludo vermelho, sobre o qual minha mãe tinha pintado um ramo de flores. O fundo desse tamborete e a cor de Peggotty pareciam-me absolutamente semelhantes. O veludo era macio e a cara de Peggotty era áspera, mas isso não fazia nada ao caso.

— Linda, eu, Davy! — disse Peggotty. — Ah! Com certeza que não, menino. Mas quem foi que lhe meteu em cabeça essa ideia de casamento?

— Eu sei lá. Não se pode casar com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, pois não, Peggotty?

— Com certeza que não — disse Peggotty no tom mais positivo.

— Mas se a pessoa com quem se casou morrer, pode-se casar com outra, não pode, Peggotty?

— *Pode* — disse-me Peggotty —, querendo-se. É uma questão de opinião.

— Mas qual é a sua opinião, Peggotty? — disse-lhe eu.

Ao fazer-lhe esta pergunta, eu olhava para ela, como ela tinha olhado para

mim um momento antes ao ouvir a minha pergunta.

— A minha opinião — disse Peggotty principiando outra vez a pontear após um momento de indecisão —, a minha opinião é que nunca fui casada, Sr. Davy, e que penso não casar nunca. Aqui tem o que eu sei.

— Não está zangada comigo, pois não, Peggotty? — disse eu passado um instante.

Eu receava que ela se zangasse; tinha-me falado tão asperamente; mas enganava-me; ela pousou a meia que estava a pontear, e agarrando-me com os braços a cabeça encaracolada, apertou-a com toda a sua força. Digo com toda a sua força, porque como ela era muito gorda, um ou dois colchetes do seu vestido rebentavam cada vez que ela se entregava a um exercício um pouco violento. Ora, lembra-me que no momento em que me apertou nos braços, ouvi dois colchetes estalar e irem cair na outra extremidade da sala.

— Agora leia-me outra vez alguma coisa dos *cocodrilos* — disse Peggotty, que não estava ainda certa deste nome. — Gosto tanto de saber o que eles fazem...

Eu não compreendia muito bem porque é que Peggotty tinha o ar tão distraído, nem porque tinha tanto empenho em prosseguir-se na leitura dos crocodilos. Atirámo-nos à história desses monstros com novo interesse; ora púnhamo-nos a chocar-lhes os ovos na areia ao calor do sol; ora fazíamo-los enraivecer correndo constantemente ao redor deles num movimento rápido que o seu feitio singular impedia de poder seguir com a mesma rapidez; ora imitávamos os indígenas e atirávamo-nos à água para enterrarmos compridos paus aguçados na goela desses horríveis bicharocos; enfim, chegávamos a saber os nossos crocodilos de cor e salteado, pelo menos eu, porque Peggotty tinha momentos de distracção em que estava continuamente a enterrar nos dedos e nos braços a sua comprida agulha de pontear.

Íamo-nos a atirar aos aligatores quando bateram à porta do jardim. Corremos a abri-la; era minha mãe, mais linda que nunca, ao que me pareceu; vinha acompanhada por um cavalheiro que tinha cabelos e suíças pretas soberbas; já nos tinha acompanhado da igreja no domingo antecedente.

Minha mãe parou na soleira da porta para me beijar, o que fez dizer ao cavalheiro que eu era mais feliz do que um príncipe, ou qualquer coisa parecida, porque é possível que neste ponto as minhas reflexões de uma outra idade fracamente coadjuvem a minha memória.

— Que quer isso dizer? — perguntei eu a esse cavalheiro por cima do ombro de minha mãe.

Ele afagou-me a face; mas não sei porque, não me agradavam nada nem a sua voz nem a sua pessoa, e eu estava irritadíssimo por ver que a mão dele tocava na

de minha mãe enquanto me acariciava. Eu repelia-o com todas as minhas forças.

— Oh, Davy! — exclamou minha mãe.

— Querida criança! — disse o cavalheiro. — Compreendo bem o seu ciúme.

Eu nunca tinha visto cores tão bonitas no rosto de minha mãe. Ralhou-me docemente da minha falta de polidez e, apertando-me nos braços, agradeceu ao cavalheiro o incómodo que tivera em a acompanhar até casa. Falando assim, estendia-lhe a mão e, ao estender-lha, olhava para mim.

— Dê-me as boas noites, meu lindo menino — disse o cavalheiro depois de se ter inclinado para beijar a pequena mão de minha mãe, vi-o bem.

— Boa noite — disse eu.

— Venha cá, vamos, sejamos bons amigos — disse ele rindo. — Dê-me a sua mão.

Minha mãe tinha-me a mão direita presa na sua; eu estendi-lhe a outra.

— Mas essa é a mão esquerda, Davy! — disse o cavalheiro a rir.

Minha mãe quis que eu lhe estendesse a mão direita, mas eu estava resolvido a não o fazer, sabe-se pelo quê. Estendi a esquerda ao estranho, que a apertou cordialmente, dizendo-me que eu era um excelente rapaz; depois foi-se embora.

Vi-o voltar-se à porta do jardim e lançar-nos um olhar de despedida com os seus olhos negros e a sua expressão de mau agouro.

Peggotty não tinha dito uma palavra nem mexido com um dedo; fechou as portadas e entrámos para o salão. Em vez de ir sentar-se ao pé do fogão, como era seu costume, minha mãe ficou na outra extremidade da sala, cantarolando a meia voz.

— Estimo que tivesse passado agradavelmente a noite, minha senhora! — disse Peggotty de pé no meio da sala, com um castiçal na mão e hirta como uma vara.

— Muito agradavelmente, Peggotty — replicou alegremente minha mãe. — Obrigada.

— Uma cara nova é sempre uma mudança agradável — murmurou Peggotty.

— Muito agradável — respondeu minha mãe.

Peggotty permanecia imóvel no meio da sala, minha mãe recomeçou a cantar e eu adormeci. Mas não dormia muito profundamente, pois que ouvia o ruído das vozes, sem compreender todavia o que se dizia. Quando despertei dessa modorra, minha mãe e Peggotty desfaziam-se em lágrimas.

— Nem sempre um sujeito assim teria sido do gosto de *Mister* Copperfield — dizia Peggotty —, juro-o pela minha honra.

— Mas, Deus do céu! — exclamava minha mãe. — Quer-me fazer perder a cabeça? Nunca houve uma pobre rapariga mais maltratada pelos seus criados do que eu. Mas não sei porque me estou a chamar uma pobre rapariga! Não fui

casada, Peggotty?

— Deus é testemunha que sim, minha senhora — respondeu Peggotty.

— Como é que então se atreve... — diz minha mãe. — Não é bem o que eu queria dizer, Peggotty... Como é que tem a coragem de me tornar tão infeliz e de me dizer coisas tão desagradáveis quando sabe que, fora daqui, não tenho um único amigo a quem me dirigir?

— Razão de mais — replicou Peggotty — para que eu lhe diga que isso não lhe convém. Não, isso não lhe convém. Nada no mundo me fará dizer que isso lhe convém. Não.

No seu entusiasmo, Peggotty gesticulava tão desembaraçadamente com o castiçal, que eu estava à espera do momento em que ela o atirasse ao chão.

— Como é que tem a coragem — tornou minha mãe, chorando cada vez mais — de falar tão injustamente? Como é que pode obstinar-se a falar como se se tratasse de uma coisa realizada, quando eu lhe repito pela centésima vez que tudo se limitou à mais banal polidez? Você fala de admiração; mas que hei-de eu fazer? Se caem na tolice de me admirar, a culpa é minha? Que hei-de eu fazer, ande, responda-me? Desejava talvez que eu cortasse os cabelos, ou que mascarrasse o rosto ou ainda que escaldasse uma face? Palavra, Peggotty, creio que assim o desejaria. Creio que isso lhe causaria prazer!

Esta arguição pareceu causar muita pena a Peggotty.

— É o meu pobre filho! — exclamou minha mãe aproximando-se da poltrona em que eu estava estendido para me acariciar. — Meu querido Davidzinho! Há quem se atreva a afirmar que não amo este pequeno tesouro, meu bom pequerrucho!

— Nunca ninguém fez semelhante suposição — disse Peggotty.

— Sim, senhora, fez, Peggotty — respondeu minha mãe —, bem o sabe. Era isso o que queria dizer, e todavia, sua má, sabe tão bem como eu que no mês passado se não comprei uma sombrinha nova, se bem que a minha velha sombrinha verde esteja toda rota, não foi senão por causa dele. Bem o sabe, Peggotty. Não pode dizer o contrário.

Depois virando-se ternamente para mim, encostou a sua face à minha.

— Serei uma má mamã para ti, meu David? Serei uma mamã egoísta ou cruel, ou ruim? Diz que sim, meu menino, e Peggotty gostará de ti: o amor de Peggotty vale bem mais que o meu, David. Eu não te amo, de todo o meu coração, pois não?

Neste ponto desatámos todos a chorar. Eu gritava mais alto que as duas, mas os três chorávamos como as vides talhadas. Eu estava desesperadíssimo, e no primeiro transporte da minha ternura indignada, receio de ter chamado a Peggotty «animal ruim». Essa virtuosa criatura estava profundamente aflita,

lembro-me bem; e com certeza que não lhe ficou um único colchete no vestido, pois houve uma explosão terrível deles, no momento em que, depois de se ter reconciliado com minha mãe, veio ajoelhar-se ao lado da grande poltrona para se reconciliar comigo.

Fomo-nos todos deitar, moídos como uma salada. Durante muito tempo os meus soluços não me deixavam dormir, e de uma vez, ao abrir os olhos, com sobressalto, vi minha mãe sentada na minha cama. Ela inclinou-se para mim, eu descansei a cabeça no seu ombro, e adormeci profundamente.

Não poderia afirmar se tornei a ver o cavalheiro desconhecido no domingo seguinte, ou se decorreu mais tempo antes que ele reaparecesse. Não pretendo lembrar-me com exactidão das datas. Mas vi que estava na igreja e veio connosco até casa. Entrou sob o pretexto de ver um lindo gerânio que desabrochava na janela da sala. Não me parecia que lhe consagrasse grande atenção, mas, antes de se retirar, pediu a minha mãe que lhe desse uma flor do seu gerânio. Ela disse-lhe que a escolhesse a seu gosto, mas ele recusou, não sei porquê, e minha mãe colheu um ramo que lhe deu. Ele disse que nunca se separaria dele, e eu, achei-o bem tolo por não saber que dentro de dois dias esse ramo florido estaria completamente murcho.

Pouco a pouco Peggotty foi ficando menos vezes connosco, às noites. Minha mãe tratava-a sempre com deferência, talvez mesmo com mais que dantes, e fazíamos um terceto de amigos, mas todavia não era bem, bem, como noutros tempos, e não éramos tão felizes. Por vezes afigurava-se-me que Peggotty se zangava por ver minha mãe usar sucessivamente todos os lindos vestidos que tinha guardados nos gavetões, ou então que via com maus olhos ela ir tantas vezes a casa da mesma vizinha, mas eu não podia chegar a compreender donde isso provinha.

Acabava por me acostumar ao cavalheiro das grandes suíças pretas. Não gostava dele mais que em princípio e continuava a ter ciúmes, mas não pela razão que alguns anos mais tarde poderia dar. Era uma aversão de criança, puramente instintiva, e baseada numa ideia geral de que Peggotty e eu não precisávamos de ninguém que amasse minha mãe. Eu não tinha outro caso pensado. Sabia fazer de mim para mim as minhas pequenas reflexões, mas daí a reuni-las para realizar um todo, era tarefa superior às minhas forças.

Estava eu no jardim com minha mãe, por uma bela tarde de Outono, quando *Mister* Murdstone chegou a cavalo (eu acabara por saber o nome dele). Parou para cumprimentar minha mãe e disse-lhe que ia a Lowestoft ver uns amigos que ali tinham ido em digressão no seu *yacht,* e depois acrescentou alegremente que se prontificava a levar-me na garupa, se isso fosse do meu agrado.

O tempo estava tão puro e tão suave, e o cavalo tinha o ar tão disposto a partir,

caracolava tão alegremente diante da grade, que eu tinha grande desejo de tomar parte no passeio. Minha mãe disse-me que fosse ter com Peggotty para me vestir, enquanto *Mister* Murdstone esperava por mim. Ele apeou-se, enfiou o braço nas rédeas e começou a passear vagarosamente ao longo da sebe de espinheiro que só o separava de minha mãe. Peggotty e eu estávamos a vê-los pela janelinha do meu quarto; eles inclinaram-se ambos para examinarem de mais perto o espinheiro, e Peggotty, ao ver isto, passou de repente da disposição mais tranquila a um estranho desabrimento, de tal guisa que se pôs a escovar-me o cabelo ao invés, com toda a força.

Partimos por fim, *Mister* Murdstone e eu, e seguimos o atalho verdejante a pequeno trote. Ele tinha-me passado um braço pelas costas, e não sei porquê, eu que em geral não era de natureza inquieta, tinha sem cessar desejo de me voltar para lhe ver a cara. Ele tinha destes olhos pretos amortecidos e côncavos (não acho outra expressão para descrever o seu olhar), destes olhos que parecem às vezes perder-se no espaço e olhar para a gente de esguelha. Muitas vezes, quando o observava, encontrava com terror esse olhar, e dizia com os meus botões em que podia ele pensar com um ar tão grave. Os seus cabelos eram ainda mais pretos e mais bastos do que se me tinha afigurado. Tinha o queixo perfeitamente quadrado, e o mento, todo coberto de pintinhas pretas depois que se barbeava todas as manhãs, dava-lhe uma semelhança surpreendente com as figuras de cera que se tinham exibido na nossa vizinhança alguns meses antes. Tudo isso junto a umas sobrancelhas muito regulares e a uma bela tez morena (diabos levem a sua recordação e a sua tez!), dispunha-me, apesar dos meus pressentimentos, a achá-lo um bonito homem. Não duvido que minha pobre mãe fosse da mesma opinião.

Chegámos a um hotel na praia: no salão encontravam-se dois sujeitos a fumar; vestiam jaquetões pouco elegantes e estavam estiraçados ao comprido sobre quatro ou cinco cadeiras. A um canto via-se uma porção de agasalhos e uma bandeirola de bote.

À nossa chegada puseram-se a pé, e, com uma sem-cerimónia que me impressionou, um deles exclamou:

— Até que enfim, Murdstone! Imaginávamo-lo morto e enterrado.

— Ainda não! — disse Murdstone.

— E quem é o pequeno? — perguntou um dos sujeitos agarrando-me.

— É Davy — respondeu *Mister* Murdstone.

— Davy quê? — perguntou o sujeito. — Davy Jones?

— Davy Copperfield — disse *Mister* Murdstone.

— Como! É o trambolho da sedutora *Mistress* Copperfield, da linda viuvinha?

— Quinion — disse *Mister* Murdstone —, tenha cuidado com a língua: é-se

malicioso.

— E aonde está esse *se*? — perguntou o sujeito a rir.

Levantei vivamente a cabeça; tinha desejo de saber de quem se tratava.

— Não é ninguém: é Brooks de Sheffield — disse *Mister* Murdstone.

Fiquei encantado por saber que era Brooks de Sheffield: a princípio julguei que era de mim que se tratava.

Evidentemente era algum indivíduo patusco esse tal Brooks de Sheffield, porque ao ouvirem pronunciar esse nome os dois sujeitos desataram a rir a bandeiras despregadas, e *Mister* Murdstone fez outro tanto. Pouco depois, o que se chamava Quinion pôs-se a dizer:

— E que pensa Brooks de Sheffield do caso em questão?

— Creio que ainda não esteja humanizado — disse *Mister* Murdstone —, mas desconfio que há-de humanizar-se.

Houve nova explosão de gargalhadas; *Mister* Quinion anunciou que ia mandar vir uma garrafa de «sherry» para beber à saúde de Brooks. Veio a garrafa, *Mister* Quinion deitou no meu copo e, dando-me uma bolacha, fez-me levantar e entoar este brinde: «À confusão de Brooks de Sheffield!» O brinde foi recebido com grandes aplausos e tais risadas que eu também desatei a rir, o que ainda mais fez rir os outros. Enfim, o divertimento foi grande para todos.

Depois de passearmos pelos penedos, fomos sentar-nos na erva; eles distraíram-se a olhar por um óculo de alcance; eu não via absolutamente nada quando mo aproximavam dos olhos, dizendo aliás que via perfeitamente; depois regressámos ao hotel para jantar. Durante toda a passeata, os dois amigos de *Mister* Murdstone fumaram sem interrupção. De resto, a julgar pelo cheiro dos seus fatos, é evidente que não tinham feito outra coisa desde que esses fatos tinham saído das mãos do alfaiate. É preciso não deixar de dizer que fomos visitar o *yacht.* Esses três cavalheiros desceram ao beliche e puseram-se a examinar papéis; via-os perfeitamente do ponto em que estava. Ficara a fazer-me companhia um homem encantador, que tinha uma mata de cabelos ruivos, com um chapelinho de oleado; sobre a sua camisola às riscas estava escrito «Cotovia» em grandes letras. Afigurava-se-me que era o nome dele e que o trazia inscrito no peito, porque como vivia a bordo de um navio, não tinha porta da rua, aonde pudesse pô-lo, mas quando lhe chamei *Mister* Cotovia, disse-me que esse era o nome da sua embarcação.

Reparei que durante todo o dia *Mister* Murdstone estava mais grave e mais silencioso que os seus dois amigos, que pareciam alegres e descuidados e gracejavam livremente juntos, mas raras vezes com ele. Pareceu-me ver que ele era mais espirituoso e reservado do que eles e que lhes inspirava, como a mim, uma espécie de terror. Uma ou duas vezes percebi que *Mister* Quinion, sempre

conversando, olhava para ele de soslaio, como para se certificar de que o que dizia não lhe tinha desagradado; noutra ocasião tocou no pé de *Mister* Passnidge, que estava muito animado; e fez-lhe sinal que olhasse para *Mister* Murdstone, sentado a um canto e guardando o mais profundo silêncio. Creio recordar-me que *Mister* Murdstone não riu uma única vez nesse dia, excepto na ocasião do brinde levantado a Brooks de Sheffield. É verdade que era um gracejo de sua invenção.

Regressámos cedo a casa. A noite estava magnífica; minha mãe passeou com *Mister* Murdstone ao longo da sebe de espinheiros enquanto eu tomava o chá. Quando ele foi embora, minha mãe fez-me contar tudo quanto se tinha passado e perguntou-me o que se tinha dito e feito. Referi-lhe o que se dissera a seu respeito; pôs-se a rir, repetindo que esses sujeitos eram impertinentes que faziam pouco dela, mas eu vi que isso lhe agradava. Então adivinhava-o tão bem como agora o sei. Aproveitei-me dessa ocasião para lhe perguntar se ela conhecia *Mister* Brooks de Sheffield; respondeu-me que não, mas que talvez fosse algum fabricante de cutelaria.

Será possível, no momento em que o rosto de minha mãe aparece diante de mim, tão distintamente como o de uma pessoa que eu reconheceria numa rua cheia de gente, que esse rosto já não exista? Eu sei que ele mudou, sei que morreu; mas ao falar da sua beleza inocente e infantil, poderei eu crer que ela desapareceu e que morreu, enquanto sinto junto de mim a sua doce respiração, como a sentia nessa noite? Será possível que minha mãe tenha mudado, quando a minha saudade ma recorda sempre assim; quando o meu coração, fiel aos afectos da sua mocidade, retém ainda presente na sua memória o que então amava?

Quando falo de minha mãe, vejo-a linda como ela era na noite em que tivemos esta conversa, quando me foi dar as boas noites. Pôs-se de joelhos alegremente ao pé da minha cama, e disse-me, encostando o seu queixo às minhas mãos:

— Que foi então que eles disseram, Davy? Repete-mo, não posso acreditá-lo.

— A sedutora... — comecei eu a dizer.

Minha mãe pôs-me a mão nos lábios para eu me calar.

— Mas não era sedutora — disse ela rindo —, não podia ser sedutora, Davy, sei bem que não.

— Era, sim! A sedutora *Mistress* Copperfield — repetia eu com energia — e também «a linda».

— Não, não, não era a linda, a linda não — replicou minha mãe, pondo-me outra vez os dedos nos lábios.

— Era sim, era, a linda viuvinha.

— Que doidos! Que impertinentes! — exclamou minha mãe rindo, tapando o

rosto. — Que homens absurdos! Pois não são, meu Davizinho?

— Mas, mamã...

— Não o digas a Peggotty; zangar-se-ia contra eles. Eu, eu estou extremamente zangada com eles, mas antes quero que Peggotty não saiba.

Prometi, bem entendido. Minha mãe beijou-me ainda não sei quantas vezes; e adormeci logo profundamente.

Parece-me, à distância que disto me separa, que foi no dia seguinte que Peggotty me fez a estranha e aventurosa proposta que vou relatar; mas é provável que fosse dois meses depois.

Estávamos uma noite juntos como dantes (minha mãe tinha saído como de costume), estávamos juntos, Peggotty e eu, em companhia da meia, do metro, do bocado de cera, da caixa com S. Paulo na tampa, e do livro dos crocodilos quando Peggotty, depois de ter olhado para mim várias vezes e depois de ter aberto a boca como se fosse falar, sem todavia pronunciar uma única palavra, o que muito me teria assustado, se não julgasse que bocejava muito simplesmente, disse-me enfim num tom meigo:

— Ó senhor Davy, gostaria de ir passar comigo quinze dias a casa de meu irmão, em Portsmouth? Isso não o distrairia?

— O seu irmão é prazenteiro, Peggotty? — perguntei eu por precaução.

— Ah! Se é prazenteiro, creio bem! — exclamou Peggotty erguendo os braços ao céu. — E depois há lá o mar, e as barcas, e os navios, e os pescadores, e a praia e Am, que brincará consigo.

Peggotty queria falar de seu sobrinho Ham, que já vimos no primeiro capítulo, mas suprimindo-lhe o H do nome fazia uma conjugação da gramática inglesa[3].

Este programa de diversão encantou-me, e respondi que isso me divertiria perfeitamente: mas que diria minha mãe?

— Muito bem! Era capaz de apostar um guinéu — disse Peggotty olhando para mim atentamente — em como ela nos deixa ir. Pedir-lhe-ei, logo que ela regresse, quer? Que me diz?

— Mas que fará ela quando nós partirmos? — disse eu fincando os cotovelos na mesa, como para dar mais força à minha pergunta. — Ela não pode ficar sozinha.

O buraco que Peggotty se pôs de repente a procurar no calcanhar da meia devia ser tão pequeno, que, creio bem, não valia a pena ser ponteado.

— Mas, Peggotty, digo-lhe que ela não pode ficar sozinha.

— Deus o abençoe! — disse enfim Peggotty erguendo os olhos para mim. — Pois não sabe? Ela vai passar quinze dias em casa de *Mistress* Grayper, e *Mistress* Grayper vai ter lá muita gente.

Já que assim era, eu estava resolvido a partir. Esperava com a mais viva

impaciência que minha mãe regressasse de casa de *Mistress* Grayper (porque minha mãe estava em casa dela nessa noite), para ver se ela consentia que executássemos esse belo projecto. Minha mãe ficou muito menos surpreendida do que eu imaginava e deu imediatamente o seu consentimento; ficou tudo arranjado nessa mesma noite e combinou-se o que se havia de pagar durante a minha visita para alojamento e alimentação.

O dia da nossa partida chegou brevemente. Tinham-no escolhido tão próximo que chegou depressa mesmo para mim, que esperava esse momento com uma impaciência febril e que quase receava que um tremor de terra, uma erupção vulcânica, ou qualquer outra grande convulsão da natureza, viesse transtornar a nossa excursão. Devíamos fazer a viagem na tipóia de um recoveiro que partia de manhã, depois de almoço. Eu daria fosse o que fosse para que me deixassem vestir na véspera à noite e deitar com botas e tudo.

Não penso sem uma profunda emoção, se bem que dela fale ligeiramente, na alegria que senti ao deixar a casa em que tão feliz tinha sido; por forma alguma desconfiava que tudo ia deixar para sempre.

Gosto de me lembrar que quando a tipóia estava diante da porta, e que minha mãe me beijava, pus-me a chorar, pensando, com uma ternura reconhecida, nela e nesse lugar que até então nunca tinha deixado. Gosto de me lembrar que minha mãe também chorava e que lhe sentia o coração pulsar de encontro ao meu.

Gosto de me lembrar que no momento em que o recoveiro se punha em marcha, minha mãe correu à grade e gritou-lhe que parasse, porque me queria beijar mais uma vez. Gosto de pensar na profunda ternura com que ela me estreitou de novo em seus braços.

Ela ficava de pé, sozinha na estrada, *Mister* Murdstone aproximava-se dela, e pareceu-me que a repreendia de se ter emocionado tanto. Eu via-o através das grades da tipóia, dizendo com os meus botões o que tinha ele com isso. Peggotty, que se virava também para o outro lado, tinha um ar muito pouco satisfeito, o que vi perfeitamente quando ela olhou para o meu lado.

Quanto a mim, fiquei muito tempo ocupado a contemplar Peggotty, pensando inteiramente numa suposição que acabava de fazer: se Peggotty tivesse tenção de me abandonar como ao *Grão-de-Milho* dos contos de fadas, não poderia eu dar sempre com o caminho, graças ao botões e aos colchetes que ela iria deixando cair pela estrada?

## Capítulo III — Uma mudança

O cavalo do recoveiro era o animal mais ronceiro que imaginar-se possa (pelo menos tenho-o como certo); caminhava lentamente, de cabeça caída, como se gostasse de fazer esperar os fregueses para quem transportava encomendas. Por vezes eu imaginava até que ele desatava a rir ao pensar nisso, mas o recoveiro certificou-me de que era um acesso de tosse, porque estava encatarroado.

O recoveiro também tinha o costume de ir de cabeça pendente, o corpo inclinado para diante, enquanto guiava, dormindo a meias, com os braços estendidos sobre os joelhos. Digo enquanto guiava, mas creio que a tipóia poderia muito bem ir até Yarmouth sem ele, porque o cavalo guiava-se sozinho; e quanto a conversa, o homem não tinha outra senão assobiar.

Peggotty levava no colo um cabaz de provisões que duraria muito bem até Londres, se fôssemos até lá pelo mesmo meio de transporte. Comíamos e dormíamos alternativamente. Peggotty adormecia regularmente com o queixo pousado na asa do cabaz e nunca, se o não tivesse ouvido com ambos os meus ouvidos, ninguém me faria acreditar que uma fraca mulher pudesse roncar com tanta energia.

Demos tantas voltas por uma infinidade de atalhos e passámos tanto tempo numa estalagem aonde era preciso deixar uma armação de cama, e em muitos outros lugares ainda, que eu estava fatigadíssimo e muito contente de chegar finalmente a Yarmouth, que achei bastante esponjoso e bastante húmido ao lançar os olhos pela grande extensão de água que se via ao longo do rio; assim como não podia deixar de estar surpreendido que houvesse uma parte do mundo tão chata, quando o meu livro de geografia consignava que a terra era toda redonda. Mas reflecti que Yarmouth estava provavelmente situado num dos pólos, o que explicava tudo.

À medida que nos íamos aproximando, eu via o horizonte estender-se como uma linha recta por baixo do céu; eu disse a Peggotty que uma pequena colina aqui e além ficaria muito melhor e que, se a terra estivesse um pouco mais separada do mar e que a cidade não estivesse mergulhada na preia-mar, como uma torrada panada na água, seria bem mais bonito. Mas Peggotty respondeu-me, com mais autoridade que de ordinário, que era preciso aceitar as coisas como elas são e que, pela sua parte, se ufanava de pertencer ao que se chama os *Arenques de Yarmouth.*

Quando chegámos ao meio da rua (que me pareceu muito estranha) e que senti o cheiro a peixe, a breu, a estopa e a alcatrão; quando vi os marujos que

passavam e as carretas que saltavam nos empedrados compreendi que tinha sido injusto para com uma cidade tão comercial; confessei-o a Peggotty, que escutava com grande complacência as minhas expressões de enlevo e que me disse que estava perfeitamente reconhecido (suponho que era uma coisa reconhecida por aqueles que têm a boa fortuna de ser arenques de nascimento) que, no fim de contas, Yarmouth era a mais bonita cidade do universo.

— Acolá está o meu Am — exclamou Peggotty. — Como ele está crescido! É da gente não o reconhecer!

Efectivamente, esperava-nos à porta da estalagem: perguntou-me como eu estava, como a um velho conhecimento. A princípio parecia-me que eu não o conhecia tão bem como ele parecia conhecer-me, visto como nunca mais fora a minha casa desde a noite em que nasci, o que naturalmente lhe dava vantagem sobre mim. Mas a nossa intimidade fez rápidos progressos quando pegou em mim nos ombros para me levar para casa dele. Era um rapagão de seis pés de altura, forte e gordo na proporção, de ombros redondos e robustos; mas o seu rosto tinha uma expressão infantil e os cabelos louros encaracolados davam-lhe o ar de um carneiro. Vestia um jaquetão de pano de velas e umas calças tão tesas que se conservariam completamente de pé ainda que não tivessem pernas dentro. Quanto ao que o cobria, não pode dizer-se que fosse um chapéu, era antes um telhado de alcatrão sobre um velho navio.

Cham conduzia-me ao ombro e debaixo do braço levava uma caixa nossa; Peggotty levava outra. Atravessámos atalhos cobertos de montes de cavacos de madeira e montículos de areia; passávamos ao lado de fábricas de gás, de cordoarias, de depósitos de materiais de construção, de demolição e de calafetagem, de oficinas de aparelhos de navios, de forjas em movimento e de uma porção de estabelecimentos semelhantes e finalmente chegámos em frente da grande extensão parda que eu já tinha avistado de longe. Cham disse-me:

— Cá está a nossa casa, senhor Davy.

Eu olhei para todos os lados, tão longe quanto os meus olhos podiam ver nesse deserto, sobre o mar, sobre o rio, mas sem descobrir a mais pequena casa. Havia uma barca negra, ou qualquer outra espécie de velho navio perto dali, encalhado na areia; um tubo de chapa de ferro, que substituía o cano, fumegava muito tranquilamente, mas não descobria mais coisa nenhuma que tivesse o ar de uma habitação.

— Não é isso? — disse eu. — Essa coisa que se parece com um navio?

— É isso mesmo, senhor Davy — replicou Cham.

Se fosse o palácio de Aladino, o ovo de roço e tudo o mais, creio que não teria ficado mais encantado da ideia romanesca de lá morar. Havia no flanco do barco uma encantadora portazinha; havia um tecto e pequenas janelas, mas o que a

fazia subir em merecimento é que era um barco a valer que certamente tinha vogado no mar centenas de vezes; um barco que nunca tinha sido destinado a servir de casa sobre a terra firme. Era isso que lhe dava encanto a meus olhos. Se algum dia tivesse sido destinado a servir de casa, tê-lo-ia talvez achado pequeno para uma casa, ou incómodo ou muito isolado; mas desde o momento que não tinha sido construído com esse fim, era uma encantadora habitação.

No interior era ela perfeitamente limpa e tão bem arranjada quanto possível. Tinha uma mesa, um relógio de Holanda, uma cómoda e sobre ela uma bandeja onde se via uma dama armada de um guarda-sol, passeando com um menino de ar marcial que jogava o arco. Uma Bíblia segurava a bandeja e impedia-a de escorregar; se ela caísse, esmagaria na sua queda uma quantidade de chávenas, pires e uma chaleira colocadas em volta do livro. Nas paredes havia algumas gravuras coloridas, encaixilhadas, com vidro, que representavam assuntos da Escritura. Todas as vezes que depois me sucedeu ver iguais àquelas nas mãos dos vendedores ambulantes, pareceu-me tornar a ver imediatamente diante de mim o interior da casa do irmão de Peggotty. Os mais notáveis desses quadros eram Abraão em vermelho que ia sacrificar Isaque em azul e Daniel em amarelo, no meio de uma cova de leões em verde. No pano da chaminé via-se uma pintura do lugre *a Sara-Jane,* construído em Sunderland, com uma popa a valer de madeira que lhe fora adaptada: era uma obra de arte, um primor de marcenaria que eu considerava como um dos bens mais preciosos que este mundo pudesse oferecer. Nas traves do tecto, havia grandes ganchos cujo uso eu não compreendia bem, baús e outros utensílios também cómodos para servirem de cadeiras.

Logo que transpus a soleira vi tudo isso num relance (não se esqueceram de que eu era um rapaz observador). Depois Peggotty abriu uma pequena porta e mostrou-me um quarto de dormir. Era o quarto mais completo e o mais encantador que se podia inventar, à popa do navio, com uma pequena janela por onde antigamente passava o leme; um pequeno espelho colocado justamente à minha altura, com um caixilho de cascas de ostras; uma caminha, bastante grande para se dormir nela e em cima da mesa um ramalhete de ervas marinhas dentro de uma bilha azul. As paredes eram de uma alvura cintilante e a colcha de cores tão vivas que me faziam mal à vista. O que sobretudo notei nessa deliciosa casa, foi o cheiro a peixe; era tão penetrante que quando tirei o lenço do bolso, dir-se-ia, com tal cheiro, que o lenço servira para embrulhar uma lagosta. Quando confiei esta descoberta a Peggotty, informou-me ela que seu irmão negociava em lagostas, caranguejos e camarões; encontrei em seguida um monte desses animais, singularmente emaranhados uns nos outros e sempre ocupados a beliscar tudo quanto encontravam no fundo de uma gamela de madeira, onde

metiam também as panelas e as chocolateiras.

Fomos recebidos por uma mulher muito bem criada que trazia um avental branco e que eu tinha visto a fazer-nos mesuras a uma meia légua de distância, quando chegava às costas de Cham. Tinha junto de si uma encantadora pequenita (pelo menos era opinião minha) com um colar de contas azuis; nunca consentiu que eu a beijasse e foi esconder-se quando eu lhe fiz tal proposta. Acabávamos de jantar da maneira mais sumptuosa, com gaivotas cozidas, manteiga derretida, batatas e uma costeleta só para mim, quando vimos chegar um homem de cabeleira que tinha o ar de muito boa pessoa. Como ele tratava Peggotty por «minha pequerrucha» e lhe deu um grande beijo na face, não tive a menor dúvida (dada a discrição habitual de Peggotty) de que fosse o irmão dela; de facto era ele e apresentaram-mo logo como *Mister* Peggotty, o dono da casa.

— Tenho muito gosto em o ver, senhor — disse *Mister* Peggotty. — Somos pessoas capazes, senhor, um pouco rudes, mas todas para o servir.

Agradeci-lhe e respondi-lhe que estava certíssimo de ser feliz em lugar tão encantador.

— Como passa a sua mamã, senhor? — perguntou *Mister* Peggotty.

— Deixou-a de boa saúde?

Respondi a *Mister* Peggotty que minha mãe ficara de tão boa saúde como eu podia desejar e que ela lhe enviava os seus cumprimentos, o que era da minha parte uma ficção de polidez.

— Muito obrigado! — disse *Mister* Peggotty. — Muito bem, senhor! Se o senhor puder dar-se connosco durante quinze dias — disse ele voltando-se para sua irmã, para Cham e para a Emilita —, ufanar-nos-emos da sua companhia.

Depois de me ter feito as honras da casa da forma mais hospitaleira, *Mister* Peggotty foi lavar a cara com água quente, observando sempre que «a água fria não era suficiente para lha lavar». Voltou dentro em pouco, tendo ganho muito com essa lavagem, mas tão vermelho que não pude deixar de pensar que a sua cara tinha isto de comum com as lagostas, os caranguejos e os camarões: entrava na água quente toda suja e saía dela toda vermelha.

Quando tomámos o chá, fechou-se a porta e instalámo-nos muito confortavelmente (as noites eram já frias e nevoentas); pareceu-me a mais deliciosa estância que a imaginação dos homens pudesse conceber. Ouvir o vento soprar sobre o mar, saber que o nevoeiro invadia toda essa planura desolada que nos rodeava e sentir-se perto do lume, numa casa absolutamente isolada, que era um barco, isso tinha alguma coisa de feérico. A Emilita, que tinha perdido a sua timidez, estava sentada a meu lado no baú mais baixo; havia ali justamente lugar para nós ambos ao canto do fogão; *Mistress* Peggotty, com o seu avental branco, fazia meia no canto oposto; e Peggotty costurava, com a sua

caixa de tampa de S. Paulo e o bocadito de cera que pareciam nunca ter conhecido outro domicílio. Cham, que me tinha dado a primeira lição do jogo da batalha, procurava lembrar-se como se lia a sina e deixava em cada carta que voltava a marca do dedo polegar. *Mister* Peggotty cachimbava. Senti que era um momento propício à conversação e à intimidade.

— *Mister* Peggotty! — disse eu.

— Senhor — disse ele.

— Dar-se-á o caso de que pusesse a seu filho o nome de Cham por viver numa espécie de arca?

*Mister* Peggotty pareceu achar que era uma ideia muito profunda, mas respondeu:

— Não, senhor. Nunca lhe dei nome nenhum.

— Quem foi então que lhe deu esse nome? — interroguei eu, apresentando a *Mister* Peggotty a segunda pergunta do catecismo.

— Mas, senhor, foi o pai dele quem lho deu — respondeu *Mister* Peggotty.

— Eu supunha que o senhor é que era o pai.

— Meu irmão Joe é que era o pai dele — disse *Mister* Peggotty.

— Morreu, *Mister* Peggotty? — perguntei eu após um momento de silêncio respeitoso.

— Afogado — disse *Mister* Peggotty.

Eu estava muito admirado de que *Mister* Peggotty não fosse o pai de Cham e perguntava de mim para mim, se me não enganaria também no seu parentesco com as outras pessoas presentes. Tinha tão grande desejo de o saber, que me resolvi a perguntá-lo a *Mister* Peggotty.

— É a Emilita? — disse eu olhando para ela. — É sua filha, pois não é, senhor Peggotty?

— Não, senhor. Meu cunhado Tom é que era o pai dela.

Não pude deixar de lhe dizer, depois de um outro silêncio cheio de respeito:

— Morreu, *Mister* Peggotty?

— Afogado — disse *Mister* Peggotty.

Eu sentia quão difícil era continuar sobre este assunto, mas não sabia ainda tudo e queria sabê-lo. Acrescentei, pois:

— Tem filhos, senhor Peggotty?

— Não, senhor — respondeu ele rindo. — Sou celibatário.

— Celibatário! — disse eu com espanto. — Mas então quem vem a ser essa, senhor Peggotty? — E indiquei-lhe a mulher de avental branco que estava a fazer meia.

— É *Mistress* Gummidge — disse *Mister* Peggotty.

— Gummidge, senhor Peggotty?

Mas, nesta altura, Peggotty (quero referir-me à minha Peggotty) fez-me sinais por tal forma expressivos para me dizer que não fizesse mais perguntas, que só me restou sentar-me e olhar para toda a companhia, que guardou silêncio até ao momento de nos irmos deitar. Então, no segredo do meu pequeno beliche, Peggotty informou-me que Cham e Emília eram sobrinhos do dono da casa, que os adoptara na infância em diferentes épocas, quando a morte dos pais os havia deixado sem recursos e que *Mistress* Gummidge era viúva de um marinheiro, seu consócio na exploração de uma barca, que morrera pobríssimo. O próprio meu irmão é um pobre homem — disse Peggotty — mas é ouro de lei, franco como o aço (cito as suas comparações). O único motivo, ao que me informou, que fazia sair seu irmão do seu sério e o levava a praguejar, era quando se falava da sua generosidade. Por pouca alusão que se fizesse, descarregava na mesa punhadas com a mão direita (a tal ponto que um dia rachou a mesa em duas) e jurou que passava o pé e iria para casa do diabo, se alguma vez mais lhe falassem nisso. Por mais perguntas que eu fizesse, ninguém me deu a menor explicação gramatical etimológica dessa terrível locução: «passar um pé». Mas todos concordavam em considerá-la como uma das mais solenes imprecações.

Eu sentia profundamente toda a bondade do meu hóspede e tinha a alma satisfeitíssima, sem contar que estava a cair de sono, sempre prestando atenção ao ruído que faziam as mulheres ao irem-se deitar numa cama pequena como a minha colocada na outra extremidade do barco, enquanto *Mister* Peggotty e Cham suspendiam duas camas de bordo nos ganchos que eu tinha notado no tecto. O sono ia-se apoderando de mim, mas eu sentia-me todavia tomado de um vago receio, pensando na grande profundidade de escuridão que me rodeava, ouvindo o vento gemer nas vagas e levantá-las de repente. Mas disse comigo que, afinal de contas, estava dentro de um navio e que, se alguma coisa sucedesse, estava ali *Mister* Peggotty para vir em nosso socorro.

Todavia o mal que me sucedeu foi despertar tranquilamente, no dia seguinte. Logo que o sol bateu no caixilho das cascas de ostras que emoldurava o espelho, saltei fora da cama e corri à praia com a Emilita para apanharmos caramujos.

— Creio que a menina é uma marujinha a valer — disse eu à Emília. Não que eu tivesse pensado nada de semelhante, mas achei que era um dever de galanteria dizer-lhe qualquer coisa e via neste momento nos olhos brilhantes dela, reflectir-se uma pequena vela tão cintilante, que foi isso que me inspirou essa reflexão.

— Não — disse Emília meneando a cabeça —, tenho medo do mar.

— Medo! — repeti eu com um pequeno ar fanfarrão, olhando bem de frente o grande Oceano. — Eu não tenho medo.

— Ah! O mar é tão cruel! — disse Emília. — Tenho-o visto bem cruel para

algum dos nossos homens. Vi-o pôr em frangalhos um navio tamanho como a nossa casa.

— Não foi certamente a barca em que...

— Em que meu pai se afogou? — disse Emília. — Não era essa, não; essa nunca a vi.

— E a ele, conheceu-o? — perguntei.

A Emilita meneou a cabeça: — «Que me lembre, não!»— Que coincidência! Expliquei-lhe imediatamente como eu nunca tinha visto meu pai; e como minha mãe e eu vivíamos sempre juntos perfeitamente felizes, o que contávamos fazer eternamente; e como a campa de meu pai era no cemitério, perto da nossa casa, à sombra de uma árvore, debaixo da qual muitas vezes eu passeava para ouvir chilrear os passarinhos. Mas havia algumas diferenças entre Emília e eu, se bem que fôssemos ambos órfãos. Ela perdera a mãe antes do pai e ninguém sabia aonde era a campa de seu pai; somente se sabia que repousava em qualquer parte, no mar profundo.

— E depois — disse Emília procurando sempre caramujos e seixinhos — o seu pai era um senhor e a sua mãe uma senhora; e o meu pai era pescador, minha mãe era filha dum pescador e meu tio Dan é outro pescador.

— Dan é o Sr. Peggotty, pois não é? — disse eu.

— O meu tio Dan de acolá — respondeu Emília apontando-me para o barco.

— Sim é dele que eu falo. Há-de ser muito bom, pois não há-de?

— Bom? — disse Emília. — Se eu fosse uma senhora havia de lhe dar um casaco azul de céu com botões de diamante, umas calças de nanquim, um colete de veludo, um chapéu de três bicos, um grande relógio de ouro, um cachimbo de prata e um cofre cheio até cima de dinheiro.

Eu disse-lhe que não duvidava que *Mister* Peggotty merecesse todos esses tesouros. Devo confessar que me dava algum cuidado o representá-lo perfeitamente à sua vontade no lindo preparo que para ele sonhava a sua sobrinhita, exaltada pelo reconhecimento e que, em particular, eu tinha dúvidas sobre a utilidade do chapéu de três bicos; mas guardei essas reflexões para mim.

A Emilita erguia os olhos todas as vezes que enumerava esses diversos artigos, como se estivesse contemplando uma gloriosa visão. E pusemo-nos a procurar alcofinhas e caramujos.

— Gostava de ser uma senhora? — perguntei-lhe. Emília olhou para mim e pôs-se a rir dizendo que sim.

— Muito gostava. Então seríamos todos senhores e senhoras. Eu e meu tio e Cham e *Mistress* Gummidge. Então não nos inquietaríamos com o mau tempo. Não por nós, pelo menos. Causar-nos-ia somente pena por causa dos pobres pescadores, mas dar-lhes-íamos dinheiro quando lhes sucedesse alguma

desgraça.

Pareceu-me esse um quadro muito satisfatório e por consequência extremamente natural. Exprimi o prazer que sentia em pensar nisso e a Emilita sentiu-se com ânimo de me dizer bem timidamente:

— Não tem medo do mar, agora?

O mar estava suficientemente tranquilo para me sossegar, mas estou bem certo que se uma vaga de uma certa dimensão se adiantasse para mim, eu teria imediatamente deitado a fugir, perseguido pela recordação de todos os seus parentes afogados. Todavia respondi:

— Não! — E acrescentei: — Mas nem a menina também, se bem que pretenda ter medo — porque ela ia caminhando muito pela beira de um velho pontão de madeira sobre o qual nos tínhamos aventurado e eu tinha realmente medo que ela caísse.

— Oh! Não é disto que eu tenho medo — disse a Emilita —, mas sim quando o mar brame, quando me desperta e que começo a tremer, ao pensar no tio Dan e em Cham; parece-me ouvi-los gritar por socorro. Aqui está porque eu tanto gostava de ser uma senhora. Mas aqui não tenho medo. Nem nada. Olhe para mim.

Tomou lanço e desatou a correr por uma grossa trave fora, a qual partia do lugar onde estávamos e dominava o mar de muito alto, sem a menor barreira. Este incidente gravou-se-me por tal forma na memória que, se eu fosse pintor, ainda hoje o poderia reproduzir exactamente; poderia mostrar a Emilita avançando para a morte (supunha-o então), os olhos fitos ao longe no mar, com uma expressão que jamais esqueci.

Dentro de pouco voltava para junto de mim, ágil, arrojada e dando voltas e eu ri dos meus receios, tanto como do grito que soltara, grito inútil em todo o caso, pois que ninguém havia perto dali. Mas depois, perguntei com os meus botões, muitas vezes, se não teria sido possível (há tantas coisas que nós não sabemos), que, nessa temeridade súbita da pequena e no seu olhar de desafio atirado às vagas longínquas, houvesse um como instinto de piedade filial que lhe fazia encontrar prazer em sentir-se também em perigo, em reivindicar a sua parte da morte sofrida por seu pai, um desejo vago e rápido de ir nesse dia unir-se-lhe na morte. Depois desse tempo sucedeu-me perguntar a mim próprio: «Suponho que fosse uma revelação repentina da vida que ela ia ter de atravessar e que, na minha alma de criança, eu tivesse sido capaz de a compreender; suponho que a sua vida tivesse dependido de mim, de um movimento da minha mão e teria eu feito bem estender-lha para a salvar da queda?» Sucedeu-me (não digo que esta reflexão durasse muito tempo) perguntar a mim próprio se não teria então valido mais para a Emilita que as águas a engolissem, nessa manhã e na minha presença

e responder de mim para mim que sim, que teria valido mais. Mas não antecipemos: teremos sempre tempo de falar nisso. Não importa, já que está dito, acabou-se.

Vagueámos por muito tempo juntos, sempre a enchermos os bolsos de uma porção de coisas que achávamos curiosíssimas; em seguida pusemos com todo o cuidado na água muitas estrelas do mar. Não conheço bem os hábitos dessa raça de criaturas para ficar bem certo de que nos tenham ficado reconhecidas por essa atenção. Finalmente tomámos depois o caminho da casa de *Mister* Peggotty. Parámos ao pé da gamela das lagostas para trocarmos um inocente beijo e entrámos para almoçar, todos vermelhos de saúde e de prazer.

— Como dois tordinhos — disse *Mister* Peggotty. O que eu tomei por um cumprimento.

É escusado dizer que eu estava enamorado da Emilita. Certamente que amava essa pequena com toda a sinceridade e com toda a ternura que se pode sentir mais tarde na vida; amava-a com mais pureza e desinteresse do que há no amor da mocidade, por maior e por mais elevado que seja. A minha imaginação criava em volta dessa criaturinha de olhos azuis qualquer coisa de ideal que fazia dela um verdadeiro querubim. Se uma manhã no azul do céu a visse abrir as asas e voar na minha presença, creio que olharia isso como um acontecimento com o qual devia contar.

Passeávamos horas e horas inteiras de mãos dadas perto dessa planura monótona de Yarmouth. Os dias decorriam alegremente para nós, como se o próprio tempo não fosse passando e fosse ainda uma criança, sempre disposto a brincar como nós. Eu dizia à Emília que a adorava e que se ela não me amasse, só me restaria atravessar o corpo com uma espada. Ela respondia-me que me adorava também e estou certo de que era verdade.

Quanto a pensar na desigualdade das nossas condições, na nossa mocidade, ou em qualquer outro obstáculo, a Emilita e eu não nos importávamos, nem pensávamos no futuro. Tanto nos inquietávamos com o que mais tarde havíamos de fazer, como com o que tínhamos feito dantes. No entanto fazíamos a admiração de Gummidge e de Peggotty, que murmuravam muitas vezes à noite, quando estávamos ternamente sentados um ao pé do outro, em cima do nosso baú: «Deus do céu, não é encantador?». *Mister* Peggotty sorria para nós sempre cachimbando e Cham fazia durante horas inteiras caretas de satisfação. Suponho que os divertíamos quase como se fôssemos um bonito brinquedo, ou um modelo, em miniatura, do Coliseu.

Não tardou que eu descobrisse que *Mistress* Gummidge não era sempre tão amável como seria de esperar, visto as condições em que se encontrava para com *Mister* Peggotty. *Mistress* Gummidge era naturalmente bastante resmungona e

lastimava-se mais do que devia para que isso fosse agradável numa tão pequena colónia. Eu afligia-me por ela, mas muitas vezes dizia comigo que mais à vontade se estaria, se *Mistress* Gummidge tivesse um quarto cómodo para onde se retirasse até que fosse recuperando um pouco o seu bom humor.

*Mister* Peggotty ia às vezes a uma taberna chamada *Ao da vida alegre.* Descobri isso uma noite, dois ou três dias depois da nossa chegada, ao ver *Mistress* Gummidge erguer sem cessar os olhos para o relógio holandês, entre as oito e nove horas, repetindo sempre que ele estava na taberna e que, melhor ainda, já desde manhã desconfiava que ele não deixaria de lá ir.

Durante toda a manhã, *Mistress* Gummidge tinha estado extremamente abatida e pela tarde tinha desatado a chorar, porque o lume deitava muito fumo.

— Sou uma pobre criatura perdida, sem eira nem beira — exclamou *Mistress* Gummidge, ao ter esse desgosto. — Tudo me contraria.

— Oh! Isso passa já — disse Peggotty (é da nossa Peggotty que falo) —, e depois, veja, é tão desagradável para nós, como para si.

— Sim, mas eu sinto-o mais — disse *Mistress* Gummidge.

Era um dia frigidíssimo, o vento cortava. *Mistress* Gummidge estava, segundo me parecia, muito bem instalada no canto mais quente do quarto, tinha a melhor cadeira, mas nesse dia nada lhe convinha. Queixava-se constantemente do frio que lhe causava uma dor nas costas: ela chamava a isso *formigueiros.* Enfim pôs-se a chorar e a repetir que não passava de uma pobre criatura abandonada e que tudo se voltava contra ela.

— Com certeza que está muito frio — disse Peggotty. — Todos nós o sentimos como a senhora.

— Sim, mas eu sinto-o mais que os outros — disse *Mistress* Gummidge.

Ao jantar foi a mesma coisa; *Mistress* Gummidge era sempre servida imediatamente depois de mim, a quem se dava a preferência como a um personagem de distinção. O peixe era delgado e magro e as batatas estavam levemente queimadas. Confessámos todos que era para nós uma pequena contrariedade, mas *Mistress* Gummidge desfez-se em lágrimas e declarou com grande mágoa que o sentia mais que nenhum de nós.

Quando *Mister* Peggotty regressou, eram nove horas, a desventurada *Mistress* Gummidge fazia meia no seu canto, com o ar mais deplorável. Peggotty trabalhava alegremente. Cham compunha um par de botas de água. Eu estava a ler em voz alta, com a Emilita ao lado. *Mistress* Gummidge soltara um suspiro de desolação e desde o chá que não tinha erguido uma vez só os olhos para nós.

— Olá, amigos — disse *Mister* Peggotty ao pegar numa cadeira — como vai isso?

Todos lhe dirigimos uma palavra de boas-vindas, excepto *Mistress*

Gummidge, que meneou tristemente a cabeça por cima da meia.

— Então não está bem? — disse *Mister* Peggotty esfregando as mãos.

— Animo, velha mãe. (*Mister* Peggotty queria dizer velha tia).

*Mistress* Gummidge não tinha forças de criar ânimo. Tirou da algibeira um velho lenço de seda preta e enxugou os olhos, mas em vez de o guardar, ficou com ele na mão, enxugou outra vez os olhos e continuou sempre com ele na mão, pronto à primeira lágrima.

— O que é que a apoquenta, boa criatura? — disse *Mister* Peggotty.

— Nada — respondeu *Mistress* Gummidge. — O senhor vem da *Vida alegre*, Dan?

— Sim, venho. Fiz esta noite uma pequena visita *Ao da vida alegre* — disse *Mister* Peggotty.

— Estou aflita por ser eu que o obrigo a ir lá — disse *Mistress* Gummidge.

— Obrigar-me! Mas eu não preciso de que ninguém me obrigue — replicou *Mister* Peggotty com o riso mais franco. — Vou lá quando estou de feição.

— Quando está de feição — disse *Mistress* Gummidge meneando a cabeça e enxugando os olhos. — Sim, sim, quando está de feição; aflijo-me que seja por minha causa que o senhor está de feição.

— Por sua causa? Não é por sua causa — disse *Mister* Peggotty. — Não pense nisso.

— Sim, sim — exclamou *Mistress* Gummidge —, sei que sou eu... eu sei que sou uma pobre criatura sem eira nem beira, que não só tudo me contraria, mas que contrario todo o mundo. Sim, sim, eu sinto mais que os outros e mostro-o mais. É a minha desgraça.

E ao ouvir este discurso, eu não podia deixar de dizer que a sua desgraça bem se fazia sentir igualmente por alguns outros membros da família. Mas *Mister* Peggotty absteve-se inteiramente de fazer esta reflexão e limitou-se a pedir a *Mistress* Gummidge que se enchesse de coragem.

— Eu preferia ser não sei quê — disse *Mistress* Gummidge. — Com certeza que me conheço bem: são as minhas penas que me têm azedado. Sinto-as sempre e então contrariam-me. Desejaria não as sentir, mas sinto-as. Quereria ter o coração mais empedernido, mas não tenho. Torno esta casa deplorável e não me admiro disso. Em todo o dia não fiz senão atormentar a sua irmã e também ali o Sr. Davy.

Neste ponto o enternecimento assenhoreou-se de mim e exclamei na minha perturbação:

— Não, *Mistress* Gummidge, a senhora não me atormentou.

— Eu bem sei que o mal é meu — disse *Mistress* Gummidge. — É reconhecer mal tudo quanto por mim se tem feito. Eu faria melhor se fosse morrer ao asilo.

Sou uma pobre criatura perdida sem eira nem beira e vale mais que eu aqui não fique a fazer andar tudo às avessas. Se as coisas andam todas às avessas comigo e eu mesma ando toda às avessas, mais vale que eu vá toda às avessas para o asilo da paróquia. Dan, deixe-me ir lá morrer, para se ver livre de mim!

A estas palavras, *Mistress* Gummidge retirou-se e foi-se deitar. Quando ela saiu, *Mister* Peggotty, que até então lhe tinha manifestado a mais profunda simpatia, voltou-se para nós, com o rosto ainda com todos os sinais desse sentimento e disse-nos em voz baixa:

— Lembrou-se do velho.

Eu não compreendia bem de que velho se supunha que pudesse lembrar-se *Mistress* Gummidge, mas Peggotty explicou-me quando me ajudava a deitar, que era o defunto *Mister* Gummidge e que seu irmão tinha sempre essa explicação muito pronta em tais ocasiões, explicação que lhe causava então uma grande emoção. Ouvi-o repetir a Cham, diversas vezes, da cama de bordo onde estava deitado:

— Pobre mulher! É que pensava no velho!

E, todas as vezes que durante a minha estada, *Mistress* Gummidge se deixou cair na sua melancolia (o que bastante frequentemente sucedeu), ele repetiu a mesma coisa para desculpar o seu abatimento e sempre com a mais terna comiseração.

Assim se passaram quinze dias, sem outra variedade a não ser a mudança das marés, que fazia sair ou entrar *Mister* Peggotty a outras horas; e que trazia também alguma variedade às ocupações de Cham. Quando este último não tinha nada que fazer, passeava algumas vezes connosco para nos mostrar os navios e as barcas. Uma ou duas vezes nos fez dar um passeio de barco. Eu não sei porque há impressões que se associam mais particularmente a um lugar do que a outro, mas creio que isso acontece com muitas pessoas, sobretudo nas recordações da sua infância; o que é certo é que não posso nunca ler ou pronunciar o nome de Yarmouth sem me lembrar de um certo domingo de manhã em que estávamos na praia: os sinos chamavam os fiéis à igreja: A cabeça da Emilita descansava no meu ombro. Cham atirava descuidosamente seixos ao mar e o sol, dissipando ao longe uma espessa neblina, fazia-nos entrever os navios no horizonte.

Enfim, chegou o dia da separação. Eu sentia coragem em deixar *Mister* Peggotty e *Mistress* Gummidge, mas o meu coração confrangia-se à ideia de dizer adeus à Emilita. Fomos, de braço dado, até à estalagem em que o recoveiro pousava e pelo caminho prometi escrever-lhe (cumpri mais tarde a promessa enviando-lhe uma folha com letras maiores que as dos cartazes ou dos anúncios dos quartos para alugar). No momento de nos separarmos, foi terrível a nossa

emoção e se alguma vez sucedeu na minha vida sentir fazer-se um vácuo imenso em meu coração, foi nesse dia.

Durante todo o tempo da minha visita, eu tinha sido bastante ingrato com a casa paterna; pouco ou nada tinha nela pensado; mas apenas me pus a caminho de casa, a minha consciência infantil mostrou-me esse caminho com um ar de censura e quanto mais desolado me senti, mais compreendi que era lá o meu refúgio e que minha mãe era a minha amiga e a minha consolação.

À medida que avançávamos, esse sentimento mais se apoderava de mim. Assim, ao reconhecer na estrada tudo quanto me era familiar e querido, sentia-me transportado do desejo de chegar junto de minha mãe e de me lançar em seus braços. Mas Peggotty, em vez de partilhar dos meus transportes, procurava tranquilizá-los (se bem que muito carinhosamente) e tinha o ar muito atrapalhado e constrangido.

Blunderstone-a-Rookery devia no entanto, a despeito dos esforços de Peggotty, aparecer na minha frente, quando isso aprouvesse ao cavalo do recoveiro. Enfim apareceu, como ainda bem me lembro, por essa fria manhã, sob um céu pardacento que anunciava chuva!

A porta abriu-se; meio a rir, meio a chorar, numa doce agitação, ergui os olhos para ver minha mãe. Não era ela, era uma criada desconhecida.

— Como, Peggotty! — disse eu num tom choroso. — Ela ainda não voltou?

— Voltou, sim, senhor Davy — disse Peggotty —, regressou. Espere um pouco, senhor Davy, e... terei a dizer-lhe uma coisa.

Em meio da sua atrapalhação, Peggotty, naturalmente muito desajeitada, rasgara o vestido todo com os esforços que fizera para se apear da carripana, mas eu estava muito assombrado e muito contrariado para lho dizer. Quando ela se apeou, levou-me pela mão até à cozinha e com grande estupefacção minha, fechou depois a porta.

— Peggotty — disse eu assustadíssimo —, que foi o que aconteceu?

— Nada, meu caro senhor Davy; Deus o abençoe! — respondeu ela, afectando tomar um ar alegre.

— Pois eu estou certo de que aconteceu alguma coisa. Aonde é que está a mamã?

— Aonde é que está a mamã, senhor Davy? — repetiu Peggotty.

— Sim. Porque é que ela não estava na grade e porque é que entrámos para aqui? Oh! Peggotty!

Os meus olhos marejavam-se de lágrimas e parecia-me que ia cair ao chão.

— Deus abençoe este querido menino! — exclamou Peggotty agarrando-me pelo braço. — Que é o que tem? Meu querido, fale-me.

— Ela não está morta, também? Oh! Peggotty, ela não está morta?

— Não! — exclamou Peggotty com uma energia incrível; depois sentou-se a arquejar, dizendo que eu lhe tinha causado um abalo.

Pus-me a beijá-la com toda a força para apagar esse abalo ou para lhe dar outro que rectificasse o primeiro, depois fiquei de pé diante dela, silencioso e atónito.

— Vê, meu querido, eu deveria ter-lho dito mais cedo — prosseguiu Peggotty —, mas não tive ocasião. Deveria tê-lo feito talvez, mas é... é que... não pude resolver-me completamente.

— Continue, Peggotty — disse eu mais assustado que nunca.

— Senhor Davy — disse Peggotty desapertando as fitas do chapéu com mão trémula e em voz entrecortada —, é que, vamos, o menino tem um papá!

Estremeci, depois fiquei pálido. Qualquer coisa, que eu não podia dizer o que fosse, qualquer coisa que parecia vir da campa do cemitério, como se os mortos tivessem despertado, passou por junto de mim, espalhando um sopro mortal.

— Outro — disse Peggotty.

— Outro? — repeti eu.

Peggotty tossiu levemente, como se tivesse engolido alguma coisa que lhe arranhasse a garganta, depois pegando-me na mão, disse-me:

— Venha-o ver.

— Não o quero ver.

— E a sua mamã? — disse Peggotty.

Não resisti mais e fomos direitos à sala grande, aonde me deixou. Minha mãe estava sentada num canto do fogão; vi *Mister* Murdstone sentado noutro. Minha mãe deixou cair a obra em que estava trabalhando e levantou-se precipitadamente, mas timidamente, segundo me pareceu.

— Agora, Clara, minha querida — disse *Mister* Murdstone —, olhe se se lembra! É preciso conter-se, é preciso conter-se sempre! Davy, meu rapaz, como tem passado?

Estendi-lhe a mão. Após um momento de pausa, fui beijar minha mãe: ela beijou-me também, pousou-me docemente a mão no ombro, depois continuou a trabalhar. Eu não podia olhar nem para ela nem para ele; mas bem sabia que ele estava a olhar para nós ambos; aproximei-me da janela e contemplei por muito tempo os arbustos que o peso das geadas fazia vergar.

Logo que pude fugir, subi a escada. O meu antigo quarto de que eu tanto gostava estava todo mudado, o meu novo quarto devia de ser bem longe dali. Desci para ver se encontrava qualquer coisa que não estivesse mudada: tudo me parecia tão diferente! Dei uma volta pelo pátio, mas fui logo obrigado a fugir, porque a casota, antigamente vazia, era agora ocupada por um canzarrão, de goela profunda e juba preta, um verdadeiro diabo: ao ver-me tinha-se atirado de

encontro a mim como para me abocar.

## Capítulo IV — Caio em desgraça

Se o quarto para onde me mudaram a cama pudesse ser testemunha do que se passava dentro das suas paredes, eu poderia, hoje ainda (quem morará lá? Gostava de o saber), chamá-lo a depoimento para declarar quão desolado estava o meu coração quando para lá entrei nessa noite. Ao subir, ouvi o canzarrão que continuava a ladrar atrás de mim; o quarto parecia-me triste e desconhecido e eu estava tão triste como ele; sentei-me; as minhas mãozitas cruzaram-se maquinalmente e pus-me a pensar.

Pensei nas coisas mais extravagantes; na forma do quarto, nas fendas do tecto, no papel que cobria as paredes, nas faltas dos vidros que faziam altos e baixos na paisagem, no meu toucador cujos três pés coxos tinham qualquer coisa de rabugento que me fez lembrar de *Mistress* Gummidge quando ela pensava no velho. E então, eu chorava, mas salvo o sentir-me muito gelado e infeliz, creio que não sabia bem porque é que chorava. Enfim, no meu desespero, acudiu-me ao espírito que amava apaixonadamente a Emilita, que me tinham tirado de ao pé dela para me levarem a um lugar aonde ninguém me amava como ela. À força de me afligir com este pensamento acabei por me encolher a um canto da coberta e por adormecer entre lágrimas.

Acordei a uma voz que dizia: — Cá está ele! — Uma mão descobria-me devagarinho a cabeça esbraseada. Minha mãe e Peggotty tinham ido procurar-me e era a voz de uma delas que eu tinha ouvido.

— Davy — disse minha mãe —, que é que tem?

Como podia ela fazer-me tal pergunta? Eu respondi:

— Não tenho nada. — Mas voltei a cabeça para que ela não visse o tremor do meu lábio que lhe poderia dizer mais.

— Davy! — disse minha mãe. — Davy, meu filho!

Nada do que ela poderia dizer me perturbou tanto como estas simples palavras: «Meu filho!» Escondi as lágrimas no travesseiro e repeli a mão de minha mãe que queria atrair-me a si.

— A culpa é sua, Peggotty. Como você é má! — disse minha mãe. — Bem o sei. Como é que pôde, diga-me, ter coragem para indispor o meu querido filho contra mim e contra quem eu amo. Que quer isto dizer, Peggotty?

A pobre Peggotty ergueu os olhos ao céu e respondeu, comentando as graças a Deus que eu repetia habitualmente depois de jantar:

— Que o Senhor lhe perdoe, *Mistress* Copperfield, e oxalá nunca tenha de se arrepender do que acaba de dizer!

— Querem-me fazer perder a cabeça — exclamou minha mãe — e isto numa lua de mel, quando deveriam pensar que o meu mais cruel inimigo não desejaria arrebatar-me a mais pequena parte de paz e de felicidade. Davy, mau filho! Peggotty, desumana mulher que é! Oh! Meu Deus! — exclamou minha mãe voltando-se para cada um de nós com uma irritação caprichosa. — Que triste que é este mundo e então num momento em que se deveria esperar só por coisas agradáveis!

De repente senti cair sobre mim uma mão que nem era a de minha mãe nem a de Peggotty; senti-me escorregar até ao chão. Era a mão de *Mister* Murdstone que me agarrava por um braço.

— Isto que vem a ser, Clara, meu amor? Já se esqueceu? Tenha um pouco de firmeza, minha querida!

— Estou muito aborrecida, Eduardo — disse minha mãe. — Desejava ser razoável, mas sinto-me tão triste!

— Palavra — disse ele — que me enfada ouvi-la dizer isso; é começar muito cedo, Clara.

— O que eu digo é que é muito duro que me tornem infeliz neste momento — disse minha mãe fazendo beicinho — e é... é bem duro... pois não é?

Ele puxou-a para si, murmurou-lhe algumas palavras ao ouvido e beijou-a. A cabeça de minha mãe repousava no ombro dele, ela tinha passado o braço pelo pescoço do marido. Compreendi desde então que ele havia de poder sempre, como então fazia, dobrar à sua vontade uma natureza tão flexível.

— Desça, meu amor — disse *Mister* Murdstone. — David e eu já lá vamos. Boa mulher — disse ele voltando-se para Peggotty quando viu sair minha mãe do meu quarto, acompanhando-a com um gracioso sorriso —, boa mulher — e fitava-a com ar ameaçador —, sabe qual é o nome de sua ama?

— Há muito tempo que ela é minha ama, senhor — respondeu Peggotty —, devo sabê-lo.

— É verdade — respondeu ele —, mas há pouco, quando eu subia para aqui, parece-me que a ouvi chamar por um nome que não é o dela. Ela tem agora o meu nome, tome sentido. Não se esqueça, olhe lá.

Peggotty saiu sem responder por outra forma senão com uma reverência, lançando sobre mim olhares inquietos. Provavelmente tinha compreendido que queriam que ela fosse embora e não tinha desculpa alguma a dar para poder ficar.

Quando ficámos sós os dois, ele fechou a porta e, sentando-se numa cadeira diante da qual eu estava de pé, fixou em mim um olhar penetrante; os meus olhos fitaram-se nos dele. Parece-me que estou ainda a ouvir pulsar o meu coração.

— David — disse ele, e os seus lábios delgados apertavam-se um contra o outro —, quando quero amansar um cavalo ou um cão teimoso, o que é que eu faço, diga lá?

— Não sei.

— Dou-lhe uma sova.

Eu tinha-lhe respondido numa voz quase sumida, mas sentia agora que me faltava por completo a respiração.

— Obrigo-o a ceder e a pedir misericórdia. Digo comigo, ora aqui está um patife que quero domesticar, e quando mesmo isso tenha de custar-lhe todo o sangue que lhe corre nas veias, fá-lo-ei. Que é que tem aí na cara?

— É sujo — respondi eu.

Ele sabia tão bem como eu que era o vestígio das lágrimas; mas ainda quando ele me tivesse de dirigir vinte vezes a mesma pergunta, enchendo-me de pancadas de cada vez, creio que o meu pequeno coração antes se despedaçaria do que lhe responderia de outra maneira.

— Para uma criança, tem muita inteligência — disse ele com o sorriso grave que lhe era familiar. — Compreendeu, já vejo. Vá lavar a cara, senhor, e venha para baixo comigo.

Apontou-me para o toucador, aquele que no meu espírito eu comparava a *Mistress* Gummidge, e fez-me sinal com a cabeça para lhe obedecer imediatamente. Não duvidava, e agora ainda menos, que estivesse disposto a dar-me uma sova, sem o menor escrúpulo, se eu tivesse hesitado.

— Minha querida Clara — disse ele quando, depois de lhe obedecer, desci com ele para a sala, a sua mão agarrando-me sempre o braço —, não será mais atormentada, creio bem. Corrigiremos o nosso geniozinho.

Tomo a Deus por testemunha de que neste momento uma palavra de ternura teria podido tornar-me melhor para toda a minha vida, talvez fazer de mim uma outra criatura. Amimando-me e explicando-me o que se tinha passado, assegurando-me que eu era bem-vindo e que ali estaria sempre *em minha casa, Mister* Murdstone teria podido atrair para si o meu coração em vez de assegurar-se de uma obediência hipócrita; em vez de o odiar, teria podido respeitá-lo. Pareceu-me que minha mãe estava incomodada em me ver ali de pé no meio da sala, com um ar deplorável e sobressaltado e que, quando me viu ir timidamente sentar-me, o seu olhar seguiu-me mais tristemente ainda, como se antes desejasse ver-me correr alegremente; mas então não me disse uma palavra e, mais tarde, era fora de tempo.

Jantámos sós os três. Ele parecia amar muito minha mãe, o que não me reconciliava com ele, conjecturo, e ela amava-o muito. Compreendi pela conversa dos dois que esperavam nessa mesma noite uma irmã mais velha de

*Mister* Murdstone, que vinha viver com eles. Não me recordo bem se foi então ou mais tarde que eu soube que, sem estar positivamente no comércio, ele tinha uma parte anual nos lucros de um negociante de vinhos de Londres e que sua irmã tinha o mesmo lucro que ele nessa casa, que estava ligada com a sua família desde o tempo do seu bisavô; em todo o caso, falo disso aqui acidentalmente.

Depois de jantar, estávamos sentados ao fogão e eu fazia tenção de ir ter com Peggotty, mas o receio que eu tinha do meu novo senhor tirava-me a audácia de sair dali, quando se ouviu parar um carro à porta do jardim; *Mister* Murdstone saiu para ir ver quem era; minha mãe levantou-se também. Eu segui-a timidamente, quando ela parou à porta da sala e aproveitando-se da escuridão, pegou-me ao colo como fazia dantes, dizendo-me baixinho que era preciso amar o meu novo pai e obedecer-lhe. Falava-me rapidamente e às escondidas, como se fizesse mal, mas muito carinhosamente, e conservou-me uma mão na sua até que chegámos ao sítio do jardim aonde estava seu marido e então largou-me a mão e meteu-a no braço de *Mister* Murdstone.

Era *miss* Murdstone quem acabava de chegar; tinha um ar sinistro, os cabelos pretos como seu irmão, com o qual se parecia muito em figura e maneiras; as suas sobrancelhas carregadas quase se cruzavam por cima do seu grande nariz, como se ali trouxesse as suíças que o seu sexo não lhe permitia usar no sítio natural. Era seguida de duas malas pretas, duras e ferozes como ela; nas tampas liam-se as suas inicias em pregos de cobre. Quando quis pagar ao cocheiro, tirou o dinheiro de uma bolsa de aço e fechou-a em seguida num saco que antes parecia uma prisão portátil suspensa do seu braço por meio de uma pesada cadeia e que dava um estalo como um alçapão. Nunca tinha visto dama tão metálica como *miss* Murdstone.

Fizeram-na entrar para a sala com uma chusma de cumprimentos de boas-vindas e aí ela cumprimentou solenemente minha mãe como sua nova e próxima parente; depois, erguendo os olhos para mim, disse:

— Este é o seu filho, minha cunhada?

Minha mãe disse que sim.

— Em geral — disse *miss* Murdstone — não gosto de rapazes. Como está, meu rapazinho?

Respondi a este discurso obsequioso que estava muito bem e que esperava que se passasse o mesmo com ela, mas pus nisso tão pouca graça que *miss* Murdstone me julgou imediatamente em duas palavras:

— Desagradáveis maneiras!

Depois de ter pronunciado esta sentença numa voz muito seca, pediu para ver o seu quarto, que se tornou para mim desde então um lugar de terror e de espanto. Ninguém viu nunca as duas malas negras abrirem-se nem ficarem

entreabertas. Uma ou duas vezes, ao meter a minha cabeça pela porta semicerrada, vi, quando lá não estava *miss* Murdstone, uma porção de pequenas jóias e cadeias de aço penduradas em volta do espelho num aparato formidável; era nos dias de vestuário de gala, o enfeite de *miss* Murdstone.

Imaginei compreender que ela vinha instalar-se em nossa casa a valer e que não tinha tenção alguma de um dia ir embora. No dia seguinte de manhã começou a ajudar minha mãe e passou todo o dia a pôr tudo em ordem, sem respeitar em nada as antigas disposições. Uma das primeiras coisas notáveis que observei em *miss* Murdstone é que ela era constantemente perseguida pela suspeita de que as criadas tinham um homem escondido em qualquer parte dentro de casa. Sob a influência desta convicção, entrava na carvoeira às horas mais estranhas e não lhe sucedia quase nunca abrir a porta de um pequeno recanto escuro sem a fechar bruscamente, na persuasão, sem dúvida, de que filara o tal homem.

Conquanto *miss* Murdstone não tivesse nada de muito aéreo, levantava-se quando às cotovias. Antes que ninguém se mexesse em casa, lá andava ela, sempre, ao que ainda hoje creio, à cata do seu homem. Peggotty assegurava que ela dormia com um olho aberto, mas eu não concordava porque, quando ela avançou esta opinião, eu quis fazer a experiência em mim e achei-a completamente impraticável.

Na manhã seguinte à da sua chegada, tinha ela tocado a campanha antes do primeiro canto do galo. Quando minha mãe se levantou, para o almoço, *miss* Murdstone aproximou-se dela, no momento em que ela ia fazer o chá, roçou um segundo a sua face pela de minha mãe, era a sua maneira de beijar, e disse-lhe:

— Sabe, minha querida Clara, que eu vim para cá a fim de lhe poupar toda a espécie de trabalho. A menina é muito bonita e muito nova (minha mãe corou e sorriu, este papel parecia não lhe desagradar) para se encarregar de deveres que eu poderei desempenhar em seu lugar. Assim, minha querida, queira dar-me as suas chaves, doravante me encarregarei de tudo isso.

A partir deste dia, *miss* Murdstone guardou de dia as chaves na sua saca de aço, de noite debaixo do travesseiro e minha mãe teve de ocupar-se tanto delas como eu.

Minha mãe não abandonou todavia a sua autoridade a outra pessoa sem tentar protestar. Uma noite que *miss* Murdstone desenvolvia a seu irmão certos planos internos aos quais ele dava a sua aprovação, minha mãe desatou de repente a chorar dizendo que lhe parecia que, pelo menos, poderiam tê-la consultado.

— Clara! — disse severamente *Mister* Murdstone. — Clara! Estou admirado.

— Oh! Pode bem dizer que se admira, Eduardo — exclamou minha mãe —, e repetir que é preciso firmeza, mas estou bem certa de que isso lhe agradaria tanto

como a mim.

Farei notar aqui que a firmeza era a qualidade dominante com que se metiam em brios *Mister* e *miss* Murdstone. Não sei que nome eu daria a essa firmeza, mas sentia muito claramente que era, sob um outro nome, uma verdadeira tirana, um génio obstinado, arrogante e diabólico que lhes era comum a ambos. A sua doutrina, ei-la. *Mister* Murdstone era firme; ninguém em volta dele devia ser tão firme como *Mister* Murdstone; ninguém em volta dele devia ser o menos firme possível porque todos deviam de dobrar-se perante ele. *Miss* Murdstone era a excepção. Era-lhe permitido ser firme, mas somente por aliança e num grau inferior e tributário. Minha mãe era outra excepção. Era-lhe permitido ser firme; era-lhe isso recomendado; mas somente sob a condição de obedecer à firmeza deles e de crer firmemente que não havia outra firmeza à face da terra.

— É bem duro — disse minha mãe — que em minha casa...

— Em *minha* casa? — repetiu *Mister* Murdstone. — Clara!

— Em *nossa* casa, quero dizer — balbuciou minha mãe evidentemente assustadíssima —, o senhor bem sabe o que eu quero dizer, Eduardo; é bem duro que em nossa casa eu não tenha licença de dizer uma palavra acerca dos negócios domésticos. Com certeza que antes do nosso casamento me desempenhava muito bem. Há testemunhas — disse minha mãe soluçando —, pergunte a Peggotty, se eu não me desempenhava muito bem quando ninguém se imiscuía nos meus negócios.

— Eduardo — disse *miss* Murdstone —, acabemos com tudo isto. Vou-me embora amanhã.

— Jane Murdstone — disse seu irmão —, cale-se! Quem a ouvisse havia de dizer que não me conhece!

— Eu posso bem dizer — prosseguiu minha mãe que perdia terreno e que chorava como as vides talhadas —, eu posso bem dizer que não desejo que ninguém se vá embora. Dar-me-ia por muito infeliz e por muito miserável que alguém se retirasse. Não peço grande coisa. Não sou desrazoável. Peço somente que me consultem algumas vezes. Estou muito reconhecida a todos que querem coadjuvar-me e peço apenas que me consultem algumas vezes, pro forma. Eu supunha dantes que o senhor me amava porque eu era muito nova e inexperiente. Eduardo, recordo-me bem que o senhor mo dizia então; mas agora parece aborrecer-me por causa disso mesmo; é tão severo!

— Eduardo — disse *miss* Murdstone uma segunda vez —, ponhamos termo a isto. Parto amanhã.

— Jane Murdstone — respondeu *Mister* Murdstone numa voz de trovão. — Faz favor de se calar? Como é que se atreve?...

— Clara — continuou ele voltando-se para minha mãe —, a senhora

surpreende-me. Espanta-me. Sim, eu tive algum prazer em desposar uma pessoa simples e sem experiência; queria formar o seu carácter e transmitir-lhe um pouco desta firmeza e desta decisão de que havia mister. Mas quando Jane Murdstone tem a bondade de vir coadjuvar-me nesta empresa, quando ela consente em desempenhar, por afecto que me consagra, uma condição que é quase a de uma despenseira, e quando eu vejo que, para a recompensar, a tratam grosseiramente...

— Oh! Por quem é, Eduardo, por quem é — gritou minha mãe —, não me acuse de ingratidão. Não sou ingrata, por certo. Nunca ninguém mo atirou à cara. Tenho bastantes defeitos, mas esse, não. Oh! Não, meu amigo!

— Quando vejo — prosseguiu ele logo que minha mãe acabou de falar —, quando vejo que se trata grosseiramente Jane Murdstone, os meus sentimentos alteram-se e arrefecem.

— Não diga isso, meu amigo — replicou minha mãe em tom suplicante. — Oh! Não, Eduardo, não posso suportar isso. Por mais defeitos que eu possa ter, sou afectuosa. Sei que sou afectuosa. Não o diria, se não estivesse plenamente segura disso. Pergunte a Peggotty. Ela lhe dirá, estou certa disso, que sou afectuosa.

— Não há fraqueza, seja ela qual for, que possa ter o menor peso a meus olhos, Clara — respondeu *Mister* Murdstone. — Torne em si.

— Peço-lhe que vivamos sempre em boa inteligência — disse minha mãe. — Eu não poderia suportar a frieza e a rispidez. Estou tão penalizada! Tenho bastantes defeitos, bem sei e acho bem que o senhor Eduardo, que tem tanta energia moral, procure corrigir-me. Jane, não faço objecção a nada. Desesperar-me-ia, se a senhora tivesse a ideia de nos deixar... Minha mãe não pôde continuar mais.

— Jane Murdstone — disse *Mister* Murdstone a sua irmã —, palavras azedas serão, espero, pouco frequentes entre nós. Não foi por minha culpa que se passou esta noite uma cena tão estranha; fui arrastado a ela por outros. Também não é sua culpa, foi igualmente arrastada por outros. Procuremos ambos esquecer. E como — acrescentou ele depois destas palavras magnânimas — esta cena é pouco conveniente diante do pequeno, David, vá-se deitar!

As minhas lágrimas não me deixavam ver a porta. Eu estava tão contristado pelo desgosto de minha mãe! Saí às apalpadelas e subi às cegas até ao meu quarto, sem sequer ter a coragem de ir dar as boas noites a Peggotty, nem pedir-lhe uma luz. Quando uma hora depois ela foi ver o que era feito de mim, despertou-me ao entrar e disse-me que minha mãe se tinha deitado bastante doente e que *Mister* e *Mistress* Murdstone tinham ficado sós na sala.

No dia seguinte de manhã, descia eu do meu quarto mais cedo que de costume

quando, ao passar perto da sala de jantar, ouvi a voz de minha mãe. Ela pedia humildemente perdão a *miss* Murdstone, perdão que *miss* Murdstone lhe concedia e efectuava-se uma reconciliação completa. Depois nunca mais vi minha mãe dar o seu parecer sobre a mais pequena coisa sem ter primeiro consultado *miss* Murdstone ou sem se ter certificado, por quaisquer meios positivos, da opinião de *miss* Murdstone, e nunca mais vi *miss* Murdstone, nos dias em que ela estava encolerizada (apesar de muito firme, tinha essa fraqueza) estender a mão para o seu saco como para tirar as chaves e entregá-las sem ver ao mesmo tempo minha mãe desfalecida de pavor.

Os laivos sombrios que dominavam no sangue dos Murdstone assombravam também a religião dos Murdstone, que era austera e feroz. Pensei depois que era a consequência necessária da firmeza de *Mister* Murdstone, que não podia sofrer que ninguém escapasse aos mais severos castigos que ele pudesse inventar. Seja como for, recordo-me bem das caras ameaçadoras que me rodeavam quando eu ia à igreja e como tudo estava mudado em torno de mim. Esse domingo tão temido aparece de novo e sou eu o primeiro a entrar no nosso antigo banco, como um cativo que levam sob uma boa escolta para assistir ao ofício religioso dos condenados. Lá está *miss* Murdstone, com o seu vestido de veludo preto que parece ter sido talhado num pano mortuário; segue-me muito de perto; depois minha mãe e depois seu marido. Não há, como dantes, Peggotty. Ouço *miss* Murdstone resmungar os responsos, carregando com uma energia cruel em todas as palavras terríveis. Vejo-a arregalar os olhos em torno da igreja, os seus grandes olhos pretos, quando diz «miserandos pecadores», como se chamasse pelos nomes de todos os membros da congregação. Vejo, às vezes, minha mãe mexendo timidamente os lábios, entre sua cunhada e seu marido, que faziam ressoar as orações aos seus ouvidos como o ribombo de um trovão longínquo. Pergunto de mim para mim, tomado de um súbito receio, se é provável que o nosso bom velho pastor esteja em erro, que *Mister* e *Mistress* Murdstone tenham razão e que todos os anjos do céu sejam anjos exterminadores. E se, por desgraça, movo o dedo mínimo ou mexo com a cabeça, *miss* Murdstone dá-me nas costas, com o seu livro de orações, fortes pancadas que me magoam muito.

Vejo ainda, ao regressar a casa, alguns vizinhos nossos que olham para minha mãe e depois para mim, e que ficam a dizer coisas ao ouvido. Mais adiante, quando o trio marcha à frente e que eu fico um pouco atrás, digo com os meus botões se é verdade que minha mãe caminha com um passo menos alegre e que a sua beleza tenha quase desaparecido inteiramente. Finalmente, pergunto com os meus botões se os nossos vizinhos se recordam como eu do tempo em que voltávamos da igreja, eu e minha mãe, e passo todo esse triste dia a magicar sobre tal assunto.

Por várias vezes se tinha falado em me meterem num colégio. *Mister* e *Mistress* Murdstone tinham-no proposto a minha mãe e minha mãe tinha, bem entendido, aceite esse parecer. Todavia, nada ainda se havia resolvido. Enquanto se ia esperando, eu era leccionado em casa.

Como poderia eu esquecer-me dessas lições? Minha mãe presidia a elas nominalmente, mas na realidade eu recebia-as de *Mister* Murdstone e de sua irmã, que estavam sempre presentes e que se aproveitavam da ocasião para dar a minha mãe algumas noções dessa firmeza, tão mal denominada, que era o flagelo das nossas duas existências. Creio que me conservavam em casa só com esse fim. Eu tinha bastante facilidade e gosto em aprender quando vivíamos sozinhos, juntos, eu e minha mãe. Lembra-me do tempo em que aprendia o alfabeto no seu regaço. Hoje, quando olho para as grandes letras pretas do livro do ofício divino, a novidade da sua forma, então embaraçosa para mim e os contornos, então fáceis de decorar, do O, do L e do S, vêm-me à ideia como nos dias da minha infância; mas não me recordam nenhuma lembrança de desgosto ou de pesar. Pelo contrário, parece-me que fui conduzido através de um caminho de flores até ao livro dos crocodilos, acoroçoado em todo o percurso pela doce voz de minha mãe. Mas as lições solenes que se seguiram a essas foram um golpe mortal vibrado no meu repouso, um labor incómodo, um desgosto de todos os dias. Eram muito compridas, muito numerosas e muito difíceis. A maior parte eram perfeitamente ininteligíveis para mim; e eu tinha tanto medo delas, tanto, creio, como minha pobre mãe.

Vão ver como as coisas se passavam quase todas as manhãs.

Eu descia depois de almoço para a sala pequena com os meus livros, o meu caderno e uma lousa. Minha mãe aguardava-me ao pé da sua escrivaninha, mas não estava tão disposta a ouvir-me como *Mister* Murdstone, que fingia que estava a ler sentado na sua poltrona ao pé da janela, ou como *miss* Murdstone, que enfiava contas de aço ao lado de minha mãe. Estes dois personagens exerciam sobre mim tal influência, que mal os via começava logo a sentir fugirem-me da memória palavras que tanto trabalho tivera em reter na cabeça. Entre parêntesis, gostava bem que me dissessem aonde é que param essas palavras!

Estendia o primeiro livro a minha mãe. Era um livro de gramática, de história ou de geografia. Antes de lho dar, lançava um último olhar de desespero para a página e corria a galope para a recitar, enquanto ainda me lembrava um pouco. Saltava uma palavra, *Mister* Murdstone erguia os olhos. Saltava outra, *Miss* Murdstone erguia os olhos. Eu ficava todo vermelho, passava por alto meia dúzia de palavras e parava. Creio que minha mãe me mostraria o livro com toda a vontade, se se atrevesse, mas não se atrevia e dizia-me docemente:

— Oh Davy! Davy!

— Vamos, Clara — dizia *Mister* Murdstone —, seja firme com esse pequeno. Não diga: «Oh Davy! Davy!». É uma criancice. Ou bem que sabe ou bem que não sabe a lição.

— Não sabe — replicava *miss* Murdstone em voz terrível.

— Tenho medo disto — dizia minha mãe.

— Bem vê, Clara — acrescentava *miss* Murdstone —, que é preciso dar-lhe outra vez o livro e que vá estudar a lição.

— Com certeza que sim — dizia minha mãe —, é o que vou fazer, minha querida Jane. Vamos, Davy, vá estudar e não seja tão estúpido.

Eu obedecia à primeira destas imposições e punha-me a estudar de novo, mas não era bem sucedido no tocante à segunda, porque me sentia mais estúpido que nunca. Parava antes de chegar ao sítio fatal, numa passagem que ainda há bocado sabia tão bem, e punha-me a reflectir, mas não era sobre a minha lição que reflectia. Pensava no número de metros de tule que deviam ter sido empregues na touca de *miss* Murdstone, ou então na quantia que devia ter custado o roupão de trazer por casa de *Mister* Murdstone, ou em qualquer outro problema absurdo que não me dizia respeito e que nunca teria de fazer. *Mister* Murdstone fazia um gesto de impaciência que eu esperava há muito tempo. *Miss* Murdstone fazia outro tanto. Minha mãe olhava para eles com ar resignado, fechava o livro e punha-o de lado como um atrasado que eu teria de solver quando os meus outros exercícios acabassem.

Dentro em pouco o número dos atrasados ia engrossando como uma bola de neve. Quanto mais aumentava, mais burro eu ficava. O caso era de tal modo desesperado e sentia que me recheavam a cabeça com uma tal quantidade de sandices, que renunciava à ideia de me ver livre delas e abandonava-me à minha sorte. Havia qualquer coisa de profundamente melancólico nos olhares desesperados que trocávamos, minha mãe e eu, a cada nova asneira. Mas o mais terrível momento dessas desgraçadas lições era quando minha mãe, crendo que ninguém olhava para ela, tentava dizer-me baixinho a palavra fatal. Nesse instante, *miss* Murdstone, que há muito tempo estava espiando, dizia em voz grave:

— Clara!

Minha mãe estremecia, corava e sorria levemente; *Mister* Murdstone levantava-se, pegava no livro, atirava-mo à cabeça ou dava-me um bofetão e fazia-me sair bruscamente da sala.

Quando acabava de dar lição, restava-me ainda a fazer o que havia de mais terrível, uma estupenda multiplicação. Era uma tortura inventada para meu uso; o próprio Murdstone ditava-me este problema:

«Vou a casa de um negociante de queijos e compro cinco mil queijos de Glocester a seis *pence* cada um, o que dá um total de...»

Vejo a alegria secreta de *miss* Murdstone. Medito sobre esses queijos, sem o menor resultado, até à hora do jantar; enfarrusco os dedos de tanto garatujar na lousa. Dão-me um bocado de pão seco para me ajudar a contar os meus queijos e passo de castigo o resto do dia.

Parece-me, tanto quanto me posso lembrar, que era assim que acabavam quase sempre as minhas tormentosas lições. Sair-me-ia airosamente sem os Murdstone; mas os Murdstone exerciam sobre mim uma espécie de fascinação, como a de uma cascavel em frente de um passarinho. Mas quando me sucedia passar menos mal a manhã, não ganhava outra coisa senão o jantar; porque *miss* Murdstone não podia ver-me longe dos meus cadernos; e se eu caía na tolice de deixar perceber que não tinha que fazer, ela chamava sobre mim a atenção de seu irmão, dizendo:

— Clara, minha querida; não há nada melhor que o trabalho; dê um exercício a esse pequeno.

E davam-me que fazer. Quanto a brincar com outros pequenos da minha idade, raras vezes me sucedia, porque a sombria teologia dos Murdstone fazia-os encarar todas as crianças como uma raça de viborazinhas (e todavia houve outrora uma Criança que esteve entre os Discípulos); e a acreditar-se neles, elas só serviam para se corromperem umas às outras.

O resultado deste tratamento que durou uns seis meses pelo menos foi, como bem se podia crer, tornar-me resmungão, triste e aborrecido. O que para isso contribuía também infinitamente, era terem-me sempre muito retirado de minha mãe. Uma única coisa me impedia de me entristecer absolutamente. Meu pai tinha deixado num gabinete, no segundo andar, uma pequena colecção de livros; o meu quarto ficava paredes meias e ninguém pensava nessa biblioteca. Pouco a pouco *Roderick Random, Peregrine Pickle, Humphrey Clinker, Tom Jones, O Vigário de Wakefield, Dom Quixote, Gil-Brás* e *Robinson Crusoé* saíram, glorioso batalhão, desse precioso gabinete para me fazerem companhia. Eram eles que me tinham a imaginação alerta, davam-me a esperança de um dia poder fugir desse lugar. Nem esses livros, nem as *Mil e Uma Noites,* nem as histórias dos génios me faziam mal, porque o mal que aí podia encontrar-se não me atingia; eu não compreendia patavina. Espanto-me hoje de como tinha tempo para ler esses livros, no meio das minhas meditações e dos meus desgostos sobre motivos bem mortificantes. Espanto-me ainda da consolação que eu encontrava no meio das minhas pequenas provações, que eram grandes para mim, a identificar-me com todos quantos eu amava nessas histórias, onde, naturalmente todos os maus eram para mim *Mister* e *miss* Murdstone. Fui durante mais de oito

dias Tom Jones (um Tom Jones infantil, a mais inocente das criaturas). Durante todo um mês julguei-me um Roderick Random. Eu tinha a paixão das narrativas de viagem; havia algumas nas prateleiras da biblioteca e recorda-me que passei dias inteiros a percorrer o andar em que eu habitava, armado com a tala de umas encospas, a fazer de capitão da marinha real, em grande perigo de ser atacado pelos selvagens e resolvido a vender muito caro a vida. O capitão tinha-se fartado de receber bofetões na conjugação dos seus verbos latinos, mas nunca abandonava a sua dignidade. Eu perdia a minha, mas o capitão era um capitão, um herói, a despeito de todas as gramáticas e de todas as línguas vivas ou mortas que pudessem existir no mundo.

Era a minha única e a minha fiel consolação. Quando nisso penso, torno a ver sempre diante de mim uma linda noite de Verão; as crianças da aldeia brincavam no cemitério e eu lia na cama, como se a minha vida disso dependesse. Todas as herdades da vizinhança, todas as pedras da igreja, todos os cantos do cemitério tinham, no meu espírito, alguma associação com esses famosos livros e representavam algum lugar célebre das minhas leituras. Vi Tom Pipes subir ao campanário da igreja; reparei em Strass, com o seu saco às costas, sentado na barreira a descansar, e *sei* que o comodoro Trunnion presidia ao Club com *Mister* Pickle na sala da pequena taberna da nossa aldeia.

O leitor sabe agora tão bem como eu onde eu estava nessa época da minha infância, que vou prosseguir.

Uma manhã, ao descer para a sala com os livros, vi que minha mãe tinha o ar apreensivo, que *miss* Murdstone tinha o ar firme e que *Mister* Murdstone atava qualquer coisa na ponta da sua bengala, pequeno junco elástico que se pôs a vibrar no ar à minha chegada.

— Já lhe disse, Clara — disse *Mister* Murdstone —, que eu próprio fui muitas vezes vergastado.

— Por certo que sim — disse *miss* Murdstone.

— E supõe que isso fez mal a Eduardo, Clara? — prosseguiu gravemente *Mister* Murdstone.

— É aí que bate o ponto — disse sua irmã.

A isso respondeu minha mãe:

— Com certeza, minha querida Jane. — E não disse mais palavra.

Eu sentia que era pessoalmente interessado neste diálogo e procurava os olhos de *Mister* Murdstone, que se fixaram nos meus.

— Agora, Davy — disse ele, e os seus olhos cintilavam —, é preciso que hoje esteja com mais atenção do que de costume. — Fez de novo vibrar a bengala; depois tendo acabado esses preparativos, pousou-a ao lado com um olhar expressivo e pegou no livro.

Para começo, era um bom meio de me dar presença de espírito! Eu sentia as palavras da minha lição fugirem, não uma a uma, mas às linhas e às páginas inteiras. Tentei agarrá-las, mas parecia, se posso assim exprimir-me, que tinham afivelado patins ou asas para deslizarem para longe de mim com uma rapidez que nada podia deter.

O princípio foi mau, a continuação ainda mais deplorável; justamente nesse dia eu chegara resolvido a distinguir-me, julgava-me muito bem preparado e afinal enganara-me redondamente. Cada volume que foi pousado na mesa, após a recitação, ajuntou o seu contingente à massa dos atrasados; *miss* Murdstone não tirava os olhos de cima de nós. Por fim, quando chegámos ao problema dos cinco mil queijos (nesse dia foi pancadas que me deram para multiplicar, lembro-me muito bem), minha mãe cobriu-se de lágrimas.

— Clara! — disse *miss* Murdstone na sua voz de prevenção.

— Creio que estou um pouco incomodada, minha querida Jane — disse minha mãe.

Vi *Mister* Murdstone olhar para a irmã solenemente, depois levantou-se e disse, pegando na bengala:

— Em verdade, Jane, não podemos esperar que Clara suporte com uma perfeita firmeza a pena e o tormento que David lhe causou hoje. Seria muito heróico, Clara tem feito grandes progressos, mas seria pedir muito. David, vamos lá cima ambos, meu rapaz.

Quando me levava, minha mãe correu para nós. *Miss* Murdstone disse:

— Clara, a senhora endoideceu? — E deteve-a. Eu vi minha mãe tapar os ouvidos, depois ouvi-a chorar.

Ele subiu até ao meu quarto, lentamente e gravemente. Estou certo de que ia encantado com esse aparelho solene de justiça executiva. Quando entrámos, puxou de repente a minha cabeça para debaixo do seu braço.

— Senhor Murdstone! Senhor! — exclamei eu. — Não, peço-lhe que não me bata. Eu tenho-me esforçado por aprender, senhor, mas não posso recitar quando *miss* Murdstone e o senhor estão presentes. Palavra que não posso!

— Não pode, David? Havemos de ver.

Apertava-me a cabeça debaixo do seu braço, como num torno, mas eu encaracolava-me por tal forma que o detive um instante. Mas foi apenas um instante, ai de mim! Porque me bateu cruelmente um minuto depois. Eu agarrei com os dentes a mão que me prendia e mordi-a com toda a força. Ainda hoje me rangem os dentes só de nisso pensar.

Então é que foi bater a matar. No meio do barulho que fazíamos, eu ouvia passos a correr pela escada, depois ouvia chamar minha mãe e Peggotty. Ele saiu, fechou a porta à chave e eu fiquei só, deitado no chão, numa sopa,

arranhado e pisado, a arder, furioso como um demónio pequeno.

Lembro-me da tranquilidade sombria que reinava em casa quando eu fui voltando a mim! Lembro-me a que ponto me senti tornado mau, quando a minha dor e a minha cólera começavam a apaziguar-se!

Pus-me a escutar durante muito tempo: não se ouvia nada. Levantei-me a custo e fui olhar ao espelho; fiquei aterrado de me ver, a cara vermelha, inchada, um horror. As pancadas de *Mister* Murdstone tinham-me lacerado a pele. Sentia-me todo dorido; a cada movimento que fazia punha-me a chorar, mas não era nada em comparação com o sentimento da minha falta. Creio que me considerava mais culpado do que se tivesse sido o mais atroz criminoso.

Começava a anoitecer. Fechei a janela (tinha estado muito tempo estendido no vão, chorando, dormindo e escutando alternativamente) quando ouvi dar volta à chave e *miss* Murdstone entrou trazendo um pouco de pão, carne e uma chávena de leite. Pousou tudo em cima da mesa sem dar um pio, olhou um instante para mim com uma firmeza exemplar, depois retirou-se fechando a porta atrás de si.

Era noite já há muito tempo e eu continuava sempre sentado ao pé da janela, perguntando com os meus botões se não viria mais ninguém. Quando disso perdi a esperança despi-me e deitei-me, depois comecei a pensar com terror o que seria de mim. O acto que eu tinha cometido não constituiria um crime legal? Não seria levado para a prisão? Não haveria nisso qualquer perigo para mim de ser enforcado?

Nunca me há-de esquecer o meu despertar no dia seguinte de manhã; como eu me sentia a princípio alegre e aliviado para logo ficar acabrunhado pelas minhas cruéis recordações. *Miss* Murdstone apareceu antes de eu me levantar; disse-me em poucas palavras que podia ir passear até ao jardim por espaço de meia hora, mais tempo não; depois retirou-se deixando-me a porta aberta para que eu pudesse aproveitar-me da permissão.

Foi o que eu fiz nesse dia e em todo tempo que durou a minha reclusão, que se prolongou por cinco dias. Se eu tivesse podido ver minha mãe só, lançar-me-ia a seus pés e suplicar-lhe-ia que me perdoasse; mas eu não via absolutamente senão *miss* Murdstone, excepto à noite, no momento de rezar: *miss* Murdstone vinha então buscar-me quando toda a gente já estava no seu lugar; punha-me, como um pequeno bandido, sozinho, à porta; depois a minha carcereira levava-me solenemente antes que ninguém pudesse levantar-se. Eu apenas via que minha mãe ficava tão longe de mim quanto podia ficar e voltava a cabeça para o outro lado, de sorte que nunca pude ver o seu rosto; *Mister* Murdstone tinha a mão embrulhada num lenço de algodão.

Ser-me-ia impossível dar uma ideia do comprimento desses cinco dias. Na minha recordação, são anos. Vejo-me ainda a escutar o mais pequeno ruído na

casa; o tinir das campainhas, o barulho das portas que se abriam ou se fechavam, o murmúrio das vozes, o som dos passos na escada; prestava atenção às risadas, aos alegres assobios, aos cantos de fora, que me pareciam bem tristes na minha solidão e no meu desgosto; eu observava a passagem desigual das horas, sobretudo de noite quando eu despertava imaginando que era de manhã e que descobria que ainda não se tinham deitado e que tinha ainda toda a noite adiante de mim. Os sonhos e os pesadelos mais lamentáveis vinham perturbar o meu sono; de manhã, ao meio-dia, à tarde eu via de um canto do quarto as crianças que brincavam no cemitério, sem me atrever a aproximar-me da janela, com receio de que elas vissem que eu estava preso; espantava-me de nunca mais ouvir a minha própria voz; às vezes, à hora das minhas refeições, recuperava um pouco de alegria que desaparecia logo; depois eu via a chuva começar a cair, a terra parecia refrescada, mas as nuvens eram negras por cima da igreja e parecia-me que a noite vinha envolver-me na sua sombra, a mim e aos meus remorsos. Tudo isso está ainda tão vivo na minha lembrança, que em vez de alguns dias, parece-me que esta cruel existência durou anos.

Na última noite do meu castigo fui despertado por alguém que pronunciava o meu nome em voz baixa. Estremeci na cama e depois, estendendo os braços na escuridão, disse:

— É você, Peggotty?

Não obtive resposta imediata, mas ouvi outra vez pronunciar o meu nome numa voz tão misteriosa e tão assustadora, que se não me ocorresse a ideia de que me falavam pelo buraco da fechadura, creio que o medo me proporcionaria um ataque de nervos.

Dirigi-me às apalpadelas para a porta e apoiando os lábios ao buraco da fechadura, murmurei:

— É a minha boa Peggotty?

— Sou, meu caro Davy — respondeu ela. — Mas não faça mais ruído que um ratinho, senão o gato ouvi-lo-á.

Compreendi que queria falar de *miss* Murdstone e senti quão indispensável era toda a prudência, pois o quarto dela era pegado ao meu.

— A mamã como está, minha querida Peggotty? Está muito zangada comigo?

Ouvi que Peggotty chorava muito brandamente do lado de lá da porta, como eu do lado de cá e por fim respondeu:

— Não, muito zangada não!

— Que vão fazer de mim, minha boa Peggotty; sabe?

— Colégio, perto de Londres — respondeu Peggotty.

Fui obrigado a fazê-la repetir porque ela tinha-me falado à garganta, visto que eu, em lugar de aplicar o ouvido ao buraco da fechadura, tinha deixado ficar a

boca; e embora as suas palavras me tivessem singularmente feito cócegas na goela, não as tinha percebido.

— Quando, Peggotty?

— Amanhã.

— Foi por isso que *miss* Murdstone tirou todas as minhas coisas das gavetas? — Porque isso lhe tinha eu visto fazer, conquanto não o tivesse dito.

— Sim — disse Peggotty —, uma mala!

— Não tornarei a ver a mamã?

— Sim — disse Peggotty —, de manhã.

Depois encostou os lábios ao buraco da fechadura e pronunciou as frases seguintes com uma gravidade e uma expressão a que os buracos das fechaduras devem estar pouco habituados, creio; e cada fragmento de frase, separado, escapava-lhe como uma bala de canhão:

— Davy, meu querido, se eu não fui de todo tão íntima consigo ultimamente, como costumava ser, não é porque o estime menos. Tanto e mais, meu lindo menino; é porque eu julgava que isso era melhor para si e para outra pessoa também. Davy, meu querido, está-me escutando? Quer ouvir-me?

— Sim, sim, Peggotty — disse eu soluçando.

— Meu tesouro! — disse Peggotty com uma infinita compaixão. — O que lhe quero dizer é que é preciso não me esquecer nunca, porque eu jamais o esquecerei. E tratarei tanto da sua mamã, Davy, como sempre o tratei a si. E não a deixarei, há-de vir um dia em que ela ficará contente por encostar a sua pobre cabeça no braço da sua velha, da sua estúpida Peggotty, e hei-de lhe escrever, meu querido. Apesar de ser muito ignorante. E eu... eu...

Neste ponto Peggotty, vendo que não me podia beijar, começou a beijar o buraco da fechadura.

— Obrigado, querida Peggotty — disse eu. — Oh! Obrigado! Obrigado! Promete-me uma coisa que lhe vou pedir, Peggotty? Quer escrever a *Mister* Peggotty e dizer-lhe, a ele e à Emilita e a *Mistress* Gummidge e a Cham, que eu não sou tão mau como possam imaginar, sobretudo à Emilita? Quer, Peggotty? Faz-me esse favor?

A boa mulher prometeu-mo, beijámos ambos o buraco da fechadura com o maior afecto, eu acariciei o ferro com a mão como se fosse o honesto rosto de Peggotty e separámo-nos. Depois dessa noite, experimentei sempre por ela um sentimento que não podia definir. Ela não substituía minha mãe; ninguém no mundo o teria podido fazer; mas enchia um vácuo em meu coração, e o que eu sentia a seu respeito nunca o senti por nenhuma outra criatura humana. Alguém há-de rir-se, se quiser, deste género de afeição que tinha o seu lado cómico; mas não é menos verdade que, se ela morresse, eu não sei o que seria de mim ou

como teria desempenhado o meu papel nesta circunstância, que para mim se tornaria numa verdadeira tragédia.

No dia seguinte de manhã, *miss* Murdstone apareceu como de costume e disse-me que eu ia partir para o colégio, o que não me surpreendeu tão completamente como ela imaginaria. Advertiu-me também de que quando estivesse vestido, não tinha senão de descer à sala de jantar para almoçar. Encontrei lá minha mãe muito pálida e com os olhos vermelhos; corri a lançar-me em seus braços e supliquei-lhe do fundo do coração que me perdoasse.

— Oh, Davy! — disse ela. — Como é que pudeste fazer mal a alguém que eu amo? Trata de te tornar melhor, pede a Deus que te faça melhor! Perdoo-te, mas sinto-me bem infeliz ao pensar que tenhas tão ruins paixões.

Haviam-na persuadido de que eu era um mau rapaz e sofria mais por isso do que por me ver partir. Sentia-o profundamente. Tentei comer alguns bocados, mas as lágrimas caiam-me no pão com manteiga ou pingavam-me no chá. Eu via que minha mãe estava a olhar para mim, depois deitava o olhar para *miss* Murdstone, sempre de plantão ao pé de nós, ou então baixava tristemente os olhos.

— Tragam para baixo a mala do Sr. Copperfield! — disse *miss* Murdstone quando se ouviu rodar um carro diante da grade.

Eu procurei Peggotty com os olhos, mas não era ela; não apareceu, como não apareceu também *Mister* Murdstone. Um meu antigo conhecimento, o recoveiro, estava à frente da sua tipóia.

— Clara! — disse *miss* Murdstone no seu tom de admoestação.

—Tranquilize-se, minha querida Jane — respondeu minha mãe. — Adeus, Davy. É para teu bem que vais para o colégio. Voltarás a casa nas férias. Porta-te bem.

— Clara! — repetiu *miss* Murdstone.

— Certamente, minha querida Jane — respondeu minha mãe, que me apertava em seus braços. — Perdoo-te, meu caro filho. Deus te abençoe!

— Clara! — repetiu *miss* Murdstone.

*Miss* Murdstone teve a bondade de me acompanhar até à tipóia, dizendo-me pelo caminho que esperava que eu me arrependesse e que não tivesse um mau fim; depois subi para a tipóia, o cavalo levantou languidamente a pata e partimos.

## Capítulo V — Sou exilado da casa paterna

Ainda não tínhamos percorrido mais de meia milha e o meu lenço estava todo molhado quando o recoveiro parou bruscamente.

Ergui os olhos para ver o que seria e vi, com grande espanto meu, sair Peggotty de trás de uma sebe e trepar para a tipóia. Pegou em mim e apertou-me com tanta força contra o seu peito que me ia quase esborrachando o nariz, que me doeu bastante, mas nem sequer pensei nisso na ocasião; só depois é que dei fé, ao senti-lo muito dorido. Peggotty não disse palavra. Meteu o braço até ao cotovelo no bolso, tirou alguns embrulhos com doces que enfiou nos meus bolsos, metendo-me na mão uma bolsa, mas tudo isto sem dar pio. Depois de me ter abraçado de novo, apeou-se da tipóia; fiquei sempre persuadido, como ainda o estou, de que ao apear-se não lhe ficou um único botão no vestido. Apanhei um (tinha aonde escolher) e guardei-o por muito tempo preciosamente como uma lembrança.

O recoveiro olhou para mim como para me perguntar se ela regressaria. Eu meneei a cabeça, dizendo-lhe que não me parecia.

— Então, em marcha — disse ele ao indolente animal, que se pôs efectivamente em marcha.

Depois de ter chorado tudo quanto tinha a chorar, comecei a reflectir que não servia de nada continuar a verter lágrimas, tanto mais que nem Roderick Random, nem o capitão da marinha real, que eu soubesse, haviam chorado nas suas mais críticas situações. O recoveiro, ao ver a minha resolução, propôs-me fazer enxugar o meu lenço no costado do cavalo. Agradeci-lhe e consenti. O meu lenço não fazia grande figura à guisa de xairel.

Passei em seguida a examinar a bolsa. Era de couro grosso, com um bolso e continha três xelins bem reluzentes, que Peggotty, evidentemente, lustrara e polira com cuidado, para minha maior satisfação. Mas o que ela continha de mais precioso eram duas meias coroas embrulhadas num bocado de papel, no qual minha mãe tinha escrito: «Para Davy, com todas as minhas ternuras». Isto emocionou-me por tal forma, que pedi ao recoveiro que tivesse a bondade de me chegar o lenço; mas ele respondeu-me que lhe parecia que eu fazia melhor passar sem ele e achei-lhe razão; enxuguei muito de boamente os olhos à manga do casaco e acabou tudo bem.

Todavia, das minhas emoções passadas ainda me restava um profundo suspiro de vez em quando. Depois de ter assim viajado durante algum tempo, perguntei ao recoveiro se tinha de levar-me até ao termo da minha viagem.

— Até onde? — perguntou o recoveiro.

— Ora, até lá — disse eu.

— Lá, aonde? — tornou o recoveiro.

— Até perto de Londres — disse eu.

— Mas este cavalo — disse o recoveiro puxando as rédeas para mo mostrar — ficaria mais morto do que um leitão assado, antes de ter feito metade do caminho.

— Então vossemecê não vai senão até Yarmouth? — perguntei eu.

— Justamente — respondeu o recoveiro. — E lá metê-lo-ei na diligência, que o levará... até onde há-de ir...

Era falar de mais para o recoveiro (que se chamava *Mister* Barkis), homem de um temperamento fleumático, como já o disse num capítulo precedente e absolutamente nada conversador. Ofereci-lhe um doce, como prova de atenção; ele engoliu-o de uma vez, como o teria feito um elefante e a sua larga cara nem sequer se mexeu, como também não se mexeria a de um elefante.

— Foi ela quem o fez? — perguntou *Mister* Barkis, sempre inclinado, com o seu ar grosseiro, sobre a dianteira do carro e cada braço descansado sobre cada joelho.

— É de Peggotty que quer falar?

— Ah! — disse *Mister* Barkis. — Essa mesma.

— Sim! É ela quem faz todos os doces em nossa casa; de resto, é quem cozinha tudo.

— Palavra? — disse *Mister* Barkis.

Arredondou os lábios como para assobiar, mas não assobiou. Inclinou-se para contemplar as orelhas do cavalo, como se nelas tivesse descoberto qualquer coisa de novo e ficou nessa posição bastante tempo. Por fim, perguntou-me:

— E coração... que tal?

— Coração de vitela, é o que quer dizer, Sr. Barkis? Peço perdão... arranja-o que é uma delícia — respondi eu, julgando que ele tinha apetite de comer alguma coisa e desejava particularmente regalar-se com um prato de coração.

— Não é isso... é coração... de amor. Não há ninguém que vá passear com ela?

— Com Peggotty?

— Ah! — disse ele. — Essa mesma.

— Oh! Não, nunca, nunca teve amor nenhum.

— Não, palavra? — disse *Mister* Barkis.

E arredondou de novo os lábios como para assobiar, mas não assobiou, exactamente como da primeira vez, e pôs-se a contemplar de novo as orelhas do cavalo.

— É assim — disse *Mister* Barkis depois de um longo silêncio — ela faz

todas as tortas de maçãs e todos os pratos de cozinha, não é verdade?

Respondi que sim.

— Muito bem! — disse *Mister* Barkis. — Vou dizer-lhe uma coisa. O senhor talvez lhe escreva?

— Com certeza que hei-de escrever-lhe — respondi eu.

— Ah! — disse ele virando lentamente os olhos para mim. — Muito bem! Se lhe escrever, talvez se lembre de lhe dizer que Barkis está pronto, quer?

— Que Barkis está pronto — repeti eu inocentemente. — É tudo?

— Sim — disse ele lentamente —, sim. Barkis está pronto.

— Mas o Sr. Barkis estará amanhã de volta a Blunderstone — disse eu (e o meu coração confrangia-se à ideia de que eu estaria bem longe) —, e ser-lhe-ia mais fácil dizer-lho pessoalmente.

Mas ele fez-me sinal que não com a cabeça e repetiu novamente no tom mais grave: «Barkis está pronto. É tudo». Prometi transmitir exactamente a frase e nesse mesmo dia, enquanto esperava em Yarmouth pela diligência, arranjei um tinteiro e uma folha de papel, e escrevi a Peggotty um bilhete assim concebido:

> Minha querida Peggotty: Cheguei aqui a porto e salvamento. Barkis está pronto. As minhas ternuras à mamã. Seu muito afeiçoado — DAVY.
>
> P. S. — Ele tem muito empenho em que fique sabendo que *Barkis está pronto*.

Quando lhe fiz esta promessa, *Mister* Barkis recaiu num silêncio absoluto; quanto a mim, sentia-me exausto por tudo quanto me tinha acontecido recentemente e, deixando-me cair sobre um cobertor, adormeci. O meu sono durou até Yarmouth, que me pareceu tão novo e tão desconhecido na hospedaria em que parámos que abandonei logo a secreta esperança que havia tido até então de lá encontrar qualquer pessoa da família de *Mister* Peggotty, talvez mesmo a Emilita.

A diligência estava no pátio, perfeitamente limpa e luzidia, mas ainda não haviam atrelado os cavalos e nesse estado parecia-me impossível que ela jamais fosse a Londres. Estava eu reflectindo sobre este facto e perguntava de mim para mim o que seria feito definitivamente da minha mala, que *Mister* Barkis tinha pousado no pátio depois de ter feito virar a tipóia e o que seria feito de mim próprio, quando uma dama enfiou a cabeça por uma janela onde se viam pendurados alguns presuntos e algumas aves e disse-me:

— É o menino que vem de Blunderstone?

— Sim, minha senhora — disse eu.

— Como se chama? — perguntou a dama.

— Copperfield, minha senhora — disse eu.

— Não é isso — prosseguiu a dama. — Não me encomendaram o jantar para uma pessoa desse nome.

— Será Murdstone, senhora? — disse eu.

— Se é o menino Murdstone — disse a dama — porque é que começou por me dizer outro nome?

Expliquei-lhe o que havia, ela tocou a campainha e gritou:

— William, leve este senhor para a sala de jantar. — Nisto chegou da cozinha, que ficava no outro lado do pátio, um rapaz a correr e pareceu muito surpreendido ao ver que era para mim só que o tinham incomodado.

A sala de jantar era ampla, guarnecida de grandes mapas geográficos. Creio que se os mapas fossem países estrangeiros a valer, para o meio dos quais me atirassem como uma bomba, não me sentiria mais expatriado. Parecia-me que tomava uma estranha liberdade por me atrever a sentar-me, com o boné na mão, na ponta de uma cadeira mais próxima da porta e quando vi o criado deitar uma toalha na mesa, expressamente para mim e pôr nela um saleiro, estou certo que fiquei todo vermelho de modéstia.

Trouxe-me costeletas e legumes e tirou as tampas dos pratos com tanto desabrimento que eu fiquei com grande medo de o ter aparentemente ofendido. Mas senti-me tranquilizar ao vê-lo puxar uma cadeira para eu me sentar à mesa e dizer-me no tom mais afável:

— Agora, meu homenzarrãozinho, toca a sentar.

Agradeci-lhe e abanquei à mesa; mas parecia-me extraordinariamente difícil manejar um pouco destramente a faca ou o garfo, ou de evitar esparrinhar molho no fato, enquanto o criado se conservasse de pé defronte de mim, seguindo-me com os olhos e fazendo-me corar até à raiz dos cabelos cada vez que eu olhava para ele. Quando me viu enxertar a segunda costeleta:

— Aqui está — disse —, meia-pinta de *ale*[4] para si. Quere-a já?

— Quero e obrigado — disse-lhe eu.

Então ele deitou a cerveja num grande copo e pô-la em frente da janela para que eu admirasse a sua bela cor.

— Na verdade, é muita, pois não é?

— É muita — respondi sorrindo.

Porque eu estava encantado de o encontrar tão amável. Era um rapazote de olhos brilhantes, cara vermelhusca e cabelos crespos; tinha o ar muito prazenteiro, uma mão na ilharga e na outra, o copo cheio de *ale.*

— Vinha por cá um sujeito — disse ele —, um sujeito gordo que se chamava Topsawyer, talvez o conhecesse?

— Não — disse eu —, não creio.

— De calções curtos e polainas, chapéu de abas largas, casaco pardo e

cachené de pintas — disse o criado.

— Não — disse eu com embaraço —, não tenho esse prazer.

— Pois veio cá ontem — disse o criado olhando a cerveja através da luz — e pediu-me um copo desta *ale*, quis absolutamente que eu lha desse. Disse-lhe que lhe fazia mal, bebeu-a e caiu morto. Era muito forte para ele. Nunca se lhe deveria dar, é o grande caso.

Eu estava admirado com esse terrível acidente e disse-lhe que eu talvez faria melhor em beber só um copo de água.

— É que, sabe — disse o criado olhando sempre para a cerveja à claridade da janela e piscando o olho —, cá não gostam que se rejeite o que se encomendou. Isso prejudica os patrões. Mas eu posso bebê-la, se quiser. Estou habituado a isto e o hábito faz tudo. Não creio que me faça mal, contanto que eu incline a cabeça para trás e que engula rapidamente. Quer?

Eu respondi-lhe que me prestaria um grande serviço bebendo-a, contanto que isso não pudesse fazer-lhe mal, sem o que nem nisso queria ouvir falar. Quando ele inclinou a cabeça para trás a fim de beber rapidamente, apossou-se de mim, confesso, um terrível pavor; eu pensava que ia vê-lo cair sem vida no chão, como o desgraçado *Mister* Topsawyer. Mas não lhe fez mal algum. Pelo contrário, até me pareceu mais fresco e mais prazenteiro.

— Que temos nós aí? — disse ele metendo o seu garfo no meu prato. — Não são costeletas?

— São, sim — disse eu.

— Bendito seja Deus! Não sabia que fossem costeletas — exclamou ele. — É justamente o que é preciso para neutralizar os maus efeitos desta cerveja. Que sorte!

Com uma mão espetou uma costeleta, com a outra uma batata e comeu tudo com o melhor apetite, para minha extrema satisfação. Depois foi outra costeleta e outra batata e ainda uma outra batata e uma outra costeleta. Quando acabámos, trouxe-me um pudim e, tendo-o posto na minha frente, começou a ruminar consigo próprio e ficou alguns instantes absorto nas suas reflexões.

— Como acha o pastelão? — disse de repente.

— É um pudim — respondi eu.

— Um pudim! — exclamou. — Sim, é verdade! — Mas continuou contemplando-o de mais perto. — Não será um pudim de fruta?

— É, com certeza.

— É demais — disse ele, armando-se com colher grande —, o pudim de fruta é o meu pudim favorito, não é estar com sorte? Vamos, meu homenzinho, vamos a ver quem de nós comerá mais depressa.

O criado foi certamente o que mais depressa se aviou. Mais de uma vez me

pediu que me desembaraçasse para ganhar a aposta, mas havia uma tal diferença entre a sua colher de sopa e a minha colher de café, entre a sua agilidade e a minha agilidade, entre o seu apetite e o meu apetite que eu fiquei prontamente para trás. Creio que nunca vi assim pessoa tão encantada com um pudim; tinha já acabado e ainda ria de prazer, como se o estivesse saboreando.

Achei-o tão complacente e de tão bom humor que lhe pedi para me ir buscar uma pena, papel e tinta para escrever a Peggotty. Não somente me trouxe tudo imediatamente, mas ainda teve a bondade de olhar por cima do meu ombro enquanto eu escrevia a carta. Quando acabei, perguntou-me se eu ia para o colégio.

— Perto de Londres — disse-lhe. Era quanto sabia.

— Oh! Meu Deus — disse ele com o ar mais triste —, sinto-me com pena.

— Então porquê! — perguntei-lhe.

— Oh, meu Deus! — disse ele meneando a cabeça —, é justamente o colégio aonde quebraram as costelas de um infeliz pequeno, as duas costelas; era ainda muito novo. Tinha pouco mais ou menos: vejamos, qual é a sua idade?

Disse-lhe que tinha oito anos e meio.

— Justamente a idade do outro — disse ele. — Tinha oito anos e meio quando lhe quebraram a primeira costela; oito anos e oito meses quando lhe quebraram a segunda e, palavra de honra!, ficou pronto.

Eu não tive forças de dissimular, nem para mim nem para o criado, que era uma desgraçada coincidência e perguntei-lhe como se tinha passado isso. A sua resposta nada teve de consolador, porque me respondeu com esta frase estupenda:

— Foi quando o castigaram.

Felizmente o som da buzina a chamar pelos passageiros veio dar uma diversão às minhas inquietações. Levantei-me e perguntei num tom meio desconfiado, meio orgulhoso, puxando pela bolsa, se havia alguma coisa a pagar.

— Uma folha de papel de carta — respondeu ele. — Comprou já alguma vez papel de carta?

Eu não tinha ideia alguma disso.

— É caro — disse ele — por causa dos direitos: três *pence*. E veja como nos enchem de impostos neste país. Não fica senão a gorjeta ao criado. Quanto à tinta, não vale a pena falar nisso, é o meu lucro.

— Quanto lhe parece... Quanto é preciso... quanto devo... Quanto seria conveniente dar de gorjeta, diga-me? — balbuciei corando.

— Se eu não tivesse família e se essa família não estivesse com bexigas loucas, não aceitaria seis *pence* — disse o criado. — Se eu não tivesse que sustentar uma velha mãe e uma encantadora irmãzinha (e o criado parecia

profundamente emocionado), não aceitaria um *farthing*. Se eu tivesse um bom lugar e fosse aqui bem tratado, antes ofereceria de boa vontade uma bagatela do que a aceitava. Mas eu vivo dos sobejos... e durmo em cima dos sacos de carvão.

Neste ponto o criado desatou a chorar.

Senti a mais profunda compaixão pelos seus infortúnios e sentia que era preciso ter o coração bastante empedernido e bastante brutal para lhe oferecer menos de nove *pence*. Acabei por lhe dar um dos meus três xelins; recebeu-o com muita humildade e veneração e um minuto depois experimentava-o a ver se a moeda era boa.

Fiquei um pouco desconcertado quando subi para o carro ao descobrir que me supuseram capaz de ter comido sozinho todo o jantar. Dei por ela ao ouvir a dama que estava à janela dizer ao condutor: «Tome cautela, Jorge, olhe que o pequeno vai rebentar pelo caminho!» As criadas do hotel que estavam no pátio vieram contemplar-me como um jovem fenómeno e rir-se-me nas bochechas. O meu infeliz amigo, o criado do hotel, que tinha recuperado completamente o seu bom humor, nem por sombras parecia constrangido e tomava, sem a menor confusão, parte na admiração geral. Não sei se isso me fez ter algumas suspeitas do criado, mas inclino-me todavia a pensar que, cheio como eu estava dessa confiança natural às crianças e do respeito que eles têm, em geral, por quem é mais velho (qualidades que me incomoda sempre ver perder muito cedo às crianças para tomarem hábitos de sociedade), não tive, mesmo então, dúvidas sérias a seu respeito.

Achava, todavia, um pouco duro, força é confessá-lo, servir de alvo aos contínuos gracejos do cocheiro e do condutor, os quais diziam ou que o meu peso fazia tombar a diligência de um lado ou que eu faria bem viajar para o futuro num *fourgon*. A história do meu suposto apetite espalhou-se num instante entre os passageiros da imperial, que se divertiram também infinitamente e perguntaram-me se no colégio para onde eu ia se devia pagar por mim como dois somente ou como três, se para mim havia condições particulares ou se pagava o mesmo que as outras crianças e mais uma porção de perguntas do mesmo quilate. Mas o que era pior é que eu sabia que, quando se oferecesse ocasião, não teria coragem de comer a menor coisa e que depois de ter jantado bastante mal, eu ia deixar-me morrer de fome toda a noite, porque na minha precipitação tinha-me esquecido dos doces no hotel. Os meus receios realizaram-se depressa: quando parámos para cear, não tive coragem de me sentar à mesa redonda e fui, muito contrariado, sentar-me a um canto, junto do fogão, dizendo que não queria nada. Isso não me pôs, todavia, ao abrigo de novas graçolas, porque um sujeito de voz roufenha e de rosto afogueado, que não cessava de comer sanduíches e de beber de uma garrafa que não largava, observou que eu era como a jibóia

constritor, que comia de mais a uma refeição para poder ficar depois muitos dias sem comer; e, dizendo isto, serviu-se de uma prodigiosa ração de cozido.

Tínhamos deixado Yarmouth às três horas da tarde e devíamos chegar a Londres às oito da manhã do dia seguinte.

Começava o Outono e a tarde era bonita. Quando atravessávamos uma aldeia, eu procurava representar no meu espírito o que se passava no interior das casas e o que faziam os habitantes; depois, quando os rapazitos largavam a correr atrás da diligência para subirem ao estribo, perguntava de mim para mim se teriam ainda pais e se seriam felizes em casa. Tinha, pois, muitos assuntos em que reflectir, sem contar que pensava incessantemente no lugar a que me destinavam e que me fazia meditar tristemente. Algumas vezes — lembra-me bem — deixava divagar o meu pensamento até casa de minha mãe e até Peggotty; outras vezes tentava confusamente lembrar-me o que eu era antes de ter mordido em *Mister* Murdstone, mas nunca podia chegar ao fim, pois me parecia que tudo isso datava da mais remota antiguidade.

A noite não foi tão agradável como a tarde; fazia frio. Como me tinham arrumado entre dois sujeitos (o que tinha a cara afogueada e outro) com receio de que eu escorregasse da bancada, pouco faltou para que eles me abafassem a cada momento quando dormiam e eu ia apertado como num torno. Às vezes sentia-me por tal forma incomodado que não podia deixar de gritar: «Por quem são, meus senhores!», com o que eles se arreliavam muito, porque eu os despertava. Na minha frente ia sentada uma velhota com uma grande capa de peles, que no escuro mais parecia uma meda de feno do que uma mulher, tão enfardelada estava. Essa velhota levava um cabaz e durante muito tempo não soube aonde o havia de meter; descobriu por fim que o poderia acondicionar debaixo das minhas pernas, que eram muito curtas. Esse cabaz torturava-me: batia-me nas curvas das pernas e pisava-mas; e, ao menor movimento que eu fazia, um vidro que estava dentro do cesto chocalhava com outros objectos e a velhota ferrava-me um terrível pontapé, dizendo-me:

— Não acaba de estar quieto! É um fervelho pequeno!

Enfim nasceu o sol e os meus companheiros de viagem tiveram o sono menos agitado. Não se poderiam descrever todas as angústias que eles sofreram durante a noite e que se manifestavam por espantosos roncos. À medida que o sol subia no horizonte, o sono deles tornava-se menos profundo; e foram despertando pouco a pouco um após outro. Lembra-me que fiquei muito surpreendido ao ouvi-los a todos sustentar que não tinham dormido um minuto e repelirem essa insinuação com a mais viva indignação. Ainda estou espantado a estas horas e nunca pude explicar-me como, de todas as fraquezas humanas aquela que menos dispostos estamos a confessar (sempre queria que me dissessem porquê) é a

fraqueza de termos podido dormir em viagem.

Não julgo necessário contar aqui que estranha cidade me pareceu Londres quando eu a descobri ao longe, nem como se me afigurava que as aventuras dos meus heróis favoritos se renovavam a cada momento nessa grande cidade, a meus olhos cheia de maravilhas e de mais crimes que todas as cidades do mundo. Chegámos enfim a uma hospedaria situada na paróquia de White-Chapel, aonde devíamos parar. Esqueci-me se era o *Touro Azul* ou o *Javali Azul*, mas o que sei é que era um animal azul e que esse animal estava também pintado na traseira da diligência.

O condutor fixou os olhos em mim ao apear-se e disse à porta do escritório:

— Está aí alguém à espera de um menino inscrito no registo com o nome de Murdstone, vindo de Blunderstone, Suffolk? Se está, que venha reclamá-lo.

Ninguém respondeu.

— Faça favor de me chamar Copperfield — disse eu baixando miseramente os olhos.

— Está aí alguém à espera de um menino inscrito no registo com o nome de Murdstone, vindo de Blunderstone, Suffolk, mas que dá pelo nome de Copperfield e que espera que venham reclamá-lo? — disse o condutor. — Se há aí alguém, que fale.

Não, não havia ninguém. Olhei com inquietação em torno de mim, mas essa pergunta repetida não tinha causado a menor impressão sobre os que estavam presentes, salvo sobre um homem de polainas muito subidas, cego de um olho e que sugeriu que o melhor era porem-me uma coleira de cobre e prenderem-me a um poste na estrebaria, como se faz aos cães que andam perdidos. Puseram uma escada e eu desci da diligência atrás da velhota que se parecia com uma meda de feno: não me atrevi a mexer senão depois dela tirar o cabaz. Todos os passageiros saíram prontamente; tiraram-se as bagagens e os serventes meteram a diligência na cocheira. E, no entanto, ninguém aparecia a reclamar a criança toda cheia de poeira que vinha de Blunderstone, Suffolk.

Mais solitário do que Robinson Crusoé, que ao menos não tinha ao pé dele ninguém que o fosse observar nem reparar no seu abandono, entrei para o escritório da diligência e, a convite do caixeiro, que me abriu o balcão, fui sentar-me na balança de pesar as bagagens. Aí, enquanto estava sentado no meio de pacotes, livros e fardos, respirando os perfumes da cocheira (que com essa manhã se associará eternamente na minha memória), fui salteado por uma chusma de reflexões, cada qual a mais lúgubre. Supondo-se que nunca me viessem buscar, quanto tempo deixariam conservar-me ali? Consentir-me-iam o tempo suficiente para que eu gastasse os meus sete xelins? Dar-se-ia o caso de ter de passar a noite num desses compartimentos de madeira com o resto das

bagagens? Teria de me lavar todas as manhãs na bomba do pátio? Ou mandar-me-iam embora todas as noites e regressaria todas as manhãs até que viessem buscar-me? E, se isto não era um engano, se *Mister* Murdstone formara esse plano para se desfazer de mim, qual seria a minha sorte? Se me dessem licença de ficar ali enquanto me durassem os sete xelins, não podia esperar que me deixassem ficar ali sempre, quando começasse a morrer de fome. Seria, evidentemente, incómodo e desagradável para os fregueses e de mais a mais exporia não sei que funcionário a pagar as despesas do meu enterro. Se me pusesse imediatamente a caminho e tentasse regressar a casa de minha mãe, seria capaz de ir até lá? E, de resto, estava certo de ser bem acolhido por outras pessoas que não fosse Peggotty, dado o caso que conseguisse lá chegar? E se eu me apresentasse às autoridades e me oferecesse como soldado ou marinheiro? Mas eu era tão pequeno que provavelmente não me quereriam. Estes pensamentos e muitos outros faziam-me subir a vermelhidão ao rosto e sentia-me consternado de receio e de emoção. Achava-me neste violento estado de alma quando entrou um homem que murmurou algumas palavras ao ouvido do caixeiro; este puxou-me com força da balança e empurrou-me para o recém-chegado, tal qual como se eu fosse um fardo que, depois de pesado, era comprado, pago e retirado.

Saí do escritório pela mão do meu novo conhecimento e, arriscando-me a lançar os olhos sobre ele, vi que era um homem novo, de tez amarela, andar desengonçado, faces encovadas, com um queixo quase tão negro como o de *Mister* Murdstone; mas aí cessava a semelhança, porque as suas suíças eram rasas e os cabelos, em vez de luzidios, eram ásperos e secos. Trajava casaco e calça pretos, um pouco usados e coçados; as mangas do casaco não lhe chegavam bem ao pulso nem as calças ao tornozelo e a sua gravata branca estava longe de ser limpa. Nunca acreditei, nem ainda agora quero acreditar, que essa gravata fosse toda a roupa branca que ele trouxesse sobre o corpo, mas era pelo menos o que ele deixava entrever.

— É o novo aluno, pois não é? — perguntou-me ele.

— Sim, senhor — respondi-lhe.

Assim o supunha. Ao certo nada sabia.

— Eu sou um dos prefeitos do colégio Salem — tornou ele.

Cumprimentei-o. Fiquei cheio de terror e não me atrevia a fazer a menor alusão a uma coisa tão vulgar como a minha mala em presença do sábio prefeito de Salem-House; e só depois de sairmos do pátio é que tive a ousadia de nela falar. Depois da minha observação muito humilde de que mais tarde poderia precisar dela, voltámos atrás e ele disse ao caixeiro que o recoveiro iria buscá-la ao meio-dia.

— Senhor — disse-lhe eu quando tínhamos percorrido quase o mesmo trajecto —, tem a bondade de me dizer se é muito longe?

— Fica para os lados de Blackheath — disse-me ele.

— E é longe, senhor? — perguntei timidamente.

— É um bom pedaço de caminho — disse ele. — Iremos em diligência; são umas seis milhas.

Sentia-me tão cansado e exausto que a ideia de ter de andar ainda seis milhas sem me alimentar era superior às minhas forças. Afoitei-me até a dizer-lhe que não tinha comido absolutamente nada em toda a noite e que lhe seria muito reconhecido se me desse licença de comprar qualquer coisa de comer. Pareceu surpreendido (estou a vê-lo parar e olhar para mim) e, depois de ter reflectido um instante, disse-me que precisava de ir a casa de uma velhota que morava ali perto e que o que eu tinha a fazer de melhor era comprar um pão, ou qualquer outro alimento à minha escolha, desde que fosse são, e almoçar em casa da tal velhota, que me iria comprar leite.

Entrámos numa padaria, aonde depois de ter deitado as vistas sobre uma porção de bolos suculentos que não consentiu que eu comprasse, acabámos por nos decidir por um bom pão de centeio que me custou três *pence*. Mais adiante compramos um ovo e uma talhada de toucinho defumado; tudo isso me deixou ainda possuidor de bastante cobre do segundo xelim que eu tinha trocado e que me fez pensar que Londres era um lugar aonde se vivia baratíssimo. Quando acabámos de fazer as nossas compras, atravessámos, no meio de uma barulheira e de um movimento que perturbavam singularmente a minha pobre cabeça, uma ponte, *London-Bridge* sem dúvida (creio mesmo que ele mo disse, mas eu ia meio a dormir), e por fim chegámos a casa da tal mulher velha que morava num asilo, como pude ver pela aparência do edifício e também pela tabuleta colocada por cima da grade e que dizia que essa casa tinha sido fundada para vinte e cinco mulheres pobres.

O prefeito de Salem-House levantou o trinco de uma dessas portas negras que se pareciam umas com as outras: de um lado havia uma janela de vidraça e por cima da porta uma outra janela igual; entrámos em casa de uma dessas pobres velhas, que espertava o lume sobre o qual estava uma caçarola. Ao ver entrar o meu condutor, a velha cessou de espertar e disse qualquer coisa como: «Meu Carlos!» Mas ao ver-me entrar detrás dele, ergueu-se e fez, esfregando as mãos, uma espécie de mesura contrafeita.

— Pode fazer-me o favor de arranjar o almoço deste menino? — disse o prefeito de Salem-House.

— Se posso? — disse a velha. — Certamente que sim.

— Como passa hoje *Mistress* Fibbitson? — disse o prefeito olhando para uma

outra velhota sentada numa grande cadeira ao pé do lume; ela parecia-se tanto com um montão de farrapo velho que a estas horas felicito-me ainda por não ter cometido o engano de não me ter sentado em cima.

— Ah! Não passa muito bem — disse a primeira velha. — Está num dos seus maus dias. Creio firmemente que, se por desgraça, o lume se apagasse, ela apagar-se-ia com ele para não mais voltar à vida.

Olhavam ambos para ela, eu olhei também. Se bem que fizesse muito calor na sala, ela parecia não pensar em nada no mundo senão no fogo. Creio mesmo que tinha ciúmes da caçarola e desconfio que a não via com bons olhos por lhe esconder o lume que me havia de cozer o ovo e frigir o toucinho, porque a vi mostrar-me o punho fechado quando todos estavam de costas voltadas para ela, durante essas operações culinárias. O sol entrava pela janelita, mas ela estava de costas voltadas para ele, e, sentada na sua grande cadeira que também voltava as costas ao sol, parecia olhar com sofreguidão o fogo como para lhe conservar o calor, em vez de se aquecer a ele e vigiava-o com olhar desconfiado. Quando ela viu que os preparativos do meu almoço estavam a findar e que o lume ia ficar livre, tão contente ficou que desatou a rir e devo dizer que o seu riso estava longe de ser melodioso.

Sentei-me em frente do meu pão de centeio, do meu ovo, da minha fatia de toucinho, aos quais se juntara uma malga de leite e fiz uma refeição deliciosa. Estava ainda a contas com ela, quando a velha que morava na casa, disse ao prefeito:

— Traz consigo a flauta?

— Trago — respondeu ele.

— Toque então uma ariazinha — disse a velha num tom súplice. — Peço-lhe.

O professor meteu a mão pelo lado de dentro do casaco e tirou três pedaços de uma flauta que montou, depois pôs-se imediatamente a tocar. A minha opinião, depois de muitos anos de reflexões, é de que nunca ninguém no mundo pode tocar tão mal. Tirava os sons mais estupendos que tenho ouvido, naturais ou artificiais. Não sei que ária ele tocava, se é que era ária, o que duvido, mas o resultado dessa melodia foi — *primo:* fazer-me pensar em todas as minhas penas a ponto de me fazer vir as lágrimas aos olhos; *secondo:* tirar-me completamente o apetite; e *tertio:* dar-me uma tal vontade de dormir que não podia ter os olhos abertos. Basta a recordação dessa música para me adormecer ainda. Parece-me que estou a ver o pequeno aposento com a cantoneira entreaberta, as cadeiras de costas perpendiculares, é a pequena escada a pique que ia dar a um outro pequeno aposento no primeiro andar e enfim três penas de pavão que ornamentavam o pano do fogão; lembra-me que ao entrar, perguntei com os meus botões se o pavão ficaria muito lisonjeado ao ver as suas lindas penas

condenadas a tal emprego, mas tudo isso vai desaparecendo pouco a pouco diante de mim, a minha cabeça descai, adormeço. A flauta já não se faz ouvir; o que retenho no ouvido é o som de umas rodas; vou de viagem; a diligência pára, desperto sobressaltado e ouço de novo a flauta; o prefeito de Salem-House toca com um ar deplorável e a velha escuta-o maravilhada. Mas ela desaparece por sua vez, depois ele desaparece também, enfim tudo desaparece, não há nem flauta, nem prefeito, nem Salem-House, nem David Copperfield, não há senão um sono profundo.

Provavelmente eu sonhava quando julguei ver, enquanto ele soprava nessa estupenda flauta, que a velha dona da casa, que se tinha aproximado dele entusiasmada, se inclinava de repente nas costas da sua cadeira e lhe agarrava na cabeça para o beijar; houve um instante em que a flauta parou. Eu estava então aparentemente entre a vigília e o sono, porque algum tempo depois, logo que recomeçou a tocar (o que é certo é que parou um instante), vi e ouvi a sobredita velha perguntar a *Mistress* Fibbitson se não era delicioso (falando da flauta), ao que esta respondeu: «Sim, oh! Sim», e inclinou-se para o lume, ao qual ela relatava certamente toda a harmonia dessa linda música.

Creio que havia já muito tempo que eu adormecera, quando o prefeito de Salem-House desmontou a flauta, meteu no bolso as três peças que a compunham e levou-me com ele. Encontrámos a diligência muito perto dali e subimos para a imperial, mas eu tinha tanto sono que, quando se parou na estrada para entrarem outros passageiros, meteram-me dentro do carro, aonde não ia ninguém e lá dormi profundamente até chegarmos a uma longa subida, que os cavalos fizeram a passo, entre grandes árvores. Daí a pouco a diligência parou; tinha chegado ao seu destino.

Após uma caminhada de alguns minutos, chegámos, o prefeito e eu, a Salem-House; um grande muro de tijolos circundava o recinto, cujo todo apresentava um aspecto muito triste. Por cima de uma porta aberta no muro lia-se o letreiro: *Salem-House*. Entrámos por essa porta e dentro de pouco vi aparecer a um postigo uma cara desairosa, que pertencia, ao que vi, quando a porta nos foi aberta, a um homem gordo, com um pescoço enorme como de um touro, uma perna de pau, uma testa bombeada e o cabelo cortado à escovinha.

— É o novo aluno — disse-lhe o prefeito.

O homem da perna de pau examinou-me da cabeça até aos pés, o que não levou grande tempo porque eu era bem pequeno, depois fechou a porta atrás de nós e tirou a chave. Dirigíamo-nos para a casa, pelo meio de grandes árvores de folhagem sombria, quando ele chamou pelo meu condutor.

— Olá!

Voltámo-nos; ele estava de pé, à porta do cubículo aonde morava, com um par

de botas na mão.

— Olhe que o sapateiro veio cá durante a ausência do Sr. Mell e disse que não as pode consertar. Diz ele que não resta um único bocado da bota primitiva e que não compreende como o senhor queira que elas tenham conserto.

Falando assim, atirou com as botas para a frente de *Mister* Mell, que caminhou alguns passos para as apanhar e que as examinou com um ar triste, vindo depois ter comigo. Observei então pela primeira vez que as botas que ele trazia calçadas tinham muito uso e que havia até um sítio por onde saía a meia, como um rebento que quisesse romper a casca.

Salem-House era um edifício quadrado, construído de tijolo e a sua aparência era nua e desoladora. Tudo quanto o rodeava estava tão tranquilo, que eu disse a *Mister* Mell que provavelmente os alunos andavam a passear, mas ele pareceu surpreendido por eu não saber que se estava em férias e que todos os alunos tinham ido para casa dos pais; *Mister* Creakle, o director, estava na praia com *Mistress* e *miss* Creakle e quanto a mim, mandavam-me para o colégio durante as férias para me castigarem pelo meu mau comportamento, como me explicou enquanto íamos caminhando.

Levou-me para a sala de estudo; eu nunca tinha visto um sítio tão deplorável nem tão desolado. Ainda o tenho hoje bem presente na memória: uma sala comprida, com três grandes filas de bancos e cabides para pendurar os chapéus e as lousas; o chão estava juncado de fragmentos de cadernos velhos e temas rasgados e o mesmo se via em cima das escrivaninhas, que haviam servido para alojar bichos da seda. Dois infelizes ratitos brancos, que o dono abandonara, percorriam de alto a baixo uma fétida pequena fortaleza feita de cartão e arame e os seus olhitos vermelhos procuravam por todos os cantos qualquer coisa de comer. Um pássaro, encerrado numa gaiola pouco maior do que ele, faz de tempos a tempos um ruído monótono a saltar para o poleiro de duas polegadas de altura, ou do poleiro para o pavimento da gaiola; mas não canta nem assobia. Por todo o recinto reina um cheiro insalubre, miscelânea estranha, ao que me quis parecer, de couro podre, maçãs fechadas e livros cheios de mofo. Não podia haver mais tinta espalhada pelo soalho dessa sala do que a que lá se via. Parecia que os arquitectos se tinham esquecido de lhe pôr tecto e que durante todo o ano para ali chovera, nevara ou saraivara tinta!

*Mister* Mell deixou-me só por um instante para ir guardar no seu quarto as botas inconcertáveis; eu avancei timidamente até ao outro extremo da sala, observando tudo quanto acabo de descrever. De súbito, deparo com um letreiro em cartão, pousado sobre uma escrivaninha, e que em letras enormes dizia o seguinte: *Cautela. Ele morde.*

Trepei imediatamente para cima da escrivaninha, imaginando que debaixo

dela estivesse pelo menos um grande cão. Mas, por mais que olhasse em redor de mim, não era capaz de o descobrir. Estava ainda absorvido nessa investigação, quando voltou *Mister* Mell e me perguntou o que eu fazia ali alcandorado.

— Peço o favor de me desculpar, senhor, estava a ver aonde é que está o cão.

— O cão! — disse ele. — Que cão?

— Não é um cão, senhor?

— O quê? O que é que não é um cão?

— Esse animal de que é preciso ter cautela, senhor, porque morde.

— Não, Copperfield — disse ele gravemente —, não é um cão. É um pequenito. Tenho ordem, Copperfield, de lhe prender este letreiro atrás das costas. Incomoda-me ter de começar assim consigo, mas são ordens.

Fez-me descer e prendeu-me atrás das costas, como uma cartucheira, o dístico bem adaptado para tal fim e por toda a parte para onde eu ia tive a consolação de o levar comigo.

O que eu tive de sofrer com esse dístico ninguém o pode adivinhar. Quer fosse possível ver-me quer não, afigurava-se-me sempre que havia alguém atrás de mim a lê-lo; e não achava alívio algum quando ao voltar-me para trás não via ninguém. A crueldade do homem da perna de pau agravara mais os meus sofrimentos; era ele que era o mandatário da autoridade e todas as vezes que me via encostar a uma árvore ou a uma parede ou à casa, gritava-me do cubículo na sua voz formidável: «Ei, Copperfield! Não esconda o letreiro ou dou parte de si.» O sítio do recreio era um pátio areado, por trás do edifício, à vista de todas as dependências e eu sabia que os criados liam o letreiro, que o carniceiro o lia, que o lia o padeiro, numa palavra que todos os que entravam ou saíam liam nas minhas costas que era preciso ter cautela comigo porque eu mordia. Recordo-me que acabara positivamente por ter medo de mim como de uma espécie de criança selvagem que mordia.

Havia neste pátio de recreio uma velha porta na qual os alunos se tinham entretido a esculpir os seus nomes. Estava coberta desse género de inscrições. No meu terror de ver chegar o fim das férias que trazia todos os alunos, não podia ler um só desses nomes sem perguntar de mim para mim com que tom e com que expressão ele leria: *Cautela! Ele morde!* Havia lá um tal Steerforth que tinha gravado o nome muitas vezes e muito profundamente. «Este — dizia eu com os meus botões — vai ler isso com todas as ganas e depois arrepelar-me-á os cabelos». Havia um outro chamado Tommy Tradles; afigurava-se-me que ele se havia de divertir a aproximar-se de mim por descuido, para depois recuar fingindo ter grande medo. Quanto ao terceiro, Jorge Dample, ouvia-o cantar o meu letreiro. Enfim, no meu pavor, contemplava a tremer essa porta, até ao

ponto de me parecer ouvir todos os proprietários desses nomes (havia quarenta e cinco ao que me disse *Mister* Mell) gritar em coro que era mister enviaram-me a Coventry e repetir cada um a seu modo: «Cautela! Ele morde!»

E o mesmo com as escrivaninhas e os bancos, o mesmo com as coisas solitárias que eu examinava à noite quando estava deitado. Todas as noites eu tinha sonhos em que via ora minha mãe, tal como era dantes, ora o interior da casa de *Mister* Peggotty; ou então viajava na imperial da diligência, ou jantava com o meu desditoso amigo o criado de hotel; e por toda a parte via toda a gente a olhar para mim com ar assombrado; acabava de perceber-se que eu não tinha por vestuário senão a minha camisa de dormir e o meu letreiro.

Esta vida monótona e o pavor que me causava o fim próximo das férias, originavam-me uma aflição intolerável. Tinha todos os dias grandes exercícios a fazer para dar lição a *Mister* Mell, mas fazia-os (pois, se não estavam presentes *Mister* Murdstone e sua irmã!) e não me saía mal. Antes e depois das minhas horas de estudo passeava, sob a vigilância, como já disse, do homem da perna de pau. Recordo-me ainda, como se lá estivesse, tudo o que eu via nesses passeios, a terra húmida em volta da casa, as pedras cobertas de musgo no pátio, a velha fonte toda rachada e os troncos descorados de algumas árvores encarquilhadas que tinham o ar de ter recebido mais chuva e menos raios de sol que todas as árvores do mundo antigo e moderno. Jantávamos à uma hora, *Mister* Mell e eu, na extremidade de uma comprida sala de jantar perfeitamente nua, onde não se viam senão mesas de pinho que cheiravam a gordura; e depois púnhamo-nos a trabalhar até à hora do chá; *Mister* Mell bebia o seu chá numa chavenazinha azul e eu numa xícara de estanho. Durante todo o dia e até às sete ou oito horas da noite, *Mister* Mell instalava-se na sua escrivaninha na sala de estudo; ocupava-se sem descanso a fazer as contas do último semestre, sem largar a pena, o tinteiro, a régua e os livros. Quando tinha tudo arranjado à noite, sacava da flauta e soprava nela com tal energia que eu estava todo o momento à espera de o ver passar, até ao último sopro, pelo buraco grande do instrumento e a vê-lo fugir pelas chaves.

Parece que ainda me estou a ver, pobre pequeno que eu então era, com a cabeça metida entre as mãos, no meio da sala mal iluminada, ouvindo a dolorosa harmonia de *Mister* Mell, sempre a meditar nas minhas lições do dia seguinte; vejo-me igualmente, com os livros fechados a meu lado, prestando sempre atenção à dolorosa harmonia de *Mister* Mell e julgando ouvir através desses sons lamentosos o ruído longínquo da casa paterna e o sibilar do vento sobre as dunas de Yarmouth. Ah! Quão isolado e triste me sinto! Vejo-me subindo para me deitar nos quartos quase desertos e chorando na minha pequena cama ao recordar-me da minha querida Peggotty; vejo-me descendo a escada no dia

seguinte pela manhã e, espreitando por um vidro quebrado da fresta que a ilumina, olho para a sineta do colégio, suspensa no alto de um alpendre, com um catavento por cima e penso com receio no momento em que ela há-de chamar para a aula Steerforth e os seus camaradas; todavia, tenho ainda muito mais medo do momento fatal em que o homem da perna de pau há-de abrir a grade de gonzos ferrugentos para dar passagem ao terrível *Mister* Creakle. Não creio com tudo isso que eu seja um péssimo tipo, mas nem por isso deixo de trazer o letreiro nas costas.

*Mister* Mell não falava muito comigo, mas não me tratava mal; suponho que nos fazíamos mutuamente companhia sem falarmos. Esquecia-me de dizer que ele às vezes falava só e nessas ocasiões rangia os dentes, cerrava os punhos e arrepelava os cabelos da maneira mais singular; isso, porém, era nele já um velho hábito. A princípio causava-me medo, mas não tardei a afazer-me.

## Capítulo VI — Aumento os meus conhecimentos

Levava esta vida havia perto de um mês, quando o homem da perna de pau se pôs a lavar a casa com uma vassoura e um balde de água: conclui daí que se preparava tudo para receber *Mister* Creakle e os seus alunos. Não me enganava, porque não tardou que a vassoura invadisse a sala de estudo e nos fizesse sair de lá, a *Mister* Mell e a mim. Fomos não sei para onde e não sei como; o que sei bem é que, durante alguns dias, encontrávamos por toda a parte duas ou três mulheres, que eu mal tinha entrevisto até então e que engoli uma tal quantidade de poeira, que não fazia senão espirrar continuamente, como se Salem-House fosse uma vasta caixa de rapé.

Um dia *Mister* Mell anunciou-me que *Mister* Creakle chegaria nessa noite. Depois do chá, eu soube que ele já tinha chegado e antes de me deitar veio procurar-me o homem da perna de pau, para me levar à sua presença.

*Mister* Creakle habitava uma parte da casa muito mais confortável que a nossa; tinha um jardinzinho que era encantador comparado com o do recreio, espécie de deserto em miniatura, aonde um camelo e um dromedário se dariam perfeitamente. Achei muito ousado o atrever-me a reparar que até o corredor tinha um aspecto mais confortável, quando me dirigia todo a tremer a casa de *Mister* Creakle. Eu estava por tal forma atordoado quando entrei, que mal reparei em *Mistress* e *miss* Creakle, que se encontravam na sala. Eu só via *Mister* Creakle; esse bom e anafado senhor, que trazia um punhado de berloques na cadeia do relógio, estava sentado numa poltrona e tinha a seu lado uma garrafa e um copo.

— Ah! — disse *Mister* Creakle —, cá temos o menino a quem é preciso limar os dentes. Vire-o para lá.

O homem da perna de pau voltou-me de modo a mostrar o letreiro e depois de *Mister* Creakle o ter lido, colocou-me em frente do director do colégio e pôs-se-lhe ao lado. *Mister* Creakle tinha um aspecto feroz: os seus olhos eram sumidos e muito encovados, na testa viam-se-lhe grossas veias, o nariz era pequeno e o queixo muito largo. Era quase calvo, pois apenas tinha uns poucos de cabelos untuosos e grisalhos, que ele alisava sobre as fontes, de modo a juntarem-se no meio da testa. Mas o que nele me causou mais impressão, foi que não tinha quase voz nenhuma e que falava sempre baixinho. Não sei se era por lhe custar a falar mesmo em voz baixa, ou por o sentimento da sua enfermidade o irritar; o que é certo é que de todas as vezes que pronunciava uma palavra, o seu rosto tomava uma expressão mais má e as veias entumeciam-se-lhe e quando em tal

reflicto compreendo que fosse isso o que a princípio mais me impressionou, como o que nele havia de mais notável.

— Vamos a ver — disse *Mister* Creakle. — Que é que tem a dizer-me a respeito deste menino?

— Nada ainda — replicou o homem da perna de pau. — Não tem havido ocasião.

Pareceu-me que *Mister* Creakle ficou contrariado, assim como também me pareceu que *Mistress* Creakle e sua filha (eu acabava de olhar para elas pela primeira vez, verificando que eram magras e silenciosas, à compita uma com a outra) não ficaram, ao invés, contrariadas.

— Aproxime-se, senhor! — disse *Mister* Creakle, fazendo-me sinal com a mão.

— Aproxime-se! — disse o homem da perna de pau, repetindo o gesto de *Mister* Creakle.

— Tenho a honra de conhecer seu padrasto — murmurava *Mister* Creakle agarrando-me por uma orelha. — É um digno homem, um homem enérgico. Conhece-me e eu conheço-o. Fica-me agora conhecendo, *senhor,* hein? — disse *Mister* Creakle, beliscando-me a orelha com uma alegria feroz.

— Ainda não, senhor — disse eu a gemer.

— Ainda não? Hein? — repetiu *Mister* Creakle. — Pois há-de conhecer. Verá.

— Pois há-de conhecer, verá — repetiu o homem da perna de pau.

Descobri mais tarde que o timbre retumbante da sua voz lhe proporcionava a honra de servir de intérprete a *Mister* Creakle junto dos seus alunos.

Eu estava horrivelmente apavorado e contentei-me em dizer que esperava bem que sim. Mas enquanto falava, sentia a minha orelha numa brasa, ele puxava-a com tanta força!

— Vou dizer-lhe quem eu sou — murmurou *Mister* Creakle, largando-me por fim a orelha, mas depois de a torcer de maneira que me fez vir as lágrimas aos olhos. — Sou um Tártaro.

— Um Tártaro — repetiu o homem da perna de pau.

— Quando eu digo que hei-de fazer uma coisa, faço-a — disse *Mister* Creakle — e quando digo que se deve fazer uma coisa, quero que ela se faça.

— Que se deve fazer uma coisa, quero que ela se faça — repetiu o homem da perna de pau.

— Sou um carácter decidido — disse *Mister* Creakle. — Aqui está o que eu sou. Cumpro o meu dever, aqui está o que eu faço. Quando a minha carne e o meu sangue (e voltou-se para *Mistress* Creakle), quando a minha carne e o meu sangue se revoltam contra mim, deixam de ser a minha carne e o meu sangue; renego-os. Aquele sujeito tornou a aparecer por aqui? — perguntou ele ao

homem da perna de pau.

— Não — respondeu ele.

— Não? — disse *Mister* Creakle. — Fez bem. Conhece-me. Que se conserve longe. Digo que se conserve longe — disse *Mister* Creakle dando uma punhada na mesa e olhando para *Mistress* Creakle — porque me conhece. Devem começar todos também por me conhecer, meu amiguinho. Pode-se ir embora. Leve-o.

Eu estava contentíssimo por ele me mandar embora, porque *Mistress* Creakle e *miss* Creakle enxugavam os olhos e eu sofria tanto por elas como por mim. Mas eu tinha a dirigir-lhe uma petição para mim de tanto interesse que não pude deixar de lhe dizer, admirando a minha coragem:

— Se o senhor me dá licença...

*Mister* Creakle murmurou:

— Hein? Que quer isto dizer? — e baixou uns tais olhos sobre mim que parecia querer-me fulminar com o olhar.

— Se o senhor me dá licença — balbuciei eu —, se consentisse (estou tão penalizado pelo que fiz, senhor) que eu tirasse este letreiro antes de regressarem os alunos.

Não sei se *Mister* Creakle teve deveras vontade de saltar em cima de mim ou se teve simplesmente a intenção de me assustar, mas levantou-se apressadamente da poltrona e eu fugi como uma seta, sem esperar pelo homem da perna de pau; só parei no dormitório, onde me meti a correr na cama, ficando a tremer durante mais de duas horas.

No dia seguinte de manhã regressou *Mister* Sharp. *Mister* Sharp era o imediato de *Mister* Creakle, o superior de *Mister* Mell. *Mister* Mell jantava com os alunos, mas *Mister* Sharp jantava e ceava à mesa de *Mister* Creakle. Era um sujeito baixo, de ar delicado, com um enorme nariz; trazia a cabeça de lado, como se lhe fosse muito pesada. Tinha os cabelos compridos e ondulados, mas soube pelo primeiro aluno que regressou, que era um chino (um chino em segunda cabeça, me disse ele) e que *Mister* Sharp saía todos os sábados para o mandar frisar.

Foi Tommy Traddles quem me deu este pormenor. Foi o primeiro que chegou de férias. Apresentou-se-me informando-me que eu havia de encontrar-lhe o nome ao canto da grade à direita, em frente do ferrolho grande; eu disse-lhe «Traddles», ao que ele me respondeu: «Ele mesmo». Depois pediu-me uma porção de informações sobre a minha pessoa e a minha família.

Foi felicíssimo para mim que Traddles fosse o primeiro a regressar. O meu letreiro divertiu-o por tal forma que me poupou a atrapalhação de o mostrar ou de o dissimular, apresentando-me a todos os alunos mal eles iam chegando. Quer

fossem grandes, quer pequenos, gritava-lhes: «Venham depressa! Aqui está uma boa partida!» Felizmente também, a maior parte dos alunos regressavam tristes e abatidos, e menos dispostos a rir à minha custa do que eu receava. Havia também alguns que saltavam em volta de mim como selvagens, e dentre esses um ou outro não resistia à tentação de proceder como se eu fosse um cão perigoso; vinham fazer-me festa e afagar-me como se eu estivesse a ponto de os morder, depois diziam-me: «Abaixo!» e chamavam-me «Castor». Era naturalmente muito vexante para mim, no meio de tantos estranhos e isso custou-me bastantes lágrimas, mas no fim de contas, eu tinha receado pior.

Não me consideraram como positivamente admitido no colégio senão depois da chegada de F. Steerforth. Levaram-me à sua presença, como se fosse o meu juiz; ele tinha a reputação de muito instruído e era um lindíssimo rapaz, mais velho do que eu pelo menos seis anos. Informou-se, sob um pequeno alpendre no pátio, das minudências do meu castigo e houve por bem declarar que, na sua opinião, «era uma famosa infâmia», pelo que lhe fiquei eternamente grato.

— Quanto dinheiro traz consigo, Copperfield? — perguntou-me ele passeando comigo, depois de pronunciada a minha sentença.

Disse-lhe que trazia sete xelins.

— Faria melhor em dar-mos — disse ele. — Guardar-lhos-ei, se estiver de acordo; de outro modo, não.

Apressei-me a aquiescer a essa amigável proposta e entreguei a Steerforth todo o conteúdo da bolsa de Peggotty.

— Quer gastar alguma coisa agora? — disse Steerforth. — Que me diz?

— Não, obrigado — respondi eu.

— Mas é facílimo, se quiser — disse Steerforth. — É só falar.

— Não, senhor; obrigado — repeti.

— Talvez tivesse vontade de comprar uma garrafa de cássis, por um ou dois xelins. Bebê-la-íamos, aos poucos, lá em cima no dormitório — prosseguiu Steerforth. — Parece-me que o senhor fica no meu dormitório.

Não me tinha ocorrido a ideia, mas não deixei de dizer:

— Sim; isso convém-me completamente.

— Perfeitamente — disse Steerforth. — Aposto que ficaria encantado em comprar um xelim de biscoitos de amêndoa?

Respondi que isso também me agradava.

— E depois, um ou dois xelins de bolos e frutas? — disse Steerforth. — Não acha, menino Copperfield?

Sorri por o ver sorrir, mas não sabia bem o que havia de pensar dele.

— Bom — concluiu Steerforth —, no fim de contas isto durará o que puder ser! Pode contar comigo. Eu saio quando me apetece e passará tudo como

contrabando.

E, metendo o dinheiro no bolso, recomendou-me que me não inquietasse; ele vigiaria por que tudo corresse bem.

Foi de palavra, se é que se podia dizer que tudo corresse bem quando, no fundo do meu coração, eu sentia que corria mal, pois compreendia que estava fazendo um mau uso das duas meias coroas de minha mãe; conservei, todavia, o bocado de papel em que elas haviam sido embrulhadas: preciosa economia! Quando subimos para nos deitarmos, Steerforth mostrou-me o produto dos meus sete xelins, e, pousando tudo em cima da minha cama, à luz do luar, disse-me:

— Aqui está tudo, menino Copperfield. Vai ser um famoso regabofe!

Eu não podia pensar, dada a minha pouca idade, em fazer as honras do festim, quando estava ali Steerforth para as fazer; a minha mão treme só ao pensar nisto. Pedi-lhe que fizesse o favor de presidir e o meu pedido foi aprovado por todos os alunos do dormitório. Ele aceitou, sentou-se no meu travesseiro, fez circular as iguarias com uma perfeita equidade, devo confessá-lo e distribuiu-nos o cássis num pequeno cálice sem pé, que lhe pertencia. Quanto a mim, estava sentado à sua esquerda e os outros agrupavam-se em redor de nós, sentados em cima das camas mais próximas da minha.

Como eu me lembro bem dessa noite! Falávamos em voz baixa, ou, antes, eles é que falavam e eu ouvia-os respeitosamente; os raios da lua entravam pelo quarto a poucos intervalos e desenhavam com a sua pálida claridade uma janela sobre o soalho. Ficávamos quase todos no escuro, excepto quando Steerforth riscava um fósforo na sua caixa para ir procurar qualquer coisa em cima da mesa, luz azulada que logo desaparecia. Sinto-me de novo apoderado de um certo terror misterioso: está escuro, o nosso festim deve ser escondido, todos segredam em torno de mim e eu escuto com um receio vago e solene, feliz por me sentir no meio dos meus camaradas e muito assustado (embora tenha cara de riso) quando Traddles pretende descobrir uma alma do outro mundo a um canto.

Contou-se toda a espécie de coisas acerca do colégio e acerca dos que lá viviam. Soube que *Mister* Creakle tinha razão de se crismar propriamente de Tártaro; que era o mais duro e o mais severo dos professores; que não se passava um dia sem que castigasse por sua própria mão os alunos que erravam. Que não sabia absolutamente outra coisa senão castigar, disse Steerforth; que era mais ignorante que o pior dos seus alunos; que se tinha feito director de colégio, acrescentou ele, depois de ter falido num arrabalde de Londres como negociante de lúpulo; que se livrara de apuros graças à fortuna de *Mistress* Creakle; sem contar ainda muitas outras coisas que eu me espantava como eles as podiam saber.

Soube que o homem da perna de pau, que se chamava Tungby, era um bárbaro

implacável e que depois de ser empregado de *Mister* Creakle no negócio do lúpulo, o acompanhara na carreira do ensino, supondo-se que era por ter quebrado a perna ao serviço de *Mister* Creakle e por saber todos os seus segredos, pois assistiu a muitas operações pouco honrosas, que ele o admitira no colégio. Soube que, com a excepção única de *Mister* Creakle, Tungby considerava todo o colégio, professores e alunos, como seus inimigos naturais e que todo o seu prazer era ser resmungão e mau. Soube que *Mister* Creakle tinha um filho, que Tungby não gostava dele e que um dia, esse filho, que auxiliava o pai no colégio, tendo-se atrevido a dirigir-lhe algumas observações acerca do modo como ele tratava as crianças, talvez mesmo a protestar contra os maus-tratos de que sua mãe era vítima, *Mister* Creakle o expulsara de casa e que, desde esse dia, *Mistress* e *miss* Creakle passavam a vida mais triste que se possa imaginar.

Mas o que mais me admirou foi ouvir dizer que havia no colégio um aluno sobre o qual *Mister* Creakle nunca se atrevera a erguer a mão e que esse aluno era Steerforth. Este confirmou a asserção, dizendo que o que queria era que ele lhe tocasse com a ponta de um dedo. Um aluno pacífico (não fui eu) perguntou-lhe o que é que ele faria, se *Mister* Creakle fosse capaz de lhe bater e ele, acendendo um fósforo, como para dar mais brilho à sua resposta, disse que começaria por lhe atirar à cabeça a garrafa da tinta que estava sempre em cima do fogão. Depois do que, durante alguns minutos, ficámos na escuridão, não nos atrevendo sequer a respirar de medo.

Soube que *Mister* Sharp e *Mister* Mell ganhavam um miserável salário e que quando havia ao jantar, na mesa de *Mister* Creakle, carne quente e carne fria, estava combinado que *Mister* Sharp devia sempre servir-se da fria. Este facto foi-nos confirmado por Steerforth, o único aluno admitido às honras da mesa de *Mister* Creakle. Soube que o chino de *Mister* Sharp não lhe acertava bem na cabeça e que faria melhor se não se envaidecesse com o tal chino, porquanto se lhe viam os cabelos grisalhos a romper por baixo.

Soube que um dos alunos era filho de um carvoeiro e que seu pai o trazia no colégio para se pagar da conta do carvão, o que tinha valido ao rapaz o apelido de *Mister* Troca, alcunha que se foi buscar ao capítulo do livro de aritmética que tratava destas matérias. Quanto à cerveja, dizia-se, é um roubo feito aos pães, assim como o pudim. Supunha-se, em geral, que *miss* Creakle estava enamorada de Steerforth. *É o que há de mais provável*, dizia eu com os meus botões enquanto, sentado no escuro, pensava na voz doce, no lindo rosto, nas maneiras elegantes, nos cabelos encaracolados do meu novo amigo. Soube também que *Mister* Mell era bastante bondoso, mas que não tinha de seu seis *pence* e que com toda a certeza a velha *Mistress* Mell, sua mãe, era pobre como Jó. Isso fez-

mo lembrar o meu almoço quando me pareceu ouvir: «Meu Carlos!». Mas, graças a Deus, lembra-me também que não disse palavra a ninguém.

Toda esta conversação se prolongou um pouco de tempo depois do banquete. A maior parte dos convivas tinha ido deitar-se, mal terminara o festim e acabámos por os imitar depois de termos ficado ainda a cochichar e a ouvir enquanto nos íamos despindo.

— Tem alguma irmã? — perguntou-me Steerforth, bocejando.

— Não — respondi eu.

— É pena — disse Steerforth. — Se tivesse, julgo que devia ser uma galante menina, tímida, linda, com olhos muito brilhantes. Gostaria muito de a conhecer. Boa noite, menino Copperfield.

— Boa noite, meu senhor — respondi eu.

Só nele pensei, no aconchego da minha cama; levantei a cabeça para ainda olhar para ele; deitado à luz do luar, com o bonito rosto voltado para mim, a cabeça negligentemente encostada ao braço, era, a meus olhos, um grande personagem; não é, pois, de espantar que todo ele me ocupasse o espírito; os sombrios mistérios do seu futuro desconhecido não se lhe revelavam no rosto à luz do luar. Não havia uma única sombra ligada aos seus passos, durante o passeio que dei com ele, em sonho, pelo jardim.

## Capítulo VII — O meu primeiro semestre em Salem-House

As aulas reabriram seriamente no dia seguinte. Lembra-me com que profunda impressão eu ouvi de repente parar o ruído das vozes, substituído por um silêncio profundo quando *Mister* Creakle entrou depois de almoço. Ficou de pé, na soleira da porta, com os olhos fitos em nós, como nos contos das fadas, quando o gigante vem passar em revista os seus infelizes prisioneiros.

Tungby estava ao lado de *Mister* Creakle. Perguntei com que fim ele gritava «Silêncio!» numa voz tão feroz; estávamos todos petrificados, mudos e imóveis.

Vimos falar *Mister* Creakle e ouvimos Tungby nos termos seguintes:

— Jovens alunos, é chegado um novo semestre. Vejam bem o que vão fazer neste novo semestre. Aconselho-os a que sejam activos nos seus estudos, porque eu regresso cheio de actividade para os castigar. Não darei parte de fraco. Por mais que friccionem o sítio, não apagarão o sinal do meu castigo. E agora, todos ao trabalho!

Pronunciado este terrível exórdio, Tungby desapareceu e *Mister* Creakle aproximou-se de mim; disse-me que se eu sabia bem morder, ele também era célebre nesse género. Mostrou-me a bengala e perguntou-me o que eu pensava a respeito daquele dente. Seria um colmilho, hein? Seria um queixal, hein? Tinha bastante presa, hein? Mordia bem, hein? E, a cada pergunta, vergastava-me com uma juncada que me fazia torcer em dois; paguei, pois, logo ali, como dizia Steerforth, o meu direito de cidadão em Salem-House. Custou-me bastantes lágrimas.

De resto, faria mal se me gabasse que esses sinais de distinção especial eram reservados só para mim; estava longe de ter tal privilégio. A grande maioria dos alunos (sobretudo os mais novos) não era menos favorecida, todas as vezes que *Mister* Creakle dava uma volta pela sala da aula. A metade dos pequenos chorava e contorcia-se já, ainda antes da entrada para a aula e não me atrevo a dizer quantos outros alunos se contorciam e choravam antes do fim da aula; acusar-me-iam de exagerado.

Não creio que haja alguém no mundo que amasse mais a sua profissão do que o fazia *Mister* Creakle. O prazer que sentia em dar uma juncada nos alunos assemelhava-se ao que dá a satisfação de um apetite imperioso. Estou convencido de que era incapaz de resistir ao desejo de bater, sobretudo quando via umas bochechinhas bonitas, bem rechonchudas; era uma espécie de fascinação de que não descansava enquanto não marcasse e golpeasse o pobre pequeno para todo o dia. Nesse tempo tinha eu umas bochechas muito gordas e

sei o que me passou. Quando penso agora nessa criatura sinto que nutro contra ela uma indignação tão desinteressada como se tivesse sido testemunha de tudo isso, sem estar em poder dele; todo o meu sangue me ferve nas veias só ao pensar nesse brutal imbecil, que não era mais qualificado para a importante missão de confiança cujo depósito recebera, como para ser grande almirante, ou para comandar o exército de terra de Sua Majestade. Talvez mesmo, numa ou noutra dessas funções, tivesse feito infinitamente menos mal!

E nós, desgraçadinhas vítimas de um ídolo sem compaixão, com que servilismo nos abaixávamos diante dele! Que estreia na vida, quando em tal penso, aprender a andar de rastos pelo chão diante de um tal indivíduo!

Vejo-me ainda sentado à minha escrivaninha; espio o seu olhar, espio-o humildemente; ele está ocupado a pautar um caderno de aritmética para uma das suas vítimas; com a mesma régua com que pauta acaba de vergastar os dedos do pobre pequenito, que procura curar o ferimento envolvendo-o no lenço de assoar. Eu tenho muito que fazer. Não é por preguiça que eu espio o olhar de *Mister* Creakle, mas porque não posso deixar de o fazer; tenho um desejo invencível de saber o que ele vai fazer daqui a nada, se chegará a minha vez, ou a de outro qualquer, de ser martirizado. Uma fila de pequenos que estão ao pé de mim, também espiam o seu olhar, no mesmo sentimento de angústia. Sinto que ele bem vê, conquanto finja não dar por isso. Faz espantosas carantonhas enquanto pauta o caderno, depois atira-nos um olhar de esguelha e nós inclinámo-nos todos a tremer sobre os nossos livros. Um momento depois os nossos olhos estão de novo fixados nele. Um mísero criminoso que não fez bem o seu tema, adianta-se intimado por *Mister* Creakle. Balbucia desculpas e promete fazê-lo melhor no dia seguinte. *Mister* Creakle graceja com ele antes de lhe bater e nós rimos, pobres perdigueiritos que somos; rimos, pálidos como a morte e com o corpo todo encolhido até abaixo dos calcanhares.

Cá estou de novo à minha escrivaninha, por um sufocante dia de Verão. Ouço mesmo em volta de mim um zumbido confuso, como se os meus camaradas fossem outros tantos moscardos. Tenho ainda no estômago o gordo do cozido momo que tivemos ao jantar há uma ou duas horas. Sinto a cabeça pesada como chumbo: daria tudo o que há no mundo para dormir. Tenho o olhar em *Mister* Creakle, procuro ter os olhos bem abertos; quando o sono vai para me dominar, vejo-o através de uma névoa, pautando eternamente o seu caderno; depois, de repente, vem por trás de mim e dá-me um sentimento mais real da sua presença assestando-me uma boa juncada pelas costas.

Agora estou no pátio, sempre fascinado por ele, se bem que não o possa ver. Sei que está ocupado a jantar num aposento cuja janela estou vendo; é essa janela que eu examino. Se ele passa por diante dela, o meu rosto toma logo uma

expressão de resignação submissa. Se mete a cabeça pela janela, o aluno mais audacioso (excepto Steerforth) pára no meio do grito mais agudo, para tomar o ar de um santinho. Um dia, Traddles (nunca vi rapaz mais desastrado) quebrou por desgraça um vidro da janela com a sua péla. A estas horas, eu ainda estremeço ao pensar nesse momento fatal; a péla devia ter ricocheteado até à cabeça sagrada de *Mister* Creakle.

Pobre Traddles! Com a sua blusa e as calças azuis celestes muito estreitas já, que lhe davam aos braços e às pernas o ar de salsichões bem apertados com barbante, era, certamente, o mais alegre, mas também o mais infeliz de todos nós. Regularmente, era vergastado todos os dias; creio bem que durante todo esse semestre, não deixou de apanhar uma única vez, excepto numa segunda-feira, dia de sueto, em que só levou algumas pancadas com a régua nos dedos. Todos os dias nos participava que ia escrever ao tio a queixar-se e nunca o fazia. Depois de um momento de reflexão, com a cabeça deitada na escrivaninha, levantava-se, largava a rir e começava a desenhar esqueletos por toda a louça, até lhe secarem completamente os olhos. Muitas vezes perguntei eu de mim para mim que consolação podia encontrar Traddles a desenhar esqueletos; tomava-o à primeira vista por uma espécie de eremita, que procurava recordar-se, por meio desses símbolos da brevidade da vida, que o exercício do junco só teria um tempo. Mas na realidade creio que ele adoptara este género de assuntos, porque era mais fácil e por não ter feições a reproduzir nas linhas.

Traddles era um rapaz dedicado; considerava como um dever sagrado para todos os alunos defenderem-se uns aos outros. Diversas vezes foi vítima da sua dedicação. Um dia, sobretudo, em que Steerforth se riu durante o ofício divino, o maceiro julgou que tinha sido Traddles e mandou-o sair. Parece que estou a vê-lo sair da igreja seguido dos olhares de toda a congregação. Não quis nunca dizer quem fora o verdadeiro culpado e todavia no dia seguinte foi cruelmente castigado e passou tantas horas na prisão que saiu de lá com um pleno cemitério de esqueletos acumulados em todas as páginas do seu dicionário de latim. Mas também foi bem recompensado. Steerforth disse que Traddles não era nenhum maricas e que louvor não era esse a nossos olhos! Pela minha parte suportaria bastantes coisas para obter uma tal compensação (e todavia eu era bem mais criança que Traddles e muito menos corajoso).

Uma das grandes felicidades da minha vida era ver Steerforth, ao ir para a igreja, dar o braço a *miss* Creakle. Eu não achava *miss* Creakle tão bonita como a Emilita; achava-a simplesmente sedutora e de uma distinção sem igual. Quando Steerforth, de calça branca, levava a sombrinha de *miss* Creakle, eu ufanava-me em o conhecer e parecia-me que ela não podia deixar de o adorar de todo o seu coração. *Mister* Sharp e *Mister* Mell eram certamente, a meus olhos, grandes

personagens, mas Steerforth eclipsava-os como o sol eclipsa as estrelas.

Steerforth continuava a proteger-me e a sua amizade era-me das mais úteis, porque ninguém se atrevia a atacar aqueles a quem ele se dignava honrar com a sua benevolência. Ele não podia defender-me para com *Mister* Creakle, que era comigo severíssimo; nem mesmo o tentava; mas quando eu sofria ainda mais que de costume, ele dizia-me que eu não tinha génio, que se fosse com ele, jamais suportaria um tal tratamento; isso enchia-me de alguma coragem e dava-me satisfação. A severidade de *Mister* Creakle teve para mim uma vantagem: o meu letreiro incomodava-o quando ele passava por trás do banco e quando me queria dar, ao circular, uma juncada, em consequência do que mandou-me tirar o letreiro e nunca mais o vi.

Uma circunstância fortuita veio ainda aumentar a minha intimidade com Steerforth e isso de uma maneira que me causa muito orgulho e satisfação. Um dia que ele me dava a honra de conversar comigo durante o recreio, arrisquei-me a observar-lhe que alguém ou alguma coisa (esqueci as minudências) se parecia com alguém ou alguma coisa na história de Peregrine Pickle. Steerforth não respondeu; mas à noite, quando eu me despia, perguntou-me se eu tinha essa obra.

Disse-lhe que não e contei-lhe como foi que a li, da mesma forma que todos os outros livros de que falei no começo desta narrativa.

— E lembra-se deles? — disse Steerforth.

— Se lembro — respondi eu. — Tenho muita memória e parece-me que me lembro deles maravilhosamente.

— Ouça, Copperfield — disse Steerforth —, há-de mos contar. Não posso adormecer senão tarde e geralmente desperto muito cedo; contar-se-ão uns atrás dos outros. Justamente como nas *Mil e Uma Noites.*

Esta combinação lisonjeou singularmente a minha vaidade e nessa mesma noite começámos a pô-la em prática. Não poderei dizer e não tenho nenhum desejo de o saber, como é que interpretei as obras dos meus autores favoritos; mas tinha neles uma fé profunda e contava, tanto quanto posso imaginar, com simplicidade e com gravidade o que tinha a contar: estas qualidades supriam bem outras coisas.

Havia, no entanto, um reverso da medalha; muitíssimas vezes à noite eu estava a cair com sono, ou então estava aborrecido e pouco disposto a prosseguir a minha narrativa e então era bem penoso; mas era, todavia, preciso fazê-lo, porque não admitia dúvida que contrariar Steerforth era correr o risco de lhe desagradar. De manhã também, quando me sentia fatigado e tinha grande vontade de dormir mais uma hora, achava muito pouco divertido ser despertado em sobressalto, como a sultana Xerazade e constrangido a contar uma comprida

história antes da sineta começar a tocar; mas Steerforth não fraquejava; e, como em compensação, explicava-me os problemas e traduções e desde que me ajudava a fazer o que tanto me custava, eu não perdia com a troca. Seja-me permitido, todavia, fazer justiça a mim próprio. Não era nem o interesse pessoal, nem o egoísmo, nem o receio que me faziam proceder assim: eu estimava-o e admirava-o, a sua aprovação indemnizava-me de tudo. Ligava-lhe tal valor, que sinto hoje o coração opresso ao lembrarem-me estas criancices.

Steerforth não deixava de ter prudência e uma vez entre outras, demonstrou-a com uma persistência que fez com que, creio bem, crescesse a água na boca ao pobre Traddles e aos outros meus camaradas. A carta que Peggotty me anunciara e que carta! Chegou-me às mãos ao cabo de algumas semanas e vinha acompanhada dum queque escondido no meio de uma provisão de laranjas e duas garrafas de vinho brando. Apressei-me, como de justiça, a depor esses tesouros aos pés de Steerforth, pedindo-lhe que se encarregasse da distribuição.

— Ouça cá, Copperfield — disse ele —, o vinho vamos nós guardá-lo para lhe humedecer a garganta quando me contar as histórias.

Corei a tal ideia e na minha modéstia, conjurei-o a que não pensasse nisso. Mas ele disse-me ter notado que eu estava às vezes um pouco rouco, ou, como dizia, que tinha gatos na garganta e que o meu licor seria empregado até à última gota em refrescar-me os gorgomilos. Para tal fim meteu-o num baú que lhe pertencia; deitou uma porção para um frasco e de tempos a tempos, quando julgava que eu tinha necessidade de me restaurar, ministrava-me algumas gotas por meio de um canudinho de pena de pato. Às vezes, com o intuito de tornar o remédio ainda mais eficaz, tinha a bondade de lhe acrescentar um pouco de sumo de laranja ou de gengibre, ou de derreter dentro um pouco de moscada; não posso dizer que o sabor fosse mais agradável nem que essa bebida fosse precisamente estomacal para tomar à noite ao deitar da cama, ou de manhã ao despertar, mas o que posso dizer é que eu engolia-a com o mais vivo reconhecimento pelos cuidados com que me cumulava Steerforth.

Peregrine levou-nos, ao que me parece, meses a contar; os outros contos mais tempo ainda. Se os colegiais se aborreciam não era sempre por falta de histórias e o licor durou quase tanto tempo como as minhas narrativas. O pobre Traddles (não posso nunca pensar nele sem sentir ao mesmo tempo um singular desejo de rir e de chorar), desempenhava o papel dos coros nas tragédias antigas; ora afectava escangalhar-se com riso nas passagens cómicas, ora quando chegava algum medonho acontecimento, parecia tomado de um mortal pavor. Isso perturbava-me até às vezes no meio das minhas narrações. Lembra-me que uma das suas brincadeiras favoritas era fingir que não podia deixar de bater os dentes quando eu falava de um aguazil e quando contava as aventuras de Gil-Brás; e no

dia em que Gil-Brás encontrou nas ruas de Madrid o capitão de ladrões, esse desgraçado Traddles soltou tais gritos de terror que *Mister* Creakle ouviu-o, quando passeava pelo nosso corredor e vergastou-o a valer para o ensinar a portar-se melhor no dormitório.

Nada era mais próprio para desenvolver em mim uma imaginação naturalmente sonhadora e romanesca, do que estas histórias contadas numa profunda escuridão e sob este ponto de vista desconfio que esse hábito me tenha sido muito salutar. Mas, vendo-me cercado de atenções no nosso dormitório como um brinquedo recreativo e pensando na fama que me dera e no relevo que me dava o meu talento de narrador entre os meus camaradas, posto que eu fosse o mais novo de todos, o sentimento da minha importância estimulava-me infinitamente.

Num colégio onde reina uma crueldade bárbara, qualquer que seja o mérito do seu director, não há perigo de se aprender grande coisa. Em geral, os alunos de Salem-House não sabiam absolutamente nada; eram muito atormentados e muito castigados para poderem aprender qualquer coisa; pode-se porventura fazer alguma coisa no meio de uma vida perpetuamente agitada e desgraçada? Mas a minha pequena vaidade, acoroçoada pelos conselhos de Steerforth, impelia-me a instruir-me e se não me poupava grande coisa no tocante a castigo, pelo menos fazia-me sair um pouco da preguiça universal e eu acabava por apanhar no ar, aqui e ali, alguns sobejos de instrução.

Nisso era animado por *Mister* Mell, que tinha por mim uma afeição de que me lembro com reconhecimento. Incomodava-me ver que Steerforth o tratava com um desdém sistemático e que nunca perdia uma ocasião de melindrar os seus sentimentos, ou de impulsar os outros a fazê-lo. Isso era-me tanto mais penoso, quanto era certo que eu tinha confiado a Steerforth que *Mister* Mell me tinha levado a ver as duas velhotas; fora-me impossível ocultar-lhe um tal segredo como não partilhar com ele um pastelão ou qualquer outra gulodice; mas estava sempre com medo que Steerforth se servisse dessa revelação para atormentar *Mister* Mell.

Pobre *Mister* Mell! Nunca nos passara pela lembrança, nem a um nem a outro, no dia em que eu fui almoçar a essa casa e dormi uma soneca à sombra das penas de pavão, embalado pelo som da flauta, o mal que causaria mais tarde essa visita insignificante ao asilo de sua mãe. Mas hão-de ver-se adiante os resultados imprevistos; e, no género, não lhes faltou gravidade.

Um dia, *Mister* Creakle não saiu do quarto por estar indisposto; foi grande a nossa alegria e a aula da manhã singularmente agitada. No meio da nossa satisfação, éramos difíceis de conter e foi o mesmo que coisa nenhuma que o terrível Tungby aparecesse duas ou três vezes, de nada valeu que tomasse nota

dos principais culpados, ninguém se importou; estava-se bem certo de se ser castigado no dia seguinte, fizesse-se o que se fizesse e mais valia divertir-se a gente enquanto esperava.

Era um dia de meio sueto, um sábado. Mas como incomodaríamos *Mister* Creakle se brincássemos no pátio e como não fazia bom tempo para irmos de passeio, deixaram-nos ficar na aula, de tarde; deram-nos somente temas mais pequenos que de costume. Era o sábado em que *Mister* Sharp ia frisar o chino. *Mister* Mell tinha então o privilégio de ficar encarregado dos serviços escolares e era ele, portanto, quem nos mandava trabalhar nesse dia.

Se me fosse possível comparar uma criatura tão pacífica como *Mister* Mell a um urso ou a um touro, diria que nesse dia, no meio da algazarra inexprimível da aula, parecia-se com um desses quadrúpedes assaltado por um milhar de cães. Vejo-o ainda, agarrando com as mãos descarnadas a cabeça meio torturada, esforçando-se baldadamente em prosseguir no seu árduo labor, no meio de um alarido que tornaria doido até o presidente da Câmara dos Comuns. Uma parte dos alunos jogava a cabra cega a um canto; havia outros que cantavam, que falavam, que dançavam, que berravam: uns davam corridas, outros saltavam à roda em torno dele; faziam-lhe carantonhas; faziam-lhe chacota por diante e por trás; parodiavam a sua pobreza, as suas botas, o seu casaco, a sua mãe, toda a sua pessoa enfim, mesmo o que nele mais se deveria respeitar.

— Silêncio! — exclamou *Mister* Mell levantando-se de repente e batendo na escrivaninha com o livro que tinha na mão. — Que quer isto dizer? Isto não pode tolerar-se. É de ficar a gente doida! Porque é que assim procedem comigo, meus senhores?

Era o meu livro que nesse momento ele tinha na mão; eu estava de pé ao seu lado; quando espraiei os olhos em volta da sala, vi todos os alunos pararem subitamente, uns um tanto assustados, os outros talvez arrependidos.

O lugar de Steerforth era ao fim da comprida sala. Estava ele encostado à parede, com um ar indiferente e de mãos nos bolsos; todas as vezes que *Mister* Mell olhava para ele, fazia menção de assobiar.

— Silêncio, senhor Steerforth! — disse *Mister* Mell.

— Silêncio, senhor Mell! — disse Steerforth ficando muito vermelho. — Com quem é que está a falar?

— Sente-se — disse *Mister* Mell.

— Sente-se o senhor — disse Steerforth — e meta-se aonde for chamado.

Alguns alunos cochichavam, houve mesmo alguns aplausos; mas *Mister* Mell estava de uma tal palidez que o silêncio restabeleceu-se imediatamente e um aluno que tinha corrido para trás da cadeira do nosso prefeito, com o fim de imitar a mãe dele, mudou de ideia e fingiu que lhe ia pedir que lhe aparasse a

pena.

— Se pensa, Steerforth — disse *Mister* Mell —, que ignoro a influência que exerce sobre todos os seus camaradas — e neste ponto pousou a mão na minha cabeça (provavelmente sem saber o que fazia) — ou que não o vi, há pouco, excitar os alunos a insultar-me de todas as formas imagináveis, engana-se...

— Nem sequer me dou ao incómodo de pensar no senhor — disse friamente Steerforth. — Assim, bem vê que não corro o risco de me enganar a seu respeito.

— É quando abusa da sua posição de favorito, senhor — continuou *Mister* Mell, os lábios trémulos de emoção —, para insultar um *gentleman.*

— Um quê? Que foi que ele disse? — gritou Steerforth.

Neste ponto, alguém (era Traddles) exclamou:

— Apre, Steerforth! Isso não está bem!

Mas *Mister* Mell ordenou-lhe imediatamente que se calasse.

— Insultando alguém que não é feliz neste mundo, senhor e que nunca lhe fez o menor mal; alguém cuja situação o senhor não está nem em idade nem em condição de poder apreciar, comete uma baixeza e uma cobardia. Agora, senhor, pode sentar-se ou ficar de pé, como lhe convier. Continue, Copperfield.

— Copperfield — disse Steerforth avançando para o meio da sala —, espere um instante. Senhor Mell, de uma vez por todas entenda-me bem. Quando tem a audácia de me chamar cobarde ou de me dar outro qualquer nome desse género, o senhor não passa de um impudente mendigo. O senhor é sempre um mendigo em todo o tempo, sabe-o perfeitamente, mas neste caso de agora é um impudente mendigo.

Eu não sei o que se preparava. Steerforth ia talvez atirar-se a *Mister* Mell, ou talvez *Mister* Mell ia principiar a bater. Mas num segundo todos os alunos pareceram transformados em blocos de pedra; *Mister* Creakle estava no meio de nós, Tungby de pé ao lado dele; *Mistress* Creakle e sua filha espreitavam à porta, com ar apavorado. *Mister* Mell fincou os cotovelos na escrivaninha e escondeu a cabeça entre as mãos, sem pronunciar uma palavra.

— Senhor Mell — disse *Mister* Creakle, sacudindo-lhe o braço; e a sua voz geralmente tão fraca era bastante forte para que Tungby julgasse inútil repetir as suas palavras —, o senhor não se esqueceu, espero bem?

— Não, senhor, não — respondeu o prefeito levantando a cabeça e esfregando as mãos com uma espécie de agitação convulsa. — Não, senhor, não. Lembrei-me... eu... Não, senhor Creakle... não me esqueci... eu... eu lembrei-me, senhor... eu... apenas desejaria que o senhor se tivesse também lembrado um pouco mais cedo de mim. Teria sido mais generoso, senhor; mais justo, senhor. Isso ter-me-ia poupado qualquer coisa, senhor...

*Mister* Creakle, sempre com os olhos fitos em *Mister* Mell, apoiou-se no

ombro de Tungby e, subindo ao estrado, sentou-se diante da sua escrivaninha. Depois de ter, do alto desse trono, contemplado alguns instantes ainda *Mister* Mell, que continuava a menear a cabeça e a esfregar as mãos, no meio da sua agitação, *Mister* Creakle voltou-se para Steerforth e disse-lhe:

— Já que ele não se digna explicar-se, pode o senhor dizer-me o que tudo isto significa?

Steerforth sofismou um momento a questão; calava-se e olhava para o seu antagonista com ar de cólera e de desdém. Lembro-me que, nesse momento, eu não pude deixar de admirar a nobreza do seu gesto e de o comparar a *Mister* Mell, que tinha um ar bem vulgar e bem ordinário.

— Muito bem! Então — disse Steerforth — o que é que ele quis dizer quando falou em favorito?

— Em favorito? — repetiu *Mister* Creakle e as veias da testa entumeceram-se-lhe de cólera. — Quem falou em favorito?

— Foi ele — disse Steerforth.

— E que entende o senhor por isso, diga? — perguntou *Mister* Creakle, voltando-se com ar irritado para *Mister* Mell.

— Eu entendo, senhor Creakle — respondeu ele em voz baixa —, o que disse e foi que nenhum dos seus alunos tinha o direito de se aproveitar da sua posição de favorito para me aviltar.

— Para *o* aviltar? — disse *Mister* Creakle. — Deus do céu! Mas permita que lhe pergunte, senhor não sei quê (e neste ponto *Mister* Creakle, cruzando os braços e com a bengala sobre o peito, encrespou por tal forma as sobrancelhas que os seus olhinhos quase que desapareceram de todo), permita que lhe pergunte se, atrevendo-se a pronunciar o nome de favorito, o senhor mostrou ter para comigo o respeito que me deve! Que me deve, senhor — disse *Mister* Creakle avançando de súbito a cabeça e retirando-a logo —, a mim, que sou o chefe deste estabelecimento, de que o senhor é apenas um empregado.

— Era pouco judicioso da minha parte, senhor, estou pronto a reconhecê-lo — disse *Mister* Mell — e não o faria se a isso não fosse coagido.

Neste ponto interveio Steerforth:

— Ele disse que eu era cobarde e baixo e eu respondi-lhe que ele era um mendigo. Talvez não lhe tivesse chamado mendigo, se não estivesse encolerizado; mas chamei-lhe e estou pronto a sofrer-lhe as consequências.

Senti-me glorioso com essas nobres palavras, sem provavelmente perceber que Steerforth não tinha grande coisa que recear. Todos os alunos tiveram a mesma impressão que eu, porque houve um murmúrio de aprovação, conquanto ninguém dissesse palavra.

— Estou surpreendido, Steerforth, se bem que o honre a sua franqueza —

disse *Mister* Creakle. — Por certo que o honra; mas, no entanto, devo dizer-lhe, Steerforth, que estou surpreendido que tivesse pronunciado semelhante epíteto, falando de uma pessoa empregada e assalariada em Salem-House!

Steerforth fez ouvir um risinho.

— Isso não é resposta, senhor — disse *Mister* Creakle —, espero de si alguma coisa mais, Steerforth.

Se um momento antes *Mister* Mell me parecera vulgar ao pé da nobre figura do meu amigo, não poderia dizer quanto *Mister* Creakle me parecia mais vulgar ainda...

— Que o negue! — disse Steerforth.

— Como! Que negue ser um mendigo? Steerforth? — exclamou *Mister* Creakle. — Então ele mendiga pelos caminhos?

— Se ele não mendiga, então é a sua mais próxima parenta — disse Steerforth —, não vem a ser o mesmo?

Lançou os olhos sobre mim e eu senti a mão de *Mister* Mell pousar-se docemente sobre o meu ombro. Olhei para ele, com o coração transbordando de pesar e remorso, mas os olhos de *Mister* Mell estavam fixos em Steerforth. Ele continuava a acariciar-me afectuosamente o ombro, mas era para Steerforth que olhava.

— Pois já que me ordena que me justifique, *Mister* Creakle — disse Steerforth —, e de me explicar mais claramente, tenho uma única coisa a dizer-lhe: a mãe dele vive por caridade num asilo de indigentes.

*Mister* Mell olhava sempre para ele, a sua mão continuava pousada no meu ombro; murmurou em voz baixa, segundo me pareceu ouvir:

— Era o mesmo que eu pensava.

*Mister* Creakle voltou-se para o prefeito, as sobrancelhas carregadas e com um ar de polidez constrangida:

— Senhor Mell, acaba de ouvir o que acaba de dizer *Mister* Steerforth. Peço-lhe o favor de rectificar a sua asserção diante dos meus alunos reunidos.

— Ele tem razão, senhor: nada tenho a rectificar — respondeu *Mister* Mell no meio do mais profundo silêncio. — O que ele disse é verdade.

— Peço-lhe o favor de declarar então publicamente — disse *Mister* Creakle circunvagando os olhos em volta da aula — se até este momento eu fui jamais sabedor de tal facto.

— Creio que não o sabia positivamente — respondeu *Mister* Mell.

— Como! O senhor não acredita? — disse *Mister* Creakle. — Que quer dizer, desgraçado?

— Suponho que nunca acreditou que eu tivesse uma brilhante posição de fortuna — replicou o nosso prefeito. — O senhor bem sabe o que é e o que foi

sempre a minha situação nesta casa.

— Conjecturo — disse *Mister* Creakle e as veias da testa tornaram-se-lhe formidáveis — que o senhor não estava aqui efectivamente numa falsa posição e que não tinha tomado a minha casa por uma escola de caridade. Senhor Mell, só nos resta separar-nos e quanto mais depressa, melhor.

— Nesse caso, será já — disse *Mister* Mell levantando-se.

— Senhor! — disse *Mister* Creakle.

— Digo-lhe adeus, senhor Creakle e a todos os senhores — disse *Mister* Mell dirigindo olhares em volta da sala e afagando-me de novo o ombro docemente. — Jaime Steerforth, tudo quanto posso desejar-lhe de melhor é que um dia venha a arrepender-se do que hoje me fez. Por agora, pesar-me-ia de o ter por amigo ou que o fosse de alguém por quem me interessasse.

Passou-me docemente a mão pelo braço, pegou de cima da escrivaninha de alguns livros e da sua flauta, meteu a chave na escrivaninha para uso do seu sucessor e depois saiu da sala com essa ligeira bagagem debaixo do braço. *Mister* Creakle fez então uma alocução por intermédio de Tungby; agradeceu a Steerforth de ter defendido (conquanto um pouco calorosamente, talvez) a independência e a boa fama de Salem-House, depois acabou por dar-lhe um aperto de mão, enquanto nós soltávamos três hurras, eu não sabia muito bem porquê, mas supus que era em honra de Steerforth e aderi com toda a minha alma, se bem que tivesse o coração oprimidíssimo. *Mister* Creakle deu algumas juncadas em Traddles, porque o surpreendeu a chorar, em vez de aplaudir a saída de *Mister* Mell; depois regressou ao seu canapé, à sua cama ou a não importa o quê.

Encontrámo-nos sozinhos e não sabíamos muito que dizer. Pela minha parte eu estava por tal forma desolado e arrependido do papel que tinha desempenhado no assunto que não teria podido conter as lágrimas, se não receasse que Steerforth, que estava quase sempre a olhar para mim, ficasse descontente, ou antes que me encontrasse pouco respeitoso para com ele, tão grande era minha deferência pela sua idade e pela sua superioridade! De facto, encolerizara-se muito contra Traddles e comprazia-se em dizer que se regozijava por ele ter sido castigado a valer.

O pobre Traddles tinha já passado o seu período de desespero em cima da escrivaninha e consolava-se como de ordinário desenhando um exército de esqueletos; ele respondia que era o mesmo, mas que não era menos verdade que se tinha procedido muito mal com *Mister* Mell.

— E então quem foi que procedeu mal com ele, menina? — disse Steerforth.

— Foi o senhor — respondeu Traddles.

— E então que fiz eu? — disse Steerforth.

— Ora essa, o que é que fez? — prosseguiu Traddles. — Magoou-o profundamente e fez-lhe perder o lugar.

— Magoei-o! — replicou desdenhosamente Steerforth. — Ele se consolará nestes dias mais chegados. Não tem o coração tão sensível como a menina Traddles. Quanto ao seu lugar, que era famoso, pois não era! Pensa que não vou escrever a minha mãe para lhe mandar dinheiro?

Todos nós admirámos a nobreza dos sentimentos de Steerforth: sua mãe era viúva e rica e dizia-se que fazia tudo quanto ele lhe pedisse. Ficámos muito encantados de ver assim Traddles colocado no seu lugar e a magnanimidade de Steerforth foi elevada até às nuvens, sobretudo quando nos informou, como se dignou fazê-lo, de que não tinha procedido senão no nosso interesse e para nos prestar um serviço, mas que não tinha tido o menor pensamento de egoísmo.

Mas sou forçado a confessar que nessa noite, enquanto contava uma das minhas histórias, parecia-me ouvir retinir tristemente ao meu ouvido o som da flauta de *Mister* Mell e quando Steerforth adormeceu enfim, senti-me completamente desgraçado ao pensar no nosso prefeito que, talvez, nesse momento, fizesse dolorosamente vibrar o seu instrumento melancólico.

Bem depressa o esqueci para contemplar unicamente Steerforth que trabalhava sozinho, como amador, sem a ajuda de nenhum livro (sabia-os todos de cor, dizia-me) até que se encontrasse um novo prefeito. Esse importante personagem veio-nos de uma escola secundária e antes de entrar em funções, jantou um dia em casa de *Mister* Creakle, para ser apresentado a Steerforth. Steerforth houve por bem dar-lhe a sua aprovação e disse-nos depois que ele tinha *chic*. Sem saber exactamente que grau de ciência ou de merecimento este termo implicava, respeitei infinitamente o nosso novo prefeito, sem me permitir a menor dúvida acerca do seu saber eminente; e, todavia, ele nunca teve pela minha insignificante pessoa a quarta parte do trabalho que tivera *Mister* Mell.

Houve, durante este segundo semestre da minha vida escolar, um outro acontecimento, que me causou uma impressão que ainda dura e isso por bastantes razões.

Uma tarde que estávamos todos num terrível estado de agitação e *Mister* Creakle no seu mau humor batendo para a direita e para a esquerda, entrou Tungby e gritou na sua mais grossa voz:

— Visitantes para Copperfield!

Trocou algumas palavras com *Mister* Creakle, perguntou-lhe em que sala devia mandar entrar os recém-vindos; disse-me que subisse pela escada de trás para pôr um colarinho lavado; e em seguida que fosse ao refeitório. Eu estava de pé, segundo o costume, durante este colóquio, quase a sentir-me incomodado, tal a minha surpresa. Obedeci, num estado de emoção difícil de descrever; e antes

de entrar no refeitório, ao pensar que talvez fosse minha mãe, retirei a mão que já ia a levantar o fecho e chorei abundantemente. Até ali não tinha pensado senão na possibilidade de ver aparecer *Mister* ou *miss* Murdstone.

Entrei enfim; a princípio não vi ninguém, mas senti que alguém estava atrás da porta e aí, com grande espanto, descobri *Mister* Peggotty e Cham, que com os chapéus me cumprimentavam com a maior polidez. Não pude deixar de rir, mas era mais pelo prazer que tinha de vê-los, do que pelas caras cómicas que faziam com os seus mergulhos e reverências. Trocámos os mais cordiais apertos de mão e eu ria tanto e tão alto, que por fim vi-me obrigado a puxar do lenço para enxugar as lágrimas.

*Mister* Peggotty, de boca aberta durante todo o tempo da sua visita, pareceu-me muito emocionado quando me viu chorar e fez sinal a Cham para me dizer qualquer coisa.

— Vamos, muita coragem, Sr. Davy! — disse Cham na sua mais afectuosa voz. — Mas como está crescidote!

— Estou crescido? — perguntei eu enxugando de novo os olhos. Eu não sei porque é que chorava, não podia ser senão de alegria por tornar a ver os meus antigos amigos.

— Crescido, senhor Davy? Creio bem que cresceu! — disse Cham.

— Creio bem que cresceu! — repetiu *Mister* Peggotty.

E largaram a rir com tanta vontade que eu pelo meu lado comecei também a rir e todos três rimos, palavra, tanto tempo, que eu estava a ver quando começava outra vez a chorar.

— Sabe como está a mamã, senhor Peggotty? — disse-lhe eu. — E como está a minha querida, a minha velha Peggotty?

— Admiravelmente — disse *Mister* Peggotty.

— E a Emilita e *Mistress* Gummidge?

— Ad... miravelmente — disse *Mister* Peggotty.

Houve um momento de silêncio. Para o quebrar, *Mister* Peggotty tirou do bolso duas enormes lagostas, um imenso caranguejo e um grande saco de camarões, amontoando tudo nos braços de Cham.

— Tomámos esta liberdade — disse *Mister* Peggotty — por saber que o senhor gostava muito do nosso marisco quando foi passar uns dias connosco. Foi a velha tia quem os cozeu, sabe, foi *Mistress* Gummidge quem os cozeu. Sim — disse lentamente *Mister* Peggotty agarrando-se ao seu assunto como se não tivesse outro —, foi *Mistress* Gummidge quem os cozeu, asseguro-lhe.

Exprimi-lhes todos os mais agradecimentos; e *Mister* Peggotty depois de ter lançado os olhos para Cham que olhava para os crustáceos com ar atrapalhado, sem fazer o menor esforço para o ajudar, acrescentou:

— Viemos, veja lá, com a ajuda do vento e da maré, numa das nossas jangadas, de Yarmouth a Gravesend. Minha irmã tinha-me mandado o nome desta terra e tinha-me dito para que viesse ver *Mister* Davy se alguma vez eu mareasse para os lados de Gravesend; que lhe viesse apresentar os seus respeitos e que lhe dissesse que toda a família passava admiravelmente bem. E, veja lá, a Emilita vai escrever a minha irmã, quando chegarmos a casa, a dizer que o vi ao senhor e que o senhor também passava admiravelmente bem: quer dizer, todo o mundo estará contente, será um vaivém de boas notícias.

Precisei de alguns momentos de reflexão para compreender o que significava a metáfora empregada por *Mister* Peggotty para figurar as notícias respectivas que ele se encarregava de fazer circular. Agradeci-lhe de novo e perguntei-lhe, não sem corar, o que era feito da Emilita, desde o tempo em que apanhávamos seixinhos e alcofinhas na praia.

— Está quase uma moça feita, eis o que é feito dela — disse *Mister* Peggotty. — Pergunte-lho!

E apontava para Cham que fazia um sinal de alegre afirmação, contemplando sempre o saco dos camarões.

— Que linda cara! — disse *Mister* Peggotty, e os seus olhos irradiavam de prazer.

— É tão ajuizada! — disse Cham.

— E escreve tão bem! — disse *Mister* Peggotty. — É negro como tinta e tão grande que se poderia ver de dez léguas em redor.

Com que entusiasmo *Mister* Peggotty falava da sua pequena favorita! Ele está na minha frente; o seu rosto expande-se com uma expressão de amor e de orgulho satisfeito, que eu não saberia descrever; os seus olhos leais brilham e animam-se como se lançassem faúlhas. O seu largo peito arqueja de prazer; as suas grandes mãos apertam-se uma à outra na sua emoção e gesticula com um braço tão vigoroso, que com os meus olhos de pigmeu creio ver o martelo de uma forja.

Cham estava também completamente emocionado como ele. Creio que por mais tempo me teriam falado da Emilita, se não houvessem sido intimidados pela entrada inesperada de Steerforth, que vendo-me conversar a um canto com dois desconhecidos, cessou logo de cantar e disse-me: «Não sabia que estava aqui, Copperfield» (porque o locutório das visitas não era ali) e andou depois o seu caminho.

Não sei se foi porque me envaidecia de mostrar que tinha um amigo como Steerforth ou se queria explicar-lhe como sucedia ter eu um amigo como *Mister* Peggotty, mas chamei-o e disse-lhe modestamente (Deus do céu! Como todas estas recordações são ainda presentes ao meu espírito):

— Peço-lhe, Steerforth, que não se retire. São dois marinheiros de Yarmouth, excelentes pessoas, parentes da minha antiga criada; vieram de Gravesend para me ver.

— Ah! Ah! — disse Steerforth voltando atrás. — Estou encantado por vê-los. Como estão?

Tinha um desembaraço em todas as suas maneiras, uma graça fácil e natural que parecia de uma sedução irresistível. No seu gesto, na sua alegria, na sua voz tão doce, na sua nobre figura havia não sei que atractivo misterioso ao qual se cedia sem querer. Vi logo que os enfeitiçara a um e a outro e que estavam completamente dispostos a abrir-lhe os corações.

— Quando mandarem a carta a Peggotty — disse eu a essa boa gente — informem-na, peço-lhes, de que *Mister* Steerforth é muito bom para mim e que não sei o que de mim seria se ele me faltasse.

— Que tolice! — disse Steerforth a rir. — Não lhe digam isso.

— E se *Mister* Steerforth algum dia for a Norfolk ou a Suffolk, senhor Peggotty — continuei eu —, fique certo de que o levarei a Yarmouth a fim de ver a sua casa. O senhor nunca viu, Steerforth, uma casa tão original: é feita de um barco!

— Feita de um barco! — disse Steerforth. — Muito bem, é a casa que convém a um marinheiro puro-sangue.

— É bem verdade, senhor; é bem verdade — disse Cham a rir. — O senhor tem razão. Senhor Davy, este jovem senhor tem razão. Um marinheiro puro-sangue. Ah! Ah! É bem isso.

*Mister* Peggotty estava tão encantado como seu sobrinho, mas a sua modéstia não lhe permitia apropriar-se tão ruidosamente de um cumprimento todo pessoal.

— Mas sim, senhor — disse ele fazendo uma vénia e metendo as pontas da gravata para dentro do colete —, sou-lhe muito obrigado, senhor; agradeço-lhe. Faço o que posso, na minha profissão, senhor.

— Não se pode pedir mais, senhor Peggotty — disse Steerforth. Sabia já o nome dele.

— É o que o senhor também faz, ia jurá-lo — disse *Mister* Peggotty sacudindo a cabeça —, e fá-lo pela carta, ia jurá-lo, senhor. Agradeço-lhe, senhor, por me haver tão bem acolhido. Eu sou um pouco rude, senhor, mas sou franco; pelo menos parece-me, bem há-de compreender. A minha casa não é bonita, mas está tudo às suas ordens, se algum dia a quiser ir ver com *Mister* Davy. Eu estou para lá como um caracol — disse *Mister* Peggotty, o que queria dizer que estava para ali preso, sem poder de lá sair. Tinha tentado, no fim de cada frase, retirar-se, mas sem nunca o conseguir.

— Vamos, desejo-lhe uma boa saúde e muita felicidade.

Cham associou-se a este voto e despedimo-nos o mais afectuosamente que se pode imaginar. Eu tinha um certo desejo, nessa tarde, de falar a Steerforth da Emilita, mas a timidez reteve-me; receava muito que ele se risse de mim. Reflecti por muito tempo e não sem ansiedade, no que me dissera *Mister* Peggotty: que ela estava uma moça feita; mas decidi de mim para mim que era uma tolice.

Transportámos os crustáceos para o nosso dormitório, com um profundo mistério e fizemos uma grande ceia. Mas Traddles saiu-se mal. Não tinha sorte: não podia mesmo sair-se bem de uma qualquer outra ceia. Esteve doente toda a noite, mas doente a valer, por causa do caranguejo; e depois de ter sido obrigado a engolir drogas negras e pílulas azuis, numa dose suficiente para matar um cavalo, a dar-se crédito a Demple (cujo pai era doutor), apanhou ainda por cima algumas juncadas e mais seis capítulos gregos do Novo Testamento para traduzir, como castigo por não ter querido confessar o que foi.

O resto do semestre confunde-se no meu espírito com a rotina diária da nossa triste vida: acabou o Verão e chegou o Outono; faz frio de manhã, à hora a que a gente se levanta e quando a gente se deita, a noite é mais fria ainda; à tarde, a aula é mal iluminada e mal aquecida; de manhã é uma perfeita geleira; passámos da vaca cozida à vaca assada e do carneiro assado ao carneiro cozido; comemos pão com manteiga rançosa; depois é uma horrível miscelânea de livros rotos, lousas rachadas, cadernos enxovalhados pelas lágrimas, juncadas, pancadas com a régua, cabelos cortados, domingos chuvosos e pudins sem açúcar: isto tudo embrulhado numa crassa atmosfera de tinta.

Lembro-me, todavia, que a longínqua perspectiva das férias, depois de ter estado imobilizada durante muito tempo, parece enfim aproximar-se de nós; que lá chegámos bem depressa, pois já não faltavam nem meses, nem semanas, mas apenas alguns dias; que eu tinha medo que não me viessem buscar de casa de minha mãe e que, quando soube por Steerforth que minha mãe me mandava ir, fui tomado de um vago terror à ideia de que quebraria talvez alguma perna antes do dia marcado para a minha partida. Lembro-me que sentia esse dia abençoado aproximar-se de hora a hora. É a semana que vem, é esta semana, é depois de amanhã, é hoje, é esta tarde; subo para a mala-posta de Yarmouth, vou tornar a ver minha mãe.

Na mala-posta dormi sonecas por diferentes vezes e tive sonhos incoerentes aonde se entrechocavam todos estes pensamentos e recordações. Mas quando acordava de tempos a tempos, tinha a felicidade de reconhecer pela portinhola do carro, que a relva que eu via não era a do recreio de Salem-House e que o ruído que ouvia não era o das juncadas que Creakle ministrava a Traddles, mas o do chicote com que o cocheiro fustigava os cavalos.

## Capítulo VIII — As minhas férias e, em particular, certa tarde em que fui bem feliz

Ao romper do dia, ao chegar à estalagem aonde parava a mala-posta (não era aquela cujo criado eu conhecia muito bem), levaram-me para um pequeno quarto muito limpo no qual estava inscrito o nome de *Delfim*. Eu estava gelado, apesar da chávena de chá quente que me tinham dado e da grande fogueira ao pé da qual me sentei para a beber e deitei-me com delícia na cama do Delfim, embrulhei-me nas suas roupas até ao pescoço e depois adormeci.

*Mister* Barkis, o recoveiro, devia vir-me buscar às nove horas. Levantei-me às oito, um pouco fatigado por uma noite tão curta, mas estava pronto antes da hora marcada. Ele recebeu-me exactamente como se acabássemos de nos deixar alguns minutos antes e que eu não tivesse entrado no hotel senão para trocar uma moeda de seis *pence*.

Logo que subi para o carro com a minha mala, o condutor tomou o seu lugar e o cavalo partiu no seu pequeno trote costumado.

— Tem muito boa cara, Sr. Barkis — disse-lhe eu, na ideia de que ficaria contente em o saber.

*Mister* Barkis limpou a cara à manga do casaco, depois olhou para a manga como se esperasse ver algum vestígio da frescura da sua tez e foi tudo quanto obteve o meu cumprimento.

— Desempenhei-me da sua incumbência, Sr. Barkis — prossegui. — Escrevi a Peggotty.

— Ah! — disse *Mister* Barkis, que parecia mal-humorado e respondia em tom seco.

— Não fiz bem, Sr. Barkis? — perguntei um pouco hesitante.

— Mas não — disse *Mister* Barkis.

— Não foi essa a sua incumbência?

— A incumbência podia talvez ter sido bem feita — disse *Mister* Barkis —, mas tudo ficou nisso.

Não compreendendo o que ele queria dizer, repeti com ar interrogador:

— Tudo ficou nisso, Sr. Barkis?

— Sim — respondeu lançando-me um olhar de lado. — Não houve resposta.

— Esperava então uma resposta, Sr. Barkis? — disse eu abrindo os olhos, porque a ideia era novíssima para mim.

— Quando um homem diz que *está pronto* — disse *Mister* Barkis voltando

lentamente para mim os seus olhos — é como se se dissesse que esse homem deseja uma resposta.

— E então, Sr. Barkis?

— Então — disse *Mister* Barkis dirigindo a sua atenção sobre as orelhas do cavalo — está-se ainda desde então à espera de uma resposta.

— Falou-lhe, Sr. Barkis?

— Não... não... — resmungou *Mister* Barkis com ar pensativo — não tenho que lhe falar. Não tenho trocado com ela dez palavras. Não tenho desejo de lhe contar isso.

— Quer que eu me encarregue, Sr. Barkis? — perguntei timidamente.

— Se quiser pode dizer-lhe — disse *Mister* Barkis olhando novamente para mim — que Barkis espera uma resposta. O senhor disse que o nome...

— O nome dela?

— Sim — disse *Mister* Barkis com um aceno de cabeça.

— Peggotty.

— Nome de baptismo ou apelido? — disse *Mister* Barkis.

— Oh! Não é o nome de baptismo. Ela chama-se Clara.

— Será possível! — disse *Mister* Barkis.

Parecia encontrar ampla matéria para reflexões nesta circunstância, porque durante algum tempo ficou mergulhado nas suas meditações.

— Está bem — prosseguiu por fim. — Diga-lhe: «Peggotty, Barkis está à espera da resposta». «Resposta de quê?», dirá talvez ela. Então o senhor dirá: «Daquilo que lhe falei». «Que foi o que me falou?», dirá ela. O senhor responderá: «Barkis está pronto».

A esta sugestão cheia de artifício, *Mister* Barkis acrescentou uma cotovelada que me originou uma pontada. Depois do que concentrou toda a atenção no seu cavalo, como de costume e não mais aludiu ao mesmo assunto. Somente passada meia hora, tirou um bocado de giz do bolso e escreveu no interior da tipóia: «Clara Peggotty», provavelmente para se lembrar do nome.

Que estranho sentimento eu experimentava; regressar a casa, sentindo que não estava em minha casa e ver que todos os objectos sobre que incidiam os meus olhares me recordavam a felicidade do tempo passado, que a meus olhos não era mais que um sonho desfeito! A recordação do tempo em que minha mãe, eu e Peggotty fazíamos apenas um, em que ninguém se nos vinha meter de permeio, assaltou-me tão vivamente pelo caminho, que eu já não estava bem certo se havia de lamentar o ter vindo de tão longe em vez de ter ficado a esquecer tudo isso na companhia de Steerforth. Mas tinha chegado a casa e os ramos sem folhas dos velhos olmos contorciam-se sob as rajadas do Inverno, que levavam nas suas asas os restos dos ninhos dos velhos corvos.

O recoveiro pousou a minha mala à porta do jardim e deixou-me. Segui o atalho que ia dar a casa, olhando para todas as janelas, receando, a cada passo, ver numa delas o rosto rebarbativo de *Mister* Murdstone ou de sua irmã. Não vi ninguém e chegado a casa, abri a porta sem bater. Ainda não era noite e entrei em passo leve e tímido.

Sabe Deus como a minha memória infantil despertou em meu espírito ao chegar ao vestíbulo, ouvindo a voz de minha mãe quando ia a entrar na sala pequena. Ela cantarolava baixinho, tal qual eu a ouvia quando era pequenino e descansava em seus braços. A moda era nova para mim; todavia, encheu-me o coração a transbordar e acolhi-a como a um velho amigo depois de uma longa ausência.

Supus, pela maneira pensativa e solitária como minha mãe murmurava a sua cantilena, que ela estava só e entrei docemente no seu quarto. Estava sentada ao pé do fogão, amamentando uma criancinha cuja mãozinha estreitava de encontro ao seu pescoço. Fitava-a alegremente e adormecia-a a cantar. Não tinha outra companhia.

Eu disse uma palavra, ela sobressaltou-se e deu um grito; depois, vendo que era eu, chamou-me seu David, seu querido filho e vindo ao meu encontro, ajoelhou-se no meio do quarto e beijou-me, atraindo-me a cabeça sobre o seu seio, junto do pequenino que estava a dormir e aproximou dos meus lábios a mão da criança. Quem me dera ter morrido nesse momento! Teria valido mais morrer na efusão dos sentimentos em que o meu coração ali transbordava. Eu estava mais perto do céu do que nunca estive depois.

— É o teu mano — disse minha mãe acariciando-me. — David, meu bom menino! Meu pobre filho!

E continuava a beijar-me sempre, apertando-me nos braços. Ainda me conservava assim, quando Peggotty entrou a correr e sentou-se também no chão ao nosso lado, fazendo toda a espécie de doidices durante um quarto de hora.

Não me esperavam tão cedo; o recoveiro tinha-se adiantado à hora do costume. Soube então que *Mister* e *Miss* Murdstone tinham ido fazer uma visita nos arredores e só regressariam a meio da noite. Eu não tinha sonhado tanta felicidade. Nunca tinha imaginado que fosse possível encontrar minha mãe e Peggotty sozinhas ainda uma vez; e supus por um momento que tinha voltado ao tempo antigo.

Jantámos juntos ao canto do fogão. Peggotty queria servir-me, mas minha mãe fê-la sentar e comer connosco. Eu tinha o meu antigo prato de fundo castanho representando um navio de guerra vogando a pano largo. Peggotty tinha-o escondido. Depois que eu fora para o colégio, nem por cem libras esterlinas queria que ele se quebrasse. Encontrei também o meu copo de metal que tinha o

meu nome gravado por baixo e o meu garfo pequeno e a minha faca que não cortava.

Ao jantar, imaginei a ocasião favorável para falar de *Mister* Barkis, mas antes do fim da minha narrativa Peggotty largou a rir, cobrindo a cara com o avental.

— Peggotty — disse minha mãe —, de que se trata?

Peggotty ainda mais ria e apertava de encontro ao rosto o avental, que minha mãe queria tirar-lhe; parecia que tinha enfiado a cabeça num saco.

— Que é que está a fazer, oh sua maluca? — disse minha mãe a rir.

— Ora o tolo do homem — exclamou Peggotty. — Quer casar comigo!

— Seria um bom partido para si, pois não seria? — disse minha mãe.

— Ora! Eu sei lá! — disse Peggotty. — Não me fale nisso. Não o queria ainda que ele se pesasse a ouro. De resto, não quero ninguém.

— Porque não lho diz então?

— Dizer-lho! — continuou Peggotty, desviando um pouco o avental. — Mas ele nunca me disse palavra. Que se livre de o fazer. Se tivesse tal atrevimento, dava-lhe um bom bofetão.

Ela estava vermelha, vermelha como fogo, mas escondeu de novo a cara no avental e depois de dois ou três violentos ataques de hilaridade, continuou a jantar.

Reparei que minha mãe sorria quando Peggotty olhava para ela, mas que depois disso tomava um ar sério e pensativo. Eu tinha notado logo desde o princípio que ela estava mudada. O seu rosto era sempre encantador, mas delicado e melancólico e as suas mãos eram tão magras e tão brancas que me pareciam quase transparentes. Mas acabava de se operar uma nova mudança nas suas maneiras: parecia inquieta e agitada. Por fim, estendeu a mão e pousou-a sobre a da sua velha criada, dizendo-lhe num tom afectuoso:

— Minha querida Peggotty, não se casa, pois não?

— Eu, minha senhora — respondeu Peggotty abrindo grandes olhos —, bem por certo que não!

— Já, não? — insistiu ternamente minha mãe.

— Nunca — disse Peggotty.

Minha mãe pegou-lhe na mão e disse-lhe:

— Não me deixe, Peggotty, fique comigo. Não será talvez por muito tempo. O que seria de mim sem a Peggotty!

— Eu, deixá-la, minha querida! — exclamou Peggotty. — Nem por todo o ouro! Mas quem pôde meter-lhe semelhante ideia nessa cabecinha?

Peggotty tinha há muito tempo o hábito de falar às vezes a minha mãe como se ela fosse uma criança.

Minha mãe não respondeu senão para agradecer a Peggotty, que continuou a

seu modo:

— Eu, deixá-la! Parece-me que não tenho desejo de tal. Peggotty deixá-la! Isso é que eu queria ver! Não, não e não — disse Peggotty sacudindo a cabeça e cruzando os braços —, não há perigo, minha querida. Não é porque não haja boas almas que muito o estimariam, mas ninguém se importa com o que elas querem. Tanto pior para elas se não estão contentes; ficarei consigo até não poder fazer nada. E quando eu for muito surda, muito doente, muito cega, quando já não puder falar por falta de dentes, quando, enfim, não servir para coisa alguma, nem mesmo para me ralharem, irei ter com o meu bom David e pedir-lhe-ei para me recolher.

— E eu ficarei contentíssimo em a ver, Peggotty e recebê-la-ei como uma rainha.

— Deus abençoe o seu bom coração! — disse Peggotty. — Disso estou eu bem certa.

E beijou-me antecipadamente, em reconhecimento da minha hospitalidade. Depois cobriu novamente a cabeça com o avental e pôs-se a rir ainda de *Mister* Barkis; depois foi buscar o meu irmãozinho ao berço e tratou do seu vestuário; depois arrumou a mesa do jantar; depois reapareceu com outra touca, com o caixão da costura, o seu metro, o seu bocado de cera para a linha, tudo enfim como dantes.

Estávamos sentados ao pé do lume e conversávamos com prazer. Contei-lhes como *Mister* Creakle era um professor severo e testemunharam-me uma grande pena. Disse-lhes também que bom e amável rapaz era Steerforth e como ele me protegia e Peggotty declarou que andaria de boa vontade seis léguas a pé só para o ir ver. O meu irmãozinho acordara e eu fui pegar nele com todo o cuidado para o acalentar, depois aconcheguei-me perto de minha mãe, como dantes costumava fazer e abracei-me a ela, encostando a cabeça no seu ombro; os seus cabelos soltos cobriram-me como as asas de um anjo. Deus meu! Como eu era feliz!

Sentado diante do fogão, a ver caras inumeráveis nos carvões ardentes, parecia-me quase que as de *Mister* e *Miss* Murdstone só existiam na minha imaginação e que desapareceriam como as outras quando o fogo se apagasse, mas que no fundo, só havia de verdadeiro, em todas as minhas recordações, minha mãe, Peggotty e eu.

Peggotty deitava um pedaço numa meia e nisso trabalhou enquanto foi dia, depois ficou com a mão esquerda enfiada na meia como se fosse uma luva e com a agulha na direita pronta a pontear quando do fogão saltasse a primeira labareda. Não posso imaginar a quem pertenciam as meias que Peggotty compunha sempre, nem donde podia vir uma provisão tão inesgotável de meias para pontear. Desde a minha mais tenra infância que a vi sempre ocupada nesse

género de trabalhos e somente nesse.

— Uma pergunta — disse Peggotty que às vezes era tomado de acessos de curiosidade em que travava perguntas sobre os mais inesperados casos —, uma pergunta, que será feito da tia paterna de Davy?

— Deus do céu! Peggotty! — disse minha mãe saindo da sua divagação —, que tolices que diz!

— Mas, minha senhora, asseguro-lhe deveras que isso me admira — diz Peggotty.

— Como é que essa tia paterna não se lhe tira do sentido? — perguntou minha mãe. — Não tem outras pessoas em quem pensar?

— Não sei — disse Peggotty — a que ligo isto, talvez à minha tolice, mas não posso escolher os meus pensamentos, andam-me em vaivém pela cabeça como lhes parece. Pergunto: que será feito dela?

— Como é insensata, Peggotty! — prosseguiu minha mãe. — Estou em dizer que espera por uma segunda visita dela.

— Deus nos livre! — exclamou Peggotty.

— Pois bem, peço-lhe que não fale mais de coisas tão desagradáveis — disse minha mãe. — *Miss* Betsy está provavelmente encafuada na sua casinha à beira-mar e por lá ficará. Em todo o caso, não é nada provável que venha alguma vez incomodar-nos.

— Não — repetia Peggotty com ar pensativo —, é muito provável que não. Eu pergunto se, no caso dela morrer, não deixaria qualquer coisa a Davy?

— Efectivamente, a Peggotty está doida! — respondeu minha mãe. — Bem sabe que ela foi toda escandalizada por ter nascido este pobre pequeno!

— Suponho que não estaria disposta a perdoar-lhe agora — sugeriu Peggotty.

— E porquê agora, explique-se — disse minha mãe um pouco vivamente.

— Agora porque tem um irmãozinho, é o que quer dizer — respondeu Peggotty.

Minha mãe pôs-se a chorar, dizendo que não compreendia como Peggotty se atrevia a dizer-lhe semelhantes coisas.

— Como se o pobre inocentinho que está no berço lhe fizesse algum mal, invejosa que é! — disse ela. — Faria melhor se casasse com *Mister* Barkis, o recoveiro. Porque não?

— Isso daria um grande prazer a *miss* Murdstone — respondeu Peggotty.

— Que mau carácter tem, Peggotty! — replicou minha mãe. — Tem inveja a valer de *miss* Murdstone de uma forma ridícula. Desejaria ter as chaves em seu poder, não é verdade e tirar os géneros por sua própria mão? Isso não me admiraria. Quando muito bem sabe que ela faz tudo isso por bondade e nas melhores intenções do mando! Bem o sabe, Peggotty, bem o sabe.

Peggotty murmurou alguma coisa como: «Eles aborrecem-me com as suas boas intenções» e recordou-se baixinho do provérbio «de boas intenções está o inferno cheio».

— Bem sei o que quer dizer — prosseguiu minha mãe. — Compreendo-a perfeitamente, Peggotty, bem o sabe e não precisa de se pôr vermelha como o fogo; mas não falemos senão de uma coisa de cada vez: trata-se por agora de *miss* Murdstone e não me fugirá, Peggotty. Não lhe tem ouvido dizer cem vezes que me acha muito irreflectida e muito... muito...

— Bonita — sugeriu Peggotty.

— Muito bem! — disse minha mãe rindo um pouco —, se ela é bastante doida para me julgar assim, é por minha culpa?

— Ninguém diz que seja por sua culpa — diz Peggotty.

— Espero bem que não — prosseguiu minha mãe. — Não lhe ouviu já dizer cem vezes que é por esta razão que me quer poupar as barafundas caseiras; que eu não nasci para estas coisas? E eu não sei por mim mesma, se sou própria para isso. Não está ela sempre vigilante de pela manhã até à noite, não olha por tudo, na carvoeira, na cozinha, na despensa e em todas as espécies de lugares bastante desagradáveis? Quereria por acaso insinuar que nisso não há uma espécie de dedicação?

— Eu não pretendo insinuar coisa alguma — disse Peggotty.

— Sim, Peggotty — prosseguiu minha mãe —, você não faz outra coisa, salvo o seu serviço; insinua sempre, é o seu regalo e quando fala das boas intenções de *Mister* Murdstone...

— Quanto a isso, nunca falei... — disse Peggotty.

— Não — disse minha mãe. — A Peggotty não fala nunca, mas insinua sempre, é o que eu lhe dizia há pouco, é o seu lado mau. Dizia-lhe há um instante que a compreendia e bem vê que era verdade. Quando fala das boas intenções de *Mister* Murdstone e que tem o ar de desprezá-las (o que não faz do fundo do coração, estou certa disso, Peggotty), deveria convencer-se tanto como eu que as suas intenções são boas em todas as coisas. Se ele parece um pouco severo com alguém (compreende bem, Peggotty e Davy também, estou certa disso, que eu não falo de ninguém que está presente), é somente porque está convencido que é para o bem dessa pessoa. Ele gosta naturalmente dessa pessoa por amor de mim e não trata senão do seu bem. Ele acha-se mais no estado de julgar do que eu, porque eu bem sei que sou uma pobre criatura nova, fraca e superficial, enquanto ele é um homem firme, grave e sério e que tem muito trabalho por amor de mim — disse minha mãe com o rosto inundado em lágrimas que brotavam de um coração afectuoso. — Devo-lhe muito reconhecimento e nunca poderei provar-lho bastante, por mais submissa que

seja, mesmo por pensamentos; e quando me sinto em falta, disso me arguo, Peggotty e desconfio do meu próprio coração e não sei que há-de ser de mim.

Peggotty, com o queixo encostado ao pé da meia que estava compondo, fitava o lume silenciosamente.

— Vamos, Peggotty — disse minha mãe mudando de tom —, não nos zanguemos, é coisa que eu nunca poderia fazer. A Peggotty é uma amiga fiel, se é que tenho alguma no mundo, sei-o bem. Quando eu lhe disser que é ridícula, ou insuportável, ou qualquer coisa deste género, Peggotty, isso quer apenas dizer que é a minha boa e fiel amiga desde o dia em que *Mister* Copperfield ma trouxe para aqui e em que a Peggotty veio à grade para me receber.

Peggotty não se fez rogar para ratificar o tratado de amizade, beijando-me de todo o seu coração. Creio que eu compreendia um pouco, no momento próprio, o verdadeiro sentido da conversação, mas estou agora certo de que a bondosa Peggotty a tinha provocado ou sustentado para dar a minha mãe a ocasião de se consolar, contradizendo-a um pouco. O fim estava atingido, porque me recorda que minha mãe pareceu mais à vontade no resto da noite e que Peggotty lhe fez menos observações.

Depois do chá, Peggotty atiçou o fogo e espevitou as velas e eu li um capítulo do livro dos crocodilos. Ela tinha tirado o volume da sua algibeira, não sei se o tinha guardado lá desde a minha partida. Voltámos depois a falar do colégio e prossegui nos elogios de Steerforth, assunto inesgotável. Éramos muito felizes e esta noitada, a última da sua espécie, aquela que terminou uma página da minha vida, nunca se me apagará da memória.

Eram perto de dez horas quando ouvimos o ruído de rodas. Minha mãe disse-me, erguendo-se precipitadamente, que era já bastante tarde e que *Mister* e *Miss* Murdstone sustentavam que as crianças devem deitar-se cedo; beijei minha mãe e tomei o caminho da minha pousada, de castiçal em punho, antes que entrassem *Mister* e *Miss* Murdstone. Parecia-me ao entrar no quarto em que eu estivera noutro tempo preso, que acabava de entrar com eles em casa uma rajada de vento frio que tinha levado como uma pena a doce intimidade do lar.

Sentia-me constrangidíssimo no dia seguinte de manhã, ao pensar que tinha de descer para o almoço, visto que não tinha tornado mais a ver *Mister* Murdstone desde o dia memorável do meu crime. Era preciso, todavia, tomar uma decisão e depois de ter descido duas ou três vezes até ao meio da escada para tornar a subir precipitadamente para o meu quarto, entrei finalmente na sala de jantar.

Ele estava de pé junto do fogão; *miss* Murdstone preparava o chá. Ele olhou-me fixamente, mas sem fazer menção de me reconhecer.

Avancei até junto dele após um momento de hesitação, dizendo-lhe:

— Peço-lhe perdão, senhor; sinto muito o que fiz e espero que fará o favor de

me perdoar.

— Estimo saber que sente muito, Davy.

Estendeu-me a mão, era a que eu tinha mordido. Não pude deixar de deitar os olhos para uma marca vermelha que ela tinha; e fiquei mais vermelho que essa cicatriz ao ver a expressão sinistra que no rosto dele transparecia.

— Como está, minha senhora? — disse eu a *miss* Murdstone.

— Ah! — disse ela suspirando e estendendo-me a pinça do açúcar em vez dos seus dedos —, quanto tempo duram as férias?

— Um mês, minha senhora.

— A partir de que dia?

— A partir de hoje, minha senhora.

— Oh! — disse *miss* Murdstone —, então já temos um dia decorrido.

Ela ia marcando assim todas as manhãs, no calendário, o dia que passava. Essa operação realizou-se tristemente enquanto não chegou a dez; mas, ao ver dois algarismos, cobrou ânimo e para o fim das férias andava alegre como um tentilhão.

Logo no primeiro dia tive a desgraça de a lançar, a ela que não era sujeita a semelhantes fraquezas, num estado de profunda consternação. Entrei no quarto em que ela trabalhava com minha mãe; o meu irmãozinho, que tinha apenas algumas semanas, estava deitado no regaço de minha mãe e eu peguei nele ao colo. De repente *miss* Murdstone soltou um tal grito que eu ia quase deixando cair o pequenino.

— Minha querida Jane! — exclamou minha mãe.

— Deus do céu, Clara, pois não vê? — gritou *miss* Murdstone.

— O quê, tia Joana? Aonde é que vê qualquer coisa?

— Pegou nele! — gritava *miss* Murdstone. — Esse rapaz pegou no menino!

Ela estava petrificada de horror, mas reanimou-se para se precipitar sobre mim e tirar-me meu irmão. Depois deu-lhe não sei o quê, que foi preciso ir-lhe buscar ginjas em água-ardente. Foi-me formalmente proibido tocar daí em diante no meu irmãozinho, fosse com que pretexto fosse, e a minha pobre mãe, que todavia não era dessa opinião, confirmou docemente a proibição, dizendo:

— Sem dúvida, tem razão, minha querida Joana.

Um outro dia estávamos os três juntos: o meu querido irmãozinho, de quem eu gostava muito por causa da minha mãe, foi ainda a inocente causa de uma grande cólera de *miss* Murdstone. Minha mãe, que o tinha no regaço e que reparava nos olhos dele, disse-me:

— David, ande cá!

E pôs-se a reparar nos meus olhos.

Eu vi *miss* Murdstone pousar as contas que estava a enfiar.

— Na verdade — disse docemente minha mãe —, os dois parecem-se muito. Creio que os olhos deles são como os meus. São da cor dos meus, mas parecem-se de uma maneira surpreendente.

— De que é que está a falar, Clara? — disse *miss* Murdstone.

— Minha querida Jane — disse hesitando minha mãe, um pouco perturbada por essa brusca pergunta —, acho que os olhos de David e os de seu irmão são exactamente semelhantes.

— Clara! — disse *miss* Murdstone, levantando-se encolerizada. — A senhora às vezes é perfeitamente doida!

— Minha querida Jane! — redarguiu minha mãe.

— Positivamente doida — disse *miss* Murdstone. — Se o não fosse, como é que poderia comparar o filho de meu irmão ao seu filho? Não há a menor semelhança. Diferem absolutamente em todos os pontos e espero que sempre assim será. Não estou aqui para ouvir fazer semelhantes comparações!

E, dizendo isto, saiu majestosamente, batendo com a porta.

Numa palavra, eu não estava nas boas graças de *miss* Murdstone. De resto, não estava nas boas graças de ninguém, porque as pessoas que me amavam não mo podiam testemunhar e as que não me amavam demonstravam-no tanto às claras que eu sentia-me sempre perplexo, constrangido e estúpido.

Mas sentia também que provocava o mal-estar que me faziam sofrer. Se eu entrasse no quarto quando se conversava, minha mãe, que parecia alegre um momento antes, tornava-se triste e silenciosa. Se *Mister* Murdstone estava de bom humor, eu constrangia-o. Se *miss* Murdstone estava de mau humor, a minha presença mais o aumentava. Eu tinha o instinto de que minha mãe era vítima deles, via que não se atrevia a falar-me ou a testemunhar-me o seu afecto com medo de os melindrar e receber em seguida uma reprimenda; via que vivia numa inquietação constante; ela receava irritá-los e receava que eu acabasse por os irritar também; ao menor movimento da minha parte, ela interrogava os olhares dos dois. Assim, tomei a resolução de me desviar deles o mais possível e bastantes horas de Inverno passei no meu triste quarto, lendo sem descanso, embrulhado na minha capa.

Algumas vezes, à noite, descia à cozinha para ver Peggotty. Encontrava-me bem lá e não sentia o menor constrangimento. Mas nem um nem outro dos meus expedientes convinha aos habitantes da sala. O génio intrigante que governava a casa não se conformava. Olhavam-me ainda como necessário para a educação da minha pobre mãe e em consequência disso não podiam permitir que eu andasse por longe.

— David — disse *Mister* Murdstone depois do jantar, no momento em que eu ia a retirar-me, como de ordinário — desgosta-me ver que tem um génio de

amuado.

— Resmungão como um urso! — disse *miss* Murdstone.

Eu não me mexia e baixava a cabeça.

— É preciso que saiba, David, que um génio de amuado e de teimoso é o que há-de pior no mundo.

— E este rapaz é, de todos os génios deste género que tenho conhecido, o mais cabeçudo e o mais empedernido. Penso, minha querida Clara, que assim o deve ter apreciado já.

— Peço-lhe perdão, minha querida Jane — disse minha mãe. — Mas está bem certa... espero que me há-de desculpar, minha querida Jane... mas está bem certa de compreender o David?

— Cair-me-ia a cara com vergonha, Clara — redarguiu *miss* Murdstone —, se não compreendesse este ou outro qualquer pequeno. Não tenho pretensão a profundezas, mas reclamo o direito de ter um pouco de bom senso.

— Não há dúvida, minha querida Jane — replicou minha mãe —, a senhora tem uma inteligência muito notável...

— Oh! Meu Deus, não! Peço-lhe que não diga isso, Clara — prosseguiu *miss* Murdstone encolerizada.

— Bem sei que a sua inteligência é muito notável, toda a gente o sabe. Eu mesma aproveito tanto com ela, de tantas maneiras, ou pelo menos deveria aproveitar, que ninguém pode estar mais convencida disso do que eu. Assim, asseguro-lhe, minha querida Jane, de que não arrisco diante de si as minhas opiniões senão com receio de me enganar.

— Admitamos que eu não compreenda esta criança, Clara — respondeu *miss* Murdstone, compondo as cadeias que lhe ornamentavam os pulsos. — Não compreendo nada, é coisa muito engenhosa para mim. Mas talvez a penetração de meu irmão lhe permita ter qualquer ideia do génio do pequeno. Creio que meu irmão abordava este assunto, quando há pouco o interrompemos bastante grosseiramente.

— Penso, Clara — disse *Mister* Murdstone a meia voz e com ar grave —, que pode haver acerca desta questão juízes mais equitativos e menos prevenidos do que a senhora.

— Eduardo — disse timidamente minha mãe —, o senhor é melhor juiz para toda a espécie de questões do que eu poderia ser e Jane também; eu queria apenas dizer...

— A senhora queria apenas dizer alguma coisa que vinha provar a sua fraqueza e a sua falta de reflexão — replicou ele. — Faça por não tornar a cair noutra, minha querida Clara, e por se comedir mais.

Os lábios de minha mãe buliram como se fosse responder: «Sim, meu caro

Eduardo». Mas não disse nada que pudesse ouvir-se.

— Estava eu dizendo, David, que me desgostava — prosseguiu *Mister* Murdstone, voltando-se para mim — por ver que é de génio amuado. É uma disposição que não posso deixar desenvolver na minha presença sem me esforçar em lhe pôr cobro. É preciso que trate de emendar-se, senão ver-nos-emos forçados a corrigi-lo.

— Peço-lhe perdão, senhor — murmurei. — Eu nunca tive tenção de amuar desde que cheguei.

— Não recorra à mentira — disse ele com um ar tão irritado que eu vi minha mãe estender involuntariamente uma das mãos, a tremer, para nos separar. — O senhor retira-se para o seu quarto por amuo. E por lá se deixa ficar quando o seu lugar é aqui. Fique sabendo agora, de uma vez para sempre, que eu quero que esteja aqui e não lá em cima. Exijo, além disso, que seja obediente em todos os pontos. Bem me conhece, David. Eu quero, porque quero.

*Miss* Murdstone soltou um suspiro de satisfação.

— Exijo maneiras respeitosas e submissas para mim, para minha irmã e para sua mãe. Entendo que uma criança não deve parecer que foge desta sala como se nela houvesse peste. Sente-se.

Ele falava-me como a um cão. Obedeci como um cachorro.

— Uma coisa ainda — disse ele. — Tenho notado que gosta de companhias ordinárias. Fica proibido de ir ter com as criadas. A cozinha não é de molde a melhorar os numerosos pontos do seu génio que merecem atenção. Quanto à pessoa que o secunda, não falaremos, pois que até a senhora, Clara — continuou ele baixando a voz e dirigindo-se a minha mãe —, tem a respeito dela uma certa fraqueza proveniente de antigos hábitos e de ideias que ainda não abandonou.

— É a mais singular aberração que eu conheço! — exclamou *miss* Murdstone.

— O que eu quero dizer — prosseguiu ele dirigindo-se-me — é que desaprovo o seu gosto pela companhia de *Mistress* Peggotty e entendo que deve renunciar a ela. Agora, David, bem deve compreender-me; e bem sabe quais seriam as consequências da sua desobediência.

Bem o sabia, melhor talvez do que ele supunha, no que dizia respeito a minha pobre mãe e obedeci-lhe à letra. Nunca mais me retirei para o meu quarto. Nunca mais procurei um refúgio junto de Peggotty, mas sim deixava-me ficar tristemente na sala todo o dia, suspirando, mal vinha a noite, pela hora de me deitar.

Que cruel constrangimento não sentia ao conservar-me na mesma atitude durante horas e horas, sem me atrever a bulir com um braço nem com uma perna, com medo de ouvir *miss* Murdstone queixar-se da minha agitação, como sucedia ao menor pretexto; sem me atrever a levantar os olhos, com receio de

encontrar um olhar crítico ou malévolo que procurasse descobrir no meu olhar novos motivos de queixa. Que intolerável aborrecimento ouvir sempre o tique-taque do relógio e ver *miss* Murdstone enfiar contas e ao olhar para ela eu dizia com os meus botões se nunca se casaria e quem seria o desgraçado que cairia nessa esparrela; enfim, que triste recurso o de contar as molduras da chaminé e de passear o olhar pelos desenhos do papel que forrava as paredes da sala!

Que passeatas não fiz sozinho pelo mau tempo de Inverno, por atalhos cheios de lama, levando por toda a parte em cima de mim a sala e *Mister* e *miss* Murdstone, pesado fardo que eu não podia arrear, pesadelo insuportável de que me não podia libertar, peso horroroso que esmagava a minha inteligência e completamente me embrutecia!

Quantas refeições passadas em silêncio e acanhamento, sentindo sempre que havia um talher de mais que era o meu, um apetite de mais que era o meu, uma cadeira de mais que era a minha, alguém de mais que era eu!

Que noitadas... quando se acendiam as luzes e que me obrigavam a entreter-me sozinho comigo. Não me atrevia a ler um livro distractivo e meditava sobre algum tratado indigesto de aritmética; as tábuas dos pesos e medidas transformava-as a minha cabeça em canções com a música do *Malbourough vai para a guerra* ou do *Roussel mais novo*; as minhas lições recusavam-se a que eu as aprendesse de cor; tudo me entrava por um ouvido e me saía por outro.

Em que bocejos eu me abria, apesar de todos os meus cuidados para os conter! Como eu estremecia ao sentir-me dominado por uma soneca irresistível! Como se respondia pouco às observações que eu às vezes fazia! Como me parecia ser um zero de quem ninguém fazia caso e que todavia incomodava toda a gente e com que alívio eu ouvia *miss* Murdstone ordenar-me que me fosse deitar, ao soar a primeira badalada das nove horas!

As férias assim se arrastaram penosamente até à manhã em que *miss* Murdstone exclamou «É chegado o último dia!» ao dar-me a derradeira chávena de chá que eu tomava em casa.

Não me desgostava nada ir-me embora. Tinha caído num estado de embrutecimento de que apenas saía um pouco ao lembrar-me que ia tornar a ver Steerforth, ainda que *Mister* Creakle surdisse no segundo plano da paisagem. *Mister* Barkis apareceu de novo à grade e *miss* Murdstone repetiu «Clara!» na sua voz mais severa, no momento em que minha mãe se inclinou para mim a dizer-me adeus.

Beijei-a, assim como ao meu irmãozinho e sentia-me muito triste, não por a deixar, porque estava sempre presente o abismo que existia entre mim e minha mãe e a separação realizava-se todos os dias; e por mais terno que fosse o seu beijo, não está tão presente à minha memória como o que se seguiu à nossa

despedida e que passo a contar:

Eu estava já dentro da carripana do recoveiro, quando a ouvi chamar por mim. Olhei: minha mãe estava sozinha à porta do jardim, erguendo nos braços o seu pequenino, para que eu o visse bem. Estava frio, mas não fazia vento; nem bulia um dos seus cabelos, nem uma prega do seu vestido, enquanto olhava para mim fixamente, mostrando-me o filhinho.

Foi assim que eu a perdi. Foi assim que eu a tornei a ver mais tarde, em sonhos, no colégio, silenciosa e presente junto da minha cama, olhando sempre fixamente para mim, tendo o filhinho ao colo.

## Capítulo IX — Nunca esquecerei esse meu dia de anos

Passo por todos os acontecimentos que se deram no colégio, até ao dia dos meus anos, que caía no mês de Março. Lembro-me apenas que Steerforth era mais digno de admiração do que nunca. Devia sair do colégio no semestre, senão mais cedo e era mais amado e mais independente que nunca, por consequência mais amável ainda a meus olhos; mas não me lembro de outros incidentes. A grande recordação que marca para mim essa época parece ter absorvido todas as outras para só ela subsistir na minha memória.

Tenho mesmo certa dificuldade em acreditar que houve um intervalo de dois meses entre o meu regresso ao colégio e o dia dos meus anos. Sou forçado, a compreendê-lo, porque sei que é verdade, mas sem isso convencer-me-ia de que as minhas férias e os meus anos se seguiram sem interrupção.

Recordo-me tão bem do tempo que estava nesse dia! Sinto o nevoeiro a envolver todos os objectos; e através dele descubro a geada cobrindo o arvoredo; sinto os cabelos húmidos colarem-se-me às faces; vejo a longa série de escrivaninhas na sala da aula e as velas cheias de pingos que iluminam de distância a distância essa manhã brumosa; vejo as pequenas nuvens de vapor, produzidas pela nossa respiração, serpentearem e fumegarem nos ares, enquanto bafejamos os dedos e batemos com os pés no chão para nos aquecermos.

Era depois de almoço, acabávamos de regressar do recreio, quando *Mister* Sharp chegou e disse:

— David Copperfield, desça ao locutório!

Eu contava com um cabaz de provisões da parte de Peggotty e o meu rosto iluminou-se ao ouvir essa ordem. Alguns dos meus camaradas recomendaram-me que não me esquecesse deles na distribuição das coisas boas que nos faziam crescer a água na boca, no momento em que me levantei apressadamente do meu lugar.

— Não se apresse tanto, David — disse *Mister* Sharp —, tem tempo, meu rapaz, não vá a correr.

Eu deveria ficar surpreendido do tom compungido com que ele me falava, se tivesse vagar de reflectir, mas só mais tarde é que pensei nisso. Desci precipitadamente ao locutório. *Mister* Creakle estava sentado à mesa, a almoçar e tinha diante dele o junco e o jornal; *Mistress*Creakle tinha na mão uma carta aberta. Quanto a cabaz, nem meio.

— David Copperfield — disse *Mistress* Creakle, levando-me para um canapé e sentando-se ao pé de mim —, preciso de lhe falar, tenho que lhe dizer, meu

filho.

*Mister* Creakle, para quem eu olhava naturalmente, abanou a cabeça sem me fitar e abafou um suspiro, engolindo um grande pedaço de pão com manteiga.

— O menino ainda é muito novo para saber como o mundo se transforma todos os dias — disse *Mistress* Creakle — e como as pessoas que o habitam desaparecem. Mas é uma coisa que todos devemos saber, todos, David; uns quando são novos, outros quando são velhos, outros em toda a sua vida.

Eu olhava para ela com toda a atenção.

— Quando o menino veio para o colégio depois de férias — disse *Mistress* Creakle após um momento de silêncio — toda a gente de sua casa ficava bem de saúde?

Depois de um novo silêncio, prosseguiu:

— E a sua mamã passava bem?

Eu estava todo a tremer sem saber porquê e olhava fixamente para ela sem ter força para responder.

— Porque — acrescentou ela — sinto muito dizer-lhe que soube esta manhã que a sua mamã estava bastante doente.

Uma névoa elevou-se entre mim e *Mistress* Creakle, e durante um momento ela desapareceu-me de diante da vista. Depois senti lágrimas ardentes correrem-me pelo rosto e tornei a vê-la diante de mim.

— Ela está em grande perigo — acrescentou *Mistress* Creakle.

Eu já sabia tudo.

— Morreu!

Não era necessário dizer-mo. Eu já tinha soltado o grito de desespero do órfão e sentia-me só no mundo.

*Mistress* Creakle foi cheia de bondade para mim. Teve-me todo o dia ao pé dela, deixando-me apenas por alguns instantes; eu chorava e, depois de fatigado, adormecia para tornar a despertar e chorar mais. Quando já não podia chorar, começava a meditar e a opressão que me abafava pesava mais fundamente ainda sobre a minha alma e o meu desgosto tornou-se numa dor surda que nada podia aliviar.

Todavia, os meus pensamentos eram ainda vagos; não incidiam sobre a desgraça que me oprimia o coração: erravam-lhe em torno. Eu pensava na nossa casa fechada e silenciosa. Pensava no meu irmãozinho, que enfraquecia havia algum tempo (dissera-mo *Mistress* Creakle) e que se supunha quase a morrer. Pensava no túmulo de meu pai, no cemitério, ao pé da nossa casa e via minha mãe deitada debaixo dessa árvore que eu conhecia tão bem. Subi a uma cadeira, quando me encontrei só, para ver ao espelho como os meus olhos estavam vermelhos e como eu tinha o ar triste. Perguntei de mim para mim, ao cabo de

algumas horas, se as minhas lágrimas, que tinham parado, não recomeçariam quando me aproximasse de casa, pois que me mandavam ir para o enterro e era um novo desgosto, ao pensar na perda que acabava de sofrer; porque eu sentia, recordo-me, que tinha uma dignidade a conservar entre os meus pequenos camaradas e que a minha própria aflição me impunha um decoro em relação à importância da minha posição.

Se alguma vez uma criança foi salteada por uma dor sincera, fui eu nessa ocasião, E, todavia, lembro-me que esta importância me dava uma certa satisfação, quando passeava no jardim enquanto os meus camaradas estavam na aula. Quando os via olhar para mim furtivamente pela janela sentia-me como desvanecido e caminhava mais devagar, com um ar mais melancólico. Quando passou a hora da aula e que todos me vieram falar, felicitei-me a mim próprio de não ter sido soberbo com eles e de os acolher a todos absolutamente com a mesma benevolência que dantes.

Eu devia partir no dia seguinte à tarde, não na diligência, mas numa carruagem chamada *a Caseira* e destinada em geral à gente do campo que só tinha a fazer um pequeno trajecto na estrada. Nessa noite não contei histórias e Traddles quis por força emprestar-me o seu travesseiro. Não sei bem o que ele pensava que isso podia fazer-me, pois que eu também tinha travesseiro; mas era tudo quanto o pobre rapaz tinha para me emprestar, salvo uma folha de papel coberta de esqueletos, que me entregou, quando eu partia, para me consolar dos meus pesares e contribuir um pouco para restabelecer a paz da minha alma.

Saí do colégio no dia seguinte de tarde, não desconfiando que nunca mais lá voltaria. Viajávamos muito devagar e só às dez horas da manhã é que eu cheguei a Yarmouth. Eu procurava com os olhos *Mister* Barkis, mas ele não aparecia e vi em seu lugar um homenzinho gordo, um pouco asmático, de ar jovial, já entrado em anos, vestido de preto, com pequenos laços de fita ao fundo dos calções curtos, meias pretas e chapéu de abas largas; avançou para a portinhola da carruagem, chamando.

— Senhor Copperfield?

— Aqui estou, senhor.

— Tenha a bondade de vir comigo, meu jovem senhor? — disse abrindo a portinhola. — Terei o prazer de o levar a casa.

Peguei-lhe na mão, perguntando de mim para mim quem poderia ser e chegámos à porta de uma loja numa rua estreita. A tabuleta dizia:

OMER

MERCADOR, ALFAIATE, NEGOCIANTE DE NOVIDADES,
FORNECE ARTIGOS DE LUTO, ETC.

Era uma lojita muito acanhada aonde faltava o ar; o compartimento estava cheio de vestuários de toda a espécie, confeccionados ou em peças. Uma das janelas via-se guarnecida de chapéus de homem e de senhora. Entrámos para um pequeno compartimento atrás da loja; estavam lá três raparigas a trabalhar em vestuários pretos; havia um embrulho em cima da mesa e o soalho estava coberto de pequenos retalhos negros. Nesse aposento havia um bom fogo e um cheiro abafadiço a crepe chamuscado. Era um cheiro que eu ainda não conhecia; agora conheço.

As três raparigas que pareciam muito alegres e muito activas, ergueram a cabeça para me ver e depois continuaram a trabalhar. Cosiam e tornavam a coser. Ao mesmo tempo ouvia-se sair de uma oficina do outro lado do pátio um ruído regular de martelos em cadência: Rat-ta-tat. Rat-ta-tat. Rat-ta-tat, sem variação alguma.

— Muito bem! — disse o meu guia a uma das pequenas. — Como vai a tarefa, Maria?

— Oh! Há-de estar pronta a tempo — disse ela alegremente sem erguer os olhos. — Não se inquiete, pai.

*Mister* Omer tirou o seu chapéu de abas largas, sentou-se e suspirou. Era tão gordo que foi obrigado a dar ainda mais outro suspiro antes de poder dizer:

— Está bem.

— O pai — disse Maria a rir — não tarda a ficar mais gordo que um tanho.

— É verdade, minha querida! Não sei onde isto vai parar — replicou ele reflectindo. — Mas o facto é que vou nesse caminho.

— É que também — disse Maria — a vida é boa de levar e o pai não cria mau sangue.

— E para que hei-de engordar mais? Não me serviria de nada, minha querida — disse *Mister* Omer.

— Sem dúvida que não — respondeu a filha. — Aqui somos todos alegres, graças a Deus, pois somos, meu pai?

— É certo, minha querida — disse *Mister* Omer. — Agora que já tomei ar, vou tomar medida a este jovem aluno. Quer passar à minha loja, senhor Copperfield?

Passei adiante de *Mister* Omer, que teve comigo essa amabilidade, e depois de me ter mostrado uma peça de fazenda — «Extra-superfino», disse ele, «é lindíssima para fatos pretos em qualquer outra ocasião sem ser para luto de pai ou de mãe» — tomou-me as medidas apontando-as num livro. Ao passo que tomava medida, chamou a minha atenção para os objectos que enchiam o seu armazém e indicou-me modas que acabavam de aparecer e outras que acabavam

de passar.

— É assim que nós perdemos muito dinheiro — disse *Mister* Omer —, mas as modas são como os homens, chegam ninguém sabe quando, nem como, nem porquê: e passam sem que ninguém mais saiba nem quando, nem porquê, nem como; sob este ponto de vista, são como a vida, completamente a mesma coisa.

Eu estava muito triste para discutir o caso, que, de resto, talvez fosse superior às minhas forças, e *Mister* Omer levou-me para o compartimento aonde trabalhava a filha, respirando com bastante custo pelo caminho.

Abriu em seguida uma porta que dava para uma pequena escada que me deu a ideia de um verdadeiro quebra-costas e gritou:

— Tragam o chá, o pão e a manteiga.

Estas três coisas apareceram numa bandeja, daí a pouco quando eu acabava de reflectir, ouvindo o ruído das agulhas das costureiras e a ária dos martelos que ressoava do outro lado do pátio. Esse almoço era-me destinado.

— Conheço-o há muito tempo já, meu amiguinho — disse *Mister* Omer depois de me ter examinado um momento sem que eu, durante esse tempo, tivesse principiado com o almoço: esses fatos de luto tiravam-me o apetite. — Conheço-o já há muito tempo.

— Deveras, senhor?

— Desde que nasceu — disse *Mister* Omer. — Posso mesmo dizer até que antes dessa época. Conheci seu pai primeiramente. Tinha cinco pés e seis polegadas, e a sepultura dele tem vinte e cinco pés de comprido.

*Rat-ta-tat, rat-ta-tat, rat-ta-tat,* ouvia-se do outro lado do pátio.

— A sepultura dele tem vinte e cinco pés de comprimento, sem abater uma polegada — disse *Mister* Omer sempre prazenteiro. — Já não me recordo se foi ele, se ela que mandou.

— O senhor sabe como está o meu irmãozinho? — perguntei.

*Mister* Omer meneou a cabeça.

*Rat-ta-tat, rat-ta-tat, rat-ta-tat.*

— Está no colo da mãe — disse ele.

— Ah! O pobrezinho morreu?

— Não se aflija além do razoável — disse *Mister* Omer. — Sim, o menino morreu.

Todas as minhas feridas sangraram ao ouvir tal notícia. Deixei o almoço quase sem lhe ter tocado e fui descansar a cabeça em cima de outra mesa que estava a um canto da saleta. Maria foi a correr tirar de cima dela os vestuários de luto que lá estavam, com receio de que as minhas lágrimas os manchassem. Era uma linda rapariga, que tinha um ar de bondade; desviou docemente os cabelos que me caíam para diante dos olhos, mas estava contentíssima por ver que tinha

quase a obra acabada e que estava pronta a tempo e horas; enquanto eu era tão diferente!

A ária que cantavam os martelos parou e um rapaz bem parecido atravessou o pátio entrando na saleta em que estávamos. Trazia um martelo na mão e a boca cheia de pregos pequenos que foi obrigado a tirar antes de poder falar.

— Então, Joram — disse *Mister* Omer —, em que altura estamos?

— Está tudo pronto — disse Joram —, já acabei.

Maria corou um pouco e as outras duas raparigas entreolharam-se sorrindo.

— Como foi isso? Então trabalhou ontem à noite enquanto eu estava no Club? Com certeza — acrescentou *Mister* Omer piscando maliciosamente um olho.

— Sim — disse Joram —, como o senhor nos tinha dito que poderíamos fazer essa pequena viagem, se se aprontasse a obra... Maria e eu... e o senhor...

— Oh! Imaginei que ia deixar-me completamente de lado — disse *Mister* Omer rindo tão forte que começou a tossir.

— Como o senhor disse isso — prosseguiu o rapaz — atirei-me ao serviço com toda a minha boa vontade. Quer ver se está bem?

— Vamos lá — disse *Mister* Omer erguendo-se. — Meu querido menino — disse voltando-se para mim — se quiser ver o...

— Não, meu pai — interrompeu Maria.

— Pensava que gostaria de o ver, minha querida — disse *Mister* Omer —, mas talvez que tenhas razão.

Não posso dizer como é que eu sabia que iam examinar o caixão da minha pobre, da minha querida mamã. Nunca tinha ouvido fazer um caixão, creio que nunca também tinha visto nenhum, mas essa ideia entrara-me no espírito ao ouvir o ruído que se fazia na oficina e quando o rapaz entrou, já eu sabia bem que tarefa ele acabava de fazer.

A encomenda estava terminada, as duas raparigas, cujo nome eu não ouvia pronunciar, escovavam os bocados de linhas e o cotão que lhes tinha ficado pegado às roupas e entravam na loja para a arrumarem e esperarem os fregueses. Maria ficou na saleta de trás para dobrar a obra e acondicionar tudo em dois cestos. Estava atarefada nessa ocupação, de joelhos e a cantar uma moda alegre. Joram, o seu namorado, isso era claro, entrou pé ante pé e furtou-lhe um beijo, enquanto ela estava assim entretida, sem se inquietar coisa alguma com a minha presença; disse-lhe ele que o pai tinha ido buscar o carro e que ia preparar-se a toda a pressa, depois saiu. Então ela meteu o dedal e as tesouras no bolso, pregou cuidadosamente uma agulha enfiada em preto no corpo do vestido, pôs a capa e o chapéu com o maior cuidado, mirando-se a um pequeno espelho colocado atrás da porta e no qual eu via reflectir-se o seu rosto satisfeito.

Observei tudo isto do canto da mesa a que me tinha sentado, com a cabeça

encostada à mão, a pensar em coisas muito diversas. O carro parou daí a pouco à porta: meteram dentro os cestos, eu entrei em seguida e depois os meus companheiros. Era, tanto quanto me lembra, uma espécie de carripana, um pouco parecida com os carros de transportar pianos, pintada de escuro e arrastada por um cavalo preto de cauda comprida. Tinha amplamente lugares para todos nós.

Não sei se alguma vez experimentei durante a minha vida (talvez porque tenho agora mais experiência) um sentimento mais estranho do que o que então eu sentia, ao vê-los ir tão contentes de carro, ao acabarem tal tarefa. Eu não estava penalizado, tinha sim um pouco de receio, parecia-me que ia com criaturas de uma natureza diferente da minha. Iam muito alegres. O velhote sentava-se na bancada da frente e guiava; os dois sentavam-se por trás dele e quando ele lhes falava, inclinavam-se ambos para a frente, cada um por seu lado, de rosto alegre e com o ar de quem não via outra coisa — os hipócritas! Talvez quisessem conversar comigo, mas eu ia encafuado no meu canto, aborrecido de os ver namorar e perturbado pela sua alegria, que todavia não era ruidosa, admirando-me como é que Deus não os castigava pela dureza do seu coração.

Quando pararam para dar aveia ao cavalo, beberam, comeram e brincaram, mas eu não pude tocar em alimento algum e fiquei em jejum. Ao aproximar-me de casa, desci da carripana, pelo lado de trás, o mais depressa que pude, a fim de me não encontrar com semelhante companhia em frente dessas solenes janelas, fechadas de alto a baixo, que pareciam olhar para mim sem me verem, como olhos de cego outrora brilhantes e agora extintos. Oh! Bem poderia ter-me dispensado de perguntar a mim próprio em Salem-House se recomeçariam as minhas lágrimas ao regressar a casa: bastava-me ver a janela de minha mãe em frente de mim e ao lado a que, em melhores tempos, tinha sido minha.

Encontrei-me nos braços de Peggotty antes de chegar à porta e foi ela quem me levou para casa. A sua dor rebentou primeiro ao ver-me, mas dominou-a logo e pôs-se a falar baixinho e a andar ao de leve, como se receasse despertar os mortos. Soube que não se tinha deitado havia muito tempo. Velava ainda todas as noites. Enquanto a sua querida estivesse sobre terra — dizia ela — não podia resolver-se a sair de ao pé dela.

*Mister* Murdstone não me prestou atenção quando entrei na sala, onde estava sentado ao pé do fogão, chorando em silêncio e reflectindo recostado na sua poltrona. *Miss* Murdstone escrevia na sua banca, que estava coberta de cartas e papéis; deu-me a ponta dos dedos e perguntou-me, em tom glacial, se me tinham tirado medida do fato de luto.

— Sim.

— E as suas camisas — disse *miss* Murdstone —, trouxe-as?

— Sim, minha senhora, trouxe tudo comigo.

Foi toda a consolação que me ofereceu a sua firmeza. Estou certo de que ela tinha um grande prazer em desenvolver o que chamava a sua presença de espírito, a sua coragem, a sua energia, o seu bom-senso e todo o diabólico catálogo das suas desagradáveis qualidades. Ela orgulhava-se muito do seu talento para os negócios e provava-o no momento, reduzindo todas as coisas a uma questão de pena e tinta. Passou todo o resto desse dia e os dias seguintes diante da mesma banca, sem manifestar emoção alguma, escrevendo sempre com uma pena muito dura, falando a toda a gente no mesmo tom imperturbável, sem que se lhe distendesse um músculo do rosto, sem que o som da sua voz se dulcificasse um instante, sem que um átomo do seu vestuário se permitisse o menor desarranjo.

Seu irmão pegava às vezes num livro, mas eu nunca o via ler. Abria o volume e olhava para ele como se o lesse, mas ficava uma hora inteira sem voltar a página, depois pousava o livro e passeava de cá para lá, a todo o comprimento da sala. Eu permanecia horas inteiras sentado, as mãos cruzadas, a olhar para ele e a contar-lhe os passos. Raras vezes falava a sua irmã e a mim nunca dirigia a palavra. No repouso solene da casa, só ele e... os relógios estavam em movimento.

Mal vi Peggotty durante os dias que precederam o enterro; somente, ao subir ou ao descer a escada, encontrava-a sempre muito perto do quarto onde repousavam minha mãe e o seu filhinho e à noite vinha para o meu quarto, onde permanecia junto do meu leito até que eu tivesse adormecido. Um ou dois dias antes dos funerais, segundo penso, porque sinto que devo confundir os tempos nesta triste época em que nada quebrava a monotonia do meu desgosto, Peggotty levou-me ao quarto de minha mãe. Lembro-me somente que, debaixo de um lençol branco que cobria a cama com um grande asseio e uma grande frescura em volta, pareceu-me ver repousar em pessoa o silêncio solene que reinava na casa, e quando ela quis levantar suavemente esse lençol gritei «Oh! Não! Oh! Não!» e retive-lhe a mão.

Se o enterro se tivesse efectuado ontem, não estaria tão presente no meu espírito. A aparência da sala no momento da minha entrada, o brilho das luzes, o vinho que cintilava nas garrafas, a forma dos copos e dos pratos, o perfume dos bolos, o cheiro do vestido de *miss* Murdstone e os nossos vestuários de luto, nada me esqueceu. *Mister* Chillip achava-se presente e veio-me falar.

— Como passa, Sr. David? — disse-me ele com bondade.

Eu não lhe podia responder «Muito bem». Estendi-lhe a mão e ele demorou-a entre as suas.

— Vamos! — tornou *Mister* Chillip com um doce sorriso e lágrimas nos

olhos. — É ver como os nossos amiguinhos crescem em volta de nós. Dentro de pouco tempo não os reconheceremos. Tem progredido muito, parece-me, minha senhora — continuou ele, dirigindo-se a *miss* Murdstone.

Ela apenas respondeu com um frio cumprimento, franzindo as sobrancelhas, e *Mister* Chillip, um pouco perturbado, foi sentar-se a um canto sem dizer palavra, levando-me consigo.

Notei este facto, porque reparava em tudo, mas sem tomar o menor interesse pelo que me sucedia, desde que voltei para casa. Os sinos começaram a dobrar e *Mister* Omer veio com um outro homem fazer os últimos preparativos. Peggotty tinha-me contado noutro tempo que os convidados para o enterro de meu pai se tinham reunido então na mesma sala a fim de o levarem para a mesma sepultura.

Estamos *Mister* Murdstone, o nosso vizinho *Mister* Gayper, *Mister* Chillip e eu. Quando saímos de casa, os homens já estavam fora com o caixão e foram na nossa frente pelo atalho adiante, por baixo dos olmos; passaram pela grade e entraram no cemitério, aonde eu tanta vez ouvi chilrear os passarinhos de Verão.

Achamo-nos em volta da sepultura. O dia parece-me diferente dos dias habituais; acho que o céu não tem a mesma cor, é mais sombrio. Há um silêncio solene que trouxemos de casa com o que há no caixão e enquanto estamos de pé, de cabeça descoberta, ouço ressoar a voz do pastor, que diz distintamente: «Eu sou a ressurreição e a vida, disse o Senhor». Depois ouço soluços e vejo um pouco ao lado, na chusma dos curiosos, essa boa e fiel criada, que é a quem eu mais amo na terra e estou convencido, na minha credulidade de criança, que o Senhor lhe há-de dizer um dia: «Estou satisfeito!»

Vejo muitas caras do meu conhecimento, que eu reconheço por as ter visto na igreja quando olhava para todos os lados, caras de pessoas que haviam conhecido minha mãe quando ela chegara à aldeia, em todo o esplendor da sua juventude. Não lhes presto atenção, não penso senão no meu desgosto e todavia vejo e reconheço, toda a gente, até a Maria, que está ao fundo, ocupada a deitar olhadelas para o noivo, que está muito perto de mim.

Está tudo acabado: é lançada a terra na cova e tomámos o caminho de casa, a qual se levanta na nossa frente; é sempre bonita, não mudou, mas está por tal forma unida no meu espírito às recordações da minha infância, de tudo o que não existe, que o meu desgosto de ainda agora não é nada em comparação do que à sua vista eu sinto. Todavia, sou sempre acompanhado; *Mister* Chillip fala-me e quando chegámos a casa dá-me a beber um copo de água; depois peço-lhe licença para ir para o meu quarto e ele diz-me adeus com uma ternura de mulher.

Repito que tudo isto é para mim um acontecimento de ontem. Factos mais recentes me escaparam para flutuar na direcção dessa praia, aonde, para reaparecer um dia, se acumula tudo quanto foi esquecido, mas esse dia da minha

vida está diante de mim como um grande rochedo erecto no meio do Oceano.

Eu bem sabia que Peggotty viria ter comigo ao meu quarto. O repouso desse dia assemelhava-se ao do domingo, era o que nós todos precisávamos. Peggotty sentou-se a meu lado em cima da cama, conservando a minha mão entre as suas: ora beijava-a ternamente, ora afagava-me como o teria feito ao meu irmãozinho e contou-me a seu modo tudo quanto tinha a dizer-me acerca do que se acabava de passar.

— Havia muito tempo que ela não estava bem — disse Peggotty. — O seu espírito andava atormentado, não era feliz. Quando lhe nasceu o filhinho, eu a princípio pensava que ela ia restabelecer-se, mas, pelo contrário, a sua saúde tornava-se mais delicada todos os dias. Antes do nascimento do menino gostava de estar só e então chorava; depois de ter o filho cantava-lhe tão docemente que uma vez, ao ouvi-la, pareceu-me que era uma voz nos ares que subia sempre para o céu. Tornara-se mais tímida e assustava-se por qualquer coisa; uma palavra dura era para ela um golpe terrível, mas devo dizer que foi sempre a mesma para mim. Minha pobre querida, nunca mudou para a sua velha Peggotty!

Aqui, Peggotty parou e acariciou-me docemente com a mão durante um bocadinho.

— A última vez que a vi como no tempo antigo, foi na noite em que o meu querido menino veio de férias. No dia em que partiu, disse-me ela: «Não tornarei mais a ver o meu pobre pequeno; sinto cá dentro qualquer coisa que mo diz e sei que é verdade». Ela fazia quanto podia para não fraquejar e bastantes vezes, quando eles a repreendiam pela sua irreflexão e pelo seu génio descuidoso, ela fingia acreditar que era verdade; mas havia muito tempo que tudo isso tinha passado. Nunca disse ao marido o que me dizia a mim, tinha medo de falar disso a mais alguém; todavia, uma noite, um pouco mais de oito dias antes de morrer, ela disse-lhe: «Meu amigo, parece-me que vou morrer. Tenho agora o espírito sossegado». «Peggotty» disse-me ela nessa mesma noite, quando eu a estava a deitar, «o pobre homem ir-se-á acostumando suavemente, durante alguns dias, a essa ideia e depois tudo passará depressa. Estou muito fatigada. Se for sono, fique ao pé de mim e enquanto eu dormir não saia daqui. Deus abençoe os meus dois filhos! Deus proteja e guarde o meu pobre filho sem pai!». Nunca mais saí de ao pé dela — continuou Peggotty. — Ela falava muitas vezes à gente que está lá em baixo, ao irmão e à irmã, porque os amava; não podia viver sem amar os que a rodeavam, mas quando eles se retiravam voltava-se para mim, como se não encontrasse descanso senão junto da Peggotty, e nunca adormecia de outra maneira. A última noite, por horas tardas, beijou-me e disse-me: «Se o meu menino morrer também, Peggotty, peço-lhe que mo ponham nos braços e que nos enterrem juntos (foi o que se fez, porque o pobre menino só lhe sobreviveu

mais um dia). O meu David que nos acompanhe ao nosso lugar de repouso» disse ela «e repita-lhe que a mãe, no seu leito de morte, mil vezes o abençoou».

Um outro silêncio seguiu-se a estas palavras; Peggotty acariciava-me sempre.

— A noite ia bastante adiantada — continuou Peggotty — quando ela me pediu de beber e, depois de ter bebido, sorriu-me, com um sorriso tão doce, minha pobre querida! Despontava o dia e nascia o sol; ela disse-me então que *Mister* Copperfield tinha sido sempre bom e indulgente para ela, que era afável e paciente, e que lhe dizia muitas vezes, quando ela duvidava de si própria, que um coração amoroso valia mais do que toda a sabedoria do mundo, e que ela o tornava bastante feliz! «Peggotty, minha querida», acrescentou ela, «chegue-me para si (ela estava muito fraca), ponha-me o seu braço debaixo do pescoço e volte-me para o seu lado; o seu rosto está longe de mim e eu quero vê-lo». Fiz-lhe o que ela me pedia e chegou o momento, David, em que sucedeu o que já lhe disse; pousou a sua pobre cabeça no braço da sua velha e triste Peggotty, e morreu como uma criança que fica a dormir.

Assim acabou a narrativa de Peggotty. Desde o momento em que eu sabia como se passara a morte de minha mãe, a recordação do que ela fora recentemente desapareceu do meu espírito. Desde então ficou na minha memória como a terna mamãzinha da minha infância, que enrolava os lindos anéis de cabelo nos dedos e que dançava comigo à noite na sala. A narrativa de Peggotty, em vez de me recordar os últimos tempos da sua vida, confirmou no meu espírito a primeira imagem. É talvez estranho, mas é verdadeiro. Na sua morte, tinha, a meus olhos, retomado o voo para a sua pacífica mocidade; tudo o mais se apagara.

A mãe que dormia na sua sepultura era a mãe da minha infância; e a criaturinha que descansava em seus braços para sempre, era eu que ela tinha outrora apertado assim de encontro ao seu seio.

## Capítulo X — Primeiro desprezam-me, depois empregam-me

O primeiro acto de autoridade com que se estreou *miss* Murdstone, quando passou o dia solene e que a luz recuperou o seu livre acesso através das janelas, foi prevenir Peggotty que tinha de ir embora dentro de um mês. Por maior que fosse a repugnância de Peggotty em servir *Mister* Murdstone, creio que preferiria fazê-lo por amor de mim do que entrar para a melhor casa que houvesse no mundo. Mas enfim, vendo-se despedida, disse-me que era preciso apartarmo-nos e qual a razão, e lamentámo-nos um e outro com toda a sinceridade.

Quanto a mim e ao futuro que me estava reservado, não ouvia dizer palavra, nem via dar um único passo. Bem quereriam eles, penso, poder desembaraçar-se de mim como da Peggotty com um mês de soldadas. Reuni um dia toda a minha coragem para perguntar a *miss* Murdstone quando devia regressar ao colégio e ela respondeu-me secamente que supunha que eu não voltaria para lá. Foi tudo. Eu estava muito inquieto por saber o que ia ser de mim; Peggotty preocupava-se também com o meu futuro, mas nem ela nem eu podíamos obter qualquer informação a tal respeito.

Operara-se na minha situação uma mudança que, livrando-me de grandes desgostos no momento presente, poderia, se eu soubesse reflectir seriamente, dar-me muito que pensar sobre o futuro. O facto era este: o constrangimento que se me impusera desaparecera por completo. Faziam tão pouco caso em me ver ficar no meu triste posto na sala, que diversas vezes *miss* Murdstone me fez sinal, franzindo as sobrancelhas, para me retirar, no momento em que ia a sentar-me; proibiam-me tão pouco de procurar a companhia de Peggotty, que, contanto que não fosse na presença de *Mister* Murdstone, não se importavam de me procurar nem de perguntar nunca aonde é que eu estava. A princípio assustou-me a ideia de que *Mister* Murdstone ia incumbir-se de continuar a minha educação, talvez até que fosse sua irmã quem se dedicasse a essa tarefa ingrata, mas cheguei bem depressa à conclusão de que os meus receios não tinham fundamento e que se liquidariam por eu ser abandonado.

Esta descoberta não me causou então, muito desgosto; estava ainda atordoado pelo golpe que tinha sofrido com a morte de minha mãe e por consequência indiferente a todas as coisas deste mundo. Recordo-me bem de ter reflectido de tempos a tempos que era possível que não aprendesse mais nada, que não recebesse mais cuidados de ninguém; que me tornasse um triste cavalheiro, destinado a passar a inútil vida a flanar pela aldeia; lembro-me também de ter dito com os meus botões se não seria uma coisa praticável evitar as desgraças

que previa indo-me embora, como um herói de romance, procurar fortuna noutra parte, mas não passavam de transitórias visões, de sonhos que realizava acordado, de sombrinhas chinesas que desenhavam por um momento a sua forma ligeira nas paredes do meu quarto para se esvaírem logo e apenas deixarem a nudez da parede.

— Peggotty — disse eu num dia em tom apreensivo quando aquecia as mãos ao fogão da cozinha —, *Mister* Murdstone gosta ainda menos de mim que dantes. Ele já não gostava muito de mim, Peggotty, mas agora o seu desejo seria não me pôr mais a vista em cima, se pudesse.

— Talvez isso provenha do desgosto que sofreu — disse Peggotty, passando-me a mão pelos cabelos.

— Todavia eu também tenho desgosto, Peggotty. Se eu soubesse que isso provinha do seu desgosto não pensaria em tal. Mas não, não é isso, não é isso.

— Como é que sabe? — prosseguiu Peggotty após um momento de silêncio.

— Oh! O seu desgosto não é completamente como o meu; ele está triste neste momento, sentado ao pé do fogo com *miss* Murdstone, mas se eu entrasse, Peggotty, ele ficaria...

— Ficaria o quê? — disse Peggotty.

— Encolerizado — respondi eu, e imitei involuntariamente o franzir das suas sobrancelhas. — Se só fosse tristeza, não me olhava como me olha. Eu também estou triste, mas parece-me que a minha tristeza me dispõe antes para a benevolência.

Peggotty conservou-se silenciosa um momento e eu continuei a aquecer as mãos sem dizer mais nada.

— David! — disse ela por fim.

— Que é, Peggotty?

— Eu tenho procurado, meu querido menino, tenho procurado por todos os modos e feitios conhecidos e por conhecer, arranjar colocação aqui em Blunderstone, mas não há nada que me possa convir, meu querido.

— E que tenciona fazer, Peggotty? — disse eu tristemente. — Onde é que tenciona ir procurar fortuna?

— Creio que serei obrigada a ir viver em Yarmouth — disse Peggotty.

— Um pouco mais longe ainda — disse eu gracejando um pouco — e ficaria perdida para mim, mas lá poderei vê-la ainda algumas vezes, minha boa velha Peggotty. Não é de todo para o outro cabo do mundo, pois não?

— Pelo contrário; se Deus quiser — exclamou Peggotty com uma grande animação —, enquanto o meu querido menino aqui estiver eu virei vê-lo todas as semanas, uma vez por semana enquanto viva for.

Esta promessa tirou-me uma grande inquietação; mas não era tudo, Peggotty

continuou:

— Primeiro vou a casa de meu irmão, sabe, David, passar uns quinze dias, a fim de pensar no que hei-de fazer e restabelecer-me um pouco. E daí pensava que talvez agora, como não há grande necessidade de o menino aqui estar, que poderiam também deixá-lo vir comigo.

Se alguma coisa podia fazer-me experimentar um sentimento de prazer neste momento em que tão pouco tinha que estar satisfeito com todos quantos me rodeavam, à excepção de Peggotty, era bem esse projecto. A ideia de tornar a ver todos esses rostos honestos iluminados por um sorriso de boas vindas, de tornar a encontrar a tranquilidade da manhã do domingo, o sorriso dos sinos, o ruído das pedras chapinando na água, ver os navios semi-desenharem-se na neblina, vaguear pela costa com a Emilita, contando-lhe os meus desgostos e consolar-me procurando com ela seixos e alcofinhas na praia, tudo isso tornava a restituir-me a tranquilidade ao coração. O meu repouso foi perturbado um instante depois pela dúvida de saber se *miss* Murdstone daria o seu consentimento. Mas esta mesma inquietação dissipou-se depressa; porque no momento em que ela apareceu a dar a sua volta da noite, às apalpadelas, pela cozinha, enquanto ainda conversávamos, Peggotty abordou a questão com uma audácia que me espantou:

— Vai perder tempo para lá — disse *miss* Murdstone olhando para um frasco de pepinos de conserva — e a ociosidade é a mãe de todos os vícios; mas creio bem que lá ou cá faria a mesma coisa.

Peggotty esteve vai-não-vai a responder logo, mas conteve-se pelo afecto que me consagrava e calou-se.

— Bem! — disse *miss* Murdstone olhando sempre para os pepinos —, há uma coisa mais importante que tudo o mais, da mais alta importância; é que meu irmão não seja nem incomodado nem contrariado. Assim suponho que farei bem em dizer que sim.

Agradeci-lhe, mas sem manifestar a minha alegria com receio dela me retirar o seu consentimento. Não pude deixar de pensar que procedera prudentemente, quando encontrei o olhar que ela me deitou por cima do frasco dos pepinos: parecia que todo o seu azedume lhe passara para os olhos pretos. Todavia a licença era concedida e não foi retirada e no fim do mês que tinham concedido a Peggotty, estávamos ambos prontos a partir.

*Mister* Barkis entrou em casa para buscar a mala de Peggotty. Nunca vi que anteriormente ele ultrapassasse a grade do jardim, mas desta vez entrou até dentro de casa; e, carregando ao ombro a mala maior, deitou-me um olhar que queria dizer qualquer coisa, se é certo que o rosto de *Mister* Barkis algum dia quisesse dizer coisa alguma.

Naturalmente Peggotty estava um pouco triste ao deixar uma casa em que

habitara há tantos anos e aonde se tinha afeiçoado às duas criaturas que mais amava no mundo, minha mãe e eu. De manhã muito cedo foi de visita ao cemitério e quando saiu para a tipóia levava o lenço nos olhos.

Enquanto ela conservou essa posição, *Mister* Barkis não deu o mais leve sinal de vida. Estava no seu lugar habitual, na costumada atitude, como um grande manequim. Mas quando ela começou a olhar em torno de si e a falar-me, ele meneou a cabeça e pôs-se a rir muitas vezes a seguir, nem sei de quê nem porquê.

— Lindo dia, senhor Barkis! — disse eu então por cortesia.

— O tempo não está mau — disse *Mister* Barkis, que era geralmente muito reservado nas suas expressões e que não gostava de se comprometer.

— Peggotty está agora completamente restabelecida, senhor Barkis — notei, para lhe dar gosto.

— Sim? — disse *Mister* Barkis.

Depois de ter reflectido, deitou-lhe um olhar astucioso e disse-lhe:

— Acha-se completamente bem?

Peggotty pôs-se a rir e respondeu afirmativamente.

— Mas completamente bem, está certa? — resmungou *Mister* Barkis aproximando-se dela pouco a pouco e dando-lhe uma leve cotovelada. — Está certa? Deveras completamente bem? Está bem certa disso?

E a cada uma destas perguntas que *Mister* Barkis acompanhava de uma nova cotovelada, ia-se aproximando dela por tal forma que, no fim, estávamos todos num montão ao canto esquerdo da tipóia e eu fiquei tão apertado que quase não podia tomar a respiração.

Peggotty chamou a atenção de *Mister* Barkis para o que eu estava sofrendo e ele deu-me uma nesga de lugar e foi-se retirando aos poucos. Mas eu não pude deixar de notar que essas aproximações incómodas eram a meu ver um maravilhoso meio de ele exprimir a sua boa vontade de uma maneira clara, agradável e fácil, sem ser obrigado a despesas de conversação. Muito tempo ainda depois estava ele todo regozijado. Daí a pouco, voltou-se de novo para Peggotty e renovando a sua pergunta: «Acha-se bem, mas completamente bem?» apertou de novo o torniquete contra nós, a ponto de quase me sufocar. Retirou pouco depois a pergunta e as manobras. Tomei então o partido de me levantar, mal o via ir-se aproximando e conservava-me de pé à frente, sob o pretexto de contemplar a paisagem; este expediente deu-me resultado.

Ele teve a cortesia de parar à porta de uma estalagem, com o fim expresso de nos obsequiar com cerveja e carneiro guisado. Enquanto Peggotty bebia, foi tomado novamente de um dos seus acessos de galanteria: estava a ver o momento em que ela ia sufocar de riso. Mas, ao aproximar-se o fim da viagem,

achava-se muito ocupado para pensar em nós, e, uma vez no empedrado de Yarmouth, estávamos todos muito a contas com os solavancos, creio, para termos vagar de pensar noutra coisa.

*Mister* Peggotty e Ham esperavam-nos. Receberam-me a mim e a Peggotty da maneira mais afectuosa e deram um aperto de mão a *Mister* Barkis, que atirara o chapéu para a nuca, sorrindo com ar acanhado que parecia quase comunicar-se-lhe às pernas, um pouco trémulas ao que me pareceu. *Mister* Peggotty pegou numa das malas da irmã, Ham encarregou-se da outra e eu ia a segui-la, quando *Mister* Barkis me fez misteriosamente sinal para lhe ir falar.

— Tudo vai bem — resmoneou *Mister* Barkis.

Eu olhei-o de frente dizendo «Ah!» num tom que queria tornar muito profundo.

— Não ficou tudo naquilo — disse *Mister* Barkis com um meneio de cabeça confidencial. — Vai tudo bem.

Eu respondi de novo:

— Ah!

— Sabe quem é que estava pronto? — disse o meu amigo. — Era Barkis, Barkis sozinho.

Eu fiz sinal de assentimento.

— Muito bem! Agora tudo vai bem, graças ao senhor; sou seu amigo; tudo vai bem! — e *Mister* Barkis pespegou-me um aperto de mão.

Nos seus esforços para se explicar com uma grande lucidez, *Mister* Barkis tornara-se tão extraordinariamente misterioso que eu poderia ficar a olhar para ele uma hora sem recolher mais informações no seu rosto do que no mostrador de um relógio parado, quando Peggotty me chamou. Pelo caminho perguntou-me o que é que ele me tinha dito. Respondi-lhe ter-me ele dito que ia tudo bem.

— É adiantar-se muito — disse Peggotty —, mas pouco me importa. David, meu caro filho, que diria se eu me casasse?

— Mas... suponho que me amaria tanto como agora — respondi eu após um momento de reflexão.

Com grande espanto dos transeuntes e de seu irmão que marchava à nossa frente, a boa mulher não pôde deixar de parar para me beijar no mesmo instante, protestando a sua inalterável afeição por mim.

— E então, que é que me diz ao que lhe disse, meu querido? — prosseguiu ela, terminado este episódio, depois de já nos termos posto a caminho.

— Se tivesse a ideia de se casar... com *Mister* Barkis, Peggotty?

— Sim — disse Peggotty.

— Parece-me que seria uma coisa magnífica, porque, sabe, Peggotty, teria a tipóia e o cavalo para me vir ver e poderia vir com toda a certeza e ainda por

cima de graça!

— Como tem juízo este menino! — exclamou Peggotty. — É precisamente isso o que eu tenho dito de mim para mim há um mês. Sim, meu querido e penso que serei mais independente e que trabalharei de melhor vontade em minha casa do que na casa de outros. Não sei se me afiaria a servir estranhos. E depois, ficarei perto da sepultura da minha pobre senhora — disse Peggotty a meia voz — e poderei ir vê-la quando me apetecer; e, quando eu morrer, poderão enterrar-me não longe dela.

Ficámos um instante calados, pouco tempo depois destas palavras. Ela prosseguiu alegremente:

— Mas não pensarei em tal, se isso não for do agrado do meu Davidzinho, ainda que os banhos se corressem vinte vezes e que eu tivesse já no bolso a minha aliança!

— Olhe para mim, Peggotty — respondi —, e verá como estou contente.

E, de facto, eu desejava de todo o coração o casamento de Peggotty.

— Muito bem! Meu querido — disse Peggotty apertando-me um pouco um braço —, tenho pensado noite e dia de todas as maneiras e conto não me arrepender. Mas hei-de ainda reflectir mais: quero falar a meu irmão e enquanto se espera teremos o menino ao pé de nós, David. Barkis é um bom homem, todo sincero — disse Peggotty —, e se eu fizer por cumprir os meus deveres para com ele creio que só por culpa minha é que não estarei... é que não estarei *completamente bem* — disse Peggotty rindo com toda a vontade.

Esta citação, extraída das próprias palavras de *Mister* Barkis, tinha sido tão bem metida e divertiu-nos tanto, que as nossas risadas duraram até ao momento em que nos achámos à vista da casa de *Mister* Peggotty.

Não tinha mudado essa casa, salvo que a achava talvez um pouco mais pequena: e *Mistress* Gummidge lá estava de pé, à porta, como se não se tivesse mexido dali desde a minha última visita. O interior não tinha sofrido mudanças, como não as tinha sofrido o exterior. O pequeno vaso azul do meu quarto estava sempre cheio de plantas marinhas. Dei uma volta pela barraca e encontrei no sítio do costume as lagostas, os caranguejos e os camarões, formando, como dantes, uma massa compacta sempre possessos do mesmo desejo de trilharem os dedos a todo o universo. Mas não via a Emília, perguntei a *Mister* Peggotty aonde a poderia encontrar.

— Está na mestra, senhor David — disse *Mister* Peggotty enxugando a testa depois de pousar a mala do irmão —, não tarda por aí — acrescentou olhando para o velho relógio. — São mais vinte minutos, meia hora a estalar; todos nós sentimos a ausência dela, afianço-lhe.

*Mistress* Gummidge suspirou.

— Leva arriba, tia Gummidge! — grita *Mister* Peggotty.

— Eu é que sinto mais que ninguém — disse *Mistress* Gummidge —, sou uma pobre mulher sem eira nem beira, e é a única pessoa com quem eu não tenho contrariedade.

*Mistress* Gummidge sempre queixosa e meneando a cabeça, pôs-se a soprar ao lume. *Mister* Peggotty voltou-se para nós, enquanto ela estava assim ocupada e disse-me em voz baixa pondo a mão em frente da boca: «É o defunto!», o que me fez supor com razão que o génio de *Mistress* Gummidge não tinha feito progresso algum depois da minha última visita.

A casa era, ou pelo menos devia ser tão encanadora como dantes e todavia não me produzia a mesma impressão. Eu estava um pouco contrariado. Isso provinha, talvez, da Emilita não estar presente. Eu sabia o caminho por onde ela devia vir e daí a pouco ia ao seu encontro.

Passado um momento, descobri ao longe alguém que logo reconheci, era a Emília. Tinha crescido, mas ainda era pequeia. Quando se aproximou e que eu vi os seus olhos mais azuis que nunca, o seu rosto mais radioso que dantes e toda a sua pessoa mais linda e mais atraente, senti uma estranha sensação que me deu a ideia de fingi que não a reconhecia e de passar sempre a direito, como se estivesse a olhar para qualquer coisa ao longe. Fiz outro tanto mais de uma vez na minha vida, se não me engano. À Emilita não se importava. Via-me bem, ruas em vez de se voltar e de me chamar, desatou a correr rindo. Isso obrigou-me a correr atrás dela; mas a pequena fugia tão depressa, que só quando chegámos muito perto da choupana é que eu a pude agarrar.

— Ah! É o senhor? — disse ela.

— A Emília bem sabia que era eu.

— E o senhor, não sabia também que era eu? — retorquiu a pequena.

Eu ia para a beijar, mas ela pôs as mãos nos lábios, dizendo-me que já não era nenhuma criança e fugiu para casa a rir tom mais vontade que nunca.

Ela parecia divertir-se em implicar comigo e esta mudança nas suas maneiras admirava-me muito. A mesa estava posta; o velho baú pequeno estava no seu lugar costumado, mas em vez de vir sentar-se ao pé de mim foi tomar lugar junto de *Mistress* Gummidge, que continuava a gemer e quando *Mister* Peggotty lhe perguntou porque o fria, sacudiu os seus cabelos sobre o rosto e não respondeu, mas riu-se.

— É uma gatinha — disse *Mister* Peggotty afagando-a docemente.

— Sim, é uma gatinha! — exclamou Ham. — Sim, *Mister* David, olhe que é!

E olhava para ela, rindo muito com um misto de admiração e êxtase, que lhe tornava a cara vermelha como um morango.

O facto é que todos a enchiam de mimos e *Mister* Peggotty mais que ninguém;

ela fazia dele o que queria, bastava aproximar a sua face das suas grandes suíças. Pelo menos, era a minha opinião quando eu via que ela o acariciava e eu achava que *Mister* Peggotty tinha muita razão; ela era tão afectuosa e tão afável, tinha uns olhares ao mesmo tempo tão finos e tão tímidos, que me conquistou o coração mais que nunca.

Ela era também muito sensível e quando *Mister* Peggotty, sempre fumando no seu cachimbo ao pé do fogão, aludiu à perda por que eu acabava de passar, os olhos da Emília arrasaram-se de lágrimas e olhou para mim com tanta bondade, do outro lado da mesa, que eu fiquei-lhe reconhecidíssimo.

— Ah! — disse *Mister* Peggotty pegando nos anéis do cabelo da sua Emilita e deixando-os cair um a um —, aqui temos nós uma órfã, ora veja, Sr. Davy e aí está um órfão! — continuou *Mister* Peggotty, dando com as costas da mão uma vigorosa pancada no peito de Ham, conquanto não parecesse que o ia fazer.

— Se eu o tivesse por tutor, Sr. Peggotty — disse acenando com a cabeça —, creio que não me sentiria órfão.

— Bem dito, Sr. David! — exclamou Ham com entusiasmo. — Hurra! Bem dito! Tem muita razão.

E restituiu a *Mister* Peggotty a lambada de há pouco, enquanto a Emilita se levantava para o ir beijar.

— E como vai o seu amigo, Sr. Davy? — perguntou-me *Mister* Peggotty.

— *Mister* Steerforth? — disse eu.

— Ah! Esse nome é que é! — exclamou *Mister* Peggotty, voltando-se para Ham. — Eu bem sabia que era qualquer coisa assim.

— Mas você dizia que era Rudderfort! — exclamou Ham a rir.

— E então! — respondeu *Mister* Peggotty — não andei por longe... Se não há *rude*, há *forte*, que vem a dar na mesma. Como vai ele?

— Estava muito bem quando o deixei, Sr. Peggotty.

— Esse é que é um amigo! — tornou *Mister* Peggotty sacudindo a cinza do cachimbo. — Fale-me de um amigo assim! Palavra de honra, que dá gosto vê-lo.

— Tem uma bonita figura, pois não tem? — disse eu, porque o meu coração tomava calor ao elogiá-lo.

— Uma bela figura? — disse *Mister* Peggotty. — Creio bem; está-se diante de uma pessoa como... não sei quê. Tem um ar tão decidido!

— Sim, é precisamente o seu carácter — prossegui eu por minha vez —, valente como um leão e a franqueza em pessoa, Sr. Peggotty.

— E suponho — continuou *Mister* Peggotty, olhando para mim através do fumo do seu cachimbo — que quando se trate de aprender nos livros, ele há-de passar adiante de todos!

— Sim — disse eu com transporte —, ele sabe tudo; ninguém imagina a

inteligência que ali está.

— Esse é que é um amigo! — murmurou *Mister* Peggotty meneando gravemente a cabeça.

— Nada o apoquenta — continuei eu. — Basta-lhe deitar os olhos a uma lição para a ficar sabendo; no jogo da barra é sempre o mais forte; no jogo das damas dá quantas pedras o adversário quiser de partido e ainda assim o derrotará facilmente.

*Mister* Peggotty abanou de novo a cabeça, como para dizer: «Certamente que o derrotará».

— E fala tão bem! Não há outro como ele. Eu desejava somente que pudesse ouvi-lo cantar, Sr. Peggotty.

*Mister* Peggotty fez um novo movimento de cabeça, como para dizer: «Não duvido nada».

— E depois é tão generoso, tão bom — continuei eu, arrastado pelo meu assunto favorito — que por mais que se diga, não se pode dizer dele todo o bem que merece. Quanto a mim, nunca poderei pagar com todo o reconhecimento a protecção que me dispensou, estando eu tão distante dele, em idade e em estudos.

Eu falava assim, com muita vivacidade, quando o meu olhar caiu sobre a Emilita, que se inclinara para a frente, em cima da mesa, para me ouvir com a mais profunda atenção, sem respirar, os seus olhos azuis a brilharem como duas estrelas e as faces todas coradas. Estava tão bonita e tinha um ar tão admiravelmente sério, que eu parei atónito, o que fez com que todos olhassem para ela ao mesmo tempo e se pusessem a rir.

— A Emília é como eu — disse Peggotty —, desejaria vê-lo.

Emília envergonhou-se quando viu que olhávamos para ela; baixou a cabeça e corou muito. Depois, lançando um olhar através dos seus anéis soltos, descobriu que os nossos olhos ainda estavam fitos nela (pela minha parte eu olharia de boa vontade uma hora); fugiu e só voltou quando eram horas de deitar.

Eu ocupava a minha caminha à popa do barco, aonde o vento assobiava como dantes. Mas não podia deixar de pensar que também gemia sobre aqueles que já não existiam e em vez de imaginar, como da outra vez, que o mar subiria durante a noite e poria o barco a nado, dizia de mim para mim que o mar subira depois do tempo em que eu ouvira o ruído do vento sobre as vagas e que esse mar tinha levado a felicidade da minha vida! Recordo-me de que quando o vento e o mar acalmaram um pouco, pedi a Deus nas minhas orações que me deixasse crescer para casar com a Emilita; e com isto adormeci tranquilamente.

Os dias foram decorrendo pouco mais ou menos como dantes; somente e era grande a diferença, a Emilita raras vezes passeava comigo pela praia. Tinha as

lições a estudar, serviço a fazer e estava ausente na maior parte do dia. Mas eu sentia que, mesmo sem estes obstáculos, não poderíamos gozar os antigos passeios. Por mais caprichosa e cheia de fantasia que fosse Emília como criança, não era já uma pequenita, era sim uma mulherzita. Parecia-me que só esse ano tinha estabelecido uma grande diferença entre nós. Ela tinha-me amizade, mas mangava comigo e fazia-me zangar; quando eu ia ao seu encontro, ela tomava por outro caminho e quando eu chegava a casa muito contrariado, já a encontrava à porta, a rir a bandeiras despregadas. O melhor momento do dia era aquele em que ela costurava; eu sentava-me a seus pés e lia-lhe qualquer coisa. Parece-me ainda que nunca vi sol tão brilhante durante os lindos dias de Abril, que nunca encontrei uma criaturinha tão encantadora como a que trabalhava sentada à porta do velho barco e que nunca encontrei depois um céu tão puro, um mar tão azul, nem navios que vogassem ao longe tão dourados pelo sol.

Na primeira noite depois da nossa chegada, apareceu *Mister* Barkis, com um ar muito acanhado e muito constrangido; trazia um lenço atado com nós nas pontas e cheio de laranjas. Como não tinha feito alusão alguma a esta parte da sua propriedade, supôs-se, quando ele se retirou, que se tinha esquecido do embrulho e Cham correu atrás dele para lho entregar, mas regressou com a declaração de que as laranjas eram para Peggotty. Desde então apareceu regularmente todas as noites, exactamente à mesma hora, sempre com um embrulhozito em que nunca falava e que pousava atrás da porta quando a abria. As ofertas eram da espécie mais variada e mais extraordinária. Recordo-me, entre outras, de uma enorme pregadeira, de um alqueire de maçãs, de um par de brincos de azeviche, de uma provisão de cebolas de Espanha, de uma caixa de dominó, e, finalmente, de um canário dentro de uma gaiola e de um presunto de conserva.

*Mister* Barkis fazia a sua corte, parece-me, de uma maneira particularíssima. Falava por falar e ficava sentado junto do fogão na mesma atitude que dentro da tipóia, olhando fixamente para Peggotty, que trabalhava na frente dele. Uma noite, inspirado, suponho, pelo amor, apoderou-se de um coto de vela que ela empregava para encerar a linha e meteu-o preciosamente no bolso do colete. Desde então, a sua grande alegria consistia em apresentar o coto quando Peggotty precisava dele e ainda que meio derretido e geralmente colado ao forro do bolso, tomava cuidadosamente posse dele, mal Peggotty terminava a sua operação. Tinha um ar muito feliz e não se julgava evidentemente obrigado a falar. Mesmo quando ia passear com Peggotty pela praia, Barkis não se dava muito mal para entreter conversa; contentava-se em perguntar-lhe de tempos a tempos se estava completamente bem; lembro-me que às vezes, depois dele ir embora, Peggotty deitava o avental para a cabeça e ria durante meia hora. O

grande caso é que todos nos divertíamos mais ou menos, à excepção dessa infeliz *Mistress* Gummidge, a quem provavelmente o seu marido tinha feito a corte, no seu tempo, exactamente da mesma maneira, porque as maneiras de *Mister* Barkis evocavam constantemente o «defunto» à sua lembrança.

Aproximava-se o fim da minha visita quando fomos prevenidos de que Peggotty e *Mister* Barkis iam ter ambos um dia de feriado e que eu havia de acompanhá-los com a Emília. Pouco dormi na noite da véspera, à espera de um dia inteiro a passar com ela. Era muito cedo e já estávamos todos a pé e ainda não tínhamos acabado de almoçar, quando *Mister* Barkis apareceu ao longe, guiando a sua carripana, para levar o objecto das suas afeições.

Peggotty estava vestida de luto, como de ordinário, mas *Mister* Barkis vinha resplandecente: trazia um casaco azul novo a estrear; o alfaiate tinha executado uma medida tão exacta, que os canhões das mangas tornavam as luvas inúteis, mesmo num tempo frigidíssimo; quanto à gola, era tão alta que lhe arrepiava os cabelos da parte de trás e fazia-os ficar em pé. Os botões de metal eram da maior dimensão. Umas calças cinzentas e um colete amarelo completavam o vestuário de *Mister* Barkis, que eu olhava como um modelo de elegância.

Quando já estávamos fora de casa, descobri *Mister* Peggotty tendo na mão um sapato velho que queria mandar atirar atrás de nós, para nos dar felicidade e oferecia-o nessa conformidade a *Mistress* Gummidge.

— Não, vale mais que seja outra pessoa, Daniel — disse *Mistress* Gummidge. — Eu não passo de uma pobre criatura perdida, sem eira nem beira e contraria-me muito tudo quanto me recorde que há criaturas no mundo que não são perdidas, sem eira nem beira e sós como eu.

— Vamos, minha velhota — disse *Mister* Peggotty —, pegue no sapato e atire-o.

— Não, Daniel — respondeu *Mistress* Gummidge gemendo e sacudindo a cabeça —, se eu sentisse as coisas menos vivamente, estava bem. O senhor não é como eu, Daniel; nada o contraria e não contraria ninguém. Vale mais que seja o senhor.

Neste ponto, Peggotty, que tinha beijado a todos com o ar um pouco perturbado, gritou da carripana, aonde nós já todos estávamos (Emília e eu em duas cadeiras pequenas) que era *Mistress* Gummidge a quem competia atirar o sapato. Ela decidiu-se por fim, mas desgosta-me dizer que aguou ligeiramente o ar de festa da nossa partida, chorando imediatamente como uma bica, depois do que deixou-se cair nos braços de Cham, declarando que bem sabia que era um grande estorvo e que mais valia levarem-na imediatamente para o asilo. Eu achava isso muito razoável e teria aprovado que Cham lhe prestasse esse pequeno serviço. Mas eis-nos a caminho para a nossa digressão. *Mister* Barkis

parou daí a pouco à porta de uma igreja, prendeu o cavalo aos ferros da grade e depois entrou com Peggotty, deixando-me só com a Emília na tipóia. Aproveitei essa ocasião para lhe passar o meu braço pela cintura e para lhe propor, pois que depressa devia deixá-la, para tomarmos o partido de sermos muito ternos um para o outro e muito felizes todo o dia. Ela consentiu e deu-me licença até para a beijar; em seguida a este favor, afoitei-me a ponto de dizer-lhe (lembro-me ainda disso) que nunca amaria outra mulher e que estava decidido a derramar o sangue de quem quer que pretendesse o seu afecto.

Foi desta feita que a Emilita se divertiu à minha custa. Era de ver as suas pretensões de ser muito mais velha e de mais juízo que eu, o que fazia dizer à pequena e encantadora fada que eu era «um patetinha». Depois largou a rir tão alegremente, que me esqueci do desgosto de ouvir dar-me um nome tão desprezível, só pelo prazer completo de a ver rir.

*Mister* Barkis e Peggotty estiveram muito tempo na igreja, mas por fim regressaram e tomámos o caminho do campo. Quando íamos no caminho, *Mister* Barkis voltou-se para mim e disse-me com um olhar malicioso de que eu não o suporia capaz:

— Sabe que nome eu tinha escrito na tipóia?

— Clara Peggotty — respondi eu.

— E que nome seria preciso escrever agora, se eu tivesse um canivete?

— Sempre Clara Peggotty, ou não?

— Clara Peggotty Barkis!

E soltou uma risada que parecia abalar os tabiques da tipóia.

Numa palavra, tinham casado; era essa a razão por que haviam entrado na igreja. Peggotty decidira que tudo se realizasse à capucha e o maceiro fora a única testemunha da cerimónia. Ela ficou um pouco confusa ao ouvir *Mister* Barkis anunciar tão bruscamente a sua união e não se fatigava de me beijar para me provar que a sua afeição por mim nada tinha diminuído. Mas sossegou daí a pouco e disse-me que estava encantada de que tivesse sido um assunto dito e feito.

Parámos num atalho aonde havia uma pequena estalagem; já lá nos esperavam; o jantar foi muito alegre e o dia passou-se da forma mais satisfatória. Peggotty podia casar-se todos os dias em dez anos a seguir, que não teria o ar mais à vontade: estava completamente como de ordinário; saiu com a Emília e comigo antes do chá, para darmos um passeio, enquanto que *Mister* Barkis cachimbava filosoficamente, regalado e contente, suponho, pelo prazer de contemplar a sua felicidade em perspectiva. Em todo o caso, as suas reflexões contribuíram para lhe reavivar o apetite, porque me lembra que, apesar de ter comido muita carne de porco fresca e legumes e de ter metido no bucho um

frango ou dois ao jantar, foi obrigado a pedir uma talhada de toucinho, ao chá, do qual fez desaparecer um bom naco, sem a menor emoção.

Pensei depois muitas vezes que fora um dia de boda bastante inocente e pouco conforme aos hábitos admitidos. Tornámos para os nossos lugares da tipóia, quando anoiteceu e durante a caminhada contemplava-mos as estrelas; era eu como que o demonstrador encartado e quem abria a *Mister* Barkis horizontes desconhecidos. Disse-lhe tudo quanto sabia; ele acreditaria à boa tudo quanto me viesse à cabeça, tão convencido estava da extensão da minha inteligência; chegou até a declarar a sua mulher, na minha presença, que eu era um pequeno Roschius; compreendi que ele queria dizer com isso que eu era um pequeno prodígio.

Esgotado o assunto das estrelas, ou antes chegadas ao termo as faculdades de compreensão de *Mister* Barkis, a Emilita e eu embrulhámo-nos juntos numa velha capa que nos abrigou durante o resto da viagem. *Ah! Eu amava-a tanto! Que felicidade,* disse eu com os meus botões, *se fôssemos casados e fôssemos viver nos campos, no meio do arvoredo, sem nunca envelhecermos, sem nunca sabermos mais, sempre crianças, sempre vagueando, de mãos dadas, pelas campinas cheias de flores, por um lindo sol, repousando a cabeça à noite, muito perto um do outro, numa cama de musgo, para dormirmos num sono puro e pacífico, esperando que à hora da nossa morte viessem os passarinhos enterrar-nos!* Este quadro fantástico, bem afastado do mundo real, brilhante pelo esplendor da nossa inocência e tão vago como as estrelas por cima das nossas cabeças, galopou-me na cabeça durante toda a caminhada. Estimo bem pensar que Peggotty, no dia do seu casamento, tinha por companheiros dois corações tão cândidos como o da Emilita e o meu. Os Amores e as Graças, cortejo indispensável e clássico do deus timeneu, não teriam feito melhor.

Chegámos com muita felicidade à porta do velho barco; aí despediram-se de nós *Mister* e *Mistress* Barkis, para tomarem o caminho de sua casa. Pela primeira vez senti então que tinha perdido Peggotty. Devia ter o coração muito atormentado nessa noite, se descansasse a cabeça sob um outro tecto que não fosse o que também abrigava a Emilita.

*Mister* Peggotty e Cham sabiam tão bem como eu o que eu sentia e esperavam-me para cear, com os rostos honestos e afectuosos, a fim de afastarem os meus tristes pensamentos. A Emilita, pelo seu lado, tomou lugar no baú que nos servia de assento. Foi a única vez que o fez durante todo o tempo que ali passei e foi também o fecho encantador desse inolvidável dia.

Nessa noite havia preia-mar e, pouco tempo depois de nos deitarmos, *Mister* Peggotty e Cham saíram para a pesca. Eu sentia-me orgulhoso por ficar nessa casa solitária para proteger *Mistress* Gummidge e a Emilita; eu só desejava que

aparecesse um leão ou uma serpente, ou qualquer outro animal feroz, que nos viesse atacar, para ter a honra de o exterminar e cobrir-me assim de glória. Mas não tendo os monstros escolhido nessa noite a praia de Yarmouth para as suas incursões, eu supri-os o melhor que pude sonhando toda a noite com dragões.

Surgiu a manhã e Peggotty também: chamou-me pela janela, como de costume, como se *Mister* Barkis, o recoveiro, não fosse ele próprio mais que um sonho até ao fim. Depois de almoço, levou-me a casa dela: era uma residência pequena, mas bonita. Entre todos os móveis que encerrava, suponho que o que me causou mais impressão foi uma velha secretária de madeira escura na sala de jantar (a cozinha servia ordinariamente de sala), com uma tampa engenhosa, que deitando-se para baixo armava em escrivaninha, tendo em cima um grosso volume *in quarto*, os *Martyres* de Fox. Descobri imediatamente esse precioso alfarrábio e apoderei-me dele; não me lembra uma palavra do seu conteúdo, o que somente sei é que nunca ia àquela casa que não me ajoelhasse numa cadeira para abrir a caixa que continha esse tesouro, depois encostava-me à escrivaninha e começava a ler. Eu estava sobretudo edificado, ainda tenho medo, pelas numerosas estampas que representavam todas as espécies de atrozes torturas; mas a história dos *Martyres* e a casa de Peggotty eram e são ainda inseparáveis no meu espírito.

Despedi-me nesse dia de *Mister* Peggotty, de Ham, de *Mistress* Gummidge e da Emilita; e dormi em casa de Peggotty num pequeno quarto assotado, que ficava sendo meu, dizia Peggotty e que me ficava reservado sempre tal qual como estava; bem entendido que o livro dos crocodilos não faltava; estava pousado numa prateleira ao lado da cama.

— Nova ou velha, enquanto eu viver e que este tecto me cubra, meu caro David — disse Peggotty —, conservarei o seu quarto, como se o senhor estivesse para chegar de um para outro momento. Cuidarei dele todos os dias, meu querido, como dantes fazia e ainda que vá para a China, pode estar certo de que o seu quarto ficará no mesmo estado, em todo o tempo que andar ausente.

Comovia-me profundamente a fiel ternura da minha querida criada e agradeci-lhe o melhor que pude, o que não me foi muito fácil, porque faltava-me tempo. Era de manhã que ela me falava assim, tendo-me lançado os braços em volta do pescoço e nessa mesma manhã devia eu regressar a casa na tipóia, com ela e com *Mister* Barkis. Largaram-me, com muita pena, junto da grade do jardim e não vi sem pesar a tipóia afastar-se, levando Peggotty, deixando-me ali sozinho debaixo dos velhos olmos, em frente dessa casa onde não havia mais ninguém que me amasse.

Caí então num estado de abandono em que não posso pensar sem compaixão. Vivia à parte, sozinho, sem que ninguém se importasse comigo, afastado da

companhia dos pequenos da minha idade e tendo por única companhia os meus tristes pensamentos, que me parece estão ainda lançando a sua sombra neste papel em que escrevo.

O que não daria eu para que me mandassem para um colégio, por mais severamente dirigido que pudesse ser, aprender qualquer coisa, não importava o quê, não importava como! Mas não tinha essa esperança, não gostavam de mim e desprezavam-me voluntariamente, com perseverança e crueza. Creio que a fortuna de *Mister* Murdstone estava então embrulhada, mas de resto ele não me podia tolerar e tratava, abandonando-me a mim próprio, de ver-se livre da ideia de que eu tinha alguns direitos sobre ele... e conseguiu-o.

Eu não era precisamente mal tratado. Não me batiam, não me recusavam alimento, mas não tinham fim os maus processos que para mim se empregavam sistematicamente e sem cólera. Os dias seguiam-se aos dias, as semanas, os meses iam decorrendo e iam-me desprezando sempre friamente. Perguntei de mim para mim algumas vezes, recordando-me desse tempo, o que teriam feito se eu caísse doente e se não me deixariam, deitado no meu quarto solitário, arranjar-me sozinho conforme pudesse, ou se alguém me estenderia uma mão de socorro.

Quando *Mister* e *miss* Murdstone estavam em casa, tomava as refeições com eles; quando não estavam, comia só. Passava o tempo a vaguear por casa e pelos arredores, sem que se importassem comigo. Somente não me era permitido relacionar-me fosse com quem fosse; receavam provavelmente que eu me queixasse. *Mister* Chillip instava muitas vezes comigo para que fosse vê-lo; era viúvo, pois tinha perdido havia alguns anos uma mulherzinha com cabelos de um louro pálido que eu confundo ainda na minha lembrança com uma gata parda peluda de Angorá. Mas só muito raramente consentiam que eu fosse passar o dia ao seu escritório, aonde ele estava ocupado a ler algum livro novo, com o cheiro de toda uma farmácia que perfumava a atmosfera; o meu maior desejo era estar lá a pisar drogas num almofariz, sob a direcção benévola de *Mister* Chillip.

Pela mesma razão, reforçada sem dúvida pela antiga aversão que tinham à minha criada, raras vezes me deixavam ir vê-la. Fiel à sua promessa, ela fazia-me uma visita ou marcava-me encontros nos arredores todas as semanas e trazia-me sempre algum pequeno presente, mas tive numerosas e amargas contrariedades ao dizerem-me que não de cada vez que eu testemunhava o desejo de ir a casa dela. Todavia, algumas vezes, com largos intervalos, deram-me licença de ir lá passar o dia e então eu descobri que *Mister* Barkis era um tanto avarento, um «pouco apertado», dizia polidamente Peggotty e que escondia o dinheiro numa caixa que tinha debaixo da cama, dizendo sempre que lá não havia senão casacos e calças. Era nesse cofre que se ocultavam as suas riquezas

com uma modéstia tão perseverante, que não se podia obter a menor parcela senão por artifício e tanto que Peggotty era forçada a recorrer às manhas mais complicadas, a uma verdadeira conspiração das pólvoras, para poder obter o dinheiro necessário para as despesas da semana.

Durante esse tempo, eu sentia tão profundamente que as esperanças que eu poderia dar se desfaziam em fumo, graças ao meu abandono, que teria sido bem mais infeliz sem os meus velhos livros. Eram a minha única consolação: fazíamo-nos fiel companhia e não me cansava nunca de os reler de princípio a fim.

Vou-me aproximando de uma época da minha vida de que jamais poderei perder a memória enquanto tiver uma sombra de lembrança e cuja recordação veio muitas vezes, mau grado meu, visitar como um fantasma tempos mais felizes.

Tinha saído uma manhã e vagueava, como tinha por hábito na minha vida ociosa e solitária, quando ao voltar de um atalho perto de minha casa, encontrei-me de cara com *Mister* Murdstone que andava passeando com um sujeito. Nesse momento de surpresa, eu ia passar adiante sem dizer nada quando o recém-chegado exclamou:

— Ah! Brooks!

— Não, senhor; David Copperfield — respondi.

— Ora essa; Brooks é que é — replicou o meu interlocutor —, Brooks de Sheffield. Este é que é o seu nome.

A estas palavras, olhei para ele com mais atenção. O seu sorriso acabou de me convencer que era *Mister* Quinion, que *Mister* Murdstone me tinha levado a ver em Lowestoft, antes... mas pouco importa, não me é preciso recordar a época.

— Como está e aonde é que anda completando a sua educação, Brooks? — disse *Mister* Quinion.

Pousou-me a mão no ombro e fez-me voltar para os acompanhar. Eu não sabia o que responder e olhava para *Mister* Murdstone com ar embaraçado.

— Agora está em casa — disse este último —, a sua educação foi suspensa. Não sei que destino lhe dar. É difícil de manejar.

O seu antigo olhar, esse olhar pérfido que eu conhecia muito bem, caiu sobre mim por um instante, depois franziu as sobrancelhas e desviou-se com um movimento de aversão.

— Ah! — disse *Mister* Quinion, olhando para nós, ao que me pareceu... — Que belos tempos!

Houve um momento de silêncio e eu perguntava de mim para mim como poderia escapar-me quando ele prosseguiu:

— Suponho que continua sendo sempre afinado, Brooks?

— Sim, não é isso o que lhe falta — disse *Mister* Murdstone com impaciência —, deixe-o ir, asseguro-lhe que o seu maior desejo é que o largue.

A esta advertência, *Mister* Quinion deixou-me e eu tomei o caminho de casa. Ao voltar-me, no momento de entrar no jardim, vi *Mister* Murdstone encostado à grade do cemitério, conversando com *Mister* Quinion. Os olhares dos dois estavam fixos em mim e senti que de mim falavam.

*Mister* Quinion dormiu nessa noite em nossa casa. Depois de almoço, no dia seguinte de manhã, eu tinha acabado de pôr a cadeira no seu lugar e ia a sair da sala, quando me chamou *Mister* Murdstone. Sentou-se gravemente diante de outra mesa e sua irmã instalou-se ao pé da sua secretária; *Mister* Quinion, com as mãos nos bolsos, olhava pela janela; eu, de pé olhava para eles todos.

— David — disse *Mister* Murdstone —, quando se é novo é preciso trabalhar, em vez de se fantasiar ou de andar amuado.

— Como o senhor faz — acrescentou sua irmã.

— Jane Murdstone, faça o favor de me deixar falar. Repito-lhe, David, que quando se é novo é preciso trabalhar em vez de se fantasiar ou andar amuado. Isto é verdade, sobretudo para um rapaz da sua idade, de um carácter custoso de compreender e a quem não se pode prestar melhor serviço do que obrigando-o a afazer-se aos hábitos da vida activa, que são os únicos que o podem sujeitar e honrar.

— E lá — disse sua irmã — não há teimosia que prevaleça; domam-no que é um regalo e como convém.

*Mister* Murdstone lançou-lhe um olhar meio de censura, meio de aprovação, depois continuou:

— Suponho que sabe, David, que não sou rico. Em todo o caso, digo-lho agora. A educação que recebeu já foi dispendiosa. Os colégios são caros e quando mesmo assim não fosse e que eu estivesse nos casos de poder arcar com essa despesa, quer-me parecer que não era vantajoso para si ficar no colégio. Terá a lutar com a vida e quanto mais cedo, melhor será!

Parece que eu disse então com os meus botões que já tinha começado a pagar o meu triste tributo de sofrimento. Em todo o caso, digo-o agora aqui.

— Ouviu alguma vez falar da minha casa de negócio? — disse *Mister* Murdstone.

— A sua casa de negócio, senhor! — repeti eu.

— Sim, a casa Murdstone & Grinby, com negócio de vinhos — disse *Mister* Murdstone.

Suponho que eu tinha um ar de hesitação, porque ele continuou precipitadamente:

— Ouviu falar da casa, ou dos negócios, ou dos armazéns, ou do depósito, ou

de qualquer coisa parecida?

— Parece-me que ouvi falar dos negócios, senhor — disse eu, recordando-me o que tinha ouvido falar vagamente acerca dos recursos de sua irmã e dos seus —, mas não sei quando foi.

— Pouco importa — respondeu ele. — Ali está *Mister* Quinion que é quem dirige esses negócios.

Eu deitei um olhar respeitoso para *Mister* Quinion, que olhava sempre pela janela.

— Ele diz que há diversos rapazes empregados na casa e que não sabe porque é que o senhor não encontrara lá ocupação nas mesmas condições.

— Se não há outro recurso, Murdstone — observou *Mister* Quinion a meia voz e voltando-se.

*Mister* Murdstone, com um gesto de impaciência, continuou, sem fazer caso dessa interrupção.

— As condições são estas: o senhor ganhará para comer e para trazer algum dinheiro no bolso. Quanto a alojamento já disso me ocupei, sou eu que o pagarei. Encarregar-me-ei também da roupa lavada...

— Até à quantia que eu determinar — disse sua irmã.

— Fornecer-lhe-ei também de vestir — disse *Mister* Murdstone —, pois que não ficará em estado de ocorrer a isso. Vai, pois, para Londres com *Mister* Quinion, David, para começar a livrar-se de apuros.

— Numa palavra, está empregado — observou a irmã. — Agora trate de ser cumpridor.

Eu compreendia muito bem que o fim de tudo isto era verem-se livres de mim, mas não me lembro se eu estava satisfeito ou não. Parece-me que eu hesitava entre estes dois sentimentos, sem decididamente me fixar num ou noutro ponto. Não tinha, de resto, muito tempo para destrinçar as minhas ideias, pois *Mister* Quinion partia no dia imediato.

Façam ideia da minha partida no dia seguinte: eu levava um velho chapeuzito cinzento com fumo, um jaquetão preto e umas calças de couro que *miss* Murdstone considerava sem dúvida como uma armadura excelente para me proteger as pernas na luta pela vida que eu ia começar. É assim vestido que me podem ver, com todos os meus objectos dentro de uma maleta, sentado, pobre criança abandonada (como diria *Mistress* Gummidge) na mala-posta que havia de levar *Mister* Quinion a Yarmouth para tomar a diligência de Londres! Lá vejo a nossa casa e a igreja que vão desaparecendo ao longe; já não vejo a sepultura debaixo da árvore, já não distingo mesmo o campanário; vejo o céu vazio.

## Capítulo XI — Começo a viver por minha conta, do que não gosto nada

Conheço agora bastante o mundo para me admirar muito do que se passa, mas mesmo presentemente fico surpreendido da facilidade com que fui abandonado em tão tenra idade. Parece-me extraordinário que ninguém interviesse em favor de um pequeno muito inteligente, dotado de grandes faculdades de observação, ardente, afectuoso, delicado de corpo e de alma; mas ninguém interveio e encontrei-me aos dez anos um pequeno servente a soldo de *Mister* Murdstone & Grinby.

O armazém de Murdstone & Grinby era situado em Blackfriars, à beira-rio. Os melhoramentos recentes transformaram esses lugares, mas era naquele tempo a última casa de uma rua estreita que descia serpenteando até ao Tamisa e que acabava em alguns degraus donde se embarcava. Era uma casa velha com um pequeno pátio que confinava com o rio, quando havia preia-mar e para o lado do rio quando na vazante; os ratos eram aos centos. As salas, revestidas de apainelados de madeira descorada pelo fumo e pela poeira havia mais de um século, os soalhos e a escada esburacados, o chiar estridente e as lutas das ratazanas nos subterrâneos, o cheiro a bafio e a porcaria geral do local, tudo isto está presente ao meu espírito, como se o tivesse visto ontem. Vejo-o ainda diante de mim como na hora fatal em que ali cheguei pela primeira vez, com a mãozita a tremer na mão de *Mister* Quinion.

A casa Murdstone & Grinby abraçava ramos de negócio muito diversos, mas o comércio de vinhos e licores com certas companhias de navegação a vapor era uma parte importante. Não me lembra que viagens faziam esses vapores, mas parece-me que havia paquetes que iam às índias Orientais e às índias Ocidentais. Sei que uma das consequências desse comércio era uma quantidade de garrafas vazias e empregava-se um certo número de homens e rapazes a examiná-las, a apartar as que eram rachadas e a enxugar e lavar as outras. Quando faltavam garrafas vazias, havia etiquetas a colocar nas garrafas cheias, rolhas a cortar, a lacrar e caixas a encher de garrafas. Era o serviço que me estava destinado; eu devia fazer parte dos rapazes empregados nesse mester.

Éramos três, ou quatro comigo. Tinham-me instalado a um canto do armazém e *Mister* Quinion podia-me ver da janela que havia por cima da sua secretária, se se pusesse de pé na travessa do banco em que se sentava. Foi aí que no primeiro dia em que eu devia começar a vida por minha própria conta, sob tão favoráveis

auspícios, chamaram o mais velho dos meus companheiros para me indicar o que eu tinha a fazer. Chamava-se ele Mick Walker; trazia um avental roto e um boné de papel. Informou-me que o pai era barqueiro e que todos os anos tomava parte na procissão do *lordmayor* com um chapéu de veludo preto na cabeça. Anunciou-me também que tínhamos por camarada um rapazito a quem ele chamava pelo nome extraordinário de «Fécula de batata». Bem depressa descobri que não era o verdadeiro nome dessa criatura interessante, mas que lhe tinha sido posto no armazém por causa da parecença da sua tez com a de uma batata. Seu pai era aguadeiro; e juntava a essa profissão a distinção de ser bombeiro de um dos grandes teatros, em que a irmãzita de Fécula fazia os anões nas pantomimas.

As palavras não podem exprimir a secreta angústia da minha alma ao ver a gente no meio da qual eu acabava de cair, quando comparava os companheiros da minha vida quotidiana com as da minha infeliz infância, sem falar de Steerforth, de Traddles e dos meus outros colegas do colégio. Nada pode exprimir o que eu senti ao ver sufocadas no seu gérmen todas as minhas esperanças de vir a ser um dia um homem instruído e distinto. O sentimento do meu abandono, a vergonha da minha situação, o desespero de pensar que tudo quanto tinha aprendido e decorado, que tudo quanto tinha excitado a minha ambição e a minha inteligência se apagaria pouco a pouco da minha memória, todos estes sofrimentos não se podem descrever. Cada vez que nesse dia me encontrei só, as minhas lágrimas misturaram-se com a água em que lavava as garrafas e solucei como se houvesse uma falha no meu peito e que estivesse em perigo de rebentar como uma garrafa rachada...

O grande relógio do armazém marcava meia hora sobre o meio-dia e todos se preparavam para ir jantar, quando *Mister* Quinion bateu na janela da sua secretária e fez-me sinal para lhe ir falar. Entrei e encontrei-me na frente de um homem de idade madura, gorducho, de casacão cinzento e calças pretas; na cabeça (que era enorme e apresentava uma superfície polida) não tinha mais cabelos do que tem um ovo. Voltou para mim uma cara rechonchuda; o seu vestuário era coçado, mas o colarinho da camisa era imponente. Trazia uma bengala, donde pendiam duas borlas desbotadas, pendia-lhe também uma luneta por fora do paletó; porém mais tarde descobri que era apenas por ornamento, porque raras vezes se servia dela e não via quase nada quando a levava aos olhos.

— Cá está ele — disse *Mister* Quinion mostrando-me.

— Este é que é — disse o desconhecido com um certo tom de condescendência e um certo ar impossível de descrever, mas que queria ser muito distinto e que me causou uma grande impressão —, este é que é *Mister*

Copperfield? Espero que passe bem, senhor!

Respondi que passava bem e estimava que outro tanto lhe sucedesse. Deus sabe se eu estava constrangido, mas não era de meu natural queixar-me muito nesse tempo; limitei-me pois a dizer que passava bem e estimava que lhe sucedesse outro tanto.

— Graças a Deus, não posso passar melhor — disse o desconhecido. — Recebi uma carta de *Mister* Murdstone na qual me diz que desejava que eu o pudesse receber ao senhor num quarto das traseiras da minha casa e que está agora desocupado... que está para alugar, numa palavra, como... numa palavra — disse o desconhecido com um sorriso de confiança amigável —, como quarto de dormir... do moço principiante a quem tenho o prazer de...

Aqui o desconhecido fez um gesto com a mão e meteu o queixo dentro do enorme colarinho.

— Este senhor é *Mister* Micawber — disse-me *Mister* Quinion.

— Sim — disse o desconhecido. — Esse é o meu nome.

— *Mister* Murdstone — disse *Mister* Quinion — conhece *Mister* Micawber. É nosso agente de encomendas. *Mister* Murdstone escreveu-lhe acerca do alojamento para si e ele recebê-lo-á em casa.

— O meu endereço — disse *Mister* Micawber — é Windsor-Terrace, caminho da City. Eu... numa palavra — disse *Mister* Micawber com o mesmo ar elegante e um novo impulso de confiança —, é lá que eu moro.

Cumprimentei-o.

— Receando — disse *Mister* Micawber — que as suas peregrinações nesta metrópole não tenham ainda sido bastante extensas e que possa enfim ter alguma dificuldade em penetrar nos dédalos da moderna Babilónia, na direcção do caminho da City, numa palavra — disse Micawber com um impulso de confiança — receando que não fosse perder-se, ser-me-á muito aprazível vir hoje buscá-lo a fim de lhe ensinar o caminho mais curto.

Agradeci-lhe de todo o meu coração o incómodo que desejava ter por mim.

— A que horas — disse *Mister* Micawber — é que poderei...?

— Pelas oito horas — disse *Mister* Quinion.

— Aqui estarei pelas oito horas — disse *Mister* Micawber. — Senhor Quinion, tenho a honra de lhe desejar um bom dia. Não quero incomodá-lo mais.

Pôs o chapéu e saiu, com a bengala debaixo do braço, num passo majestoso, trauteando uma ária, logo que se viu fora do armazém.

*Mister* Quinion ajustou-me então solenemente para a casa de Murdstone & Grinby para todo o serviço de armazém, com um salário de seis xelins. Sou levado a crer, pela minha incerteza no assunto, que fossem seis xelins primeiro e depois sete. Pagou-me uma semana adiantada (suponho que do seu bolso), do

que dei seis *pence* a Fécula para me levar a mala à noite a Windsor-Terrace, por mais pequena que ela fosse eu não tinha forças para a levantar. Gastei ainda seis *pence* com o jantar, que consistiu num pastelão de carne e uma golada de água bebida na bomba próxima, depois empreguei o resto da hora concedida para a refeição em passear pelas ruas.

À noite, à hora exacta, reapareceu *Mister* Micawber. Lavei as mãos e a cara para honrar a elegância das suas maneiras e tomámos juntos o caminho da nossa residência, pois que é assim que eu devo chamar-lhe agora, suponho. *Mister* Micawber teve o cuidado, quando íamos andando, de que eu tomasse nota do nome das ruas e da frontaria dos edifícios, a fim de não me enganar no caminho no dia seguinte de manhã.

Chegados a Windsor-Terrace, a uma casa de aparência mesquinha, como o seu inquilino, mas que tinha como ele pretensões a elegância, apresentou-me a *Mistress* Micawber, que era pálida e magra e há muito tempo que deixara de ser moça. Encontrei-a sentada na sala de jantar, (o primeiro andar não era mobilado e tinha os transparentes corridos para iludir os vizinhos) a amamentar um filho. Essa criaturinha tinha um irmão gémeo; posso dizer que, durante todas as minhas relações com a família, quase nunca me sucedeu ver os dois gémeos fora dos braços de *Mistress* Micawber ao mesmo tempo. Um dos dois estava sempre ao peito.

Havia mais dois filhos, *Mister* Micawber Júnior, de quatro anos pouco mais ou menos e *miss* Micawber, que tinha os seus três anos. Uma rapariga muito trigueira, que tinha o hábito de andar a fungar e que servia a família, completava este interior; informou-me ela, ao cabo de meia hora, que era órfã e tinha sido criada no hospital de S. Lucas, nos arredores. O meu quarto ficava nas traseiras do andar superior; era pequeno e forrado a papel que representava uma série de obreias azuis e o menos mobilado possível.

— Nunca acreditaria — disse *Mistress* Micawber sentando-se para tomar a respiração, pois tinha subido, com o filho ao peito, a mostrar-me o quarto —, nunca acreditaria, antes do meu casamento, quando vivia com o papá e com a mamã, que um dia havia de ser obrigada a alugar quartos da minha casa. Mas *Mister* Micawber encontra-se em críticas circunstâncias e qualquer outra consideração deve ceder o lugar a esta.

— Sim, minha senhora — respondi.

— As dificuldades de *Mister* Micawber sobrecarregam-no muito, actualmente — disse *Mistress* Micawber — e não sei se lhe será possível desafogar-se delas. Quando eu vivia com o papá e com a mamã, nem sequer sabia o que queria dizer a palavra «dificuldades» no sentido que lhe dou agora; mas a experiência ilumina-nos, como muitas vezes dizia o papá.

Não posso saber ao justo se ela me disse que *Mister* Micawber tinha sido oficial nas tropas de marinha, ou se eu o inventei. Sei simplesmente que estou convencido à hora presente, sem aliás estar bem certificado, de que tinha servido na marinha. Era, actualmente, corretor de diversas casas, mas receio que ganhava pouco, talvez nada.

— Se os credores de *Mister* Micawber não lhe concedem um prazo — continuou *Mistress* Micawber — sofrer-lhe-ão as consequências e acabarão as coisas mais depressa e mais valerá. Não se pode tirar sangue de uma pedra e desafio-os a encontrarem dinheiro em casa de *Mister* Micawber actualmente, isto sem falar nas custas do processo.

Nunca pude compreender se a minha independência prematura iludia *Mistress* Micawber acerca da maturidade da minha idade, ou antes se ela não estaria tão morta por desabafar que até falasse com os gémeos, à falta de alguém à mão, mas o assunto desta conversação continuou a ser o objecto de todas as nossas conversas durante todo o tempo que a vi.

Pobre *Mistress* Micawber! Dizia que tinha tentado tudo para arranjar recursos e não duvido. À porta da rua havia um letreiro em que se viam gravadas estas palavras: «Colégio de meninas, dirigido por *Mistress* Micawber». Mas nunca descobri que menina alguma jamais aparecesse, ou tivesse vontade de aparecer; nem nunca soube também que se fizessem os menores preparativos para receber as que tivessem de se apresentar. Os únicos visitantes que vi, ou de que ouvi falar, eram credores. Esses vinham a qualquer hora do dia e alguns deles eram ferozes. Havia um sapateiro, com uma cara imunda, que se enfiava no corredor, logo às sete horas da manhã e que gritava do fundo da escada: «Então! Ainda não saíram! Paguem-me, andem. Não se escondam, olhem que é uma cobardia! Eu de mim não caía em tal infâmia! Paguem-me, andem! Paguem-me já, aviem-se».

E como não recebia resposta a esses insultos, a sua cólera subia de ponto e falava aos berros em «patifes e ladrões», o que também ficava sem resposta. Quando, ele via isso, atravessava a rua e ia berrar debaixo das janelas do segundo andar aonde bem sabia que *Mister* Micawber dormia. Nesse momento, *Mister* Micawber estava mergulhado na maior pena e desespero; chegou mesmo um dia, ao que dei fé por um grito de sua mulher, a ponto de fazer um simulacro de se ferir com uma navalha de barba; mas meia hora depois estava a engraxar os sapatos com o mais minucioso cuidado e saía a trautear uma moda qualquer, com o ar mais elegante que nunca. *Mistress* Micawber era dotada da mesma elasticidade de carácter. Vi-a achar-se mal às três horas, quando vieram receber umas contribuições e depois, às quatro horas, já estava a saborear costeletas de carneiro panadas, com uma boa caneca de *ale*, graças a duas colheres de chá que

foram, para o prego. Um dia, recordo-me, tinham-lhe feito uma penhora em casa e eu ao regressar extraordinariamente às seis horas, encontrei-a desmaiada ao pé do fogão (naturalmente com um dos gémeos nos braços) e os cabelos meio arrancados, o que não impediu de à noite a encontrar mais alegre que nunca defronte do fogão da cozinha, a contas com uma costeleta de vitela, contando-me toda a casta de lindas coisas do seu papá e da sua mamã e da gente que recebiam em casa.

Eu passava todos os momentos de ócio com essa família. Ia procurar o almoço que se compunha de um pãozinho de um *penny* e um *penny* de leite. Para a ceia, quando regressava, tinha outro pãozinho e uma fatia de queijo que me esperavam no guarda-louça, numa prateleira para meu uso. Era um grande rombo nos meus seis ou oito xelins; o dia passava-o no armazém e o meu salário devia chegar-me para toda a semana. Desde a segunda-feira de manhã até ao sábado não recebia nem opinião, nem conselho, nem incitação, nem consolação, nem espécie alguma de socorro, de quem quer que fosse, tão verdade como espero ir para o céu.

Eu era tão novo, tão inexperiente, tão pouco em estado (e como poderia ser de outro modo?) de velar eu próprio pelas minhas coisas, que me sucedia muitas vezes, ao ir de manhã para o armazém, não poder resistir à tentação de comprar bolos da véspera, vendidos por metade do preço pelo dono do restaurante e gastava assim o dinheiro do jantar. Nesses dias, não jantava, ou então comprava um pãozinho ou um bocado de pudim. Lembra-me de duas lojas onde se vendia pudim e que eu frequentava alternativamente segundo o estado das minhas finanças. Uma era situada num patiozinho por trás da igreja de S. Martinho, que já não existe. O pudim era feito com coríntias de primeira qualidade, mas era caro; por dois *pence* tinha-se uma ração que não valeria mais que um *penny* se a massa fosse menos fina. Havia no Strand, num lugar mais tarde reconstruído, uma outra loja em que se encontrava o bom pudim vulgar. Era um tanto pesado, com uvas inteiras, encontradas a grandes distâncias umas das outras, mas era substancial e muito quente à hora do meu jantar que muitas vezes se compunha desse único prato. Quando jantava regularmente, comprava um pão de *penny* e um salsichão, ou comia uma ração de vaca de oito *pence* no restaurante, ou então entrava num botequim ordinário defronte do armazém e que tinha a tabuleta do *Leão* com qualquer outro acessório que já esqueci e mandava vir pão, queijo e um copo de cerveja. Lembra-me ter levado uma manhã pão de casa e tê-lo embrulhado num bocado de papel como um livro, entrando com ele debaixo do braço num restaurante de Drury-Lane, célebre pela carne estufada e pedi uma ração desse prato tão apreciado. Não sei o que o criado pensou da criaturinha que ia assim tão só; mas ainda o estou a ver a olhar como eu comia e chamou

outro criado para gozar o mesmo espectáculo; sei bem que lhe dei de gorjeta um *penny e* que o meu desejo era que ele recusasse.

Tínhamos meia hora, acho eu, para tomarmos chá. Quando eu tinha bastante dinheiro, tomava uma xícara de café e uma pequena fatia de pão com manteiga. Quando não tinha nada, ia ver uma loja de caça em Fleet Street; ia algumas vezes até ao mercado de Covent Garden para ver os ananases. Gostava também de girar pelas arcadas misteriosas dos Adelfi. Vejo-me ainda uma noite, ao sair de lá, transportado a uma tabernória, completamente à beira do rio, com um pequeno terreiro diante, sobre o qual iam dançar uns poucos de carvoeiros. Pergunto com os meus botões o que pensariam de mim.

Eu era tão novo e tão pequeno para a minha idade, que às vezes, quando entrava num café aonde não era conhecido, para pedir um copo de «ale» ou de «porter»[5], para apagar a sede depois de jantar, hesitavam em me servir. Lembro-me que numa tarde de Verão entrei num café e disse ao dono:

— Quanto custa um copo da sua melhor «ale», a que tiver de melhor?

Era numa ocasião extraordinária, não sei qual, talvez no dia dos meus anos.

— Cinco *pence* — disse o dono do café — é quanto custa a verdadeira «ale» de primeira qualidade.

— Muito bem! — disse eu puxando de dinheiro. — Dê-me então um copo da verdadeira «ale», de primeira qualidade, e, por quem é, que seja bem fermentada.

Olhou para mim da cabeça até aos pés por cima do balcão, sorrindo, e em vez de tirar a cerveja chamou pela mulher. Ela veio a correr, com a costura na mão, e pôs-se também a examinar-me. Vejo ainda o quadro que então formávamos: o dono do café, em mangas de camisa, encostado ao mostrador; a mulher inclinada para ver melhor e eu, um pouco confuso, olhando para eles do lado de fora. Fizeram-me várias perguntas: sobre o meu nome, idade, modo de vida, o que fazia e como tinha ido até ali. Devo dizer que para não comprometer ninguém, dei respostas pouco verdadeiras. Serviram-me um copo de «ale» que não era de primeira qualidade, desconfio, mas a dona do café inclinou-se sobre o mostrador e restituiu-me o dinheiro, beijando-me com um ar de compaixão e de admiração.

Não exagero, mesmo involuntariamente, a exiguidade dos meus recursos nem as dificuldades da minha vida. Sei que se *Mister* Quinion me dava por acaso um xelim, empregava-o em pagar o meu jantar. Sei que trabalhava de manhã até à noite, no vestuário mais mesquinho, com homens e rapazes de classe inferior. Sei que vagueava pelas ruas, mal alimentado e mal vestido. Sei que, sem a misericórdia de Deus, o abandono em que me deixavam poderia levar-me a ser um ladrão ou um vagabundo. Com tudo isso, eu estava todavia numa situação vantajosa, na casa Murdstone & Grinby.

Não só *Mister* Quinion fazia por me tratar com mais consideração do que a todos os meus colegas, tudo o que se podia esperar de um indiferente, muito ocupado de resto e tratando-se de uma criatura como eu tão abandonada; mas como eu não tinha nunca dito a ninguém o segredo da minha situação e não testemunhava o menor pesar, o meu amor próprio sofria menos. Ninguém sabia das minhas penas, por mais cruéis que fossem. Conservava-me reservado e só tratava do meu serviço. Compreendi desde princípio que o único meio de escapar às zombarias e desprezos dos outros era fazer a minha tarefa tão bem como eles. Bem depressa me tornei tão hábil e tão activo como os meus companheiros. Ainda que vivesse com eles nas relações mais familiares, o meu comportamento e maneiras diferiam bastante das suas para os conter à distância. Chamavam-me geralmente «o sujeitinho». Um tal Gregory, já homem, contramestre dos embaladores e outro de nome Pipp, carroceiro e que trazia uma jaqueta vermelha, chamavam-me às vezes David, mas isso era nas ocasiões de grande confiança, quando eu tentava diverti-los contando-lhes, sem interromper o meu trabalho, alguma história tirada das minhas antigas leituras, que se me iam apagando pouco a pouco da memória. Fécula-de-batata revoltou-se um dia da distinção que me concediam, mas Mick-Walker fê-lo logo entrar na ordem.

Nenhuma esperança tinha de me ver livre desta horrível existência e tinha renunciado a pensar em tal. Todavia, estou profundamente convencido de que não me resignara um único dia e que me sentia profundamente desgraçado, mas suportava as minhas penas em silêncio e nunca revelava a verdade nas numerosas cartas que escrevia a Peggotty, metade por vergonha e metade pela afeição que lhe consagrava.

As dificuldades de *Mister* Micawber juntavam-se aos meus tormentos de espírito. No abandono em que eu estava, tinha-me afeiçoado àquela família e pelo caminho giravam-me na cabeça os cálculos de *Mistress* Micawber acerca dos seus azares e recursos; sentia-me opresso com as dívidas de *Mister* Micawber. O sábado à noite era dia de grande festa para mim, primeiro porque era chegado o momento de ter na algibeira seis ou sete xelins e de poder ir ver as lojas, imaginando tudo quanto podia comprar com esse dinheiro e em seguida porque recolhia mais cedo a casa. Em geral, *Mistress* Micawber fazia-me as confidências mais dilacerantes, que muitas vezes repetia no domingo de manhã, enquanto eu almoçava com todo o vagar, engolindo o chá ou o café que tinha comprado na véspera à noite e que eu guardava num frasco que contivera doce. Não era raro que *Mister* Micawber se inundasse de lágrimas no começo destas conversações do sábado à noite, para acabar em seguida por cantar uma romança sentimental. Vi-o chegar a casa para cear, soluçando e declarando que só lhe restava ir para a cadeia, depois deitar-se calculando quanto custaria uma sacada

para as janelas do primeiro andar, no caso de «o favorecer a sorte», segundo a sua expressão favorita. *Mistress* Micawber era dotada da mesma facilidade de génio.

Apesar da imensa diferença das nossas respectivas idades, estabeleceu-se entre esta família e eu uma igualdade singular na nossa amizade, nascida, suponho, da nossa situação relativa. Mas nunca aceitei nenhum convite para comer ou beber à custa deles (sabendo que se viam e desejavam para satisfazer ao carniceiro e ao padeiro e que mal tinham o necessário), enquanto *Mistress* Micawber não me admitiu à sua mais inteira confiança. Uma noite, chegou por fim essa prova de confiança.

— Senhor Copperfield — disse ela —, não posso tratá-lo como a um estranho e não hesito em dizer-lhe que se aproxima a crise para os negócios de *Mister* Micawber.

Experimentei um verdadeiro pesar ao saber esta nova e fitei com a mais profunda simpatia os olhos vermelhos de *Mistress* Micawber.

— À excepção de um pedaço de queijo flamengo, recurso insuficiente para as necessidades da minha jovem família — disse *Mistress* Micawber —, não há uma migalha de alimento na despensa. Tomei o hábito de falar de despensa quando estava em casa do papá e da mamã e emprego esta expressão sem pensar. O que eu quero dizer é que não há nada de comer em casa.

— Deus do céu! — disse eu com uma viva emoção.

Eu tinha dois ou três xelins no bolso, do dinheiro da minha semana, o que me faz supor que esta conversação devia realizar-se numa terça-feira à noite; tirei logo o dinheiro, pedindo a *Mistress* Micawber, de todo o meu coração, que se dignasse aceitar esse pequeno empréstimo. Ela beijou-me e obrigou-me a meter a minha fortuna no bolso, dizendo-me que não podia consentir em tal.

— Não, meu caro Sr. Copperfield, uma tal ideia está muito longe do meu pensamento, mas o senhor é cheio de uma discrição superior à sua idade e poderia prestar-me um serviço que eu aceitaria com reconhecimento.

Pedi a *Mistress* Micawber que me dissesse como poderia eu ser-lhe útil.

— Fui eu própria quem levou a nossa prata a uma casa de penhores — disse *Mistress* Micawber. — Seis colheres de chá, duas pás do sal e uma pinça do açúcar. Mas os gémeos incomodam-me muito para lá ir e essas idas são-me muito penosas, porque me lembro do tempo em que eu vivia com o papá e a mamã. Há ainda algumas pequenas coisas de que poderíamos dispor. As ideias de *Mister* Micawber não lhe permitiam nunca aparecer nestes assuntos e Clickett (era o nome da criada), como tem um espírito vulgar, tomaria talvez liberdades difíceis de suportar, se a gente lhe testemunhasse uma tamanha confiança. Sr. Copperfield, se eu me atrevesse a pedir-lhe...

Compreendi enfim *Mistress* Micawber e pus-me inteiramente à sua disposição. Comecei, logo nessa mesma noite, a mudar os objectos mais fáceis de transportar e todas as manhãs realizava uma expedição dessa natureza antes de ir para a casa Murdstone & Grinby.

*Mister* Micawber tinha alguns livros em cima de uma pequena secretária, a que chamava a biblioteca: começou-se por aí. Levei-os um a um a casa de um alfarrabista, no caminho da City, uma parte do qual era habitado por negociantes de livros e passarinheiros e eu vendia os livros o mais caro que podia. O meu comprador vivia numa casita por trás da quitanda; embriagava-se todas as noites e a mulher berrava com ele todas as manhãs. Por mais de uma vez, quando me apresentava cedo, encontrei-o numa cama de armário, com a testa toda esmurrada ou com um olho inchado, consequência dos seus excessos da véspera (inclino-me a crer que ele era violento depois de ter bebido) e baldadamente procurava com a mão trémula, nos bolsos da roupa deitada no chão, o dinheiro com que havia de pagar-me, enquanto que a mulher, com os sapatos acalcanhados e uma criança nos braços, durante todo o tempo lhe atirava à cara o seu mau comportamento. Algumas vezes perdia o dinheiro e dizia-me que voltasse mais tarde; mas a mulher tinha sempre alguma quantia que lhe pilhava quando ele estava borracho, suponho e saldava o negócio secretamente na quitanda, quando descíamos juntos.

Começavam também a conhecer-me em casa do penhorista. O primeiro caixeiro, que trabalhava por trás do balcão, tinha por mim muita consideração e fazia-me várias vezes declinar um substantivo ou um adjectivo latino, ou então conjugar um verbo, enquanto que se ocupava da minha transacção. Nessas ocasiões, *Mistress* Micawber preparava de ordinário uma pequena ceia especial e lembro-me do encanto muito particular dessas refeições.

Chegou, finalmente, a crise. *Mister* Micawber foi preso uma manhã, de madrugada e levado para a prisão do Banco-do-Rei. Disse-me, ao ir preso, que para ele o Deus do dia tivera o seu ocaso para sempre e eu acreditava realmente que ele tivesse o coração despedaçado; o meu estava-o. Todavia, soube depois que ele jogara muito alegremente à bola nessa tarde.

No primeiro domingo depois da prisão, devia ir vê-lo e jantar com ele. Eu tinha de perguntar o caminho para tal lugar e antes de lá chegar, havia de encontrar um outro lugar e um pouco antes devia de ver um pátio que tinha de atravessar e depois ir a direito até encontrar um carcereiro. Fiz tudo quanto me estava indicado e quando descobri enfim o carcereiro (pobre criança que eu era), lembrei-me que, quando Roderick Random estava preso por dívidas, viu um homem que trazia por único vestuário um pedaço velho de tapete e o coração bateu-me tão fortemente de inquietação que nem sequer via o carcereiro.

*Mister* Micawber esperava-me junto da porta, e, uma vez chegado ao seu quarto, que era para a frente do último andar da casa, pôs-se a chorar. Suplicou-me solenemente que me ficasse lembrando do seu destino e que nunca me esquecesse de que um homem com vinte libras esterlinas de rendimento gastasse dezanove libras, dezanove xelins e seis *pence*, podia ser feliz, mas que se gastasse vinte e uma libras esterlinas não podia deixar de cair na miséria. Dito o que, pediu-me emprestado um xelim para comprar «porter», deu-me uma ordem escrita pela sua mão para *Mistress* Micawber me embolsar dessa quantia, depois meteu o lenço no bolso e recuperou a sua alegria.

Achávamo-nos sentados diante de um pequeno fogo, pois que dois tijolos atravessados na grelha não deixavam arder muito carvão, quando um outro devedor, que partilhava do quarto de *Mister* Micawber, entrou trazendo o pedaço de carneiro de que devia constar a nossa refeição, despesa a meias. Mandaram-me então a um quarto situado no andar de cima, habitado pelo capitão Hopkins, com os cumprimentos de *Mister* Micawber, para lhe dizer que eu era um rapaz seu amigo e que ia incumbido de pedir ao capitão Hopkins se ele se dignava emprestar uma faca e um garfo.

O capitão Hopkins emprestou o talher, encarregando-me de retribuir os seus cumprimentos a *Mister* Micawber. Vi no seu quarto, que era pequeno, uma dama muito suja e duas raparigas pálidas, desgrenhadas. Não pude deixar de fazer com os meus botões a reflexão de que mais valia pedir emprestado ao capitão Hopkins o seu garfo e a sua faca do que o seu pente. O capitão Hopkins estava reduzido ao mais deplorável estado, vestia um casaco de por cima sem a parte de baixo e usava suíças enormes. O colchão estava enrolado a um canto; e adivinhei (sabe Deus como) que as raparigas por pentear eram bem filhas do capitão Hopkins, mas que a dama suja não era mulher dele. Não saí da soleira da porta e só ali fiz uma paragem de dois minutos quando muito, mas desci tão certo do que acabo de dizer como o estava de trazer na mão uma faca e um garfo.

Havia nesse jantar de boémios qualquer coisa que afinal de contas não era desagradável. Fui levar o garfo e a faca ao seu legítimo possuidor e regressei a casa para contar a minha visita a *Mistress* Micawber. Principiou por desmaiar ao ver-me e acabou por preparar dois copos de *grog* para nos consolarmos enquanto eu lhe contava o que se tinha passado.

Não sei como foi que se venderam os móveis para sustentar a família; não sei quem se encarregou dessa operação; em todo o caso, não andei metido nisso. Tudo foi vendido e levado numa carroça, à excepção das camas, de algumas cadeiras e da mesa da cozinha. Residíamos com esses móveis em dois compartimentos do rés-do-chão, no meio dessa casa vazia e ali vivíamos noite e dia, *Mistress* Micawber, os filhos, a órfã e eu. Não sei quanto tempo isso durou,

parece-me que durou muito. Por fim, *Mistress* Micawber resolveu ir residir para a prisão, aonde *Mister* Micawber tinha um quarto particular. Fui encarregado de levar a chave da casa ao senhorio, que ficou contentíssimo por tomar posse do prédio e as camas, excepto a minha, foram todas para a cadeia. Alugaram-me um pequeno quarto nos arredores, com uma mansarda destinada à órfã, com grande satisfação minha; tínhamo-nos habituado, os Micawber e eu, a viver juntos, através de todas as nossas dificuldades e teríamos muita pena em separar-nos. O meu quarto era um pouco assotado e deitava para um grande estaleiro; julguei-me no paraíso quando tomei posse dele, reflectindo que a crise dos negócios de *Mister* Micawber tinha enfim terminado.

Eu continuava a trabalhar sempre na casa Murdstone & Grinby, tendo sempre a meu cargo a mesma ocupação material com os mesmos companheiros e experimentei sempre o mesmo sentimento duma degradação imerecida. Mas, felizmente para mim, não conhecia ninguém nem falava com nenhum dos rapazitos que todos os dias encontrava pelo caminho, na ida ou na volta, ou quando passeava pelas ruas à hora das refeições. Levava a mesma vida triste e solitária, mas o meu desgosto recalcava-o comigo mesmo. A única mudança de que eu tive consciência, é que o meu fato se tornava cada vez mais coçado e que me via livre em grande parte dos cuidados que me dispensavam *Mister* e *Mistress* Micawber, os quais viviam presos mas infinitamente mais livres de apoquentações como há muito não lhes sucedia, tendo sido socorridos na sua desgraça por parentes ou amigos. Eu almoçava com eles, segundo uma combinação cujas minudências esqueci. Também já me esqueci a que horas se abriam as grades da prisão para me deixarem entrar; sei unicamente que me levantava muitas vezes às seis horas e enquanto esperava a abertura das portas, ia sentar-me num dos bancos da velha ponte de Londres, donde me distraia a ver quem passava, ou a contemplar por cima do parapeito o sol que se reflectia na água, ou que iluminava as chamas doiradas no alto do Monumento. A órfã vinha procurar-me às vezes, para ouvir histórias de composição minha sobre a Torre de Londres; tudo quanto posso dizer é que conjecturo que eu próprio acreditava o que me punha a contar. A noite, voltava à prisão e passeava nos corredores com *Mister* Micawber ou jogava as cartas com *Mistress* Micawber, ouvindo as suas narrativas acerca do papá e da mamã. Ignoro se *Mister* Murdstone sabia como eu vivia então. Nunca falei nisso na casa Murdstone & Grinby.

Os negócios de *Mister* Micawber continuavam sempre, apesar da trégua, muito atrapalhados pelo facto de uma certa «acta» de que eu ouvia sempre falar e que suponho agora ter sido qualquer convénio anterior com os seus credores, conquanto eu compreendesse tão pouco então do que se tratava, que, se não me engano, confundia esse acto legal com os pergaminhos infernais, contratos

passados com o diabo, que, dizem, existiram antigamente na Alemanha. Enfim, esse documento parece ter-se eclipsado não sei como; pelo menos, tinha cessado de ser uma pedra de escândalo como no passado e *Mistress* Micawber informou-me que a sua família decidira que *Mister* Micawber requeresse para ser posto em liberdade, aproveitando-se da lei dos devedores insolúveis e que poderia vir para a rua ao cabo de seis semanas.

— E então — disse *Mister* Micawber, que estava presente — não me resta dúvida que poderei, se Deus quiser, começar a livrar-me de apuros e a viver de uma maneira muito diferente, se... se... numa palavra, se a boa sorte me favorecer.

Para estar habilitado a tirar proveito do futuro, recordo-me que *Mister* Micawber, a esse tempo, andava compondo uma petição à Câmara dos Comuns, a pedir que se introduzissem alterações na lei que regulava as prisões por dívidas. Recolho aqui essa recordação porque isso me faz ver como eu acomodava as histórias dos meus antigos livros à história da minha vida presente, tomando à direita e à esquerda os meus personagens entre os homens e as mulheres que eu encontrava nas ruas. Diversas feições principais do carácter que involuntariamente hei-de traçar, suponho, ao escrever a minha vida, formavam-se-me desde então na alma.

Havia um *club* na prisão e *Mister* Micawber, na sua qualidade de homem bem-educado, tinha lá grande autoridade. *Mister* Micawber tinha desenvolvido perante o *club* a ideia da sua petição, a qual fora fortemente apoiada. Em consequência disso, *Mister* Micawber, que era dotado de excelente coração e de uma infatigável actividade quando não se tratava dos seus próprios negócios, muito contente por se ocupar de uma empresa que não podia ser-lhe de nenhuma utilidade, entregou-se à obra, compôs a petição, copiou-a numa imensa folha de papel, que estendeu em cima de uma mesa, depois convocou o *club* em peso e todos os habitantes da prisão, se lhes conviesse, a irem assinar esse documento ao seu quarto.

Quando ouvi anunciar a aproximação dessa cerimónia, apoderei-me de um tal desejo de os ver entrar todos uns após outros, conquanto já os conhecesse a quase todos, que obtive licença de uma hora na casa Murdstone & Grinby e depois fui-me instalar a um canto para assistir a esse espectáculo. Os principais membros do *club*, todos quantos tinham podido entrar no pequeno quarto sem o encher por completo, estavam diante da mesa com *Mister* Micawber; o meu velho amigo o capitão Hopkins, que tinha lavado a cara em honra dessa ocasião solene, instalara-se ao lado da petição para a ler aos que não lhe conheciam o teor. A porta abriu-se enfim e o povo começou a desfilar; um entrava para assinar e os restantes ficavam à porta. O capitão perguntava a cada pessoa que se

apresentava:

— Já a leu?

— Não.

— Quer ouvir ler?

Se o desgraçado dava o menor sinal dissentimento, o capitão Hopkins lia-lhe tudo, sem lhe faltar uma palavra, com a voz mais sonora. O capitão lê-la-ia vinte mil vezes seguidas, se vinte mil pessoas a quisessem ouvir uma a uma. Lembro-me da ênfase com que pronunciava frases como esta:

— Os representantes do povo reunidos em parlamento... os autores da petição representam humildemente à honrada câmara... os desgraçados súbditos de sua graciosa majestade...

Parecia que estas palavras eram na sua boca uma bebida deliciosa e *Mister* Micawber, durante esse tempo, contemplava com um ar de vaidade satisfeita os ferros das grades das janelas.

Enquanto eu fazia o meu percurso diário da prisão a Blackfriars, vagueando à hora das refeições pelas ruas escuras, cujos empedrados talvez ainda conservem os vestígios dos meus passos de criança, pergunto de mim para mim se me esquecia algum desses personagens que sem cessar me vinham à lembrança e que formavam uma longa fila ao som da voz do capitão Hopkins! Quando os meus pensamentos regressam a essa lenta agonia da minha mocidade, espanto-me de ver as histórias que eu inventava então para essa gente flutuar ainda como um nevoeiro fantástico sobre factos reais sempre presentes à minha memória! Mas, quando passo por esse caminho tantas vezes trilhado pelos meus passos, não me espanto de ver caminhar adiante de mim um rapaz inocente, de um espírito romanesco que cria um mundo imaginário da sua estranha vida e da miséria de que tem experiência; tenho simplesmente compaixão dele.

## Capítulo XII — Não me agrada viver por minha conta; tomo uma grande resolução

Por fim, tendo obtido recurso a questão de *Mister* Micawber e sendo ouvida a sua reclamação, foi mandado pôr em liberdade em virtude de lhe aproveitar a lei dos devedores insolúveis. Os seus credores não foram muito implacáveis e *Mister* Micawber informou-me que o terrível sapateiro, em pessoa, declarara em pleno tribunal que não lhe queria mal; que somente, quando lhe deviam dinheiro, gostava de ser embolsado. «Parece-me», dizia, «que isto está dentro da natureza humana».

*Mister* Micawber voltou para a prisão porque havia custas a pagar e formalidades a preencher antes da soltura. O *club* recebeu-o com entusiasmo e reuniu nessa tarde em sua honra, enquanto *Mistress* Micawber e eu comíamos um fritado de carneiro, em particular, rodeados pelos pequenitos adormecidos.

— Nesta ocasião proponho-lhe, Sr. Copperfield — disse *Mistress* Micawber —, de beber ainda um copinho de *grog* com cerveja — havia já uma porção de tempo que nós não o tomávamos — à memória do papá e da mamã.

— Morreram, minha senhora? — perguntei eu depois de corresponder com um copo de vinho de Bordéus.

— A mamã deixou este mundo — disse *Mistress* Micawber — antes das dificuldades de *Mister* Micawber, ou pelo menos antes que elas fossem mais graves. O meu papá viveu bastante para servir muitas vezes de fiador a *Mister* Micawber, depois do que morreu, lamentado pelos seus numerosos amigos.

*Mistress* Micawber meneou a cabeça e derramou umas lágrimas de piedade filial em cima do gémeo que ela tinha ao colo naquele momento.

Eu não podia esperar ocasião mais favorável de lhe fazer uma pergunta do mais alto interesse para mim; disse, pois, a *Mistress* Micawber:

— Dê-me licença que lhe pergunte, minha senhora, o que conta fazer agora que *Mister* Micawber se livrou de apuros e que está em liberdade? Já tomou alguma resolução?

— A minha família — disse *Mistress* Micawber que pronunciava sempre estas duas palavras com um ar majestoso, sem que jamais pudesse descobrir a quem as aplicava —, a minha família é de opinião que *Mister* Micawber faria bem sair de Londres e procurar empregar as suas faculdades na província. *Mister* Micawber tem grandes faculdades, senhor Copperfield.

Eu disse que não duvidava.

— Grandes faculdades — repetiu *Mistress* Micawber. — A minha família é de parecer que com um pouco de protecção poder-se-ia tirar partido de um homem como ele na administração das alfândegas. Sendo a influência da minha família sobretudo local, deseja-se que *Mister* Micawber vá para Plymouth. Tem-se como indispensável que ele lá esteja.

— Por ser muito perto? — sugeri eu.

— Precisamente — respondeu *Mistress* Micawber — por ser muito perto... no caso da boa sorte o favorecer.

— Irá também para Plymouth, minha senhora?

Os acontecimentos do dia, combinados com os gémeos e talvez com o *grog*, deram na fraqueza dos nervos de *Mistress* Micawber e pôs-se a chorar respondendo-me:

— Nunca abandonarei *Mister* Micawber. Ele fez mal em me encobrir as suas dificuldades da primeira vez. Mas deve dizer-se que o seu carácter optimista levava-o sem dúvida a crer que poderia sair-se honrosamente, sem eu o saber. O colar de pérolas e os braceletes que herdei da mamã foram vendidos por metade do valor, o adereço de coral que o papá me deu, quando casei, foi vendido de graça, mas nunca abandonarei *Mister* Micawber. Não! — gritou *Mistress* Micawber, cada vez mais emocionada —, nunca consentirei, é inútil pedirem-mo.

Eu não me sentia nada bem; porque *Mistress* Micawber tinha o ar de acreditar que era eu quem lhe pedia tal coisa e olhava para ela atónito.

— *Mister* Micawber tem os seus defeitos. Não nego que seja muito imprevidente. Não nego que me enganou a respeito dos seus recursos e das suas dívidas — continuou ela olhando fixamente a parede —, mas nunca abandonarei *Mister* Micawber!

*Mistress* Micawber fora elevando a voz pouco e pouco e gritou tão alto estas últimas palavras que eu fiquei muitíssimo assustado e corri para a sala aonde reunia o *club*; *Mister* Micawber presidia à cabeceira de uma mesa muito comprida e cantava esganiçadamente em coro com os seus colegas:

Olé! Olá! Viva a miséria
Com ela vamos casar!
Olé! Olá! Os que se casam
Dão corda para se enforcar!

Interrompi-o para o avisar de que *Mistress* Micawber se encontrava num estado muito alarmante, ao que ele desatou a chorar e seguiu-me a correr, com o colete todo cheio de cabeças e rabos de camarões que tinha descascado no banquete.

— Ema, meu anjo — exclamou *Mister* Micawber precipitando-se no quarto — que é que tem?

— Nunca o abandonarei, senhor Micawber! — exclamou ela.

— Vida da minha alma! — disse *Mister* Micawber abraçando-a —, estou certíssimo disso.

— É o pai dos meus filhos, *é o* pai dos meus gémeos! O esposo da minha mocidade! — exclamou *Mistress* Micawber, debatendo-se. — Nunca abandonarei *Mister* Micawber!

*Mister* Micawber ficou tão profundamente emocionado com esta prova da sua dedicação (quanto a mim, eu estava banhado em lágrimas) que a apertava de encontro ao coração, pedindo-lhe que erguesse os olhos e se tranquilizasse. Mas quanto mais pedia a *Mistress* Micawber para erguer os olhos, mais vago era o seu olhar e quanto mais lhe pedia para se tranquilizar, menos ela se tranquilizava. Em consequência disso, *Mister* Micawber cedeu ao contágio e misturou as suas lágrimas com as da mulher e com as minhas, depois acabou por me pedir que levasse uma cadeira para o patamar e que me sentasse lá à espera dele, porque ia deitar a esposa. O meu desejo era dar-lhes as boas noites e ir-me embora, mas ele não consentiu, visto não ter tocado o sino para a saída dos visitantes. Pus-me então à janela da escada até que ele reapareceu com uma segunda cadeira.

— Como ficou agora *Mistress* Micawber, senhor? — disse-lhe.

— Está muito abatida — disse *Mister* Micawber meneando a cabeça —, é a reacção. Ah! Que dia terrível! Estamos agora sós no mundo e sem recursos.

*Mister* Micawber apertou-me a mão, gemeu e pôs-se a chorar. Eu estava emocionadíssimo e não menos contrariado; porque contara que íamos estar muito alegres, uma vez que tínhamos chegado ao desfecho há tanto desejado. Mas *Mister* e *Mistress* Micawber tinham-se por tal modo afeito às suas antigas dificuldades que creio que ficaram desorientados ao verem-se quites! Toda a elasticidade do seu carácter tinha desaparecido e nunca os tinha visto tão tristes como nessa noite; tanto que, quando ao ouvir o sino, *Mister* Micawber me acompanhou até à grade e se despediu, eu estava verdadeiramente inquieto por o deixar ficar sozinho, tão infeliz o via.

Mas, através de toda a confusão e do abatimento que nos atingira tão inesperadamente para mim, eu via claramente que *Mister* e *Mistress* Micawber e a sua família iam sair de Londres e que estava iminente uma separação entre nós. Foi quando regressei a casa nessa noite e foi durante essa noite sem sono que em seguida passei, que concebi pela primeira vez, não sei como, um pensamento que depressa se transformava numa determinação decidida.

Tinha-me ligado tão intimamente com os Micawber, tinha participado tanto

nas suas desgraças e estava tão absolutamente desprovido de amigos, que a perspectiva de me ver de novo obrigado a procurar casa, para viver entre estranhos, parecia lançar-me ainda uma vez à tona de água, nessa vida muito conhecida agora para que eu pudesse ignorar o que me esperava. Todos os sentimentos delicados que essa existência feria, toda a vergonha e o sofrimento que em mim despertava, tornaram-se-me tão dolorosos que, reflectindo, decidi que essa vida era intolerável.

Eu sabia que não havia outro meio de escapar senão procurar em mim o remédio e a força. Ouvia raras vezes falar de *miss* Murdstone, nunca de *Mister* Murdstone; dois ou três embrulhos com vestuários novos ou consertados tinham-me sido enviados por intermédio de *Mister* Quinion, acompanhados de um pedaço de papel em que se lia que J. M. esperava que D. C. se aplicasse a cumprir com os seus deveres, sem deixar transparecer esperança alguma de que eu pudesse vir a ser outra coisa mais do que um grosseiro operário.

O dia seguinte provou-me que *Mistress* Micawber não tinha falado de leve da probabilidade da sua partida. Eu estava ainda na primeira fermentação das minhas ideias novas, quando eles alugaram um quarto por semana na mesma casa em que eu morava; deviam partir brevemente para Plymouth. *Mister* Micawber foi ao escritório de tarde para anunciar a *Mister* Quinion que a sua partida o obrigava a renunciar à minha companhia, e, para lhe dizer de mim todo o bem que eu merecia, creio. Então, *Mister* Quinion chamou Fipp, o carroceiro, que era casado e tinha um quarto para alugar. *Mister* Quinion alugou-mo, com mútua satisfação das duas partes, supô-lo ele, visto que eu não disse uma palavra; mas a minha decisão estava bem tomada.

Passei as minhas noites com *Mister* e *Mistress* Micawber, durante o tempo que ainda nos restava de habitarmos sob o mesmo tecto e creio que a nossa amizade aumentava à medida que o momento da separação se aproximava. No último domingo, convidaram-me para jantar; serviram-nos um pedaço de porco com molho secante e um pudim. Na véspera à noite comprei um cavalo de pau rodado para oferecer ao pequeno Wilkins Micawber e uma boneca para a pequena Ema. Dei também um xelim à órfã que perdia o seu lugar.

O dia passou-se muito agradavelmente conquanto estivéssemos todos antecipadamente um pouco emocionados da nossa tão próxima separação.

— Jamais poderei pensar nas dificuldades de *Mister* Micawber, senhor Copperfield — disse *Mistress* Micawber —, sem pensar também em si. O senhor tem-se comportado da maneira mais obsequiadora e mais delicada; o senhor não era para nós um inquilino, era um amigo.

— Minha querida — disse *Mister* Micawber —, Copperfield (ele tinha o hábito de me chamar só pelo meu apelido) tem um coração sensível às desgraças

dos outros quando a sorte os não favorece; tem uma cabeça capaz de raciocinar e mãos... numa palavra, uma faculdade notável para dispor de todos os objectos sem os quais se pode passar.

Exprimi a minha gratidão por este cumprimento e repeti-lhes que me sentia muito penalizado por me separar deles.

— Meu caro amigo — disse *Mister* Micawber —, sou mais velho que o senhor e tenho alguma experiência da vida e de... numa palavra, dificuldades de toda a espécie, para falar de um modo geral. Por agora e até que me favoreça uma boa sorte, a que todos os dias espero, não tenho outra coisa a oferecer-lhe senão os meus conselhos. Todavia, esses conselhos valem a pena ser escutados, sobretudo... numa palavra, porque eu nunca os segui e que...

E nesta altura *Mister* Micawber, que sorria e olhava para mim com ar radiante, parou, franziu as sobrancelhas, depois prosseguiu:

— O senhor vê como me tornei desgraçado.

— Meu caro Micawber — exclamou sua mulher.

— Eu disse — replicou *Mister* Micawber esquecendo-se e sorrindo de novo — «como me tornei desgraçado». O meu conselho é este: «Não guardes para amanhã o que podes fazer hoje». A temporização é um roubo feito à vida. A ocasião deve agarrar-se pelos cabelos.

— Era a máxima do meu pobre papá — disse *Mistress* Micawber.

— Minha querida — disse *Mister* Micawber —, o seu papá era um excelente homem e Deus me livre de dizer uma palavra que pudesse rebaixá-lo no espírito de Copperfield. Em todo o caso, não é provável que... numa palavra, nunca conheceremos um homem da idade dele que tivesse pernas tão bem torneadas dentro das suas polainas, nem em estado de ler um livro de letra miudinha sem lunetas. Mas aplicou esta máxima ao nosso casamento, minha querida, com tanta vivacidade, que eu ainda não estou remido dessa despesa precipitada.

*Mister* Micawber relanceou os olhos para *Mistress* Micawber, depois acrescentou: «Não que eu a chore, minha querida; muito pelo contrário». E guardou silêncio um momento.

— Já conhece o meu segundo conselho, Copperfield — disse *Mister* Micawber. —Rendimento anual, vinte libras esterlinas; despesa anual, dezanove libras, dezanove xelins, seis *pence*, resultado: felicidade. Rendimento anual, vinte libras esterlinas; despesa anual, vinte libras e seis *pence*, resultado: miséria. A flor murcha, a folha cai, o Deus do dia desaparece, e... numa palavra, fica-se para sempre arrombado como eu! — E para tornar o seu exemplo mais frisante, *Mister* Micawber bebeu um copo de *punch* com um ar de grande satisfação e pôs-se a assobiar uma arieta de caça.

Não deixei de o certificar que nunca perderia de vista esses preceitos, o que

era bastante inútil, porquanto era evidente que os resultados práticos que eu tivera bem à vista me tinham causado uma grande impressão. No dia seguinte, cedo, fui ter com toda a família ao escritório da diligência e vi-os com tristeza tomar lugares na imperial.

— Senhor Copperfield — disse *Mistress* Micawber —, que Deus o abençoe. Nunca poderei esquecer o que foi para nós e ainda que pudesse nunca desejaria esquecê-lo.

— Copperfield — disse *Mister* Micawber —, adeus! Que a felicidade e a prosperidade o acompanhem! Se no decorrer dos anos que se seguirem eu puder crer que a minha desgraçada sorte lhe serviu de lição, reconhecerei que não ocupei inutilmente o lugar de um outro homem neste mundo. No caso de me favorecer uma boa sorte (e conto um pouco com ela), dar-me-ei por extremamente feliz, se estiver na minha mão guiá-lo nas suas perspectivas vindouras.

Eu penso que *Mistress* Micawber, que estava sentada na imperial com os filhos e que me viu de pé no caminho, olhando para eles tristemente, notou de repente que eu era bem pequeno e bem fraco. Creio, por que me fez sinal para subir até ao pé dela com uma expressão de afeição materna e abraçou-me e beijou-me como o faria ao filho. Tive apenas tempo de me apear antes da partida da diligência e mal podia distinguir os meus amigos através dos lenços com que me diziam adeus. Num momento tudo desapareceu. Nós ficávamos no meio da estrada, a órfã e eu, olhando um para o outro tristemente, depois demos um recíproco aperto de mão, ela tomou o caminho do hospital de S. Lucas e eu fui começar o meu dia na casa Murdstone & Grinby.

Mas eu não tencionava continuar a levar uma vida tão desagradável. Estava decidido a fugir, de uma maneira ou de outra, a ir ver se encontrava na aldeia a única parente que tinha no mundo e a contar a minha história a *miss* Betsy.

Já fiz notar que não sabia como esse projecto desesperado tinha nascido no meu espírito, mas uma vez lá, acabou-se e a minha determinação ficou tão inabalável como todas as resoluções que pude depois contrair na minha vida. Não estou certo se as minhas esperanças eram muito intensas, mas estava resolvido a pôr em prática o meu projecto.

Desde a noite em que concebera essa ideia, cem vezes rolei no meu espírito a história do meu nascimento, que tanto gostava noutros tempos que minha mãe me contasse e que tão bem sabia de cor. Minha tia tinha nela uma aparição rápida, não fazia senão entrar e sair com um ar terrível e desumano, mas havia nas suas maneiras uma pequena particularidade de que eu gostava de me recordar e que me dava algum clarão de esperança. Não me podia esquecer que minha mãe tinha julgado que ela lhe anediava suavemente os cabelos e

conquanto isso fosse talvez uma ideia sem fundamento algum, fazia de mim para mim um lindo quadrinho do momento em que a minha feroz tia tinha ficado um pouco enternecida na presença dessa beleza infantil de que tão bem eu me recordava e que me era tão cara; e esse pequeno episódio iluminava docemente todo o quadro. Talvez fosse o gérmen que, depois de ter chocado durante muito tempo em meu espírito, aí havia gradualmente gerado a minha resolução.

Eu não sabia mesmo aonde residia *miss* Betsy. Escrevi uma longa carta a Peggotty, em que lhe pedia incidentalmente se se lembrava do lugar aonde ela morava, pretextando que tinha ouvido falar de uma dama que morava num sítio que nomeei ao acaso e tinha curiosidade de saber se ela seria minha tia. No decurso da carta dizia a Peggotty que tinha particularmente necessidade de meio guinéu e que se pudesse emprestar-mo, ficar-lhe-ia muito obrigado, reservando-me para mais tarde lhe dizer, embolsando-a, do motivo que me forçava a pedir-lhe emprestada essa pequena quantia.

A resposta de Peggotty chegou pouco depois, cheia, como ordinariamente, da mais terna dedicação; enviava-me meio guinéu; (eu receava que lhe tivesse custado muito a fazê-lo sair do cofre de Barkis) dizia-me que *miss* Betsy morava perto de Douvres, mas que não sabia se era mesmo em Douvres ou em Sandgate, Hythe ou Folkstone. Um dos trabalhadores do armazém disse-me, em resposta às minhas perguntas, que todas essas povoações ficavam umas ao pé das outras; e com tal informação, que me pareceu suficiente, tomei a resolução de me ir embora no fim da semana.

Eu era uma honestíssima criaturinha e não queria manchar a reputação que deixava na casa Murdstone & Grinby: julgava-me, pois, obrigado a ficar até ao sábado à noite e como quando entrei tinha recebido adiantada a féria de uma semana, resolvi não ir ao escritório à hora do pagamento receber a féria. Fora com esse intuito que pedi emprestado o meio guinéu, a fim de poder fazer face às despesas de viagem. Em consequência disso, no sábado à noite, quando estávamos todos reunidos, no armazém, à espera do pagamento, entrou no escritório Fipp, o carroceiro que era sempre o primeiro a receber; dei então um aperto de mão a Mick Walter, pedindo-lhe que, quando me chegasse a vez de cobrar, dissesse a *Mister* Quinion que eu tinha ido levar a mala a casa de Fipp; disse adeus a Fécula-de-batata e parti.

A minha bagagem tinha ficado no meu antigo alojamento do outro lado do rio; preparei, para pregar na mala, um endereço escrito nas costas de um dos cartões de expedição que pregávamos nas caixas: «Mr. David, estação restante, nas Messageries, Douvres». Tinha este cartão no bolso e contava afixá-lo na mala logo que a retirasse de casa; pelo caminho, olhava em torno, a ver se encontrava alguém que me pudesse conduzir a bagagem ao escritório da diligência.

Descobri um homem de pernas compridas que tinha uma pequena carroça com um burro atrelado e que estava parado ao pé do obelisco, na estrada de Blackfriars; os nossos olhares encontraram-se quando eu passava e ele perguntou-me se o ficava conhecendo bem, aludindo provavelmente à maneira como eu o tinha examinado; apressei-me a assegurar-lhe que não era por falta de polidez, mas que era para saber se queria incumbir-se de um serviço.

— Que serviço? — perguntou ele.

— De levar uma mala —respondi.

— Que mala?

— A minha.

Expliquei-lhe que estava numa casa ao fim da rua e que estimaria que ele me levasse a mala por seis *pence* ao escritório da diligência de Douvres.

— Vou lá pelos seis *pence*! — disse o homem das pernas grandes.

E subiu logo para a carroça, que se compunha de três tábuas pousadas sobre rodas, partindo tão depressa na direcção indicada, que eu tive de correr para seguir o burro.

O carroceiro tinha um ar insolente que me desagradava; não gostava também da maneira como ele mastigava uma palheira enquanto falava, mas o ajuste estava feito; fi-lo, pois, subir ao quarto que eu deixava, pegou na mala, levou-a para baixo e pô-la na carroça.

Não me dava cuidado pregar ainda o endereço, com receio que algum membro da família do meu senhorio me adivinhasse os desígnios; pedi, pois, ao carroceiro que parasse quando chegasse defronte do grande muro da prisão do Banco-do-Rei. Apenas pronunciei estas palavras, o carroceiro abalou logo como se ele, a mala, a carroça e o burro fossem todos igualmente mordidos pela tarântula e eu estava esbaforido à força de correr e de chamar por ele, quando o alcancei no lugar indicado.

Eu estava vermelho e agitado e ao tirar o cartão do bolso, deixei cair o meio guinéu: meti-o na boca, para o ter mais seguro, e, apesar de me tremerem as mãos, consegui prender o cartão na mala, com satisfação minha, quando nisto recebo uma pancada debaixo do queixo, do homem das pernas grandes, saltando-me da boca o meio guinéu, que ele agarrou no ar.

— Vamos! — disse o homem abanando-me pela gola do casaco, com uma cara medonha. — Caso de polícia, não é verdade? Você vai fugir, não é assim? Venha à polícia, seu criminoso, venha à polícia.

— Dê-me o meu dinheiro — disse eu assustadíssimo — e deixe-me em paz.

— Venha à polícia — repetiu o homem —, lá provará se lhe pertence.

— Dê-me a mala e o dinheiro — exclamei a chorar.

O homem repetia sempre «Venha à polícia» e arrastava-me com violência até

junto do burro, como se houvesse alguma relação entre esse animal e um magistrado; depois mudou repentinamente de parecer, saltou para a carroça, sentou-se na mala e, declarando que ia direito à polícia, partiu mais depressa que nunca. Eu corria atrás dele com toda a força, mas estava estafado e não me atreveria a chamar por ele, mesmo quando o tivesse perdido de vista. Vinte vezes num quarto de hora que estive por um triz a ficar esmagado. Umas vezes via ao longe o meu ladrão, outras perdia-o de vista, depois recebia uma chicotada de um carroceiro, a seguir insultavam-me, caía na lama, levantava-me a correr e atropelava um transeunte ou batia de encontro a um poste. Por fim, atrapalhado, cheio de calor e medo, receando ver Londres inteira em minha perseguição, deixei o homem levar-me a mala e o dinheiro para onde queria, e, todo esbaforido e ainda a chorar, tomei sem parar o caminho de Greenwich, que ficava na estrada de Douvres, segundo ouvira dizer, levando para casa de minha tia Betsy uma porção dos bens deste mundo quase tão pequena, como a que eu tinha trazido, dez anos antes, na noite em que tanto a tinha encolerizado o meu nascimento.

## Capítulo XIII — Executo a minha resolução

Creio que tinha uma vaga ideia de correr pela estrada fora até Douvres, quando renunciei a perseguir o homem da carroça e do burro, para seguir a estrada de Greenwich. Em todo o caso, as minhas ilusões bem depressa se desvaneceram e fui forçado a parar na estrada de Kent, perto de um terrapleno que estava ornado com uma taça de água e uma grande estátua sentada no meio e soprando num búzio. Aí, sentei-me na soleira de uma porta, cansadíssimo pelos esforços que acabava de fazer, e, tão esbaforido que mal tinha forças para chorar a minha mala e o meu meio guinéu.

Era de noite; enquanto lá estive a descansar, ouvi os relógios dar dez horas. Mas estava-se no Verão e fazia calor. Quando cobrei alento e quando me vi livre da sufocação que antes sentira, levantei-me e prossegui no caminho de Greenwich. Nem um só momento tive a ideia de voltar para trás. Não sei se isso me ocorreria, mesmo que caísse uma avalanche no meio da estrada.

Mas a exiguidade dos meus recursos (tinha três *pence* na algibeira e pergunto como é que ali se encontravam num sábado à noite) não deixava de me preocupar, a despeito da minha perseverança. Comecei a pensar numa notícia de jornal informando que me tinham encontrado morto debaixo de uma sebe e caminhava tristemente, conquanto com toda a velocidade das minhas pernas, quando passei perto de uma quitanda que tinha um letreiro a anunciar que se comprava roupa de homem e de mulher e que se pagavam bem ossos e farrapo velho. O dono da quitanda estava sentado na soleira, em mangas de camisa e cachimbo na boca; tinha uma grande porção de casacos e calças suspensos do tecto, tudo isso alumiado por duas velas de sebo, de sorte que tinha o ar de um homem saciado de vingança, que, havendo enforcado os seus inimigos, se comprazia a contemplar os cadáveres.

A experiência que eu tinha adquirido em casa de *Mistress* Micawber sugeriu-me, ao ver isto, o meio de afastar um pouco o golpe fatal. Entrei numa viela, tirei o colete e depois, enrolando o cuidadosamente debaixo do braço, apresentei-me à porta da quitanda:

— O senhor — disse eu — quer comprar este colete pelo seu justo valor, convém-lhe?

*Mister* Dolloby (pelo menos era esse o nome que se lia no letreiro), pegou no colete, pousou o cachimbo encostado à porta e entrou na quitanda, aonde o segui; aí espevitou com os dedos as duas velas, depois estendeu o colete no mostrador e examinou-o; em seguida aproximou-o da luz para o ver melhor e

acabou por me dizer:

— Quanto quer pelo coletinho?

— Oh! O senhor deve saber melhor do que eu — repliquei modestamente.

— Ou bem que compro ou bem que vendo — disse *Mister* Dolloby. — Diga quanto quer pelo coletinho.

— Quarenta *pence,* será...? — disse eu timidamente, após uma hesitação.

— Será roubar a minha família — disse ele — Ofereço-lhe vinte *pence.*

Esta maneira de encarar a questão era-me desagradável; que direito tinha eu de pedir a *Mister* Dolloby que roubasse a família em favor de um estranho? As minhas necessidades eram, todavia, tão urgentes, que eu disse que aceitaria os vinte *pence*, se lhe conviesse. *Mister* Dolloby consentiu, mas resmungando. Dei-lhe as boas noites e saí da quitanda com vinte *pence* a mais e o meu colete a menos. Mas, ora! Levando o casaco abotoado não se via.

Em verdade, eu previa bem que o casaco se seguiria ao colete e dava-me por muito feliz se pudesse chegar até Douvres em calças e camisa. Mas não estava tão preocupado com essa perspectiva como poderiam acreditar. Salvo uma impressão geral de que a caminhada era longa e que o dono do burro me tinha roubado, creio que não tinha um sentimento bem forte da dificuldade da minha empresa, quando me meti a caminho com os meus vinte *pence* na algibeira.

Tinha formado um projecto para passar a noite e pu-lo em execução. O meu plano era deitar-me ao pé do muro do meu antigo colégio, num canto aonde havia dantes uma meda de feno. Afigurava-se-me que a vizinhança dos meus antigos camaradas me proporcionaria uma espécie de companhia e que haveria algum prazer em me sentir tão perto do dormitório aonde eu antigamente contava histórias, quando mesmo os alunos não pudessem saber que eu estava ali e que o dormitório não me prestasse o seu abrigo.

O dia tinha sido fatigante e eu estava cansadíssimo quando cheguei enfim à altura de Blackheath. Deu-me algum trabalho a encontrar a casa, mas descobri logo a meda de feno e aninhei-me ao lado, depois de ter dado a volta aos muros, de ter olhado para todas as janelas e de me ter certificado que reinava por toda a parte a escuridão e o silêncio. Nunca me há-de esquecer a sensação de isolamento que experimentei ao deitar-me no chão, sem um tecto por cima de mim.

Chegou-me o sono, desceu sobre os meus olhos, como desceu nessa noite sobre tantas outras criaturas abandonadas como eu, sobre todos aqueles a quem as portas das casas estavam fechadas e que os cães perseguiam com os seus latidos; sonhei que estava deitado na cama do colégio e que conversava com os meus camaradas; depois despertei e achei-me sentado, com o nome de Steerforth nos lábios e a olhar alucinado para as estrelas que cintilavam por cima da minha

cabeça. Quando me recordei aonde estava tão fora de horas, senti-me apavorado sem saber porquê, levantei-me e continuei a caminhar. Mas as estrelas empalideciam já e um débil alvor no céu anunciava a chegada do dia; enchi-me de ânimo e, como estava muito fatigado, deitei-me e de novo adormeci, sentindo sempre enquanto dormia um frio intenso; por fim, os raios do sol e a sineta do colégio chamando os alunos para as aulas despertaram-me. Se eu contasse que Steerforth ainda lá estivesse, ter-me-ia demorado nas imediações até que ele saísse sozinho, mas sabia que já tinha saído do colégio há muito. Traddles podia muito bem lá estar ainda, mas eu não estava certo e não tinha bastante confiança na sua discrição ou habilidade para lhe participar a minha situação, por melhor opinião que do seu coração tivesse. Afastei-me, pois, enquanto os meus camaradas se levantavam; segui a longa estrada poeirenta que me tinham indicado como sendo a de Douvres, ao tempo em que eu fazia parte dos alunos de *Mister* Creakle, conquanto não pudesse adivinhar então que havia de chegar um dia em que me haviam de ver viajar por ela.

Como essa manhã do domingo diferia das que eu tinha passado noutro tempo em Yarmouth! Chegada a hora, ouvi, caminhando, tocar os sinos das igrejas, encontrei pessoas que para lá iam, depois passei por diante da porta de algumas igrejas durante o ofício divino; os cantos retumbavam debaixo desse lindo sol e o maceiro que estava à sombra do pórtico, ou que estava sentado debaixo dos ciprestes, enxugando a testa, olhava para mim de revés ao ver-me passar, sem me deter. A paz e o repouso dos domingos do tempo passado reinavam por toda a parte, excepto no meu coração. Sentia-me acusar e denunciar aos fiéis observadores da lei do domingo pela poeira que me cobria e pelos meus cabelos desgrenhados. Sem o quadro, sempre presente a meus olhos, de minha mãe em todo o esplendor da sua mocidade e da sua beleza, sentada ao pé do fogão e a chorar e de minha tia enternecendo-se um momento à vista dela, não sei se eu teria tido a coragem de caminhar até ao dia seguinte. Mas esta criação da minha imaginação caminhava adiante de mim e eu seguia-a.

Tinha palmilhado nesse dia um percurso de nove léguas na grande estrada e sentia-me exausto, visto não estar habituado a esse género de fadiga. Vejo-me ainda, ao cair da noite, atravessando a ponte de Rochester e comendo o pão que reservava para a ceia. Uma ou duas casinholas que tinham por tabuleta: «Alojamentos para peões e cavalos», ofereciam-me grandes tentações, mas não me atrevia a gastar os poucos *pence* que ainda me restavam, e, de resto, eu tinha medo das caras suspeitas da gente errante que tinha encontrado e a quem passara adiante. Não pedi abrigo senão ao céu, como na noite antecedente e cheguei com grande custo a Chatham, que, de noite, apresenta uma fantasmagoria de cal, de pontes levadiças e de navios desmastreados ancorados num rio barrento; deslizei

por uma muralha coberta de relva que dava para uma viela e deitei-me ao pé de uma peça. A sentinela marchava de cá para lá e eu, tranquilizado pela presença do soldado, conquanto ele não desse fé que eu ali estivesse, como não tinham dado na véspera os meus antigos camaradas de colégio, dormi profundamente até pela manhã.

Quando despertei tinha os membros tão inteiriçados e os pés tão doridos, estava por tal forma aturdido pelos rufos dos tambores e pelo ruído dos passos dos soldados, que pareciam rodear-me por todos os lados, que senti não poder ir muito longe nesse dia, se quisesse ter força para chegar ao termo da minha viagem. Em consequência disso, desci uma longa rua estreita, decidido a proceder à venda do meu casaco, o grande negócio do meu dia. Tirei-o para me acostumar a passar sem ele e, levando-o debaixo do braço, comecei a minha visita de inspecção a todas as lojas de adelos.

O lugar era bem escolhido para vender um casaco: os adelos eram numerosos e viam-se quase todos à porta das lojas à espera dos fregueses. Mas a maior parte deles tinha entre os fatos à venda uma ou duas fardas de oficiais com as dragonas e eu, intimidado pelo esplendor dessa mercadoria, andei a girar durante muito tempo antes de oferecer o casaco a alguém.

Esta modéstia chamou a minha atenção para as lojas de roupas para uso dos marinheiros e para as quitandas do género da de *Mister* Dolloby; seria ambição de mais dirigir-me a negociantes de uma ordem mais elevada. Enfim, descobri uma barraca cujo aspecto me pareceu favorável, à esquina de uma viela que terminava por um campo de ortigas cercado por uma barreira carregada de roupas de marinheiros que a barraca não podia comportar, tudo misturado com espingardas velhas, berços, chapéus de oleado e cestos cheios de uma tal quantidade de chaves ferrugentas, que parecia que a colecção era mais que de sobra para abrir todas as portas do mundo.

Desci alguns degraus com certa emoção para entrar na quitanda, que era acanhada e baixa e apenas iluminada por uma janela estreita, ainda assim tapada com roupa nela pendurada. O coração sobressaltou-se-me e aumentou a minha perturbação quando um velho horrendo, de barba parda, saiu precipitadamente do seu antro, ao fundo da baiuca e me agarrou pelos cabelos. Era de horrível aspecto e vestia um colete de flanela muito sujo, que tresandava a rum. A sua cama, coberta com um pedaço de fazenda esburacada, estava numa cova donde ele saíra e que era iluminada por outra janelita através da qual se via ainda num campo de ortigas um jumento, todo estropiado, a pastar.

— O que é que você quer? — gritou o velho num tom feroz. — Ai! Os meus olhos, os meus membros! O que é que quer? Ai! Os meus pulmões, o meu estômago! O que é que você quer? Oh! Goroo! Goroo!

Fiquei tão assarapantado com estas palavras e sobretudo com a última manifestação da sua emoção, que se assemelhava a uma espécie de estertor desconhecido, que não pude responder e o velho, que me agarrava sempre pelos cabelos, prosseguiu:

— Ai! O que é que você quer? Ai, os meus olhos, os meus membros! O que é que você quer? Ai, os meus pulmões, o meu estômago! O que quer? Ai! Goroo!

E pronunciou este último grito com tal energia, que os olhos lhe saíam das órbitas.

— Era para saber — disse eu a tremer — se quereria comprar-me um casaco.

— Oh! Vamos a ver o casaco — gritou o velho. — Oh! Tenho o coração em fogo! Vamos a ver o casaco! Ai, os meus olhos, os meus membros! Deixe-me ver esse casaco.

E nisto largou-me os cabelos e com as mãos trémulas, que se assemelhavam às garras de um pássaro monstruoso, ajustou ao nariz umas lunetas que ainda mais vermelhos faziam parecer os seus olhos.

— Oh! Quanto quer por este casaco? — gritou o velho depois de o ter examinado. — Oh! Goroo! Quanto quer?

— Três xelins — respondi, refazendo-me um pouco.

— Ai! Os meus pulmões, o meu estômago! Não! — gritou o velho. — Ai! Os meus olhos! Não! Ai! Os meus membros! Não! Dois xelins. Goroo!

De todas as vezes que ele soltava esta exclamação, esbugalhava os olhos e pronunciava todas as frases numa espécie de ária, sempre a mesma, muito semelhante a um pé de vento que, começando brandamente, vai engrossando, engrossando e acaba por amainar resmungando.

— Está bem! — disse eu satisfeito por fechar o negócio —, aceito os dois xelins.

— Ai! O meu estômago! — gritou o velho, atirando o casaco para cima de uma prateleira. — Vá-se embora! Ai! Os meus pulmões! Saia-me da loja! Ai! Os meus olhos, os meus membros! Goroo! Não me peça dinheiro. Façamos antes uma troca.

Nunca na minha vida me vi em maior susto; mas disse-lhe humildemente que precisava de dinheiro e que qualquer outro objecto me seria inútil: somente que esperaria à porta já que ele assim o queria e que não tinha pressa. Saí, pois, da baiuca e sentei-me à sombra, na esquina. O tempo foi decorrendo, o sol chegou até onde eu estava, depois desapareceu de novo e eu sempre à espera do meu dinheiro.

Conjecturo, para honra da corporação, que jamais houve doido ou borracho igual no negócio de roupa usada. Era conhecido nas imediações como tendo a reputação de haver vendido a alma ao diabo, o que depressa vim a saber pelas

visitas que ele recebia de todos os rapazitos da vizinhança, que lhe entravam a correr pela baiuca, gritando-lhe, em nome de Satanás, que fosse buscar o seu ouro.

— Tu não és pobre, Carlinhos, tu bem o sabes, por mais que digas que não. Mostra-nos o teu ouro. Mostra-nos o ouro que o diabo te deu pela tua alma. Anda! Vai-o buscar ao enxergão, Carlinhos. Basta descosê-lo para nos dar o teu ouro.

Estes gritos, acompanhados do oferecimento de uma faca para se realizar a operação, exasperavam-no a tal ponto que passava o dia todo a atirar-se aos rapazitos, que se debatiam contra ele e depois fugiam-lhe das mãos. Às vezes, na sua raiva, tomava-me por um deles e atirava-se a mim fazendo carantonhas como se me fosse espatifar; depois, reconhecendo-me a tempo, voltava para a baiuca e estirava-se na cama aonde ululava no seu tom ordinário a *Morte de Nelson,* metendo um oh! Antes de cada verso e inumeráveis Goroos entremeados. Para cúmulo das minhas desgraças, os rapazitos dos arredores julgando que eu pertencia à quitanda, visto ali estar há tanto tempo, meio vestido, sentado em frente da porta, atiraram-me pedras e injuriaram-me em todo o dia.

O adelo ainda fez várias tentativas para me persuadir que consentisse numa troca; uma vez apareceu com uma cana de pesca; outra com uma rabeca; um chapéu de três bicos e uma flauta, foram-me sucessivamente oferecidos. Mas eu resisti a todas essas manigâncias e permaneci defronte da porta, desesperado, pedindo-lhe incessantemente, com as lágrimas nos olhos, que me desse o dinheiro ou o casaco. Enfim começou-me a pagar *penny* por *penny e* passaram se duas horas antes que chegássemos a um xelim.

— Ai! Os meus olhos, os meus membros! — pôs-se ele a gritar avançando a cara hedionda para fora da loja. — Quer contentar-se com mais dois *pence*!

— Não posso — respondi — morreria de fome.

— Ai, os meus pulmões, o meu estômago; três *pence*...

— Eu não estaria aqui a regatear por alguns *pence,* se pudesse — disse-lhe. — Preciso desse dinheiro.

— Ai! Go...roo. (É impossível reproduzir a expressão que deu a esta exclamativa, escondido como estava atrás da porta e deixando apenas ver a velhaca da cara.) Quer-se ir embora por quatro *pence*?

Eu estava tão exausto e fatigado que aceitei, cansado de marralhar, e, recebendo o dinheiro das suas garras, a tremer, um momento antes do pôr do sol, tendo maior fome e maior sede que nunca. Mas bem depressa me confortei completamente, graças a uma despesa de seis *pence,* e, prosseguindo corajosamente na minha viagem, palmilhei três léguas de noitada.

Encontrei um abrigo nocturno debaixo de outra meda de feno e lá dormi profundamente, depois de ter lavado as pés doridos num regato próximo e de os ter embrulhado em folhas frescas. Quando me pus a caminho no dia seguinte de manhã, vi que se estendiam por todos os lados vergéis e campos de lúpulo. A estação ia já bastante adiantada para que as árvores se cobrissem de frutos maduros e a colheita do lúpulo começava em alguns lugares. A beleza dos campos seduziu-me infinitamente e decidi em meu espírito que nessa noite dormiria no meio dos lúpulos, imaginando sem dúvida que encontraria uma agradável companhia nessa longa perspectiva de estacas cercadas de graciosas grinaldas de folhas.

Nesse dia tive diversos encontros que me inspiraram terror e cuja recordação está ainda fresca em meu espírito. Entre a gente errante dos caminhos, vi diversos miseráveis que me fitavam com ar feroz e que me chamavam depois de eu ter passado por eles, dizendo-me que lhes fosse falar e, quando eu começava a correr para me pôr a salvo, atiravam-me pedras. Lembro-me sobretudo de um caminheiro novo, caldeireiro ambulante, suponho eu, por o ver com um *folie* e um esquentador: ia com ele uma mulher; fitou-me com um ar tão feroz e gritou-me numa voz tão terrível que me aproximasse, que eu parei e voltei-me.

— Venha cá quando o chamam — disse o caldeireiro — senão dou cabo de você.

Resolvi aproximar-me. Ao examiná-lo de mais perto e olhando para o caldeireiro a fim de tentar comovê-lo, reparei que a mulher tinha um ferimento na cabeça.

— Aonde é que vai? — disse o caldeireiro agarrando-me pelo peito da camisa com a sua mão enegrecida.

— Vou a Douvres — disse eu.

— Donde é que vem? — continuou ele, dando uma volta ao pano da camisa para estar mais seguro de eu não fugir.

— Venho de Londres...

— Fazer o quê? — disse o caldeireiro. — Não será por acaso algum ratoneiro?

— Não.

— Ah! Não quer confessar? Mais um não e racho-lhe a pinha!

E com a mão que tinha livre fez o gesto de me bater, depois examinou-me dos pés à cabeça.

— Se tem consigo o preço de uma caneca de cerveja — continuou — ponha já para aqui, antes que eu lho vá buscar.

Eu teria certamente cedido, se não fosse o olhar da mulher, que me fez um imperceptível aceno de cabeça e vi os seus lábios agitarem-se como para me

dizer:

Não...

— Sou muito pobrezinho — disse-lhe tentando sorrir —, não tenho dinheiro.

— Vamos! Isto que significa? — disse o caldeireiro olhando para mim com um ar tão feroz que julguei por um momento que ele estava a ver-me o dinheiro através do bolso.

— Senhor... — balbuciei.

— Que quer isto dizer? — prosseguiu o caldeireiro. — Você traz a gravata de seda do meu pai. Tire lá isso e depressa — e tirou-ma numa volta de mão, depois atirou-a à mulher.

Ela pôs-se a rir, como se tomasse o caso por um gracejo e tornando-me a atirar a gravata, fez um novo aceno e os seus lábios formaram a palavra «Fuja!». Antes que eu pudesse obedecer, o caldeireiro arrancou-me a gravata das mãos com tanta brutalidade que eu cambaleei para trás como uma folha, pô-la ao pescoço, depois voltando-se praguejando contra a mulher, atirou-a ao chão. Nunca me hei-de esquecer o que senti ao vê-la cair ao chão, aonde ficou estatelada. A touca caiu-lhe com a violência do tombo e os cabelos ficaram-lhe todos sujos de poeira. Quando me encontrei um pouco longe, voltei-me ainda e vi-a sentada à beira do caminho, enxugando com a ponta do chalé o sangue que lhe escorria pela cara enquanto ele ia andando à frente.

Esta aventura apavorou-me por tal forma, que desde então, mal descobria ao longe alguns vagabundos dessa espécie, voltava atrás para encontrar um esconderijo e aí ficava até que eles estivessem fora do alcance da vista; isso repetiu-se umas poucas de vezes, tendo-se portanto atrasado a minha viagem. Mas, nesta dificuldade, como em todas as outras da minha empresa, sentia-me confortado e arrastado pelo retrato que de mim para mim tinha traçado de minha mãe na sua mocidade, antes de eu vir a este mundo. Era a minha companhia no meio do campo de lúpulo, quando me estendi para dormir; encontrei-a quando despertei e caminhou à minha frente todo o dia; e associa-se ainda desde esse tempo no meu espírito com a recordação da grande rua de Canterbury, que parecia dormitar sob os raios do sol e com o espectáculo das velhas casas, da velha catedral e dos corvos que voavam por cima das torres. Quando cheguei enfim às areias áridas que cercam Douvres, essa imagem querida restituiu-me a esperança no meio da minha solidão e só me abandonou quando eu atingia o primeiro alvo da minha viagem e que pus o pé na cidade, ao sexto dia depois da minha evasão. Mas então, coisa estranha de dizer! Quando me encontrei com os sapatos rotos, a roupa em desordem, os cabelos cheios de poeira e a pele tostada do sol, no lugar para onde tendiam todos os meus desejos, a visão esvaneceu-se de repente e vi-me só, desanimado e abatido. Perguntei primeiro aos barqueiros

se algum deles conhecia minha tia e recebi várias respostas contraditórias. Um dizia-me que ela morava ao pé do farol grande e que tinha lá chamuscado os bigodes; outro que ela estava presa à bóia grande fora do porto e que só na baixa-mar é que se podia ir ver; um terceiro, que ela estava na cadeia de Murdstone por ter raptado crianças; finalmente um quarto, que no último pé de vento a tinham visto montada num cabo de vassoura e seguir o rumo de Calais. Os cocheiros a quem me dirigi em seguida não foram menos gracejadores nem mais respeitosos: quanto aos negociantes, pouco satisfeitos com a minha aparência, respondiam-me, geralmente, sem ouvir o que eu dizia, que não tinham que me dar. Sentia-me mais miserável e mais abandonado que durante toda a minha viagem. Não tinha dinheiro algum, nem nada para vender; tinha fome e sede; estava exausto e julgava-me tão longe do meu fito, como se ainda estivesse em Londres.

Gastei a manhã em investigações e estava sentado nos degraus de uma loja para alugar, à esquina de uma rua, perto da praça do Mercado, reflectindo sobre se deveria ir às povoações próximas de que Peggotty me tinha falado, quando um cocheiro de praça, que passava então com o seu carro, deixou cair uma cobertura do cavalo. Fui apanhá-la e a boa cara do proprietário animou-me a pedir-lhe, quando lha entregava, se sabia aonde morava *miss* Trotwood, conquanto eu já tivesse feito essa pergunta tantas vezes sem êxito que ao formular-lha até parecia que me expirava nos lábios.

— Trotwood? — disse ele. — Ora espere. Eu conheço esse nome. É uma senhora velha?

— Sim, um pouco — respondi.

— Um tanto áspera de maneiras — disse mais, levantando-se.

— Sim — disse eu — isso parece-me muito provável.

— Que traz um saco — disse ele — um saco que não tem fundo... um pouco brusca e quase intratável com todo o mundo.

Faltava-me a coragem ao reconhecer a exactidão evidente de todos os sinais.

— Pois bem! Se subir por acolá — e apontava com o chicote a penedia da costa — e for sempre a direito na sua frente, até chegar a umas casas que deitam para o mar, creio que terá notícias dela. Mas parece-me que não lhe há-de dar grande coisa; pegue lá, tome um *penny* para si.

Aceitei a dádiva com reconhecimento e comprei um bocado de pão que comi enquanto ia pelo caminho indicado pelo meu novo amigo. Andei bastante, antes de chegar às tais casas, mas enfim descobri-as e entrei numa lojita aonde se vendiam todas as espécies de coisas, para perguntar se tinham a bondade de me dizer aonde morava *miss* Trotwood. Dirigi-me a um homem que estava de pé, por trás do balcão, a pesar arroz para uma rapariga; foi ela quem respondeu à

minha pergunta, voltando-se apressadamente:

— É minha ama — disse ela — que lhe quer?

— Preciso de lhe falar, se faz favor — respondi eu.

— Quer dizer que lhe vai pedir alguma esmola? — replicou ela.

— Não, não vou — disse eu. Depois, recordando-me de repente que o meu fim não era outro, corei até à raiz dos cabelos e calei-me.

A criada de minha tia (pelo menos eu supunha que tal era a sua situação, depois do que ela acabava de dizer) meteu o arroz num cestinho e saiu da loja dizendo-me que seguisse atrás dela se quisesse saber aonde morava *miss* Trotwood. Não foi preciso repetir-mo, conquanto eu tivesse chegado a um tal grau de terror e de consternação que as pernas dobravam-se-me. Segui a rapariga e chegámos daí a pouco a uma linda casinha que tinha um balcão e um pequeno jardim, cheio de flores muito bem cuidadas, que exalavam um perfume delicioso.

— Aqui está a casa de *miss* Trotwood — disse-me a criada. — Agora que sabe, é tudo quanto tenho a dizer-lhe.

A estas palavras entrou precipitadamente em casa como para se furtar a qualquer responsabilidade da minha visita e deixou-me ao pé da grade do jardim, a olhar tristemente por cima, do lado da janela do salão; não se via senão uma cortina de musselina entreaberta, um grande quadro verde fixado na janela, uma mesinha e uma ampla poltrona que me sugeriu a ideia de que minha tia talvez aí se repimpasse, naquele momento, em toda a sua majestade.

Os meus sapatos tinham chegado a um estado lamentável. A sola desfeita e a gáspea rebentada e esburacada, não davam ideia de pé de gente. O meu chapéu, que, entre parêntesis, me servira de barrete de dormir, estava tão amassado e achatado que uma velha marmita sem asas atirada para cima de um monturo não se lisonjearia, se a ele a comparasse. A camisa e as calças, todas enxovalhadas de suor, de orvalho, da erva e da terra que me serviu de cama, caíam aos pedaços e podiam servir de espantalho aos pardais, enquanto eu ali estava de pé à porta do jardim de minha tia. Os meus cabelos não tinham renovado conhecimento com nenhum pente desde a minha partida de Londres. A cara, pescoço e mãos, desacostumadas ao ar livre, estavam absolutamente queimadas pelo sol. A poeira cobria-me da cabeça até aos pés e tornara-me tão branco como se tivesse saído de um forno de cal. Era neste lindo preparo e na perturbação correspondente que eu esperava para me apresentar à minha terrível tia e causar-lhe a primeira impressão.

Nada se mexia na janela da sala; concluí ao cabo de um momento que ela não estava lá; levantei os olhos e reparando para a janela de cima vi um sujeito de cara agradável e tez rosada, cabelos grisalhos, que fechava um olho com ar

grotesco fazendo-me com a cabeça, por duas ou três vezes, diferentes sinais contraditórios, dizendo sim, dizendo não e por fim pôs-se a rir e desapareceu.

Eu já estava bastante atrapalhado, mas esta atitude inesperada acabou de me desconcertar e estava vai não vai a ir-me embora sem dizer nada a fim de reflectir no que teria de fazer, quando vi sair uma dama, com um lenço atado por cima da touca, luvas de jardinagem, um avental com um grande bolso e uma grande faca na mão. Reconheci-a logo como *miss* Betsy, porque saía de casa em passo majestoso, como minha pobre mãe muitas vezes me tinha contado que a vira andar no nosso jardim de Blunderstone.

— Vá — disse *miss* Betsy gesticulando de longe com a cabeça e com a faca ao mesmo tempo. — Vá-se embora. Não quero aqui rapazes!

Eu fitava-a tremendo, com o coração a saltar, enquanto ela se dirigia em passo militar para um recanto do jardim, aonde se abaixou para desenterrar uma raiz. Então sem sombra de esperança, mas com a coragem do desespero, fui muito devagar até junto dela e toquei-lhe com a ponta do dedo:

— Minha senhora, se tivesse a bondade — comecei eu.

Ela estremeceu e ergueu os olhos.

— Minha tia — continuei —, se tiver a bondade...

— Hein? — disse *miss* Betsy, com um tal assombro que nunca vi nada de parecido.

— Minha tia, se tivesse a bondade, sou o seu sobrinho.

— Oh, meu Deus! — disse minha tia, sentando-se no chão.

— Sou David Copperfield, de Blunderstone, no condado de Suffolk, aonde a senhora foi ver a minha mamã na noite em que eu nasci. Não fizeram caso de mim; não me ensinaram nada; abandonaram-me a mim próprio e deram-me um trabalho para o qual não tinha nascido. Fugi para vir ter consigo; fui roubado quando fugia e vim a pé até aqui, sem me ter deitado numa cama desde que parti...

Neste ponto a coragem falhou-me de repente e erguendo as mãos para lhe mostrar os farrapos e tudo quanto tinha sofrido, chorei, creio, todas as lágrimas que tinha armazenadas há oito dias...

Até aí a fisionomia da minha tia só tinha exprimido espanto; sentada no chão olhava para mim de frente, mas quando me pus a chorar, agarrou-me pela camisa e levou-me para a sala. O seu primeiro cuidado foi abrir um armário, donde tirou várias garrafas, e fez-me beber uma parte do conteúdo delas. Suponho que pegou nelas ao acaso, sem escolher, porque estou certo de ter provado, de enfiada, aniseta, molho de anchovas e uma preparação para salada. Quando me administrava estes remédios, como me encontrasse num estado nervoso que me não permitia abafar os soluços, estendeu-me num sofá, pondo-me um chalé

dobrado debaixo da cabeça e o lenço que ela trazia debaixo dos meus pés para eu não sujar a capa do sofá, depois sentando-se por trás do quadro verde de que já falei e que não me deixava ver-lhe o rosto, descarregou várias vezes intervaladamente a exclamação «Misericórdia!» como tiros de peça a pedir socorro.

Passado um momento, tocou a campainha.

— Joaninha! — disse minha tia, quando apareceu a criada —, vá lá cima apresentar os meus cumprimentos a *Mister* Deack e diga-lhe que eu desejava falar-lhe.

Joaninha ficou um pouco atónita por me ver estendido como uma estátua no canapé (eu não me atrevia a mexer com medo de desagradar a minha tia), mas foi dar cumprimento à ordem. Minha tia pôs-se a passear pelo aposento de cá para lá, com as mãos atrás das costas, até que o sujeito que me fez caretas e trejeitos da janela do primeiro andar entrou a rir.

— Senhor Dick — disse-lhe minha tia —, ouviu-me falar de David Copperfield? Não me fique para aí com cara de se não lembrar porque eu bem sei que foi assim.

— David Copperfield? — disse *Mister* Dick, que me dava a ideia de não se lembrar muito bem do caso. — David Copperfield? Oh! Sim! Sem dúvida. David, é verdade!

— Muito bem! — disse minha tia —, este é filho dele; parecer-se-ia muito com o pai se não se parecesse tanto com a mãe.

— Filho dele? — disse *Mister* Dick. — Filho de David? Será possível?

— É, sim — disse minha tia. — Fê-la bonita! Fugiu. Ah! Sua irmã Betsy Trotwood não fugiria, não!

Minha tia meneou a cabeça com ar positivo, cheio de confiança no carácter e no procedimento discreto dessa sobrinha perfeita à qual só faltava uma coisa: ter nascido.

— Oh! Supõe que ela não fugiria? — disse *Mister* Dick.

— Será possível, meu Deus! — disse minha tia. — Em que é que está a pensar? Então não saberei o que digo? Ela viria para casa da madrinha e viveríamos muito felizes juntas. O senhor donde é que imagina, diga, que a irmã dele, a Betsy, fugisse e porquê?

— Não sei nada! — disse *Mister* Dick.

— Muito bem! — prosseguiu minha tia, tranquilizada pela resposta. — Porque é que se faz tolo, Dick, quando o senhor é mais fino que um coral? Agora está vendo o pequeno David Copperfield e a pergunta que eu queria dirigir-lhe é esta: que devo fazer?

— O que deve fazer? — disse *Mister* Dick em voz apagada e esfregando a

testa. — O que é preciso fazer?

— Sim — disse minha tia, olhando para ele séria e erguendo o dedo. — Atenção! Preciso de um conselho de peso.

— Pois bem, se eu estivesse no seu lugar... — disse *Mister* Dick, reflectindo e lançando sobre mim um vago olhar — Eu... — esse olhar pareceu-lhe fornecer uma súbita inspiração e acrescentou vivamente: — mandá-lo-ia lavar!

— Joaninha — disse minha tia, voltando-se com um sorriso de triunfo que eu ainda não compreendia —, *Mister* Dick tem sempre razão; mande preparar um banho!

Por mais interesse que eu tomasse na conversa, não pude deixar, durante esse tempo, de examinar minha tia, *Mister* Dick e Joaninha e de acabar esse exame pelo aposento em que me encontrava.

Minha tia era alta; as suas feições eram pronunciadas, sem serem desagradáveis; o rosto, a voz, a presença, o andar, tudo indicava uma inflexibilidade de carácter que bastava amplamente para explicar o efeito que produzira sobre uma criatura tão doce como minha mãe, mas devia ter sido bonita na sua mocidade, apesar da sua expressão de firmeza e de austeridade. Notei logo que os seus olhos eram vivos e brilhantes; os seus cabelos grisalhos formavam dois bandos contidos por uma espécie de touca simples, mais comummente usada naquele tempo do que agora, com fitas que se atavam por baixo do queixo; o seu vestido era cinzento-alfazema e muito asseado, mas a sua pouca roda indicava que minha tia não gostava de ser incomodada nos movimentos. Recordo-me que esse vestido dava-me ares de um vestido de amazona a que tivessem cortado a cauda; trazia um relógio de homem, a julgar pela forma e pelo volume, com uma cadeia e sinetes à proporção; a roupa branca que se lhe via em volta do pescoço e dos pulsos parecia-se muito com os colarinhos e punhos das camisas de homem.

Já disse que *Mister* Dick tinha os cabelos grisalhos e a tez fresca; além disso, tinha a cabeça singularmente curvada, mas não era pela idade; quando eu olhava para ele recordava-me da atitude dos alunos de *Mister* Creakle quando este acabava de lhes bater. Os grandes olhos pardos de *Mister* Dick eram à flor da testa e tinham um brilho húmido e estranho, o que, junto às suas maneiras distraídas, à sua submissão para com minha tia e à sua alegria infantil quando ela lhe fazia algum cumprimento, deu-me a ideia de que tinha bolha, conquanto me custasse a explicar como, nesse caso, ele estava na companhia de minha tia. Estava vestido como toda a gente, com um casaco cinzento e calça branca; trazia relógio num bolso próprio e dinheiro nas algibeiras, fazendo-o tilintar, como se isso lhe desse prazer.

Joaninha era uma linda rapariga de dezanove a vinte anos, muito asseada e

bem posta. Conquanto as minhas observações não se estendessem então mais longe, podia desde já dizer o que só depois vim a descobrir e é que ela fazia parte de uma série de protegidas que minha tia tomara ao seu serviço expressamente para as educar no horror do casamento, o que fazia com que geralmente elas acabassem por casar com o primeiro moço de padeiro que calhasse.

O aposento estava tão bem arranjado como minha tia e Joaninha. Ao pousar a pena, há bocado, para nisso reflectir, senti de novo o ar do mar misturado ao perfume das flores. Tornei a ver os velhos móveis tão cuidadosamente tratados, a cadeira, a mesa e o quadro verde que pertenciam exclusivamente a minha tia, a cobertura do tapete, o gato, os dois canários, a porcelana antiga, a grande palangana cheia de folhas de rosa secas, o armário cheio de garrafas, e, finalmente, o que não dizia bem com o resto, tornei-me a ver coberto de poeira, estendido num canapé e observando curiosamente tudo quanto me rodeava.

Joaninha saíra de ao pé de nós para preparar o banho, quando minha tia, com grande terror meu, mudou de repente de fisionomia e pôs-se a gritar com um ar indignado e uma voz sufocada:

— Joaninha, olha os burros!

A estas palavras, Joaninha subiu a escada da cozinha, como se houvesse fogo em casa, precipitou-se para um pequeno talhão arrelvado, fora do jardim e enxotou dois burros que haviam tido a audácia de ali pôr as patas, com madamas em cima, enquanto minha tia, saindo também a toda a pressa, agarrava na arreata de um terceiro burro montado por um pequeno e punha-o fora desse lugar respeitável com um par de bofetões no pobre garotito encarregado de guiar os burros, que tivera a ousadia de profanar esse lugar consagrado.

Não sei ainda, presentemente, se minha tia tinha direitos bem positivos àquele talhão de relva, mas havia decidido em seu espírito que lhe pertencia e era quanto bastava. Não se lhe podia fazer ultraje mais sensível como fazer passar um burro por cima dessa relva imaculada. Qualquer que fosse a ocupação que a pudesse entreter, ou por mais interessante que fosse a conversa em que tomasse parte, bastava um burro para num momento dado lhe desviar o curso das ideias; precipitava-se sobre ele em continente. Havia sempre prontos a um canto baldes e regadores cheios de água para atirar sobre os assaltantes e havia cacetes de emboscada atrás da porta para sortidas de hora em hora; era um estado de guerra permanente. Desconfio até que era também uma distracção agradável para os burriqueiros, ou talvez ainda que os burros mais inteligentes, sabedores do que se passava, tivessem prazer, pela teimosia que faz o fundo do seu carácter, de passar sempre por esse caminho. Apenas sei que houve três assaltos enquanto se preparava o banho e que no último, o mais terrível de todos, vi minha tia travar

luta com um burro ruço, dos seus quinze anos e que ela lhe bateu com a cabeça contra a grade do jardim, antes que o burro tivesse tempo de compreender do que se tratava. Estas interrupções pareciam-me tanto mais absurdas, quanto minha tia se ocupava justamente em dar-me caldo às colheres, convencida de que eu estava a morrer de fome e que não podia alimentar-me senão por pequeníssimas doses. Era então que de tempos a tempos, no momento em que eu abria a boca, ela pousava a colher no prato e desatava a gritar «Joaninha, olha os burros!» e largava a correr, a repelir o assalto. O banho fez-me muito bem. Eu tinha começado a sentir dores agudas pelo corpo, por causa das noites que passara ao relento e estava tão fatigado, tão abatido, que me custava muito a estar desperto cinco minutos a seguir. Depois do banho, minha tia e Joaninha vestiram-me uma camisa e umas calças de *Mister* Dick e embrulharam-me em dois ou três grandes chalés. Eu devia ter o ar patusco de qualquer coisa empacotada, mas em todo o caso era um pacote terrivelmente quente. Sentia-me muito fraco e muito alquebrado e estendi-me de novo no canapé, aonde daí a pouco adormeci.

Tive talvez um sonho, consequência natural da imagem que por tanto tempo me preocupara o espírito, mas despertei com a impressão de que minha tia estava inclinada para mim, que me tinha desviado os cabelos da testa e composto o travesseiro em que eu descansava a cabeça, depois que tinha ficado a olhar para mim muito tempo. As palavras «Pobre pequeno!» pareciam ainda soar aos meus ouvidos, mas eu não me atreveria a assegurar que minha tia as tivesse pronunciado, porque, quando despertei, vi-a sentada ao pé da janela, a olhar para o mar, escondida por trás do seu quadro mecânico, que girava à vontade no seu eixo.

Logo que despertei serviu-se o jantar: compunha-se de frango assado e pudim; eu estava sentado à mesa, com as pernas um pouco contrafeitas, como os pombos grelhados, movendo-as apenas com grande dificuldade. Mas como fora minha tia que me tinha assim empacotado por suas próprias mãos, não me atrevia a queixar-me. Todavia, estava extremamente preocupado em saber o que ela ia fazer de mim, mas minha tia comia no mais profundo silêncio, limitando-se a olhar fixamente para mim de quando em quando e a dizer «Misericórdia!» o que não contribuía para acalmar as minhas inquietações.

Arrumada a mesa, veio vinho de Xerez e minha tia deu-me um cálice; depois mandou procurar *Mister* Dick, que chegou logo e tomou o seu ar mais grave quando ela lhe pediu que atentasse na minha história, que me fez contar gradualmente em resposta a uma série de quesitos. Durante a minha narrativa, ela fixou sempre *Mister* Dick que, sem isso, teria adormecido, creio, e quando ele tentava sorrir minha tia chamava-o à ordem franzindo as sobrancelhas.

— Não posso conceber de que fantasia essa pobre rapariga se apossou para se casar em segundas núpcias! — disse minha tia quando eu acabei.

— Talvez que tivesse amor ao seu segundo marido — sugeriu *Mister* Dick.

— Amor?! — repetiu minha tia. — Que quer o senhor dizer? Que necessidade tinha ela disso?

— Talvez — disse *Mister* Dick com ar malicioso, após um momento de reflexão — talvez que isso lhe desse prazer.

— Prazer? Há-de ser isso! — replicou minha tia — Um belo prazer, não tem dúvida nenhuma, para essa pobre rapariga ir dar o seu coração ao primeiro mau recém-chegado, que não podia deixar de a maltratar de uma maneira ou de outra. Que queria ela mais, diga-me? Teve um marido. Encontrou o David Copperfield, que tinha furor pelas bonecas de cera desde o berço. Era uma criança (oh! Os dois constituíam um bom par) quando nasceu este que aqui está, nessa famosa sexta-feira à noite! E que queria ela mais, faça favor de me dizer?

*Mister* Dick abanou com a cabeça misteriosamente, como se pensasse que nada havia a responder a isso.

— Ela nem mesmo pôde ter uma menina como toda a gente — continuou minha tia. — Que fez ela da irmã deste pequeno, de Betsy Trotwood? Nem sequer tratou de tal! Olhe, nem me fale nisso!

*Mister* Dick tinha um ar apavorado.

— E aquele médico baixinho de cabeça ao lado — disse minha tia. — Chillip, suponho, ou um nome assim, o que é que ele estava lá a fazer? Não sabia dizer com a sua voz de pisco senão o seu eterno: «É um rapaz!». Um rapaz! Ah! Que imbecil que é essa gente toda!

A vivacidade da expressão perturbou extremamente *Mister* Dick e também me perturbou a mim, palavra de honra.

— E depois, como se isso não bastasse, como se ela não tivesse feito tanto mal à irmã deste rapaz, Betsy Trotwood — prosseguiu minha tia — torna a casar, escolhe um *assassino*[6], ou um nome parecido, para fazer mal ao filho. Era preciso que ela fosse muito criança para não prever o que lhe aconteceria e que o seu pequeno havia de um dia andar perdido por esse mundo fora como vagabundo, como um pequeno Caim em perspectiva, quem sabe?

*Mister* Dick olhou-me firmemente, como para verificar se eu correspondia a esse sinal.

— E depois, ainda mais essa mulher de nome selvagem — disse minha tia —, essa Peggotty que, por sua vez, também se casa, como se não estivesse farta de ver os inconvenientes do casamento; também foi preciso que se casasse, ao que conta este pequeno. Pelo menos espero bem que o marido dela — disse minha tia meneando a cabeça — seja da estofa dos que tantas vezes figuram nos jornais

e que lhe há-de chegar a roupa ao pêlo a valer.

Eu não podia suportar ouvir assim atacar a minha querida criada, nem que se lhe desejassem coisas dessa natureza. Disse a minha tia que ela estava enganada, que Peggotty era a melhor amiga do mundo, a criada mais fiel, a mais dedicada, a mais constante que podia encontrar-se; que me tinha sempre amado ternamente e a minha mãe também; que amparara a cabeça de minha mãe nos seus últimos momentos e que recebera o último beijo dela. A saudade das duas pessoas que mais me tinham amado no mundo estrangulava-me a voz; inundei-me de lágrimas ao tentar dizer que a casa de Peggotty estava aberta para me receber; que tudo quanto ela tinha estava à minha disposição; e que teria ido procurar um refúgio em casa dela se não receasse atrair-lhe dificuldades insuperáveis na sua situação. Não pude dizer mais e escondi o rosto entre as mãos.

— Bem, bem! — disse minha tia. — O pequeno tem razão em defender os que o protegeram... Joaninha, olha os burros!

Creio que se não fossem esses desastrados burros, chegaríamos a compreender-nos. Minha tia tinha pousado a mão no meu ombro e eu, ao sentir-me animado por este sinal de aprovação, estive quase a beijá-la e a implorar a sua protecção. Mas a interrupção e a desordem que no seu espírito veio lançar a luta subsequente, pôs termo, por um momento, a qualquer pensamento mais suave; minha tia declarou com indignação a *Mister* Dick que a sua resolução estava tomada e que se achava decidida a apelar para as leis do país chamando aos tribunais todos os burriqueiros de Douvres; este acesso de asnofobia durou-lhe até à hora do chá.

Depois do chá, ficámos junto da janela, no propósito, suponho, pela expressão resoluta do rosto de minha tia, de descobrirmos ao longe novos delinquentes. Quando anoiteceu, Joaninha trouxe velas acesas, fechou as cortinas e pôs em cima da mesa um tabuleiro de damas.

— Agora, *Mister* Dick — disse minha tia, olhando para ele muito séria e erguendo o dedo como da outra vez —, tenho ainda uma pergunta a fazer-lhe. Olhe para este pequeno.

— Para o filho de David? — disse *Mister* Dick com um ar de atenção e de acanhamento.

— Precisamente — disse minha tia. — Que faria dele agora?

— O que eu faria do filho de David? — disse *Mister* Dick.

— Sim — replicou minha tia —, do filho de David.

— Oh! — disse *Mister* Dick —, sim, eu faria... eu metê-lo-ia na cama.

— Joaninha — exclamou minha tia com a expressão de satisfação triunfante que eu já lhe havia notado. — *Mister* Dick tem sempre razão. Se a cama está preparada, vamos deitá-lo.

Joaninha declarou que a cama estava feita e fizeram-me subir como um prisioneiro, minha tia à frente e Joaninha na retaguarda. A única circunstância que me dava ainda esperança, é que, perguntando minha tia donde vinha um cheiro a chamusco que se sentia na escada, Joaninha replicou que acabara de queimar a camisa que eu trouxera, no fogão da cozinha. Mas não havia outros vestuários no meu quarto senão o triste enxoval que tinha no corpo e quando minha tia me deixou só, prevenindo-me de que a vela não estaria acesa mais do que cinco minutos, ouvi fechar a porta à chave pelo lado de fora. Ao reflectir em tal, disse eu de mim para mim que talvez minha tia, como não me conhecia bem, pudesse supor que eu tinha o vício de fugir e que em consequência disso tomava as suas precauções. O quarto era bonito, no alto da casa e deitava para o mar, iluminado então pelo luar. Depois de rezar, tendo-se-me apagado o coto de veia, lembro-me que fiquei junto da janela a ver tremeluzir o luar nas águas, como se fosse um livro mágico onde eu esperasse ler o meu destino, ou então como se esperasse ver descer do céu, ao longo dos raios luminosos, minha mãe com o filhinho, a olhar para mim, como da última vez que vi o seu lindo rosto. Ainda me lembro que o sentimento pessoal que me enchia o coração, quando, enfim, desviei o olhar desse espectáculo, cedeu bem depressa à sensação de reconhecimento e de repouso que me inspirava a vista dessa cama de cortinas brancas; lembro-me ainda do prazer com que me estendi entre os lençóis alvos como a neve. Pensava em todos os lugares solitários aonde tinha dormido ao relento e pedia a Deus que me concedesse a graça de nunca mais me encontrar sem abrigo e de nunca me esquecer dos que não tinham um tecto debaixo do qual descansassem. Lembro-me que em seguida julguei que descia pouco a pouco ao mundo dos sonhos por essa esteira de luz que lançava sobre o mar um esplendor melancólico.

## Capítulo XIV — O que minha tia fez de mim

Ao descer do meu quarto, pela manhã, encontrei minha tia mergulhada em tão profundas cogitações diante da mesa do almoço que a água contida na chocolateira transbordava já da chaleira e ameaçava inundar a toalha quando a minha entrada a fez sair da sua divagação. Era eu, com certeza, o assunto das suas meditações e desejava mais ardentemente que nunca saber as suas intenções a meu respeito; todavia, não me atrevia a exprimir a minha inquietação, com receio de a ofender.

Os meus olhos, porém, não sendo tão cuidadosamente reservados como a minha língua, dirigiam-se sem cessar para minha tia, durante o almoço. Não podia olhar um momento para ela sem que os seus olhares encontrassem os meus; contemplava-me com ar pensativo e como se eu estivesse a uma grande distância, em vez de estar, como estava, sentado na sua frente, diante de um pequeno velador. Quando acabou de comer, encostou-se com ar decidido nas costas da cadeira, franziu as sobrancelhas, cruzou os braços e contemplou-me muito à sua vontade, com uma fixidez e uma atenção que me perturbavam extremamente. Eu ainda não tinha acabado de almoçar e fazia por ocultar a minha confusão continuando a comer, mas a faca prendia-se-me nos dentes do garfo, que por sua vez batia contra a faca; cortava o presunto com tanta força, que ele saltava em vez de me tomar o caminho da goela e entalava-me com o chá, que teimava em me não passar para baixo. Enfim, dei o almoço por terminado e senti-me corar perante o exame investigador de minha tia.

— Ora vamos! — disse ela depois de um longo silêncio.

Eu ergui os olhos e sustentei com respeito os seus olhares vivos e penetrantes.

— Escrevi-lhe — disse minha tia.

— A...?

— A seu padrasto — disse minha tia. — Mandei-lhe uma carta à qual não tem remédio senão atender, do contrário temo-la travada; fui-o prevenindo.

— Ele sabe aonde é que eu estou? — perguntei assustado.

— Disse-lho — prosseguiu minha tia com um aceno de cabeça.

— E a senhora... vai-me entregar a ele? — perguntei balbuciando.

— Não sei... — disse minha tia. — Veremos.

— Oh! Meu Deus! Que vai ser de mim — exclamei — se eu voltar outra vez para casa de *Mister* Murdstone!

— Não sei nada — disse minha tia meneando a cabeça. — Não sei o que será; veremos.

Eu estava profundamente abatido, tinha o coração opresso e a coragem abandonava-me. Minha tia, sem se importar comigo, tirou do armário um grande avental de peito, pô-lo, lavou as chávenas por sua mão e depois, quando tudo estava em ordem e posto na bandeja, dobrou a toalha que colocou em cima das chávenas e tocou pela Joaninha para que levasse tudo; calçou em seguida luvas para apanhar as migalhas, com uma vassourinha, até que se não visse no pano de mesa um átomo de poeira, depois do que limpou o pó e arranjou o aposento, que me parecia já numa ordem perfeita. Quando todas estas obrigações se completaram com grande satisfação sua, tirou as luvas e o avental, dobrou-os, guardou-os a um canto do armário donde os tirara e em seguida foi instalar-se com o caixão de costura ao pé da mesa, ao lado da janela aberta e pôs-se a trabalhar por trás do quadro verde, em frente da luz do sol.

— Vá lá acima — disse-me minha tia, enfiando uma agulha —, cumprimente do meu mando *Mister* Dick e diga-lhe que ficarei satisfeita de que vá adiantada a sua memória.

Levantei-me apressadamente para desempenhar esta ordem.

— Conjecturo — disse minha tia olhando-me tão atentamente como a agulha que acabava de enfiar — que acha o nome de *Mister* Dick um pouco curto.

— É o mesmo que eu dizia ontem comigo, achava-o... um pouco curto — respondi.

— Não vá supor que não tem outro que pudesse usar, se lhe conviesse — disse minha tia com um ar de dignidade. — Babley, *Mister* Ricardo Babley é que é o seu verdadeiro nome.

Eu ia a dizer, por um sentimento honesto da minha juventude e da familiaridade de que me tinha tornado culpado, que seria talvez melhor que se lhe chamasse pelo nome completo, mas minha tia prosseguiu:

— Mas não lhe chame assim, em caso algum. Ele não suporta tal nome, é uma pequena mania. Não sei se se pode chamar a isso uma mania, porque ele tem sofrido muito da gente que usa o mesmo nome para ter por ele uma tal repugnância, sabe-o Deus! *Mister* Dick é o seu nome aqui e agora também em toda a parte, quer dizer se para qualquer parte ele fosse, mas não vai. Assim, tenha muito cuidado, meu filho, de nunca o chamar senão pelo nome de *Mister* Dick.

Prometi obedecer e subi a desempenhar-me da minha mensagem, pensando pelo caminho que, se *Mister* Dick trabalhava há muito tempo na sua memória com a assiduidade com que o fazia quando o vi pela porta entreaberta, ao descer para almoçar, essa memória devia estar a acabar. Encontrei-o sempre absorvido na mesma ocupação, com uma grande pena na mão e com a cara quase em cima do papel. Estava tão ocupado que tive muito tempo de reparar num grande

papagaio de papel colocado a um canto, em numerosos pacotes de manuscritos em desordem, em penas sem conta e por cima de tudo, numa enorme provisão de tinta (havia pelo menos uma dúzia de garrafas de litro enfileiradas em linha de batalha), antes que ele desse fé de mim.

— Ah! Febo! — disse *Mister* Dick pousando a pena —, não sei como o mundo anda! Mas dir-lhe-ei uma coisa — acrescentou ele baixando a voz —: não desejaria que isto se repetisse, mas...

Nesta altura fez-me sinal para me aproximar e, falando-me ao ouvido:

— O mundo está doido, doido varrido, meu rapaz — disse *Mister* Dick tomando uma pitada de uma caixa redonda que tinha em cima da mesa e rindo com toda a vontade.

Desempenhei-me da minha mensagem sem me aventurar a dar parecer sobre essa grave questão.

— Muito bem! — disse *Mister* Dick em resposta. — Apresente-lhe os meus cumprimentos e diga-lhe que eu... eu suponho estar bem disposto — disse *Mister* Dick passando a mão pelos cabelos grisalhos e lançando um olhar um tanto inquieto sobre o manuscrito. — O senhor esteve em algum colégio?

— Sim senhor — respondi —, durante algum tempo.

— Lembra-se da data — disse *Mister* Dick fitando-me com atenção e pegando na pena — da morte do rei Carlos I?

Eu disse que me parecia ter sido em 1649.

— Muito bem! — disse *Mister* Dick coçando a orelha com a pena e olhando-me desconfiado. — É o que dizem os livros, mas não compreendo como isso é. Se há tanto tempo, como é que a gente que o rodeava pôde ser tão desastrada que fez com que passasse para a minha cabeça um pouco da confusão que ele tinha na dele quando lha cortaram?

Eu fiquei muito atónito com tal pergunta, mas não pude dar informação alguma sobre o assunto.

— É muito singular — disse *Mister* Dick deitando um olhar desanimado sobre os seus papéis e passando de novo a mão pelos cabelos —, mas não posso conseguir desenvencilhar esta questão. Não tenho o espírito perfeitamente nítido acerca disto. Mas pouco importa — disse alegremente e com um ar mais animado — temos tempo. Faça os meus cumprimentos a *miss* Trotwood; estou em muito bom caminho!

Eu ia a sair, quando ele atraiu a minha atenção para o papagaio.

— Que lhe parece este papagaio? — disse-me ele.

Respondi-lhe que o achava belíssimo. Devia ter pelo menos seis pés de altura.

— Fui eu que o fiz. Deitá-lo-emos um destes, eu e o senhor. Vê?

E mostrava-me que era de papel, coberto de uma letra fina e apertada, mas tão

clara, que ao lançar o olhar sobre essas linhas, pareceu-me ver duas ou três alusões à cabeça do rei Carlos I.

— Gasta muito fio — disse *Mister* Dick — e quando sobe muito alto, leva naturalmente os factos mais longe: é a maneira que tenho de os espalhar. Não sei onde ele pode ir cair, isso depende das circunstâncias e, assim sucessivamente, suceda o que suceder.

Tinha o ar tão bondoso, tão afável e respeitável, apesar da sua aparência de força e de vivacidade, que eu não estava bem certo se seria um gracejo seu para me distrair. Pus-me a rir e ele fez outro tanto e separámo-nos como os melhores amigos do mundo.

— E então, pequeno — disse minha tia quando eu desci —, como está *Mister* Dick esta manhã?

Eu respondi que ele lhe mandava os seus cumprimentos e que estava em muito bom caminho.

— Que pensa de *Mister* Dick? — perguntou minha tia.

Eu tinha desejo de tentar desviar a pergunta replicando que o achava muito amável, mas minha tia não se deixava assim levar de vencida; pousou a obra no regaço e disse-me cruzando as mãos:

— Vamos! Sua irmã Betsy Trotwood dir-me-ia logo o que pensava fosse de quem fosse. Faça como sua irmã, o melhor que possa e fale!

— Não será... *Mister* Dick não será... Faço esta pergunta, porque não sei, minha tia, se ele não tem a... a cabeça um pouco desarranjada — balbuciei, porque bem sentia que trilhava um terreno perigoso.

— Nem tanto como isto! — disse minha tia.

— Oh! Certamente! — repliquei em voz sumida.

— Se há alguém no mundo que não tenha a cabeça desarranjada é *Mister* Dick! — disse minha tia com muita decisão e energia.

O que eu tinha de melhor a fazer era repetir timidamente:

— Oh! Certamente.

— Disseram que ele estava doido — prosseguiu minha tia —, tenho um prazer egoísta em recordar que disseram que ele estava doido, porque sem isso nunca eu teria a felicidade de gozar da sua companhia e dos seus conselhos há dez anos ou mais, para falar verdade desde que sua irmã Betsy Trotwood faltou ao seu compromisso.

— Há tanto tempo?

— E era ainda gente de juízo que tinha a audácia de dizer que ele estava doido — continuou minha tia. — *Mister* Dick é um pouco meu aliado; não importa, como, nem é necessário que eu lho explique. Se não fosse eu, o próprio irmão dele tê-lo-ia internado toda a vida. Ora, aqui tem.

Arguo-me neste ponto de um pouco de hipocrisia, quando ao ver a indignação de minha tia sobre este ponto, tratei de tomar um ar indignado como ela.

— Um imbecil orgulhoso! — disse minha tia. — Porque o irmão era um pouco original, conquanto não seja metade do que muita gente é, ia manda-lo para uma casa de saúde, apesar de lhe ter sido confiado aos seus cuidados por seu defunto pai, que quase o considerava como um idiota. Ainda uma bela autoridade! Ele, sim, é que estava doido, sem dúvida alguma.

Minha tia tinha o ar tão convencido, que fiz novos esforços para arranjar um ar tão convencido como ela.

— Nessa altura, intervim — disse minha tia — e fiz-lhe uma proposta. Disse-lhe: «Seu irmão tem todo o seu juízo; é infinitamente mais sensato do que o senhor é ou nunca há-de ser, pelo menos assim o espero. Dê-lhe uma pequena pensão e deixe-o ir viver para minha casa. Não tenho medo dele; eu não sou orgulhosa, estou pronta a tratar dele e não o maltratarei como outros talvez fizessem, sobretudo num asilo de alienados». Depois de numerosas dificuldades — disse minha tia — consegui e tenho-o cá em casa desde esse tempo. É, com certeza, o homem mais amável e o de mais fácil viver do mundo; e quanto a conselhos!... Mas, a não ser eu, ninguém sabe, conhece ou aprecia o espírito desse homem.

Minha tia sacudiu o vestido e meneou a cabeça, como se com esses dois movimentos reptasse para um desafio o mundo inteiro.

— Ele tinha uma irmã a quem muito amava, era uma bondosa criatura que o tratava bem; mas fez como todas as mulheres, tomou marido. E o marido fez o que todos fazem, tornou-a infeliz. O efeito da sua infelicidade foi tal sobre *Mister* Dick (não é loucura, confio), que este desgosto combinado com o receio que o irmão lhe inspirava e o sentimento que tinha da dureza que para com ele usavam, causaram-lhe uma febre cerebral. Foi antes dele se instalar em minha casa, mas tal recordação ainda lhe é penosa. Já lhe falou do rei Carlos I, pequeno?

— Já, minha tia.

— Ah! — disse ela coçando o nariz com o ar um pouco contrariado. — É uma alegoria de que usa para falar da doença. Liga-a no seu espírito com uma grande agitação e muita perturbação, o que é bastante natural e é uma figura de que usa, uma comparação, enfim como quiser. E porque não, se isso lhe convém?

— Certamente, minha tia.

— Não é assim que a gente se exprime habitualmente e não é a linguagem que se emprega em trabalhos destes, bem o sei e é por isso que insisto que não trate de tal coisa na sua memória.

— É uma memória sobre a sua própria história que ele anda a escrever, tia?

— É, pequeno, é — respondeu ela esfregando de novo o nariz. — Está escrevendo uma memória acerca dos seus negócios, dirigida ao lord Chanceler, ou ao lord Qualquer Coisa, enfim a uma dessas pessoas a quem se paga para receberem memórias. Suponho que a enviará um dia destes. Não pôde ainda redigi-la, sem lhe introduzir essa alegoria, mas pouco importa, isso preocupa-o.

O facto é que eu descobri mais tarde que *Mister* Dick tentava há mais de dez anos impedir que o rei Carlos I aparecesse na sua memória, sem nunca poder impedir que ele lhe levantasse cabeça.

— Repito — disse minha tia — que ninguém como eu conhece o espírito desse homem, o mais amável dos homens e o de mais fácil viver. Se gosta de deitar um papagaio de tempos a tempos, isso que quer dizer? Franklin deitava papagaios! Era *quaker* ou qualquer coisa dessa espécie, se me não engano. E um *quaker* a deitar um papagaio é muito mais ridículo do que outro homem qualquer.

Se eu supusesse que minha tia me contava essas minudências para minha edificação pessoal ou para me dar uma prova de confiança, ficaria lisonjeadíssimo e tiraria prognósticos favoráveis de uma tal prova de favor. Mas eu não podia iludir-me a este respeito; era evidente para mim que, se ela se lançava nestas explicações, era que contra sua vontade a questão se lhe levantava no espírito; era a ela que ela respondia e não a mim, conquanto fosse a mim que ela dirigisse o seu discurso à míngua de qualquer outro ouvinte.

Ao mesmo tempo devo dizer que a generosidade com que ela defendia o pobre *Mister* Dick não me inspirou somente algumas esperanças egoístas pelo que me toca, mas despertou também em meu coração uma certa afeição por ela. Creio que começava a perceber que, apesar de todas as excentricidades e das singulares fantasias de minha tia, era uma pessoa que merecia respeito e confiança. Conquanto estivesse tão animada como na véspera contra os burros e os tivesse corrido umas poucas de vezes para fora do jardim, a fim de defender o seu talhão de relva; por mais violenta indignação que experimentasse ao ver passar um rapaz e fazer olhos ternos para a Joaninha sentada à janela, o que era uma das mais graves ofensas que se podia dirigir à dignidade de minha tia, era-me todavia impossível não sentir mais respeito por ela e talvez menos receio.

Eu esperava com extrema ansiedade a resposta de *Mister* Murdstone, mas fazia grandes esforços para o dissimular e para me tornar tanto quanto possível agradável a minha tia e a *Mister* Dick. Eu devia sair com este último para deitar o papagaio, mas não tinha outra roupa senão os vestuários um pouco esquisitos com que me tinham ajoujado no primeiro dia, o que me retinha em casa, à excepção de um passeio higiénico de uma hora que minha tia me mandava realizar sobre a penedia defronte da casa, ao cair da noite, antes de me deitar.

Enfim chegou a resposta de *Mister* Murdstone e minha tia informou-me, com grande medo meu, que ele viria falar-lhe no dia imediato. No dia seguinte, pois, sempre vestido com o meu exótico trajo, eu contava as horas, tremendo antecipadamente de terror à ideia desse rosto sombrio, espantando-me sem cessar por não o ver chegar e agitado a todo o momento pela luta das minhas esperanças que eu sentia irem diminuindo e dos meus receios que se avolumavam mais.

Minha tia estava um pouco mais imperiosa e serena que de ordinário; não descobri, por outros vestígios, que se preparasse para receber esse visitante que me inspirava tanto terror. Ela trabalhava ao pé da janela e eu, sentado junto dela, reflectia em todos os resultados possíveis e impossíveis da visita de *Mister* Murdstone. A tarde ia-se adiantando, o jantar estava indefinidamente retardado, mas minha tia, impacientada, acabava de o mandar servir, quando soltou um grito de alarme ao ver um burro; qual foi a minha consternação quando descobri então *miss* Murdstone montada no jumento, atravessando num passo resolvido o talhão sagrado e parar em frente da casa, olhando em volta, enquanto minha tia gritava meneando a cabeça e mostrando-lhe o punho fechado pela janela:

— Sigam o seu caminho! Não têm nada que fazer aqui! Estão em contravenção! Vão-se embora! Já viram um despejo assim!

Minha tia estava por tal forma irritada com o sangue frio de *miss* Murdstone que na verdade creio que por causa disso perdeu o movimento e tornou-se instantaneamente incapaz de se precipitar ao ataque como de costume. Aproveitei-me dessa ocasião para lhe dizer que era *miss* Murdstone e o sujeito que acabava de chegar ao pé dela (porque sendo o caminho muito abrupto ele tinha ficado alguns passos atrás) era o próprio *Mister* Murdstone.

— Pouco me importa! — gritou minha tia, meneando a cabeça e fazendo pela janela da sala gestos que não podiam ser interpretados como cumprimentos de boas vindas. — Não quero transgressões! Não as admito! Vão-se embora! Joaninha, tira-o daí! Põe-no lá fora!

Eu escondido por trás de minha tia vi uma espécie de combate: o burro, com as quatro patas fincadas na terra, resistia a todo o mundo. Joaninha puxava-o pela arreata para o fazer voltar para trás, *Mister* Murdstone queria que ele andasse para a frente, *miss* Murdstone dava com o guarda-sol em Joaninha e vários rapazitos, chamados pelo ruído, berravam com toda a força. Mas minha tia reconhecendo de repente entre eles o pequeno malfeitor encarregado de guiar o burro e que era um dos seus mais encarniçados inimigos, conquanto apenas tivesse treze anos, precipitou-se no teatro do combate, atirou-se a ele, agarrou-o, arrastou-o para o jardim, com a jaqueta por cima da cabeça e os calcanhares raspando o chão; depois, chamando Joaninha para que fosse buscar a polícia e a

justiça, para o prender, julgar e executar em flagrante, guardava-o à vista. Mas a comédia terminou por esta cena: O garoto, que tinha muitos expedientes para seu uso, de que minha tia não desconfiava, arranjou num instante o meio de fugir, com um grito de vitória, deixando as marcas dos sapatos ferrados nas platibandas e levando o burro em triunfo, um acarretando o outro.

*Miss* Murdstone, efectivamente, tinha-se apeado da montada no fim do combate e esperava com seu irmão ao fundo da escada, que minha tia tivesse vagar de os receber. Um pouco agitada ainda pela luta, minha tia passou ao lado deles com uma grande dignidade, entrou em casa e não se inquietou com a presença dos dois até ao momento em que Joaninha os veio anunciar.

— É preciso ir-me embora, tia? — perguntei a tremer.

— Não senhor — disse ela —certamente que não. — E, dito isto, empurrou-me para um canto ao pé dela e pôs-me uma cadeira diante, como se quisesse figurar uma célula ou a barra de um tribunal. Continuei a ocupar essa posição durante toda a entrevista e vi de lá *Mister* e *miss* Murdstone entrarem na sala.

— Oh! — disse minha tia —, eu não sabia à primeira vista a quem tinha o prazer de ralhar há um momento. Mas fiquem sabendo que não permito que ninguém passe com um burro por cima daquele talhão de relva. Não faço excepção. Não o permito a ninguém.

— Não é muito cómoda regra para estranhos — disse *miss* Murdstone.

— Acha? — perguntou minha tia.

*Mister* Murdstone pareceu recear ver renovarem-se as hostilidades e interveio dizendo:

— A senhora é *miss* Trotwood?

— Perdão, senhor — disse minha tia lançando-lhe um olhar penetrante —, o senhor é *Mister* Murdstone que casou com a viúva do meu falecido sobrinho David Copperfield de Blunderstone-a-Rookery! Porquê a Rookery? É o que eu não sei!

— Sim, minha senhora — disse *Mister* Murdstone.

— Perdoar-me-á que lhe diga, senhor — replicou minha tia —, que seria infinitamente melhor, creio, que tivesse deixado em paz aquela pobre rapariga.

— Sou do parecer de *miss* Trotwood nesse sentido — disse *miss* Murdstone endireitando-se —, pois considerei efectivamente a nossa pobre Clara como uma criança sob todos os respeitos essenciais.

— É uma felicidade, minha senhora, para si e para mim, que nos vamos adiantando na vida e que não temos nos nossos atractivos pessoais grandes motivos para recear que nos sejam fatais, que ninguém possa dizer outro tanto de nós — prosseguiu minha tia.

— Por certo — replicou *miss* Murdstone, conquanto não se decidisse bem a

convir no conceito, pelo menos disse-o com muito mau modo — e como diz, teria mil vezes valido mais para meu irmão que nunca tivesse contraído esse casamento. Eu fui sempre dessa opinião.

— Não duvido — disse minha tia. — Joaninha — prosseguiu ela depois de ter tocado —, faça os meus cumprimentos a *Mister* Dick e peça-lhe que venha até aqui.

Enquanto esperava, minha tia olhou para a parede silenciosamente, franzindo as sobrancelhas e empertigando-se mais que nunca. Quando ele chegou, ela procedeu à cerimónia da apresentação:

— *Mister* Dick, um dos meus antigos e íntimos amigos, com o conselho do qual eu conto — acrescentou com uma intenção acentuada, a fim de prevenir *Mister* Dick que roía as unhas com um ar idiota.

*Mister* Dick largou as unhas e ficou de pé no meio do grupo, com muita gravidade e pronto a mostrar a mais profunda atenção. Minha tia fez um aceno de cabeça a *Mister* Murdstone, que prosseguiu:

— *Miss* Trotwood, ao receber a sua carta, considerei como um dever para mim e uma demonstração de respeito para si...

— Obrigada — disse minha tia, olhando-o sempre de cara —, mas não se incomode comigo.

— ...vir responder pessoalmente, por maior transtorno que a viagem pudesse ocasionar-me, em vez de lhe escrever; o desgraçado pequeno que fugiu para longe dos seus amigos e das suas ocupações...

— E cuja aparência — disse sua irmã atraindo a atenção geral sobre o meu extraordinário vestuário — impressiona tão desagradavelmente e é tão escandalosa...

— Joana Murdstone — disse seu irmão — tenha a bondade de não me interromper. Esse desgraçado pequeno, *miss* Trotwood, foi, em nossa casa, origem de muitas dificuldades e perturbações domésticas durante a vida da defunta e minha querida Clara e depois. Tem um carácter sombrio e revoltoso, rebela-se contra toda a autoridade; numa palavra, é intratável. Minha irmã e eu tentámos corrigi-lo dos seus vícios, mas sem o conseguirmos, e sentimos ambos, porque minha irmã está plenamente na minha confidência que era justo que a senhora recebesse dos nossos lábios esta declaração sincera, feita sem rancor e sem cólera.

— Meu irmão não tem necessidade do meu testemunho para confirmar o seu — disse *miss* Murdstone. — Peço somente licença para acrescentar que de todos os rapazes do mundo creio que não haja outro pior.

— É forte — disse minha tia secamente.

— Não é muito forte, em comparação dos factos — replicou *miss* Murdstone.

— Ah! — disse minha tia. — E que mais, senhor?

— Tenho a minha opinião particular acerca da maneira de o educar — prosseguiu *Mister* Murdstone, cujo rosto se escurecia cada vez mais à medida que minha tia e ele se olhavam de mais perto. — As minhas ideias são fundadas em parte sobre o que sei do seu carácter e em parte sobre o conhecimento que tenho dos meus meios e dos meus recursos. Não tenho a responder por eles senão a mim próprio; procedi, pois, segundo as minhas ideias e nada mais me resta dizer. Bastar-me-á acrescentar que coloquei este pequeno sob a vigilância de um dos meus amigos, num negócio honroso; que esta condição não lhe convém; que foge, erra como um vagabundo pela estrada e vem para aqui esfarrapado, dirigir-se a si, *miss* Trotwood. Desejo mostrar-lhe, com boa intenção, as consequências inevitáveis do auxílio que possa prestar-lhe nestas circunstâncias.

— Comecemos por tratar da questão dessa ocupação honrosa — disse minha tia. — Se fosse seu próprio filho, diga-me, tê-lo-ia colocado da mesma maneira?

— Se ele fosse filho de meu irmão — disse *miss* Murdstone, intervindo na discussão —, confio que o seu carácter teria sido completamente diferente.

— Se essa pobre rapariga, que foi mãe dele, ainda vivesse, o senhor empregá-lo-ia da mesma maneira nessa honrosa ocupação, não é assim? — disse minha tia.

— Creio — disse *Mister* Murdstone meneando a cabeça — que Clara não diria que não ao que tivéssemos considerado, minha irmã Joana e eu, como a melhor resolução a tomar.

*Miss* Murdstone confirmou resmungando o que seu irmão acabava de dizer.

— Hein! — disse minha tia. — Desgraçado pequeno!

*Mister* Dick, que fazia tilintar o dinheiro nos bolsos havia algum tempo, entregou-se a essa ocupação com tal afã que minha tia julgou necessário impor-lhe silêncio com um olhar, antes de dizer:

— O colégio deste pobre pequeno acabou com ela?

— Acabou com ela — replicou *Mister* Murdstone.

— E a propriedade dela, a casa e o jardim, não sei que Rookery sem Rooks[7], não ficou garantida ao filho?

— O seu primeiro marido deixara-lhe os bens sem condições — começava a dizer *Mister* Murdstone quando minha tia o interrompeu com uma impaciência e uma cólera visíveis.

— Meu Deus! Bem sei! Deixou-lhos sem condições! Eu conhecia bem o David Copperfield; sei bem que não era homem para prever as menores dificuldades, mesmo que se lhe metessem pelos olhos dentro. Está claro que tudo lhe foi deixado sem condições, mas quando ela tornou a casar, quando teve a

desgraça de o desposar, numa palavra — disse minha tia —, para falar com franqueza, ninguém disse qualquer coisa a favor desta criança?

— A minha pobre mulher amava o seu segundo marido, minha senhora — disse *Mister* Murdstone —, tinha plena confiança nele.

— Sua mulher, senhor, era uma pobre e infeliz rapariga que não conhecia o mundo — respondeu minha tia, sacudindo a cabeça. — Eis o que ela era; e agora, vejamos, tem alguma coisa mais a dizer?

— Somente isto, *miss* Trotwood — disse ele. — Estou pronto a levar David, sem condições, para fazer dele o que me convier e para proceder com ele como me aprouver. Não vim para fazer promessas, nem para tomar compromissos seja com quem for. A senhora tem talvez alguma intenção, *miss* Trotwood, de o animar na fuga e de ouvir as suas queixas. *As* suas maneiras, que, devo dizê-lo, não me parecem conciliadoras, levam-me a supô-lo. Previno-a, pois, que, se intervém entre mim e ele, a sua intervenção, *miss* Trotwood, deve ser definitiva. Eu não costumo gracejar e é preciso não gracejar comigo. Estou pronto a levá-lo pela primeira e última vez; estará ele pronto a seguir-me? Se não está, se a senhora me diz que não está, sob qualquer pretexto que seja, pouco me importa, a minha casa ficará para sempre fechada e tenho por combinado que a sua lhe será aberta.

Minha tia ouviu este discurso com a maior atenção, empertigando-se mais do que nunca, com as mãos cruzadas nos joelhos e o olhar fito no seu interlocutor. Quando ele acabou, voltou os olhos para o lado de *miss* Murdstone sem mudar de atitude e disse-lhe:

— E a senhora, tem alguma coisa a acrescentar?

— Certamente, *miss* Trotwood — disse *miss* Murdstone —, tudo quanto eu poderia dizer foi tão bem aclarado por meu irmão e todos os factos que eu poderia aduzir foram tão claramente expostos por ele, que só me resta agradecer a sua polidez, ou antes a sua excessiva polidez — acrescentou *miss* Murdstone com uma ironia que perturbou tanto minha tia como a perturbaria o canhão ao pé do qual eu dormi em Chatham.

— E o que é que diz o pequeno? — prosseguiu minha tia. — David está pronto a partir?

Eu respondi que não e intercedi que me não deixasse levar. Disse que *Mister* e *miss* Murdstone nunca tinham gostado de mim, que nunca tinham sido bons para mim; que sabia que tinham tornado minha mãe, que tanto me amava, infelicíssima por minha causa e que Peggotty também o sabia. Acrescentei que, apesar de muito novo ainda tinha já sofrido mais do que se poderia imaginar. Roguei, supliquei a minha tia (já me não recordo em que termos, mas lembro-me que estava muitíssimo emocionado) que me protegesse e me defendesse, por

amor de meu pai.

— *Mister* Dick — disse minha tia —, que é preciso fazer deste pequeno?

*Mister* Dick reflectiu, hesitou e depois, tomando um ar radiante, respondeu:

— Mande-lhe imediatamente tomar medida de um fato completo.

— *Mister* Dick — disse minha tia com ar de triunfo —, dê-me um aperto de mão. O seu bom senso é de um valor inapreciável.

Depois de ter sacudido a mão de *Mister* Dick, atraiu-me para junto dela e disse a *Mister* Murdstone:

— Pode ir embora se lhe apraz, eu fico com o pequeno, corro-lhe o risco. Se ele é tal como diz, ser-me-á sempre fácil fazer por ele o que o senhor fez; mas eu não acredito em coisa nenhuma.

— *Miss* Trotwood — respondeu *Mister* Murdstone encolhendo os ombros e levantando-se —, se a senhora fosse um homem...

— Palavreado! — disse minha tia. — Não me fale nessas frioleiras!

— Que fina polidez! — exclamou *miss* Murdstone levantando-se. — É muito forte, por certo.

— Supõe — disse minha tia, fazendo-se surda ao discurso da irmã e continuando a dirigir-se ao irmão, e sacudindo a cabeça com ar de supremo desdém —, supõe que eu não sei a vida que fez passar a essa pobre rapariga tão mal inspirada? Supõe que eu não sei que dia nefasto foi para essa doce criaturinha aquele em que ela o viu pela primeira vez, sorridente e lançando-lhe olhares ternos, aposto, como se não fosse capaz de dizer uma necedade a uma criança?

— Nunca ouvi linguagem mais elegante! — disse *miss* Murdstone.

— Supõe que eu não compreendo o seu jogo como se lá tivesse estado — continuou minha tia — agora que o vejo e que o ouço, o que, para lhe falar verdade, não me é nada aprazível? Ah! Certamente que não havia ninguém no mundo mais afável e mais submisso do que era *Mister* Murdstone nesse tempo. A pobre inocentinha nunca vira cordeiro assim. Era tão cheio de bondade, adorava a mãe, tinha paixão pelo filho, uma verdadeira paixão! Seria para ele um verdadeiro pai e não faltava mais do que viverem todos juntos num paraíso cheio de rosas, não é assim? Ora vamos, deixe-me em paz! — disse minha tia.

— Nunca na minha vida vi uma mulher assim! — exclamou *miss* Murdstone.

— E quando o senhor — disse minha tia — se viu seguro dessa pobre insensatazinha (Deus me perdoe de chamar assim a uma criatura que já lá está aonde o senhor não tem pressa de ir ter com ela!) como se já não tivesse feito bastante mal a ela e aos seus, pôs-se a começar a sua educação, não é assim? Tomou a empreitada de a instruir e meteu-a numa gaiola como um pobre passarinho, para lhe fazer esquecer a vida passada e ensinar-lhe a cantar a

mesma ária que o senhor cantava.

— Isto é loucura ou embriaguez — disse *miss* Murdstone, desesperada por não poder, por seu lado, desviar a torrente de invectivas de minha tia —, mas desconfio que é embriaguez!

*Miss* Betsy, sem fazer o menor caso da interrupção, continuou a dirigir-se a *Mister* Murdstone.

— Sim, senhor Murdstone — continuou ela agitando o dedo —, o senhor fez-se o tirano dessa inocente rapariga e despedaçou-lhe o coração. Ela tinha a alma terna, sei-o eu, sabia-o bastantes anos antes que o senhor a tivesse visto, e o senhor escolheu bem o fraco da infeliz para lhe vibrar os golpes de que ela morreu. Esta é que é a verdade, quer lhe agrade quer não, faça o que quiser e mais quem lhe serviu de instrumento.

— Permita-me que lhe pergunte, *miss* Trotwood — disse *miss* Murdstone —, quem é a pessoa que a senhora chama, com uma escolha de expressões a que não estou acostumada, o instrumento de meu irmão?

*Miss* Betsy, persistindo numa surdez inabalável, prosseguiu o seu discurso:

— Era claro, como já lhe disse, bastantes anos antes que o senhor a tivesse visto (e está acima da razão humana o compreender porque é que entrou nas vistas misteriosas da Providência que o senhor a visse um dia), era claro que essa pobre criaturinha se tornaria a casar um dia ou outro, mas eu esperava que isso não acabaria tão mal; era na época em que ela deu à luz o filho que aqui está, senhor Murdstone; este pobre pequeno de que o senhor se serviu várias vezes para a atormentar mais tarde, o que é uma recordação desagradável e lhe torna agora a sua vista odiosa. Sim, sim, escusa de estremecer — continuou minha tia —, não tenho necessidade dessa prova para saber a verdade.

Ele permaneceu todo este tempo de pé, junto da porta, olhando-a fixamente, com o sorriso nos lábios, mas franzindo as espessas sobrancelhas. Reparei então que, sempre sorridente ainda, empalidecera de repente e que parecia respirar como um homem que acabava de perder o fôlego numa corrida.

— Viva, senhor — disse minha tia —, e adeus. Viva, minha senhora — continuou ela, voltando-se bruscamente para a irmã. — Se a torno a ver algum dia com um burro por cima do meu talhão de relva, tão certo como a senhora ter uma cabeça em cima dos ombros, arranco-lhe o chapéu e espatifo-lho aos pés.

Seria preciso um pintor, e um pintor de raro talento, para dar a expressão do rosto de minha tia, ao fazer essa declaração inesperada e a de *miss* Murdstone ao ouvi-la. Mas o gesto não era menos eloquente do que a palavra, de modo que *miss* Murdstone não respondeu, enfiou discretamente o braço no do irmão e saiu majestosamente de casa. Minha tia, sempre à janela, via-os, afastarem-se, pronta, sem dúvida alguma, a pôr imediatamente em prática a sua ameaça, no caso de

reaparecer o burro.

Não se tendo dado tentativa alguma para responder a este desafio, o rosto de minha tia foi-se tranquilizando pouco a pouco, tão bem que eu afoitei-me a agradecer-lhe e a beijá-la, o que fiz de todo o meu coração, abraçando-a. Dei em seguida um aperto de mão a *Mister* Dick, que repetiu esta cerimónia várias vezes a seguir e que saudou o feliz desfecho do caso com grandes gargalhadas de cinco em cinco minutos.

— Considere-se, *Mister* Dick, tutor deste pequeno, a meias comigo — disse minha tia.

— Ficarei encantado — disse *Mister* Dick — de ser o tutor do filho de David.

— Muito bem — disse minha tia — fica combinado. Eu pensava numa coisa, senhor Dick: posso ou não dar-lhe o nome de Trotwood?

— Certamente, certamente; chame-lhe Trotwood — disse *Mister* Dick —, Trotwood, filho de David Copperfield.

— Trotwood Copperfield é o que quer dizer, pois não é? — prosseguiu minha tia.

— Sim, sem dúvida, sim, Trotwood Copperfield — disse *Mister* Dick um pouco embaraçado.

Minha tia ficou tão encantada com a sua ideia que ela própria marcou, com tinta inalterável, as camisas que me comprou feitas nesse dia, antes de eu as vestir e ficou decidido que o resto do meu enxoval, que ela encomendou imediatamente, teria a mesma marca.

Foi assim que eu comecei uma vida completamente nova, com um nome novo, como o resto. Agora que a minha incerteza estava passada, eu julgava sonhar. Não dizia de mim para mim que minha tia e *Mister* Dick fossem dois singulares tutores. O que havia de mais claro no meu espírito, era, por um lado, que a minha vida passada em Blunderstone se afastava cada vez mais e parecia flutuar no vago de uma distância infinita; e por outro, que acabava de descer para sempre um pano sobre a vida que passei na casa Murdstone & Grinby. Ninguém fez depois subir esse pano. Ergui-o eu a pequena altura por um momento, com mão tímida e trémula, nesta narrativa e deixei-o cair com alegria. A recordação desta existência é acompanhada no meu espírito de uma tal dor, de tanto sofrimento moral, de uma ausência de esperança tão absoluta, que nunca tive a coragem de examinar quanto tempo tinha durado o meu suplício. Seria um ano, seria mais, seria menos? Não sei nada. Apenas sei que isso sucedeu, que isso *já* passou e que nisso acabo de falar duma vez para sempre.

## Capítulo XV — Recomeço

*Mister* Dick e eu tornámo-nos dentro de pouco os melhores amigos do mundo, e quando ele acabava o seu trabalho diário saíamos muitas vezes juntos para deitarmos o grande papagaio. Ele trabalhava todos os dias muito tempo na sua memória, que não se adiantava nada, por mais que trabalhasse, pois que o rei Carlos vinha sempre intrometer-se-lhe, ora no princípio, ora no fim e como era preciso não se falar mais nisso, tornava-se ao princípio. A paciência e a coragem com que suportava estas contrariedades contínuas, a ideia vaga que tinha de que o rei Carlos I nada tinha que ver com aquilo, os fracos esforços que tentava para o expulsar e a teimosia com que esse monarca insistia em condenar a memória ao esquecimento, tudo isso me causou uma profunda impressão. Não sei o que *Mister* Dick contava fazer da memória, no caso de a acabar; creio que ele sabia tanto como eu onde tinha tenção de a mandar, ou os efeitos que esperava. Mas, de resto, não era preciso que se preocupasse com isso, porque se alguma coisa havia de certo sob a roda do sol, era que a memória nunca se acabaria.

Impressionava vê-lo com o seu papagaio, quando ele o fazia pairar nos ares a grande altura. O que ele me dissera, no quarto, acerca das esperanças que concebera dessa maneira de disseminar os factos expostos nos papéis que o cobriam e que não eram senão tiras sacrificadas de outra memória que abortou, podia bem preocupá-lo algumas vezes, mas vendo-se ao ar livre, em nada mais pensava. Só o preocupava estar a olhar para o papagaio que voava e largar o fio da maçaroca que tinha na mão. Nunca tinha o ar tão sereno como então. Eu dizia de mim para mim algumas vezes, quando me sentava ao pé dele à tarde, num montículo de relva e que o via seguir com os olhos os movimentos do papagaio nos ares, que o seu espírito saía então da sua confusão para se elevar com o seu brinquedo aos céus. Quando enrolava o fio e que o papagaio, descendo pouco a pouco, saía do horizonte iluminado pelo sol poente, para cair na terra como ferido de morte, parecia surgir pouco a pouco de um sonho e via-o apanhar o papagaio, depois olhar em volta com olhos esgazeados, como se tivessem caído ambos e eu tinha pena dele de todo o meu coração.

Os progressos que eu fazia na amizade e na intimidade de *Mister* Dick, em nada prejudicavam os que eu ganhava nas boas graças da sua fiel amiga, minha tia. Ao fim de algumas semanas ela tinha-me bastante afeição e para encurtar o nome de Trotwood que me dera, chamava-me Trot; e animou-me até a esperar que se continuasse como tinha começado, podia chegar a rivalizar no seu coração com minha irmã Betsy Trotwood.

— Trot — disse minha tia uma tarde, no momento em que, como de costume, traziam o tabuleiro de gamão para ela e *Mister* Dick — é preciso não esquecer a sua educação.

Era o meu único motivo de sobressalto e fiquei encantado com essa expansão.

— Gostaria de ir para um colégio de Canterbury?

Respondi que gostaria muito, tanto mais que ficava perto dela.

— Bem — disse minha tia — desejaria partir amanhã?

Não me era estranha a rapidez ordinária dos movimentos de minha tia, portanto não me surpreendeu essa resolução tão repentina e respondi que sim.

— Bem — repetiu minha tia. — Joaninha, há-de ir buscar o cavalo cinzento e o carrinho para amanhã às dez horas da manhã e trate de arranjar esta noite a roupa de *Mister* Trotwood.

Eu estava contentíssimo ao ouvir dar tal ordem, mas acusei-me de egoísmo, quando vi o seu efeito sobre *Mister* Dick que ficara muito abatido à perspectiva da nossa separação e que em consequência disso estava jogando tão mal, que depois de o ter avisado bastantes vezes batendo-lhe com o copo dos dados nas mãos, minha tia fechou o tabuleiro e declarou que não queria mais jogar com ele. Mas ao saber que eu viria a casa alguns sábados e que me poderia ir ver à terça-feira, tomou ânimo e fez votos de fazer para essas ocasiões um papagaio gigantesco, bem maior do que aquele com que nos divertíamos hoje. No dia seguinte, estava outra vez abatido e procurava consolar-se dando-me tudo quanto possuía em ouro e prata, mas minha tia interveio e as liberalidades foram reduzidas a uma dádiva de quatro xelins; à força de rogos, teve licença de a elevar a oito. Separámo-nos o mais afectuosamente, à porta do jardim e *Mister* Dick só entrou para casa quando nos perdeu de vista.

Minha tia, perfeitamente indiferente à opinião pública, guiou com mão de mestre o cavalo cinzento através de Douvres e conservava-se erecta na boleia como um cocheiro particular, seguindo com o olhar os mais pequenos movimentos do cavalo, decidida a não o deixar fazer a vontade fosse com que pretexto fosse. Quando chegámos a caminho plano, deu-lhe um pouco mais de rédea e deitando um olhar sobre as almofadas nas quais eu ia enterrado, perguntou-me se eu ia contente.

— Muito contente, minha tia, muito obrigado — disse eu.

Ela ficou tão satisfeita que, como não tinha as mãos livres para me testemunhar a sua alegria, afagou-me a cabeça com o cabo do chicote.

— O colégio tem muitos meninos, tia? — perguntei.

— Não sei — disse minha tia. — Vamos primeiro a casa de *Mister* Wickfield.

— É ele quem dirige o colégio? — perguntei.

— Não, Trot, ele é um agente de negócios.

Não pedi mais informações a respeito de *Mister* Wickfield, e como minha tia não me dissesse mais nada a conversa versou sobre outros assuntos, até ao momento em que chegámos a Canterbury. Era dia de feira e a minha tia custou-lhe muito fazer circular o cavalo cinzento por entre as carroças, os cestos, as pilhas de legumes e os montões de manteiga. Às vezes não era preciso mais que a grossura de um cabelo para que todo esse mostruário se esbarrondasse, o que nos valia discursos pouco lisonjeiros da parte da gente que nos rodeava; mas minha tia guiava sempre com a tranquilidade mais perfeita e creio que atravessaria com a mesma segurança um país inimigo.

Enfim parámos em frente de uma velha casa que saía do alinhamento da rua; as janelas do primeiro andar eram salientes e as vigas avançavam igualmente os seus topos esculturados por cima da calçada, de sorte que num momento perguntei eu de mim para mim se toda a casa não tinha curiosidade de se inclinar assim para diante a fim de ver o que se passava na rua até ao passeio. De resto, isso não a impedia de ser de um asseio distinto. O velho batente da porta em arco, brilhava como uma estrela, no meio das grinaldas e frutos esculpidos que a cercavam. Os degraus de pedra estavam tão lavados como se tivessem vestido roupa branca e todos os ângulos, cantos, esculturas, ornatos e pequenos vidros das velhas janelas, tudo isso era tão brilhante de asseio como a neve que cai nos montes.

Quando o carro parou à porta, descobri ao olhar para a casa um rosto cadavérico que apareceu um momento à janelinha de uma pequena torre, num dos ângulos da casa, depois desapareceu. Então a porta redonda abriu-se e tornei a ver a mesma cara. Era tão pálida como quando a tinha visto à janela, conquanto a sua tez fosse um pouco assinalada por muitas sardas que costumam ver-se na pele das pessoas ruivas e de facto o personagem era ruivo: podia ter quinze anos, ao que suponho, mas parecia ter muito mais idade; a fouce que lhe ceifara os cabelos tinha-lhos cortado rasos como o rastolho. De sobrancelhas nem raça; pestanas na mesma; os olhos de um vermelho escuro, tão desguarnecidos, tão descarnados que eu não podia explicar-me como pudesse dormir, assim a descoberto. Era alto de ombros, ossudo e anguloso, de uma apresentação decente, vestido de preto, com um bocado de gravata branca; o casaco abotoado até ao pescoço, uma mão tão comprida, tão magra, uma verdadeira mão de esqueleto, que atraiu a minha atenção, enquanto que, de pé à cabeça do pónei, passava a mão pelo queixo e olhava para nós que estávamos no carro.

— *Mister* Wickfield está em casa, Uriah Heep? — perguntou minha tia.

— *Mister* Wickfield está em casa, minha senhora; se quer ter o incómodo de entrar para aqui... — disse ele mostrando com a mão descarnada o aposento que

queria designar.

Apeámo-nos, deixando Uriah Heep a tomar conta no cavalo; entrámos numa sala um pouco baixa, de forma oblonga que deitava para a rua; pela janela vi Uriah que soprava nas ventas do cavalo e depois cobria-as precipitadamente com a mão, como se fizesse um feitiço. Em frente do velho fogão viam-se dois retratos, um era o de um homem de cabelos grisalhos, mas que todavia não era velho; as sobrancelhas eram negras; olhava para papéis atados com uma fita encarnada. O outro era o de uma dama, cuja expressão de fisionomia era afável e séria; olhava para mim.

Creio que procurei com os olhos um retrato de Uriah, quando se abriu uma porta na outra extremidade do aposento; entrou um sujeito e eu ao vê-lo fui logo olhar para o retrato a ver se ele teria saído da sua moldura. Mas não, o retrato estava pacificamente no seu lugar; e quando o recém-vindo se aproximou da luz, vi que ele tinha mais idade do que quando se retratou.

— *Miss* Betsy Trotwood — disse ele — faça favor de entrar. Eu estava ocupado quando a senhora chegou, há-de perdoar-me. Conhece a minha vida; sabe que não tenho senão um interesse no mundo.

*Miss* Betsy agradeceu-lhe e entrámos no seu gabinete que estava cheio como o de um agente de negócios, de papéis, de livros, de caixas de estanho, etc. Deitava sobre o jardim e era provido de um cofre forte de ferro, fixado na parede, justamente por cima do pano da chaminé, razão por que eu perguntava com os meus botões como é que os limpa-chaminés haviam de fazer para passar por trás dele, quando precisassem de limpar a chaminé.

— Muito bem, *miss* Trotwood — disse *Mister* Wickfield; porque eu logo descobri que era o dono da casa, que era advogado e que administrava as terras de um rico proprietário dos arredores —, que vento a trouxe por cá? É um bom vento, em todo o caso, creio bem?

— É, sim — respondeu minha tia — não vim para assuntos de justiça.

— Tem razão, minha senhora — disse *Mister* Wickfield — mais vale vir para outra qualquer coisa.

Os seus cabelos eram completamente brancos, conquanto as sobrancelhas fossem ainda pretas. O seu rosto era muito agradável, deve mesmo ter sido belo. Tinha um colorido de certo brilho que eu soubera, por mo dizer Peggotty, que só se alcançava com o uso do vinho do Porto e eu atribuía à mesma origem a entoação da sua voz e a sua visível nutrição.

Tinha uma maneira de vestir muito conveniente, um casaco azul, um colete de riscas e calças de nanquim; a camisa de peito pregueada e a gravata da Bretanha pareciam tão brancas e tão finas que lembravam à minha imaginação vagabunda, o pescoço de um cisne.

— Este é meu sobrinho — disse minha tia.

— Não sabia que tinha um sobrinho, *miss* Trotwood — disse *Mister* Wickfield.

— Quero dizer, meu segundo sobrinho — notou minha tia.

— Não sabia que tinha um segundo sobrinho, asseguro-lhe — continuou *Mister* Wickfield.

— Adoptei-o — disse minha tia com um gesto que indicava inquietar-se pouco com o que ele sabia ou não — e trouxe-o para cá a fim de o meter num colégio aonde seja bem ensinado e tratado. Diga-me aonde é que existe esse colégio e dê-me enfim todas as informações necessárias.

— Antes de arriscar um conselho — disse *Mister* Wickfield — dê-me licença: sabe a minha velha pergunta em todas as coisas, qual é o seu fim verdadeiro?

— Vá para o diabo! — exclamou minha tia. — Que necessidade tenho eu de procurar cinco pés ao gato? O meu fim é bem claro e bem simples: é tornar este pequeno feliz e útil.

— Ainda deve haver mais alguma coisa — disse *Mister* Wickfield, abanando a cabeça e sorrindo com ar de incredulidade.

— Que futilidades! — prosseguiu minha tia. — O senhor tem a pretensão de proceder sinceramente em tudo quanto faz; espero que não suponha que é a única pessoa que segue por um caminho recto neste mundo.

— Eu só tenho um único fito na minha vida, *miss* Trotwood; muita gente tem dez, vinte, cem; eu só tenho um, eis a diferença; mas estamos a afastar-nos da questão. A senhora pergunta-me qual é o melhor colégio? Seja qual for o seu fito, quer o melhor?

Minha tia fez com a cabeça um sinal de assentimento.

— Conheço perfeitamente um que vale mais que todos os outros — disse *Mister* Wickfield, reflectindo —, mas seu sobrinho não pode ser já admitido senão como externo.

— Porém, enquanto espera, não poderia morar noutra qualquer parte? — disse minha tia.

*Mister* Wickfield reconheceu que era possível. Depois de um momento de discussão, propôs levar minha tia a ir ver o colégio, a fim de que pudesse julgar por si própria; no regresso visitar-se-iam as casas em que ele pensava que se encontraria cama e mesa para mim. Minha tia aceitou a proposta e íamos a sair todos três, quando ele parou para me dizer:

— Mas o nosso amiguinho poderia ter alguns motivos para não querer acompanhar-nos. Eu creio que faríamos melhor deixá-lo aqui.

Minha tia parecia disposta a contestar a proposta; mas, para facilitar as coisas, eu disse que ficava a esperá-los em casa de *Mister* Wickfield, se assim lhes

conviesse e voltei para o gabinete, onde tomei, para os esperar, outra vez posse da cadeira em que me tinha sentado quando cheguei.

Essa cadeira estava colocada em frente de um corredor estreito que deitava para o pequeno aposento redondo na janela do qual eu havia entrevisto o pálido rosto de Uriah Heep. Este, depois de ter levado o cavalo para uma estrebaria dos arredores, pusera-se a escrever numa banca e copiava um papel fixado num quadro de ferro suspenso sobre a banca. Conquanto estivesse voltado para o meu lado, julguei a princípio que ele transcrevia o que se encontrava entre mim e ele e que o impedia de me ver, mas olhando mais atentamente para esse lado, vi logo com um certo mau estar que os seus olhos penetrantes apareciam de tempos a tempos por baixo do manuscrito, como dois sóis inflamados e que me olhava furtivamente, pelo menos durante um minuto, não obstante ouvir-se-lhe correr a pena sobre o papel, tão depressa como de ordinário. Tentei por diversas vezes fugir aos seus olhares: subi a uma cadeira para ver um mapa colocado no outro lado do aposento; absorvi-me na leitura do jornal do condado, mas os seus olhos atraiam-me sempre e de todas as vezes que eu lançava um olhar sobre esses dois sóis ardentes, estava certo de os, ver imediatamente ou no nascente ou no ocaso.

Enfim, após uma ausência bastante demorada, reapareceram minha tia e *Mister* Wickfield, com grande alívio meu. O resultado das suas investigações não era tão satisfatório como o poderiam desejar, porque se eram incontestáveis as vantagens que o colégio oferecia, minha tia não estava igualmente satisfeita com as casas aonde eu me poderia alojar.

— É muito desagradável — disse ela. — Não sei que fazer, Trot.

— É efectivamente muito desagradável — disse *Mister* Wickfield —, mas vou dizer-lhe o que se poderia fazer, *miss* Trotwood.

— O que é? — disse minha tia.

— Deixe seu sobrinho em minha casa por agora. É um pequeno sossegado; não me incomodará nada. A casa é boa para estudar; é tão silenciosa e quase tão espaçosa como um convento. Deixe-o cá.

A proposta era evidentemente do gosto de minha tia, mas hesitava em a aceitar, por delicadeza. Eu, igualmente.

— Vamos, *miss* Trotwood — disse *Mister* Wickfield — não há outro meio de remediar a dificuldade. Bem sabe que é somente uma colocação temporária. Se não calhar, se nos incomodar a uns e outros, é sempre tempo de desistir e no intervalo poderemos achar qualquer coisa que mais convenha. Mas, presentemente, nada tem melhor a fazer do que deixá-lo aqui.

— Estou-lhe muito reconhecida — disse minha tia — e vejo que ele também o está, mas...

— Vamos! Bem sei o que quer dizer — exclamou *Mister* Wickfield. — Não

quero coagi-la a aceitar de mim favores, *miss* Trotwood; a senhora pagará a pensão, se quiser. Não regatearemos o preço, mas pagará, se quiser.

— Essa condição — disse minha tia — sem diminuir em nada o meu reconhecimento pelo serviço que me presta, põe-me mais à vontade; fico satisfeitíssima por deixar meu sobrinho em sua casa.

— Então venha ver a minha mulherzinha de casa — disse *Mister* Wickfield.

Subimos uma velha escadaria de carvalho, com um corrimão tão largo que facilmente se poderia andar por cima dele e entrámos numa velha sala um pouco escura, a que davam luz três ou quatro das exóticas janelas que eu tinha notado da rua. Nos vãos havia assentos de carvalho, que pareciam provir das mesmas árvores que o pavimento encerado e as grandes traves do tecto. O aposento estava lindamente mobilado com um piano e um móvel brilhante, verde e vermelho; havia flores nos vasos. Não se viam senão cantos e recantos, guarnecidos cada um por uma pequena mesa, um contador, uma poltrona ou uma estante, tão bem que eu dizia com os meus botões, a todo o momento, que não havia na sala outro canto tão encantador como aquele em que eu me encontrava e um momento depois descobria outro mais agradável ainda. O salão tinha o cunho de repouso e de distinto asseio que caracterizava o exterior da casa.

*Mister* Wickfield bateu a uma porta envidraçada praticada num canto do aposento artesonado e uma menina quase da minha idade apareceu logo e beijou-o. Reconheci imediatamente no seu rosto a expressão doce e serena da dama cujo retrato me impressionou no rés-do-chão. Parecia-me na minha imaginação que era o retrato que tinha crescido de maneira a tornar-se mulher, mas que o original tinha permanecido criança. Tinha o ar alegre e feliz, o que não impedia que o seu rosto e as suas maneiras respirassem uma tranquilidade de alma, uma serenidade que nunca esqueci e que nunca esquecerei.

— Aqui está — disse *Mister* Wickfield — a minha governante, minha filha Inês.

Quando ouvi o tom com que ele pronunciava estas palavras, quando vi a maneira como ele lhe pegava na mão, compreendi que ela é que era o único fito da sua vida.

Pendia-lhe ao lado um cestinho em miniatura, aonde guardava um molho de chaves e tinha o ar duma dona de casa bastante grave e bastante entendida para governar essa velha habitação. Escutou com um ar de interesse o que seu pai de mim lhe disse e quando ele acabou, propôs a minha tia que subisse com ela para ver o meu quarto. Fomos todos juntos; indicou-nos o caminho e abriu a porta de um vasto aposento: um magnífico quarto a valer, com as suas traves de velho carvalho, como o resto e os seus pequenos ladrilhos facetados e uma linda balaustrada da escadaria que subia até ali.

Não pude lembrar-me aonde e quando tinha visto, na minha infância, vitrais pintados numa igreja. Não me lembro dos assuntos que representavam. Somente sei que quando a vi chegar ao cimo da velha escadaria e voltar-se para nos esperar sob essa luz velada, pensei nos vitrais que noutros tempos vira e o seu brilho suave e puro associou-se-me depois, no espírito, com a recordação de Inês Wickfield.

Minha tia estava tão encantada como eu das disposições que Inês acabara de tomar e descemos outra vez juntos para a sala, muito satisfeitos e muito reconhecidos. Não quis ouvir falar de ficar para jantar, com receio de não poder chegar a casa antes da noite com o famoso cavalo cinzento e creio que *Mister* Wickfield a conhecia muito bem para tentar dissuadi-la; serviram-lhe, pois, refrescos. Inês voltou para junto da sua professora e *Mister* Wickfield para o seu gabinete. Deixaram-nos sós, para que nos despedíssemos sem constrangimento.

Minha tia observou-me que tudo quanto me dissesse respeito seria arranjado por *Mister* Wickfield e que não me faltaria nada e depois acrescentou os melhores conselhos e as palavras mais afectuosas.

— Trot — disse minha tia terminando o seu discurso — honre-se a si próprio, a mim e a *Mister* Dick e fique com Deus!

Eu estava emocionadíssimo e tudo quanto pude fazer foi agradecer-lhe, encarregando-a de todos os meus sentimentos afectuosos para *Mister* Dick.

— Não cometa baixezas, não minta nunca e não seja desumano. Evite estes três vícios, Trot e terei sempre muito boa esperança em si.

Prometi, o melhor que pude, que não abusaria da sua bondade e que nunca me esqueceria das suas recomendações.

— O cavalo está à porta — disse minha tia — vou-me embora. Deixe-se ficar aí.

A estas palavras, beijou-me precipitadamente e saiu da sala, fechando a porta atrás de si. A princípio fiquei um pouco surpreendido com esta brusca partida e receava ter desagradado a minha tia; mas, olhando pela janela, vi-a subir para o carro, com ar abatido e retirar-se sem erguer os olhos; compreendi então melhor o que ela sentia e não lhe fiz a injustiça de acreditar que tivesse alguma indisposição contra mim.

Jantava-se às cinco horas em casa de *Mister* Wickfield; eu tinha recuperado a coragem e sentia-me com apetite. Só havia dois talheres. Todavia, Inês, que tinha esperado pelo pai na sala, desceu com ele e sentou-se na sua frente, à mesa. Eu não podia acreditar que ele jantasse sem ela.

Depois de jantar, subimos para a sala, e, no canto mais cómodo, Inês trouxe para o pai um cálice e uma garrafa de vinho do Porto. Creio que não acharia à sua bebida favorita o perfume habitual, se lhe fosse servida por outras mãos.

*Mister* Wickfield passou ali duas horas, bebendo bastante, enquanto Inês tocava piano, trabalhava e conversava com ele ou comigo. A maior parte do tempo ele estava alegre e de bom humor como nós, mas às vezes olhava para a filha, depois caía em silêncio e devaneio. Parecia-me que ela notava logo isso e que tentava arrancá-lo às suas meditações com uma pergunta ou com uma carícia. Então ele saía do devaneio e deitava vinho no cálice.

Inês fez as honras do chá, depois o tempo foi passando, como após o jantar, até à hora de nos deitarmos. Seu pai então abraçou-a, beijou-a e por fim pediu-lhe velas para acender no gabinete. Eu subi também para me deitar.

Durante a noite, saí um momento à rua para deitar uma vista de olhos sobre as velhas casas e sobre a linda catedral, perguntando de mim para mim como pude eu atravessar essa antiga cidade, por ocasião da minha viagem e passar, sem o saber, junto da casa aonde pouco tempo depois havia de residir. Ao entrar, vi Uriah Heep, que fechava o escritório; sentia-me em veia de benevolência para com o género humano e disse-lhe algumas palavras; depois, ao deixá-lo, estendi-lhe a mão. Mas que mão húmida e fria tinha tocado na minha! Supus sentir a mão de um espectro, de que ele tinha toda a aparência. Esfreguei as mãos para reaquecer a que tinha tocado na dele e para fazer desaparecer todo o vestígio desse odioso contacto.

Perseguia-me ainda essa ideia, quando subi para o meu quarto. Parecia-me sentir sempre essa mão húmida e gelada. Debrucei-me na janela e descobri uma das figuras esculpidas no topo das traves, que olhava para mim de esguelha. Afigurou-se-me que era Uriah Heep, que tinha subido, não sei como, até lá e apressei-me a fechar a janela.

## Capítulo XVI — Mudo sob vários pontos de vista

No dia seguinte, depois de almoço, a vida colegial abriu-se de novo para mim. *Mister* Wickfield acompanhou-me ao teatro dos meus estudos futuros: era um edifício importante, ao longo de um grande pátio, respirando um ar científico, de harmonia com os corvos e as gralhas que desciam das torres da catedral para passearem majestosamente sobre o talhão de relva.

Apresentaram-me ao meu novo professor, o doutor Strong. Pareceu-me quase tão ferrugento como a grande grade de ferro que ornamentava a fachada da casa e quase tão maciço como as grandes urnas de pedra colocadas em intervalos iguais no alto de pilares, como um jogo de bola gigantesco que o tempo se encarregaria um dia de ir deitando abaixo. Encontrava-se na sua biblioteca; o seu vestuário estava por escovar, tinha os cabelos mal penteados, as ligas dos seus calções não estavam bem apertadas, as suas polainas pretas estavam desabotoadas e os seus sapatos viam-se abertos, como duas cavernas, no tapete da lareira. Voltou para mim os seus olhos mortiços, que me recordaram os de um velho cavalo cego que eu tinha visto a pastar erva e a coxear sobre as sepulturas do cemitério de Blunderstone, depois disse que estimava muito ver-me, estendendo-me uma mão da qual eu não sabia que fazer, ao vê-la tão inerte.

Mas junto do doutor Strong estava a trabalhar uma senhora muito bonita, a quem ele chamava Annie e que eu supunha ser sua filha; sem hesitações, ajoelhou-se no tapete para apertar os sapatos do doutor e abotoar-lhe as polainas, tarefa que realizou com muita prontidão e elegância. Quando acabou, no momento em que nos dirigíamos para a sala da aula, fiquei realmente muito admirado, ao ouvir *Mister* Wickfield dizer-lhe adeus, dando-lhe o nome de *Mistress* Strong e dizia de mim para mim que talvez fosse a mulher do seu filho e não do doutor, quando foi ele próprio quem me tirou todas as dúvidas.

— A propósito, Wickfield — disse ele parando num corredor e apoiando a mão no meu ombro. — Ainda não encontrou um lugar que convenha ao primo de minha mulher?

— Não — disse *Mister* Wickfield —, ainda não.

— O meu desejo era que isso se arranjasse o mais depressa possível, Wickfield — disse o doutor Strong — porque Jack Maldon é pobre e ocioso e isto são dois flagelos que muitas vezes geram maiores males ainda. E é o que diz o doutor Walts — acrescentou ele olhando para mim e meneando a cabeça. — Satanás tem sempre obra para as mãos ociosas.

— Em verdade, doutor — disse *Mister* Wickfield — se o doutor Walts

conhecesse bem os homens, poderia dizer com a mesma exactidão: «Satanás tem sempre obra para as mãos ocupadas». As pessoas ocupadas tomam bastante parte no mal que se faz neste mundo, pode estar certo disso. O que é que fazem, há um ou dois séculos, as pessoas que mais atarefadas têm estado em adquirir poder ou dinheiro? Parece-lhe que também não tenham feito mal?

— Jack Maldon nunca se verá muito atarefado para adquirir um ou outro, creio — disse o doutor Strong, esfregando o queixo com ar pensativo.

— É possível — disse *Mister* Wickfield — e o senhor chama-me de novo à questão; peço-lhe perdão por me ter afastado dela. Não, ainda não me foi possível empregar *Mister* Jack Maldon. Creio — acrescentou ele com um pouco de hesitação — que adivinho o seu fito e não é o que torna a coisa mais fácil.

— O meu fito — disse o doutor Strong — é colocar duma maneira conveniente um primo de Annie, que é também para ela um amigo de infância.

— Sim, eu sei — disse *Mister* Wickfield — na Inglaterra ou no estrangeiro!

— Sim — disse o doutor — admirando-se evidentemente da afectação com a qual ele pronunciava estas palavras «na Inglaterra ou no estrangeiro!»

— São as suas próprias expressões — disse *Mister* Wickfield — «ou no estrangeiro!»

— Sem dúvida — respondeu o doutor — sem dúvida; ou uma ou outra coisa.

— Uma outra coisa? É-lhe isso indiferente? — perguntou *Mister* Wickfield.

— Sim — replicou o doutor.

— Sim? — disse o outro atónito.

— Perfeitamente indiferente.

— O senhor não tem motivo — disse *Mister* Wickfield — para querer dizer «no estrangeiro» e não «na Inglaterra»?

— Não — replicou o doutor.

— Sou obrigado a acreditá-lo e é escusado dizer que o acredito — disse *Mister* Wickfield. — A comissão de que me encarregou é, neste caso, muito mais simples do que eu imaginava. Mas confesso que tinha a esse respeito ideias muito diferentes.

O doutor Strong olhou para ele com um ar espantado, que se terminou quase logo por um sorriso e esse sorriso incutiu-me muita coragem, porque respirava bondade e indulgência, com uma simplicidade que se encontrava, de resto, em todas as maneiras do doutor, quando se quebrava o gelo formado pela idade e demorados estudos e essa simplicidade era bem de molde a atrair e encantar um jovem discípulo como eu. O doutor caminhava na nossa frente num passo rápido e desigual, repetindo sempre: «sim», «não», «perfeitamente» e outras breves palavras acerca do mesmo assunto, enquanto caminhávamos atrás dele. Eu notei que *Mister* Wickfield tomava um ar grave e falava sozinho meneando a cabeça,

supondo que eu o não via.

A sala da aula era espaçosa e ficava a um canto tranquilo da casa, donde se via de um lado uma meia dúzia de grandes urnas de pedra e do outro um jardim bastante retirado, pertencente ao doutor; podiam-se mesmo distinguir os pêssegos que amadureciam num bardo exposto ao sul. Havia também grandes aloés, em caixões, em volta da relva e as folhas erectas e grossas dessa planta associam-se-me desde então no espírito com a ideia do silêncio e do retiro. No momento em que chegámos, uns vinte e cinco alunos ocupavam-se a estudar; todos se levantaram para dar os bons dias ao doutor e ficaram de pé na presença de *Mister* Wickfield e de mim.

— Apresento-lhes um novo aluno mais, senhores — disse o doutor. — Trotwood Copperfield.

Um deles chamado Adams, que era o primeiro da aula, saiu do seu lugar e veio dar-me as boas-vindas. A sua gravata branca dava-lhe o ar de um jovem pastor anglicano, o que não o impedia de ser muito amável e de um carácter jovial; indicou-me o meu lugar e apresentou-me aos diferentes professores com uma elegância que me teria posto à vontade, se fosse possível.

Mas parecia-me que havia muito tempo que não me encontrava com tais camaradas, que não tinha visto outros rapazes da minha idade senão Mick Walker e Fécula-de-Batata e experimentei um desses momentos de mal-estar que sempre me apoquentaram na minha vida. Sentia tanto dentro de mim próprio que tinha passado por uma existência de que não podiam fazer a menor ideia e que tinha uma experiência estranha à minha idade, à minha aparência e à minha condição, que me parecia censurar-me quase como se fosse uma impostura apresentar-me assim entre eles, sem outras maneiras, como um camarada habitual. Tinha perdido, durante o tempo mais ou menos longo que passara na casa Murdstone &

Grinby, todo o hábito dos jogos e dos brinquedos dos rapazes da minha idade; sabia que havia de estar desajeitado e pechoso. O pouco que eu poderia aprender noutro tempo tinha-se-me tão completamente apagado da memória por causa dos sórdidos cuidados que dia e noite me preocuparam o espírito, que quando me passaram um exame àquilo que eu sabia, apurou-se que eu não sabia nada e colocaram-me na última classe do colégio. Mas por mais preocupado que eu estivesse pela minha falta de aptidão nos exercícios corporais e pela minha ignorância nos estudos sérios, sentia-me infinitamente mais incomodado ao pensar no abismo mil vezes maior ainda que a minha experiência das coisas, que eles absolutamente ignoravam e que infelizmente eu não ignorava, cavava entre nós. Eu perguntava comigo mesmo o que é que eles pensariam, se viessem a saber que eu conhecia intimamente a pensão do Banco-do-Rei. Não revelariam

as minhas maneiras tudo quanto eu tinha feito na companhia da Micawber, essas vendas no Monte-Pio, esses empréstimos sobre penhores e essas ceias que se lhes seguiam? Talvez que alguns dos meus camaradas me tivesse visto atravessar Canterbury, exausto e andrajoso e viesse a reconhecer-me? Que diriam eles, que tão pouco valor ligavam ao dinheiro, se soubessem como eu contava os meus *pence* para comprar todos os dias carne ou cerveja, ou as talhadas de pudim necessárias para a minha subsistência? Que efeito produziria isso sobre crianças que não conheciam a vida das ruas de Londres, se viessem a saber que eu tinha frequentado os piores bairros dessa grande cidade, por mais envergonhado que pudesse estar? O meu espírito estava tão impressionado com estas ideias durante o primeiro dia passado em casa do doutor Strong, que eu vigiava os meus olhares e os meus movimentos com ansiedade; ficava muito inquieto quando um dos meus camaradas se aproximava e fugi a toda a pressa logo que acabou a aula, com receio de me comprometer correspondendo às suas tentativas de amizade.

Mas a influência que reinava na velha casa de *Mister* Wickfield começou a agir sobre mim no momento em que eu batia à porta, com os meus novos livros debaixo do braço e senti que os meus alarmes começavam a dissipar-se. Ao subir para o meu velho quarto, tão simples e tão bem arejado, a sombra séria e grave da velha escada de carvalho expulsou as minhas dúvidas e receios e lançou sobre o meu passado uma escuridão propícia. Fiquei no quarto a estudar diligentemente até à hora de jantar (saíamos do colégio às três horas) e desci com a esperança de ainda ser um dia um aluno regular.

Inês estava na sala, esperava pelo pai que um negócio qualquer demorava no seu gabinete. Veio ao meu encontro com o seu sorriso encantador e perguntou-me o que eu pensava do colégio. Respondi-lhe que contava dar-me lá muito bem, mas que ainda não estava acostumado.

— A menina nunca esteve em colégio, pois não? — perguntei-lhe.

— Muito pelo contrário, estou lá todos os dias — disse ela.

— Ah! Mas é aqui em sua casa aonde aprende, é o que quer dizer, não é?

— O papá não poderia ver-se sem mim — disse ela sorrindo e meneando a cabeça. — Por isso conserva em casa a sua governanta.

— Ele ama-a muito, não é verdade?

Ela fez-me sinal que sim e foi à porta escutar se ele subia, a fim de ir ao seu encontro à escada, mas não ouviu nada e voltou para junto de mim.

— A mamã morreu quando eu nasci — disse ela com o ar doce e tranquilo que lhe era habitual. — Não conheço dela senão o seu retrato que está lá em baixo. Eu vi-o ontem a olhar para ele, sabia quem era?

— Sabia — disse-lhe — parece-se tanto consigo!

— É essa também a opinião do papá — disse ela num tom satisfeito. — Ah! Ele aí vem!

O seu rosto calmo e risonho iluminou-se de prazer indo ao encontro dele e entraram na sala juntos dando-se a mão. *Mister* Wickfield recebeu-me com cordialidade e disse-me que eu havia de passar admiravelmente em casa do doutor Strong, que era o melhor dos homens.

— Pode talvez haver gente... não sei nada... que abuse da bondade do doutor — disse *Mister* Wickfield. — Nunca faça como essa gente, Trotwood. Ele é a criatura menos desconfiada que pode haver e seja um merecimento ou seja um defeito, é sempre uma coisa que é preciso ter em consideração em todas as relações grandes ou pequenas que se podem ter com ele.

Pareceu-me que falava como um homem contrariado ou descontente de qualquer coisa, mas não tive tempo de atentar bem. Anunciou-se o jantar e descemos para tomar os nossos lugares da véspera.

Mal nos tínhamos sentado, quando Uriah apresentou a sua cabeça ruiva e a sua mão esquelética à porta.

— *Mister* Maldon — disse ele — desejava dar-lhe uma palavra, senhor.

— Como? Não há um instante que me vi livre de *Mister* Maldon! — disse-lhe o seu patrão.

— É verdade, senhor — respondeu Uriah —, mas voltou atrás para ainda lhe dizer uma palavra.

Tendo sempre a porta entreaberta, Uriah olhou para mim, olhou para Inês, para as travessas, para os pratos e para tudo quanto a sala continha, segundo me pareceu, conquanto tivesse o ar de não olhar senão para o patrão, sobre o qual pareciam respeitosamente fitos os seus olhos vermelhos.

— Peço perdão. É somente para lhe dizer que reflectindo... — Aqui o novo interlocutor empurrou a cabeça de Uriah para a substituir pela sua. — Desculpe a minha indiscrição, faça favor. Mas já que não posso escolher, ao que me parece, mais cedo partirei e isso vale mais. Minha prima Annie disse-me, quando falámos deste caso, que preferia ver os seus amigos junto dela a vê-los exilados e o velho doutor...

— O doutor Strong, é o que o senhor quer dizer? — interrompeu vivamente *Mister* Wickfield.

— O doutor Strong, está claro. Eu chamo-lhe o velho doutor, o que vem a dar na mesma, não acha?

— Não acho — respondeu *Mister* Wickfield.

— Pois bem! O doutor Strong — disse o outro — parecia-me da mesma opinião. Mas segundo o que o senhor me propõe, o que me parece é que ele mudou de ideia; nesse caso, nada mais tenho a dizer; quanto mais cedo partir,

melhor. Voltei atrás para lhe dizer que quanto mais depressa me puser a caminho, tanto melhor. Quando a gente tem de ir de mergulho ao rio, de que serve andar-se a paliar na prancha?

— Muito bem! Já que se anda a paliar, não se paliará. *Mister* Maldon pode contar com isso — disse *Mister* Wickfield.

— Obrigado — disse o outro — fico-lhe muito agradecido. A cavalo dado não se olha a dente; não seria amável; o que eu dizia é que poderiam ter deixado minha prima Annie arranjar as coisas a seu modo. Suponho que lhe bastaria dizer ao velho doutor...

— O senhor quer dizer que *Mistress* Strong bastaria dizer ao marido... não é assim? — disse *Mister* Wickfield.

— Perfeitamente — replicou o outro — bastava-lhe dizer que desejava as coisas arranjadas de uma certa maneira para que isso se fizesse muito naturalmente.

— E porquê «muito naturalmente», *Mister* Maldon? — perguntou *Mister* Wickfield, continuando tranquilamente o seu jantar.

— Ah! Porque Annie é uma encantadora moça e o velho doutor, quer dizer, o doutor Strong, não é precisamente um rapaz — disse *Mister* Jack Maldon rindo. — Não quero melindrar ninguém, senhor Wickfield. Quero somente dizer que suponho que é necessário e razoável que, num casamento deste género, ao menos se encontrem compensações.

— Compensações para a mulher, senhor? — perguntou gravemente *Mister* Wickfield.

— Para a mulher, sim senhor — respondeu *Mister* Jack Maldon rindo.

Mas percebendo que *Mister* Wickfield continuava o seu jantar, com o mesmo ar grave e impassível e que não havia esperança de lhe fazer distender um músculo do rosto, acrescentou:

— De resto, disse tudo quanto queria dizer, peço-lhe de novo perdão da minha indiscrição, vou retirar-me. É escusado dizer que seguirei os seus conselhos e que considerarei este assunto como devendo ser tratado exclusivamente entre mim e o senhor; não farei nenhuma alusão a isto em casa do doutor.

— Já jantou? — perguntou *Mister* Wickfield indicando-lhe a mesa.

— Obrigado — disse *Mister* Maldon — vou jantar a casa da minha prima Annie, adeus.

*Mister* Wickfield, sem se levantar, seguiu-o com os olhos bastante pensativo.

*Mister* Maldon era, segundo eu pensava, um rapaz estouvado, nada feio, de palavra desenvolta e de ar presunçoso e atrevido. Foi essa a primeira vez que o vi e ouvi; não contava vê-lo tão cedo, quando ouvira o doutor falar dele de manhã.

Depois de jantar fomos para a sala e tudo se passou como na véspera. Inês colocou o cálice e a garrafa no mesmo sítio, *Mister* Wickfield instalou-se e bebeu copiosamente. Inês tocou piano, trabalhou, conversou e jogou comigo algumas partidas de dominó. À hora exacta fez o chá, depois quando eu fui buscar os meus livros, relanceou os olhos sobre eles e evidenciou o que sabia, (sabia mais do que dizia) indicando-me a melhor maneira de aprender e compreender. Estou a ver ainda os seus modos modestos, pacientes, regulares; estou a ouvir a sua voz suave ao escrever estas palavras; a influência benéfica que mais tarde veio a exercer sobre mim começa já a fazer-se sentir na minha alma. Amo a Emilita e não posso dizer que amo Inês da mesma maneira, mas sinto que a bondade, a paz e a verdade habitam junto dela e que a suave luz desse vitral que de uma vez vi numa igreja, a ilumina sempre e a mim também, quando me encontro ao pé dela e a todos os objectos que nos rodeiam.

Chegou a hora de ela se ir deitar; acabava de se despedir de nós e eu estendi a mão a *Mister* Wickfield antes de me retirar também. Mas ele reteve-me para me dizer:

— Qual gosta mais, Trotwood, ficar aqui ou ir a qualquer parte?

— Gosto mais de ficar aqui — disse eu vivamente.

— Veja lá...

— Se o senhor me der licença e assim lhe convier...

— Olhe que é uma vida um pouco triste a que aqui passámos, meu rapaz, receio bem — disse ele.

— Não é mais triste para mim do que para Inês, senhor. Não é nada triste.

— Do que para Inês! — repetiu ele, caminhando lentamente para o grande fogão e encostando-se ao pano da chaminé. — Do que para Inês!

Ele tinha bebido nessa noite (talvez fosse ilusão minha) até ficar com os olhos injectados de sangue. Nesse momento não lhos via, pois que ele tinha o olhar fixo no chão e cobria os olhos com a mão; mas tinha reparado nisso momentos antes.

— Eu pergunto a mim mesmo — murmurou ele — se a minha Inês estará cansada de mim. Bem sei que eu não me cansarei dela, mas o caso é diferente... bem diferente.

Era uma reflexão que de si para si fazia, não era a mim que se dirigia; fiquei, pois, imóvel.

— Esta velha casa é um pouco triste e a vida que aqui se passa é bastante monótona, mas é preciso que ela fique junto de mim. É preciso que eu a conserve ao pé de mim. Se o pensamento de que posso morrer e deixar a minha querida filha, ou que esse tesouro pode vir a morrer e deixar-me também, perturba já, como um espectro, os meus momentos mais felizes; se não posso

afogar esse pensamento senão em...

Não pronunciou a palavra, mas adiantou-se lentamente para a mesa em que estava a garrafa e o cálice; com ar distraído fez o gesto de deitar vinho da garrafa vazia, depois pousou-a e pôs-se a passear pelo aposento.

— Se esse pensamento é já tão cruel de suportar, quando aqui a tenho — disse ele — que seria se ela estivesse longe de mim? Não, não. Não posso resolver-me a isso.

Encostou-se ao pano do fogão e ficou tanto tempo mergulhado nas suas meditações que eu não sabia se devia arriscar-me a interrompê-lo retirando-me, ou deixar-me estar tranquilamente no meu lugar até que ele saísse da sua concentração. Enfim, como que acordou e os seus olhos procuraram-me.

— Quer ficar connosco, Trotwood — disse no seu tom habitual e como se respondesse sem intervalo a qualquer coisa que eu acabasse de lhe dizer — muito estimo. Far-nos-á companhia a ambos. É magnífico ficar aqui. Será bom para mim, para a Inês e talvez para si também.

— Para mim com certeza que sim, senhor Wickfield. Estou tão contente por ficar aqui!

— É um excelente rapaz, Trotwood — disse *Mister* Wickfield. — Enquanto lhe convier aqui estar, será sempre bem-vindo.

Deu-me um aperto de mão, depois, batendo-me no ombro, disse-me que quando eu tivesse qualquer coisa a fazer à noite, depois de Inês se retirar, ou quando me quisesse entreter a ler, que podia descer para o seu gabinete, se ele lá estivesse, e, se eu desejasse um pouco de companhia, para passar a noite. Agradeci-lhe a sua bondade e como, decorrido um momento, ele fosse para o gabinete e eu não precisasse de descansar, desci atrás dele com um livro na mão, para aproveitar uma meia hora da permissão que acabava de me dar.

Mas, descobrindo uma luz no pequeno gabinete circular, senti-me logo atraído por Uriah Heep que exercia sobre mim uma espécie de fascinação e entrei. Encontrei-o ocupado a ler um grande livro com uma atenção tão evidente que seguia cada linha com o seu dedo esquelético, deixando ao deslizar por cada página, segundo me pareceu, um rasto gosmoso, como o de um caracol.

— Trabalha hoje até muito tarde, Uriah! — disse-lhe eu.

— É verdade, senhor Copperfield.

Ao sentar-me num mocho defronte dele, para lhe falar mais à minha vontade, notei que ele não sabia sorrir; abria somente a boca e desenhava, ao abri-la, duas rugas profundas nas faces; era tudo.

— Não estou a trabalhar para o patrão, senhor Copperfield — disse Uriah.

— Então que está a fazer? — perguntei.

— Trato de me adiantar na ciência do direito, senhor Copperfield. Estudo

neste momento a Prática, de Tidd. Ah! Que escritor é este Tidd, senhor Copperfield!

O meu mocho era um observatório tão cómodo, que ao vê-lo prosseguir na leitura depois desta exclamação de entusiasmo, notei, enquanto ele seguia as palavras com o dedo, que as suas narinas delgadas e bicudas, sempre em movimento com um poder de contracção e de dilatação surpreendente, serviam de intérpretes ao seu pensamento: piscava o nariz como toda a gente pisca os olhos; os olhos dele não tinham expressão alguma.

— Suponho que o senhor é um grande legista! — disse eu depois de o observar algum tempo silenciosamente.

— Eu, senhor Copperfield! — disse Uriah. — Oh! Não! A minha situação é tão humilde!

Notei que a estranha sensação que tinha experimentado ao contacto da sua mão não devia ser um fruto da minha imaginação, porque ele esfregava as mãos sem cessar, como se quisesse secá-las e aquecê-las e depois enxugava-as com o lenço, às escondidas.

— Bem sei que estou numa situação bem humilde — disse Uriah modestamente — em comparação com os outros. Minha mãe é muito humilde também, vivemos numa casa bastante pobre, senhor Copperfield e temos recebido muitos benefícios. A profissão de meu pai era igualmente muito humilde: era coveiro.

— Que é feito dele? — perguntei.

— É presentemente um corpo glorioso, senhor Copperfield. Mas temos recebido grandes benefícios. Que benefício do céu, por exemplo, estar em casa de *Mister* Wickfield!

Perguntei-lhe se lá estava há muito.

— Vai fazer quatro anos, senhor Copperfield — disse Uriah fechando o livro, depois de ter posto cuidadosamente uma marca no lugar em que ficou. — Entrei para cá um ano depois da morte de meu pai e que grande benefício ainda! Que benefício devo à bondade de *Mister* Wickfield, que me dá licença para eu estudar gratuitamente, o que seria superior aos humildes recursos de minha mãe e aos meus!

— É de supor então que logo que acabe os seus estudos de direito, fique procurador encartado! — disse-lhe eu.

— Com a bênção da Providência, senhor Copperfield — respondeu Uriah.

— Quem sabe se um dia não será sócio de *Mister* Wickfield — repliquei eu para o alegrar — e então será Wickfield & Heep, ou talvez Heep, Sucessor de Wickfield.

— Oh! Não, senhor Copperfield — disse Uriah meneando a cabeça. — Estou

numa situação muito humilde para chegar a isso.

Parecia-se surpreendentemente com a figura esculpida no topo da trave, perto da minha janela, ao vê-lo assim, na sua humildade, lançando-me olhares de través, com a grande boca aberta e as faces enrugadas, à guisa de sorriso.

— *Mister* Wickfield é um excelente homem, senhor Copperfield — disse Uriah —, mas se o conhece há muito tempo, há-de certamente saber muito mais do que aquilo que eu lhe poderia dizer.

Repliquei que estava bem convencido disso, mas que não o conhecia há muito, conquanto ele fosse um amigo de minha tia.

— Ah! Na verdade, senhor Copperfield — disse Uriah —, a sua tia é uma senhora muito amável.

Quando queria exprimir entusiasmo, Uriah contorcia-se da forma mais extravagante: nunca vi nada mais feio; assim, esqueci-me por um momento dos cumprimentos que ele fazia a minha tia, para reparar somente nas sinuosidades de serpente que imprimia a todo o seu corpo, desde os pés até à cabeça.

— Uma senhora muito amável, senhor Copperfield — prosseguiu ele. — Ela tem uma grande admiração por *miss* Inês, pois não tem, senhor Copperfield?

Respondi que sim, ousadamente, sem nada saber. Deus me perdoe!

— Espero que pensará como ela, senhor Copperfield — disse Uriah —, não é verdade?

— Toda a gente deve ser dessa mesma opinião — respondi eu.

— Oh! Agradeço-lhe esse reparo, senhor Copperfield — disse Uriah Heep. — O que o senhor acaba de dizer é tão verdadeiro! Mesmo na humildade da minha situação, sei que é tão verdadeiro! Oh! Obrigado, senhor Copperfield!

E contorceu-se por tal maneira que, na exaltação dos seus sentimentos, foi-se levantando do mocho e começou a fazer os seus preparativos de partida.

— Minha mãe deve esperar-me — disse ele consultando um relógio baço e ordinário que tirou da algibeira —, deve a estas horas começar a inquietar-se, porque por mais humildes que possamos ser, senhor Copperfield, temos muito afecto um pelo outro. Se quiser ir um dia visitar-nos e tomar uma chávena de chá na nossa pobre casa, minha mãe e eu ufanar-nos-emos em o receber.

Respondi que iria com todo o gosto.

— Obrigado, senhor Copperfield — disse Uriah pousando o livro sobre uma estante. — Suponho que se demorará cá em casa por algum tempo ainda, senhor Copperfield?

Disse-lhe que pensava residir em casa de *Mister* Wickfield durante todo o tempo que frequentasse o colégio.

— Ah! Deveras? — exclamou Uriah. — Parece-me que tem muitas probabilidades de acabar por ser sócio de *Mister* Wickfield, senhor Copperfield.

Protestei que não tinha a menor tenção e que ninguém tinha pensado nisso; mas Uriah teimava em responder polidamente a todos os meus protestos: «Oh! Sim! O senhor Copperfield tem muitas probabilidades» e «Sim, certamente, senhor Copperfield, não há nada mais provável!». Enfim, quando terminou os seus preparativos, pediu-me licença para apagar a vela e à minha resposta afirmativa, soprou-lhe imediatamente. Depois de me ter dado um aperto de mão (pareceu-me que acabava de tocar num peixe no meio da escuridão), entreabriu a porta da rua, deslizou para fora e fechou-a, deixando-me à procura do caminho às apalpadelas, o qual consegui achar com grande trabalho, depois de ter esbarrado com o mocho em que me sentara. Foi, sem dúvida, por isso que levei metade da noite a sonhar com ele e que, entre outras coisas, o vi lançar ao mar a casa de *Mister* Peggotty, para se entregar a uma expedição de pirataria, com uma bandeira negra em que se lia esta divisa: «A Prática, por Tidd» e arrastando-nos atrás de si, sob essa insígnia diabólica, à Emilita e a mim, para nos afogar nos mares das Espanhas.

No dia seguinte consegui, no colégio, vencer a minha timidez e no imediato portei-me ainda melhor e desaparecendo o meu acanhamento gradualmente, ao fim de quinze dias estava perfeitamente familiarizado com os meus novos camaradas, sentindo-me muito feliz no meio deles. Eu era um desastrado nos jogos e tinha-me atrasado nos estudos, mas contava com a prática para me aperfeiçoar nos primeiros e com um trabalho assíduo para progredir nos segundos. Por consequência, dediquei-me activamente ao trabalho, quer na aula, quer no recreio e não perdi o meu tempo. A vida que tinha passado na casa Murdstone & Grinby pareceu-me dentro em pouco tão longe de mim, que mal acreditava nela, enquanto que a minha actual existência tão habitual se me tornara que me parecia nunca ter feito outra coisa.

O colégio do doutor Strong era excelente e parecia-se tão pouco com o de *Mister* Creakle como o bem com o mal. Era dirigido com muita ordem e gravidade, seguindo-se um bom sistema: em todas as coisas se apelava para a honra e para a boa fé dos alunos, com a intenção confessa de se contar com essas qualidades da parte deles, enquanto não dessem provas do contrário. Esta confiança produzia os melhores resultados. Sentíamos todos que tínhamos a nossa parte na direcção do estabelecimento e que nos pertencia manter-lhe a reputação e a honra. Assim, éramos todos vivamente dedicados à casa; pela minha parte respondo eu e nunca vi nenhum dos meus camaradas pensar de outra maneira. Estudávamos com muito gosto para honrar o doutor. Jogávamos magníficas partidas nos recreios e gozávamos de uma grande liberdade. Mas lembro-me que com tudo isso tínhamos boa reputação na cidade e que as nossas maneiras e o nosso comportamento raras vezes prejudicavam o renome do

doutor Strong e da sua instituição.

Alguns dos mais velhos de entre nós residiam com o doutor e por eles soube algumas minudências a seu respeito. Ainda não havia um ano que ele tinha casado com a linda senhora que eu vira no seu gabinete; fora da sua parte um casamento de amor; ela não tinha um *penny*, mas em compensação possuía, ao que diziam os meus camaradas, uma infinidade de parentes pobres, sempre prontos a invadir a casa do marido. Atribuíam-se as maneiras abstractas do doutor às investigações constantes a que se entregava acerca das raízes gregas. Na minha inocência, ou, antes, na minha ignorância, eu supunha que isso era no doutor uma espécie de mania botânica, tanto mais que andava sempre a olhar para a terra quando caminhava; só mais tarde é que vim a saber que se tratava de raízes de palavras com que ele tencionava fazer um dicionário.

Adams, que era o primeiro da aula e que tinha disposições para as matemáticas, calculara o tempo que ele gastaria a concluir esse dicionário, segundo o primitivo plano e os resultados já obtidos. Calculava ele que seriam precisos, para terminar a empresa: mil seiscentos e quarenta e nove anos, a partir do último aniversário do doutor, que já tinha feito sessenta e dois anos.

Quanto ao doutor, era o ídolo de todos os alunos e seria preciso que o colégio fosse bem mal dirigido para que sucedesse o contrário, porque era com certeza o melhor dos homens e tinha uma sinceridade tão simples que seria até capaz de sensibilizar o coração de pedra das grandes urnas que se viam pelo muro fora. Quando passeava de cá para lá no pátio, junto à grade, sob os olhares dos corvos e das gralhas, que o fitavam arrebitando a cabeça, com ar de compaixão, como se bem soubessem que estavam muito mais do que ele ao corrente das coisas deste mundo, se um vagabundo, atraído pelo estalido dos seus passos, se lhe aproximava e lhe chamava a atenção com uma narrativa cheia de lamentações, era certo que obtinha da sua caridade com que ficar ao abrigo da fome por dois dias. Sabia-se isso tão bem no colégio, que os prefeitos e os alunos mais velhos saltavam muitas vezes pela janela para enxotarem do pátio os mendigos, antes que o doutor desse deles fé e às vezes até se fazia isso apenas a alguns passos de distância dele, sem que pressentisse absolutamente nada do que se passava. Uma vez saído para fora de casa, sem a protecção dos prefeitos e dos alunos, era como uma ovelha desgarrada, presa do primeiro malfeitor que lhe tiraria a pele. Da melhor vontade desapertaria as polainas para as dar. Para dizer tudo, corria entre os colegiais uma história, que remontava não sei a que época e era baseada sobre não sei que autoridade, mas que ainda creio verdadeira: dizia-se que num dia de Inverno, em que o frio era de enregelar, o doutor tinha positivamente dado as suas polainas a uma mendiga, que excitou um certo escândalo na vizinhança ao apresentar, de porta em porta, uma criancinha embrulhada nesses cueiros

improvisados, com geral surpresa, porque as polainas do doutor eram tão conhecidas como a catedral em toda a redondeza. Acrescentava a lenda que a única pessoa que as não reconheceu foi o próprio doutor, que as descobriu pouco tempo depois penduradas na baiuca de uma adela mal afamada, que recebia toda a espécie de artigos de vestuário em troca de um cálice de genebra e que parou para as examinar com um gesto aprovador, como se lhes notasse algum aperfeiçoamento novo no corte que lhes desse certa vantagem assinalada sobre as que trazia calçadas!

O que encantava era ver as maneiras do doutor para com a jovem esposa. Tinha uma forma tão afectuosa e paternal de lhe testemunhar a sua ternura, que de *per si* só parecia resumir todas as virtudes desse bondoso homem. Via-os muitas vezes a passear no jardim, perto das latadas e outras tinha ocasião de os observar de mais perto no gabinete ou no salão. Parecia-me que ela tinha muito cuidado com ele e que o amava muito; mas o interesse que ela tomava pelo dicionário afigurava-se-me bastante frouxo, conquanto os bolsos e o forro do chapéu do doutor estivessem sempre atulhados de tiras dessa grande obra cujo plano explicava à esposa quando com ela passeava.

Eu via muitas vezes *Mistress* Strong; ela ficara gostando de mim desde o dia em que *Mister* Wickfield me apresentara ao marido e continuou sempre a interessar-se por mim com muita bondade; além disso, gostava muito de Inês e ia muitas vezes vê-la; mas não estava bem quando via *Mister* Wickfield e eu achava que ela tinha sempre a aparência de ter medo dele. Quando lá ia à noite, evitava o aceitar-lhe o braço para regressar a casa e era a mim a quem pedia para a acompanhar. As vezes, quando atravessávamos alegremente juntos o largo da catedral, sem esperarmos por nenhum encontro, víamos aparecer *Mister* Jack Maldon, que ficava muito admirado de nos ver por ali.

A mãe de *Mistress* Strong alegrava-me infinitamente. Chamava-se *Mistress* Markleham, mas nós no colégio costumávamos chamar-lhe o «Velho Tarimbeiro», pela táctica com que ela fazia manobrar o numeroso exército de parentes que comandava em campanha contra o doutor. Era uma mulher baixa, com os olhos muito vivos. Usava sempre, quando em vestuário de gala, uma eterna touca enfeitada com flores artificiais e duas borboletas adejando sobre elas. Dizia-se entre nós que essa touca tinha vindo de França e que não podia vir de outra parte senão dessa engenhosa nação; tudo quanto sei é que tal touca aparecia à noite em toda a parte para onde fosse *Mistress* Markleham; que ela tinha um cabaz chinês em que a levava para as casas aonde tinha de passar a noite, que as borboletas tinham a faculdade de adejar nas asas tremulantes, tão ágeis, tão activas como «a abelha diligente», se não é que só despesas acarretassem ao doutor Strong.

Pude fazer observações à vontade acerca do «Velho Tarimbeiro», seja dito sem lhe faltar ao respeito, uma noite que se tornou memorável por causa de um outro incidente que vou contar. O doutor recebia nessa noite algumas pessoas, por motivo da partida de *Mister* Jack Maldon para as índias, aonde ia entrar como cadete num regimento, creio, visto que *Mister* Wickfield lhe tinha enfim arranjado colocação. Comemorava-se exactamente nesse dia o aniversário do doutor. Tivéramos feriado e havíamos-lhe dado um presente de manhã; Adams discursara em nome de todos os alunos e nós aplaudíramos a ponto de enrouquecermos, o que fizera chorar o bom do doutor. À noite, *Mister* Wickfield, Inês e eu fomos tomar o chá a casa do doutor, como visitas.

*Mister* Jack Maldon já lá estava; *Mistress* Strong, com um vestido branco enfeitado a fitas cor de cereja, tocava piano no momento em que chegámos e ele inclinava-se para ela, a fim de lhe virar os papéis da música. Pareceu-me um pouco mais pálida do que de costume quando se voltou à nossa chegada, mas estava linda, notavelmente linda.

— Esqueci-me de o cumprimentar pelo seu aniversário, doutor — disse a mãe de *Mistress* Strong quando nos sentámos. — De resto, creia que não são simples cumprimentos da minha parte. Permita-me que lhe deseje uns bons anos seguidos de muitos mais.

— Agradecido, minha senhora — disse o doutor.

— De muitos, de muitos mais — continuou o «Velho Tarimbeiro» —, não só para sua felicidade, mas também para a de Annie, de Jack Maldon e da restante companhia. Parece que foi ontem, John, que o senhor era ainda um rapazinho com menos cabeça do que *Mister* Copperfield, quando fazia declarações à Annie atrás das groselheiras, ao fundo do jardim. Parece que foi ontem!

— Minha querida mamã! — disse *Mistress* Strong — no que está a pensar?

— Vamos, Annie, nada de tolices — disse-lhe a mãe. — Se se envergonha agora que é uma velha matrona, quando deixará então de corar?

— Velha! — exclamou *Mister* Jack Maldon. — Annie velha! Ora adeus!

— Sim, Jack — replicou o «Velho Tarimbeiro». — É de facto uma velha matrona. Não quero dizer que seja velha na idade, suponho que não me julgam tão lorpa que pretenda que uma rapariga de vinte anos seja velha, mas sua prima é mulher do doutor e é por isso que merece o título respeitável que lhe dou. E foi muito bom para si, Jack, que sua prima casasse com o doutor, porque tem nele um amigo dedicado e influente, que não terminará por aí as suas bondades, se o senhor o merecer, estou certa disso. Não tenho orgulhos postiços e por isso não hesito em confessar francamente que há na nossa família pessoas que precisam de um amigo; o senhor, por exemplo, estava nesse caso, antes da influência de sua prima lhe ter procurado este amigo prestável.

O doutor, na generosidade do seu coração, fez um sinal com a mão como para dizer que não valia a pena falar nisso e para poupar a *Mister* Jack Maldon um novo apelo ao seu reconhecimento; mas *Mistress* Markleham mudou de cadeira para se ir sentar mais perto do doutor e aí encostou o leque ao braço de seu genro, dizendo-lhe:

— Não; sinceramente, meu caro doutor, peço-lhe que me desculpe se repiso muitas vezes este assunto, que em mim excita sentimentos tão intensos; é uma verdadeira monomania da minha parte, mas o senhor é uma Providência para todos nós. O seu casamento com Annie foi a maior felicidade que podíamos encontrar.

— Ora adeus! Ora adeus! — disse o doutor.

— Não senhor, não senhor; peço-lhe perdão — prosseguiu o «Velho Tarimbeiro» —, estamos sós, com excepção do nosso excelente amigo *Mister* Wickfield e não consentirei que se me tape a boca; reclamarei antes os meus privilégios de sogra para lhe ralhar, se não me quiser ouvir. Sou franca e tenho o coração nas mãos; o que eu disse agora, foi o mesmo que disse quando o senhor me lançou em tamanho espanto... Recorda-se da minha surpresa quando me pediu a mão de Annie? Não que a proposta fosse de si muito extraordinária, não sou tão lorpa que o diga, mas como o senhor lhe tinha conhecido o pobre pai e como, por assim dizer, a viu nascer, nunca me passou pela ideia que viesse a ser marido dela... nem marido de nenhuma, para melhor dizer, ora aqui está!

— Está bem! Está bem! — disse o doutor num tom de bom humor. — Não pensemos mais nisso.

— Mas quero pensar eu — disse o «Velho Tarimbeiro», tapando-lhe a boca com o leque —, e tenho de pensar nisso, quero recordar o que se passou, para que me contradigam se me enganar. O caso é que falei a Annie e contei-lhe o caso. «Minha querida, disse-lhe eu, o doutor Strong veio procurar-me e encarregou-me de lhe apresentar a sua declaração e de pedir a sua mão». Compreendem bem que eu insisti o menos que se pode insistir. «Annie, diga-me a verdade: é livre o seu coração?». «Mamã, disse-me ela a chorar, eu sou tão nova (e isso era verdade), que mal sei se tenho um coração». «Pois então, minha querida, pode estar certa de que o tem livre. Em todo o caso, filha, acrescentei eu, o doutor Strong está muito impaciente para que o façam esperar por uma resposta; não podemos deixá-lo na incerteza». «Mamã, disse Annie sempre a chorar, acredita que ele seja infeliz sem mim? Nesse caso, estimo-o e respeito-o tanto, que creio que casaria com ele». Era, pois, um assunto decidido e foi então somente que eu disse a minha filha: «Annie, o doutor Strong não será somente seu marido, mas representará ainda o seu defunto pai; representará o chefe da família; representará a circunspecção, a posição e posso dizer também a fortuna

da família; numa palavra, será uma Providência para todos nós». Sim, foi as palavras que então empreguei e repito-as hoje. Se tenho algum merecimento, é o da constância.

Sua filha ficara imóvel e silenciosa durante este discurso, tendo os olhos fitos no chão; seu primo, em pé junto dela, tinha também os olhos baixos. Quando sua mãe pareceu ter terminado, Annie disse muito baixo e em voz trémula:

— Mamã, espero que tivesse acabado.

— Não, minha querida amiga — replicou o «Velho Tarimbeiro» — ainda não acabei completamente. Já que me faz essa pergunta, meu amor, respondo-lhe que não acabei. Tenho ainda a queixar-me de um pouco de frieza da sua parte para com sua própria família e como nada se lucra em a gente se queixar a si, é a seu marido que me queixarei de ora em diante. Agora, meu caro doutor, olhe para a tonta da sua mulherzinha.

Quando o doutor se voltou para ela com um sorriso cheio de bondade, *Mistress* Strong baixou ainda a cabeça. Notei que *Mister* Wickfield não a perdia de vista um só momento.

— Quando disse, no outro dia, a esta mazinha — continuou a mãe meneando a cabeça e designando *Mistress* Strong com a ponta do leque — que havia um pequeno caso de família de que ela podia e devia mesmo fazê-lo ciente, respondeu-me que se lhe falasse seria como se lhe pedisse um favor, porque o senhor era tão generoso que bastava pedir-lhe para obter e que por isso não lhe queria falar de nada!

— Minha querida Annie — disse o doutor — fez mal; privou-me de um grande prazer.

— Foi precisamente o que eu lhe disse — exclamou a mãe. — Palavra que para a outra vez, quando eu souber que é essa a razão que a impede de lhe falar e que se recusa a fazê-lo, terei muito gosto em me dirigir pessoalmente a si, meu caro doutor.

— Ficarei contentíssimo — respondeu o doutor — se assim proceder.

— Palavrinha? Pois bem! Então não o pouparei — disse o «Velho Tarimbeiro». — Fica combinado.

Ao que suponho, tendo-se saído bem do que pretendia, bateu docemente na mão do doutor com o leque, que tinha beijado primeiro e depois regressou com ar triunfante à cadeira que ocupava no começo da noite.

Chegaram algumas pessoas, entre as quais dois subprefeitos com Adams; a conversa generalizou-se e recaiu naturalmente sobre *Mister* Jack Maldon, sobre a sua viagem, sobre o país em que ia residir, sobre os seus projectos e sobre as suas esperanças. Partia nessa noite, depois da ceia, na mala-posta, para Gravesend, aonde embarcaria no navio que o devia levar; ia estar ausente,

diziam, muitos anos, a menos que não pudesse obter uma licença, ou que a sua saúde não o obrigasse a regressar mais cedo. Lembro-me que se concluiu por que a índia era um país caluniado e que não havia outra coisa a recear senão algum tigre em vários lugares e um calor um pouco excessivo no sul. Quanto a mim, tinha *Mister* Jack Maldon na conta de um moderno Sindbad; afigurou-se-me o amigo íntimo de todos os rajás do Oriente, sentado sob um dossel e fumando por narguilés dourados, que teriam um quarto de légua de comprido, se os estendessem.

*Mistress* Strong cantava muito agradavelmente: eu sabia-o por a ter ouvido cantar só; mas ou fosse por ter vergonha de cantar perante um auditório, ou porque não estivesse disposta para isso, o certo é que nessa noite não o pôde conseguir. Ensaiou um dueto com seu primo Maldon, mas não pôde emitir a primeira nota e quando quis em seguida passar a um solo, a sua voz, puríssima, a princípio, cessou de repente e foi tal a sua perturbação, que ficou diante do piano, com a cabeça baixa sobre o teclado. O bom do doutor atribuiu o facto a nervoso e propôs, para a aliviar, um jogo de cartas, no que era, creio, tão forte como a tocar trombone. Mas notei que o «Velho Tarimbeiro» o escolheu logo para parceiro e que uma vez sob o seu domínio, a primeira instrução que ele recebeu foi passar-lhe para as mãos todo o dinheiro que tinha na algibeira.

O jogo foi muito divertido, graças sobretudo aos numerosos enganos do doutor, a despeito da vigilância das borboletas, muito irritadas com o seu mau êxito. *Mistress* Strong não quis jogar, alegando que não se sentia bem e seu primo Maldon desculpara-se sob pretexto de que tinha de preparar as malas. Estas foram, aparentemente, preparadas num instante, porque reapareceu quase logo na sala, para ir sentar-se no canapé, ao lado da prima. De tempos a tempos somente, *Mistress* Strong erguia-se para deitar uma vista de olhos pelo jogo do doutor e dar-lhe algum conselho. Estava muito pálida ao inclinar-se para ele e parecia-me que lhe tremia o dedo ao indicar as cartas; mas o doutor, satisfeito com as suas atenções, não notava estas pequenas minudências.

A ceia não foi muito alegre: todos pareciam sentir que uma separação desta natureza era qualquer coisa de apoquentador e o constrangimento aumentava à medida que se ia aproximando a hora da partida. *Mister* Jack Maldon fazia todos os esforços para sustentar a conversação, mas não se encontrava à vontade e deitava tudo a perder. O «Velho Tarimbeiro» aumentava ainda o mal-estar geral, segundo me parecia, recordando sem cessar episódios retrospectivos da mocidade de *Mister* Jack Maldon.

O doutor, convencido todavia, estou certo disso, de que tinha tornado, nessa última reunião, toda a gente muito feliz, estava radiante e não tinha a mais leve ideia de que não estivéssemos todos alegres a valer.

— Minha querida Annie — disse ele consultando o relógio e enchendo o seu copo — chegou a hora da partida de seu primo Jack e não devemos retê-lo, porque o tempo e a maré não esperam por ninguém. *Mister* Jack Maldon, o senhor tem diante de si uma longa viagem e vai para um país estranho; mas não é o primeiro nem será o último no decorrer dos tempos. Os ventos que vai arrostar conduziram milhares de homens à fortuna, como fizeram felizmente regressar milhares deles à pátria.

— É uma coisa bem emocionante — disse *Mistress* Markleham — por qualquer lado que se encare a questão, ver um mancebo que se conheceu desde a infância partir assim para o outro cabo do mundo, deixando atrás de si todos os seus amigos, sem saber o que lá vai encontrar; um mancebo que faz tal sacrifício merece apoio e protecção constante — continuou ela fixando o doutor Strong.

— O tempo passará depressa para si, senhor Jack Maldon — disse o doutor —; passará depressa para todos nós. Há entre nós quem mal poderá esperar razoavelmente, no curso natural das coisas, estar vivo para o felicitar no seu regresso, mas não é proibido esperá-lo e isso farei eu. Não o fatigarei com longos conselhos. Durante muito tempo teve diante de si um excelente modelo na pessoa de sua prima Annie. Imite as suas virtudes, tanto quanto lhe for possível.

*Mistress* Markleham abanava-se com o leque meneando a cabeça.

— Adeus, senhor Jack — disse o doutor levantando-se e com ele todos se levantaram —; desejo-lhe uma boa viagem, êxito na sua carreira e um feliz regresso ao nosso país!

Todos beberam à saúde de *Mister* Jack Maldon; trocaram-se apertos de mão, depois Jack despediu-se à pressa de todas as senhoras e saiu precipitadamente. Ao subir para o carro teve uma salva de saudações, homenagem prestada pelos meus condiscípulos, que para isso se haviam reunido no jardim. Corri a juntar-me a eles, para aumentar o número e vi perfeitamente, no meio da poeira e do ruído, *Mister* Jack Maldon encostado no carro e tendo na mão uma fita cor de cereja.

Depois dos hurras soltados pelo doutor e pela esposa, os alunos dispersaram e eu regressei a casa, aonde encontrei toda a gente reunida em torno dele. Discutia-se a partida de *Mister* Maldon, a sua coragem, as suas emoções e tudo o mais que se seguiu. No meio de todas estas observações, *Mistress* Markleham exclamou:

— Aonde é que está a Annie?

Annie não se encontrava na sala, nem respondeu quando por ela chamaram. Mas, quando saímos de tropel para a procurarmos, encontrámo-la estendida no pavimento do vestíbulo. À primeira vista foi grande o alarme, mas reconheceu-

se logo que estava desmaiada e começou a voltar a si, graças aos meios que de ordinário se empregam em tais casos. Então o doutor, que tinha levantado a cabeça de sua mulher para a encostar aos joelhos, apartou com a mão os anéis dos cabelos que lhe cobriam o rosto e disse, olhando para nós:

— Pobre Annie! É tão afectuosa e tão constante! O motivo disto é ver-se separada do seu amigo de infância, do seu antigo camarada, do primo que ela mais amava. Ah! É pena! Sinto-me deveras incomodado.

Quando ela abriu os olhos e que se viu assim e nós todos rodeando-a, levantou-se amparada por nós, voltando a cabeça para a encostar no ombro do doutor ou para se esconder, não sei bem. Todos nós tínhamos entrado para a sala, a fim de a deixarmos a sós com o doutor e sua mãe, mas ela disse que se sentia melhor do que antes e que estimaria ir para o meio de nós; levaram-na então para a sala, sentando-se ela no canapé, bastante pálida e ainda bastante fraca.

— Minha querida Annie — disse sua mãe compondo-lhe o vestido —, olhe que perdeu um dos seus laços. Algum dos senhores faz favor de o procurar? É de fita cor de cereja.

Era o que ela tinha no peito do vestido. Procuraram-no por toda a parte; eu também o procurei, mas ninguém o encontrou.

— Lembra-se se o perdeu há muito, Annie? — disse sua mãe.

Perguntei de mim para mim como é que essa mulher, que eu acabava de ver tão pálida, ficara de repente tão vermelha como fogo, respondendo que o tinha ainda há um instante, mas que não valia a pena procurá-lo.

Tornou-se outra vez a procurá-lo, mas foi baldadamente. Ela pediu que não pensassem mais nisso e as investigações afrouxaram. Depois, enfim, quando ela se encontrou completamente bem, todos se despediram. Ao regressarmos a casa vínhamos muito devagar, *Mister* Wickfield, Inês e eu. Inês e eu admirávamos o luar, mas *Mister* Wickfield mal levantava os olhos. Quando, enfim, chegámos à porta de casa. Inês deu fé que se tinha esquecido da sua saca de trabalho. Encantado por poder prestar-lhe um serviço, voltei atrás buscar-lha.

Entrei na sala de jantar aonde Inês a deixara: estava tudo escuro e não vi ninguém, mas a porta que deitava para o gabinete do doutor estava aberta; vi luz e entrei para dizer o que vinha procurar e pedir uma vela.

O doutor estava sentado ao pé do fogão, na sua grande poltrona; a sua jovem mulher estava-lhe sentada aos pés num tamborete. Lia-lhe ele alto, com um sorriso de complacência, uma explicação manuscrita da teoria do famoso dicionário e ela tinha os olhos fitos nele. Mas nunca vi, num rosto, uma tal expressão, tão lindas feições pálidas como a morte, um olhar tão apagado e fixo; o ar alucinado de uma sonâmbula; um pavor de pesadelo; um horror profundo, não sei de quê. Tinha os olhos esgazeados e os lindos cabelos castanhos caíam

anelados pelo seu vestido branco, viúvo do laço cor de cereja. Lembro-me perfeitamente tal qual ela estava. Perguntava de mim para mim o que ela queria dizer. Ainda hoje mesmo o pergunto, evocando esse quadro perante o meu juízo amadurecido pela experiência da vida. Arrependimento, humilhação, vergonha, orgulho, afecto e confiança? Havia de tudo isso e a tudo isso vinha misturar-se esse horror de não sei quê.

A minha entrada e a minha pergunta fizeram-na sair da sua divagação e mudaram também a corrente de ideias do doutor, porque, quando eu voltei a restituir o castiçal que tirara de cima de uma mesa, ele acariciava os cabelos de sua mulher com ar paternal.

— Eu não passo — dizia-lhe ele — de um velho egoísta por assim me deixar arrastar pela sua paciência, a ponto de lhe fazer tais leituras, em vez de a mandar deitar, o que bem mais valeria.

Ela, porém, pediu-lhe instantemente, conquanto numa voz pouco firme, que a deixasse ficar e sentir que tinha toda a sua confiança nessa noite; ela balbuciou estas últimas palavras e quando se voltou de novo para ele, depois de me ter lançado um olhar, no momento em que eu saía, vi-a cruzar as mãos no joelho do doutor e fitá-lo com o mesmo rosto que antes, conquanto com um pouco mais de tranquilidade, de passo que ele prosseguia na leitura.

Este incidente causou-me então grande impressão e lembrou-me muito tempo depois, como terei ocasião de relatar na devida oportunidade.

## Capítulo XVII — A quem a boa sorte favorece

Não pensei mais em falar de Peggotty depois da minha fuga, mas naturalmente tinha-lhe escrito desde que me instalara em Douvres e uma segunda carta, mais comprida que a primeira, tinha-a posto ao facto de todos os pormenores das minhas aventuras, quando minha tia me tomou formalmente sob a sua protecção. Uma vez instalado em casa do doutor Strong, escrevi-lhe de novo para lhe notificar a minha boa situação e as minhas alegres esperanças. Gastando o dinheiro que *Mister* Dick me dera, não podia eu sentir metade da satisfação que senti ao enviar, dentro dessa última carta, uma peça de ouro de oito xelins a Peggotty, a fim de a reembolsar da quantia que lhe pedi emprestada e só nessa epístola é que lhe falei do carroceiro ladrão que me roubou a mala e o meio guinéu; até então tinha evitado falar-lhe disso.

Peggotty respondeu a todas essas comunicações com prontidão, se não com a concisão de um caixeiro de escrituração de uma casa comercial; esgotou todos os seus talentos de redacção para exprimir o que sentia a propósito da minha viagem. Quatro páginas de frases incoerentes semeadas de interjeições, sem outra pontuação senão manchas no papel, não bastavam para aliviar a sua indignação. Mas as manchas diziam-me mais do que a mais bela composição, porque me provavam que Peggotty estivera sempre a chorar enquanto me escrevia; e que podia eu desejar mais?

Vi claramente que ela ainda não tinha concebido muito gosto por minha tia e não me admira. «Ninguém jamais se podia lisonjear de conhecer bem uma pessoa, dizia ela, mas achar *miss* Betsy tão diferente do que sempre lhe parecera até então, era uma lição contra os juízos precipitados». Tal era a sua expressão. Ela tinha evidentemente ainda um pouco de medo de *miss* Betsy e só com uma certa timidez é que me pedia para lhe apresentar os seus respeitos; também parecia inquietar-se um pouco a meu respeito e supunha sem dúvida que eu não tardaria a fugir de casa, a julgar pelos seus repetidos protestos de que era só pedir-lhe o dinheiro necessário para ir a Yarmouth, que logo o receberia.

Informou-me de um acontecimento que me causou uma grande impressão: tinha-se vendido a mobília da nossa antiga habitação. *Mister* e *miss* Murdstone tinham abandonado a terra; a casa fechara-se e estava ou para vender ou para alugar. Deus sabe como era pequeno o lugar que eu tinha em casa de minha mãe depois que eles lá tinham entrado, todavia eu pensava com pena que essa casa, que me fora cara, estava abandonada, que as ervas ruins cresciam no jardim e que havia folhas secas por toda a parte. Afigurava-se-me ouvir o vento de

Inverno assobiar em volta de tudo e a chuva gelada bater de encontro às janelas, enquanto a lua povoava de fantasmas os quartos desabitados e só ela velava durante a noite nessa solidão. Pus-me a pensar no túmulo debaixo da árvore do cemitério e parecia-me que a casa também estava morta e que tudo quanto se ligava com meu pai e com minha mãe igualmente desaparecera.

As cartas de Peggotty não continham outras novidades. «*Mister* Barkis era um excelente marido, dizia, conquanto fosse sempre um pouco agarrado; mas cada qual tem os seus defeitos e ela não deixava de os ter pelo seu lado (eu nunca pudera descobri-los), ele mandava-me recomendações e recordava-me que o meu pequeno quarto lá estava à minha espera. *Mister* Peggotty passava bem, Ham também, *Mistress* Gummidge ia assim-assim e a Emilita não tinha querido mandar-me recomendações, mas tinha dito que Peggotty podia encarregar-se disso, se quisesse».

Comuniquei todas estas novidades a minha tia como sobrinho submisso, guardando somente para mim o que dizia respeito à Emilita, por um sentimento instintivo de que a tia Betsy não gostaria muito dela. No começo da minha estada em Canterbury, ela foi lá muitas vezes com o pretexto de ver-me e sempre a horas em que eu não podia esperá-la, com o fim, suponho, de me encontrar em falta. Mas como pelo contrário me encontrava sempre ocupado e sabia por informações certas que eu tinha boa reputação e que ia muito adiantado nos meus estudos, não tardou a renunciar a essas imprevistas visitas. Eu via-a todos os meses quando ia a Douvres, ao sábado, para lá passar o domingo e todos os quinze dias *Mister* Dick chegava na quarta-feira ao meio-dia, pela diligência, para só regressar no dia seguinte de manhã.

Nessas ocasiões, *Mister* Dick nunca viajava sem um estojo que continha provisão de papelaria e a famosa memória, porque se lhe tinha metido em cabeça que o tempo urgia e que, decididamente, era preciso terminar esse documento.

*Mister* Dick era grande amador de pão de espécies. Para lhe tornar as suas visitas mais agradáveis, minha tia tinha-me encarregado de lhe abrir um crédito num pasteleiro, com ordem de nunca lhe fornecer por dia mais de dez *pence.* Esta regra estrita e o pagamento que se reservava fazer ela própria das contas do hotel em que ele dormia, levavam-me a crer que ela lhe dava licença para fazer tilintar o dinheiro no bolso do colete, mas não para o gastar. Descobri mais tarde que era esse o caso, efectivamente, ou que pelo menos se combinara entre minha tia e ele, que ele lhe prestaria contas de todas as suas despesas. Como não tinha ideia de a enganar, mas sim o maior desejo de lhe ser agradável, fazia-as com a maior moderação. Nesse ponto como noutro qualquer, *Mister* Dick estava convencido de que minha tia era a mais sábia e a mais admirável mulher do mundo, como muitas vezes mo confiou sob sigilo de segredo e ao ouvido.

— Trotwood — disse-me Dick com ar misterioso depois de me ter feito essa confidência uma quarta-feira — quem é aquele homem que se esconde perto da nossa casa para lhe causar medo?

— Para causar medo à minha tia, senhor Dick?

*Mister* Dick fez um sinal de assentimento.

— Eu imaginava que nada no mundo a podia amedrontar — disse ele — porque ela é... (neste ponto baixou a voz) é... não vale repeti-lo... a mais sábia e a mais admirável de todas as mulheres.

Depois de dar um passo atrás para ver o efeito que em mim produzia esta definição de minha tia:

— A primeira vez que ele apareceu — disse *Mister* Dick — era... veja lá: mil seiscentos e quarenta e nove, a data da execução do rei Carlos. Creio que o senhor disse bem mil seiscentos e quarenta e nove, não disse?

— Sim, senhor.

— Eu não compreendo nada — disse *Mister* Dick perturbadíssimo e meneando a cabeça — não creio que eu possa ser assim tão velho.

— Então foi nesse ano que o tal homem apareceu, senhor Dick? — perguntei.

— Em verdade — disse *Mister* Dick — não vejo bem como isso pode ser, Trotwood. O senhor encontrou essa data na história?

— Sim, senhor.

— E a história não mente nunca? Que me diz? — arriscou-se a dizer *Mister* Dick num clarão de esperança.

— Oh! Céus! Não senhor, certamente que não — respondi eu no tom mais positivo. — Eu ainda era novo e inocente e já o acreditava.

— Não compreendo nada — prosseguiu *Mister* Dick meneando a cabeça. — Há qualquer coisa de oblíquo não sei aonde. Em todo o caso, pouco tempo depois que houve a inépcia de me instalarem na cabeça um pouco da perturbação existente na do rei Carlos, foi que esse homem apareceu pela primeira vez. Passeava eu com *miss* Trotwood depois do chá; era já de noite quando eu o vi ao pé de nossa casa.

— Andaria a passear? — perguntei eu.

— Se andaria a passear? — repetiu *Mister* Dick. — Vamos a ver se me lembro. N... ão, não; não andava a passear.

Perguntei, para mais depressa chegar ao fim, o que é que ele fazia.

— Mas ninguém o viu — disse *Mister* Dick — até ao momento em que se aproximou dela pelo lado de trás e lhe disse qualquer coisa ao ouvido. Então ela voltou-se e depois sentiu-se mal; eu parei para o ver e ele retirou-se; mas o que há de mais extraordinário é que é preciso que ele se tivesse escondido... pela terra dentro ou não sei por onde!

— E esteve escondido desde então? — perguntei.

— Com certeza — replicou *Mister* Dick meneando gravemente a cabeça. — Nunca mais reapareceu até ontem à noite. Andávamos a passear, quando ele se aproximou de novo, por trás dela; reconheci-o bem.

— E minha tia, teve ainda medo dele?

— Começou a tremer — disse *Mister* Dick imitando-lhe o movimento e fazendo bater os dentes. — Encostou-se à paliçada e chorou. Mas venha cá, Trotwood.

Fez-me aproximar muito perto de si para me dizer baixinho:

— Porque é que ela lhe deu dinheiro à luz do luar, meu rapaz?

— Era talvez algum mendigo...

*Mister* Dick meneou a cabeça para repelir absolutamente essa suposição e, depois de ter repetido diversas vezes no tom mais positivo: «Não era um mendigo, não era um mendigo», acabou por me contar que vira mais tarde, da janela, quando já a noite ia alta, minha tia dar dinheiro à luz do luar, a esse tal homem que estava fora da grade do jardim e que ele então se afastara; que talvez se sumisse pela terra dentro, era muito provável, mas o que havia de seguro, é que nunca mais foi visto; quanto a minha tia, regressou muito depressa a casa, pé ante pé; e no dia seguinte, de manhã, não tinha a cara do costume, o que perturbava muito o espírito de *Mister* Dick.

Quando *Mister* Dick me principiou a contar isto eu não tinha a menor ideia que fosse outra coisa senão uma fantasia da sua imaginação, exactamente como esse desgraçado príncipe que lhe causava tantos desgostos; mas, após algumas reflexões, cheguei a perguntar a mim mesmo se, porventura, não se fizera a tentativa ou a ameaça de raptar o pobre *Mister* Dick à protecção de minha tia e se, fiel a essa afeição por ele que ela própria me contara, não seria obrigada a comprar por dinheiro, a paz e o repouso do seu protegido. Como eu já tinha um grande fundo de afecto por *Mister* Dick e consagrava muito interesse à sua felicidade, o receio que eu próprio tinha de o perder fez-me acolher de mais boa vontade essa suposição e durante muito tempo, a quarta-feira em que ele devia vir, encontrava-me inquieto, por saber se ele viria na imperial, como de ordinário. Mas eram infundados alarmes, porque descobria sempre de longe os seus cabelos grisalhos, o seu rosto radioso, o seu sorriso alegre e nunca mais me informou de nada acerca do homem que possuía a faculdade rara de causar medo a minha tia.

As quartas-feiras eram os dias mais felizes da vida de *Mister* Dick e não eram os menos felizes para mim. Ele não tardou a travar conhecimento com todos os meus camaradas e conquanto nunca tomasse parte activa em outro qualquer passatempo que não fosse o do papagaio, consagrava tanto interesse como nós a

todos os nossos divertimentos. Quantas vezes eu o vi tão absorvido com uma partida de jogo da bola, ou de jogo de pião, não cessando de examinar tudo com o mais profundo interesse, sem poder mesmo respirar nos momentos críticos! Quantas vezes o vi, sobre uma pequena eminência, vigiar de lá todo o campo de acção aonde estávamos a jogar e agitar o chapéu, completamente esquecido da cabeça do rei Carlos, o mártir e de toda a sua malfadada história! Quantas horas o vi passar, como se fossem bem-aventurados minutos, a ver, de Verão, uma grande partida de barras! Quantas vezes o vi, de Inverno, com o nariz vermelho da neve e do vento leste, ao pé de um lago, a vernos patinar, enquanto no seu entusiasmo dava palmas com as mãos agasalhadas em luvas de lã!

Todos gostávamos dele e era incomparável a sua habilidade para pequenas coisas. Sabia cortar laranjas de cem maneiras diferentes; fazia barcos dos materiais mais estranhos; sabia fazer peões para o xadrez dum osso de costeleta, carros antigos de velhas cartas de jogar, com rodas de carrinhos de algodão e gaiolas para pássaros de velhos bocados de arame; mas no que mais se distinguia era quando exercia o seu talento com bocados de palha ou de fio; estávamos todos convencidos de que não lhe faltaria muito para executar todas as obras que pode produzir a mão do homem.

A fama de *Mister* Dick chegara até mais longe. Ao fim de algumas visitas, o próprio doutor Strong fez-me algumas perguntas a seu respeito e eu disse-lhe tudo quanto minha tia me tinha contado. O doutor tomou tal interesse por essas minudências que me pediu para lho apresentar na primeira visita. Efectuada essa cerimónia, o doutor pediu a *Mister* Dick que fosse para os seus aposentos todas as vezes que não me encontrasse no escritório da diligência e que ali descansasse enquanto esperava que acabasse a aula. De sorte que *Mister* Dick habituou-se a ir direito ao colégio e quando ainda estávamos na aula, o que muitas vezes sucedia às quartas-feiras, esperava-me passeando no pátio. Foi lá que ganhou conhecimento com a jovem esposa do doutor, mais pálida, menos alegre e mais retirada que dantes, mas que nada tinha perdido da sua beleza; e foi-se familiarizando pouco a pouco, a ponto de entrar para a aula e esperar até que acabassem as lições. Sentava-se sempre no mesmo sítio, num banco certo a que já chamavam Dick como ele e ali se deixava estar, inclinando para a frente a sua cabeça grisalha e ouvindo atentamente as lições com uma profunda admiração por essa instrução que nunca pudera adquirir.

*Mister* Dick repartia uma parte dessa veneração pelo doutor que ele considerava como o filósofo mais profundo e o mais subtil de toda a série das idades. Decorreu muito tempo antes que ele pudesse decidir-se a falar-lhe de outra maneira que não fosse de cabeça descoberta e mesmo quando o doutor contraiu para com ele uma verdadeira amizade e que os seus passeios duraram

horas inteiras, de cá para lá no pátio, de um certo lado que nós chamávamos, o passeio do doutor, *Mister* Dick tirava de tempos a tempos o chapéu para testemunhar o seu respeito por tanta sabedoria e ciência. Não sei porque acaso durante esses passeios o doutor começou a ler-lhe alto fragmentos do famoso dicionário; talvez pensasse logo que o mesmo valeria lê-los sozinho. Em todo o caso, este hábito fazia a felicidade de *Mister* Dick que escutava com um rosto radiante de orgulho e de prazer e que ficou convencido no fundo do seu coração de que o dicionário era efectivamente o livro mais encantador do mundo.

Quando penso nesses passeios diante das janelas da sala da aula; no doutor a ler com um sorriso de complacência e acompanhando a sua leitura com um grave movimento de cabeça ou com um gesto explicativo; quando penso em *Mister* Dick escutando com o mais profundo interesse enquanto a sua pobre cabeça errava sabe Deus por onde, nas asas das grandes palavras do dicionário, essa recordação representa para mim um dos mais pacíficos e mais doces espectáculos que jamais tenho contemplado. Parece-me que se eles pudessem passear eternamente assim, o mundo não teria sido mais mau e que milhares de coisas com as quais se faz muito ruído não valem os passeios de *Mister* Dick e do doutor, tanto para mim como para os outros.

Inês não tardou a tornar-se uma das amigas de *Mister* Dick e como ele ia muitas vezes a casa dela, também travou conhecimento com Uriah. A amizade que existia entre mim e o amigo de minha tia, ia crescendo sempre, mas as relações entre nós ambos eram extraordinárias: *Mister* Dick, que era nominalmente meu tutor e que vinha ver-me nessa qualidade, consultava-me sempre acerca de questiúnculas com que se via atrapalhado e guiava-se infalivelmente pelo meu conselho, aumentando muito o seu respeito pela minha sagacidade natural, convencido como estava de que eu me parecia muito com minha tia.

Uma quinta-feira de manhã, no momento em que eu ia acompanhar *Mister* Dick do hotel ao escritório da diligência, antes de regressar ao colégio, porque tínhamos uma hora de aula antes do almoço, encontrei na rua Uriah, que me lembrou a promessa que lhe tinha feito de ir um dia tomar chá com ele a casa de sua mãe acrescentando com um gesto de modéstia:

— Conquanto, para falar verdade, eu nunca esperasse que cumprisse a sua palavra, senhor Copperfield. Nós estamos numa situação tão humilde!

Eu não tinha ainda pensado no caso de saber se Uriah me agradava ou se me repugnava e hesitava ainda quando com ele estava na rua; mas tomava com afronta a ideia de que pudessem acusar-me de orgulhoso e disse-lhe que só tinha correspondido a um convite.

— Oh! Se é só por isso, senhor Copperfield — disse Uriah — e se não é

realmente a nossa situação que detém, quer ir a minha casa esta tarde? Mas se é por causa da nossa humilde situação, espero que não se incomodará a dizer-mo, senhor Copperfield, nós não temos ilusões acerca da nossa condição.

Respondi que havia de falar a *Mister* Wickfield e no caso dele não achar inconveniente, como esperava, iria com todo o gosto. Assim, pois, nessa tarde, às seis horas, como o escritório devia fechar cedo, anuncie a Uriah que estava pronto.

— Minha mãe vai orgulhar-se — disse ele, enquanto caminhávamos juntos. — Isto é, orgulhar-se-ia se não fosse um pecado, senhor Copperfield.

— Todavia, o senhor não hesitou em me julgar capaz de tal pecado, hoje de manhã! — objectei eu.

— Oh! Não, senhor Copperfield! — replicou Uriah. — Oh! Não, esteja certo! Nunca na minha cabeça entrou tal pensamento! Eu nunca o acusaria de orgulhoso por ter pensado que estávamos numa situação bastante humilde para o senhor, porque realmente a nossa posição é tão baixa!

— Tem estudado muito direito ultimamente? — perguntei, para mudar de assunto.

— Oh! Senhor Copperfield — disse ele com um ar de modéstia — as minhas leituras mal podem chamar-se estudos. Passo algumas vezes uma hora ou duas por noite com *Mister* Tidd.

— É um pouco fatigante, suponho — disse-lhe eu.

— Algumas vezes é um pouco fatigante para mim — respondeu Uriah. — Mas não sei se sucederia o mesmo com uma pessoa que tivesse melhores meios do que eu.

Depois de ter executado com a mão direita uma pequena ária no queixo com os seus dois dedos de esqueleto, acrescentou:

— Há expressões, sabe, senhor Copperfield, palavras e termos latinos que se encontram em *Mister* Tidd e que são muito embaraçosas para um leitor de uma instrução tão modesta como a minha.

— Gostaria de aprender latim? — disse-lhe vivamente. — Eu poderia dar-lhe lições à medida que o vou estudando.

— Oh! Obrigado, senhor Copperfield — respondeu ele meneando a cabeça. — É na realidade muito bom em me fazer esse oferecimento, mas eu sou muito humilde para o aceitar.

— Que loucura, Uriah!

— Oh! Perdoe-me, senhor Copperfield. Agradeço-lhe infinitamente e teria nisso muito gosto, asseguro-lhe, mas sou muito humilde para isso. Já há muita gente disposta a atormentar-me com a minha situação inferior, para que eu vá melindrá-la ainda mais tornando-me um sábio. A instrução não se fez para mim.

Na minha posição, mais vale não aspirar a subir muito alto. Para avançar na vida, é preciso que eu caminhe humildemente, senhor Copperfield.

Nunca tinha visto a boca dele tão aberta, nem as rugas da sua face tão cavadas, como no momento em que ele me enunciava este princípio, meneando a cabeça e contorcendo-se modestamente.

— Creio que faz mal, Uriah. Estou certo de que há coisas que eu poderia ensinar-lhe, se tivesse vontade de as aprender.

— Oh! Não duvido nada, senhor Copperfield — respondeu ele. — Mas como o senhor não se vê em humilde situação, não pode talvez julgar dos que nela se vêem. Não tenho desejo de insultar com a minha instrução os que estão colocados mais alto do que eu; sou muito humilde para isso... Mas eis-nos chegados à minha humilde casa, senhor Copperfield!

Entrámos logo num aposento ao rés-do-chão, ornamentado à moda antiga e aí encontrámos *Mistress* Heep, o verdadeiro retrato de Uriah, mas um pouco mais baixa. Recebeu-me com a maior humildade e pediu-me perdão por ter beijado o filho.

— Mas veja, senhor — disse ela — por mais pobres que sejamos, temos um pelo outro um afecto natural que não faz mal a ninguém, espero.

O aposento não era perfeitamente uma sala, nem perfeitamente uma cozinha, mas tinha uma aparência decente, sentindo-se unicamente que faltava ali qualquer coisa que o tornasse agradável. Havia uma cómoda com uma escrivaninha em cima, aonde Uriah lia ou escrevia à noite. Lá estava a saca azul de Uriah toda cheia de papelada. Vi uma série de livros, que lhe pertenciam, à frente dos quais reconheci o de que era autor *Mister* Tidd. Havia uma mesa de jantar a um canto, com os móveis indispensáveis. Não me lembro que estes objectos, vistos um por um, tivessem aspecto miserável nem que dessem a nota de penúria e de economia, mas recordo-me de que, no conjunto, o aposento deixava essa impressão.

O luto perpétuo que assinalava a viuvez de *Mistress* Heep, fazia, sem dúvida, parte da sua humildade. Apesar do tempo que decorrera desde a morte de *Mister* Heep, trajava sempre de preto. Creio bem que havia alguma modificação na touca, mas, quanto ao resto, o luto era tão rigoroso como no primeiro dia em que enviuvara.

— É um dia memorável para nós, meu caro Uriah — disse *Mistress* Heep fazendo o chá — este em que *Mister* Copperfield nos faz a sua visita. Se eu pudesse, Uriah, fazer com que seu pai permanecesse mais tempo neste mundo, fá-lo-ia só para que ele pudesse receber hoje connosco *Mister* Copperfield.

— Eu estava certo de que minha mãe não deixaria de falar nisso — objectou o filho.

Constrangiam-me um pouco estes cumprimentos, mas no fundo lisonjeava-me ver que me tratassem como a hóspede respeitado e achei *Mistress* Heep amabilíssima.

— O meu Uriah há muito que esperava por esta honra, senhor — disse *Mistress* Heep. — Ele receava que a nossa humilde situação, fosse um obstáculo a isso e eu receava-o igualmente, porque estamos, estivemos e estaremos sempre numa situação muito humilde.

— Não vejo razão para tal, minha senhora, a menos que não seja isso do seu agrado.

— Obrigado, senhor — replicou *Mistress* Heep. — Conhecemos a nossa posição e mais reconhecidos lhe ficámos por isso.

Daí a pouco vi *Mistress* Heep aproximar-se timidamente de mim, enquanto Uriah se sentava na minha frente e começaram a oferecer-me, com grande respeito, os bocados mais especiais que se encontravam sobre a mesa; deve dizer-se que não havia nada de mais especial, mas tomei a intenção pelo facto e senti-me emocionado com as suas atenções. Caindo a conversação sobre as tias, falei-lhes naturalmente da minha; depois chegou a vez dos papás e das mamãs e falei de meus pães; em seguida *Mistress* Heep pôs-se a contar histórias de padrastos e eu comecei a falar do meu, mas não continuei, porque minha tia tinha-me aconselhado a que guardasse silêncio sobre tal assunto. Em resumo: uma pobre rolhinha de tenra idade não teria mais probabilidades de resistir a dois saca-rolhas, ou um pobre dentinho de leite, de lutar contra dois dentistas, ou um pequeno volante contra duas raquetas, do que eu tinha de escapar aos assaltos combinados de Uriah e de *Mistress* Heep. Faziam de mim o que queriam, obrigavam-me a dizer coisas em que eu não tinha a menor tenção de falar e coro de dizer que eles acertavam com tanta mais certeza, quanto é verdade que, na minha ingenuidade infantil, eu achava-me honrado com essas conversas confidenciais e considerava-me como o patrono dos meus dois respeitosos hospedeiros.

Amavam-se muito, era um facto seguro e averiguado e havia nisso uma feição natural que não deixava de operar sobre mim; mas a natureza era bem coadjuvada pela arte. Era de ver a habilidade com que o filho ou a mãe reatava o fio do assunto que o outro lançava em discussão e como conseguiam o que queriam da minha inocência. Quando viram que nada mais havia que tirar de mim a meu respeito (porque não dei pio acerca da minha vida na casa Murdstone & Grinby e acerca da minha viagem), dirigiram a conversação sobre *Mister* Wickfield e Inês. Uriah atirava a bola a *Mistress* Heep; *Mistress* Heep apanhava-a e tornava-a a atirar a Uriah; Uriah conservava-a por um momento e reenviava-a a *Mistress* Heep e este manejo perturbou-me dentro em pouco tão

completamente que eu já não sabia de que freguesia era. Por outro lado, a bola mudava de rumo. Ora se tratava de *Mister* Wickfield, ora de Inês.

Fazia-se alusão às virtudes de *Mister* Wickfield, depois à minha admiração por Inês. Falava-se um momento da extensão dos negócios ou da fortuna de *Mister* Wickfield, e, passado um instante, do que fazíamos depois de jantar. Em seguida tratava-se do vinho que bebia *Mister* Wickfield, do motivo que o levava a beber; ah! Que grande pena que era! Enfim, ora de uma coisa, ora de outra, ou de tudo ao mesmo tempo e entrementes, sem a aparência de falar muito nisso, nem de fazer outra coisa que não fosse animá-los às vezes um pouco para evitar que estivessem atormentados pelo sentimento da sua humildade e pela honra da minha companhia, eu percebia a cada instante que deixava escapar alguma minudência que não precisava de confiar-lhes e via o efeito sobre as delgadas narinas de Uriah, que se enrugavam com delícia ao canto do nariz.

Eu começava a sentir-me bastante aborrecido e desejava pôr termo a essa visita, quando uma pessoa que descia a rua passou por junto da porta, que estava aberta para arejar o aposento (fazia calor e o tempo estava pesado para a estação), depois voltou atrás, olhou e entrou, exclamando:

— Copperfield! Será possível!

Era *Mister* Micawber! *Mister* Micawber, com a sua luneta, a sua bengala, o seu colarinho largo, o seu ar elegante e o seu tom de condescendência; nada lhe faltava!

— Meu caro Copperfield — disse *Mister* Micawber, estendendo-me a mão — ora aqui está um encontro talhado para imprimir ao espírito um sentimento profundo da instabilidade e da incerteza das coisas humanas... numa palavra, é um encontro muito extraordinário; andava eu a passear na rua reflectindo na possibilidade da boa sorte me favorecer, porque é um ponto sobre o qual tenho algumas esperanças por agora e eis que justamente me encontro cara a cara com um jovem amigo que tão caro me é e cuja recordação se liga à da época mais importante da minha vida, da que decidiu da minha existência, posso dizer. Copperfield, meu caro amigo, como está?

Não pude dizer, de forma alguma, não pude dizer realmente, em consciência, que ficasse satisfeito por *Mister* Micawber me encontrar em tal lugar; mas, no fim de contas, sempre estimei vê-lo e apertei-lhe a mão cordialmente, perguntando-lhe por *Mistress* Micawber.

— Mas — disse *Mister* Micawber, fazendo um gesto com a mão, como dantes, e metendo o queixo dentro do colarinho — ela está quase restabelecida. Os gémeos já não tiram a sua subsistência das fontes da natureza; numa palavra — disse *Mister* Micawber, num dos seus impulsos de confiança — já não se amamentam e *Mistress* Micawber acompanha-me actualmente nas minhas

viagens. Ela há-de estimar imenso, Copperfield, o reatar relações com um mancebo que se mostrou, sob todos os aspectos, um digno ministro do altar sagrado da amizade.

Eu disse-lhe que, por minha parte, me daria por muito feliz em a ver.

— O senhor é muito bondoso — disse *Mister* Micawber.

E, sorrindo-se, meteu de novo o queixo no colarinho e lançou os olhos em torno de si.

— Já que tornei a encontrar o meu amigo Copperfield — disse ele, sem se dirigir a alguém em particular — não solitário, mas ocupado a tomar parte numa refeição com uma senhora viúva e um mancebo que parece ser o seu pimpolho... em suma, seu filho, (isto foi dito num novo impulso de confiança), considerarei como uma honra ser-lhes apresentado.

Eu não podia proceder de outra maneira, nesta conjuntura, senão apresentar *Mister* Micawber a Uriah Heep e a sua mãe e desempenhei-me desse dever. Em consequência da humildade das suas maneiras, *Mister* Micawber sentou-se e teve um gesto da aparência mais cortês.

— Os amigos do meu amigo Copperfield — disse *Mister* Micawber — meus amigos são.

— Não temos a audácia, senhor — disse *Mistress* Heep — de ousarmos pretender ser amigos de *Mister* Copperfield. Ele foi unicamente muito bondoso em vir tomar o chá connosco e somos-lhe muito gratos pela honra da sua companhia, como também lhe agradecemos, senhor, a atenção que se dignou ter connosco.

— É muito bondosa, minha senhora — disse *Mister* Micawber, cumprimentando-a. — E o que é que faz agora, Copperfield? Ainda se emprega no negócio de vinhos?

Eu estava com muita pressa de levar dali para fora *Mister* Micawber e estou certo de que respondi, já de chapéu na mão e corando muito, que era discípulo do doutor Strong.

— Discípulo! — disse *Mister* Micawber alteando as sobrancelhas. — Estou encantado com o que me diz. Conquanto um espírito como o do meu amigo Copperfield não demande toda a cultura que lhe seria precisa, se não possuísse, como possui, todo o conhecimento dos homens e das coisas — continuou ele, dirigindo-se a Uriah e a *Mistress* Heep — nem por isso deixa de ser um terreno rico para cultivar e de uma fertilidade oculta; numa palavra — disse *Mister* Micawber, sorrindo, num novo acesso de confiança — é uma inteligência capaz de adquirir uma instrução clássica do mais alto grau.

Uriah, esfregando vagarosamente as compridas mãos, teve um movimento de busto para exprimir que partilhava dessa opinião.

— Se quiser, vamos ver *Mistress* Micawber — atalhei eu, na esperança de arrastar *Mister* Micawber.

— Se quiser dar-lhe esse prazer, Copperfield — replicou ele levantando-se. — Não tenho escrúpulo em dizer diante dos nossos amigos aqui presentes que há muitos anos venho lutando com dificuldades pecuniárias (eu tinha a certeza de que ele havia de dizer alguma coisa desse género, pois nunca deixava de se gabar do que ele chamava as suas dificuldades); umas vezes pude triunfar das minhas dificuldades, outras vezes as minhas dificuldades... numa palavra, triunfaram de mim. Momentos houve em que eu lhes resisti de frente e outros em que tive de ceder ao número e em que disse a *Mistress* Micawber na linguagem de Catão: «Platão, tu raciocinas maravilhosamente, está tudo acabado, não lutarei mais»; mas em nenhuma época da minha vida — disse *Mister* Micawber — gozei um maior grau de satisfação do que quando pude desabafar os meus pesares, se assim posso chamar a dificuldades provenientes de penhoras, de letras e de protestos, no coração do meu amigo Copperfield.

Quando *Mister* Micawber acabou de me dar esse glorioso testemunho, acrescentou «Boa tarde, senhor Heep» e saiu comigo com o ar mais elegante, fazendo retinir as pedras debaixo dos tacões das botas e, de passo, trauteando uma ária.

A estalagem em que se hospedava *Mister* Micawber era pequena e o quarto que ocupava também não era grande; separava-se por um tabique da sala comum e cheirava muito a tabaco. Creio que devia ficar por cima da cozinha, porque de tempos a tempos subia pelas frinchas do soalho um fumo de gordura queimada que ressumava pelas paredes mal cheirosas. Devia também ficar próximo do balcão, porque andava no ar um cheiro a misturas de aguardentes e ouvia-se o tinir de copos. Aí, estendida num pequeno canapé, por baixo de uma gravura representando um cavalo de corridas, com a cabeça junto do fogão e os pés contra a mostardeira, que estava em cima de um aparador na outra extremidade do quarto, encontrava-se *Mistress* Micawber, à qual seu marido, que entrou primeiro, se dirigiu assim:

— Minha querida, permita que lhe apresente um discípulo do doutor Strong.

Notei de passagem que, por mais confusão que sempre existisse no espírito de *Mister* Micawber acerca da minha idade e da minha situação, nunca se esquecia de que eu era o discípulo do doutor Strong: era como que uma homenagem indirecta que prestava à distinção da minha posição no mundo.

*Mistress* Micawber ficou admirada, mas encantada por me ver. Eu próprio estava satisfeitíssimo por a tornar a ver, e, depois de uma troca de cumprimentos afectuosos, sentei-me no canapé ao lado dela.

— Minha querida — disse *Mister* Micawber — se quiser contar a Copperfield

a situação actual, que ele estimará muito saber, creio bem, nesse meio tempo irei deitar uma vista de olhos pelo jornal, a ver se encontro qualquer coisa nos anúncios.

— Eu julgava que estivesse em Plymouth, minha senhora! — disse eu a *Mistress* Micawber, quando o marido saiu.

— Estivemos lá, efectivamente, meu caro senhor Copperfield — replicou ela.

— Para tomar posse de algum emprego? — prossegui eu.

— Precisamente — disse *Mistress* Micawber — para tomar posse de um emprego; mas o facto é que na alfândega não se precisa de um homem dotado de grandes faculdades. A influência local da minha família não podia ser-nos muito eficaz para procurar emprego na administração a um homem dotado das faculdades de *Mister* Micawber. Além disso, não lhe ocultarei, meu caro senhor Copperfield — continuou *Mistress* Micawber — que o ramo da minha família estabelecido em Plymouth, ao saber que eu acompanhava *Mister* Micawber com o pequeno Wilkins, sua irmã e os gémeos, não o recebeu com toda a cordialidade que seria de esperar, no momento em que acabava de sair da prisão. O facto é — ultimou *Mistress* Micawber baixando a voz — e isto fica aqui entre nós, que a nossa recepção foi um pouco fria.

— Deveras? — interroguei.

— É verdade! — disse *Mistress* Micawber. — É custoso considerar a humanidade sob este aspecto, senhor Copperfield, mas a recepção que nos fizeram era decididamente um pouco fria. Não há que duvidar. O facto é que o ramo da minha família estabelecido em Plymouth foi completamente incivil com *Mister* Micawber, antes que a nossa estada ali completasse sequer uma semana; eu não lhes ocultei o que pensava; disse-lhes que deviam envergonhar-se da forma como se portaram. Eis, portanto, o que se passou — continuou *Mistress* Micawber. — Em tais circunstâncias, que podia fazer um homem tão altivo como *Mister* Micawber? Havia apenas uma resolução a tomar: pedir emprestado a esse ramo da minha família o dinheiro necessário para regressarmos a Londres, custasse o que custasse.

— Então regressaram todos, minha senhora?

— Regressámos todos — respondeu *Mistress* Micawber. — Desde então, consultei outros ramos da minha família sobre a resolução que havia de se tomar para *Mister* Micawber, porque eu sustento que é preciso tomar uma resolução, senhor Copperfield — disse-me *Mistress* Micawber, como se eu lhe dissesse o contrário. — É claro que uma família composta de seis pessoas, sem contar com a criada, não pode sustentar-se de ar.

— Está visto, minha senhora — respondi eu.

— A opinião dos diversos ramos da minha família — continuou *Mistress*

Micawber — é que *Mister* Micawber faria bem em voltar imediatamente a sua atenção para o lado do carvão.

— Para o lado de quê, minha senhora?

— Do carvão, o comércio do carvão — disse *Mistress* Micawber. — *Mister* Micawber foi levado a pensar, segundo as suas informações, que poderia haver probabilidades de êxito, para um homem capaz, no comércio de carvão do Medway. Então, *Mister* Micawber achou naturalmente que o primeiro passo a dar era ir ver o Medway. Foi para isso que nós viemos. Digo «nós», senhor Copperfield, porque nunca abandonarei *Mister* Micawber — acrescentou com vivacidade.

Murmurei algumas palavras de admiração e de aprovação.

— Viemos — repetiu *Mistress* Micawber — e vimos o Medway. A minha opinião sobre o comércio do carvão por esse rio é que é preciso talvez capacidade, mas que é preciso com certeza capitães. Visitámos, creio, a maior parte do curso do Medway e foi a conclusão a que cheguei, segundo a minha opinião pessoal. Visto que estávamos tão perto, *Mister* Micawber achou que seria uma tolice não dar um passo mais para ver a catedral, primeiro porque nós nunca a tínhamos visto e porque vale a pena e depois porque havia muitas probabilidades de o favorecer uma boa sorte numa cidade que possui uma catedral. Achamo-nos aqui há três dias — continuou *Mistress* Micawber — e ainda não se apresentou essa boa sorte. O senhor admirar-se-á menos do que um estranho, meu caro senhor Copperfield, se souber que estamos aqui à espera de dinheiro de Londres para saldarmos a nossa conta neste hotel. Até à chegada dessa quantia — disse *Mistress* Micawber com muita emoção — estou privada de regressar a minha casa (quero dizer, ao nosso quarto mobilado de Pentonville) e de tornar a ver meu filho, minha filha e os meus gémeos.

Eu sentia a mais viva simpatia por *Mister* e *Mistress* Micawber nestas circunstâncias difíceis e disse-o a *Mister* Micawber, que acabava de entrar, acrescentando que eu somente lamentava não ter bastante dinheiro para lhes emprestar a quantia necessária. A resposta de *Mister* Micawber indicava a agitação do seu espírito. Disse-me, ao dar-me um aperto de mão:

— Copperfield, o senhor é um verdadeiro amigo, mas tomando as coisas pelo pior, um homem que possui uma navalha de barba tem sempre à mão um amigo.

A esta terrível ideia, *Mistress* Micawber abraçou *Mister* Micawber, conjurando-o para que se tranquilizasse. Ele chorou, mas por pouco tempo, porque um momento depois chamou pelo criado para lhe encomendar rins no espeto e camarões para o almoço do dia seguinte.

Quando me despedi, ambos instaram tão vivamente para ir jantar com eles antes de partirem, que me foi impossível recusar. Mas como sabia que não

poderia ir no dia seguinte e que teria muitos temas a preparar de tarde, combinou-se que *Mister* Micawber iria a casa do doutor Strong (ele estava convencido de que os fundos que esperava de Londres deviam chegar-lhe nesse dia) e propor-me-ia que fosse no dia imediato, se isso me conviesse mais. Em consequência disso, vieram chamar-me à aula na tarde seguinte e encontrei *Mister* Micawber na sala, aonde me disse que me esperava para jantar, como estava combinado. Quando lhe perguntei se tinha chegado o dinheiro, deu-me um aperto de mão e desapareceu.

Olhando nessa tarde pela janela, fiquei um tanto surpreendido e um pouco inquieto ao ver passar *Mister* Micawber dando o braço a Uriah Heep, que parecia sentir com uma profunda humildade a honra que recebia, enquanto *Mister* Micawber se comprazia em estender sobre ele uma mão protectora. Mas mais surpreendido fiquei ainda quando fui à hospedaria, às quatro horas (era a hora marcada) e soube que *Mister* Micawber tinha ido a casa de Uriah e que tomara um *grog* de aguardente que lhe oferecera *Mistress* Heep.

— Dir-lhe-ei uma coisa, meu caro Copperfield — disse-me *Mister* Micawber — o seu amigo Heep é um rapaz que daria um bom advogado geral. Se eu o tivesse conhecido na época em que as minhas dificuldades acabaram por uma crise, tudo o que posso dizer é que creio que as minhas dificuldades com os meus credores teriam sido muito melhor encaminhadas do que foram.

Eu não compreendia bem como isso seria possível, atendendo a que *Mister* Micawber não tinha pago nada, mas não queria fazer perguntas. Não me atrevia também a dizer-lhe que esperava que não tivesse sido comunicativo com Uriah, nem a perguntar-lhe se tinham falado muito de mim. Eu receava melindrar *Mister* Micawber, ou, antes, *Mistress* Micawber, que era muito susceptível. Mas tal ideia inquietava-me e nisso pensei muito depois.

O jantar era soberbo: um belo prato de peixe, um traço de vitela assada com rim, salsichas, uma perdiz e um pudim; havia vinho e *ale e* depois de jantar, *Mistress* Micawber preparou por suas próprias mãos uma taça de *punch.*

*Mister* Micawber estava extremamente alegre. Raras vezes o vi de tão bom humor. Bebeu tanto *punch* que a cara reluzia-lhe como se estivesse envernizada. Tomou um tom alegremente sentimental e propôs que se bebesse à prosperidade da cidade de Canterbury, declarando que nela tinha sido muito feliz bem como *Mistress* Micawber e que nunca esqueceria as agradáveis horas que ali tinha passado. Fez-me em seguida uma saúde; depois *Mistress* Micawber, ele e eu recordámos as nossas antigas relações, entre outras a venda de tudo quanto possuíam. Então eu propus beber-se à saúde de *Mistress* Micawber; pelo menos eu disse singelamente: «Se me dá licença, *Mistress* Micawber, terei agora o prazer de beber à sua saúde, minha senhora». Com o que *Mister* Micawber

começou um elogio pomposo de *Mistress* Micawber, declarando que ela tinha sido para ele um guia, um filósofo e uma amiga e que me aconselhava, quando me encontrasse em idade de me casar, de desposar uma mulher como ela, se por acaso a houvesse.

À medida que o *punch* diminuía, *Mister* Micawber tornava-se cada vez mais alegre; *Mistress* Micawber cedendo à mesma influência, pôs-se a cantar. Numa palavra, nunca vi pessoa mais alegre que *Mister* Micawber nessa tarde até ao último momento da minha visita. Despedi-me dele e de sua amável esposa muito afectuosamente. Por consequência não supunha receber, no dia seguinte às sete horas da manhã, a seguinte carta datada da véspera às nove horas e meia, um quarto de hora depois da nossa separação:

> Meu caro e jovem amigo.
>
> Continua o enguiço, está tudo acabado. Escondendo sob a máscara de uma alegria fictícia a desolação causada pelos cuidados, não lhe disse esta noite que não há esperanças de receber dinheiro de Londres. Nestas circunstâncias igualmente humilhantes de suportar, de contemplar e de descrever, saldei as minhas dívidas com este estabelecimento por meio de uma letra a pagar a quinze dias de vista na minha residência de Pentonville, Londres. Quando ma apresentarem, não será paga. A minha ruína está no fim. Vai estalar o raio e a árvore vai ser deitada a terra.
>
> Sirva-lhe de aviso em toda a sua vida, meu caro Copperfield, o desgraçado que lhe escreve. Dirigindo-lhe esta carta não tem ele outra intenção, outra esperança. Se ao menos pudesse lisonjear-se de lhe prestar um serviço, um clarão de alegria poderia, talvez, penetrar-lhe no sombrio torreão da existência que lhe resta a sustentar ainda, conquanto o prolongamento da sua vida (digo-lho confidencialmente) seja pelo menos muito problemático.
>
> Esta é a última comunicação que para sempre receberá, meu caro Copperfield.
>
> Do desditoso abandonado,
>
> WILKINS MICAWBER

Eu fiquei tão perturbado pelo teor desta carta dilacerante, que corri logo à hospedaria, na intenção de lá entrar, ao ir para o colégio, a fim de tentar tranquilizar *Mister* Micawber com as minhas consolações. Mas a meio do caminho, encontrei a diligência de Londres; *Mister* e *Mistress* Micawber iam na imperial. Ele aparentemente tranquilo e feliz, sorria, escutando a mulher e comendo nozes que tirava de um saco de papel; enquanto se lhe via sair uma garrafa do bolso do lado. Não me viram e achei que, bem consideradas as coisas, mais valia que de mim não dessem fé. Com o espírito aliviado de um grande peso, segui por uma pequena rua que ia dar direita ao colégio e senti-me, afinal de contas, bastante satisfeito por terem partido, o que todavia não me impedia de consagrar muita amizade a ambos.

## Capítulo XVIII — Um olhar retrospectivo

O meu tempo de colégio!... Esses dias decorridos em silêncio!... em que a vida desliza e caminha, sem que a gente dê fé, sem que a gente a sinta, da infância à juventude! Ao lançar um olhar retrospectivo sobre essas águas rápidas que hoje não passam de um leito árido obstruído de folhas secas, quero ver se não encontrarei ainda vestígios que possam fazer-me recordar do seu curso.

Vejo-me a princípio na catedral aonde íamos todos os domingos de manhã, depois de nos reunirmos todos para esse fim na nossa aula. O cheiro a terra, o ambiente frio, o sentimento de que a porta estava fechada para o mundo, o som do órgão retumbando sob as arcarias brancas da abóbada e na nave da igreja, eis as asas em que me sinto levado a pairar sobre esses dias decorridos, como se sonhasse semi-desperto.

Já não sou o último aluno do colégio. Dentro de alguns meses passei por cima de muitas cabeças. Mas Adams parece-me sempre uma criatura irrepreensível, bem longe, bem longe acima de mim em alturas inacessíveis que me dão vertigens, só em pensar nisso. Inês diz-me que não, mas eu digo-lhe que sim e repito-lhe que ela não conhece todos os tesouros de ciência que possui essa criatura maravilhosa, cujo lugar ela pretende que eu, pobre principiante, poderei ocupar um dia. Não é meu amigo particular nem meu protector declarado, como Steerforth; mas sinto por ele um respeito cheio de veneração. Pergunto, sobretudo, de mim para mim, o que ele fará quando deixar o doutor Strong e se há em toda a humanidade alguém bastante presunçoso para lhe disputar não importa que lugar.

Mas que saudade é esta que me atravessa o espírito? É a de *miss* Shepherd. Amo-a.

*Miss* Shepherd anda no colégio de *miss* Nettingal. Adoro *miss* Shepherd. É pequena, usa *spencer* e tem cabelos louros frisados que lhe emolduram o rosto redondo. As alunas de *miss* Nettingal vão, como nós, à catedral. Não posso olhar para o meu livro, porque não posso deixar de não olhar para *miss* Shepherd. Quando o coro canta, só ouço *miss* Shepherd. Introduzo secretamente o nome de *miss* Shepherd na liturgia, coloco-a no meio da família real. Em casa, no meu quarto, algumas vezes vejo-me obrigado a exclamar num transporte amoroso: «Oh! *Miss* Shepherd!»

Durante algum tempo estou na incerteza acerca dos sentimentos de *miss* Shepherd, mas enfim a sorte é-me propícia, encontrámo-nos em casa do professor de dança; *miss* Shepherd dança comigo. Sinto-lhe o contacto da luva e

um frémito que me sobe pela manga direita do casaco até à ponta dos cabelos. Não digo nada de terno a *miss* Shepherd, mas compreendemo-nos: *miss* Shepherd e eu vivemos na esperança de sermos unidos um dia.

Pergunto de mim para mim porque dou às escondidas a *miss* Shepherd doze castanhas do Maranhão; elas não exprimem afecto, são difíceis de embrulhar num pacote regular, são muito duras e custam a partir mesmo entre duas portas, e, depois, a amêndoa é oleosa; e, não obstante, sinto que é um presente adequado para oferecer a *miss* Shepherd. Levo-lhe também biscoitos muito frescos e muitas laranjas. Um dia... beijo *miss* Shepherd no vestiário. Que êxtase! Mas também que desespero e indignação no dia seguinte, quando soube, por um vago rumor, que *miss* Nettingal castigou *miss* Shepherd por ela meter os pés para dentro!

*Miss* Shepherd é a presunção e o sonho da minha vida inteira; como é que cheguei a romper com ela? Não sei. Todavia há frieza entre *miss* Shepherd e eu. Ouço contar baixinho que *miss* Shepherd se permitira dizer que o seu desejo era que eu não olhasse para ela tão fixamente e que tinha confessado uma preferência por *Mister* Jones... Jones! Um rapaz sem mérito algum! Cava-se um abismo entre *miss* Shepherd e eu. Enfim, um dia, encontro a passeio as alunas de *miss* Nettingal. *Miss* Shepherd, ao passar, mostra mau modo e põe-se a rir com a sua companheira. Acabou-se tudo. A paixão da minha vida (parece-me que isso durou toda uma vida, o que vem a ser o mesmo) passou: *miss* Shepherd desaparece da liturgia e a família real nada mais tem que ver com ela.

Obtenho um lugar mais elevado na aula e ninguém perturba mais o meu repouso. Deixei de ser delicado como era para as jovens colegiais de *Mister* Nettingal e nenhuma adoraria, mesmo que fossem duas vezes mais numerosas e vinte vezes mais bonitas. Tenho as lições de dança na conta de uma obrigação fastidiosa e pergunto porque é que essas meninas não podiam dançar sozinhas e deixar-nos em paz. Torno-me muito forte em versos latinos e desmazelo-me muito para apertar os cordões dos sapatos. O doutor Strong fala de mim publicamente como dum rapaz cheio de esperanças. *Mister* Dick enlouquece de alegria e minha tia manda-me vinte xelins pelo correio imediato.

Ergue-se diante de mim a sombra de um moço de carniceiro como a aparição da cabeça com capacete, no *Macbeth.* Quem vem a ser esse moço de carniceiro? É o terror da rapaziada de Canterbury. Corre o boato de que o tutano de boi com que ele unta os cabelos, lhe dá uma força sobrenatural e que poderia lutar com um homem. Esse moço de carniceiro tem a cara larga, um pescoço de touro, faces coradas, um espírito mal formado e uma língua injuriosa. O principal emprego que faz dessa língua é falar mal dos alunos do doutor Strong. Diz publicamente que se encarrega de os tomar à sua conta. Indica alguns (eu entre

outros) em quem ele diz ser capaz de dar uma sova só com uma mão e a outra presa atrás das costas. Espera, no caminho, os mais novos dos nossos camaradas e dá-lhes piparotes na cabeça; desafia-me em voz alta, quando passo na rua. Em consequência do que tomo a resolução de me bater com o moço de carniceiro.

Era uma tarde de Verão, num pequeno recanto verdejante, ao fundo de um muro. Encontro o carniceiro no sítio aprazado. Sou acompanhado por um corpo de eleição escolhido entre os meus camaradas: o carniceiro chegou com dois outros carniceiros, um criado de café e um limpa-chaminés. Regulados os preliminares, o carniceiro e eu achámo-nos frente a frente. Imediatamente o carniceiro fez-me ver trinta e seis mil estrelas com um soco que me pregou no sobrolho esquerdo. Um minuto depois, já não sei onde está o muro, aonde estou eu, nem vejo mais ninguém. Não posso também distinguir entre o carniceiro e eu; parece-me que nos confundimos um com o outro, lutando corpo a corpo sobre a erva por nós espezinhada. Por vezes descubro o carniceiro ensanguentado, mas confiante; por vezes não vejo coisa alguma e apoio-me, esbaforido, de encontro ao joelho do meu companheiro; outras vezes atiro-mo enfurecido contra o carniceiro e dou-lhe murros na cara, sem que isso pareça perturbá-lo muito. Enfim, volto a mim, com a cabeça em mau estado, como se acordasse de um profundo sono e vejo o carniceiro ir andando a vestir o casaco e recebendo cumprimentos dos seus colegas, do limpa-chaminés e do criado de café, donde concluo muito justamente que foi ele quem venceu. Levam-me para casa em mau estado, aplicam-me carne crua sobre os olhos e friccionam-me com vinagre e aguardente; o lábio superior vai-me inchando pavorosamente. Durante três ou quatro dias, fico em casa, a minha cara é horrorosa, trago uma faixa verde nos olhos e muito me aborreceria, se Inês não tivesse sido uma irmã para mim; compadece-se dos meus infortúnios, faz-me leituras em voz alta, e, graças a ela, o tempo decorre rapidamente e docemente. Inês tem toda a minha confiança, conto-lhe miudamente a minha aventura com o carniceiro e todas as injúrias que ele me tinha dito e ela é de opinião que eu não devia proceder de outra maneira senão batendo-me com ele, conquanto trema e estremeça à ideia desse terrível combate.

O tempo foi passando sem que eu desse fé, porque Adams já não está então à frente dos alunos; há muito que saiu do colégio. Há tanto tempo, que, quando vem fazer uma visita ao doutor Strong, já não há muitos alunos que o tenham conhecido. Adams vai entrar no foro, será advogado e usará cabeleira. Estou surpreendido de o encontrar tão modesto; é de uma aparência menos imponente do que eu pensava. Ainda não transformou o mundo, como eu esperava, porque me parece, tanto quanto posso julgar, que as coisas decorrem pouco mais ou menos da mesma maneira que antes da entrada de Adams na vida activa.

Aqui há uma lacuna em que os grandes guerreiros da história e da poesia desfilam diante de mim em exércitos sem conta; é um nunca acabar. Que é o que vem em seguida? Acho-me à frente dos alunos e contemplo da minha altura a longa fila dos meus camaradas, notando com um interesse cheio de condescendência aqueles que me lembram o que eu era quando entrei para o colégio. Parece-me, de resto, que não tenho mais nada a fazer com esse pequeno, lembro-me dele como de qualquer objecto que abandonaram na estrada da vida, qualquer coisa junto da qual passei e penso por vezes nele como num estranho.

E a menina que eu vi quando cheguei a casa de *Mister* Wickfield, aonde é que está? Desapareceu também. No seu lugar, vê-se uma criatura que se parece perfeitamente com o retrato e que já não é uma menina, governa a casa; Inês, a minha querida irmã, como eu lhe chamo nos meus pensamentos, a minha guia, a minha amiga, o anjo bom de quantos vivem sob a sua influência de paz, de virtude e de modéstia, Inês fez-se uma senhora.

Que nova mudança se operou em mim? Cresci, as minhas feições formaram-se, recolhi alguma instrução durante os anos que decorreram. Trago um relógio de ouro com cadeia, um anel no dedo mínimo, um fraque e abuso da banha de urso; o que posto a par com o anel não cheira nada bem. Adoro *miss* Larkins mais velha.

*Miss* Larkins mais velha não é nenhuma menina. É alta, bem feita, de olhos e cabelos pretos. *Miss* Larkins mais velha está longe de ser uma criança, porque *miss* Larkins mais nova já passou dessa idade feliz; e sua irmã tem mais três ou quatro anos do que ela. *Miss* Larkins mais velha tem talvez trinta anos. A paixão que eu sinto por ela é desenfreada.

*Miss* Larkins mais velha conhece oficiais; é uma coisa bastante custosa de suportar. Vejo-os falar com ela na rua. Vejo-os atravessar a calçada para irem ao encontro dela, quando avistam o seu chapéu (ela gosta de chapéus de cores berrantes) acompanhado do de sua irmã descer o passeio. Ela ri, fala, parece ter gosto nisso. Gasto a maior parte das horas vagas a passear, esperançado em a encontrar. Se posso cumprimentá-la uma vez durante o dia (tenho esse direito, porque conheço *Mister* Larkins), que felicidade! Alcanço pela minha polidez um cumprimento de vez em quando. As torturas que eu sofro na noite do baile das Corridas, ao pensar que *miss* Larkins mais velha dançará com os oficiais, reclamam deveras uma compensação, se alguma justiça há neste mundo.

O amor tira-me o apetite e obriga-me a trazer constantemente a minha gravata nova. Não tenho alívio senão quando tenho em cima do corpo as minhas melhores roupas e passo a vida a mandar engraxar as botas. Parece-me então que sou mais digno de me aproximar de *miss* Larkins mais velha. Tudo o que lhe pertence, de perto ou de longe, torna-se-me precioso. *Mister* Larkins, um velhote

um tanto brusco, de barbela e que não pode mover senão um olho, é para mim cheio de encantos. Quando não posso ver a filha, vou ver os lugares em que posso encontrar o pai. Quando lhe digo «Como está, senhor Larkins? Espero que as senhoras suas filhas e toda a família gozem de boa saúde», parece-me que faço uma declaração e fico muito corado.

Penso continuamente na minha idade. Tenho dezassete anos, o que é talvez pouca idade para *miss* Larkins mais velha, mas que importa? De resto chegarei bem depressa aos meus vinte e um anos! Às tardes passeio regularmente por diante da casa de *Mister* Larkins, conquanto me constranja o coração ver para lá entrar oficiais e ouvi-los na sala de visitas, enquanto *miss* Larkins mais velha toca harpa. Duas ou três vezes chego mesmo a errar melancolicamente em volta da casa, quando já estão todos deitados, procurando adivinhar qual é a janela de *miss* Larkins mais velha e tomando provavelmente a janela de *Mister* Larkins pela de sua filha; desejaria que se pegasse fogo na casa; agarraria, no meio da turba espantada, uma escada para a lançar aquela janela; e vejo-me salvando *miss* Larkins nos meus braços e depois voltando lá a procurar qualquer coisa que lhe esquecesse, para morrer em seguida no brasido. O meu coração é geralmente desinteressado e contentar-me-ia pousar com honra diante de *miss* Larkins e expirar depois.

Todavia nem sempre estou em disposições tão generosas. Por vezes sombras de felicidade elevam-se diante de mim. Depois de passar duas horas a vestir-me, no dia de um grande baile dado pelos Larkins e pelo qual suspiro há três semanas, deixo-me possuir por ideias agradáveis. Afigura-se-me que tive a coragem de fazer a minha declaração a *miss* Larkins; que ela deixa cair a cabeça no meu ombro dizendo: «Oh, senhor Copperfield, posso acreditar no que acabo de ouvir?» Parece-me ver *Mister* Larkins indo a minha casa no dia seguinte de manhã para me dizer: «A mocidade não é uma objecção, meu caro Copperfield; minha filha disse-me tudo, aqui estão vinte mil libras esterlinas, seja feliz!» Afigura-se-me que minha tia cede por sua vez e que nos dá a sua bênção; *Mister* Dick e o doutor Strong assistem à cerimónia nupcial. O bom senso não me falta, ao que me parece quando revejo o meu passado; com toda a certeza, modéstia também não me falta, e, no entanto, os meus sonhos são estes.

Dirijo-me à casa encantada, toda cheia de luzes, de música, de flores e de oficiais, que eu lamento ver lá; conversa-se muito e *miss* Larkins mais velha aparece em todo o esplendor da beleza. Veste de azul, com flores brancas nos cabelos, miosótis, como se precisasse de trazer miosótis! É o primeiro baile de pessoas crescidas para que fui convidado e ninguém fala comigo, com excepção de *Mister* Larkins, que me pergunta como vão os meus camaradinhas, do que podia bem dispensar-se, pois que não fui a casa dele para que me insultasse. Mas

depois de ter estado algum tempo de pé, à porta, a regozijar os meus olhos com a visão da deusa da minha alma, vejo-a aproximar-se de mim, ela, *miss* Larkins e perguntar-me com bondade se eu danço. Balbucio, saudando-a:

— Consigo, sim, *miss* Larkins.

— Só comigo? — disse ela.

— Não terei prazer algum em dançar com outra.

*Miss* Larkins sorriu e corou (por sorrir estou eu bem certo e por corar lisonjeio-me) e depois disse-me:

— Para esta vez, não; mas para a outra, sim, se quiser.

Chega o momento.

— É uma valsa, creio — disse *miss* Larkins, um pouco embaraçada, quando me apresento. — O senhor valsa? Senão, o capitão Bailey...

Mas eu valso, mesmo muito bem, e levo *miss* Larkins; rapto-a altivamente ao capitão Bailey, que eu faço exasperar, não me resta a menor dúvida. Pouco me importa! Também eu tenho sofrido! Valso com *miss* Larkins mais velha; não sei aonde estou, o que me rodeia, há quanto tempo dura a minha felicidade. O que apenas sei é que flutuo no espaço com um anjo azul e que mergulho num sonho de delícias, até ao momento em que me encontro junto dela num canapé. Estamos sós numa pequena sala. Ela admira a camélia vermelha do Japão que ostento na botoeira. Custou-me três xelins e dou-lha, dizendo:

— Peço por ela um preço exorbitante, *miss* Larkins!

— Palavra?! O que é que quer em troca? — responde ela.

— Uma das suas flores, para a conservar como um avarento guarda o seu ouro!

— O senhor é um temerariozinho — disse *miss* Larkins. — Tome lá!

E dá-me uma flor com toda a boa vontade; eu levo-a aos lábios, depois meto-a no seio. *Miss* Larkins põe-se a rir e toma-me o braço, dizendo-me:

— Agora conduza-me até junto do capitão Bailey.

Sinto-me ainda mergulhado na recordação dessa deliciosa entrevista e da valsa passada, quando ela se aproxima novamente de mim, dando o braço a um homem de idade madura, que esteve jogando o *whist* toda a noite.

— Aqui tem — disse-lhe ela — o meu temerariozinho. *Mister* Chestle deseja conhecê-lo, senhor Copperfield.

Penso, na ocasião, que deve ser um amigo de família e fico encantado.

— Compreendo o seu gosto, senhor — diz *Mister* Chestle. — Faz-lhe honra. Suponho que não toma grande interesse pela cultura do lúpulo, conquanto goste de flores, mas tenho uma propriedade bastante extensa e cultivo-o; se tiver algum dia a fantasia de ir até aos nossos arredores, perto de Ashford e visitar a nossa residência, dar-nos-emos por felizes em o receber e ter em nossa

companhia o maior espaço de tempo possível.

Agradeci vivamente a *Mister* Chestle e dei-lhe um aperto de mão. Parece-me que estou sonhando um lindo sonho. Valso de novo com *miss* Larkins mais velha; e ela diz-me que danço muito bem! Regresso a casa, cheio de uma felicidade inexprimível. Valso fantasticamente toda a noite, apertando em meus braços a cintura da minha divindade. Durante alguns dias vivo mergulhado em divagações deliciosas, mas não a torno a encontrar na rua e não a vejo em casa quando lhe vou fazer uma visita. Consolo-me imperfeitamente desta contrariedade remirando o sagrado penhor que recebi, a miosótis murcha.

— Trotwood — diz-me Inês um dia, depois de jantar — sabe quem vai casar amanhã? Alguém por quem o senhor tem uma grande admiração.

— Não é a *miss*, penso eu.

— Não, não sou eu! — disse ela, erguendo os olhos de cima da música que estava a copiar. — Ouve o que ele diz, papá?... Não; é *miss* Larkins mais velha.

— Casa com... o capitão Bailey?

Era tudo quanto eu podia dizer.

— Não, não é com nenhum capitão; é com *Mister* Chestle, um grande cultivador de lúpulo.

Ando abatidíssimo uns quinze dias. Já não trago o anel, começo a desfazer-me da roupa que tenho, renuncio à banha de urso e suspiro sobre a miosótis murcha de *miss* Larkins. Ao cabo desse tempo, aborreço-me um pouco de tal género de vida e, a uma nova provocação do carniceiro, atiro fora o miosótis e marco uma entrevista ao meu agressor, pregando-lhe uma sova mestra, para mim gloriosa.

Torno a meter o anel no dedo e renovo com moderação o uso da banha de urso e eis os últimos vestígios que posso apanhar na recordação da minha vida, ao marchar para os dezassete anos.

## Capítulo XIX — Olho em torno e faço uma descoberta

Não sei se me sentia triste ou satisfeito, quando vi aproximar-se o fim dos meus estudos e o momento de deixar o doutor Strong. Tinha sido muito feliz em casa dele e consagrava-lhe uma verdadeira afeição; além disso, eu era um personagem eminente na nossa pequena sociedade. Eis as minhas razões de tristeza, mas tinha outras razões, muito pouco sólidas, de resto, para estar satisfeito. A vaga ideia de vir a ser um rapaz senhor das minhas acções, o sentimento da importância que adquiria um rapaz nessas condições, o desejo de todas as belas coisas que esse animal extraordinário tinha de ver e de fazer e o efeito maravilhoso que não podia deixar de produzir na sociedade, eram grandes seduções. Essas visões exerciam uma tamanha influência no meu espírito, que me parece agora que não senti, ao sair do colégio, o pesar que naturalmente deveria sentir. Essa separação não me deixou a impressão que me deixaram outras separações. Tento baldadamente recordar-me do que então experimentei e das circunstâncias que acompanharam a minha partida, mas do que me recordo bem é de que este acontecimento não desempenhou um grande papel na minha vida. Suponho que a perspectiva que se abria diante de mim me perturbava o espírito. Sei que não me importava para nada do passado da minha infância e que a vida me fazia o efeito de um grande conto de fadas que eu ia começar a ler e eis tudo.

Minha tia teve comigo conferências graves e numerosas para saber que carreira eu havia de escolher. Havia um ano, pelo menos, que eu procurava encontrar uma resposta satisfatória a este pergunta repetida: «Qual é a sua vocação?» Eu não tinha gosto algum particular para uma profissão qualquer. Se pudesse receber por inspiração a ciência da navegação e tomar o comando de um bom navio veleiro, para fazer uma viagem de grandes descobertas à volta do mundo, creio que não teria pedido outra coisa. Mas, à falta dessa inspiração miraculosa, os meus desejos limitavam-se a seguir uma carreira que não impusesse grandes sacrifícios pecuniários a minha tia e a cumprir o meu dever, fosse ele qual fosse.

*Mister* Dick tinha assistido regularmente aos nossos conselhos, com o ar mais grave e mais reflectido. Nunca se aventurou, a não ser uma única vez, a emitir uma ideia, mas nesse dia (não sei o que lhe tinha passado pela cabeça) propôs de uma assentada que se fizesse de mim um caldeireiro. Essa ideia foi tão mal recebida por minha tia, que ele não se atreveu a formular segunda, limitando-se a olhar para ela atentamente, esperando com muito interesse as resoluções que ela

pudesse sugerir, fazendo sempre tilintar o dinheiro no bolso do colete.

— Quer que lhe diga uma coisa, Trot? — disse-me minha tia uma manhã, algum tempo depois da minha saída do colégio. — Já que não decidimos ainda a grande questão e que é preciso procurar não se errar no caminho, se pudermos, creio que faríamos melhor dar tempo ao tempo. E, enquanto se espera, trate de encarar o caso sob um novo ponto de vista e não como um colegial.

— Tratarei, minha tia.

— Tive uma ideia — continuou minha tia — e vem a ser que um pouco de tempo de mudança e de um relance de olhos lançado sobre a vida do mundo, poderia ajudá-lo a fixar as suas ideias e a fundamentar mais seriamente o seu juízo. E se fosse fazer uma pequena viagem? Se fosse, por exemplo, ao seu antigo torrão visitar... essa mulher exótica que tem um nome tão selvagem — continuou ela esfregando a ponta do nariz, porque ainda não tinha perdoado completamente a Peggotty o chamar-se Peggotty.

— É quanto eu posso desejar de mais agradável no mundo, minha tia!

— Muito bem! — disse ela. — Ora isso é magnífico, porque também é muito da minha vontade. Mas é natural e razoável que isso seja do seu agrado e estou convencidíssima de que tudo quanto fizer, Trot, será natural e razoável.

— Assim o espero, tia.

— Sua irmã, Betsy Trotwood — continuou ela — havia de ser a menina mais natural e mais razoável que devia existir. Será digno dela, não é assim?

— Espero ser digno de si, minha tia; não desejo outra coisa.

— Foi até uma mercê de Deus que sua mãe, essa pobre criança, não seja já deste mundo — disse minha tia, olhando-me com um ar de aprovação — porque ficaria tão orgulhosa do seu filho neste momento, que, com certeza, perderia o resto da cabeça que ainda conservasse.

Minha tia desculpava-se sempre da fraqueza que podia experimentar por mim, atirando-a para cima de minha pobre mãe.

— Sinceramente, Trotwood, não pode imaginar quanto ma faz recordar!

— De um modo agradável, espero bem.

— Parece-se tanto com ela, Dick — acrescentou minha tia carregando nas palavras — que suponho estar ainda a vê-la, no dia em que a visitei, antes de lhe darem as dores; ora veja, parece-se com ela como uma gota de água com outra!

— Palavra? — disse *Mister* Dick.

— Mas isso não obsta a que se pareça também com o David — tornou minha tia num tom positivo.

— Parece-se muito com o David! — disse *Mister* Dick.

— Mas o que eu desejo que seja, Trot — prosseguiu minha tia — não quero dizer fisicamente, porque está muito bem desenvolvido, mas moralmente, é um

homem firme: um homem firme, enérgico, com uma vontade própria, com resolução — disse minha tia agitando a cabeça e o punho fechado —; com determinação, Trot, com carácter, um carácter enérgico que não se deixe influenciar senão com bom conhecimento de causa; é isto que eu desejo que venha a ser; foi isto que faltou a seu pai e a sua mãe, Deus bem sabe, que teriam passado melhor.

Manifestei a esperança de vir a ser o que ela desejava.

— A fim de lhe proporcionar a ocasião de agir um pouco de *per si e* de só contar consigo próprio — continuou minha tia — vou mandá-lo fazer esta viagem sozinho. Houve um momento em que tive a ideia de o mandar acompanhar por *Mister* Dick, mas, reflectindo bem, conservá-lo-ei aqui para cuidar de mim.

*Mister* Dick pareceu-me por um momento um pouco contrariado, mas a honra de ser admitido à dignidade de cuidar da mais admirável mulher que havia no mundo, pintou logo a satisfação no seu rosto.

— De mais a mais — disse minha tia — ele tem a memória...

— Certamente — disse *Mister* Dick com precipitação. — Tenciono, Trotwood, acabar com essa memória; é preciso, realmente, que isso acabe de uma vez para sempre. Depois do que, mandá-la-ei apresentar, o senhor bem sabe e então... — disse *Mister* Dick depois de ter parado e ficar calado durante um momento — e então ver-se-á saltar o peixe na sertã!

Em consequência das boas intenções de minha tia, fui provido pouco depois com uma bolsa bem recheada e uma mala e ela despediu-se de mim ternamente para a minha expedição de exploração. No momento da partida, deu-me alguns bons conselhos e muitos beijos, dizendo-me que, como o seu propósito era fornecer-me o ensejo de eu olhar em volta de mim e reflectir um pouco, aconselhava-me a passar alguns dias em Londres, se assim me conviesse, ou na ida ou no regresso de Suffolk. Numa palavra, eu ficava com a liberdade de fazer o que me aprouvesse durante três semanas ou um mês, sem outra condição senão a de reflectir e de olhar em volta de mim e o compromisso de escrever a minha tia três vezes por semana, para a ter ao corrente do que fizesse.

Fui primeiro a Canterbury dizer adeus a Inês e a *Mister* Wickfield, assim como ao bom doutor; ainda não me tinha despedido do meu antigo quarto em casa de *Mister* Wickfield. Inês ficou encantada de me ver e disse-me que a casa não lhe parecia a mesma desde que eu tinha de lá saído.

— Também eu não me encontro o mesmo desde que estou longe de si — disse-lhe eu. — Parece-me que perdi o braço direito, mais ainda, porque não estou certo nem da minha cabeça nem do meu coração, que nada têm que ver com o meu braço direito. Todos quantos a conhecem, a consultam e se deixam

guiar por si, Inês.

— Todos quantos me conhecem me estragam com mimos, creio — disse Inês sorrindo.

— Não é verdade. É porque a *miss* não se parece com ninguém. É tão bondosa e de um carácter tão encantador! Como é que faz para ser de um natural tão afável e para ter sempre razão?

— Está-me a falar como se eu fosse *miss* Larkins antes do seu casamento — disse-me ela com uma risada cheia de alegria, continuando sempre a trabalhar.

— Vamos! Não é bonito abusar da minha confiança — respondi-lhe corando à recordação do meu ídolo das fitas azuis — e todavia não poderei deixar de confiar em si, Inês. Nunca perderei esse hábito. Se tiver desgostos, ou namoricos, dir-lhe-ei tudo, se quiser até lhe direi quando me sentir enamorado a valer.

— Mas o senhor tem-se sempre enamorado a valer — disse Inês rindo novamente.

— Oh! Eu era uma criança, um simples colegial — disse rindo também, mas um pouco à sobreposse. — Os tempos mudaram e suponho que um dia hei-de tomar esse caso terrivelmente a sério. O que me admira é que a Inês ainda não tenha chegado a esse apuro.

Inês ria meneando a cabeça.

— Oh! Bem sei que não; ter-mo-ia dito, ou pelo menos — prossegui vendo-a corar ligeiramente — ter-mo-ia deixado adivinhar. Mas não conheço ninguém que seja digno de a amar, Inês. Há-de ser preciso que eu conheça um homem de um carácter mais elevado e dotado de mais merecimento que todos quantos tenho visto para dar o meu assentimento. De futuro repararei em todos os seus admiradores; e previno-a de que serei muito exigente para com aquele que escolher.

Tínhamos conversado até então num tom de jovialidade cheia de confiança, todavia com uma certa seriedade à mistura; era o resultado das relações íntimas que tínhamos começado juntos desde a infância. Mas de súbito, Inês ergueu os olhos e mudando de maneiras, disse-me:

— Trotwood, há uma coisa que eu quero dizer-lhe e que tão cedo não terei talvez outra ocasião de lhe perguntar, uma coisa que, creio, nunca me resolveria a perguntar a outrem. Reparou numa mudança progressiva que se vem operando no papá?

Já tinha reparado e havia muitas vezes perguntado a mim próprio se ela também tinha dado fé. O meu rosto traiu sem dúvida o que eu pensava, porque ela baixou os olhos no mesmo instante e vi-os todos marejados de lágrimas.

— Diga-me o que é — disse-me em voz baixa.

— Receio... posso falar-lhe com toda a franqueza, Inês? Sabe a afeição que tenho por ele?

— Sei — disse ela.

— Receio que faça mal a seu pai esse hábito que dia a dia vai aumentando mais, desde que cheguei a esta casa. Tornou-se muito nervoso, pelo menos afigura-se-me.

— Não se engana — disse Inês abanando a cabeça.

— A mão dele treme, não fala claro e os olhos são desvairados. Tenho notado que, nesses momentos e quando não se encontra no seu estado natural, acontece quase sempre que o vêem chamar, justamente para qualquer questão.

— Sim, é Uriah — disse Inês.

— E a ideia de que não se sente em estado de a tratar, que não a compreende bem, ou que não pode deixar de evidenciar a sua situação, parece atormentá-lo por tal forma que no dia seguinte fica mal e no imediato pior ainda; e daí provém esse esgotamento e esse ar sobressaltado. Não se assuste com o que lhe digo, Inês, mas vi-o a outra noite nesse estado, com a cabeça deitada sobre a carteira e chorando como uma criança.

Ela pousou docemente o seu dedo nos meus lábios enquanto eu ainda falava e um instante depois tinha ido juntar-se com seu pai à porta da sala e encostara-se-lhe ao ombro. Ambos olharam para mim e fiquei vivamente sensibilizado com a expressão do rosto de Inês. Havia no seu olhar uma ternura tão profunda para seu pai, tanto reconhecimento pelos cuidados e pelo afecto que ele lhe testemunhava, pedia-me tão evidentemente que fosse indulgente com ele em meus pensamentos e que não admitisse ideias acerbas a seu respeito; parecia a um tempo tão ufana, tão dedicada, tão condoída e tão triste; dizia-me tão claramente que estava segura das minhas simpatias, que todas as palavras do mundo não poderiam dizer-me mais, nem emocionar-me mais profundamente.

Devíamos tomar o chá em casa do doutor. Ao chegar a hora do costume, encontrámo-lo no gabinete, junto do fogão, com a mulher e a sogra. O doutor, que parecia ainda supor que eu partia para a China, recebeu-me como a um hóspede a quem se quer honrar e pediu que se deitasse mais uma acha no fogão, a fim de, ao clarão da chama, ver melhor o rosto do seu antigo discípulo.

— Não verei muitas mais caras novas no lugar de Trotwood, meu caro Wickfield — disse o doutor aquecendo as mãos —; estava a tornar-me preguiçoso e quero descansar. Entregarei os meus alunos a outras mãos dentro de seis meses, para me entregar a uma vida de mais tranquilidade.

— Há dez anos que não me diz outra coisa, doutor — respondeu *Mister* Wickfield.

— É verdade, mas desta vez estou decidido — disse o doutor. — Suceder-me-

á o primeiro dos meus prefeitos... Desta feita é a valer... E não tardará que o senhor lavre o contrato entre nós, com todas as cláusulas obrigatórias que dão a dois homens honrados que contraem uma obrigação a aparência de dois patifes que desconfiam um do outro.

— Hei-de também ter cuidado, não é assim — disse *Mister* Wickfield — que não o logrem, o que infalivelmente sucederia numa combinação que o senhor fizesse de *per si* só. Muito bem! Estou pronto, tomara eu não ter pior maçada no meu modo de vida!

— Não terei de me ocupar senão do meu dicionário... e dessa outra pessoa com quem contraí também compromisso... a minha Annie!

*Mister* Wickfield fitava-a; ela estava sentada ao pé da mesa do chá com Inês e pareceu-me que evitava os olhos do bom velho com uma hesitação e uma timidez desacostumadas que atraíram sobre ela a sua atenção, como se lhe acudisse ao espírito algum pensamento secreto.

— Parece-me que chegou um paquete da índia — disse ele após um momento de silêncio.

— Chegou com certeza — disse o doutor — vieram até cartas de *Mister* Jack Maldon.

— Ah! Sim?

— Meu pobre Jack! — disse *Mistress* Markleham, meneando a cabeça. — Quando penso que ele está nesse clima terrível, em que é preciso viver, disseram-me, sobre um montão de areia abrasada e sob uma campânula de vidro! Tinha a aparência robusta, mas não o era. Consultou o seu ânimo mais do que as suas forças, meu caro doutor, quando tão valentemente tentou a empresa. Annie, minha querida, estou certa de que se lembra perfeitamente; seu primo nunca foi forte, o que se chama robusto — disse *Mistress* Markleham com ênfase e olhando para todos nós, uns após outros — desde o tempo em que minha filha e ele eram pequeninos e passeavam abraçados todo o dia.

Annie não respondeu a esta interpelação.

— Devo concluir do que acaba de dizer, minha senhora, que *Mister* Maldon esteja doente? — perguntou *Mister* Wickfield.

— Doente? — replicou o Velho Tarimbeiro. — Meu caro senhor, ele tem... toda a espécie de coisas...

— Com excepção de que não tem saúde — disse *Mister* Wickfield.

— Com excepção de que não tem saúde, está visto — respondeu o Velho Tarimbeiro. — É claro que apanhou insolações terríveis; que adquiriu febres palustres, reumatismos e tudo quanto se pode imaginar! Quanto ao fígado suponho que se resignou ao partir — acrescentou ela também com um ar de resignação.

— Foi ele quem lhe mandou essas informações? — perguntou *Mister* Wickfield.

— Ele! — replicou *Mistress* Markleham agitando a cabeça e o leque. — É que o senhor não conhece nada o meu pobre Jack Maldon para me fazer uma tal pergunta! Ele! Dizia-me lá isso a mim! Pois olhe, ele preferia deixar-se esquartejar por quatro cavalos a dizer uma palavra.

— Mamã! — disse *Mistress* Strong.

— Minha querida Annie — replicou sua mãe — peço-lhe de uma vez para sempre que não se intrometa naquilo que eu digo, a menos que não seja para confirmar as minhas palavras. Sabe tão bem como eu que seu primo Maldon deixar-se-ia esquartejar por um número indefinido de cavalos, porque nem sei bem como me limitei a dizer quatro, certamente que não, quatro cavalos é pouco, deixar-se-ia esquartejar por oito, por dezasseis, por trinta e dois cavalos, antes de dizer uma palavra que pudesse desarranjar os planos do doutor...

— Diga antes os planos de Wickfield — disse o doutor passando a mão pelo queixo e olhando para o seu conselheiro com um ar arrependido —; quero dizer o plano que ambos tínhamos formado. Eu de mim disse somente: «Na Inglaterra ou no estrangeiro».

— E eu disse «no estrangeiro» — acrescentou gravemente *Mister* Wickfield —; fui eu que o executei, sou eu o responsável.

— Oh! Quem é que lhe assaca responsabilidade? — disse *Mistress* Markleham. — Tudo foi feito pelo melhor, meu caro senhor Wickfield, bem sabemos que tudo foi feito nas melhores intenções. Mas se esse pobre rapaz não pode lá viver, que quer que lhe faça? Se ele não puder lá viver, lá morrerá, antes do que desarranjar os projectos do doutor. Conheço-o bem — continuou *Mistress* Markleham agitando o leque com o ar tranquilo e profético de uma sacerdotisa inspirada — e sei bem que preferiria lá morrer a desarranjar os planos do doutor.

— Está bem! Está bem, minha senhora! — disse alegremente o doutor. — Não sou tão fanático pelos meus projectos que não os transforme e para que recuse qualquer outra combinação. Se *Mister* Jack Maldon regressar à Inglaterra por falta de saúde, não o deixaremos voltar para lá e trataremos de o empregar de uma maneira mais vantajosa neste país.

*Mistress* Markleham ficou tão surpreendida com a generosidade deste discurso, que nem tinha previsto nem provocado, bem entendido, que apenas pôde dizer ao doutor que lhe parecia bem e repetir muitas vezes a seguir o seu gesto favorito, beijando a ponta do leque e acariciando depois com ele a mão do seu sublime amigo. Depois ralhou um pouco com sua filha Annie por ela não ser mais expansiva, quando o doutor cumulava assim com as suas bondades um seu antigo companheiro de infância e isso somente por amor dela. Em seguida

passou a entreter-nos com os merecimentos de diversos membros da sua família, que não esperavam senão um pouco de ajuda para readquirirem o perdido.

Em todo este tempo, sua filha Annie não tinha dito uma única palavra, nem mesmo os olhos levantara. *Mister* Wickfield seguira-a incessantemente com o olhar, sentada como estava ao lado de Inês. Ele tinha a aparência de não desconfiar que se pudesse reparar nessa atenção contínua, bem visível todavia, porque estava tão ocupado com *Mistress* Strong e com os pensamentos que ela lhe sugeria, que isso o absorvia completamente. Acabou por perguntar o que é que *Mister* Jack Maldon tinha realmente escrito acerca da sua situação e a quem é que ele dirigira notícias suas.

— Aqui tem — disse *Mistress* Markleham estendendo o braço por cima da cabeça do doutor e pegando numa carta que estava sobre o fogão — aqui tem o que esse pobre rapaz diz ao próprio doutor... Aonde é que está? Ah! Já achei... «Incomoda-me ser obrigado a dizer-lhe que a minha saúde tem sofrido muito e que receio ver-me obrigado a regressar à Inglaterra por algum tempo; é a minha única esperança de cura». Parece-me que é bastante claro, pobre rapaz! A sua única esperança de cura! Mas a carta que ele escreveu à Annie é ainda mais explícita. Annie, deixe-me ver mais uma vez essa carta!

— Agora não, mamã — disse ela em voz baixa.

— Minha querida, para certos assuntos é com certeza a pessoa mais absurda que existe no mundo e não há ninguém que se mostre menos sensível aos direitos da sua família — disse-lhe a mãe. — Nem sequer teríamos ouvido falar dessa carta, se eu não lha tivesse pedido. Chama a isso confiança para com o doutor Strong, Annie? Admira-me pelo que lhe diz respeito.

*Mistress* Strong facultou a carta com relutância, e, quando eu peguei nela para a passar à mãe, notei que a mão da filha tremia ao entregar-ma.

— Vejamos aonde está essa passagem — disse *Mistress* Markleham aproximando o papel dos olhos. — «A recordação dos tempos passados, minha querida Annie...», etc, etc. Não é isto. «O bom do velho procurador...». De quem quer ele falar? Palavra, Annie, que seu primo Maldon é pouco inteligível. Ah! Que estúpida que eu sou! É aparentemente do doutor que ele fala! «Oh! Sim, bem bom na verdade!».

Nesta altura parou para beijar de novo o leque e tocar com ele o doutor, que olhava para todos nós com a mais pacífica satisfação.

— Ah! Cá está: «Não ficará talvez surpreendida se souber, Annie...». Bem certamente que não, sabendo, como acabei de dizer, que ele não era verdadeiramente robusto... «Não ficará talvez surpreendida, se souber que tenho sofrido tanto longe de si que estou decidido a partir, suceda o que suceder, com licença por motivo de doença, se puder obtê-la e senão darei a minha demissão.

O que tenho sofrido e o que sofro aqui é intolerável. E sem a pronta generosidade desse excelente homem» — disse *Mistress* Markleham repetindo os seus sinais telegráficos do leque para o doutor e dobrando a carta — «só essa ideia me seria insuportável».

*Mister* Wickfield não disse uma palavra, conquanto a velha dama parecesse esperar pelos seus comentários acerca do que acabava de ouvir. Guardava silêncio com ar severo e sem erguer os olhos. Havia muito que não se discutia tal assunto, tinha-se mesmo passado a outros e ele continuava sempre na mesma atitude, limitando-se, de tempos a tempos, a lançar com ar carrancudo um olhar pensativo para o doutor ou para sua mulher e depois para ambos ao mesmo tempo.

O doutor gostava de música. Inês cantava com muita graciosidade e expressão e *Mistress* Strong também. Cantaram um dueto e depois tocaram trechos a quatro mãos; era um pequeno concerto. Mas reparei em duas coisas: primeiro, conquanto Annie estivesse completamente restabelecida e tivesse recuperado as suas maneiras habituais, havia evidentemente um abismo que a separava de *Mister* Wickfield; em segundo lugar, vi que a intimidade de *Mistress* Strong com Inês desagradava a *Mister* Wickfield e que ele a vigiava com inquietação. Devo confessar também que a recordação do que dela vi, no dia em que partiu *Mister* Jack Maldon, veio-me à ideia com uma significação que nunca lhe tinha ligado e que me perturbou o espírito. A inocente beleza do seu rosto não me parecia tão pura como no passado; desconfiava da graça natural e do encanto das suas maneiras, e, quando fitava Inês, sentada junto dela e me recordava da honesta candura dessa menina, dizia de mim para mim que era talvez uma amizade mal harmonizada.

Todavia, gozavam ambas tão vivamente que a sua alegria contribuiu para que a noite passasse num instante. No momento em que nos retirávamos, deu-se um pequeno incidente que me lembra perfeitamente. Despediam-se uma da outra e Inês ia beijar *Mistress* Strong, quando *Mister* Wickfield se interpôs entre as duas, como se passasse acidentalmente e levou bruscamente Inês. Depois tornei a ver no rosto de *Mistress* Strong essa expressão que eu notara na noite da partida de seu primo e supus-me ainda de pé à porta do doutor Strong. Fora exactamente assim que ela olhara para ele nessa noite.

Não posso dizer que impressão esse olhar produziu em mim, nem porque se me tornou impossível esquecê-lo mais tarde, quando nela pensava e que antes desejaria recordar-me do seu rosto aonde a inocente beleza se estampava. Esta lembrança ainda me perseguia quando regressei a casa; parecia-me que deixava uma nuvem escura pairando por cima da casa do doutor. Ao respeito que eu consagrava aos seus cabelos grisalhos, misturava-se uma grande compaixão por

esse coração tão confiante naqueles que o traíam e um profundo ressentimento contra esses pérfidos amigos. A sombra iminente de um grande desgosto e de uma grande vergonha, conquanto confusa ainda, projectava uma mancha sobre esse lugar pacífico, testemunha do trabalho e dos brinquedos da minha infância e aviltava-o a meus olhos. Já não sentia prazer em pensar nos grandes aloés de folhas compridas que floriam de cem em cem anos somente, nem no tabuleiro de relva verde e unido, nem nas urnas de pedra da avenida do doutor, nem no som dos sinos da catedral, que dominava tudo com a sua harmonia; parecia-me que o pacífico santuário da minha infância tinha sido profanado na minha presença e que a paz e a honra tinham sido atiradas a todos os ventos.

Com a manhã chegou a minha partida dessa velha habitação que Inês enchera para mim com a sua influência e essa preocupação bastava para absorver o meu espírito. Voltaria certamente bem depressa a habitar de novo o meu antigo quarto e muitas vezes talvez; mas, enfim, tinha cessado de residir lá e o bom tempo antigo tinha passado. Confrangia-se-me o coração ao fazer a embalagem do que me restava de livros e objectos para enviar a Douvres e não me importava de o patentear a Uriah Heep, que se atarefava muito em me servir e contra o qual me acuso de haver faltado à caridade, supondo que ele estava encantado por me ver pelas costas.

Separei-me de Inês e de seu pai, fazendo baldados esforços para suportar este desgosto como um homem e subi para a diligência de Londres. Estava tão disposto a esquecer e a perdoar tudo atravessando a cidade, que quase tinha vontade de fazer um aceno ao meu antigo inimigo carniceiro e atirar-lhe com quatro xelins para beber à minha saúde, mas ele tinha um ar tão carrancudo quando o avistei a esfregar o grande cepo do açougue e estava tão horrendo com a perda de um dente da frente, que eu lhe havia quebrado no último desafio que tivemos, que achei mais a propósito não adiantar reconciliações.

A única coisa que me preocupava, quando nos achávamos na estrada, era parecer ao cocheiro que tinha mais idade e fazia a voz grossa. Custou-me muito a acertar nesta última pretensão, mas a ela me atinha, porque era um meio seguro de me dar importância.

— Vai a Londres, senhor? — perguntou-me o cocheiro.

— É verdade, William — disse eu num tom de condescendência (conhecia-o alguma coisa) — vou a Londres e de lá a Suffolk.

— O senhor vai caçar? — interrogou de novo o cocheiro.

Ele sabia tão bem como eu que nessa época do ano era pouco mais ou menos tão provável que eu fosse à caça, como à pesca da baleia, mas era o mesmo; olhei essa pergunta como um cumprimento lisonjeador.

— Não sei — disse eu tomando um ar de indecisão — se efectivamente darei

alguns tiros de espingarda.

— Dizem que a caça se tornou muito difícil de se lhe chegar — prosseguiu William.

— Já mo disseram — respondi.

— O senhor é do condado de Suffolk?

— Sou — disse eu com ar de importância — sou do condado de Suffolk.

— Dizem que as tortas de maçãs são lá soberbas.

Eu não sabia absolutamente nada sobre isso, mas como fosse preciso sustentar as tradições do meu país natal e não ter o ar de as desconhecer, abanei com a cabeça com um ar fino, como para dizer «Se são!».

— E os poldros — tornou William —, isso é que são famosos animais! Um bom poldro de Suffolk vale o seu peso em ouro. O senhor tem criado poldros?

— Não — disse eu — bem precisamente poldros, não.

— O que eu lhe digo é que vai aqui um sujeito, atrás de mim, que os tem criado às recuas...

O sujeito em questão era espantosamente zanaga; tinha queixo de velha e usava chapéu alto cinzento, calça de veludo de algodão, de abotoar toda ao lado, desde as ancas até à sola das botas. Encostava o queixo no ombro do cocheiro, tão perto de mim que eu sentia a sua respiração nos meus cabelos e quando me voltei para lhe ver a cara, deitava ele sobre os cavalos um bom olhar de conhecedor.

— Não é verdade? — perguntou William, dirigindo-se-lhe.

— Não é verdade o quê? — interrogou o seu interlocutor.

— Que o senhor tem criado manadas de poldros de Suffolk?

— Creio bem! — disse o outro. — Não há espécies de cavalos nem de cães que eu não tenha criado. Há homens cujo capricho consiste em cães e cavalos; quanto a mim, sacrifico-lhes o comer e o beber, sacrificar-lhes-ia de boa vontade a casa, a mulher, os filhos, toda a tralhoada; isso faz-me esquecer de ler, de escrever, de contar, de fumar, de tomar rapé e de dormir.

— Havemos de confessar que o lugar de um homem assim não é atrás da boleia do cocheiro, não é verdade? — disse-me William ao ouvido, compondo as rédeas.

Conclui desta observação que ele desejava que eu desse o meu lugar ao criador de poldros, e, corando, ofereci-lho.

— Se o senhor não faz grande finca-pé no lugar, creio que seria mais conveniente — disse William.

Considerei sempre esta concessão como a minha primeira falta na vida. Quando fui comprar o lugar ao escritório, mandei inscrever em seguida ao meu nome «Ao lado do cocheiro» e para isso dei meia coroa ao guarda-livros. Deixei

um paletó e uma manta escocesa, novos em folha, a marcar esse lugar e estava ufano do efeito que ia produzir sentado nele; e eis que, na primeira muda, me deixava suplantar por um horrendo zarolho, de roupa coçada, que não tinha outro mérito senão tresandar a cavalariça e de ser bastante sólido na imperial para me poder passar por cima da cabeça tão ligeiramente como uma mosca, quando os cavalos fossem a galope! Tenho uma certa suspeita de mim próprio de que já muitas vezes me tinha pregado boas partidas em pequenas ocasiões deste género, em que teria feito muito bem não me meter; este pequeno incidente de que era teatro a imperial da diligência de Canterbury, não era de molde a diminui-la. Foi baldadamente que pedi auxílio à minha voz grossa. Por mais que falasse do fundo do estômago em todo o resto da viagem, sentia que estava completamente encravado e que a minha mocidade causava lástima.

Era, todavia, curioso e interessante, no fim de contas, ver-me repimpado na imperial de uma diligência a quatro cavalos, bem posto, bem tratado, com o bolso bem recheado, reconhecendo na passagem os lugares onde havia dormido durante a minha penosa viagem. Os meus pensamentos achavam um amplo assunto de ocupação a cada etapa do caminho, vendo passar os vagabundos e encontrando esses olhares que eu tão bem conhecia, parecia-me sentir ainda agarrar-me a mão direita do caldeireiro e segurar-me pelo peito da camisa. Ao descer a estreita rua de Chatham, descobri, passando, a viela em que vivia o velho mostrengo que me tinha comprado o casaco e estendi vivamente o pescoço, a fim de olhar para o sítio aonde tanto tempo tinha esperado pelo meu dinheiro ao sol e à sombra. Ao aproximar-me de Londres, quando se passou ao pé da casa aonde *Mister* Creakle tão cruelmente nos batia, eu daria quanto possuía para me concederem licença de me apear, dar-lhe uma sova de calibre e pôr a voar todos os seus alunos, pobres pássaros engaiolados.

Apeamo-nos em Charing Cross, hospedaria da Cruz de Ouro, espécie de estabelecimento cheio de mofo e abafado. Introduziu-me um criado na sala comum e uma criada indicou-me um pequeno quarto de dormir que cheirava a trem de praça e que era tão hermeticamente fechado como um jazigo de família. Eu tinha a minha grande mocidade na consciência; sentia bem que era por isso que ninguém parecia respeitar-me o menos possível. A criada não fazia caso algum da minha opinião sobre nenhum assunto e o criado permitia-se, com uma insolente familiaridade, fornecer-me conselhos para coadjuvar a minha experiência.

— Vamos agora a ver — disse o criado com um ar de intimidade — o que é que deseja para jantar. Os pequenos «gentlemen» gostam de aves, em geral; escolha um frango.

Disse-lhe o mais majestosamente que pude que não queria frango nenhum.

— Não? — tornou o criado. — Os pequenos «gentlemen», em geral, estão cheios de vaca e carneiro; que me diz a uma costeleta de vitela?

Consenti nessa proposta, por não saber inventar outra qualquer coisa.

— Há-de querer batatas? — perguntou o criado com um sorriso insinuante e inclinando a cabeça de lado. — Geralmente, os pequenos «gentlemen» andam fartos de batatas.

Ordenei-lhe, na minha voz cavernosa, que mandasse arranjar uma costeleta de vitela com batatas e os acessórios correspondentes e que perguntasse no escritório se havia alguma carta para Trotwood Copperfield, *esquire.* Eu sabia muito bem que não havia e que não podia haver, mas pensei que isso de esperar uma carta me daria o ar de um homem.

O criado veio dizer-me que não havia nada, do que me mostrei surpreendido e ele começou a pôr-me «o talher numa mesa, ao pé do fogão. Enquanto se entregava a esta ocupação, perguntou-me o que queria beber e à minha resposta «meia garrafa de Sherry» achou, parece-me, que era uma boa ocasião de arranjar a medida de líquido pedida com os fundos das garrafas já bebidas. O que me fez acreditar nisso foi que, estando eu a ler um jornal, vi-o, por cima de um tapamento baixo que formava, na sala, o seu cubículo particular, atarefado a escorropichar várias garrafas vazias para uma outra, como um farmacêutico que prepara a dose de uma receita. Quando me trouxe o vinho, achei-o um pouco avinagrado e vi que continha, com certeza, mais migalhas de pão inglês do que era de esperar de um vinho estrangeiro, por pouco natural que fosse. Mas tive a fraqueza de o beber sem dizer nada.

Encontrando-me em seguida numa agradável disposição de espírito (donde conclui que há momentos em que o envenenamento não é tão desagradável como se diz), resolvi ir a um espectáculo. Escolhi o teatro de Covent Garden e aí, ao fundo de um camarote de frente, assisti à representação de *Júlio César* e de uma pantomima nova. Quando vi todos esses nobres romanos entrando e saindo de cena para minha recreação, em vez de serem como dantes, no colégio, pretextos odiosos para uma tarefa ingrata em latim, não posso dizer o prazer maravilhoso e novo que eu experimentei. Mas a realidade e a ficção que se combinavam no espectáculo, a influência da poesia, das luzes, da música, da multidão, as mutações à vista que se operavam no teatro, tudo isso causou em meu espírito uma impressão tão atordoadora e abriu diante de mim tão vastas regiões de gozos, que, ao sair do teatro, à meia-noite, debaixo de uma bátega de chuva, pareceu-me que caía das nuvens, depois de ter levado durante um século a vida mais romanesca, para vir achar um mundo miserando, cheio de lama, de lanternas de trens de praça, de guarda-chuvas e de pares de tamancos articulados.

Tinha saído por uma porta diferente daquela por onde entrei e fiquei um

momento sem tugir nem mugir na rua, como se fosse verdadeiramente um estrangeiro em terra estranha; mas bem depressa fui chamado à realidade à força de encontrões com que era assaltado e segui a caminho da hospedaria, rolando no meu espírito esse lindo sonho, que ainda agora e sempre tenho diante dos olhos, enquanto comia ostras e bebia «porter» defronte do fogão aceso da sala de jantar.

Estava tão cheio da recordação do espectáculo e do passado, porque o que eu vira no teatro me causava um pouco o efeito de um transparente brilhante, por trás do qual eu via reflectir-se toda a minha vida anterior, que não sei em que momento dei pela presença de um lindo rapaz, gentil e posto com uma certa negligência elegante, do qual boas razões tinha para me lembrar. Mas sei que o encontrei lá, sem o ter visto entrar e que fiquei defronte do fogão a divagar e depois a meditar junto ao brasido da sala de jantar, sem me ocupar dele.

Por fim levantei-me, a fim de ir para o meu quarto, com grande satisfação do criado, que estava a cabecear com sono e que, sentindo horrorosas impaciências nas pernas, as mudava de lugar, cruzando-as, curvando-as, estirando-as, exercitando-as em todas as contorções que lhes podia dar dentro do cubículo. Ao adiantar-me para a porta, passei por junto do rapaz a que me refiro e vi-o distintamente. Voltei-me, tornei atrás e examinei-o de novo. Ele não me reconhecia, mas eu reconheci-o logo.

Noutro qualquer momento, eu não teria tido talvez bastante confiança e decisão para me dirigir a ele, deixaria o caso para o dia seguinte e por consequência perderia a oportunidade de lhe falar. Mas o meu espírito estava tão animado pelo espectáculo, que a protecção que ele me concedera noutro tempo pareceu-me merecer todo o meu reconhecimento; o afecto que eu concebera por ele esfuziou tão espontaneamente da minha alma, que me adiantei imediatamente para ele, dizendo-lhe com o coração em pulsações:

— Steerforth, não me reconhece?

Ele olhou para mim (lembrava-me bem esse olhar), mas pareceu não me reconhecer.

— Talvez já não se lembre de mim, receio bem! — disse eu.

— Meu Deus! — exclamou ele de repente. — É o pequeno Copperfield!

Agarrei-lhe nas mãos e não podia decidir-me a largá-las. Se não fora uma falsa vergonha e o receio de lhe desagradar, abraçá-lo-ia a chorar.

— Sinto-me feliz como nunca, meu caro Steerforth. Como estou contente em o ver!

— E eu também, estou encantado — disse ele, apertando-me cordialmente a mão. — Vamos, Copperfield, meu rapaz, basta de emoção!

Creio, todavia, que não se enfadava de ver a alegria que eu sentia ao tornar a

vê-lo.

Enxuguei à pressa as lágrimas que não pudera reprimir, apesar de todos os meus esforços e tentei rir; depois sentámo-nos ao lado um do outro.

— E como é que se encontra aqui? — perguntou-me Steerforth, batendo-me no ombro.

— Cheguei hoje na diligência de Canterbury. Fui adoptado por uma minha tia que vive perto dali e venho de terminar a minha educação. E o senhor, como se encontra aqui, Steerforth?

— Olhe, presentemente sou o que se chama um estudante de Oxford, isto é, que fui para lá aborrecer-me imensamente três vezes por ano e agora regresso a casa de minha mãe. O senhor está, palavra, o mais bonito rapaz do mundo, com um gracioso semblante, Copperfield! Não mudou nada; agora que melhor reparo, vejo que está sempre o mesmo!

— Oh! Eu reconheci-o imediatamente — disse-lhe eu. — Ao senhor não o esquecem assim facilmente.

Ele pôs-se a rir, e, passando os dedos pelos espessos cabelos anelados, disse-me alegremente:

— Aqui onde me vê, eu devia ir para casa de minha mãe, que reside perto de Londres, mas as estradas estão tão más e a gente aborrece-se tanto em casa, que resolvi ficar aqui esta noite, em vez de ir direito até casa. Há apenas algumas horas que estou na cidade e passei o tempo a resmungar e a dormir no teatro.

— É justamente de lá que eu vim; estive em Covent Garden. Que magnífico teatro, Steerforth! E que deliciosa noitada lá passei!

Steerforth ria a bandeiras despregadas.

— Meu caro David — disse ele, batendo-me novamente no ombro — o senhor é uma flor do campo! O malmequer ao nascer do sol não é mais puro e mais inocente do que o senhor! Eu também estive em Covent Garden e nunca vi nada de mais ignóbil. Rapaz!

O criado, que tinha observado de longe o nosso reconhecimento, com uma profunda atenção, aproximou-se com ar respeitoso.

— Aonde é que alojou o meu amigo *Mister* Copperfield?

— Perdão, senhor.

— Aonde é que ele vai dormir? Qual é o número do quarto? Você bem sabe o que eu quero dizer — prosseguiu Steerforth.

— Por agora, senhor — disse o criado com ar constrangido — o senhor Copperfield tem o número quarenta e quatro.

— Mas que é que pensava então — replicou Steerforth — colocando *Mister* Copperfield numa acanhada água-furtada, por cima da cavalariça?

— Não sabíamos, senhor — respondeu o criado, desculpando-se sempre —

não sabíamos que *Mister* Copperfield ligasse a isso importância alguma. Pode-se dar a *Mister* Copperfield o número setenta e dois, se ele o prefere; é o quarto pegado ao do senhor.

— Está bem, claro que prefere — disse Steerforth. — Vamos, avie-se.

O criado desapareceu no mesmo instante, para proceder à minha mudança. Steerforth divertiu-se com o facto de me terem dado o número quarenta e quatro, bateu-me outra vez no ombro, rindo e acabou por me convidar a almoçar com ele no dia seguinte de manhã, às dez horas, proposta que eu me senti feliz e ufano em aceitar. Era já tarde, pegámos nas palmatórias para subirmos a escada e eu deixei-o à porta do seu quarto, depois de nos darmos as boas-noites muito amigavelmente. Reparei que o meu novo quarto valia infinitamente mais do que o primeiro; que não cheirava nada a bafio e que havia ao meio um enorme leito de colunas, que ali se erguia como um castelo sobre as suas terras, tão bem que no meio de um número de almofadas suficientes para seis pessoas, adormeci dentro em pouco, com o sono de um justo e sonhei com a Roma antiga, com Steerforth e com a sua amizade, até ao momento em que as diligências da manhã, rodando pelo portão, introduziram nos meus sonhos trovões, raios e o Júpiter tonante.

## Capítulo XX — Em casa de Steerforth

Quando a criada me bateu à porta, no dia seguinte de manhã, para me anunciar que tinha ali a água quente para a barba, pensei com desgosto que não precisava dela e corei na cama, aonde ainda me encontrava. A suspeita de que a criada ria à socapa fazendo-me esse oferecimento, perseguiu-me durante todo o tempo em que me vestia e deu-me, estou certo, o aspecto de um culpado, quando a encontrei nas escadas ao descer para almoçar. Sentia tão vivamente que era mais novo do que desejaria, que não pude decidir-me nem por um momento a passar junto dela; ouvia-a varrer as escadas e demorava-me ao pé da janela a olhar para a estátua equestre do rei Carlos, conquanto essa estátua nada tivesse de bastante real, rodeada como estava por um dédalo de trens de praça, debaixo de uma medonha carga de água e por um nevoeiro cerrado; o criado tirou-me de embaraços, prevenindo-me de que Steerforth estava à minha espera.

Encontrei-o, não na sala comum, mas numa linda saleta particular, com cortinas vermelhas e um tapete da Turquia. O fogo era brilhante e um almoço suculento esperava-nos numa mesinha coberta com uma toalha branca; o aposento, o fogo, o almoço e Steerforth reflectiam-se alegremente num pequeno espelho oval colocado por cima do aparador. Senti-me, a princípio, um pouco constrangido. Steerforth era tão elegante, tão seguro de si, por tal forma superior a mim em todas as coisas, compreendida a idade, que foi preciso que ele empregasse toda a graça protectora das suas maneiras para me pôr à vontade. Conseguiu-o, todavia e eu não me cansava de admirar a transformação que se operara na Cruz de Ouro, quando comparava o triste estado de abandono em que eu estava mergulhado na véspera com a refeição da manhã e com tudo o que agora me rodeava. Quanto à familiaridade do criado, tinha desaparecido. Servia-nos com a humildade de um penitente cingido de cilício e coberto de cinza.

— Agora, Copperfield — disse-me Steerforth quando ficámos sós — desejaria saber ao certo o que faz, aonde vai e tudo quanto lhe interessa; parece-me que é propriedade minha.

Corei de prazer ao ver que me consagrava ainda tanto interesse e disse-lhe as intenções de minha tia mandando-me fazer esta pequena viagem.

— Já que não tem pressa — disse Steerforth — venha comigo daí até Highgate; passará em nossa casa um dia ou dois. Há-de agradar-lhe minha mãe; envaidece-se tanto comigo que repisa um pouco, mas releve-lhe esse fraco e esteja certo que lhe há-de agradar.

— Desejaria assegurar-me disso, tendo o senhor a bondade de lho dizer —

respondi-lhe sorrindo.

— Oh! — disse Steerforth —, todos os que são meus amigos têm sobre minha mãe direitos que ela reconhece logo.

— Espero então estar nas suas boas graças.

— Está dito! — disse Steerforth. — Venha verificar a prova. Vamos ver as curiosidades da cidade durante uma hora ou duas; nem sempre se tem a boa fortuna de as mostrar a um inocente como o senhor Copperfield e depois tomaremos a diligência de Highgate.

Eu supunha sonhar, tinha medo de despertar no quarto número quarenta e quatro, para ir encontrar uma mesa solitária, na sala de jantar, com um criado impertinente. Depois de ter escrito a minha tia e tê-la informado de que tinha encontrado o meu antigo camarada, o objecto de tanta admiração e que tinha aceitado o seu convite, subimos para um trem, a fim de irmos ver um panorama e alguns outros espectáculos curiosos; demos uma volta pelo museu e não pude deixar de notar ao mesmo tempo tudo quanto Steerforth sabia acerca dos assuntos mais variados e o pouco caso que parecia fazer da sua instrução.

— O senhor alcançará *as honras* nos exames da Universidade, Steerforth — disse-lhe — se já não as alcançou, e os seus amigos terão boas razões de se orgulharem de si.

— Eu, fazer um exame brilhante! — exclamou Steerforth. — Não, não, meu querido Malmequer. Não se contraria por eu lhe chamar Malmequer?

— Absolutamente nada — respondi.

— O senhor é um bom rapaz, meu querido Malmequer — disse Steerforth rindo —, não tenho o menor desejo nem a menor intenção de me distinguir dessa maneira. Já sei bastante para o que quero fazer. Acho que me sinto já sofrivelmente aborrecido...

— Mas a glória... — ia eu continuar.

— Oh! Malmequer romanesco! — disse Steerforth rindo mais alto. — Para que terei eu o trabalho de escancarar a boca e erguer as mãos entusiasmado a uma malta de pedantes? Deixo isso a qualquer outro, que procure a glória; não lha disputarei.

Eu estava confundido por me ter tão grosseiramente enganado e não me incomodei em mudar de conversação. Felizmente não era difícil, porque Steerforth sabia passar de um assunto a outro com uma facilidade e uma graça que lhe eram peculiares.

Depois de termos tomado alguns refrescos, subimos para a diligência e, graças à brevidade dos dias de Inverno, era já lusco-fusco quando parámos à porta de um velho solar, construído de tijolo, no cimo da montanha em Highgate. Uma senhora de certa idade, sem ser ainda muito idosa, de presença distinta e uma

linda figura, estava à porta, no momento em que chegámos; chamou a Steerforth «meu querido Jaime» e apertou-o nos braços. Ele apresentou-me a essa senhora, dizendo que era sua mãe e ela acolheu-me com uma graça majestosa.

A casa era antiga, mas elegante e bem tratada. Das janelas do meu quarto, descobri, muito ao longe, Londres envolta num grande vapor, com algumas luzes tremeluzindo aqui e ali. Só tive tempo de lançar, ao vestir-me, uma vista de olhos sobre o mobiliário maciço, as paisagens à agulha encaixilhadas e penduradas na parede e que eram, suponho, obra da mãe de Steerforth, na sua juventude e examinava ainda retratos de mulheres a pastel, com cabelos empoados e anquinhas, iluminadas pela chama crepitante do fogo que acabavam de acender, quando me chamaram para jantar.

Havia na sala de jantar uma outra senhora, baixa, morena e delgada; não era agradável, conquanto as suas feições fossem regulares e finas. A minha atenção incidiu logo a princípio sobre ela, talvez porque não a esperava, talvez porque estava sentado na frente dela, talvez, enfim, porque havia realmente nela qualquer coisa de notável. Tinha cabelos e olhos negros, o olhar era animado, era magra e tinha no lábio superior uma cicatriz antiga, ou melhor uma costura, porque estava fundida no tom geral da sua tez e via-se que o ferimento se curara há muito tempo; devia ter atravessado a boca até ao queixo, mas o vestígio era apenas visível do outro lado da mesa, excepto no lábio superior que lhe tinha ficado um pouco disforme. Decidi de mim para mim que ela devia ter os seus trinta anos e que tinha vontade de se casar. Estava um pouco avariada como uma casa por muito tempo desabitada, por falta de inquilino, mas todavia ainda era bem encarada. A magreza parecia provir de um fogo interior que a devorava e que brilhava em seus olhos ardentes.

Apresentaram-ma sob o nome de *miss* Dartle, mas Steerforth e sua mãe chamavam-lhe Rosa. Soube que vivia em casa de *Mistress* Steerforth e que há muito que era sua dama de companhia. Pareceu-me que não dizia francamente o que queria dizer, que se contentava em insinuá-lo e que isso não lhe saía mal efectivamente. Por exemplo, quando *Mistress* Steerforth observou, mais gracejando do que a sério, que receava que seu filho levasse uma vida um pouco malbaratada na Universidade, eis como se houve *miss* Dartle:

— Oh! Certamente! A senhora sabe que sou muito ignorante e que não desejo senão instruir-me; mas dar-se-á caso que não seja sempre assim? Eu supunha que era corrente que esse género de vida fosse...?

— Uma preparação para uma profissão muito séria; se é isso o que quer dizer, Rosa — disse *Mistress* Steerforth com alguma frieza...

— Oh! Por certo, é bem verdade — respondeu *miss* Dartle —, mas dar-se-á o caso, apesar de tudo, de não ser sempre assim? Eu não peço senão que me

rectifiquem, se me enganar; mas supunha que na realidade era sempre assim.

— Sempre o quê? — disse *miss* Steerforth.

— Oh! A senhora quer dizer que não — respondeu *miss* Dartle. — Muito bem! Estou encantada por o saber. Agora sei o que devo pensar, eis a vantagem das perguntas. Não consentirei mais que se fale diante de mim de extravagâncias e de prodigalidades de todo o género, como sendo consequências inevitáveis de uma vida de estudante.

— E fará muito bem — disse *Mistress* Steerforth —; o preceptor de meu filho é um homem muito consciencioso e quando eu não tiver plena confiança em meu filho, terei plena confiança na vigilância do seu mestre.

— Em verdade? — disse *miss* Dartle. — Ah! Ele é consciencioso, realmente consciencioso?

— É, estou disso convencida — disse *Mistress* Steerforth.

— Que felicidade! — exclamou *miss* Dartle. — Que tranquilidade para si! Realmente consciencioso? Então ele não é... não, está visto, se é realmente consciencioso. Pois bem! Estou satisfeita por poder ter boa opinião dele para futuro. A senhora não faz ideia do que ele ganhou na minha estima desde que sei que ele é realmente consciencioso.

Era assim que *miss* Dartle insinuava, em todas as circunstâncias, as suas opiniões sobre qualquer questão e corrigia na conversa tudo o que não entrava nas suas ideias. Devo dizer que por vezes obtinha êxito, mesmo quando estava em contradição com *miss* Steerforth. Tive um exemplo antes do fim do jantar. *Mistress* Steerforth falava da viagem que eu tinha tenção de ir fazer ao Suffolk; eu disse à ventura que ficaria muito contente se Steerforth quisesse acompanhar-me e expliquei-lhe que ia ver a minha velha criada e a família de *Mister* Peggotty, esse marinheiro que ele tinha visto quando estávamos juntos no colégio.

— Oh! Esse bom homem — disse Steerforth — que trazia com ele um filho, não é assim?

— Não; é sobrinho dele — repliquei —, mas adoptou-o. Tem também em casa uma sobrinhita muito linda que adoptou igualmente. Numa palavra, a casa dele (ou antes o barco dele, porque habita num barco em terra firme) está cheio de gente que é objecto da sua bondade e da sua generosidade. Ficaria encantado se visse esse interior.

— Palavra? — disse Steerforth. — Pois bem! Tenho grande desejo disso. Hei-de ver se posso arranjar a ir, porque não falando no prazer da sua companhia, Malmequer, far-se-ia de boa vontade a viagem para ver gente dessa espécie reunida junta e viver um pouco no meio dela.

O coração batia-me com a esperança deste novo prazer. Mas *miss* Dartle, que

nos vigiava com os seus olhos penetrantes, meteu-se nesta altura na conversa a propósito do tom com que ele disse «gente dessa espécie»:

— Ah, sim? Diga-me, essa gente é realmente...?

— É... o quê? Que quer dizer? — perguntou Steerforth.

— Gente dessa espécie! Dar-se-á o caso que sejam realmente animais, brutos, criaturas de outra natureza? É tudo quanto queria dizer.

— Há certamente uma grande diferença entre eles e nós — disse Steerforth com ar indiferente —; não se pode esperar que sejam tão sensíveis como nós. A delicadeza deles não é muito susceptível e não se melindra facilmente. São pessoas de uma virtude maravilhosa, pelo menos é o que dizem e não tenho nenhum desejo de dizer o contrário; mas não são naturezas muito delicadas e devem dar-se por felizes de que os seus sentimentos não sejam mais fáceis de ferir do que a sua pele rude e grosseira.

— Deveras? — disse *miss* Dartle. — Muito bem! Não podia dar-me maior prazer que cientificar-me disso; é muito consolador! Acho delicioso saber que não sentem os seus sofrimentos. Por vezes tenho sido levada a lastimar essa espécie de gente, mas doravante não pensarei mais nisso. Aprende-se todos os dias qualquer coisa... eu tinha dúvidas, convenho nisso, mas dissiparam-se-me agora; não sabia o que sei agora. Eis a vantagem das discussões, não é verdade?

Eu pensava que Steerforth quisera gracejar para fazer dar à língua *miss* Dartle e esperava ouvi-lo confessar isso depois da saída de *Mistress* Steerforth e da sua dama de companhia. Estávamos sós, sentados ao fogão; mas ele limitou-se a perguntar-me o que pensava dela.

— Tem espírito, não é verdade?

— Espírito! Ela passa a vida a epilogar; afia tudo na sua pedra de amolar como afiou, há anos, a sua figura bicuda e a sua estatura afilada; e tanto afia que se estragou no ofício; dela só resta uma lâmina de faca.

— Que notável cicatriz que ela tem no lábio! — disse-lhe eu.

Steerforth empalideceu um pouco e guardou silêncio por um momento.

— A verdade é — disse ele enfim — que foi por minha culpa.

— Por acidente?

— Não. Eu era criança ainda, ela fez-me desesperar e eu atirei-lhe com um martelo à cabeça. Como vê devia ser um anjinho que já prometia muito.

Eu estava apoquentado por ter aludido a um assunto tão desagradável, mas era muito tarde.

— Desde então que ficou com essa marca, como vê — disse Steerforth — e para a cova a levará, se é verdade que possa descansar algum dia numa cova, porque duvido que possa descansar jamais em qualquer parle. Era filha de um primo afastado de meu pai, perdeu a mãe quando o pai também morreu; minha

mãe, que já era viúva, tomou-a para casa, a fim de lhe fazer companhia. Tem o pé-de-meia de um par de mil libras esterlinas, cujo rendimento todos os anos economiza para juntar ao capital. Ei-lo ao corrente da história de *miss* Rosa Dartle.

— E, naturalmente, ela tem-no na conta de um irmão?

— Oh! — disse Steerforth contemplando o fogo —, há irmãos que não são o objecto de um afecto bem intenso; outros há, porém, que se amam... Mas sirva-se, Copperfield; vamos beber à saúde dos malmequeres dos campos em sua honra e à dos lírios do vale que não trabalham nem Ham, em lembrança da minha pessoa... porque não posso dizer em minha honra.

Um sorriso zombeteiro que errava nos seus lábios havia um momento desaparecera quando ele pronunciou estas palavras, mas recuperou toda a sua graça e a sua franqueza costumadas.

Não pude fugir a contemplar a cicatriz com um desagradável interesse, ao entrar na sala para tomar o chá. Bem depressa percebi que era a parte mais sensível do seu rosto e que quando ela empalidecia, essa cicatriz mudava também de cor e tornava-se numa risca cinzenta, plúmbea, que se distinguia então em toda a sua extensão como uma linha de tinta simpática, quando se expõe ao calor do fogo. Jogando o gamão com Steerforth, levantou-se entre ele e ela uma pequena discussão que excitou na *miss* um instante de violenta cólera e vi a cicatriz desenhar-se de súbito como as palavras misteriosas escritas na parede do festim de Baltazar.

Não me admirei de ver *Mistress* Steerforth absorvida no seu afecto por seu filho. Parecia não poder ocupar-se ou falar de outra coisa; mostrou-me um medalhão contendo a miniatura dele com um anel de cabelos da sua primeira infância, depois um outro retrato da idade em que primeiro o conheci; ao peito trazia um terceiro retrato recente. Conservava numa secretária perto da sua poltrona, todas as cartas que ele lhe tinha escrito; de boa vontade me leria algumas e eu ficaria encantado de as ouvir, mas Steerforth interveio pedindo-lhe que não fizesse tal.

— Foi em casa de *Mister* Creakle que o senhor conheceu meu filho, ao que parece — disse-me *Mistress* Steerforth conversando comigo durante a partida de gamão do filho com *miss* Dartle. — Lembro-me bem dele me falar, por esse tempo, de um aluno mais novo que ele que lhe tinha agradado, mas o seu nome apagou-se naturalmente da minha memória.

— Foi sempre cheio de bondade e generosidade comigo nesse tempo, minha senhora e asseguro-lhe que tinha necessidade de um amigo assim; sem ele, bem oprimido seria eu.

— Ele foi sempre bom e generoso — disse Steerforth com elevação.

— Não era um colégio conveniente para o meu filho — disse ela —, longe disso; mas havia a considerar circunstâncias particulares mais importantes ainda do que a escolha de professores. O espírito independente de meu filho tornava indispensável que ele fosse colocado em casa de um homem que sentisse a sua superioridade e que consentisse em inclinar-se diante dele: em *Mister* Creakle encontrámos o homem que nos era preciso.

Ela não me dava novidade nenhuma; eu conhecia o homem; mas por isso não desprezava mais *Mister* Creakle; parecia-me bastante desculpável que não soubesse resistir ao encanto irresistível de Steerforth.

— Meu filho foi levado, nessa casa, a aplicar as suas grandes faculdades, por um sentimento de emulação voluntária e de orgulho natural — continuou ela. — Ter-se-ia revoltado contra qualquer sujeição, mas lá sentia-se soberano, amo e senhor e tomou a resolução de ser digno em tudo da sua situação; não esperava menos dele.

Respondi com ela, de toda a minha alma, que bem o reconhecia.

— Meu filho tomou então, de vontade própria e sem constrangimento algum, o primeiro lugar da instituição, como fará sempre, uma vez que se lhe meter no espírito ultrapassar os seus concorrentes — continuou ela. — Meu filho disse-me, Copperfield, que o senhor lhe era dedicado e que ontem, ao encontrá-lo, se recordou dele com lágrimas de alegria. Seria afectação da minha parte descrever qualquer surpresa ao ver meu filho inspirar tão intensas emoções, mas não posso ser indiferente para quem quer que sinta tão profundamente o que vale o meu Steerforth; estou, pois, maravilhada por o ver aqui, senhor Copperfield e posso assegurar-lhe, de mais a mais, que ele lhe consagra uma amizade muito particular; pode contar com a sua protecção.

*Miss* Dartle jogava o gamão com o ardor que mostrava em todas as coisas. Se a primeira vez em que a vi, ela estivesse diante dessa mesa, havia de imaginar que a sua magreza e os seus olhos esgazeados eram o efeito naturalíssimo da sua paixão pelo jogo. Mas, com tudo isso, ou eu me engano muito, ou ela não perdia uma única palavra da conversação e não deixava passar despercebido um só dos olhares de prazer com que eu recebia os protestos de *Mistress* Steerforth, honrado a meus olhos pela sua confiança e sentindo no meu amor próprio que eu era bem mais velho depois da minha partida de Canterbury.

Ao fim da noite, quando trouxeram uma bandeja cheia de cálices e garrafas, Steerforth, sentado ao canto do fogão, prometeu-me pensar seriamente em acompanhar-me na minha digressão.

— Tenho tempo de pensar — disse ele. — Ainda temos oito dias diante de nós.

E sua mãe disse-me a mesma coisa com muita bondade.

Conversando, Steerforth chamou-me várias vezes Malmequer, o que atraiu sobre nós as perguntas de *miss* Dartle.

— Ora diga-me, senhor Copperfield: é realmente alguma alcunha? — perguntou ela. — E porque é que ele lha dá? Será... talvez, será porque o considere como um moço inocente? Sou tão inábil para adivinhar estas coisas!

Respondi, corando, que supunha não se ter ela enganado nas suas conjecturas.

— Oh! — disse *miss* Dartle —, estou encantada por saber isso! O meu gosto é aprender e estou satisfeita pelo que me diz. Ele considera-o como um jovem inocente e é por isso que fez de si um amigo. Ora, aqui está o que é deveras encantador!

Foi deitar-se logo a seguir e *Mistress* Steerforth retirou-se também. Steerforth e eu, depois de passarmos uma meia hora perto do fogo a falarmos de Traddles e de todos os nossos antigos camaradas, subimos as escadas juntos. O quarto de Steerforth era contíguo ao meu; entrei para dar uma vista de olhos. Era asseado e cómodo: poltronas, almofadas, tamboretes bordados por sua mãe, nada ali faltava que não contribuísse para o tornar agradável e, para coroar tudo, o belo rosto de *Mistress* Steerforth reproduzido num quadro suspenso da parede, seguindo com a vista o filho, as suas queridas delícias, como se quisesse velar, pelo menos em efígie, até o seu sono!

Encontrei um fogo claro aceso no meu quarto. As cortinas do leito e das janelas estavam fechadas e instalei-me comodamente numa grande poltrona perto do fogo, para reflectir na minha felicidade; achava-me mergulhado nas minhas divagações havia apenas um momento, quando descobri um retrato de *miss* Dartle colocado por cima do fogão, dardejando os seus olhos ardentes sobre mim.

A parecença era empolgante, e, por conseguinte, também a expressão. O pintor havia esquecido a cicatriz, mas eu não a esquecia, com as suas mudanças de cor e os seus movimentos variados, ora não aparecendo senão no lábio superior, como ao jantar, ora marcando de repente toda a extensão do ferimento feito pelo martelo, como tinha notado quando ela se encolerizava.

Perguntei de mim para mim com impaciência por que é que não a tinham colocado noutra qualquer parte, em vez de me condenarem à sua companhia. Despi-me apressadamente para me ver livre dela, apaguei a vela e deitei-me; mas, ao adormecer, não podia esquecer-me de que ela olhava sempre para mim, parecendo dizer-me «Ah! Realmente, é assim, eu desejava muito saber...» e, quando despertei pela manhã, recordei-me de que, em sonhos, eu me cansei de perguntar a quantas pessoas encontrava, se realmente era assim, ou não, sem, de resto, saber patavina do que queria dizer.

## Capítulo XXI — A Emilita

Havia na casa um criado que, pelo que compreendi, acompanhava geralmente Steerforth e que entrara para o seu serviço na Universidade. Era, na aparência, um modelo de correcção. Creio que nunca houve homem que, na sua posição, tivesse um aspecto mais respeitável. Era calado, tranquilo, respeitoso, atento, não fazia ruído, estava sempre aonde era preciso e nunca incomodava quando não tinha que fazer; mas o seu grande título à consideração era a conveniência das suas maneiras. Não tinha o ar de um perdigueiro, tinha antes o tom um pouco hirto; o cabelo era curto e a cabeça arredondada, falava brandamente e tinha uma maneira particular de fazer sibilar os SS, que fazia supor que os gastava mais do que o comum dos mortais; mas as mais pequenas particularidades das suas maneiras contribuíam para lhe dar o ar respeitável e podia ter o nariz mais extravagante, que estou certo de que teria encontrado meio de tirar desse aleijão mais um elemento para acrescentar ao seu ar respeitável. Rodeava-se de uma atmosfera de conveniências, no meio da qual caminhava com passo seguro e tranquilo. Seria quase impossível suspeitar que ele cometesse uma má acção, tão respeitável era. E não viria à ideia de ninguém fazê-lo vestir libré, pois era muito respeitável para isso. Ninguém se atreveria a impor-lhe um trabalho servil; seria um insulto gratuito aos sentimentos de um homem profundamente respeitável e notei que as mulheres da casa tanto o sentiam, que faziam sempre todo o serviço, enquanto ele lia o jornal ao pé do fogão, na cozinha.

Nunca vi homem mais reservado. Mas essa qualidade, como todas as que possuía, só contribuía para tornar o seu todo cada vez mais respeitável. Ninguém lhe sabia o nome de baptismo, mas esse mistério não lhe prejudicava a consideração. Não se podia fazer objecção alguma ao nome de Littimer, pelo qual era conhecido. Pedro podia ser o nome de um enforcado e Tomás o de um degredado; mas Littimer era um nome respeitável a valer.

Não sei se seria por causa do seu conjunto respeitável, mas o certo é que eu sentia-me sempre muito novo em presença desse homem. Não pude adivinhar que idade ele próprio teria e era ainda um mérito de discrição a acrescentar a quantos lhe conhecia. Na tranquilidade da sua fisionomia respeitável tanto se podia calcular cinquenta como trinta anos.

Littimer entrou-me no quarto, no dia seguinte, antes de eu me levantar e levou-me água para a barba (cruel recordação!), pondo-se a tirar para fora a minha roupa. Quando abri os cortinados do leito para reparar nele, vi-o sempre

na mesma temperatura de conveniência (porque o vento leste do mês de Janeiro não o faria descer um grau; nem sequer tinha o bafo arrefecido), a colocar-me as botas à direita e à esquerda, na primeira posição de dança e soprando delicadamente ao meu sobretudo para fazer desaparecer alguns átomos de pó, foi depois deitá-lo em cima do sofá com o mesmo cuidado com que deitaria uma criança adormecida.

Dei-lhe os bons dias e perguntei-lhe que horas eram. Sacou do bolso o relógio de caça mais conveniente que tenho visto, entreabriu-o, segurando a mola da caixa com o polegar, olhou para ele como se consultasse uma ostra profética, fechou-o e disse-me que eram oito horas e meia.

— *Mister* Steerforth muito desejaria saber se o senhor passou bem a noite.

— Obrigado — respondi-lhe — dormi muito bem. E *Mister* Steerforth passou bem?

— Obrigado, senhor. *Mister* Steerforth passou muito bem.

Uma outra feição característica de Littimer consistia no cuidado com que evitava todos os superlativos, guardando sempre um justo meio, frio e calmo.

— O senhor precisa ainda de qualquer coisa que eu possa ter a honra de lhe fazer? A sineta dá o primeiro toque às nove horas e a família almoça às nove e meia.

— Não preciso de nada, obrigado.

— Sou eu quem agradece ao senhor, se se digna dar-me licença.

E, com estas palavras, passou por junto da minha cama com uma ligeira inclinação de cabeça, como se me pedisse perdão de ter corrigido as minhas palavras e saiu fechando a porta tão devagarinho, como se eu acabasse de cair num leve sono de que dependesse a minha vida.

Todas as manhãs se repetia entre nós esta conversação, nem mais, nem menos; e, todavia, por mais progressos que eu pudesse fazer na minha própria estima na véspera à noite, por maior esperança de uma maturidade próxima que tivessem podido fazer-me conceber a intimidade de Steerforth, a confiança de *Mistress* Steerforth ou a conversação de *miss* Dartle, logo que me encontrava em presença desse homem respeitável, no mesmo instante regressava a rapazinho.

Arranjou-nos cavalos e Steerforth, que sabia tudo, deu-me lições de equitação. Procurou-nos floretes e Steerforth começou a ensinar-me a jogar as armas; forneceu-nos luvas e fiz alguns progressos na arte do box. Pouco me importava que Steerforth me encontrasse bisonho em todas essas ciências, mas não podia sofrer que me faltasse a destreza diante do respeitável Littimer. Não tinha razão alguma para crer que Littimer fosse versado na prática das artes em questão; nada, na sua pessoa, mo podia fazer supor de modo algum, nem mesmo um movimento imperceptível das pálpebras; mas todas as vezes que ele assistia à

lição, sentia-me mais criança, mais desastrado, o mais ingénuo dos homens, um verdadeiro fedelho.

Se entrei em todas estas minudências que me dizem respeito, é porque ele produzia em mim, à primeira vista, um efeito bastante singular e é sobretudo para preparar o que mais tarde sucedeu.

A semana decorreu encantadoramente. Passou depressa para mim, como se pode crer; era como que um sonho e todavia tinha tantas ocasiões de aprender a melhor conhecer Steerforth e de o admirar todos os dias mais, que me parecia, no fim da minha permanência ali, que nunca tinha saído de junto dele. Tratava-me um pouco como um brinquedo, mas de uma forma tão amena, que nada podia fazer que mais agradável me fosse. Isso recordava-me, de resto, as nossas antigas relações, de que as nossas modernas afinidades me pareciam uma consequência muito natural. Eu via que ele não tinha mudado e achava-me livre de todo o embaraço que poderia sentir comparando os meus merecimentos com os dele e calculando os meus direitos à sua amizade num pé de igualdade; enfim, só comigo tinha essas maneiras alegres, familiares, afectuosas. Como me tinha tratado, no colégio, muito diferentemente do resto dos meus camaradas, eu via também, com prazer, que não me tratasse agora, na sociedade, da mesma maneira que o resto dos seus amigos. Julgava-me mais perto do seu coração do que nenhum outro, como sentia o meu inflamado de uma amizade sem igual por ele.

Decidiu-se a ir comigo à aldeia e o dia da nossa partida depressa chegou. Houve um momento em que pensou levar Littimer, mas acabou por decidir deixá-lo em casa. Esse homem respeitável, satisfeito com tudo, colocou as nossas malas no carro que nos devia conduzir a Londres, de maneira a arrostarem os balanços e contrabalanços de uma viagem eterna e recebeu, com o ar mais tranquilo, a modesta gorjeta que lhe ofereci.

Fizemos as nossas despedidas a *Mistress* Steerforth e a *miss* Dartle, sendo os meus agradecimentos recebidos com muita bondade pela mãe do meu amigo. A última coisa que me impressionou foi o rosto imperturbável de Littimer, que exprimia, ao que pude ver, a convicção de que eu era bastante rapaz, completamente rapaz.

Não procurarei descrever o que experimentei ao regressar, sob tão favoráveis auspícios, aos lugares testemunhas da minha infância. Eu estava tão preocupado do efeito que produziria Yarmouth em Steerforth, que fiquei encantado quando lhe ouvi dizer, ao atravessarmos as ruas sombrias que conduziam ao hotel do Correio, que tanto quanto podia julgar, era um buraco interessante, bastante singular, conquanto um pouco isolado. Quando chegámos, fomo-nos deitar (reparei num par de polainas e sapatos enlameados à porta do meu velho amigo

Delfim) e almoçámos tarde no dia seguinte. Steerforth, que estava muito bem disposto, passeara pela praia antes de eu despertar e tinha tomado conhecimento com metade dos pescadores do sítio, dizia ele. Bem melhor: julgava ter visto ao longe a casa de *Mister* Peggotty, com o fumo a sair pela chaminé e tinha estado quase, disse-me ele, a entrar resolutamente e a fazer-se passar por mim, dizendo que tinha crescido por tal forma que estava irreconhecível.

— Quando conta apresentar-me, Malmequer? — perguntou ele. — Estou à sua disposição; isso não depende senão de si.

— Está bem! Eu dizia de mim para mim que poderíamos lá ir esta tarde, Steerforth, no momento em que todos estão sentados em volta do fogo. Eu desejava que o senhor visse aquilo na sua bela simplicidade; tem qualquer coisa de tão curioso!

— Pois então iremos lá esta noite! — disse Steerforth.

— Não os prevenirei da nossa chegada, sabe? — disse eu encantado. — É preciso apanhá-los de surpresa.

— Oh! Está claro — respondeu Steerforth — não teria graça se os não pilhássemos com a boca na botija. É preciso ver os indígenas no seu estado natural.

— Todavia, não são gente da espécie a que o senhor se referiu o outro dia — disse eu.

— Ah! Lembra-se das minhas escaramuças com a Rosa? — exclamou ele vivamente. — Essa criatura é-me insuportável, tenho quase medo dela. Causa-me o efeito de um vampiro. Mas não pensemos nisso. Que vai fazer agora? Suponho que vai ver a sua velha criada?

— Certamente que vou — disse — devo começar por ver Peggotty.

— Vejamos! — replicou Steerforth puxando do relógio. — Dou-lhe duas horas para choramingar até lhe tocar com o dedo; é bastante?

Respondi que pensava não ser preciso mais tempo e que entendia que ele deveria ir também, para ter ocasião de apreciar como a sua fama o havia precedido e como era considerado uma personagem quase tão importante como eu.

— Irei aonde quiser e farei o que quiser — disse Steerforth. — Diga-me somente aonde é que devo ir ter e não lhe peço senão duas horas para me preparar no meu papel sentimental ou cómico, à sua escolha.

Dei-lhe os esclarecimentos mais minuciosos para ir ter à morada de *Mister* Barkis, e, ambos combinados, saí só. O ar era forte, o chão seco e o mar transparente; o sol derramava ondas de luz, senão de calor e todos pareciam alegres e bem dispostos. Sentia-me tão contente, que na minha satisfação por me encontrar em Yarmouth, de boa vontade teria feito parar cada transeunte para lhe

dar um aperto de mão.

As ruas pareciam-me um pouco estreitas. É sempre assim quando a gente torna a ver mais tarde as que conheceu na sua infância. Mas eu não tinha esquecido coisa alguma, nada estava mudado, até ao momento em que cheguei ao pé da loja de *Mister* Omer. As palavras *Omer & Joram* haviam substituído o nome único *Omer.* Mas a inscrição *Fornecem artigos de luto*, etc, lá estava no seu lugar.

Os meus passos dirigiram-se tão naturalmente para a porta da loja depois de ter lido a tabuleta do lado fronteiro da rua, que atravessei a calçada para olhar pela janela. Vi ao fundo uma linda criatura que fazia saltar nos braços uma criancinha; um outro pequerrucho agarrava-se-lhe ao avental. Reconheci logo Minnie e os seus filhos. A porta envidraçada da loja não estava aberta, mas eu ouvia frouxamente, na oficina, ao fundo do pátio, soar o velho traz-traz do martelo, que parecia não ter cessado desde que lá estive.

— O senhor Omer está em casa? — perguntei, entrando. — Estimaria vê-lo por um momento.

— Oh! Sim, senhor, está em casa — disse Minnie. — A asma não o deixa sair com este tempo. José, vai chamar o avô.

O pequenito que se agarrava ao avental chamou num grito tão estridente, que ele próprio se assustou e escondeu a cabeça nas saias da mãe, com grande satisfação desta. Ouvi então aproximar-se alguém que resfolegava com grande ruído e vi logo aparecer *Mister* Omer, com a respiração mais ofegante ainda do que dantes, mas tendo envelhecido pouco.

— Um seu criado, senhor — disse *Mister* Omer. — Que deseja?

— Que me dê um aperto de mão, se lhe apraz, senhor Omer — disse eu estendendo-lhe a minha. — O senhor mostrou-se muito bondoso comigo certo dia em que receio não lhe ter testemunhado bem o meu reconhecimento.

— Ah! Sim? — respondeu o velhote. — Estou encantado do que me diz, mas não me lembro. Está bem certo de que sou eu?

— Perfeitamente certo.

— É preciso que eu tenha a memória tão curta como a respiração — disse *Mister* Omer abanando a cabeça e olhando para mim — porque não me lembro da sua cara.

— Então o senhor não se lembra de me ir esperar à diligência, de me ter dado de almoçar e de me ter levado em seguida a Blunderstone, com *Mistress* Joram e com *Mister* Joram, que ainda a esse tempo não eram casados?

— Como! Deveras? Deus me perdoe! — disse *Mister* Omer, lançado pela surpresa num ataque de tosse. — Pois é o senhor? Minnie, minha querida, recordas-te? Tratava-se de uma senhora, não é verdade?

— Minha mãe — lhe disse eu.

— Cer...ta...mente — disse *Mister* Omer tocando-me no colete com a ponta do dedo — e havia também um menino. Duas pessoas ao mesmo tempo: a grande e a pequena no mesmo caixão. Em Blunderstone, é verdade... E como tem passado desde então?

— Muito bem — disse-lhe eu —, agradeço-lhe, e o senhor espero que também tenha passado e passe bem.

— Oh! Não tenho razão de queixa — disse *Mister* Omer. — Tenho a respiração mais curta, mas é sempre assim quando se envelhece. Aceito-a como ela vem e tiro-me de dificuldades o melhor que posso. É ou não o que devo fazer?

*Mister* Omer pôs-se de novo a tossir, em seguida a uma risada e sua filha, que fazia tém-tém com o filho mais pequerrucho, em cima do balcão, ao nosso lado, correu em seu auxílio.

— Sim, sim, com toda a certeza! — disse *Mister* Omer. — Recordo-me, havia dois. Pois bem! Talvez não acredite, senhor. Foi durante essa jornada que foi fixado o dia do casamento de Minnie com Joram. «Marque o dia, senhor», disse-me Joram. «Sim, sim, meu pai», dizia Minnie. E agora ele ficou meu sócio e olhe, aqui tem o filho dele mais novinho.

Minnie ria e passava a mão pelos bandos, enquanto seu pai dava um dos dedos para agarrar ao pequerruchito que ela fazia andar pelo balcão.

— Duas pessoas! É isso mesmo — prosseguiu *Mister* Omer, sacudindo a cabeça e pensando no passado. — Justamente! E olhe! Joram trabalha neste momento num caixãozito cinzento, com pregos de prata, de duas polegadas se tanto, tamanho como este — e designava a criança com quem a mãe estava brincando. — Quer tomar alguma coisa?

Recusei, agradecendo.

— Ora vejamos — disse *Mister* Omer. — A mulher do recoveiro Barkis, irmão do Peggotty, pescador, tinha qualquer coisa que ver com a sua família, não é verdade? Acho que serviu lá em casa.

A minha resposta afirmativa causou-lhe uma grande satisfação.

— Espero ter a respiração mais comprida por estes dias; veja como eu já me lembro — disse *Mister* Omer. — Pois bem, senhor, nós temos cá em casa, como aprendiza, uma parenta dela que tem uma grande queda para vestidos!... Não creio que haja na Inglaterra uma duquesa que pudesse pôr-lhe o pé diante!

— Não é a pequena Emília? — disse eu involuntariamente.

— Ela chama-se Emília, chama — disse *Mister* Omer — e é pequena, como diz; mas, veja lá, tem um palmo de cara que faz morder de raiva metade das mulheres da cidade!

— Ó pai, então! — gritou Minnie.

— Não falo de ti, minha querida — disse *Mister* Omer piscando o olho para o meu lado —, mas digo que em Yarmouth e em duas léguas em redor, mais de metade das mulheres estão furiosas contra essa pobre pequena.

— Era melhor que ela não saísse da sua classe, meu pai — disse Minnie. — Assim não teria feito falar dela e a restante gente calaria a boca.

— Obrigado, minha querida! — replicou *Mister* Omer. — É assim que conheces a vida? Crês que haja no mundo qualquer coisa que possa obrigar uma mulher a calar-se, sobretudo quando se trata de criticar uma outra mulher?

Supus realmente que era de uma vez *Mister* Omer quando ele arriscou este gracejo malicioso. Tossia tão fortemente e a sua respiração recusava-se tão obstinadamente a deixar-se tomar, que eu esperava ver a sua cabeça desaparecer por trás do balcão e as suas pernas curtas, vestidas como dantes num calção negro, com laços de fita debotada, nos joelhos, agitar-se nas convulsões da agonia. Enfim restabeleceu-se, conquanto ficasse ainda tão esbaforido e tão anelante que foi obrigado a sentar-se num tamborete, por trás do mostrador.

— Veja — disse ele enxugando a fronte e respirando a custo — ela não tem tomado aqui muitas relações, não tem corrido atrás de conhecimentos nem de amigas e ainda menos de namorados. Então começaram a circular maledicências, correu que Emília queria ser uma senhora. A minha opinião sobre este ponto é que esses boatos circulavam sobretudo por ela ter dito um dia na escola que se fosse uma senhora, faria isto e aquilo por seu tio, veja lá e que lhe compraria tal ou qual coisa.

— Asseguro-lhe, senhor Omer — disse-lhe vivamente — que ela repetiu-me isso efectivamente bastantes vezes, quando ainda éramos crianças.

*Mister* Omer fez um sinal de cabeça e acariciou o queixo.

— Precisamente. E depois com o mais pequeno farrapo, veste-se melhor do que as outras com muito dinheiro e isso não agrada, compreende? Enfim ela era um pouco como quem diria caprichosa, sim, afirmarei até que era positivamente caprichosa — continuou *Mister* Omer — ela não sabia o que queria; nunca estava contente, era enfim um pouco cheia de mimo. É tudo quanto sempre se disse contra ela, não é assim, Minnie?

— Sim, meu pai — disse *Mistress* Joram. — É isso tudo, creio bem.

— Assim, pois, ela principiou por se empregar — disse *Mister* Omer — indo fazer companhia a uma senhora velha, ruim de aturar; não puderam entender-se e a pequena não esteve lá muito tempo. Depois disso entrou para cá como aprendiza, contratada por três anos. Ela só, faz tanta obra como seis costureiras juntas, não é verdade, Minnie?

— Sim, meu pai — replicou Minnie. — Não se há de dizer que lhe não faço

justiça.

— Bem — disse *Mister* Omer — e é assim que deve ser. Agora, senhor, como não desejo que diga que estou contando histórias compridas para um homem que tem a respiração tão curta, creio que basta sobre o assunto.

Pai e filha tinham baixado a voz quando falaram de Emília, donde concluí que ela não estava longe. À pergunta que sobre isso fiz, *Mister* Omer, com um sinal de cabeça, indicou-me a porta das traseiras da loja. Perguntei-lhe precipitadamente se podia olhar e tendo recebido plena licença, aproximei-me do vidro e vi por ele a Emília a trabalhar. Estava encantadora, baixinha, com os grandes olhos azuis que dantes penetravam no meu coração e estava a rir olhando para um outro filho de Minnie que brincava ao pé dela. Tinha um pequeno ar decidido que tornava provável o que eu acabava de ouvir dizer do seu carácter e encontrei no seu olhar restos do seu génio caprichoso do tempo passado, mas nada no seu lindo rosto me fazia prever para ela um outro futuro senão de felicidade e de virtude... Todavia a antiga ária, essa ária que não cessa nunca, ai de nós, o traz-traz fatal, retinia sempre no fundo do pátio.

— Agradar-lhe-ia entrar para lhe falar, senhor? — disse *Mister* Omer. — Entre. Faça de conta que está em sua casa.

Achava-me muito tímido para aceitar então a sua proposta; tinha medo de a perturbar e de me perturbar também; perguntei somente a que horas ela ia à noite para casa, a fim de escolher o momento da nossa visita; e despedindo-me de *Mister* Omer, da sua linda filha e dos seus filhinhos, dirigi-me para casa da minha boa velha Peggotty. Encontrei-a na cozinha a fazer o jantar! Abriu-me a porta mal eu bati e perguntou-me o que desejava. Olhei para ela a sorrir, mas ela é que não sorria nada. Eu nunca tinha deixado de lhe escrever, mas havia, pelo menos, sete anos que ela me não via.

— *Mister* Barkis está em casa, minha senhora? — disse tornando uma grossa voz de *basso*.

— Está, sim senhor — disse Peggotty —, mas está na cama, com reumatismo.

— Ele vai ainda agora a Blunderstone? — perguntei.

— Sim, senhor, quando tem saúde — respondeu ela.

— E a senhora, *Mistress* Barkis, vai lá também algumas vezes?

Ela olhou para mim mais atentamente e notei um movimento convulsivo nas suas mãos.

— É que eu tinha alguns esclarecimentos a pedir acerca de uma casa lá situada que se chama... vamos a ver se me lembro... ah!... Blunderstone-a-Rookery — disse eu.

Ela recuou um passo estendendo os braços com um movimento de assombro, como para me repelir.

— Peggotty! — exclamei.

— Meu caro filho! — exclamou ela, e caímos nos braços um do outro banhados em lágrimas.

Não tenho coragem de dizer todas as extravagâncias a que se entregou, as lágrimas e risadas que se sucederam, o orgulho e a alegria que me testemunhava, o desgosto que sentia ao pensar que aquela de quem eu deveria ser o orgulho e a alegria não estava ali para me estreitar em seus braços. Não tive somente a ideia de que me mostrava bem criança correspondendo a toda essa emoção com a minha emoção. Creio que nunca ri nem chorei em toda a minha vida, mesmo com ela, mais à vontade que nessa manhã.

— Barkis há-de ficar muito contente! — disse Peggotty enxugando os olhos ao avental. — Isto vai-lhe fazer melhor que todas as cataplasmas e fricções. Posso-lhe ir dizer que o senhor está aqui? Há-de ir lá acima vê-lo, sim, David?

Era escusado dizê-lo, mas Peggotty não podia acabar de sair dali, porque todas as vezes que se encontrava ao pé da porta, voltava-se para me ver e então corria outra vez para junto de mim a rir e a chorar encostada ao meu ombro. Enfim, para facilitar as coisas, subi com ela, e, depois de ter esperado um instante, à porta, até que preparasse *Mister* Barkis para a minha visita, apresentou-me diante do doente.

Recebeu-me ele com verdadeiro entusiasmo. Não lhe permitindo o reumatismo estender-me a mão, pediu-me, em ar de graça, que sacudisse a borla do seu barrete de dormir, o que fiz com todo o gosto. Quando, enfim, me sentei ao pé da sua cama, disse-me que supunha ainda levar-me pela estrada de Blunderstone e que isso lhe fazia um bem infinito. Deitado como estava, com a roupa da cama até ao pescoço, parecia não ser outra coisa senão uma cara, como os querubins dos quadros, o que fazia o efeito mais singular.

— O senhor sabe o nome que eu escrevi na carripana? — disse *Mister* Barkis com um pequeno sorriso de reumático.

— Ah, senhor Barkis, que graves conversas tivemos a esse respeito, recorda-se?

— Havia muito tempo que eu *estava pronto*, não é verdade, senhor David? — disse *Mister* Barkis.

— Havia muito tempo — respondi.

— E não estou arrependido — disse *Mister* Barkis. — Lembra-se daquela vez que o senhor me disse que ela fazia tortas de maçãs e toda a cozinha em sua casa?

— Lembro-me muito bem, sim — respondi.

— Era verdade — disse *Mister* Barkis — como dois e dois serem quatro; tão exacto — e *Mister* Barkis agitava o seu barrete de dormir, o que era a única

maneira, naquela ocasião, de dar peso às suas palavras — tão exacto como o cobrador em receber o imposto e creia que não há nada mais exacto.

*Mister* Barkis voltou os olhos para mim como se esperasse a minha adesão a este resultado das reflexões que tinha elaborado na cama: dei-lhe, pois, o meu assentimento.

— Não há nada mais exacto — repetiu *Mister* Barkis — um pobre homem como eu percebe bem isso quando está doente, porque sou muito pobre, senhor David.

— Tenho bastante pena, senhor Barkis.

— Muito, muito pobre — disse *Mister* Barkis.

Neste ponto tirou com grande custo a mão direita debaixo da roupa e alcançou, depois de alguns esforços inúteis, agarrar um pau que estava preso à cabeceira da cama. Depois de ter dado algumas pontoadas no chão, o seu rosto começava a decompor-se, quando bateu numa caixa de que de há muito eu estava vendo uma das extremidades; então sossegou um pouco.

— É roupa velha — disse *Mister* Barkis.

— Oh! — disse eu.

— Bem quisera que fosse dinheiro — objectou *Mister* Barkis.

— Também eu tinha muito prazer que o senhor o tivesse.

— Mas não tenho — disse *Mister* Barkis arregalando os olhos.

Declarei que estava bem convencido do que me dizia e *Mister* Barkis dirigiu um olhar mais doce para sua mulher, dizendo-me:

— É a valer a melhor e a mais útil das mulheres, que C. P. Barkis, C. P. Barkis merece e além de todos os elogios que se lhe possam fazer! Minha querida, veja se prepara qualquer coisa de comer e beber, que seja bom, não é verdade? Para a companhia.

Eu ia protestar contra a honra que queria fazer-me, mas notei que Peggotty, sentada do outro lado da cama, desejava extraordinariamente que eu aceitasse o oferecimento. Fiquei, pois, calado.

— Tenho alguns *pence* por aí, minha querida — disse *Mister* Barkis —, mas agora estou fatigado; se quiser levar um bocado para fora do quarto *Mister* David enquanto eu vou passar pelo sono, tratarei, quando despertar, de encontrar o preciso.

Saímos do quarto, a este pedido. Fora, disse-me Peggotty que *Mister* Barkis, tendo-se tornado ainda mais apertado que dantes, recorria sempre a este estratagema, de cada vez que se tratava de tirar dinheiro do seu cofre e que sofria torturas inconcebíveis em arrastar-se sozinho fora da cama para ir buscar dinheiro a essa malfadada caixa. Efectivamente ouvimo-lo daí a pouco soltar gemidos abafados, visto que esse processo de pega ladra lhe fazia estalar todas

as articulações doridas; mas Peggotty, apesar dos olhares que exprimiam toda a sua compaixão por seu marido, assegurou-me que esse gesto de generosidade lhe faria bem e que mais valia deixá-lo. Deixou-o pois gemer sozinho, até que se enfiou outra vez na cama, sofrendo um verdadeiro martírio, estou bem certo. Então ele chamou por nós e aparentando abrir os olhos depois de um bom sono, tirou um guinéu que tinha metido debaixo do travesseiro. A satisfação de nos ter enganado e de guardar um segredo impenetrável acerca do conteúdo do seu cofre, parecia ser a seus olhos uma compensação suficiente a todas as suas torturas.

Preparei Peggotty para a chegada de Steerforth e ele apareceu daí a pouco. Estou persuadido de que ela não estabelecia nenhuma diferença entre as bondades que ele tivera comigo e os serviços que poderia ter-lhe prestado a ela própria e que de antemão estava em todo o caso disposta a recebê-lo com reconhecimento e dedicação; a sua linda figura, o dom natural que possuía de se pôr ao alcance daqueles com quem se encontrava e de adivinhar, quando queria entregar-se a esse trabalho, a corda sensível de cada um, tudo isso fez a conquista de Peggotty dentro de cinco minutos. De resto, o seu modo de me tratar bastaria para a subjugar. Mas, graças a todas estas razões combinadas, creio, em verdade, que sentia uma espécie de adoração por ele, quando ele lhe saiu de casa nessa tarde.

Steerforth ficou para jantar em casa de Peggotty. Se eu dissesse que ele tinha assentido de boa vontade não exprimiria senão palidamente a boa graça e a alegria que ele mostrou em aceitar. Quando entrou no quarto de *Mister* Barkis, dir-se-ia que levava para ali bom ar e luz; a sua presença era como um bálsamo refrescante. Sem esforço, sem ruído, sem afectação, imprimia a tudo que fazia um ar de desafogo que não se pode descrever, parecia que não o podia fazer de outra maneira, nem melhor e a graça, a naturalidade, o encanto das suas maneiras seduzem-me ainda hoje quando nisso penso.

Rimos a bandeiras despregadas na pequena sala de jantar, onde encontrei na estante o livro dos *Martyres*, no qual não se tinha tocado desde a minha partida e folheei de novo as suas velhas imagens tão terríveis que tanto medo me tinham causado e que nenhum me causavam agora. Quando Peggotty falou do meu quarto, dizendo-me que estava preparado e que esperava apenas por que eu lá fosse dormir; antes que eu pudesse lançar um olhar de hesitação sobre Steerforth, já ele tinha compreendido aquilo de que se tratava.

— Escusado é dizer — exclamou ele — que o David dormirá aqui durante a nossa estada e eu irei ficar ao hotel.

— Mas trazê-lo de tão distante para o deixar só não me parece de um bom camarada, Steerforth! — respondi eu.

— Mas, em nome do céu, não pertence o senhor naturalmente a *Mister* Barkis? — disse ele. — E que importa o que lhe parece, comparado com isso?

Tudo ficou, pois, combinado imediatamente.

Sustentou o seu papel brilhantemente até ao último momento e às oito horas tomámos o caminho do barco de *Mister* Peggotty. O encanto das maneiras de Steerforth parecia aumentar à medida que as horas decorriam e até pensava então, como agora estou convencido, de que o desejo de agradar, ajudado pelo êxito, incutia-lhe uma delicadeza mais requintada, um tacto distinto que realçava a subtileza dos seus instintos naturais. Se então me dissessem que era para ele uma simples brincadeira a que tinha recorrido, na excitação do momento, para ocupar o espírito, no desejo irreflectido de provar a sua superioridade, com o fim de conquistar por um instante uma coisa para ele sem valor, que logo abandonaria; se alguém me tivesse dito uma tal falsidade, nessa noite, eu não sei a que se teria exposto da minha parte; por certo que teria tudo a tremer da minha indignação.

Provavelmente, essa acusação faria redobrar em mim, se fosse possível, os sentimentos de dedicação e de afecto romanescos que me enchiam o coração, quando caminhava ao lado dele pela praia deserta, na direcção do velho barco; o vento gemia em volta de nós de uma maneira mais lúgubre como nunca fizera, mesmo no dia em que pela primeira vez apareci na soleira da porta de *Mister* Peggotty.

— É um lugar um pouco selvagem, não é, Steerforth?

— Um pouco triste na escuridão — disse ele — e o mar ruge, como se quisesse devorar-nos. Vejo uma luz lá ao fundo, será o barco?

— É ele, é — respondi.

— É exactamente o que eu tinha visto esta manhã — disse ele —; vim até aqui pelo instinto, aparentemente!

Cessamos de falar ao aproximar-nos da luz; procurei a porta, pus a mão no trinco e, fazendo sinal a Steerforth para permanecer muito ao pé de mim, entrei.

De fora tínhamos distinguido vozes; no momento em que entrávamos, ouvi bater palmas e descobri com espanto que essa manifestação provinha da lamentável *Mistress* Gummidge; mas *Mistress* Gummidge não era a única pessoa que me pareceu nesse estado de excitação pouco ordinário. *Mister* Peggotty, rindo a bom rir, com o rosto iluminado por uma alegria desusada, abria os seus grandes braços para neles receber a Emilita; Ham, com uma expressão de admiração e de enlevo misturada duma certa timidez acanhada que não lhe ficava mal, segurava na mão da Emilita, como se a apresentasse a *Mister* Peggotty; a própria Emilita, vermelha e constrangida, mas evidentemente enlevada na alegria de *Mister* Peggotty, fugira a Ham para se refugiar nos braços

de *Mister* Peggotty, mas foi a primeira que nos viu e parou ao ver-nos. Tal era o grupo que descobrimos ao passarmos do ar frio e húmido da noite para a quente atmosfera do aposento e o meu primeiro olhar incidiu sobre *Mistress* Gummidge, que estava no segundo plano a bater palmas como uma doida.

Este pequeno quadro desapareceu como um relâmpago, no momento da nossa entrada. Achava-me no meio da família atónita, frente a frente com *Mister* Peggotty, quando Ham exclamou;

— É *Mister* David, é *Mister* David!

Foi um instante enquanto se trocaram apertos de mão; todos falavam ao mesmo tempo; perguntavam-se novidades uns aos outros; falava-se na alegria que se sentia em tornarem-se a ver. *Mister* Peggotty estava tão ufano e feliz pela sua parte, que não sabia que dizer e limitava-se a estender-me a mão, para em seguida apertar a de Steerforth, depois a minha e a sacudir os seus cabelos crespos, rindo com uma tal expressão de alegria e de triunfo que era um regalo vê-lo.

— Nunca se viu uma coisa assim — disse *Mister* Peggotty — estes dois senhores, dois verdadeiros senhores, debaixo do meu tecto esta noite, seriamente, esta noite! Emília, minha querida, vem cá, vem cá, minha feiticeira! Aqui tens o amigo de *Mister* David, minha querida! É este o senhor de quem tens ouvido falar, Emília. Vem com *Mister* David para nos ver; é este o mais belo dia da vida de vosso tio, haja o que houver daqui em diante! Hurra!

Depois de ter pronunciado este discurso de um só jacto e com uma animação e uma alegria sem limites, *Mister* Peggotty agarrou nas suas grandes mãos o rosto da sobrinha e, depois de a ter beijado de todo o coração umas dez vezes, encostou a cabecita dela de encontro ao seu amplo peito, acariciando-lhe os cabelos tão docemente como o poderia ter feito a mão de uma senhora. Depois deixou-a ir, fugindo ela para o pequeno quarto onde eu dormia dantes e *Mister* Peggotty, esbaforido, graças à satisfação desacostumada que sentia, voltou-se para nós...

— Meus senhores — disse ele — se dois senhores como são, senhores de nascença...

— É verdade! É verdade! — gritou Ham. — Bem dito! É a verdade, *Mister* David! Senhores de nascença! É a verdade!

— ...se dois senhores, dois senhores de nascença, não puderem desculpar-me de me ver um pouco transtornado, quando souberem o estado das coisas, peço-lhes que me perdoem. Emília, minha querida! Ela sabe o que vou dizer e por isso é que fugiu.

E nisto a sua alegria rebentou de novo.

— *Mistress* Gummidge — continuou — faz-me o favor de ver o que é feito

dela?

*Mistress* Gummidge fez um sinal com a cabeça e desapareceu.

— Se o dia de hoje não é o mais feliz da minha vida — prosseguiu *Mister* Peggotty, sentando-se junto do fogo — que eu me transforme numa lagosta, e, o que é mais, numa lagosta cozida. Esta Emilita, senhor — disse ele baixinho a Steerforth — aquela que viu aqui há bocado e que estava muito vermelha...

Steerforth apenas fez um sinal de cabeça, mas com uma expressão de interesse tão acentuada e uma tal simpatia pelos sentimentos de *Mister* Peggotty, que este respondeu-lhe, como se ele tivesse falado:

— Sem dúvida, é ela, sim e vejo que a julgou bem. Muito obrigado, senhor.

Ham fez-me repetidos sinais, como se quisesse dizer outro tanto.

— A nossa Emilita — disse *Mister* Peggotty — tem sido para nós tudo o que uma criatura tão encantadora pode ser para uma casa; eu não sei grande coisa, mas por certo que sei o seguinte: não é minha filha, porque nunca tive filhos, mas se o fosse, não lhe podia ter mais amor, o senhor compreende? Seria impossível!

— Compreendo perfeitamente — assentiu Steerforth.

— Eu bem sei, senhor — replicou *Mister* Peggotty — e torno a agradecer-lhe mais uma vez. *Mister* David deve recordar-se o que ela era dantes. O senhor pode julgar por si próprio o que ela é agora; mas nem um nem outro podem saber o que ela é e o que ela há-de ser para um coração que a ame como o meu. Sou um pouco rude, senhor — continuou *Mister* Peggotty — sou tão rude como um ouriço-do-mar, mas ninguém, a não ser uma mulher, poderia compreender o que a minha Emilita é para mim. E aqui para nós — disse baixando ainda a voz — o nome dessa mulher que poderia compreender-me não é sempre *Mistress* Gummidge, se bem que ela tenha um ror de qualidades.

*Mister* Peggotty arrepiou novamente os cabelos com ambas as mãos, a fim de se preparar para o que ainda tinha que dizer, depois apoiou as mãos nos joelhos e prosseguiu:

— Há alguém que conhece a nossa Emilita, desde o tempo em que o pai dela se afogou, que a tinha visto constantemente e na sua infância e quando ela era menina, e, enfim, quando ela se tornou mulher. Ele não era, para que digamos, muito bonito, era assim um pouco no meu género, um tanto rude, com o ar de um lobo do mar, mas em tudo um bom rapaz e de bom coração.

Eu dizia de mim para mim que nunca tinha visto Ham mostrar todos os seus dentes, como o fazia nessa noite.

— E eis que a esse marinheiro — continuou *Mister* Peggotty — lhe dá para se lembrar de entregar o coração à nossa Emilita! Por toda a parte a segue, torna-se quase seu criado, perde o apetite e no fim de contas dá-me a entender para quem

está virado. Ora, eu podia, compreende? Desejar saber que a minha Emilita estava em bom caminho de se casar. Podia desejar, em todo o caso, vê-la prometida de um homem honrado que tivesse o direito de a defender. Não sei que tempo me resta de vida e se não devo morrer cedo; mas sei que se fosse apanhado uma destas noites pelo vendaval nos baixios de Yarmouth e que se visse pela derradeira vez as luzes da cidade por cima das vagas alterosas, deixar-me-ia ir para os peixinhos mais tranquilamente, se pudesse dizer: «Há lá em terra um homem que será fiel à minha Emilita, que Deus abençoe e com o qual ela nada tem que recear de ninguém, enquanto ele for vivo!».

*Mister* Peggotty, no calor do seu discurso, fez com o braço o gesto de dizer adeus às luzes da cidade desde o seio das ondas; depois, trocando um sinal de cabeça com Ham, cujo olhar encontrara, prosseguiu na narrativa:

— Então aconselho ao bom rapaz que fale à Emília. Ele é um tamanhão, mas é tímido como uma criança e não se atreve. Então encarreguei-me eu do caso. «Como! *Ele*?», disse Emília, «*Ele??* Que conheço há tantos anos e a quem amo tanto! Oh, meu tio, eu nunca poderei casar com ele! É tão bom rapaz». Então eu beijo-a e não lhe falo mais nisso senão para lhe dizer: «Minha querida, fizeste bem em responder francamente; é uma coisa que te diz respeito e és livre como um passarinho». Dito isto, vou procurar o rapaz e digo-lhe: «O meu regalo seria sair-me bem, mas não pôde ser. No entanto, podereis ficar juntos como até aqui» e vai eu digo-lhe mais: «Continua a ser com ela o que tens sido até agora e não tenhas medo». «Assim o farei», eis que me responde ele, apertando-me a mão; e fê-lo briosamente e valentemente vai para dois anos e sempre o mesmo que dantes.

A fisionomia de *Mister* Peggotty, que tinha mudado de expressão aos diferentes períodos da narrativa, retomou a de um alegre triunfo, e, pousando uma mão nos joelhos de Steerforth e a outra nos meus, depois de as ter previamente humedecido, para aumentar a solenidade da acção oratória, esfregando-as uma na outra, continuou, dirigindo-se alternativamente a cada um de nós:

— De súbito, uma noite, como quem dissesse esta noite, a Emilita regressa do seu trabalho e ele com ela! Não há nisso nada de extraordinário, vão-me dizer, é bem verdade, porque ele vigia sobre ela como um irmão, quando é de noite, assim como quando é de dia e a toda e qualquer hora! Mas eis que o marujo que vem com ela pela mão, me grita com um ar alegre: «Olhe para cá! Aqui tem a minha mulherzinha» e eis que ela me diz também, meia resolvida meia envergonhada: «Sim, se o tio quiser». Se eu quiser! — exclamava *Mister* Peggotty, arregalando os olhos em êxtase a essa ideia. — Meu Deus, pois eu não desejo outra coisa! «Se o tio der licença; agora sou mais razoável; pensei bem e

hei-de ser uma boa mulherzinha para ele, se puder; é tão bom rapaz!» Dito isto, *Mistress* Gummidge começou a bater palmas como no teatro e os senhores entraram. Eis o que foi — exclamou *Mister* Peggotty — «e os senhores entraram!» Isto passou-se assim, não há um instante e aqui está o homem que há-de casar com ela, logo que ela acabe o tempo de aprendiza.

Ham cambaleou. «Tem-te, não caias» sob a punhada que *Mister* Peggotty lhe deu, no calor da sua alegria, como um sinal de confiança e de amizade; mas, sentindo-se obrigado, em consciência, a dizer-nos também qualquer coisa, pôs-se a balbuciar com muito custo:

— Ela não era maior do que o senhor, na sua primeira viagem aqui, *Mister* David... e eu já adivinhava... o que ela viria a ser... Vi-a crescer... como uma flor, meus senhores. Daria a vida por amor dela... de todo o coração, com bastante prazer... senhor David. Ela é para mim, meus senhores... mais do que... mais do que nunca saberei dizer. Amo-a de todo o meu coração. Não há um *gentleman* na terra... nem também no mar, que ame a sua mulher mais do que eu a amo, conquanto haja muitos pobres diabos como eu que poderiam... exprimir melhor... o que querem dizer.

Emocionava-me ver esse robusto e vigoroso rapaz tremer de amor pela criaturinha que lhe tinha dominado o coração. Emocionava-me a confiança simples e natural que *Mister* Peggotty e ele acabavam de testemunhar-nos. Emocionava-me a própria narrativa. Toda esta emoção não seria, em grande parte, o efeito das recordações da minha infância? É o que não sei. Não sei se eu tinha ido até ali com qualquer vaga ideia de amar ainda a Emilita; o que somente sei é que me sentia feliz conquanto estava vendo, mas que, no primeiro momento, era um prazer de uma natureza tão delicada, que um nada teria podido transformá-lo em sofrimento.

Por consequência, se fosse eu quem houvesse de tocar com alguma destreza a corda que vibrava em todos os corações, sair-me-ia mal. Mas, felizmente, Steerforth estava presente e saiu-se com tanta habilidade, que, dentro de pouco, estávamos todos à vontade, tão felizes quanto podíamos ser.

— Senhor Peggotty — disse ele — o senhor é um excelente homem e bem merece ser feliz como esta noite o é! Dê-me um aperto de mio... Ham, meu rapaz, dou-lhe os meus parabéns! Outro aperto de mão também! Malmequer, atice o fogo e faça-o flamejar, como é preciso. Senhor Peggotty, se o senhor não decidir a sua linda sobrinha a vir reocupar o seu lugar ao canto do fogão, que eu abandono para lhe ceder, vou-me embora. Não desejaria causar, nem por todo o ouro das índias, um vácuo na sua roda, esta noite e então esse vácuo!

*Mister* Peggotty foi, pois, ao meu antigo quarto buscar a Emilita. A princípio, ela não queria vir e Ham desapareceu para acabar de a resolver. Enfim,

trouxeram-na para o fogo; vinha muito envergonhada e intimidada, mas sossegou um pouco ao notar as maneiras delicadas e respeitosas de Steerforth para com ela, a habilidade com que ele evitava tudo quanto a pudesse constranger, a vivacidade com que ele conversava com *Mister* Peggotty em barcos, marés, navios e pesca; o apelo que fez à minha memória no tempo em que vira *Mister* Peggotty em casa de *Mister* Creakle; o prazer que sentia em ver o barco e a sua carregação; enfim, a graça e a facilidade com que nos atraiu a todos, gradualmente, num círculo encantado, em que falávamos sem embaraço e sem constrangimento.

Para falar verdade, todavia, Emília não disse uma palavra em toda a noite, mas via e ouvia; o seu rosto era animado, estava encantadora! Steerforth contou a história de um terrível naufrágio que lhe recordou a sua conversa com *Mister* Peggotty: descreveu-o com o mesmo fogo com que o faria, se tivesse presenciado a catástrofe e os olhos da Emilita estavam fitos nele, como se também estivesse vendo, nas feições do narrador, o espectáculo que tão magistralmente relatava. Contou-nos em seguida uma aventura cómica que lhe tinha sucedido para nos desimpressionar da história do naufrágio e empregou tanta alegria, como se fosse uma narrativa tanto para ele como para nós; a Emilita ria também com toda a vontade e quando ouvimos retumbar no barco a doce música do seu riso, pusemo-nos todos a rir. Steerforth foi o primeiro, cedendo à sedução de uma alegria tão franca e tão sincera. Fez cantar ou antes mugir a *Mister* Peggotty a barcarola:

Quando o vento sopra, sopra, sopra.

Depois cantou, por sua vez, uma canção de marinheiro com tanto encanto e sentimento, que me parecia que, desta vez, o vento que gemia em volta da casa e que se ouvia murmurar no meio do silêncio, só viera para o escutar.

Quanto a *Mistress* Gummidge, Steerforth arrancou essa vítima da melancolia à contemplação dos seus dissabores com tal êxito como ninguém obtivera desde a morte do velho (foi *Mister* Peggotty quem me informou). Deixou-lhe tão pouco tempo de gemer as suas misérias, que ela disse no dia seguinte de manhã que fora porque ele a enfeitiçara.

Não vão supor que ele tivesse o monopólio da atenção geral ou da conversação. Quando a Emilita ganhou ânimo e começou, com algum acanhamento ainda, a falar-me, através da lareira, dos nossos passeios pela praia e das alcofinhas e seixinhos que apanhávamos; quando lhe perguntei se se lembrava quanto eu lhe era dedicado e que coramos ambos rindo e pensando no bom tempo passado, que parecia já tão longe de nós, Steerforth ouvia em silêncio e olhava-nos com ar pensativo. Ela estava sentada então no velho baú, no seu cantinho, ao pé do fogo e ali se conservou toda a noite; Ham estava ao

lado dela, no lugar que antigamente era meu. Não pude descobrir se era ainda um resto das suas implicações de outro tempo, ou o efeito de uma modéstia tímida ocasionada pela nossa presença, mas notei que toda a noite ficou do lado da parede, sem se aproximar dele um só instante.

Tanto quanto me lembra, era perto de meia-noite quando nos despedimos deles. Tinham-nos dado de cear peixe salgado e bolacha de embarque; Steerforth, por seu lado, tirara do bolso uma garrafinha de genebra holandesa, que bebemos só entre homens (posso agora dizer, entre homens, sem corar). Separámo-nos alegremente e enquanto eles se aglomeravam todos à porta para nos alumiarem durante o maior espaço de tempo possível, vi os olhos azuis da Emilita que nos fitava escondendo-se por trás de Ham e ouvi a sua doce voz recomendar-nos que tivéssemos cautela com o caminho.

— Que encantadora pequerrucha! — disse Steerforth tomando-me o braço. — Palavra, é um lugar bastante original e a gente também o é; gostei de os ter visto; é uma variedade.

— E depois fomos felizes — acrescentei — em chegarmos justamente no momento de sermos testemunhas da alegria deles à perspectiva desse casamento. Nunca vi gente assim tão feliz! Que prazer o de ver e participar, como o fizemos, da sua alegria inocente.

— Ele é um pouco grosseiro, não acha, para casar com a pequena! — disse Steerforth.

Havia testemunhado tanta simpatia ao pobre Ham e a todos os outros, que fiquei um tanto melindrado da frieza desta observação inesperada. Mas, voltando-me vivamente, vi-lhe sorrir os olhos e repliquei com um grande alívio:

— Ah! Steerforth, ria, ria à sua vontade dessa pobre gente! Implique com *miss* Dartle ou tente gracejar para me ocultar as suas verdadeiras simpatias: para mim é o mesmo, conheço-o muito bem. Quando vejo como compreende a pobre gente, com que franqueza pode tomar parte na alegria de um rude pescador como *Mister* Peggotty e prestar-se à paixão da minha velha criada por mim, sinto que não há entre os pobres uma alegria ou um dissabor, uma única emoção que lhe possa ser indiferente e o meu afecto e a minha admiração por si, Steerforth, fortalecem-se vinte vezes mais.

Ele parou, olhou-me de frente e disse-me:

— Malmequer, creio bem que fala a sério, como um bom rapaz que é. O meu desejo era que todos o fôssemos também.

Um momento depois, Steerforth cantava alegremente a canção de *Mister* Peggotty, enquanto palmilhávamos num bom passo para Yarmouth.

## Capítulo XXII — Novos personagens num velho teatro

Steerforth passou mais de quinze dias comigo em Yarmouth. Inútil é dizer que a maior parte do nosso tempo decorria de parceria; no entanto, às vezes sucedia que nos separávamos durante algumas horas. Ele era um marinheiro regular; eu não; e quando ele ia pescar com *Mister* Peggotty, o que era uma das suas diversões favoritas, eu ficava geralmente em terra. Eu estava também mais preso do que ele em consequência de ser hóspede de Peggotty; sabia que ela tratava de *Mister* Barkis em todo o dia e não gostava de recolher tarde, enquanto Steerforth, que dormia no hotel, tinha a liberdade das suas acções e só tinha a consultar as suas fantasias. Ora aí está como eu acabei por saber que ele pagava de beber aos pescadores na taverna que algumas vezes frequentava *Mister* Peggotty, com a tabuleta de *A Boa Vontade*, quando eu já estava deitado e que vestia roupa de marinheiro para ir passar a noite no mar, à luz da lua e recolher com a maré da manhã. Eu sabia, de resto, que a sua natureza activa e o seu génio impetuoso encontravam grande prazer na fadiga corporal e no mau tempo, como em todos os outros meios novos de excitação que podiam oferecer-se-lhe; assim, não me admirava ao saber estas minudências. Havia ainda uma outra razão que nos separava algumas vezes: é que me interessava naturalmente Blunderstone e eu gostava de ir ver os lugares testemunhas da minha infância, enquanto Steerforth, depois de lá me haver acompanhado uma vez, nunca mais se importou de lá voltar; de sorte que, por três ou quatro vezes, em ocasiões que me recordo perfeitamente, separámo-nos depois de termos almoçado cedo, para nos encontrarmos à noite, bastante tarde, a fim de jantarmos. Eu não fazia ideia alguma de como ele passava o tempo nesse intervalo; sabia somente que gozava de grande consideração na cidade e que encontrava vinte formas de se divertir aonde qualquer outro não descobriria uma só.

Quanto a mim, durante as minhas peregrinações solitárias não me ocupava senão de recordar na minha memória cada passo da estrada que tanta vez percorri e de encontrar os lugares em que antigamente tinha vivido, sem nunca me cansar de os tornar a ver. Errava no meio das minhas recordações, como a minha memória o tinha feito tantas vezes já e afrouxava o passo, como tantas vezes tinha ali fixado os meus pensamentos, quando me achava bem longe de Blunderstone, debaixo da árvore em que repousavam meu pai e minha mãe. Esse túmulo que eu olhava com um tal sentimento de compaixão quando só lá dormia meu pai, junto do qual tanto tinha chorado ao ver para lá descer minha mãe e o seu filhinho; esse túmulo de que o coração fiel de Peggotty havia depois tratado

com tanto carinho que o transformara num pequeno jardim, atraía os meus passos nos passeios que eu dava, durante horas inteiras. Ficava ele num canto do cemitério, a alguns passos do caminho e eu podia, passeando, ler os nomes gravados na pedra, ouvindo dar horas o relógio da igreja, que me fazia lembrar uma voz que emudecera. Nesses dias, as minhas reflexões associavam-se sempre à figura que eu estava destinado a fazer no mundo e às coisas magníficas que eu não podia deixar de realizar. Era o refrão que respondia na minha alma ao eco de meus passos e destarte eu permanecia fiel a esses pensamentos sonhadores, como se fosse encontrar em casa minha mãe ainda viva, para construir junto dela os meus castelos no ar.

A nossa antiga casa tinha sofrido grandes mudanças. Os velhos ninhos abandonados há tanto tempo pelos corvos tinham completamente desaparecido e as árvores tinham sido podadas e aparadas de maneira que já não lhes reconhecia as formas. O jardim estava ao abandono e a metade das janelas da casa viam-se fechadas. Era apenas habitada por um pobre doido e pelas pessoas encarregadas de o tratar. Passava, a sua vida à janela do que havia sido meu quarto, que dava para o cemitério e eu perguntava de mim para mim se os seus pensamentos, no meio da sua alucinação, encontravam por vezes as mesmas ilusões que me tinham ocupado o espírito, quando me levantava de manhã muito cedo, no Verão e que, apenas em camisa de dormir, eu olhava por essa janelita, para ver os carneiros que pastavam tranquilamente aos primeiros raios do sol.

Os nossos antigos vizinhos, *Mister* e *Mistress* Grayper, tinham partido para a América do Sul e a chuva, entrando pelo telhado da casa deles, agora deserta, tinha manchado de humidade as paredes interiores. *Mister* Chillip casara outra vez; sua mulher era alta e magra e tinha o nariz aquilino; tinham uma criancinha muito enfezada, que não podia sustentar a cabeça, com os seus dois olhos embaciados e fixos que pareciam sempre perguntar porque é que o pobre petiz tinha vindo ao mundo.

Era com uma singular mistura de prazer e de amargura que eu vagueava pela minha aldeia natal, até ao momento em que o sol de Inverno, começando a declinar, me avisava de que era tempo de regressar pelo caminho da cidade. Mas, quando estava de volta ao hotel e me encontrava à mesa com Steerforth junto de um fogo intenso, pensava com delícia na minha digressão diurna. Experimentava o mesmo sentimento conquanto mais moderado, ao regressar à noite ao meu pequeno quarto tão asseado e dizia de mim para mim, voltando as páginas do livro dos crocodilos, sempre colocado em cima de uma mesa, que era bastante feliz por ter um amigo como Steerforth e uma amiga como Peggotty, e por ter encontrado na pessoa da minha excelente e generosa tia alguém que substituísse tão bem aqueles que eu perdera.

Quando regressava dos meus longos passeios, o caminho mais curto para regressar a Yarmouth era tomar o barco de passagem. Desembarcava na praia que se estende entre a cidade e o mar e atravessava um espaço vazio, o que me poupava uma grande volta pela estrada principal. Encontrava no meu caminho a casa de *Mister* Peggotty e entrava sempre um instante; Steerforth esperava-me habitualmente e dirigíamo-nos juntos, através do nevoeiro e do nordeste, para as luzes da cidade, que cintilavam ao longe.

Uma noite, era já tarde, tinha feito a minha visita de despedida a Blunderstone, porque nos preparávamos para regressar a nossas casas e encontrei Steerforth sozinho em casa de *Mister* Peggotty; estava sentado diante do fogo, com ar pensativo e por tal forma absorvido nas suas reflexões, que não sentiu aproximar-me. Para isso não precisava de uma meditação muito profunda, porque os passos não faziam ruído na areia, mas a minha própria entrada não o distraiu. Eu estava ao pé dele, olhava para ele e ele continuava a meditar com ar sombrio.

Estremeceu tão intensamente, quando lhe pousei a mão no ombro, que me fez estremecer também.

— O senhor vem-me buscar como um fantasma busca a sua vítima — disse-me ele encolerizado.

— Eu precisava de me anunciar de qualquer maneira — respondi-lhe. — Dar-se-á caso de que o fizesse cair das nuvens?

— Não, não — replicou ele.

— ...ou fazê-lo ascender não sei onde? — disse-lhe sentando-me ao pé dele.

— Estava a ver as figuras que o brasido ia formando — respondeu ele.

— Mas o senhor está a desfazê-las e eu já não poderei ver nada — tornei eu, porque ele remexia vivamente o lume com um tição e as faúlhas, voando pela pequena chaminé, lançavam-se, crepitando, pelos ares fora.

— O senhor não veria nada... É este o momento do dia que eu mais detesto: não é noite nem dia. Como o senhor veio hoje tarde! Onde foi?

— Fui despedir-me do meu passeio costumado.

— E eu vim esperá-lo aqui — disse Steerforth, lançando uma vista de olhos em volta do aposento, pensando que talvez as pessoas que havíamos visto ali tão contentes no dia da nossa chegada, estivessem hoje, a julgar pela aparência desolada da casa, dispersas ou mortas, ou ameaçadas de não sei que desgraça! — David, prouvera a Deus que eu tivesse desde os vinte anos os conselhos judiciosos de um pai, para me guiar!

— O que é que tem, Steerforth?

— Desejaria do fundo da alma ter sido melhor guiado! Desejaria de todo o coração ver-me em estado de eu próprio me guiar melhor! — exclamou ele.

Havia nas suas maneiras um desânimo misto de cólera que me espantava extremamente. Eu não o reconhecia já.

— Mais valeria ser esse pobre Peggotty ou o bronco do sobrinho — disse ele levantando-se e encostando a cabeça com ar sombrio ao fogão, cujo brasido ele fitava sempre fixamente — do que ser o que sou, com a minha superioridade de fortuna e de educação, para ter o espírito ao abrigo da tortura em que estou há meia hora, nesta barca do diabo!

Eu encontrava-me tão confundido com a mudança de que era testemunha, que não pude fazer outra coisa, no primeiro momento, senão fitá-lo em silêncio, enquanto ele fixava sempre o fogo, com a cabeça encostada à mão. Enfim, perguntei-lhe com toda a ansiedade o que é que sentia, que me dissesse o que devia ter acontecido para o ver tão extraordinariamente contrariado e permitir-me que eu compartilhasse da sua dor, já que não podia esperar dar-lhe úteis conselhos. Antes de eu terminar a minha frase, ele pôs-se a rir, forçadamente a princípio, mas daí a pouco com uma alternativa de franca alegria.

— Não é nada, Malmequer, não é nada! — replicou ele. — Não lhe disse, quando nos encontrámos no hotel em Londres, que eu era às vezes um companheiro maçador?... Tive há pouco um pesadelo... estou certo de que tive um sonho mau. *Às* vezes, quando me aborreço, vêm-me à lembrança contos velhos da minha ama, que a princípio tomo a sério, antes de reconhecer o que são. Pareceu-me que estava no lugar daquele pequeno mau que não escutava a sua ama e que, por castigo, foi devorado pelos leões, porque leões, como sabe, é bem mais poético que cães. E, sem dúvida, a isso que as velhas bisbilhoteiras chamam pele de galinha, porque eu estava ainda a tremer dos pés à cabeça. Fiz medo a mim mesmo.

— Nesse caso pode gabar-se de ser a única pessoa que lhe causa medo.

— Talvez; mas isso não impede que possa ter os meus motivos de medo como outro qualquer — respondeu ele. — Vamos, está acabado; não cairei segunda vez noutra, David. Mas, repito-lho, meu amigo: teria sido uma felicidade para mim e também para outros, que eu houvesse tido um pouco de, cabeça e de juízo para me guiar.

A sua fisionomia era sempre; expressiva, mas nunca, como ao pronunciar estas palavras com o olhar sempre fito na chama, lhe notei vestígios de um sentimento tão sério, nem tão triste.

— Não falemos mais nisso — disse-me ele, fazendo o gesto de soprar nos ares a uma pena, a uma palha, a um argueiro. — *Agora eis tudo findo e torno a ser um homem* como Macbeth. E, presentemente, para a mesa! Contanto que, como Macbeth, não tenha o festim perturbado com a mais bela desordem, meu Malmequer!

— Mas onde é que eles estão metidos? Que quer isto dizer? — exclamei eu.

— Deus o sabe — disse Steerforth. — Depois de ter ido esperá-lo até ao barco de passagem, vim vagueando até aqui e encontrei a casa sem gente; foi isto que me mergulhou nas reflexões, no meio das quais me surpreendeu.

A chegada de *Mistress* Gummidge, com um cesto no braço, explicou porque é que a casa estava deserta. Tinha saído, precipitadamente a comprar qualquer coisa de que precisava, antes que regressasse *Mister* Peggotty, que era esperado com a maré e tinha deixado a porta aberta, na previsão de que Ham e Emília, que deviam recolher cedo, chegassem na sua ausência. Steerforth, depois de ter desopilado o baço de *Mistress* Gummidge com uma saudação das mais joviais e com um abraço dos mais cómicos, enfiou-me o braço e arrastou-me precipitadamente.

Ao arrancar *Mistress* Gummidge à sua melancolia, ele regressou à sua alegria habitual, e, pelo caminho fora, não fez outra coisa senão rir e gracejar.

— Com que então deixamos amanhã esta vida de flibusteiros? — disse-me ele alegremente.

— Bem sabe que assim o resolvemos — respondi — e que já estão tomados os lugares na diligência.

— É verdade, não há meio de ser de outra maneira, suponho — disse Steerforth. — Eu quase me tinha esquecido de que havia outra qualquer coisa a fazer no mundo do que andar a vogar num barco. Palavra que é pena!

— O que é novo sempre agrada — retorqui eu, rindo.

— É possível — replicou ele — conquanto seja uma observação bem sarcástica para uma adorável obra-prima de inocência como o meu jovem amigo. Muito bem! Não digo que não; sou caprichoso, David; seio e confesso-o, mas isso não impede que eu saiba molhar a vela enquanto há vento. Sabe que não perdi aqui o meu tempo? Aposto em como estou habilitado a fazer um bom exame de piloto para as águas de Yarmouth!

— *Mister* Peggotty diz que o senhor é um prodígio — repliquei eu.

— Um fenómeno náutico! — exclamou Steerforth, rindo.

— Não há dúvida e o senhor bem sabe que é verdade; o senhor empenha-se tanto em tudo quanto faz, que bem depressa se torna mestre. Mas o que sempre me espanta, Steerforth, é que se contente com um emprego tão móbil e tão caprichoso das suas faculdades.

— Contentar-me? — respondeu ele alegremente. — Não estou contente com coisa nenhuma, a não ser com a sua simplicidade, meu querido Malmequer; quanto aos meus caprichos, não aprendi ainda a arte de me prender a uma dessas rodas sobre as quais os Íxions dos nossos dias giram eternamente. Falta-me a aprendizagem e isso pouco importa. A propósito, sabe que comprei aqui um

barco?

— Que singular rapaz o senhor é, Steerforth! — exclamei eu parando, porque era a primeira vez que ouvia falar nisso. — Como se ficasse com a fantasia de cá voltar!

— Não sei! O local agrada-me. Em todo o caso — continuou ele estugando o passo — comprei um barco que estava para vender; é uma barca de cabotagem, ao que me disse *Mister* Peggotty e é ele quem mandará nele na minha ausência.

— Agora compreendo, Steerforth! — disse eu enlevado. — O senhor aparentou ter comprado esse barco para si, mas na realidade foi para prestar um serviço a *Mister* Peggotty; eu deveria tê-lo adivinhado, conhecendo-o como o conheço. Meu caro Steerforth, como dizer-lhe tudo quanto penso da sua generosidade?

— Caluda! — disse ele corando. — Quanto menos falar, melhor será.

— Então eu não lhe dizia — exclamei — que não há uma alegria, um dissabor ou qualquer emoção dessa boa gente, que possa ser-lhe indiferente?

— Sim, sim — respondeu —, já me disse isso. Não falemos mais. Basta.

Receando enfadá-lo, prosseguindo num assunto que ele tratava tão ligeiramente, contentei-me em continuar a pensar nisso, caminhando mais depressa ainda que até então.

— É preciso que esse barco seja posto em condições — disse Steerforth. — Encarregarei Littimer de vigiar por isso, a fim de ficar seguro de que tudo se fará como é mister. Já lhe disse que Littimer chegou?

— Não!

— Pois bem! Veio esta manhã com uma carta de minha mãe.

Encontraram-se os nossos olhares; notei a sua palidez, que lhe descia até aos lábios, conquanto o seu olhar fosse firme e calmo. Receei que qualquer altercação com a mãe fosse a causa da má disposição de espírito em que eu o havia encontrado junto do fogão solitário de *Mister* Peggotty; fiz uma leve alusão a isso.

— Oh! Não — disse ele sacudindo a cabeça e levantando um pouco a voz. — Nada disso! Estava eu dizendo que tinha chegado esse homem...

— Sempre o mesmo?

— Sempre o mesmo — prosseguiu Steerforth — tranquilo e frio como o pólo Norte. Ocupar-se-á do novo nome que vou mandar inscrever no barco. Chama-se actualmente *A gaivota da tempestade!*, mas *Mister* Peggotty não se importa nada com as gaivotas. Vou mudar-lhe o nome de baptismo.

— E que nome lhe vai dar?

— *A Emilita.*

Ele olhava-me sempre de frente; creio que era para me recordar que não

gostava de me ouvir elogiá-lo pelas suas atenções para com a pobre gente. Não pude evitar, todavia, que no meu rosto transparecesse o prazer que sentia; mas disse apenas algumas palavras; o sorriso reapareceu-lhe nos lábios; parecia aliviado de um grande peso.

— Mas olhe — disse ele acenando para a frente — aí vem a verdadeira Emilita em pessoa! E o rapaz lá vem com ela! Pela minha alma, que é um cavaleiro; não a abandona nunca.

Ham era presentemente construtor de navios; cultivara o seu gosto natural por esse modo de vida, em que se tornara um hábil operário. Trazia a roupa do trabalho, e, apesar de uma certa rudeza, o seu ar de honestidade e máscula franqueza fazia dele um protector bem adequado para a linda rapariga que vinha a seu lado. A lealdade do seu rosto, o orgulho e a afeição que Emília lhe inspirava, realçavam-lhe a boa aparência. Eu dizia de mim para mim, vendo-os avançar para nós, que convinham um ao outro perfeitamente sob todos os pontos de vista.

Ela largou suavemente o braço do seu noivo, quando parámos para lhes falar e corou estendendo a mão a Steerforth e era seguida a mim. Depois de haverem trocado algumas palavras connosco, continuaram o seu caminho e Emilita não aceitou o braço de Ham, andando sozinha com um ar ainda tímido e constrangido. Eu admirava a graça e a delicadeza das suas maneiras e Steerforth parecia da minha opinião, enquanto os víamos afastarem-se à luz da lua, que estava então na sua primeira fase.

De súbito, uma mulher ainda nova passou perto de nós: evidentemente seguia-os. Não a tínhamos ouvido aproximar, mas ao ver o seu rosto emaciado, pareceu-me que conservava dele uma vaga recordação. Estava ligeiramente vestida, tinha um ar atrevido e o olhar espantado e um todo de miséria e de vaidade; mas, nesse momento, parecia que só uma ideia a preocupava: apanhá-los no caminho. Como o horizonte se escurecia ao longe, não permitindo que distinguíssemos Emília e o seu noivo, a mulher que os seguia desapareceu também sem os ter alcançado e não vimos mais que o mar e as nuvens.

— É um fantasma bem sombrio para seguir a Emilita — disse Steerforth, que permanecera parado, sem se mexer. — Isto que significará?

Falava em voz baixa e numa acentuação que me pareceu estranha.

— Talvez que lhes queira pedir esmola — respondi.

— As mendigas não são raras — disse Steerforth —, mas é de admirar ver uma mendiga em tal atitude esta noite.

— Mas porquê? — perguntei.

— Muito simplesmente — respondeu ele após um momento de silêncio — porque pensava justamente em qualquer coisa deste género, quando ela

apareceu. Pergunto donde diabo é que surgiu aquela mulher?

— Da sombra que projecta essa parede, suponho — disse eu, mostrando um muro que pendia sobre o caminho em que acabávamos de desembocar.

— Enfim, lá desapareceu! — respondeu ele, olhando por cima do seu ombro. — Oxalá que a desgraça desapareça com ela! Vamos jantar.

Steerforth deitou outro olhar por cima do ombro para a linha do Oceano, que brilhava ao longe, renovando várias vezes esse movimento. Resmungou ainda algumas palavras entrecortadas durante o resto do trajecto e só pareceu esquecer este incidente, quando abancou alegremente à mesa, junto de um bom fogo, à luz das velas.

Littimer, que nos esperava, produziu em mim o costumado efeito. Quando eu lhe disse que estimava que *Mistress* Steerforth e *miss* Darde estivessem de saúde, respondeu-me num tom respeitoso (e convincente, é escusado acrescentar), que me agradecia, que estavam bem e me mandavam cumprimentos. Era tudo e todavia parecia dizer-me ainda tão claramente quanto possível: «O senhor é muito novo, é extremamente novo».

Tínhamos quase acabado de jantar, quando Littimer, dando um passo para fora do recanto donde vigiava os nossos movimentos, ou, antes, os meus, segundo me pareceu, disse a seu amo:

— Perdão, senhor, *miss* Mowcher está cá.

— Quem? — perguntou Steerforth atónito.

— *Miss* Mowcher, senhor.

— Vamos! Que diabo vem ela cá fazer? — disse Steerforth.

— Parece, senhor, que ela é cá da terra. Disse-me que todos os anos fazia uma digressão até aqui, no exercício da sua profissão. Encontrei-a na rua esta manhã e ela desejava saber se poderia ter a honra de se lhe apresentar, no fim do jantar.

— Conhece a giganta de que se trata, Malmequer? — perguntou Steerforth.

Fui obrigado a confessar, com certa vergonha de me ver rebaixado diante de Littimer, que não conhecia absolutamente nada *miss* Mowcher.

— Pois bem! Vai conhecê-la — disse Steerforth — é uma das sete maravilhas do mundo... Quando *miss* Mowcher chegar mande-a entrar.

Eu sentia alguma curiosidade em conhecer essa dama, tanto mais que Steerforth largava a rir de cada vez que eu falava nela e recusava-se positivamente a responder a todas as perguntas que eu lhe endereçava sobre o assunto. Fiquei, pois, num estado de inquieta expectativa; tinham arrumado a mesa havia meia hora e estávamos junto do fogo saboreando uma garrafa de vinho, quando a porta se abriu e com todo o seu sossego habitual Littimer anunciou:

— *Miss* Mowcher!

Olhei para a porta, mas não descobri coisa alguma. Continuei olhando, pensando que *miss* Mowcher tardava bastante a aparecer, quando, com grande espanto meu, vejo surgir perto de um canapé, colocado entre a porta e a minha pessoa, uma anã de quarenta ou quarenta e cinco centímetros, com uma grande cabeça, olhos pardos muito traiçoeiros e braços tão curtos que, para pôr o dedo com um ar fino sobre o seu nariz chato, ao ver Steerforth, foi obrigada a avançar a cabeça para encostar o nariz ao dedo. Tinha uma dupla papeira tão gorda, que as fitas e a roseta do chapéu desapareciam por baixo dela. Para falar verdade, direi que ela não tinha nem pescoço, nem cinta, nem pernas, porque se bem que fosse, pelo menos, de estatura ordinária até ao lugar onde devia existir a cinta, e, se bem que tivesse pés como toda a gente, era tão pequena que uma cadeira (foi sobre um desses móveis que pousou o saco que trazia) tinha para ela a altura de uma mesa. Essa dama, vestida de uma maneira um tanto em desalinho e parecendo que o nariz e o dedo formavam uma só peça, pela referida aproximação trabalhosa, conservando a cabeça necessariamente inclinada de um lado e fechando um olho com o ar mais astuto, começou por lançar sobre Steerforth olhadelas penetrantes, depois do que deixou escapar uma torrente de palavras.

— Ah, meu rico janota — exclamou ela, sacudindo a enorme cabeça — ei-lo por cá. Oh! Que rapaz tão mau! Apre! Que é feio! Que veio fazer para tão longe de sua casa? Alguma das suas, aposto! Oh, o senhor é uma boa peça, Steerforth e eu não lhe fico atrás, não é verdade? Ah! Ah! Ah! Era capaz de apostar cem libras esterlinas contra cinco guinéus em como não contava encontrar-me aqui. Pois bem, meu rapaz, encontram-me em toda a parte: à direita, à esquerda, em todos os cantos, como a meia coroa que o prestidigitador esconde no lenço de uma dama. A propósito de lenços e de damas: sua mãe é que deve ser bem feliz por o ter, meu menino; seria capaz de pôr uma mão, seja qual for, no fogo!

Nesta altura do seu discurso, *miss* Mowcher desapertou o chapéu, atirou as fitas para trás, e, muito esbaforida, sentou-se num tamborete diante do fogo, fazendo da mesa de jantar uma espécie de dossel que se estendia por cima dela como uma tenda de mogno.

— Uf! — continuou ela, apoiando as mãos nos pequenos joelhos e olhando para mim com um ar velhaco. — Sou muito forte, o caso é este, Steerforth. Quando subo um andar, custa-me tanto a tomar a respiração como se se tratasse de tirar um balde de água de um poço. Se me visse pela primeira vez a uma janela, tomar-me-ia por uma linda mulher, não é verdade?

— Mas eu não a tomo por outra coisa todas as vezes que a vejo — replicou Steerforth.

— Adiante, meu valdevinos, nem pio, — disse a criaturinha ameaçando-o

com o lenço com que enxugava a cara — nada de abusos! Mas dou-lhe a minha palavra de que estive em casa de *lady* Mithers na semana passada. Uma mulher de truz!, como ela se conserva! E o próprio Mithers, que entrou enquanto eu estava à espera da mulher, um homem de uma cana! Como se conserva! E a cabeleira também, porque a tem há dez anos; tão bem se conserva que se atirou tão perdidamente aos cumprimentos que eu começava a supor que tinha de ser forçada a tocar a campainha. Ah! Ah! Ah! É um amabilíssimo gajo; que pena não ter princípios!

— E que foi fazer a casa de *lady* Mithers? — perguntou Steerforth.

— Eu não sou de escarcéus, meu caro filho — replicou ela, pondo ainda o dedo no nariz, com uma careta e um piscar de olhos que a fazia semelhar um repugnantíssimo duende. — Isso não é da sua conta. Desejaria, saber se impeço que lhe caiam os cabelos, se lhos tinjo e se vou dar-lhe carmim ou se lhe arranjo as sobrancelhas, não é verdade? Pois bem, meu riquinho, há-de saber tudo isso... quando eu lho disser. Sabe como se chamava o meu bisavô?

— Não — disse Steerforth.

— Walker, meu querido filho — replicou *Mistress* Mowcher — e era descendente de um longo séquito de Walker, o que faz que eu herde todos os domínios de Hookey.

Nunca vi nada de tão singular como o pestanejar de olhos de *miss* Mowcher, ou o seu ar de audácia, que não era menos extraordinário. Tinha também uma maneira muito particular de inclinar a cabeça para um lado, arregalando um olho como as pegas, quando escutava o que se dizia, ou quando esperava uma resposta às suas observações. Numa palavra, eu estava pasmado e continuei a olhar para ela fixamente, sem atenção, creio bem, pelas regras da polidez.

Ela conseguiu puxar pela cadeira para junto de si e mergulhou o braço curto no saco, por várias vezes, trazendo à superfície uma quantidade de frasquinhos, escovas, esponjas, pentes, bocados de flanela, ferros de frisar e outros objectos que ia amontoando no assento da cadeira. De súbito parou no meio desta faina toda para perguntar a Steerforth, com grande confusão minha:

— Como se chama este seu amigo?

— *Mister* Copperfield — disse Steerforth — e deseja conhecê-la.

— Muito bem! Há-de dar-se-lhe esse gosto! Bem me queria parecer que o desejava — disse *Mistress* Mowcher, aproximando-se de mim a rir com o seu saco na mão. — Faces como pêssegos! — disse ela pondo-se em bicos de pés para chegar à altura do meu rosto. — É tentador! Eu gosto muito de pêssegos! Muito estimo conhecê-lo, asseguro-lho, senhor Copperfield!

Respondi que me felicitava de ter a honra de também a conhecer e que a vantagem era recíproca.

— Ah! Deus do céu! Como somos delicados — exclamou *miss* Mowcher, fazendo um pequeno esforço para cobrir a caraça com a mãozinha. — Confessem que neste mundo há intrujice e bajulações a dar com um pau!

Isto era-nos dirigido a ambos à laia de confidência, enquanto a mãozinha largava a caraça e o braço curto desaparecia todo para dentro do saco.

— Que quer dizer, *miss* Mowcher? — perguntou Steerforth.

— Ah! Ah! Ah! Que súcia de manigantes que nós somos, não é assim, meu caro filho? — replicou a anã, procurando no saco, com um olho revirado para o ar e a cabeça de lado. — Ora vejam! — disse ela tirando um embrulho. — «Aparas de unhas de um príncipe russo», o príncipe Alfabeto-Sem-Pés-Nem-Cabeça, como lhe chamo, porque o nome dele compreende todas as letras do alfabeto, à matroca.

— O príncipe russo é um dos seus fregueses, pois não é? — disse Steerforth.

— Pois que dúvida! Meu filho — replicou *miss* Mowcher —, corto-lhe as unhas duas vezes por semana, em mãos e pés?

— Paga bem, suponho? — disse Steerforth.

— Fala fanhoso, mas paga bem — disse *miss* Mowcher. — Não é nenhum fona como todos os vossos fedelhos, à prova o comprimento da sua bigodeira, ruiva por natureza, mas negra graças à arte.

— Graças à sua arte, naturalmente? — disse Steerforth.

*Miss* Mowcher piscou o olho em sinal de assentimento.

— Não teve outro remédio senão mandar-me procurar; não podia fazer outra coisa. O clima fazia mal à tintura; na Rússia ainda podia passar, mas aqui, não. Nunca se viu príncipe mais cor de ferrugem do que quando me caiu nas mãos. Era uma barra de ferro velho.

— Era a ele a quem há pouco chamou manigante? — perguntou Steerforth.

— Oh! Que pássaro bisnau que me saiu! — replicou *miss* Mowcher abanando vivamente a cabeça. — O que eu disse foi que nós todos éramos uma súcia de manigantes; e mostrei-lhe as unhas do príncipe à prova. É que, veja lá, as unhas do príncipe servem-me de mais nas famílias do que todos os meus talentos juntos. Trago-as sempre comigo. São as minhas cartas de recomendação. Se *miss* Mowcher corta as unhas do príncipe está dito tudo. Dou-as às meninas que as guardam em álbuns, creio. Ah! Ah! Ah! Palavra de honra, todo o edifício social (como dizem esses senhores quando fazem discursos no parlamento) só se baseia sobre unhas de príncipes — disse a anã tentando cruzar os braços e sacudir a cabeça enorme.

Steerforth ria perdidamente e eu também. *Miss* Mowcher continuava a menear a cabeça que punha de lado e a olhar com um olho revirado, enquanto piscava o outro.

— É belo e bom — disse ela batendo nos seus pequenos joelhos e levantando-se —, mas nem só isso é que faz os negócios. Vamos, Steerforth, uma exploração às regiões polares e pronto.

Escolheu então dois ou três dos seus leves instrumentos e um pequeno frasco, perguntando, com grande surpresa minha, se a mesa era sólida. À resposta afirmativa de Steerforth, chegou uma cadeira e, pedindo-me que lhe desse a mão, subiu bastante lepidamente para cima da mesa, como para um palco de teatro.

— Se alguém me viu os tornozelos — disse ela mal se pilhou em segurança — que o diga que me vou enforcar.

— Eu não vi nada — disse Steerforth.

— Nem eu — acrescentei.

— Muito bem! — exclamou *miss* Mowcher. — Então consinto em viver. Vamos, meu filho, venha meter-se nas mãos do executor.

Steerforth, cedendo ao seu apelo, sentou-se de costas para a mesa e voltando o rosto para o meu lado, submeteu a cabeça ao exame da anã, evidentemente sem outro fim que o de divertir-nos. Era um curioso espectáculo ver *miss* Mowcher inclinada sobre ele e examinando os seus lindos cabelos castanhos, com a ajuda de uma lente que acabava de tirar da algibeira.

— O senhor é um lindo rapaz, vamos! — disse *miss* Mowcher após um curto exame. — Sem mim seria calvo como um frade antes do fim do ano. Só lhe peço um único e último minuto e lavar-lhe-ei os cabelos com uma água que lhos conservará dez anos.

Ao mesmo tempo deitou o conteúdo do frasco num bocadito de flanela, depois embebendo no mesmo preparado uma das escovinhas, começou a esfregar a cabeça de Steerforth com uma actividade incomparável, sempre falando, sem travão.

— Conhece Charlot Pyegrave, o filho do duque — disse ela —, sabe? — E olhou para Steerforth por cima da cabeça dele.

— Sim, um pouco — disse Steerforth.

— Aquilo é que é um homem! Aquilo é que são suíças! Se tivesse somente as pernas mais direitas seriam sem iguais. Pois querem saber que quis tentar passar sem mim? Um oficial das guardas! Compreende-se uma coisa assim?

— Então estava doido? — disse Steerforth.

— Tem toda a aparência disso; mas doido ou não, qui-lo tentar — replicou *miss* Mowcher. — E querem saber o que ele fez? Entra em casa de um perfumista e pede uma garrafa de água de Madagáscar.

— Charlot?

— Charlot em carne e osso. Mas não havia água de Madagáscar.

— Que vem a ser isso? É alguma coisa de beber? — perguntou Steerforth.

— De beber? — replicou *miss* Mowcher parando para lhe dar uma sapatada. — Era para ele arranjar o bigode, sem auxílio de ninguém, sabe? Havia na loja, onde ele foi, uma mulher de certa idade, um verdadeiro cérebro, que nunca tinha ouvido falar nesse nome. «Perdão, senhor, disse o cérebro a Charlot, isso não será... não será, por acaso, caio?» «Caio! Diz Charlot ao cérebro, que quer que faça do seu caio?» «Perdão, senhor, diz o cérebro, mas pedem-nos esse artigo sob tantos nomes diferentes que eu pensava que fosse talvez outro nome novo». Aqui tem, meu caro filho — continuou *miss* Mowcher friccionando sempre com toda a força —, aqui tem uma outra amostra desses bonitos manigantes de que há pouco lhe falei. Não digo que me não meta como outro qualquer, talvez mesmo mais que outro, talvez menos; mas bico! Meu rapaz, isto não é consigo.

— No que é que diz que se mete? No negócio do caio? — disse Steerforth.

— Não tem que adicionar senão isto e aquilo, meu caro discípulo — disse a velhaca *miss* Mowcher tocando a ponta do nariz —; faça uma regra de três multiplicada pelos segredos do comércio e dar-lhe-á como produto o resultado desejado. Digo que me meto um pouco a maniganciar no meu género. Há senhoraças que me chamam como tal para lhes dar bálsamo para os lábios; outra madama pede-me luvas; uma terceira, uma camisinha; uma última, um leque. Eu dou a tudo isso o nome que elas querem. Forneço-lhes o artigo que me pedem, mas guardamos tão bem o segredo de uma para outra e mostramos tanta presença de espírito, palavra! Que elas não se acanham em se besuntar de caio diante seja de quem for como diante de mim. Vou a casa delas e não têm o descoco de me dizer algumas vezes, com um bom dedo de caio na cara, pelo menos: *«Miss* Mowcher, que aparência me encontra hoje? Não acha que estou um bocado pálida?» Ah! Ah! Ah! Aqui tem outras manigantes; que me diz a isto, meu rapaz?

Nunca na minha vida vi coisa que se aproximasse de *miss* Mowcher em cima da mesa de jantar, rindo, de passo que gracejava e friccionando sem descanso o crânio de Steerforth, enquanto piscava o olho para o meu lado, olhando para mim por cima da cabeça do friccionado.

— Ah! Quer saber? Olhe não me pedem muito estes artigos para estes lados — disse ela. — Admira-me. Também ainda não vi uma mulher bonita desde que cá estou, Steerforth?

— Não? — disse Steerforth.

— Nem sombra — replicou *miss* Mowcher.

— Parece que lhe poderíamos mostrar uma que é a perfeição — disse Steerforth voltando os olhos para mim. — Não é verdade, Malmequer?

— Certamente que sim — respondi.

— Ah! Ah! — disse a anã fitando-me com o seu olho penetrante e depois relanceando um olhar sobre Steerforth. — Ah! Ah!

A primeira exclamação, parecia uma pergunta dirigida a nós ambos, a segunda era evidentemente só para Steerforth. Não recebendo nem de um nem de outro a resposta que, sem dúvida, esperava, continuou a friccionar, inclinando a cabeça e revirando um olho para o tecto, como se procurasse, pelo ar, a resposta que lhe faltara em baixo e que ela esperava ver aparecer imediatamente.

— É alguma sua irmã, senhor Copperfield? — exclamou, após um momento de silêncio e conservando sempre a mesma atitude. — É alguma sua irmã?

— Não — disse Steerforth, sem me dar tempo a responder — nada disso. Pelo contrário, o senhor Copperfield gostou bastante dela, ou eu me engano muito.

— E já lhe passou? — replicou *miss* Mowcher. — Então é assim volúvel? Que vergonha!

*Eu sou qual a mariposa:*
*Embriaga-me a ambrósia*
*Da Margarida e da Rosa;*
*Mas lá vem um belo dia,*
*Em que a grilheta amorosa*
*Me lança a bela Maria!*

Que me diz? É também Maria o nome dela?

Esta interrogação caiu tão bruscamente sobre mim e a espécie de duende que se me dirigia fitava-me com um ar tão manhoso, que durante um momento fiquei completamente desconcertado.

— Não, *miss* Mowcher — respondi eu. — Chama-se Emília.

— Ah! Ah! — disse ela no mesmo tom. — Olhem para isto. Estou certa de que me acha bastante galhofeira, não é verdade, senhor Copperfield? Mas não tenha receio, sou discreta.

O seu tom e os seus olhares tinham uma significação que não me agradavam na conjuntura presente. Disse-lhe, pois, com um ar mais grave do que o que tínhamos tido até ali:

— Ela é tão virtuosa como bonita e está para casar com um excelente e digno homem da sua condição. Se gosto dela pela sua formosura, não a estimo menos pelo seu bom senso.

— Bem dito! — disse Steerforth. — Ouça, ouça! Agora, meu querido Malmequer, vou apagar a curiosidade desta pequena Fátima, para que não lhe vá o caso martelar na cabeça... Trata-se de uma pequena que é actualmente aprendiza, *miss* Mowcher, em casa de Omer & Joram, negociantes de novidades, modas, etc, nesta cidade. Está ouvindo? Omer & Joram! É noiva, como o meu

amigo acaba de lhe dizer, de um primo que se chama Ham; nome de família, Peggotty; profissão, construtor de navios, da mesma cidade. Vive com um dos seus parentes: nome de baptismo, desconhecido; nome de família, Peggotty; profissão, marinheiro, da mesma cidade. É a mais bonita e a mais encantadora pequena fada que se possa imaginar; como o meu amigo, acho-a extremamente linda. Se não fosse ter o ar de rebaixar o seu noivo, o que desagradaria aqui ao meu amigo, acrescentaria que me parece que ela está deslocada, que teria podido encontrar melhor partido e que nasceu para ser senhora, palavra de honra!

*Miss* Mowcher ouviu estas palavras, que foram pronunciadas lentamente e distintamente, inclinando a cabeça de lado e sempre com o olho à mira da resposta que esperava. Quando Steerforth acabou, recuperou de repente a sua actividade e recomeçou a tagarelar com uma espantosa volubilidade.

— Oh! É a história toda? — exclamou aparando as suíças do freguês, com uma tesoura que lhe fazia voltear em torno da cabeça, em todas as direcções. — Muito bem! Muito bem! É um romance completo. Isso deveria acabar por «e viveram felizes», não é verdade? Ah! Como é que se diz no joguinho? «Amo a minha amiga E, porque é Encantadora; detesto a minha amiga E, porque está Enamorada; levei-a à tabuleta do Enganador e regalei-a com um Encantamento; ela chama-se Emília e mora para Este». Ah! Ah! Ah! Senhor Copperfield, não *é* verdade que me acha bastante galhofeira?

Não esperou pela minha resposta, e, contentando-se em olhar para mim com o ar mais astuto, continuou sem tomar fôlego:

— É isto! Se houve alguma vez um sujeitório penteado e preparado na perfeição, é o senhor Steerforth! Se há no mundo uma cabeçória que eu conheça como os meus dedos, é a sua. Está-me ouvindo, meu rapaz? Conheço-o bem — disse inclinando-se para ele. — Agora a sua questão está julgada; oficial de diligências, chame a que se segue no rol, como se diz no tribunal; se *Mister* Copperfield quiser tomar o seu lugar, passo a tratar dele.

— Que diz, Malmequer? — perguntou Steerforth rindo e cedendo-me a sua cadeira. — Deseja uma penteadela?

— Muito obrigado, *miss* Mowcher, esta noite não.

— Não recuse — disse a anã olhando-me com ar de entendedora — um pouco mais de sobrancelhas!

— Obrigado — repliquei — outra vez será.

— Precisava de mais um centímetro de escanteado — disse *miss* Mowcher — é uma questão de quinze minutos, o máximo.

— Não, obrigado. Agora, não.

— E não quer uma poupazinha — prosseguiu ela — não? Pois bem! Deixe-me só levantar-lhe esse cabelo, depois passamos às suíças. Vamos!

Não pude deixar de corar sempre recusando, porque sentia que acabava de me tocar no lado fraco. Mas *miss* Mowcher, vendo que eu não estava disposto a aceitar os melhoramentos que a sua arte podia dispensar à minha pessoa e que eu resistia, ao menos por então, às seduções do frasquinho que conservava no ar por minha intenção, disse-me que não tardaríamos a tornar a ver-nos e pediu-me que lhe desse a mão para a ajudar a descer do seu posto elevado. Graças a este auxílio, desceu muito lépida e começou a fazer refegos na papeira, por cima das fitas do chapéu.

— Quanto lhe devo...? — disse Steerforth.

— Cinco xelins — disse *miss* Mowcher —, e é de graça. Não acha que eu sou bastante galhofeira, senhor Copperfield?

Respondi delicadamente com um «não». Estava protestando interiormente contra essa confissão pusilânime, quando a vi receber a moeda de cinco xelins, atirá-la imediatamente ao ar, apanhá-la como um prestidigitador e escorregá-la para o bolso, batendo-lhe depois em cima.

— Esta é a caixa pequena — disse *miss* Mowcher, que se aproximou em seguida da cadeira e meteu no saco todos os objectos miúdos que dele tinha tirado. — Vejamos — continuou ela — não me falta nada? Acho que sim. Não seria agradável encontrar-se a gente na situação de Ned Bradwood, quando o levaram à igreja para casar com alguém, como ele dizia e que se esqueceram da noiva! Ah! Ah! Ah! Um ingénuo papa-açorda, esse Ned, mas tão patusco! Agora sei que lhes vou confranger o coração, mas sou forçada a deixá-los. Revistam-se de coragem e suportem o doloroso transe. Boa-noite, senhor Copperfield! Passe bem, Jockey de Nerkolf! Dei muito à taramela! A culpa é vossa, meus brejeiretes! Vá, estão perdoados! *Boun soir,* como dizia Bob, depois da sua primeira lição de francês. *Boun soir,* meus filhos!

Com o saco pendurado no braço e tagarelando sempre, *miss* Mowcher adiantou-se, balanceando-se, para a porta e parou de repente para perguntar se não queríamos uma madeixa dos seus cabelos.

— Deve-me achar muito galhofeira, senhor? — disse ela à laia de comentário a esta proposta e desaparecendo com o dedo encostado ao nariz.

Steerforth ria tanto, que eu não pude deixar de fazer o mesmo; se não fosse isso, não sei se eu riria. Depois desta explosão de hilaridade que durou um momento, disse-me que *miss* Mowcher tinha uma clientela muito extensa e que se tornava útil, por várias formas, a muitíssima gente. Havia pessoas que a tratavam ligeiramente, como uma amostra das excentricidades da natureza, mas a *miss* tinha o espírito observador fosse com quem fosse; e se os seus braços eram curtos, nem por isso tinha o nariz mais comprido. Acrescentou que ela dissera a verdade quando se gabara de estar ao mesmo tempo à direita, à

esquerda e em todos os lugares, porque de tempos a tempos fazia excursões pela província; arranjava sempre alguns fregueses e acabava por conhecer todo o mundo. Perguntei-lhe qual era o carácter dela, se a influência perniciosa lhe constituía o fundo ou se se inclinava em geral para o bem; mas vendo que as minhas perguntas não tinham o dom de o interessar, depois de duas ou três tentativas infrutíferas, renunciei a repeti-las. Em vez de responder ao que eu lhe perguntara, limitou-se a contar-me baldadamente uma infinidade de minudências sobre a habilidade e proventos de *miss* Mowcher, informando-me até de que ela era muito hábil em colocar ventosas, para o caso de eu precisar de tal género de serviço.

A anã foi, pois, o principal assunto da nossa conversação nessa noite, e, ao separarmo-nos, Steerforth inclinou-se ainda sobre o corrimão da escada, que eu descia, para me repetir:

— *Boun soir.*

Fiquei admiradíssimo, quando, ao chegar defronte da casa de *Mister* Barkis, encontrei Ham a passear de um lado para o outro e a minha surpresa subiu de ponto ao dizer-me ele que a Emilita estava lá em cima. Perguntei-lhe muito naturalmente, porque é que não entrara, em vez de ficar a passear para cá e para lá, na rua.

— Olhe, senhor David — respondeu Ham, hesitando — é que a Emilita está ocupada a falar com alguém...

— Pois eu havia de supor — retorqui, sorrindo — que isso era mais uma razão para que lá estivesse, Ham.

— Sim, senhor David, é verdade — replicou ele. — Mas quer saber, senhor David? — continuou baixando a voz e falando num tom grave. — A Emilita está com uma rapariga que ela conheceu noutros tempos e que não deve tornar a ver.

As suas palavras foram como que um rasto de luz que veio esclarecer as minhas dúvidas acerca da mulher que eu vira seguir a Emilita algumas horas antes.

— É uma pobre mulher, senhor David, que se vilipendiou por toda a cidade, para a direita e para a esquerda. Não há defunto no cemitério cujo fantasma seja mais capaz de fazer fugir toda a gente do que ela.

— Não será uma que eu vi esta noite na praia, depois de ter estado consigo?

— Que nos ia a seguir? — disse Ham. — É provável, senhor David. Eu não sabia que ela estava ali, mas a desgraçada aproximou-se da janelita do quarto da Emília, quando viu luz e pôs-se a dizer baixinho: «Emília, Emília! Pelas chagas de Cristo, tenha compaixão de mim! Eu já fui como a menina!». Eram palavras bem solenes e comovedoras, senhor David; como recusar atendê-la?

— Tem razão, Ham. E que fez a Emilita?

— A Emilita disse: «Marta, és tu? Marta, é possível que sejas tu?», porque elas tinham trabalhado juntas durante algum tempo em casa de *Mister* Omer.

— Lembro-me dela — exclamei ao recordar-me das duas raparigas que eu tinha visto da primeira vez que fui a casa de *Mister* Omer. — Lembro-me perfeitamente dela.

— Chama-se Marta Eudell — disse Ham — e tem dois ou três anos mais que a Emília, mas andaram juntas na mestra.

— Eu não lhe sabia o nome; perdão por o ter interrompido na sua narrativa.

— Quanto a isso, senhor David — disse Ham — a história não é comprida; lá vai toda inteira em poucas palavras: «Emília, Emília! Pelas chagas de Cristo, tenha compaixão de mim! Eu já fui como a menina!». Queria falar à Emília, mas a Emília não podia falar-lhe em casa, porque o nosso bom tio acabava de entrar e por mais terno, por mais caritativo que seja, não quereria, não poderia, senhor David, ver essas duas raparigas ao lado uma da outra, ainda que lhe dessem todos os tesouros escondidos no mar.

Eu bem sabia que isso era assim. Ham não tinha necessidade de mo dizer.

— Emília escreveu, pois, a lápis num migalhito de papel e passou o bilhete a Marta pela janela. «Mostra isto», disse a Emília, «a minha tia *Mistress* Barkis, que ela mandar-te-á sentar ao canto do brasido, por amor de mim, até que meu tio tenha saído e eu possa ir falar-te». Depois disse-me o que acabo de lhe contar, senhor David, pedindo-me para a acompanhar até aqui. Que podia eu fazer? Ela não deveria conhecer uma tal mulher, mas como quer o senhor que eu lhe recuse qualquer coisa, quando ela se põe a chorar?

Ham meteu a mão no bolso do seu grosso jaquetão e tirou com grande cuidado uma linda bolsinha.

— E se eu pudesse recusar-lhe qualquer coisa quando ela começa a chorar, senhor David — disse Ham mostrando cuidadosamente a bolsinha na sua mão calosa — como poderia eu recusar-lhe a trazer isto aqui, depois de saber tão bem o que ela desejaria fazer! Um brinquedinho tão lindo — continuou com ar pensativa — e tão pouco fornecido de dinheiro! Querida Emília!

Dei-lhe um aperto de mão, quando ele meteu de novo a bolsinha na algibeira, porque não sabia como exprimir-lhe melhor a minha simpatia e acompanhei-o no seu passeio de um lado para o outro, guardando ambos silêncio durante alguns minutos. A porta abriu-se de repente e Peggotty apareceu, fazendo sinal a Ham para que entrasse. Eu queria ficar na rua mais algum tempo, mas Peggotty veio pedir-me que entrasse também. O meu desejo era não passar pelo aposento onde estivessem reunidos, mas o lugar da reunião era justamente essa cozinha tão asseada de que já faiei e para a qual dava directamente a porta da rua, de sorte que me encontrei no meio do grupo, antes de saber onde é que ia.

A rapariga que eu vira na praia encontrava-se ao pé do fogão, sentada no chão, com a cabeça e o braço encostados a uma cadeira de que Emília acabava de se levantar, pareceu-me e na qual tivera a cabeça da pobre abandonada pousada sobre os joelhos. Mal entrevi o seu rosto, pois que os cabelos estavam soltos, como se os tivesse desfeito com as suas próprias mãos. Todavia, pude verificar que era ainda nova e que possuía uma linda tez. Peggotty havia chorado e a Emilita também. Nem uma palavra se pronunciou no momento da nossa chegada e o tique-taque do velho relógio holandês, ao lado do aparador, parecia duas vezes mais forte do que de ordinário, no meio desse profundo silêncio.

A Emilita foi a primeira a falar.

— Marta desejaria ir para Londres — disse ela a Ham.

— E para que quer ir para Londres? — interrogou ele.

Ham estava de pé, entre elas e olhava para a rapariga, prostrada no chão, com um misto de compaixão por ela e de desgosto por a ver na companhia daquela a quem tanto amava. Ficou-me sempre na lembrança esse olhar. Falavam baixinho um e outra, como se ali houvesse alguém doente, mas ouvia-se muito distintamente, conquanto as suas vozes se elevassem apenas acima de um murmúrio.

— Estava lá melhor do que aqui — disse muito alto uma terceira voz, a de Marta, que continuava sempre prostrada. — Ninguém lá me conhece, ao passo que aqui todo o mundo me aponta.

— E que vai para lá fazer? — perguntou Ham.

Marta ergueu-se, olhou um momento com ar sombrio e depois, baixando de novo a cabeça, passou o braço direito em volta do pescoço, com uma expressão de dor tão viva, como se estivesse na agonia da febre, ou como se acabasse de receber uma chumbada mortal.

— Ela esforçar-se-á por se portar bem — disse a Emilita. — Só nós é que sabemos o que ela nos disse. Não é verdade, minha tia, que eles não podem saber?

Peggotty meneou a cabeça com ar de compaixão.

— Sim, eu esforçar-me-ei — disse Marta — se quiserem ajudar-me a ir-me embora. Nunca poderei comportar-me pior do que aqui. Talvez me porte melhor. Oh! — continuou ela com um arrepio de terror —, arranquem-me destas ruas, onde toda a gente me conhece desde a minha infância!

Emília estendeu a mão e eu vi que Ham depunha nela um saquinho. Ela pegou nele, supondo que era a sua bolsa e deu um passo à frente; depois, reconhecendo o seu engano, acercou-se outra vez de Ham, que se havia retirado de ao pé de mim e mostrou-lhe o que ele lhe dera.

— É seu, Emília — disse-lhe ele. — Não tenho nada no mundo que não seja

seu, minha querida e só em si tenho gosto!

Os olhos de Emília encheram-se ainda de lágrimas e desviou-se, aproximando-se de Marta. Não sei quanto lhe deu. Vi-a inclinar-se sobre a desgraçada e lançar-lhe dinheiro no avental. Pronunciou algumas palavras em voz baixa e perguntou-lhe se era suficiente.

— É mais que suficiente — disse Marta.

E, pegando na mão da Emilita, beijou-lha.

Depois, levantando-se, embrulhou-se no xaile, escondeu nele o rosto e encaminhou-se lentamente para a porta, chorando copiosamente. Parou um momento antes de sair, como se quisesse dizer ainda qualquer coisa e voltou atrás; mas nem uma palavra se lhe escapou dos lábios. Por fim retirou-se, soltando apenas um gemido surdo e doloroso.

Quando a porta se fechou, a Emilita lançou-nos um rápido olhar; depois escondeu o rosto entre as mãos e desatou a soluçar.

— Vamos, Emília — disse Ham batendo-lhe levemente no ombro — vamos, querida, não chore assim.

— Oh! — exclamou ela com os olhos inundados de lágrimas —, eu não sou tão boa rapariga como devia ser, Ham! Sei que nem sempre sou reconhecida como era minha obrigação!

— Sim, sim, é reconhecida — disse Ham — estou certo disso...

— Não — tornou a Emilita, soluçando e meneando a cabeça — não sou tão boa rapariga como devia ser; bem longe disso.

E chorava, como se se lhe despedaçasse o coração.

— Ponho muitas vezes à prova o seu afecto, bem sei — continuou ela. — Sou aborrecida e caprichosa para consigo, quando devia ser exactamente o contrário. E o senhor não é assim para comigo! Porque razão tão mal procedo, quando não devia pensar senão em lhe mostrar o meu reconhecimento e esforçar-me por o tornar feliz?!

— Torna-me sempre feliz — disse Ham. — Sou feliz quando a vejo, minha querida e até sou feliz pensando em si todo o dia!

— Ah! Isso não basta — exclamou ela. — Isso provém da sua bondade e não da minha... Oh! Talvez fosse mais feliz, Ham, se tivesse amado outra, uma criatura mais sensata e mais digna de si, uma mulher completamente sua e não presumida e inconstante como eu seu.

— Pobre amorzinho! — disse Ham em voz baixa. — Marta emocionou-a muito!

— Peço-lhe, minha tia, que venha para ao pé de mim, para eu descansar a cabeça no seu ombro. Encontro-me muito infeliz esta noite, minha tia. Sinto bem que não sou tão boa rapariga como devia ser!

Peggotty apressou-se a sentar-se ao pé do fogo e a Emilita, de joelhos ao pé dela e com os braços em volta do pescoço de Ham, olhava-a com ar suplicante.

— Oh! Peço-lhe, minha tia, que me acuda! Ham, meu amigo, faça por me acudir também! Senhor David, por amor do tempo passado, peço-lhe que me acuda igualmente! Quero tornar-me melhor do que sou! Queria sentir-me mil vezes mais reconhecida. Desejava recordar-me sempre que felicidade não é ser mulher de um excelente homem e levar uma vida tranquila. Oh! Meu coração, meu coração!

Escondeu a cabeça no seio da minha velha criada e cessando esse apelo suplicante que, na sua angústia, provinha ao mesmo tempo da mulher e da criança, como toda a sua pessoa, como o carácter da sua própria beleza, continuou a chorar em silêncio, enquanto Peggotty a sossegava como a uma «baby» que chorasse.

Pouco e pouco se foi tranquilizando e nós pusemo-nos a consolá-la falando-lhe primeiro em tom animado, depois gracejando um pouco com ela; de tal guisa que começou a levantar a cabeça e também a falar. Dentro de pouco estava a sorrir, depois a rir, depois sentava-se, um pouco envergonhada; então Peggotty pôs-lhe em ordem os anéis do cabelo esparso, enxugou-lhe os olhos e compôs-lhe o vestido, com medo que o tio, ao vê-la regressar, perguntasse porque é que a sua filha querida tinha chorado.

Vi-lhe fazer nessa noite o que nunca lhe tinha visto fazer. Vi-a beijar inocentemente o noivo, depois achegar-se desse tronco robusto como para aí procurar o seu mais seguro apoio.

Quando se foram embora e que eu os via ir indo à luz do luar, comparando em meu espírito essa partida e a de Marta, eu vi que ela lhe segurava o braço com ambas as mãos e que se estreitava de encontro a ele, como para não mais o deixar.

## Capítulo XXIII — Corroboro a opinião de Mister Dick e escolho uma profissão

Ao despertar do dia seguinte de manhã, pensei durante muito tempo na Emilita e na emoção que ela tinha mostrado na véspera à noite, depois da partida de Marta. Parecia-me que entrara numa confidência sagrada, encontrando-me testemunha dessas fraquezas e dessas ternuras de família, que não tinha o direito de revelar, mesmo a Steerforth. Não sentia por nenhuma criatura no mundo um sentimento mais doce do que o que eu dedicava a essa linda criaturinha que fora a companheira dos meus brinquedos e a quem tão ternamente amara, como estava e estarei convencido até ao meu último momento. Ter-me-ia parecido indigno de mim próprio, indigno da auréola da nossa pureza infantil, que sempre via circundando-lhe a cabeça, repetir aos ouvidos do próprio Steerforth o que ela não pudera calar, no momento em que um incidente inesperado a forçara a abrir a sua alma diante de mim. Tomei, pois, a resolução de lhe conservar tal segredo no fundo do coração, o que dava, segundo me parecia, uma graça nova à sua imagem.

Durante o almoço, entregaram-me uma carta de minha tia. Como tratava de um assunto acerca do qual eu pensava que os conselhos de Steerforth valeriam bem os de qualquer outro, resolvi discutir com ele essa questão durante a nossa viagem, encantado de o consultar. Pelo momento, bem nos bastava termos de nos despedir de todos os nossos amigos. *Mister* Barkis não era o menos aflito com a nossa partida e creio que de boa vontade abriria novamente o seu cofre e sacrificaria uma segunda moeda de ouro, se quiséssemos, por esse preço, deixar-nos ficar quarenta e oito horas mais em Yarmouth. Peggotty e toda a sua família estavam desesperados por nos ver partir. Toda a casa de Omer & Joram saiu a dizer-nos adeus e Steerforth achou-se rodeado de uma tal multidão de pescadores, no momento em que as nossas malas tomavam o caminho da diligência, como se possuíssemos toda a bagagem de um regimento e acorressem os portadores obsequiosos para no-la conduzirem. Numa palavra, levávamos todas as saudades e afectos de todas as pessoas conhecidas e deixávamos atrás de nós não sei quantos entristecidos com a nossa partida.

— Demora-se muito tempo por cá, Littimer? — disse-lhe eu, enquanto ela esperava que a diligência partisse.

— Não, senhor — replicou ele —; provavelmente não será por muito tempo.

— Por enquanto ainda ele não sabe o que será — disse Steerforth com ar

indiferente. — Ele bem sabe o que tem para fazer e há-de fazê-lo.

— Não me resta a menor dúvida — respondi.

Littimer levou a mão ao chapéu para me agradecer a minha boa opinião e pareceu-me a mim próprio que eu não tinha mais de oito anos. Cumprimentou-nos vivamente desejando-nos uma boa viagem e deixámos de pé, no meio da rua, esse homem tão respeitável e tão misterioso como uma pirâmide do Egipto.

Durante algum tempo estivemos sem dizer uma palavra, porque Steerforth ia mergulhado num silêncio desusado e perguntei de mim para mim quando é que tornaria a ver todos esses lugares testemunhas da minha infância e que mudanças sofreríamos no intervalo, eles e eu. Enfim, Steerforth, recuperando a sua alegria e vivacidade, graças à faculdade que possuía de mudar de tom e de maneira à sua vontade, puxou-me pelo braço.

— Então! O senhor não diz nada, David? Que dizia essa carta de que me falou ao almoço?

— Oh! — disse eu tirando-a do bolso —, é de minha tia.

— E diz-lhe alguma coisa de interessante?

— Recorda-me que empreendi esta expedição com o fim de ver mundo e reflectir um pouco.

— E penso que não faltou ao compromisso?

— Sou forçado a confessar que não pensei muito nisso, e, a falar verdade, não estou satisfeito por me ter esquecido.

— Pois bem, olhe em redor de si, agora — disse Steerforth — e repare a sua negligência. Olhe para a direita, encontra uma região plana, um pouco pantanosa; olhe para a esquerda, verá o mesmo; olhe para a frente, não há diferença e para trás a mesma coisa é.

Eu pus-me a rir, dizendo-lhe que não descobria profissão conveniente para mim na paisagem, o que talvez dependia da sua uniformidade.

— E que diz sua tia sobre o assunto? — perguntou Steerforth olhando para a carta que eu conservava na mão. — Sugere-lhe alguma ideia?

— Sugere — respondi. — Pergunta-me se eu gostaria da profissão de procurador. Que lhe parece?

— Não sei — disse Steerforth tranquilamente. — Suponho que tanto pode ser procurador como outra qualquer coisa.

Não pude deixar de rir ainda de o ver meter todas as profissões na mesma linha e testemunhei-lhe a minha surpresa.

— Steerforth, que vem a ser um procurador? — perguntei.

— Oh! É uma espécie de advogado monacal — replicou ele. — Desempenha junto desses tribunais antiquados que se chamam Provisorado e que reúnem, num sítio retirado, perto do cemitério de S. Paulo, o mesmo papel que o

advogado nos tribunais judiciais. É um funcionário cuja existência deveria, segundo o curso natural das coisas, terminar há mais de duzentos anos, mas fá-lo-ei compreender melhor o que é um procurador explicando-lhe o que é o Provisorado. É um pequeno local retirado, em que se explica o que se chama a lei eclesiástica e onde se fazem todos os passes de prestidigitação com velhas e monstruosas actas do parlamento, cuja existência metade do mundo ignora e a outra metade supõe que já se achavam no estado fóssil em tempo dos Eduardos. É um tribunal que goza de um antigo monopólio para os processos relativos a testamentos, contratos de casamento e às questões levantadas a propósito de embarcações.

— Ora, adeus, Steerforth — exclamei — não me fará acreditar que haja a menor relação entre os negócios da Igreja e os da marinha.

— Não tenho essa pretensão, meu querido rapaz — replicou ele —, mas quero dizer que tudo isso é tratado e julgado pela mesma gente, nesse mesmo tribunal do Provisorado. Pode lá ir um dia e achá-los-á atrapalhados com todos os termos de marinha, do dicionário de Young e isso a propósito da *Nancy* que meteu no fundo a *Maria Joana* ou a propósito de *Mister* Peggotty e dos pescadores de Yarmouth que, durante um vendaval, levaram uma âncora e um cabo ao paquete da índia *Nelson* que estava em perigo; mas, se lá voltar alguns dias depois, encontrá-los-á ocupados a examinar os depoimentos pró e contra um eclesiástico que se portou mal e verá que o juiz do processo marítimo é ao mesmo tempo advogado da questão eclesiástica e *vice-versa.* Tudo se passa como no teatro, é-se juiz hoje e não se é amanhã; passa-se de um emprego a outro; muda-se sem cessar de papel, mas é sempre um negócio vantajosíssimo essa comédia de sociedade representada diante de um público extremamente escolhido.

— Mas os advogados e os procuradores não são uma só e mesma coisa, não é verdade? — disse eu um pouco perturbado.

— Não — replicou Steerforth — os advogados não passam de paisanos, indivíduos que devem ter tomado o seu grau de doutor na Universidade; é por isso que eu não sou estranho a estas questões. Os procuradores empregam os advogados. Recebem em comum bons honorários e levam uma vidinha regalada. Em poucas palavras, aconselho-o a que não desdenhe o tribunal do Provisorado. Dir-lhe-ei mais, se isso pode dar-lhe prazer, que eles se gabam de exercer um estado da mais alta distinção.

Levando em conta a leviandade com que Steerforth tratava o assunto e reflectindo na gravidade antiga que eu associava no meu espírito com esse velho lugar retirado perto do cemitério de S. Paulo, sentia-me bastante disposto a aceitar a proposta de minha tia, acerca da qual me deixava completamente livre, dizendo-me francamente que essa ideia lhe ocorrera ao ir falar com o seu

procurador ao Provisorado para pôr em ordem o seu testamento em meu favor.

— Em todo o caso é um processo louvável da parte de sua tia — disse Steerforth, quando lhe comuniquei esta circunstância — e que merece estímulo. Malmequer, a minha opinião é que não desdenhe o Provisorado.

Foi também o que resolvi. Disse então a Steerforth que minha tia me esperava em Londres e que tinha tomado, por oito dias, um quarto num hotel muito sossegado nos arredores de Lincoln's Inn, atendendo a que havia nessa casa uma escada de pedra e uma saída para o telhado, achando-se minha tia firmemente convencida de que não era uma precaução inútil numa cidade como Londres, em que em todas as casas devia pegar fogo todas as noites.

Acabámos precisamente o resto da nossa viagem versando várias vezes a questão dos *Doctor's-Commons e* prevendo o tempo afastado em que eu seria procurador, perspectiva que Steerforth representava sob uma infinidade de pontos de vista uns mais facetos que outros, que nos faziam chorar de riso. Quando chegámos ao fim da viagem, ele foi para casa, prometendo que me iria ver daí a dois dias e eu segui para Lincoln's Inn, onde encontrei minha tia ainda a pé e esperando-me para cear.

Se eu tivesse dado a volta ao mundo depois da nossa separação não teríamos sido, creio, mais felizes por nos tornarmos a ver. Minha tia chorava desabaladamente beijando-me e disse-me, fingindo rir-se, que, se minha pobre mãe fosse viva, não duvidava de que a pobre inocente derramasse abundantes lágrimas.

— E então deixou *Mister* Dick, minha tia? — perguntei-lhe. — Que pena! Olá, Joaninha, como está?

Enquanto Joaninha me fazia mesuras perguntando-me pela minha saúde, notei que o rosto de minha tia se entristecia consideravelmente.

— Também tenho pena — disse ela esfregando o nariz —, mas não tenho tido o espírito um momento descansado, desde que aqui estou, Trot.

Antes que eu pudesse perguntar-lhe o motivo, disse-mo ela.

— Estou convencida — disse minha tia apoiando-se na mesa com uma firmeza melancólica — estou convencida de que o carácter de Dick não tem bastante força para enxotar burros. Decididamente falta-lhe energia. Eu devia deixar a Joaninha no lugar dele, teria o espírito mais tranquilo. Se alguma vez um burro passou pela minha relva — disse minha tia com vivacidade — foi esta tarde, às quatro horas; eu senti um arrepio correr-me desde a cabeça até aos pés e estou segura de que era um burro.

Esforcei-me por a consolar sobre este ponto, mas minha tia rejeitava toda e qualquer consolação.

— Era um burro — disse ela — e era esse burro inglês que montava a irmã

desse M...atador... desse Magarefe no dia em que foi a minha casa.

Efectivamente desde então que minha tia não chamava de outra maneira *miss* Murdstone, cujo nome assim estropeava.

— Se há burro em Douvres cuja audácia me seja insuportável — continuou minha tia batendo uma punhada na mesa — é esse animal.

Joaninha arriscou a suposição de que minha tia fazia talvez mal em inquietar-se; que ela supunha, pelo contrário, que o burro em questão se empregava agora em acarretar areia, o que não lhe deixava a faculdade de ir perpetrar delitos na relva. Mas minha tia não queria ser razoável.

Serviram-nos uma boa ceia muito quente, conquanto fosse longe da cozinha ao quarto de minha tia, situado nos altos da casa. Tinha-o ela escolhido assim para haver mais degraus a subir, por causa dos ladrões, ou para lhe ser mais fácil fugir em caso de incêndio, para o telhado, nem eu sei bem. A refeição compunha-se de um frango assado, uma posta de *roast-beaf* e um prato de legumes; tudo excelente e de que eu comi com apetite. Mas minha tia, que tinha suas ideias acerca dos comestíveis de Londres, quase que não comeu.

— Ia apostar em como este negregado frango foi criado nalgum subterrâneo, onde nasceu — disse minha tia — e que nunca tomou ar noutra parte senão nalgum largo de trens de praça. Tenho como provável que esta carne é de vaca, mas certeza é que não tenho. Em Londres há só uma coisa ao natural, é a lama.

— Não está persuadida, minha tia, de que este frango poderia ter vindo da aldeia?

— Não, isso não — replicou minha tia. — Os negociantes de Londres enfadar-se-iam se vendessem qualquer coisa com o seu verdadeiro nome.

Não tentei contradizer esta opinião, mas ceei com bom apetite, o que a satisfez plenamente. Quando arrumaram a mesa, Joaninha arranjou o cabelo a minha tia, pôs-lhe a sua touca de dormir, que era mais elegante que de ordinário («para um caso de fogo», dizia minha tia), depois fez-lhe uma dobra na saia, à altura dos joelhos, segundo o costume, para ela aquecer os pés antes de se deitar. Depois preparei-lhe eu, segundo as regras estabelecidas, das quais, sob nenhum pretexto, a gente se devia desviar o menos possível, um copo de vinho branco quente com água e cortei-lhe um pedaço de pão para o mandar torrar em fatias compridas e finas. Deixaram-nos sós para acabarmos a noite com essa bebida. Minha tia estava sentada na minha frente e saboreava a sua água com vinho molhando nela, uma após outra, as torradas antes de as comer e olhando para mim com ternura, do fundo das guarnições da sua touca de dormir.

— E então, Trot — disse ela — já pensou na minha proposta de fazer de si um procurador? Ou não pensou ainda nisso?

— Tenho pensado muito, minha querida tia; e até conversei muito no caso

com Steerforth. Agrada-me infinitamente.

— Está bem — disse minha tia — isso alegra-me.

— Apenas vejo uma dificuldade, tia.

— Qual, Trot?

— É que eu queria perguntar-lhe, tia, se a minha admissão nessa profissão, que não se compõe, creio, de um grande número de membros, não será horrivelmente cara?

— É um negócio para mil libras esterlinas redondas — disse minha tia.

— É isso, minha querida tia — disse-lhe aproximando-me dela — o que me preocupa. É uma soma considerável! A tia tem gastado muito dinheiro com a minha educação e em todas as coisas tem sido tão liberal quanto possível a meu respeito. Nada pode dar uma ideia da sua generosidade para comigo. Mas há com certeza carreiras que eu poderia abraçar, sem gastar de mais, por assim dizer, tendo sempre probabilidades de acertar por meio de trabalho e perseverança. A tia está certa de que não valerá a pena tentar? Está bem certa de poder fazer ainda esse sacrifício e que não valeria mais poupar-se a ele? Peço-lhe simplesmente, minha querida e segunda mãe, que reflicta bem, antes de tomar a sua resolução.

Minha tia acabou a sua torrada fitando-me sempre, depois pousou o copo sobre o fogão, e, apoiando as mãos cruzadas sobre o vestido soerguido, respondeu-me assim:

— Trot, meu caro filho, se tenho um fito na vida é fazer de si um homem virtuoso, sensato e feliz; é todo o meu desejo e Dick pensa como eu. Eu desejaria que certas pessoas do meu conhecimento pudessem ouvir a conversação de Dick sobre este assunto. É de uma maravilhosa sagacidade, mas não há ninguém a não ser eu que conheça bem todos os recursos de inteligência desse homem!

Parou um momento para me meter a mão entre as suas e continuou:

— É inútil, Trot, relembrar o passado, quando essas recordações não podem servir de nada para o presente. Talvez que eu tivesse podido ser melhor com seu pai, talvez tivesse podido ser melhor com sua mãe, a pobre criança, mesmo depois do desapontamento que me causou sua irmã Betsy Trotwood. Quando chegou a minha casa, pobre rapazinho vagabundo, coberto de poeira e exausto de fadiga, talvez o dissesse de mim para mim ao vê-lo. Desde então até hoje o Trot tem sempre honrado a sua tia, tem sido sempre para mim um motivo de orgulho e de satisfação; ninguém senão o Trot tem direitos à minha fortuna, isto é...

Neste ponto, com surpresa minha, ela hesitou e pareceu embaraçada.

— Não, ninguém tem direito à minha fortuna e o Trot é o meu filho adoptivo; não lhe peço senão que seja também para mim um filho afectuoso, que sofra as

minhas fantasias e os meus caprichos e fará por uma velha mulher, cuja mocidade não foi tão feliz nem tão conciliadora como poderia ser, mais do que essa velha mulher nunca fará por si.

Era a primeira vez que eu ouvia minha tia fazer alusão à sua vida passada. Havia tanta nobreza no tom tranquilo com que falava para não mais insistir, que o meu afecto e o meu respeito aumentariam, se fosse possível.

— Eis quanto fica entendido e combinado entre nós, Trot — disse minha tia —; não falemos mais nisso, dê-me um beijo e amanhã de manhã, depois do almoço, iremos ao tribunal dos *Doctor's-Commons*.

Conversámos por muito tempo ao calor do fogão, antes de nos irmos deitar.

O meu quarto ficava perto do de minha tia e, durante a noite, fui várias vezes despertado por ela a bater-me à porta e a perguntar-me, todas as vezes que ouvia ao longe o rodar de trens de praça e de carroças, «se seriam as bombas»; mas, pela madrugada, caiu em sono e deixou-me dormir em paz.

Era quase meio-dia quando nos pusemos a caminho para o escritório de *Mister's* Spenlow & Jorkins, ao pé do tribunal dos *Doctor's-Commons*. Minha tia que tinha acerca de Londres, em geral, a ideia de que todos os homens que ela encontrava eram ladrões, deu-me a guardar a sua bolsa; a qual continha oito libras esterlinas e alguns miúdos.

Parámos um instante diante da loja de brinquedos de Fleet Street a ver os gigantes de S. Dunstano tocar os sinos; tínhamos calculado o nosso passeio de maneira a lá chegarmos ao meio-dia em ponto, para os ver fazer esse exercício; depois tomámos o caminho de Ludgate-Hill e do cemitério de S. Paulo. Íamos a chegar ao nosso primeiro destino, quando reparei que minha tia estugava o passo com ar assustado; reparei ao mesmo tempo que um homem mal vestido e de má catadura, que pouco antes ao passar por nós tinha parado um momento para nos medir de cima a baixo, nos seguia tão de perto que o seu vestuário roçava pelo vestido de minha tia.

— Trot, meu caro Trot — disse-me ela em voz baixa e num tom de medo apertando-me o braço; — não sei que hei-de fazer!

— Não tenha medo — disse-lhe eu —; não há-de que se assustar. Entre para uma loja e num instante se livra desse homem.

— Não, não, meu filho — replicou ela —, não lhe fale, por nada deste mundo! Suplico-lhe! Ordeno-lhe!

— Deus do céu, tia! — disse-lhe —, mas trata-se de um mendigo desaforado!

— Não sabe quem é — replicou minha tia —; nem sabe quem é, nem sabe o que diz!

Durante este episódio, tínhamos parado debaixo de um portão e ele também parou.

— Não olhe para ele — disse-me minha tia, no momento em que eu me voltava com indignação. — Chame um trem de praça, meu caro filho, e vá-me esperar no cemitério de S. Paulo.

— Esperá-la? — repeti.

— Sim — prosseguiu minha tia. — Olhe, deixe-me só; preciso de ir com ele... — E pediu-me a bolsa.

— Com ele? Com esse homem, tia?

— Eu estou no meu juízo — replicou ela. — Já lhe disse que preciso de ir com ele; vá buscar um trem de praça.

Fosse qual fosse o meu espanto, compreendia que não tinha o direito de desobedecer a uma ordem tão peremptória. Dei, pois, precipitadamente alguns passos e chamei um trem que passava vazio. Mal havia tido tempo de baixar o estribo e já minha tia se lançava para dentro, não sei como, seguida do homem; ela fez-me sinal com a mão para que me retirasse e isso com tal ar de autoridade que, apesar da minha surpresa, ausentei-me logo para largo. Nesse mesmo momento, ouvi-a dizer ao cocheiro: «Rode por onde quiser! Sempre em frente». E um instante depois o carro passou ao meu lado, subindo a montanha.

Recordei-me então do que me tinha dito *Mister* Dick e que eu havia tomado à conta de uma ilusão da sua imaginação, mas já não podia duvidar que o homem que eu acabava de ver fosse a pessoa cuja descrição misteriosa ele me fizera, conquanto me fosse impossível imaginar qual poderia ser a natureza dos seus direitos sobre minha tia. Depois de uma hora de espera no cemitério, onde sentia bastante frio, vi regressar enfim o carro. O cocheiro parou os cavalos ao pé de mim. Minha tia vinha só.

Ainda não se encontrava bem restabelecida da sua agitação e por isso mal disposta para fazer a visita que tínhamos projectado. Fez-me subir para o carro e pediu-me para ordenar ao cocheiro que desse umas voltas a passo. Depois, apenas me disse:

— Meu caro filho, nunca me peça explicações acerca do que se acaba de passar; nunca faça mesmo alusão alguma a esta ocorrência.

Após um momento de silêncio, minha tia havia recuperado todo o seu sangue-frio. Disse-me então que se encontrava completamente bem e que podíamos apear-nos. Quando me entregou a bolsa para pagar ao cocheiro, reparei que todas as moedas de ouro haviam desaparecido e que só continha miúdos.

Chegava-se à porta dos *Doctor's-Commons* por uma porta abobadada um pouco baixa; tínhamos dado apenas alguns passos na rua que lá conduzia e o ruído da cidade extinguia-se já ao longe, como por encanto; pátios escuros e tristes, avenidas rectas, levaram-nos bem depressa aos escritórios de *Mister's* Spenlow & Jorkins, que recebiam a luz de cima. No vestíbulo desse templo, em

que penetravam os peregrinos sem a cerimónia de bater à porta, viam-se dois ou três escreventes ocupados com as rasas; um deles, um homenzinho seco, sentado sozinho a um canto e que usava uma cabeleira castanha que parecia ser feita de pão de espécies, levantou-se para receber minha tia e para nos fazer entrar no gabinete de *Mister* Spenlow.

— *Mister* Spenlow está no Tribunal, minha senhora — disse o homenzinho seco. — Hoje é dia de Tribunal das arcas, mas é aqui ao lado e eu vou mandar procurá-lo.

Como não tínhamos nada de melhor a fazer enquanto esperávamos que fossem procurar *Mister* Spenlow, do que olhar em volta de nós, aproveitei a ocasião. O mobiliário do aposento era de velho salgueiro e estava todo coberto de pó; o pano verde da secretária perdera a sua cor primitiva, tão debotado e cheio de rugas como um velho pobre; tinha em cima uma tal quantidade de papelada, uma com a etiqueta de *alegações* e outra, com grande espanto meu, com o título de *libelos;* havia papéis para o Tribunal do consistório, para o Tribunal das arcas, para o Tribunal das prerrogativas e para o Tribunal dos delegados; assim, eu perguntava de mim para mim, com inquietação, quantos tribunais seria preciso ali haver para tratarem de tudo e quanto tempo me seria necessário para compreender as questões que neles se tratassem. Além disso, viam-se grossos volumes manuscritos de *depoimentos feitos sob juramento,* solidamente encadernados e presos juntos por enormes séries, uma série por causa, como se cada causa fosse uma história em dez ou doze volumes. Eu disse com os meus botões que tudo isso devia acarretar muitas despesas e concebi uma agradável ideia dos proventos da profissão. Lançava os olhos com satisfação sempre crescente sobre esses objectos e outros semelhantes, quando se ouviram passos precipitados no aposento próximo e *Mister* Spenlow, revestido de uma beca guarnecida de peles brancas, entrou apressadamente tirando o chapéu.

Era ele um homenzinho louro, com botas irrepreensíveis, uma gravata branca e um colarinho direito gomado; o casaco abotoado até acima, bem justo ao corpo e as suíças deviam-lhe ter levado muito tempo a frisar tão elegantemente; a cadeia do relógio era tão maciça, que não pude deixar de dizer comigo mesmo que ele devia precisar, para a tirar do bolso, de um braço de ouro tão robusto como os que se vêem servindo de tabuletas à porta dos bate-folhas. Era todo puxado à substância, e, por consequência, tão empertigado que mal podia curvar-se e era obrigado, quando estava sentado e queria consultar os papéis da sua secretária, a mover o corpo como se fosse uma peça inteiriça, a partir da espinha dorsal, tal como Polichinelo.

Minha tia apresentou-me a *Mister* Spenlow, que me recebeu muito polidamente, dizendo-me em seguida:

— Assim, *Mister* Copperfield, tem qualquer ideia de abraçar a nossa profissão? Por acaso, eu disse a *miss* Trotwood, quando tive o prazer de a ver o outro dia (nova mesura de Polichinelo), que em minha casa havia um lugar vago e *miss* Trotwood teve a bondade de me informar que tinha um sobrinho que adoptara e ao qual procurava assegurar uma boa posição. É esse sobrinho, creio eu, que tenho agora o prazer de... (ainda Polichinelo).

Fiz uma mesura de agradecimento e disse-lhe que minha tia me havia efectivamente falado de tal vaga e que essa ideia me agradava muito. Acrescentei que me inclinava bastante a crer que a carreira havia de me convir e por isso desde logo acedi à proposta; que, todavia, não podia comprometer-me positivamente antes de conhecer melhor o assunto; e que, conquanto isso não passasse de uma questão de forma, não desgostaria de ter ocasião de ensaiar se a profissão me conviria, antes de me prender de uma maneira irrevogável.

— Oh! Sem dúvida, sem dúvida! — disse *Mister* Spenlow. — Nós damos sempre em nossa casa um mês de ensaio. Se fosse eu só não me importava de dar dois... mesmo três... numa palavra, um tempo indefinido; mas tenho um sócio, *Mister* Jorkins.

— E a paga é de mil libras esterlinas, senhor? — perguntei.

— A paga, compreendido o registro, é de mil libras esterlinas — respondeu *Mister* Spenlow — como já disse a *miss* Trotwood. Não sou levado por considerações pecuniárias; há poucos homens que sejam menos sensíveis a isso do que eu, creio; mas *Mister* Jorkins tem a sua opinião sobre no caso e eu sou obrigado a respeitar a opinião de *Mister* Jorkins; em suma, *Mister* Jorkins acha que mil libras não são grande dinheiro.

— Suponho, senhor — disse-lhe, sempre para poupar o dinheiro de minha tia — que quando um praticante se torna muito útil e que está perfeitamente ao corrente da sua profissão... (não pude deixar de corar, ao lembrar-me de que tinha o ar de estar antecipadamente fazendo o meu próprio elogio) suponho que não é costume, nos últimos anos do seu contrato, conceder-lhe um...

*Mister* Spenlow, com um grande esforço, conseguiu fazer sair a cabeça do seu colarinho para poder meneá-la e respondeu, sem esperar que eu pronunciasse a palavra «ordenado»:

— Não; não sei que opinião eu poderia ter sobre tal assunto, senhor Copperfield, se eu fosse só, mas *Mister* Jorkins é inabalável.

Eu estava assustadíssimo com a ideia desse terrível Jorkins; mas descobri mais tarde que era um homem inofensivo, um pouco pesado e cuja posição na sociedade consistia em se conservar sempre no segundo plano e prestando-se a que apresentassem o seu nome como o do mais inflexível e cruel dos homens. Se um dos empregados pedia um aumento de ordenado, *Mister* Jorkins não queria

ouvir falar desse pedido; se algum cliente levava tempo a saldar uma conta, *Mister* Jorkins estava decidido a fazer-se pagar e por mais custosas que pudessem ser tais coisas e realmente o fossem para *Mister* Spenlow, *Mister* Jorkins mandaria os retardatários para a cadeia. O coração e a mão do bom anjo Spenlow estariam sempre abertos, se não fosse esse demónio de Jorkins, que nunca consentia. Ao passo que ia entrando em anos, fui encontrando outras casas cujo negócio era regulado pelo sistema Spenlow & Jorkins.

Ficou combinado que eu começaria o mês de ensaio quando me conviesse, sem que minha tia precisasse de permanecer em Londres ou de lá ir no fim dessa prova; seria fácil enviar-lhe para assinar o tratado de que eu devia ser o objecto. Quando lá fomos, *Mister* Spenlow ofereceu-se-me para me acompanhar um momento ao Tribunal, a fim de eu ver os lugares. Como era isso justamente o que eu desejava, saímos juntos, deixando ficar minha tia, que não tinha desejo, dizia, de se aventurar por lá, porque ela tomava, se me não engano, todos os tribunais de justiça por outros tantos paiões, sempre prontos a irem pelos ares.

*Mister* Spenlow levou-me por um pátio empedrado, rodeado de graves casas de tijolo, tendo inscritos por cima das portas os nomes dos doutores; eram aparentemente a residência oficial dos advogados, de que Steerforth me tinha falado. Dali entrámos, à esquerda, para uma grande sala bastante triste, que se parecia, no meu modo de entender, com uma capela. O fundo dessa sala era resguardado por uma balaustrada e aí, de cada lado de um estrado em forma de ferradura, vi instalados em cómodas cadeiras de sala de jantar, de forma antiga, numerosos personagens revestidos de togas vermelhas e cabeleiras pardas; eram os doutores em referência. No centro da ferradura via-se um velho, que se encostava a uma pequena secretária bastante parecida com uma estante de couro. Se eu tivesse encontrado esse velhote num viveiro de aves, tomá-lo-ia com certeza por um mocho; mas não: colhidas informações, vim a saber que era o juiz presidente. No espaço vazio do interior da ferradura, ao nível do sobrado, viam-se numerosos personagens da mesma categoria de *Mister* Spenlow, como ele vestidos com as suas becas negras com peles brancas, sentados em volta de uma grande mesa verde. As suas gravatas eram, em geral, muito rígidas e as suas cataduras, igualmente; mas não tardei a reconhecer que me enganara sob este ponto de vista, pois que tendo-se levantado dois ou três deles, para responderem às perguntas do dignitário que presidia, raras vezes vi nada de mais humilde do que as suas maneiras. O público, representado por um rapazito de *cache-nez* e por um homem de elegância um tanto no fio, que tasquinhava, à surdina, migalhas de pão que tirava dos bolsos, aquecia-se junto da braseira colocada ao centro do tribunal. A tranquilidade lânguida deste lugar só era interrompida pelo crepitar do fogo e pela voz de um dos doutores, que errava a passos lentos

através de toda uma biblioteca de depoimentos e que pousava de quando em quando no meio da sua passeata, em pequenas hospedarias de discussões incidentes que deparava no seu caminho. Numa palavra: nunca me encontrei numa pequena reunião de família tão pacífica, tão sonolenta, tão rococó, tão antiquada, tão soporífera e senti que o efeito que ela devia produzir a todos quantos dela faziam parte, excepto talvez o advogado, que pedia justiça, devia ser o de um poderoso narcótico.

Satisfeito com a tranquilidade profunda deste retiro, declarei a *Mister* Spenlow que tinha visto bastante por aquela vez e fomos ter com minha tia, com quem daí a pouco saí das regiões dos *Doctor's-Commons.* Ah! Como me senti remoçar ao sair de casa de *Mister's* Spenlow & Jorkins, quando vi os sinais que os praticantes faziam uns aos outros indicando-me com a ponta da pena.

Chegámos a Lincolns Inn Fields sem novas aventuras, à excepção do encontro com um burro atrelado à carroça de um vendedor ambulante de fruta e hortaliça, que fez evocar a minha tia dolorosas recordações. Uma vez em segurança na nossa casa, tivemos ainda uma longa conversação acerca dos meus projectos futuros e como eu sabia que ela tinha pressa de regressar a casa, pois que entre o fogo, os comestíveis e os ladrões não passava agradavelmente meia hora sequer em Londres, pedi-lhe que não se inquietasse comigo e que me deixasse proceder sozinho.

— Não cuide que eu esteja em Londres há oito dias, meu caro filho, sem ter pensado nisso — replicou ela. — Há um pequeno quarto a alugar nos Adelfi, que deve convir-lhe às mil maravilhas.

Depois deste curto prefácio, tirou do bolso um anúncio cuidadosamente cortado de um jornal e que declarava haver para alugar em Buckingham Street, Adelfi, um lindo quarto mobilado para rapaz, com vistas para o rio, ornamentado de fresco, particularmente apropriado para servir de residência a um jovem *gentleman*, membro de uma das corporações legais, ou de outra, para entrar imediatamente em posse. Preço módico. Também se alugava aos meses.

— Mas é justamente o que eu preciso, tia — disse corando de prazer à simples ideia de ter um quarto meu.

— Nesse caso, venha daí — disse minha tia tornando a pôr o chapéu que tirara. — Vamos ver.

Partimos. O escrito à porta indicava que era preciso falar com *Mistress* Crupp e puxámos pela campainha da porta de serviço, que supúnhamos em comunicação com a casa dessa dama. Só depois de termos tocado duas ou três vezes é que pudemos conseguir persuadir *Mistress* Crupp a comunicar connosco. Por fim apareceu ela, sob a forma de uma bisbilhoteira gorda, ajoujada com um saiote de flanela que se via por baixo de uma saia de nanquim.

— Desejávamos ver o quarto que há para alugar — disse minha tia.

— É para esse senhor? — interrogou *Mistress* Crupp procurando as chaves no bolso.

— É para meu sobrinho — informou minha tia.

— Está mesmo ao nó para ele — disse *Mistress* Crupp.

E subimos a escada.

O quarto ficava no alto da casa, grande vantagem aos olhos de minha tia, pois que era fácil fugir para o telhado em caso de incêndios compunha-se de uma antecâmara com porta envidraçada onde se não via muito claro, de uma despensa muito escura onde se não via nada, de uma saleta e de um quarto de dormir. Os móveis eram um tanto usados, mas eu era fácil de contentar e o rio corria por baixo das janelas.

Eu estava encantado; minha tia e *Mistress* Crupp retiraram-se para a despensa, a fim de discutirem as condições, enquanto eu ficava sentado no canapé da sala, mal me atrevendo a crer possível que fosse destinado a habitar uma residência tão distinta. Depois de um combate singular que durou algum tempo, os dois campeões reapareceram e li com alegria no rosto de *Mistress* Crupp, assim como no de minha tia, que o negócio estava tratado.

— Esta mobília era a do último inquilino? — perguntou minha tia.

— Sim, minha senhora — disse *Mistress* Crupp.

— Que foi feito dele? — tornou minha tia.

*Mistress* Crupp teve um acesso de tosse terrível, no meio do qual articulou com grande dificuldade:

— Caiu aqui doente, minha senhora, e... Hum! Hum!.., Hum!... ah!... morreu.

— Ah! E de que morreu? — perguntou minha tia.

— Assim Deus me salve, minha senhora, como morreu da bebida — disse *Mistress* Crupp em confidência — e do fumo.

— Do fumo? Não é porque os fogões estejam arrombados, pois não?

— Não, minha senhora — replicou *Mistress* Crupp. — Refiro-me aos cachimbos e ao tabaco.

— É um mal que felizmente, pelo menos, não é contagioso, Trot — disse minha tia voltando-se para mim.

— De certo que não — respondi.

Numa palavra: minha tia, vendo quão encantado eu estava com o quarto, alugou-o por um mês, com o direito de ficar com ele por um ano, depois do primeiro mês de ensaio. *Mistress* Crupp devia fornecer-me a roupa do quarto e a comida; tudo o mais necessário à vida se achava já no quarto e aquela dama comprometeu-se expressamente a ter por mim toda a ternura de uma mãe. Eu devia entrar na posse do quarto daí a dois dias e *Mistress* Crupp deu graças ao

céu por ter enfim encontrado alguém a quem prodigalizasse cuidados.

Ao regressar ao hotel, disse-me minha tia que confiava na vida que eu ia principiar, para me dar firmeza e confiança em mim próprio, a única coisa que ainda me faltava. Repetiu-me o mesmo muitas vezes no dia seguinte, enquanto arranjávamos as coisas para que me viessem os livros que estavam em casa de *Mister* Wickfield. Escrevi a este respeito uma extensa carta a Inês, em que lhe contava ao mesmo tempo as minhas últimas férias; essa carta encarregou-se de a levar minha tia, que devia partir no dia seguinte. Para não prolongar estas minudências, acrescentarei somente que ela me deixou liberalmente dinheiro para todas as necessidades que eu pudesse ter que satisfazer durante o mês de ensaio; que Steerforth, com grande contrariedade nossa, não apareceu antes da partida dela; que eu não saí de junto dela senão depois de a ter visto instalada em segurança na diligência de Douvres, com Joaninha ao lado e triunfando antecipadamente das vitórias que ia alcançar sobre os burros errantes; que, enfim, depois da partida da diligência, segui o caminho de Adelfi, pensando no tempo em que vagueava nas suas arcadas subterrâneas e nas felizes mudanças que me tinham feito voltar para junto do rio.

## Capítulo XXIV — Os meus primeiros excessos

Não seria uma belíssima coisa estar em minha casa, nesse lindo quarto e experimentar, quando fechava a porta de entrada, o mesmo sentimento de altiva independência que Robinson Crusoé quando escalava as suas fortificações e retirava a sua escada mal acabava de subir? Não seria uma bela coisa passear pela cidade com a chave da minha casa no bolso e saber que podia convidar quem eu quisesse que lá fosse, sem ter receio de incomodar ninguém, quando isso não me contrariasse a mim próprio? Não seria uma bela coisa poder entrar e sair, ir e vir, sem dar satisfações a ninguém e, com um toque de campainha, fazer subir *Mistress* Crupp, toda esbaforida, das profundezas da terra, quando dela precisasse... e quando a ela lhe conviesse vir? Certamente que sim, era uma belíssima coisa, mas devo dizer também que momentos havia em que era bem triste.

Era encantador de manhã, quando estava bom tempo. Era uma vida muito agradável e muito livre em pleno dia, sobretudo quando havia sol; mas quando o dia declinava, o encanto da existência baixava também um furo. Não sei como isso se fazia, mas perdia muito das suas vantagens à luz da vela. A essa hora, tinha necessidade de alguém com quem falar. Faltava-me Inês. Achava um grande vácuo no lugar do amável sorriso da minha confidente. *Mistress* Crupp estava a cem léguas distante dela. Eu pensava no meu antecessor que havia morrido à força de beber e de fumar e quase que me punha a desejar que antes houvesse tido a bondade de viver, em vez de morrer de propósito para me... para me aborrecer.

Decorridos dois dias e duas noites, parecia-me que havia já um ano que eu morava nesses aposentos e todavia não havia envelhecido uma hora e estava tão angustiado como no passado da minha extrema mocidade.

Como não aparecia Steerforth, o que me fazia recear que estivesse doente, no terceiro dia saí cedo do tribunal para tomar o caminho de Highgate. *Mistress* Steerforth recebeu-me com muita bondade e disse-me que seu filho tinha ido, com um dos seus amigos de Oxford, ver um dos seus amigos comuns que morava perto de Saint-Albans, mas que o esperava no dia seguinte. Eu tinha-lhe tanta amizade, que senti ciúmes dos seus amigos de Oxford.

Ela instou comigo para ficar para o jantar, aceitei e creio que não falamos de outra coisa senão dele em todo o dia. Contei-lhe o êxito que ele alcançara em Yarmouth, felicitando-me do amável companheiro que lá tivera. *Miss* Dartle não poupava nem as insinuações nem as perguntas misteriosas, mas tomava o maior

interesse nas nossas palavras e gestos e repetiu tantas vezes «Palavra?... Será possível!», que me fez dizer tudo quanto queria saber. Não tinha mudado nada desde o dia em que pela primeira vez a vi, mas a companhia das duas senhoras pareceu-me tão agradável e nela encontrei tanta benevolência, que entrevi o momento em que me ia apaixonar um pouco por *miss* Dartle. Não pude deixar de pensar várias vezes durante a noite e sobretudo ao regressar a casa, que ela seria uma encantadora companheira para as minhas noites de Buckingham Street.

Estava eu almoçando café e pão, no dia seguinte de manhã, antes de ir para o tribunal (a propósito, creio que é chegado o momento de me admirar, de passagem, da prodigiosa quantidade de café que *Mistress* Crupp comprava de minha conta para o fazer tão brando e tão insípido), quando Steerforth em pessoa entrou, com grande alegria minha.

— Meu caro Steerforth! — exclamei. — Começava a imaginar que nunca mais o tornaria a ver!...

— Fui raptado à força de braços — disse Steerforth — no dia seguinte ao da minha chegada a casa... Mas, Malmequer, fique sabendo que está aqui instalado como um solteirão de truz.

Mostrei-lhe toda a instalação, sem esquecer a despensa, com um certo orgulho e ele não foi avaro em louvores.

— Olhe, meu velho, vou dizer-lhe uma coisa — prosseguiu ele. — Vou fazer minha casa da cidade dos seus aposentos, contanto que não me despeça.

Que agradável promessa! Disse-lhe que, se esperava uma despedida, poderia bem esperar até ao dia de juízo.

— Mas há-de tomar alguma coisa — disse-lhe estendendo o braço para a campainha. — *Mistress* Crupp vai fazer-lhe café e eu vou grelhar-lhe algumas fatias de toucinho num fogãozito que ali tenho.

— Não! Não! — disse Steerforth —, não toque! Vou almoçar com um desses amigos, que está hospedado no Piazza-Hotel, perto de Covent Garden!

— Ao menos virá jantar comigo — disse.

— Não posso, palavra; tenho muita pena, mas necessito de ficar com os meus dois companheiros. Partimos todos três amanhã de manhã.

— Traga-os então consigo; venham cá jantar todos — repliquei — se julga que eles aceitarão.

— Oh! Viriam de muito boa vontade — disse Steerforth —, mas maçá-lo-íamos. O David fará melhor se vier jantar connosco a qualquer parte.

Não quis consentir nessa combinação, porque se me tinha metido em cabeça que era absolutamente preciso que eu desse uma festinha em honra da minha instalação e que não podia encontrar melhor ocasião de pagar a patente. Estava mais inchado do que nunca com os meus aposentos, desde que Steerforth os

tinha honrado com a sua aprovação e morria por estadear todos os recursos. Obriguei-o a prometer positivamente que apareceria com os seus dois amigos e fixamos o jantar para as seis horas.

Quando ele saiu, toquei para que viesse *Mistress* Crupp e anunciei-lhe o meu ousado projecto. *Mistress* Crupp disse-me logo que naturalmente não se podia contar com vê-la servir à mesa, mas que conhecia um rapaz muito hábil que consentiria talvez em servir, por cinco xelins, com uma pequena gratificação a mais. Respondi-lhe que certamente era preciso esse rapaz. Em seguida *Mistress* Crupp acrescentou que era bem de ver que ela não podia estar em dois lugares ao mesmo tempo (o que me pareceu razoável) e que uma rapariga instalada na despensa, com uma palmatória acesa, era indispensável, para lavar os pratos incessantemente. Perguntei qual poderia ser o preço dos serviços dessa rapariga; *Mistress* Crupp supunha que dezoito *pence* não me arruinariam. Eu também o supunha e foi mais um ponto combinado. Então, *Mistress* Crupp disse-me: «Agora passemos ao *menu* do jantar».

O artista que construíra o fogão da cozinha de *miss* Crupp tinha dado prova de uma rara imprevidência, fabricando-o de maneira que não se podiam arranjar senão costeletas e batatas. Quanto a uma vasilha para peixe, *Mistress* Crupp disse que me bastava ir ver a sua bateria de cozinha; não me dizia mais nada; que fosse eu ver. Como não ficaria mais adiantado em ir ver, recusei, dizendo: «a gente pode passar sem peixe». Não eram esses os cálculos de *Mistress* Crupp.

— E porquê? — disse ela. — É o tempo das ostras e o senhor não as apresenta na mesa?

— Vá então pelas ostras!

*Mistress* Crupp disse-me então que aconselhava a que se compusesse o jantar do seguinte: Um par de frangos assados, que se mandariam vir do restaurante; um prato de carne estufada com cenouras... do restaurante; duas pequenas entradas como uma empada quente e rins salteados, do restaurante; uma torta de fruta e se me conviesse, uma gelatina... do restaurante. «O que me permitirá», disse *Mistress* Crupp, «consagrar toda a minha atenção às batatas e servir, na sua altura, o queijo e o aipo com o molho apimentado.

Conformei-me com o conselho de *Mistress* Crupp e fui pessoalmente fazer a encomenda ao restaurante. Ao descer do Strand, um pouco mais tarde, descobri à janela de um salsicheiro um bloco de uma substância cheia de veios que parecia mármore e que tinha esta etiqueta: «Tartaruga preparada». Entrei e comprei uma talhada suficiente, segundo vi depois, para quinze pessoas. *Mistress* Crupp consentiu com alguma dificuldade em aquecer essa preparação que diminuiu tanto, liquidificando-se, que a encontrámos, como dizia Steerforth, um pouco à justa para nós quatro.

Terminados felizmente estes preparativos, comprei uma pequena sobremesa no mercado de Covent Garden e fiz uma encomenda bastante considerável em casa de um negociante de vinhos a retalho, da vizinhança. Quando regressei a casa, à tarde e que vi as garrafas dispostas em linha de batalha na despensa, pareceram-me tão numerosas (conquanto faltassem duas, por mais que se procurassem, com grande descontentamento de *Mistress* Crupp), que fiquei literalmente assustado.

Um dos amigos de Steerforth chama-se Grainger e o outro Markham. Eram ambos alegres e espirituosos; Grainger era um pouco mais velho que Steerforth, Markham tinha o ar mais moço, não lhe daria mais de vinte anos. Notei que este último falava de si próprio de uma maneira indefinida servindo-se do pronome *se* para substituir a primeira pessoa do singular que quase nunca empregava.

— Podia-se muito bem viver aqui, senhor Copperfield — disse Markham querendo falar de si próprio.

— A situação é bastante agradável — respondi — e os meus aposentos são muito cómodos.

— Espero que tenham feito provisão de apetite — disse Steerforth aos seus amigos.

— Palavra de honra — disse Markham — creio que é Londres que assim lhe dá apetite. Tem-se fome todo o dia. Não se faz senão comer.

A princípio eu estava constrangido e julgava-me muito novo para presidir à refeição; dei pois, a Steerforth o lugar do dono da casa, quando se anunciou o jantar e sentei-me em frente dele. Estava tudo excelente, não poupávamos o vinho e Steerforth falou tanto por todos para que o tempo decorresse alegremente, que, de facto foi uma verdadeira festa de lés a lés. Durante o jantar, argui-me de não ter sido tão afectuoso para os meus hóspedes como o desejaria, mas a minha cadeira ficava em frente da porta e a minha atenção era perturbada pela vista do rapaz muito hábil que saía a cada instante da sala e cuja sombra eu via desenhar-se um momento depois na parede da antecâmara, com uma garrafa na boca. A rapariga dava-me igualmente algumas inquietações, não pela limpeza dos pratos, mas no interesse da minha louça, da qual ouvia fazer uma horrorosa destruição. A rapariga era curiosa e, em vez de se encerrar tacitamente na despensa como era do ajuste, aproximava-se constantemente da porta para olhar para nós, depois, quando se julgava pilhada em contravenção, retirava-se precipitadamente calcando os pratos que tinha cuidadosamente arrumados no soalho da despensa e podem julgar das consequências desastrosas dessa retirada atabalhoada.

No fim de contas não passavam todavia de pequenas misérias e de pronto as esqueci quando tiraram a toalha e que veio a sobremesa; descobriu-se então que

o rapaz muito hábil tinha perdido o uso da fala; dei-lhe em segredo o conselho útil de ir ter com *Mistress* Crupp e de levar também a rapariga para as regiões inferiores da casa, depois do que me abandonei por completo ao prazer.

Comecei por uma alegria e uma vivacidade singulares; uma porção de assuntos mais esquecidos acumularam-se ao mesmo tempo no meu espírito e falei com uma verbosidade desacostumada. Eu ria de todo o coração dos meus gracejos e dos outros; chamei Steerforth à ordem por não fazer circular vinho; tomei o compromisso de ir a Oxford; anunciei a minha intenção de dar todas as semanas um jantar exactamente igual ao que acabávamos de fazer honra, enquanto se esperava por melhor; e tirei uma pitada de tabaco da caixa de Grainger com tal frenesim que fui obrigado a retirar-me para a despensa a fim de espirrar à minha vontade, dez minutos a seguir, sem parar. Continuei fazendo circular o vinho sempre mais rapidamente e correndo a desarrolhar novas garrafas, muito tempo antes de serem precisas. Levantei um brinde a Steerforth, «ao meu melhor amigo, ao protector da minha infância, ao companheiro da minha mocidade». Declarei que tinha para com ele obrigações que jamais poderia reconhecer e que sentia por ele uma admiração que jamais poderia exprimir. Acabei dizendo:

— À saúde de Steerforth! Que Deus o proteja! Hurra!

Bebemos três vezes três copos de vinho em honra dele, depois ainda um pequeno golo, depois um bom golo para terminar. Quebrei o meu copo correndo em volta da mesa para ir dar-lhe um aperto de mão e disse-lhe (em duas palavras):

— Steerforth, o senhor é a estrela polar da minha exist... ência.

Não estava acabado: eis que descubro de súbito que alguém estava no meio de uma canção, era Markham que cantava:

Quando os cuidados afligem...

Ao terminar, pediu-me para bebermos à saúde da «mulher»! Fiz objecções e não quis admitir o brinde. Não achava a forma bastante respeitosa. Jamais permitiria que em minha casa se levantasse um *toast* semelhante que não fosse por estas palavras: «às damas». O que fez que eu tomasse um ar muito arrogante contra ele, foi sobretudo por ver que Steerforth e Grainger faziam troça de mim... ou dele... talvez de ambos.

Respondeu-me que não se deixava impor a vontade de ninguém. Disse-lhe que se havia de ser obrigado a deixá-la impor. Ele replicou que não se devia deixar insultar. Disse-lhe que tinha razão e não se tinha a recear tal sob o meu tecto aonde os deuses lares eram sagrados e a amizade omnipotente. Ele disse que se

não faltava à dignidade reconhecendo que eu era um excelente rapaz. Imediatamente pedi que bebêssemos à sua saúde.

Um deles pôs-se a fumar. Fumámos todos e eu também, apesar do calafrio que me ia dominando. Steerforth tinha feito um discurso em minha honra, durante o qual eu me emocionara quase até às lágrimas. Respondi-lhe exprimindo o voto de que a companhia presente houvesse por bem jantar em minha casa no dia seguinte, no imediato e em todos os demais às cinco horas, a fim de podermos gozar o prazer da companhia e da conversação em todo o decurso da noitada. Julguei-me obrigado a levantar uma saúde nominativa. Pedi, pois, que bebêssemos à saúde de minha tia, *miss* Betsy, à honra do seu sexo!

Havia alguém que se inclinou na janela do meu quarto de dormir, encostando a testa esbraseada às pedras da balaustrada e recebendo o vento no rosto. Era eu. Eu falava a mim próprio sob o nome de Copperfield. E dizia para mim: «Porque é que você quis experimentar um charuto? Você bem sabia que não podia fumar!» Depois disto havia alguém que não estava bastante firme nas suas pernas e que se mirava ao espelho. Era ainda eu. Encontrava-me com ar grosseiro, os olhos negros e os cabelos, somente os cabelos, nada... embriagados. Alguém me disse: «Vamos ao teatro, Copperfield!» Já não vi o quarto de dormir, só vi a mesa oscilante, coberta de copos que tiniam, com o candeeiro em cima. Grainger estava à minha direita, Markham à esquerda, Steerforth em frente, todos sentados na neblina e longe de mim.

— Ao teatro? Pois sim! Está dito! Vamos! Desculpem-me se saio atrás de todos, é para apagar o candeeiro, tenho medo de fogo.

Por causa de alguma confusão na escuridade, sem dúvida, parecia que a porta se tinha mudado; não atinava com ela. Procurava-a entre os cortinados da janela, quando Steerforth me agarrou pelo braço, rindo e fez-me sair. Descemos as escadas, uns atrás dos outros. Quando chegámos a baixo, alguém caiu e rolou até ao patamar. Não sei quem foi que disse que era Copperfield. Eu estava indignado com essa falsa informação até ao momento em que, achando-me de costas no portal, comecei a acreditar que talvez houvesse algum fundamento nessa suposição.

Nessa noite havia um espesso nevoeiro com auréolas de luz em volta dos candeeiros da rua. Dizia-se vagamente que estava a chover. Eu achava que caía neve. Steerforth levou-me para de baixo de um candeeiro e limpou-me o fato; desamassou-me o chapéu que alguém tinha apanhado em qualquer parte, não sei como, porque eu não o tinha antes na cabeça.

Steerforth disse-me então:

— Como se sente agora, Copperfield?...

E eu respondi-lhe:

— Melhor que nunca.

Um homem, anichado num cubículo, apareceu-me através do nevoeiro e recebeu o dinheiro de alguém, perguntando se tinham pago por mim; ele pareceu hesitar (tanto quanto me lembra este instante, rápido como um relâmpago) se me havia de deixar entrar ou não. Um momento depois estávamos nuns lugares muito altos de um teatro abafadiço; daí mergulhávamos a vista numa plateia que parecia que fumegava, tanto a meus olhos se confundiam as pessoas que ali se amontoavam. Havia também um grande palco que parecia muito asseado e muito plano, quando se vinha da rua; e depois havia pessoas que passeavam ali e que falavam de qualquer coisa, mas de uma maneira muito confusa. Havia muita luz, música, damas em camarotes e não sei que mais. Parecia-me que todo o edifício tomava uma lição de natação, ao ver as oscilações estranhas com que me escapava quando eu tentava fixá-lo com a vista.

Por proposta de não sei quem, resolvemos descer aos primeiros camarotes, aonde estavam as senhoras. Notei um sujeito de casaca, deitado ao comprido num canapé, com um binóculo na mão e vi também a minha pessoa em pé, num espelho. Introduziram-me num camarote, aonde eu reparei que falava alto ao sentar-me e que em volta de mim se gritava «Silêncio!» a não sei quem; vi que as senhoras me lançavam olhares de indignação e... o quê?... sim!... Inês, sentada diante de mim no mesmo camarote, ao lado de um sujeito e de uma senhora que eu não conhecia. Estou a ver o rosto dela — agora bem melhor, provavelmente, do que então o vi — voltar-se para mim com uma expressão indelével de espanto e de desgosto.

— Inês! — disse eu com voz trémula —, bondade do céu, Inês!

— Chiu! Não fale! — respondeu ela, sem que eu pudesse compreender porque. — Incomoda os espectadores. Veja o espectáculo.

Tentei, à sua ordem, ver e ouvir qualquer coisa do que se passava, mas foi inútil. Olhei para ela novamente e vi-a esconder-se no seu lugar e apoiar a fronte na mão enluvada.

— Inês — disse-lhe eu — receio que esteja incomodada.

— Não, não! Não faça caso de mim, Trotwood — replicou ela. — Escute. Vai-se embora já?

— Se me vou embora já? — repeti.

— Sim.

Não tinha eu a estúpida ideia de lhe responder que esperaria para lhe dar o braço ao sair do teatro! Suponho que lhe exprimi qualquer coisa, porque ela, depois de ter olhado um momento atentamente para mim, pareceu compreender e replicou em voz baixa:

— Eu sei que fará o que eu lhe pedir, quando lhe disser que tenho nisso muito

empenho. Vá-se embora já, Trotwood, isto por amor de mim e peça aos seus amigos que o acompanhem a casa.

A sua presença tinha já produzido bastante efeito em mim, para que eu me sentisse muito envergonhado, apesar da minha cólera e com um breve *bôoite* (que queria dizer «boa-noite»), levantei-me e saí. Steerforth seguiu-me e eu não dei senão um passo desde a porta do camarote até à do meu quarto de dormir, aonde me encontrei só com ele; ajudava-me a despir enquanto eu lhe dizia que Inês era minha irmã e supliquei-lhe com instância que me trouxesse o saca-rolhas para abrir uma outra garrafa de vinho.

Houve não sei quem que passou a noite na minha cama a repisar constantemente as mesmas coisas, num pesadelo febricitante, batido por um mar agitado que não queria sossegar. Depois, quando esse não sei quem foi encontrando a pouco e pouco a sua identidade, então a garganta começou a tornar-se-me seca, pareceu-me também ter a pele seca como uma tábua, que a minha língua estava no fundo de uma vasilha vazia e que se ia calcinando paulatinamente a fogo lento e que as palmas das mãos semelhavam placas de metal em brasa que nem o próprio gelo poderia refrescar!

Que angústia de espírito, que remorso, que vergonha eu senti quando voltei ao meu estado normal no dia seguinte! Que horror experimentei ao pensar nas mil tolices que tinha feito sem saber e sem poder nunca repará-las! A recordação daquele indelével olhar de Inês; a impossibilidade em que me encontrava de ter qualquer explicação com ela, pois que nem sequer sabia, animal que eu era, porque é que ela tinha vindo a Londres, ou em casa de quem estava; a repugnância que me causava só a vista do quarto em que se realizara o jantar, o cheiro do tabaco, a vista dos copos e a dor de cabeça que me não deixava sair, nem mesmo levantar! Que dia aquele!

E que noite, quando, sentado junto do fogão, eu bebia aos golos uma chávena de caldo de carneiro coberto de gordura e que disse de mim para mim que ia pelo mesmo caminho do meu antecessor e que lhe sucederia na triste sorte como lhe sucedi no quarto! Que grande desejo que eu tinha de ir a correr a Douvres fazer uma confissão geral! Que noite, quando *Mistress* Crupp foi buscar a chávena do caldo e que me levou, num prato do queijo, um rim, um só rim, como o único resto, dizia ela, do festim da véspera! Estive quase a cair sobre o seu seio de nanquim e a exclamar num verdadeiro arrependimento: «Oh *Mistress* Crupp, *Mistress* Crupp, não me fale de restos! Vá! Sou bem desgraçado!».

Somente o que me impediu neste transporte do coração, foi não estar eu bem seguro de que *Mistress* Crupp fosse precisamente o género de mulher a quem se pudesse dar a nossa confiança!

# Capítulo XXV — Anjo bom e anjo mau

Eu ia sair na manhã que se seguiu a esse deplorável dia de dores de cabeça, enjoos e arrependimento, sem bem saber a data do jantar que tinha dado, como se um esquadrão de gigantes tivesse agarrado numa enorme alavanca para fazer refluir a antevéspera para um passado de muitos meses, quando vi um moço de recados que subia com uma carta na mão. Não se apressava para executar a sua comissão, mas quando me viu no alto da escada, a olhar para ele por cima do corrimão, começou a correr e chegou ao pé de mim, tão esbaforido como se acabasse de correr de maneira a suar em bica.

— T. Copperfield Esquire? — disse ele levando a mão ao chapéu.

Eu estava tão perturbado pela convicção de que essa carta devia de ser de Inês que mal me achava em estado de responder que era eu. Todavia, acabei por lhe dizer que era o T. Copperfield Esquire em questão e ele não pôs dificuldade alguma em o acreditar.

— Trago esta carta — disse-me ele —; tem resposta.

Deixei-o à espera no patamar e entrei em casa fechando a porta; estava tão emocionado, que fui forçado a pousar a carta em cima da mesa, ao lado do meu almoço, para me familiarizar um pouco com o sobrescrito, antes de me resolver a quebrar o sinete.

Ao abri-lo, vi que era um bilhete muito afectuoso e não fazia a menor alusão ao estado em que me encontrara de véspera no teatro. Dizia somente:

> Meu caro Trotwood:
>
> Estou em casa do procurador de meu pai, *Mister* Waterbrook, Elyplace-Holborn. Pode vir ver-me hoje? Estarei à sua espera à hora que me indicar. Sua muito afectuosa.
>
> Inês

Levei tanto tempo a escrever uma resposta que me satisfizesse um pouco, que não sei o que o moço de recados ficou a imaginar, a menos que não supusesse que eu estava a dar lição de escrita. Estou certo de que fiz, pelo menos, uma meia dúzia de rascunhos. O primeiro começava por: «Como poderei esperar, minha querida Inês, apagar para sempre da sua memória a impressão de desgosto... Mas não fiquei satisfeito e rasguei-o. Comecei outra carta: «Shakespeare já fez o reparo, minha querida Inês, de que era bem singular que se andasse com o inimigo na boca...». Este «se» recordou-me Markham e não fui

mais longe. Tentei até a poesia e comecei um bilhete em versos de oito sílabas:

Querida Inês que mágoa me inspira.

Mas, não sei porquê, a tira-lira-lira veio-me à ideia e essa rima absurda fez-me renunciar a tudo. Depois de bastantes tentativas, eis o que lhe escrevi:

Minha querida Inês:

A sua carta parece-se consigo; que posso dizer mais em seu favor? Estarei em sua casa às quatro horas. Creia no meu afecto e no meu arrependimento.

T. C.

O moço de recados partiu enfim com esta missiva, que vinte vezes estive a ponto de inutilizar, logo que me saiu das mãos.

Se metade do dia foi tão desagradável para qualquer dos legistas empregados nos *Doctor's-Commons* como o foi para mim, creio em verdade que expiou cruelmente a parte que lhe coube desse velho queijo eclesiástico salpicado de pontos verdes. Saí da repartição às três horas e meia; alguns minutos depois vagueava pelos arredores da casa de *Mister* Waterbrook e todavia o momento fixado para a minha entrevista já passara havia um quarto de hora pelo menos, conforme o relógio de Saint-André, Holborn, antes que eu tivesse reunido bastante coragem para tocar a campainha particular, à esquerda da porta de *Mister* Waterbrook.

Os negócios correntes de *Mister* Waterbrook faziam-se no rés-do-chão e os de ordem mais elevada, muito numerosos na sua clientela, tratavam-se no primeiro andar. Mandaram-me entrar para uma sala, um pouco abafada, onde encontrei Inês a fazer um saquinho à agulha.

Tinha um ar tão tranquilo e tão puro, recordando-me tão vivamente os dias de fresca e doce inocência passados em Canterbury, em contraste com o miserável espectáculo de embriaguez e de orgia que eu lhe apresentara na antevéspera que, deixando-me arrastar pelo meu arrependimento e pela minha vergonha, portei-me como uma criança. Sim, é preciso que o confesse, desatei a chorar copiosamente e não sei ainda, a estas horas, se não era, afinal de contas, o que de melhor tinha a fazer, ou se não me cobri de ridículo.

— Se fosse outra qualquer que me visse naquele estado, Inês — disse-lhe eu desviando a cabeça — não me afligiria metade. Mas foi a menina, precisamente a menina! Ah! Sinto que preferiria ter morrido.

Ela pousou um instante no meu braço a sua mão acariciadora e senti-me consolado e animado; não pude deixar de levar essa mão aos meus lábios e beijá-

la com reconhecimento.

— Sente-se — disse Inês num tom afectuoso. — Não se aflija, Trotwood. Se não pode consagrar-me plena confiança, a quem, pois, se há-de confiar?

— Ah! Inês — repliquei —, a menina é o meu anjo bom!

Ela sorriu um pouco tristemente, ao que me pareceu e meneou a cabeça.

— Sim, Inês, meu anjo bom! Sempre o meu anjo bom!

— Se isso fosse verdadeiro, Trotwood — replicou ela — há uma coisa que me dá bastante cuidado.

Fixei-a com ar interrogador; mas já adivinhava o que ela queria dizer.

— Eu queria pô-lo em defesa — disse Inês olhando-me bem de frente — contra o seu anjo mau.

— Minha querida Inês — disse-lhe eu —, se me quer falar de Steerforth!...

— Quero, Trotwood — respondeu ela.

— Então, Inês, a menina é injusta para com ele. Ele, o meu anjo mau ou de quem quer que seja! Ele, que não é para mim senão um guia, um apoio, um amigo! Minha querida Inês! Seria uma injustiça indigna do seu carácter benévolo culpá-lo pelo estado em que ontem me viu.

— Eu não o culpo pelo estado em que vi o senhor na outra noite — respondeu ela tranquilamente.

— Então porque o culpa?

— Por muitas coisas que em si próprias não passam de bagatelas, mas que tomam maior importância no seu conjunto. Julgo-o, Trotwood, em parte pelo que o senhor mesmo me disse dele, pelo seu carácter e pela influência que sobre si exerce.

A sua voz doce e modesta parecia fazer ressoar em mim uma corda que não vibrava senão a esse som. Essa voz era sempre penetrante, mas quando era comovida como então estava, tinha uma melodia que me ia até ao fundo do coração. Eu estava sentado numa cadeira e ainda a estava ouvindo, quando ela baixava os olhos sobre o trabalho; e a imagem de Steerforth, a despeito da minha inclinação para ele, ia-se esbatendo à sua voz.

— Sou bem ousada — disse Inês erguendo os olhos —, eu que tenho vivido sempre retirada e que por conseguinte tão pouco conheço o mundo, em lhe dar a minha opinião com tanta segurança, talvez mesmo em ter uma opinião tão decidida. Mas sei donde vem a minha solicitude, Trotwood; sei que remonta à recordação fiel da nossa infância comum e ao interesse sincero que tomo por tudo quanto lhe diz respeito. Foi isto o que me encheu de coragem. Estou certa de me não enganar no que lhe digo, certíssima. Parece-me que é uma outra pessoa e não eu quem lhe fala, quando lhe garanto que é perigoso esse amigo que o senhor tem.

Eu olhava sempre para ela, quando ela acabava de falar parecia que ainda a ouvia e a imagem de Steerforth, conquanto ainda no meu coração, cobriu-se novamente de uma nuvem sombria.

— Não sou tão desrazoável — disse Inês readquirindo o seu tom habitual passado um momento — que espere que o senhor possa mudar assim de repente de sentimentos e de convicção, sobretudo quando se trata de um sentimento que tem a sua origem na sua natureza confiante. Demais, não é uma coisa que possa fazer ao de leve. Somente lhe peço, Trotwood, que se alguma vez pensar em mim... quero dizer — continuou com um doce sorriso, porque eu ia interrompê-la e ela sabia bem porquê —, todas as vezes que pensar em mim recorde-se do conselho que lhe dou. Perdoa-me tudo quanto acabo de lhe dizer?

— Perdoar-lhe-ei, Inês — repliquei — quando acabar por fazer justiça a Steerforth e o estimar como eu o estimo.

— Não antes? — disse Inês.

Vi passar uma sombra pelo seu rosto quando pronunciei o nome de Steerforth; mas bem depressa me restituiu o seu sorriso e retomamos toda a nossa confiança de outrora.

— E quando é que a menina, Inês, me há-de perdoar aquela triste noite?

— Quando lhe tornar a falar — disse Inês.

Ela queria destarte desviar tal recordação, mas eu achava-me muito preocupado para assentir nisso e insisti em contar-lhe como é que tinha chegado até àquela baixeza, desenrolando-lhe a cadeia de circunstâncias de que o teatro não fora, por assim dizer, senão o último elo. Foi para mim um grande alívio e proporcionei-me ao mesmo tempo o prazer de me estender acerca das obrigações que tinha contraído com Steerforth e acerca dos cuidados que ele tivera por mim numa época em que eu não me encontrava em estado de cuidar de mim próprio.

— Não se esqueça — disse Inês, mudando tranquilamente de conversa, mal eu acabei — que se comprometeu a contar-me não só as suas penas, mas também as suas paixões. Quem foi que sucedeu a *miss* Larkins, Trotwood?

— Ninguém, Inês.

— Alguém foi — disse ela rindo e ameaçando-me com o dedo.

— Não, Inês, palavra de honra. É certo que em casa de *Mistress* Steerforth há uma senhora que tem muito espírito e com quem gosto de conversar, *miss* Dartle... Mas não a adoro.

Inês pôs-se a rir da sua penetração e disse-me que, se eu lhe conservasse a minha confiança, tencionava confeccionar um registo das minhas afeições violentas com a data do seu nascimento e do seu fim, exactamente como a tábua dos reinados de cada rei e de cada rainha na história da Inglaterra. E em seguida perguntou-me se tinha visto Uriah.

— Uriah Heep? — disse eu. — Não. Ele está em Londres?

— Vem cá todos os dias aos escritórios do rés-do-chão — replicou Inês. — Estava em Londres oito dias antes de eu chegar. Receio que seja para qualquer assunto desagradável, Trotwood.

— Já vejo que se trata de algum assunto que a inquieta, Inês. Que vem a ser?

Inês pousou a obra, cruzou as mãos e fitando-me, com ar pensativo, com os seus lindos olhos tão ternos, respondeu-me:

— Creio que vai ser sócio do papá!

— Quem? Uriah! O miserável conseguiria, com as suas baixezas insinuantes, introduzir-se num tão belo lugar? — exclamei com indignação. — A Inês não tentou nenhuma advertência? Pense nas relações que se vão seguir. É preciso falar; é preciso evitar que seu pai dê um passo tão imprudente; é preciso impedi-lo, enquanto ainda é tempo!

Inês, fitando-me sempre, meneava a cabeça sorrindo levemente pelo calor com que eu falava e depois respondeu-me:

— Lembra-se da nossa última conversa a propósito do papá? Foi pouco tempo depois... talvez dois ou três dias, que ele me deixou entrever pela primeira vez o que hoje lhe relato. Era bem triste vê-lo lutar contra o seu desejo de me fazer crer que era uma questão da sua livre escolha e a pena que ele tinha em me ocultar que fora a isso coagido. Tive um grande desgosto quando tal soube.

— Coagido! Inês! Quem é que o obriga?

— Uriah — respondeu ela após um momento de hesitação — preparou-se para se lhe tornar indispensável. É fino e vigilante. Adivinhou as fraquezas de meu pai, incitou-as e aproveitou com elas; enfim, para lhe dizer tudo quanto penso, Trotwood: o papá tem medo dele.

Vi claramente que ela poderia dizer mais; que sabia ou que adivinhava mais coisas. Não quis dar-lhe o desgosto de lhe perguntar o que me ocultava: compreendi que se calava para poupar o pai. Compreendi também que havia muito que as coisas tomavam esse caminho; sim, reflectindo no caso, não podia dissimular-me que havia muito tempo que esse acontecimento se preparava. Guardei silêncio.

— É enorme o ascendente que ele tem sobre o papá — disse Inês. — Mostra muita humildade e reconhecimento, é talvez verdade... creio, mas tomou uma tal posição que lhe dá muito poder; e receio que disponha dela duramente.

— Ele! Não passa de um chacal! — disse-lhe eu. E isto foi para mim, naquele momento, um grande alívio.

— Na ocasião a que me refiro, aquela em que o papá me fez esta confidência — prosseguiu Inês — Uriah tinha-lhe dito que se ia embora; que sentia muito; que isso muito o penalizava; mas que lhe faziam muito belas propostas... O papá

ficou abatidíssimo e acabrunhado com cuidados como nunca o víramos, o senhor e eu, mas pareceu ficar aliviado com esse expediente de o associar, conquanto parecesse ao mesmo tempo melindrado e humilhado.

— E como foi que a Inês recebeu essa notícia?

— Confio que fiz o que devia, Trotwood — replicou ela. — Estava certa de que era necessário para a tranquilidade do papá que esse sacrifício se realizasse; roguei-lhe, pois, que o fizesse. Disse-lhe que seria um grande peso a menos para ele... oxalá que eu falasse verdade... e que isso me desse mais ocasiões do que dantes para lhe fazer companhia. Oh! Trotwood — exclamou Inês cobrindo o rosto com as mãos, para ocultar as lágrimas —, parece-me que desempenhei quase o papel de uma inimiga de meu pai, antes que o de uma filha cheia de ternura, porque sei que as mudanças que temos notado nele só provêm da sua dedicação por mim. Sei que se ele reduziu o círculo dos seus deveres e dos seus afectos, foi para os concentrar todos em mim. Sei todas as privações que se impôs por amor de mim, todas as solicitudes paternais que lhe assombraram a vida, lhe enervaram as forças e a energia, concentrando todos os seus pensamentos numa única ideia. Ah! Se eu pudesse reparar tudo! Se eu pudesse conseguir reanimá-lo, já que fui a causa inocente do seu abatimento!

Eu nunca tinha visto chorar Inês. Já vira lágrimas em seus olhos de todas as vezes que eu alcançava novos prémios no colégio; vira-lhas ainda da última vez que falamos de seu pai; notei que ela desviava o seu rosto suave quando nessa ocasião nos separámos, mas nunca havia sido testemunha de um desgosto igual. Sentia-me tão triste, que não podia dizer-lhe outra coisa senão criancices como estas simples palavras: «Inês, peço-lhe, suplico-lhe que não chore, minha querida irmã!»

Mas Inês era-me muito superior tanto em carácter como em perseverança (sei-o agora, compreendesse-o ou não então!), para precisar das minhas súplicas por muito tempo. A serenidade angélica das suas maneiras, que se gravou na minha memória com um cunho tão diferente de qualquer outra criatura, reapareceu bem depressa, como quando uma nuvem desaparece de um céu sereno.

— Provavelmente não ficaremos sós por muito tempo — disse Inês — e já que a ocasião se proporciona, permita-me que lhe peça instantemente, Trotwood, que mostre benevolência por Uriah. Não o repila duramente. Não lhe queira mal (como sei que está em geral disposto a isso), por não terem simpatia os caracteres de ambos. Não é talvez senão fazer-lhe justiça, porque não sabemos nada de positivo contra ele. Em todo o caso, pense primeiro no papá e em mim!

Inês não teve tempo de dizer mais, porque a porta abriu-se e *Mistress* Waterbrook, uma mulher estofada, ou que trazia um vestido estofado, não sei bem, porque não podia distinguir o que pertencia ao vestido e o que pertencia à

dama, entrou com todo o pano largo. Recordei-me vagamente de a haver visto no teatro, como se tivesse passado diante de mim numa lanterna mágica mal iluminada; mas ela teve o ar de se recordar perfeitamente da minha pessoa e pareceu que ainda me supunha em estado de embriaguez.

Descobrindo, todavia, gradualmente, que eu estava no meu juízo, e, creio bem, que era um rapaz bem-educado, *Mistress* Waterbrook suavizou-se consideravelmente a meu respeito e começou por me perguntar se eu passeava muito nos parques e depois, em segundo lugar, se eu aparecia muitas vezes na boa sociedade. A minha resposta negativa a essas duas perguntas pareceu-me que me fez começar a perder muito na sua estima; no entanto, arranjou com muita graça a dissimular a coisa e convidou-me para jantar no dia seguinte. Aceitei o convite e despedi-me dela, perguntando por Uriah nos escritórios quando saí; como ele não estivesse, deixei o meu cartão.

Quando cheguei para jantar no dia seguinte, a porta da rua, ao abrir-se, permitiu-me penetrar num banho de vapor, perfumado com um cheiro a carneiro que me fez adivinhar que não era o único convidado; reconheci logo o moço de recados dentro de uma *libré* e postado ao fundo da escada para ajudar o criado a anunciar. Fez todo o possível para fingir não me conhecer quando confidentemente me perguntou pelo nome, mas eu reconheci-o perfeitamente e ele também, o que não nos deixava muito à vontade. O que é a consciência!

Encontrei em *Mister* Waterbrook um sujeito entre duas idades, o pescoço curtíssimo, com um colarinho muito largo; só lhe faltava ter o nariz preto para se parecer com um perdigueiro. Disse-me que se felicitava por ter a honra de me conhecer e quando depus as minhas homenagens aos pés de *Mistress* Waterbrook, apresentou-me com muita cerimónia a uma dama muito imponente, com um vestido de veludo preto e uma touca da mesma fazenda na cabeça; numa palavra, tomei-a por uma próxima parente de Hamlet, sua tia por exemplo.

Chamava-se *Mistress* Henry Spiker; e o marido, que também lá estava, tinha um ar tão glacial que os seus cabelos me fizeram o efeito, não de serem grisalhos, mas sim salpicados de geada ou de granizo. Demonstrava-se a maior deferência pelo par Spiker; Inês informou-me que isso provinha de que *Mister* Henry Spiker era advogado de alguém ou de alguma coisa, não sei quem nem o quê, com uns longes de dependência do Tesouro.

Encontrei Uriah Heep, vestido de preto, entre as pessoas presentes. Estava cheio de humildade e disse-me, quando lhe apertei a mão, que se sentia feliz por eu fazer caso dele e obrigadíssimo pela minha condescendência. Eu desejaria que ele não estivesse tão enternecido, porque, no excesso do seu reconhecimento, não fez outra coisa senão andar toda a noite em volta de mim e cada vez que eu conversava com Inês, descobria logo a um canto os seus olhos

vítreos e o seu rosto cadavérico, que nos espreitavam como os de um desenterrado.

Os outros convidados causaram-me o efeito de terem sido gelados como o champanhe. Um deles, todavia, atraiu a minha atenção antes mesmo de ser introduzido; eu tinha ouvido anunciar *Mister* Traddles; os meus pensamentos reportaram-se nesse momento até Salem-House; seria possível, dizia eu, que fosse esse Tommy que estava sempre a desenhar esqueletos!

Eu esperava a entrada de *Mister* Traddles com um interesse desacostumado. Vi entrar um moço tranquilo, de ar grave e de maneiras modestas, com cabelos muito singulares e olhos um pouco arregalados; desapareceu tão depressa para um canto escuro, que eu tive certo trabalho a examiná-lo. Enfim, consegui vê-lo de frente, e, se os meus olhos não me enganavam, era bem o pobre do meu velho Tommy.

Aproximei-me de *Mister* Waterbrook para lhe dizer que julgava ter o prazer de vir encontrar em sua casa um antigo camarada.

— Palavra? — disse *Mister* Waterbrook atónito. — Mas o senhor é muito novo para ter andado no colégio com *Mister* Henry Spiker?

— Oh! Não é dele que eu falo — repliquei. — Falo desse rapaz chamado Traddles.

— Oh! Sim, sim, certamente! — disse *Mister* Waterbrook com muito menos interesse —, é possível.

— Se é com toda a certeza o meu antigo camarada — disse olhando para o lado de Traddles — estivemos juntos num colégio que se chamava Salem-House; era um excelente rapaz.

— Oh! Sim; Traddles é um bom rapaz — replicou *Mister* Waterbrook sacudindo a cabeça com ar de condescendência. — Traddles é muito bom rapaz.

— É deveras — disse-lhe — uma coincidência bastante curiosa.

— Tanto mais — respondeu ele — que ele está aqui por acaso; não foi convidado senão esta manhã, porque por acaso vagou um lugar à mesa, pela súbita indisposição do pai de *Mistress* Henry Spiker. É um homem de uma grande educação o pai de *Mistress* Henry Spiker, *Mister* Copperfield.

Murmurei algumas palavras de assentimento muito caloroso e deveras meritórias da parte de um homem que nunca tinha ouvido falar nele; depois perguntei qual era a profissão de *Mister* Traddles.

— Traddles — disse *Mister* Waterbrook — estuda para o foro; é muito bom rapaz... incapaz de fazer mal a ninguém, a não ser a si próprio.

— Que mal pode ele fazer a si próprio? — repliquei, contrariado por saber esta má notícia.

— Olhe — prosseguiu *Mister* Waterbrook fazendo um trejeito de desdém e

agitando a cadeia do relógio, com um certo ar de desembaraço quase impertinente — creio que não há-de chegar a ser grande coisa. Era, por exemplo, capaz de apostar de que nunca terá de seu quinhentas libras esterlinas. Traddles foi-me recomendado por um dos meus amigos do foro. Oh! Certamente, certamente que não lhe falta algum talento para estudar uma causa e para expor claramente uma questão por escrito, mas é tudo. Tenho o prazer de lhe dar de tempos a tempos qualquer questão que não deixa de ser considerável, para ele, bem entendido. Oh! Certamente, certamente.

Eu estava muito surpreendido pelo ar de satisfação desenvolta com que *Mister* Waterbrook pronunciava de tempos a tempos o seu pequeno «Oh! Certamente!». A expressão que ele lhe dava era singular. Isso dava imediatamente a ideia de um homem que nascera não, como se diz, com colher de prata na boca, mas com uma escada na mão e que tinha escalado uns após outros todos os degraus da vida até poder lançar do alto deles um olhar de patrocínio filosófico sobre a gente que chafurdava em baixo, no fosso.

Continuei a reflectir sobre este assunto, quando se anunciou o jantar. *Mister* Waterbrook ofereceu o braço à tia de Hamlet, *Mister* Henry Spiker deu o seu a *Mistress* Waterbrook; Inês, que eu desejava reclamar, foi confiada a um sujeito sorridente que tinha as pernas compridas e delgadas. Uriah, Traddles e eu, na nossa qualidade de jovens, fomos os últimos a descer, sem cerimónia. Ainda assim não fiquei completamente contrariado por não ter dado o braço a Inês, pois deparou-se-me na escada ensejo de reatar conhecimento com Traddles, que ficou maravilhado por me tornar a ver, enquanto Uriah se contorcionava junto de nós com uma humildade e uma satisfação tão indiscretas, que me chegaram freimas de o atirar por cima do corrimão.

Ficámos separados à mesa, Traddles e eu. Estávamos nas duas cabeceiras: ele, perdido no esplendor cintilante de um vestido de veludo vermelho e eu no luto da tia de Hamlet. O jantar foi enorme e a conversação versou toda sobre a aristocracia de nascimento, sobre o que se chama... o sangue. *Mistress* Waterbrook repetiu-nos várias vezes que, se tinha alguém fraco, era pelo sangue.

Veio-me algumas vezes à ideia de que não estaríamos pior, se não fôssemos como devíamos ser. Mas de tal modo éramos o que devíamos ser, que o círculo de conversação era extremamente restrito. No número dos convidados havia um senhor e uma senhora Gulpidge, que tinham alguma relação *(Mister* Gulpidge, pelo menos) em segunda mão com os negócios legais do Banco; e entre o Banco e o Tesouro éramos tão exclusivos como o jornal do Tribunal que não passa disso. Para ajuntar ao encanto de tudo isto, a tia de Hamlet tinha o defeito da família e entregava-se continuamente a solilóquios disparatados acerca de todos os assuntos a que se aludisse. Deve dizer-se que eram pouco numerosos, mas,

como caíamos sempre no sangue, ela tinha um campo tão vasto para dar curso às suas especulações abstractas como o seu próprio sobrinho.

O sangue! O sangue! Dir-se-ia que se estava num jantar de antropófagos, tão sanguinário era o tom da conversação.

— Confesso que sou do parecer de *Mistress* Waterbrook — disse *Mister* Waterbrook levantando o seu copo à altura dos olhos. — Há bastantes coisas que também têm o seu valor, mas eu sou pelo sangue!

— Oh! Não há nada de tão satisfatório — observou a tia de Hamlet — não há nada que recorde tanto o belo ideal de todas as espécies de coisas em geral. Há espíritos vulgares (poucos há, confio, mas enfim há-los) que gostam mais de se prostrar diante do que eu chamaria ídolos, positivamente ídolos: diante de grandes serviços prestados, de faculdades eminentes e assim sucessivamente. Mas tudo isso não passa de criações imaginárias. Não é assim com o sangue. Vê-se o sangue num nariz e logo se reconhece; encontra-se num queixo e diz-se: «Cá está ele, cá está o sangue!» É qualquer coisa de positivo; toca-se com o dedo, não admite dúvida.

O sujeito sorridente, que tinha as pernas finas e que dera o braço a Inês, estabeleceu a questão mais nitidamente ainda do que me pareceu.

— Com a fortuna! Vejam — disse esse sujeito deitando um olhar estúpido em torno da mesa — não podemos desfazer-nos disso, vejam; temos sangue, quer queiram quer não queiram, vejam. Há rapazes novos, sabem que podem estar um pouco abaixo da sua posição como educação e como maneiras, que fazem algumas tolices, sabem e que se vêem em sérios embaraços, eles e os outros, *et caetera*. Mas só pelo diabo, se não temos o prazer de encontrar que no fundo têm sangue, sabem. Pelo que me diz respeito, preferia ser atirado a terra por um homem que tivesse sangue, do que ser levantado por alguém que o não tivesse.

Esta declaração, que resumia admiravelmente a essência da questão, obteve o maior sucesso e atraiu a atenção sobre o orador até ao momento em que se retiraram as damas. Notei então que *Mister* Gulpidge e *Mister* Henry Spiker, que até então tinham estado a distância recíproca, formaram uma linha defensiva contra nós, como se fôssemos o inimigo comum e travaram através da mesa um diálogo misterioso para nossa mistificação.

— Essa questão do primeiro crédito de quatro mil e quinhentas libras esterlinas não seguiu os trâmites que se esperava — disse *Mister* Gulpidge.

— Quer falar do D. de A.? — disse *Mister* Spiker.

— Do C. de B. — disse *Mister* Gulpidge.

*Mister* Spiker fez um movimento de sobrancelhas e pareceu muito emocionado.

— Quando a questão foi apresentada a *lord****, não tenho precisão de dizer o

nome... — disse *Mister* Gulpidge parando.

— Compreendo — disse *Mister* Spiker. — W***.

*Mister* Gulpidge fez um sinal misterioso.

— Quando a questão lhe foi apresentada, respondeu: «Não há dinheiro, pois não há liberdade!»

— Bondade do céu! — exclamou *Mister* Spiker.

— Não há dinheiro, pois não há liberdade — repetiu *Mister* Gulpidge num tom firme. — O herdeiro presuntivo, compreende?...

— K... — disse *Mister* Spiker com um olhar de convivência.

— K... recusou-se então a assinar. Foram atrás dele até New-Market para o fazer retractar, mas ele recusou peremptoriamente a assinatura.

O interesse de *Mister* Spiker tornou-se tão intenso que estava como petrificado.

— E eis aqui aonde estão as coisas — disse *Mister* Gulpidge recostando-se na poltrona. — O nosso amigo Waterbrook há-de perdoar-me, se eu evito de me explicar mais claramente, o que faço pela importância dos interesses comprometidos.

*Mister* Waterbrook sentia-se felicíssimo, era fácil de ver, que viessem tratar para a sua mesa, mesmo por alusão, interesses tão distintos e subentenderem tais nomes. Revestiu uma expressão de grave inteligência, conquanto eu esteja persuadido de que compreendia tanto como eu o assunto da discussão e exprimiu a sua alta aprovação pela discrição que se observava. *Mister* Spiker, depois de haver recebido do seu amigo, *Mister* Gulpidge, uma confidência tão importante, desejou naturalmente pagar-lhe na mesma moeda. O diálogo precedente foi seguido de outro que emparelhou com ele; chegou a vez de *Mister* Gulpidge lhe testemunhar a sua surpresa; depois prosseguiu; *Mister* Spiker ficou surpreendido, por sua vez e assim sucessivamente. Entrementes, nós profanos, estávamos esmagados pela grandeza dos interesses envolvidos nesta conversação misteriosa e o anfitrião olhava-nos com orgulho como vítimas de uma admiração e de um respeito salutares.

Façam ideia do prazer que eu tive em tornar a encontrar Inês na sala de visitas! Depois de haver conversado com ela num canto, apresentei-lhe Traddles, que era tímido, mas muito amável e sempre tão bom rapaz como dantes. Era obrigado a deixar-nos cedo, atendendo a que partia no dia seguinte de manhã por um mês, de sorte que não pude conversar com ele tanto tempo como desejaria; mas prometemos um ao outro, fazendo troca de endereços, que havíamos de ter o prazer de nos tornarmos a ver quando ele regressasse a Londres. Ele soube com grande interesse que eu tinha estado com Steerforth e falou dele com tal entusiasmo, que lhe fiz repetir diante de Inês o que ele pensava. Mas Inês

contentou-se em olhar para mim e em sacudir um pouco a cabeça num momento em que era eu só que estava a olhar para ela.

Como ela estava rodeada de gente com a qual me parecia que não devia estar à sua vontade, quase fiquei contente de lhe ouvir dizer que devia regressar a casa passados dias, apesar de todo o meu desgosto de a perder tão depressa. A ideia dessa próxima separação obrigou-me a ficar até ao fim da noite. Lembrava-me com tanto prazer, conversando com ela e ouvindo-a gabar a feliz vida que eu tinha passado na velha e grave casa que ela esmaltava com tantos encantos, que de boa vontade passaria assim o resto da noite. Mas no fim, não havia desculpas que valessem para me demorar mais tempo; todas as luzes da *soirée,* de *Mister* Waterbrook estavam apagadas, e, por minha vez, fui forçado a sair. Senti então mais que nunca que ela era o meu anjo bom, e, ao ver o seu doce sorriso e o seu rosto sereno, supus que fossem os de um anjo que brilhavam sobre mim de uma esfera longínqua, espero que me hão-de perdoar esta ilusão inocente.

Disse que se tinham retirado todos os convidados, deveria ter dito que exceptuava Uriah dessa categoria e que ele não tinha cessado de nos perseguir. Desceu a escada atrás de mim. Saiu de casa atrás de mim e parece-me que ainda o estou a ver, calçando sobre os seus afilados dedos de esqueleto os dedos mais afilados ainda de um par de luvas, que pareciam feitas para a mão de Guy Fawkes.

Eu não estava de humor com a companhia de Uriah, mas lembrei-me do pedido de Inês e perguntei-lhe se desejava ir tomar uma chávena de café a minha casa.

— Oh! Palavra, *Mister* Trotwood?! — replicou ele. — Eu deveria dizer *Mister* Copperfield, mas o outro nome vem-me à boca muito naturalmente... eu não desejaria incomodá-lo: não se julgue obrigado, peço-lhe, a convidar um humilde personagem como eu a ir a sua casa.

— Não me incomoda nada — respondi — quer vir?

— Seria uma grande felicidade para mim — replicou Uriah contorcionando-se.

— Está bem! Venha então.

Eu não podia deixar de lhe falar um pouco secamente, mas ele mostrava não dar por isso. Seguimos pelo caminho mais curto, sem travarmos grande conversa e ele tinha levado a humildade a não fazer outra coisa durante toda a longa caminhada, senão calçar perpetuamente as suas abomináveis luvas; ainda as ia calçando quando chegámos à minha porta.

A escada era escura e dei-lhe a mão para evitar que esbarrasse a cabeça contra as paredes, conquanto me parecesse que tinha uma rã na mão, tão húmida e fria era a dele; tanto que estive umas poucas de vezes tentado a largá-lo e fugir. Mas

Inês e a hospitalidade venceram-me e levei-o até ao canto do meu fogão. Quando acendi as velas, entrou em transportes de humildade à vista da sala que lhe era revelada e quando eu comecei a aquecer o café, num simples púcaro de estanho que *Mistress* Crupp destinava particularmente para esse uso (sem dúvida porque não fora feito para isso, mas sim talvez para a água quente destinada à barba e talvez também porque havia uma cafeteira exclusiva, de um grande preço, que ela deixava criar bolor na cozinha), manifestou tal emoção que me deram ganas de lho despejar pela cabeça abaixo a fim de o escaldar.

— Oh! Com certeza, *Mister* Trotwood... perdão, eu queria dizer *Mister* Copperfield! Que eu nunca esperava vê-lo servir-me! Mas sobrevêm de todos os lados tantas coisas com que eu não podia contar numa situação tão humilde como a minha, que me parece que chovem bênçãos sobre a minha cabeça. Por certo que há-de ter ouvido falar de uma mudança no meu futuro, *Mister* Trotwood... perdão, eu queria dizer *Mister* Copperfield?

Ao vê-lo sentado no meu canapé, com as suas compridas pernas coladas uma à outra para segurar a chávena, com o chapéu e as luvas no chão ao lado dele, mexendo devagar com a colher, com aqueles olhos de um vermelho vivo, que pareciam ter queimado as pestanas, as narinas dilatadas e retraídas como sempre, todas as vezes que respirava e com ondulações de serpente a correrem-lhe por todo o corpo desde o queixo até às botas, eu disse de mim para mim que decididamente ele me era soberanamente desagradável. Sentia um verdadeiro mal-estar ao vê-lo em minha casa, porque era novo então e não tinha ainda o hábito de ocultar o que intensamente sentia.

— Por certo que há-de ter ouvido falar de uma mudança no meu futuro, Trotwood... perdão, eu queria dizer *Mister* Copperfield? — repetiu Uriah.

— Sim, ouvi falar nisso.

— Ah! — respondeu ele tranquilamente —, eu bem pensava que *miss* Inês o sabia; estimo muito saber que *miss* Inês está ciente do facto. Oh! Obrigado, *Mister* Trot... *Mister* Copperfield.

Eu sentia um grande desejo de lhe atirar com o descalçador, que estava ali mesmo à mão defronte do brasido, para o punir de me ter assim extorquido uma informação que dizia respeito a Inês, por mais insignificante que pudesse ser, mas contentei-me em tomar o meu café.

— Como foi bom profeta, senhor Copperfield! — prosseguiu ele. — Como viu bem as coisas de longe! Lembra-se de me ter dito um dia que eu viria a ser sócio de *Mister* Wickfield e que então o escritório teria os nomes de Wickfield & Heep?! O senhor talvez se não lembre, mas uma pessoa humilde como eu, *Mister* Copperfield, não esquece essas coisas.

— Recordo-me de lhe ter falado — disse-lhe — conquanto isso não me

parecesse muito provável então.

— E quem poderia supô-lo provável, senhor Copperfield? — disse Uriah com entusiasmo. — Não era eu; nunca o supus! Lembra-me de ter dito ao senhor que a minha posição era muito humilde: e dizia-lhe então o que eu muito verdadeiramente pensava.

Fixava o fogo com um esgar de possesso e eu fixava-o a ele.

— Mas os indivíduos mais humildes, senhor Copperfield, podem servir de instrumento para fazer o bem — replicou ele. — Sinto-me feliz por ter podido servir de instrumento à felicidade de *Mister* Wickfield e espero prestar-lhe ainda mais serviços. Que excelente homem, senhor Copperfield, mas como tem sido imprudente!

— Incomoda-me o que me está dizendo — disse-lhe eu e não pude deixar de ajuntar num tom significativo — ...a todos os respeitos.

— Certamente, senhor Copperfield — replicou Uriah —, a todos os respeitos. Por *miss* Inês, acima de tudo! Não se recorda, senhor Copperfield, da eloquente expressão de que se serviu quando me falou dela, mas eu recordo-me bem. O senhor disse-me um dia que todo o mundo lhe devia admiração e eu agradeci-lhe muito, mas o senhor Copperfield esqueceu naturalmente tudo isso.

— Não — disse secamente.

— Oh! Quanto me sinto feliz — exclamou Uriah — quando penso que foi o senhor o primeiro que acendeu uma centelha de ambição no meu humilde coração e que não se esqueceu disso! Oh!... dá-me licença de lhe pedir mais uma chávena de café?

Havia qualquer coisa na ênfase que empregara em me recordar essas centelhas que eu acendera, qualquer coisa no olhar que me deitara ao falar nisso, que me fez estremecer, como se o visse de súbito desmascarado por um jorro de luz. Chamado a mim pelo pedido que me fazia num tom tão diferente, fiz as honras do púcaro de estanho, mas com uma mão tão trémula, com um sentimento tão súbito da minha impotência para lutar com ele e com tanta inquietação pelo que iria sobrevir, que estava certíssimo de não poder ocultar-lhe a minha perturbação.

Ele não dizia palavra. Fazia derreter o açúcar, bebia um golo de café, depois passava a mão cadavérica pelo queixo, fazia-me um esgar sob forma de sorriso, contorcionava-se novamente no excesso do seu respeito servil, tornava a pegar na chávena e deixava-me o cuidado de recomeçar a conversação.

— Com que então — disse-lhe eu por fim — *Mister* Wickfield, que vale mais do que quinhentos como o senhor... ou como eu — (ainda que a minha vida estivesse dependente disso, não poderia furtar-me a cortar a frase com um gesto de impaciência bem pronunciado) — *Mister* Wickfield tem cometido imprudências, senhor Heep?

— Oh! Muitas imprudências, senhor Copperfield — replicou Uriah com um suspiro de modéstia —, muitas, muitas!... Mas peço à sua bondade que me chame Uriah, como dantes!

— Pois bem! Uriah — disse eu pronunciando o nome com alguma dificuldade.

— Muito obrigado! — replicou ele calorosamente. — Muito obrigado, senhor Copperfield! Parece-me sentir a brisa ou ouvir os sinos de outros tempos, como nos dias da minha mocidade, quando lhe ouço dizer Uriah. Peço-lhe perdão. Que estava eu dizendo?

— Falava de *Mister* Wickfield.

— Ah! Sim, é verdade — disse ele — grandes imprudências, senhor Copperfield! Trata-se de um caso a que eu não desejaria aludir diante de ninguém a não ser do senhor. E mesmo com o senhor, só alusão posso fazer. Se outro qualquer que não fosse eu estivesse no meu lugar há alguns anos, na hora presente era de uma vez *Mister* Wickfield (e todavia que excelente homem, senhor Copperfield) debaixo do seu copo. Debaixo... do seu... copo — disse Uriah muito lentamente, estendendo a mão descarnada em cima da mesa e premindo-a tão fortemente com o seu polegar seco e duro, que a mesa e até o quarto estremeceram.

Fosse eu condenado a vê-lo com o seu desprezível pé chato sobre a cabeça de *Mister* Wickfield que, creio, não poderia detestá-lo mais.

— Oh! Sim, senhor Copperfield — continuou ele numa voz doce que formava, não há a menor dúvida, um contraste surpreendente com a pressão obstinada desse polegar duro e seco. — Teria sido a sua ruína, a sua desonra, nem eu sei bem o quê, *Mister* Wickfield não o ignora. Eu sou o humilde instrumento destinado a servi-lo na minha humildade e ele eleva-me a uma posição que eu mal imaginava poder atingir. Quanto lhe devo ser reconhecido!

O seu rosto estava voltado para mim, mas não me olhava; tirou a mão de cima da mesa e esfregou lentamente e com ar pensativo a maxila descarnada, como se estivesse a barbear-se.

Lembro-me da indignação que enchia o meu coração ao ver a expressão desse rosto astucioso, que, ao clarão vermelho da chama, me anunciava novas revelações.

— Senhor Copperfield — disse-me ele — mas não o obrigo a estar a pé até muito tarde?

— Não é o senhor quem me faz estar a pé. Deito-me sempre tarde.

— Obrigado, senhor Copperfield. Subi alguns degraus na minha humilde situação desde o tempo em que me conheceu, é verdade, mas sou sempre tão humilde... Espero que o hei-de ser sempre. Não duvidará da minha humildade, se

eu lhe fizer uma pequena confidência, senhor Copperfield, não é verdade?

— Não — disse eu com esforço.

— Muito obrigado!

Tirou o lenço do bolso e pôs-se a esfregar a palma da mão, depois acrescentou:

— É *miss* Inês, senhor Copperfield!

— Como, Uriah?!

— Oh! Que prazer ouvi-lo dizer Uriah espontaneamente! — exclamou dando um pequeno salto como um torpedo eléctrico. — Achou-a muito bonita esta noite, senhor Copperfield?

— Achei, como sempre, que ela tinha todo o ar de estar, a todos os respeitos, acima de quantos a rodeavam.

— Oh! Obrigado! É perfeitamente verdadeiro — exclamou ele. — Mil vezes obrigado pelo que acaba de me dizer!

— De modo nenhum — respondi com altivez. — Não há de quê.

— Sabe, senhor Copperfield — disse Uriah — é precisamente sobre isso que se baseia a confidência que vou ter a liberdade de lhe fazer. Por mais humilde que eu seja — e esfregava as mãos mais energicamente, examinando-as de perto e depois olhava para o fogo —, por mais humilde que seja minha mãe, por mais modesta que seja a nossa pobre mas honrada habitação (não tenho hesitação em confiar-lhe o meu segredo, senhor Copperfield; tenho sido sempre carinhoso para si, desde que me foi dado o prazer de o ver pela primeira vez no *tilbury)*, a imagem de *miss* Inês habita em meu coração há muitos anos! Oh! Senhor Copperfield! Se soubesse como eu a adoro! Eu beijaria as suas pegadas.

Creio que se apossou de mim a ideia doida de tirar as tenazes em brasa do fogão e persegui-lo com elas furiosamente. Felizmente, essa ideia saiu-me bruscamente da cabeça, como uma bala sai da carabina, mas a imagem de Inês, manchada somente pela ignóbil audácia dos pensamentos desse abominável ruivo, não me saía do espírito enquanto ele ali estava, sentado todo de esguelha no canapé, como se a sua alma odiosa causasse uma cólica ao seu corpo: quase que me assaltava uma vertigem. Parecia-me que ele crescia e ia inchando, que o quarto retumbava com os ecos da sua voz; enfim, sentia-me possuído por uma estranha sensação que toda a gente conhece talvez até um certo ponto; parecia-me que tudo quanto acabava de se passar havia sucedido noutros tempos, não importa quando e que eu sabia antecipadamente o que ele me ia dizer.

Descobri a tempo que o seu rosto exprimia confiança no poder que tinha entre as mãos e esta observação contribuiu mais que tudo, mais que todos os esforços que eu pudesse fazer, para me relembrar o pedido de Inês em toda a sua força. Perguntei-lhe, com uma aparência de tranquilidade de que me não julgaria capaz

um momento antes, se tinha feito conhecer os seus sentimentos a Inês.

— Oh! Não! Senhor Copperfield — respondeu ele. — Meu Deus! Não, não falei nisso senão a si! O senhor compreende, mal começo a sair da humildade da minha situação; baseio em parte as minhas esperanças nos serviços que ela verá que presto a seu pai (porque espero bem ser-lhe muito útil, senhor Copperfield), ela há-de ver como eu facilitarei as coisas a esse excelente homem para o conservar em bom caminho. Ela ama tanto o pai, senhor Copperfield (que formosa qualidade numa filha!), que eu espero que há-de chegar talvez, pelo afecto que lhe consagra, a ter algumas bondades para mim.

Eu sondava a profundidade da intriga desse miserável e compreendia o fim com que ele me fazia essa confidência.

— Se quiser ter a bondade de guardar segredo, senhor Copperfield — prosseguiu ele — e de não fazer nada para o contrariar, terei isso na conta de um grande favor. O senhor não desejará causar-me dissabores. Conheço a bondade do seu coração, mas como o senhor não me conhece senão numa humilde situação (na mais humilde situação deveria eu dizer, porque sou ainda bastante humilde), poderá, sem querer, fazer-me algum mal junto da minha Inês. Chamo-lhe minha Inês, vê, senhor Copperfield. Há uma canção que diz:

Sem ti um ceptro não tem o menor valor,
Eu renuncio a tudo e dá-me o teu amor.

Pois bem! É o que eu conto dizer um dia destes.

Querida Inês! Ela, para quem eu não conhecia ninguém que fosse digno de um coração tão amoroso e tão bom, seria possível que estivesse reservada para ser mulher de um miserável como aquele!?

— Não há nada de urgente por agora, sabe, senhor Copperfield — continuou Uriah, enquanto eu ia monologando as palavras acima, vendo-o contorcionar-se diante de mim. — A minha Inês é ainda novinha e minha mãe e eu temos bastante que caminhar e bastantes disposições a tomar, antes de vir a propósito pensar nisso. Terei, por consequência, tempo de a familiarizar com as minhas esperanças, à medida que as ocasiões se forem apresentando. Oh! Como lhe sou reconhecido pela sua confiança! Oh! Não sabe, nem pode saber, todo o alívio que experimento ao pensar que o senhor compreende a nossa situação e que não há-de querer causar-me dissabores na família voltando-se contra mim.

Pegou-me na mão sem que eu me atrevesse a recusar-lha, e, depois de a ter apertado na sua pata húmida, olhou para o mostrador baço do seu relógio.

— Bom Deus! — disse ele —, passa da uma hora! O tempo corre tão depressa nas confidências entre velhos amigos, senhor Copperfield, que é quase hora e

meia!

Respondi-lhe que pensava que fosse mais tarde; não que realmente o pensasse, mas porque estava fatigado. Não sabia já, palavra, o que dizia!

— Meu Deus! — disse ele reflectindo. — Estou em uma casa, numa espécie de hotel, ou pensão burguesa, perto de New-River-Head e vou encontrar agora toda a gente deitada há duas horas, senhor Copperfield.

— Tenho bastante pena — respondi — de não haver aqui senão uma cama e de...

— Oh! Não fale em cama, senhor Copperfield — respondeu ele em tom suplicante, levantando uma das pernas. — Mas haveria algum inconveniente em me deixar dormir no chão, ao pé do fogo?

— Se quer, está a minha cama às suas ordens, peço-lhe, e eu deitar-me-ei no chão, ao calor do fogão.

Recusou o meu oferecimento, numa voz bastante estridente, no excesso da sua surpresa e da sua humildade, capaz de despertar *Mistress* Crupp, adormecida, suponho, a essa hora imprópria, num quarto afastado, situado quase ao nível da baixa-mar e embalada, provavelmente, no seu sono, pelo ruído de um relógio incorrigível, para o qual ela apelava sempre quando tínhamos alguma discussão sobre qualquer dúvida de exactidão; esse relógio andava sempre atrasado três quartos de hora, conquanto fosse acertado todas as manhãs sobre as mais competentes autoridades. Como não causassem efeito sobre a sua modéstia nenhum dos argumentos que me vinham ao espírito no meu estado de perturbação, renunciei a persuadir-lhe que aceitasse o meu quarto de dormir e fui obrigado a improvisar-lhe, o melhor possível, uma cama junto do fogão. O colchão do canapé (muitíssimo curto para esse grande cadáver), as almofadas do mesmo canapé, um cobertor, o pano da mesa, uma toalha limpa e um casaco grande, tudo isso compunha uma cama de que se me confessou insulsamente reconhecido. Emprestei-lhe um barrete de dormir, que enfiou imediatamente e que o tornava tão horrível que nunca mais o pude usar depois; em seguida deixei-o descansar em paz.

Nunca me há-de esquecer essa noite. Nunca me há-de esquecer quantas vezes me virei e revirei na cama; quantas vezes me fatiguei a pensar em Inês e nesse animal; quantas vezes perguntei com os meus botões o que podia e o que devia fazer e tudo isso, para vir bater sempre nessa situação embaraçosa de que nada tinha de melhor a fazer para o descanso de Inês, do que não fazer absolutamente nada e guardar para mim o que soubera. Se adormecia um bocado, a imagem de Inês, com os seus olhos tão suaves e a de seu pai fitando-a ternamente, elevavam-se ante mim, para me suplicarem que os socorresse e enchiam-me de vagos terrores. Cada vez que eu despertava, a ideia de que Uriah dormia no

quarto pegado oprimia-me como um pesadelo e senda sobre o coração um peso de chumbo; tinha medo de haver tomado por inquilino um demónio da mais vil espécie.

As tenazes vinham-me sempre à imaginação no meu sono, sem que eu pudesse ver-me livre delas. Parecia-me, enquanto estava meio adormecido e meio acordado, que estavam ainda todas rubras e que eu acabava de pegar nelas para lhas espetar pelo corpo dentro. Essa ideia perseguia-me por tal forma, conquanto sabendo bem que não tinha solidez alguma, que deslizei até ao aposento próximo para me certificar de que ele efectivamente lá estava, deitado de costas, as pernas estendidas até ao fim do quarto; roncava; tinha defluxeira e a boca abria-se-lhe como uma caixa de correio; enfim, estava realmente muito mais horrendo do que a minha imaginação doentia o sonhara e a minha própria repugnância transformou-se numa espécie de atracção que me coagia a ir quase de meia em meia hora olhar para ele novamente. Assim, essa comprida noite pareceu-me mais lenta e mais escura do que nenhuma outra e o céu obumbrado de nuvens obstinava-se a não deixar aparecer nenhum vestígio de dia.

Quando o vi descer cedo, no dia seguinte de manhã (porque, graças ao céu, recusou ficar para almoçar), pareceu-me que a noite desaparecia com ele; mas antes de seguir o caminho da repartição, recomendei particularmente a *Mistress* Crupp que me deixasse as janelas bem abertas, para dar ar à minha sala e purificá-la de todas as impurezas da presença dele.

## Capítulo XXVI — Eis-me caído em cativeiro

Não vi mais Uriah Heep até ao dia da partida de Inês. Estava eu no escritório da diligência para me despedir dela e vê-la partir, quando o encontrei, ia para Canterbury no mesmo veículo. Tive pelo menos uma pequena satisfação ao ver essa sobrecasaca castanha muito curta de cinta, estreita e mal posta, em companhia de um guarda-chuva que se assemelhava a uma tenda, tudo marcando a ponta da bancada traseira da imperial, enquanto Inês tinha naturalmente um lugar dentro; mas eu merecia bem essa indemnizaçãozinha pelo sacrifício de ter de me fazer amável com ele, enquanto Inês podia ver-nos. À portinhola da diligência, como no jantar de *Mistress* Waterbrook, pairava ele em torno de nós, sem descanso, como um grande abutre, devorando cada palavra que eu dizia a Inês ou que ela me dizia.

No estado de perturbação em que me lançara a confidência que me fizera ao canto do fogo, eu tinha muitas vezes reflectido nas expressões que Inês empregara ao falar da sociedade: «Fiz, creio, o que devia fazer. Sabia que era preciso, para descanso do papá, que este sacrifício se consumasse e obriguei-o a consumá-lo». Desde então eu fora perseguido pelo triste pressentimento de que ela cederia a esse mesmo sentimento e que dele tiraria forças para consumar outro qualquer sacrifício por amor de seu pai. Conhecia o afecto que ela lhe tinha. Sabia quanto a sua natureza era dedicada. Por ela própria fui informado de que se considerava a causa inocente dos erros de *Mister* Wickfield e que julgava ter assim contraído com ele uma dívida que evidentemente desejava solver. Eu não encontrava consolação alguma em notar a diferença que existia entre ela e esse miserável ruivo de sobrecasaca castanha, porque sentia que o grande perigo provinha precisamente da diferença que havia entre a pureza e a dedicação da sua alma e a baixeza sórdida da de Uriah. Ele sabia-o bem e sem dúvida que tinha feito entrar tudo isso em linha de conta, nos seus cálculos hipócritas.

Todavia, eu estava tão convencido de que a perspectiva longínqua de um tal sacrifício bastaria a destruir a felicidade de Inês e estava por tal forma seguro, em consequência das suas maneiras, de que ela não desconfiava de nada e que essa sombra ainda não caíra na sua fronte, que não pensava em avisá-la do golpe de que estava ameaçada, para não lhe fazer um insulto gratuito. Separámo-nos, pois, sem explicação alguma; ela fazia-me sinais e sorria-me da portinhola da diligência para me dizer adeus, enquanto eu estava vendo na imperial o seu génio mau, que se contorcionava de prazer, como se já a tivesse empolgado nas suas garras triunfantes.

Durante muito tempo, esse último olhar deitado sobre mim não cessou de me perseguir. Quando Inês me escreveu para me anunciar a sua feliz chegada, a sua carta encontrou-me tão atribulado por causa dessa recordação como no próprio momento da sua partida. Todas as vezes que eu caía em divagação, estava seguro de que essa visão me aparecia e duplicava os meus tormentos. Não passava uma única noite sem nisso pensar. Esse pensamento tornara-se uma parte da minha vida, tão inseparável da minha existência como a minha cabeça do meu corpo.

Eu tinha todo o tempo de me torturar à vontade, porque Steerforth estava em Oxford, escrevia-me ele e quando eu não estava no tribunal dos Commons, estava quase sempre só. Creio que começava já a sentir uma certa desconfiança de Steerforth. Respondi-lhe do modo mais afectuoso, mas parece-me que afinal de contas não me incomodava, se ele não pudesse vir a Londres nesse momento. Desconfio que, a falar verdade, não sendo já combatida pela presença de Steerforth, a influência de Inês operava sobre mim com tanto mais poder, quanto mais lugar ocupava nos meus pensamentos e nas minhas preocupações.

Todavia, iam decorrendo dias e semanas. Eu tinha tomado definitivamente lugar em casa de *Mister's* Spenlow & Jorkins. Minha tia dava-me oitenta libras esterlinas por ano, pagava-me o aluguer e muitas outras despesas. Alugara-me casa por um ano e conquanto me sucedesse ainda encontrá-la um pouco triste à tarde e as noites serem compridas, tinha acabado por me criar uma espécie de melancolia uniforme e por me resignar ao café de *Mistress* Crupp e mesmo engoli-lo, já não à chávena, mas a grandes baldes, tanto quanto me lembro desse período da minha existência. Foi quase nessa época que eu fiz também três descobertas: a primeira foi que *Mistress* Crupp era muito sujeita a uma indisposição extraordinária a que ela chamava espasmos, geralmente acompanhada de uma inflamação nas fossas nasais e que exigia para tratamento um consumo perpétuo de absinto; a segunda é que era preciso que houvesse qualquer coisa de particular na temperatura da minha despensa que fizesse rebentar as garrafas de aguardente; enfim, descobri que estava só no mundo e muito inclinado a recordar esta circunstância em fragmentos de poesia nacional de minha composição.

O dia da minha instalação definitiva em casa de *Mister's* Spenlow & Jorkins, não foi notado por algum outro regozijo, a não ser que obsequiei os praticantes da repartição com sanduíches e *xerez e* que me obsequiei sozinho, à noite, com um espectáculo. Fui ver o *Estrangeiro,* como uma peça que não constituía infracção à dignidade do tribunal dos *Doctor's-Commons e* regressei em tal estado que não me reconhecia no espelho. *Mister* Spenlow disse-me, por ocasião da minha instalação, ao terminar as nossas combinações, que muito desejaria convidar-me a ir passar a noite a sua casa, em Norwood, em honra das relações

que se estabeleciam entre mim e ele, mas que a sua casa estava um pouco em desordem, porque esperava o regresso de sua filha, que acabara de educar-se em Paris. Mas acrescentou que, logo que ela chegasse, esperava ter o prazer de lá me receber. Efectivamente, eu sabia que tinha enviuvado, ficando com uma filha única; agradeci-lhe as suas boas intenções.

*Mister* Spenlow cumpriu fielmente a sua palavra; quinze dias depois recordou-me a sua promessa dizendo-me que, se eu quisesse dar-lhe o prazer de ir a Norwood no sábado seguinte, para lá ficar até segunda-feira, dar-se-ia por muito penhorado. Respondi naturalmente que estava pronto a dar-lhe esse prazer e ficou combinado que me levaria e traria no seu *phaeton.*

No dia marcado, a minha maleta tornou-se um objecto de veneração para os empregados subalternos, para os quais a casa de Norwood era um mistério sagrado. Um deles informou-me que ouvira dizer que o serviço de mesa de *Mister* Spenlow se compunha exclusivamente de baixela de prata e porcelana da China e um outro disse-me que lá se bebia champanhe durante o jantar, como se bebe cerveja noutra parte. O velho praticante de cabeleira, que se chamava *Mister* Tiffey, havia estado muitas vezes em Norwood, por causa de negócios, no decurso da sua carreira, e, nessas ocasiões solenes, tinha podido penetrar até à sala de jantar, que descrevia como um aposento dos mais sumptuosos, tanto mais que bebera lá *xerez* tinto da Companhia das Índias, de uma qualidade tão particular que fazia vir as lágrimas aos olhos.

O tribunal ocupava-se nesse dia de uma questão que já tinha sido adiada; tratava-se de condenar um padeiro que tinha feito oposição na sua paróquia a uma taxa para o calcetamento e como o processo era duas vezes mais comprido do que Robinson Crusoé, segundo um cálculo que fiz, só pôde acabar um pouco tarde. Todavia, o padeiro foi desterrado da paróquia por seis meses e obrigado a pagar custas de toda a espécie, depois do que o procurador do padeiro, o juiz e os advogados das duas partes, que eram todos próximos parentes, foram juntos para o campo, enquanto eu subia para o *phaeton* com *Mister* Spenlow.

Esse *phaeton* era elegantíssimo; os cavalos empavonavam-se e levantavam as patas como se soubessem que pertenciam aos *Doctor's-Commons.*

Havia muita emulação entre estes senhores, qual o mais vaidoso e podíamos gabar-nos de haver ali equipagens de gosto, conquanto eu sempre acreditasse, como sempre o acreditarei, que no meu tempo o grande objecto de emulação, para os doutores do tribunal, era a goma; não duvido, pois, que os procuradores fizessem então um tão grande consumo dela quanto pode comportá-lo a natureza humana.

A nossa pequena viagem até Norwood foi, pois, muito agradável e *Mister* Spenlow aproveitou-se dessa ocasião para me dar alguns conselhos acerca da

minha profissão. Disse-me que era a mais distinta; que era preciso que não a confundissem com o *mister* de advogado; que isso não tinha parecença alguma; que a nossa era infinitamente mais especial, menos rotineira e rendia mais belos proventos. Tratávamos as coisas muito mais à nossa vontade nos *Commons* do que se podia tratar noutra parte e só esse privilégio fazia de nós uma classe à parte. Disse-me que, em verdade, não podíamos dissimular-nos (o que era bem desagradável) que éramos sobretudo empregados por advogados; mas deu-me a entender que nem por isso deixava de ser uma raça de gente inferior à nossa e que todos os procuradores que se prezavam os olhavam de cima para baixo.

Perguntei a *Mister* Spenlow qual era, na sua opinião, a melhor espécie de negócios na sua profissão. Respondeu-me que um bom processo sobre um testamento contestado, quando se tratava de uma pequena terra de trinta a quarenta mil libras esterlinas, era talvez o que de melhor havia. Numa questão desta espécie havia primeiro em cada fase do processo, uma boa colheitazinha de proventos a fazer por via de argumentação; depois os autos de testemunhas acumulavam-se uns sobre os outros a cada interrogatório pró e contra, sem falar das apelações que se podem fazer primeiro para o Tribunal dos delegados e daí para a Câmara dos *lords*; mas como se está quase seguro de se encontrarem as despesas sobre o valor da propriedade, as duas partes vão galhardamente para diante, sem se inquietarem com as custas. Dito isto lançou-se num elogio geral do Tribunal dos *Commons*. «O que há mais a admirar no Tribunal dos *Doctor's-Commons*», dizia ele, «é a concentração das questões. Não há tribunal tão bem organizado no mundo. Tem-se tudo à mão, dentro de uma casca de noz. Por exemplo, leva-se ante o Tribunal do consistório um caso de divórcio ou um caso de restituição. Muito bem começa-se pelo apresentar ao Tribunal do consistório. Isso passa-se tranquilamente, em família; não se apressam. Supúnhamos que não se está satisfeito com o Tribunal do consistório, que se faz? Vai-se ante o Tribunal das arcas. Que vem a ser o Tribunal das arcas? O mesmo tribunal, no mesmo local, com a mesma barra, os mesmos conselheiros; só o juiz é que é diferente, porque o primeiro juiz, do Tribunal do consistório, pode voltar a litigar, quando isso lhe convier, perante o Tribunal das arcas, como advogado. Aqui recomeça-se o mesmo jogo. Não estamos ainda satisfeitos? Muito bem. Que se faz então? Vai-se ante o Tribunal dos delegados. Que vem a ser o Tribunal dos delegados? Muito bem! Os delegados eclesiásticos são advogados sem causa, que viram o jogo feito nos dois tribunais; que viram baralhar, cortar, dar e jogar as cartas; que falaram com todos os jogadores e que, em consequência disso, se apresentam como juízes em folha na questão, para regularem tudo com satisfação de todos. Os descontentes podem falar da corrupção do Tribunal, da insuficiência do Tribunal, da necessidade de uma

reforma no Tribunal, mas com tudo isso, disse solenemente *Mister* Spenlow, terminando, quanto mais caro for o alqueire de trigo no mercado, mais tem o Tribunal questões transferidas, e, pode-se dizer ao mundo inteiro, com a mão na consciência: «Toquem apenas no Tribunal e adeus país».

Eu escutava com atenção e conquanto deva confessar que nutria algumas dúvidas sobre a questão de saber se o Estado era tão devedor ao Tribunal como *Mister* Spenlow o dizia, submeti-me também respeitosamente às suas opiniões. Quanto à questão do preço do alqueire de trigo, senti modestamente que era um argumento muito forte para mim, mas que não cortava de modo nenhum a questão. Ainda não pude conformar-me, a estas horas, com esse alqueire de trigo. Reapareceu bastantes vezes durante a minha vida, em toda a espécie de questões, sempre para me esmagar. Não sei ainda o que ele me quer, nem o direito que tem de vir oprimir-me numa infinidade de ocasiões; mas todas as vezes que vejo entrar em cena o meu velho amigo, o alqueire de trigo e que aparece sempre, tanto quanto posso crer, como cabelos em sopa, considero a causa perdida sem apelação nem agravo.

Mas isto não passa de uma digressão. Eu não era homem para tocar no Tribunal e esbarrondar o país. Exprimi, pois, com o meu silêncio o assentimento que dava a tudo quanto acabava de ouvir ao meu superior em idade e em conhecimentos e a conversação derivou dentro de pouco sobre o drama e sobre o *Estrangeiro,* depois sobre os cavalos do *phaeton,* até ao momento da nossa chegada à porta de *Mister* Spenlow.

Estendia-se diante da casa um lindíssimo jardim e conquanto não fosse favorável a estação para se ver um jardim, estava tudo tão bem tratado, que me encantou. A relva era encantadora e eu descobria na escuridão grupos de árvores e longos caramanchões, cobertos, sem dúvida, de flores e trepadeiras quando vinha Primavera. «É ali que *miss* Spenlow vai passear isoladamente», disse de mim para mim.

Entrámos na casa que estava alegremente iluminada e encontrei-me num vestíbulo cheio de chapéus, de casacos, de luvas, de chicotes e de bengalas.

— Aonde está *miss* Dora? — perguntou *Mister* Spenlow ao criado.

«Dora!», pensei eu. «Que lindo nome!»

Entrámos num aposento próximo, a famosa saleta aonde o velho escrevente bebera *xerez* tinto da Companhia das índias e ouvi uma voz que dizia: «Minha filha Dora e *miss* amiga de confiança de minha filha Dora, apresento-lhes *Mister* Copperfield».

Era sem dúvida a voz de *Mister* Spenlow, mas eu não o sabia e pouco me importava! Já não tinha remédio! O meu destino estava cumprido. Sentia-me cativo, escravo. Amava Dora Spenlow perdidamente.

Era para mim como uma criatura sobre-humana, uma fada, uma sílfide, uma não sei quê; qualquer coisa como eu não tinha visto nunca igual e de quem todo o mundo estava loucamente apaixonado. Desapareci imediatamente num abismo de amor. Não tive tempo de parar à beira, nem de olhar para a frente ou para trás, precipitei-me de cabeça para baixo, antes de ter recuperado suficientemente os sentidos para lhe dirigir a palavra.

— Eu já conheço *Mister* Copperfield — disse uma voz bem conhecida, enquanto eu cumprimentava murmurando algumas palavras.

Não era Dora que falava, não; era a sua amiga de confiança, *miss* Murdstone.

Eu deveria ficar espantado a valer; pois bem, não fiquei. Parece-me que não tinha a faculdade de me espantar. Não havia no mundo senão Dora Spenlow que valesse a pena que a gente se espantasse por ela. Pus-me a dizer:

— Como está, *miss* Murdstone? Estimo que esteja boa de saúde.

— Muito boa — respondeu ela.

— E *Mister* Murdstone como vai?

— Meu irmão passa às mil maravilhas, agradecida.

*Mister* Spenlow, que ficou surpreendido, suponho, por me ver em país conhecido, disse nesta altura:

— Folgo muito por ver, *Mister* Copperfield — disse ele —, que *miss* Murdstone e o senhor são conhecimentos antigos.

— Somos aliados, *Mister* Copperfield e eu — disse *miss* Murdstone num tom calmo e severo. — Conhecemo-nos um pouco noutros tempos, na sua infância; as circunstâncias separaram-nos desde então; não seria capaz de o reconhecer.

Repliquei que eu a conheceria fosse aonde e como fosse, o que era verdade.

— *Miss* Murdstone teve a bondade — disse-me *Mister* Spenlow — de aceitar o ofício... se me permite chamar-lhe assim, de amiga confidencial de minha filha Dora. Minha filha Dora achando-se infelizmente sem mãe, *miss* Murdstone houve por bem conceder-lhe a sua companhia e a sua protecção.

A propósito da protecção passou-me uma ideia pela cabeça, a de que *miss* Murdstone, como essas pistolas de algibeira chamadas *life preserver,* era mais apta para o ataque do que para a protecção de ninguém. Mas foi uma ideia que apenas me passou pelo espírito, como todas as que não se referiam a Dora, para quem olhei no mesmo instante; pareceu-me ver nas suas maneiras um pouco voluntárias e caprichosas que não se encontrava muito disposta a depositar a sua confiança, na sua companheira e protectora *Miss* Murdstone. Mas tocou um sino; *Mister* Spenlow disse que era o primeiro toque para o jantar e acompanhou-me ao meu quarto.

Vá lá uma pessoa vestir-se ou fazer qualquer coisa que exija o menor cuidado, quando se está mergulhado num sonho de amor assim! Que ridículo! Tudo

quanto pude fazer, foi sentar-me diante do fogo, com a chave da maleta apertada nos dentes, incapaz de qualquer outra coisa que não fosse pensar nessa pequena Dora, na sua graça, nos seus encantos, nos seus olhos brilhantes. Que cintura, que rosto, que maneiras encantadoras, graciosas até nos seus caprichos!

O sino vibrou tão depressa o segundo toque, que tive apenas tempo de enfiar como pude o vestuário, em vez de realizar essa operação com o cuidado que desejaria fazê-lo nesta circunstância e desci. Havia algumas pessoas no salão. Dora falava com um sujeito de cabelos brancos. A despeito das suas cãs e dos bisnetos (porque ele confessava-se bisavô), eu tinha horríveis ciúmes dele.

Que estado de espírito este em que eu estava mergulhado! Tinha ciúmes de todo o mundo! Não podia suportar a ideia de que alguém conhecesse *Mister* Spenlow melhor do que eu. Era uma tortura para mim ouvir falar de acontecimentos em que eu não tinha tomado parte. Um sujeito completamente calvo, de cabeça luzidia, muito amável de resto, tendo-se lembrado de me perguntar do outro lado da mesa se era a primeira vez que eu via o jardim, não sei o que lhe teria feito na minha cólera feroz e selvagem.

Não me lembro dos outros convivas, não me lembro senão de Dora. Não tenho ideia alguma do que se serviu ao jantar, não vi senão Dora; creio piamente que não jantei outra coisa senão Dora e que recusei uma meia dúzia de pratos sem lhes tocar. Eu estava sentado ao pé dela, falava-lhe, ela tinha a mais doce vozinha, o risinho mais alegre e as maneiras mais encantadoras e sedutoras que tenham reduzido à escravidão um pobre rapaz apaixonado. Em tudo era uma pequena miniatura; não deixa por isso de ser mais preciosa, dizia eu para comigo.

Quando ela saiu da sala de jantar com *miss* Murdstone (não havia mais senhoras), caí num doce devaneio que só era perturbado por uma intensa inquietação de que *miss* Murdstone poderia dizer de malévolo a meu respeito. O sujeito amável e calvo contou-me uma comprida história de horticultura, creio. Parece-me que o ouvi repetir diversas vezes: «O meu jardineiro». Eu tinha o ar de lhe prestar a atenção mais seguida, mas na realidade vagueava durante todo esse tempo pelo jardim do Éden com Dora. Os meus receios de ser mal classificado junto do objecto de todos os meus afectos reanimaram-se quando entrámos no salão e vi o sombrio rosto de *miss* Murdstone ao longe. Mas fiquei aliviado de uma maneira inesperada.

— David Copperfield — disse *miss* Murdstone fazendo-me sinal para ir ter com ela para junto de uma janela —, uma palavra!

Encontrei-me em frente de *miss* Murdstone.

— David Copperfield — disse-me ela —, não tenho necessidade de me estender sobre os nossos negócios de família; o assunto não é de seduzir.

— Longe disso, *miss* — repliquei.

— Longe disso — repetiu *miss* Murdstone. — Não tenho desejo algum de recordar questões passadas e injúrias esquecidas. Fui ultrajada por uma pessoa, por uma mulher, incomoda-me dizê-lo por honra do meu sexo, e, como não poderia falar dela sem desprezo e sem repugnância preferia não aludir a isso.

Eu estava pronto a entrar em fogo por minha tia. Todavia contive-me e disse-lhe que seria por certo mais conveniente, se *miss* Murdstone assim o desejava, não fazer alusões; acrescentei que não podia ouvir falar dela senão com respeito, que de outra maneira tomaria abertamente a sua defesa.

*Miss* Murdstone fechou os olhos, inclinou a cabeça com desdém; depois, reabrindo lentamente os olhos, prosseguiu:

— David Copperfield, não tentarei dissimular-lhe que fiz uma opinião desfavorável a seu respeito na sua infância. Talvez me enganasse, ou então talvez o senhor cessasse de justificar essa maneira de ver; porém não se pode tratar disso agora. Faço parte de uma família notável, creio, pela sua firmeza e não sou sujeita nem a mudar de opinião nem a deixar-me governar pelas circunstâncias. Posso ter a minha opinião a seu respeito, assim como o senhor a pode ter a meu.

Inclinei a cabeça por minha vez.

— Mas não é necessário — disse *miss* Murdstone — que essas opiniões cheguem a uma colisão aqui mesmo. Nas circunstâncias actuais, vale mais para todo o mundo que não seja nada. Já que os azares da vida nos tornaram a aproximar de novo e que outras ocasiões do mesmo género podem apresentar-se, sou de opinião que nos tratemos um ao outro como simples conhecidos. As nossas afastadas relações de família são uma razão suficiente para explicar esse género de relações entre nós e é inútil que nos façamos notar. É da mesma opinião?

— *Miss* Murdstone — repliquei —, acho que *Mister* Murdstone e a *miss* se portaram cruelmente comigo e que trataram minha mãe com grande dureza; conservarei essa opinião enquanto vivo for. Mas estou completamente de acordo com o que me propõe.

*Miss* Murdstone cerrou de novo os olhos e inclinou ainda a cabeça; depois tocando as costas da minha mão com a ponta dos dedos hirtos e gelados, afastou-se compondo os pequenos grilhões que trazia nos braços e no pescoço, os mesmos e exactamente no mesmo estado como da última vez que a vi. Recordei-me então, pensando no carácter de *miss* Murdstone, das cadeias e ferros que se põem por cima das portas das prisões para que os transeuntes julguem cá fora o que podem esperar lá dentro.

Tudo o que sei do resto da noite, foi que ouvi a soberana do meu coração

cantar baladas maravilhosas em francês e cuja moralidade era em geral que em todo o caso era preciso sempre dançar tra-lá-lá, tra-lá-lá! Ela acompanhava-se num instrumento encantado que se assemelhava a uma guitarra. Eu sentia-me mergulhado num delírio de beatitude. Recusei toda e qualquer bebida. O *punch* em particular revoltava todo o meu ser. Quando *miss* Murdstone veio fazê-la parar para a levar, ela sorriu e estendeu-me a encantadora mãozinha. Lancei por acaso uma olhadela para o espelho e vi que tinha todo o ar de um imbecil, de um idiota. Fui para o meu quarto num agravamento de imbecilidade e levantei-me no dia seguinte mergulhado sempre no mesmo êxtase.

Estava um tempo delicioso e como me tinha levantado muito cedo, pensei que podia ir passear por uma das avenidas em abóbada de verdura e alimentar a minha paixão contemplando a sua imagem em meu coração. Ao atravessar o vestíbulo encontrei o seu cãozinho que se chamava Jip, o diminutivo de Gipsy. Aproximei-me dele, mas o bicho mostrou-me os dentes e refugiou-se debaixo de uma cadeira rosnando, sem querer permitir-me a mais leve familiaridade.

O jardim estava fresco e solitário. Passeei sonhando a felicidade que experimentaria se fosse um dia noivo dessa maravilhosa criaturinha. Quanto ao casamento e à fortuna creio que estava quase inocente de qualquer pensamento desse género, como no tempo em que eu amava a Emilita. Ser admitido a chamar-lhe «Dora», a escrever-lhe, a amá-la, a adorá-la, a crer que me não esquecia, mesmo quando ela estava rodeada de outros amigos, era para mim o *nec plus ultra* da ambição humana, da minha pelo menos, com toda a certeza. Não há dúvida que eu não deixava de ser então um pobre rapaz ridículo e sentimental, mas estes sentimentos anunciavam uma pureza de coração que me impede de não menosprezar absolutamente a recordação, por mais risível que hoje me pareça.

Eu já não passeava havia muito tempo quando, ao voltar de uma das ruas, dei de frente com ela. Coro ainda dos pés até à cabeça, quando me recordo que estou a dar a volta a essa rua do jardim e a pena treme-me entre os dedos.

— A menina... levanta-se muito cedo, *miss* Spenlow — disse-lhe.

— Oh! Aborreço-me em casa — disse ela — e *miss* Murdstone é tão absurda! Tem as ideias mais estranhas sobre a necessidade de que a atmosfera esteja bem purificada antes de eu sair. Purificada! (Nesta altura desatou a rir com o riso mais melodioso). No domingo de manhã não toco piano. É preciso que faça qualquer coisa. Assim, disse ao papá ontem à noite que estava decidida a sair. E depois, é o mais belo momento do dia. Não é assim?

Dito isto, tomei voo à doida e disse-lhe, ou, antes, balbuciei-lhe, que o tempo me parecia magnífico, conquanto o achasse muito sombrio não havia ainda um minuto.

— É um cumprimento — disse Dora — ou mudou realmente o tempo?

Respondi, balbuciando mais que nunca, que não era um cumprimento mas a verdade pura, conquanto não desse fé da menor mudança de tempo. Eu falava somente da mudança que eu experimentava nos meus sentimentos, acrescentei timidamente para acabar a explicação.

Nunca vi anéis de cabelo semelhantes aos que ela sacudiu então para ocultar o seu rubor e não é espantoso que eu diga que nunca houve iguais no mundo! Quanto ao chapéu de palha e às fitas azuis que coroavam esses anéis, que tesouro inestimável para pendurar no meu quarto de Buckingham Street se fossem meus!

— Veio de Paris, não é verdade? — perguntei-lhe.

— Vim — respondeu. — Já lá esteve?

— Não.

— Oh! Espero que não se demorará em ir até lá. Há-de diverti-lo muito!

A minha fisionomia exprimia um profundo sofrimento. Era-me insuportável que ela contasse com que eu fosse a Paris; importava-me bem da França! Ser-me-ia impossível, nas actuais circunstâncias, sair da Inglaterra, ainda que me dessem todos os tesouros do mundo. Nada me podia decidir a isso. Em poucas palavras, tanto disse que ela recomeçava a encobrir-se com os seus anéis, quando o cãozinho chegou a correr pelo arruamento fora, com grande alívio nosso.

O cãozito ciumava-se horrivelmente de mim e obstinava-se a ladrar-me às pernas. Ela pegou nele ao colo, ó céus! E acariciou-o, sem ele pensar em ladrar. Não consentia que eu lhe bulisse e então Dora batia-lhe, os meus sofrimentos redobravam ao ver as lindas sapatadas que ela lhe dava no focinho para o punir, enquanto ele piscava os olhos e lambia-lhe a mão, continuando sempre a rosnar entre dentes numa voz de barítono. Enfim, tranquilizou-se! (creio bem! Com esse queixinho de covinhas encostado ao focinho) e tomámos o caminho da estufa.

— O senhor não é muito ligado a *miss* Murdstone, não é verdade? — disse Dora. — Meu querido! (Estas duas últimas palavras dirigiam-se ao cão. Oh! Se fossem para mim!).

— Não — repliquei — em absoluto.

— É bastante enfadonha — prosseguiu ela amuada. — Não sei como o papá pensou em ir procurar assim alguém tão insuportável para me fazer companhia. Não parece que haja precisão de se ser protegida! Não será talvez Jip melhor protector do que *miss* Murdstone? Não é assim, Jip, meu amor?

Ele contentou-se em fechar os olhos negligentemente, enquanto ela lhe beijava a cabecita.

— O papá chama-lhe a minha amiga de confiança, mas não é verdade, pois

não, Jip? Não fazemos tenção de dar a nossa confiança a gente tão resmungona, não é verdade, Jip? Fazemos tenção de a colocar aonde nos aprouver e de nós mesmos procurarmos os nossos amigos, sem que por nós andem à descoberta deles, não é assim, Jip?

Jip, como resposta, fez um pequeno ruído que se semelhava ao de uma chaleira ao lume. Quanto a mim, cada palavra era um elo mais chumbado na minha cadeia.

— É um pouco duro, já que não temos uma mamã muito boa, ser obrigada a arrastar uma velha aborrecida e maçadora como *miss* Murdstone, sempre atrás de nós, não achas, Jip? Mas não te inquietes, Jip; não lhe concederemos a nossa confiança e não nos valeremos dela em coisa alguma, embora ela se rale e fá-la-emos enraivar; é tudo quanto lhe podemos fazer, não é assim, Jip?

Se este monólogo durasse dois minutos mais, creio que eu acabaria por cair de joelhos em terra, com risco de os esmurrar e de arranjar ainda com que me pusessem no olho da rua. Mas, por felicidade, a estufa não ficava longe e chegávamos lá no momento em que ela acabava de falar.

A estufa estava repleta de gerânios. Ficávamos em contemplação diante nas flores; Dora saltava sem cessar para admirar esta planta, depois aquela outra; e eu parava para admirar as que ela admirava. Dora, sempre rindo, erguia o cão nos braços com um gesto infantil, fazendo-o cheirar as flores; se não estávamos os três no paraíso, quanto a mim sei que estava. O perfume de uma folha de gerânio dá-me ainda a estas horas uma certa emoção meio cómica, meio séria, que muda no mesmo instante o aspecto das minhas ideias. Parece-me estar ainda a ver um chapéu de palha com fitas azuis sobre uma floresta de anéis de cabelos e um cãozito preto levantado por dois lindos braços esguios, para o fazer respirar o perfume das flores e das folhas de gerânios.

*Miss* Murdstone procurava-nos. Chegou nessa altura ao pé de nós e apresentou a face disparatada à face de Dora, para ela beijar as suas rugas todas cheias de pós de arroz; depois apoderou-se do braço da sua amiga confidencial e, em frente, marche! Seguimos em fila cerrada para a sala de jantar como se fôssemos ao enterro de um militar.

Não sei o número de chávenas de chá que aceitei, porque fora Dora quem o fizera, mas lembro-me perfeitamente que tantas bebi que deveria ter para sempre destruído o meu sistema nervoso se nesse tempo eu tivesse nervos. Um pouco mais tarde fomos à igreja, *miss* Murdstone colocou-se entre nós ambos, mas eu ouvia Dora cantar e nem sequer via a congregação. Houve um sermão... sobre Dora, naturalmente... e foi tudo quanto apurei do ofício divino.

O dia decorreu pacificamente. Não apareceu ninguém, fomos passear, depois jantou-se em família e passamos a noite a ver livros e gravuras. *Miss* Murdstone,

com uma homilia diante dela e o olho em nós, fazia a sentinela com vigilância. Ah! *Mister* Spenlow não desconfiava nada, quando estava sentado defronte de mim depois de jantar, com o seu lenço de seda sobre a cabeça, do ardor com que eu o apertava, na imaginação, em meus braços, como o mais terno dos genros. Não desconfiava nada, quando me despedi dele, à noite, que acabava de dar o seu consentimento aos meus esponsais com Dora e que eu, em recompensa, chamava sobre a sua cabeça as bênçãos do céu!

Partimos cedo no dia seguinte, porque havia uma questão de salvamento que se apresentava no Tribunal do almirantado e que exigia um conhecimento bastante exacto de toda a ciência da navegação; ora, como naturalmente não éramos muito hábeis sobre essa matéria no Tribunal, o juiz pediu a dois velhos Trinity-Masters que tivessem a caridade de o ir ajudar. Dora, não menos matinal, estava já à mesa para nos fazer o chá e eu tive o triste prazer de lhe tirar o chapéu de cima do *phaeton*, enquanto ela permanecia na soleira da porta, com Jip nos braços.

Não tentarei inúteis esforços para descrever o que o Tribunal do almirantado me pareceu nesse dia, nem a confusão do meu espírito relativamente à questão que se tratava, não contarei como eu lia o nome de Dora inscrito no remo de prata pousado em cima da mesa como emblema da nossa alta jurisdição, nem o que eu senti quando *Mister* Spenlow regressou a sua casa sem mim (eu tinha alimentado a esperança insensata de que ele não tardaria a levar-me de novo lá); considerava-me um marinheiro abandonado pelo seu navio numa ilha deserta. Se esse velho Tribunal pudesse despertar do seu velho letargo e apresentar sob uma forma visível todos os belos sonhos que sonhei com Dora, encostado ao seu seio, eu apelaria para ele a fim de testemunhar a verdade das minhas palavras.

Não falo somente dos sonhos desse dia, mas dos que me perseguiram de dia em dia, de mês em mês. Quando ia para o Tribunal, não era absolutamente nada para estudar questões, não; era unicamente para pensar em Dora. Se sucedia que eu consagrasse um momento aos processos que se pleiteavam ante mim, era para perguntar com os meus botões, quando se tratava de questões matrimoniais, como podia ser que as pessoas casadas não fossem felizes, porque pensava em Dora; e se se tratava de uma questão de sucessão, considerava que voltas eu daria, se todo esse dinheiro me tivesse sido legado, para enfim obter Dora. Durante a primeira semana da minha paixão, comprei quatro coletes magníficos, não para satisfação própria, pois eu não tinha vaidade disso, mas por causa de Dora; comecei a usar luvas cor de palha e foi então que lancei os primeiros alicerces de todos os calos de que vim a sofrer. Se as botas que eu então usava pudessem reaparecer para as comparar com o feitio natural dos meus pés, provariam da maneira mais tocante qual era então o estado do meu coração.

E, todavia, estropiado voluntário em honra de Dora, andava todos os dias léguas e léguas a pé, na esperança de a tornar a ver. Não somente me tornei bem depressa tão conhecido como o carteiro na estrada de Norwood, mas não descurava muito as ruas de Londres. Vagueava por perto dos estabelecimentos de modas, frequentava os bazares como uma alma penada, passeava para cá e para lá no parque; estava derreado. Por vezes, a longos intervalos e em raras ocasiões, divisava-a. Por vezes via-a agitar a luva à portinhola de um trem, por vezes encontrava-a a pé, dava alguns passos com ela e com *miss* Murdstone e falava-lhe. Neste último caso, encontrava-me sempre muito desgraçado depois, por não lhe haver dito nada do que mais me preocupava, por não lhe ter feito ver toda a extensão da minha dedicação, com receio de que ela não pensasse somente em mim. Façam ideia como eu suspirava por um novo convite de *Mister* Spenlow. Mas não, o desapontamento era constante, porque não recebia nenhum.

Era preciso que *Mistress* Crupp fosse uma mulher dotada de uma grande penetração, porque esta afeição datava apenas de algumas semanas e eu não havia tido a coragem, quando escrevi a Inês, de me explicar mais claramente do que dizendo-lhe que tinha estado em casa de *Mister* Spenlow, cuja família se reduzia, acrescentava eu, a uma filha única; era preciso, vinha eu dizendo, que *Mistress* Crupp fosse uma mulher dotada de uma grande penetração, porque, logo desde o começo da minha paixão, descobrira o meu segredo. Uma noite que eu estava mergulhado num grande abatimento, subiu ela a perguntar-me se eu não lhe podia dar, para a aliviar de um ataque dos seus espasmos, uma colher de tintura de cardamomo com reubarbo, perfumada com cinco gotas de essência de cravo-da-índia, pois era o melhor remédio para a sua doença: se eu não tinha esse licor à mão, podia-se substituir por um pouco de aguardente, o que não lhe era tão agradável, acrescentou ela, mas depois da tintura de cardamomo, era o melhor entre as coisas piores. Como eu nunca ouvira falar do primeiro remédio e como tinha sempre uma garrafa do segundo no armário, dei um copo a *Mistress* Crupp, que começou a bebê-lo na minha presença, para me provar que não era mulher que fizesse mau uso dele.

— Vamos, coragem, senhor! — disse-me *Mistress* Crupp. — Não posso suportar vê-lo assim, senhor; eu também sou mãe!

Eu não compreendia bem a significação que podia dar a este «eu também» o que não me impediu de sorrir a *Mistress* Crupp com toda a benevolência de que eu era capaz.

— Vamos, senhor! — tornou *Mistress* Crupp. — Peço-lhe desculpa; mas eu bem sei do que se trata, senhor. Aí há uma menina.

— *Mistress* Crupp! — respondi eu corando.

— Deus o salve! Não se deixe desanimar, senhor — disse *Mistress* Crupp com

um sinal de animação.

— Tenha muita coragem, senhor! Se ela não é amável consigo, meninas não faltam. O senhor é novo e consigo deseja-se ser amável, senhor Com-Perfil; o que é preciso é que se considere como o que vale, senhor.

*Mistress* Crupp não deixava nunca de me chamar senhor Com-Perfil; primeiro, sem dúvida alguma, porque não era esse o meu nome e em seguida talvez em recordação de algum pintor a quem tivesse servido de modelo.

— O que é que lhe faz supor que haja aqui uma menina, *Mistress* Crupp?

— Senhor Com-Perfil — disse *Mistress* Crupp num tom de sensibilidade — eu também sou mãe!

Durante um momento, *Mistress* Crupp não pôde fazer outra coisa senão colocar a mão sobre o seu seio de nanquim e tomar forças preventivas contra o regresso das suas cólicas, beberricando a sua medicina. Enfim disse-me:

— Quando a sua querida tia lhe alugou estes aposentos, senhor Com-Perfil, eu disse cá comigo: «Enfim, topei alguém que eu hei-de amar; louvado seja Deus; topei enfim alguém para amar!». Foi esta a minha expressão... O senhor come pouco e não bebe grande coisa.

— E é nisso que funda as suas suposições, *Mistress* Crupp? — perguntei.

— Senhor — disse *Mistress* Crupp num tom que se aproximava da severidade — tenho servido muitos sujeitos. Um qualquer pode ter muito cuidado com a sua pessoa, ou pode não o ter. Pode pentear-se com muito cuidado, ou não abrir sequer risca ao lado. Pode calçar botas muito largas ou muito estreitas, isso depende do carácter; mas qualquer que seja a extremidade em que se lance, num ou noutro caso, senhor, há sempre uma menina nestas coisas.

*Mistress* Crupp meneou a cabeça com um ar tão convencido, que eu não sabia que atitude tomar.

— O cavalheiro que aqui morreu antes do senhor — disse *Mistress* Crupp — pois bem! Estava enamorado... de uma criada de hospedaria e mandou logo apertar todos os coletes para não parecer inchado como estava pela bebida.

— *Mistress* Crupp — disse-lhe eu — peço-lhe o favor de não confundir a menina de que se trata com uma criada de hospedaria ou com qualquer outra criatura dessa espécie.

— *Mister* Com-Perfil — replicou *Mistress* Crupp — eu também sou mãe e o que o senhor diz não é provável. Peço-lhe perdão da minha indiscrição, senhor. Não tenho desejo de me meter aonde não sou chamada. Mas o senhor é novo, *Mister* Com-Perfil e parece-me que deve ter coragem para não se deixar desanimar e considere-se pelo seu valor. Se puder ocupar-se em qualquer coisa, senhor — disse *Mistress* Crupp — por exemplo jogar a bola, é uma distracção e um entretenimento; far-lhe-á muito bem.

A estas palavras, *Mistress* Crupp fez-me uma reverência majestosa, à guisa de agradecimento por a minha medicação e retirou-se fingindo tomar grande cuidado para se não entornar a aguardente, que tinha desaparecido por completo. Ao vê-la retirar-se na escuridão, veio-me então à ideia que *Mistress* Crupp tinha tomado uma singular liberdade em me dar conselhos; mas, por outro lado, eu não estava descontente! Era uma lição que me dava para eu guardar melhor o meu segredo para o futuro.

## Capítulo XXVII — Tommy Traddles

Foi talvez em consequência do conselho de *Mistress* Crupp e porque a ideia do jogo da bola me despertava a lembrança de algumas partidas com Traddles, que concebi no dia seguinte o pensamento de ir à procura do meu antigo camarada. Tinha decorrido o tempo que ele devia passar fora de Londres e morava numa pequena rua perto da Escola veterinária, em Camden-Town, bairro especialmente habitado, disse-me um dos nossos escreventes que morava para aqueles lados, por jovens estudantes da escola, que compravam burros vivos para fazerem sobre esses quadrúpedes experiências *in anima vili*, nos seus quartos particulares. O mesmo escrevente deu-me algumas informações sobre a situação desse retiro académico e parti nessa tarde para ir ver o meu antigo camarada.

A rua em questão deixava qualquer coisa a desejar. Estimaria que ela desse mais satisfação a Traddles. Notei que os habitantes não se incomodavam muito em atirar para o meio dela tudo aquilo que queriam deitar fora, de modo que não só era lamacenta e nauseabunda, mas ainda numa grande desordem de folhas de couve. Mas não era só isso; nesse dia aos vegetais adicionaram-se um sapato velho, uma caçarola sem fundo, um chapéu de mulher de cetim preto e um guarda-chuva chegado a diferentes períodos de decomposição, coisas em que eu fui reparando ao procurar o número da casa de Traddles.

A aparência geral do lugar recordou-me vivamente o tempo em que eu residia em casa de *Mister* e *Mistress* Micawber. Um certo ar indefinível de elegância decaída que se ligava ainda à casa que eu procurava e que a distinguia das outras, conquanto fossem todas construídas pelo modelo uniforme desses ensaios primitivos de um estudante inábil que aprende a desenhar casas, recordou-me melhor ainda a lembrança dos meus antigos hospedeiros. A conversação a que assisti, ao chegar à porta que se acabava de abrir ao leiteiro, mais veio acrescentar à vivacidade das minhas reminiscências.

— Então — dizia o leiteiro a uma criada muito nova — já pensaram na continha que deixei?

— Oh! O senhor disse que se vai ocupar dela imediatamente — respondeu ela.

— Porque... — prosseguiu o leiteiro continuando, como se não tivesse obtido resposta e falando antes, ao que me pareceu, pelo tom e olhares furiosos que lançava à antecâmara, para edificação de alguém que estava em casa do que para a da criadita — porque há tanto tempo que essa conta foi entregue que tenho medo que ela acabe por desaparecer e nunca mais se lhe ponha a vista em cima.

Ora, deve compreender que isto não pode continuar assim! — gritou o leiteiro, cada vez mais alto e num tom mais estridente do fundo do corredor para dentro de casa.

Nada estava em mais desacordo com as suas maneiras do que o seu estado de leiteiro. Se fosse um carniceiro ou um negociante de bebidas alcoólicas ainda teria a catadura feroz para o seu estado.

A voz da criadita enfraqueceu; mas pareceu-me, pelo movimento dos lábios, que murmurava de novo que iam imediatamente ocupar-se da conta.

— Vou dizer-lhe uma coisa — prosseguiu o leiteiro fixando os olhos nela pela primeira vez e agarrando-a pelo queixo. — Gosta de leite?

— Gosto muito — replicou ela.

— Pois bem! — continuou o leiteiro. — Amanhã não o terá. Entendeu? Amanhã não terá uma gota de leite.

Pareceu-me que ela ficou aliviada por saber que ao menos o teria hoje. O leiteiro, depois de um sinal sinistro de cabeça, emproou-se todo e abrindo a bilha do leite, com muito mau modo, encheu a vasilha da família, depois retirou-se resmungando e continuou a apregoar o leite pela rua, num tom furioso.

— Mora aqui *Mister* Traddles? — perguntei.

Uma voz misteriosa respondeu-me «sim», do fundo do corredor. Depois do que a criadita repetiu:

— Sim.

— Está em casa?

A voz misteriosa respondeu de novo afirmativamente e a criada fez eco. Nessa altura entrei e pelas indicações da serviçal, subi, seguido, ao que me pareceu por um olhar misterioso que sem dúvida pertencia à voz misteriosa, que partia de um pequeno aposento nas traseiras da casa.

Encontrei Traddles no patamar. A casa não tinha senão um primeiro andar e o quarto em que me introduziu com uma grande cordialidade dava para a rua. Estava muito limpo, conquanto pobremente mobilado. Vi que era toda a sua instalação, porque tinha um canapé leito e as escovas e a graxa estavam escondidas no meio dos livros da estante, atrás de um dicionário, na prateleira mais elevada. A mesa estava repleta de papelada; Traddles vestia um casaco velho e trabalhava com todo o afinco. Não é, creio, porque eu tivesse desejo de fazer o inventário do quarto, mas vi isso de um relance, antes de me sentar, sem faltar a igreja pintada no seu tinteiro de porcelana; era ainda uma faculdade de observação que eu aprendera a exercer desde o tempo dos Micawber. Diversas disposições engenhosas de sua invenção para dissimular a cómoda e para arrumar as botas, o seu espelho de barba, etc, recordavam-me com uma exactidão muito particular os hábitos de Traddles, no tempo em que fazia com

papel da aula, modelos de jaulas de elefantes bastante grandes para aprisionar moscas e em que se consolava dos seus dissabores com as famosas obras-primas de que já falei mais de uma vez.

A um canto do quarto descobri qualquer coisa que estava cuidadosamente coberta com um grande pano branco, sem poder adivinhar o que seria.

— Traddles — disse dando-lhe um aperto de mão, quando me sentei — estou encantado de o ver.

— Eu é que estou, Copperfield — replicou. — Oh! Sim, estou contentíssimo pelo ver. Exactamente por estar encantado de o ver quando nos encontrámos em casa de *Mister* Waterbrook e que sentia bem que o senhor o estava igualmente, é que lhe dei o meu endereço daqui e não do meu escritório de advogado.

— Ah! Tem escritório de advogado?

— Isto é, tenho a quarta parte de um escritório e de um corredor e também a quarta parte de um escrevente — replicou Traddles. — Quotizamo-nos quatro para alugar um escritório, a fim de termos o ar de tratarmos de questões e da mesma maneira pagamos a um escrevente que nos serve a todos. Custa-me o bom e o bonito de dois xelins por semana.

Deparou-se-me novamente a simplicidade do seu carácter e o seu bom humor e igualmente o seu enguiço do costume, na expressão do sorriso que acompanhava esta explicação.

— Não é nada por orgulho, Copperfield — disse Traddles — que não dou em geral o meu endereço daqui. É unicamente no interesse das pessoas que tratam comigo e a quem isso podia bem não agradar. Tenho muito a fazer para furar no mundo e não devo pensar noutra coisa.

— *Mister* Waterbrook disse-me que o Traddles se destina ao foro, não é verdade? — disse-lhe.

— É, é — disse Traddles esfregando lentamente as mãos — estudo para o foro. O facto é que já me matriculei, embora tardiamente. Há já algum tempo que estou matriculado, mas as cem libras esterlinas a pagar era um caso de costa acima — continuou fazendo uma careta como se acabassem de lhe arrancar um dente.

— Sabe no que não posso deixar de pensar quando olho para si, Traddles? — perguntei-lhe.

— Não — disse ele.

— Naquele fato azul celeste que o senhor usava.

— Ah! Sim! — disse Traddles rindo —, um pouco afanicado nos braços e nas pernas, não é verdade? Pois bem! Palavra! Que bom tempo que era, não acha?

— Creio que quando o nosso director fosse melhor para nós, isso não nos teria feito mal nenhum — respondi.

— Também é verdade — disse Traddles —, mas é o mesmo, a gente divertia-se bem. Lembra-se daquelas noitadas do dormitório? E as ceias? E as histórias que o Copperfield contava? Ah! Ah! Ah! E lembra-se da sova de bengaladas que apanhei por ter chorado por causa do prefeito Mell? Velho Creakle, some-te! Mas é o mesmo, desejaria tornar a vê-lo.

— Mas ele era um brutamontes consigo, Traddles — disse eu com indignação, porque o bom génio dele me enfurecia, como se lhe tivesse visto bater na véspera.

— Pensa isso? — replicou Traddles. — Palavra? Talvez que tenha razão; mas isso já vai há tanto tempo! Some-te, velho Creakle!

— Não era um tio que se ocupava da sua educação?

— Era, sim — disse Traddles — a quem eu devia escrever sempre e a quem nunca escrevia! Ah! Ah! Ah! Sim, é verdade que tinha um tio; morreu pouco depois de eu sair do colégio.

— Palavra?

— Sim, era... era... como dizer? Um negociante de panos retirado, um antigo mercador e tinha-me constituído seu herdeiro; mas deixou de gostar de mim quando cresci.

— Que quer dizer? — perguntei, porquanto me custava a acreditar que me falasse tão tranquilamente de ter sido deserdado.

— É como lhe digo, Copperfield — replicou Traddles. — Era uma desgraça, mas não gostava de mim. Dizia ele que tinha esperado outra coisa da minha pessoa, e, de indignado, casou com a despenseira.

— E o Traddles que fez então?

— Oh! Nada de particular — respondeu Traddles. — Vivi com eles um pouco de tempo, esperando que meu tio me ajudasse um pouco no mundo; mas infelizmente a gota subiu-lhe ao estômago e morreu; então a viúva casou com um rapaz e eu fiquei sem posição nem arrimo.

— Mas, enfim, não lhe deixou nada, Traddles?

— Oh! Com certeza que deixou — disse Traddles — deixou-me cinquenta guinéus. Como a minha educação não tinha sido encaminhada para um fim especial, eu, a princípio não sabia bem como me livrar de apuros. Enfim, comecei, coadjuvado pelo filho de um advogado que também andou em Salem-House, Yawler, conheceu?... Aquele que tinha o nariz torto. Não se recorda?

— Não, não andou comigo em Salem-House; no meu tempo só havia narizes direitos.

— De resto, pouco importa — disse Traddles —; graças à sua ajuda, comecei a copiar processos. Como isso não me rendia grande coisa, pus-me a redigir e a fazer extractos e outros trabalhos no género. Trabalho como um boi, sabe,

Copperfield; tanto que dou expediente rápido à faina. Pois bem! Meteu-se-me então em cabeça estudar direito e lá foi o resto dos meus cinquenta guinéus. Yawler tinha-me todavia recomendado dois ou três escritórios de advogados, o de *Mister* Waterbrook entre outros e por lá me fui arranjando. Tive também a felicidade de travar conhecimento com um editor de uma enciclopédia que me deu trabalho. Olhe! De facto, eu trabalho justamente para ele neste momento. Não sou muito mau compilador — disse Traddles lançando sobre a mesa o mesmo olhar de confiança serena —, mas não tenho a menor imaginação, nem a sombra dela. Não creio que se possa encontrar um rapaz mais desprovido do que eu.

Como vi que Traddles parecia esperar o meu assentimento que olhava como muito natural, fiz um sinal de cabeça aprovador e ele continuou com a mesma bonomia, porque não posso encontrar outra expressão:

— Assim pois, pouco e pouco, vivendo modestamente, acabei enfim por juntar as cem libras esterlinas e graças a Deus, já paguei, conquanto o trabalho tenha sido... tenha realmente sido...

Neste ponto Traddles fez uma nova careta, como se acabasse de tirar um segundo dente.

— ...um pouco rude. É disto que vivo e espero chegar um destes dias a escrever num jornal; desta feita será o meu bastão de marechal. Agora que o vejo aqui, Copperfield, o senhor está tão pouco mudado e sinto-me tão contente por o tornar a ver, que nada lhe posso ocultar. É preciso que saiba que estou noivo!

— Noivo! Oh, Dora!

— É com a filha de um pastor do Devonshire; são dez filhos. Sim! — acrescentou vendo-me olhar involuntariamente para o tinteiro —, é esta a igreja; dá-se volta por aqui e sai-se à esquerda por esta grade — seguia com o dedo a pintura do tinteiro — e aqui aonde ponho esta pena é o presbitério em frente da igreja, compreende?

Só um pouco mais tarde é que eu compreendi todo o prazer com que me dava estas minudências; porque, no meu egoísmo, eu seguia, nesse momento, mentalmente, um plano figurado da casa e do jardim de *Mister* Spenlow.

— É tão boa rapariga! — disse Traddles. — É um pouco mais velha do que eu, mas é tão boa rapariga! Não lhe disse o outro dia que saía de Londres? É porque fui vê-la. Fiz o caminho a pé, ida e volta; que viagem deliciosa! Provavelmente ficaremos noivos por bastante tempo, mas tomámos por divisa: «Esperar e ter esperança». É o que sempre dizemos: «Esperar e ter esperança». E ela esperar-me-á, meu caro Copperfield, até aos sessenta anos, ou mais, se preciso for.

Traddles levantou-se e pousou a mão com ar triunfante sobre o pano branco

em que eu tinha reparado.

— Não é, todavia — disse — porque não nos tenhamos principiado a ocupar das coisas da casa. Não, não; bem pelo contrário, já começámos. Iremos pouco e pouco, mas já começámos. Veja — continuou, tirando o pano com muito orgulho e cuidado — aqui estão duas peças de mobiliário: este vaso de flores e esta *étagère*, foi ela mesma quem os comprou. Põe-se isto à janela de uma sala de visitas — disse Traddles recuando um pouco para admirar melhor — com uma planta no vaso... e... e cá está! Quanto a esta *étagère* coberta com um mármore (tem dois pés e dez polegadas de circunferência), fui eu que a comprei. Quer pousar um livro, sabe?, ou então há alguém que nos vem ver, a nós ou à nossa mulher e que procura um sítio aonde pousar a chávena de chá, cá está ele! — prosseguiu Traddles. — É um móvel de um belo trabalho e sólido como uma rocha.

Cumprimentei-o por esses dois objectos e Traddles tornou a pôr o pano com o mesmo cuidado com que o tinha tirado.

— Não é grande coisa como mobília — disse Traddles —, mas sempre é alguma coisa. As toalhas, as fronhas e tudo o mais, isso é o que me desanima, Copperfield e a bateria de cozinha, as caçarolas e as grelhas e todos esses objectos indispensáveis, porque são caros, vão muito longe. Mas «esperar e ter esperança». E depois, se soubesse, é tão boa rapariga!

— Estou certo disso — disse-lhe.

— Enquanto se espera — disse Traddles tornando-se a sentar — e acabámos com estes pormenores pessoais, arranjo-me conforme posso. Não ganho muito dinheiro, mas também não gasto muito. Em geral, faço as minhas refeições à mesa dos inquilinos do rés-do-chão, que são pessoas amabilíssimas. *Mister* e *Mistress* Micawber conhecem a vida e fazem muito boa companhia.

— Meu caro Traddles — exclamei — que é o que me diz?

Traddles olhou para mim, como se não soubesse, por sua vez, o que eu queria dizer.

— *Mister* e *Mistress* Micawber! — repeti —, mas sou intimamente ligado com eles!

Justamente nesta altura, bateu-se à porta da rua uma dupla pancada em que reconheci, pela minha velha experiência de Windsor-Terrace, a mão de *Mister* Micawber; só ele é que batia assim. Tudo o que podia restar-me ainda de dúvidas no espírito sobre a questão de saber se eram efectivamente os meus antigos amigos, esvaeceu-se e roguei a Traddles que pedisse ao seu senhorio que subisse. Em consequência disso, Traddles debruçou-se no corrimão da escada para chamar *Mister* Micawber, que apareceu daí a pouco. Não tinha mudado; a calça justa, a bengala, o colarinho da camisa e a sua luneta eram sempre os

mesmos e entrou no quarto de Traddles com um certo ar de mocidade e de elegância.

— Peço-lhe perdão, senhor Traddles — disse *Mister* Micawber, com a mesma inflexão de voz que dantes, cessando repentinamente de cantarolar uma ariazinha —; não julgava encontrar no seu santuário um cavalheiro estranho a este domicílio.

*Mister* Micawber fez-me uma leve mesura e puxou o colarinho da camisa.

— Como passa, senhor Micawber? — disse-lhe eu.

— Cavalheiro — disse *Mister* Micawber — é muito bondoso. Estou no *statu quo.*

— E *Mistress* Micawber? — prossegui.

— Cavalheiro — disse *Mister* Micawber — está também, graças a Deus, no *statu quo.*

— E os meninos, senhor Micawber?

— Cavalheiro — continuou ele — sinto-me feliz por lhe poder dizer que gozam também da melhor saúde.

Até então, *Mister* Micawber, conquanto estivesse de pé na minha frente, não me tinha totalmente reconhecido. Mas, ao ver-me sorrir, examinou as minhas feições com mais atenção, deu um passo atrás e exclamou:

— Será possível! Pois é Copperfield a quem tenho o gosto de tomar a ver?

E apertava-me ambas as mãos com toda a força.

— Bondade do céu! Senhor Traddles — disse *Mister* Micawber. — Que surpresa encontrá-lo ligado com o amigo da minha mocidade, o meu companheiro dos tempos passados! Minha querida — gritou ele do alto do corrimão para *Mistress* Micawber, enquanto Traddles parecia, com razão, um pouco admirado das denominações que ele acabava de aplicar-me — está aqui no quarto de *Mister* Traddles um cavalheiro que desejo ter a honra de lhe apresentar, meu amor!

*Mister* Micawber reapareceu daí a pouco e deu-me um segundo aperto de mão.

— E como passa o nosso bom doutor, Copperfield — disse *Mister* Micawber — e todos os nossos amigos de Canterbury?

— Tenho recebido magníficas notícias.

— Congratulo-me — disse *Mister* Micawber. — Foi em Canterbury que nos vimos pela última vez. À sombra desse edifício religioso, para me servir do estilo figurado imortalizado por Chaucer, desse edifício que foi antigamente o fito da romagem de tantos viajantes dos lugares mais... numa palavra — disse *Mister* Micawber — muito perto da catedral.

— É verdade. — disse eu.

*Mister* Micawber continuava a falar com a maior volubilidade, mas pareceu-me perceber na sua fisionomia que estava escutando com interesse certos sons que partiam do quarto pegado, como se *Mistress* Micawber lavasse as mãos e abrisse e fechasse precipitadamente gavetas, cujo funcionamento não era fácil.

— Por agora vem-nos encontrar estabelecidos, Copperfield — disse *Mister* Micawber olhando para Traddles com o canto do olho — numa situação modesta e sem pretensão, mas sabe que, no decurso da minha carreira, tive a superar dificuldades e obstáculos a vencer. O senhor não ignora que houve momentos na minha vida em que fui forçado a fazer alto, aguardando que certos acontecimentos previstos viessem a correr bem; enfim, que me foi preciso algumas vezes recuar para conseguir saltar melhor, o que sem presunção posso chamar assim. Estou agora chegado a uma dessas etapas importantes na vida de um homem. Neste momento, recuo para saltar melhor e tenho todas as razões de esperar que não tardarei a acabar por um salto enérgico.

Eu exprimia-lhe toda a minha satisfação, quando *Mistress* Micawber entrou. O seu vestuário ainda era menos cuidado do que dantes. Talvez isso proviesse de eu ter perdido o hábito de a ver; no entanto, ela tinha feito alguns preparativos para se apresentar diante de gente; havia mesmo calçado um par de luvas castanhas.

— Minha querida — disse *Mister* Micawber conduzindo-a diante de mim — aqui está um *gentleman* chamado Copperfield que deseja renovar as relações consigo.

Mais valera, ao que parece, poupar-lhe esta surpresa, porque *Mistress* Micawber, que se encontrava num precário estado de saúde, ficou tão perturbada e a sofrer tanto, que *Mister* Micawber foi obrigado a ir a correr buscar-lhe água ao poço do pátio e trazer uma bacia de mãos cheia dela com que lhe banhou as fontes. Todavia, restabeleceu-se depressa e manifestou um verdadeiro prazer por me tornar a ver. Ficámos ainda a conversar todos juntos durante meia hora e pedi-lhe notícias dos dois gémeos. «Que estavam hoje tão crescidos», disse-me, «como o pai e a mãe». Quanto ao menino Micawber e à menina sua irmã, representou-mos ela como verdadeiros gigantes, mas não apareceram nessa ocasião.

*Mister* Micawber desejava infinitamente persuadir-me que ficasse para jantar. Eu não teria feito a menor objecção, se não julgasse ler nos olhos de *Mistress* Micawber uma pouca de inquietação calculando a porção de carne fria que existia no aparador. Declarei, pois, que já estava comprometido noutra parte e notando que o espírito de *Mistress* Micawber parecia por isso aliviado de um grande peso, resisti a todas as instâncias de seu esposo.

Mas disse a Traddles e a *Mister* e *Mistress* Micawber que antes de poder

decidir-me a deixá-los, era preciso que me indicassem o dia que lhes conviria para irem jantar a minha casa. As ocupações que prendiam Traddles obrigaram-nos a fixar uma época bastante afastada, mas enfim escolheu-se um dia que convinha a todos e depois disto despedi-me deles.

*Mister* Micawber, com o pretexto de me indicar um caminho mais curto do que aquele por onde tinha ido, acompanhou-me até à esquina da rua, na intenção, acrescentou, de dizer algumas palavras confidencialmente a um antigo amigo.

— Meu caro Copperfield — disse-me *Mister* Micawber — não preciso de repetir-lhe que é para nós, nas actuais circunstâncias, uma grande consolação ter debaixo do nosso tecto uma alma como a que resplende, se posso exprimir-me assim, no seu amigo Traddles. Com uma lavadeira, que vende bolos folhados, por mais próxima vizinha e um agente de polícia como inquilino da casa em frente, pode conceber que a companhia dele é uma grande suavidade para *Mistress* Micawber e para mim. Por agora, emprego-me em vender trigo à comissão. Esta ocupação não é remuneradora; noutros termos, não rende nada e como consequência vieram os embaraços pecuniários de uma natureza temporária. Sinto-me feliz por lhe dizer, todavia, que tenho em perspectiva a probabilidade de ver chegar qualquer coisa (desculpe-me de não poder dizer em que género, não posso confiar-lhe este segredo), qualquer coisa que me há-de permitir, espero, livrar-me de apuros, assim como o seu amigo Traddles, ao qual voto um verdadeiro interesse. Não se admirará talvez sabendo que *Mistress* Micawber se encontra num estado de saúde que não torna completamente impossível a suposição de que os penhores do afecto que... numa palavra, que um novo nené venha dentro em pouco juntar-se ao bando infantil. A família de *Mistress* Micawber houve por bem exprimir o seu descontentamento por este estado de coisas. Tudo quanto posso dizer é que não sei o que é que tenham que ver com isso e que repilo essa manifestação dos seus sentimentos com desgosto e desprezo.

*Mister* Micawber deu-me então um novo aperto de mão e deixou-me.

## Capítulo XXVIII — É preciso que *Mister* Micawber atire a luva à sociedade

Até ao dia em que devia receber os velhos amigos que tornara a encontrar, vivi de Dora e de café. O meu apetite sofria com o ardor do meu amor e eu estava muito satisfeito, porque me parecia que cometeria um acto de perfídia contra Dora, se pudesse jantar com prazer como habitualmente. Por mais que andasse um dia inteiro, o exercício não produzia as suas consequências naturais, visto que o desapontamento destruía o efeito do grande ar. E depois, é preciso dizer tudo, tenho muito justificadas dúvidas pela amarga experiência que adquiri nessa época da minha vida, sobre a questão de saber se uma criatura humana, submetida à perpétua tortura de trazer botas muito apertadas, pode ser sensível aos gozos da alimentação animal. Creio que é preciso primeiro que as extremidades estejam livres para que o estômago possa operar de *per si* com vigor.

Não renovei, por ocasião dessa pequena reunião de amigos, os grandes preparativos que tinha feito não havia muito. Mandei vir apenas um par de linguados, uma pequena perna de carneiro e um pastelão de pombos. *Mistress* Crupp revoltou-se à primeira proposta que lhe fiz de mandar cozinhar o peixe e o carneiro e disse-me com um sentimento profundo de dignidade ofendida:

— Não, não senhor! O senhor não me pedirá tal coisa. Conhece-me muito bem para supor que eu seja capaz de fazer o que quer que seja que repugne aos meus sentimentos!

Mas por fim houve uma transacção e *Mistress* Crupp consentiu em incumbir-se dessa grande empresa, com a condição de que eu jantaria fora, durante quinze dias.

Notarei aqui que a tirania de *Mistress* Crupp, me causava sofrimentos indizíveis. Nunca tive tamanho medo de ninguém. Passávamos a nossa vida a fazer transacções um e outra. Se eu hesitava, ela tomava-se de repente desse mal extraordinário, que se conservava em emboscada em algum recanto do seu temperamento, prestes a valer-se do menor pretexto para pôr a sua vida em perigo. Se eu tocasse com impaciência, depois de uma meia dúzia de modestas chamadas de campainha sem efeito, quando ela aparecia, o que nem sempre sucedia, era com um ar de reprimenda; caía esbaforida numa cadeira junto da porta, punha a mão no seu seio de nanquim e ficava de tal modo indisposta, que eu dava-me por bem satisfeito em me ver livre dela à custa da minha aguardente

ou de qualquer outro sacrifício. Se eu achasse mau que não me tivesse feito a cama às cinco horas da tarde, o que persisto em considerar como um grande desmazelo, um único gesto da mão para essa região de nanquim da sua sensibilidade ferida punha-me logo na necessidade de balbuciar desculpas. Numa palavra, eu estava pronto a fazer todas as concessões que a honra não reprovava, a ter de melindrar *Mistress* Crupp. Era o terror da minha vida.

Obtive uma criada de ocasião para esse jantar, em vez de tomar de novo o rapaz muito hábil, contra o qual concebera alguns juízos antecipados desde que o encontrei um domingo de manhã, no Strand, com um colete que se parecia extraordinariamente com um dos meus que me faltava desde o dia em que ele tinha servido em minha casa. Quanto à criada, foi convidada a limitar-se a trazer pratos e a retirar-se logo para o patamar, onde ninguém a ouviria fungar, como era seu costume. Era, de resto, o meio de evitar que ela pudesse calcar pratos aos pés na sua atabalhoada fugida.

Preparei os materiais necessários para uma taça de *punch*, cuja confecção contava confiar a *Mister* Micawber; comprei uma garrafa de água de alfazema, duas velas, um pacote de alfinetes sortidos e uma alfineteira que coloquei em cima do toucador, para o caso de serem precisos a *Mistress* Micawber. Mandei acender o fogão do meu quarto de dormir, para satisfação de *Mistress* Micawber e depois, tendo eu próprio posto a mesa, esperei com tranquilidade o efeito dos meus preparativos.

A hora indicada, chegaram juntos os meus três convidados. O colarinho de *Mister* Micawber era maior do que de costume e tinha posto uma fita nova na luneta. *Mistress* Micawber trazia a touca embrulhada num papel pardo; Traddles trazia o embrulho e dava o braço a *Mistress* Micawber. Todos ficaram encantados com o meu quarto. Quando conduzi *Mistress* Micawber diante do meu toucador e que ela viu os preparativos que em sua honra eu tinha feito, ficou tão enlevada que chamou *Mister* Micawber.

— Meu caro Copperfield — disse *Mister* Micawber — é um luxo completo. É uma prodigalidade que me recorda o tempo em que eu vivia no celibato e em que *Mistress* Micawber não fora ainda solicitada para ir depor a sua fé no altar do himeneu.

— Quer dizer solicitada por ele, senhor Copperfield — disse *Mistress* Micawber num tom carinhoso. — Não pode falar de outros.

— Minha querida — replicou *Mister* Micawber com uma seriedade repentina — não tenho desejo algum de falar de outros. Sei muito bem que, quando nas decisões impenetráveis do Destino me foi reservada, estava talvez reservada para um homem destinado, após longos combates, a tornar-se enfim vítima de um embaraço pecuniário complicado. Compreendo a sua alusão, minha amiga.

Lamento-a, mas perdoo-lhe.

— Micawber! — exclamou *Mistress* Micawber chorando —, é assim que eu mereço ser tratada! Eu que nunca o abandonei, que nunca o hei-de abandonar!

— Meu amor — disse *Mister* Micawber emocionadíssimo — queira perdoar-me e o nosso antigo amigo Copperfield perdoar-me-á também, estou certo, uma susceptibilidade momentânea causada pelas feridas que veio reabrir uma colisão recente com o sede do poder, noutros termos, com um miserável rato-de-cano adido ao serviço das águas e espero que lastimem, sem o condenar, este excesso de sensibilidade.

E, dito isto, *Mister* Micawber beijou *Mistress* Micawber, apertou-me a mão e eu concluí pela alusão que ele acabava de fazer que lhe tinham cortado a água da cidade, por ele não pagar o que devia à Companhia. Para desviar os seus pensamentos deste assunto melancólico, informei *Mister* Micawber que contava com ele para a taça do *punch* e mostrei-lhe os limões. O seu abatimento, para não dizer o seu desespero, desapareceu num momento. Nunca vi um homem gozar com o perfume da casca do limão, com o açúcar, com o cheiro do rum e com o vapor da água a ferver, como *Mister* Micawber nesse dia. Era um gosto ver o seu rosto resplandecer no meio da nuvem formada por essas vaporações delicadas, enquanto misturava, que mexia, que provava, que tinha o ar, enfim, em vez de preparar *punch*, de ocupar-se em fazer uma fortuna considerável que devia enriquecer a sua família de geração em geração. Quanto a *Mistress* Micawber, não sei se foi o efeito da touca, ou da água de alfazema, ou dos alfinetes, ou do fogão, ou das velas, mas saiu do meu quarto encantadora, comparativamente e sobretudo alegre como um tentilhão.

Suponho, nunca me atrevi a perguntar-lhe, mas suponho que depois de frigir os linguados, *Mistress* Crupp achou-se incomodada, porque o jantar parou nessa altura. A perna de carneiro veio para a mesa, toda em sangue por dentro e sem tostar por fora, sem contar que vinha coberta de uma substância estranha, de natureza poeirenta, que parecia indicar ter caído na cinza do enfurnado fogão da cozinha. Talvez que o molho nos fornecesse sobre o caso algumas informações, mas não o havia; a «rapariga» tinha-o entornado todo pelas escadas, onde formava um longo rasto, que, seja dito de passagem, lá ficou enquanto quis, sem ninguém lhe bulir. O pastelão de pombos não estava mal-encarado, mas era um pastelão enganador: a crosta parecia-se com essas cabeças desesperadoras para o frenólogo, cheias de bossas e de eminências, mas vazias do resto. Em suma, o banquete fez fiasco e eu seria infelicíssimo (do meu pouco êxito é que eu quero dizer, porque o era sempre ao pensar em Dora), se não fosse reanimado pelo bom humor dos meus hóspedes e por uma ideia luminosa de *Mister* Micawber.

— Meu caro Copperfield — disse *Mister* Micawber — dão-se acidentes nas

melhores casas, mas naquelas que não são governadas por essa influência soberana que santifica e realça o... a..., numa palavra, pela influência da mulher revestida do santo carácter da esposa, devem esperar—se pela certa e é preciso saber suportá-los com filosofia. Se me permite observar-lhe que há poucos comestíveis que valham mais no seu género do que carne grelhada, dir-lhe-ei que, dividindo-se o trabalho, poderemos chegar a um excelente resultado desta natureza, se a rapariga que nos serve quisesse arranjar-nos uma grelha; digo-lhe que então este pequeno contratempo fica reparado num pronto.

Havia na cozinha uma grelha, na qual todas as manhãs assava a minha fatia de toucinho; trouxeram-na num abrir e fechar de olhos e no mesmo instante se tratou de pôr em execução a ideia de *Mister* Micawber. A divisão do trabalho que ele concebeu, fez-se assim: Traddles cortava o carneiro às fatias; *Mister* Micawber, que tinha um grande talento para todas as coisas deste género, cobria-as de pimenta, sal e mostarda; eu punha-as na grelha, virava-as com um garfo, depois tirava-as do lume sob a direcção de *Mister* Micawber, enquanto *Mistress* Micawber aquecia e mexia constantemente molho com cogumelos, numa tigelinha. Quando tínhamos suficientes fatias para começar o banquete, caímos-lhe em cima ainda com as mangas arregaçadas e com nova série de fatias a grelhar, partilhámos a nossa atenção entre o carneiro em actividade de serviço nos nossos pratos e o que ainda estava no fogo.

A novidade destas operações culinárias, a sua excelência, a actividade que exigiam, a necessidade da gente se levantar a todo o momento para ver as fatias que estavam ao lume e tornar-se a sentar a cada instante para as devorar à medida que saíam da grelha, muito quentes ou a ferver; os rostos animados pelo nosso próprio ardor e pelo do fogo, tudo isso nos divertia tanto, que no meio dos nossos risos folgazões e dos nossos êxtases gastronómicos, bem depressa não ficou da perna de carneiro senão o osso; o meu apetite reaparecera de uma maneira maravilhosa. Tenho vergonha de o dizer, mas creio, em verdade, que me esqueci de Dora um momento, um pequenino momento; estou convencido de que *Mister* e *Mistress* Micawber não encontrariam a festa mais alegre quando tivessem vendido uma cama para a pagar. Traddles ria, comia e trabalhava com a mesma animação e todos nós fazíamos o mesmo. Nunca ninguém viu sucesso mais completo.

Estávamos, pois, no auge da felicidade e trabalhávamos cada um no nosso departamento respectivo, a dar à carne grelhada o último grau de perfeição para coroamento da festa, quando reparei que tinha entrado um estranho no meu aposento; e os meus olhos encontraram os do grave Littimer, que se conservava diante de mim, de chapéu na mão.

— Que temos? — perguntei involuntariamente.

— Peço-lhe perdão, senhor; disseram-me que subisse. O meu amo não está cá, senhor?

— Não.

— O senhor não o viu?

— Não; então não esteve com ele?

— Agora, não, senhor.

— E ele disse-lhe que havia de o encontrar aqui?

— Precisamente, não, senhor, mas penso que há-de cá vir amanhã, já que não veio hoje.

— Ele vem de Oxford?

— Se o senhor se quisesse sentar — continuou ele respeitosamente — pedir-lhe-ia licença para o substituir por um momento.

E, nisto, tirou-me o garfo sem que eu fizesse resistência alguma e inclinou-se sobre a grelha, como se concentrasse toda a sua atenção nessa operação delicada.

A chegada de Steerforth não nos desarranjaria muito; mas ficámos num instante completamente humilhados e desanimados pela presença do seu respeitável criado. *Mister* Micawber deixou-se escorregar na cadeira, cantarolando uma canção, para mostrar que estava perfeitamente à vontade. O cabo de um garfo que ele tinha escondido precipitadamente no seu colete via-se atravessado, como se acabasse de se apunhalar. *Mistress* Micawber enfiou as luvas castanhas e deu-se ares de lânguida, elegante. Traddles passou as mãos gordurosas pelos cabelos, que desgrenhou completamente e olhava para a toalha, num ar de confusão. Quanto a mim, eu não passava de um *baby* à minha própria mesa e mal me atrevia a deitar um olhar sobre esse respeitável fenómeno que chegava não sei de onde para pôr a minha casa em ordem.

No entanto, ele tirou o carneiro da grelha e serviu-o gravemente a todos em volta da mesa. Aceitamos, mas tínhamos todos perdido o apetite e apenas fizemos que comemos. Vendo-nos tirar os pratos para o lado, retirou-os sem ruído e pôs o queijo na mesa. Retirou-o também, quando todos se serviram, arrumou a mesa, pôs os pratos uns sobre os outros no aparador volante, distribuiu-nos cálices, pôs o vinho na mesa e empurrou o aparador para a cozinha. Tudo isto foi executado na perfeição e sem que levantasse sequer os olhos, unicamente ocupado, ao que parecia, no seu *mister.* Mas quando voltava costas, eu via, somente pelos seus cotovelos, que exprimiam abertamente a sua firme convicção de que eu era extremamente novo.

— O senhor quer que lhe faça qualquer coisa mais?

— Obrigado. Mas não quer também jantar?

— Não, senhor; sou-lhe muito agradecido.

— *Mister* Steerforth vem de Oxford?

— Tem a bondade de dizer...

— Pergunto se *Mister* Steerforth vem de Oxford?

— Penso que deve estar aqui amanhã, senhor. Julgava mesmo encontrá-lo hoje em sua casa. Sem dúvida que me enganei.

— Se estiver com ele antes de mim...

— Peço perdão, mas não penso vê-lo antes que o senhor.

— Mas no caso em que o, veja, diga-lhe que me sinto desgostado por o não ver hoje aqui, porque ter-se-ia encontrado com outro dos seus antigos camaradas.

— Deveras, senhor?

E partilhou a sua mesura de cumprimento entre mim e Traddles, ao qual lançou um olhar de relance.

Seguia ele sem ruído o caminho da porta, quando eu, fazendo um esforço desesperado para lhe dizer enfim qualquer coisa num tom simples e natural, o que ainda não tinha sucedido, lhe disse:

— Olhe, Littimer!

— Senhor!

— Demorou-se muito tempo em Yarmouth desta vez?

— Muitíssimo tempo não.

— Viu acabar o barco?

— Sim, senhor; eu tinha ficado para o ver acabar.

— Bem sei. — Ele ergueu para mim os olhos com um ar de respeito. — *Mister* Steerforth não o viu ainda, penso?

— Não lho posso dizer, senhor. Penso... mas não posso realmente dizer... Desejo-lhe muito boa tarde.

Compreendeu todos os assistentes na saudação respeitosa que se seguiu a estas palavras, depois desapareceu.

Os meus hóspedes pareceram respirar mais livremente depois dele ir embora e quanto a mim, senti-me a mais não ser aliviado, porque, além do constrangimento que me inspirava sempre, a estranha convicção em que eu estava de que as minhas faculdades se paralisavam diante desse homem a minha consciência era perturbada pela ideia de que eu tinha certa desconfiança de seu amo e não podia reprimir um certo receio vago de que não fosse ele dar fé. Como era que tendo tão poucas coisas a ocultar, eu tremia sempre que esse homem viesse a descobrir o meu segredo? *Mister* Micawber tirou-me das minhas reflexões, às quais se imiscuía um certo receio, misto de remorso, de ver Steerforth aparecer, fazendo os maiores elogios a Littimer ausente, como sendo um respeitabilíssimo rapaz e um excelente criado. É bom notar que *Mister* Micawber tinha tomado a sua grande parte da saudação feita a toda a sociedade e recebera-a com uma condescendência infinita.

— Mas o *punch*, meu caro Copperfield — disse *Mister* Micawber provando-o — é como o vento e a maré, não espera por ninguém. Ah! Sentem-lhe o perfume? Está agora no ponto próprio. Meu amor, quer dar-nos a sua opinião?

*Mistress* Micawber declarou que estava excelente.

— Então — disse *Mister* Micawber — vou beber, se o nosso amigo Copperfield dá licença que eu tome essa liberdade... vou beber ao tempo em que o nosso amigo e eu éramos mais novos e em que lutávamos ao lado um do outro contra as dificuldades para cada um furar do seu lado. Posso dizer de mim e de Copperfield, como muitas vezes cantámos juntos:

Fomos pelos campos fora
os botões de ouro colher

tudo isso no figurado, bem entendido. Não sei bem — continuou *Mister* Micawber com o seu antigo ribombo na voz e essa maneira indefinível de procurar qualquer termo elegante — o que vêm a ser esses botões de ouro da cançoneta, mas não duvido que muitas vezes os tivéssemos colhido, Copperfield e eu, se fosse possível.

*Mister* Micawber, ao falar assim, bebeu um golo. Nós todos o imitamos. Traddles estava evidentemente mergulhado em espanto e perguntava de si para si em que época longínqua *Mister* Micawber pudera contar-me por companheiro nessa grande luta do mundo, em que combateremos ao lado um do outro.

— Ah! — disse *Mister* Micawber lubrificando a garganta e duplamente animado pelo *punch* e pelo fogo. — Minha querida, vai outro copo?

*Mistress* Micawber disse que apenas queria uma gota, mas nós não quisemos ouvir falar disso e enchemos-lhe o copo.

— Como nos encontrámos aqui só nós, senhor Copperfield — disse *Mistress* Micawber bebendo o seu *punch* aos golinhos — pois que *Mister* Traddles é da casa, desejaria ouvir a sua opinião acerca do futuro de *Mister* Micawber. O comércio dos trigos — continuou ela num tom sério — pode ser um comércio distinto, mas não é produtivo. Comissões que rendem dois xelins e nove *pence* em quinze dias não podem, por mais modesta que seja a nossa ambição, ser consideradas como um bom negócio.

Conviemos todos nesta verdade.

— Assim, pois — disse *Mistress* Micawber, que se vangloriava de ter o espírito positivo e corrigir com o seu bom senso a imaginação de *Mister* Micawber um pouco suspeita — apresento esta pergunta: Se não se pode contar com os trigos, para onde nos havemos de voltar? Para o carvão? Basta. Já voltámos a nossa atenção para esse lado, por conselho da minha família e só

decepções foi que encontrámos.

*Mister* Micawber, com as duas mãos nos bolsos, enterrou-se na sua poltrona e olhou-nos de soslaio com um sinal de cabeça, como para nos dizer que era impossível expor mais claramente a situação.

— Os artigos trigo e carvão — disse *Mistress* Micawber com uma seriedade de discussão cada vez mais pronunciada — achando-se, pois, igualmente postos de parte, senhor Copperfield, eu olho naturalmente em volta de mim e digo comigo: «Qual é a situação em que um homem que possui os talentos de *Mister* Micawber teria mais probabilidade de êxito?» Excluo de princípio qualquer empresa de comissão, porque a comissão não apresenta estabilidade e estou convencida de que a estabilidade é o que melhor convém ao carácter particular de *Mister* Micawber.

Traddles e eu exprimimos por um murmúrio bem sentido que essa apreciação do carácter de *Mister* Micawber era fundada sobre os factos e fazia-lhe a maior honra.

— Não lhe ocultarei, meu caro senhor Copperfield — disse *Mistress* Micawber — que eu penso há muito tempo que a especialidade da cervejaria é particularmente adaptada às disposições de *Mister* Micawber. Veja Barclay e Perkins! Veja Truman, Hanbury e Buxton! É sobre esta vasta escala que as faculdades de *Mister* Micawber, sei-o melhor que ninguém, são feitas para brilhar em todo o seu esplendor e os proventos, dizem-me, são E...NOR...MES! Mas como *Mister* Micawber não pode penetrar nesses estabelecimentos, recusam-se mesmo a responder às cartas em que ele oferece os seus serviços para ocupar uma posição inferior; de que serve tornar a voltar a essa ideia? De nada. Posso ter pessoalmente a convicção de que as maneiras de *Mister* Micawber...

— Então! Por quem é, minha querida... — disse *Mister* Micawber interrompendo-a por modéstia.

— Meu amigo, cale-se — disse *Mistress* Micawber pousando a sua luva castanha no braço de seu marido. — Eu posso, senhor Copperfield, ter pessoalmente a convicção de que as maneiras de *Mister* Micawber seriam particularmente convenientes numa casa bancária; posso dizer para mim que se tivesse dinheiro colocado numa casa bancária, as maneiras de *Mister* Micawber, como representante dessa casa, inspirar-me-iam toda a confiança e poderiam contribuir para estender as relações dessa mesma casa. Mas se todas as casas bancárias recusam abrir essa carreira aos talentos de *Mister* Micawber e rejeitam com desprezo a oferta dos seus serviços, de que serve tornar a voltar a essa ideia? De nada. Quanto a fundar uma casa bancária posso dizer que há membros da minha família que se lhes conviesse colocar dinheiro entre as mãos de *Mister*

Micawber, bem depressa teriam criado para ele um estabelecimento desse género. Mas se não lhes convém colocar dinheiro nas mãos de *Mister* Micawber, o que é precisamente o caso, de que serve pensar nisso? Concluo pois que não estamos mais adiantados do que dantes.

Sacudi a cabeça e não pude deixar de dizer:

— De forma alguma.

Traddles sacudiu também a cabeça e repetiu:

— De forma alguma.

— Sabe o que eu concluo de tudo isto? — prosseguiu *Mistress* Micawber com o mesmo talento de exposição para pôr claramente em foco uma situação. — Sabe qual é, meu caro senhor Copperfield a conclusão a que cheguei, de uma maneira irresistível? Ei-la, o senhor me dirá se fiz mal: é que todavia precisamos de viver.

— De modo algum — respondi —, não fez mal.

Traddles respondeu:

— De modo algum.

Eu acrescentei em seguida gravemente sozinho:

— Não há alternativa, é preciso viver ou morrer.

— Justamente — replicou *Mistress* Micawber —; é precisamente isso. E o facto é, meu caro senhor Copperfield, que não podemos viver, a menos que as circunstâncias actuais não venham a mudar completamente. Estou convencida e tenho feito notar várias vezes a *Mister* Micawber de há algum tempo a esta parte, que as boas ocasiões não vêm completamente sós. É preciso, até um certo ponto, a gente ajudar-se a si mesmo. Posso enganar-me, mas é a minha opinião.

Traddles aplaudiu abertamente, assim como eu.

— Muito bem! — disse *Mistress* Micawber — Agora que é o que eu aconselho? Aqui está *Mister* Micawber, com faculdades variadas, com grandes talentos...

— Por quem é, minha querida... — disse *Mister* Micawber.

— Meu amigo, deixe-me concluir. Aqui está *Mister* Micawber com faculdades muito variadas, com grandes talentos e poderia acrescentar com génio, mas dir-se-ia talvez que é porque sou sua mulher...

Aqui Traddles e eu murmurámos juntamente: «Não».

— E todavia aqui está *Mister* Micawber sem posição e sem emprego que lhe convenham. Sobre quem recai essa responsabilidade? Evidentemente sobre a sociedade. Eis a razão porque eu desejaria divulgar um facto tão vergonhoso, para obrigar ousadamente a sociedade a reparar as suas injustiças. Parece-me, meu caro senhor Copperfield — continuou *Mistress* Micawber com energia — que *Mister* Micawber não tem outra coisa a fazer senão atirar a luva à sociedade

e dizer positivamente: «Vamos a ver quem a há de levantar? Haverá alguém que se apresente?»

Aventurei-me a perguntar a *Mistress* Micawber como se poderia isso fazer.

— Publicando um reclamo em todos os jornais — disse *Mistress* Micawber. — Parece-me que *Mister* Micawber deve por si próprio, que deve por sua família e direi mesmo pela sociedade que o pôs de lado durante tanto tempo, publicar um reclamo em todos os jornais, descrever claramente a sua pessoa e os seus conhecimentos, acrescentando: Agora pertence-lhe empregar-me de uma maneira lucrativa: dirigir, franco, a W. M., posta-restante, Camden-Town.

— Esta ideia de *Mistress* Micawber, meu caro senhor Copperfield — disse *Mister* Micawber, aproximando dos dois lados do queixo os cantos do colarinho — é, na realidade, o *salto* maravilhoso a que fiz alusão, a última vez que tive o gosto de o ver.

— A inserção do anúncio fica cara — arrisquei-me a dizer com alguma hesitação.

— Precisamente — disse *Mistress* Micawber sempre no mesmo tom de lógica. — Tem muita razão, meu caro senhor Copperfield. Essa mesma observação fiz eu a *Mister* Micawber. É precisamente por essa razão que eu creio que *Mister* Micawber deve por si próprio, como já o disse, que deve por sua família e pela sociedade arranjar uma certa quantia por letra.

*Mister* Micawber encostou-se no espaldar da cadeira, brincou um pouco com a luneta e olhou para o tecto, mas pareceu-me que ao mesmo tempo observava Traddles, que olhava para o brasido.

*Mistress* Micawber continuou:

— Se não se encontrar um membro da minha família que tenha os suficientes sentimentos naturais para... negociar uma letra, creio que se emprega outra palavra em comércio para exprimir o que quero dizer.

*Mister* Micawber, com os olhos sempre fixos no tecto, sugeriu: «descontar».

— ...Para descontar essa letra — prosseguiu *Mistress* Micawber — a minha opinião neste caso é que *Mister* Micawber fará bem ir à City apresentar a letra em casa dos cambistas e de fazer render o negócio como puder. Se os cambistas obrigarem *Mister* Micawber a algum grande sacrifício, é uma questão entre eles e a sua consciência. Mas isso não me impede de considerar positivamente essa operação como uma boa colocação. Eu animo *Mister* Micawber, meu caro senhor Copperfield, a fazer o mesmo, a considerar como uma colocação segura e a resignar-se com todos os sacrifícios que puderem ser-lhe impostos.

Imaginei de mim para mim, não sei porquê, que *Mistress* Micawber fazia nisso prova de desinteresse e que não escutava senão a sua dedicação por seu marido; murmurei até algumas coisas a Traddles, que fez outro tanto, por

imitação, sempre olhando para o fogo.

— Não quero — disse *Mistress* Micawber, acabando o seu *punch* e puxando a *écharpe* para os ombros antes de passar ao meu quarto de dormir para fazer os seus preparativos de partida — não quero prolongar estas observações acerca dos negócios pecuniários de *Mister* Micawber, ao canto do seu fogo, meu caro senhor Copperfield e em presença de *Mister* Traddles, que não é, verdade seja, nosso amigo há tanto tempo como o senhor, mas que não consideramos menos como um dos nossos; todavia, não pude deixar de o pôr ao corrente do procedimento que aconselho a *Mister* Micawber. Sinto que chegou o tempo de proceder de moto próprio e reivindicar os seus direitos e parece-me ser esse o melhor meio. Bem sei que não passo de uma mulher e que o julgamento dos homens é olhado, em geral, como mais competente em tais questões, mas não posso esquecer que, quando eu estava com o papá e a mamã, o papá tinha o hábito de dizer: «Ema, com o seu pequeno temperamento frágil, toma conta de uma questão tão bem como seja quem for». Bem sei que o papá me via com olhos de pai, mas o meu dever, a minha razão proíbem-me igualmente de duvidar que houvesse um grande discernimento para julgar o carácter das pessoas.

A estas palavras, *Mistress* Micawber, resistindo a todas as rogativas, recusou-se a assistir à consumação do resto do *punch* e retirou-se para o meu quarto de dormir. E realmente eu dizia de mim para mim que era uma nobre mulher, que deveria ter nascido matrona romana, para realizar toda a espécie de acções heróicas num tempo de perturbações políticas.

No ardor da minha impressão, felicitei *Mister* Micawber pela posse desse tesouro. Traddles também. *Mister* Micawber estendeu-nos a mão a ambos, depois tapou a cara com o lenço, que com certeza não sabia que estava tão sujo de rapé e em seguida voltou ao *punch*, com a mais franca hilaridade.

Foi cheio de eloquência; deu-nos a entender que se revivia nos seus filhos e que, sob o peso de embaraços pecuniários todo o aumento no número deles era duplamente bem-vindo. Disse ele que *Mistress* Micawber tivera ultimamente algumas dúvidas sobre este ponto, mas que ele as dissipara e a tinha tranquilizado. Quanto à sua família, todos os seus membros eram indignos dela e a sua maneira de ver era-lhe muito indiferente, podiam ir para... cito a sua própria expressão... para... o diabo.

*Mister* Micawber lançou-se em seguida num elogio pomposo de Traddles. Disse que o carácter de Traddles era um conjunto de virtudes sólidas, às quais ele (*Mister* Micawber) não podia pretender, sem dúvida, mas que podia pelo menos admirar, graças ao céu. Fez uma alusão tocante à senhora desconhecida a quem Traddles honrava com o seu afecto e que houvera por bem honrar e

enriquecer Traddles com o seu. *Mister* Micawber bebeu à sua saúde e eu também. Traddles agradeceu-nos a ambos com uma simplicidade e uma franqueza que eu tive o bom senso de achar encantadoras, dizendo: «Sou-lhes muito reconhecido, asseguro-lhes; se soubessem como é uma boa rapariga!».

*Mister* Micawber, um momento depois, aludiu, com muita delicadeza e precaução, ao estado do meu coração. Uma segurança positiva do contrário é que o obrigaria a renunciar, disse, à convicção de que o seu amigo Copperfield amava e era amado. Após um momento de mal-estar e de emoção, depois de haver negado, corado, balbuciado, eu disse, levantando o copo: «Pois bem! Bebo à saúde de D...!», o que encantou e excitou tanto *Mister* Micawber, que correu, com um copo de *punch*, ao meu quarto de dormir, para que *Mistress* Micawber correspondesse à saúde a D..., o que ela fez com entusiasmo, gritando numa voz aguda: «Ouça! Ouça! Meu caro senhor Copperfield, sinto-me encantada, bravo!» e batendo na parede, à laia de aplausos.

A conversação tomou em seguida uma orientação mais mundana. *Mister* Micawber disse-nos que achava Camden-Town muito incómoda e que a primeira coisa que contava fazer quando os anúncios lhe tivessem angariado qualquer coisa de satisfatório, era mudar de casa. Falou de uma casa na extremidade ocidental de Oxford Street deitando sobre Hyde Park e sobre a qual lançara sempre os olhos, mas não pensava poder ali instalar-se imediatamente, porque seria preciso um grande trem de casa. Era provável que durante um certo tempo, seria obrigado a contentar-se com a parte superior de uma casa, por cima de algum armazém respeitável, em Piccadilly, por exemplo: a situação seria agradável para *Mistress* Micawber e construindo um balcão, ou erguendo um andar à casa, ou fazendo alguma outra obra deste género, seria possível alojar-se de uma maneira cómoda e conveniente durante alguns anos. Acontecesse-lhe o que lhe pudesse acontecer e fosse qual devesse ser a sua habitação, podíamos contar — acrescentou — que lá haveria sempre um quarto para Traddles e um talher para mim. Exprimimos-lhe o nosso reconhecimento pelas suas bondades e ele pediu-nos perdão por se ter lançado em minudências de governo de casa; era uma disposição bastante natural que se tornava necessário desculpar num homem em vésperas de entrar numa vida nova.

*Mistress* Micawber neste momento bateu novamente na parede para saber se o chá estava pronto e interrompeu assim a nossa conversação amigável. Deitou-nos chá o mais amavelmente e todas as vezes que eu me aproximava dela para levar as chávenas ou para fazer circular as fatias de pão com manteiga, ela perguntava-me baixinho se D..., era loira ou morena, se era alta ou baixa, ou outro qualquer pormenor desse género e parece-me que isso não me desagradava. Depois do chá, discutimos uma quantidade de questões diante do

lume e *Mistress* Micawber teve a bondade de nos cantar, numa vozinha aguda e fraca (que eu antigamente considerava, lembro-me bem, como o que se podia ouvir de mais agradável), as baladas favoritas do *Lindo sargento branco* e do *Pequeno Tafflin. Mister* Micawber disse-nos que, quando lhe tinha ouvido o *Sargento branco,* da primeira vez que a vira sob o tecto paterno, atraíra a sua atenção ao mais alto ponto, mas que, quando chegara ao *Pequeno Tafflin*, jurara a si próprio possuir essa mulher ou morrer de paixão.

Eram quase dez horas e meia quando *Mistress* Micawber se levantou para embrulhar a touca no papel pardo e pôr o chapéu. *Mister* Micawber aproveitou-se do momento em que Traddles vestia o seu casaco para me passar uma carta, pedindo-me baixo que a lesse quando tivesse tempo. Por minha vez, aproveitei-me do momento em que lhes alumiava com a vela do alto da escada, enquanto *Mister* Micawber descia à frente com *Mistress* Micawber e retive Traddles, que já ia atrás deles, com o embrulho da touca na mão:

— Traddles — disse-lhe — *Mister* Micawber não tem más intenções, pobre homem, mas se eu estivesse no seu lugar não lhe emprestava um *penny.*

— Meu caro Copperfield — disse Traddles sorrindo — não tenho que emprestar.

— Tem sempre o seu nome, sabe?

— Ah! Chama a isso qualquer coisa de emprestar? — disse Traddles com ar pensativo.

— Certamente.

— Oh! Sim, é certo — disse Traddles. — Sou-lhe muito obrigado, Copperfield, mas tenho receio de o haver já emprestado.

— Para essa tal letra que é uma colocação segura? — perguntei.

— Não — disse Traddles. — Para essa não. É a primeira vez que ouço falar nela. Pensava que ele me ia propor talvez para a assinar, quando regressássemos a casa. O meu caso é outro.

— Espero que não haja perigo!

— Espero que não — disse Traddles. — Não o creio, porque ele disse-me o outro dia que tinha providenciado. Foi a expressão de *Mister* Micawber: «Já providenciei».

*Mister* Micawber levantou neste momento os olhos para nós e eu só tive tempo de repetir as minhas recomendações ao pobre Traddles, que me agradeceu e desceu. Mas eu, reparando no ar de bom humor com que ele levava a touca e dava o braço a *Mistress* Micawber, tive grande medo de que não se deixasse entregar, atado de pés e mãos, aos cambistas.

Voltei para o canto do meu fogo e reflectia, meio alegre, meio sério, acerca do carácter de *Mister* Micawber e das nossas antigas relações, quando ouvi alguém

que subia apressadamente. Pensei a princípio que seria Traddles que vinha procurar algum objecto esquecido por *Mistress* Micawber, mas à medida que os passos se aproximavam, reconheci melhor, o coração batia-me e o sangue subia-me ao rosto. Era Steerforth.

Eu nunca esquecia Inês e ela nunca deixava o santuário (se assim me posso exprimir) que ocupava no meu espírito desde o primeiro dia. Mas quando ele entrou e que o vi diante de mim, estendendo-me a mão, a nuvem escura que o envolvia no meu pensamento rasgou-se para dar lugar a uma luz brilhante e senti-me envergonhado e confundido por ter duvidado de um amigo tão querido. O meu afecto por Inês não sofreu; pensava sempre nela como no anjo benfeitor da minha vida; as minhas censuras só a mim é que se dirigiam e não a ela; perturbava-me a ideia de que tinha ofendido Steerforth e o meu desejo era expiar essa falta, soubesse eu como fazê-lo.

— Então, Malmequer, meu rapaz, não diz nada? — disse Steerforth com jovialidade, apertando-me a mão o mais amigavelmente. — Venho surpreendê-lo no meio de um outro festim, meu sibarita. Creio em verdade que os praticantes dos *Doctor's-Commons* são os rapazes mais estroinas de Londres; deixam-nos a perder de vista lindamente, a nós que somos a inocente mocidade de Oxford!

Steerforth passeava alegremente o olhar animado em volta do aposento e veio sentar-se no canapé em frente de mim, no lugar que *Mistress* Micawber acabava de deixar; depois pôs-se a atiçar o fogo.

— Foi tal o meu espanto à primeira vista — disse-lhe, dando-lhe as boas-vindas com toda a cordialidade de que era capaz — que nem sequer tive força de lhe dizer bons dias, Steerforth.

— Muito bem! A minha vista faz bem aos olhos doentes, como dizem os escoceses — replicou Steerforth — e a sua produz o mesmo efeito, agora que está em plena floração, meu Malmequer; como vai, senhor Bacanal?

— Muito bem — repliquei — e asseguro-lhe que esta tarde não houve aqui nenhuma bacanal, se bem que confesse que dei de jantar a três pessoas.

— Que eu acabo de encontrar na rua, a fazerem em voz alta o seu elogio — disse Steerforth. — Quem é aquele seu amigo de calça justa?

Em algumas palavras e o melhor que pude, fiz-lhe o retrato de *Mister* Micawber; ele riu com toda a vontade, declarando que era um homem para se conhecer e que havia de falar com ele.

— Mas o outro — disse-lhe por minha vez — o outro é nosso amigo; adivinhe lá quem seja!

— Sabe-o Deus, talvez — disse Steerforth —, eu não. Não é um maçador, pois não? Pareceu-me que tinha o ar um pouco enfadonho!

— Traddles! — disse eu num tom de triunfo.

— Quem vem a ser? — perguntou Steerforth com o seu ar indiferente.

— Pois não se lembra de Traddles? Traddles que dormia no mesmo dormitório que nós em Salem-House?

— Ah! E ele? — disse Steerforth batendo com as tenazes num bocado de carvão colocado no alto da fogueira. — Continua sendo simples como dantes? Aonde é que o foi desenterrar?

Eu fiz de Traddles um elogio tão pomposo quanto possível, porque sentia que Steerforth tinha por ele algum desdém. Mas ele, desviando esse assunto com um aceno e um sorriso, limitou-se a notar que não desgostaria de tornar a ver o nosso antigo camarada, que tinha sido sempre um pobre diabo e depois perguntou-me se eu tinha alguma coisa que lhe dar de comer. Durante os intervalos deste curto diálogo, que sustentava com uma vivacidade febril, ia quebrando carvões com as tenazes, com ar contrariado. Notei que ele continuava, enquanto eu ia tirando do armário os restos do pastelão de pombos e algumas outras sobras do jantar.

— Mas temos uma ceia de rei, Malmequer — exclamou ele saindo de repente da sua divagação e sentando-se à mesa. — Vou comer com apetite, porque venho de Yarmouth.

— Supunha que estava em Oxford! — exclamei.

— Não — disse Steerforth — venho de fazer de marinheiro, o que é melhor.

— Littimer veio cá hoje perguntar por si — prossegui — e depreendi das palavras dele que o senhor estava em Oxford, conquanto deva confessar, agora que nisso penso, que ele não me respondeu nem palavra à pergunta que lhe fiz.

— Littimer é mais tolo do que eu pensava, pois que se dá ao trabalho de me procurar — disse Steerforth enchendo alegremente um copo de vinho e bebendo à minha saúde. — Quanto a querer adivinhar o que ele pensa, será mais hábil que todos nós, Malmequer, se o conseguir.

— Tem toda a razão — disse-lhe aproximando a minha cadeira da mesa. — Com que então o Steerforth esteve em Yarmouth? — acrescentei na minha impaciência de saber notícias das pessoas conhecidas. — Demorou-se por lá muito?

— Não — replicou ele —, foi apenas uma fugida de uns oito dias.

— E como estão por lá? Naturalmente a Emilita não está ainda casada?

— Não, ainda não; esse acontecimento deve realizar-se dentro de não sei quantas semanas ou meses, de uma ou de outra maneira. Não os vi muito. A propósito, tenho uma carta para si — acrescentou pousando a faca e o garfo, que manejara com muito ardor e procurando nos bolsos.

— De quem?

— Da sua velha criada — replicou tirando alguns papéis do bolso do colete.

— «J. Steerforth, esquire, deve ao Hotel da *Boa Vontade*...» Não é isto. Paciência, hei-de encontrá-la. O velhote... não sei como... está doente; é a propósito disso que ela lhe escreve, suponho.

— É de Barkis que quer falar?

— Sim! — respondeu ele procurando sempre nos bolsos e examinando o que havia dentro. — Está tudo acabado para o pobre Barkis, desconfio. Estive com um boticário ou médico, não sei qual deles, que teve a honra de fazer com que Vossa Majestade viesse a este mundo. Deu-me as informações mais sábias; mas, em resumo, a sua opinião é de que o recoveiro não tardará a fazer a sua última viagem. Ora, procure no bolso da frente do casaco que aí está nessa cadeira; creio que lá encontrará a carta. Achou?

— Cá está ela! — exclamei.

— Ah! Justamente.

A carta era de Peggotty; era curta e um pouco menos legível do que de ordinário. Informava-me do estado desesperado de seu marido, fazia alusão a que ele se tornara mais agarrado do que nunca, o que ela lamentava, sobretudo porque não lhe podia dar todos os pequenos mimos que desejava. Não dizia uma palavra das suas fadigas e das suas vigílias, mas não se cansava de elogiar o marido. Tudo isto dito com uma ternura simples, honesta e natural, que eu sabia que era verdadeira e a carta acabava por estas palavras: «todos os meus respeitos ao meu querido menino!». O querido menino era eu.

Enquanto eu decifrava esta carta, Steerforth continuava a comer e a beber.

— É pena — disse ele quando acabou —, mas o sol tem todos os dias o seu ocaso e morre gente de minuto a minuto; não devemos, pois, afligirmo-nos com uma coisa que é o destino comum de toda a gente. Se parássemos todas as vezes que ouvimos bater com o pé a qualquer porta essa viajante que nunca está parada, não faríamos grande ruído no mundo. Não! Para a frente! Pelos maus caminhos, se não há outros, pelos bons caminhos se puder ser, mas sempre para a frente! Saltemos por cima de todos os obstáculos para chegarmos ao nosso fim!

— Qual fim? — perguntei.

— Aquele para o qual a gente se meteu ao caminho — replicou ele. — Para a frente!

Recordo-me que, quando parou a olhar para mim, com o copo na mão e o seu lindo rosto um pouco inclinado para trás, notei pela primeira vez que, conquanto fosse moreno e que a frescura da brisa do mar lhe animasse a tez, as suas feições apresentavam vestígios do ardor apaixonado que lhe era habitual, quando se lançava impetuosamente em qualquer nova fantasia. Tive um momento a ideia de lhe censurar a energia desesperada com que prosseguia o objecto que tinha

em vista, por exemplo essa mania de lutar com o mar encapelado e de afrontar as tempestades; mas veio-me à lembrança o primeiro assunto da nossa conversa e disse-lhe:

— Olhe, Steerforth, se o seu espírito concede dominar-se um pouco para me ouvir um minuto, dir-lhe-ei...

— O espírito de que estou possesso é um poderoso espírito e fará tudo o que o Copperfield quiser — replicou ele levantando-se da mesa e abancando ao canto do fogo.

— Muito bem. Vou-lhe dizer, Steerforth, que tenho desejos de ir ver a minha velha criada. Não que eu possa ser-lhe útil, ou prestar-lhe algum verdadeiro serviço, mas ela quer-me tanto que a minha visita há-de causar-lhe bastante prazer, como se eu pudesse ser-lhe bom para qualquer coisa. Vai ficar tão feliz que será uma consolação e um alívio para ela. Não é um grande esforço a fazer para uma amiga tão fiel. Diga-me: se estivesse no meu lugar, não iria passar um dia com ela?

Ele estava pensativo e reflectiu um momento antes de me responder em voz baixa:

— Pois sim, vá; isso não faz mal.

— Como acaba de chegar de lá — disse-lhe — já vejo que é inútil pedir-lhe para vir comigo.

— Perfeitamente inútil — replicou. — Vou dormir a Highgate esta noite. Há muito que não vejo minha mãe e isso pesa-me na consciência, porque é qualquer coisa ser amado como ela ama o seu filho pródigo. Ora! Que loucura! Com que então conta partir amanhã? — disse apoiando as suas mãos nos meus ombros e conservando-me a distância.

— Creio que sim.

— Pois bem: espere somente até depois de amanhã. Desejava que fosse passar alguns dias connosco; vim expressamente para o convidar e o senhor quer-me fugir para Yarmouth.

— Aconselho-lhe a que não fale de gente que foge, Steerforth, quando o senhor parte como um doido para qualquer expedição desconhecida.

Ele fitou-me um momento sem pronunciar palavra, depois replicou, segurando-me sempre da mesma maneira e sacudindo-me pelos ombros:

— Vamos! Decida-se por depois de amanhã e venha passar amanhã connosco! Quem sabe quando nos tornaremos a ver! Vamos, depois de amanhã. Preciso de si para me poupar o ver-me em frente de Rosa Dartle e para nos separar.

— Receia que não seja bastante seu amigo, se não for? — perguntei.

— Sim, ou bastante inimigo; — disse Steerforth rindo — uma ou outra coisa. Vamos! Está combinado? Depois de amanhã!

— Vá lá, depois de amanhã — assenti.

Ele enfiou o sobretudo, acendeu o charuto e preparou-se para ir até casa a pé. Vendo que tal era a sua resolução, vesti também o meu sobretudo, mas não acendi charuto, bem me bastava o que já tinha havido e acompanhei-o até à estrada real, que não era alegre, de noite, nesse tempo. Ele caminhava apressadamente, e, quando nos separámos, fiquei a contemplá-lo, vendo-o marchar com um passo tão ligeiro e tão firme que me recordei do que me tinha dito: «Saltemos por cima de todos os obstáculos para chegarmos ao nosso fim!» e pus-me a desejar pela primeira vez que o fim que ele prosseguia fosse digno dele.

Já estava no meu quarto e despia-me, quando a carta de *Mister* Micawber me caiu do bolso; fez bem, porque me tinha esquecido dela. Rasguei o sobrescrito e li o que segue abaixo: a carta era datada de uma hora e meia antes do jantar. Não sei se já disse que todas as vezes que *Mister* Micawber se encontrava numa situação desesperada, empregava uma espécie de fraseologia legal que ele parecia olhar como uma maneira de liquidar os seus negócios.

A carta era assim concebida:

> Senhor... porque não me atrevo a dizer, meu caro Copperfield:
>
> É necessário que saiba que o abaixo-assinado está encravado. Há-de talvez notar hoje que ele terá feito alguns débeis esforços para lhe poupar uma descoberta prematura da sua desgraçada situação, mas toda a esperança esvaeceu-se do horizonte e o abaixo-assinado está encravado.
>
> A presente comunicação é escrita em presença (não posso dizer na companhia) dum indivíduo mergulhado num estado próximo da embriaguez e que é empregado de um prestamista. Esse indivíduo está de posse legal destes lugares, por falta de pagamento de aluguer. O inventário que levantou compreende não só todas as propriedades pessoais de todo o género pertencentes ao abaixo-assinado, inquilino por ano desta habitação, mas também todos os efeitos e propriedades de *Mister* Tomás Traddles, sub-inquilino, membro da honrosa corporação do Templo.
>
> Se uma única gota de amargura pudesse faltar à taça já transbordante que se oferece agora (como diz um escritor célebre) aos lábios do abaixo-assinado, encontrar-se-ia neste facto doloroso: de que uma letra endossada a favor do abaixo-assinado pelo supracitado *Mister* Tomás Traddles, da soma de vinte e três libras, quatro xelins e nove *pence*, venceu-se e não foi paga. Encontrar-se-ia também neste facto igualmente doloroso de que as responsabilidades vivas que pesam sobre o abaixo-assinado serão aumentadas segundo o decurso da natureza, por uma nova e inocente vítima da qual se deve aguardar a infeliz chegada ao expirar o prazo de um período que se pode exprimir em números redondos por seis meses lunares, a partir do momento presente.
>
> Depois dos pormenores supraditos, será uma obra que vai além da obrigação acrescentar que cinza e pó cubram para todo o sempre a cabeça de
>
> WILKINS MICAWBER

Pobre Traddles! Eu conhecia bastante *Mister* Micawber para saber que estava seguro de o ver levantar-se desse lance, mas o meu descanso foi perturbado

nessa noite ao lembrar-me de Traddles e da filha do pastor sufragâneo de Devonshire, pai de dez filhos bem vivos. Que pena! Uma tão boa menina! Prontinha, como dizia Traddles (oh, elogio de funesto presságio!), a esperar por ele até aos sessenta anos ou mais que fosse!

## Capítulo XXIX — Vou outra vez visitar Steerforth

Preveni *Mister* Spenlow, nessa manhã, de que precisava de uma pequena licença e como eu não recebia ordenado e, por consequência, nada tinha a recear do terrível Jorkins, não houve dificuldade. Aproveitei a ocasião para dizer numa voz abafada e com uma névoa diante dos olhos, que esperava que *miss* Spenlow estivesse de saúde, ao que *Mister* Spenlow respondeu sem mais emoção, como se falasse de uma criatura ordinária, que me estava muito obrigado, que ela passava muito bem.

Os praticantes destinados à situação aristocrática de procuradores eram tratados com tantas considerações que eu era quase completamente senhor das minhas acções. Todavia, como eu não precisava de chegar a Highgate antes da uma ou duas horas da tarde e como tínhamos, nesse dia, um pequeno processo de excomunhão, passei uma ou duas horas muito agradavelmente no Tribunal, aonde assisti aos pleitos, em companhia de *Mister* Spenlow. A questão apresentava-se com o título de «O dever do juiz invocado por Tipkins contra Bullock para a correcção salutar da sua alma». O processo tinha a sua origem na luta de dois fabriqueiros. Um deles era acusado de ter empurrado o outro contra uma bomba; como a manivela dessa bomba estava colocada numa escola e como essa escola era abrigada por uma das torres da igreja, isso fazia da sua rixa uma questão eclesiástica. O processo era divertido e quando eu ia sentado na diligência para Highgate, ia pensando no Tribunal dos *Doctor's-Commons e* no anátema pronunciado por *Mister* Spenlow contra quem quer que viesse, tocando no Tribunal, esbarrondar a nação.

*Mistress* Steerforth ficou muito satisfeita por me ver e Rosa Dartle também. Fiquei agradavelmente surpreendido por lá não ver Littimer, que fora substituído por uma criadinha de ar modesto, que trazia uma touca com fitas azuis e cujos olhos eu gostava muito mais de encontrar do que os daquele homem respeitável; achava-os menos incómodos. Mas o que eu notei sobretudo, passada meia hora que estava em casa de Steerforth, foi a atenção e cuidado com que *miss* Dartle me vigiava e a preocupação com que ela parecia comparar a minha cara com a de Steerforth, depois a de Steerforth com a minha, como se esperasse surpreender algum olhar de inteligência entre nós. Todas as vezes que olhava para ela, estava seguro de encontrar esses olhos ardentes e sombrios e esse olhar penetrante fixo sobre o meu rosto, para daí passar imediatamente ao de Steerforth, quando não olhava para nós ambos ao mesmo tempo. E, longe de renunciar a essa vigilância de lince, quando viu que eu tinha dado fé, pareceu-me

pelo contrário que o seu olhar se tornou mais penetrante e a sua atenção mais acentuada. Por mais inocente que me sentisse, em toda a consciência, das pechas de que de mim desconfiava, nem por isso procurava evitar menos esses olhos estranhos cujo ardor esfaimado não podia suportar.

Durante todo o dia, só ela é que a gente encontrava por toda a casa. Se eu conversava com Steerforth no quarto dele, ouvia-lhe o vestido a roçar pela parede do corredor. Se nos exercitávamos na relva, da banda das traseiras, nos nossos antigos divertimentos, via-lhe aparecer o rosto a todas as janelas sucessivamente, como um fogo fátuo, até escolher uma janela propícia para melhor nos ver. De uma vez que passeávamos todos os quatro uma tarde, ela pegou-me no braço e apertou-o com a mãozita magra como num torno, para ficar só comigo, deixando Steerforth e a mãe caminharem uns passos à frente e quando eles já não a podiam ouvir, disse-me:

— Esteve tanto tempo sem cá vir! A sua profissão é realmente tão interessante e tão presa que possa absorver todo o seu interesse? Se lhe faço esta pergunta, é porque gosto sempre de saber o que não sei. Diga-me, é, realmente?

Repliquei que, de facto, gostava bastante da minha profissão, mas que não podia dizer que me ocupasse exclusivamente.

— Oh! Folgo muito de saber isso, porque, veja lá, gosto bastante que me rectifiquem quando me engano. Então quer dizer que é um pouco árida, talvez?

— Talvez que sim — repliquei — é um pouco árida.

— Oh! E é por isso que o senhor precisa de descanso, de mudança, de excitação e assim sucessivamente? — disse ela. — Ah! Já sei! Mas não é um pouco... hein?... por causa dele; não falo de si.

Um olhar que lançou rapidamente sobre o lugar em que Steerforth passeava dando o braço à mãe, demonstrou-me de quem é que ela falava; mas foi tudo quanto pude compreender. E não tenho a menor dúvida de que a minha fisionomia exprimia o meu embaraço.

— Será que... não digo que seja... mas desejaria saber... será porque ele não está um pouco absorvido? Será porque não se torna talvez um pouco menos pontual que de costume nas visitas a essa mãe de uma ternura cega... hein?

Acompanhou estas palavras de um outro olhar rápido lançado sobre Steerforth e sua mãe e de um olhar sobre mim que parecia querer ler-me no recôndito do meu pensamento.

— *Miss* Dartle — respondi — peço-lhe que não creia...

— Eu, crer! — disse ela. — Oh, Deus do céu! Mas não vá supor que creio em qualquer coisa. Não sou de suspeições. Faço uma pergunta. Não avanço opinião. Desejava formar a minha pelo que o senhor me dissesse. Assim, pois, não é verdade? Muito bem! Folgo muito de o saber.

— Não é, com certeza, verdade — disse-lhe um pouco perturbado — que eu seja responsável das ausências de Steerforth, que eu mesmo ignorava. Concluo das suas palavras que ele tem estado mais tempo que de costume sem vir a casa de sua mãe, mas eu próprio não o tornei a ver senão ontem de tarde, depois de um enorme intervalo.

— É verdade?

— O que há de mais verdade, *miss* Dartle.

Enquanto ela me olhava ainda fixamente, um movimento convulsivo, que eu não podia separar em meu espírito de uma ideia de sofrimento, veio agitar essa terrível criatura. O canto do seu lábio retraiu-se como para exprimir o desdém ou uma compaixão desprezadora. Levou precipitadamente à boca a sua mão, essa mão que tantas vezes eu comparara em meus pensamentos à porcelana mais transparente, tão fina e delgada era, quando a punha diante dos olhos para abrigar o rosto da ardência do fogo; depois disse-me vivamente, numa acentuação comovida e apaixonada:

— Conte com o meu segredo!

E não disse uma palavra mais.

*Mistress* Steerforth nunca se sentira mais feliz com a companhia de seu filho, porque justamente Steerforth nunca havia sido mais amável nem mais respeitoso com ela. Eu experimentava um intenso prazer ao vê-los juntos, não só por causa da sua mútua afeição, como também por causa da parecença flagrante que entre eles havia, excepto que a influência da idade e do sexo substituía em *Mistress* Steerforth, por uma dignidade cheia de graça, a altivez ou a ardente impetuosidade do filho. Mais de uma vez pensara que era muito feliz que nunca entre eles surgisse uma causa séria de divisão, porque essas duas naturezas, ou antes esses dois matizes da mesma natureza, talvez fossem mais difíceis de reconciliar do que os caracteres mais opostos do mundo. Sou obrigado a confessar que essa ideia não era minha: não é o meu discernimento que é preciso honrar; devia-o a algumas palavras de revelação de Rosa Dartle.

Estávamos a jantar quando ela nos fez esta pergunta:

— Ora, façam favor de me explicar, peço-lhes, a uns e outros, uma coisa que hoje me tem preocupado e que eu desejava saber?

— O que é que deseja saber, Rosa? — perguntou *Mistress* Steerforth. — Peço-lhe que não seja de mistérios!

— Mistérios! — exclamou. — Oh! Na verdade! Então acha-me misteriosa?

— Não é certo que quase não faço outra coisa senão rogar-lhe — disse *Mistress* Steerforth — que se explique abertamente, naturalmente?

— Ah! Então eu não sou natural? — replicou ela.

— Pois bem, peço-lhe que tenha um pouco de indulgência, porque eu não faço

perguntas senão para me instruir. A gente não se conhece a si própria.

— Isso é um hábito que se lhe tornou uma segunda natureza — disse *Mistress* Steerforth, sem dar, de resto, o menor sinal de descontentamento —, mas recordo-me e parece-me que se deve recordar também, do tempo em que eram outras as suas maneiras, Rosa, quando tinha menos dissimulação e mais confiança.

— Oh! Certamente que tem razão — replicou ela — e eis como os maus hábitos se inveteram! É verdade! Menos dissimulação e mais confiança! Como é que eu tenho mudado insensivelmente? É isto que eu pergunto a mim mesma. É bem extraordinário, mas é o mesmo; é preciso que eu regresse às minhas maneiras de outros tempos.

— Eu bem o desejaria — disse *Mistress* Steerforth sorrindo.

— Oh! Hei-de lá chegar, asseguro-lhe! — respondeu *miss* Rosa. — Hei-de aprender a franqueza, vejamos... com quem?... Com James!

— E não poderá aprendê-la em melhor escola, Rosa! — disse *Mistress* Steerforth um pouco vivamente, porque tudo quanto Rosa Dartle dizia tinha um ar de ironia que transparecia através da sua simplicidade afectada. — Disso estou eu bem segura — continuou com um fervor desacostumado. — Se estou certa de qualquer coisa no mundo, bem sabe que é disso.

*Mistress* Steerforth pareceu-me deplorar o seu pequeno movimento de vivacidade, porque lhe disse logo bondosamente:

— Muito bem, minha querida Rosa; mas com tudo isso não nos chegou a dizer qual o motivo das suas preocupações.

— O motivo das minhas preocupações? — replicou ela com uma frieza impacientadora. — Oh! Eu perguntava somente comigo mesmo se pessoas cuja constituição moral é parecida... Será esta a expressão?

— É uma expressão que vale bem uma outra qualquer — disse Steerforth.

— Obrigada... Se pessoas cuja constituição moral é parecida se encontravam mais em perigo do que outras, no caso de surgir entre elas uma séria causa de divisão, de se separarem com um ressentimento profundo e duradouro.

— Sim, certamente — disse Steerforth.

— Deveras? — replicou ela. — Ora, vejamos, por exemplo, a gente pode supor as coisas menos prováveis... ora suponhamos que tinha com sua mãe uma questão séria?

— Minha querida Rosa — disse *Mistress* Steerforth rindo alegremente — poderia ter inventado qualquer outra suposição. Graças a Deus, James e eu, sabemos muito bem o que nos devemos um ao outro!

— Oh! — disse *miss* Dartle abanando a cabeça com um ar pensativo — sem dúvida, isso bastaria. Pre...ci...sa...mente. Pois bem! Folgo de ter feito esta

pergunta; pelo menos tenho o gosto de estar certa, agora, que sabem muito bem o que devem um ao outro para que tal coisa nunca possa acontecer. Agradeço reconhecida.

Não quero omitir a mais pequena circunstância que se relacione com *miss* Dartle, porque mais tarde tive razões de me recordar, quando se me explicou o irreparável passado. Em todo o dia e sobretudo a partir deste momento, Steerforth desenvolveu toda a habilidade que tinha, com a facilidade que nunca o abandonava, para levar essa singular criatura a gozar da sua companhia e a ser amável com ela. Não fiquei menos admirado de a ver lutar a princípio contra a sua sedutora influência e contra o encanto das suas tentativas, porque eu a conhecia por a ver por vezes cheia de prevenções e de teimosia. Vi mudarem-se-lhe a pouco e pouco a fisionomia e as maneiras, vi-a olhar para ele com crescente admiração, vi-a fazer esforços que iam cada vez enfraquecendo mais, mas sempre encolerizada, como se censurasse a sua fraqueza, para resistir à fascinação que ele exercia sobre ela, depois vi enfim os seus olhares irritados suavizarem-se, o seu sorriso distender-se e o terror que ela me tinha inspirado todo o dia desvaneceu-se. Sentados ao fogão, estávamos todos a conversar e a rir juntos, com tanto abandono como se fôssemos crianças.

Não sei se foi por a noite ir já adiantada, ou porque Steerforth não queria perder o terreno que ganhara, mas não ficámos na sala de jantar mais de cinco minutos depois dela.

— Ela toca harpa — disse Steerforth em voz baixa, aproximando-se da porta da sala de visitas —; creio que há três anos ninguém mais a ouviu a não ser minha mãe!

Disse estas palavras com um sorriso particular que logo desapareceu. Entrámos na sala aonde ela estava só.

— Não se levante! — disse Steerforth detendo-a. — Vamos! Minha querida Rosa, seja, pois, amável uma vez e cante-nos uma canção irlandesa!

— Bem se importa o senhor das canções irlandesas! — replicou ela.

— Certamente que me importo — disse Steerforth — infinitamente: são as que eu prefiro. Aqui está, de resto, o Malmequer, que gosta de música, de alma e coração. Cante-nos uma canção irlandesa, Rosa e eu vou sentar-me ali a ouvi-la como dantes.

Ele não lhe tocava, não tinha a mão pousada na cadeira que ela deixara, mas sentou-se ao pé da harpa. Ela ficou de pé ao lado, durante um momento, fazendo movimentos com a mão como se tocasse, mas sem fazer ressoar as cordas. Enfim sentou-se, puxou pela harpa com um movimento rápido e pôs-se a cantar acompanhando-se.

Não sei se era a harpa ou a voz que dava a esse canto um carácter

sobrenatural, que não posso descrever. A expressão era dilacerante de verdade. Parecia que essa canção nunca fora escrita ou posta em música; tinha antes a aparência de irromper da paixão contida no fundo dessa alma, que se revelava por uma expressão imperfeita nos murmúrios da sua voz e que depois voltava a esconder-se na sombra, quando tudo reentrava no silêncio. Fiquei mudo enquanto ela se encostava de novo à harpa, fazendo sempre vibrar os dedos da mão direita, mas sem tirar som algum:

Ao cabo de um minuto, eis o que me arrancou à minha divagação: Steerforth tinha saído do seu lugar e aproximara-se da *miss*, passando-lhe alegremente o braço pela cintura.

— Vá, Rosa — dizia-lhe ele — daqui por diante havemos de ser muito amigos.

A este gesto ela bateu-lhe, e, empurrando-o com o furor de um gato bravo, fugiu imediatamente da sala.

— O que é que tem a Rosa? — perguntou *Mistress* Steerforth entrando.

— Foi bondosa como um anjo, por um pequeno momento, minha mãe — disse Steerforth — e em seguida tirou a desforra passando ao outro extremo.

— Deveria ter atenção em não a irritar, James. Lembre-se de que o carácter dela tornou-se irritável e que é conveniente não a excitar.

Rosa não voltou e não se falou mais nela até ao momento de eu entrar no quarto de Steerforth, para lhe dar as boas-noites. Então começou ele a fazer troça de Rosa e perguntou-me se algum dia encontrei criaturinha tão violenta e tão incompreensível.

Exprimi o meu espanto em toda a sua intensidade e perguntei-lhe se adivinhava o que a tinha melindrado tão intensamente e tão bruscamente.

— Oh! Quem é que o sabe? — disse Steerforth. — Tudo o que quiser, nada, talvez! Já lhe disse que ela afiava tudo, inclusive a própria pessoa, para se dar gume de lâmina; e é uma fina lâmina, tome cautela, convém não se roçar por ela sem precaução, corre-se sempre perigo. Boa-noite!

— Boa-noite, meu caro Steerforth. Partirei amanhã de manhã, antes do senhor despertar. Boa-noite!

Ele não me deixava retirar e estava de pé, diante de mim, com as mãos lançadas aos meus ombros, como já o tinha feito em minha casa.

— Malmequer! — disse-me com um sorriso. — Conquanto não seja este o nome que lhe deram o seu padrinho e a sua madrinha, é aquele que eu mais gosto de lhe chamar e desejaria, oh! Sim, desejaria bem que o senhor também mo pudesse dar.

— Mas que é o que me impede, se me convier?

— Malmequer: se qualquer acontecimento vier a separar-nos, pense sempre

em mim com indulgência, meu rapaz. Vamos, prometa-mo. Pense em mim com indulgência, se as circunstâncias vierem a separar-nos.

— Que me está a falar de indulgência, Steerforth? — disse-lhe eu. — O meu afecto e a minha ternura por si são sempre os mesmos e nada têm que lhe perdoar.

Sentia-me tão arrependido de alguma vez lhe haver feito mal, mesmo por pensamento passageiro, que estive quase a confessá-lo. Sem a repugnância que eu experimentava em trair a confiança de Inês, sem o receio que eu sentia de não poder sequer tocar nesse assunto que não corresse o risco de a comprometer, ter-lhe-ia confessado tudo, se não fosse ele dizer-me logo:

— Deus o abençoe, Malmequer, e boa-noite!

Salvou-me a minha hesitação; apertei-lhe a mão e deixei-o.

Ergui-me ao alvorecer e tendo-me vestido sem ruído, entreabri-lhe a porta. Ele dormia profundamente, pacificamente deitado com a cabeça no braço, como tantas vezes o tinha visto no colégio.

Veio tempo e não tardou muito, em que eu perguntei de mim para mim como era que nada perturbava o seu descanso no momento em que então o vi; mas ele dormia..., como eu gosto ainda de o reproduzir no meu espírito, como tanta vez o vi dormir no colégio. Nessa hora de silêncio, deixei-o.

— Para nunca mais, ó Steerforth, Deus lhe perdoe! Tocar, com um sentimento de ternura e de amizade, a sua mão, nesse momento insensível... Oh! Não, não; para nunca mais!

## Capítulo XXX — Uma perda

Cheguei à tarde a Yarmouth e fui à hospedaria. Sabia que o quarto de reserva de Peggotty, o *meu* quarto, devia bem depressa ser ocupado por outro, se esse grande Visitante a quem todos os vivos devem dar lugar não tinha já chegado a casa. Fui, pois, ao hotel jantar e reservar-me um quarto.

Eram seis horas da tarde quando saí. Estava fechada a maior parte das lojas e a cidade era triste. Quando cheguei diante da casa de Omer *&C* Joram, as empanadas já estavam postas, mas a porta da loja ainda estava aberta. Como se eu descobrisse lá ao fundo *Mister* Omer, que fumava o seu cachimbo, ao pé da porta da sala das traseiras, entrei e perguntei-lhe como estava.

— Pela minha alma, é o senhor? — disse *Mister* Omer. — Como está? Queira sentar-se. Espero que não o incomode o fumo.

— Não incomoda, pelo contrário, gosto dele... no cachimbo de outro.

— Não no seu? — disse *Mister* Omer a rir. — Tanto melhor, senhor; é um péssimo hábito para gente moça. Sente-se; eu, se fumo, é por causa da minha asma.

*Mister* Omer tinha-me arranjado lugar e tinha-me chegado uma cadeira. Tornou a sentar-se todo esbaforido, aspirando o fumo do seu cachimbo, como se esperasse encontrar nele o alento necessário para a sua existência.

— Estou bastante incomodado com as más notícias que me deram de *Mister* Barkis — disse eu.

*Mister* Omer olhou para mim com ar grave e meneou a cabeça.

— Sabe como é que ele está esta tarde? — perguntei-lhe.

— É precisamente a pergunta que eu lhe faria, senhor — disse *Mister* Omer — se não tivesse um sentimento de delicadeza. É uma das sensaborias da nossa profissão. Quando está alguém doente, não podemos decentemente perguntar como passa.

Era uma dificuldade que eu não tinha previsto; tivera apenas medo de que ao entrar ainda uma vez ouvisse o antigo rat-ta-tat. Todavia, já que *Mister* Omer tinha tocado no assunto, não podia deixar de aprovar a sua delicadeza.

— Sim, sim, o senhor compreende — disse *Mister* Omer com um aceno de cabeça. — Não nos atrevemos. Olhe, seria um golpe de que muitas pessoas não se consolariam, se ouvissem dizer: Omer & Joram apresentam os seus cumprimentos e desejam saber como se encontra esta manhã, ou esta tarde, segundo a oportunidade.

Trocámos um sinal de cabeça, *Mister* Omer e eu e ele tomou fôlego, graças a

uma cachimbada.

— É uma das coisas desagradáveis do nosso ofício, esta de estarmos inibidos de bastantes atenções que tanto estimaríamos ter — prosseguiu *Mister* Omer. — Olhe, quer ouvir um exemplo? Tem quarenta anos que eu conheço Barkis e nunca me incomodei por causa dele, de todas as vezes que me passou por diante da porta, o que equivale a dizer que nunca nos demos; pois bem! Apesar disto, não posso ir a casa dele perguntar como passa!

Concordei com *Mister* Omer que era muito desagradável.

— Não sou mais interessado que outro qualquer — continuou *Mister* Omer. — Olhe para mim. O alento há-de faltar-me qualquer dia e não é provável que eu seja um interesseiro, parece-me, na situação em que me vejo. Digo que não é provável, quando se trata de um homem que sabe que lhe há-de faltar o alento qualquer dia, como a um velho fole rebentado, sobretudo quando esse homem é avô — disse *Mister* Omer.

— Não é muito provável — disse-lhe eu.

— Não é também só por isso que eu me queixo da minha profissão — disse *Mister* Omer. — Cada ofício tem o seu lado bom e o seu lado mau, bem se sabe isso; tudo o que eu pediria é que se educassem as pessoas de maneira a que tivessem um espírito um pouco mais forte.

*Mister* Omer fumou um instante em silêncio, com um ar de bondade e de complacência; depois disse, voltando ao seu primeiro ponto:

— Somos, pois, obrigados a contentar-nos em saber notícias de Barkis por intermédio da Emília. Ela sabe a nossa intenção e não tem escrúpulos nem suspeitas a esse respeito, como se fôssemos verdadeiros cordeiros. Minnie e Joram foram a casa de Barkis, para onde ela vai quando acaba o trabalho, a fim de ajudar a tia em alguma coisa. Foram lá para lhe pedir notícias do pobre homem; se quer esperar pelo seu regresso, eles lhe darão todas as informações. Quer tomar alguma coisa? Um *grog* com rum? Quer fazer como eu faço? Porque é sempre o que eu bebo quando fumo — disse *Mister* Omer pegando no copo. — Dizem que é bom para a garganta e facilita esta malfadada respiração. Mas veja — continuou *Mister* Omer numa voz encatarrada — não é a passagem que está em mau estado. É o que digo sempre a Minnie: «Dá-me respiração, minha filha e eu me encarrego de lhe encontrar passagem, minha querida!».

Tinha realmente a respiração tão curta, que causava inquietação vê-lo rir. Quando recuperou a palavra, agradeci-lhe as bebidas que me ofereceu e que recusei, dizendo-lhe que tinha acabado de comer; mas acrescentei que já que tinha vontade de me convidar, esperaria pelo regresso da filha e do genro e em seguida pedi notícias da Emilita.

— Para lhe falar verdade, senhor — disse *Mister* Omer tirando o cachimbo da

boca para poder coçar o queixo — folgarei quando o casamento se efectuar.

— E porque diz isso? — perguntei.

— Olhe, é porque ela agora não regula — disse *Mister* Omer. — Não é porque não seja tão linda como dantes, bem pelo contrário, asseguro-lhe que é mais bonita do que nunca. Não é porque não trabalhe tanto como antigamente, bem pelo contrário, valia por seis costureiras e vale-o ainda hoje. Mas falta-lhe animação. Sabe o que eu quero dizer — continuou *Mister* Omer fumando um pouco; depois, coçando o queixo, prosseguiu. — «Vamos, ardor; aí, rapaziada valente, uma boa remada; aí, outra boa remada; hurra!». É a isto que eu chamo animação; pois bem! Dir-lhe-ei que é o que, de uma maneira geral, falta à Emília.

O rosto e os gestos de *Mister* Omer diziam tanto que pude em consciência fazer-lhe um sinal de cabeça para exprimir que o compreendia. A vivacidade da minha inteligência pareceu agradar-lhe e prosseguiu:

— Olhe, eu creio que isso provém sobretudo de que ela anda assim, assim, nem bem nem mal. Tenho conversado muitas vezes sobre o caso com o tio dela e com o noivo, à noite, quando não há nada que fazer e isso deve provir, segundo me parece, de que ainda não está tudo acabado. O senhor não esqueceu — disse *Mister* Omer meneando ao de leve a cabeça — que a Emília é uma criaturinha extremamente afectuosa. Diz o provérbio que se não pode fazer uma bolsa de seda da orelha de um marrão. Pois, eu cá não sei, mas parece-me que se pode; o caso é dar-se tempo ao tempo. Sabe que ela fez desse velho barco uma habitação que vale mais do que um palácio de granito ou de mármore?

— Se sei!

— Emociona ver como essa linda rapariga se achega tanto do tio — disse *Mister* Omer — ver como ela se acolhe a ele todos os dias, cada vez mais. Mas, olhe, quando isso se dá é porque há combate. E para quê prolongá-lo inutilmente?

Eu escutava atentamente o bom velho, aprovando de todo o meu coração o que ele dizia.

— É por isso que eu lhes disse isto — continuou *Mister* Omer num tom simples e cheio de bonomia —: não tenham de forma alguma a aprendizagem de Emília na conta de um contrato que os incomode; deixo isso à sua livre vontade. Os serviços da pequena renderam-me mais do que eu esperava e aprendeu mais depressa do que era de prever. Omer & Joram podem passar um risco de pena sobre o resto do tempo combinado e ela será livre quando lhes convier. Se, depois disso, ela quiser entender-se connosco para nos fazer alguma obra em casa como indemnização, muito bem. Se não lhe convier, ainda muito bem. De qualquer maneira não nos causa prejuízo, porque, olhe — disse *Mister* Omer

tocando-me com a ponta do cachimbo — é porventura provável que um homem que tem dificuldade em respirar como eu e ainda por cima avô, vá apertar a caravelha a uma linda rosinha de olhos azuis como ela?

— Não, não, não é provável, de forma alguma, bem se sabe — disse-lhe.

— Não, não, tem razão — disse *Mister* Omer. — Pois bem, senhor, o primo... o senhor sabe que é o primo que ela vai desposar?

— Sei, sim — repliquei —; conheço-o bem.

— É escusado dizer — prosseguiu *Mister* Omer. — Pois bem, senhor: o primo, que está em boas circunstâncias e tem muito que fazer, depois de me haver agradecido cordialmente (e devo dizer que o seu comportamento em todo este caso me deu a melhor opinião dele), o primo alugou a casinha mais confortável que imaginar-se pode. Essa casinha está toda mobilada de alto a baixo, arranjada como a sala de uma boneca e creio bem que, se a doença desse pobre Barkis não tivesse sido de tanto cuidado, os dois já a estas horas seriam homem e mulher; mas a doença acarretou demora.

— E a Emília, *Mister* Omer — perguntei — está já mais tranquilizada?

— Ah! Quanto a isso, olhe — disse *Mister* Omer coçando a barbela — não era de esperar. A perspectiva da mudança e da separação que se aproximam por um lado e que parecem retirar-se pelo outro, não são de molde a sossegá-la. A morte de Barkis não acarretaria um grande atraso, mas se fosse vivendo!... Em todo o caso é uma situação muito equívoca, como vê.

— Sim, vejo.

— Portanto — disse *Mister* Omer — Emília está sempre um pouco abatida, um pouco agitada, talvez mesmo o esteja mais que nunca. Parece que de dia para dia mais ternamente ama seu tio e mais intensamente lamenta separar-se de nós todos. Uma palavra de bondade da minha parte faz-lhe vir as lágrimas aos olhos, e, se a visse com a pequenita da Minnie, nunca mais a esqueceria. É extraordinário — disse *Mister* Omer com um ar de reflexão — como ela gosta dessa criança!

Pareceu-me favorável a ocasião para perguntar a *Mister* Omer, antes que a filha e o genro nos viessem interromper, se sabia qualquer coisa de Marta.

— Ah! — disse ele meneando a cabeça com um ar profundamente abatido —, nada de bom. É uma triste história, senhor, de qualquer maneira que se lhe pegue. Nunca quis acreditar que essa pobre rapariga se tivesse corrompido, não o diria diante de minha filha Minnie, por que se zangaria; mas nunca o acreditaria. Ninguém de nós o acreditaria.

*Mister* Omer ouviu os passos da filha, que eu não tinha ainda distinguido e tocou-me com a ponta do cachimbo, piscando um olho, em forma de aviso. Ela entrou quase logo com seu marido.

Traziam a notícia de que *Mister* Barkis não podia estar pior, que já não estava em seu juízo e que *Mister* Chillip tinha dito tristemente na cozinha, quando se foi embora, não havia mais de cinco minutos, que toda a escola de medicina, a escola de cirurgia e a escola de farmácia reunidas não poderiam livrá-lo desta! Primeiramente médicos e cirurgiões nada mais tinham que fazer — dissera *Mister* Chillip — e tudo o que os farmacêuticos pudessem fazer seria envenená-lo!

A esta notícia e ao ouvir que *Mister* Peggotty se encontrava em casa de sua irmã, tomei a resolução de ir lá imediatamente. Dei as boas-noites a *Mister* Omer e a *Mister* e *Mistress* Joram *e* tomei o caminho da casa de Peggotty, com uma séria simpatia por *Mister* Barkis, que completamente o transformava a meus olhos. Bati muito devagar à porta; veio-ma abrir *Mister* Peggotty. Não ficou tão admirado como eu esperava. Fiz o mesmo reparo com Peggotty, quando ela desceu e foi uma observação que bastantes vezes depois tive ocasião de repetir, que à espera dessa terrível surpresa, qualquer outra mudança e qualquer outra surpresa parecem coisa nenhuma.

Apertei a mão de *Mister* Peggotty e entrei na cozinha, enquanto ele fechava a porta muito devagar. A Emilita estava sentada junto do fogo, com a cabeça entre as mãos. Ham estava de pé ao lado dela.

Falávamos muito baixo, escutando de vez em quando se se ouvia algum ruído no quarto de cima. Quando da minha última visita não o tinha pensado, mas como desta vez me parecia estranho não ver *Mister* Barkis na cozinha!

— É muito bom em ter vindo, senhor David — disse-me *Mister* Peggotty.

— Oh, sim! Muito bom — disse Ham.

— Emília — volveu *Mister* Peggotty — olha, querida! Está aqui *Mister* David! Vá, coragem, meu amor! Não dizes uma palavra a *Mister* David?

Ela tremia toda; parece que a estou a ver ainda. A sua mão estava gelada, quando lhe toquei, parece que ainda a sinto. Não fez outro movimento senão retirá-la, depois deixou-se escorregar da cadeira e, aproximando-se docemente de seu tio, inclinou-se sobre o peito dele, sem dizer nada e sempre a tremer.

— É tão bondoso este coraçãozinho — disse *Mister* Peggotty alisando-lhe os lindos cabelos com a sua grande mão calosa — que não pode suportar este desgosto. É muito natural: a gente moça, senhor David, não está habituada a este género de provações e é tímida como este passarinho, é muito natural.

Ela achegou-se mais do peito do tio, mas sem dizer palavra e sem levantar a cabeça.

— É tarde, queridinha — disse *Mister* Peggotty — e está aí o Ham que te espera para te acompanhar a casa. Vá, vai com ele, é também um bom coração! O quê, Emília? Que dizes, meu amor?

O som da sua voz não tinha chegado aos meus ouvidos, mas ele baixou a cabeça como para a escutar; depois disse:

— Queres ficar com o teu tio? Vamos, então, isso não se diz! Ficar com o teu tio, minha gatinha! Quando o que vai ser teu marido dentro de poucos dias está ali para te acompanhar a casa! Muito bem! Ninguém o acreditaria, ao ver esta pequena ao lado de um velho resmungão como eu — disse *Mister* Peggotty olhando para nós ambos com um orgulho infinito —, mas o mar não contém mais sal do que o coração da minha Emilita contém ternura para seu tio; louquinha!

— A Emília tem muita razão, senhor David — disse Ham —; olhe, já que a Emília o deseja e como bem vejo que está agitada e um pouco assustada, deixá-la-ei aqui até amanhã de manhã. Dê-me também licença de cá ficar.

— Não, não — disse *Mister* Peggotty — tu não podes, tu que és casado ou quase como se o fosses, perder um dia de trabalho; e não podes estar à vela esta noite e trabalhar amanhã; não pode ser. Vai para casa. Terás porventura medo que a gente não tenha cuidados com a Emília?

Ham cedeu às suas razões e pegou no chapéu para se retirar. Mesmo no momento em que a beijou e eu nunca o via aproximar-se dela sem pensar que a natureza lhe dera o coração de um *gentleman*, a Emilita parecia chegar-se cada vez mais para o tio, evitando quase o noivo. Eu fechei a porta mal ele saiu, a fim de não perturbar o silêncio que reinava na casa, e, ao voltar-me, vi que *Mister* Peggotty ainda falava à sobrinha.

— Agora — disse ele — vou lá cima dizer à tua tia que *Mister* David está aqui; isso há-de fazer-lhe bem. Senta-te ao pé do fogo durante este tempo, minha querida e aquece as mãos, que estão frias como gelo. Que tens tu para teres medo e agitares-te assim? O quê! Queres vir comigo? Pois bem, anda, vamos! Se o tio fosse expulso de casa e obrigado a deitar-se num dique, senhor David — disse *Mister* Peggotty com o mesmo orgulho que um momento antes — creio deveras que ela desejaria acompanha-lo, mas não tarda que eu seja suplantado por outro, não é assim, Emília?

Quando eu subi um momento depois, pareceu-me, quando passava pela porta do meu quarto mergulhado na escuridão, que via lá dentro a

Emília estendida no soalho; mas não sei, ainda hoje, se isso era ou não uma ilusão das sombras que confundiam tudo à minha vista, nas trevas do meu quarto.

Tive tempo de reflectir, diante do fogão da cozinha, no terror da morte que experimentava a linda Emilita e acreditei que era essa, com as outras razões que me deu *Mister* Omer, a causa da mudança que nela se operara. Tive tempo, antes que aparecesse Peggotty, de pensar com mais indulgência nessa fraqueza,

contando sempre as pancadas da pêndula do relógio e sentindo cada vez mais a solenidade do silêncio profundo que reinava em volta de mim. Peggotty deu-me um abraço apertado e agradeceu-me muitíssimo por a ter vindo consolar assim nos seus desgostos (foram as suas próprias palavras). Pediu-me em seguida que subisse com ela e disse-me a soluçar que *Mister* Barkis continuava sempre a amar-me; que muitas vezes tinha falado em mim antes de perder as suas faculdades e que, no caso em que voltasse a si, estava certa de que a minha presença lhe havia de dar gosto, se ainda o pudesse ter com qualquer coisa deste mundo.

Era uma coisa bem inverosímil, ao que me pareceu, quando o vi. Estava deitado, com cabeça e ombros fora do leito, numa posição muito incómoda, meio encostado sobre o cofre que lhe tinha custado tantas penas e cuidados. Soube que, quando já não podia arrastar-se fora da cama para o abrir, nem certificar-se de que o tinha ali perto, por meio da vara adivinhadora de que lhe tinha visto fazer uso, mandou-o colocar numa cadeira ao lado da cama e tinha-o nos braços noite e dia. Nesse mesmo momento encostava-se a ele; o tempo e a vida iam-lhe fugindo, mas Barkis agarrava-se ao seu cofre e as últimas palavras que pronunciara para desviar as suspeitas, foram: «roupa velha».

— Barkis, meu amigo — disse Peggotty, num tom que procurava tornar jovial, inclinando-se para ele, enquanto seu irmão e eu estávamos ao pé da cama — está aqui o meu querido menino, o meu querido *Mister* David, que serviu de intermediário no nosso casamento, aquele por quem me enviava as suas mensagens, lembra-se? Quer falar a *Mister* David?

Ele ficava mudo e sem movimento, como o cofre, o qual só dava alguma expressão à sua fisionomia, pelo cioso cuidado com que se via que ele o apertava.

— Vai com a maré — disse-me *Mister* Peggotty, pondo a mão diante da boca.

Eu tinha os olhos húmidos e os de Peggotty também o estavam, mas repeti em voz baixa:

— Com a maré?

— Cá por estas costas não se pode morrer — disse *Mister* Peggotty — senão na baixa-mar; e, pelo contrário, não se pode vir ao mundo senão na preia-mar e não se é decididamente deste mundo senão em plena maré; pois bem, ele vai com a maré. Ela baixa às três horas e meia e só recomeçará a subir meia hora depois. Se ele viver até que o mar recomece a subir, não exalará ainda o último suspiro antes de chegar a maré cheia e só irá na próxima baixa-mar.

E ficámos ali a olhar para ele; o tempo ia decorrendo: as horas passavam. Não posso dizer que misteriosa influência a minha presença exercia sobre ele; mas, quando começou enfim a murmurar algumas palavras no seu delírio, falava em

me conduzir ao colégio.

— Está a voltar a si — disse Peggotty.

*Mister* Peggotty tocou-me com o braço, dizendo-me baixinho, com um ar convicto e respeitoso:

— Está a maré a baixar; lá vai ele.

— Barkis, meu amigo! — disse Peggotty.

— Clara P. Barkis! — clamou ele em voz débil. — A melhor mulher que existe no mundo!

— Olhe! Está aqui *Mister* David — disse Peggotty, porque neste momento abria ele os olhos.

Eu ia a perguntar-lhe se me reconhecia quando ele fez um esforço para estender o braço e disse-me distintamente e com um doce sorriso:

— Barkis está pronto!

O mar tinha baixado; e foi com a maré.

## Capítulo XXXI — Uma perda mais grave

Não me custou a ceder às rogativas de Peggotty, que me pedia para ficar em Yarmouth até que os restos do pobre recoveiro fizessem pela última vez a viagem de Blunderstone. De há muito que ela tinha comprado, com as suas economias, um cantinho de terra no nosso velho cemitério, perto da campa da «sua querida» como sempre chamava a minha mãe e era lá que havia de repousar o corpo de seu marido.

Quando nisso penso agora, sinto que não podia ser mais feliz do que então era a valer, por ficar a fazer companhia a Peggotty e por fazer por amor dela o pouco que podia fazer. Mas creio bem que experimentei satisfação maior ainda, satisfação pessoal e profissional, ao examinar o testamento de *Mister* Barkis e ao apreciar-lhe o conteúdo.

Reivindico a honra de haver sugerido a ideia de que o testamento devia encontrar-se dentro do cofre. Depois de alguma busca, lá foi encontrado, efectivamente, no fundo de um saco com cevada, em companhia de um pouco de feno, um velho relógio de ouro com cadeia e berloques, que *Mister* Barkis tinha luzido no dia do seu casamento e que nunca ninguém vira nem antes nem depois; um enche-cachimbo figurando uma perna; e mais um limão de pasta cheio de pequenas chávenas e pequenos pires que *Mister* Barkis tinha, suponho, comprado quando eu era criança para me dar de presente, sem ter a coragem de se desfazer dele depois. Enfim, encontrámos oitenta e sete moedas de ouro em guinéus e em meios guinéus, cento e dez libras esterlinas em notas novas em folha, acções do Banco de Inglaterra, uma velha ferradura, um xelim falso, um bocado de cânfora e uma casca de ostra. Como este último objecto tinha sido evidentemente friccionado e como o nácar do interior desenvolvia as cores do prisma, futurei que *Mister* Barkis fizera uma confusa ideia de que se podiam ali encontrar pérolas, mas sem nunca ter podido alcançar os seus fins.

Havia bastantes anos que *Mister* Barkis tinha sempre levado consigo esse cofre para todas as viagens, e, para melhor enganar a gatunagem, imaginara escrever com o maior cuidado na tampa, em letras mais tarde quase ilegíveis, por se terem apagado, este endereço: *«Mister* Backboy, posta-restante, até ser reclamado».

Reconheci logo que não tinha perdido o trabalho, economizando há tantos anos. A sua fortuna, em dinheiro, não ia além de três mil libras esterlinas. Legava o usufruto da terça a *Mister* Peggotty, enquanto vivo; por sua morte, o capital devia ser distribuído em partes iguais entre Peggotty, a Emilita e eu, ou

entre os que sobrevivessem. Deixava a Peggotty o remanescente, nomeando-a legatária universal, só e única executora das suas últimas vontades expressas por testamento.

Asseguro-lhes que estava já envaidecido como um procurador quando li esse testamento com a maior cerimónia, explicando o seu conteúdo a todas as partes interessadas; comecei a crer que o Tribunal tinha mais importância do que eu havia suposto. Examinei o testamento com a mais profunda atenção, declarei que estava perfeitamente em regra em todos os pontos e fiz uma ou duas notas a lápis à margem, muito espantado de tanto saber.

Passei a semana que precedeu o enterro a fazer esse exame um pouco abstracto, a fazer a conta de toda a fortuna que Peggotty acabava de herdar, a pôr em ordem todos os seus negócios, numa palavra, a tornar-me seu conselheiro e seu oráculo em todas as coisas, com nossa comum satisfação. Não tomei a ver a Emília no intervalo, mas disseram-me que ela devia casar-se à capucha quinze dias depois.

Não segui o cortejo em fato próprio, se me é permitido exprimir-me assim. Quero dizer que não vesti capote preto, nem deitei comprido fumo, feito para servir de espantalho aos pássaros, mas dirigi-me, a pé, cedo, para Blunderstone e achava-me no cemitério quando o caixão chegou, seguido apenas de Peggotty e de seu irmão. O sujeito doido olhava da minha janelita; o filho de *Mister* Chillip mexia a cabeçorra e movia os olhos redondos para contemplar o pastor por cima do ombro da ama; *Mister* Omer resfolegava no segundo plano; não havia outros assistentes e tudo decorreu tranquilamente. Passeámos pelo cemitério, durante uma boa hora, quando tudo acabou e colhemos alguns rebentos da árvore que sombreava a sepultura de minha mãe.

Neste ponto o receio apodera-se de mim; uma nuvem sombria paira por cima da cidade que descubro ao longe, dirigindo para esse lado a minha marcha solitária. Tenho medo de me aproximar, como poderei eu suportar a recordação do que nos sucedeu durante essa noite memorável e que vou tentar recordar, se puder dominar a minha perturbação?

Mas não é por o contar que se agravará o mal; que lucraria eu em deter aqui a pena, que me treme na mão? O que está feito, está feito, nada pode desfazê-lo, nada pode mudar-lhe a menor coisa.

A minha velha criada tinha de ir a Londres comigo, no dia seguinte, por causa do testamento. A Emilita tinha passado o dia em casa de *Mister* Omer; havíamos de encontrar-nos todos à noite no velho barco; Ham iria buscar a Emilita à hora do costume; eu devia regressar a pé, de meu vagar. O irmão e a irmã fariam juntos a volta como fizeram a ida e deviam esperar-nos à noite ao canto do fogão.

Deixei-os na barreira aonde um Straps imaginário tinha descansado com a mochila de Roderick Random, noutros tempos; e, em vez de regressar a direito, dei uma volta pela estrada de Lowestoft; depois retrocedi e tomei o caminho de Yarmouth. Parei para jantar num pequeno botequim decente, a uma meia hora do vau de que já falei; o dia decorreu e cheguei ao vau era lusco-fusco. Chovia muito, o vento era forte, mas a lua aparecia de tempos a tempos através das nuvens e não era completamente escuro.

Bem depressa avistei a casa de *Mister* Peggotty e distingui a luz que brilhava na janela. Eis-me, pois, patinhando na areia húmida, antes de chegar à porta; chego enfim e entro.

Tudo apresentava o aspecto mais confortável. *Mister* Peggotty fumava no seu cachimbo da noite e os preparativos da ceia iam seguindo; o fogão ardia alegremente; as cinzas eram removidas; o baú em que a Emilita se sentava esperava-a no canto do costume. Peggotty estava sentada no lugar que dantes ocupava e, se não fosse o trajo de viúva, acreditar-se-ia que nunca dali tinha saído. Já tinha tornado a pegar no caixão da costura, em cuja tampa se via representada a catedral de S. Paulo; o metro enrolado na choupana e o coto de cera lá estavam no seu posto como no primeiro dia. *Mistress* Gummidge resmungava um pouco no seu canto como sempre, o que fazia avultar a ilusão.

— É o primeiro, senhor David — disse *Mister* Peggotty com um ar radiante. — Mas não fique com esse casaco, que está molhado.

— Obrigado, senhor Peggotty — disse eu, dando-lhe o meu sobretudo para o pendurar —; o casaco está perfeitamente seco.

— É verdade — disse *Mister* Peggotty apalpando-me os ombros —, está seco como um cavaco. Sente-se, senhor; escusado é dizer-lhe que é sempre bem-vindo, mas é como se o dissesse, é bem-vindo sempre na mesma, de todo o coração o digo.

— Obrigado, senhor Peggotty, bem o sei. E como vai a minha velha Peggotty? — disse beijando-a.

— Ah! Ah! — observou *Mister* Peggotty rindo e sentando-se ao pé de nós, esfregando as mãos como um homem que não se enfada por encontrar uma distracção honesta aos seus desgostos recentes e com toda a franca cordialidade que lhe era habitual. — Hei-de sempre dizer que não há mulher no mundo, senhor David, que deva ter o espírito mais sossegado do que ela! Cumpriu o seu dever com o defunto e ele bem o sabia, porque também cumpriu o seu dever com ela como ela o tinha cumprido com ele, e... e assim tudo se passou bem.

*Mistress* Gummidge soltou um suspiro.

— Vamos, tia Gummidge, coragem! — disse *Mister* Peggotty. Mas meneou a cabeça olhando-nos de soslaio, para nos fazer entender que os últimos

acontecimentos eram bem de natureza a recordar-lhe o defunto. — Não se deixe ir abaixo! Coragem! Um pequeno esforço e há-de ver que isso há-de ir naturalmente muito melhor depois.

— Para mim, nunca, Daniel — replicou *Mistress* Gummidge —; a única coisa que pode vir muito naturalmente é ficar isolada e desolada.

— Não, não — disse *Mister* Peggotty num tom animador.

— Sim, sim, Daniel — disse *Mistress* Gummidge —; não nasci para viver com pessoas que têm heranças. Tenho tido muitas infelicidades, farei bem em os desembaraçar de mim.

— E como é que hei-de poder gastar o meu dinheiro sem a senhora? — disse *Mister* Peggotty num tom de séria admoestação. — O que é que está a dizer? Agora mais do que nunca é que eu tenho precisão de si.

— É isto, eu bem sabia que antes não se tinha precisão de mim! — exclamou *Mistress* Gummidge com a acentuação mais lamentável. — E agora não se incomodam a dizer-mo! Como podia eu lisonjear-me de que tivessem precisão de mim, de uma pobre mulher isolada e desolada e que não faz senão acarretar-lhes desgraça!

*Mister* Peggotty tinha o ar de estar zangado consigo próprio por ter dito qualquer coisa que pudesse ser tomado num sentido tão cruel, mas Peggotty não o deixou responder, puxando-lhe pela manga e abanando a cabeça. Depois de ter olhado um momento para *Mistress* Gummidge com uma profunda ansiedade, lançou os olhos para o velho relógio, ergueu-se, espevitou a vela e pousou-a na janela.

— Assim! — disse *Mister* Peggotty num tom satisfeito. — É isto que é, *Mistress* Gummidge!

*Mistress* Gummidge soltou um pequeno gemido.

— Cá temos a luz como de costume — tornou *Mister* Peggotty. — Quer saber porque é que eu faço isto, senhor David? Muito bem. É por causa da nossa Emilita. Veja; não está claro e não é nada alegre quando há escuridão. Assim, quando eu estou em casa às horas de vir a pequena, ponho a luz à janela e de uma cajadada mato dois coelhos. Primeiro — continuou ele inclinando-se para mim todo alegre — ela diz: «Lá está a casa!», é o que ela diz logo; e em segundo lugar diz logo também: «Está lá o tio!», porque não estando eu cá, não há sombra de luz à janela!

— Como é criança! — disse Peggotty revendo-se na bondade do irmão.

— Muito bem! — disse *Mister* Peggotty, com as pernas um pouco abertas e passando-lhes as mãos por cima, com o ar da mais profunda satisfação, olhando alternativamente para o fogo e para nós. — Pouco mais sou. Não no físico, bem vêem.

— Não apoiado — disse Peggotty.

— Não — disse *Mister* Peggotty a rir —, não no físico; mas reflectindo bem no caso, veja... não me dá cuidado nenhum. Ora, quer ouvir? Quando olho em volta de mim nessa casinha da nossa Emília... assim a borrasca me enrasque — continuou com um gesto de entusiasmo — (é isto! Não posso dizer mais) se me não parece que os mais pequenos objectos são, por assim dizer, uma parte dela própria; pego neles, depois pouso-os e toco-lhes tão delicadamente como se tocasse na nossa Emília; o mesmo se dá com os seus chapeuzinhos e com todas as suas coisinhas. Por nada deste mundo eu era capaz de ver tratar com arremesso qualquer coisa que lhe pertencesse. É assim que eu sou criança, se querem, sob a forma de um grande ouriço-marinho! — concluiu *Mister* Peggotty deixando o seu ar sério, para romper numa retumbante gargalhada.

Peggotty ri como eu, somente um pouco menos alto.

— Suponho que isso provém, sabe? — disse *Mister* Peggotty com ar radiante, esfregando sempre as pernas. — De eu ter brincado muito com ela, fingindo que éramos Turcos e Franceses e tubarões e todas as espécies de estrangeiros, pois não!, e até leões e baleias e não sei quantos bichos mais, quando ela não era mais alta do que o meu joelho. Foi assim que isso foi vindo, sabe? O senhor está vendo essa vela, não e verdade? — continuou *Mister* Peggotty, que ria mostrando-ma. — Pois bem! Estou certíssimo de que quando ela casar e for daqui, eu hei-de pô-la sempre ali como até agora. Estou bem certo que, quando eu aqui estiver à noite (e aonde irei eu viver, pergunto, ainda que venha a ter qualquer fortuna?) e quando ela aqui não estiver, ou que eu não andar por longe, hei-de pôr a vela à janela e hei-de ficar junto do fogo, a fingir que a estou a esperar como agora a espero. É assim que eu sou uma criança — continuou, com uma nova gargalhada — sob a forma de um ouriço-marinho! Olhe, neste momento, quando vejo brilhar a vela, digo cá com os meus botões: «Ela há-de vê-la; ei-la que aí vem!». É assim que sou uma criança, sob a forma de um ouriço-marinho! No fim de contas não me engano — continuou, parando a meio da sua gargalhada e batendo palmas — porque ela aí está!

Mas não; era Ham sozinho. Era preciso que a chuva tivesse aumentado depois que eu entrara, porque ele trazia um grande chapéu de oleado, derrubado sobre os olhos.

— Aonde está a Emília? — perguntou *Mister* Peggotty.

Ham fez um aceno, como para me indicar que ela estava a porta. *Mister* Peggotty tirou a vela da janela, espevitou-a, pousou-a em cima da mesa e pôs-se a arranjar o lume, enquanto Ham, que não se tinha mexido, me disse:

— Senhor David, faz favor de vir aqui fora um momento para ver o que a Emília e eu temos que lhe mostrar?

Saímos. Quando cheguei ao pé dele, junto da porta, vi com tanto espanto como susto que estava de uma palidez mortal. Empurrou-me precipitadamente para fora e fechou a porta atrás de nós, atrás de nós dois somente.

— Ham, o que foi que aconteceu?

— Senhor David!...

Oh! Pobre coração despedaçado, como chorava amargamente! Eu sentia-me paralisado à vista de uma dor assim. Já não sabia que pensar ou recear; só sabia olhar para ele.

— Ham, meu pobre rapaz, meu amigo! Em nome do céu, diga-me o que foi que aconteceu?

— A minha bem amada, senhor David, meu orgulho e minha esperança, por quem eu desejaria dar a vida, por quem ainda a daria, desapareceu!

— Desapareceu?

— Emília fugiu: e como? Pode julgá-lo, senhor David, vendo-me pedir a Deus, Deus de bondade e de misericórdia, que a mate, a ela a quem eu amo acima de tudo, antes do que deixá-la desonrar-se e perder-se!

A recordação do olhar que ele lançou ao céu carregado de nuvens, do tremor das suas mãos unidas, da angústia que toda a sua pessoa exprimia, ainda a estas horas permanece aliada em meu espírito à da praia deserta, teatro desse drama cruel de que Ham foi o único personagem e que por testemunha só teve a noite.

— O senhor que sabe — disse ele precipitadamente — diga-me o que há-de melhor a fazer-se. Como é que eu hei-de anunciar isto ao tio, senhor David?

Vi a porta abalar-se e fiz instintivamente um movimento para prender o fecho pelo lado de fora, a fim de ganhar um momento de demora. Era, porém, muito tarde. *Mister* Peggotty assomou a cabeça e nunca esquecerei a mudança que se operou nas suas feições, quinhentos anos que eu vivesse.

Lembro-me de um gemido e de um grande grito: as mulheres rodeiam-no, estamos todos de pé no quarto, eu tendo na mão um papel que Ham acabava de me dar. *Mister* Peggotty, com o colete entreaberto, os cabelos em desalinho, tinha o rosto e os lábios lívidos; escorre-lhe o sangue pelo peito, sem dúvida irrompera-lhe da boca; olha para mim fixamente.

— Leia, senhor — disse-me em voz baixa e trémula, lentamente — faz favor, de modo que eu fique a compreender!

No meio de um silêncio de morte, li uma carta apagada pelas lágrimas. Dizia assim:

> Quando receber isto, o senhor que me ama infinitamente mais do que eu mereço, mesmo quando o meu coração era inocente, estarei bem longe daqui.

— Estarei bem longe daqui! — repetiu *Mister* Peggotty lentamente. — Faça favor de esperar. Emília estará bem longe daqui! Que mais?

> Quando eu sair da minha querida casa, ...da minha querida casa... oh, sim! Da minha querida casa... amanhã de manhã...

(A carta estava datada da véspera à noite).

> ...será para nunca mais voltar, a não ser que ele me traga depois de ter feito de mim uma senhora. Há-de encontrar esta carta na noite da minha partida, bastantes horas depois, no momento em que devia tornar a ver-me. Oh! Se soubesse quanto sangra o meu coração! Se o senhor próprio, o senhor, sobretudo, a quem tantos agravos fiz e que nunca mos perdoarei, soubesse simplesmente quanto eu sofro! Mas sou muito culpada para falar de mim! Oh! Sim! Console-se com o pensamento de que sou bastante culpada. Oh! Por compaixão, diga a meu tio que nunca o amei a metade de tanto que o amo neste momento. Oh! Não se lembre de todas as bondades e da afeição que teve por mim; não se recorde de que devíamos casar-nos, consiga antes persuadir-se de que morri quando era pequenina e que me enterraram em qualquer parte. Que o céu, cuja piedade para mim já não sou digna de invocar, tenha compaixão de meu tio! Diga-lhe que nunca o amei a metade de tanto que o amo neste momento! Console-o. Ame alguma rapariga honrada que seja para meu tio o que eu era antigamente, que seja digna de si, que lhe seja fiel; basta a minha vergonha para os desesperar. Deus os abençoe a todos! Rezar-lhe-ei muitas vezes por todos, de joelhos. Se não me tornarem a trazer senhora e que eu não possa rezar por mim própria, rezarei por todos. As minhas últimas ternuras para meu tio! As minhas últimas lágrimas e os meus últimos agradecimentos para meu tio!

Era tudo.

*Mister* Peggotty ficou durante muito tempo ainda a olhar para mim quando acabei. Enfim, aventurei-me a pegar-lhe na mão e a exortá-lo, o melhor que pude, para que tentasse recuperar algum ascendente sobre si próprio.

— Obrigado, senhor, obrigado respondia-me ele sem se mexer do sítio.

Ham falou-lhe e *Mister* Peggotty não era insensível à sua dor, porque lhe apertou a mão com toda a força, mas foi tudo: permanecia na mesma atitude e ninguém se atrevia a interrompê-lo.

Enfim, lentamente, desviou os olhos do meu rosto, como se uma visão desaparecesse da sua vista e passeou-os em volta do aposento; depois disse em voz baixa:

— Quem foi que a raptou? Quero saber o seu nome!

Ham olhou para mim. Senti-me logo como fulminado, o que me fez recuar.

— Desconfia de alguém? — tornou *Mister* Peggotty. — Quem é?

— Senhor David! — disse-me Ham num tom suplicante —, saia por um momento e deixe-me dizer a meu tio o que tenho a dizer-lhe. É bom que o senhor não ouça.

Senti-me de novo fulminado; caí sobre uma cadeira; tentei articular uma

resposta, mas a língua tinha-se-me gelado e os olhos enevoaram-se-me.

— Quero saber o nome do raptor! — repetiu *Mister* Peggotty.

— Há algum tempo — balbuciou Ham — que um criado andava a rondar por aqui. Há também um sujeito: entendiam-se ambos.

*Mister* Peggotty permanecia sempre imóvel, mas fixava Ham.

— O criado — continuou este — foi visto ontem com... a nossa pobre pequena. Há oito dias, pelo menos, que ele estava escondido por estas imediações. Supunha-se que se tinha ausentado, mas estava simplesmente escondido. Não fique aqui, senhor David, não fique!

Senti que Peggotty me deitava o seu braço pelas costas para me levar, mas eu não poderia mexer-me ainda que a casa estivesse para me cair em cima.

— Viu-se uma carruagem desconhecida, com cavalos de posta, esta manhã, pouco antes de amanhecer, na estrada de Norwich — prosseguiu Ham. — O criado foi lá, voltou e tornou a ir. Quando tornou a ir, a Emília acompanhava-o. O outro estava na carruagem. Era ele!

— Em nome de Deus — disse *Mister* Peggotty recuando e estendendo a mão para repelir um pensamento que receava confessar a si próprio —, não me diga que o nome dele é Steerforth!

— Senhor David — exclamou Ham com uma voz aniquilada —, não é por culpa sua... e estou bem longe de o acusar, mas... o nome dele é Steerforth e é um grande miserável!

*Mister* Peggotty não soltou um grito, não verteu uma lágrima, não fez um movimento, mas daí a pouco pareceu despertar repentinamente e pôs-se a desprender o seu velho casaco, que estava pendurado a um canto.

— Ajudem-me um pouco. Estou aniquilado e só não posso — disse ele com impaciência. — Ajudem-me! Bem! — acrescentou quando o ajudaram. — Agora dêem-me o meu chapéu!

Ham perguntou-lhe aonde é que ia.

— Vou procurar a minha sobrinha. Vou procurar a minha Emília. Mas primeiro vou meter no fundo esse batel aonde eu o teria afogado, sim, tão verdade como eu estar vivo, se eu pudesse desconfiar o que ele tramava. Quando o via sentado na minha frente — acrescentou com ar perdido, estendendo o punho cerrado — raios me fulminem se eu não o tivesse afogado e se não julgasse que tinha feito bem! Vou procurar a minha sobrinha!

— Aonde? — exclamou Ham colocando-se diante da porta.

— Não importa aonde! Vou procurar a minha sobrinha por esse mundo fora. Vou encontrar a minha pobre sobrinha na sua vergonha e trazê-la comigo. Ninguém me detenha! Digo-lhes que vou procurar a minha sobrinha.

— Não, não — gritou *Mistress* Gummidge, que foi colocar-se entre eles, num

acesso de dor. — Não, não, Daniel! No estado em que está, não! Irá procurá-la logo, meu pobre Daniel, e será muito justo que o faça, mas agora não! Sente-se e perdoe-me de o ter atormentado tantas vezes, Daniel!... (que vêm a ser os meus desgostos ao pé deste?) e falemos do tempo em que ela ficou órfã e Ham também, quando eu era uma pobre viúva e quando o Daniel me recolheu. Isso há-de acalmar o seu pobre coração, Daniel — disse ela encostando a cabeça ao ombro de *Mister* Peggotty —, e o senhor há-de suportar melhor a sua dor, porque bem deve conhecer a profecia, Daniel: «O que fizerdes a um dos mais pequenos dos meus irmãos, será como se a mim fosse feito» e isso não pode deixar de cumprir-se debaixo deste tecto que nos tem servido de abrigo há tantos, tantos anos!

*Mister* Peggotty ficara quase insensível na aparência e quando o ouvi chorar, em vez de cair de joelhos, como tinha desejo, para lhe pedir perdão pela dor que lhes causara e para amaldiçoar Steerforth, fiz melhor: dei ao meu coração opresso o mesmo alívio e desatei a chorar com eles.

## Capítulo XXXII — Começo de uma longa viagem

Suponho que o que me é natural deve ser igualmente natural a muitos outros e por isso não receio dizer que quando mais fui amigo de Steerforth foi exactamente no momento em que se quebraram os laços que nos uniam. Na amarga angústia que me causou a descoberta do seu crime, recordei-me mais distintamente de todas as suas brilhantes qualidades, apreciei mais intensamente tudo quanto ele tinha de bom, prestei mais completamente justiça a todas as faculdades que teriam podido fazer dele um homem de uma nobre natureza e de uma grande distinção, como eu nunca tinha feito em todo o ardor da minha dedicação passada; era-me impossível não sentir profundamente a parte involuntária que eu havia tido na mácula que ele lançara sobre uma família honesta e todavia, creio que, se então me houvesse encontrado com ele frente a frente, faltar-me-ia a coragem para lhe dirigir uma meia censura. Amá-lo-ia ainda muito, conquanto os meus olhos já estivessem abertos; teria conservado uma recordação tão terna do meu afecto por ele, que teria sido, receio, fraco como uma criança que só sabe chorar e esquecer; mas, por certo que não havia mais que pensar de ora avante numa reconciliação entre nós. Foi pensamento que nunca tive. Sentia, como ele próprio o sentira, que tudo estava acabado entre nós. Nunca soube que recordação ele tinha conservado de mim; talvez que não fosse uma dessas recordações ligeiras que *é* fácil afastar, mas eu lembrava-me dele como de um amigo bem amado que a morte me tivesse roubado.

Sim, Steerforth! Desde que o senhor desapareceu da cena desta pobre narrativa, não digo que a minha dor não testemunhe involuntariamente contra si diante do trono do juízo final, mas não tenha receio de que a minha cólera ou as minhas censuras acusadoras o persigam por si próprias.

A notícia do que acabava de acontecer espalhou-se depressa pela povoação e ao passar nas ruas, no dia seguinte de manhã, ouvi os habitantes falar nela às portas. Havia muita gente que se mostrava severa contra a Emília; outra era-o antes contra Steerforth, mas não havia senão uma voz a respeito do pai adoptivo e do noivo da raptada. Toda a gente, em todas as camadas, testemunhava pela dor dos dois um respeito cheio de considerações e de delicadeza. Os marujos conservaram-se isolados quando viram os dois caminhar lentamente pela praia logo de manhã cedo e formaram grupos onde não se falava deles senão para terem pena de ambos.

Fui encontrá-los na praia ao pé do mar. Foi-me fácil ver que não tinham pregado olho, quando mesmo Peggotty não me tivesse dito que a madrugada os

viera surpreender ainda sentados no sítio em que eu os deixara de véspera. Tinham o ar fatigado e pareceu-me que essa noite curvara a cabeça de *Mister* Peggotty mais do que todos os anos em que o tinha conhecido. Mas os dois estavam graves e tranquilos como o próprio mar, que se desenrolava aos nossos olhos sem uma única vaga, sob um céu sombrio, conquanto repentinos rolos mostrassem bem que respirava no seu descanso e que uma faixa de luz que o iluminava no horizonte fizesse adivinhar por detrás a presença do sol, invisível ainda entre nuvens.

— Falámos muito, senhor David — disse-me *Mister* Peggotty depois que todos três demos algumas voltas pela areia no meio de um silêncio geral — do que devíamos e do que não devíamos fazer. Mas agora estamos decididos.

Lancei, por acaso, um olhar para Ham. Nesse momento fitava ele o alvor que iluminava o mar lá muito ao longe, e, conquanto a cólera não lhe animasse o rosto e que eu nele não pudesse ler, tanto quanto me lembra, senão uma expressão de resolução sombria, veio-me ao espírito o terrível pensamento de que se ele encontrasse alguma vez Steerforth, matá-lo-ia.

— O meu dever cumpri-o aqui, senhor David — tornou *Mister* Peggotty. — Vou procurar a minha...

Parou, depois prosseguiu numa voz mais firme:

— Vou procurá-la. É o meu dever para todo o sempre.

Meneou a cabeça quando lhe perguntei aonde a encontraria e perguntou-me se eu partia para Londres no dia seguinte. Disse-lhe que se não tinha partido nesse mesmo dia, fora com receio de perder a ocasião de lhe prestar qualquer serviço, mas que estava pronto a partir quando ele quisesse.

— Partirei com o senhor amanhã — disse ele — se não vai de encontro a isso.

Demos de novo alguns passos em silêncio.

— Ham continuará a trabalhar aqui — prosseguiu ele daí por um bocado — e irá viver em casa de minha irmã. O velho barco...

— Dar-se-á o caso de que abandone o velho barco, *Mister* Peggotty? — perguntei docemente.

— Já não é lá o meu lugar, senhor David — respondeu ele — e se algumas vez naufragou um barco desde o tempo em que as trevas reinaram na superfície do abismo, é esse. Mas não, senhor; não quero que ele seja abandonado, bem longe disso.

Caminhámos mais algum tempo em silêncio e depois prosseguiu:

— O que eu desejo, senhor David, é que ele esteja sempre, noite e dia, de Inverno e de Verão, tal como ela sempre o conheceu, desde a primeira vez que o viu. Se alguma vez os seus passos errantes se dirigissem para este lado, eu não desejaria que a sua antiga habitação parecesse repeli-la; desejaria que a

convidasse, pelo contrário, a aproximar-se talvez da velha janela, como um fantasma, para ver, através do vento e da chuva, o seu cantinho junto do fogo. Então, *Mister* David, talvez que ao ver lá *Mistress* Gummidge sozinha, ela tomasse ânimo e entrasse a tremer; talvez se se deixasse deitar na sua antiga caminha e descansasse a cabeça extenuada aonde tão alegremente dormia dantes!

Não pude responder-lhe, apesar de todos os meus esforços.

— Todas as noites — continuou *Mister* Peggotty — ao anoitecer, a vela será colocada, como de costume, à janela, a fim de que, se acontecesse que ela a visse um dia, julgue também ouvi-la chamar docemente: «Vem cá, minha filha, vem cá!». Se alguma vez se bater, à noite, à porta de tua tia, Ham, sobretudo se baterem devagar, não vás tu abrir. Que seja ela e não tu que a minha pobre filha veja primeiro.

Deu alguns passos e caminhou à frente de nós um momento. Durante este intervalo, deitei ainda os olhos para Ham e ao ver-lhe a mesma expressão no rosto, com o olhar sempre fixo no alvor longínquo, toquei-lhe no braço.

Chamei-o duas vezes pelo nome, como se quisesse despertar um homem adormecido, sem que ele fizesse o menor caso de mim. Quando enfim lhe perguntei no que pensava, respondeu-me:

— No que tenho diante de mim, *Mister* David e mais além.

— Na vida que se abre diante de si, é o que quer dizer?

Ele tinha-me indicado vagamente o mar.

— Sim, *Mister* David. Não sei bem o que é, mas parece-me... que é lá ao longe que tudo terá fim!

E olhava para mim como um homem que desperta, mas com o mesmo ar resoluto.

— Que fim? — perguntei, sentindo renascer os meus receios.

— Não sei — respondeu ele com ar pensativo. — Recordava-me que foi aqui que tudo começou e naturalmente pensava que é aqui que tudo deve ter fim. Mas não falemos mais nisso, *Mister* David — acrescentou, respondendo, penso, ao meu olhar. — Não tenha receio; é que, sabe?, estou tão perturbado, parece-me que não sei...

E efectivamente não sabia aonde estava e o seu espírito mergulhava-se na maior confusão.

*Mister* Peggotty parou, para nos dar tempo a alcançá-lo e o nosso diálogo ficou por aqui; mas a recordação dos meus primeiros receios mais de uma vez me veio à ideia, até ao dia em que o inexorável fim chegou no tempo mareado.

Tínhamo-nos insensivelmente aproximado do velho barco. Entrámos: *Mistress* Gummidge, em vez de se lamentar no seu sítio costumado, estava toda atarefada

a preparar o almoço. Pegou no chapéu de *Mister* Peggotty e chegou-lhe uma cadeira, falando-lhe com tanta doçura e bom senso que eu nem a reconhecia.

— Vamos, Daniel, meu homem de bem — dizia ela — é preciso comer e beber para conservar as forças; sem isso nada se poderá fazer. Vamos, um pequeno esforço de coragem, meu bom homem e se o incomodo com o meu palavreado, basta dizer-mo, Daniel e pronto.

Quando nos serviu a todos, foi para ao pé da janela, a fim de se ocupar activamente a pontear camisas e outra roupa de *Mister* Peggotty, que ela ia dobrando em seguida cuidadosamente, para a guardar num velho saco de oleado, como os que usam os marinheiros. Durante esse tempo, continuava a falar sempre docemente.

— Faça o tempo que fizer e seja a estação que for, sabe, Daniel? — dizia *Mistress* Gummidge. — Estarei sempre aqui e tudo ficará como deseja. Não sei muito, mas hei-de escrever-lhe de tempos a tempos, quando tiver partido e mandarei as cartas a *Mister* David. Talvez o senhor me escreva algumas vezes, Daniel, para me dizer como se acha a viajar sozinho nas suas tristes investigações.

— Tenho receio de que fique muito isolada — disse-lhe *Mister* Peggotty.

— Não, não, Daniel — replicou ela —, não há perigo, não se inquiete comigo; terei todo o cuidado em ter tudo em ordem *(Mistress* Gummidge queria falar da casa) para o seu regresso, em ter tudo em ordem para quem puder chegar, Daniel. Quando fizer bom tempo sentar-me-ei à porta, como era meu costume. Se alguém viesse, poderia ver de longe a velha viúva, a fiel guarda da casa.

Que mudança em *Mistress* Gummidge e em tão pouco tempo! Era uma outra pessoa. Era tão dedicada, compreendia tão depressa o que era bom de dizer e o que mais valia calar, pensava tão pouco em si própria e ocupava-se tanto do desgosto dos que a rodeavam, que eu via-a com uma espécie de veneração. Quanto ela trabalhou nesse dia! Havia na praia uma quantidade de objectos que era preciso meter debaixo de coberto, como velas, redes, remos, cordas, vergas, vasilhas para os camarões, sacos de areia para lastro e muitas outras coisas e conquanto não faltasse a ajuda e houvesse na praia um bom par de mãos dispostas a trabalhar de alma e coração por *Mister* Peggotty, ela persistiu em arrastar pesos infinitamente superiores às suas forças e em correr de cá para lá a fazer uma porção de coisas inúteis, muito contente e feliz por sentir o prazer de prestar os seus serviços. Nem sombra das suas lamentações ordinárias acerca das suas desgraças, que parecia ter esquecido por completo. Afectou durante todo o dia uma serenidade tranquila, apesar da sua viva e boa simpatia e não era isso o que havia de menos notável na mudança que nela se operara. O mau humor tinha desaparecido. Nem mesmo notei que a sua voz tremesse uma vez, ou que uma

lágrima caísse de seus olhos durante todo o dia; somente à tarde, quando ia anoitecendo e que ficou só com *Mister* Peggotty e que ele acabara por adormecer, as lágrimas cobriram-na e baldadamente tentou reprimir os soluços. Então, levando-me para junto da porta, disse-me:

— Deus o abençoe, *Mister* David e seja sempre um amigo para ele, o pobre homem!

Depois correu fora da casa a lavar os olhos antes de voltar a assentar-se ao pé dele, para que a encontrasse tranquilamente a trabalhar, quando despertasse. Numa palavra: quando os deixei, à noite, ela era o apoio e o arrimo de *Mister* Peggotty na sua aflição e eu não me fartava de meditar na lição que *Mistress* Gummidge me dera e no novo lado do coração humano que ela acabava de me fazer ver.

Eram aproximadamente nove horas e meia, quando passeando tristemente pela cidade, parei à porta de *Mister* Omer. Disse-me a filha que o pai ficara tão aflito com o que acontecera, que todo o dia tinha estado soturno e abatido e que até se deitara sem fumar a cachimbada do costume.

— É uma rapariga pérfida, um mau coração — disse *Mistress* Joram. — Nunca valeu coisa boa, não, nunca!

— Não diga isso — repliquei —; a senhora não pensa o que está a dizer!

— Sim, penso! — disse *Mistress* Joram encolerizada.

— Não pensa tal, não! — contestei.

*Mistress* Joram meneou a cabeça tentando tomar uma expressão dura e severa, mas não pôde triunfar da sua emoção e pôs-se a chorar. Eu era moço, é verdade, mas esta simpatia deu-me dela magnífica opinião e pareceu-me que na sua qualidade de mulher e mãe irrepreensível isso lhe ficava muito bem.

— Que será feito dela? — dizia Minnie soluçando. — Para onde irá? Que lhe sucederá? Oh! Como foi que ela pôde ser tão cruel contra si própria e contra ele?

Eu lembrava-me do tempo em que Minnie era uma rapariga nova e bonita, e folgava de ver que ela se lembrava também com muita emoção.

— A minha pequenita Minnie acabou há pouco de adormecer — disse *Mistress* Joram. — Mesmo a dormir, chama pela Emília. Em todo o dia, a pequenita perguntou por ela a chorar e queria sempre saber se a Emília era má. Quer ouvir? Na última tarde que a Emília passou em nossa casa, tirou uma fita que trazia ao pescoço e deitou a cabeça no travesseiro ao lado da pequenita, até ela ficar pegada no sono. A fita tem-na agora a minha Minnie ao pescoço. Talvez que não devesse ser assim, mas que quer que eu faça? A Emília andou mal, mas as duas amavam-se tanto! E depois, a criança sabe lá?

*Mistress* Joram estava tão triste, que o marido saiu do seu quarto para a vir consolar. Deixei-os juntos e tomei a direcção da casa de Peggotty, mais

melancólico, se era possível, do que nunca.

Essa bondosa criatura (quero falar de Peggotty), sem pensar na sua fadiga, nas suas inquietações recentes, em tantas noites de insónia, tinha ficado em casa do irmão, para só o deixar no momento da partida. Comigo, em casa, havia apenas uma velhota que se encarregava do arranjo doméstico há algumas semanas, desde que Peggotty não pudera mais ocupar-se disso. Como eu não tivesse nenhuma precisão dos seus serviços, mandei-a deitar com grande satisfação sua e sentei-me diante do fogão da cozinha para reflexionar um pouco em tudo quanto acabava de se passar.

Eu confundia os últimos acontecimentos com a morte de *Mister* Barkis e via o mar que se retirava lá para longe; recordei-me do olhar estranho que Ham tinha lançado ao horizonte, quando fui tirado às minhas divagações por uma pancada na porta. Havia um batente na porta da rua, mas a pancada não tinha sido com o batente: fora uma mão que batera, devagar, como se fosse uma criança que quisesse que lhe abrissem.

Apressei-me a correr à porta, como se quem batesse fosse o escudeiro de um personagem de distinção; abri e a princípio não vi, com grande espanto meu, senão um imenso guarda-chuva que parecia caminhar sozinho. Mas não tardou que debaixo dele eu descobrisse *miss* Mowcher.

Eu não estava muito disposto a receber com benevolência essa criaturinha, se, no momento em que ela desviou o guarda-chuva que não podia conseguir fechar, apesar dos maiores esforços, não descobrisse no seu rosto essa expressão galhofeira que tamanha impressão me causara por ocasião da nossa primeira e última entrevista. Ela voltou o rosto para o mar e notei-lhe nesse momento um ar muito arrependido. Quando a desembaracei do guarda-chuva (cujo volume teria sido incómodo mesmo para o *Gigante irlandês*), estendeu as pequenas mãos com uma expressão de dor tão intensa, que eu senti alguma simpatia por ela.

— *Miss* Mowcher! — disse-lhe eu depois de ter olhado para a direita e para a esquerda, na rua deserta, sem saber o que queria procurar. — Como está? O que é que tem?

Ela fez-me sinal com o seu pequeno braço para eu lhe fechar o guarda-chuva e passando precipitadamente para o meu lado, entrou na cozinha. Fechei a porta; segui-a de guarda-chuva em punho e fui encontrá-la sentada num canto do guarda-cinzas, muito perto dos cães do fogão e das barras de ferro de colocar os pratos, ao pé da panela, balouçando-se para diante e para trás e apertando os joelhos com as mãos, como quem sofre.

Um pouco inquieto pela recepção dessa visita importuna e por me encontrar único espectador dessas estranhas gesticulações, exclamei outra vez:

— O que é que tem, *miss* Mowcher? Encontra-se doente?

— Meu caro filho — replicou a anã, apertando as duas mãos sobre o coração — estou doente aqui, muito doente; quando penso no que sucedeu e que eu teria podido saber impedi-lo talvez, se não fosse uma doida como sou!

E o seu grande chapéu, tão mal apropriado ao seu pequeno corpo, balouçava-se para a frente e para trás, seguindo os movimentos do seu busto, fazendo dançar por trás dela, na parede, a sombra de um chapéu gigante.

— Estou admirado — comecei a dizer — por a ver tão seriamente perturbada...

Mas a *miss* interrompeu-me:

— Sim, é sempre assim. Todos os rapazes inconsiderados que tiveram a felicidade de chegar ao seu pleno desenvolvimento, espantam-se sempre por encontrarem alguns sentimentos bons numa pequena criatura como eu. Para eles não passo de um brinquedo com que se divertem e que põem de lado quando dele se aborrecem; imagina-se que eu não tenho mais sensibilidade do que um cavalo de pau ou um soldado de chumbo... Sim, sim, foi sempre assim, não é de hoje.

— Eu só por mim posso responder — disse-lhe —, mas asseguro-lhe que não sou assim. Talvez que não devesse admirar-me de a ver nesse estado, pois que mal a conheço. Desculpe-me; o que lhe disse foi sem a intenção de a melindrar.

— O que quer que eu faça? — replicou a pequena mulher pondo-se de pé e erguendo os braços para se fazer ver. — Veja: meu pai era como eu, meu irmão igualmente, minha irmã também. Trabalho para meu irmão e para minha irmã há bastantes anos... sem cessar, senhor Copperfield, todo o dia. É preciso viver. Não faço mal a ninguém. Se há pessoas bastante cruéis que me tratam de leve, por gracejo, que quer que eu faça? É preciso fazer como essa gente; e aí está a razão porque cheguei a zombar de mim própria, dos que de mim riem e de todas as coisas. Pergunto-lhe: de quem é a culpa? Nunca é minha.

Não, não, eu bem via que a culpa não era de *miss* Mowcher.

— Se eu tivesse deixado ver ao seu pérfido amigo que, por ser anã, não deixava de ter um coração como qualquer outra — continuou meneando a cabeça com ar de censura — o senhor imagina que ele me tivesse ligado a menor importância? Se a pequena Mowcher (que todavia não se fez a si própria) se dirigisse a ele ou a algum dos seus semelhantes em nome das suas desgraças, imagina que escutariam sequer a sua pequena voz? A pequena Mowcher não teria menos necessidade de viver, quando fosse a mais tola e a mais resmungona das anãs, mas nada conseguiria, oh, não! Esfalfar-se-ia a pedir uma fatia de pão com manteiga, que a deixariam para aí estourar de fome, porque enfim não pode todavia alimentar-se de vento!

*Miss* Mowcher tornou a sentar-se no guarda-cinzas, puxou do lenço e limpou

os olhos.

— Vamos, o senhor deve antes felicitar-me, se é de bom coração, como creio — disse ela — por eu ter tido a coragem, nisto que sou, de suportar tudo alegremente. Felicito-me eu mesma, em todo o caso, por trilhar um caminho de bondade e de simplicidade no mundo, sem dever nada a ninguém, sem ter que restituir outra coisa pelo pão que me atiram de passagem, por tolice ou por vaidade, senão algumas sandices em troca. Se não levo a vida a lamentar-me por tudo quanto me falta, tanto melhor para mim e isso não prejudica ninguém. Se é preciso que eu sirva de ludíbrio a vós todos gigantes, ao menos tratem o seu ludíbrio com bondade.

*Miss* Mowcher meteu o lenço na algibeira e prosseguiu olhando-me fixamente:

— Encontrei-o há pouco na rua. Compreende que me é impossível andar tão depressa como o senhor; tenho as pernas muito pequenas e a respiração muito curta e não pude alcançá-lo; mas adivinhei aonde é que ia e segui-o. Já cá vim hoje, mas a boa mulher não estava em casa.

— Então conhece-a? — perguntei.

— Ouvi falar dela — replicou — em casa de Omer & Joram. Estive com eles esta manhã. Recorda-se do que Steerforth me disse dessa pobre pequena no dia em que os vi a ambos no hotel?

O grande chapéu da cabeça de *miss* Mowcher e o chapéu maior ainda que se desenhava na parede, recomeçaram a bambolear-se, quando me fez esta pergunta.

Respondi-lhe que me recordava muito bem do que ela queria dizer e que tinha pensado nisso diversas vezes durante o dia.

— Que o pai da mentira o confunda! — disse a pequena criatura erguendo o dedo entre os seus olhos cintilantes e eu — e que confunda dez vezes mais ainda esse miserável criado! Mas eu supunha que era o senhor que tinha por ela uma paixão de longa data!

— Eu? — repeti.

— Que criança que é! Por que má e cega fortuna — exclamou *miss* Mowcher, torcendo as mãos com impaciência e agitando-se toda sobre o guarda-cinzas — o senhor fez com tanto entusiasmo o elogio dela, corando e tomando um ar tão perturbado?

Eu não podia dissimular-me de que ela falava verdade, conquanto tivesse interpretado mal a minha emoção.

— Como o podia eu saber? — prosseguiu *miss* Mowcher, tirando de novo o lenço e batendo com o pé de cada vez que enxugava os olhos com ambas as mãos. — Eu bem via que ele o estava a atormentar e a metê-lo por dentro

alternativamente; e, durante esse tempo, o senhor era como cera mole nas mãos dele, bem o via também. Não havia um minuto que eu tinha saído do quarto, quando o criado dele me disse que o moço inocente (era assim que ele lhe chamava e o senhor pode chamar-lhe velho velhaco quando quiser, sem o prejudicar) tinha fixado as suas vistas sobre ela e que ela estava também babadinha de amor por si; mas que seu amo estava decidido a evitar que isso tivesse más consequências, mais por afeição por si do que por compaixão por ela e que era nesse propósito que eles se encontravam em Yarmouth. Como não o acreditar? Eu tinha visto Steerforth apaparicá-lo e lisonjeá-lo ao fazer o elogio dessa menina. Foi o senhor o primeiro que falou nela. Confessou que havia muito tempo que a apreciava. O senhor tinha calor e frio, corava e empalidecia quando eu lhe falava dela. Que queria que eu pudesse acreditar, senão que era um pequeno libertino, em projecto, a quem só faltava a experiência e que nas mãos em que tinha caído, essa experiência não se faria esperar, se não se encarregassem de o dirigir pelo bom caminho, se tal fosse a fantasia deles? Oh! Oh! Oh! É que eles tinham receio de que eu descobrisse a verdade — exclamou *miss* Mowcher descendo do guarda-fogo para caminhar de cá para lá na cozinha, erguendo ao céu os dois pequenos braços com um ar de desespero —, eles sabiam que sou fina bastante, porque bem necessidade tenho de o ser para me tirar de apuros neste mundo e conspiraram-se para me enganar; fizeram com que eu entregasse a essa desditosa rapariga uma carta, a origem, receio bem, das suas familiaridades com Littimer, que ficou aqui expressamente por causa dela.

Fiquei confundido com a revelação de tanta perfídia e olhei para *miss* Mowcher, que continuava a passear pela cozinha; quando se fatigou, tornou a sentar-se no guarda-cinzas, e, limpando o rosto com o lenço, meneou a cabeça sem fazer outro movimento e sem quebrar o silêncio.

— As minhas digressões de província levaram-me anteontem à noite a Norwich, senhor Copperfield — acrescentou ela enfim. — O que lá soube por acaso do segredo com que os fugitivos envolveram a chegada e a partida, porque bem espantada fiquei ao saber que o senhor não tomou parte no caso, fez-me desconfiar de qualquer coisa. Ontem à noite tomei lugar na diligência de Londres quando ela atravessava Norwich e cheguei esta manhã, muito tarde, ai de mim! Muito tarde!

A pobre Mowcher tinha uns tais arrepios, à força de chorar e de se desesperar, que se revirou no guarda-cinzas para aquecer no meio das cinzas os pobres pezinhos molhados e ficou para ali como uma grande boneca, de olhos voltados para a lareira. Eu estava sentado numa cadeira, do outro lado do fogão, mergulhado nas minhas tristes reflexões e fixando ora o fogo, ora a minha singular companheira.

— Tenho de me ir embora — disse ela por fim levantando-se. — É tarde; o senhor não desconfia de mim, pois não é verdade?

Ao dar com o seu olhar penetrante, mais penetrante do que nunca, quando me fez esta pergunta, não pude responder a esse brusco apelo um «não» bem franco.

— Vamos — disse ela, aceitando a mão que eu lhe oferecia para a ajudar a passar por cima do guarda-cinzas e olhando para mim com um ar suplicante — o senhor sabe bem que não desconfiaria de mim, se eu fosse uma mulher de estatura regular...

Senti que havia muita verdade nisso e estava um pouco envergonhado de mim próprio.

— O senhor é novo — disse ela. — Ouça uma palavra de conselho, mesmo de uma pequena criatura de três pés de altura. Meu bom amigo, trate de não confundir as enfermidades físicas com as enfermidades morais, a menos que não tenha qualquer boa razão para isso.

Quando se libertou do guarda-cinzas e eu das minhas suspeitas, disse-lhe que não duvidava de que ela me tivesse explicado fielmente os seus sentimentos e de que não tivéssemos sido, um e outra, dois instrumentos cegos em mãos pérfidas. Ela agradeceu-me, acrescentando que eu era um bom rapaz.

— Agora, esteja com atenção! — disse ela, voltando-se quando ia a chegar à porta e olhando para mim, com o dedo erguido e com ar maligno. — Tenho certas razões para supor, pelo que ouvi dizer (porque eu ando sempre de orelha à escuta e é preciso que use das faculdades que possuo) que eles partiram para o continente. Mas se algum dia regressarem, se um deles ao menos voltar enquanto eu viva for, tenho mais probabilidades do que ninguém, eu que ando sempre por estradas e caminhos, de ser informada. Tudo quanto eu souber, há-de o senhor sabê-lo; *se* eu puder alguma vez ser útil, não importa como, a essa pobre pequena que eles acabam de seduzir, fielmente me dedicarei a isso, se Deus quiser. E quanto a Littimer, melhor lhe fora ter um molosso às pernas do que a pequena Mowcher!

Eu não pude deixar de acreditar interiormente nessa promessa, quando vi o olhar com que ela a acompanhava.

— Só lhe peço que deposite em mim a confiança que depositaria numa mulher de estatura regular, nem mais nem menos — disse a pequena criatura, agarrando-me na mão com ar suplicante. — Se me tornar a ver alguma vez diferente na aparência do que sou agora consigo; se eu retomar o génio folgazão que da primeira vez me viu, preste atenção à companhia com quem eu me encontrar. Recorde-se de que sou uma pobre criaturinha sem socorro e sem defesa. Tenha presente *miss* Mowcher que, depois de acabar o seu dia, regressa à noite a casa, com seu irmão exactamente como ela e sua irmã, como ela igualmente; talvez

que então seja mais indulgente para mim e não se admire mais do meu desgosto e da minha perturbação. Boa noite!

Toquei na mão de *miss* Mowcher, com sentimentos de estima bem diferentes dos que me tinha inspirado até então e segurei na porta para a deixar sair. Não era coisa de pouca monta abrir-lhe o guarda-chuva e colocar-lho em equilíbrio na mão; consegui-o, todavia e vi-o descer a rua através da chuva, sem que nada indicasse que houvesse alguém debaixo, excepto quando uma goteira muito cheia lhe jorrava em cima, à passagem e o fazia inclinar de lado, porque então eu descobria *miss* Mowcher em perigo, fazendo violentos esforços para o endireitar.

Depois de ter feito uma ou duas tentativas para ir em seu socorro, mas sem grandes resultados, porque, alguns passos mais adiante, o guarda-chuva recomeçava sempre a saltitar na minha frente como um grande pássaro, antes que eu pudesse alcançá-lo; vim para dentro deitar-me e dormi até de manhã.

*Mister* Peggotty e a minha velha criada vieram ter comigo muito cedo e dirigimo-nos ao escritório da diligência, aonde *Mistress* Gummidge nos esperava com Ham, para nos dizer adeus.

— Senhor David — disse-me Ham baixinho, chamando-me à parte, enquanto *Mister* Peggotty arrumava o seu saco no meio da bagagem —, a vida dele está completamente despedaçada; não sabe aonde vai, nem sabe o que o espera; começa uma viagem que vai levá-lo por Seca e Meca, até ao fim da sua vida, pode contar com isso, se não encontrar o que procura. Eu sei que o senhor David há-de ser um amigo para ele!

— Pode estar certo disso — disse apertando-lhe lhe afectuosamente a mão.

— Obrigado, senhor David, muito obrigado! Ainda uma palavra: eu ganho bem a minha vida, senhor David, e não sei aonde gastar agora aquilo que ganho, não preciso mais do que para comer. Se o senhor pudesse gastá-lo com ele, eu trabalharia com mais vontade... Enquanto a isso, senhor David — continuou ele num tom firme e suave —, fique bem certo de que não deixarei de trabalhar como um homem e que me desempenharei da melhor maneira.

Disse-lhe que disso estava eu convencido e não lhe ocultei mesmo a minha esperança de que tempo viria em que ele havia de renunciar à vida solitária, à qual, nesse momento, podia julgar-se naturalmente condenado para sempre.

— Não senhor — disse ele meneando a cabeça — tudo isso passou já para mim. Mais ninguém substituirá o lugar vazio. Mas não se esqueça de que aqui há-de haver sempre dinheiro reservado, senhor.

Prometi-lhe de sempre me recordar, lembrando-lhe sempre que *Mister* Peggotty já tinha um rendimento modesto, é verdade, mas seguro, graças ao legado do cunhado. Despedimo-nos então um do outro. Não posso deixá-lo, mesmo aqui, sem me lembrar da sua coragem simples e tocante em tamanho

desgosto.

Quanto a *Mistress* Gummidge, se me fosse preciso descrever todas as corridas que deu pela estrada fora ao lado da diligência, sem ver outra coisa, através das lágrimas que se esforçava por conter, senão *Mister* Peggotty sentado na imperial, o que fazia com que esbarrasse com quantos transeuntes caminhavam em direcção oposta, seria obrigado a lançar-me numa bem difícil empresa. Prefiro, pois, deixá-la sentada nos degraus da porta de um padeiro, esbaforida, com um chapéu por completo deformado e um dos sapatos à espera dela no passeio, a uma distância considerável.

Ao chegarmos ao termo da nossa viagem, a nossa primeira ocupação foi procurar para Peggotty um alojamento em que seu irmão pudesse ter uma cama; tivemos a felicidade de arranjar um muito limpo e pouco dispendioso, por cima da loja de um negociante de velas e duas ruas separado da minha casa. Quando alugámos esse aposento, fui comprar carne fria a um restaurante e levei os meus companheiros de viagem a tomarem chá em minha casa, com receio, lamento dizê-lo, de não obter a aprovação de *Mistress* Crupp, bem pelo contrário. Todavia, devo mencionar aqui, para bem fazer apreciar as qualidades contraditórias dessa estimável dama, que ela se chocou por ver Peggotty apanhar o vestido de viúva, dez minutos depois de chegarmos a casa, para se pôr a espanar o meu quarto de dormir. *Mistress* Crupp olhava essa usurpação do seu cargo como uma liberdade e ela não permitia nunca — disse-o — que tivéssemos dessas liberdades.

*Mister* Peggotty tinha-me comunicado pelo caminho um projecto que, aliás, eu já esperava. Formava tenção de ir ter primeiramente com *Mistress* Steerforth. Como eu me sentia obrigado a ajudá-lo nessa empresa e a servir de mediador entre ambos, com o fim de poupar o mais possível a sensibilidade da mãe, escrevi-lhe nessa mesma noite. Expliquei-lhe o mais delicadamente que pude o mal feito a *Mister* Peggotty e o direito que tinha por minha parte de me queixar desse desgraçado acontecimento. Dizia-lhe que *Mister* Peggotty era um homem de uma classe inferior, mas do carácter mais doce e mais elevado e que eu ousava esperar que ela não se recusasse a vê-lo na desgraça que o acabrunhava. Pedia-lhe para nos receber às duas horas da tarde e eu próprio enviei a carta pela primeira diligência da manhã.

À hora marcada estávamos à porta... à porta dessa casa aonde eu tinha sido tão feliz alguns dias antes, em que eu tinha dado tão livremente toda a minha confiança e todo o meu coração, essa porta que me estava agora fechada e que eu não olhava senão como uma ruína desolada.

Nem sombra de Littimer. Foi a criadita que o tinha substituído com grande satisfação minha, por ocasião da minha última visita, quem veio abrir-nos a porta

e quem nos conduziu até à sala de visitas. Lá encontrámos *Mistress* Steerforth. Rosa Dartle, no momento em que entrámos, deixou a cadeira que ocupava num outro canto da sala e veio colocar-se de pé por trás da poltrona de *Mistress* Steerforth.

Vi logo pelo rosto da mãe que tinha sabido pelo próprio filho o que ele fizera. Estava muito pálida e as suas feições apresentavam o vestígio de uma emoção muito profunda para ser apenas atribuída à minha carta, sobretudo com as dúvidas que lhe deixou a sua ternura. Encontrei-lhe nesse momento mais parecença do que nunca com seu filho e vi, antes com o coração do que com os olhos, que o meu companheiro não estava menos impressionado do que eu.

Conservava-se erecta na poltrona, com um ar majestoso, inalterável, impassível, que parecia que nada no mundo fosse capaz de perturbar. Olhou altivamente para *Mister* Peggotty quando ele foi postar-se diante dela; mas ele não a olhou menos afoitamente. Os olhares penetrantes de Rosa Dartle envolviam-nos a todos. Durante um momento, o silêncio foi completo.

Ela fez sinal a *Mister* Peggotty para que se sentasse.

— Não me pareceria natural, minha senhora — disse ele em voz baixa —, sentar-me nesta casa; prefiro ficar de pé.

Novo silêncio, que ela quebrou ainda, dizendo;

— Sei o que aqui o trás; lamento-o profundamente. O que quer de mim? Que me pede que faça agora?

Ele meteu o chapéu debaixo do braço e procurando no seio a carta da sobrinha, tirou-a, desdobrou-a e deu-lha.

— Faça favor de ler isto, minha senhora. É da mão de minha sobrinha!

Ela leu, com o mesmo ar impassível e grave; não pude surpreender-lhe nas feições vestígio algum de emoção. Depois entregou a carta.

— A menos que ele não me traga depois de ter feito de mim uma senhora — disse *Mister* Peggotty, seguindo com o dedo as palavras escritas. — Venho saber, minha senhora, se ele cumprirá esta sua promessa.

— Não — replicou ela.

— E por que não? — interpelou *Mister* Peggotty.

— Porque é impossível. Desonrar-se-ia. Não pode ignorar que ela está muito abaixo dele!

— Levantem-na até si! — disse *Mister* Peggotty.

— É uma ignorante e sem educação!

— Talvez que sim e talvez que não — disse *Mister* Peggotty. — Não o creio, minha senhora, mas não sou juiz nestas coisas. Ensinem-lhe o que ela não sabe.

— Já que me obriga a falar mais categoricamente, o que apenas faço com muito pesar, dir-lhe-ei que a sua família é muito humilde para que uma tal coisa

seja possível, quando mesmo não houvesse outros obstáculos.

— Queira escutar-me, minha senhora — disse ele lentamente e com tranquilidade. — A senhora sabe o que é a gente amar um filho, pois eu também. Essa pequena poderia ser cem vezes minha filha que eu não a poderia amar mais do que a amo. Mas o que a senhora não sabe é o que é perder uma filha; sei-o eu. Todas as riquezas do mundo, se minhas fossem, não me custariam nada a perder para a resgatar. Arranque-a à desonra e dou-lhe a minha palavra de honra que não terão a recear o opróbrio da nossa aliança. Nem um só dos que a criaram, nem um só dos que com ela viveram e que a consideravam como o seu tesouro há tantos anos, nenhum tornará mais a ver o seu lindo rosto. Renunciaremos a ela, contentar-nos-emos em pensar nela, como se ela estivesse muito longe, debaixo de outro céu; contentar-nos-emos em confiá-la ao seu marido, aos seus filhos, talvez e esperaremos, para a tornar a ver, pelo tempo em que havemos de ser todos iguais perante Deus!

A simples eloquência do seu discurso não foi absolutamente sem efeito. *Mistress* Steerforth conservou as suas maneiras altivas, mas o seu tom suavizou-se respondendo-lhe:

— Eu não justifico nada. Não acuso ninguém, mas incomoda-me ser obrigada a repetir que é impraticável. Um tal casamento destruiria sem remédio todo o futuro de meu filho. Isso não pode ser e não se fará; nada mais certo. Se há alguma outra compensação...

— Estou contemplando um rosto que me recorda pela parecença o que vi em frente de mim — interrompeu *Mister* Peggotty, com um olhar firme, mas cintilante — em minha casa, ao canto do meu fogo, no meu batel, por toda a parte, com um sorriso amigável, ao mesmo tempo que meditava uma traição tão negra que até parece que endoideço quando nisso penso. Se o rosto que se parece com aquele não se torna rubro como o fogo à ideia de me oferecer dinheiro para me pagar a perda e a desonra da minha pobre menina, não vale mais do que o outro; talvez valha menos ainda, pois que é de uma dama!

Ela mudou então de atitude num instante; soltou como que um rugido de cólera e disse com altivez, apertando os braços da poltrona:

— E o senhor que compensação me pode oferecer para o abismo que abriram entre meu filho e eu? Que vem a ser o seu afecto em comparação com o meu? Que vem a ser a sua separação à custa da nossa?

*Miss* Dartle tocou-lhe levemente e inclinou a cabeça para lhe falar em segredo, mas *Mistress* Steerforth não quis ouvi-la.

— Não, Rosa, nem uma palavra! Este homem há-de ouvir-me até ao fim! O meu filho, que tem sido o único fito da minha vida, a quem têm sido consagrados todos os meus pensamentos, a quem nunca recusei um desejo desde

a sua infância, com o qual tenho vivido numa só existência desde que nasceu, enamoriscar-se assim de repente de uma miserável rapariga e abandonar-me por ela! Sacrificar a essa odiosa fantasia os direitos de sua mãe ao seu respeito, ao seu afecto, à sua obediência, à sua gratidão, direitos que deviam tornar-se-lhe sagrados em cada dia e em cada hora da sua vida! Não é este um mal irreparável?

Rosa Dartle tentou de novo acalmá-la, mas foi em vão.

— Repito-lhe, Rosa, nem uma palavra! Se ele for capaz de arriscar tudo num lance de dados pelo mais frívolo capricho, eu também o posso fazer por um motivo mais digno de mim. Que vá para onde quiser com os recursos que o meu amor lhe forneceu! Supõe reduzir-me por meio de uma longa ausência? Conhece bem pouco sua mãe, se conta com isso. Que renuncie imediatamente a essa fantasia e abrir-lhe-ei os braços. Se não renunciar já, nunca mais se aproximará de mim, viva ou moribunda, enquanto eu puder erguer a mão para me opor, até que, dela desembaraçado para sempre, venha humildemente implorar o meu perdão! Eis o meu direito! Eis a separação que ele entre nós abriu! E não é isto um mal irreparável? — terminou olhando para o seu visitante com o mesmo ar altaneiro que tomara no princípio.

Ao ouvir e ao ver a mãe, enquanto ela pronunciava estas palavras, parecia-me ver e ouvir seu filho responder-lhe com um desafio. Encontrava nela quanto tinha visto nele de obstinação e teimosia. Tudo o que eu sabia por mim próprio da energia mal dirigida de Steerforth melhor me fazia compreender o carácter de sua mãe; via claramente que a alma de ambos era concorde na violência selvagem.

Disse-me então bem alto, recuperando a frieza das suas maneiras, que era inútil ouvir e dizer mais e que desejava pôr termo a esta entrevista. Levantava-se com um ar de dignidade para deixar a sala, quando *Mister* Peggotty declarou que era inútil.

— Não receie que eu seja para si um embaraço, minha senhora; nada mais tenho a dizer-lhe — prosseguiu dando um passo para a porta. — Vim aqui sem esperança e nenhuma esperança levo. Fiz o que supunha que devia fazer, mas nada esperava da minha visita. Esta casa maldita fez-me muito mal a mim e aos meus para que eu possa razoavelmente dela esperar qualquer coisa de bom!

Dito isto saímos, deixando-a de pé ao lado da poltrona, como se estivesse pousando para um retrato de nobre atitude com um lindo rosto.

Para sair havia que atravessar-se uma galeria envidraçada que servia de vestíbulo; cobria-a por completo com as suas folhas uma vinha disposta em latada; o dia estava bonito e as portas que deitavam para o jardim estavam abertas.

Rosa Dartle entrou por ali sem ruído, quando passávamos e dirigindo-se-me:

— Teve uma bonita ideia — disse — em trazer cá este homem!

Eu não acreditaria que se pudesse concentrar, mesmo nesse rosto, uma expressão de raiva e de desprezo como a que lhe escurecia as feições e que lhe brotava dos seus olhos pretos. A cicatriz do martelo estava, como sempre, em iguais acessos de cólera, fortemente pronunciada. A tremura nervosa que eu lhe tinha notado agitava-a ainda e ela levou lá a mão para a conter, vendo que eu reparava nela.

— Escolheu muito bem o seu homem para o trazer aqui e servir-lhe de campeão, não é assim? Que amigo fiel!

— *Miss* Dartle — repliquei — será na verdade tão injusta a ponto de me condenar neste momento?

— Para que foi que veio lançar a discórdia entre estas duas criaturas insensatas? — replicou. — Não vê que são duas pessoas doidas de obstinação e de orgulho?

— E tenho eu culpa disso? — repliquei.

— Tem culpa, sim! — retorquiu. — Para que trouxe cá este homem?

— É um homem a quem fizeram mal, *miss* Dartle — respondi. — A *miss* talvez ignore...

— Sei que James Steerforth — disse ela fincando a mão no peito como para impedir que rebentasse a tempestade que aí reinava — tem um coração pérfido e corrupto; sei que é um traidor. Mas que necessidade tenho eu de me inquietar a saber o que se relaciona com esse homem e com a sua miserável sobrinha?

— *Miss* Dartle — repliquei — está deitando veneno na ferida; bem profunda é ela já. Repito-lhe somente, ao deixá-la, que é muito injusta contra ele.

— Eu não sou injusta! — replicou ela. — Não passam de miseráveis sem honra e, quanto a ela, estimava que a açoitassem!

*Mister* Peggotty passou sem dizer palavra e saiu.

— Oh! É indecoroso, *miss* Dartle, é indecoroso! — disse-lhe eu com indignação. — Como pode ter coração para calcar aos pés um homem excruciado por uma aflição tão pouco merecida?

— Estimaria calcá-los a todos aos pés — replicou ela. — Estimaria ver a casa dele destruída de alto a baixo; estimaria que a sobrinha fosse marcada na testa com um ferro em brasa, que a cobrissem de farrapos e que a atirassem à rua aonde fosse morrer de fome. Se eu tivesse o poder de a julgar, eis o que lhe mandaria dizer: não, não, eis o que eu lhe faria pessoalmente! Detesto-a! Se eu pudesse exprobar-lhe em rosto a sua situação infame, era capaz de ir até ao fim do mundo para isso. Se eu pudesse persegui-la até ao túmulo, fá-lo-ia. Se houvesse à hora dela morrer uma palavra que pudesse consolá-la e que só eu a

soubesse, preferia morrer a dizer-lha.

Toda a veemência destas palavras não pode dar senão uma imperfeitíssima ideia da paixão que a possuía por completo e que explodia em toda a sua pessoa, conquanto tivesse baixado a voz em vez de a levantar. Nenhuma descrição poderia exprimir a recordação que dela conservei, nessa embriaguez de furor. Tenho visto a cólera sob bastantes formas, nunca mais a vi sob aquela.

Quando alcancei *Mister* Peggotty, descia ele a colina lentamente e com ar pensativo. Disse-me, mal cheguei ao pé dele, que tendo agora o coração descansado a respeito do que quisera fazer em Londres, tinha tenção de partir nessa mesma tarde para as suas viagens. Perguntei-lhe aonde é que tencionava ir? Respondeu-me simplesmente:

— Vou procurar minha sobrinha, senhor.

Chegámos ao pequeno alojamento por cima do armazém de velas e aí tive ocasião de repetir a Peggotty o que ele me tinha dito. Por sua vez informou-me ela que ele lhe dissera o mesmo, de manhã. Ela sabia tanto como eu aonde ele ia, mas pensava que tinha algum projecto na cabeça.

Não o quis deixar em tais circunstâncias e jantámos todos três um pastelão de filetes de vaca, um dos pratos maravilhosos que honravam o talento de Peggotty e cujo perfume incomparável era ainda realçado, lembro-me às mil maravilhas, por um cheiro composto de chá, café, manteiga, toucinho, queijo, pão fresco, lenha, velas e molho de cogumelos que subia sem cessar da loja. Depois do jantar, sentámo-nos quase durante uma hora, ao lado da janela, sem dizermos coisas de interesse; depois *Mister* Peggotty levantou-se, pegou no seu saco de oleado e na sua moca e pousou-os em cima da mesa.

Aceitou como adiantamento do seu legado, uma pequena quantia que sua irmã lhe entregou do dinheiro em metal que tinha na mão, apenas com que viver um mês, segundo me pareceu. Prometeu escrever-me se viesse a saber qualquer coisa, depois passou a correia do saco pelo ombro, pegou no chapéu e na moca e disse-nos a ambos: «Até à vista!»

— Deus te abençoe, minha querida velha — disse ele beijando Peggotty — e ao senhor também, *Mister* David. — E acrescentou dando-me um aperto de mão: — Vou procurá-la por esse mundo fora. Se ela voltar quando eu andar lá por fora (mas, ai de mim! Não é provável), ou se eu a trouxer, a minha tenção será ir viver com ela aonde não se encontrar ninguém que lhe possa dirigir uma censura; se me acontecer alguma desgraça, lembrem-se de que as últimas palavras que eu disse para ela são: «Deixo à minha querida filha a minha afeição inabalável e perdoo-lhe!»

Disse isto num tom solene, com a cabeça descoberta; depois, cobrindo-se, desceu e foi andando. Seguimo-lo até à porta. A tarde estava quente, havia muita

poeira, o sol poente jorrava ondas de luz na calçada e o ruído constante dos passos tinha fraquejado um momento na grande rua à qual ia dar a nossa pequena travessa. *Mister* Peggotty, ao chegar ao fim da travessa escura, virou logo a esquina, entrou no fulgor da luz e desapareceu.

Raras vezes eu via chegar esta hora do fim da tarde, raras vezes me acontecia despertar de noite e ver a lua ou as estrelas, ou ver cair a chuva e ouvir assobiar o vento, sem pensar no pobre peregrino que ia sozinho pelos caminhos e sem me recordar destas palavras:

«Vou procurá-la por esse mundo fora. Se me acontecer alguma desgraça lembrem-se de que as últimas palavras que eu disse para ela são: ‘Deixo à minha querida filha a minha afeição inabalável e perdoo-lhe’.»

# Capítulo XXXIII — Felicidade

Durante todo esse tempo, tinha eu continuado a amar Dora mais que nunca. A sua recordação servia-me de refúgio nas minhas contrariedades e desgostos, consolara-me até da perda do meu amigo. Quanto mais compaixão eu tinha de mim mesmo e quanto mais compaixão dos outros, mais eu procurava consolações na imagem de Dora. Quanto mais o mundo me parecia cheio de decepções e de penas, mais a estrela de Dora se elevava pura e brilhante acima do mundo. Não creio que tivesse uma ideia bem nítida da pátria em que Dora tinha nascido, nem do lugar elevado que ela ocupava por sua natureza na escola dos arcanjos e dos serafins, mas sei bem que repeliria com indignação e desprezo o pensamento de que pudesse ser simplesmente uma criatura humana como todas as outras meninas.

Se assim me posso exprimir, eu estava absorto em Dora. Não só estava enamorado a ponto de perder a cabeça, mas era um amor que penetrava todo o meu ser. Poder-se-ia tirar de mim, isto é uma figura, o amor suficiente para nele se afogar um homem e ainda ficaria bastante dentro e em volta de mim para inundar por completo a minha existência inteira.

A primeira coisa que fiz por minha própria conta ao regressar, foi ir durante a noite passear até Norwood, onde, segundo os termos de um respeitável enigma que me davam para adivinhar na minha infância, «dei a volta à casa sem nunca tocar na casa». Creio que esse incompreensível logogrifo se aplicava à lua. Fosse como fosse, eu, o escravo lunático de Dora, dei volta à casa e ao jardim durante duas horas, olhando através das frestas das paliçadas, chegando por esforços sobre-humanos a passar o queixo por cima dos pregos enferrujados que no alto as guarneciam, atirando beijos às luzes que apareciam nas janelas, fazendo à noite súplicas românticas para que tomasse a peito a defesa da minha Dora... não sei muito contra quem, contra o fogo, suponho; talvez contra os ratos, de que ela tinha grande medo.

O meu amor preocupara-me por tal forma e parecia-me tão natural confiar tudo a Peggotty, quando a encontrei ao pé de mim à noite, com todos os seus antigos utensílios de costura, ocupada a passar em revista o meu guarda-roupa, que, depois de numerosos circunlóquios, comuniquei-lhe o meu grande segredo. Peggotty tomou um grande interesse nisso, mas não conseguia fazer-lhe considerar a questão sob o mesmo ponto de vista que eu; ela tinha prevenções audaciosas a meu favor e não podia compreender donde provinham as minhas dúvidas e o meu abatimento. «A menina devia dar-se por bem feliz em ter um tal

adorador», dizia ela, «e quanto ao seu papá, o que é que esse senhor podia querer mais, faça favor de me dizer?»

Notei todavia que a veste talar de procurador e a gravata engomada de *Mister* Spenlow impunham-se porém a Peggotty e inspiravam-lhe algum respeito pelo homem no qual eu via todos os dias mais uma criatura etérea e que me parecia irradiar num reflexo de luz enquanto se sentava no Tribunal no meio dos seus processos, como um farol destinado a iluminar um oceano de papéis. Recordo-me também que era uma coisa que me sucedia, enquanto me encontrava entre esses senhores do Tribunal, pensar que todos esses velhos juízes e esses doutores nem sequer se importariam de Dora, se a conhecessem, que não se tornariam completamente doidos de alegria, se se lhes propusesse desposarem Dora: que Dora poderia, cantando e tocando a sua guitarra mágica, impulsar-me até aos limites da loucura, sem desviar um ápice do seu caminho um só de todos esses seres gelados!

Desprezava-os a todos sem excepção. Todos esses velhos jardineiros gelados das platibandas do coração inspiravam-me uma repulsão pessoal. O Tribunal não era para mim senão um trapalhão insensato. O supremo Tribunal parecia-me tão desprovido de poesia e de sentimento como o pátio de um galinheiro.

Eu tinha tomado à minha conta, com certo orgulho, a direcção dos negócios de Peggotty, tinha provado a identidade do testamento, tinha regulado tudo com a repartição dos legados, tinha-a até acompanhado ao Banco; enfim, tudo estava em bom caminho. Introduzíamos alguma variedade nos nossos negócios legais, indo ver as figuras de cera em Fleet Street (há vinte anos que não as vi, devem estar derretidas), visitando a exposição de *miss* Linwood, que anda nas minhas recordações como um mausoléu leito à agulha, favorável aos exames de consciência e ao arrependimento, enfim, percorrendo a torre de Londres e subindo ao zimbório de S. Paulo. Estas curiosidades procuraram a Peggotty o pouco prazer que poderia gozar nas presentes circunstâncias; todavia é preciso dizer que S. Paulo, graças ao gosto que ela tinha pelo caixão de costura, pareceu-lhe digno de rivalizar com a pintura da tampa, conquanto a comparação, sob alguns respeitos, fosse mais vantajosa para essa pequena obra-prima; era pelo menos a opinião de Peggotty.

Terminados os seus negócios, que eram o que chamávamos no Tribunal de negócios de formalidades ordinárias, género de negócios, entre parêntesis, muito fácil e muito lucrativo, levei-a uma manhã ao cartório para regularmos contas. *Mister* Spenlow tinha saído havia pouco, ao que me disse o velho Tiffey, a acompanhar um sujeito que viera prestar juramento para uma dispensa de banhos, mas como eu sabia que ele não se demoraria, pois que o nosso cartório era muito perto do do vigário geral, disse a Peggotty que esperasse.

Gozávamos um pouco, no Tribunal, o papel de fornecedores de enterros, quando se tratava de examinar um testamento e tínhamos habitualmente como regra arranjar um ar mais ou menos sentimental, quando tínhamos de tratar com fregueses de luto. Pelo mesmo princípio, de outra forma aplicado, estávamos sempre alegres e contentes quando se tratava de clientes que se iam casar. Preveni, pois, Peggotty de que ia encontrar *Mister* Spenlow bastante refeito do golpe que lhe tinha vibrado a morte de *Mister* Barkis e o facto é que quando ele entrou, parecia que era o noivo que entrava.

Mas nem Peggotty nem eu nos divertimos a olhar para ele, pois que o vimos acompanhado por *Mister* Murdstone. Este personagem estava muito pouco mudado. Tinha os cabelos tão bastos e tão pretos como dantes e o olhar não inspirava mais confiança que no passado.

— Ah, Copperfield — disse *Mister* Spenlow — creio que conhece este senhor?

Cumprimentei friamente *Mister* Murdstone. Peggotty limitou-se a fazer ver que o reconhecia. Ele ficou a princípio um pouco contrariado por nos encontrar ambos juntos, mas tornou de pronto uma resolução e aproximou-se de mim.

— Espero — disse-me — que passe bem.

— Nada o pode interessar — disse-lhe eu —, mas se tem empenho em o saber, passo bem.

Olhámos durante um momento um para o outro, depois ele dirigiu-se a Peggotty.

— Quanto a si, sinto saber que perdeu seu marido.

— Não foi o primeiro desgosto que na minha vida tive, senhor Murdstone — replicou Peggotty a tremer toda — simplesmente desta vez afirmo que não há ninguém a acusar, ninguém que se possa arguir de nada.

— Ah! — disse ele —, é uma grande consolação, cumpriu com o seu dever.

— Não perturbei a vida de ninguém — disse Peggotty — graças a Deus! Não, senhor Murdstone, não fiz morrer de susto e de desgosto nenhuma pobre criatura cheia de bondade e de meiguice.

Ele olhou-a com ar sombrio, com ar de remorso, creio, durante um momento, depois disse, voltando-se para o meu lado, mas olhando-me para os pés em vez de me fitar o rosto:

— Não é provável que nos encontremos muitas vezes, o que deve ser um motivo de satisfação para ambos, sem dúvida, porque encontros destes nunca podem ser agradáveis. Não é de esperar que me testemunhe agora alguma boa vontade, quando sempre se revoltou contra a minha autoridade legítima que eu empregava para o corrigir e levá-lo ao bom caminho. Há entre nós uma antipatia...

— Inveterada — disse-lhe, interrompendo-o. Ele sorriu e deitou-me o olhar mais terrível que os seus olhos pretos pudessem dardejar.

— Sim, ainda o senhor estava no berço e já ela chocava em seu seio — disse —, envenenou bastante a vida de sua mãe, tem razão. Todavia espero que se comportará melhor; espero que se corrigirá.

Assim acabou o nosso diálogo em voz baixa, a um canto da sala de entrada. Depois disto passou ao gabinete de *Mister* Spenlow, dizendo muito alto, na sua mais doce voz:

— Os homens da sua profissão, senhor Spenlow, estão acostumados a discussões de família e sabem quanto são sempre amargas e complicadas.

Dito isto pagou a dispensa, recebeu-a de *Mister* Spenlow cuidadosamente dobrada e, após um aperto de mão e dos votos delicados do procurador para a sua felicidade e da sua futura esposa, saiu do cartório.

Ter-me-ia custado muito mais a guardar silêncio depois destas últimas palavras, se não estivesse especialmente ocupado a tratar de persuadir a Peggotty (que estava encolerizada por minha causa, a boa mulher!) que não estávamos em lugar próprio para recriminações e que a exortava a conter-se. Ela achava-se num tal estado de exaspero, que fiquei encantado por a ver sossegar dando-me um dos seus mais ternos beijos. Devia-o sem dúvida a essa cena que acabara de despertar nela a recordação dos nossas antigas injúrias e sustentei da melhor maneira este lance de carinho na presença de *Mister* Spenlow e de todos os escreventes.

*Mister* Spenlow não tinha o ar de saber qual era o laço que existia entre *Mister* Murdstone e eu, com o que eu muito folgava, porque eu próprio não me resignava a reconhecê-lo, lembrando-me como me lembrava da história de minha pobre mãe. *Mister* Spenlow parecia acreditar, se em qualquer coisa acreditava, que se tratava de uma diferença de opinião política; que minha tia estava à frente do partido do Estado na nossa família e que havia um partido da oposição dirigido por outra qualquer pessoa; pelo menos foi a conclusão que eu tirei do que ele dizia, enquanto esperávamos pela conta de Peggotty, que *Mister* Tiffey estava tirando.

— *Mistress* Trotwood — disse-me ele — é muito firme e não disposta a ceder à oposição, creio. Admiro muito o seu carácter e felicito-o, Copperfield, por estar de bom lado. As questões de família são muito para lamentar, mas são trivialíssimas e o grande caso é estar-se do bom lado.

Querendo dizer com isto, suponho, do lado do dinheiro.

— Ele faz, segundo me parece, um magnífico casamento — disse *Mister* Spenlow.

Expliquei-lhe que não sabia coisa alguma.

— Palavra? — disse ele. — Segundo algumas frases que *Mister* Murdstone deixou escapar, como isso sucede ordinariamente em casos tais, e, segundo o que *miss* Murdstone me deu a entender do seu lado, parece-me que se trata de um magnífico casamento.

— Quer dizer que há dinheiro, senhor Spenlow? — perguntei.

— Sim —disse *Mister* Spenlow — parece que há dinheiro e também formosura, dizem.

— Palavra? Então ela é nova?

—Acaba de chegar à maioridade — disse *Mister* Spenlow. — Há tão pouco tempo que penso bem que eles não esperavam por outra coisa.

— Deus se amerceie dela! — disse Peggotty, tão bruscamente e num tom tão compenetrado que ficámos todos um pouco perturbados, até ao momento em que Tiffey chegou com a conta.

Estendeu o papel a *Mister* Spenlow para ele verificar. *Mister* Spenlow meteu o queixo na gravata, depois coçando-o docemente, releu todas as parcelas de princípio ao fim, com o ar de um homem que desejaria bem abater qualquer coisa, mas que querem? A culpa era desse diabo de *Mister* Jorkins; depois entregou-a a Tiffey com um pequeno suspiro.

— Está bem — disse ele — está em regra, perfeitamente em regra. O meu regalo seria reduzir as despesas aos nossos desembolsos puros e simples, mas, como sabe, é uma das necessidades custosas da minha vida de negócio, não ter a liberdade de consultar os meus próprios desejos. Tenho um sócio, *Mister* Jorkins.

Quando ele assim falava com uma doce melancolia que equivalia quase a ter feito o nosso trabalho grátis, agradeci-lhe em nome de Peggotty e entreguei as notas de banco a Tiffey. Peggotty regressou em seguida a casa e *Mister* Spenlow e eu dirigimo-nos ao Tribunal, onde se debatia um caso de divórcio em nome de uma pequena lei engenhosíssima, que foi abolida depois, creio, mas graças à qual vi anular diversos casamentos e cujo mérito se cifrava no seguinte: Um marido que se chamava Tomás Benjamim pedira licença para a publicação dos banhos debaixo do nome de Tomás apenas, suprimindo o Benjamim para o caso em que não achasse a situação tão agradável como ele contava. Ora, não encontrando a situação muito agradável, ou talvez um pouco cansado da mulher, o pobre homem apresentou-se então perante o Tribunal, por intermédio de um amigo, passado um ano ou dois do casamento e declarou que o seu nome era Benjamim Tomás e que por consequência não estava bem casado. O que o Tribunal confirmou com grande satisfação dele.

Devo dizer que eu tinha algumas dúvidas acerca da justiça absoluta deste procedimento e que o alqueire de trigo que acomoda todas as anomalias, no dizer de *Mister* Spenlow, não pôde dissipá-las por completo. Mas *Mister* Spenlow

discutiu comigo a questão: «Veja o mundo», dizia, «há bem e há mal; veja a legislação eclesiástica, há bem e há mal; mas tudo isso faz parte de um sistema. Muito bem. Ora aí está!»

Não tive a coragem de sugerir ao pai de Dora que talvez não nos fosse impossível fazer algumas mudanças felizes mesmo na sociedade, se a gente se levantasse cedo e se arregaçasse as mangas para se entregar valentemente ao trabalho, mas confessei que me parecia que se poderiam fazer algumas mudanças felizes no Tribunal. *Mister* Spenlow respondeu-me que me convidava fortemente a banir do meu espírito tal ideia, que não era digna do meu carácter elevado, mas que folgaria de saber quais os melhoramentos de que eu julgava susceptível o sistema do Tribunal.

O casamento do nosso homem estava desfeito: era um caso concluído; já estávamos fora do Tribunal e passávamos ao pé da repartição das Prerrogativas; atacando, pois, a instituição que mais à nossa mão ficava, submeti-lhe a questão de saber se a repartição das Prerrogativas não era uma instituição singularmente administrada. *Mister* Spenlow perguntou-me sob que ponto de vista. Repliquei com todo o respeito que devia à sua experiência (mas creio bem que, sobretudo, com o respeito que eu tinha pelo pai de Dora) que era talvez um pouco absurdo que os arquivos desse Tribunal, que continham todos os testamentos originais de quantas pessoas haviam disposto há três séculos de qualquer propriedade sita no imenso distrito de Canterbury, se achassem colocados num edifício que não havia sido construído para esse fim, que tinha sido alugado pelos arquivistas sob sua responsabilidade particular, que não era seguro, que não estava mesmo ao abrigo do fogo e que regurgitava por tal forma com os documentos importantes que continha, que não era de baixo acima senão uma prova das sórdidas especulações dos arquivistas, que recebiam somas enormes pelo registo de todos esses testamentos e que se limitavam a escondê-los aonde podiam, sem outro fim do que verem-se livres deles o mais barato possível. Acrescentei que era talvez um pouco fora da razão que os arquivistas, que percebiam proventos montando por ano a oito ou nove mil libras esterlinas, sem falar nos rendimentos dos suplentes e dos escrivães, não fossem obrigados a gastar uma parte desse dinheiro para procurarem um lugar mais seguro onde se pudessem depositar esses documentos preciosos, que toda a gente, em todas as classes da sociedade, era obrigada, quisesse ou não quisesse, a confiar-lhes.

Disse que era talvez um pouco injusto que todos os grandes empregos dessa administração fossem magníficas sinecuras, enquanto que os desgraçados empregados que trabalhavam sem descanso nesse compartimento escuro e frio, lá em cima, eram os mais mal pagos e os menos considerados dos homens na cidade de Londres, como paga dos serviços importantes que prestavam.

Não era também um pouco inconveniente que o arquivista em chefe, cujo dever era procurar ao público, que enchia sem cessar as secretárias da administração, locais convenientes, estivesse, em virtude desse emprego, de posse de uma enorme sinecura, o que não o impedia de ocupar ao mesmo tempo um cargo na igreja, de aí possuir muitos benefícios, de ser cónego de uma catedral e assim sucessivamente, enquanto que o público suportava contrariedades inauditas, de que tínhamos uma amostra em todas as manhãs, quando os processos abundavam nas repartições? Enfim, parecia-me que essa administração da repartição das Prerrogativas do distrito de Canterbury, era uma máquina, por tal modo carcomida e um contra-senso por tal modo perigoso, que, se não estivesse escondida a um canto do cemitério de S. Paulo, que poucas pessoas conhecem, há muito tempo que toda essa organização teria sido subvertida de cima abaixo.

*Mister* Spenlow sorriu, ao ver como eu me entusiasmava, apesar da minha reserva, por esta questão; depois discutiu comigo esse ponto, bem como todos os demais. Que era, afinal de contas, disse-me, uma simples questão de opinião. Se o público achasse que os testamentos estavam em segurança e admitisse que a administração não podia desempenhar melhor os seus deveres, quem é que sofria? Ninguém. A quem é que isso aproveitava? A todos quantos possuíssem sinecuras. Muito bem. As vantagens tinham superioridade aos inconvenientes; não seria talvez uma organização perfeita; nada há perfeito neste mundo; mas, por exemplo, aquilo de que não podia ouvir falar por nada deste mundo, era que se metesse o machado algures. Sob a administração das Prerrogativas, o país estava coberto de glória. Meta-se o machado na administração das Prerrogativas e o país cessará de se cobrir de glória. Ele considerava como o traço distintivo de um espírito sensato e elevado aceitar as coisas como elas eram e não tinha dúvida alguma sobre a questão de saber se a organização actual das Prerrogativas duraria também tanto tempo como nós. Rendi-me à sua opinião, conquanto tivesse de mim para mim muitas dúvidas ainda sobre o caso. Todavia, achou-se que ele tinha razão, porque não só a repartição das Prerrogativas existe sempre, mas até resistiu a um grande relatório apresentado de má vontade ao Parlamento, há dezoito anos, em que todas as minhas objecções eram desenvolvidas por miúdo e numa época em que se anunciava que seria impossível acumular os testamentos do distrito de Canterbury no actual local durante mais de dois anos e meio, a partir daquele momento. Não sei o que depois se fez, não sei se se perderam muitos ou se são vendidos de tempos a tempos ao merceeiro. Em todo o caso, folgo por o meu lá não estar e espero que tão cedo não estará.

Se relatei bem por miúdo a nossa conversação neste bem-aventurado capítulo,

não me dirão que não era aí o seu lugar natural. Conservamo-nos passeando de cá para lá, *Mister* Spenlow e eu, antes de passarmos a assuntos mais gerais. Enfim, disse-me que o dia de anos de Dora era dali a oito dias e que muito folgaria que eu fosse fazer-lhes companhia num piquenique que devia efectuar-se por essa ocasião. Perdi a razão no mesmo instante e no dia seguinte a minha loucura aumentou ainda, quando recebi um bilhetezinho com uma borda cortada, em que se lia: «Recomendado aos bons cuidados do papá. Para lembrar a *Mister* Copperfield o piquenique.» Passei os dias que me separavam deste grande acontecimento num estado vizinho do idiotismo.

Creio que cometi todos os despropósitos possíveis como preparação para esse dia afortunado. Coro em pensar na gravata que comprei; quanto às minhas botas, eram dignas de figurar numa colecção de instrumentos de tortura. Arranjei e expedi, na véspera à tarde, pelo ónibus de Norwood, um pequeno cabaz de provisões que equivalia quase, segundo me parecia, a uma declaração. Continha, entre outras coisas, gulodices embrulhadas nas divisas mais ternas que se podem encontrar na loja de um confeiteiro. Às seis horas da manhã já eu estava no mercado de Covent Garden a comprar um ramalhete para Dora. Às dez montei a cavalo, para o que aluguei um lindo corcel alvadio e fiz a trote o caminho de Norwood, com o ramalhete no chapéu, para ir mais fresco.

Suponho que, quando vi Dora no jardim e que fingi não dar por ela, ao passar perto da casa com o ar de a procurar cuidadosamente, caí em duas pequenas tolices que outros rapazes poderiam também ter cometido na minha situação, tão naturais me pareceram. Mas quando encontrei a casa, quando me apeei à porta, quando atravessei a relva com essas botas cruéis para ir ter com Dora, que estava sentada num banco à sombra de um lilás, que espectáculo ela oferecia por essa bela manhã, no meio das borboletas, com o seu chapéu branco e o seu vestido azul celeste!

Ao pé dela estava uma senhora comparativamente mais velha; devia ter vinte anos, creio. Chamava-se *miss* Mills e Dora dava-lhe o nome de Júlia. Era a amiga íntima de Dora; ditosa *miss* Mills!

Lá estava Jip e teimava em me ladrar. Quando ofereci o meu ramalhete, Jip arreganhou os dentes de ciúme. Tinha razão a valer, oh! Com certeza! Se tinha a menor ideia do ardor com que eu adorava a sua dona, tinha razão a valer!

— Oh! Obrigada, senhor Copperfield! Que lindas flores! — disse Dora.

A minha intenção era dizer-lhe que as tinha achado encantadoras também antes de as ver ao pé dela e vinha estudando à distância de mais de uma légua a melhor maneira de arredondar a frase, mas não o pude conseguir; era muito sedutora. Perdi toda a presença de espírito e toda a faculdade da palavra, quando a vi levar o ramalhete às lindas covinhas do queixo e caí num estado de êxtase.

Ainda hoje me admiro como não disse antes: «Mate-me, *miss* Mills, por piedade, mate-me! Quero morrer aqui!».

Então Dora chegou as flores a Jip. Então Jip pôs-se a rosnar e não as quis cheirar. Então Dora aproximou-lhas do focinho para o obrigar. Então Jip arrancou com os dentes uma vergôntea de gerânio e encrespou-se todo, como se tivesse farejado uma malta de gatos imaginários. Então Dora bateu-lhe amuada, dizendo «Minhas pobres flores! Minhas lindas flores!» num tom tão simpático, segundo me pareceu, como se fosse eu a quem Jip houvesse mordido. Oxalá que assim fosse!

— Ficará certamente encantado ao saber, senhor Copperfield — disse Dora — que essa aborrecida *miss* Murdstone não está cá. Foi ao casamento do irmão e por lá se demorará, pelo menos, três semanas. Não acha encantador?

Disse-lhe que seguramente devia estar encantada por isso e que tudo quanto a encantava me encantava a mim. Mas *miss* Mills sorria, ouvindo-nos com um ar de inteligência superior e de benevolência condoída.

— É a pessoa mais desagradável que eu conheço — disse Dora. — Não pode imaginar quanto ela é resmungona e mal-humorada!

— Oh! Sim! Se posso, minha querida! — disse Júlia.

— É verdade, minha querida — respondeu Dora, tomando a mão de Júlia entre as suas. — Desculpe-me de não a ter exceptuado logo, minha boa amiga.

Conclui daqui que *miss* Mills tinha sofrido vicissitudes e que era a isso que talvez se pudesse atribuir essas maneiras cheias de gravidade benigna que já me tinham surpreendido, Soube, no correr do dia, que me não tinha enganado: *miss* Mills tivera a desgraça de colocar mal os seus afectos e dizia-se que se havia retirado do mundo de moto próprio depois dessa terrível experiência das coisas humanas, mas que tomava sempre um moderado interesse nas esperanças e afectos da gente moça que não havia tido ainda desilusões.

Nisto, *Mister* Spenlow saiu de casa para o jardim e Dora foi ao seu encontro, dizendo:

— Veja, papá, que lindas flores!

E *miss* Mills sorriu com um ar pensativo, como para dizer: «Pobres flores de um dia, gozai da vossa existência passageira sob o brilhante sol da manhã da vida!»

E deixaram todos o relvado para entrarem no carro que o criado acabava de atrelar.

Nunca mais darei um passeio assim: nunca mais os dei assim depois.

Iam os três no *phaeton.* Iam também o cesto de provisões deles, o meu e a caixa da guitarra. O *phaeton* era descoberto e eu seguia atrás dele. Dora ia na dianteira defronte de mim. Levava o meu ramalhete ao lado, sobre a almofada e

não deixava que o Jip se deitasse nesse lugar, com receio de que ele esmagasse as flores. De quando em quando pegava nelas e respirava-lhes o perfume; então os nossos olhos encontravam-se muitas vezes e pergunto de mim para mim como não saltei por cima da cabeça do meu lindo corcel alvadio para ir cair no carro.

Havia poeira, creio, mesmo muita poeira. Tenho uma vaga recordação de que *Mister* Spenlow me aconselhou a que não caracolasse no turbilhão que fazia o *phaeton*, mas eu não a sentia. Via Dora através de uma nuvem de amor e de beleza, mas não via outra coisa. Ele levantava-se por vezes e perguntava-me o que eu pensava da paisagem. Eu respondia que a região era encantadora e é provável que o fosse, mas só Dora é que eu via. O sol trazia Dora nos seus raios, os pássaros gorjeavam os louvores de Dora. O vento soprava o nome de Dora. Todas as flores do campo das sebes até ao último botão, eram outras tantas Doras. A minha consolação era que *miss* Mills me compreendia. Só *miss* Mills é que podia entrar completamente em todos os meus sentimentos.

Não sei quanto tempo durou a corrida e não sei ainda a estas horas onde fomos. Talvez que perto de Guilford. Talvez que algum feiticeiro das *Mil e uma noites* tivesse criado esse lugar para um único dia e destruísse tudo depois da nossa partida. Era sempre um arrelvado verde e fino, sobre uma colina. Havia grande arvoredo, mato e, tão longe quanto o olhar podia ver, uma deliciosa paisagem.

Contrariou-me encontrar lá algumas pessoas que já nos esperavam e o meu ciúme pelas próprias mulheres não conheceu limites. Mas quanto a seres do meu sexo, sobretudo quanto a um trapalhão mais velho do que eu três ou quatro anos e que tinha suíças ruivas que o tornavam de uma fatuidade intolerável, eram os meus inimigos mortais.

Toda a gente abriu os cabazes e entrou-se na preparação do jantar. Suíças-ruivas disse que sabia fazer a salada (o que eu não creio) e assim se impôs à atenção pública. Algumas das senhoras começaram a lavar e escolher as alfaces e a ripá-las sob a sua direcção. Dora era do número. Senti que o destino me desse como rival esse homem e que um de nós devia sucumbir.

Suíças-ruivas preparou a salada, pergunto eu como é que puderam comê-la; quanto a mim, nada no mundo me decidiria a tocar-lhe! Depois nomeou-se a si próprio, como era intrigante!, copeiro universal e construiu uma adega, para abrigar o vinho, na cavidade de uma árvore. Então não era qualquer coisa de bem engenhoso! Passado um momento, vi-o com três quartos de uma lagosta no prato, sentado, a comer aos pés de Dora!

Tenho apenas uma ideia indistinta do que sucedeu depois que este espectáculo novo se me deparou diante da vista. Eu estava alegríssimo, não digo que não, mas era uma alegria falsa. Consagrei-me a uma menina cor-de-rosa, de olhos

pequenos e fiz-lhe uma corte desesperada. Ela recebeu as minhas atenções com favor, mas não pude dizer se era completamente por minha causa, ou porque tinha vistas ulteriores sobre Suíças-ruivas. Bebeu-se à saúde de Dora. Afectei interromper a minha conversação para beber também e prossegui-a imediatamente depois. Encontrei os olhos de Dora quando a saudava com o copo levantado e pareceu-me que ela olhava para mim com um ar suplicante. Mas esse olhar chegara-me por cima da cabeça de Suíças-ruivas e fui inflexível.

A menina cor-de-rosa tinha uma mãe de verde que nos separou, creio que com um fim político. De resto, houve uma confusão geral enquanto se arrumavam os restos do almoço e aproveitei-me disso para me meter por entre o arvoredo, animado por um misto de cólera e de remorso. Perguntava de mim para mim se deveria pretextar qualquer indisposição para fugir... não importava para onde... no meu lindo corcel alvadio, quando encontrei Dora e *miss* Mills.

—Senhor Copperfield — disse *miss* Mills — está tão triste!

— Peço perdão, não estou tal.

— E a menina Dora — continuou *miss* Mills — está triste?

— Oh! Meu Deus, não! Não estou!

— Basta, senhor Copperfield e *miss* Dora! — disse *miss* Mills com um ar quase venerando. — Não deixem que um mal entendido insignificante murche as flores primaveris que, uma vez murchas, não mais poderão reflorir. Falo — continuou — pela minha experiência do passado, de um passado irrevogável. As nascentes que repuxam e cintilam ao sol não devem ser fechadas por puro capricho: o oásis do Saara não deve ser suprimido à toa.

Eu não sabia o que fazia, porque tinha a cabeça toda em fogo, mas peguei na mãozinha de Dora beijei-a e ela deixou beijar. Beijei a mão de *miss* Mills e pareceu-me que subíamos juntos em direitura ao sétimo céu.

E não descemos de lá. Por lá andamos toda a tarde, errantes aqui e além por entre o arvoredo, o pequeno braço trémulo de Dora descansando sobre o meu e Deus sabe que, conquanto isso fosse uma doidice, a nossa sorte teria sido bem feliz se pudéssemos tornar-nos imortais, de súbito, com essa loucura no coração, para errarmos assim eternamente por entre as árvores desse Éden.

Muito cedo, ai de mim! Ouvimos os outros que riam e que conversavam, depois chamaram por Dora. Então reaparecemos e pediram a Dora para cantar. Suíças-ruivas queria ir buscar a caixa da guitarra ao carro, mas Dora disse-lhe que só eu sabia aonde ela estava. Suíças-ruivas ficou, pois, derrotado num instante e fui eu que fui buscar a caixa, eu que a abri, eu que tirei a guitarra, eu que me sentei ao pé dela, eu que guardei o seu lenço e as suas luvas e eu que me embriaguei com o som da sua doce voz enquanto ela cantava para aquele a quem amava. Os outros podiam aplaudir se lhes conviesse mas não tinham nada que

ver com a sua romanza.

Eu estava doido de alegria. Receava ser muito feliz para que tudo isso fosse verdadeiro; receava despertar daí a pouco em Buckingham Street, ouvir *Mistress* Crupp fingir tilintar as chávenas preparando o almoço. Mas não, era bem Dora que cantava, depois cantaram outras; *miss* Mills também cantou uma lamentação sobre os ecos dormentes das cavernas da Memória e tomou-se o chá fazendo-se ferver a água no bivaque da nossa pequena boémia; eu sentia-me mais feliz que nunca.

Senti-me ainda mais feliz que nunca quando nos separámos e que todos, incluindo o pobre Suíças-ruivas, seguiram o seu caminho, em cada direcção, enquanto que eu falava com ela no meio da tranquilidade da tarde, dos clarões moribundos e dos suaves perfumes que ascendiam em torno de nós. *Mister* Spencer estava um pouco adormentado, graças ao vinho de champanhe; bendito seja o chão que deu tal uva! Bendito seja a uva que deu tal vinho! Bendito seja o sol que a amadureceu! Bendito seja o mercante que o falsificou! E enquanto ele ia dormindo profundamente a um canto do carro, eu trotava ao lado e falava a Dora. Ela admirava o meu cavalo e acariciava-o (oh! Que linda mãozinha digna de ver-se no peitoral de um cavalo!); e o seu xaile que não queria conservar-se direito! Eu era obrigado a arranjar-lho de tempos a tempos e creio que o próprio Jip começava a perceber o que se passava e a compreender que era preciso seguir o partido de fazer as pazes comigo.

Essa penetrante *miss* Mills, essa encantadora reclusa que tinha destruído a existência, esse pequeno patriarca de vinte anos apenas que havia acabado com o mundo e que não quereria, por nada desta vida, despertar os ecos dormentes das cavernas da Memória, como foi boa para mim!

— Senhor Copperfield — disse-me — venha para este lado do *phaeton* por um momento, se faz favor. Preciso de lhe falar.

Eis-me logo inclinando-me sobre o lindo corcel alvadio para ouvir *miss* Mills, que tinha a mão na portinhola.

— A Dora vai visitar-me. Depois de amanhã acompanha-me a casa de meu pai. Se lhe convier ir a nossa casa, estou certa de que o papá estimará muito recebê-lo.

Que podia eu fazer de melhor do que chamar baixinho bênçãos do céu sem conta sobre a cabeça de *miss* Mills e sobretudo confiar o endereço de *miss* Mills ao recanto mais seguro da minha memória! Que podia fazer de melhor do que dizer a *miss* Mills, com palavras ardentes e olhares reconhecidos, quanto eu lhe agradecia os seus bons ofícios e que valor infinito eu ligava à sua amizade!

Então *miss* Mills despediu-me com benignidade: «Volte para ao pé de Dora» e eu voltei e Dora inclinou-se fora do *phaeton* para conversar comigo e

conversámos todo o resto do caminho e eu cheguei tão perto da roda o meu corcel alvadio que ele levava a perna toda esfolada, a ponto do alquilador no dia seguinte me declarar que lhe devia sessenta xelins por essa avaria, o que eu paguei sem regatear, achando que pagava bem barato uma tamanha alegria. Entrementes, *miss* Mills ia fitando a lua recitando versos em voz baixa e recordando-se, suponho que do tempo passado em que a terra a ela não se tinham ainda divorciado por completo.

Norwood ficava muito perto e chegámos lá muitíssimo cedo. *Mister* Spenlow acordou pouco antes de chegar a casa e disse-me:

— Entre, Copperfield, para descansar.

Eu assenti e trouxeram-nos sanduíches, vinho e água. Nesse aposento iluminado, Dora parecia-me tão encantadora corando, que eu não podia furtar-me à sua presença e para ali estive a olhar para ela fixamente como num sonho, quando o ressonar de *Mister* Spenlow veio anunciar-me que era tempo de me ir embora. Parti, pois e pelo caminho fora sentia ainda a mãozinha de Dora pousada na minha; recordei-me milhares de vezes de cada incidente e de cada palavra, até que me encontrei na minha cama, tão embriagado de alegria como o mais doido dos moços desmiolados a quem o amor faz um dia andar a cabeça à roda.

Ao acordar, no dia seguinte de manhã, estava decidido a declarar a minha paixão a Dora, para ficar conhecendo a minha sorte. A minha felicidade ou a minha infelicidade, eis agora toda a questão. Não conhecia outra no mundo e só Dora podia agora resolvê-la. Passei três dias a desesperar-me, a torturar-me, inventando as explicações menos animadoras que se podiam dar a tudo quanto se tinha passado entre Dora e eu. Enfim, esmeradamente vestido com grande despesa para a circunstância, parti para ir a casa de *miss* Mills, com uma declaração nos lábios.

É inútil dizer agora quantas vezes subi a rua para a descer em seguida, quantas vezes dei a volta à praça, sentindo muito vivamente que estava bem melhor que a lua, a decifração do velho enigma, antes de me decidir a trepar os degraus da escada de casa e a bater à porta. Quando bati enfim, esperando que abrissem, tive um momento a ideia de pedir, se não era ali que morava *Mister* Blockboy (por imitação desse pobre Barkis), de apresentar as minhas desculpas e fugir. Todavia não recuei.

*Mister* Mills não estava em casa. Já esperava por isso. Para que era ele preciso? Como *miss* Mills estava não se precisava de mais.

Fizeram-me entrar para um aposento do primeiro andar, onde encontrei *miss* Mills e Dora; Jip também lá estava. *Miss* Mills copiava música (recordo-me que era uma romanza nova intitulada: o *De profundis do amor)* e Dora pintava flores.

Julguem dos meus sentimentos quando reconheci as minhas flores, o ramalhete do mercado de Covent Garden! Não posso dizer que a semelhança fosse surpreendente, nem que nunca tivesse visto flores dessa natureza. Mas reconheci a intenção da composição, no papel que embrulhava o ramalhete e que estava exactamente copiado.

*Miss* Mills ficou encantada por me ver; lamentava infinitamente que o seu papá tivesse saído, conquanto me parecesse que todos suportávamos a sua ausência com magnanimidade. *Miss* Mills sustentou a conversação durante um momento, depois passando a pena sobre o *De profundis do amor*, levantou-se e saiu da sala.

Eu começara a crer que adiaria a coisa para o dia seguinte.

— Espero que o seu pobre cavalo não se tivesse fatigado muito quando o senhor regressou no outro dia — disse-me Dora erguendo os seus lindos olhos —; era uma longa corrida para ele.

Começava a crer que o caso estava para essa mesma tarde.

— Era uma longa corrida para ele, sem dúvida — respondi —, porque o pobre animal não teve nada que o sustentasse durante a viagem.

— Então não lhe deram de comer? Pobre animal! — disse Dora.

Começava a crer que a coisa ficasse para o dia seguinte.

— Perdão, perdão, tiveram cuidado com ele. Quero dizer que não gozava tanto como eu da inefável felicidade de estar ao pé de si.

Dora baixou a cabeça nas costas da cadeira e disse passado um momento (eu estivera sentado todo este tempo num estado de febre ardente, sentia as pernas hirtas como paus):

— Mas pareceu-me que não sentiu essa felicidade bem intensamente durante uma parte do dia.

Vi que a sorte estava lançada e que era preciso acabar naquele mesmo momento.

— O senhor parecia entreter-se o menos possível com essa felicidade — disse Dora com um pequeno movimento de sobrancelhas e sacudindo a cabeça — enquanto esteve sentado ao pé de *miss* Kitt.

Devo notar que *miss* Kitt era a menina de rosa, de olhos pequenos.

— De resto, não sei porque estava tão entretido — disse Dora — ou porque diz que era uma felicidade. Mas o senhor não pensa provavelmente em tudo quanto diz. E por certo que é bastante livre para fazer o que lhe convier. Jip, seu rapaz ruim, venha cá!

Não sei o que fiz. Mas disse tudo num momento. Cortei a passagem a Jip; tomei Dora nos braços. Sentia-me cheio de eloquência. Não escolhia as palavras. Disse-lhe quanto a amava. Disse-lhe que morreria sem ela. Disse-lhe que a

idolatrava. Jip ladrava como um possesso durante este tempo todo.

Quando Dora baixou a cabeça e se pôs a chorar tremendo, a minha eloquência não conheceu mais limites. Disse-lhe que só tinha a dizer uma palavra e que estava resolvido a morrer por ela. Eu não queria, fosse por que preço fosse, a vida sem o amor de Dora. Não podia nem queria suportá-la. Amava-a desde o primeiro dia e tinha pensado nela em cada minuto do dia e da noite. No próprio momento em que falava amava-a loucamente. Amá-la-ia sempre perdidamente. Antes de mim tinha havido amantes e havê-los-ia ainda depois de mim, mas nunca amante algum tinha podido, podia, ou poderia, quereria ou deveria amar como eu amava Dora. Quanto mais disparatava, mais Jip ladrava. Ele e eu, cada qual a seu modo, era o que mais furioso se mostrava. Depois, pouco a pouco, eis que nos fomos sentando, Dora e eu, no canapé, muito tranquilamente e Jip deitado no colo da sua ama olhava para mim pacificamente. O meu espírito estava liberto de um grande peso. Sentia-me perfeitamente feliz; Dora e eu estávamos ligados um ao outro.

Suponho que tínhamos qualquer ideia de que isto devia acabar pelo casamento. Penso-o, porque Dora declarou que não nos casaríamos sem o consentimento do seu papá. Mas na nossa alegria infantil, creio que não olhávamos nem para trás nem para diante; bastava-nos o presente, na sua inocente ignorância. Devíamos guardar o nosso compromisso secreto, mas nem sequer me veio então à ideia de que houvesse neste procedimento o que quer que não fosse perfeitamente honesto.

*Miss* Mills estava mais pensativa que de costume, quando Dora, que tinha ido procurá-la a foi buscar; suponho que era porque o que acabava de se passar despertou os ecos dormentes das cavernas da Memória. Todavia deu-nos a sua bênção, prometeu-nos uma amizade eterna e falou-nos em geral como convinha a uma Voz que saía do Claustro profético.

Que criancices! Que tempo de loucuras, de ilusões e de felicidade!

Quando tomei a medida do dedo de Dora para lhe mandar fazer um anel figurando miosótis, o joalheiro a quem dei a encomenda, adivinhando o que se tratava, pôs-se a rir ao tomar nota dela e perguntou-me o que lhe conveio para essa linda jóia ornada de pedras azuis que se liga por tal forma ainda na minha lembrança com a mão de Dora, que ontem ainda, vendo um anel igual no dedo da minha filha, senti o meu coração estremecer um momento, numa dor passageira.

Quando passeei, orgulhoso do meu segredo, cheio da minha própria importância e que me pareceu que a honra de amar Dora e ser por ela amado me elevava tanto acima daqueles que não eram admitidos a esta felicidade e que se arrastavam pela terra, como se eu voasse ares fora.

Quando nos demos entrevistas no jardim do lugar e que conversávamos no pavilhão poeirento onde éramos tão felizes que amo, ainda hoje, os pardais de Londres por essa única razão e vejo as cores do arco-íris na sua plumagem enfurnada.

Quando tivemos a nossa primeira grande questão, oito dias depois dos nossos esponsais e que Dora me devolveu o anel encerrado num bilhetinho dobrado em triângulo, empregando esta terrível expressão: «O nosso amor começou por loucura e acaba por desespero!» e que à leitura dessas cruéis palavras, eu arranquei os cabelos dizendo que tudo estava acabado.

Quando, à sombra da noite, voei a casa de *miss* Mills e que a vi às escondidas num aposento atrás da cozinha, onde havia uma máquina para barreia e que lhe supliquei que se interpusesse entre nós e nos salvasse da nossa loucura.

Quando *miss* Mills consentiu em encarregar-se dessa comissão e regressou com Dora, exortando-nos, do alto da cátedra da sua juventude despedaçada, a fazer-nos concessões mútuas e a evitar o deserto do Saara.

Quando nos pusemos a chorar e que nos reconciliamos para gozarmos de novo de uma felicidade tão intensa nesse quarto atrás da cozinha, onde estava a máquina da barreia, que não nos parecia menos o próprio templo do amor e que arranjámos um sistema de correspondência que devia passar pelas mãos de *miss* Mills e que supunha uma carta diária, pelo menos, de cada lado.

Que puerilidades, que tempos de felicidade, de ilusão e de loucuras! De todas as épocas da minha vida que o tempo retém em sua mão, não há uma única cuja recordação traga aos meus lábios tantos sorrisos e ao meu coração tanta ternura.

## Capítulo XXXIV — Minha tia causa-me um grande pasmo

Escrevi a Inês desde que nos ligámos por uma promessa, Dora e eu. Escrevi-lhe uma comprida carta na qual tratei de lhe fazer compreender quanto eu era feliz e quanto Dora era encantadora. Roguei com instância a Inês que não considerasse isto como uma paixão frívola que poderia ceder lugar a outra, ou que tivesse a menor parecença com as fantasias da infância, acerca das quais ela costumava gracejar. Certifiquei-lhe que a minha afeição era um abismo de uma profundidade insondável e exprimi a minha convicção de não haver nada de igual.

Não sei como isto foi, mas ao escrever a Inês por uma bela noite, ao pé da minha janela aberta, com a recordação presente ao meu pensamento dos seus olhos tranquilos e límpidos e do seu rosto suave, senti uma influência tão serena acalmar a agitação febricitante em que eu vivia há algum tempo e que se tinha imiscuído à minha própria felicidade, que me pus a chorar. Recordo-me de que encostei a cabeça à mão quando a carta estava meio escrita e cheguei a ponto de sonhar e de pensar que Inês era naturalmente um dos elementos necessários do meu lar doméstico. Parecia-me que, no retiro dessa casa que a sua presença quase me tornava sagrada, seríamos mais felizes, Dora e eu, do que em qualquer outra parte. Parecia-me que no amor, na alegria, no desgosto, na esperança ou no contratempo, em todas as suas emoções, o meu coração voltava-se naturalmente para ela como para o seu refúgio e para a sua melhor amiga.

Não lhe falei de Steerforth. Disse-lhe somente que tinha havido grandes desgostos em Yarmouth, em consequência da perda de Emília e que eu tinha duplamente sofrido por causa das circunstâncias que a acompanharam. Reportava-me à sua penetração para adivinhar a verdade e sabia que ela nunca seria a primeira a falar-me dele.

Recebi na volta do correio uma resposta a esta carta. Ao lê-la, parecia-me ouvir falar Inês em pessoa, imaginava que a sua doce voz ressoava aos meus ouvidos. Que mais poderei dizer?

Durante as minhas frequentes ausências de casa, Traddles tinha lá ido duas ou três vezes. Havia encontrado Peggotty, a qual não faltara a informá-lo (como a todos quantos desejavam ouvi-la) que era a minha antiga criada e ele tivera a bondade de se demorar um momento para falar de mim com ela. Pelo menos foi o que me dissera Peggotty. Mas receio bem que a conversa não fosse toda do seu lado e de um comprimento desmedido, porque era dificílimo deter essa boa mulher, que Deus abençoe!, quando uma vez se lançasse a falar acerca da minha

pessoa.

Isto recorda-me não só que eu esperava Traddles um certo dia fixado por ele, mas também que *miss* Crupp renunciara a todas as particularidades dependentes do seu ofício (excepto o salário) até que Peggotty cessasse de se apresentar em minha casa. *Mistress* Crupp, depois de se ter permitido diversas conversas acerca de Peggotty, em alta e inteligível voz, ao fundo dos degraus da escada, com algum espírito familiar que sem dúvida lhe aparecia (porque a olho nu, ela estava perfeitamente só nesses momentos de monólogo), tomou a resolução de me endereçar uma carta, na qual me desenvolvia as suas ideias sobre o assunto. Começava por uma declaração de uma aplicação universal e que se repetia em todos os acontecimentos da sua vida, a saber que ela também era mãe; depois atrevia-se a dizer-me que tinha visto melhores dias, mas que em todas as épocas da sua existência tivera instintiva antipatia pelos espiões, indiscretos e mexeriqueiros. Não citava nomes, dizia, pertencia-me destrinçar a quem se dirigiam esses títulos, mas que ela concebera sempre o mais profundo desprezo pelos espiões, indiscretos e mexeriqueiros, particularmente quando esses defeitos se encontravam numa pessoa que *usava luto de viúva* (isto sublinhado). Se convinha a um cavalheiro ser vítima de espiões, de indiscretos e de mexeriqueiros (sempre sem citar nomes), era o senhor da sua vontade. Tinha o direito de fazer o que lhe convinha, mas que ela, *Mistress* Crupp, tudo o que pedia era não ser posta em contacto com semelhantes pessoas. Era por isso que desejava ser dispensada de qualquer serviço nos aposentos do segundo andar, até que as coisas de novo tomassem o seu antigo curso, o que era muito para desejar. Acrescentava que se encontrava o seu livrete todos os sábados de manhã em cima da mesa do almoço e que pedia o saldo de contas imediato, com o fim caritativo de poupar embaraços e dificuldades a todas as partes interessadas.

Depois disto, *Mistress* Crupp limitou-se a armar ratoeiras nas escadas, particularmente com bilhas de barro, para experimentar se Peggotty desejaria quebrar a cabeça. Eu achava este estado de sítio um pouco fatigante, mas pelava-me de medo de *Mistress* Crupp para encontrar meio de sair desta situação.

— Meu caro Copperfield — exclamou Traddles aparecendo pontualmente à minha porta, a despeito de todos estes obstáculos — como está?

— Meu caro Traddles — disse-lhe — folgo muito de o ver e sinto deveras não ter estado em casa das outras vezes que me tem procurado, mas tenho tanto em que me ocupar...

— Sim, sim, eu sei — disse Traddles — é muito natural. A sua estada em Londres, não é verdade?

— O que quer dizer?

— Refiro-me a ela... desculpe-me... a *miss* Dora... bem sabe — disse Traddles

— ela reside em Londres, não é verdade?

— Oh! Sim, perto de Londres.

— A minha... talvez se recorde — disse Traddles com um ar grave — mora em Devonshire... são dez filhos... assim não me ocupo tanto como o senhor.

— O que eu pergunto — respondi — é como pode suportar vê-la tão raras vezes.

— Ah! — disse Traddles com ar pensativo —, também eu o pergunto. Suponho, Copperfield, que é por não se poder fazer de outra maneira!

— Adivinho bem que é essa a razão! — repliquei sorrindo e corando um pouco —, mas isso provém também de que o senhor tem muita coragem e muita paciência, Traddles.

— Acredita? — disse Traddles com o ar de reflectir. — Faço-lhe realmente esse efeito, Copperfield? Pois não supunha! Mas é uma tão excelente rapariga, que é bem possível que me tenha comunicado qualquer coisa dessas virtudes que possui. Agora que mo faz notar, Copperfield, isso não me espantaria nada. Asseguro-lhe que leva a vida a esquecer-se dela para pensar nas nove outras irmãs.

— É a mais velha? — perguntei.

— Oh! Não, por certo — disse Traddles. — A mais velha é uma beleza.

Suponho que ele percebeu que eu não podia deixar de sorrir da estupidez da sua resposta e prosseguiu no seu ar ingénuo, sorrindo também:

— Isso não quer dizer, bem entendido, que a minha Sofia... É um bonito nome, pois não é, Copperfield?

— Muito bonito — disse.

— Isso não quer dizer que a minha Sofia não seja encantadora a meus olhos e que a toda a gente não cause o efeito de ser uma das melhores raparigas que se possam ver; mas quando eu digo que a mais velha é uma beleza, quero dizer que ela é verdadeiramente... — ele fez o gesto de acumular nuvens em torno de si com ambas as mãos... — magnífica, asseguro-lhe — disse Traddles com energia.

— Palavra?

— Oh! Asseguro-lhe — disse Traddles —é completamente fora da esfera ordinária. E, veja, como é feita para brilhar no mundo e para se fazer admirar, conquanto não tenha ocasião por causa da sua pouca fortuna, é algumas vezes um pouco irritável, um pouco exigente. Felizmente que Sofia põe-na de bom humor!

— Sofia é a mais nova? — perguntei.

— Oh! Não, não é — disse Traddles passando a mão pelo queixo. — As duas mais novas têm nove e dez anos. É a Sofia quem as educa.

— Já sei: é a irmã segunda — arrisquei-me a dizer.

— Não — disse Traddles. — Sara é que é a segunda; Sara tem qualquer coisa na espinha dorsal; pobre rapariga! Os médicos dizem que isso há-de passar, mas, por enquanto, precisa de estar estendida de costas um ano. Sofia é que trata dela; Sofia é a quarta filha.

— Ainda têm mãe? — perguntei.

— Oh! Sim — disse Traddles — ainda é viva. É uma mulher superior a valer, mas a humidade da região faz-lhe mal e... o facto é que perdeu o uso dos seus membros.

— Que desgraça!

— É bem triste, pois não é? — prosseguiu Traddles — Mas sob o ponto de vista dos negócios de casa, é menos incómodo do que se poderia crer, porque Sofia ocupa o seu lugar. Ela serve de mãe à mãe e às nove irmãs.

Eu experimentava a mais intensa admiração pelas virtudes dessa menina, e, com o fim honesto de fazer o melhor possível para impedir que se abusasse da boa vontade de Traddles em detrimento do seu futuro comum, perguntei como passava *Mister* Micawber.

— Vai muito bem, obrigado, Copperfield — disse Traddles. — Por agora não moro com ele.

— Não?

— Não. Para falar verdade — respondeu Traddles, falando baixinho — ele tomou o nome de Mortimer por causa das suas dificuldades temporárias; só sai à noite, de lunetas. Tivemos uma penhora em casa por causa do aluguer. *Mistress* Micawber encontrava-se num tão horroroso estado, que eu não pude, em verdade, deixar de dar a minha assinatura para a segunda letra de que tínhamos aqui falado. Pode imaginar a alegria que eu senti, Copperfield, quando vi que tudo isso acabava e que *Mistress* Micawber recuperava a sua alegria.

— Hum! — fiz eu.

— De resto, a felicidade deles não foi longe — prosseguiu Traddles — porque, desgraçadamente, ao fim de oito dias houve nova penhora. Então, dispersámo-nos. Desde esse tempo resido num quarto mobilado e os Mortimer vivem no retiro mais absoluto. Conto que não me há-de achar egoísta, Copperfield, se eu não puder deixar de lamentar que o negociante de móveis se apoderasse da minha mesinha redonda com pedra mármore e do vaso para flores e da console de Sofia!

— Que crueldade! — repliquei com indignação.

— Isso pareceu-me... um pouco duro — disse Traddles com a sua careta ordinária quando empregava esta expressão. — De resto, eu não digo isto para censurar ninguém, mas o grande caso, Copperfield, é que eu não pude resgatar esses objectos no momento da penhora, primeiro porque o negociante de móveis,

ao saber que eu os desejava, pedia por eles um preço fabuloso e em seguida porque... não tinha dinheiro. Mas desde então não larguei de olho a loja — continuou Traddles parecendo gozar com delícia deste mistério —; é ao cimo de Tottenham Court Road e enfim, hoje, vi-os na exposição. Olhei somente para lá, ao passar pelo outro lado da rua, porque se o homem dos móveis me descobre, sabe?, pede-me uma quantia calada. Mas eu pensei que, visto já ter algum dinheiro, o senhor consentirá que a sua boa criada vá comigo à loja; mostrar-lhe-ei os objectos da rua e ela poderá comprar-mos o mais barato possível, como se para ela fossem.

A alegria com que Traddles me desenvolveu o seu plano e o prazer que sentia ao ver-se tão sagaz, estão presentes ao meu espírito como uma das mais nítidas recordações.

Eu disse-lhe que a minha velha criada se regozijaria muito em lhe prestar esse pequeno serviço e que poderíamos entrar todos três no plano, mas com uma única condição. Essa condição consistia em que ele havia de tomar a resolução solene de nunca mais emprestar a *Mister* Micawber o nome ou outra coisa qualquer.

— Meu caro Copperfield — disse-me Traddles — isso é coisa assente; não só porque começo a sentir que tenho sido um pouco precipitado, mas também porque é uma verdadeira injustiça contra Sofia e que eu próprio me censuro. Dei-me a minha palavra a este propósito e nada mais há que recear, mas também lha dou de todo o coração. Paguei essa malfadada letra. Não duvido que *Mister* Micawber a tivesse pago se pudesse, mas não podia. Devo dizer-lhe, Copperfield, uma coisa que me agrada muito em *Mister* Micawber; é relativamente à segunda letra, que ainda não se venceu. Não me diz já que providenciou, mas que providenciará. Há verdade, acho este processo muito honesto e muito delicado.

Eu tinha alguma repugnância em abalar a confiança do meu bom amigo e fiz um sinal de assentimento. Após um momento de conversa, caminhámos até à loja do negociante de velas, para alistar Peggotty na nossa conspiração. Tendo-se Traddles recusado a passar a noite comigo, primeiro porque sentia a mais viva inquietação que as suas duas prendas fossem compradas por qualquer outro amador antes que ele tivesse tempo de as resgatar e em segundo lugar porque ele consagrava sempre as noites a escrever à mais excelente rapariga do mundo.

Nunca me hão-de esquecer os olhares que ele deitava da esquina da rua para Tottenham Court Road, enquanto Peggotty regateava esses objectos tão preciosos, nem a sua agitação quando ela regressou para junto de nós, depois de inutilmente ter oferecido um lanço, até que foi chamada pelo negociante e que voltou a ir tratar de novo com ele. Afinal de contas, resgatou os objectos de

Traddles por uma quantia bastante moderada; ele estava entusiasmado.

— Sou-lhe obrigadíssimo deveras — disse Traddles ao saber que devíamos enviar-lhe tudo a casa nessa mesma tarde. — Se me desse licença ainda lhe pedia outro favor; espero que o Copperfield não achará este meu desejo muito absurdo!

— Certamente que não — respondi eu antecipadamente.

— Então — disse Traddles dirigindo-se a Peggotty — se fizer favor procura-me o vaso de flores agora mesmo; gostaria eu próprio de o levar já, porque é da Sofia, Copperfield.

Peggotty foi buscar o vaso, da melhor boa vontade; ele encheu-a de agradecimentos e vimo-lo subir Tottenham Court Road com o vaso ternamente apertado em seus braços, com um ar de júbilo que nunca vi a ninguém.

Em seguida tomámos o caminho de minha casa. Como os estabelecimentos possuíam para Peggotty encantos que jamais vi exercer sobre alguém no mesmo grau, eu caminhava lentamente, divertindo-me em a ver olhar para as exposições e esperando por ela todas as vezes que lhe convinha parar a ver. Assim, levamos muito tempo antes de chegarmos aos Adelfi.

Ao subir a escada, fiz-lhe notar que as ratoeiras de *Mistress* Crupp haviam desaparecido repentinamente e além disso distinguiam-se vestígios recentes de passos. Ficámos ambos muito surpreendidos, subindo sempre, de vermos aberta a primeira porta que eu tinha fechado quando saí e de ouvirmos vozes em minha casa.

Olhámo-nos com espanto, sem sabermos que pensar e entrámos na sala. Qual foi a minha surpresa de aí encontrar as pessoas que menos esperava, minha tia e *Mister* Dick! Minha tia estava sentada numa quantidade de malas, com a gaiola dos pássaros em frente dela e o seu gato no colo, como um Robinson Crusoé feminino, a beber uma chávena de chá! *Mister* Dick encostava-se com ar pensativo a um grande papagaio igual aos que muitas vezes tínhamos deitado juntos e estava rodeado por uma outra carregação de caixas.

— Minha querida tia! — exclamei. — Que inesperado prazer!

Beijámo-nos ternamente; dei um cordial aperto de mão a *Mister* Dick e *Mistress* Crupp, que estava ocupada a fazer o chá e a dispensar-nos as suas atenções, disse vivamente que bem sabia antecipadamente qual seria a alegria de *Mister* Copperfield, ao ver os seus queridos pais.

— Olá! Viva! — disse minha tia a Peggotty, que estremecia na sua terrível presença. — Como passa?

— Lembra-se de minha tia, Peggotty? — perguntei lhe eu.

— Em nome do céu, meu rapaz! — exclamou minha tia. — Nunca mais chame esta mulher por esse nome selvagem! E já que, casando-se, ela se

desembaraçou dele e foi o que fez de melhor, porque não se lhe hão-de conceder as vantagens dessa mudança? Como é que se chama agora, P.? — disse minha tia empregando esta letra abreviadora para evitar o nome que tanto lhe desagradava.

— Barkis, minha senhora — disse Peggotty, fazendo uma mesura.

— Vamos, isso é muito mais humano — disse minha tia. — Esse nome não tem, como o outro, seus ares pagãos, que é preciso reparar por meio do baptismo de um missionário. Como passa, Barkis? Espero que passe bem.

Animada por estas graciosas palavras e pela solicitude de minha tia em estender-lhe a mão, Barkis adiantou-se para a apertar com uma mesura de agradecimento.

— Envelhecemos ambas desde esse tempo, veja — disse minha tia. — Apenas nos vimos uma única vez, lembra-se? Que asseado serviço que nesse dia fez! Trot, meu filho, dê-me outra chávena de chá!

Enchi a chávena que me pedia minha tia, sempre tão direita e tão áspera como de costume e aventurei-me a fazer-lhe notar que não estava bem sentada numa mala.

— Deixe-me chegar-lhe o canapé ou a poltrona, minha tia — disse-lhe eu — a senhora está aí muito mal.

— Obrigado, Trot — replicou ela —; prefiro estar sentada sobre o que é meu. — Dito isto minha tia olhou para *Mistress* Crupp de frente e disse-lhe: — A senhora escusa de ter o incómodo de esperar.

— Não quer que deite mais chá na chaleira? — disse *Mistress* Crupp.

— Não senhora, obrigada — replicou minha tia.

— A senhora deseja que lhe vá buscar manteiga? Ou então posso oferecer-lhe um ovo fresco, ou quer que lhe vá grelhar um pouco de presunto? Deseja também qualquer coisa para sua tia, senhor Copperfield?

— Não preciso de nada, senhora — replicou minha tia — eu cá me arranjarei sozinha, agradeço-lhe.

*Mistress* Crupp, que sorria sem cessar para figurar uma grande doçura de carácter e que tinha sempre a cabeça à banda para dar ideia de uma grande fraqueza de constituição e que esfregava as mãos a todos os momentos para manifestar o seu desejo de ser útil a todos quantos o merecessem, acabou por sair do quarto, com a cabeça à banda, esfregando as mãos e sorrindo.

— Dick — prosseguiu minha tia — lembra-se do que lhe tenho dito dos cortesãos e dos adoradores da fortuna?

*Mister* Dick respondeu afirmativamente, mas com um ar um pouco assombrado e como se se tivesse esquecido do que tão bem se devia lembrar.

— Pois bem, *Mistress* Crupp pertence ao número — disse minha tia. — Barkis, faz-me o favor de se ocupar do chá e de me dar outra chávena; não me

agradava nada recebê-la da mão dessa intrigante.

Eu conhecia bastante minha tia para saber que ela tinha qualquer coisa de importante a confiar-me e que a sua chegada me dizia mais do que um estranho pudesse supor. Notei que os seus olhares estavam constantemente fixos sobre mim, quando me julgava ocupado com outra coisa e que se encontrava num estado de indecisão e de agitação interiores mal dissimulados pela tranquilidade e rigidez que exteriormente conservava; comecei a perguntar de mim para mim, se teria feito qualquer coisa que pudesse melindrá-la e a minha consciência disse-me baixinho que não lhe tinha ainda falado de Dora. Não seria isso, por acaso?

Como eu sabia bem que ela não falaria, senão quando lhe conviesse, sentei-me ao lado dela e pus-me a falar com os passaritos e a brincar com o gato, como se estivesse muito à vontade; mas era exactamente o que eu não estava e a minha inquietação aumentou ao ver que *Mister* Dick, encostado ao grande papagaio, por trás de minha tia, aproveitava-se de todas as ocasiões em que não reparavam em nós, para me fazer sinais de cabeça misteriosos, apontando para minha tia.

— Trot — disse-me ela enfim, quando acabou o seu chá e quando, depois de ter enxugado os lábios, arranjou cuidadosamente as pregas do vestido. — Não precisa de se retirar, Barkis!... Trot, já adquiriu mais confiança em si próprio?

— Espero que sim, minha tia.

— Mas está bem certo disso?

— Creio bem, minha tia.

— Então, meu querido filho — disse-me olhando-me fixamente —, sabe porque é que tenho estado sempre sentada nas minhas bagagens?

Abanei a cabeça como um homem que renúncia a adivinhar.

— Porque é tudo quanto me resta — disse minha tia —; porque estou arruinada, meu filho!

Se a casa se esbarrondasse no rio, connosco dentro, creio que o desastre não teria sido, para mim, mais violento.

— Dick sabe-o — disse minha tia pousando-me tranquilamente a mão no ombro —; estou arruinada, meu caro Trot. Tudo quanto me resta no mundo está aqui, à excepção da minha casinha, que deixei à Joaninha o cuidado de alugar. Barkis, há-de ser preciso uma cama para este senhor passar a noite. A fim de evitar despesas, não poderia arranjar aqui qualquer coisa para mim, não importa o quê? É somente por esta noite; depois falaremos nisto mais de espaço.

Fui tirado do meu pasmo e do desgosto que sentia por ela... por ela, estou certo, ao vê-la cair-me nos braços, exclamando que o que mais sentia era por minha causa; mas um minuto bastou para dominar a sua emoção e disse-me num ar mais triunfante do que abatido:

— É mister suportarmos valorosamente os reveses, sem nos deixarmos apavorar; é mister sustentarmos o nosso papel até final; é mister arrostarmos a desgraça até ao fim, Trot.

## Capítulo XXXV — Abatimento

Logo que encontrei a minha presença de espírito, que completamente me abandonara no primeiro momento, sob o golpe opressivo que me tinham vibrado as últimas notícias de minha tia, propus a *Mister* Dick ir comigo à casa do negociante de velas e tomar posse da cama que *Mister* Peggotty tinha recentemente deixado de vago. O armazém de velas ficava no mercado de Hungerford, que nada se parecia então com o que é agora e havia em frente da porta um pórtico baixo, composto de colunas de madeira, que não se assemelhava mal ao que dantes se via na frontaria da casa do Simplório e da Simplória nos antigos barómetros. Esta obra-prima de arquitectura agradou infinitamente a *Mister* Dick e a honra de habitar por cima da colunata consolou-o, creio de muitos dissabores; mas como não havia realmente outra objecção ao alojamento que eu lhe propunha, senão a variedade dos perfumes de que tenho falado e talvez também a falta de espaço no quarto, ficou encantado com o seu aposento. *Mistress* Crupp tinha-lhe declarado com um ar de indignação que o quarto era tão acanhado que não havia onde pudesse dançar um gato, mas como me dizia muito justamente *Mister* Dick, sentando-se aos pés da cama e acariciando uma das suas pernas: «O senhor bem sabe, Trotwood, que não tenho nenhuma precisão de fazer dançar um gato; nunca faço dançar gatos; por consequência que é que isso me faz a mim?»

Tentei descobrir se *Mister* Dick tinha algum conhecimento das causas dessa grande e repentina mudança no estado dos negócios de minha tia; como poderia esperar, não sabia nada. Tudo quanto podia dizer é que minha tia o apostrofara assim na véspera: «Vamos a ver, Dick, o senhor será deveras tão filósofo como creio?» «Sim», tinha ele respondido, «gabo-me disso». Dito isto, minha tia dissera-lhe: «Dick, estou arruinada». Então ele exclamara: «Oh! Deveras!» Depois minha tia tinha-lhe feito grandes elogios, o que lhe causara muito prazer. E os dois tinham ido ter comigo, comendo sanduíches e bebendo *porter* pelo caminho.

*Mister* Dick tinha o ar por tal forma radiante aos pés da cama, acariciando a perna esquerda e dizendo-me tudo isso, com os olhos muito abertos e com um sorriso de surpresa, que custa-me a dizer que me impacientei e que me deixei ir até lhe explicar que ele não sabia talvez que a palavra ruína arrastava consigo a penúria, a necessidade, a fome; mas não tardou que eu fosse punido da minha dureza, ao vê-lo empalidecer, o rosto dilatar-se-lhe de repente e as lágrimas correrem-lhe pelas faces, de passo que me deitava um olhar onde havia tal

desespero, que amansaria um coração infinitamente mais duro que o meu. Custou-me muito mais a animá-lo do que a fazê-lo desanimar e compreendi bem depressa o que deveria ter adivinhado logo ao primeiro momento, a saber que, se ele a princípio tinha mostrado tanta confiança é que tinha uma fé inabalável na sabedoria maravilhosa de minha tia e nos infinitos recursos das minhas faculdades intelectuais; porque creio que ele me tinha na conta de ser capaz de lutar vitoriosamente contra todos os infortúnios que não arrastassem à morte.

— Que poderemos fazer, Trotwood? — disse *Mister* Dick — Há a memória...

— É verdade, há a memória — disse —, mas por agora a única coisa que temos a fazer, *Mister* Dick, é estarmos serenos e não deixarmos ver a minha tia quanto estamos preocupados com os seus negócios.

Assentiu nesta verdade, com o ar mais convencido e suplicou-me, no caso em que o visse desviar-se um passo do bom caminho, de o fazer reentrar nele por um desses meios engenhosos que eu tinha sempre à mão. Mas tenho pena de dizer que o medo que eu lhe tinha causado era aparentemente muito forte para que ele pudesse ocultá-lo. Durante toda a noite, olhava sem cessar para minha tia com uma expressão da mais penosa inquietação, como se esperasse vê-la emagrecer ali de repente. Quando o notava, fazia todos os esforços para não mexer a cabeça, mas por mais imóvel que a conservasse e por mais que rolasse os olhos como um boneco chinês de porcelana, isso não conciliava nada as coisas. Vi-o olhar durante a ceia, para o pão que havia na mesa, como se não houvesse mais do que aquilo entre nós e a fome. Quando minha tia insistiu para que comesse como de costume, reparei que metia ao bolso bocados de pão e de queijo, sem dúvida para reservar-se, com essas poupanças, o meio de nos restituir à existência quando estivéssemos extenuados pela fome.

Minha tia, pelo contrário, estava de uma tranquilidade que podia dar-nos lição a todos, a mim em primeiro lugar. Estava muito amável com Peggotty, excepto quando eu lhe dava este nome por engano e parecia achar-se perfeitamente à vontade, apesar da sua repugnância bem conhecida por Londres. Devia passar a noite no meu quarto e eu ficaria na sala a servir-lhe de guarda. Ela insistia muito acerca da vantagem de ficar tão perto do rio, em caso de incêndio e creio que encontrava certa satisfação a valer nessa circunstância tranquilizadora.

— Não, Trot, não, meu filho — disse minha tia, quando me viu fazer alguns preparativos para lhe arranjar a bebida da noite.

— Não quer nada, minha tia?

— Vinho não, meu filho; cerveja.

— Mas eu tenho vinho, tia, e é sempre vinho que a tia toma.

— Guarde o vinho para uma doença — disse-me ela —; é preciso não desperdiçar, Trot. Dê-me *ale*, meia garrafa.

Creio que *Mister* Dick ia a desmaiar. Continuando minha tia decididíssima na sua recusa, saí para lhe ir buscar a *ale,* como se ia fazendo tarde, Peggotty e *Mister* Dick aproveitaram a ocasião para tomarem juntos o caminho do armazém de velas. Deixei o pobre homem à quina da rua e ele retirou-se com o seu grande papagaio às costas, levando impressa na fisionomia a verdadeira imagem da miséria humana.

No meu regresso, encontrei minha tia ocupada a passear de cá para lá no quarto, pregueando com os dedos as guarnições da sua touca de dormir. Aqueci a *ale* e torrei o pão, segundo os princípios adoptados. Quando a bebida estava pronta, minha tia também o estava com a touca na cabeça e a saia do vestido apanhada sobre os joelhos.

— Meu caro — disse-me, depois de engolir uma colherada do líquido —; é infinitamente melhor que o vinho e muito menos bilioso.

Suponho que não estava lá muito convencida, porque acrescentou:

— Ta... ta... ta... meu rapaz, se o mal que nos acontecer for bebermos *ale,* não teremos muita razão de queixa.

— Asseguro-lhe, tia — disse — que se não se tratasse senão de mim, estaria longe de dizer o contrário.

— Muito bem! Então porque não é a sua opinião?

— Porque a tia e eu, não somos a mesma coisa — repliquei.

— Ora adeus, Trot, que tolice! — observou ela.

Minha tia continuou com uma satisfação tranquila, que não deixava perceber nenhuma afectação, asseguro-lhes, a beber a sua *ale* quente, às colherinhas, molhando nela as torradas.

— Trot — disse-me — em geral, não gosto muito de conhecer caras novas; mas a sua Barkis não me desagrada, sabe?

— Se me dessem cem libras esterlinas, tia, não me proporcionariam maior prazer; folgo muito de ver que a tia a aprecia.

— Este mundo em que vivemos é bem extraordinário — prosseguiu minha tia esfregando o nariz —; não posso explicar-me onde é que foi esta mulher arranjar um nome assim. Pergunto-lhe se não era cem vezes mais fácil nascer uma Jackson ou uma Robertson, ou não importa que outro nome pelo estilo.

— Talvez ela esteja de acordo; mas, enfim, não foi por culpa dela.

— Penso que não — replicou minha tia, um pouco contrariada por ser obrigada a convir no caso —, mas não deixa de ser menos desesperador. Enfim, agora chama-se Barkis; é uma consolação. Barkis ama-o de todo o seu coração, Trot?

— Não há nada no mundo que ela não seja capaz de fazer para me dar essa prova.

— Nada, é verdade, creio — disse minha tia. — Há-de acreditar que essa pobre doida esteve para aí há bocado a pedir-me, de mãos postas, que aceitasse uma parte do seu dinheiro, porque tem de mais? Já viu uma idiota assim?

Lágrimas de prazer corriam dos olhos de minha tia quase dentro da sua *ale.*

— Nunca vi pessoa mais ridícula — acrescentou. — Adivinhei desde o primeiro momento, quando ela estava junto da sua pobre mãe, querida criança, que havia de ser a mais ridícula criatura que se imaginasse; mas é muito bondosa.

Minha tia aparentou rir e aproveitou a ocasião para levar a mão aos olhos; depois retomou a torrada e continuou o seu discurso:

— Ah! Misericórdia! — disse com um suspiro. — Sei tudo o que se passou, Trot. Tive uma grande conversa com Barkis enquanto o David saiu com *Mister* Dick. Sei tudo o que se passou. Cá por mim não compreendo o que essas miseráveis raparigas trazem na cabeça; pergunto comigo como não quebram antes a cabeça... contra um fogão! — concluiu ela, olhando para o fogão, que provavelmente lhe sugeriu esta ideia.

— Pobre Emília! — observei.

— Oh! Não lhe chame pobre Emília — disse minha tia —; ela devia ter pensado no caso antes de causar tantos desgostos. Beije-me, Trot; sinto imenso que tão novo faça a triste experiência da vida.

Quando eu me inclinava para ela, ela pousou o copo no meu regaço, para me deter e disse-me!

— Oh! Trot! Trot! Então afigura-se-lhe que está enamorado, não é verdade?

— Que diz, minha tia? Que se me afigura? — exclamei corando. — Adoro-a com toda a minha alma!

— Dora? Deveras! — replicou minha tia. — E acha essa criatura muito sedutora?

— Minha querida tia — repliquei — ninguém pode fazer uma ideia do que ela é.

— Ah! E não é muito pateta? — disse minha tia.

— Pateta, tia?

Creio seriamente que nunca se me metera em cabeça perguntar se ela o era ou não. Esta suposição ofendeu-me naturalmente, mas fiquei, todavia, surpreendido como de uma ideia nova em folha.

— Então não é nenhuma pequena estouvada? — disse minha tia.

— Pequena estouvada, tia! — limitei-me a repetir com o mesmo sentimento da vez anterior.

— Está bem! Está bem! Queria somente saber; não digo mal dela. Pobres crianças! Assim julgam-se criados um para o outro e vêem-se já atravessando

uma vida cheia de doçuras e de lambarices, como as duas figurinhas de açúcar que ornamentam o queque no dia das bodas, não é verdade, Trot?

Ela falava com tanta bondade, com um ar tão doce, quase gracejador, que eu fiquei completamente emocionado.

— Bem sei que somos jovens e sem experiência, tia — respondi — e não duvido que nos suceda dizer e pensar coisas que não são talvez muito razoáveis; mas estou certo de que nos amamos verdadeiramente. Se eu imaginasse que Dora pudesse amar outro, ou deixar de amar-me, ou que eu pudesse amar outra mulher, ou cessar eu próprio de a amar, não sei o que seria feito de mim... endoideceria, creio.

— Ah! Trot! — disse minha tia abanando a cabeça e sorrindo tristemente — cego, cego, cego! Há alguém que eu conheço, Trot — prosseguiu minha tia após um momento de silêncio — que, apesar da doçura do seu carácter, possui uma vivacidade de afecto que me recorda a sua pobre mãe. Esse alguém deve procurar um apoio fiel e seguro que possa sustentá-lo e ajudá-lo: um carácter sério, sincero, constante.

— Se a tia conhecesse a constância e a sinceridade de Dora! — exclamei.

— Oh! Trot! — disse ela ainda. — Cego, cego, cego!

E, sem saber porquê, pareceu-me vagamente que eu perdia nesse instante qualquer coisa, qualquer promessa de felicidade que se escondia a meus olhos por trás de uma nuvem.

— Todavia — disse minha tia — não tenho desejo de desesperar nem de tornar desgraçadas estas duas crianças; assim, conquanto seja uma paixão de rapazinho e de rapariguinha e que essas paixões muitas vezes... atenda bem, não digo sempre, mas muitas vezes não rematam em nada; todavia, não gracejaremos: havemos de falar seriamente nisso e esperamos que há-de acabar em bem um destes dias. Temos todo o tempo diante de nós.

Não era uma perspectiva muito consoladora para um amante apaixonado, mas eu estava, todavia, encantado por ter minha tia na minha confidência. Lembrando-me ao mesmo tempo que ela devia estar fatigada, agradeci-lhe ternamente essa prova do seu afecto e de todas as suas bondades por mim e depois de umas carinhosas boas noites, minha tia e a sua touca foram tomar posse do meu quarto de dormir.

Como eu me sentia desgraçado essa noite na minha cama! Como os meus pensamentos se reproduziam sempre ao efeito que a minha pobreza produziria em *Mister* Spenlow, porque eu já não era o que julgava ser quando pedi a mão de Dora e depois eu dizia de mim para mim que como homem de honra devia informar Dora da minha situação no mundo e restituir-lhe a sua palavra, se ela quisesse dispor dela; perguntava de mim para mim como me havia de ver para

viver durante todo o tempo que devia passar em casa de *Mister* Spenlow, sem ganhar nada; perguntava de mim para mim como *é* que poderia sustentar minha tia e dava tratos à imaginação, sem encontrar nada de satisfatório; depois dizia de mim para mim que não tardaria a faltar-me o dinheiro no bolso, que iria usar fatos no fio, renunciar aos lindos corcéis alvadios e aos pequenos presentes que tanto prazer sentia em oferecer a Dora, enfim a mostrar-me sob um aspecto agradável! Sabia que era egoísmo, que era uma coisa indigna, pensar sempre nas minhas desgraças e arguia-me amargamente; mas amava muito Dora para poder proceder de outra maneira. Bem sabia que era um miserável em não pensar infinitamente mais em minha tia como em mim próprio; mas, pelo momento, o meu egoísmo e Dora eram inseparáveis e eu não podia pôr Dora de lado pelo amor de nenhuma outra criatura humana. Ah! Como eu fui desgraçado, naquela noite!

Quanto ao meu sono, foi agitado por mil pesadelos acerca da minha pobreza, mas parecia-me que sonhava sem ter cumprido a cerimónia prévia de adormecer. Ora me via esfarrapado e querendo obrigar Dora a ir vender lumes a um *penny* a caixa, ora me encontrava no cartório em camisa de dormir e botas calçadas e *Mister* Spenlow ralhava-me acerca da frescura do vestuário com que me apresentava aos seus clientes; depois comia avidamente as migalhas que caíam do biscoito que o velho Tiffey comia regularmente todos os dias, quando o relógio de S. Paulo batia uma hora; em seguida fazia uma porção de esforços para obter a autorização oficial necessária ao meu casamento com Dora, sem ter, para a pagar, outra coisa a oferecer em troca que uma das luvas de Uriah Heep, que o Tribunal em peso recusava, por unanimidade; enfim, não sabendo muito aonde é que estava, virava-me e revirava-me sem cessar, como um navio em perigo de naufragar, num oceano de lençóis e de cobertores.

Minha tia não dormia; ouvia-a passear de cá para lá. Duas ou três vezes, durante a noite, apareceu no meu quarto, como uma alma penada, vestindo um comprido penteador de flanela que lhe dava o ar de ter seis pés de altura e aproximou-se do canapé onde eu estava deitado. Da primeira vez, dei um salto com medo, pela notícia que me deu e que tinha todos os motivos para acreditar, à vista de um clarão que notava no céu, de que a abadia de Westminster estava a arder. Queria ela saber se as chamas poderiam chegar até Buckingham Street no caso de mudar o vento. Quando mais tarde reapareceu, não me mexi; ela sentou-se ao pé de mim, dizendo baixinho «Pobre rapaz!», e eu senti-me mais desgraçado ainda ao ver quão pouco ela pensava em si para ocupar-se de mim enquanto que eu me absorvia, como um egoísta, nos meus próprios cuidados.

Custava-me alguma coisa a acreditar que uma noite que me parecia tão comprida pudesse ser curta para alguém. Assim, pus-me a pensar num baile

imaginário em que os convidados passavam a noite a dançar: depois, tudo isso se tornou em sonho e eu ouvia os músicos a tocarem sempre a mesma ária e via Dora dançar sempre no mesmo passo, sem fazer o menor caso de mim. O homem que tinha tocado harpa toda a noite baldadamente tentava cobrir o instrumento com um barrete de dormir, no momento em que despertei, ou antes em que renunciei a conciliar o sono, ao ver enfim o sol brilhar na minha janela.

Havia então, ao fundo de uma das ruas que vão dar ao Strand, uns antigos banhos romanos (talvez ainda lá existam) onde eu costumava ir tomar banhos frios. Vesti-me o mais silenciosamente que pude, e, deixando a Peggotty o cuidado de se ocupar de minha tia, fui meter-me na água de mergulho, depois segui para Hampstead. Esperava que este tratamento enérgico me refrescasse um pouco o espírito e creio que realmente senti algum bem, porque não tardei a decidir que a primeira coisa que tinha a fazer era ver se podia arranjar a rescindir o meu contrato com *Mister* Spenlow e tornar a receber a quantia que se lhe havia dado. Almocei em Hampstead, depois segui para o Tribunal, através dos caminhos ainda húmidos do orvalho, no meio do doce perfume das flores que cresciam nos jardins circunjacentes ou que passavam nos cestos à cabeça dos jardineiros, não pensando em nada mais do que em tentar esse primeiro esforço, para fazer face à reviravolta ocorrida na nossa situação.

Cheguei todavia tão cedo à repartição, que tive tempo de passear uma hora nos pátios, antes que o velho Tiffey, que era sempre o primeiro a chegar, aparecesse enfim com a chave. Então sentei-me no meu lugar, à sombra, a ver o reflexo de sol nos canos da chaminé de em frente e a pensar em Dora, quando *Mister* Spenlow entrou fresco e desembaraçado.

— Como vai, Copperfield? — disse-me. — Que linda manhã!

— Encantadora manhã, senhor Spenlow! — respondi. — Desejo dar-lhe uma palavra antes de o senhor ir para o Tribunal.

— Pois sim — disse — venha ao meu gabinete.

Segui-o para o gabinete, aonde ele começou a vestir a beca e a ver-se num pequeno espelho pendurado atrás da porta de um armário.

— Sinto imenso ter de informá-lo — disse-lhe — que recebi más notícias de minha tia!

— Palavra! — respondeu ele. — Sinto muito; espero que não seja nenhum ataque de paralisia...

— Não se trata da saúde, *Mister* Spenlow — repliquei. — Teve grandes prejuízos financeiros, ou antes, perdeu quase tudo o que possuía.

— Estou as...som...bra...do, Copperfield! — exclamou *Mister* Spenlow.

Eu abanei a cabeça.

— A situação de minha tia está por tal forma transtornada, senhor, que eu

queria pedir-lhe se não seria possível... sacrificando uma parte da quantia paga pela minha admissão aqui, bem entendido... (eu não tinha meditado nesta oferta generosa, mas improvisei-a ao ver a expressão de susto que se pintava na sua fisionomia) se não seria possível anular o contrato que fizemos.

Ninguém pode imaginar quanto me custara fazer semelhante proposta. Era pedir como uma mercê que me deportassem para longe de Dora.

— Anular o nosso contrato, Copperfield! Anular!

Expliquei com certa firmeza que estava reduzido a expedientes, que não sabia como havia de viver, se eu próprio não providenciasse, que não receava nada para futuro e carreguei nisto para provar que havia de ser um dia um genro muito para requestar, mas que, por agora, estava reduzido a livrar-me de apuros sozinho.

— Tenho muita pena do que me diz, Copperfield — respondeu *Mister* Spenlow —, muitíssima pena. Não é costume anular uma convenção com semelhantes razões. Não é assim que se procede em negócios. Seria um péssimo precedente... todavia...

— O senhor Spenlow é muito bondoso — murmurei, na esperança de uma concessão.

— Não é isso, o senhor engana-se — continuou *Mister* Spenlow. — Eu ia a dizer que se tivesse as mãos livres, se não tivesse um sócio, *Mister* Jorkins!...

As minhas esperanças desabaram nesse instante; todavia, ainda fiz um esforço:

— O senhor pensa que se eu me dirigir a *Mister* Jorkins...?

*Mister* Spenlow meneou a cabeça com ar desanimado.

— Deus me livre, Copperfield — disse ele — de ser injusto com alguém, sobretudo com *Mister* Jorkins. Mas eu conheço o meu sócio, Copperfield. *Mister* Jorkins não é homem para acolher uma proposta tão insólita. *Mister* Jorkins só conhece as tradições recebidas; não derroga os usos estabelecidos. O senhor bem o conhece!

Eu não o conhecia nada. Sabia somente que *Mister* Jorkins tinha sido antigamente o único dono do cartório e que presentemente vivia só numa casa muito perto de Montagu Square que estava terrivelmente precisada de uma pincelada de oca; que chegava à repartição muito tarde e saía muito cedo; que parecia que nunca o consultavam fosse para o que fosse; que tinha um pequeno gabinete escuro só para ele, no primeiro andar; que não se ia lá tratar de nenhum negócio e que tinha em cima da secretária um velho caderno de papel de chupar, amarelecido pela idade, mas sem uma nódoa de tinta e que passava por ali estar há vinte anos!

— Faria alguma objecção a que eu falasse do meu caso com *Mister* Jorkins?

— perguntei.

— Nenhuma — disse-me ele. — Mas tenho alguma experiência de quem é *Mister* Jorkins, Copperfield. Eu desejaria que ele pensasse de outra maneira, porque folgaria muito em o servir. Não tenho a menor objecção a fazer a que vá falar com *Mister* Jorkins, se pensa que vale a pena.

Aproveitando-me da sua permissão que acompanhou com um bom aperto de mão, fiquei no meu lugar, a pensar em Dora e a olhar para o sol que deixava de iluminar os canos das chaminés para iluminar a parede da casa fronteira, até à chegada de *Mister* Jorkins. Subi então ao gabinete dele: e nunca ninguém há-de ver um homem mais espantado de receber uma visita.

— Entre, senhor Copperfield — disse *Mister* Jorkins — entre.

Entrei, sentei-me e expus-lhe a minha situação, quase como o tinha feito a *Mister* Spenlow. *Mister* Jorkins não era, com grande diferença, tão terrível como poderia esperar-se. Era um homem gordo, de sessenta anos, de ar afável e benigno, que pitadeava uma tal quantidade de tabaco que se dizia entre nós que esse estimulante era o seu principal alimento, visto que não lhe ficava depois lugar, em todo o corpo, para absorver outros artigos de subsistência.

— Suponho que já falou a *Mister* Spenlow? — disse *Mister* Jorkins depois de me haver escutado até ao fim com alguma impaciência.

— Sim, senhor, foi ele que me objectou o seu nome.

— Ele disse-lhe que eu faria objecções? — perguntou *Mister* Jorkins.

Fui obrigado a admitir que *Mister* Spenlow olhara o caso como muito verosímil.

— Sinto muito, senhor Copperfield — disse *Mister* Jorkins muito embaraçado —, mas não posso fazer nada em seu favor. O facto é... Mas tenho uma reunião no Banco, peço que me desculpe...

Dito isto, levantou-se precipitadamente e ia a sair do gabinete quando eu me afoitei a dizer-lhe que receava muito que não houvesse então meio de se arranjarem as coisas.

— Não — disse Jorkins parando à porta para abanar a cabeça — não, não, tenho objecções, bem sabe — continuou falando muito depressa; depois saiu. — O senhor Copperfield compreende — disse voltando atrás com ar agitado — que se *Mister* Spenlow tem objecções...

— Pessoalmente não tem, senhor Spenlow.

— Oh! Pessoalmente — repetiu *Mister* Jorkins com ar de impaciência —; asseguro-lhe que há objecções, senhor Copperfield, inexcedíveis: o que o senhor deseja é impossível... tenho uma reunião no Banco.

E, dizendo isto, saiu, a correr e, segundo depois soube, esteve três dias sem comparecer no cartório.

Eu estava decidido a remexer céu e terra, se fosse preciso. Esperei pois o regresso de *Mister* Spenlow, para lhe contar a minha entrevista com o seu associado, deixando-lhe entender que não estava sem esperança de que fosse possível suavizar o inflexível Jorkins, se ele bem quisesse empreender essa tarefa.

— Copperfield — replicou *Mister* Spenlow com um sorriso fino — o senhor não conhece o meu sócio *Mister* Jorkins há mais tempo do que eu. Nada está mais longe do meu espírito do que o pensamento de supor *Mister* Jorkins capaz de algum artifício, mas *Mister* Jorkins tem uma maneira de expor as suas objecções que muitas vezes engana as pessoas. Não, Copperfield! — acrescentou ele abanando a cabeça. — Não há, acredite, nenhum meio de demover *Mister* Jorkins.

Comecei a não saber bem qual dos dois, *Mister* Spenlow ou *Mister* Jorkins, era realmente o sócio do qual provinham as dificuldades, mas sei clarissimamente que havia em qualquer parte um endurecimento invencível e que era preciso não contar absolutamente nada com o reembolso das mil libras esterlinas de minha tia. Saí, pois, do cartório num estado de desânimo de que não me lembro sem remorsos, porque sei que era o egoísmo (o egoísmo de nós ambos, Dora) em que ele se baseava e regressei a casa!

Eu trabalhava para familiarizar o espírito com o que poderia suceder de pior e procurava representar-me as disposições que era preciso tomar, se o futuro se nos apresentasse sob as mais sombrias cores, quando um carro que me seguia parou justamente ao meu lado e fez-me levantar os olhos. Estendia-se-me uma mão branca pela portinhola e descobri o sorriso desse rosto que eu nunca via sem experimentar um sentimento de repouso e de felicidade, desde o dia em que o contemplara na velha escada de carvalho de lanço amplo e que eu associara em meu espírito a sua beleza serena com o suave colorido dos vitrais da igreja.

— Inês! — exclamei com alegria. — Oh! Minha querida Inês, que prazer em vê-la primeiro do que qualquer outra criatura humana.

— Deveras? — disse ela no tom mais cordial.

— Preciso muito de conversar consigo! — disse-lhe eu. — Só de olhar para si tenho o coração aliviado! Se eu possuísse a varinha de um feiticeiro seria a *miss* a primeira pessoa que eu desejaria ver!

— Ora adeus! — replicou Inês.

— Ah! Dora primeiro, talvez — confessei eu corando.

— Dora primeiro, bem certamente, espero — disse Inês rindo.

— Mas a Inês em segundo lugar — disse eu. — Então aonde é que vai?

Ela ia a minha casa para ver minha tia. O dia estava lindíssimo e ficou satisfeita em sair de carro, que tinha o cheiro de uma estrebaria conservada sob

uma campânula; também eu o sentia, visto ter passado a cabeça pela portinhola para durante todo este tempo conversar com Inês. Mandei embora o cocheiro, e, dando o braço a Inês, seguimos juntos. Ela fazia-me o efeito da esperança em pessoa; dentro em pouco não me senti o mesmo, tendo Inês a meu lado.

Minha tia tinha-lhe escrito um desses estranhos e cómicos bilhetinhos, que não eram muito mais compridos que uma nota do banco; raras vezes levava mais longe a sua veia epistolar. Era para lhe anunciar que havia tido infelicidades em consequência das quais abandonava definitivamente Douvres, mas que estava conformada e que passava magnificamente para que ninguém se inquietasse com ela. Em vista disto Inês tinha vindo a Londres para ver minha tia, a quem ela amava e que a amava muito há bastantes anos, isto é, desde o momento em que me estabeleci em casa de *Mister* Wickfield. Não estava só — disse-me. — Estava com ela o papá e... Uriah Heep.

— São agora sócios? — disse-lhe. — Que o céu o confunda!...

— Sim — disse Inês — tinham alguns negócios a tratar aqui e eu aproveitei a ocasião para vir também a Londres. É preciso que acredite que não é da minha parte uma visita completamente amigável e desinteressada, Trotwood, porque... receio ter preconceitos bem injustos... mas não gosto de deixar o papá andar só com ele.

— Ele exerce sempre a mesma influência sobre *Mister* Wickfield, Inês?

Inês abanou tristemente a cabeça.

— Tudo está por tal forma mudado — disse ela — que o senhor não reconheceria a nossa velha casa. Eles agora moram connosco.

— Eles quem? — perguntei.

— *Mister* Heep e sua mãe. Ele ocupa o seu antigo quarto — disse Inês olhando para mim.

— Pudera eu fornecer-lhe os sonhos — repliquei — que não dormiria lá muito tempo!

— Conservei o meu antigo quarto — disse Inês — aquele aonde eu aprendia as lições. Como o tempo passa! Lembra-se? O pequeno aposento artesoado que dá para o salão.

— Se me lembro, Inês? Foi lá que a primeira vez a vi; a *miss* estava junto dessa porta, com o seu cestinho de chaves ao lado.

— Precisamente — disse Inês a sorrir. — Folgo que tivesse conservado tão boa recordação; como éramos então felizes!

— Oh! Sim! Guardo esse aposento para mim, mas não posso deixar lá estar sempre *Mistress* Heep, sabe? O que faz que me sinto algumas vezes obrigada — disse Inês com calma — a fazer-lhe companhia quando gostaria mais de estar só. Mas não tenho outro motivo de queixa contra ela. Se me fatiga algumas vezes

com elogios ao filho, o que é que há de mais natural numa mãe? É muito bom filho!

Eu fitei Inês enquanto ela assim me falava, sem lhe descobrir nas feições nenhuma suspeita das intenções de Uriah. Os seus lindos olhos, tão ternos e tão firmes ao mesmo tempo, sustentavam o meu olhar com a sua franqueza costumada e sem nenhuma alteração visível no seu rosto.

— O maior inconveniente da presença deles em nossa casa — disse Inês — é que não posso estar tantas vezes com o papá como eu desejaria, por Uriah Heep estar constantemente entre nós. Não posso, pois, velar por ele, se não é isto exprimir-me um pouco ousadamente, tão de perto como desejava. Mas, se se empregar com ele a fraude ou a traição, espero que o meu afecto fiel acabará sempre por triunfar. Espero que a verdadeira afeição de uma filha vigilante e devotada é mais forte, afinal de contas, do que todos os perigos do mundo.

Esse sorriso luminoso que nunca vi em nenhum outro rosto desapareceu então do seu, no momento em que eu lhe admirava a doçura e em que me lembrava da felicidade que gozava dantes em vê-lo e ela perguntou-me com uma mudança completa de fisionomia, quando nos aproximamos da rua em que eu morava, se sabia como tinham sucedido os reveses de fortuna de minha tia. À minha resposta negativa, Inês ficou pensativa e pareceu-me que sentia estremecer o braço que descansava no meu.

Encontrámos minha tia completamente só e um pouco agitada. Houvera entre ela e *Mistress* Crupp uma discussão sobre uma questão abstracta (a conveniência da residência do belo sexo num quarto de rapaz) e minha tia, sem se inquietar com os espasmos de *Mistress* Crupp, tinha feito cessar repentinamente a disputa, declarando a essa dama que ela cheirava a aguardente, que me roubava e que se retirasse imediatamente. *Mistress* Crupp, olhando essas duas expressões como injuriosas, anunciara a sua intenção de apelar para o «Jurídico inglês», querendo falar, ao que se podia crer, do baluarte das nossas liberdades nacionais.

Todavia minha tia havendo tido tempo de sossegar, enquanto que Peggotty tinha saído para mostrar a *Mister* Dick os guardas a cavalo, e, de mais a mais, encarnada de ver Inês, não pensava já na sua disputa senão para tirar uma certa vaidade da maneira como se saíra honrosamente; assim, recebeu-nos com o melhor bom humor possível. Quando Inês pousou o seu chapéu em cima da mesa e se sentou ao pé dela, eu não pude deixar de dizer comigo, olhando para a sua fronte radiosa e para os seus olhos serenos, que ela me parecia ali no seu lugar; que ali deveria estar sempre; que minha tia tinha nela, apesar da sua juventude e da sua pouca experiência, uma confiança completa. Ah! Ela tinha bem razão de contar para a sua força com a sua simples afeição, dedicada e fiel.

Pusemo-nos a conversar acerca dos negócios de minha tia, a quem dei parte da

diligência por mim efectuada nessa manhã.

— Não era judicioso, Trot, mas a intenção era boa. O Trot é um bom rapaz, creio que deveria antes dizer agora um bom moço e orgulho-me de si, meu amigo. Não há nada que dizer até ao presente. Por agora, Trot e Inês, olhemos de frente a situação de Betsy Trotwood e vejamos aonde é que ela está.

Vi Inês empalidecer, olhando atentamente para minha tia. Minha tia não olhava menos atentamente para Inês, sempre fazendo festa ao seu gato.

— Betsy Trotwood — disse minha tia, que tinha sempre guardado para si os seus negócios de dinheiro — eu não falo de sua irmã, Trot, mas de mim, tinha uma certa fortuna. Pouco importa quanto tinha, era o bastante para viver: um pouco mais até, porque havia feito algumas economias, que acrescentara ao capital. Betsy colocou a sua fortuna em fundos públicos durante algum tempo; depois, por conselho do seu procurador, colocou-o em hipotecas. Isso ia muito bem, o rendimento era considerável, mas desempenharam-se as hipotecas e reembolsaram Betsy. Não acham, quando falo de Betsy, que julgariam ouvir contar a história de um navio de guerra? De tal sorte, que Betsy, obrigada a procurar uma outra colocação, supôs que era mais hábil desta vez do que o seu procurador, que não era já tão circunspecto como no passado... Falo de seu pai, Inês e meteu-se-lhe a ela em cabeça administrar sozinha a sua pequena fortuna. Ela levou, pois, como se diz, os cevados bem longe à feira — continuou minha tia — e não soube ser boa feirante. Primeiro teve prejuízos nas minas, depois em pescarias particulares em que se tratava de ir procurar no mar tesouros perdidos ou qualquer outra loucura deste género — continuou ela, como explicação, esfregando o nariz — depois perdeu ainda nas minas e no fim dos fins, perdeu num banco. Não sei o que valiam as acções desse banco, durante certo tempo — disse minha tia — cem por cento pelo menos, creio; mas o banco ficava na outra extremidade do mundo e eclipsou-se no espaço, ao que creio; em todo o caso, faliu e não pagará sequer um *penny*,; ora todos os *pence* de Betsy estavam lá e ei-los sumidos. O que há de melhor a fazer, é não falarmos mais nisso.

Minha tia terminou esta narrativa sumária e filosófica, olhando com um certo ar de triunfo para Inês que, pouco e pouco, ia recuperando as suas cores.

— É essa toda a história, querida *miss* Trotwood? — perguntou Inês.

— Espero que é bem suficiente, minha querida — respondeu minha tia. — Se houvesse mais dinheiro a perder, não seria tudo talvez. Betsy teria achado meio de mandar esse dinheiro juntar-se ao restante e fazer um novo capítulo a esta história, não duvido. Mas não havia mais dinheiro e a história acabou aí.

Inês tinha a princípio escutado sem respirar. Ela empalidecia e corava ainda, mas tinha o coração menos opresso. Eu julgava saber porquê. É que receara, sem dúvida, que seu infeliz pai estivesse imiscuído neste revés de fortuna. Minha tia

tomou-lhe as mãos entre as suas e pôs-se a rir.

— É tudo? — repetiu minha tia —; é, sim, palavra, é tudo, a menos que não se ajunte, como no fim de um conto: «E depois desse tempo, ela viveu sempre feliz». Talvez que digam o mesmo de Betsy um destes dias. Agora, Inês, a *miss* tem uma boa cabeça; e o Trot também, sob alguns respeitos, conquanto não possa fazer-lhe sempre este cumprimento.

E, nisto, minha tia abanou a cabeça com a energia que lhe era própria.

— Que é preciso fazer? A minha casa poderá render uns anos por outros setenta libras esterlinas. Creio que podemos contar com isso de uma maneira positiva. Pois bem. É tudo quanto temos — disse minha tia, que era, com o devido respeito, como certos cavalos que se vêem parar de repente, no momento em que parecem ir desenfreados para a morte.

— De mais — disse ela após um momento de silêncio — há ainda Dick. Tem mil libras esterlinas por ano, mas é escusado dizer que devem ser reservadas para a despesa pessoal dele. Preferiria mandá-lo embora, conquanto bem saiba que sou a única pessoa que o aprecia, a conservá-lo com a condição de não gastar o seu dinheiro com ele até ao último *penny.* Como havemos de fazer, Trot e eu, para nos livrarmos de apuros com os nossos recursos? Que diz, Inês?

— Eu digo, tia, adiantando-me à resposta de Inês, que é preciso que eu faça alguma coisa.

— Alistar-se como soldado, não é verdade? — atalhou minha tia alarmada. — Ou entrar para a marinha? Nem quero ouvir falar disso. Há-de ser procurador. Não quero gente morta na família, com sua licença, senhor.

Eu ia explicar que não tinha tenção de introduzir na família este processo simplificado de se livrar de apuros, quando Inês me perguntou se eu tinha um longo arrendamento para os quartos que ocupava.

— Isso é que é atacar a questão a direito, minha querida — disse minha tia. — Temos o encargo dos aposentos por seis meses, a menos que não se sobrealuguem, o que não creio. O último inquilino morreu aqui e o mesmo sucederia a cinco em seis locatários, o caso é habitar sob o mesmo tecto que essa mulher de nanquim, com o seu saiote de flanela. Eu tenho algum dinheiro ainda e creio, como a Inês, que o que há-de melhor a fazer é acabar o arrendamento aqui, alugando por perto um quarto para dormir Dick.

Julguei do meu dever dizer uma palavra acerca dos desgostos que minha tia teria que sofrer, vivendo num estado constante de guerra e de partidas com *Mistress* Crupp, mas ela respondeu a essa objecção de uma maneira sumária e peremptória, declarando que ao primeiro sinal de hostilidade, estava resolvida a pregar tal susto a *Mistress* Crupp, de que ela havia de conservar um calafrio até ao fim dos seus dias.

— Eu pensava, Trotwood — disse Inês hesitando — que se o senhor tivesse tempo...

— Tenho muito tempo de meu, Inês. Depois das quatro ou cinco horas estou sempre livre e também tenho vagar de manhã cedo. De uma maneira ou de outra — disse sentindo que corava um pouco ao recordar-me das horas que tinha passado a vaguear pela cidade ou pela estrada de Norwood — tenho tempo de sobra.

— Penso que talvez não gostasse — disse-me Inês aproximando-se de mim e falando-me em voz baixa, num tom tão doce e tão consolador, que me parece estar ainda ouvindo — de um emprego de secretário?

— Que não gostasse, minha querida Inês! E porquê?

— É que — prosseguiu Inês — o doutor Strong pôs em execução o seu projecto de se retirar; veio estabelecer-se em Londres e eu sei que ele pediu ao papá a ver se poderia arranjar-lhe um secretário. Não é verdade que lhe havia de ser muito mais agradável ter junto dele o seu discípulo favorito do que outro qualquer?

— Minha querida Inês — exclamei — que seria eu sem a menina? É sempre o meu anjo bom. Já lho disse: nunca penso em si senão como no meu bom anjo!

Inês respondeu-me rindo alegremente que um bom anjo (ela queria referir-se a Dora) me bastava bem, que não precisava de escolher mais; e recordou-me que o doutor tinha o costume de trabalhar no seu gabinete de manhã muito cedo e à noite e que provavelmente as horas de que eu podia dispor lhe conviriam às mil maravilhas. Se me sentia feliz pensando que ia ganhar à minha custa o meu sustento, não menos me sentia à ideia de ir trabalhar com o meu antigo professor; e, seguindo logo o conselho de Inês, sentei-me para escrever ao doutor uma carta em que lhe exprimi o meu desejo, pedindo-lhe licença para me apresentar em sua casa no dia seguinte, às dez horas da manhã. Dirigi a minha carta para Highgate, porque ele morava nesse lugar tão cheio de recordações para mim e eu próprio fui deitá-la ao correio, sem perda de um minuto.

Por onde passava Inês, deixava sempre após si algum rastro precioso de bem que fazia sem ruído, de passagem. Quando regressei, a gaiola dos pássaros de minha tia estava pendurada exactamente como estivera muito tempo à janela da sua sala; a minha poltrona, colocada como estava a poltrona infinitamente melhor de minha tia, ao pé da janela aberta; e o quadro verde que ela trouxera estava preso já no alto da janela. Eu não precisava de perguntar quem é que tinha feito tudo isso. Bastava ver como as coisas pareciam feitas de *per si*, para se saber que só Inês é que podia ter tido esse cuidado. Que outra senão ela teria pegado nos meus livros em desordem por cima da mesa, para os colocar pela ordem em que eu os colocava antigamente, no tempo em que estudava? Quando

eu supusesse Inês a cem léguas de distância, reconhecê-la-ia imediatamente: não precisava de a ver ocupada a arrumar tudo, sorrindo da desordem que em minha casa se introduzira.

Minha tia falou com muita graça favoravelmente do Tamisa, que fazia deveras um belo efeito aos raios do sol, conquanto isso não valesse o mar que ela via em Douvres; mas tinha um inexorável rancor ao fumo de Londres, «que polvilhava tudo» dizia ela. Felizmente que se fez uma pronta revolução a esse respeito, graças ao minucioso cuidado com que Peggotty limpava esse negregado pó em todos os recintos dos meus aposentos. Somente eu não podia impedir, olhando para ela, de dizer comigo que a própria Peggotty fazia muito ruído e pouco trabalho, em comparação com Inês, que tantas coisas fazia sem o menor ruído. Pensava eu nisto quando bateram à porta.

— Parece-me que é o papá — disse Inês empalidecendo —; prometeu-me que vinha.

Abri a porta e vi entrar não só *Mister* Wickfield, mas Uriah Heep. Havia já algum tempo que eu não tinha visto *Mister* Wickfield. Esperava já achá-lo muito mudado, segundo o que Inês me dissera, mas fiquei dolorosamente surpreendido ao vê-lo.

Não era tanto porque tinha envelhecido bastante, conquanto sempre trajado com o mesmo escrupuloso asseio; não era também porque tinha uma cor avermelhada que dava má ideia da sua saúde; não era porque tivesse as mãos agitadas por um movimento nervoso, eu sabia melhor a causa do que ninguém, por a ter visto operar durante bastantes anos; não era porque tivesse perdido a graça das maneiras nem a beleza das feições, sempre a mesma; mas o que me impressionou foi que com todos esses testemunhos evidentes de distinção natural, ele pudesse sofrer a dominação impudente dessa personificação da baixeza, Uriah Heep. A transposição das duas naturezas nas suas respectivas relações, de poder da parte de Uriah e de dependência do lado de *Mister* Wickfield, oferecia o mais desolador espectáculo que podia imaginar-se. Se eu visse um macaco conduzir um homem à trela, não ficaria mais humilhado por amor do homem!

Ele tinha a plena consciência do que se passava. Quando entrou, parou de cabeça baixa, como se bem o sentisse. Foi coisa de um momento, porque Inês disse-lhe muito carinhosamente:

— Papá, está aqui *miss* Trotwood e Trotwood, a quem não vê há muito tempo.

E então ele aproximou-se, estendeu a mão a minha tia com um ar embaraçado e apertou as minhas cordialmente. Nesse instante de perturbação rápida, lobriguei um sorriso de maldade nos lábios de Uriah. Inês viu-o também, creio, porque fez um movimento para trás, como para se afastar dele.

Quanto a minha tia, vê-lo-ia ou não? Podia desafiar toda a ciência dos fisionomistas para o adivinhar sem sua licença. Não creio que haja pessoa dotada de um rosto mais impenetrável do que ela, quando queria. O seu rosto falava tanto dos seus pensamentos secretos como uma parede, até ao momento em que quebrou o silêncio no tom brusco que lhe era peculiar:

— Ora viva, Wickfield! — disse minha tia, e fitou-o pela primeira vez. — Já contei a sua filha o belo uso que fiz do meu dinheiro, porque eu não podia confiá-lo ao senhor desde que vi que estava um pouco embotado em negócios. Consultamo-nos com ela, e, pensando bem, havemos de nos desenvencilhar. Inês, de *per si*, vale os dois sócios, creio bem.

— Se me dá licença de fazer um humilde reparo — disse Uriah Heep, contorcionando-se — estou perfeitamente de acordo com *miss* Betsy Trotwood e muito feliz me daria por ter também *miss* Inês por sócia.

— Vá-se contentando com ser sócio — respondeu minha tia. — Parece-me que lhe deve bastar... Como passa?

Em resposta a esta pergunta, que lhe era dirigida no tom mais seco, *Mister* Heep sacudindo com um ar embaraçado o saco de papéis que trazia, replicou que passava bem e agradeceu a minha tia, dizendo-lhe que esperava que ela passasse igualmente bem.

— E o Copperfield, eu deveria dizer senhor Copperfield — continuou Uriah — espero que passe bem. Folgo muito de o ver, senhor Copperfield, mesmo nas circunstâncias actuais — e de facto as circunstâncias actuais tinham o ar de ser bastante do seu gosto. — Não são tudo quanto os seus amigos poderiam desejar-lhe, senhor Copperfield, mas não é o dinheiro que faz o homem, é... não me sinto verdadeiramente em estado de o explicar com os meus poucos recursos — continuou tendo um gesto de baixa complacência —; mas não é o dinheiro!...

Dito isto, deu-me um aperto de mão, não segundo o sistema ordinário, mas conservando-se a alguns passos, como se tivesse receio, e levantando-me e baixando-me a mão, alternativamente, como o braço de uma bomba.

— Que diz da nossa saúde, Copperfield — perdão, eu deveria dizer senhor Copperfield? — prosseguiu Uriah. — *Mister* Wickfield não tem boa aparência, senhor? Os anos passam despercebidos em nossa casa, senhor Copperfield; elevam os humildes, isto é, minha mãe e eu e desenvolvem — acrescentou reconsiderando — a beleza e as graças, particularmente em *miss* Inês.

Contorcionou-se depois deste cumprimento de uma forma tão intolerável que minha tia que estava a olhar para ele, de frente, perdeu completamente a paciência.

— Diabos o levem! — disse ela bruscamente. — Que é que ele tem? Deixe-se de movimentos galvânicos, senhor!

— Peço-lhe perdão, *miss* Trotwood — disse Uriah —, bem sei que é muito nervosa.

— Deixe-nos sossegados — prosseguiu minha tia que não se apaziguara nada com essa impertinência —; peço-lhe que se cale. Fique sabendo que não sou nada nervosa. Se o senhor é uma enguia, isso é outra coisa; mas se é um homem, domine um pouco os seus movimentos, senhor! Viva Deus! — continuou num repente de indignação —, não desejo que me faça perder a paciência a contorcer-se para aí como uma serpente ou como um saca-rolhas!

*Mister* Heep, como se pode pensar, ficou um pouco perturbado com esta explosão, que recebia uma nova força com o ar indignado com que minha tia arrastou para trás a sua cadeira, abanando a cabeça, como se fosse atirar-se a ele para o morder. Mas disse-me à parte numa voz sumida:

— Eu bem sei, senhor Copperfield, que *miss* Trotwood, com todas as suas excelentes qualidades, é muito arrebatada; tenho o gosto de a conhecer antes que o senhor, do tempo em que eu era ainda um pobre praticantezinho; e é natural que as actuais circunstâncias mais a agravassem. Pelo contrário espanto-me que não seja ainda pior. Vim cá para lhe dizer que se lhe pudermos ser úteis em qualquer coisa, minha mãe e eu, ou Wickfield & Heep, muito estimaríamos. Não posso ir mais longe, suponho! — disse dirigindo-se num horrendo sorriso ao seu associado.

— Uriah Heep — disse *Mister* Wickfield em voz forçada e monótona — é muito activo nas questões, Trotwood. O que ele diz, aprovo-o plenamente. Sabe que me interesso por si de longa data; mas independentemente disso, o que ele diz, plenamente o aprovo.

— Oh! Que recompensa! — disse Uriah levantando uma das pernas com risco de atrair nova reprimenda da parte de minha tia. — Como me sinto feliz com essa confiança absoluta! Mas, é certo que confio em me sair um pouco bem para o aliviar do peso dos negócios, senhor Copperfield.

— Uriah Heep é um grande descanso para mim — disse *Mister* Wickfield na mesma voz surda e triste —; é um grande peso de menos para mim, Trotwood, tê-lo, por sócio.

Eu sabia que era essa velhaca raposa que lhe fazia dizer tudo isso para justificar o que me tinha dito na noite em que me envenenou o meu descanso. Vi o mesmo sorriso falso e sinistro errar-lhe nas feições enquanto me fitava com atenção.

— Não sai daqui mais, não, papá? — disse Inês num tom suplicante. — Não quer regressar a pé com Trotwood e comigo?

Creio que ele olharia para Uriah antes de responder, se este digno personagem não o tivesse antecipado.

— Tenho uma conferência de negócios — disse Uriah — sem o que feliz me daria por me demorar com os meus amigos. Mas deixo o meu sócio a representar a casa. *Miss* Inês, seu humílimo servo! Desejo-lhe boa tarde, senhor Copperfield e apresento os meus humildes respeitos a *miss* Betsy Trotwood.

E com isto deixou-nos, atirando-nos beijos com a sua manápula de esqueleto, esboçando um sorriso de sátiro.

Ficámos ainda uma hora ou duas a conversar do bom tempo antigo e de Canterbury. *Mister* Wickfield, a sós com Inês, recuperou dentro em pouco alguma alegria, conquanto sempre atormentado por um abatimento de que não podia libertar-se. Todavia acabou por animar-se e tomou gosto em nos ouvir recordar os pequenos acontecimentos da nossa vida passada, de que muito bem se lembrava. Disse-me que se julgava ainda nos seus bons dias, ao encontrar-se só com Inês e comigo e que desejaria que nada tivesse mudado. Estou certo que ao ver o rosto sereno de sua filha e ao sentir a mão que ela pousava no seu braço, experimentava um bem infinito.

Minha tia, que tinha estado quase todo o tempo ocupada com Peggotty no aposento próximo, não quis acompanhar-nos ao alojamento deles, mas insistiu por que fosse eu e obedeci. Jantámos juntos. Depois de jantar, Inês sentou-se ao pé dele como dantes e deitou-lhe vinho... Ele tomou o que ela lhe deu, não mais, como uma criança; e ficámos todos três sentados ao pé da janela enquanto foi dia. Quando veio a noite, ele estendeu-se num canapé; Inês arranjou-lhe as almofadas e esteve um instante inclinada sobre ele. Quando voltou para junto da janela, não fazia bastante escuro para que eu não lhe visse os olhos marejados de lágrimas.

Peço ao céu de nunca esquecer o amor constante e fiel da minha querida Inês nessa época da minha vida; porque se o esquecesse, seria sinal de que estaria bem perto do meu fim e é esse o momento em que eu desejaria lembrar-me dela mais que nunca. Encheu o meu coração de tão boas resoluções, fortificou tão bem a minha fraqueza, soube dirigir tão bem pelo seu exemplo, não sei como, porque ela era muito doce e muito modesta para me dar muitos conselhos, o ardor sem fim dos meus vagos projectos, que se eu fiz qualquer coisa de bem, se não tenho feito qualquer coisa de mal, creio, em consciência, que é a ela que o devo.

E como ela me falou de Dora, enquanto estávamos sentados ao pé da janela! Como ela ouviu os meus elogios, juntando-lhes os seus! Como ela lançou sobre a pequena fada que me tinha enfeitiçado os raios da sua pura luz, que a faziam parecer ainda mais inocente e mais preciosa a meus olhos! Inês, irmã da minha adolescência, se eu tivesse sabido então o que mais tarde soube!

Quando desci estava na rua um mendigo, e, no momento em que eu me

voltava para a janela, pensando no olhar tranquilo e puro da minha jovem amiga e nos seus olhos angélicos, ele fez-me estremecer murmurando, como um eco da manhã:

— Cego! Cego! Cego!

## Capítulo XXXVI — Entusiasmo

Comecei o dia seguinte indo mergulhar-me ainda na água dos banhos romanos, depois tomei o caminho de Highgate. Saíra do meu abatimento; já não tinha medo dos fatos coçados e já não suspirava atrás dos lindos corcéis alvadios. Estava mudada toda a minha maneira de considerar as nossas desgraças. O que eu tinha a fazer era provar a minha tia que as suas bondades passadas não haviam sido prodigalizadas a uma criatura ingrata e insensível. O que eu tinha a fazer era pegar resolutamente no machado do rachador para abrir caminho através da floresta das dificuldades em que me encontrava perdido, indo deitando abaixo adiante de mim as árvores encantadas que me separavam ainda de Dora: e caminhava a grandes passos, como se esse fosse um meio de chegar mais depressa ao meu fim.

Quando me encontrei nessa estrada de Highgate que me era tão familiar e que eu seguia hoje em disposições tão diferentes das minhas antigas ideias de prazer, pareceu-me que uma mudança completa acabava de operar-se na minha vida; mas eu não estava desanimado. Novas esperanças, um novo fim, apareceram-me ao mesmo tempo que a minha vida nova. O trabalho era grande, mas a recompensa não tinha preço. Era Dora que era a recompensa e era bem preciso conquistar Dora.

Eu estava em tais transportes de coragem que lamentava que o meu vestuário não estivesse já um tanto coçado; tardava-me a começar a deitar abaixo árvores na floresta das dificuldades e isso com bastante custo, para provar o meu vigor. O meu desejo era perguntar a um velho bom homem que britava pedra na estrada com lunetas de arame, se me emprestava por um momento o seu martelo e se me deixava começar assim a abrir um caminho no granito para chegar até Dora. Agitava-me tanto, estava tão completamente esbaforido e tinha tanto calor, que me parecia que tinha ganho não sei quanto dinheiro. Achava-me neste estado, quando entrei numa casinha que estava para alugar e examinei-a escrupulosamente, sentindo que era necessário tornar-me um homem prático. Era exactamente tudo o que nos era preciso a Dora e a mim; havia um jardinzinho à frente da casa para que Jip pudesse correr à vontade e ladrar contra quem passasse através das paliçadas. Saí de lá mais mais excitado que nunca e segui num passo tio precipitado a estrada de Highgate que cheguei lá uma hora mais cedo; de resto, quando não chegasse tão adiantado, sempre me veria obrigado a passear um pouco para me refrescar, antes de ficar um poucochinho apresentável. O meu primeiro cuidado, depois de alguns preparativos para me

acalmar, foi descobrir a morada do doutor. Não era do lado de Highgate aonde residia *Mistress* Steerforth, mas completamente do outro lado da povoação. Quando me certifiquei deste facto, voltei por uma curiosidade a que não pude resistir, por uma travessa que passava junto da casa de *Mistress Steerforth e* olhei por cima do muro do jardim. As janelas do quarto de Steerforth estavam fechadas. As portas da estufa estavam abertas e Rosa Dartle, em cabelo, passeava de cá para lá, num andar brusco e precipitado, por uma rua areada em volta do tabuleiro de relva. Fez-me o efeito de um animal feroz que faz sempre o mesmo caminho, até onde chega a cadeia que arrasta no seu trilho batido, corroendo-se o coração.

Deixei brandamente o meu posto de observação, fugindo dessa vizinhança e arrependendo-me de me ter aproximado dela e depois passeei longe dali até às dez horas. A igreja encimada por um campanário esguio que se vê agora do cimo da colina, não existia nessa época, para me indicar a hora. Havia em seu lugar uma velha casa de tijolos vermelhos que servia de escola, uma linda casa, palavra de honra! Fazia gosto ir ali à escola, tanto quanto me lembra.

Aproximando-me da residência do doutor, linda casa de campo, elegante, um pouco antiga e aonde ele devia ter gasto dinheiro, a julgar pelas reparações e embelezamentos que, pareciam ainda muito recentes, descobri-o a passear no jardim com as suas polainas e tudo o mais, como se não tivesse cessado de passear desde o tempo em que eu era seu discípulo. Estava rodeado também das suas antigas companhias, porque não faltavam grandes árvores por ali e vi na relva dois ou três corvos que olhavam para ele, como se tivessem recebido cartas dos seus camaradas de Canterbury a seu respeito e em consequência disso o vigiassem de perto.

Eu bem sabia que seria trabalho baldado procurar atrair-lhe a atenção a essa distância; tomei, pois, a liberdade de abrir a cancela e de ir ao seu encontro, a fim de que o doutor me visse na sua frente, no momento em que se voltasse. E, quando efectivamente se voltou e se aproximou de mim, durante um momento olhou-me com um ar pensativo, evidentemente sem me conhecer, depois a sua fisionomia benevolente exprimiu a maior satisfação e pegou-me em ambas as mãos, dizendo:

— Oh! Meu caro Copperfield!... Mas o senhor está um homem!... Como passa? Estou encantado de o ver! Mas como cresceu, meu caro Copperfield! Cá o temos... Será possível?

Pedi-lhe notícias suas e de *Mistress* Strong.

— Muito bem! — disse o doutor. — Annie vai muito bem; há-de ficar contente de o ver. O senhor foi sempre o seu favorito. Disse-mo ainda ontem à noite, quando lhe mostrei a sua carta. E... sim... certamente... recorda-se de

*Mister* Jack Maldon, Copperfield?

— Perfeitamente, senhor doutor.

— Desconfiava bem — disse o doutor — que não se tinha esquecido dele; também está bom.

— Regressou, senhor doutor? — perguntei.

— Das Índias? — disse o doutor. — Regressou. *Mister* Jack Maldon não pôde suportar o clima, meu amigo. *Mistress* Markleham... lembra-se de *Mistress* Markleham?

— Se me lembro do Velho Tarimbeiro! Tal qual como se fosse ontem!

— Muito bem! *Mistress* Markleham andava muito inquieta a respeito dele, pobre mulher: assim, mandámo-lo regressar e compramos-lhe um lugar que lhe convém muito melhor.

Eu conhecia bastante *Mister* Jack Maldon para suspeitar, depois disto, que era um lugar aonde não devia ter muito que fazer e que devia ser muito bem pago. O doutor, apoiando sempre a sua mão no meu ombro e fitando-me com um olhar animador, continuou:

— Agora, meu caro Copperfield, conversemos da sua proposta. Dá-me grande prazer e convém-me perfeitamente, mas parece-lhe que não poderia encontrar qualquer coisa melhor? O senhor fez uma magnífica carreira colegial, bem sabe e tem faculdades que o podem levar longe. Os alicerces são bons: pode construir-se-lhe em cima não importa que edifício. Não será prejudicar-se e muito, consagrar a Primavera da sua vida a uma ocupação como a que lhe posso oferecer?

Recuperei novo ardor e instei com o doutor com muitas flores de retórica, suponho, para aceder ao meu pedido, recordando-lhe que já tinha, de resto, uma profissão.

— Sim, sim — disse o doutor — é verdade; certamente que isso é outra coisa, já que tem uma profissão e que estuda para se sair bem da vida. Mas, meu caro amigo, que vêm a ser setenta libras esterlinas por ano?

— Isso duplica o nosso rendimento, doutor Strong!

— Deveras?! — disse o doutor. — Quem o havia de dizer! Não é que eu queira afirmar que o ordenado será estritamente reduzido às setenta libras esterlinas, porque sempre tive tenção de dar, além disso, um presente a quem quer que eu ocupasse em tal serviço. Certamente — disse o doutor passeando sempre de cá para lá — que fiz entrar sempre em linha de conta um presente anual.

— Meu caro mestre — disse-lhe eu simplesmente e desta vez sem frases — contraí consigo obrigações que jamais poderei reconhecer.

— Não, não — disse o doutor — queira perdoar! Isso é engano.

— Se o doutor quiser aceitar os meus serviços no tempo que tenho livre, isto é, de manhã e de noite e que pense retribuir-me com setenta libras esterlinas por ano, dar-me-á um prazer que nem poderei exprimir.

— Deveras?! — disse o doutor com ar ingénuo. — Como uma coisa tão pequena pode causar tanto prazer! Efectivamente! Efectivamente! Mas há-de prometer-me que no dia em que encontrar uma coisa melhor aceitá-la-á, não é assim? Dá-me a sua palavra? — disse o doutor no tom com que apelava antigamente para a nossa honra, na aula, quando ainda éramos rapazitos.

— Dou-lhe a minha palavra, senhor — repliquei-lhe como também replicávamos na aula.

— Em todo o caso, é um contrato feito — disse o doutor batendo-me no ombro e continuando a encostar-se nele durante o nosso passeio.

— E vinte vezes mais feliz me julgarei — disse-lhe com uma pequena lisonja inocente — espero... se me ocupar no Dicionário.

O doutor parou, bateu-me novamente no ombro a sorrir e exclamou com um ar de triunfo digno de ver-se, como se eu fosse um poço de sagacidade humana:

—Adivinhou, meu caro amigo! É no Dicionário.

Como se poderia tratar de outra coisa? Os seus bolsos andavam abarrotados com ele como a sua cabeça. O Dicionário saía-lhe por todos os poros. Disse-me que depois que tinha largado o colégio, o seu trabalho avançava da maneira mais rápida e que nada lhe convinha melhor do que as horas de trabalho que eu lhe propunha, atendendo a que tinha o hábito de passear a meio do dia, para meditar à sua vontade. Os seus papéis estavam agora um pouco em desordem, graças a *Mister* Jack Maldon, que ultimamente lhe oferecera os seus serviços como secretário, mas que não tinha o hábito dessa ocupação; mas dentro de pouco poríamos tudo em estado de andamento e marcharíamos rapidamente. Mais tarde vi, quando nos metemos seriamente à obra, que os esforços de *Mister* Jack Maldon me davam mais trabalho do que eu supunha, visto que ele não se limitara a cometer erros, mas tinha desenhado tantos soldados e tantas cabeças de mulher nos manuscritos do doutor, que às vezes eu via-me mergulhado num dédalo inextricável.

O doutor estava encantado com a perspectiva de me ter por colaborador da sua famosa obra e combinou-se que começaríamos no dia seguinte às sete horas da manhã. Devíamos trabalhar duas horas pela manhã e duas ou três horas à noite, excepto ao sábado, que seria dia feriado para mim. Devia naturalmente descansar também no domingo: o trabalho não custava, pois, a fazer.

Feitas estas combinações, com nossa mútua satisfação, o doutor levou-me para dentro de casa, a fim de me apresentar a *Mistress* Strong, a quem encontrei no novo gabinete de seu marido, ocupada a limpar o pó dos livros, liberdade que

só a ela permitia que tivesse com esses preciosos favoritos.

Tinham demorado o almoço por minha causa e abancámos juntos à mesa. Acabávamos de nos sentar quando adivinhei, pelo rosto de *Mistress* Strong, que estava para chegar alguém, antes mesmo de ouvir qualquer ruído que anunciasse a aproximação de um visitante. Um sujeito a cavalo chegou à grade, entrou com o cavalo pela rédea, no pátio, como se estivesse em sua casa, prendeu-o a uma argola da cocheira vazia e entrou na sala de jantar, de chicote na mão. Era *Mister* Jack Maldon e eu achei que nada tinha lucrado com a viagem que fez às índias. Devo dizer que eu estava de um génio virtuoso e feroz contra toda a gente moça que não derrubava árvores na floresta das dificuldades para abrir caminho, de sorte que é preciso dar nota destas impressões pouco benévolas.

— Senhor Jack — disse o doutor — apresento-lhe Copperfield!

*Mister* Jack Maldon deu-me um aperto de mão, um pouco friamente ao que me pareceu e com um ar de protecção lânguida que me chocou muito em particular. De resto, o seu ar de languidez era curioso de observar, excepto todavia quando falava a sua prima Annie.

— Já almoçou, senhor Jack? — perguntou o doutor.

— Quase nunca almoço, senhor — respondeu ele deixando cair a cabeça nas costas da cadeira. — Isso aborrece-me.

— Que notícias há hoje? — tornou o doutor.

— Nenhumas, senhor — replicou *Mister* Maldon. — Algumas histórias de pessoas que morrem de fome na Escócia e que estão bastante descontentes. Mas há sempre pessoas que morrem de fome e que nunca estão contentes.

O doutor disse-lhe com ar grave e para mudar de assunto:

— Então não há notícias nenhumas? Muito bem! Falta de notícias, quer dizer boas notícias, como se costuma dizer.

— Vem uma grande história nas gazetas a propósito de um assassinato, senhor — prosseguiu *Mister* Maldon —, mas todos os dias há gente assassinada e não li.

Não se considerava nesse tempo a afectada indiferença por todas as acções e paixões da humanidade como uma grande prova de elegância, como mais tarde sucedeu. Vi, depois, essas máximas muito em moda. Vi-as praticar com um tal êxito, que encontrei belos senhores e belas senhoras, que, pelo interesse que tomavam pelo género humano, muito bem teriam feito se tivessem nascido lesmas. Talvez que a impressão que então me causou *Mister* Maldon não foi tão viva senão porque era nova para mim, mas sei que isso não contribuiu a realçá-lo na minha estima, nem na minha confiança.

— Eu vinha saber se a Annie queria ir esta noite à Ópera — disse *Mister* Maldon voltando-se para ela. — É a última representação da época que valha a pena e há uma cantora que ela não deve deixar de ouvir. É uma mulher que canta

de uma forma encantadora, sem contar que chega a ser deliciosa, de feia que é.

Dito isto recaiu na sua languidez.

O doutor, sempre encantado pelo que podia ser agradável à sua jovem esposa, voltou-se para ela e disse-lhe:

— É preciso ir lá, Annie, é preciso ir.

— Não, por quem é! — disse ela ao doutor. — Prefiro ficar em casa.

E, sem olhar para o primo, dirigiu-me a palavra, pediu-me notícias de Inês, informou-se se ela não viria vê-la, se não era provável que viesse nesse dia; mas isto com um ar tão perturbado, que eu dizia comigo como era que o próprio doutor, ocupado a deitar manteiga nas suas torradas, não via uma coisa que saltava aos olhos.

Mas ele não via nada. Disse-lhe rindo que ela era nova e que era preciso que se divertisse, em vez de se aborrecer com um velho pobre diabo como ele. De resto — acrescentou — contava com ela para lhe cantar todas as árias da nova cantora e como havia ela de cumprir, se não fosse ouvi-la? O doutor persistiu, pois, em que ela fosse à Ópera. *Mister* Jack Maldon devia vir jantar a Highgate. Isto combinado, ele regressou à sua sinecura, suponho, mas em todo o caso a cavalo, sem se apressar.

No dia seguinte de manhã, eu tinha curiosidade de saber, se ela havia ido à Ópera. Não foi: mandou a Londres um portador para se desobrigar junto de seu primo, e, de dia, foi fazer uma visita a Inês. Tinha persuadido o doutor a acompanhá-la e haviam regressado a pé pelo meio dos campos, o que ele próprio me contou, por uma noite magnífica. Eu disse comigo que ela talvez não faltasse ao teatro, se Inês não estivesse em Londres; Inês era bem capaz de exercer sobre ela uma feliz influência.

Não se podia dizer que ela tivesse a aparência de muito satisfeita, mas enfim não parecia descontente, ou então a sua fisionomia enganava muito. Eu olhava bastantes vezes para ela, pois que estava sentada ao pé da janela, enquanto trabalhávamos e preparava-nos o almoço, que íamos comendo sempre trabalhando. Quando saí às nove horas, ela ficava de joelhos aos pés do doutor, a calçar-lhe os sapatos e a pôr-lhe as polainas. As folhas de algumas trepadeiras que cresciam ao pé da janela assombravam-lhe o rosto e pensei enquanto ia caminhando com destino ao Tribunal, naquela noite em que eu a tinha visto a olhar para o marido, enquanto ele estava a ler.

Agora tinha eu muito que fazer: levantava-me às cinco horas da manhã e só recolhia às nove ou dez horas da noite. Mas sentia um prazer infinito em encontrar-me à frente de tanto trabalho e nunca andava devagar; parecia-me que quanto mais me fatigava, mais esforços fazia para merecer Dora. Ela ainda não me tinha visto nesta nova fase do meu carácter; como devia ir proximamente a

casa de *miss* Mills, eu retardara para esse momento tudo quanto tinha que lhe dizer, limitando-me a relatar-lhe nas cartas, que passavam todas secretamente por mão de *miss* Mills, que tinha muitas coisas a contar-lhe. Enquanto esperava, eu tinha reduzido muito o meu consumo de banha de urso; havia absolutamente renunciado ao sabonete e à água de alfazema e tinha vendido, com enorme prejuízo, três coletes que eu tinha na conta de muito elegantes para uma vida tão austera como a minha.

Não estava ainda satisfeito; ardia em desejos de fazer mais ainda e fui ver Traddles, que morava então nas traseiras de uma casa de Castle Street Holborn. Levei comigo *Mister* Dick, que já me havia acompanhado duas vezes a Highgate e que reatara os seus hábitos de intimidade com o doutor.

Levei Dick porque ele era tão sensível aos reveses de fortuna de minha tia e tão profundamente convencido de que não havia escravo ou grilheta que trabalhasse tanto como eu, que até às vezes perdia o apetite e o seu belo humor, desesperado por não poder fazer nada. Bem entendido que se sentia mais incapaz do que nunca de terminar a sua memória e quanto mais nela trabalhava, mais essa infeliz cabeça do rei Carlos vinha importuná-lo com as suas frequentes incursões. Receando sucessivamente que não viesse a agravar-se o seu estado se não conseguíamos, por qualquer inocente embuste, fazer-lhe crer que nos era muito útil, ou se não encontrávamos, o que melhor valeria, um meio de o ocupar a valer, tomei a resolução de pedir a Traddles se não poderia ajudar-nos para o efeito. Antes de o ir ver, escrevi-lhe uma extensa narrativa de todo o sucedido e recebi dele em resposta uma excelente carta em que exprimia toda a sua simpatia e amizade por mim.

Encontrámo-lo atarefado no seu trabalho, com o seu tinteiro e papéis, diante da console e do vaso de flores que estavam a um canto do aposento, para lhe refrescarem os olhos e a coragem. Fez-nos o acolhimento mais cordial, e, dentro de minutos, Dick e ele faziam um par de amigos. *Mister* Dick declarou mesmo que estava certo de o ter visto já e ambos respondemos que era muito possível.

O primeiro ponto que eu submetera a Traddles era este: tinha ouvido dizer que vários homens, distintos mais tarde em diversas carreiras, haviam começado por tomar notas dos debates parlamentares. Traddles tinha-me falado dos jornais como de uma das suas esperanças; partindo desses dois dados, testemunhara eu a Traddles na minha carta que desejava saber como é que poderia chegar a tomar notas das discussões das câmaras. Traddles respondeu-me então que, segundo as suas informações, a condição mecânica, necessária para essa ocupação, excepto talvez em casos muito raros, para garantir a exactidão do relato, isto é, o conhecimento completo da arte misteriosa da estenografia, oferecia, só por si, quase as mesmas dificuldades que se se tratasse de aprender seis línguas e que,

com muita perseverança, não se poderia esperar vir a saber senão passados anos. Traddles pensava naturalmente que isso cortava a questão, mas eu não via senão algumas árvores mais a derrubar para chegar até Dora e tomei logo a resolução de me abrir caminho através desse bosque denso, de machado em punho.

— Agradeço-lhe muito, meu querido Traddles — disse-lhe eu —; vou começar amanhã.

Traddles olhou para mim atónito, o que era natural, porque não sabia ainda a que grau de entusiasmo eu tinha chegado.

— Vou comprar um livro que trata a fundo dessa arte — disse-lhe —, estudarei no Tribunal, aonde não tenho muito que fazer e estenografarei os debates, para me exercitar. Amigo Traddles, verá que hei-de conseguir.

— Agora! — disse Traddles arregalando os olhos. — Eu não imaginava que fosse dotado de tanta decisão, Copperfield!

Eu não sei como ele pôde imaginar isso, porque era ainda um problema para mim. Mudei de conversa e comecei a falar de *Mister* Dick.

— Veja — disse *Mister* Dick com ar convencido — eu desejava poder ser bom para qualquer coisa, senhor Traddles; a tocar tambor, ou a soprar em qualquer coisa!

Pobre homem! No fundo do coração creio bem que ele preferiria efectivamente uma ocupação desse género. Mas Traddles, que não sorriria por nada deste mundo, replicou gravemente:

— Mas o senhor tem uma linda mão de pena; foi o Copperfield quem mo disse.

— Lindíssima — repliquei eu.

E era um facto: a nitidez da sua escrita era admirável.

— O senhor Dick seria capaz — disse Traddles — de copiar autos, se eu lhos arranjasse?

*Mister* Dick olhou para mim com ar de dúvida e perguntou:

— Que me diz, Trotwood?

Eu abanei a cabeça. *Mister* Dick abanou a dele e suspirou.

— Explique-lhe o que se passa com a memória — acrescentou ele.

Eu expliquei a Traddles que era dificílimo impedir o rei Carlos I de fazer incursões nos manuscritos de *Mister* Dick, que, durante este tempo, chupava no dedo polegar, olhando para Traddles com o ar mais respeitoso e mais sério.

— Mas os autos de que falo já estão redigidos e prontos — disse Traddles após um momento de reflexão. — *Mister* Dick nada tem que fazer senão copiá-los. Não será diferente, Copperfield? Em todo o caso, parece-me que se podia tentar.

Concebemos então novas esperanças, após um momento de conferência

secreta entre Traddles e eu, durante o qual *Mister* Dick olhava da sua cadeira para nós com inquietação. Em poucas palavras, estudámos um plano, em virtude do qual ele se pôs a trabalhar no dia seguinte com o maior êxito.

Colocámos em cima de uma mesa, ao pé da janela, em Buckingham Street, o trabalho que Traddles arranjara; era preciso fazer não sei quantas cópias de um documento qualquer relativo a um direito de passagem. Na outra mesa estendeu-se o último projecto, em andamento, da grande memória. Demos por instruções a *Mister* Dick copiar exactamente o que ele tinha diante de si, sem se desviar um ápice do original, e, se sentisse precisão de fazer a mais leve referência a Carlos I, devia correr imediatamente para a memória. Exortámo-lo a seguir com resolução esse plano de conduta e deixámos minha tia para o vigiar. Contou-nos ela mais tarde que, no primeiro momento, ele parecia um timbaleiro entre os seus dois instrumentos e que dividia sem cessar a sua atenção entre as duas mesas, mas que, tendo reparado em seguida que isso o perturbava e o fatigava, acabara por se pôr muito simplesmente a copiar o papel que tinha debaixo dos olhos, reservando a memória para outra vez. Numa palavra, conquanto tivéssemos grande cuidado que ele não trabalhasse senão o que razoável fosse e conquanto não começasse o trabalho no princípio da semana, no sábado seguinte tinha ganhos dez xelins e nove *pence* e não esquecerei, enquanto vivo for, as suas corridas a todas as lojas dos arredores para trocar esse tesouro em moedas de seis *pence,* que em seguida levou a minha tia numa bandeja aonde as dispôs em forma de coração; os seus olhos estavam cheios de lágrimas de alegria e de orgulho. Desde o momento em que se viu ocupado de uma maneira útil, assemelhava-se a um homem que se sente sob a influência de um encanto propício, e, se nessa noite houve no mundo uma criatura feliz, era esse reconhecido que considerava minha tia como a mulher mais notável e que me considerava a mim como o mais extraordinário moço que existisse na terra.

— Agora não há perigo que ela morra de fome, Trotwood — disse-me *Mister* Dick, dando-me um aperto de mão às escondidas. — Encarrego-me de suprir às suas necessidades, senhor!

E agitava no ar os seus seis dedos triunfantes, como se fossem outros tantos bancos à sua disposição.

Eu não sei qual estava mais contente, se Traddles, se eu.

— Realmente — disse-me de repente, tirando uma carta do bolso — isto fez-me esquecer completamente *Mister* Micawber!

A carta era-me dirigida *(Mister* Micawber nunca perdia a ocasião de escrever uma carta) e tinha esta rubrica: «Confiada aos bons cuidados de T. Traddles, esq., do Templo».

Rezava assim:

Meu caro Copperfield:

Não há-de ficar talvez muito admirado ao saber que me favoreceu a boa sorte, porque, se se lembrar, eu tinha-o prevenido em tempo de que esperava incessantemente qualquer acontecimento deste género.

Vou estabelecer-me numa cidade de província da nossa ilha afortunada. A sociedade dessa cidade pode ser descrita como uma feliz mistura dos elementos, agrícolas e eclesiásticos e lá terei relações directas com uma das profissões sábias. Acompanhar-me-ão *Mistress* Micawber e a nossa progenitura. As nossas cinzas encontrar-se-ão provavelmente depositadas um dia no cemitério dependente de um venerando santuário, que levou a reputação do lugar de que falo, da China ao Peru, se assim me posso exprimir.

Dizendo adeus à moderna Babilónia aonde suportámos bastantes vicissitudes com alguma coragem, *Mistress* Micawber e eu não nos dissimulámos que deixámos talvez por bastantes anos, talvez para sempre, uma pessoa que se liga por poderosas recordações ao altar dos nossos deuses lares. Se, na véspera da nossa partida, quiser acompanhar o nosso comum amigo, *Mister* Thomas Traddles, à nossa residência actual, para trocarmos os votos ordinários em casos tais, fará a maior honra a um homem que lhe será sempre fiel.

WILKINS MICAWBER

Estimei saber que *Mister* Micawber tinha enfim sacudido o seu cilício e encontrado verdadeiramente uma boa sorte. Soube por Traddles que o convite era justamente para essa mesma noite e antes que ela estivesse mais adiantada, exprimi a minha intenção de o honrar: tomámos, pois, juntos o caminho do quarto que *Mister* Micawber ocupava com o nome de *Mister* Mortimer, sito no alto de Gray’s-Inn Road.

Os recursos do mobiliário alugado a *Mister* Micawber eram tão limitados, que encontrámos os gémeos, que tinham então alguma coisa como oito ou nove anos, adormecidos numa cama-armário na sala de visitas, aonde *Mister* Micawber nos esperava com um jarro cheio da famosa beberagem que ele tão excelentemente preparava. Tive o prazer, nessa ocasião, de renovar conhecimento com Micawber Júnior, rapaz de doze ou treze anos que prometia muito, se não estivesse sujeito já a essa agitação convulsiva em todos os membros que não é um fenómeno sem exemplo nos rapazes da sua idade. Tornei também a ver sua mana, *miss* Micawber, em quem «sua mãe ressuscitava a sua mocidade passada, como a fénix», ao que nos informou *Mister* Micawber.

— Meu caro Copperfield — disse-nos — *Mister* Traddles e o senhor encontram-nos no ponto de emigrar; desculparão as pequenas faltas de comodidade resultantes da situação.

Lançando um olhar em torno de mim, antes de dar uma resposta conveniente, vi que a bagagem da família já estava embalada e que o seu volume não tinha nada de extraordinário. Apresentei os meus cumprimentos a *Mistress* Micawber

acerca da mudança que ia realizar-se na sua posição.

— Meu caro senhor Copperfield — disse-me *Mistress* Micawber — sei quanto interesse toma por as nossas coisas. A minha família pode olhar este afastamento como um exílio, se lhe convier, mas eu sou mulher e mãe e nunca abandonarei *Mister* Micawber.

Traddles, ao coração do qual faziam apelo os olhos de *Mistress* Micawber, deu o seu assentimento num tom compenetrado.

— Pelo menos é — continuou ela — a minha maneira de considerar o compromisso que contraí, meu caro senhor Copperfield e senhor Traddles também, no dia em que pronunciei estas irrevogáveis palavras: «Eu, Ema, tomo por marido a Wilkins». Li de lés a lés o ofício do matrimónio, à luz da vela, na véspera desse grande acto e daí tirei a conclusão que nunca abandonaria *Mister* Micawber. Assim — prosseguiu ela — posso-me enganar na maneira de interpretar o sentido dessa piedosa cerimónia, mas não o abandonarei.

— Minha querida — disse Micawber com um pouco de impaciência — quem foi que lhe falou nisso?

— Eu sei, meu caro senhor Copperfield — prosseguiu *Mistress* Micawber — que é agora no meio de estranhos que eu devo levantar a minha tenda; sei que os diversos membros da minha família, a quem *Mister* Micawber escreveu nos termos mais polidos para lhes anunciar este facto, nem sequer responderam à sua comunicação. Para dizer a verdade, é talvez superstição da minha parte, mas creio *Mister* Micawber predestinado a nunca receber resposta à grande maioria das cartas que escreve. Suponho, pelo silêncio da minha família, que ela tem objecções à resolução que tomei, mas eu não me deixaria desviar do caminho do dever, ainda que fosse por causa do papá e da mamã, se eles ainda vivessem, senhor Copperfield.

Eu exprimi a opinião de que era assim que se chamava enveredar por caminho direito.

— Dir-me-ão que é imolar-se a gente — disse *Mistress* Micawber — ir encerrar-me numa cidade quase eclesiástica. Mas, certamente, senhor Copperfield, porque é que me não hei-de eu imolar, quando vejo um homem dotado das faculdades que possui *Mister* Micawber consumar um sacrifício bem maior ainda?

— Oh! Vai viver numa cidade eclesiástica? — perguntei.

*Mister* Micawber, que acabava de nos servir em roda com o seu jarro, replicou:

— Em Canterbury. O facto é, meu caro Copperfield, que tenho tomado disposições em virtude das quais estou ligado por um contrato ao nosso amigo Heep, para o ajudar e servir na qualidade de... praticante de confiança.

Olhei com espanto *Mister* Micawber que gozava grandemente com a minha surpresa.

— Devo dizer-lhe — continuou com um ar oficial — que os hábitos práticos e os prudentes conselhos de *Mistress* Micawber têm poderosamente contribuído para este resultado. A luva de que *Mistress* Micawber lhe falou não há muito foi lançada à sociedade sob a forma de um anúncio e o nosso amigo Heep levantou-a, daí um mútuo reconhecimento. Quero falar com todo o respeito possível do meu amigo Heep, que é um homem de uma finura notável. O meu amigo Heep — continuou *Mister* Micawber — não fixou o salário numa quantia muito considerável, mas prestou-me grandes serviços para me livrar dos embaraços pecuniários que sobre mim pesavam, contando antecipadamente com os meus serviços e tem razão: comprometo a minha honra em prestar-lhe serviços sérios. A inteligência e a perícia que posso possuir — disse *Mister* Micawber com um ar de modéstia orgulhosa e no seu antigo tom de elegância — serão consagradas por completo ao serviço do meu amigo Heep. Tenho já algum conhecimento de direito, visto que tive de sustentar à minha custa diversos processos civis e vou ocupar-me imediatamente em estudar os comentários de um dos mais eminentes e dos mais notáveis juristas ingleses; é inútil, creio, acrescentar que falo do digno juiz de paz, *Mister* Blackstone.

Estas observações foram muitas vezes interrompidas por protestos de *Mistress* Micawber a Micawber Júnior, seu filho, por ele se sentar nos calcanhares, ou por segurar a cabeça com ambas as mãos como se tivesse medo de a perder, ou então por dar pontapés a Traddles por debaixo da mesa; outras vezes punha os pés um em cima do outro, ou estendia as pernas a distâncias desmedidas; ou então deitava-se sobre a mesa, metendo os cabelos dentro dos copos; enfim manifestava a agitação que reinava em todos os seus membros por uma porção de movimentos incompatíveis com os interesses gerais da sociedade, não fazendo caso algum dos reparos que a mãe lhe fazia a este respeito. Durante todo esse tempo, eu estive perguntando de mim para mim o que significava a revelação de *Mister* Micawber, de que eu não estava ainda bem refeito, até que enfim *Mistress* Micawber retomou o fio do seu discurso e reclamou toda a minha atenção.

— O que eu peço a *Mister* Micawber que, sobretudo, evite — disse ela — é sacrificando-se a esse ramo secundário do direito que não se abstenha dos meios de elevar-se um dia até ao fastígio. Estou convencida de que *Mister* Micawber, entregando-se a uma profissão que há-de dar livre carreira à fertilidade dos seus recursos e à sua facilidade de elocução, não pode deixar de distinguir-se. Vejamos, senhor Traddles, se se tratasse, por exemplo, de vir a ser um dia juiz ou mesmo chanceler — acrescentou ela com um ar profundo — não se colocaria

fora desses cargos importantes começando por um emprego como o que *Mister* Micawber acaba de aceitar?

— Minha querida — disse Micawber olhando também para Traddles com um ar interrogador — temos diante de nós todo o tempo de reflectir nessas questões.

— Não, Micawber! — replicou ela. — O seu defeito, nas lutas da vida, é sempre o de não olhar bastante longe para diante de si. O senhor é obrigado, ainda que não seja senão por um sentimento de justiça para com a sua família, se não consigo mesmo, de abraçar com um olhar os pontos mais afastados do horizonte aos quais podem levá-lo as suas faculdades.

*Mister* Micawber tossiu e bebeu o seu *punch* com o ar mais satisfeito olhando sempre para Traddles, como se esperasse a sua opinião.

— Olhe, a verdadeira situação, *Mistress* Micawber — disse Traddles desvelando-lhe docemente a verdade — quero dizer o facto em toda a sua nudez mais prosaica...

— Precisamente, meu caro senhor Traddles — disse *Mistress* Micawber — desejo ser tão prosaica e tão literal quanto possível em assuntos desta importância.

— É que — disse Traddles — este ramo da carreira, quando mesmo *Mister* Micawber fosse advogado com todas as regras...

— Precisamente — replicou *Mistress* Micawber... — Wilkins, o senhor é estrábico e portanto não pode ver direito...

— Esta parte da carreira não tem nada que ver com a magistratura. Só os advogados podem pretender esses cargos importantes e *Mister* Micawber não pode ser advogado sem ter cursado cinco anos uma das escolas de direito.

— Tê-lo-ei compreendido bem? — disse *Mistress* Micawber com o seu ar mais capaz e mais afável. — Diz o meu caro senhor Traddles que quando expirar esse prazo, *Mister* Micawber poderia então ocupar a situação de juiz ou de chanceler?

— Em rigor, *poderia* — replicou Traddles carregando bem nesta última palavra.

— Obrigada — disse *Mistress* Micawber — é tudo quanto eu desejava saber. Se tal é a situação e se *Mister* Micawber não renuncia a nenhum privilégio encarregando-se de semelhantes deveres, cessam as minhas inquietações. Dir-me-á que estou falando como uma mulher — disse *Mistress* Micawber —, mas sempre acreditei que *Mister* Micawber possuía aquilo que o papá chamava o espírito judiciário e espero que ele entre agora numa carreira em que as suas faculdades poderão desenvolver-se e elevá-lo a um cargo importante.

Não duvido que *Mister* Micawber se visse já, com os olhos do seu espírito judiciário, sentado no saco de lã. Passou a mão com ar de complacência pela

cabeça calva e disse com uma resignação orgulhosa:

— Não antecipemos aos decretos da fortuna, minha querida. Se eu estiver destinado a usar cabeleira, estou pronto, pelo menos exteriormente — acrescentou ele aludindo à sua calvície — a receber essa distinção. Não lamento os meus cabelos e quem sabe se eu não os perdi já com um fim determinado. A minha intenção, meu caro Copperfield, é educar meu filho para a Igreja; confesso que é, sobretudo, para ele que eu folgaria de chegar às grandezas.

— Para a Igreja? — perguntei mecanicamente, porque eu não pensava noutra coisa senão em Uriah Heep.

— Sim — disse *Mister* Micawber. — Tem uma linda voz de cabeça e começará nos coros. A nossa residência em Canterbury e as relações que já lá possuímos, permitir-nos-ão, sem dúvida, aproveitar as vagaturas que porventura se dêem entre os cantores da catedral.

Ao olhar de novo para Micawber Júnior achei que ele tinha uma certa expressão de rosto que parecia antes indicar que a sua voz era de trás das sobrancelhas, o que não tardou a ser-me demonstrado quando lhe ouvi cantar (tinham-lhe dado à escolha cantar ou ir-se deitar) *O Picanço de bico perfurante.* Depois de muitos cumprimentos pela execução desse trecho, recaiu-se na conversa geral e como eu estava muito preocupado com as minhas intenções desesperadas, para calar a mudança sobrevinda na minha situação, contei tudo a *Mister* e a *Mistress* Micawber. Não posso dizer quão encantados ficaram em saber ambos os embaraços de minha tia e como isso duplicou a sua cordialidade e a sem-cerimónia das suas maneiras.

Quando estávamos chegados quase ao fundo do jarro, dirigi-me a Traddles e recordei-lhe que não podíamos separar-nos sem desejar aos nossos amigos uma boa saúde e muita felicidade e êxito na sua nova carreira. Pedi a *Mister* Micawber que enchesse os copos e fiz uma saúde com todos os requisitos: apertei a mão de *Mister* Micawber através da mesa e beijei *Mistress* Micawber em comemoração desse grande momento. Traddles imitou-me no primeiro gesto, mas não se julgou bastante íntimo na casa para me seguir mais longe.

— Meu caro Copperfield — disse-me *Mister* Micawber levantando-se, com os dedos polegares nos bolsos do colete — companheiro da minha mocidade, se esta expressão me é permitida e o senhor, meu estimável amigo Traddles, se assim lhe posso chamar, permitam-me, em nome de *Mistress* Micawber, no meu e no da nossa progénie, que lhes agradeça os seus bons desejos nos termos mais calorosos e espontâneos. É de esperar que na véspera de uma emigração que abre diante de nós uma existência completamente nova (*Mister* Micawber falava sempre como se fosse estabelecer-se a duzentas léguas de Londres), eu tenha de endereçar algumas palavras de despedida a dois amigos como os que se

encontram diante de mim. Mas já disse quanto tinha a dizer. Qualquer situação que eu possa atingir na sociedade, seguindo a sábia profissão de que vou ser um indigno membro, tentarei de não desmerecer e fazer honra a *Mistress* Micawber. Sob o peso de embaraços pecuniários temporários, que provinham de compromissos contraídos na intenção de solver imediatamente, mas de que não me pude libertar por circunstâncias várias, vi-me na necessidade de usar um disfarce que repugna aos meus instintos naturais, quero dizer lunetas e de tomar posse de um apelido sobre o qual não podia estabelecer nenhuma pretensão legítima. Tudo quanto tenho a dizer sobre este ponto é que a nuvem desapareceu do sombrio horizonte e que o Deus do dia reina de novo no cume das montanhas. Segunda-feira, às quatro horas, à chegada da diligência a Canterbury, o meu pé calcará as suas urzes natais e o meu nome será... Micawber!

*Mister* Micawber sentou-se após estas observações e bebeu a seguir dois copos de *punch* com o ar mais grave; depois acrescentou com ar solene:

— Resta-me ainda qualquer coisa a fazer antes de nos separarmos, resta-me um acto de justiça a realizar. O meu amigo, *Mister* Thomas Traddles, em duas ocasiões diferentes, pôs a sua assinatura, se posso empregar esta expressão vulgar, em letras negociadas para meu uso. Na primeira ocasião, *Mister* Thomas Traddles foi... devo dizê-lo, apanhado na armadilha. O vencimento da segunda letra não chegou ainda. A primeira letra montava (neste ponto, *Mister* Micawber examinou cuidadosamente uns papéis), montava, creio, a vinte e três libras esterlinas, quatro xelins e nove *pence* e meio; a segunda, segundo as minhas notas sobre este artigo, era de dezoito libras esterlinas, seis xelins e dois *pence*. Estas duas somas fazem um total de quarenta e uma libras, dez xelins e onze *pence* e meio, se os meus cálculos não falham. O meu amigo Copperfield quer ter a bondade de verificar a soma?

Verifiquei; estava exacta.

— Seria um fardo insuportável para mim — continuou *Mister* Micawber — deixar esta metrópole e o meu amigo *Mister* Tomás Traddles, sem me desquitar da parte pecuniária das minhas obrigações para com ele. Preparei, pois e tenho neste momento à mão um documento que corresponderá aos meus desejos sobre este ponto. Peço ao meu amigo *Mister* Tomás Traddles licença para lhe entregar uma letra pela soma de quarenta e uma libras, dez xelins e onze e meio *pence,* e, feito isto, entro felizmente na posse de toda a minha dignidade moral, porque sinto que posso caminhar de cabeça levantada diante dos homens meus semelhantes.

Depois de ter debatido este prefácio com uma intensa emoção, *Mister* Micawber depositou a letra nas mãos de Traddles e certificou-o de todos os seus bons desejos para todas as circunstâncias da sua vida. Estou persuadido de que

não só esta transacção fazia a *Mister* Micawber o mesmo efeito que se tivesse pago o dinheiro, mas de que o próprio Traddles não prestou bem atenção à diferença, senão quando depois nisso reflectiu.

Fortificado por este acto de virtude, *Mister* Micawber caminhava de cabeça tão levantada diante dos homens seus semelhantes, que o seu peito parecia ter-se-lhe alargado outro tanto, quando nos alumiou para descermos a escada. Separámo-nos muito cordialmente e quando acompanhei Traddles até à sua porta, ao regressar sozinho a minha casa, entre outros pensamentos estranhos e contraditórios que me vieram ao espírito, eu disse comigo que, provavelmente, era a qualquer recordação de pena pela minha infância abandonada que eu devia que *Mister* Micawber, com todas as suas excentricidades, nunca me tivesse pedido dinheiro. Com certeza que eu não teria bastante coragem moral para lho recusar e não duvido, seja dito em seu louvor, que ele o soubesse tão bem como eu.

## Capítulo XXXVII — Um pouco de água fria lançada no meu fogo

Durava a minha nova vida oito dias já e eu estava mais do que nunca compenetrado dessas terríveis resoluções práticas, que olhava como imperiosamente exigidas pela circunstância. Continuava a caminhar extremamente depressa, numa vaga ideia de que seguia o meu caminho. Aplicava-me a gastar a minha força tanto quanto podia, no ardor com que eu cumpria quanto empreendia. Eu era, enfim, uma verdadeira vítima de mim próprio; cheguei até a perguntar comigo mesmo se não faria bem em me limitar a comer legumes, na ideia vaga de que, tornando-me um animal herbívoro, seria um sacrifício que eu oferecia no altar de Dora.

Até então, a minha Dorinha ignorava absolutamente os meus esforços desesperados e não sabia senão o que as minhas cartas tinham podido confusamente deixar-lhe entrever. Mas chegou o sábado e era nesse dia que ela devia visitar *miss* Mills, em casa da qual eu devia ir tomar o chá, quando *Mister* Mills fosse para o *club* jogar o *whist*, acontecimento de que eu era avisado pela aparição da gaiola de um pássaro na janela do meio da sala de visitas.

Estávamos então completamente estabelecidos em Buckingham Street e *Mister* Dick continuava as suas cópias com uma alegria sem igual. Minha tia tinha alcançado uma vitória assinalada sobre *Mistress* Crupp pagando-lhe tudo, atirando pela janela a primeira bilha que encontrou de armadilha na escada e protegendo com a sua presença a chegada e a partida de uma mulher aos dias que ela tinha arranjado fora. Estas medidas de rigor tinham produzido uma tal impressão em *Mistress* Crupp, que ela retirou-se para a cozinha, convencida de que minha tia estava atacada de raiva. Minha tia, a quem a opinião de *Mistress* Crupp, como a do mundo inteiro, era perfeitamente indiferente, não se enfadara, de resto, de animar essa ideia e *Mistress* Crupp, há pouco tão atrevida, bem depressa perdeu tão visivelmente toda a coragem, que, para evitar encontrar minha tia na escada, tratava de eclipsar a sua volumosa pessoa atrás das portas ou de se esconder nos cantos escuros, deixando, todavia, à vista, sem o desconfiar, um ou dois panos do saiote de flanela. Minha tia achava uma tal satisfação em assustá-la, que eu creio que se divertia a subir e a descer de propósito as escadas, com o chapéu puxado descaradamente para o alto da nuca, todas as vezes que ela podia esperar encontrar *Mistress* Crupp no seu caminho.

Minha tia, com os seus hábitos de ordem e o seu espírito inventivo, introduziu tantos melhoramentos nos arranjos de casa, que havia de dizer-se que tínhamos recebido uma herança em vez de termos perdido o nosso dinheiro. Entre outras

coisas, converteu a despensa num gabinete de vestir para meu uso e comprou-me uma armação de cama que fazia o efeito de uma estante, tanto quanto uma armação de cama pode parecer-se com uma estante. Eu era o objecto de toda a sua solicitude e a minha própria mãe não poderia amar-me mais, nem afadigar-se mais para me tornar feliz.

Peggotty tinha considerado como um alto favor o privilégio de se fazer aceitar para participar em todos os trabalhos, e, conquanto conservasse a respeito de minha tia um pouco do seu antigo terror, recebera dela, nos últimos tempos, tão grandes provas de confiança e de estima, que as duas eram as melhores amigas do mundo. Mas chegara o tempo de Peggotty (eu falo do sábado em que eu devia ir tomar o chá a casa de *miss* Mills) regressar a casa dela para ir desempenhar junto de Ham os deveres da sua missão.

— Com que então, adeus, Barkis! — disse minha tia. — Trate bem de si. Nunca supus que tivesse de sentir tanto desgosto em a ver partir!

Acompanhei Peggotty ao escritório da diligência e meti-a no carro. Chorou ao partir e confiou seu irmão à minha amizade, como Ham já o tinha feito. Não tínhamos ouvido mais falar dele depois que partira naquela linda tarde.

— E agora, meu querido David — disse Peggotty — se durante o seu tirocínio precisar de dinheiro para as suas despesas, ou, se acabado o tempo, meu caro filho, lhe for preciso qualquer coisa para se estabelecer; num ou noutro caso, ou num e noutro, quem é que teria tanto direito a emprestar-lho senão a pobre criada velha da minha pobre querida?

Eu não estava possuído de uma paixão de independência por tal modo selvagem, que não quisesse pelo menos reconhecer os seus oferecimentos generosos, assegurando-lhe que se um dia pedisse emprestado dinheiro a alguém, seria a ela que eu me dirigiria e creio que, a menos de lhe pedir no mesmo instante o empréstimo de uma grande quantia, não podia causar-lhe maior prazer do que dando-lhe essa certeza.

— E depois, meu querido — disse Peggotty baixinho — diga ao seu lindo anjinho que eu bem quisera vê-lo, ainda que não fosse senão um minuto; diga-lhe também que antes do seu casamento com o meu menino, eu hei-de vir arranjar-lhe a casa como deve ser, se der licença.

Prometi-lhe que ninguém a não ser ela tocaria nesses arranjos e ela ficou tão encantada que quando partiu, ia com plena alegria no coração.

Ocupei-me o mais possível nesse dia no Tribunal, por uma multidão de maneiras, para que o tempo me parecesse menos longo e à tarde, à hora combinada, fui até à rua em que morava *Mister* Mills. Era um homem terrível que adormecia sempre depois de jantar; não tinha ainda saído e a gaiola não estava à janela.

Fez-me esperar tanto tempo que me pus a desejar, por forma de consolação, que os seus parceiros do *whist,* o obrigassem a pagar uma multa para o ensinarem a chegar tão tarde. Enfim, saiu e eu vi a minha Dorinha ir em pessoa pendurar a gaiola e dar um passo na varanda para ver se eu estava no sítio, depois, quando me viu, fugiu para dentro a correr enquanto Jip ficava fora a ladrar com toda a gana contra um enorme cão de carniceiro que estava na rua e que o engoliria como se fosse uma pílula.

Dora veio à porta da sala para me receber; Jip chegou também voltando-se para um e para outro lado e rosnando, na ideia de que era um ladrão e entrámos todos três para a sala com um ar muito terno e muito feliz. Mas dentro em pouco lancei o desespero no meio da nossa alegria (ai de mim! Foi sem querer, mas eu estava tão cheio do meu caso!) perguntando a Dora, sem o menor prefácio, se ela poderia decidir-se a amar um mendigo.

A minha pobre Dora, julguem do seu espanto! A única ideia que esta palavra despertaria no seu espírito era a de um rosto enrugado, coberto com um boné de algodão, com acompanhamento de muletas, de uma perna de pau ou de um cão com uma gamela na boca: assim, olhou para mim toda assustada com um ar de pasmo o mais singular do mundo.

— Como é que faz uma tal pergunta? — disse ela amuada. — Amar um mendigo!

— Dora, minha bem amada — disse-lhe eu — sou um mendigo!

— Que demónio de doidice é essa — replicou-me ela dando-me uma sapatada na mão — para nos vir com essas histórias! Vou dizer ao Jip que o morda.

As suas maneiras infantis agradavam-me mais que tudo no mundo; mas era preciso que eu me explicasse absolutamente e repeti num tom solene:

— Dora, minha vida, meu amor, o seu David está arruinado!

— Já lhe disse que o Jip o vai morder, se continua com essas tolices — continuou Dora sacudindo o cabelo em anéis.

Mas eu tinha o ar tão grave que Dora cessou de sacudir a cabeça, pousou a sua mãozinha trémula no meu ombro, olhou-me primeiro com ar de perturbação e de espanto, depois pôs-se a chorar. Era terrível. Eu caí de joelhos ao lado do canapé, acariciando a e pedindo-lhe que não me dilacerasse o coração; mas durante um momento a minha pobre Dorinha não sabia senão repetir:

— Oh meu Deus! Meu Deus! Tenho medo! Tenho medo! Aonde está Júlia Mills? Leve-me a Júlia Mills e vá-se embora, peço-lhe.

Eu próprio não sabia aonde é que estava.

Enfim, à força de rogos e de protestos, decidi Dora a olhar para mim. Tinha o aspecto terrificado, mas eu levei-a a pouco e pouco, à força de carícias, a olhar para mim ternamente e encostou a sua linda face à minha. Então eu disse-lhe,

abraçando-a, que a amava de todo o meu coração, mas que me julgava obrigado em consciência a oferecer-lhe o rompimento do nosso compromisso, pois que estava reduzido à pobreza; que nunca mais poderia ter consolação, nem suportar a ideia de a perder; que não receava a pobreza se ela não a receava também; que o meu coração e os meus braços buscariam força no meu amor por ela; que eu trabalhava já com uma coragem que só os amantes podem conhecer; que tinha começado a entrar na vida prática e a pensar no futuro; que uma côdea de pão ganha com o suor do nosso rosto era mais doce ao coração do que um festim devido a uma herança; e muitas outras lindas coisas como estas, contadas com uma eloquência apaixonada que me espantou a mim próprio, conquanto eu me tivesse preparado para este momento, noite e dia, desde o instante em que minha tia me surpreendera com a sua imprevista chegada.

— O seu coração continua a ser meu, Dora, minha querida? — disse-lhe com transporte, porque eu sabia que me pertencia sempre ao senti-la achegar-se de mim.

— Oh! Sim! — exclamou Dora. — Completamente seu, mas não me assuste assim.

— Eu assustá-la! Pobre Dora!

— Não me fale de ficar pobre e de trabalhar como um negro — disse-me apertando-se contra mim — peço-lhe, peço-lhe.

— Meu amor — disse eu — uma côdea de pão... ganha com o suor...

— Sim, sim, mas eu não quero ouvir falar de côdeas de pão e é preciso que Jip tenha todos os dias, ao meio-dia, a sua costeleta de carneiro, senão morre!

Eu estava sob o encanto sedutor das suas maneiras infantis. Expliquei-lhe ternamente que Jip havia de ter a sua costeleta de carneiro com toda a regularidade costumada. Descrevi-lhe a nossa vida modesta, independente, graças ao meu trabalho; falei-lhe da casinha que eu tinha visto em Highgate, com o quarto no primeiro andar para minha tia.

— Ainda a estou assustando, Dora? — disse-lhe com ternura.

— Oh! Não, não! — exclamou ela. — Mas espero que sua tia se deixará ficar muito pelo seu quarto e depois que não seja nenhuma velha rabugenta.

Se me fosse possível amar Dora mais, com certeza que o faria então. No entanto sentia que não era muito bondosa no caso presente. O meu novo ardor ia arrefecendo ao ver que era tão difícil de lho comunicar. Fiz um novo esforço. Quando a vi completamente bem disposta e quando pegou em Jip para o colo para lhe estar a enrolar as orelhas nos dedos, recuperei a minha gravidade:

— Minha bem amada, posso dizer-lhe uma coisa?

— Oh! Peço-lhe que não falemos na vida prática — disse-me ela em tom acariciador —; se soubesse como isso me causa medo!

— Mas, minha querida, não há-de que assustar em tudo isto. Eu desejava fazer-lhe encarar as coisas por outro modo. Desejava, pelo contrário, que elas lhe inspirassem energia e coragem.

— Oh! Mas é precisamente isso que me causa medo — gritou Dora.

— Não, minha querida. Com perseverança e força de carácter suportam-se coisas bem mais custosas.

— Mas eu não tenho força — disse Dora sacudindo os anéis. — Não é verdade, Jip? Oh! Vamos! Beije Jip e seja amável.

Era impossível recusar-me a beijar Jip, quando mo estendia para esse fim, preparando-se para o beijar também com a sua linda boquinha cor-de-rosa, dirigindo sempre a operação que devia realizar-se com uma precisão matemática acima do focinho do seu bichinho. Fiz exactamente o que ela queria, depois reclamei a paga da minha obediência; e Dora conseguiu ter em cheque a minha gravidade durante bastante tempo.

— Mas Dora, minha querida — disse-lhe retomando o meu ar solene — tenho ainda uma coisa a dizer-lhe!

O próprio juiz do Tribunal das prerrogativas cairia pelo beiço se a visse juntar as mãozinhas que estendia para mim, suplicando que não lhe causasse medo.

— Mas eu não quero causar-lhe medo, meu amor — repeti —; somente se a minha bem amada Dora quisesse pensar algumas vezes, sem desfalecimento, para ganhar coragem, pelo contrário, que é noiva de um rapaz pobre...

— Não, não, peço-lhe! — gritava Dora. — Assusta-me muito.

— De modo algum, minha querida — disse-lhe alegremente —; se quiser somente pensar nisso algumas vezes e ocupar-se uma vez por outra do arranjo da casa do papá, para se ir habituando... contas, por exemplo...

A minha pobre Dora acolheu esta ideia com um pequeno grito que se assemelhava a um soluço.

— ...Isso ser-lhe-ia bem útil um dia — continuei. — E se me prometesse ler... um livrinho de cozinha que eu lhe vou mandar, como seria excelente para si e para mim. Porque o nosso caminho na vida é rude e áspero actualmente, minha Dora — disse-lhe aquecendo-me — e pertence-lhe aplaná-lo. Temos que lutar para se obter bom êxito. Precisamos de coragem. Temos muitos obstáculos a superar: e é preciso superá-los sem receio, esmagá-los aos pés.

Eu falava sempre, de punho cerrado e ar resoluto, mas era bem inútil ir mais longe, já lhe tinha dito bastante. Conseguira... causar-lhe medo mais uma vez. Oh! Aonde é que estaria Júlia Mills!

— Oh! Leve-me à Júlia Mills e vá-se embora, se faz favor — dizia Dora.

Numa palavra, eu estava meio doido e percorria a sala de visitas em todos os sentidos.

Desta vez julguei matá-la. Aspergi-lhe o rosto com água. Caí de joelhos. Arranquei os cabelos. Acusei-me de ser um bruto sem remorsos e sem compaixão. Pedi-lhe que me perdoasse. Supliquei-lhe que abrisse os olhos. Desarrumei a caixa de trabalho de *miss* Mills à procura de um frasco, e, no meu desespero, despejei em cima de Dora, todas as agulhas de um agulheiro de marfim. Mostrei o punho a Jip que estava tão perdido como eu. Entreguei-me a todas extravagâncias imaginárias e havia já muito tempo que eu tinha perdido a cabeça quando *miss* Mills entrou na sala.

— Que há? Que lhe fizeram? — exclamou *miss* Mills correndo em socorro da sua amiga.

Eu respondi:

— Fui eu, *miss* Mills, fui eu o culpado! Sim, o criminoso ei-lo aqui! — e uma porção de coisas no mesmo género. Depois, voltando a cabeça para a furtar à luz, escondi-a na almofada do canapé.

*Miss* Mills julgou a princípio que era uma questão e que nos tínhamos perdido no deserto do Saara, mas não esteve muito tempo nessa incerteza, porque a minha querida Dorinha exclamou beijando-a que eu era um pobre trabalhador; depois desatou a chorar por minha causa, pedindo-me se eu lhe dava licença de me dar todo o seu dinheiro a guardar e acabou por se atirar aos braços de *miss* Mills soluçando, como se o seu pobre coraçãozinho estivesse prestes a rebentar.

Felizmente que *miss* Mills parecia ter nascido para ser a nossa bênção. Certificou-se nalguns momentos da situação, consolou Dora, persuadiu-a a pouco e pouco de que eu não era nenhum trabalhador. Pela maneira como eu contei as coisas, creio que Dora supusera que eu estava reduzido a trabalhador de obras e que passava e tornava a passar os dias por cima de uma prancha, empurrando um carro de mão. *Miss* Mills, melhor informada, acabou por restabelecer a paz entre nós. Quando tudo entrou na ordem, Dora foi ao seu quarto banhar os olhos com água de rosas e *miss* Mills pediu o chá. No intervalo, eu declarei a essa menina que a consideraria sempre minha amiga e que o coração cessar-me-ia de pulsar primeiro do que esquecesse a sua simpatia.

Desenvolvi-lhe então o plano que eu tinha com tão pouco êxito tentado fazer compreender a Dora. *Miss* Mills replicou-me, segundo os princípios gerais, que a cabana do contentamento valia mais que o palácio do frio esplendor e que o amor supria tudo.

Disse a *miss* Mills que era bem verdade e que ninguém o podia saber melhor do que eu, que amava Dora como nenhum mortal tinha amado antes de mim. Mas acerca da melancólica observação de *miss* Mills de que houvera sido feliz para certos corações que não tivessem amado tanto como eu, pedi-lhe que me permitisse a ressalva de restringir o meu reparo somente ao sexo masculino.

Em seguida expus a *miss* Mills a questão de saber se não haveria efectivamente alguma vantagem prática na proposta que eu tinha querido fazer a respeito das contas, do arranjo da casa e dos manuais de cozinheiro?

Depois de um momento de reflexão eis o que *miss* Mills me respondeu:

— Senhor Copperfield, quero ser franca consigo. Os sofrimentos e provações morais suprem os anos em certas naturezas e vou falar-lhe tão francamente como se estivéssemos na confissão. Não, a sua proposta não convém à nossa Dora. A nossa querida Dora é uma menina criada com todo o mimo da natureza. É uma criatura de luz, de jovialidade e de alegria. Não posso dissimular-lhe que, se pudesse fazer-se o que quer, seria magnífico, sem dúvida, mas...

E *miss* Mills abanou a cabeça.

Esta meia concessão de *miss* Mills animou-me a perguntar-lhe se, no caso em que se apresentasse uma ocasião de atrair a atenção de Dora a respeito das condições deste género necessárias à vida prática, ela seria tão bondosa que as aproveitasse? *Miss* Mills consentiu de tão boa vontade que eu pedi-lhe mais se ela não desejaria encarregar-se do manual do cozinheiro e prestar-me o eminente serviço de o fazer aceitar a Dora sem lhe causar muito receio. *Miss* Mills encarregou-se da comissão, mas via-se bem que não contava com grande coisa.

Dora reapareceu e estava tão sedutora que eu perguntei de mim para mim se era verdadeiramente permitido ocupá-la com minudências tão vulgares. E depois ela amava-me tanto, era tão encantadora, sobretudo quando ela obrigava o Jip a pôr-se em pé a pedir-lhe uma torrada e quando ela fingia que lhe ia queimar o focinho com a chaleira por ele se recusar a obedecer-lhe, que eu considerava-me como um monstro, que viesse apavorar com a sua súbita presença, a fada no seu bosquezinho, quando pensava no medo que eu lhe causara e nas lágrimas que lhe tinha feito chorar.

Depois do chá, Dora pegou na guitarra e cantou as suas velhas canções francesas sobre a impossibilidade absoluta de cessar de dançar sob nenhum pretexto, trá lá, trá lá, trá lá lá, e eu senti mais que nunca que era um monstro.

Apenas houve uma nuvem a ensombrar a nossa alegria; foi um momento antes de me retirar; *miss* Mills aludiu por acaso ao dia seguinte de manhã e eu tive a sensaboria de lhe dizer que era obrigado a trabalhar e que me levantava actualmente às cinco horas da manhã. Não sei se Dora concebeu a ideia de que eu era vigilante em qualquer estabelecimento particular, mas esta notícia causou grande impressão no seu espírito e não tocou mais piano nem cantou.

Ela pensava ainda no caso quando me despedi e disse-me, com o seu pequeno ar carinhoso, como se falasse à sua boneca, ao que me pareceu:

— Vamos, seu mauzinho, não se levante às cinco horas! Isso não tem jeito nenhum!

— Tenho que trabalhar, minha querida.

— Pois bem! Não trabalhe — disse Dora. — Para quê?

Era impossível responder outra coisa senão rindo a essa linda carinha atónita por ser preciso trabalhar para viver.

— Oh! Que ridículo que é! — exclamou Dora.

— E como viveríamos sem isso, Dora?

— Como? Eu sei lá! — disse Dora.

Ela tinha o ar convencido de que acabava de sanar a questão e deu-me um beijo triunfante que vinha tão naturalmente do seu inocente coração que eu não desejaria por todo o ouro do mundo discutir com ela a sua resposta.

Porque eu amava-a e continuei a amá-la com toda a minha alma, com toda a minha força. Mas sempre trabalhando muito, sempre batendo o ferro enquanto estava quente, isso não impedia que às vezes à noite, quando me encontrava em frente de minha tia, reflectisse no medo que tinha causado a Dora naquele dia e perguntasse comigo como havia de fazer para furar através da floresta das dificuldades, com uma guitarra na mão e, à força de nisso pensar, parecia-me que os cabelos se me iam tornando brancos.

## Capítulo XXXVIII — Dissolução de sociedade

Apressei-me a pôr imediatamente em execução o plano que formara relativamente aos debates do Parlamento. Era um dos ferros da minha forja que era preciso bater enquanto estava quente e atirei-me à obra com uma perseverança que me há-de ser permitido admirar. Comprei um tratado célebre da arte de estenografia (custou-me dez bons xelins) e mergulhei-me num oceano de dificuldades que, ao cabo de algumas semanas, me tinham tornado quase louco. Todas as mudanças que podiam causar um desses pequenos acentos, que, postos de uma maneira significavam uma coisa e de maneira diferente significavam outra; todos esses caprichos maravilhosos figurados por círculos indecifráveis, as consequências enormes de uma figura grossa como um gatafunho, os terríveis efeitos de uma curva mal colocada não me perturbavam unicamente durante as minhas horas de estudo: perseguiam-me também durante as minhas horas de sono. Quando cheguei enfim a orientar-me menos mal, às apalpadelas, no meio desse labirinto e a saber quase o alfabeto, que, de *per si,* era todo um templo de hieróglifos egípcios, fui salteado depois disso por uma procissão de novos horrores, chamados caracteres arbitrários. Nunca vi caracteres mais despóticos: por exemplo, queriam absolutamente que uma linha mais fina do que uma teia de aranha significasse *espera e* que uma espécie de vela romana se traduzisse por *desvantajoso.* A medida que eu chegava a meter na cabeça esse miserável engrimanço, percebia que já me tinha esquecido o princípio. Passava-lhe uma vista e esquecia então o resto; se procurava reavivá-lo, era à custa de qualquer outra garatuja do sistema que me falhava. Numa palavra, era desolador, isto é: ter-me-ia parecido desolador, se Dora não estivesse de permeio a dar-me coragem. Dora, âncora fiel da minha barca agitada pela tempestade! Cada progresso no sistema parecia-me um carvalho nodoso a deitar abaixo na floresta das dificuldades e eu punha-me a derrubá-los um após outro com tal duplicação de energia, que, ao cabo de três ou quatro meses, julguei-me em estado de tentar uma prova sobre um dos nossos berradores da Câmara dos Comuns. Nunca me há-de esquecer como, para estreia, o meu berrador já se tinha sentado e eu ainda não tinha começado e deixou-me o lápis imbecil a tremelicar sobre o papel, como se tivesse convulsões.

Isto não podia continuar, era bem de ver; tinha visado muito alto, era preciso baixar. Recorri a Traddles para me dar alguns conselhos e ele propôs-me ditar-me discursos, muito devagar, parando de tempos a tempos para me facilitar o trabalho. Aceitei o seu oferecimento com o mais vivo reconhecimento, e, todas

as noites, durante muito tempo, tivemos em Buckingham Street uma espécie de parlamento particular, quando eu regressava de casa do doutor.

Eu desejaria bem ver em qualquer parte um parlamento desta espécie. Minha tia e *Mister* Dick representavam o governo ou a oposição (segundo as circunstâncias) e Traddles, com a ajuda do *Orador* de Enfield ou dum volume dos *Debates parlamentares*, esmagava-os com as mais fulminantes invectivas. De pé, ao lado da mesa, uma mão sobre o volume para não perder a página e o braço direito levantado para a frente da cabeça, Traddles representava alternativamente *Mister* Pitt, *Mister* Fox, *Mister* Sheridan, *Mister* Burke, lord Castlereagh, o visconde Sidmouth ou *Mister* Canning e entregava-se à mais violenta cólera; acusava minha tia e *Mister* Dick de imoralidade e de corrupção; e eu, sentado não longe dele, com o caderno de notas na mão, estafava a pena a segui-lo nas suas declamações. A inconstância e a volubilidade de Traddles não poderiam ser excedidas por nenhuma política no mundo. Dentro de oito dias tinha abraçado todas as opiniões mais diferentes e tinha arvorado vinte bandeiras. Minha tia, imóvel como um chanceler do Tesouro, lançava por vezes uma interrupção: «Muito bem, ou «Não» ou «Oh!», quando o texto parecia exigi-lo e *Mister* Dick (verdadeiro tipo do fidalgo de província) servia-lhe imediatamente de eco. Mas *Mister* Dick foi acusado durante a sua carreira parlamentar de coisas tão odiosas e mostrou-se-lhe no futuro tão terríveis consequências, que acabou por ficar assustado. Creio mesmo que acabou por se persuadir de que era preciso que tivesse decididamente cometido alguma coisa que devia acarretar a ruína da constituição da Grã-Bretanha e a decadência inevitável do país.

Bastantes vezes continuávamos os nossos debates até que o relógio desse meia-noite e as velas ardessem até ao fim. O resultado de tantos trabalhos foi que eu acabei por seguir muito bem Traddles; só faltava uma coisa no meu triunfo: era decifrar depois o que significavam as minhas notas. Mas eu não tinha a menor ideia disso. Uma vez que elas estavam escritas longe de poder restabelecer-lhes o sentido, era como se eu tivesse copiado as inscrições chinesas que se encontram nas caixas de chá, ou as letras de ouro que se podem ler nos grandes frascos vermelhos e verdes que ornam as lojas dos boticários.

Não tinha outra coisa a fazer senão pôr-me outra vez corajosamente à obra. Era bem duro, mas recomecei, a despeito do meu aborrecimento, a percorrer de novo laboriosamente e metodicamente todo o caminho que já tinha andado, a passo de boi, parando para examinar minuciosamente o mais pequeno sinal e fazendo esforços desesperados para decifrar esses pérfidos caracteres, em toda a parte onde os encontrava. Eu era muito exacto na repartição, muito exacto também em casa do doutor, enfim trabalhava como um verdadeiro cavalo de

trem de praça.

Um dia que me dirigia à Câmara dos Comuns, como de costume, encontrei no limiar da porta *Mister* Spenlow, com o ar muito grave e a falar só. Como muitas vezes se queixava de dores de cabeça e tinha o pescoço muito curto usando de colarinhos muito engomados, eu tive a princípio a ideia de que estava constipado, mas fiquei logo tranquilizado sobre esse ponto.

Em vez de me retribuir o meu «Bons dias, senhor Spenlow», com a sua afabilidade do costume, olhou para mim com ar altivo e cerimonioso e convidou-me friamente a segui-lo a um certo café, que, nesse tempo, deitava para os *Doctor's-Commons,* sito na pequena arcada ao pé do cemitério de S. Paulo. Obedeci-lhe, com o espírito todo perturbado; senti-me coberto de um suor eruptivo, como se todas as minhas apreensões fossem findar na pele. Como a passagem era muito estreita, ele caminhava na minha frente e a maneira como levava a cabeça não me pressagiava nada de bom; desconfiei que tivesse descoberto os meus sentimentos pela minha querida Dorinha.

Se eu não adivinhasse seguindo-o ao dirigirmo-nos ao café de que falo, não me poderia equivocar por muito tempo sobre o facto de que se tratava, quando depois de subirmos para uma sala do primeiro andar, lá encontrámos *miss* Murdstone encostada a uma espécie de aparador aonde se alinhavam vários baldes de madeira contendo limões e duas dessas caixas extraordinárias cheias de cantos e escaninhos, aonde antigamente se punham os garfos e as facas, mas que felizmente, para a humanidade, hoje passaram completamente de moda.

*Miss* Murdstone estendeu-me as suas unhas geladas e tornou a sentar-se com o ar mais austero. *Mister* Spenlow fechou a porta, fez-me sinal de chegar uma cadeira e ficou de pé no tapete diante do fogão.

— Tenha a bondade, *miss* Murdstone — disse *Mister* Spenlow — de mostrar a *Mister* Copperfield o que contém o seu saco.

Eu creio que era ainda o mesmo indispensável de fechos de aço que eu lhe tinha visto na minha infância. Com os lábios tão cerrados como podia sê-lo o fecho, *miss* Murdstone premiu a mola, entreabriu ao mesmo tempo um pouco a boca e tirou do saco a minha última carta a Dora, cheia das expressões do mais terno afecto.

— Creio que é a sua letra, senhor Copperfield? — disse *Mister* Spenlow.

Eu tinha a cabeça a arder e a voz que ressoou aos meus ouvidos não se parecia nada com a minha, quando respondi:

— Sim, senhor.

— Se me não engano — disse *Mister* Spenlow, enquanto *miss* Murdstone tirava do seu saco um pacote de cartas, atado com um encantador lacinho azul — estas cartas também são escritas por si, senhor Copperfield?

Peguei no pacote com um sentimento de desolação, e, vendo num relance no alto das folhas «Minha bem amada Dora, meu anjo querido, minha querida menina», corei profundamente e inclinei a cabeça.

— Não, obrigado — disse-me friamente *Mister* Spenlow ao eu estender-lhe mecanicamente o pacote das cartas — não quero privá-lo delas. *Miss* Murdstone, tenha a bondade de continuar.

Essa amável criatura, depois de haver reflectido um momento, com os olhos descidos sobre o papel, contou o que se segue, com a mais glacial unção:

— Tenho a confessar que, há algum tempo já, concebia as minhas suspeitas acerca de *miss* Spenlow no que respeita a David Copperfield. Não larguei de olho *miss* Spenlow e David Copperfield desde a primeira vez que se viram e a impressão que então recebi não foi agradável. A depravação do coração humano é tal...

— Presta-me o melhor serviço, minha senhora — observou-lhe *Mister* Spenlow —, se se limitar a relatar os factos.

*Miss* Murdstone baixou os olhos, abanou a cabeça como para protestar contra esta interrupção inconveniente e depois prosseguiu com um ar de dignidade ofendida:

— Então, se devo limitar-me a relatar os factos, di-los então brevemente quanto possível, já que é tudo o que se me pede. Dizia eu, pois, senhor, que há algum tempo já, tinha as minhas suspeitas acerca de *miss* Spenlow e acerca de David Copperfield. Tentei muitas vezes, mas baldadamente, encontrar provas decisivas. Foi o que me impediu de fazer confidência ao pai de *miss* Spenlow (e ela fitou-o com um ar severo); sabia quanto, em casos tais, se está pouco disposto a acreditar benevolamente nos que preenchem nisso fielmente o seu dever.

*Mister* Spenlow parecia aniquilado pela nobre severidade do tom de *miss* Murdstone e fez com a mão um gesto de conciliação.

— Quando regressei a Norwood, donde me ausentei por ocasião do casamento de meu irmão — prosseguiu *miss* Murdstone num tom desdenhoso — julguei perceber que o comportamento de *miss* Spenlow, igualmente de regresso de uma visita a casa da sua amiga *miss* Mills, que o seu comportamento, dizia eu, mais fundamento dava às minhas suspeitas; e vigiei-a, pois, de mais perto.

A minha pobre, a minha querida Dorinha, como estava longe de desconfiar que esses olhos de dragão estavam fixados sobre ela!

— Todavia — prosseguiu *miss* Murdstone — só ontem à noite é que adquiri a prova positiva. Eu era de opinião que *miss* Spenlow recebia muitas cartas da sua amiga *miss* Mills, mas *miss* Mills era sua amiga com o pleno consentimento de seu pai (ainda um olhar bem amargo sobre *Mister* Spenlow) e nada tinha, pois,

que dizer. Já que não me é permitido aludir à depravação natural do coração humano, é preciso ao menos que me permitam falar de uma confiança mal colocada.

— Em boa hora — murmurou *Mister* Spenlow, em forma de apologia.

— Ontem à noite — prosseguiu *miss* Murdstone — acabávamos de tomar o chá, quando notei que o cãozinho corria, saltava, rosnava na sala de visitas, mordendo qualquer coisa. Disse então a *miss* Spenlow: «Dora, que vem a ser aquele papel que o seu cão trás na boca?». *Miss* Spenlow apalpou imediatamente o cinto, soltou um grito e correu para o cão. Eu detive-a dizendo-lhe: «Dora, meu amor, dê-me licença!...»

Oh! Jip! Miserável cachorrito! Foste tu, pois, o autor de tantos infortúnios!

— *Miss* Spenlow tentou — continuou *miss* Murdstone — corromper-me à força de beijos, de estojos de costura, de pequenas jóias, de presentes de toda a espécie: eu passo rapidamente por cima disso. O cãozito correu a meter-se debaixo do canapé e eu tive muito trabalho a fazê-lo de lá sair com a ajuda das tenazes. Saindo do esconderijo trazia a carta na boca; e quando eu quis arrancar-lha, com risco de ser mordida, ele tinha o papel tão apertado nos dentes que o que eu podia fazer era levantar o cão no ar ao querer arrancar-lhe esse precioso documento. Todavia, acabei por o conseguir. Depois de o ter lido, disse a *miss* Spenlow que devia possuir mais outras cartas da mesma natureza e enfim obtive dela o pacote que está agora entre as mãos de David Copperfield.

Calou-se, e, depois de ter fechado o seu saco, fechou a boca, com o ar de uma pessoa resolvida a deixar-se despedaçar primeiro do que submeter-se.

— O senhor acaba de ouvir *miss* Murdstone — disse *Mister* Spenlow voltando-se para mim. — Desejo saber, senhor Copperfield, o que tem a responder?

A pouca dignidade com que eu poderia tentar ornamentar-me estava desgraçadamente muito comprometida com o quadro que sem cessar vinha representar-se-me ao espírito; eu via aquela a quem adorava, a minha encantadora Dorinha, chorosa e soluçante toda a noite; representava-ma só, assustada, desditosa, ou então pensava que ela tinha suplicado, mas em vão, a essa megera de coração de rocha que lhe perdoasse; que ela lhe oferecera beijos, estojos de costura, jóias, tudo em pura perda; enfim, que ela estava desesperada e tudo isso por minha causa; eu tremia, pois, de emoção e de desgosto, se bem que fizesse todo o possível para o ocultar.

— Nada tenho que responder, senhor — disse eu — a não ser que sou eu o único que merece censura... Dora...

— *Miss* Spenlow, se faz favor... — interrompeu seu pai com majestade.

— ...foi arrastada por mim — continuei, sem repetir depois de *Mister* Spenlow

esse nome frio e cerimonioso — a prometer-me que lhe ocultasse a nossa afeição e amargamente o lamento.

— O senhor tem a maior culpa — disse-me *Mister* Spenlow, passeando de cá para lá no tapete, gesticulando com todo o corpo, em vez de agitar somente a cabeça, por causa da rigidez combinada da sua gravata e da sua espinha dorsal. — O senhor cometeu uma acção fraudulenta e imoral, senhor Copperfield. Quando eu receber em minha casa um *gentleman*, quer ele tenha dezanove, ou vinte e nove ou noventa anos, recebo-o com plena confiança. Se abusar da minha confiança, comete uma acção desonesta, senhor Copperfield!

— Vejo-o bem agora, senhor, pode crer — respondi —, mas não o via antes. Em verdade, senhor Spenlow, com toda a sinceridade do meu coração lhe digo que não vi isso antes; amo por tal forma *miss* Spenlow!...

— Deixe-se disso! Que tolice! — disse *Mister* Spenlow corando. — Não venha dizer-me na minha cara que ama a minha filha, senhor Copperfield?

— Mas, senhor Spenlow, como poderia eu justificar o meu procedimento se assim não fosse? — respondi no tom mais humilde.

— E como é que o senhor o pode justificar, se assim for? — disse *Mister* Spenlow parando de repente no tapete. — Reflectiu na sua idade e na de minha filha, senhor Copperfield? Sabe o que fez vindo destruir a confiança que devia existir entre minha filha e eu? Pensou na posição que minha filha ocupa na sociedade, nos projectos que eu terei formado para o futuro dela, nas intenções que em favor dela posso expressar no meu testamento? Pensou em tudo isso, senhor Copperfield?

— Muito pouco, senhor, receio bem — respondi num tom humilde e triste —, mas peço-lhe que acredite que nunca desconheci a minha própria posição na sociedade. Quando há dias lhe falei estávamos já comprometidos um com o outro.

— Rogo-lhe que não pronuncie essas palavras na minha presença, senhor Copperfield!

E, no meio do meu desespero, eu não pude deixar de notar que ele se assemelhava completamente a Polichinelo pela maneira como batia alternativamente as mãos uma na outra, com a maior energia.

A imóvel *miss* Murdstone fez ouvir um riso seco e desdenhoso.

— Quando lhe expliquei a mudança que sobreveio na minha situação, senhor — prossegui eu, querendo substituir as palavras que o tinham chocado — havia já, por culpa minha, um segredo entre *miss* Spenlow e eu. Desde que mudou a minha posição, lutei e fiz quanto possível para a melhorar; e estou certo de que hei-de vencer um dia. Quer dar-me tempo? Somos tão novos, ela e eu, senhor...

— Tem razão — disse *Mister* Spenlow abanando diversas vezes a cabeça e

carregando o sobrecenho —, são ambos muito novos! Tudo o mais são tolices e é preciso que acabem! Pegue nessas cartas e queime-as. Restitua-me as de *miss* Spenlow, para eu, também, por minha vez, as queimar. E, se bem que devamos limitar-nos a encontrar-nos, doravante, aqui ou no Tribunal, fica combinado que não falaremos mais do que se passou. Vamos, senhor Copperfield, o senhor não é falho de razão e bem há-de ver que é essa a única coisa razoável que tem a fazer.

Não, eu não podia estar de acordo. Lamentava muito, mas havia uma consideração que sobrepujava a minha razão. O amor passa por cima de tudo e eu amava Dora loucamente e Dora amava-me. Não o disse perfeitamente nestes termos, mas fi-lo compreender e estava bem resolvido a não transigir. Não me inquietava nada em saber se desempenhava nisso um papel ridículo, mas sei que estava bem resolvido.

— Muito bem, senhor Copperfield — disse *Mister* Spenlow —, eu usarei da minha influência junto de minha filha.

*Miss* Murdstone fez ouvir um som expressivo, uma larga aspiração que não era nem um suspiro nem um gemido, mas que participava de ambos, como para fazer sentir a *Mister* Spenlow que era por aí que deveria começar.

— Usarei da minha influência junto de minha filha — disse *Mister* Spenlow, afoitado por essa aprovação. — Recusa-se a aceitar estas cartas, senhor Copperfield?

Eu tinha pousado o pacote em cima da mesa.

Sim, recusei. Esperava que houvesse por bem desculpar-me, mas era-me impossível receber essas cartas da mão de *miss* Murdstone.

— Nem das minhas? — perguntou *Mister* Spenlow.

— Também não — respondi com o mais profundo respeito.

— Às mil maravilhas! — tornou *Mister* Spenlow.

Houve um momento de silêncio. Eu não sabia se devia ficar, se ir-me embora. Por fim, dirigi-me tranquilamente para a porta, com a intenção de lhe dizer que julgava corresponder aos seus sentimentos retirando-me. Ele deteve-me para me dizer num ar sério e quase devoto, enterrando as mãos nos bolsos do casaco:

— Provavelmente há-de saber, senhor Copperfield, que não sou absolutamente desprovido de bens e que minha filha é a mais querida e próxima parente?

Respondi-lhe com precipitação que esperava que, se um amor apaixonado me tinha feito cometer um erro, não me supusesse por isso uma alma ávida e mercenária.

— Não é disso que eu falo — disse *Mister* Spenlow. — Mais valeria por si e por nós todos, senhor Copperfield, que fosse um pouco mais mercenário, quero dizer: que fosse mais prudente e menos fácil de arrastar a essas loucuras da

mocidade; mas repito-lhe, debaixo de um outro ponto de vista, provavelmente há-de saber que tenho alguma fortuna que deixar à minha filha?

Respondi que sim.

— E o senhor não pode crer que em presença dos exemplos que aqui se vêem todos os dias, neste Tribunal, da estranha negligência dos homens em fazerem testamentos, porque é talvez o caso em que se encontram as mais estranhas revelações da volubilidade humana, não pode crer que eu não tenha já feito as minhas disposições?

Inclinei a cabeça em sinal de assentimento.

— Eu não admitirei — disse *Mister* Spenlow balouçando-se alternativamente na ponta dos pés ou sobre os calcanhares e abanando lentamente a cabeça como para dar mais peso às suas piedosas observações — eu não admitirei que as disposições que julguei dever tomar para a minha filha sejam em nada modificadas por uma loucura da mocidade; porque é uma verdadeira loucura; deixemo-nos de coisas, uma tolice. Dentro de algum tempo, tudo isso não pesará mais que uma pena. Mas seria possível, poderia ser... que, se essa tolice não fosse complemente abandonada, que eu me visse obrigado, num momento de ansiedade, a tomar as minhas precauções para anular as consequências de qualquer casamento imprudente. Espero, senhor Copperfield, que não me obrigará a tornar a abrir um quarto de hora que seja essa página fechada no livro da vida e a desarranjar, por um quarto de hora que seja, graves negócios regulados há muito tempo já.

Havia em toda a sua maneira uma serenidade, uma tranquilidade, uma calma que me emocionavam profundamente. Era tão pacífico e tão resignado depois de ter posto em ordem os seus negócios e pautado as suas últimas disposições como um papel de música, que se via bem que eu próprio não podia pensar nisso sem enternecimento. Creio mesmo em verdade ter visto subir do fundo da sua sensibilidade, a esse pensamento, algumas lágrimas involuntárias nos seus olhos.

Mas que fazer? Eu não podia faltar a Dora e ao meu próprio coração. Disse-me que me dava oito dias para reflectir. Podia eu responder que não queria reflectir durante oito dias? Mas também não devia crer que todas as semanas do mundo nada mudariam à violência do meu amor?

— Fará bem conversando do caso com *miss* Trotwood ou com qualquer outra pessoa que conheça a vida — disse-me *Mister* Spenlow endireitando a sua gravata. — Tem uma semana à sua disposição, senhor Copperfield.

Submeti-me e retirei-me, dando sempre à minha fisionomia a expressão de um abatimento desesperado que em nada podia mudar a minha inabalável constância. As sobrancelhas de *miss* Murdstone acompanharam-me até à porta; eu disse as suas sobrancelhas e não os seus olhos, porque aquelas ocupavam

muito mais lugar no seu rosto. Tinha exactamente a mesma cara que dantes, quando, na nossa saleta de Blunderstone, eu recitava as minhas lições na sua presença. Com um pouco de boa vontade eu acreditaria como recordação que o peso que me oprimia o coração, era ainda esse abominável alfabeto de outros tempos com as suas vinhetas ovais, que eu comparava na minha infância a vidros de lunetas.

Quando cheguei à repartição, ocultei o rosto nas mãos e aí, diante da minha escrivaninha, sentado no meu canto, sem distinguir nem o velho Tiffey, nem os meus outros camaradas, pus-me a reflectir no tremor de terra que se dera debaixo dos meus pés; e, na amargura da minha alma, eu amaldiçoava Jip e sentia-me tão inquieto por amor de Dora que pergunto ainda como não peguei no chapéu para me dirigir como um doido para Norwood. A ideia de que a atormentavam, de que a faziam chorar e que eu não estava lá para a consolar, tornara-se-me por tal forma odiosa que me pus a escrever uma carta insensata a *Mister* Spenlow, em que eu lhe pedia para não fazer pesar sobre ela as consequências do meu cruel destino. Suplicava-lhe que poupasse essa doce natureza, que não destruísse uma flor tão frágil. Em suma, se bem me lembra, eu falava-lhe como se, em vez dele ser o pai de Dora, fosse um monstro ou um papa-gente. Fechei-a e pu-la em cima da sua secretária antes que ele regressasse. Quando ele regressou, vi-o pela porta do seu gabinete, que estava entreaberta, pegar na minha carta e abri-la.

Não me falou em toda a manhã; mas à tarde, antes de sair, chamou-me e disse-me que eu não precisava de inquietar-me com a felicidade de sua filha. Tinha-lhe dito simplesmente que era uma tolice e não contava tornar a falar-lhe. Julgava-se um pai indulgente (e tinha razão); não tinha, pois, nenhuma precisão de me inquietar a tal respeito.

— Poderia obrigar-me, pela sua loucura ou pela sua obstinação, senhor Copperfield — acrescentou ele — a retirar por algum tempo minha filha de junto de mim; mas faço de si melhor opinião. Espero que dentro de alguns dias será mais razoável. Quanto a *miss* Murdstone, porque eu tinha falado dela na minha carta, respeito a vigilância dessa senhora e sou-lhe reconhecido; mas recomendei-lhe expressamente que evitasse esse assunto. A única coisa que eu desejo, senhor Copperfield, é que não se fale mais nisto. Tudo quanto tem a fazer é esquecê-la.

Tudo quanto eu tinha a fazer! Tudo! Num bilhete que eu escrevi a *miss* Mills, levantei esta palavra com amargura. Tudo quanto eu tinha a fazer, dizia eu com uma sombria decisão, era esquecer Dora! Era isso tudo! Parecia que não era nada! Supliquei a *miss* Mills que me permitisse vê-la nessa mesma noite. Se *miss* Mills não podia consentir, pedia-lhe que me recebesse às escondidas no aposento das traseiras aonde se fazia a barreia. Declarei-lhe que a minha razão vacilava

pela base e que só ela é que podia pô-la no seu estado normal. Acabava, no meu desvario, por lhe dizer ser dela por toda a vida, com a minha assinatura por baixo; e relendo a minha carta antes de a confiar a um portador, não pude eu mesmo deixar de lhe achar muita relação com o estilo de *Mister* Micawber.

Todavia mandei-lha. À tarde, dirigi-me para a rua de *miss* Mills e percorri-a em todos os sentidos até que a sua criada me veio advertir, às escondidas, de que a seguisse por um caminho desviado. Tive depois razões para crer que não havia nenhum motivo que me impedisse de entrar pela porta principal, nem mesmo ser recebido na sala de visitas, a não ser que *miss* Mills gostava tudo do que tinha seus ares de mistério.

Uma vez atrás da cozinha abandonei-me a todo o meu desespero. Se eu tivesse lá ido na intenção de me tornar ridículo, estou bem certo de me ter saído bem. *Miss* Mills tinha recebido de Dora um bilhete escrito à pressa, em que ela lhe dizia que tudo estava descoberto. E acrescentava: «Oh! Venha ver-me, Júlia, suplico-lhe!» Mas *miss* Mills não tinha ainda ido vê-la, com receio de que a sua visita não fosse do gosto das autoridades superiores; estávamos todos na situação de viajantes perdidos no deserto do Saara.

*Miss* Mills tinha uma prodigiosa volubilidade e comprazia-se nisso. Eu não podia deixar de sentir, enquanto ela misturava as suas lágrimas às minhas, que as nossas aflições eram para ela uma boa ocasião. Ela tratava-as com carinho, posso dizê-lo, para fazer uma despesa de bondade. Fazia-me notar «que um abismo imenso acabara de se abrir entre mim e Dora e que só o amor podia enchê-lo com o seu arco-íris. O amor era feito para sofrer neste mundo de misérias: fora sempre assim e sempre havia de ser. Não importa, prosseguia ela. Os corações não se deixam acorrentar muito tempo por essas teias de aranha: saberão bem quebrá-las e o amor será vingado».

Tudo isso não era muito consolador, mas *miss* Mills não queria animar esperanças falazes. Vim de lá bem mais desgraçado do que fora, o que não me impediu de lhe dizer (e o que é mais forte é que o pensava) que lhe consagrava um profundo reconhecimento e que bem via que ela era verdadeiramente nossa amiga. Ficou resolvido que no dia seguinte de manhã ela iria procurar Dora e que inventaria qualquer meio de a certificar, fosse por uma frase, fosse por um olhar, de toda a minha afeição e de todo o meu desespero. Separámo-nos sucumbidos de dor; como *miss* Murdstone devia estar satisfeita!

Ao chegar a casa de minha tia, confiei-lhe tudo; e, a despeito do que ela me pôde dizer, deitei-me desesperado. Levantei-me desesperado e saí desesperado.

Era um sábado de manhã, dirigi-me imediatamente à repartição. Fiquei surpreendido ao chegar ali e ao ver os empregados da caixa em frente da porta conversando uns com os outros; alguns transeuntes olhavam para as janelas, que

estavam todas fechadas. Estuguei o passo, e, surpreendido pelo que via, entrei a toda a pressa.

Os empregados estavam nos seus lugares, mas ninguém trabalhava. O velho Tiffey estava sentado, talvez pela primeira vez na sua vida, na cadeira de um dos seus colegas e não tinha sequer pendurado o chapéu.

— Que horrível desgraça, senhor Copperfield! — disse-me ele no momento em que eu entrava.

— O que foi? — perguntei. — O que é que foi?

— Então ainda não sabe? — gritou Tiffey e todos me rodearam.

— Não! — disse eu olhando para eles todos, um por um.

— *Mister* Spenlow... — disse Tiffey.

— Que lhe aconteceu?

— Está morto!

Julguei que a terra se me abria debaixo dos pés; cambaleei, um dos caixeiros sustentou-me nos braços. Sentaram-me, desapertaram-me a gravata e deram-me um copo de água. Não tenho ideia alguma do tempo que tudo isso durou.

— Morto? — repeti eu.

— Jantou ontem na cidade e foi ele quem guiou o seu *phaeton* — disse Tiffey. — Despediu o *groom*, mandando-o pela diligência, como fazia algumas vezes, sabe?

— Adiante!

— O *phaeton* chegou vazio. Os cavalos pararam à porta da cavalariça. Acorreu o palafreneiro com uma lanterna. Não havia ninguém dentro do carro.

— Foram os cavalos que se desbocaram?

— Não vinham suados — disse Tiffey pondo as lunetas — nem mais quentes, dizem, do que de costume quando regressavam. As rédeas estavam quebradas, mas evidentemente tinham vindo a arrastar. Toda a gente da casa se pôs em movimento: três criados percorreram logo a estrada por onde o *phaeton* viera. Encontraram-no a uma milha da casa.

— A mais de uma milha, senhor Tiffey — insinuou um empregado.

— Tem a certeza? Talvez tenha razão — disse Tiffey. — A mais de uma milha, não longe da igreja: estava estendido, o rosto contra a terra; uma parte do corpo estava estendido na estrada real e a outra parte na rua de árvores paralela. Ninguém sabe se teve um ataque que o fizesse cair do carro, ou se dele se apeou, por se sentir indisposto; não se sabe mesmo se ele estava já morto quando o encontraram; o que há de seguro é que estava perfeitamente insensível. Talvez ainda respirasse, mas não pronunciou uma única palavra. Procuraram-se logo médicos, mas tudo foi inútil.

Como descrever a minha situação de espírito ao saber esta notícia! Toda a

gente compreende bem a minha perturbação, ao ter notícia de um tal acontecimento, tão inesperado e cuja vítima era precisamente o homem com o qual eu acabava de ter uma discussão. Este vácuo tão repentino que ele deixava no seu gabinete, ainda ocupado na véspera, em que a sua cadeira e a sua mesa tinham a aparência de o esperar; essas linhas traçadas pela sua mão e deixadas sobre a sua secretária como os últimos vestígios do espectro desaparecido; a impossibilidade de o separar em nosso pensamento do lugar em que estávamos, a ponto de, quando a porta se abria, imaginar-se que ele ia entrar; o silêncio sombrio e a inacção do seu escritório; a insaciável avidez da nossa gente em falar dele e da gente de fora, que não fazia senão entrar e sair em todo o dia para conhecer alguns pormenores novos: — que espectáculo excruciante! Mas o que eu não poderia descrever, é como nos refolhos ocultos do meu coração eu sentia um secreto ciúme da própria morte; como eu o arguia de me relegar para o segundo plano nos pensamentos de Dora; como o génio injusto e tirânico que me possuía me tornava invejoso até do seu desgosto; como eu sofria com o pensamento de que outros poderiam consolá-la, de que ela chorava longe de mim; enfim, como eu estava dominado por um desejo avaro e egoísta de a separar do mundo inteiro, em meu proveito, para ser, eu só, todo para ela, nesse momento tão mal escolhido para não pensar senão em mim.

Na perturbação desta situação de espírito (espero não ser o único a tê-la sentido e que outros poderão compreendê-la), foi nessa mesma tarde a Norwood: soube por um criado que tinha chegado *miss* Mills; escrevi-lhe uma carta cujo endereço foi escrito por minha tia. Deplorava de todo o coração a morte tão súbita de *Mister* Spenlow e escrevendo derramei lágrimas. Supliquei-lhe que dissesse a Dora, se ela se encontrasse em estado de a ouvir, que ele me tinha tratado com uma bondade e uma benevolência infinitas e não tinha pronunciado o nome de sua filha senão com o maior carinho, sem sombra da menor censura. Sei bem que era ainda puro egoísmo da minha parte. Era um meio de fazer chegar o meu nome até ela; mas eu procurava capacitar-me de que era um acto de justiça para com a sua memória. E talvez o acreditasse.

Minha tia recebeu no dia seguinte algumas linhas em resposta; o endereço era para ela, mas a carta era para mim. Dora estava martirizada pela dor e, quando a sua amiga lhe perguntou se queria que me enviasse as suas ternuras, ela exclamara chorando, porque chorava sem interrupção: «Oh! Meu querido papá! Meu pobre papá!». Mas não tinha dito que não, o que me deu o maior prazer.

*Mister* Jorkins veio à repartição alguns dias depois: tinha ficado em Norwood desde o acontecimento. Tiffey e ele estiveram fechados juntos algum tempo, depois Tiffey abriu a porta e fez-me sinal de entrar.

— Oh! — disse *Mister* Jorkins — senhor Copperfield, nós vamos, o senhor

Tiffey e eu, examinar a secretária, as gavetas e todos os papéis do falecido, para pormos os selos nos papéis pessoais e procurarmos o testamento. Não encontrámos vestígio dele em parte alguma. Queira ter a bondade de nos ajudar.

Eu estava, desde o acontecimento, em transes mortais para saber em que situação se encontrava a minha Dora, qual seria o seu tutor, etc., etc. e a proposta de *Mister* Jorkins proporcionava-me ocasião de dissipar as minhas dúvidas. Pusemo-nos imediatamente à obra; *Mister* Jorkins abria as carteiras e as gavetas e delas tirávamos todos os papéis. Colocávamos a um lado todos os da repartição, ao outro todos os que eram pessoais do defunto e não eram numerosos. Tudo se passava com a maior gravidade; e quando encontrávamos um sinete ou uma lapiseira, ou um anel, ou outros muitos objectos de seu uso pessoal, baixávamos instintivamente a voz.

Tínhamos já selado vários pacotes e continuávamos no meio do silêncio e da poeira, quando *Mister* Jorkins me disse servindo-se exactamente dos termos em que o seu sócio *Mister* Spenlow, nos tinha dantes falado dele:

— *Mister* Spenlow não era homem para se deixar facilmente desviar das tradições e dos caminhos trilhados. O senhor conhecia-o. Pois bem! Tenho cá um palpite de que não tinha feito testamento.

— Oh, eu estou certo do contrário! — disse.

Ambos pararam para olhar para mim.

— No dia em que pela última vez o vi — prossegui — disse-me que fizera testamento e que tinha há muito posto em ordem os seus negócios.

*Mister* Jorkins e o velho Tiffey sacudiram a cabeça de comum acordo.

— Isso não indica nada de bom! — disse Tiffey.

— Nada de bom, em absoluto — disse Jorkins.

— Então não acredita? — tornei eu.

— Meu bom senhor Copperfield — disse-me Tiffey e pousou-me a mão no braço, sempre fechando os olhos e abanando a cabeça —, se estivesse há tanto tempo como eu neste cartório saberia que não há assunto sobre o qual os homens sejam tão imprevidentes e que menos se deva acreditar no que dizem.

— Mas acreditem que foram essas as próprias expressões dele! — repliquei com instância.

— Isso é que é decisivo — prosseguiu Tiffey. — A minha opinião então é... que não há testamento.

Isto pareceu-me a coisa mais extravagante do mundo, mas o facto é que não havia testamento. Os papéis não forneciam o menor indício de que ele tivesse querido jamais fazer algum; não se encontrou o menor projecto, nem o menor memorandum que anunciasse que jamais tivesse tal tenção. O que quase tanto me espantou, foi a desordem em que estavam os seus negócios. Não se podia

verificar nem o que devia, nem o que pagara, nem o que possuía. Era muito provável que, de há anos, ele não fizesse a menor ideia disso. Foi-se descobrindo pouco a pouco que, impulsado pelo desejo de brilhar entre os procuradores dos *Doctor's-Commons* tinha gasto mais que o que lhe rendia o cartório que não era uma coisa muito por aí fora e que tinha aberto uma importante brecha nos seus recursos pessoais que provavelmente nunca foram bastante consideráveis. Vendeu-se todo o mobiliário de Norwood; sobrealugou-se a casa e Tiffey disse-me, sem saber todo o interesse que eu tinha no assunto, que, uma vez pagas as dívidas do defunto e dedução feita da parte dos sócios no cartório, o remanescente não chegaria a mil libras esterlinas. Não soube tudo isto senão ao cabo de seis semanas. Eu tinha estado numa verdadeira tortura durante todo esse tempo e achava-me quase reduzido a acabar comigo, cada vez que *miss* Mills me dizia que a minha pobre Dorinha não respondia, quando se falava de mim senão exclamando: «Oh, meu pobre papá! Oh! Meu querido papá!» Disse-me também que Dora não tinha outros parentes senão duas tias irmãs de *Mister* Spenlow, solteiras e que viviam em Putney. Há muitos anos que elas não tinham senão raras comunicações com seu irmão. Nada tinha havido entre eles, até que *Mister* Spenlow tendo-as convidado somente para o chá, no dia do baptismo de Dora, em vez de as convidar para o jantar, para o qual se suponham com direito, elas lhe responderam por escrito que «no interesse de ambas as partes, julgavam dever ficar em casa». Desde esse dia irmão e irmãs tinham vivido cada qual para seu lado.

Estas duas senhoras saíram do seu retiro para virem propor a Dora que fosse viver com elas em Putney. Dora abraçou-as, chorando e sorrindo: «Oh, sim, queridas titis, peço-lhes que me levem para Putney com Júlia Mills e Jip». Regressaram, pois, todas juntas, pouco tempo depois do enterro.

Não sei como arranjei tempo de ir vaguear para os lados de Putney, mas o facto é que, fosse como fosse, dei comigo muitas vezes por aquelas vizinhanças. *Miss* Mills, para melhor desempenhar todos os deveres da amizade, escriturava um diário do que se ia passando; ia muitas vezes ter comigo, ao campo, para mo ler ou emprestar, quando não tinha tempo de mo ler. Com que felicidade eu percorria os diversos artigos desse registo conscienciosо, de que passo a dar uma amostra!

*Segunda-feira.* — A minha querida Dora está sempre muito abatida. — Violenta dor de cabeça. — Chamo a sua atenção para a beleza do pêlo de Jip. D. afaga J. — Associação de ideias que abrem os diques da dor. — Torrente de lágrimas. — (Não são as lágrimas o orvalho do coração? *J. M).*

*Terça-feira.* — Dora fraca e agitada. — Formosa na sua palidez. — (Idêntico reparo a fazer à lua. *J. M).* — D., J. M. e J. saem de trem. J. leva o focinho de fora da portinhola, ladra violentamente

contra um varredor. — Um ligeiro sorriso aparece nos lábios de D. — (Bem frágeis são os elos da cadeia da vida! *J. M).*

*Quarta-feira.* — D. alegre em compensação dos dias precedentes. — Cantei-lhe uma melodia emocionante, *Os sinos da tarde,* que não a acalmou, antes pelo contrário. — D. emocionada ao último ponto. — Encontrei-a mais tarde a chorar no quarto; recitei-lhe versos em que a comparava a uma jovem gazela. — Resultado medíocre. — Alude à imagem da paciência sobre um túmulo. — (Pergunto: Porquê sobre um túmulo? *J. M).*

*Quinta-feira.* — D. melhor com certeza. — Melhor noite. — Faces levemente rosadas. — Decidi-me a pronunciar o nome de D. C. — Este nome é ainda insinuado com precaução, durante o passeio. — D. imediatamente transtornada: «Oh! Querida, querida Júlia! Oh! Eu fui uma filha desobediente!». — Tranquilizo-a com as minhas carícias. — Faço um quadro ideal de D. C. às portas do túmulo. — D. de novo transtornada: «Oh! Que fazer? Que fazer? Leve-me para qualquer parte!». — Grande alarme! — Desmaio de D. — Copo de água levado de um café. — (Semelhança poética. Uma tabuleta variegada sobre a porta de um café. A vida humana também é variegada. Ai de mim! *J. M.).*

*Sexta-feira.* — Dia cheio de acontecimentos. — Apresenta-se na cozinha um homem portador de um saco azul: pede as botas que uma dama deixou para que lhas concertem. A cozinheira responde que não recebeu ordens. O homem insiste. A cozinheira retira-se para perguntar o que isto é; deixa o homem só com Jip. Quando volta, o homem insiste ainda, depois retira-se. J. desapareceu; D. fica desesperada. Avisa-se a polícia. O homem é de nariz grande e de pernas cambaias, como os arcos de uma ponte. Procuram-no em todas as direcções. Nem sombra de J. — D. chora amargamente; está inconsolável. — Nova alusão a uma jovem gazela, a propósito, mas sem efeito. — Pela tarde apresenta-se um rapazote desconhecido. Mandam-no entrar para a sala. Tem nariz grande, mas não pernas cambaias. Pede um guinéu por um cão que encontrou. Recusa explicar-se mais claramente. D. dá-lhe o guinéu; ele conduz a cozinheira até junto de uma casinhota, aonde ela encontra J. preso a um pé da mesa. — Alegria de D., que dança em roda de J., enquanto ele está a cear. — Animada por esta feliz mudança, falo de D. C. quando estamos no primeiro andar. D. põe-se a soluçar: «Oh! Não, não! É tão mau pensar noutra coisa que não seja o meu papá!». Beija J. e adormece a chorar. — (D. C. não deverá confiar-se às vastas asas do tempo? *J. M).*

*Miss* Mills e o seu jornal eram então a minha única consolação. Não tinha eu outro recurso no meu desgosto senão vê-la, a ela que acabava de deixar Dora, de encontrar a letra inicial do nome de Dora, em cada linha dessas páginas cheias de simpatias e com isso aumentar ainda a minha dor. Parecia-me que até então tinha vivido num castelo de cartas que acabava de esbarrondar-se, deixando-nos, a *miss* Mills e a mim, no meio das ruínas! Parecia-me que um horrendo feiticeiro tinha rodeado a divindade do meu coração com um círculo mágico, que só poderiam ajudar-me a ultrapassá-lo as asas do tempo, essas asas que tão longe transportam tantas criaturas humanas.

## Capítulo XXXIX — Wickfield & Heep

Começando minha tia, suponho, a inquietar-se seriamente com o meu prolongado abatimento, lembrou-se de me mandar a Dover, com o pretexto de ver se tudo passava bem na sua casa da praia que ela alugara e com o fim de renovar o arrendamento com o actual inquilino. Joaninha tinha entrado para o serviço de *Mistress* Strong, aonde eu a via todos os dias. Ficara ela indecisa ao sair de Dover, se devia confirmar ou renegar, de uma vez para sempre, essa renúncia desdenhosa para com o sexo masculino, que fazia o fundo da sua educação. Tratava-se para ela de casar com um piloto. Mas, palavra! ela não quis arriscar-se, menos pela honra do princípio em si, suponho, do que porque o piloto não era do seu agrado.

Se bem que me custasse a deixar *miss* Mills, entrei muito de boa vontade nas intenções de minha tia; isso permitia-me passar algumas horas tranquilas junto de Inês. Consultei o bom doutor para saber se me podia dar uma licença de três dias; aconselhou-me a que gozasse de mais, mas eu trabalhava com muito gosto no dicionário para desejar uma licença maior. Enfim decidi-me a partir.

Quanto ao meu lugar dos *Doctor's-Commons*, não tinha grande razão de me inquietar com o que podia ali ter que fazer. Para falar verdade, não estávamos em cheiro de santidade entre os procuradores de primeira categoria e tínhamos mesmo caído numa posição equívoca. Os negócios não tinham sido brilhantes no tempo de *Mister* Jorkins, antes de *Mister* Spenlow e se bem que se tivessem animado mais depois que este sócio renovou, com uma infusão de sangue novo, a velha rotina do escritório e que lhe deu algum brilho pelo modo de existência que levava, todavia não tinha bases bastante sólidas para que a morte repentina do seu principal director não viesse abalá-lo. Os negócios diminuíram sensivelmente. *Mister* Jorkins, a despeito da reputação que tinha entre nós, era um homem fraco e incapaz e a sua reputação fora do escritório não era de molde a levantar-lhe o crédito. O meu lugar era ao pé dele, depois da morte de *Mister* Spenlow e de todas as vezes que eu o via tomar a sua pitada de rapé e parar com o trabalho, chorava mais que nunca às mil libras esterlinas de minha tia.

Não era esse ainda o maior mal. Havia nos *Doctor's-Commons* uma turba de ociosos e de corretores sem encarte, que, sem serem procuradores, açambarcavam, todavia, uma parte dos negócios, para os mandarem executar em seguida por verdadeiros procuradores dispostos a prestarem os seus nomes em troca de um quinhão no regabofe. Como precisávamos de trabalho por todo o preço, associamo-nos também a essa nobre corporação de zangãos e procuramos

atrair os mandriões e os sem encarte. O que sobretudo pedíamos, porque isso nos rendia mais que o resto, eram autorizações de casamento ou autos probatórios de validação de testamentos, mas todos os queriam para eles e a conveniência era tamanha, que se punham de plantão, à embocadura de todas as ruas e caminhos que iam dar aos *Commons,* verdadeiros piratas e corsários encarregados de levarem até aos seus respectivos cartórios toda a gente de preto ou quaisquer pessoas novas que aparecessem com ar desassossegado. Estas instruções eram tão fielmente executadas, que me sucedeu por duas vezes, antes de ser bem conhecido, ser eu próprio agarrado para o escritório do nosso mais temível rival. Sendo os interesses contrários destes recrutadores de um novo género, de natureza a pôr em jogo a sua sensibilidade, isso acabava muitas vezes por combates corpo a corpo e o nosso principal agente, que tinha começado por negócio de vinhos a retalho, antes de passar ao cambalacho judiciário, deu mesmo ao Tribunal o escandaloso espectáculo, durante alguns dias, de andar de olhos pisados e inchados por efeito de pancadaria. Estes virtuosos personagens não tinham o menor escrúpulo, quando ofereciam a mão, para se apear, a alguma velha dama, em lhe dizerem que tinha morrido o procurador por quem ela perguntava, representando o seu patrão como o legítimo sucessor do defunto e de lhe trazerem em triunfo a velha dama, muitas vezes ainda bastante emocionada com a triste notícia que acabara de receber. Foi assim que a mim próprio me trouxeram bastantes prisioneiros. Quanto às autorizações de casamento, a concorrência era tão formidável, que um pobre diabo tímido, que viesse com esse fim caminhando do nosso lado, nada de melhor tinha a fazer do que abandonar-se ao primeiro agente que acabava de o apanhar de improviso, se não queria tornar-se motivo de guerra e presa do vencedor. Um dos nossos caixeiros, empregado nesta especialidade, nunca largava o chapéu quando se sentava, a fim de estar sempre pronto a lançar-se sobre as vítimas que no horizonte lobrigava. Este sistema de perseguição está ainda em vigor, segundo me parece. A última vez que estive nos *Commons,* um homem muito cortês, de avental branco, saltou de repente em cima de mim, murmurando aos meus ouvidos as palavras sacramentais «Uma autorização de casamento?», e foi com grande custo que eu o impedi de me levar à força até um escritório de procurador.

Mas, depois desta digressão, passemos a Dover. Encontrei tudo num estado muito satisfatório e pude lisonjear as paixões de minha tia contando-lhe que o seu inquilino herdara as suas antipatias e fazia uma guerra encarniçada aos burros. Passei uma noite em Dover para terminar alguns pequenos negócios e depois fui no dia seguinte, de manhã cedo, a Canterbury. Estávamos no Inverno; o tempo fresco e o vento picante reanimaram um pouco os meus sentidos.

Vagueei lentamente no meio das ruas antigas de Canterbury com um prazer

tranquilo que me aliviou o coração. Tornava a ver as tabuletas, os nomes, as caras que dantes tinha conhecido. Parecia-me que havia tanto tempo que eu tinha estado no colégio dessa cidade, que não poderia compreender que tivesse sofrido tão poucas mudanças, se eu não pensasse que eu próprio tinha mudado muito pouco. O que é estranho é que a influência doce e pacífica que em mim exercia o pensamento de Inês, parecia espalhar-se sobre o próprio lugar que ela habitava. Encontrava em todas as coisas um ar de serenidade, uma aparência tranquila e pensativa nas torres da veneranda catedral como nos velhos corvos cujos gritos lúgubres pareciam dar a esses edifícios antigos qualquer coisa de mais solitário do que não o poderia fazer um silêncio absoluto; nas portas em ruínas, outrora ornamentadas de estátuas, hoje derruídas e reduzidas a pó com os peregrinos respeitosos que lhes prestaram homenagem, como nos nichos silenciosos em que a erva centenária rastejava até ao telhado pelas paredes que pendem sobre as velhas casas, como na paisagem campestre; no pomar como no jardim; tudo parecia trazer em si, como Inês, o espírito de tranquilidade inocente, bálsamo soberano de uma alma agitada.

Chegado à porta de *Mister* Wickfield, encontrei *Mister* Micawber, que fazia correr a pena com a maior actividade, na saleta do rés-do-chão, aonde antigamente estava Uriah Heep. Estava *todo vestido de preto* e a sua pessoa maciça enchia, por completo, a pequena carteira em que trabalhava.

*Mister* Micawber pareceu a um tempo encantado e um pouco embaraçado por me ver. Queria levar-me imediatamente junto de Uriah, mas eu recusei.

— Conheço esta casa de velha data — disse-lhe eu — sei bem o caminho. E então, *Mister* Micawber, que me diz ao direito?

— Meu caro Copperfield — respondeu-me ele — para um homem dotado de uma imaginação transcendente, os estudos de direito têm um lado mau, afogam-no em minudências. Mesmo na nossa correspondência de processos — disse *Mister* Micawber deitando os olhos sobre as cartas que escrevia — o espírito não está livre de tomar um voo de expressão sublime que possa satisfazê-lo. Apesar disso, é um grande trabalho! Um grande trabalho!

Disse-me em seguida que morava na velha casa de Uriah Heep e que *Mistress* Micawber ficaria encantada de me receber mais uma vez sob o seu tecto.

— É uma morada humilde — disse *Mister* Micawber — para me servir de uma expressão favorita do meu amigo Heep; mas pode ser que nos sirva de degrau para nos elevar a disposições domiciliárias mais ambiciosas.

Perguntei-lhe se estava satisfeito da maneira como o tratava o seu amigo Heep. Começou por assegurar-se se a porta estava bem fechada, depois respondeu-me em voz baixa:

— Meu caro Copperfield, quando se está sob o peso de embaraços

pecuniários, está-se, perante a maior parte das pessoas, numa posição muito fastidiosa, e o que não melhora essa situação é quando esses embaraços pecuniários obrigam a pedir os emolumentos antes do prazo legal. Tudo quanto posso dizer-lhe, é que o meu amigo Heep respondeu a apelos a que não quero fazer a mais ampla alusão, de um modo que faz igualmente honra quer à sua cabeça, quer ao seu coração.

— Não o supunha tão pródigo do seu dinheiro! — notei eu.

— Perdoe-me! — disse *Mister* Micawber com ar constrangido —, falo por experiência.

— Estou encantado de que a experiência tão bons resultados lhe tenha dado — respondi eu.

— O senhor é muito bondoso, meu caro Copperfield — disse *Mister* Micawber e pôs-se a trautear uma ária.

— Vê muitas vezes *Mister* Wickfield? — perguntei para mudar de assunto.

— Poucas vezes — disse *Mister* Micawber com um ar desprezador. — *Mister* Wickfield está por certo cheio das melhores intenções, mas... mas... Em resumo, não é bom para nada.

— Tenho receio de que o seu sócio faça tudo quanto é preciso para isso.

— Meu caro Copperfield! — replicou *Mister* Micawber depois de várias evoluções que executara no seu escabelo com ar enleado. — Permita-me que lhe faça uma observação. Acho-me aqui numa situação de intimidade; ocupo um cargo de confiança; as minhas funções não poderiam permitir-me discutir certos assuntos, nem mesmo cora *Mistress* Micawber (ela que por tanto tempo tem sido a companheira das vicissitudes da minha vida e que é uma mulher de uma lucidez de inteligência notável). Tomarei, pois, a liberdade de lhe observar que, nas nossas relações amigáveis que nunca serão perturbadas, espero, desejo estabelecer dois quinhões. De um lado — disse *Mister* Micawber traçando uma linha sobre a sua carteira — colocaremos tudo o que pode atingir a inteligência humana, com uma única e pequena excepção; do outro, encontrar-se-á essa única excepção, isto é, os negócios de *Mister's* Wickfield & Heep e tudo quanto lhes diga respeito. Confio que não ofendo o companheiro da minha mocidade, fazendo ao seu juízo esclarecido e discreto semelhante proposta.

Eu via bem que *Mister* Micawber tinha mudado de maneiras; parecia que os seus novos deveres lhe impusessem um acanhamento penoso, mas todavia eu não tinha o direito de me sentir ofendido. Pareceu aliviado com isso e estendeu-me a mão.

— Estou encantado com *miss* Wickfield, Copperfield, juro-lhe — disse *Mister* Micawber. — É uma encantadora menina, cheia de encantos, de graça e de virtude. Pela minha honra — disse *Mister* Micawber fazendo o cumprimento

mais galante como para enviar um beijo — presto homenagem a *miss* Wickfield. Hum!

— Estou encantado — disse-lhe.

— Se não me tivesse certificado, meu caro Copperfield, no dia em que tivemos o prazer de passar a manhã consigo que o D era a sua letra predilecta, eu estava convencido de que era o *A* que o senhor preferia.

Momentos há, todo o mundo passa por isso, em que o que dizemos, o que fazemos, cremos tê-lo já dito, tê-lo já feito numa época afastada, há muito, muitíssimo tempo; em que nos recordámos que fomos, há séculos, rodeados pelas mesmas pessoas, pelos mesmos objectos, pelos mesmos incidentes; em que perfeitamente sabemos com antecipação o que se nos vai dizer depois, como se nos recordássemos disso de repente! Nunca experimentei tão vivamente esse sentimento misterioso, como antes de ouvir estas palavras da boca de *Mister* Micawber.

Despedi-me dele pouco depois, rogando-lhe que transmitisse todas as minhas saudades à sua família. Ele retomou o seu lugar e a sua pena, esfregou a testa como para recomeçar o seu trabalho; eu bem notava que havia nas suas novas funções qualquer coisa que nos impediria de ser doravante tão íntimos como dantes.

Não havia vivalma na velha sala de visitas, mas *Mistress* Heep lá tinha deixado os vestígios da sua passagem. Abri a porta do quarto de Inês: ela estava sentada junto ao fogão e escrevia na sua secretária de madeira de talha.

Ergueu a cabeça para ver quem acabava de entrar. Que prazer o meu quando observei o ar alegre que tomou à minha vista esse rosto reflectido e a bondade e afecto com que era recebido!

— Ah, Inês! — disse-lhe eu quando nos sentávamos ao lado um do outro —, tem-me feito bastante falta há certo tempo!

— Deveras? — respondeu ela. — Não há todavia muito tempo que estivemos juntos.

Eu abanei a cabeça.

— Não sei como isto é, Inês; mas falta-me evidentemente qualquer faculdade que desejaria possuir. Habituou-me por tal forma a deixar-se pensar por mim nos belos tempos passados; eu vinha tão naturalmente inspirar-me nos seus conselhos e procurar a sua ajuda, que receio ter perdido deveras o uso de uma faculdade de que eu não tinha necessidade junto de si.

— Mas então que vem isso a ser? — disse alegremente Inês.

— Não sei que nome lhe darei — respondi — creio que sou sério e perseverante!

— Disso estou eu certa — disse Inês.

— É paciente, Inês? — prossegui com um pouco de hesitação.

— Sim — disse ela rindo — bastante paciente!

— E todavia — disse — sinto-me algumas vezes tão desgraçado e tão agitado, sinto-me tão irresoluto e tão incapaz de tomar uma resolução, que efectivamente me falta, como, pois, dizer?... que me falta um ponto de apoio!

— Concordo — disse Inês.

— Olhe! — repliquei. — Verá pelos seus próprios olhos. Venha a Londres, deixar-me-ei guiar por si; no mesmo instante encontrarei um fim e uma direcção. Esse fim escapa-me, chego aqui e dentro de pouco sou outro homem. Não mudaram as circunstâncias que me afligiam, desde que entrei neste aposento; mas, nesse curto espaço de tempo, tenho sofrido uma influência que me transforma, que me torna melhor! Isto que vem a ser, Inês, qual é o seu segredo?

Ela tinha a cabeça inclinada e os olhos fixos no fogo.

— É sempre a minha velha história — disse-lhe eu. — Não se ria, se eu lhe disser que é agora para as grandes coisas, como antigamente para as pequenas. Os meus desgostos de outrora eram criancices, hoje são sérios; mas todas as vezes que eu deixei a minha irmã adoptiva...

Inês ergueu a cabeça (que rosto celestial!) e estendeu-me a mão que eu beijei.

— Todas as vezes, Inês, que não tem estado junto de mim para me aconselhar e me dar, no princípio, a sua aprovação, eu perco-me, embrenho-me num horror de dificuldades. Quando vim visitá-la, por fim (como faço sempre), encontrei de passo a paz e a felicidade. Ainda hoje, eis-me regressado a casa, pobre viageiro fatigado e não se lhe afigura a suavidade do descanso que eu experimento junto de si.

Eu sentia tão profundamente o que dizia e estava tão verdadeiramente emocionado, que a voz faltou-me; escondi a cabeça entre as mãos e pus-me a chorar. Aqui só escrevo a verdade exacta! Eu não pensava nem nas contradições nem nas consequências que se encontravam no meu coração, como no da maior parte dos homens; eu não dizia de mim para mim que poderia fazer muito diversamente e melhor do que até então tinha feito, nem que fizera muito mal em fechar voluntariamente o ouvido ao grito da minha consciência; não, tudo o que eu sabia, é que andava de boa fé, quando lhe dizia com tanto fervor que junto dela encontrava repouso e paz.

Ela acalmou num instante este lance de sensibilidade, com a expressão da sua doce e fraterna afeição, com os seus olhos radiantes, com a sua voz cheia de ternura; e, com essa tranquilidade encantadora que me tinha feito olhar a sua habitação como um lugar abençoado, levantou-me o ânimo e levou-me naturalmente a contar-lhe tudo quanto se tinha passado desde a nossa última entrevista.

— E não tenho nada mais a dizer-lhe, Inês — acrescentei, quando terminou a minha confidência — a não ser que conto agora inteiramente consigo.

— Mas não é comigo que é preciso contar, Trotwood — prosseguiu Inês com um doce sorriso —, é com outra.

— Com Dora? — perguntei.

— Com certeza.

— Mas, Inês, não lhe disse eu — respondi com algum embaraço — que é difícil, não direi contar com Dora, porque ela é a rectidão e a firmeza em pessoa, mas enfim que é difícil não sei como exprimir-me, Inês... Ela é tímida, perturba-se e assusta-se facilmente. Algum tempo antes da morte de seu pai, julguei dever falar-lhe... Mas se tiver paciência para me escutar, contar-lhe-ei tudo...

Em consequência disso, contei a Inês o que tinha dito a Dora acerca da minha pobreza, do manual do cozinheiro, do livro das contas, etc., etc., etc.

— Oh! Trotwood! — prosseguiu ela com um sorriso. — O senhor há-de ser sempre o mesmo. Razão tinha de querer procurar livrar-se de apuros neste mundo; mas escusava de proceder assim bruscamente com uma menina tímida, amorosa e sem experiência! Pobre Dora!

Nunca voz humana pôde falar com mais bondade e doçura que a sua, dando-me esta resposta. Parecia-me que a via abraçar amorosamente Dora e beijá-la ternamente; parecia-me que me censurava tacitamente, com a sua generosa protecção, de me ter apressado demasiadamente a perturbar esse coraçãozinho; parecia-me que estava vendo Dora, com toda a sua graça ingénua, acariciar Inês, agradecer-lhe e apelar docemente para a sua justiça para a tornar uma auxiliar contra mim, sem cessar de me amar com toda a força da sua inocência infantil.

Como eu estava reconhecido a Inês, como eu a admirava! Via-as a ambas, numa encantadora perspectiva, intimamente unidas, mais admiráveis ainda, por causa dessa união, uma e outra.

— Que devo fazer agora, Inês? — perguntei-lhe depois de ter contemplado o fogo. — Que me aconselha que faça!

— Creio — disse Inês — que o caminho honroso a seguir é escrever a essas duas senhoras. Não lhe parece que seria indigno de si andar com segredinhos?

— Certamente, já que assim lhe parece? — disse-lhe.

— Eu sou mau juiz nestas matérias — respondeu Inês com uma modesta hesitação —, mas parece-me... numa palavra, acho que não seria mostrar-se digno de si próprio recorrer a meios clandestinos.

— A Inês forma muito boa opinião de mim, creio bem!

— Não seria digno da sua franqueza habitual — replicou ela. — Eu escreveria a essas duas senhoras; contar-lhes-ia tão simplesmente e tão francamente quanto possível, tudo o que se passou e pedir-lhes-ia licença para ir algumas vezes a

casa delas. Como o senhor é novo e ainda não tem posição, creio que faria bem dizer que se submete de boa vontade a todas as condições que quiserem impor-lhe. Rogar-lhes-ia com instância que não repelissem o meu pedido, sem darem parte a Dora e discutirem com ela, se o julgassem conveniente. Eu não seria nem muito ardente — disse Inês suavemente — nem muito exigente; teria fé na minha fidelidade, na minha perseverança e em Dora!

— Mas se Dora se assustar quando lhe falarem nisso, se ela desatar ainda em cima a chorar, sem querer dizer nada a meu respeito?

— Mas isso pode dar-se? — perguntou Inês com o mais afectuoso interesse.

— Palavra que eu não juraria! Ela toma medo e assusta-se como um passarinho. E se as senhoras Spenlow não acharem conveniente que eu me dirija a elas? (isto de senhoras de idade são às vezes tão esquisitas)...

— Não creio, Trotwood — disse Inês erguendo suavemente os olhos para mim — que seja preciso preocupar-se a gente muito com isso. Mais vale, segundo me parece, perguntar simplesmente se é bom fazê-lo, e, se é bom, não hesitar.

Não hesitei por mais tempo. Sentia o coração mais leve, conquanto muito compenetrado da imensa importância da minha tarefa e prometi comigo mesmo empregar toda a minha tarde em escrever a minha carta. Inês abandonou-me a sua secretária, para fazer o meu borrão. Mas eu comecei primeiro por descer, a fim de ver *Mister* Wickfield e Uriah Heep.

Encontrei o Uriah instalado num novo gabinete, que exalava um cheiro a cal ainda fresca e que fora construído no jardim. Nunca figurou catadura mais abjecta no meio de uma massa igual de livros e de papelada. Recebeu-me com o servilismo do costume, fingindo que não tinha sabido da minha chegada, por *Mister* Micawber, coisa que eu não acreditei. Levou-me ao gabinete de *Mister* Wickfield, ou antes à sombra do seu antigo gabinete, porque o haviam despojado de uma porção de comodidades em proveito do novo sócio. *Mister* Wickfield e eu trocámos as nossas saudações mútuas, enquanto que Uriah se conservava de pé diante do fogo, esfregando o queixo com a sua mão ossuda.

— O Trotwood vai ficar cá em casa todo o tempo que conta passar em Canterbury, não é assim? — disse *Mister* Wickfield, não sem deitar a Uriah um olhar que parecia pedir a sua aprovação.

— Tem lugar para mim? — perguntei.

— Estou pronto, mestre Copperfield, eu deveria dizer senhor, mas é uma palavra de camaradagem que me vem naturalmente à boca — disse Uriah —; estou pronto a ceder-lhe o seu antigo quarto, se isso lhe pode ser agradável.

— Não, não — disse *Mister* Wickfield — para que se há-de incomodar? Há outro quarto; há outro quarto.

— Oh! Mas — prosseguiu Uriah, fazendo uma careta bastante feia — eu ficaria contentíssimo!

Para terminar, eu declarei que ou aceitaria o outro quarto ou iria hospedar-me noutra parte; decidiu-se pois pelo outro quarto; em seguida despedi-me dos dois sócios e subi.

Esperava não encontrar lá em cima outra companhia senão Inês, mas *Mistress* Heep tinha pedido licença para ir instalar-se junto do fogão, ela e a sua meia, sob o pretexto de que o quarto de Inês estava melhor exposto. Na sala de visitas, ou na sala de jantar, ela sofria cruelmente dos seus reumatismos. Tê-la-ia exposto bem de boa vontade e sem o menor remorso, a toda a fúria do vento no campanário da catedral, mas era preciso fazer das tripas coração e dei-lhe os bons dias num tom amigável.

— Agradeço-lhe muito humildemente, senhor — disse *Mistress* Heep, quando eu lhe pedi notícias da sua saúde —; vou indo, vou indo. Não há que gabar. Se eu pudesse ver o meu Uriah bem casado, não pediria mais nada, asseguro-lhe! Como é que achou o meu Uriahzinho, senhor?

Eu tinha-o achado tão horrendo como de ordinário; respondi que não me pareceu mudado.

—Ah! Não o acha mudado? — disse *Mistress* Heep. — Peço-lhe humildemente licença de não ser da sua opinião. Não o acha magro?

— Acho-o regular — respondi.

— Deveras? — disse *Mistress* Heep. — É que o senhor não o vê com os olhos de uma mãe.

O olhar de uma mãe pareceu-me de um mau-olhado para o resto da espécie humana, quando ela o dirigiu sobre mim, por mais terno que ele pudesse ser e creio que ela e o filho pertenciam-se exclusivamente um ao outro. O olhar de *Mistress* Heep passou de mim para Inês.

— E a menina, *miss* Wickfield, não acha que ele está muito mudado? — perguntou *Mistress* Heep.

— Não — disse Inês continuando sempre tranquilamente a trabalhar. — A senhora inquieta-se de mais; ele passa muito bem.

*Mistress* Heep aspirou pelo nariz com toda a força e pôs-se a fazer meia.

Não nos deixou um instante nem a nós, nem à sua meia. Ia-se para o meio-dia e tínhamos muitas horas diante de nós antes da do jantar, mas ela não se mexia, as suas agulhas agitavam-se com a monotonia de uma ampulheta que se vai esvaziando. Estava sentada a um canto do fogão; eu estava abancado à secretária em frente do lume; Inês estava do outro lado, não longe de mim. Todas as vezes que eu erguia os olhos, enquanto compunha lentamente a minha epístola, via diante de mim o pensativo rosto de Inês, que me inspirava coragem, com a sua

doce e angélica expressão; mas sentia ao mesmo tempo o mau olhado que a velha me deitava, para se dirigir da meia sobre Inês e voltar outra vez a mim, para recair enfim na meia que estava fazendo. Eu não sou muito versado na arte de fazer meia, para poder dizer o que ela fabricava, mas, para ali sentada, ao pé do lume, fazendo mover as compridas agulhas, *Mistress* Heep assemelhava-se a uma fada má, momentaneamente retida nos seus maus desígnios pelo anjo sentado em frente dela, mas prestes a aproveitar-se de um bom momento para enlaçar a sua presa, nos seus odiosos laços.

Durante o jantar, continuou a vigiar-nos com o mesmo olhar. Depois do jantar, seu filho substituiu-a e quando ficámos sós à sobremesa, *Mister* Wickfield, ele e eu, ele pôs-se a observar-me de soslaio, entregando-se todo às mais odiosas contorções. Na sala de visitas tornámos a encontrar a mãe, fiel à sua meia e à sua vigilância. Enquanto Inês cantou e fez música, a mãe instalou-se à ilharga do piano. Uma vez pediu a Inês para cantar uma balada de que o seu Uriah gostava perdidamente (durante esse tempo, o sobredito Uriah bocejava na poltrona); depois ela fitava-o e contava a Inês que ele estava entusiasmado. Ela quase que não abria a boca que não fosse para pronunciar o nome do filho. Tornou-se evidente para mim que eram instruções que lhe tinham sido dadas.

Durou isso até à hora de nos deitarmos. Eu sentia-me tão indisposto à força de ter visto mãe e filho escurecerem essa vivenda com a sua atroz presença, como dois grandes morcegos pairando sobre aquela casa, que preferiria ficar a pé toda a noite, com a meia e o resto, do que ir-me deitar. Mal pude cerrar os olhos. No dia seguinte, nova repetição da meia e da vigilância, que durou todo o dia.

Não pude arranjar dez minutos para falar a Inês, mal tive ocasião de lhe mostrar a minha carta. Propus-lhe que saísse comigo, mas *Mistress* Heep repetiu tantas vezes que estava incomodada, que Inês teve a caridade de se deixar ficar para lhe fazer companhia. Perto da noite, saí só, para reflectir no que devia fazer, embaraçado por saber se me era permitido calar por mais tempo a Inês o que Uriah Heep me tinha dito em Londres; porque isso começava a inquietar-me extremamente.

Ainda eu não tinha saído da cidade, do lado da estrada de Ramsgate por onde era magnífico passear-se, quando ouvi chamar por mim, na escuridão, alguém que me vinha na peugada. Era impossível equivocar-se a gente com esse casacão no fio, com esse andar desengonçado; parei para esperar por Uriah Heep.

— Que há? — perguntei.

— Como o senhor caminha depressa! — disse ele. — Eu tenho as pernas bastante compridas, mas o senhor tem-nas lindamente exercitadas!

— Aonde é que vai?

— Vou consigo, mestre Copperfield, se consentir que o acompanhe um velho

camarada.

E dizendo isto, com um movimento irregular que podia ser tomado por uma zumbaia ou por uma mangação, pôs-se a caminhar à minha ilharga.

— Uriah! — disse-lhe eu tão delicadamente quanto pude, após um momento de silêncio.

— Mestre Copperfield! — respondeu Uriah.

— Para lhe falar franco (não se ofenda), se saí só foi porque já estava um pouco maçado de ter estado acompanhado de mais.

Olhou-me de revés e disse-me com uma horrível careta:

— É de minha mãe que quer falar?

— Nem mais.

— Ah! Com a fortuna! Como sabe, somos muito humildes — prosseguiu ele — e conhecendo, como nós conhecemos, a nossa humilde condição, somos obrigados a vigiar que aqueles que não são humildes como nós não nos ponham o pé em cima. Em amor, meu caro senhor, todos os estratagemas são de boa guerra.

E esfregando docemente o queixo com as duas manápulas fez ouvir um surdo grunhido. Eu nunca tinha visto criatura humana que se parecesse tanto com um bugio mandril.

— É que o senhor, sabe — disse ele, continuando sempre a afagar assim a cara e abanando a cabeça —, é um perigoso rival, mestre Copperfield, e sempre o tem sido, convenha!

— O quê! É por minha causa que o senhor exerce essa vigilância em volta de *miss* Wickfield e que lhe tira toda a liberdade na própria casa que é dela? — disse eu.

— Oh! Mestre Copperfield! Que palavras tão duras — replicou ele.

— Pode tomar as minhas palavras no sentido que lhe parecer; mas sabe tão bem como eu o que eu quero dizer-lhe, Uriah.

— Oh! Não! É preciso que mo explique — disse ele —; não o compreendo.

— Supõe — disse-lhe eu, esforçando-me, por amor de Inês, por não me exaltar —, supõe que *miss* Wickfield seja para mim outra coisa mais do que uma irmã ternamente amada?

— Palavra de honra, Copperfield, não sou obrigado a responder a essa pergunta. Talvez que sim, talvez que não.

Eu nunca vi nada de comparável à ignóbil expressão dessa cara, desses olhos pelados, sem sombra de uma pestana.

— Então venha! — disse-lhe eu. — Por amor de *miss* Wickfield...

— Minha Inês! — exclamou ele com uma contorção angulosa mais que repugnante. — Seja suficientemente bom para lhe chamar Inês, mestre

Copperfield!

— Por amor de Inês Wickfield... que Deus abençoe.

— Agradeço-lhe esse voto, mestre Copperfield!

— Eu vou dizer-lhe o que, em outra qualquer circunstância, eu tanto desejaria dizer a... Jacques Retch.

— A quem, senhor? — disse Uriah estendendo o pescoço e abrigando a orelha no covo da mão para melhor ouvir.

— Ao carrasco — prossegui eu —; isto é, à última pessoa em que se devesse pensar... — E todavia, é preciso ser franco, era a cara de Uriah que me tinha sugerido naturalmente esta alusão. — Eu sou noivo de outra pessoa. Espero que ficará satisfeito.

— Palavra de honra? — disse Uriah.

Eu ia a repetir a minha declaração com uma certa indignação quando ele me tomou a mão e apertou-a com força.

— Oh! Mestre Copperfield! — disse ele —, se apenas se dignasse testemunhar-me essa confiança quando lhe revelei o estado da minha alma no dia em que tanto o incomodei quando me fui deitar na sua sala nunca pensaria em duvidar de si. Já que assim é, vou imediatamente mandar retirar minha mãe; muito feliz me considero por lhe dar esta prova de confiança. Desculpará, confio, em precauções inspiradas pelo afecto. Que pena, mestre Copperfield, que o senhor não se dignasse conceder-me confidência por confidência! Tantas ocasiões lhe tenho oferecido para isso, mas o senhor não tem querido conceder-me a benevolência que sempre desejei. Oh! Não! É bem certo que o senhor nunca me estimou como eu o tenho estimado!

E, de passo que dizia isto, apertava-me a mão entre os seus dedos húmidos e viscosos. Baldadamente me esforcei por desenvencilhar-me. Passou-me o braço pela manga do meu sobretudo cor de chocolate e fui assim forçado a acompanhá-lo.

— Vamos para casa? — disse Uriah, retomando o caminho da cidade.

A lua começava a iluminar as janelas com os seus raios argênteos.

— Antes de deixar este assunto — disse-lhe após um longo silêncio — é preciso que o senhor fique sabendo bem que, a meus olhos, Inês Wickfield acha-se tão elevada acima de *si* e tão longe de *todas* as suas pretensões como a lua que nos alumia!

— Ela é tão pacífica, não é? — disse Uriah. — Mas confesse, mestre Copperfield, que o senhor nunca me estimou como eu o estimava. Achava-me muito humilde, estou certo disso...

— Eu não gosto que se faça tanta profissão de humildade, nem também de outra coisa — respondi.

— Ah! — disse Uriah, com o rosto mais pálido e mais amortecido que nunca —, estava certo disso. Mas o senhor não sabe, mestre Copperfield, a que ponto a humildade convém a uma pessoa na minha situação. Meu pai e eu fomos educados numa escola de caridade; minha mãe foi também educada num estabelecimento dessa natureza. De manhã até à noite, ensinavam-nos a ser humildes e mais não. Devíamos ser humildes para com este e humildes para com aquele; aqui, era preciso tirar o chapéu; ali, era preciso fazer reverência e nunca esquecer a nossa situação e apoucarmo-nos sempre diante dos nossos superiores; Deus sabe quantos superiores nós tínhamos! Se meu pai ganhou a medalha de monitor, foi à força de humildade; e eu também. Se meu pai chegou a sacristão, foi à força de humildade. Entre as pessoas bem-educadas ele tinha a reputação de saber colocar-se tão bem no seu lugar, que se decidiram a dar-lhe impulso. «Sê humilde, Uriah», dizia meu pai, «e abrirás caminho». Foi isto com que nos repisaram, tanto ao senhor como a mim, na escola; e é o que melhor êxito alcança. «Sê humilde», dizia ele, «e alcançarás». E realmente, isto não tem corrido mal.

Pela primeira vez, eu sabia que esse detestável semblante de humildade era hereditário na família Heep; eu via a colheita, mas nunca tinha pensado na sementeira.

— Eu era ainda bem pequeno — disse Uriah — quando aprendi a apreciar a humildade e a aproveitar-me dela. Comia a minha humilde torta de maçãs com bom apetite. Não quis levar muito além os meus humildes estudos e disse de mim para mim: «Aguenta-te». O senhor ofereceu-se para me ensinar latim, mas nessa não caía eu! Meu pai dizia-me sempre: «As pessoas gostam de te dominar, curva a cabeça e deixa correr». Neste momento, por exemplo, bem humilde sou, mestre Copperfield, mas isso não impede que eu já tenha adquirido algum poder!

Tudo o que ele me dizia, lia-o eu bem na sua cara, à luz do luar, muito de feição para me fazer compreender que ele estava decidido a servir-se desse poder. Eu nunca tinha posto em dúvida a sua baixeza, a sua astúcia e a sua malícia; mas começava então apenas a compreender tudo quanto o longo constrangimento da sua mocidade tinha amontoado de vingança implacável nessa alma baixa e vil.

O que de mais satisfatório se notou nessa narrativa repugnante que ele acabava de fazer-me é que me largou o braço para poder levar as duas mãos ao queixo. Uma vez separado dele, eu estava decidido a conservar essa posição. Caminhámos a uma certa distância um do outro, trocando apenas algumas palavras.

Não sei o que lhe tinha dado alegria, se era a comunicação que eu lhe tinha feito, se a narrativa que me tinha prodigalizado do seu passado; mas estava

muito mais de maré do que de costume. Ao jantar, falava muito; perguntou à mãe (que mandara retirar de sentinela quando regressámos do passeio) se não seria já tempo de se casar; e de uma vez lançou sobre Inês um tal olhar que eu teria dado tudo o que havia no mundo para me deixarem dar-lhe uma sova.

Quando ficámos sós depois de jantar, *Mister* Wickfield, ele e eu, Uriah adiantou-se ainda mais. Tinha bebido pouco vinho; não era, pois, isso que o tinha excitado; era preciso que fosse a embriaguez do seu triunfo insolente e o desejo de fazer ostentação disso na minha presença.

Na véspera, eu tinha notado que ele procurava fazer beber *Mister* Wickfield; e, por um olhar que me deitara Inês ao sair, eu propus, passados cinco minutos, para irmos ter com *miss* Wickfield à sala de visitas. Eu ia a fazer outro tanto, quando Uriah se me adiantou.

— Como vemos raras vezes o nosso visitante de hoje — disse ele dirigindo-se a *Mister* Wickfield, sentado na outra extremidade da mesa (que contraste nesses dois tipos!) — e, se está de acordo, poderíamos beber um ou dois copos de vinho à sua saúde. Senhor Copperfield, bebo à sua saúde e à sua prosperidade!

Eu fui obrigado a tocar, pró fora, a mão que ele me estendia através da mesa; depois toquei, com uma comoção bem diferente, a mão da sua pobre vítima.

— Vamos, meu bom sócio — disse Uriah — permita-me que lhe dê o exemplo, bebendo ainda à saúde de algum amigo do Copperfield.

Eu passo rapidamente os diversos *toasts* propostos por *Mister* Wickfield, a minha tia, a *Mister* Dick, ao Tribunal dos *Doctor's-Commons* e a Uriah. A cada saúde despejava duas vezes o copo, sentindo sempre a sua fraqueza, baldadamente lutando contra essa miserável paixão: pobre homem! Como sofria com o procedimento de Uriah e no entanto como procurava conciliar-se com ele! Heep triunfava e contorcionava-se de prazer, fazia troféu do vencido, cuja vergonha estadeava a meus olhos. Eu tinha o coração lancinado; ainda neste momento, repugna à minha mão escrevê-lo.

— Vamos, meu bom sócio — disse enfim Uriah —, cabe-me agora levantar uma saúde; mas peço humildemente que venham copos maiores; bebamos à mais divina do seu sexo.

O pai de Inês tinha na mão o copo vazio. Pousou-o e fixou os olhos no retrato de sua filha, levou a mão à fronte e caiu para trás na poltrona.

— Eu não passo de um muito humilde personagem para lhe fazer uma saúde — prosseguiu Uriah —, mas admiro-a, ou antes adoro-a!

Que angústia a desse pai que apertava convulsivamente a cabeça grisalha em ambas as mãos para comprimir um sofrimento interno mil vezes mais cruel de ver do que todas as dores físicas que jamais pudesse sofrer!

— Inês — disse Uriah sem fazer caso do estado de *Mister* Wickfield ou sem

querer parecer compreendê-lo — Inês Wickfield é, posso dizê-lo, a mais divina das mulheres. Olhem, podemos falar livremente, entre amigos, pois bem! Pode-se ser ufano de ser seu pai, mas de ser seu marido...

Deus me livre de nunca mais ouvir um grito como o que soltou *Mister* Wickfield levantando-se de repente.

— Mas que é que ele tem? — disse Uriah pálido como um defunto. — Ah, vamos, espero que não seja um ataque de loucura, senhor Wickfield! Tenho tanto direito como qualquer outro de dizer, parece-me, que um dia a sua Inês há-de ser a minha Inês! Tenho mesmo mais direito que ninguém!

Eu lancei os meus braços em volta de *Mister* Wickfield, supliquei-lhe em nome de tudo o que pude imaginar que sossegasse, mas sobretudo em nome da sua afeição por Inês. Ele estava fora de si, arrepelava os cabelos, batia na fronte, tentava repelir-me para longe, sem responder uma só palavra, sem ver o que quer que fosse, sem saber, ai de mim!, no seu cego desespero, o que queria, com o rosto parado e desfigurado. Que medonho espectáculo!

Supliquei-lhe, na minha dor, que não se abandonasse a essa angústia e que me prestasse atenção. Supliquei-lhe que pensasse em Inês; em Inês e em mim; que se recordasse como Inês e eu tínhamos crescido juntos, ela a quem eu amava e respeitava, ela que era o seu orgulho e a sua alegria. Esforcei-me em lhe tornar a pôr a filha diante dos seus olhos; censurei-o mesmo de não ter bastante firmeza para lhe poupar o conhecimento de uma semelhante cena. Não sei se as minhas palavras tiveram algum efeito, ou se a violência da sua paixão acabou por se destruir a si própria; mas foi-se acalmando pouco a pouco, começou a olhar para mim, primeiro com alucinação, depois com um clarão de razão. Enfim disse-me:

— Bem sei, Trotwood! Minha filha querida e o senhor... bem sei! Mas ele, olhe para ele!

E mostrava-me Uriah, pálido e trémulo a um canto. Evidentemente o patife tinha feito uma escola; tinha contado com uma coisa muito diferente!

— Olhe para o meu carrasco — prosseguiu *Mister* Wickfield. — É esse homem que me tem feito perder, pouco a pouco, o meu nome, a minha reputação, a minha paz, a felicidade do meu lar doméstico.

— Diga antes que sou eu quem lhe tem conservado o seu nome, a sua reputação, a sua paz e a felicidade do seu lar — disse Uriah procurando com um ar aborrecido, descontente e irritado, compor as coisas. — Não se enfade, senhor Wickfield: se eu fui mais além de que o senhor esperava, posso bem recuar um pouco, penso! No fim de contas, aonde é que está o mal?

— Eu sabia que cada qual tem o seu fito na vida — disse *Mister* Wickfield — e julgava tê-lo preso a mim por motivos de interesse. Mas veja!... oh! Veja o que é esse homem!

— Bem fará com que ele se cale, Copperfield, se puder — exclamou Uriah voltando para mim as suas mãos descarnadas. — Ele vai para aí dizer coisas, preste bem atenção, vai para aí dizer coisas que o incomodarão a ele depois de as ter dito e que mesmo o incomodarão ao senhor quando as ouvir!

— Vou dizer tudo! — exclamou *Mister* Wickfield com ar desesperado. — Já que estou à sua mercê, porque é que não me porei à mercê do mundo inteiro?

— Tome cautela, repito — prosseguiu Uriah continuando a dirigir-se-me — se não fizer com que ele se cale, é que não é seu amigo. O senhor pergunta porque é que não se poria à mercê do mundo inteiro, senhor Wickfield? Porque tem uma filha. O senhor e eu sabemos o que sabemos, não é verdade? Não despertemos o leão que dorme! Não sou eu que terei essa imprudência, bem vê que sou tão humilde quanto se pode ser. Disse-lhe já que se me adiantei de mais, estou arrependido. Que mais quer o senhor?

— Oh! Trotwood, Trotwood! — exclamou *Mister* Wickfield torcendo as mãos. — Caí bastante fundo desde que o vi pela primeira vez nesta casa! Já estava neste fatal pendor, mas ai de mim! Quanto caminho, que triste caminho eu tenho percorrido depois! Foi a minha fraqueza que me perdeu. Ah! Se eu ao menos tivesse a força de me recordar ou ao menos de esquecer! A recordação dolorosa da perda que tive ficando sem a mãe de minha filha tornou-se uma doença; o meu amor pela minha filha, levado até ao esquecimento de todo o resto, vibrou-me o último golpe. Uma vez atingido por esse mal incurável, infectei por minha vez tudo aquilo em que toquei. Causei a desgraça de tudo quanto ternamente amo: o senhor sabe se eu a amo! Julguei possível amar uma criatura no mundo com exclusão de todas as outras; julguei possível chorar uma que tinha deixado o mundo, sem chorar com os que choram. E aqui está como gastei a vida. Devorei o coração numa cobarde tristeza e ele vinga-se devorando-me por sua vez. Fui egoísta na minha dor, egoísta no meu amor, egoísta no cuidado com que participei da dor e do afecto comuns. E agora, não sou mais que uma ruína; veja, oh! Veja a minha miséria! Fuja de mim! Aborreça-me!

Caiu numa cadeira e pôs-se a soluçar. Já não o sustentava a exaltação do seu desgosto. Uriah saiu do seu canto.

— Não sei tudo quanto pude fazer na minha loucura — disse *Mister* Wickfield estendendo as mãos como para me suplicar que o não condenasse ainda —, mas ele sabe-o, ele que esteve sempre a meu lado para me apontar aquilo que eu devia fazer. Veja a bala rasa que ele me pôs ao pé; o senhor encontra-o instalado na minha casa, encontra-o metido em todos os meus negócios. O senhor ouviu-o, não há muito. Que poderei dizer-lhe mais?

— Nem tem necessidade de dizer mais e melhor fora não ter dito absolutamente nada — replicou Uriah com um ar a um tempo arrogante e servil.

— O senhor não se teria posto nesse belo estado, se não tivesse bebido tanto; amanhã há-de arrepender-se. Se eu mesmo disse um pouco mais do que talvez desejava, olha a grande coisa! Bem vê que não usei da menor obstinação.

A porta abriu-se e entrou suavemente Inês, pálida como uma defunta; passou o braço ao pescoço de seu pai e disse-lhe com firmeza:

— O papá não se acha aqui bem, venha comigo!

Ele deixou cair a cabeça no ombro da filha, como acabrunhado de vergonha e subiram juntos. Os olhos de Inês encontraram os meus; vi bem que ela sabia o que se tinha passado.

— Eu não pensava que ele tomasse a coisa às avessas como tomou, mestre Copperfield — disse Uriah —, mas isto não é nada. Amanhã estaremos congraçados. É para bem dele. Eu desejo humildemente o bem dele.

Não lhe respondi palavra e subi tranquilo ao quarto aonde Inês tantas vezes se fora sentar ao pé de mim enquanto eu estudava. Lá me demorei até tarde, sem que ninguém fosse fazer-me companhia. Peguei num livro e tentei ler; ouvi os relógios bater meia-noite e lia ainda sem saber o que lia, quando Inês me tocou levemente no ombro.

— Como parte amanhã cedo, Trotwood, venho dizer-lhe adeus.

Tinha chorado, mas o rosto tornara-se-lhe lindo e sereno.

— Que Deus o abençoe! — disse ela estendendo-me a mão.

— Minha querida Inês — respondi — vejo que não quer que lhe fale *no caso*, esta noite; não, não haverá nada a fazer?

— Confiar em Deus! — prosseguiu ela.

— Não posso fazer nada... eu que venho enfadá-la com os meus pobres desgostos?

— Torna os meus menos amargos — respondeu ela — meu caro Trotwood!

— Minha querida Inês, é uma grande presunção da minha parte pretender dar-lhe um conselho, eu que tão pouco tenho do que a *miss* possui em tão alto grau: bondade, coragem, nobreza; mas sabe quanto a amo e tudo quanto lhe devo. Inês, a *miss* nunca se sacrificará a um dever mal compreendido, pois não?

Ela recuou um passo e largou-me a mão. Nunca a tinha visto tão agitada.

— Diga-me que nunca tal pensamento lhe passou pela ideia, querida Inês. A *miss* que é para mim mais que uma irmã, pense no que valem um coração como o seu, um amor como o seu.

Ah! Quantas vezes depois eu reavivei em pensamento esse doce rosto e esse olhar de um instante, esse olhar em que não havia nem espanto, nem censura, nem pesar! Quantas vezes tornei a ver o encantador sorriso com que ela me disse que estava muito segura de si, que era escusado recear por ela; depois chamou-me seu irmão e desapareceu.

Era ainda noite, no dia seguinte de manhã, quando subi para a diligência, à porta da hospedaria. íamos partir e o dia começava a clarear, quando no momento em que o meu pensamento incidia sobre Inês, descobri a cabeça de Uriah que trepava para junto de mim.

— Copperfield — disse-me ele em voz baixa agarrando-se ao carro — pensei que o senhor estimaria saber antes de partir que tudo estava arranjado. Já estive no quarto dele e tornei-o manso como um cordeiro. Veja, vale-me o ser humilde, sou-lhe útil; e quando não está com a pinga, compreende os seus interesses! No fim de contas, que homem amável, não é verdade, mestre Copperfield!

Tomei à minha conta dizer-lhe que estimava muito que ele se tivesse desculpado.

— Oh, certamente — disse Uriah; — quando se é humilde, sabe, que faz isso de pedir desculpa? É tão fácil. A propósito, suponho, mestre Copperfield — acrescentou com uma leve contorção — que alguma vez lhe sucedeu colher uma pêra antes de amadurecer?

— É muito provável — respondi.

— Foi o que eu fiz ontem à noite — disse Uriah —, mas a pêra há-de amadurecer. Basta estar vigilante. Eu posso esperar.

E sempre a encher-me de despedidas, desceu do carro no momento em que o cocheiro subia para a boleia. Tanto quanto posso crer, ele comia sem dúvida qualquer coisa para arrostar com o frio da manhã; pelo menos, ao ver o movimento da sua boca, dir-se-ia que a pêra já estava madura e que ele a saboreava dando estalos com os beiços.

## Capítulo XL — Triste viagem ao acaso

Nessa noite tivemos em Buckingham Street uma conversa muito séria acerca dos acontecimentos domésticos que contei por miúdo no último capítulo. Minha tia tomava nela o maior interesse, e, durante mais de duas horas, passeou na sala de cá para lá, com os braços cruzados. Todas as vezes que tinha qualquer motivo particular de apoquentação, realizava uma proeza pedestre deste género e podia sempre medir-se a extensão dessa apoquentação pelo tempo que durava o seu passeio. Nessa ocasião estava por tal forma emocionada que julgou a propósito abrir a porta do seu quarto de dormir, para ter mais espaço, percorrendo assim dois aposentos de uma a outra extremidade e enquanto que eu e *Mister* Dick estávamos pacificamente sentados ao pé do fogão, ela passeava e tornava a passear ao nosso lado, sempre em linha recta, com a regularidade de um pêndulo de relógio.

*Mister* Dick retirou-se daí a pouco para se ir deitar; eu pus-me a escrever uma carta às duas velhas tias de Dora. Minha tia, fatigada de tanto exercício, acabou por vir sentar-se ao pé do fogo, com a saia levantada, como de costume. Mas em vez de pousar o copo sobre o seu joelho, como tantas vezes fazia, colocou-o negligentemente sobre a chaminé e com o cotovelo esquerdo fincado no braço direito e o queixo pousado na mão esquerda, olhava para mim com ar pensativo. Todas as vezes que eu erguia os olhos, estava certo de encontrar os dela.

— Eu amo-o de todo o meu coração, Trotwood — repetia-me ela — mas estou irritada e triste.

Eu estava muito ocupado com o que escrevia, por isso não reparei, antes dela se retirar para o seu quarto, que tinha deixado nessa noite sobre o friso da chaminé, sem lhe tocar, o que ela chamava a sua poção da noite. Quando ela se recolheu ao quarto, fui bater-lhe à porta para lhe lembrar o copo; ela veio abrir-ma e disse-me com mais ternura ainda que de costume:

— Obrigada, Trot, mas não me puxa bebê-la esta noite. — Depois abanou a cabeça e recolheu-se.

No dia seguinte de manhã, ela leu a minha carta às duas velhas damas e aprovou-a. Deitei-a ao correio; só me restava esperar pela resposta tão pacientemente quanto possível. Havia já perto de uma semana que eu esperava, quando saí uma noite de casa do doutor para ir para minha casa.

Tinha feito muito frio de dia, com um vento de noroeste que cortava a cara. Mas o vento amortecera para a noite e começou a cair neve em grandes flocos; cobria já o caminho, por toda a parte; não se ouvia nem o ruído de rodas, nem os

passos dos transeuntes; dir-se-ia que as ruas estavam estofadas de penas.

O caminho mais curto para minha casa (e foi naturalmente esse que eu segui nessa noite) era pela viela de S. Martinho. Nesse tempo, a igreja que deu o nome a essa viela não estava desobstruída como hoje; nem sequer havia espaço aberto diante do pórtico e a viela fazia um cotovelo que ia dar ao Strand. Ao passar pelos degraus da igreja, vi uma mulher a um canto. Olhou para mim, atravessou a viela e desapareceu. Reconheci esse rosto, pelo ter visto em qualquer parte, sem poder dizer aonde. Ligava-se no meu pensamento com qualquer coisa que me ia direita ao coração. Mas, como no momento em que a encontrei pensava noutra coisa, isso não passou de uma ideia confusa.

Nas escadas da igreja, um homem acabava de pousar um embrulho no meio da neve; abaixou-se para arranjar qualquer coisa; vi-o ao mesmo tempo que a tal mulher. Mas refeito da minha surpresa, o homem ergueu-se e dirigiu-se para mim. Encontrei-me de frente com *Mister* Peggotty.

Recordei-me então quem era a tal mulher. Era Marta, aquela a quem Emília deu dinheiro uma noite na cozinha, Marta Endell, ao lado da qual *Mister* Peggotty não queria nunca ver a sua querida sobrinha, nem por todos os tesouros que o oceano guardava no seu seio. Ham tinha-mo dito bastantes vezes.

Apertámo-nos afectuosamente as mãos. Nem um nem outro podíamos falar.

— Senhor Davy! — disse ele tomando-me a mão entre as suas. — Faz-me bem tornar a vê-lo. Bom encontro, senhor Davy, bom encontro.

— Por certo que sim, meu velho amigo — disse.

— A minha ideia era ir procurá-lo esta noite, senhor Davy — disse ele —, mas ao saber que sua tia vivia consigo, porque eu andei por esses lados, na estrada de Yarmouth, receei que fosse muito tarde. Contava vê-lo amanhã de manhã, senhor, antes de tornar a partir. Sim, senhor — repetia ele abanando pacientemente a cabeça — torno a partir amanhã.

— E aonde é que vai? — perguntei-lhe.

— Ah! — replicou fazendo cair a neve que lhe cobria os cabelos compridos — Vou fazer ainda uma viagem.

Nesse tempo, havia uma passagem que ia dar da igreja de S. Martinho ao pátio da Cruz de Ouro, essa hospedaria tão estreitamente ligada no meu espírito à desgraça do meu pobre amigo. Mostrei-lhe a grade; dei-lhe o braço e entrámos. Duas ou três salas da hospedaria davam para o pátio; vimos fogo numa delas e para lá o levei.

Quando nos trouxeram luz, notei que ele tinha os cabelos compridos e em desordem. O seu rosto estava tostado do sol. As rugas da fronte eram mais profundas, como se houvesse penosamente errado pelos mais complicados climas; mas continuava a ter a aparência robustíssima e estava tão decidido a

realizar o seu desígnio que não contava com a fadiga para nada. Sacudiu a neve do vestuário e do chapéu, enxugou-a do rosto, depois sentando-se defronte de mim ao pé de uma mesa, com as costas voltadas para a porta de entrada, estendeu-me a mão rugosa e apertou cordialmente a minha.

— Vou dizer-lhe, mestre Davy, aonde é que estive e o que averiguei. Andei por longe e não soube grande coisa, mas vou contar-lhe!

Toquei a campainha para nos trazerem de beber. Ele não quis senão *ale* e, enquanto lha aqueciam, parecia reflectir. Havia em toda a sua pessoa uma gravidade profunda e imponente, que eu não me atrevia a perturbar.

— Quando ela era pequena — disse-me ele levantando a cabeça, quando ficámos sós — falava-me muito do mar; do país em que o mar era de cor azul e onde cintilava ao sol. Nesse tempo eu cuidava que era por lhe ter morrido afogado o pai, que ela pensava tanto nisso. Talvez julgasse ou esperasse, dizia eu comigo, que ele tivesse sido arrastado para essas ribas, em que há flores sempre desabrochadas e em que o sol é sempre brilhante.

— Creio bem que era antes uma fantasia de criança — observei eu.

— Quando se... perdeu — disse *Mister* Peggotty — eu tinha a certeza que ele a levaria para essas terras. Desconfiava que ele lhe teria contado maravilhas para se fazer escutar por ela, sobretudo dizendo-lhe que lá a havia de transformar numa senhora. Quando estivemos em casa da mãe dele, vi logo bem que eu tinha razão. Fui, pois, à França e lá desembarquei como se caísse das nuvens.

Neste momento vi entreabrir-se a porta e a neve entrar pela fresta para dentro da sala. A porta abriu-se um pouco mais; havia uma mão que a conservava brandamente entreaberta.

— Lá — prosseguiu *Mister* Peggotty — encontrei um cavalheiro, um inglês que tinha autoridade e disse-lhe que ia procurar minha sobrinha. Arranjou-me os papéis de que eu precisava para circular, que nem sei como se chamam; queria mesmo dar-me dinheiro, mas felizmente não me era preciso. Agradeci-lhe de todo o meu coração o seu obséquio. «Escrevi cartas para o recomendar à sua chegada», disse-me, «e hei-de falar de si a pessoas que seguem o mesmo caminho. E desta maneira, quando o senhor viajar sozinho, longe daqui, encontrar-se-á em país conhecido». Exprimi-lhe o melhor que pude a minha gratidão e meti-me a caminho através da França.

— Só e a pé? — disse-lhe eu.

— Em grande parte a pé — respondeu ele — e algumas vezes em carretas que iam para as feiras e ainda outras vezes em carros que regressavam vazios. Eu andava por dia bastantes milhas a pé, muitas vezes em companhia de soldados ou outros pobres diabos que iam visitar parentes e amigos. Não podíamos conversar; mas era o mesmo, fazíamo-nos companhia pelas estradas fora, na

poeira dos caminhos.

Efectivamente, como podia ser que essa voz tão bondosa e tão cheia de afecto não lhe fizesse encontrar amigos em toda a parte?

— Quando eu chegava a uma cidade — continuou ele — ia logo direito à primeira hospedaria e esperava no pátio que passasse alguém que falasse inglês (não era raro). Então eu contava que andava a viajar a procura da minha sobrinha e informava-me da espécie de viajantes que lá estavam hospedados, depois esperava a fim de ver se ela estava entre os que entravam e saíam. Quando eu via que a Emília não estava lá, ia-me embora. Pouco a pouco, ao chegar a novas povoações, eu ia notando que já por ali se tinha falado de mim. Os aldeões pediam-me que entrasse em casa deles, davam-me de comer, de beber e dormida. Encontrei mais de uma mulher, mestre David, que tinha uma filha da idade da Emília e que vinham esperar-me a entrada da aldeia, junto da cruz do nosso Salvador, para me consagrarem toda a espécie de atenções. Havia-as também cujas filhas tinham morrido. Só Deus é que sabe como essas mães eram bondosas para mim.

Era Marta quem estava à porta. Eu via distintamente agora o seu rosto desvairado, ávida de nos ouvir. Tudo o que eu receava era que ele voltasse a cabeça e a visse.

— E muitas vezes — disse *Mister* Peggotty — punham-me os filhos, sobretudo as pequenitas, no meu colo; e muitas vezes também poderiam ver-me com eles sentado diante das portas, à tarde, quase como se fossem os filhos da minha Emília. Oh! Minha querida Emilita!

E desatou a soluçar, num súbito acesso de desespero. Eu pousei a tremer a minha mão na sua, com que ele procurava tapar o rosto.

— Obrigado, senhor — disse-me ele — não faça caso.

Passado um instante, descobriu os olhos e continuou a narrativa:

— Muitas vezes, de manhã, acompanhavam-me até um pedaço de caminho e quando nos separávamos e que eu lhes dizia na minha língua: «Agradeço-lhes muito! Deus os abençoe!», elas tinham sempre o ar de me compreender e respondiam-me com afabilidade. Enfim, cheguei à beira-mar. Não era difícil para um marinheiro como eu, ganhar a sua passagem até à Itália. Quando lá cheguei, vagueei como tinha feito antes. Todos eram bons para mim e talvez tivesse viajado de cidade em cidade, atravessando as aldeias, se não ouvisse dizer que a tinham visto nas montanhas da Suíça. Alguém que conhecia o criado *dele*, lá os vira todos três; disse-me até como é que viajavam e aonde é que estavam. Caminhei dia e noite, mestre David, para ir ter a essas montanhas. Quanto mais eu caminhava, mais as montanhas pareciam afastar-se de mim. Mas lá cheguei e atravessei-as. Quando me vi perto do lugar em que me tinham falado, comecei a

dizer dentro do meu coração: «Que irei eu fazer quando a tornar a ver?».

O rosto que tinha estado a escutar-nos, insensível ao rigor da noite, baixou-se e eu vi essa mulher, de joelhos diante da porta e de mãos postas, como a pedir-me, a suplicar-me que não a mandasse pôr fora.

— Eu nunca duvidei dela — continuou *Mister* Peggotty — não, nem um minuto. Se eu somente pudesse mostrar-lhe o meu rosto, fazer-lhe ouvir a minha voz, representar ao seu pensamento a casa donde ela fugira, recordar-lhe a sua infância, eu bem sabia que, quando mesmo ela se tivesse tornado uma princesa de sangue, cair-me-ia de joelhos aos pés. Eu bem o sabia. Quantas vezes, durante o meu sono, eu a ouvia gritar «Meu tio!» e a via cair como morta a meus pés! Quantas vezes, no meu sono, eu a levantei, dizendo-lhe muito suavemente: «Emília, minha querida, eu venho para te perdoar e para te levar comigo».

Parou, abanou a cabeça e depois prosseguiu com um suspiro:

— *Ele* não era absolutamente nada para mim; Emília era tudo. Comprei um vestido de aldeã para ela; eu bem sabia que uma vez que eu a encontrasse, acompanhar-me-ia pelas estradas pedregosas fora; que ela iria para onde eu quisesse e que não me deixaria nunca, nunca mais. Tudo o que eu queria agora, era fazê-la envergar esse vestido e calcar aos pés aquele que ela usava; era abraçá-la como dantes e depois regressar a nossa casa, parando uma ou outra vez na estrada, para deixar descansar os seus pés doentes e o seu coração mais doente ainda! Mas *ele*, creio que nem sequer olharia para ele. Para quê? Mas nada disso devia suceder, mestre David, nada disso! Cheguei muito tarde, já tinham partido. Nem sequer pude saber para onde tinham ido. Uns diziam que eles haviam seguido por aqui, outros por acolá. Viajei de cá para lá, mas não encontrei a Emília e então vim até aqui.

— Há já muito tempo? — perguntei.

— Poucos dias haverá. Descobri ao longe o meu velho barco e a luz que brilhava no beliche e ao aproximar-me vi a fiel *Mistress* Gummidge sentada sozinha ao canto do fogo. Gritei-lhe «Não se assuste, sou eu, o Daniel!» e entrei. Eu nunca acreditaria que me pudesse suceder o ficar assim tão admirado de me encontrar nesse velho batel!

Então tirou cuidadosamente de um bolso do colete um pacotezinho de papéis que continha duas ou três cartas e pousou-as em cima da mesa.

— Esta primeira carta chegou — disse ele, apartando-a dentre as outras — ainda não tinham corrido oito dias que eu tinha partido. Havia dentro, em meu nome, uma nota de banco de cinquenta libras esterlinas; tinham-na metido uma noite por baixo da porta. Ela tinha procurado disfarçar a letra, mas era bem impossível comigo.

Dobrou vagarosamente e com todo o cuidado a nota de banco e pousou-a em

cima da mesa.

— Esta outra carta, dirigida a *Mistress* Gummidge, chegou há dois ou três meses.

Depois de a ter contemplado um momento, passou-ma, acrescentando em voz baixa:

— Tenha a bondade de a ler, senhor David.

Li o que segue:

> Oh! Que pensará quando vir esta carta e que a souber traçada pela minha mão culposa! Mas tente, tente, não por amor de mim, mas por amor de meu tio, tente dulcificar um momento o seu coração para comigo! Tente, peço-lhe, compadecer-se de uma pobre desgraçada; escreva-me num bocadito de papel para me dizer se o tio passa bem e o que ele disse de mim antes de renunciarem a pronunciar o meu nome entre todos. Diga-me se à noite, à hora em que eu regressava dantes, ele tem ainda o ar de pensar naquela que tanto amava. Oh! O meu coração despedaça-se quando penso em tudo isso! Caio de joelhos a seus pés, suplico-lhe que não seja tão severa para mim como eu mereço... Bem sei que o mereço, mas seja boa e compadeça-se, escreva-me uma frase e mande-ma. Não me chame mais «minha pequena», não me dê mais o nome que eu desonrei; mas tenha pena da minha angústia e seja bastante misericordiosa para me falar um pouco de meu tio, visto que nunca mais, nunca mais o tornarei a ver neste mundo com os meus próprios olhos.
>
> Querida *Mistress* Gummidge, se não tiver pena de mim e resta-lhe esse direito, eu sei, oh! Então, peça àquele com quem eu mais culpada fui, àquele de quem eu devia ser mulher, que lhe diga se deve ser repelida a minha suplica. Se ele for bastante generoso para lhe aconselhar o contrário (e creio que o fará, ele é tão bom e tão indulgente!), então, mas então, somente, diga-lhe que quando ouço de noite soprar a brisa, parece-me que ela acaba de passar junto dele e de meu tio e que sobe até Deus para lhe referir o mal que disseram de mim. Diga-lhe que se eu morrer amanhã (oh! Como eu desejaria morrer, se me sentisse preparada!), as minhas últimas palavras serão para o abençoar a ele e a meu tio e a minha última oração será pela sua felicidade!

Havia também dinheiro dentro desta carta: cinco libras esterlinas. *Mister* Peggotty deixara-a intacta como a outra e dobrou a nota da mesma maneira. Tinha também instruções circunstanciadas sobre a maneira de lhe fazer chegar uma resposta; via-se bem que diversas pessoas estavam metidas nisso para melhor dissimular o lugar em que ela se ocultara; todavia, parecia bastante provável que ela escrevera do próprio lugar em que haviam dito a *Mister* Peggotty que a tinham visto.

— E que resposta lhe deram?

— *Mistress* Gummidge não é forte em escrita — prosseguiu ele — e Ham quis encarregar-se de responder por ela. Escreveu-lhe que eu tinha partido para a procurar e o que eu tinha dito quando parti.

— E é ainda outra carta, isso que aí tem?

— Não, é dinheiro, senhor David — disse *Mister* Peggotty desdobrando metade. — Dez libras esterlinas, como vê; e tem escrito, dentro do sobrescrito: «Da parte de uma amiga verdadeira». Mas a primeira carta tinha sido metida por

baixo da porta e esta veio pelo correio, antes de ontem. Vou procurar Emília na cidade cujo carimbo se lê nesta carta.

E mostrou-mo. Era uma cidade nas margens do Reno. Ele encontrara em Yarmouth alguns negociantes estrangeiros que conheciam esse país; tinham-lhe desenhado uma espécie de mapa, para lhe fazer compreender melhor a coisa. Pousou-o entre nós em cima da mesa e mostrou-me o seu caminho com uma mão, enquanto encostava o rosto à outra.

Perguntei-lhe como estava Ham. Abanou a cabeça.

— Trabalha continuadamente — disse. — O seu nome é conhecido e respeitado em toda a região, tanto como o pode ser um nome no mundo. Não há ninguém que não esteja pronto a acudir-lhe, compreende? Ele é tão bom com toda a gente! Nunca o ouviram queixar-se. Mas minha irmã crê, aqui entre nós, que ele recebeu um terrível golpe.

— Pobre rapaz! Acredito facilmente.

— Mestre David — prosseguiu *Mister* Peggotty em voz baixa e num tom solene —, Ham não tem apego à vida. Todas as vezes que é preciso um homem para arrostar um perigo no mar, lá está ele; todas as vezes que há uma missão perigosa a desempenhar, é ele o primeiro a partir. E, todavia, é carinhoso como uma criança; e não há uma só criança em todo Yarmouth que o não conheça.

Juntou as cartas com ar pensativo, dobrou-as vagarosamente e tornou a meter o pacote no bolso. Já não havia ninguém à porta. A neve continuava a cair; era tudo.

— Muito bem! — disse-me olhando para o seu saco. — Já que o vi esta noite e isto fez-me bem, partirei amanhã de manhã cedo. O senhor viu o que aqui tenho — e punha a mão no pacote das cartas —; tudo o que me inquieta é o pensar que me poderia acontecer alguma desgraça antes de eu entregar este dinheiro. Se me sucedesse morrer e que este dinheiro fosse perdido ou roubado e que ele pudesse acreditar que eu me utilizei dele, creio verdadeiramente que o outro mundo não seria capaz de me reter! Sim! Creio verdadeiramente que voltaria cá!

Levantou-se, eu levantei-me também e de novo nos apertamos a mão.

— Eu caminharia dez milhas — disse ele —, caminharia até ao dia, até cair morto de fadiga, para poder atirar-lhe com este dinheiro à cara. Oxalá que eu possa somente fazer isto e encontrar a minha Emília e ficarei contente. Se eu não a encontrar, talvez que um dia ela venha a saber que seu tio, que tanto a amava, nunca cessou de a procurar senão quando cessou de viver; e, conheço-a bem! Não será preciso mais para a conduzir ao redil.

Quando saímos, a noite estava fria e escura e eu vi fugir adiante de nós a aparição misteriosa de há pouco. Demorei *Mister* Peggotty ainda um momento,

até que ela desaparecesse.

Disse-me ele que ia passar a noite numa estalagem, na estrada de Dover, aonde encontraria um bom quarto. Acompanhei-o até à ponte de Westminster, depois separámo-nos. Parecia-me que tudo na natureza guardava um silêncio religioso, respeitando esse piedoso peregrino que prosseguia lentamente a sua caminhada solitária através da neve.

Voltei ao pátio da hospedaria, procurei com os olhos aquela cujo rosto me causara uma tão profunda impressão, mas já lá não estava. A neve tinha apagado o vestígio dos nossos passos; não se viam sequer os que eu acabava de imprimir nesse momento; a neve era ainda tão forte, que as pegadas começavam a desaparecer mal se levantava o pé; nem voltando-se imediatamente a cabeça para trás havia tempo de as ver!

## Capítulo XLI — As tias de Dora

Recebi finalmente uma resposta das duas velhas senhoras. Apresentavam os seus cumprimentos a *Mister* Copperfield e informavam-no de que tinham lido a sua carta com a mais séria atenção, «no interesse das duas partes». Esta expressão pareceu-me suficiente para alarmar, não só porque já se tinham servido dela noutros tempos na discussão que tiveram com o irmão, mas também porque eu tinha notado que as frases de convenção são como essas girândolas de fogo de artifício de que não se pode prever, à partida, a variedade de formas e de cores que as diversificam, sem o menor respeito pela sua forma original. Essas senhoras acrescentavam que não julgavam conveniente exprimir, «por carta», a sua opinião sobre o assunto de que as informara *Mister* Copperfield; mas que se *Mister* Copperfield quisesse dar-lhes a honra de uma visita, num dia designado, felicitar-se-iam por conversar com ele; *Mister* Copperfield podia, se o julgasse conveniente, fazer-se acompanhar de uma pessoa de confiança.

*Mister* Copperfield respondeu imediatamente a esta carta que apresentava às senhoras Spenlow os seus respeitosos cumprimentos, que teria a honra de as visitar no dia que designassem e que se acompanharia, como haviam por bem permitir-lhe, do seu amigo *Mister* Tomás Traddles, do Templo. Uma vez expedida esta carta, *Mister* Copperfield entrou num estado de excitação nervosa que lhe durou até ao dia fixado.

O que muito aumentava a minha inquietação, era não poder, numa crise tão importante, recorrer aos inestimáveis serviços de *miss* Mills. Mas *Mister* Mills, que parecia empenhar-se em me contrariar (pelo menos eu acreditava-o, o que vinha a dar na mesma), *Mister* Mills, vinha eu dizendo, acabava de tomar uma resolução extrema, metendo-se-lhe na cabeça partir para as índias. Façam favor de me dizer o que é que ele queria fazer nas índias, se não era para me vexar? Dir-me-ão talvez que não tinha nada que fazer noutra qualquer parte do mundo e que aquela o interessava particularmente, pois que todo o seu negócio se fazia com a índia. Não sei bem qual pudesse ser esse comércio (eu tinha, sobre este assunto, noções bastante vagas de chales de lhama de ouro e de dentes de elefantes); ele tinha estado em Calcutá, quando novo e queria voltar a instalar-se lá, como sócio residente. Mas isso tudo pouco me importava, o que era bem verdade é que ia partir, que levava Júlia e que Júlia andava de viagem para despedir-se dos parentes; a sua casa tinha escritos para vender ou alugar; o mobiliário (tanto a máquina de lavar roupa como o resto) devia ser vendido por avaliação. Aí tinha eu ainda um tremor de terra debaixo dos pés, antes de estar

ainda bem restabelecido do primeiro!

Eu hesitava muito sobre o caso de saber como havia de ir vestido nesse dia solene; estava inclinado entre o desejo de aparecer bem posto e o receio de que algum preparo no meu vestuário viesse a ofuscar a minha reputação de homem sério aos olhos das meninas Spenlow. Tentei um feliz *mezzo termino*, cuja ideia minha tia aprovou, e, para assegurar o êxito da nossa empresa, *Mister* Dick, segundo os usos matrimoniais do país, atirou o seu sapato atrás de Traddles e de mim, quando descíamos a escada.

Apesar de toda a minha estima pelas boas qualidades de Traddles e apesar de todo o afecto que eu lhe votava, não podia deixar, numa ocasião tão delicada, de desejar que não se penteasse em ar de escova, como sempre fazia: os cabelos arrepiados davam-lhe uma aparência desvairada, poderia mesmo dizer uma catadura de vassoura de piaçaba de que as minhas apreensões supersticiosas nada de bom me faziam agoirar.

Tomei a liberdade de lhe dizer pelo caminho e de lhe insinuar que, se pudesse, alisasse um pouco a gaforina...

— Meu caro Copperfield — disse Traddles tirando o chapéu e alisando os cabelos em todos os sentidos — nada me poderia ser mais agradável, mas eles não querem!

— Eles não querem alisar-se?

— Não — disse Traddles. — Nada os pode decidir. Poderia levar em cima da cabeça um peso de cinquenta libras, daqui até Putney, que os cabelos arrepiar-se-iam logo, mal tirasse o peso. Não pode fazer uma ideia da teimosia deles, Copperfield. Sou como um porco espinho enraivecido.

Confesso que fiquei um pouco desapontado, apesar de lhe levar a bem a sua bonomia. Disse-lhe que adorava o seu carácter e que certamente toda a teimosia que podia haver na sua pessoa lhe passou para os cabelos, porque nele nem vestígio havia.

— Oh! — prosseguiu Traddles, rindo —, não é de hoje que tenho a queixar-me destes desastrados cabelos. A mulher de meu tio não podia suportá-los. Dizia que a exasperavam. E isto prejudicou-me bastante, no começo, quando namorava a Sofia! Oh! Mas muito!

— Ela não gostava dos seus cabelos?

— Ela não — prosseguiu Traddles —, mas a irmã mais velha, a beleza da família, não se cansava de rir, segundo parece. O facto é que todas as suas irmãs se divertem à custa da minha gaforina.

— É agradável.

— Oh! Sim — prosseguiu Traddles com uma inocência adorável — isso diverte-nos a todos. Pretendem que Sofia tem uma madeixa dos meus cabelos na

sua escrivaninha e que, para eles se não arrepiarem, ela se vira obrigada a metê-los dentro de um livro com fechos. Nós ríamos bastante, palavra!

— A propósito, meu caro Traddles, a sua experiência poderá ser-me útil. Quando o senhor foi considerado como noivo da menina de que acaba de me falar, diga-me: teve de fazer à família uma proposta em forma? Por exemplo, realizou a cerimónia pela qual vamos passar hoje? — acrescentei emotivamente.

— Olhe, Copperfield — disse Traddles e o seu rosto tornou-se mais sério — foi um caso que me afligiu bastante. Compreende que Sofia é tão útil na sua família, que não se podia suportar a ideia de ter um dia de casar. Tinham mesmo decidido, entre eles, que ela nunca se casaria e até já lhe chamavam a solteirona. Assim, quando eu disse uma palavra a *Mistress* Crewler, com todas as precauções imagináveis...

— É a mãe?

— É; o pai é o Rev. Horácio Crewler. Quando eu disse essa palavra a *Mistress* Crewler, a despeito de todas as minhas precauções oratórias, ela soltou um grande grito e desmaiou. Foi me preciso esperar meses e meses antes de poder abordar de novo o mesmo assunto.

— Mas finalmente conseguiu?

— Foi o Rev. Horácio — disse Traddles — o excelente homem! Exemplar em todas as suas relações; representou-lhe que, como cristã, devia submeter-se a esse sacrifício, tanto mais que não era talvez nenhum e guardar-se de todo o sentimento contrário à caridade a meu respeito. Quanto a mim, Copperfield, dou-lhe a minha palavra de honra, que me fazia horror a mim próprio; considerava-me um abutre que acabava de cair sobre esta estimável família.

— As irmãs tomaram o seu partido, Traddles, não é verdade?

— Não posso dizer isso. Quando *Mistress* Crewler se reconciliou um pouco com essa ideia, tivemos que a anunciar a Sara. Lembra-se do que eu lhe disse de Sara? Aquela que tem qualquer coisa na espinha dorsal!

— Oh! Perfeitamente.

— Pôs-se a torcer as mãos angustiada, olhando para mim com um ar desolado; depois fechou os olhos, empalideceu muito; o corpo ficou-lhe mais hirto do que um madeiro e durante dois dias só pode tomar água panada, às colheres!

— É então uma rapariga insuportável, Traddles?

— Peço-lhe perdão, Copperfield. É uma rapariga encantadora, mas tem tanta sensibilidade! O facto é que são todas assim. Sofia disse-me em seguida que nada poderia dar-me uma ideia das censuras que a si própria se dirigiu, ao tratar de Sara. Estou certo de que ela deve ter sofrido, Copperfield; julgo-o por mim, porque eu tinha-me lá na conta de um verdadeiro criminoso. Quando Sara se restabeleceu, foi preciso anunciá-lo às outras oito e em cada uma delas o efeito

foi dos mais enternecedores. As duas irmãs mais pequenas que Sofia agora educa, só há pouco é que começaram a deixar de me ter zanga.

— Mas enfim, estão todos agora reconciliados com essa ideia, não é verdade?

— Sim... sim, no fim de contas, creio que se resignaram. — disse Traddles num tom de dúvida. — Para lhe dizer a verdade, evitámos falar nisso; o que muito as consola, é a incerteza do meu futuro e a mediocridade da minha situação. Mas, se algum dia nos casarmos, haverá uma cena deplorável. A cerimónia parecer-se-á bem mais com um enterro do que com uma boda e todas me aborrecerão por eu lha ir buscar.

O seu rosto tinha uma expressão de candura a um tempo séria e cómica, cuja recordação me impressiona talvez ainda mais agora do que então, porque então encontrava-me num tal estado de ansiedade e de tremor por mim próprio, que estava completamente incapaz de fixar a minha atenção sobre o que quer que fosse. À medida que nos aproximávamos da casa das meninas Spenlow, sentia-me tão pouco tranquilizado sobre as minhas exterioridades pessoais e sobre a minha presença de espírito, que Traddles me propôs, para me restabelecer, ir beber qualquer coisa levemente excitante, como um copo de *ale*. Levou-me a um café vizinho; depois, ao sair, dirigi-me em passo trémulo para a porta dessas meninas.

Tive como uma vaga sensação de que tínhamos chegado, quando vi uma criada abrir-nos a porta. Pareceu-me que entrava cambaleando num vestíbulo aonde havia um barómetro e que dava para uma saleta ao rés-do-chão. Essa saleta abria sobre um lindo jardinzinho. Depois, creio que me sentei num canapé, que Traddles tirou o chapéu e que os seus cabelos, arrepiando-se, lhe deram o aspecto de um desses pequenos bonecos de molas que saltam de uma caixa quando se lhes abre a tampa. Creio ter ouvido um velho relógio rococó, que ornamentava o fogão, bater o seu tique-taque e que tentei afinar por ele o do meu coração; mas, essa é boa! O meu coração batia muito forte. Creio que procurei com a vista qualquer coisa que me recordasse Dora e que não vi nada. Creio também que ouvi Jip ladrar ao longe e que alguém lhe abafou os gritos. Enfim, por pouco que não empurrei Traddles contra o fogão, ao fazer uma mesura, com extrema confusão, a duas senhoras baixas, idosas, vestidas de preto, que se pareciam com duas diminutivas reproduções encarquilhadas do defunto *Mister* Spenlow.

— Queira sentar-se — disse uma das pequenas senhoras.

Quando cessei de fazer cair Traddles e que procurei uma outra cadeira ao mesmo tempo que um gato, sobre o qual me sentei, recuperei suficientemente os sentidos para notar que *Mister* Spenlow devia ser evidentemente o mais novo da família e devia ter seis ou oito anos menos do que as duas irmãs. A mais nova

parecia encarregada de dirigir a conferência, tanto mais que tinha na mão a minha carta (a minha pobre carta! Reconhecia-a bem e todavia tremia de a reconhecer) e ela consultava-a de tempos a tempos com a sua luneta. As duas irmãs estavam vestidas iguais, mas a mais nova tinha todavia na sua pessoa não sei quê de um pouco mais juvenil e também no seu vestuário alguma renda a mais na gola, talvez um broche ou um bracelete, ou qualquer coisa assim que lhe dava uma aparência mais moça. Eram ambas hirtas, tranquilas e circunspectas. A irmã que não tinha a minha carta na mão cruzava os braços sobre o peito como um ídolo.

— É o senhor Copperfield, penso eu? — disse a irmã que tinha a carta, dirigindo-se a Traddles.

Que deplorável começo! Traddles obrigado a explicar que eu é que era *Mister* Copperfield e eu reduzido a reclamar a minha personalidade! E elas forçadas, por sua vez, a emendarem a opinião preconcebida de que Traddles era *Mister* Copperfield. Vejam lá como era agradável! E ainda por cima ouvimos distintissimamente dois pequenos latidos de Jip, desta vez abafados ainda.

— Senhor Copperfield! — disse a irmã que tinha a carta na mão.

Eu fiz não sei quê, provavelmente uma mesura e depois prestei toda a atenção ao que me disse a outra irmã.

— Minha mana Savínia, que é mais versada do que eu em tais matérias, é quem vai dizer-lhe o que julgamos de melhor a fazer no interesse das duas partes.

Soube mais tarde que *miss* Savínia fazia autoridade nos negócios de coração, porque houvera noutros tempos um certo *Mister* Pidger, que jogava o *whist* e que, ao que se supunha, a namoriscara. A minha opinião pessoal é que a suposição era inteiramente gratuita e que Pidger estava perfeitamente inocente de tal sentimento; o que há de positivo, é que nunca ouvi dizer que ele fizesse por isso. Mas enfim, *miss* Savínia e *miss* Clarissa, criam como num artigo de fé que ele teria declarado a sua paixão, se não tivesse sido levado na flor da idade (tinha uns sessenta anos), pelo abuso dos licores fortes, corrigido depois tarde e mal pelo abuso das águas de Bath como antídoto. Elas tinham até uma secreta suspeita de que ele morrera de um amor recolhido, o mesmo que consagrava a Savínia. Devo dizer que o retrato que elas conservavam dele apresentava um nariz carmesim que parecia não ter de forma alguma sofrido desse amor dissimulado.

— Nós não queremos — disse *miss* Savínia — ir buscar ao passado a origem do caso. A morte do nosso pobre mano Francis apagou tudo isso.

— Nós não tínhamos — disse *miss* Clarissa — frequentes relações com o mano Francis; mas não havia divisão nem desunião positiva entre nós. Francis

ficou do seu lado, nós do nosso. Achámos que era o que havia de melhor a fazer no interesse das duas partes e era verdade.

As duas irmãs inclinavam-se igualmente para a frente quando falavam, depois abanavam a cabeça e punham-se direitas quando acabavam. *Miss* Clarissa nunca gesticulava. Com os dedos tocava algumas vezes piano sobre os joelhos, minuetes, marchas, suponho, mas os seus braços ficavam sempre imóveis.

— A posição da nossa sobrinha, pelo menos a sua posição suposta, mudou bastante desde a morte de nosso mano Francis. Devemos pois crer — disse *miss* Savínia — que a opinião de nosso mano acerca da posição de sua filha já não tem a mesma importância. Não temos razão para duvidar, *Mister* Copperfield, que o senhor não possua uma excelente reputação e um carácter honrado, nem que não tenha afeição por nossa sobrinha, ou pelo menos que não creia firmemente ter afeição por ela.

Respondi, como não queria em caso algum deixar fugir a ocasião, que nunca ninguém tinha amado alguém como eu amava Dora. Traddles auxiliou-me logo com um murmúrio confirmativo.

*Miss* Savínia ia a fazer um reparo, quando *miss* Clarissa, que parecia obcecada sem cessar pela necessidade de aludir ao seu mano Francis, tornou a tomar a palavra.

— Se a mãe de Dora — disse ela — nos dissesse, no dia em que desposou o nosso mano Francis, que não havia lugar para nós à sua mesa, melhor valeria no interesse das duas partes.

— Mana Clarissa — disse *miss* Savínia — é talvez melhor deixar isso de lado.

— Mana Savínia — disse *miss* Clarissa — isso tem relação com o assunto. Não terei a pretensão de imiscuir-me no ramo do assunto que lhe diz respeito. A mana é mais que competente para tratar disso. Mas, quanto ao outro ramo do assunto, reservo a minha voz e a minha opinião. Melhor valeria, no interesse das duas partes, que a mãe de Dora nos exprimisse claramente as suas intenções no dia em que desposou o mano Francis. Teríamos sabido a que ater-nos. Ter-lhe-íamos dito «Não se incomode mais a convidar-nos» e qualquer mal entendido teria sido evitado.

Quando *miss* Clarissa acabou de abanar a cabeça, *miss* Savínia tornou a tomar a palavra, consultando sempre a minha carta através da sua luneta. As duas irmãs tinham olhinhos redondos e brilhantes que se pareciam com olhos de pássaro. Em geral, tinham muita relação com passarinhos e havia no seu tom breve, pronto e brusco, como também no cuidado muito asseado com que compunham o vestuário, qualquer coisa que recordava a natureza e os costumes dos canários.

*Miss* Savínia retomou, pois, a palavra.

— O senhor Copperfield pede-nos, à mana Clarissa e a mim, autorização para

nos vir visitar, como noivo da nossa sobrinha?

— Se conveio ao mano Francis — disse *miss* Clarissa que rompeu de novo (se tanto se pode dizer romper ao falar de uma interrupção feita com um ar tão sossegado) — se lhe aprouve rodear-se da atmosfera dos *Doctor's-Commons* tínhamos, por ventura, o direito ou o desejo de nos opor a isso? Não, por certo. Nunca procuramos impor-nos a ninguém. Mas porque não o dizer? O mano Francis e sua mulher eram perfeitamente senhores de escolher a sua companhia, como a mana Clarissa e eu, de escolhermos a nossa. Somos suficientemente maiores para não nos deixarmos cair em falta, suponho!

Como esta apóstrofe parecia dirigir-se a Traddles e a mim julgamo-nos obrigados a dar-lhe alguma resposta. Traddles falou muito baixo, não pôde ouvir-se; eu disse, segundo creio, que isso fazia grande honra a toda a gente. Palavra que não sei o que queria dizer com isso.

— Mana Savínia — disse *miss* Clarissa assim que ela acabou de aliviar o coração — continue.

*Miss* Savínia continuou:

— Senhor Copperfield, a mana Clarissa e eu reflectimos maduramente acerca da sua carta; e, antes de reflectirmos, começámos por mostrá-la à nossa sobrinha e por a discutirmos com ela. Não duvidamos que o senhor creia amá-la muito.

— Se creia amá-la, minha senhora! Oh!...

Ia entrar em êxtase, mas *miss* Clarissa lançou-me tal olhar (exactamente o de um canarinho), como para me rogar que não interrompesse o oráculo, que me calei pedindo desculpa.

— A afeição — disse *miss* Savínia olhando para sua irmã como para lhe pedir que a apoiasse com o seu assentimento, e *miss* Clarissa não faltava no fim de cada frase com um pequeno meneio de cabeça *ad hoc* —, a afeição sólida, o respeito, a dedicação custam a exprimir-se. A sua voz é débil. Modesto e reservado, o amor esconde-se, espera, espera sempre. E como um fruto que aguarda a maturidade. Muitas vezes a vida passa e ele fica ainda a amadurecer à sombra.

Naturalmente, não compreendi então que era uma alusão aos sofrimentos presumidos do desditoso Pidger; vi somente, pela gravidade com que *miss* Clarissa agitava a cabeça, que havia um profundo sentido nessas palavras.

— As inclinações ligeiras (porque não poderia compará-las com os sentimentos sólidos de que falo) — continuou *miss* Savínia — as inclinações ligeiras da gente moça não são ao pé disto senão o que a poeira é para a rocha. É tão difícil saber se têm um fundamento sólido, que a mana Clarissa e eu não sabíamos que fazer, a falar verdade, senhor Copperfield e senhor...

— Traddles — disse o meu amigo ao ver que o indicavam.

— Peço-lhe perdão, senhor Traddles do Templo, não é assim que se chama? — disse *miss* Clarissa deitando a luneta para a carta.

— Precisamente — disse Traddles, e ficou vermelho como um pimentão.

Eu não tinha recebido ainda nenhum estímulo positivo, mas parecia-me notar que as duas irmãs e sobretudo *miss* Savínia, se compraziam nessa nova questão de interesse doméstico; que procuravam tirar dela todo o partido possível e fazê-la durar o mais possível e isso dava-me boas esperanças. Julgava entrever que *miss* Savínia ficaria encantada de ter de governar dois jovens amantes, como Dora e eu e que *miss* Clarissa ficaria quase tão contente de a ver governar-nos, dando-se de tempos a tempos o prazer de dissertar sobre o ramo da questão que se tinha reservado para si. Isso deu-me coragem para declarar com a maior intensidade que amava Dora mais do que o podia dizer, ou do que se podia crer; que todos os meus amigos sabiam quanto eu a amava; que minha tia, Inês, Traddles, todos quantos me conheciam, sabiam quanto o meu amor por ela me tinha tornado sério. Invoquei o testemunho de Traddles. Traddles tomou calor como se mergulhasse impetuosamente num debate parlamentar e veio nobremente em meu auxílio; evidentemente, as suas palavras simples, sensatas e práticas, produziram uma impressão favorável.

— Tenho, se me é permitido dizê-lo, uma certa experiência nesta matéria — disse Traddles —; sou noivo de uma menina que é a mais velha de dez filhas, no Devonshire e até, no actual momento, não vejo probabilidade alguma de que possamos casar-nos.

— O senhor pode, pois, confirmar o que tenho dito, *Mister* Traddles — replicou *miss* Savínia, à qual ele inspirava evidentemente um interesse completamente novo sobre a afeição modesta e reservada que sabe esperar e sempre esperar.

— Inteiramente, minha senhora — replicou Traddles.

*Miss* Clarissa olhou para *miss* Savínia, fazendo-lhe com a cabeça um sinal cheio de gravidade.

*Miss* Savínia olhou para *miss* Clarissa com um ar sentimental e soltou um ligeiro suspiro.

— Mana Savínia — disse *miss* Clarissa — tome lá o meu frasco.

*Miss* Savínia reconfortou-se com os sais de sua irmã, depois continuou com uma voz mais fraca, enquanto que Traddles e eu a fitávamos com solicitude.

— Tivemos grandes dúvidas, a mana e eu, senhor Traddles, sobre a marcha que convinha seguir quanto à inclinação, ou pelo menos quanto à inclinação suposta de dois jovens como o seu amigo *Mister* Copperfield e a nossa sobrinha.

— A filha do mano Francis — fez notar *miss* Clarissa. — Se a mulher do mano Francis houvesse, quando viva, julgado conveniente (se bem que tivesse

certamente o direito de proceder diferentemente) convidar a família a jantar em casa dela, conheceríamos hoje melhor a filha do mano Francis. Continue, mana Savínia.

*Miss* Savínia voltou a minha carta, para passar os olhos pelo endereço, depois percorreu com a luneta algumas notas bem alinhadas que ali escrevera.

— Parece-nos prudente, senhor Traddles — disse ela — julgar por nós próprias da profundeza de tais sentimentos. Por agora não sabemos nada e não podemos saber o que realmente é; tudo quanto julgamos, pois, poder fazer é autorizar *Mister* Copperfield a vir-nos ver.

— Nunca esquecerei a sua bondade, minha senhora — exclamei com o coração aliviado de um grande peso.

— Mas por agora — prosseguiu *miss* Savínia — desejamos, senhor Traddles, que estas visitas se nos dirijam. Não queremos sancionar nenhum compromisso positivo entre *Mister* Copperfield e a nossa sobrinha, antes de termos ocasião...

— Antes da mana Savínia ter ocasião — emendou *miss* Clarissa.

— Desejo-o bem — respondeu *miss* Savínia com um suspiro — antes de eu ter ocasião de fazer o meu juízo.

— Copperfield — disse Traddles voltando-se para mim — o senhor aprecia, estou certo, que não se poderia dizer nada de mais razoável nem de mais sensato.

— Não, por certo — exclamei —, e estou o mais sensibilizado possível.

— No estado actual das coisas — disse *miss* Savínia, que recorreu de novo às suas notas — e uma vez que está estabelecido que autorizamos as visitas de *Mister* Copperfield, pedimos-lhe para que nos dê a sua palavra de honra de que não haverá com a nossa sobrinha comunicação alguma, de qualquer espécie que seja, sem que sejamos prevenidas; e que não formará, com respeito à nossa sobrinha, projecto algum sem previamente no-lo submeter...

— Sem lho submeter, mana Savínia — interrompeu *miss* Clarissa.

— Desejo-o bem, Clarissa — respondeu *miss* Savínia num tom resignado — a mim pessoalmente... e sem que tenha obtido a nossa aprovação. Fazemos disso uma condição expressa e absoluta que não deverá ser infringida sob nenhum pretexto. Pedimos a *Mister* Copperfield que se fizesse acompanhar hoje por uma pessoa de confiança (e voltou-se para Traddles que fez uma mesura), a fim de que não pudesse haver nem dúvida nem mal entendido sobre este ponto. *Mister* Copperfield, se o senhor ou *Mister* Traddles têm o mínimo escrúpulo em nos fazerem esta promessa, peço-lhes que tomem tempo para reflectir.

Exclamei, no meu entusiasmo, que não precisava de reflectir um instante mais. Jurei solenemente e, no tom mais apaixonado, invoquei o testemunho de Traddles; declarei-me antecipadamente o mais atroz e o mais perverso dos homens, se algum dia faltasse por qualquer forma a esta promessa.

— Queiram esperar — disse *miss* Savínia erguendo a mão — antes de termos o prazer de os receber, meus senhores, tínhamos resolvido deixá-los sós um quarto de hora, para lhes dar o tempo de reflectirem sobre este assunto. Dêem-nos licença que nos retiremos.

Baldadamente repeti que não tinha precisão de reflectir; elas persistiram em retirar-se por um quarto de hora. Os dois passarinhos foram embora saltitando com dignidade e ficámos sós; eu, transportado a regiões deliciosas e Traddles ocupado em me cumular com as suas felicitações. Ao cabo de um quarto de hora, nem mais nem menos, reapareceram, sempre com a mesma dignidade! Quando saíram, o roçar dos seus vestidos tinha produzido um ligeiro sussurro como se fossem compostos de folhas secas; quando regressaram, fez-se ouvir ainda o mesmo frémito.

Prometi de novo observar fielmente a prescrição.

— Mana Clarissa — disse *miss* Savínia — o resto é consigo.

*Miss* Clarissa cessou, pela primeira vez, de ter os braços cruzados, pegou nas suas notas e passou-lhes uma vista de olhos.

— Felicitar-nos-emos — disse *miss* Clarissa — em convidarmos *Mister* Copperfield para jantar todos os domingos, se assim lhe convier. Jantamos às três horas.

Fiz uma mesura.

— Na semana corrente — continuou *miss* Clarissa — muito estimaremos que *Mister* Copperfield venha tomar chá connosco. Tomámos o chá às seis horas e meia.

Fiz outra mesura.

— Duas vezes por semana — observou *miss* Clarissa —; mais não.

Fiz nova mesura.

— *Miss* Trotwood, de quem *Mister* Copperfield faz menção na sua carta — disse *miss* Clarissa — há-de talvez vir ver-nos. Quando as visitas são úteis, no interesse das duas partes, estimamos muito receber visitas e pagá-las. Mas quando vale mais, no interesse das duas partes, que se não façam visitas (como nos sucedeu com o mano Francis e a sua família), então é completamente diferente.

Eu assegurei que minha tia se daria por feliz e se desvaneceria de as conhecer e todavia devo dizer que não estava bem certo que elas devessem sempre entender-se perfeitamente. Fixadas todas as condições, exprimi calorosamente os meus agradecimentos e pegando na mão, primeiro de *miss* Clarissa e depois de *miss* Savínia, levei-as sucessivamente aos lábios.

Então *miss* Savínia levantou-se e, pedindo a *Mister* Traddles que nos esperasse um instante, pediu-me para a acompanhar. Obedeci a tremer;

conduziu-me a uma antecâmara. Encontrei lá a minha bem amada Dora, com a cabeça encostada à parede e Jip encerrado no escalfador dos pratos, com a cabeça embrulhada num guardanapo.

Oh! Como ela estava bonita no seu vestuário de luto! Como chorou a princípio e como me custou a tirá-la do seu canto! E como nos demos ambos por felizes quando acabou por se decidir! Que alegria ao tirar Jip do escalfador, ao restitui-lo à luz do dia e de nos encontrarmos todos três reunidos!

— Minha querida Dora! Agora és minha para sempre!

— Oh! Deixe-me! — disse ela em tom suplicante —, peço-lhe!

— Não é agora minha para sempre, Dora?

— Sim, certamente — gritou Dora —, mas tenho medo!

— Medo, minha querida!

— Oh, sim! Eu não gosto dele — disse Dora. — Porque é que ele não vai embora?

— Ele quem, meu tesouro?

— O seu amigo — disse Dora. — Ele tem alguma coisa com isto? É preciso ser muito estúpido!

— Meu amor! (Nunca vi nada de mais sedutor do que as suas maneiras infantis). É o melhor dos rapazes!

— Mas para que temos precisão de um rapaz melhor? — disse ela amuada.

— Minha querida — prossegui eu — há-de conhecê-lo não tarda e há-de gostar dele. Minha tia também há-de cá vir e estou certo de que há-de igualmente gostar dela de todo o seu coração.

— Oh! Não, não a traga! — disse Dora beijando-me com um ar um pouco assustado e juntando as mãos. — Não! Eu bem sei que é uma velhota má. Não a traga cá, meu Dodyzinho. (Era uma corrupção de Davidzinho, que ela empregava por amizade).

As admoestações não serviriam de nada; pus-me a rir, a contemplá-la com amor, com felicidade: ela mostrou-me como Jip sabia bem pôr-se de pé, sentado nas patas e deve dizer-se em verdade que, de facto, punha-se bem de pé o tempo que dura um relâmpago e caía logo. Enfim, não sei quanto tempo eu poderia estar assim, sem pensar por forma alguma em Traddles, se *miss* Savínia não viesse buscar-me. *Miss* Savínia amava muito Dora (disse-me ela que Dora era exactamente o seu retrato quando ela era nova. Deus do céu! Como se desfigurou tanto!) e tratava-a como um brinquedo. Eu quis persuadir Dora a que fosse ver Traddles; mas a esta proposta, ela correu a fechar-se no seu quarto; fui, pois, sem ela, ao encontro de Traddles e saímos juntos.

— Nada podia sair de mais satisfatório — disse Traddles — e as duas velhotas são amabilíssimas. Não me causaria grande surpresa, se o Copperfield se casasse

muito antes de mim.

— A sua Sofia toca algum instrumento, Traddles? — perguntei-lhe no orgulho do meu coração.

— Sabe tocar piano suficientemente bem para o ensinar às suas irmãzinhas — disse Traddles.

— E canta?

— Canta às vezes baladas para divertir as outras, quando não estão bem dispostas — disse Traddles —, mas não executa nada de artístico.

— Não canta, acompanhando-se à guitarra?

— Oh, céus! Não!

— E pinta?

— Absolutamente nada — disse Traddles.

Prometi a Traddles que lhe havia de proporcionar a ocasião de ouvir cantar Dora e que lhe havia de mostrar as suas pinturas de flores.

Traddles disse-me que muito estimaria e regressámos a minha casa de braço dado, o mais alegremente que se pode imaginar. Animei-o a falar-me de Sofia, o que ele fez com uma eterna confiança nela, que me emocionou. Eu comparava-a a Dora dentro do meu coração, com uma grande satisfação de amor próprio; mas, é o mesmo, reconhecia de muito boa vontade dentro de mim próprio que ela seria evidentemente uma excelente mulher para Traddles.

Naturalmente, minha tia foi imediatamente posta ao facto do feliz resultado da nossa conferência e ao corrente de todas as minudências. Sentiu-se feliz por me ver feliz e prometeu-me ir muito brevemente ver as tias de Dora. Mas, nessa noite, andou tanto tempo de cá para lá na sala, enquanto eu escrevia a Inês, que eu começava a crer que ela tencionava continuar assim até ao dia seguinte de manhã.

A minha carta a Inês era cheia de afecto e de reconhecimento; pormenorizava-lhe todos os bons efeitos dos conselhos que me dera. Na volta do correio recebi carta dela, carta cheia de confiança, de razão e de bom humor, e, a datar desse dia, mostrou sempre a mesma jovialidade.

Eu tinha mais que fazer do que nunca. Putney ficava longe de Highgate, aonde eu ia todos os dias e todavia eu desejava ir a Putney as mais vezes que pudesse. Como não havia meio de poder ir a casa de Dora à hora do chá, obtive, por capitulação, licença de *miss* Savínia para lá ir todos os sábados de tarde, sem que prejudicasse o domingo. Ficava, pois, com dois belos dias no fim de cada semana e os outros decorriam muito suavemente à espera daqueles.

Aliviou-me extremamente ver que minha tia e as tias de Dora se entenderam, no fim de contas, umas com as outras, muito melhor do que eu esperava. Minha tia fez a sua visita quatro ou cinco dias depois da minha conferência, e, dois ou

três dias depois, as tias de Dora pagavam-lhe a visita, com todas as regras, com grande cerimónia. Essas visitas amiudaram-se, mas de uma maneira mais amigável, de três em três semanas. Eu bem sei que minha tia perturbava todas as ideias das tias de Dora, pelo seu desdém pelos trens, de que não se servia, preferindo mais ir a pé até Putney e pelo seu pouco respeito pelos preconceitos da civilização, chegando a horas inconvenientes, logo a seguir ao almoço, ou um quarto de hora antes do chá, ou então pondo o chapéu da maneira mais extravagante, sob o pretexto de que isso lhe era mais cómodo. Mas não tardou que as tias de Dora se habituassem a considerar minha tia como uma pessoa excêntrica e um tanto máscula, mas de uma grande inteligência, e, conquanto minha tia exprimisse por vezes, acerca de certas conveniências sociais, opiniões heréticas que atordoavam as tias de Dora, todavia ela amava-me muito para sacrificar à harmonia geral algumas das suas singularidades.

O único membro da nossa pequena roda que recusava positivamente adaptar-se às circunstâncias, era Jip. Nunca via minha tia que não fosse logo encafuar-se debaixo de uma cadeira, arreganhando os dentes e rosnando constantemente; de tempos a tempos fazia ouvir um uivo doloroso, como se ela lhe afligisse os nervos. Tentou-se tudo: afagaram-no, ralharam-lhe, bateram-lhe, levaram-no para Buckingham Street (aonde ele se atirou imediatamente aos dois gatos, com grande terror dos espectadores); mas nunca puderam fazer com que suportasse a companhia de minha tia. As vezes fazia supor que acabara por ser razoável e vencera a sua antipatia; fingia-se mesmo amável durante um momento, mas daí a pouco arreganhava o focinho e uivava tão alto, que era preciso encafuá-lo logo no escalfador dos pratos, para que não pudesse ver nada. Enfim, Dora tomara a resolução de o embrulhar imediatamente num guardanapo e metê-lo no escalfador, mal se anunciava a chegada de minha tia.

Havia uma coisa que muito me inquietava, mesmo no meio desta doce vida: era que Dora parecia passar, aos olhos de todo o mundo, por um brinquedo encantador. Minha tia, com quem ela se fora familiarizando pouco a pouco, chamava-lhe a sua florzinha; e *miss* Savínia passava o tempo a cuidar dela, a fazer-lhe os caracóis, a preparar-lhe lindos vestuários: tratavam-na como uma criança de mimo. O que *miss* Savínia fazia, sua irmã também naturalmente o fazia pelo seu lado. Isso pareceu-me singular; mas toda a gente tinha, até certo ponto, o ar de tratar Dora como Dora tratava Jip.

Decidi-me a falar-lhe nisso e um dia que estávamos sós juntos (porque *miss* Savínia permitira, ao fim de pouco tempo, que saíssemos sós), eu disse-lhe que desejava muito que ela pudesse persuadir-se que a tratassem de outra maneira.

— Porque, olhe, minha querida Dora, a *miss* não é nenhuma criança!

— Ora! — disse Dora — Então não me está agora a sair resmungão!?

— Resmungão, meu amor?

— Eu acho que todos são bons para mim — disse Dora — e sinto-me muito feliz.

— Em boa hora seja; mas, minha querida menina, não será menos feliz quando a tratarem como uma pessoa razoável.

Dora lançou-me um olhar de censura, que olharzinho encantador! E pôs-se a soluçar, dizendo que, «já que não a amava, não sabia porque desejara tanto ser seu noivo e já que não podia suportá-la, melhor faria em me ir embora».

Que podia eu fazer, senão beijar os seus lindos olhos cheios de lágrimas e repetir-lhe que a adorava?

— E eu que o amo tanto! — disse Dora. — Não devia ser tão cruel para mim, David!

— Cruel? Meu amor! Como se eu pudesse ser cruel para si!

— Então não me ralhe — disse Dora com esse pequeno amuo que fazia da sua boca um botão de rosa — e eu serei muito cuidadosa.

Fiquei encantado um instante depois de a ouvir pedir-me de seu moto próprio, se eu lhe queria dar o livro do cozinheiro, de que lhe tinha falado uma vez e ensinar-lhe a escriturar contas, como eu lhe prometera. Na visita seguinte, levei-lhe o livro muito bem encadernado, para que tivesse a aparência mais atraente e animadora; e sempre passeando pelos campos, mostrei-lhe um velho livro de contas de minha tia e dei-lhe uma carteirinha, uma linda lapiseira e uma caixa de plumbagina, para que ela pudesse exercitar-se no governo de casa.

Mas o livro do cozinheiro fez-lhe dores de cabeça e os algarismos fizeram-na chorar. Eles não queriam deixar-se somar, dizia ela; assim, pôs-se a safá-los todos e a desenhar no lugar deles, na carteira, ramalhetes de flores, ou então o retrato de Jip e o meu.

Tentei em seguida de dar-lhe verbalmente alguns conselhos acerca das coisas de casa, nos nossos passeios do sábado. Algumas vezes, por exemplo, quando passávamos diante de um açougue, dizia-lhe eu:

— Ora vamos a ver, meu amor: se já fôssemos casados e que tivesse de comprar uma pá de carneiro para o nosso jantar, saberia comprá-la?

O lindo rosto de Dora entristecia-se e adiantava os lábios, como se quisesse fechar os meus com um beijo.

— Saberia comprar uma, meu amor? — repetia eu então com um ar inflexível.

Dora reflectia um momento e depois respondia-me com ar de triunfo:

— O carniceiro havia de ma saber vender; não é o bastante? Oh, David, como o senhor é peguenho!

De outra vez, perguntei a Dora, olhando para o livro do cozinheiro, o que ela faria se estivéssemos casados e eu lhe pedisse para me arranjar um bom estufado

à irlandesa. Ela respondeu-me que diria assim à cozinheira: «Faça-me um estufado». Depois bateu palmas, rindo tão alegremente, que me pareceu mais encantadora do que nunca.

Em consequência disso, o livro do cozinheiro não serviu para outra coisa senão para pôr a um canto, a fim de colocar sobre ele, em pé, o pequeno Jip. Num dia em que Dora conseguiu assim equilibrá-lo em cima do livro, com a lapiseira entre os dentes, ficou tão contente, que não me arrependi de o ter comprado.

Voltámos à guitarra, aos ramos de flores, às canções acerca do prazer de dançar sempre, trá-lá-lá, e toda a semana ia decorrendo em divertimentos e pândegas. De tempos a tempos eu desejaria poder insinuar a *miss* Savínia que ela tratava a minha querida Dora um pouco como um brinquedo e às vezes acabava por confessar de mim para mim que eu também cedia à sedução geral e tratava-a igualmente como um brinquedo, tanto como os outros, algumas vezes, mas não muitas.

## Capítulo XLII — Uma nódoa negra

Sei que não me cabe contar, se bem que este manuscrito não seja destinado senão só para mim, com que ardor me apliquei a fazer progressos em todas as minudências dessa malfadada estenografia, para corresponder à espera de Dora e à confiança de suas tias. Somente acrescentarei ao que já disse da minha perseverança nessa época e da paciente energia que começava então a tornar-se o fundo do meu carácter, que é, sobretudo, a essas qualidades que eu devi mais tarde a ventura de ser bem sucedido. Tive muita felicidade nas coisas desta vida; bastantes pessoas trabalharam mais do que eu, sem obterem tanto êxito, mas eu nunca poderia fazer o que fiz sem os hábitos de pontualidade, de ordem e de diligência que comecei a contrair e sobretudo sem a faculdade que adquiri então de concentrar todas as minhas atenções sobre um só objecto a um tempo, sem me inquietar com o que ia suceder-lhe talvez no mesmo instante. Deus sabe que eu não escrevo isto para me gabar! Era preciso ser verdadeiramente um santo para não ter que lamentar, repassando toda a sua vida como aqui o faço, página por página, bastantes talentos desprezados, bastantes ocasiões favoráveis perdidas, bastantes erros e bastantes faltas. É provável que empregasse mal, como qualquer outro, todos os dons que recebi. O que simplesmente quero dizer é que, desde esse tempo, tudo quanto tive de fazer neste mundo, tentei fazê-lo bem; que me dediquei inteiramente ao que empreendi e que nas pequenas como nas grandes coisas, não me desviei do meu fim. Não creio que seja possível, mesmo aos que têm grandes famílias, alcançarem bom êxito, se não reunirem ao seu talento natural qualidades simples, sólidas, laboriosas, e, sobretudo, uma legítima confiança no êxito; não há nada mais eficaz neste mundo do que querer. Talentos raros ou ocasiões favoráveis, formam por assim dizer os dois braços da escada aonde é preciso trepar, mas, antes de tudo, que os degraus sejam de madeira forte e resistente; nada poderia substituir, para se alcançar bom êxito, uma vontade séria e sincera. Em vez de tocar em qualquer coisa com a ponta do dedo, entregava-me a ela de corpo e alma e qualquer que fosse a minha obra, nunca afectei depreciá-la. São estas as regras com que me não dei mal.

Não quero repetir aqui quanto devo de reconhecimento a Inês na prática destes preceitos. A minha narrativa arrasta-me para ela como o meu reconhecimento e o meu amor.

Ela veio fazer-me a casa do doutor uma visita de quinze dias. *Mister* Wickfield era um velho amigo desse excelente homem, que desejava vê-lo para tratar de lhe fazer bem. Inês tinha-lhe falado de seu pai na sua última visita a

Londres e essa viagem era o resultado da sua conversação. Ela acompanhou *Mister* Wickfield. Não me surpreendeu saber que ela tinha prometido a *Mistress* Heep encontrar-lhe alojamento na vizinhança; os seus reumatismos, dizia ela, exigiam uma mudança de ar e ficaria encantada por se encontrar em tão boa companhia. Não me surpreendeu tão pouco ver chegar no dia seguinte Uriah, como bom filho que era, para instalar a sua respeitável mãe.

— Olhe, mestre Copperfield — disse ele impondo-me a sua companhia, enquanto eu passeava no jardim do doutor — quando se ama é-se ciumento ou, pelo menos, deseja-se poder vigiar o objecto amado.

— De quem é que é agora ciumento? — perguntei.

— Graças a si, mestre Copperfield — prosseguiu ele — de ninguém em particular no momento, nem de um homem, ao menos.

— Estará porventura ciumento de uma mulher?

Ele lançou-me um olhar de través com os seus sinistros olhos vermelhos e pôs-se a rir.

— Realmente, mestre Copperfield — disse ele — ...eu deveria dizer *Mister* Copperfield, mas há-de perdoar-me este hábito inveterado; o senhor é tão hábil que, palavra, desarrolha-me como com um saca-rolhas! Muito bem! Não hesito em dizer-lho — e pousou em mim a sua mão pegajosa e fria — nunca fui menino bonito das damas, nunca fui muito do agrado de *Mistress* Strong.

Os seus olhos tornaram-se verdes enquanto olhava para mim com uma astúcia infernal.

— Que quer dizer? — perguntei-lhe.

— Mas se bem que eu seja procurador, mestre Copperfield — prosseguiu ele com um risinho seco — eu quero dizer, por agora, exactamente o que digo.

— E que quer dizer o seu olhar? — continuei com tranquilidade.

— O meu olhar? Mas, Copperfield, o senhor torna-se bastante exigente. Que quer dizer o meu olhar?

— Sim — disse eu — o seu olhar?

Pareceu encantado e riu com tão boa vontade como ele sabia rir. Depois de ter esfregado o queixo, prosseguiu lentamente e com os olhos no chão:

— Quando eu não passava de um humilde empregado, ela desprezou-me sempre. Queria sempre atrair a minha Inês para casa dela e tinha-lhe bastante amizade a si, mestre Copperfield. Enquanto que eu estava muito abaixo dela para que em mim reparasse.

— E daí — disse eu — quando assim fosse?

— E abaixo *dele* também! — prosseguiu Uriah muito distintamente e num tom de reflexão, continuando sempre a coçar o queixo.

— O senhor devia conhecer bastante o doutor — disse eu — para saber que

com o seu espírito distraído ele não pensava no senhor senão quando o via.

Ele olhou de novo para mim de través, estirou a magra caraça para poder coçar-se mais comodamente e respondeu-me:

— Oh! Eu não falo do doutor; oh, por certo que não; pobre homem! Eu falo de *Mister* Maldon.

O meu coração confrangeu-se; todas as minhas dúvidas, todas as minhas apreensões sobre esse assunto, toda a paz e toda a felicidade do doutor, toda essa miscelânea de inocência e de imprudência de que eu não pudera penetrar o mistério, tudo isso vi eu num momento que estava à mercê desse miserável hipócrita.

— Nunca entrava no escritório que me não dissesse que me fosse embora e que me não empurrasse para fora — disse Uriah. — Não estava mau, o bom sujeito! Eu era doce e humilde como sempre. Mas é o mesmo, eu não gostava dele nesse tempo e muito menos agora.

Parou de esfregar o queixo e pôs-se a sugar as bochechas, de maneira que deviam tocar-se dentro da boca, deitando-me sempre o mesmo olhar oblíquo e falso.

— Ela é o que se chama uma linda mulher — continuou ele, quando a sua cara retomou pouco a pouco a forma natural — e compreendo que não veja com bons olhos um homem como eu. Acho-a muito capaz, estou certo, de fazer, não tardaria muito, com que a minha Inês tivesse o desejo de visar mais alto; mas se não sou um galanteador para agradar às damas, mestre Copperfield, isso não impede que não tenha olhos para ver. Nós cá, com a nossa humildade, em geral, temos olhos e servimo-nos deles!

Tentei tomar uma aparência livre e despreocupada, mas via bem, pela cara dele, que não o enganava acerca das minhas inquietações.

— Não quero deixar-me derrotar, Copperfield — continuou ele franzindo, com um ar diabólico, o lugar aonde deveriam existir sobrancelhas ruivas, se é que as teve — e hei-de fazer quanto puder para pôr termo a esta ligação. Não a aprovo. Não receio confessar-lhe que não sou, de minha natureza, um marido cómodo e que quero afastar os intrusos. Não desejo expor-me a que se venha conspirar contra mim.

— O senhor é que conspira sempre e afigura-se-lhe que toda a gente faz o mesmo — disse-lhe eu.

— É possível, mestre Copperfield — respondeu ele —, mas eu tenho um fim, como dizia sempre o meu sócio e trabalharei com unhas e dentes para o conseguir. Por mais humilde que seja, não quero deixar de me importar com o que se faz. Não desejo que se atravessem no meu caminho. Olhe, positivamente, há-de ser preciso que eu os faça virar de querena, mestre Copperfield.

— Não o compreendo — disse.

— Deveras! — respondeu ele com um desses estremecimentos habituais. — Isso surpreende-me, mestre Copperfield, o senhor que tem tanto espírito. Tratarei de ser mais claro para outra vez. Que vejo?! Não é *Mister* Maldon quem vem lá abaixo, a cavalo? Vai bater à grade, creio!

— Parece que sim — respondeu o mais negligentemente possível.

Uriah parou de repente, meteu as mãos entre os joelhos e curvou-se em dois, à força de rir; era um riso perfeitamente silencioso; nada se ouvia. Eu estava por tal forma indignado do seu odioso procedimento e sobretudo da sua última conversa, que sem mais cerimónia lhe voltei as costas, deixando-o para ali, dobrado em dois, a rir à sua vontade no jardim, aonde tinha a aparência de um espantalho de pardais.

Não foi nessa noite, mas dois dias depois, um sábado, recordo-me bem, que eu levei Inês a ver Dora. Tinha antecipadamente combinado a visita com *miss* Savínia e as manas tinham convidado Inês para o chá.

Eu estava igualmente ufano e inquieto, ufano da minha queridinha noiva, inquieto por saber se ela agradaria a Inês. Pela estrada fora de Putney (Inês ia dentro da diligência e eu na imperial) procurava representar-me Dora sob um desses encantadores aspectos que tão bem lhe conhecia; ora dizia de mim para mim que desejava encontra-la exactamente como ela estava em tal dia; depois dizia comigo que talvez preferisse vê-la como em tal outro dia; a febre empolgava-me.

Em todo o caso, estava certo de que ela havia de estar muito bonita; mas sucedeu que nunca me tinha parecido tão encantadora. Não estava na sala de visitas quando apresentei Inês às tias dela; tinha fugido por timidez. Mas agora eu sabia aonde devia ir procurá-la e fui encontrá-la a tapar os ouvidos, com a cabeça encostada à mesma parede do primeiro dia em que a vi.

A princípio disse-me que não queria aparecer depois pediu-me que lhe concedesse cinco minutos marcados no meu relógio. Depois, enfim, deu-me o braço; o seu gentil rostozinho estava coberto de uma modesta vermelhidão; nunca estivera tão linda; mas, quando entrámos na sala, tornou-se muito pálida, o que a tornava ainda dez vezes mais bonita.

Dora tinha medo de Inês. Tinha-me dito que bem sabia que Inês «tinha muito espírito». Mas quando a viu fitá-la com os seus olhos a um tempo tão sérios e tão alegres, tão pensativos e tão bons, soltou um gritinho de alegre surpresa, atirou-se para os braços de Inês e encostou suavemente a sua face inocente à face dela.

Nunca me tinha sentido tão feliz, nunca tinha estado tão contente, como quando as vi sentarem-se muito juntas uma da outra. Que prazer ver a minha queridinha olhar tão simplesmente para os olhos tão afectuosos de Inês! Que

alegria ver a ternura com que Inês a fitava com o seu olhar incomparável.

*Miss* Savínia e *miss* Clarissa participavam da minha alegria a seu modo; nunca se viu assim um chá tão alegre. Era *miss* Clarissa quem presidia; eu cortava e fazia circular o pudim gelado com coríntias; as duas irmãzinhas gostavam de debicar como os pássaros as passas e o açúcar; *miss* Savínia olhava-nos com ar de benevolente protecção, como se o nosso amor e a nossa felicidade fossem obra sua; estávamos todos perfeitamente contentes connosco e com os outros.

A doce serenidade de Inês tinha conquistado o coração de todas. Parecia ter vindo completar a nossa feliz rodinha. Com que tranquilo interesse ela se ocupava de tudo quanto a Dora interessava! Com que alegria ela soubera fazer-se bem aceitar imediatamente por Jip! Com que amável jovialidade ela gracejava com Dora, que não se atrevia a vir sentar-se a meu lado! Com que graça modesta e simples ela arrancava a Dora encantada uma porção de confidenciazinhas que a faziam ruborizar até ao branco dos olhos!

— Estou tão contente que goste de mim! — disse Dora quando acabámos de tomar o chá. — Eu não tinha a certeza disto e, agora que Júlia Mills partiu, mais necessidade tenho de amizade.

Recordo-me que me tinha esquecido anunciar este facto importante. *Miss* Mills embarcara e Dora e eu tínhamos ido visitá-la a bordo do vapor, à baía de Gravesend; deram-nos à merenda gengibre de compota, goiaba e toda a espécie de outras gulodices deste género; deixámos *Miss* Mills coberta de lágrimas, sentada a bordo, numa cadeira de abrir e fechar. Tinha debaixo do braço um grande registo em que se propunha consignar, dia a dia e cuidadosamente guardar à chave, as reflexões que o espectáculo do Oceano lhe inspirasse.

Inês disse que receava que eu tivesse feito dela um retrato pouco agradável, mas Dora certificou-a logo do contrário.

— Oh! Não — disse ela sacudindo os seus lindos cabelos anelados —, pelo contrário, não se poupava a louvores a seu respeito. Ele tem mesmo em tanta conta a sua opinião, que eu quase a receava por mim.

— A minha boa opinião nada pode acrescentar à afeição dele pelas pessoas — disse Inês sorrindo —; não pode fazer mais.

— Oh! Mas diga-ma do mesmo modo — prosseguiu Dora com a sua voz mais carinhosa — se é possível.

Divertimo-nos muito com que Dora tanto desejasse que gostassem dela.

Depois disto, para se vingar, disse-me tolices, declarando que não gostava absolutamente de mim; e, no meio dessas doces criancices, a noite parecia-nos bem curta. A diligência não tardava a passar, era preciso partir. Eu estava só diante do fogão. Dora entrou muito levemente para me beijar antes de eu ir embora, segundo o seu costume.

— Não é verdade, Davy, que se eu tivesse há mais tempo uma amiga assim — disse-me ela com os seus olhos cintilantes e a sua mãozinha a correr-me os botões do casaco — não é verdade que eu teria talvez mais espírito do que tenho?

— Meu amor! — disse-lhe eu. — Que doidice!

— Julga que seja uma doidice? — replicou Dora sem olhar para mim. — Está bem certo disso?

— Perfeitamente certo!

— Esqueci-me — disse Dora, continuando sempre a torcer e a retorcer um botão — qual é o género de parentesco que tem com Inês, seu mau?

— Ela não é minha parenta — respondi —; fomos criados juntos, como irmão e irmã.

— Eu pergunto a mim mesmo como é que pode enamorar-se de mim — disse Dora, atacando outro botão do casaco.

— Talvez porque não era possível vê-la, sem a amar, Dora.

— E se nunca me tivesse visto? — disse ela passando a outro botão.

— É que não tínhamos nascido, nem eu riem a Dora — respondi alegremente.

Eu perguntava de mim para mim em que pensava ela, enquanto eu admirava silenciosamente a querida mãozinha que passava em revista, sucessivamente, todos os botões do meu casaco, os caracóis ondeantes que caíam no meu ombro, ou as compridas pestanas que lhe abrigavam os olhos descidos. Enfim, ergueu-os para mim, pôs-se em bicos de pés para me dar, com um ar mais pensativo que de costume, o seu precioso beijinho uma vez, duas vezes, três vezes; depois saiu da sala.

Toda a gente entrou cinco minutos depois; Dora recuperara a sua alegria habitual. Estava decidida a fazer executar a Jip todos os seus exercícios antes da chegada da diligência. Isso levou tanto tempo (não pela variedade das evoluções, mas pela má vontade de Jip) que a diligência já estava parada à porta e o cãozito não tinha exibido metade das habilidades. Inês e Dora despediram-se à pressa, mas muito ternamente; ficou combinado que Dora escreveria a Inês (com a condição de que não havia de achar tolas as suas cartas) e que Inês havia de lhe responder. Houve novas despedidas à portinhola da diligência, que se repetiram quando Dora, a despeito das admoestações de *miss* Savínia, correu ainda mais uma vez à portinhola, para recordar a Inês a sua promessa e para fazer voltear diante de mim os seus encantadores caracoizinhos.

A diligência devia deixar-nos ao pé de Covent Garden e aí tínhamos que entrar noutro carro que nos levasse a Highgate. Eu esperava impacientemente o momento de me encontrar só com Inês para saber o que ela me dizia de Dora. Ah, que elogio me fez dela! Com que ternura e com que bondade me felicitou de

ter conquistado o coração dessa encantadora criaturinha, que tinha desenvolvido diante dela toda a sua graça inocente! Com que seriedade me recordou, sem o parecer, a responsabilidade que sobre mim pesava!

Nunca, não! Nunca amei Dora tão profundamente nem tão sinceramente como nesse dia. Quando nos apeámos da diligência e que entrámos no tranquilo caminho que ia dar à casa do doutor, eu disse a Inês que era a ela que eu devia essa felicidade.

— Quando a Inês estava sentada ao pé dela — disse-lhe — tinha o ar de ser o anjo da guarda dela, como é o meu.

— Um pobre anjo — disse ela —, mas fiel.

A ternura da sua voz foi-me direita ao coração; prossegui muito naturalmente:

— Parece-me que a Inês readquiriu toda essa serenidade que só a si pertence; isso faz-me esperar que há mais felicidade lá em casa.

— Sou mais feliz no meu próprio coração — disse ela —; tenho-o tranquilo e alegre.

Fitei o seu lindo rosto ao clarão das estrelas; pareceu-me ainda mais nobre.

— Nada mudou em nossa casa — disse Inês após um momento de silêncio.

— Não desejaria fazer uma nova alusão... não era meu desejo atormentá-la, Inês, mas não posso deixar de lhe perguntar... sabe, aquilo em que falámos a última vez que a vi?

— Não, não há nada de novo — respondeu ela.

— Tenho pensado tanto nisso tudo!

— Pense menos. Recorde-se de que tenho confiança na afeição simples e fiel; não receie nada por minha causa, Trotwood — acrescentou ela ao cabo de um momento —; nunca farei o que receia.

Eu nunca o tinha receado nos momentos de tranquila reflexão e todavia foi para mim um alívio inexprimível receber a segurança dessa boca cândida e sincera. Disse-lho com vivacidade.

— E quando acabar esta visita — disse-lhe — porque não estamos certos de nos encontrarmos sós uma outra vez, a minha querida Inês estará muito tempo sem voltar a Londres?

— Provavelmente — respondeu ela. — Creio que vale mais para meu pai que fiquemos em casa. Não nos veremos, pois, muitas vezes durante algum tempo, mas hei-de escrever a Dora e por ela saberei notícias suas.

Chegáramos ao pé da casinha do doutor. Começava a fazer-se tarde. Via-se brilhar uma luz na janela do quarto de *Mistress* Strong. Inês indicou-ma e deu-me as boas noites.

— Não se perturbe — disse-me dando-me a mão — com o pensamento dos nossos desgostos e cuidados. Nada me pode tornar mais feliz do que a sua

felicidade. Se alguma vez me puder prestar auxílio, esteja certo de que lho pedirei. Que Deus continue a abençoá-lo!

Era tão terno o seu sorriso, era tão alegre a sua voz, que me parecia ainda ver e ouvir ao pé dela a minha Dorinha. Demorei-me um pouco debaixo do pórtico, ao olhos fixos nas estrelas, o coração cheio de amor e de reconhecimento, depois entrei vagarosamente. Tinha alugado um quarto muito perto e ia a passar a grade, quando, voltando por acaso a cabeça, vi luz no gabinete do doutor. Veio-me à ideia de que talvez estivesse a trabalhar no dicionário sem o meu auxílio. Quis certificar-me, e, em todo o caso, dar-lhe as boas noites, enquanto ele estava ainda no meio dos seus livros; e, atravessando muito devagar o vestíbulo, entrei no seu gabinete.

A primeira pessoa que vi à pálida luz do candeeiro foi Uriah. Fiquei surpreendido. Estava de pé junto da mesa do doutor, com uma das mãos de esqueleto a tapar-lhe a boca. O doutor estava sentado na sua poltrona e tinha a cabeça entre as mãos. *Mister* Wickfield, com o ar cruelmente perturbado e aflito, inclinava-se para a frente, mal se atrevendo a tocar no braço do seu amigo.

Um momento houve em que pensei que o doutor estava doente. Dei um passo para ele com solicitude, mas encontrei o olhar de Uriah; então compreendi do que se tratava. Queria retirar-me, mas o doutor fez um gesto para me reter: deixei-me ficar.

— Em todo o caso — dizia Uriah, contorcendo-se de uma maneira horrível — faremos muito bem se fecharmos a porta; não há necessidade de que se ouça lá fora.

Ao mesmo tempo adiantou-se para a porta, em bicos de pés e fechou-a cuidadosamente. Em seguida voltou a ocupar a mesma posição. Havia na sua voz e em todas as suas maneiras um zelo e uma compaixão hipócritas que me eram mais intoleráveis do que a impudência mais desavergonhada.

— Julguei do meu dever, mestre Copperfield — disse Uriah — fazer conhecer ao doutor Strong aquilo em que conversámos, o senhor e eu, sabe, no dia em que não me compreendeu perfeitamente?

Lancei-lhe um olhar sem dizer uma única palavra e aproximei-me do meu velho professor para lhe murmurar algumas palavras de consolação e de incitamento. Ele pousou a sua mão no meu ombro, como costumava fazer quando eu era ainda rapazinho, mas não ergueu a cabeça embranquecida.

— Como não me compreendeu, mestre Copperfield — prosseguiu Uriah no mesmo tom oficioso — tomarei a liberdade de dizer humildemente aqui, aonde estamos entre amigos, que chamei a atenção do doutor Strong para o comportamento de *Mistress* Strong. É bem a meu pesar que lhe asseguro, Copperfield, que me encontro metido em qualquer coisa de tão desagradável;

mas o facto é que a gente encontra-se sempre metido no que só desejaria evitar. É isto o que eu queria dizer, senhor, no dia em que não me compreendeu.

Não sei como resisti ao desejo de o agarrar pelo gasganete e estrangulá-lo.

— Provavelmente não me expliquei bem, nem o senhor tão pouco — continuou ele. — Naturalmente não tínhamos grande vontade de nos estendermos sobre tal assunto. Todavia, tomei, enfim, a minha resolução de falar claro e disse ao doutor Strong que... O senhor não quer falar?

Isto dirigia-se ao doutor, que tinha feito ouvir um gemido. Nenhum coração deixaria de emocionar-se, excepto, todavia, o de Uriah.

— Eu dizia ao doutor Strong — prosseguiu ele — que toda a gente podia perceber que havia muita intimidade entre *Mister* Maldon e a sua encantadora prima. Realmente chegou o tempo (visto que nos achámos imiscuídos em coisas que não podiam ser) em que o doutor Strong deve saber que isso era claro como o dia para toda a gente, muito antes da partida de *Mister* Maldon para as índias; que *Mister* Maldon não regressou por outra coisa e que não é por outra coisa que ele está sempre aqui. Quando o senhor entrou, eu pedia ao meu sócio — e voltou-se para *Mister* Wickfield — que se dignasse dizer em sua alma e consciência, ao doutor Strong, se há muito tempo não era da mesma opinião. *Mister* Wickfield, tem a bondade de no-lo dizer? Sim, ou não, senhor? Vamos, meu sócio!

— Pelo amor de Deus, meu caro amigo — disse *Mister* Wickfield pousando de novo a mão com um ar indeciso no braço do doutor —, não ligue grande importância a suspeitas que pude formular.

— Ah! — bradou Uriah, abanando a cabeça —, que triste confirmação das minhas palavras, não é verdade? Ele! Um amigo tão antigo! Mas, Copperfield, eu ainda não passava de um simples caixeiro nos seus escritórios e já o via não uma vez, mas vinte vezes, muito perturbado (e tinha toda a razão, na sua qualidade de pai e não serei eu que o censure) ao pensar que *miss* Inês se encontrava misturada com coisas que não podem ser.

— Meu caro Strong — disse *Mister* Wickfield numa voz trémula —, meu bom amigo, não tenho necessidade de lhe dizer que tive sempre o defeito de procurar em toda a gente um móbil dominante e de julgar todas as acções dos homens por esse princípio estreito. Foi talvez ainda o que me enganou nesta circunstância, dando-me dúvidas temerárias.

— Teve dúvidas, Wickfield — disse o doutor, sem erguer a cabeça —, teve dúvidas?

— Fale, meu sócio — disse Uriah.

— Tive, certamente, algumas — disse *Mister* Wickfield —, mas... Deus me perdoe, eu julgava que o senhor também as tinha.

— Não, não, não! — respondeu o doutor no tom mais patético.

— Pois julgava — disse *Mister* Wickfield — que quando desejou mandar Maldon para o estrangeiro, era no intuito de arranjar uma separação desejável.

— Não, não, não! — respondeu o doutor. — Era para dar gosto à Annie que eu procurei empregar o companheiro da sua infância. Nada mais.

— Vi-o depois — disse *Mister* Wickfield — e não podia duvidar, mas supunha... peço-lhe que se lembre que tive sempre a desgraça de julgar tudo por um ponto de visto muito estreito... eu supunha que, num caso em que havia uma tal diferença de idade...

— É assim que é preciso encarar o caso, não é verdade, mestre Copperfield? — observou Uriah com uma hipocrisia e insolente compaixão.

— Não me parecia impossível que uma pessoa tão nova e tão encantadora pudesse, apesar de todo o seu respeito por si, ter cedido, desposando-o, a considerações puramente mundanas. Eu não pensava numa porção de outras razões e de sentimentos que podiam tê-la decidido. Pelo amor do céu não se esqueça disso.

— Que caridade de interpretação! — disse Uriah meneando a cabeça.

— Como não o considerava senão no meu ponto de vista — disse *Mister* Wickfield — em nome de tudo o que lhe é caro, meu velho amigo, suplico-lhe que reflicta bem; sou forçado a confessar-lho, porque não posso deixar...

— Não, é impossível, senhor Wickfield — disse Uriah — uma vez que chegou até aí.

— Sou forçado a confessar — disse *Mister* Wickfield, fitando o sócio com um olhar dolorido e desolado — que tive dúvidas acerca dela, que supus que ela faltava aos seus deveres consigo; e que, se é preciso dizer-lhe tudo, tenho andado por vezes inquieto com o pensamento de que Inês estava bastante ligada com ela para ver o que via, ou pelo menos, o que julgava ver o meu espírito prevenido. Nunca o disse a ninguém. Abster-me-ia cuidadosamente de insuflar a alguém a menor ideia. E, por mais terrível que isso possa ser para o doutor ouvir — concluiu *Mister* Wickfield vencido pela emoção — se soubesse o que me incomoda dizer-lho, teria compaixão de mim!

O doutor, com a sua perfeita bondade, estendeu-lhe a mão. *Mister* Wickfield segurou-a um momento nas suas e ficou tristemente, de cabeça baixa.

— O que há de bem certo — disse Uriah que durante todo esse tempo se contorcia em silêncio como uma enguia — é que isto é para toda a gente um caso muito deplorável. Mas já que tão longe chegámos, tomarei a liberdade de observar que Copperfield já tinha igualmente dado fé.

Eu voltei-me para ele e perguntei-lhe como é que se atrevia a meter-me nisso.

— Oh! Isso fica-lhe muito bem, Copperfield — prosseguiu Uriah — e todos

sabemos quanto o senhor é bom e amável; mas o senhor sabe que na outra noite, quando lhe falei, compreendeu logo o que eu queria dizer. O senhor sabe-o, Copperfield, não negue! Eu bem sei que, se nega, é com as mais excelentes intenções; mas não o negue, Copperfield!

Vi parar um momento sobre mim o doce olhar do bom velho doutor e senti que ele não poderia ler senão muito claramente no meu rosto a confissão das minhas suspeitas e das minhas dúvidas. Era inútil dizer o contrário; eu não podia fazer nada; não podia contradizer-me a mim próprio.

Todos se tinham calado; o doutor levantou-se e atravessou duas ou três vezes o aposento, depois aproximou-se do lugar onde estava a sua poltrona e encostou-se ao espaldar; enfim, enxugando de tempos a tempos as lágrimas, disse-nos com uma sinceridade simples que lhe dava, na minha opinião, muito mais honra do que se procurasse ocultar a sua emoção:

— Eu tenho tido grande culpa. Creio sinceramente que tenho grande culpa. Expus uma pessoa que ocupa o primeiro lugar no meu coração, a dificuldades e a suspeitas de que, se não fora eu, não teria sido objecto.

Uriah Heep fez ouvir uma espécie de fungadela. Suponho que era para exprimir a sua simpatia.

— Se não fosse eu, nunca a minha Annie — continuou o doutor — estaria exposta a tais suspeitas. Eu sou velho, meus senhores, bem o sabem; sinto, esta noite, que já não tenho laços que me liguem à vida. Mas, respondo sobre a minha vida, sim, sobre a minha vida, pela fidelidade e pela honra da querida mulher que tem sido o assunto desta conversa!

Creio que não se encontraria nem entre os mais nobres cavaleiros, nem entre os mais belos tipos um dia inventados pela imaginação dos pintores, um velho capaz de falar com uma dignidade mais emocionante do que este bom velho doutor.

— Mas — prosseguiu ele — se pude iludir-me antes a este respeito, não posso dissimular-me agora, reflectindo nisto, que fui eu quem teve a culpa de fazer cair essa rapariga nos perigos de um casamento imprudente e funesto. Não tenho o hábito de reparar no que se passa e sou forçado a crer que as observações de diversas pessoas, de idade e de posição diferentes, que todos julgaram ver a mesma coisa, valem naturalmente mais do que a minha cega confiança.

Eu tinha admirado muitas vezes, já o disse, a benevolência das suas maneiras com a sua jovem esposa, mas, a meus olhos, nada podia ser mais emocionante do que a ternura respeitosa com que falava dela nessa ocasião e a nobre confiança com que repelia para longe a mais leve dúvida acerca da sua fidelidade.

— Desposei essa menina — tornou o doutor — quando ainda era quase uma

criança. Tomei posse dela antes que o seu nobre carácter fosse apenas formado. Os progressos que ela pôde fazer, fui eu que tive a felicidade de para eles contribuir. Conhecia bastante seu pai, conhecia-a muito a ela própria. Ensinei-lhe tudo quanto pude, por amor das suas belas e grandes qualidades. Se eu lhe fiz mal, como receio, abusando, sem querer, do seu reconhecimento e do seu afecto, do fundo da minha alma lhe peço perdão!

Atravessou a sala e depois regressou ao seu lugar; com a sua mão apertava a tremer a poltrona; a sua voz vibrava de uma emoção reprimida.

— Considerava-me como próprio a servir-lhe de refúgio contra os perigos e as vicissitudes da vida; afigurava-se-me que, apesar da desigualdade das nossas idades, poderia viver tranquila e feliz junto de mim. Mas, não creiam que eu jamais perdesse de vista que havia de vir um dia em que a deixasse livre, ainda formosa e nova; esperaria somente que então a deixaria também com um juízo mais reflectido para se dirigir na escolha que tivesse a fazer. Sim, meus senhores, é esta a verdade, pela minha honra o juro!

O seu rosto honesto animava-se e rejuvenescia sob a inspiração de tanta nobreza e de tanta generosidade. Havia em cada uma das suas palavras, uma força e uma grandeza que só a elevação desses sentimentos lhe podia dar.

— A minha vida tem sido com ela bastante feliz. Até esta noite, constantemente tenho abençoado o dia em que cometi para com ela, sem o saber, uma tamanha injustiça.

A sua voz tremia sempre cada vez mais; parou um momento e depois prosseguiu:

— Uma vez que saí deste belo sonho (de uma maneira ou de outra, sonhei muito na minha vida), compreendo que é natural que ela pense com um pouco de desgosto no seu antigo companheiro de infância. Não deixa de ser verdade, suponho, que ela pense nele com um pouco de desgosto inocente, que pense por vezes no que teria podido ser, se não fosse eu. Durante esta hora tão dolorosa por que acabo de passar com os senhores, lembraram-me e compreendi bastantes coisas a que antes não tinha prestado atenção. Mas, meus senhores, lembrem-se de que nem uma palavra nem um sopro de dúvida deve manchar o nome dessa jovem mulher.

Por um instante o olhar inflamou-se-lhe, a voz fortaleceu-se-lhe e depois calou-se novamente. Em seguida prosseguiu:

— Não me resta mais do que suportar com tanta submissão quanta puder, o sentimento de desgraça de que sou causa. É a ela a quem compete censurar-me, não a mim. O meu dever, nesta conjuntura, há-de ser protegê-la contra qualquer juízo temerário, juízo cruel de que nem os meus próprios amigos puderam resguardar-se. Quanto mais vivermos longe da sociedade, tanto mais me será

fácil esse viver. E quando chegar o dia (que o Senhor não demore muito, na sua grande misericórdia!), em que a minha morte a liberte de todo o constrangimento, cerrarei os meus olhos depois de ter contemplado ainda o seu querido rosto, com uma confiança e um amor sem limites e deixá-la-ei então, sem tristeza, livre para uma vida mais feliz e mais satisfeita.

As minhas lágrimas não mo deixavam ver; tanta bondade, tanta simplicidade e tanta convicção tinham-me emocionado até ao fundo de alma.

Ele dirigia-se para a porta, quando acrescentou:

— Meus senhores, abri-lhes todo o meu coração. Estou certo de que o hão-de respeitar. O que dissemos esta noite não deve repetir-se mais. Wickfield, meu velho amigo, dê-me o seu braço para me ajudar a subir.

*Mister* Wickfield apressou-se a correr para ele. Saíram lentamente, sem trocarem uma única palavra. Uriah seguia-os com os olhos.

— Então, mestre Copperfield! — disse ele voltando-se para mim com um ar complacente. — A coisa não tomou completamente o caminho que era dado esperar, porque esse velho sábio, que excelente homem!, anda cego como um morcego; mas, é o mesmo, aqui está uma família a quem eu faço virar de querena!

Bastava-me ouvir-lhe a voz para eu entrar num tal acesso de raiva como nunca tive igual, nem antes, nem depois.

— Miserável! — disse-lhe eu —, porque é que pretende enrodilhar-me nas suas pérfidas intrigas? Como é que se atreveu, há bocado, a apelar para o meu testemunho, seu vil trapaceiro!, como se tivéssemos discutido juntos aquele caso?

Estávamos em frente um do outro. Eu lia-lhe claramente na cara o seu secreto triunfo; eu sabia de mais que ele me tinha coagido a ouvi-lo unicamente para me desesperar e que me tinha expressamente atraído a uma emboscada. Era de mais: estava ao meu alcance a sua cara espapaçada: dei-lhe uma tal bofetada, que os dedos ficaram-me adormentados, como se acabasse de os meter no fogo.

Ele agarrou na mão que lhe bateu e ficámos um pouco de tempo a fitar-nos em silêncio, o bastante para que as marcas brancas com que os meus dedos lhe tinham avergoado a cara, se transformassem em marcas de um vermelho violeta.

— Copperfield! — disse ele por fim, numa voz estrangulada —, perdeu o juízo?

— Deixe-me — disse-lhe arrancando a minha mão da sua — deixe-me, você é um sabujo, não quero mais conhecê-lo!

— Deveras! — disse ele levando a mão à cara dorida —, por mais que faça, talvez não possa deixar de me conhecer... Sabe que é um ingrato?

— Bastantes vezes lhe tenho evidenciado — retorqui — que o desprezo.

Supõe você que eu receie ainda, tratando-o como merece, de o impelir a prejudicar mais os que o rodeiam? Não lhes tem você feito já todo o mal que tem podido?

Ele compreendeu perfeitamente esta alusão aos motivos que até então me tinham forçado a uma certa moderação nas minhas relações com ele. Creio que não chegaria nem a falar-lhe assim, nem a castigá-lo por minhas próprias mãos, se não tivesse recebido, nessa tarde, de Inês, a certeza de que nunca pertenceria a esse biltre. Mas pouco importa!

Houve ainda um grande silêncio. Enquanto me fitava, os seus olhos pareciam ir tomando as cambiantes mais hediondas que podem desfear uns olhos.

— Copperfield — disse ele tirando a mão da cara — o senhor tem estado sempre em oposição comigo. Sei que em casa de *Mister* Wickfield tem sido sempre contra mim.

— Pode pensar o que lhe parecer — disse-lhe colérico. — Se não for verdade, mais odioso se me torna.

— E todavia eu sempre fui seu amigo, Copperfield — prosseguiu ele.

Não me dignei responder-lhe e pegava no chapéu para sair da sala, quando ele se foi colocar entre mim e a porta.

— Copperfield — disse — para haver disputa é preciso ser-se dois. Eu não quero ser um desses.

— Vá para o diabo!

— Não diga isso! — respondeu. — Mais tarde havia de o sentir. Como é que pode dar-me sobre si toda a vantagem, mostrando a meu respeito um tão mau carácter? Mas eu perdoo-lhe!

— Perdoa-me?! — repeti eu com desdém.

— Sim, e não poderá impedir que o faça — respondeu Uriah. — Quando se pensa que o senhor me agrediu, a mim que tenho sido sempre para si um verdadeiro amigo! Mas, para haver disputa, é preciso ser-se dois e eu não quero pertencer a esse número. Quero ser seu amigo, ainda que o senhor o não queira. Agora conhece os meus sentimentos e o que tem a esperar.

Éramos forçados a baixar a voz, para não perturbar a casa a essa hora adiantada e até então, quanto mais era humilde a sua voz, mais a minha era ardente e essa necessidade de me conter não era nada própria a dar-me melhor humor; todavia, a minha paixão começava a tranquilizar-se. Disse-lhe muito simplesmente que esperaria dele o que sempre tinha esperado e que nunca me havia enganado a seu respeito. Depois abri a porta mesmo com ele em frente de mim, como se fosse qualquer coisa que eu quisesse esmagar contra a parede e saí de casa. Mas ele também ia dormir fora, nos aposentos que se tinham arranjado para a mãe e eu ainda não tinha dado cem passos, quando o ouvi caminhar atrás

de mim.

— Bem sabe, Copperfield — disse-me ele inclinando-se para mim, porque eu nem sequer voltava a cabeça — bem sabe que se coloca numa má situação.

Eu sentia que era verdade e isso fazia-me irritar mais.

— O senhor não pode fazer com que o honre a acção que prática e não pode impedir que eu lhe perdoe. Não tenciono falar nisto a minha mãe, nem a ninguém no mundo. Estou decidido a perdoar-lhe, mas admira-me que tivesse erguido a mão contra alguém que o senhor conhece tão humilde.

Sentia-me quase tão desprezível como ele. Ele conhecia-me melhor do que eu próprio me conhecia. Se se queixasse amargamente ou procurasse exasperar-me, isso ter-me-ia aliviado um pouco e justificado a meus próprios olhos; mas fazia-me queimar a fogo lento e estive na grelha mais de metade da noite.

No dia seguinte, quando saí, tocava o sino da igreja; ele passeava de cá para lá com a mãe. Falou-me como se nada se tivesse passado e eu não tive outro remédio senão responder-lhe. Tinha-lhe batido forte de mais, creio, causando-lhe uma violenta dor de dentes. Em todo o caso, trazia um lenço preto atado na cara, com o chapéu a bambolear-lhe em cima; assim, ainda estava mais feio do que era. Soube, na segunda-feira de manhã, que tinha ido a Londres tirar um dente. Creio bem que era algum queixai.

O doutor tinha-nos mandado dizer que não se encontrava bem e conservou-se só durante uma grande parte do tempo que durou ainda a nossa estada ali. Inês e o pai tinham partido há uns oito dias, quando prosseguimos no nosso costumado trabalho. Na véspera do dia em que recomeçamos com a obra, o próprio doutor entregou-me um bilhete que não estava fechado e que me era dirigido; suplicava-me ele, nos termos mais afectuosos, que nunca aludisse à conversação que houvera entre nós alguns dias antes. Eu tinha-o dito a minha tia, mas não falara no caso a mais pessoa alguma. Era um assunto que não podia discutir com Inês e ela não tinha certamente a mais leve suspeita do que se havia passado.

*Mistress* Strong também de nada desconfiava, estou certo disso. Decorreram algumas semanas antes que eu notasse nela a menor mudança. Isso foi vindo lentamente, como uma nuvem, quando não há vento. A princípio, pareceu admirar-se da terna compaixão com que o doutor lhe falava e do desejo que lhe exprimia de que mandasse vir a mãe para junto dela, a fim de quebrar um pouco a monotonia da sua vida. Muitas vezes, quando estávamos a trabalhar e que ela se sentava junto de nós, eu via-a parada a olhar para o marido, com uma expressão de espanto e de inquietação. Depois, via-a algumas vezes levantar-se e sair da sala, com os olhos marejados de lágrimas. Pouco a pouco, uma sombra de tristeza veio pairar no seu belo rosto e essa tristeza aumentava de dia para dia. *Mistress* Markleham instalara-se em casa do doutor, mas falava tanto que não

tinha tempo de dar por nada.

À medida que Annie ia assim mudando, ela que dantes era como um raio de sol na casa do doutor, o doutor tomava a aparência de mais velho e mais grave; mas a doçura do seu carácter, a tranquila bondade das suas maneiras e a sua benévola solicitude por ela, tinham aumentado mais, se é possível. Vi-o ainda uma vez, na manhã do aniversário de sua mulher, aproximar-se da janela a que ela estava sentada enquanto trabalhávamos (era dantes seu hábito, mas agora não ia para esse lugar senão com um ar tímido e incerto que me pungia o coração); tomou a cabeça de Annie entre as mãos, beijou-a e afastou-se rapidamente, para lhe ocultar a sua emoção. Vi-a ficar imóvel, como uma estátua, no lugar em que ele a tinha deixado; depois baixou a cabeça, juntou as mãos e pôs-se a chorar angustiosamente.

Alguns dias depois pareceu-me que desejava falar-me, nos momentos em que nos achávamos sós, mas nunca me disse uma palavra. O doutor inventava sempre qualquer novo divertimento para a afastar de casa e a mãe, que gostava muito de distrair-se, ou, antes, que não gostava senão disso, associava-se-lhe com toda a vontade e não se poupava em tecer elogios ao genro. Quanto a Annie, deixava-se arrastar para onde a queriam levar, com ar triste e abatido; mas parecia não ter gosto de nada.

Eu não sabia que pensar. Minha tia não era mais hábil e estou certo de que essa incerteza a obrigou a caminhar mais de trinta léguas no seu quarto. O que havia de mais extravagante, é que a única pessoa que parecia dar um pouco de verdadeiro alívio no meio de todo este desgosto interior e misterioso, era *Mister* Dick.

Ser-me-ia completamente impossível e talvez a ele próprio, explicar o que *Mister* Dick pensava de tudo isto, ou as observações que pudera fazer. Mas, como já referi contando a minha vida colegial, a sua veneração pelo doutor não tinha limites e num verdadeiro afecto, mesmo da parte de qualquer pobre animal, há um instinto sublime e delicado que deixa bem para longe atrás de si a inteligência mais elevada. *Mister* Dick possuía o que se poderia chamar espírito do coração e era com isso que ele entrevia qualquer raio da verdade.

Tinha recuperado o hábito, nas suas horas de ócio, de passear no pequeno jardim com o doutor, como outrora passeava com ele na grande avenida do jardim de Canterbury. Mas assim que as coisas chegaram a este estado, ele consagrou todas as suas horas de ócio (que aumentava expressamente, levantando-se muito cedo) a estas excursões. Dantes nunca se considerava feliz senão quando o doutor lhe lia a sua maravilhosa obra, o Dicionário; agora era positivamente desgraçado enquanto o doutor não tirava o Dicionário do bolso para prosseguir a sua leitura. Quando estávamos ocupados, o doutor e eu, tinha

ele por hábito passear com *Mistress* Strong, ajudá-la a cuidar das suas flores de predilecção ou a limpar as suas platibandas. Não trocavam um com o outro, estou certo, mais de doze palavras por hora, mas o seu pacífico interesse e o seu afectuoso olhar encontravam sempre um eco completamente pronto nos seus dois corações, cada um deles sabia que o outro gostava de *Mister* Dick e que ele gostava também deles ambos; foi assim que ele se tornou o que nenhum outro podia ser... um laço entre ambos.

Quando penso nele e que o vejo, com o seu rosto inteligente, mas impenetrável, andando de cá para lá ao lado do doutor, encantado com todas as palavras incompreensíveis do Dicionário, acarretando para Annie imensos regadores ou então andando de gatas, com luvas fabulosas, a arrancar, com uma paciência de santo, plantas microscópicas; fazendo compreender delicadamente a *Mistress* Strong, em cada uma das suas acções, o desejo de lhe ser agradável, com um tino que nenhum filósofo saberia igualar; fazendo repuxar de cada buraquinho do regador, a sua simpatia, a sua fidelidade e o seu afecto; quando penso que, nesses momentos, a sua alma, toda integrada no mudo pesar dos seus amigos, não mais divagou nas suas antigas loucuras e que nunca introduziu uma única vez no jardim o desditoso rei Carlos; que nunca se descuidou um só momento na sua boa vontade reconhecida; que nunca esqueceu que havia ali algum equívoco que era preciso reparar: sinto-me quase confundido por ter podido acreditar que ele não possuíra sempre o seu bom-senso, sobretudo pensando no belo uso que fiz da minha razão, eu que me lisonjeio de não a ter perdido.

— Ninguém como eu sabe o que vale esse homem, Trot! — dizia-me orgulhosamente minha tia, quando conversávamos. — Dick há-de distinguir-se qualquer dia.

É necessário que antes de terminar este capítulo eu passe a outro assunto. Enquanto o doutor ainda tinha os seus hóspedes em sua casa, notei que o carteiro trazia todas as manhãs duas ou três cartas a Uriah Heep, que tinha permanecido em Highgate tanto tempo como os outros, visto que se estava em férias. O sobrescrito era sempre da escrita oficial de *Mister* Micawber; ele tinha adoptado a letra redonda para os negócios. Eu havia concluído com prazer, por esses leves indícios, que *Mister* Micawber ia bem; fiquei, pois, muito surpreendido ao receber um dia a seguinte carta da sua amável esposa:

Canterbury, segunda-feira à noite.

Por certo que há-de ficar admirado, meu caro *Mister* Copperfield, ao receber esta carta. Talvez que ainda mais o fique do conteúdo e talvez mais ainda do pedido de absoluto segredo que lhe dirijo. Mas, na minha dupla qualidade de esposa e de mãe, preciso de expandir o meu coração e como não

quero consultar a minha família (já pouco favorável a *Mister* Micawber), não conheço ninguém a quem possa dirigir-me com mais confiança do que ao meu amigo e antigo inquilino.

Há-de saber, talvez, meu caro senhor Copperfield, que tem havido sempre uma perfeita confiança entre mim e *Mister* Micawber (a quem nunca abandonarei). Não digo que *Mister* Micawber não tenha assinado por vezes uma letra sem me consultar, ou que não me tenha induzido em erro sobre a época do vencimento. É possível, mas em geral *Mister* Micawber não escondeu nada do «seio do seu afecto» (é de sua mulher que quero falar) e à hora das nossas refeições, recapitulou sempre diante dela os acontecimentos do seu dia.

Pode figurar-se, meu caro senhor Copperfield, todo o pesar do meu coração, quando eu lhe disser que *Mister* Micawber está inteiramente mudado. É todo reservado. Faz de discreto. A sua vida é um mistério para a companheira das suas alegrias e dos seus pesares (é ainda de sua mulher que eu falo) e posso dizer-lhe que já não sei o que ele faz todo o dia no escritório, que não estou ao corrente da existência desse homem milagroso, de quem se conta às criancinhas que vivia de lamber as paredes. Isto ainda se sabe bem que é uma fábula popular, enquanto que o que lhe conto de *Mister* Micawber, infelizmente, não deixa de ser muito verdadeiro.

Mas não é tudo: *Mister* Micawber tornou-se rabugento; é severo; vive retirado do nosso filho mais velho, da nossa filha; não fala já com orgulho dos seus gémeos; lança mesmo um olhar glacial sobre o inocente desconhecido que veio ultimamente juntar-se à nossa roda familiar. Não obtenho dele senão com a maior dificuldade os recursos pecuniários que me são indispensáveis para ocorrer a despesas bastante reduzidas, asseguro-lhe; ameaça-me, sem cessar, de se fazer fazendeiro (é a sua expressão) e recusa-se com barbárie a dar-me a menor razão de um procedimento que me magoa.

É bem duro de suportar: o meu coração despedaça-se. Se quiser dar-me algum conselho, ajuntarei uma fineza a mais às muitas que lhe devo. Conhece os meus fracos recursos: diga-me como posso empregá-los numa situação tão equívoca. Os meus filhos enviam-lhe mil ternuras; o pequeno desconhecido, que tem a felicidade, ai de mim!, de ignorar ainda todas as coisas, sorri-lhe e eu, meu caro *Mister* Copperfield, sou

Sua amiga bem aflita.

EMA MICAWBER

Eu não me reconhecia o direito de dar a uma mulher tão cheia de experiência, como *Mistress* Micawber, outro conselho senão o de procurar reconquistar a confiança de *Mister* Micawber à força de paciência e de bondade (e eu estava certo de que ela não faltaria a isso), mas esta carta não me dava menos que pensar.

## Capítulo XLIII — Ainda um olhar retrospectivo

Permitam-me, ainda uma vez, que me detenha sobre um momento tão memorável da minha vida. Deixem-me arrumar, para ver desfilar diante de mim numa procissão fantástica a sombra do que fui, escoltado pelos fantasmas dos dias que não voltam mais.

Vão decorrendo as semanas, os meses, as estações. Não me aparecem somente como um dia de Verão e uma noite de Inverno. Ora a pradaria que calco aos pés com Dora está toda florida, é um tapete semeado de ouro; ora pisamos uma charneca árida sepultada sob montículos de neve. Ora o rio que corre ao longo do nosso passeio dominical cintila aos raios do sol de Verão, ora se agita sob a ventania de Inverno e se adensa ao contacto dos blocos de gelo que vêm invadir o seu curso. Ele pula, precipita-se, lança-se para o mar mais depressa do que o poderia fazer qualquer outro rio do mundo.

Nada mudou na casa das duas velhas damas de Putney. O relógio bate o seu tique-taque sobre o fogão, o barómetro continua pendurado no vestíbulo. Relógio e barómetro não regulam lá muito bem, mas a fé é que nos salva.

Cheguei à minha maioridade! Tenho vinte e um anos. Mas é essa uma espécie de dignidade que pode ser partilha de todo o mundo; vejamos antes o que fiz por mim.

Domestiquei essa arte selvagem que se chama estenografia; rende-me uma quantia muito respeitável. Adquiri grande reputação nessa especialidade e pertenço ao número dos doze estenógrafos que recolhem os debates parlamentares para um jornal da manhã. Todas as tardes tomo nota de produções que nunca se realizarão; de profissões de fé a que nunca se é fiel; de explicações que não têm outro fim senão mistificar o bom público. Só vejo nisso fogo. A Grã-Bretanha, essa desditosa virgem a quem põem de todas as formas e feitios, vejo-a ainda diante de mim como uma ave no espeto, bem depenada e bem arranjada, atravessada de lado a lado com penas de ferro e belamente e bem atada com uma fita vermelha. Estou bastante ao corrente dos mistérios das respectivos bastidores para apreciar a vida política pelo seu valor: assim sou a este respeito um incrédulo acabado; nunca me converterão neste ponto.

O meu caro amigo Traddles tentou o mesmo trabalho, mas não se saiu bem. Aceita este percalço com o melhor humor do mundo e recorda-me que foi sempre de cabeça obtusa. Os editores do meu jornal empregam-no às vezes na reportagem, mas as notícias dão-nas a fazer a outros mais hábeis. Entra para o foro, e, à força da paciência e trabalho, consegue reunir cem libras esterlinas,

para oferecer a um procurador cujo escritório frequenta. Bebeu-se bastante vinho do Porto no dia em que pagou a patente e creio que os estudantes do Templo se regalaram bem à sua custa, nesse dia.

Fiz uma outra tentativa: tacteei com receio e a tremer, o mester de autor. Enviei o meu primeiro tentâmen a uma revista, que o publicou. Desde então enchi-me de coragem e publiquei alguns outros pequenos trabalhos; começam a render-me algum lucro. Resumindo: as minhas coisas vão indo bem e quando conto o que ganho pelos dedos da mão esquerda, ao passar o terceiro dedo e paro na falange do quarto: trezentas e cinquenta libras esterlinas, não é, palavra, nenhuma brincadeira.

Saímos de Buckingham Street para nos instalar-mos numa linda casinha, muito perto daquela que eu tanto admirava dantes. Minha tia vendeu bem a sua casa de Dover, mas não tenciona todavia ficar connosco, quer ir instalar-se numa casa da vizinhança, mais modesta que a nossa. Que quer tudo isto dizer? Tratar-se-á do meu casamento? É como canta!

Sim! Vou casar com Dora! *Miss* Savínia e *miss* Clarissa deram o seu consentimento e se algum dia virem dois canários a saracotear-se, são elas. *Miss* Savínia encarregou-se da superintendência do enxoval da minha querida pequena; passa o tempo a cortar os fios de uma porção de embrulhos de papel pardo e a disputar com algum caixeiro de balcão, de ar mais respeitável, portador de maior embrulho e com o seu metro debaixo do braço. Há em casa uma costureira cujo seio anda sempre trespassado por uma agulha enfiada, espetada no vestido; come e dorme em casa e creio, em verdade, que não tira o dedal do dedo para comer, beber e dormir. Fazem da minha Dorinha um verdadeiro manequim. Estão-na sempre a chamar para provar qualquer coisa. Não podemos de tarde estar juntos cinco minutos, sem que alguma importuna venha bater à porta:

— *Miss* Dora pode fazer o favor de vir cá acima por um momento?

*Miss* Clarissa e minha tia percorrem todos os armazéns de Londres para nos levarem a ver alguns artigos de mobiliário que vão descobrindo. Fariam bem melhor se elas próprias os escolhessem sem nos obrigar, a Dora e a mim, a irmos inspeccioná-los cerimoniosamente, porque indo ver caçarolas ou um guarda-fogo, Dora lobriga um quiosque chinês para Jip, com campainhas em cima e compra-o de preferência. Jip leva muito tempo a habituar-se à sua nova residência e não pode entrar ou sair do seu nicho sem que as campainhas comecem a tocar, o que lhe causa um medo terrível.

Peggotty chega a nossa casa para nos ser útil e põe-se logo a trabalhar. O seu pelouro é o da limpeza perpétua; esfrega tudo quanto é possível esfregar até que o veja reluzir, quer sim, quer não, como a sua testa luzidia. E de tempos a

tempos, vejo o irmão dela só, de noite, pelas ruas escuras, parando para meter a cara a todas as mulheres que passam. Nunca lhe falo nessas ocasiões; de mais sei, quando o encontro grave e solitário, o que é que ele anda procurando e o que receia encontrar.

Porque é que Traddles tem o ar tão importante esta manhã ao vir ter comigo aos *Doctor's-Commons*, por onde ainda vou às vezes quando tenho tempo? É que os meus sonhos de outrora vão realizar-se, vou tirar uma licença de casamento.

Nunca um tão pequeno documento representou tantas coisas; e Traddles contempla-o sobre a minha banca com uma admiração mista de espanto. Cá vejo esses nomes bem enlaçados segundo o uso dos velhos tempos, como os seus dois corações, David Copperfield e Dora Spenlow, por meio de um traço de união; aí está, ao canto, a instituição paternal do selo que não desdenha deitar um olhar sobre o nosso himeneu, interessa-se com tanta bondade em todas as cerimónias da vida humana! Aí está o arcebispo de Canterbury que nos dá a sua bênção impressa, pelo mais módico preço possível.

E todavia é um sonho para mim, um sonho agitado, feliz, rápido. Não posso crer que seja verdade; no entanto parece-me que todos quantos encontro na rua devem perceber que me vou casar depois de amanhã.

O delegado do arcebispo reconhece-me quando vou prestar juramento e trata-me com tanta familiaridade como se houvesse entre nós algum laço maçónico. Traddles não é necessário para nada, mas acompanha-me para toda a parte, como a minha sombra.

— Espero, meu caro amigo — disse-lhe eu — que brevemente aqui venha por seu próprio interesse.

— Obrigado pelos seus bons augúrios, meu caro Copperfield — respondeu ele — também o espero. É sempre uma satisfação saber que ela esperará por mim o tempo que for preciso e que é em verdade a melhor rapariga do mundo.

— A que horas vai esperá-la à diligência esta noite?

— Às sete, — disse Traddles, consultando o seu velho relógio de prata, o mesmo a que noutros tempos, no colégio, ele tirou uma rodinha para ornamentar um moinho. — *Miss* Wickfield chega pouco mais ou menos à mesma hora, não é verdade?

— Um pouco mais tarde, às sete e meia.

— Asseguro-lhe, meu caro amigo — disse-me Traddles — que estou quase tão contente como se eu próprio fosse casar-me. E depois, não sei como agradecer-lhe a bondade que mostrou em associar pessoalmente Sofia a este alegre acontecimento, convidando-a a servir de dama de honor com *miss* Wickfield. Creia que estou impressionadíssimo.

Escuto-o e aperto-lhe a mão: conversámos, passeámos e jantámos. Mas não creio numa palavra de tudo isto; parece-me um sonho.

Sofia chegou a casa das tias de Dora, à hora aprazada. Tem um todo encantador; não é bonita, mas é extremamente agradável; nunca vi pessoa mais natural, mais franca e mais atraente. Traddles faz-nos a sua apresentação com orgulho; e, durante dez minutos, esfrega as mãos diante do relógio, com os cabelos arrepiados como uma escova na sua cabeça de lobo, enquanto que o felicito pela sua escolha.

Inês chegou também de Canterbury e tornámos a ver entre nós esse lindo e suave rosto. Inês tem um grande gosto por Traddles; é um prazer vê-los encontrar-se e observar como Traddles se ufana de a apresentar à melhor rapariga do mundo.

É o mesmo, não creio uma palavra de tudo isto. Sempre este sonho! Passamos uma noite encantadora, somos felizes, ficámos maravilhados; só me faltava acreditar nisto. Sinto-me numa espécie de pesadelo nebuloso, como se me tivesse levantado muito cedo há quinze dias e que me não tornasse a deitar depois. Não posso recordar-me se ontem era há muito tempo. Parece-me que há meses que estou dando a volta ao mundo, com uma licença de casamento no bolso.

No dia seguinte, quando fomos, colectivamente, ver a casa, a nossa casa, a casa de Dora e a minha, não me considerei de qualquer modo seu proprietário. Parecia-me que me encontrava ali com licença de alguém. Espero para ver o dono, o verdadeiro possuidor, aparecer de repente para me dizer que estima muito ver-me em sua casa. Uma casinha tão linda! É tudo lá tão alegre e tão novo! As flores do tapete parecem desabrochar e a folhagem do papel é como se acabasse de rebentar nos ramos. Vejo cortinas de musselina branca e móveis estofados cor-de-rosa! Lá está o chapéu de jardim de Dora, já pendurado na parede! Ela tinha um assim completamente igual quando pela primeira vez a vi! A guitarra repimpava-se já no seu lugar a um canto e toda a gente vai de encontro, com risco de o atirar por terra, ao pagode de Jip, que é muito maior para o nosso domicílio.

Ainda uma noite feliz, um sonho a mais, como todo o resto; enfio-me como de costume na sala de jantar antes de sair. Dora não está lá. Suponho que está ainda a provar qualquer coisa. *Miss* Savínia mete a cabeça pela porta e anuncia-me com um ar de mistério que não esperarei muito. No entanto passa muito tempo, mas ouço enfim o frémito de um vestido à porta; batem.

Eu digo: «Entre!». Batem outra vez. Vou abrir, admirado de ninguém entrar e vejo dois olhos brilhantes e um rostinho todo vermelho: é Dora. *Miss* Savínia vestiu-lhe a sua *toilette* de noiva, o seu chapéu, etc., etc., para ma mostrar em

trajo de casada. Eu aperto a minha mulherzinha de encontro ao coração e *miss* Savínia solta um grito, porque estou a amarrotá-la e Dora ri e chora ao mesmo tempo por me ver tão contente; mas eu creio em tudo isso menos que nunca.

— Então, acha lindo isto, meu caro Davy? — disse-me Dora.

— Lindo! Creio bem, acho lindíssimo!

— E está certo de que me há-de amar muito? — disse Dora.

Esta pergunta fez correr tais perigos ao chapéu que *miss* Savínia solta um outro gritinho e adverte-me de que Dora está ali somente para que eu a veja, mas que, sob nenhum pretexto, não se lhe deve tocar. Dora fica, pois, diante de mim, encantadora e confusa, enquanto que a admiro; depois tira o seu chapéu (como ela tem ar gentil sem esse chapéu!) e foge levando-o; depois volta com o seu vestido de trazer por casa e pergunta a Jip se eu tenho uma linda mulherzinha e se perdoa à sua dona por se casar; e, pela última vez da sua vida de rapariga, põe-se de joelhos a ver se consegue pô-lo de pé em cima do livro de cozinha.

Vou deitar-me, mais incrédulo que nunca, num quartinho que me está preparado; e no dia seguinte de manhã, levanto-me muito cedo para ir a Highgate, procurar minha tia.

Nunca tinha visto minha tia num vestuário. Tinha um vestido cor de pérola e um chapéu azul; estava soberba. Foi Joaninha que a vestiu e vejo-a ali a olhar para mim. Peggotty está pronta a partir para a igreja e conta ver a cerimónia do alto das tribunas. *Mister* Dick, que deve servir de pai a Dora e que ma deve dar por mulher ao pé do altar, está todo frisado. Traddles que veio ter comigo à barreira, ofusca-me com a mais brilhante miscelânea de cor de carne e de azul celeste; *Mister* Dick e ele fazem-me o efeito de terem luvas da cabeça até aos pés.

Sem dúvida que vejo assim as coisas, porque sei que é sempre assim; mas não é menos um sonho e tudo o que eu vejo nada tem de real. E, todavia, enquanto nos dirigíamos para a igreja em carro descoberto, esse casamento feérico é bem real para me encher de uma espécie de compaixão pelos desgraçados que não se casam como eu e que estão por ali a varrer a frontaria das suas lojas, ou que se dirigem aos seus trabalhos costumados.

Minha tia em todo o percurso, segura a minha mão na sua. Quando parámos a uma pequena distância da igreja, para fazer apear Peggotty que veio sentada ao lado do cocheiro, minha tia dá-me um grande beijo.

— Que Deus o abençoe, Trot. Eu não seria capaz de amar mais um filho, se o tivesse. Penso bem em sua mãe esta manhã, pobre pequena!

— E eu também; e em tudo quanto lhe devo, minha querida tia.

— Ora, ora! — disse minha tia; e, no seu excesso de afeição estende a mão a Traddles, que a estende a *Mister* Dick, que ma estende a mim e eu estendo-a a

Traddles. — Enfim, eis-nos à porta da igreja.

A igreja está, é certo, bem tranquila, mas seria preciso, para me acalmar, uma máquina de forte pressão; acho-me muito emocionado para isso.

Tudo o mais me parece um sonho mais ou menos incoerente.

Eu sonho, embora esteja certo de que entram todos com Dora; que a arrumadora das bancadas nos alinha em frente do altar como o faria um velho sargento; eu sonho, porque pergunto de mim para mim porque é que esse género de mulheres é sempre tão desagradável. O bom humor será, pois, de um tão perigoso contágio para o sentimento religioso que seja necessário colocar esses vasos de fel e vinagre no caminho do paraíso?

Sonho que o pastor e o seu acólito fazem a sua entrada, que alguns barqueiros e outras pessoas vêm ver, que tenho por trás de mim um velho marujo que incensa toda a igreja com um forte cheiro a rum, que se começa a ler numa voz grave o ofício e que estamos todos recolhidos.

Que *miss* Savínia, que desempenha o papel de aia suplementar, é a primeira que desata a chorar, rendendo homenagem com os seus soluços, tanto quanto o posso crer, à memória de Pidger; que *miss* Clarissa lhe põe por baixo do nariz o seu frasquinho de sais; que Inês cuida de Dora; que minha tia faz tudo quanto pode para tomar um a inflexível, enquanto lhe correm as lágrimas pela cara abaixo; que a minha Dorinha treme com toda a força e mal se lhe ouvem murmurar as respostas.

Que nos ajoelhamos ao lado um do outro; que Dora treme um pouco menos, mas que não larga a mão de Inês; que o ofício continua sério e tranquilo; que quando acabou, olhamos uns para os outros através das nossas lágrimas e dos nossos sorrisos; que, na sacristia, a minha querida mulherzinha soluçou chamando pelo seu papá, pelo seu pobre papá!

Que se restabelece daí a pouco e que assinamos no grande livro cada um por sua vez; que vou ter com Peggotty às tribunas para que também venha assinar e que ele me beija a um canto, dizendo-me que viu casar a minha pobre mãe; que tudo está concluído e que nos vamos embora.

Que saio da igreja alegre e envaidecido, dando o braço à minha encantadora mulherzinha; que entrevejo através de uma nuvem, caras amigas e o púlpito e os túmulos e os bancos e o órgão e os vitrais da igreja e que a tudo isso se vem misturar a recordação da igreja aonde ia com minha mãe, quando era menino, ai! Há que tempos isso vai!

Que ouço dizer baixo aos curiosos, ao verem-nos passar: «Que jovem e lindo par! Que linda desposada!» Que estamos todos alegres e expansivos, enquanto regressámos a Putney; que Sofia nos conta como se ia sentindo mal, quando pediram a Traddles a licença que eu lhe confiara; ela estava convencida que ele a

teria deixado roubar do bolso ou antes que a tinha perdido; que Inês riu a bom rir e que Dora ama-a tanto que se não quer separar dela e agarra-lhe sempre na mão.

Que há um grande almoço com uma infinidade de boas e lindas coisas, de que eu como, sem desconfiar de forma alguma do gosto que podem ter (é natural quando se sonha); que não como e não bebo, por assim dizer, senão amor e casamento; porque não creio na solidez dos comestíveis como na realidade do resto.

Que faço um discurso no género dos sonhos, sem ter a menor ideia do que quero dizer (estou mesmo convencido de que não disse absolutamente nada); que somos todos, muito simplesmente e muito naturalmente, tão felizes como se pode ser, em sonho, bem entendido; que Jip come do nosso queque de boda, o que mais tarde não deu bom resultado.

Que os cavalos de posta estão prontos; que Dora vai mudar de vestido; que minha tia e *miss* Clarissa ficam connosco; que passeámos no jardim; que minha tia fez, ao almoço, um pequeno discurso sobre as tias de Dora; que ela está encantada e mesmo um pouco ufana, dessa verdadeira façanha.

Que Dora está também pronta e que *miss* Savínia volita por toda a parte em torno dela, lamentando perder o encantador brinquedo que lhe proporcionou, nos últimos tempos, uma ocupação tão agradável; que, com grande surpresa sua, Dora descobre a todo o instante que se esqueceu de uma infinidade de pequenas coisas e que toda a gente anda a correr de um para outro lado a buscar-lhas.

Que rodeiam Dora, que começa a despedir-se; que têm todos o ar de um açafate de flores, com as suas fitas tão frescas e as suas cores tão alegres; que quase sufocam a minha querida mulherzinha, no meio de todas essas flores que dão abraços e que ela vem lançar-se-me nos braços ciumentos, rindo e chorando ao mesmo tempo.

Que eu quero levar Jip (que deve acompanhar-nos) e que Dora diz que não: há-de ser ela quem o há-de levar, porque senão Jip julgará que ela já não gosta dele, agora que está casada, o que lhe alanceará o coração; que saímos de braço dado; que Dora pára e volta-se para dizer: «Se alguma vez fui aborrecida com as tias, peço-lhes que não se lembrem disso!» e que desata a chorar.

Que agita a sua mãozinha e que, pela vigésima vez, vamos partir; que pára ainda, que se volta mais uma vez e corre ainda até junto de Inês, porque é a ela que quer dar os seus últimos beijos e dirigir as suas últimas despedidas.

Enfim, eis-nos dentro do carro, ao lado um do outro. Eis que partimos. Saio do meu sonho; agora creio bem, sim, que estou acordado; está ali ao pé de mim a minha querida, a minha rica mulherzinha, aquela que eu amo tanto!

— É feliz agora, diga, seu mauzinho? — diz-me Dora. — E está bem certo de que não se arrependerá?

Pus-me de forma a ver desfilar diante de mim os fantasmas desses dias que já passaram. Agora que desapareceram, prossigo na viagem da minha vida!

## Capítulo XLIV — A nossa casa

Não foi sem espanto que, uma vez decorrida a lua de mel e as damas de honor regressadas a penates, nos encontrámos sós na nossa casinha, Dora e eu; doravante destituídos, por assim dizer, do encantador e delicioso emprego que consistia em nos namorarmos.

Eu achava tão extraordinário ter sempre Dora junto de mim; parecia-me tão estranho não ter de sair para a ir ver, não ter mais de atormentar o espírito a seu respeito, não ter mais de escrever-lhe e não mais ter que dar tratos à imaginação para procurar qualquer ensejo de estar só com ela! Às vezes, à tarde, quando por um momento suspendia o trabalho, ao vê-la sentada em frente de mim, encostava-me ao espaldar da cadeira e punha-me a pensar que era todavia bem esquisito que estivéssemos para ali ambos sós, como se fosse a coisa mais natural do mundo; que ninguém se tivesse mais de imiscuir nas nossas coisas; que todo o romance dos nossos esponsais fosse já ficando muito para trás e que não tivéssemos mais que fazer do que agradar-nos mutuamente, agradar um ao outro por toda a vida.

Quando havia na Câmara dos Comuns qualquer debate que me demorava até tarde, parecia-me tão estranho, ao voltar para casa, pensar que Dora me esperava lá! Achava tão maravilhoso vê-la sentar-se, docemente, ao pé de mim, para me fazer companhia, enquanto eu ceava! E saber que ela punha papelotes! E, bem mais do que isso, ver-lhos pôr todas as noites! Não era bem extraordinário?

Creio que dois passarinhos saberiam tanto acerca do governo de uma casa como nós sabíamos, a minha querida Dora e eu. Tínhamos uma criada, e, como de conveniência, era ela quem administrava a casa. Estou ainda inteiramente convencido de que essa criada devia ser uma filha de *Mistress* Crupp disfarçada. Como ela nos tornava a vida insuportável, a Maria Joana!

O seu apelido era Parangona. Quando a tomámos ao nosso serviço, certificaram-nos de que esse nome não exprimia senão muito fracamente as suas qualidades: era a parangona, o modelo de todas as virtudes. Possuía um certificado do tamanho de um cartaz; a dar crédito a esse documento, sabia fazer quanto havia no mundo e ainda muito mais. Era uma mulher no vigor da idade, de fisionomia rebarbativa e sujeita a uma espécie de sarampo perpétuo, sobretudo nos braços, que a punha em combustão. Tinha um primo na tropa, com umas pernas tão compridas, que parecia ser a sombra estirada de outra pessoa, vista ao sol, depois do meio-dia. Usava uma farda muito curta para ele e como ele era muito grande para a nossa casa, fazia-a parecer duas vezes mais

pequena do que realmente era. Além disso, como as paredes não eram grossas, todas as vezes que ele passava a noite em nossa casa éramos avisados da sua presença por uma espécie de rouquido contínuo, que ouvíamos na cozinha.

Haviam-nos garantido que o nosso tesouro era sóbrio e honesto. Estou, pois, inclinado a acreditar que tinha um ataque de nervos quando um dia a fui encontrar deitada debaixo das panelas e que o homem do lixo se havia esquecido de nos restituir as colheres de chá que nos faltavam.

Mas ela causava-nos um medo terrível. Sentíamos a nossa inexperiência e não estávamos habilitados a livrar-nos de dificuldades: avançaria que estávamos à sua mercê, se a palavra mercê não significasse a indulgência e ela era uma mulher insensível. Foi ela a causa da minha primeira testilha com Dora.

— Minha querida amiga — disse-lhe eu um dia — a Maria Joana sabe regular-se pelas horas?

— Porquê, David? — perguntou Dora, erguendo inocentemente a cabeça.

— Meu amor, porque são cinco horas e devemos jantar às quatro.

Dora olhou para o relógio com ar inquieto e insinuou que lhe parecia bem que estava adiantado.

— Pelo contrário, meu amor — disse-lhe, consultando o meu relógio — está atrasado alguns minutos.

A minha mulherzinha veio sentar-se-me no colo, para tentar afagar-me e pintou-me uma linha a lápis no meio do nariz; era encantador, mas isso não me dava de jantar.

— Não é de opinião, minha querida, que faria bem em ir falar a Maria Joana?

— Oh! Não, por quem é, David! Não posso fazer isso! — disse Dora.

— Mas porquê, meu amor? — perguntei-lhe ternamente.

— Oh! Porque eu não passo de uma pequena tola — disse Dora — e ela bem o sabe!

Esta opinião de Maria Joana pareceu-me tão incompatível com a necessidade de lhe ralhar, que franzi a sobrancelha.

— Oh! Que feia ruga na testa! Seu mauzinho! — disse Dora.

E, sempre sentada no meu colo, marcou essa odiosa ruga com o lápis, que humedecia nos lábios para o fazer marcar melhor; depois fingia que desenhava a sério na minha testa, com um ar tão cómico, que eu ria, a despeito de todos os meus esforços para me conservar sério.

— Ora ainda bem... é um bonito rapaz! — disse Dora. — É muito mais bonito quando ri!

— Mas, meu amor...

— Oh! Não, não! Peço-lhe! — gritou Dora beijando-me. — Não faça de Barba-Azul, não tome esse ar sisudo!

— Mas, minha querida mulherzinha — disse-lhe eu — todavia é preciso ser-se sério algumas vezes. Ora sente-se aqui nesta cadeira, muito ao pé de mim! Dê-me esse lápis! Assim! Agora falemos um pouco razoavelmente. Sabe, minha querida (que linda mãozinha eu tinha entre as minhas mãos!), sabe que não é muito agradável uma pessoa ser obrigada a ir embora sem ter jantado. Vejamos, que pensa a este respeito?

— Não é — respondeu fracamente Dora.

— Meu amor, como está a tremer!

— Estou, porque sei que me vai ralhar! — exclamou Dora, num tom lamentável.

— Meu amor, eu vou somente ser razoável!

— Oh! Mas isso é bem pior do que ralhar! — exclamou Dora desesperada. — Eu não me casei para me falarem disso. Se queria raciocinar com uma pobre coisinha como eu, deveria prevenir-me, seu mau!

Tentei acalmar Dora, mas ela escondia a cara e abanava de tempos a tempos os seus caracóis, dizendo: «Oh! Seu mau, seu mau!». Eu já não sabia o que havia de fazer: pus-me a andar pela sala e depois aproximei-me dela.

— Dora, minha querida!

— Não, não sou a sua querida! O senhor está certamente aborrecido de ter casado comigo; se não fosse assim, não me vinha falar nessas coisas...

Esta censura pareceu-me de uma tal inconsequência, que me deu ânimo para lhe dizer:

— Vamos, Dora, não seja tão criança; diz coisas que não têm senso algum. Recorda-se certamente de que ontem fui obrigado a sair antes de acabar de jantar e que anteontem fez-me mal a vitela, porque não estava bem passada e fui obrigado a comê-la de corrida; hoje não janto e já não falo do tempo que estivemos à espera do almoço e ainda a água nem sequer fervia para o chá. Não a quero censurar, minha querida mulherzinha, mas isto não é nada agradável.

— Oh! Seu mau, seu mau! Como é que pode dizer-me que sou uma mulher desagradável?

— Minha querida Dora, bem sabe que nunca disse isso!

— O senhor disse que tudo isto não era muito agradável.

— O que eu disse foi que a maneira como se dirigia a casa não era nada agradável.

— É exactamente a mesma coisa! — gritou Dora.

E evidentemente ela acreditava-o, porque chorava a bom chorar.

Dei novamente mais alguns passos pela sala, cheio de amor pela minha linda mulherzinha e quase resolvido a quebrar a cabeça contra uma parede, tanto remorso sentia. Tranquilizei-me e disse-lhe:

— Não a acuso, Dora. Temos ambos muito que aprender. Eu desejava somente provar-lhe que é preciso positivamente, é preciso (estava decidido a não ceder neste ponto) habituar-se a vigiar a Maria Joana e também a proceder por si própria, tanto no seu interesse como no meu.

— Estou verdadeiramente espantada da sua ingratidão — disse Dora, soluçando. — Bem sabe que no outro dia, dizendo-me o senhor que desejava muito um bocado de peixe, eu fui pessoalmente e bem longe, encomendá-lo, para lhe fazer uma surpresa.

— Foi gentilíssimo da sua parte, minha querida e eu fiquei-lhe tão reconhecido, que na ocasião não lhe quis dizer que fez mal em comprar um salmão, porque é muito para duas pessoas e que o seu preço, uma libra e dez xelins, era demasiado caro para nós.

— O senhor achou-o muito bom — disse Dora, sempre a chorar — e ficou tão contente que até me chamou sua gatinha.

— E chamar-lhe-ei ainda agora muitas vezes, meu amor — respondi.

Mas eu tinha ferido esse terno coraçãozinho e não havia meio de o consolar. Ela chorava tanto, tinha o coração tão opresso, que parecia que eu lhe tinha dito qualquer coisa de muito horrível que lhe causara muita pena. Eu não tinha remédio senão sair e depressa, para as minhas obrigações; só regressei muito tarde e durante toda a noite senti-me cheio de remorsos. Tinha a consciência atormentada como um assassino; era perseguido pelo sentimento vago de um crime enorme, de que era culpado.

Já passava das duas horas da madrugada quando regressei. Minha tia esperava-me.

— Há alguma novidade, tia? — perguntei-lhe com inquietação.

— Não, Trot — respondeu ela. — Sente-se, sente-se... É que a Florzinha estava um pouco triste e eu fiquei a fazer-lhe companhia; não há mais nada.

Encostei a cabeça à mão e fiquei de olhos fixos sobre o fogo; sentia-me mais triste e mais abatido do que julgava possível, tão depressa, quase no momento em que acabavam de realizar-se os meus mais doces sonhos. Encontrei enfim os olhos de minha tia fixos em mim. Ela tinha um ar inquieto, mas o seu rosto tornou-se logo sereno.

— Asseguro-lhe, minha tia — disse-lhe — que passei uma noite desgraçada a pensar que Dora estava desgostosa. Mas eu não tive outra intenção senão falar-lhe docemente e ternamente das coisas de nossa casa. Minha tia fez com a cabeça um sinal animador.

— É preciso ter-se muita paciência, Trot — disse ela.

— Certamente. Deus sabe que não quero ser desagradável, minha querida tia.

— Não, não — disse minha tia —, mas a Florzinha é muito delicada; é preciso

que o vento sopre suavemente sobre ela.

Agradeci, do fundo do coração, a minha boa tia a sua ternura por minha mulher e estou certo de que ela reparou bem.

— A tia não me poderia fazer o favor — disse-lhe eu, depois de ter novamente contemplado o fogo — de dar, de quando em quando, alguns conselhos a Dora? Isso ser-nos-ia muito útil.

— Trot — respondeu minha tia com emoção — não! Nunca me peça isso!

Falava num tom tão sério, que ergui os olhos com surpresa.

— Ouça, meu filho — prosseguiu minha tia — quando olho para trás na minha vida passada, digo comigo que estão agora nas suas respectivas sepulturas duas pessoas com as quais eu teria feito melhor se tivesse vivido em bom acordo. Se julguei severamente os erros de outrem em matéria de casamento, foi talvez porque tinha tristes razões para julgar severamente à minha própria custa. Mas não falemos mais nisso... Fui durante bastantes anos uma velha resmungona e insuportável. Ainda o sou; sê-lo-ei sempre... Temo-nos feito bem mutuamente, Trot; pelo menos, o meu amigo tem-mo feito a mim e é preciso que não venha agora a desarmonia meter-se de permeio.

— A desarmonia! — exclamei.

— Meu filho, meu filho — disse minha tia, alisando o vestido com a mão — não é preciso ser-se profeta para prever quanto isso seria fácil, quanto eu poderia tornar infeliz a nossa Florzinha se me metesse no arranjo da vossa casa; quero que essa querida jóia me ame e viva alegre como uma borboleta. Recorde-se da sua mãe e do seu segundo casamento e não me faça jamais uma proposta que me venha avivar, por ela e por mim, crudelíssimas saudades.

Compreendi imediatamente que minha tia tinha razão e não compreendi menos toda a extensão dos seus escrúpulos generosos para com a minha querida mulherzinha.

— O Trot principia agora — continuou ela — e Roma e Pavia não se fizeram num dia, nem mesmo num ano. O Trot fez livremente a sua escolha (e neste ponto julguei ver uma névoa espalhar-se-lhe um momento pelo rosto). Escolheu mesmo uma encantadora criaturinha que o ama muito. Será o seu dever e também a sua felicidade, creio bem, porque não quero ter o ar de lhe estar a fazer um sermão, será o seu dever, como também a sua felicidade, apreciá-la, tal como a escolheu, pelas qualidades que tem e não pelas que não tem. Trate de desenvolver as que lhe faltam. E se não se sair bem, meu filho (neste ponto minha tia esfregou o nariz), há-de ser preciso acostumar-se a passar sem isso. Mas lembre-se, meu amigo, de que o vosso futuro é um caso a regular entre vós ambos. Ninguém pode ajudar-vos, pertence-vos trabalhar para isso, porque para vós trabalhais. Não é outra coisa o casamento, Trot e Deus vos abençoe a um e a

outro, porque vos pareceis um tanto com duas crianças perdidas no meio de um bosque!

Minha tia disse-me tudo isto num tom ameno e acabou com um beijo para ratificar a bênção.

— Agora — acrescentou ela — acenda-me a lanterna e acompanhe-me até ao meu nicho pelo atalho do jardim, porque as nossas duas casas comunicam por aí. Apresente à Florzinha todas as ternuras de Betsy Trotwood e, suceda o que suceder, Trot, não se lhe meta mais em cabeça fazer de Betsy um espantalho, porque já a tenho visto bastantes vezes ao espelho para lhe poder dizer que ela é já naturalmente de si muito desagradável e muito rabugenta.

E, dizendo isto, minha tia pôs um lenço na cabeça, como costumava e eu escoltei-a até casa. Quando parou no jardim, para me alumiar, no regresso, com a sua lanterna, vi bem que me olhava de novo com ar de cuidado, mas não fiz grande caso, sempre muito preocupado a reflectir no que me dissera e muito compenetrado, pela primeira vez, do pensamento de que tínhamos, por nosso moto próprio, de contribuir ambos, Dora e eu, para o nosso futuro e que ninguém deveria coadjuvar-nos.

Dora desceu muito devagarinho, em pantufas, para vir ter comigo, agora que eu estava só; pôs-se a chorar sobre o meu ombro e disse-me que eu tinha sido muito ríspido e que ela tinha sido também muito má; eu disse-lhe, creio, outro tanto da minha parte e acabou-se; decidimos que essa pequena discussão seria a última e nunca teríamos outra, nem que vivêssemos cem anos.

Que experiência a das criadas! Foram ainda elas a origem de uma outra cena que tivemos depois. O primo de Maria Joana desertou e veio esconder-se em nossa casa, na carvoeira; foi de lá retirado, com grande espanto nosso, por um piquete de camaradas seus, que o levaram com algemas nas mãos; o nosso jardim ficou coberto de vergonha. Isso encheu-me de coragem para me ver livre de Maria Joana, que aceitou tão suavemente, tão suavemente a sua despedida, que fiquei surpreendido; mas bem cedo descobri aonde é que tinham ido parar as nossas colheres e de mais a mais revelaram-me que ela tinha o hábito de pedir emprestadas, em meu nome, pequenas quantias aos nossos fornecedores. Foi substituída, momentaneamente, por *Mistress* Kidgerbury, velha mulherzinha de Kentishtown, que tratava de arranjos de casa por fora, mas que era muito fraca para se sair bem do encargo; depois encontrámos outro achado, de um carácter encantador, mas desgraçadamente esse tesouro não fazia outra coisa senão estatelar-se pelas escadas abaixo com o tabuleiro nas mãos, ou estender-se de cabeça na sala, com o serviço do chá, como quando se mergulha num banho. Os prejuízos causados por esta desgraçada obrigaram-nos a despedi-la; foi seguida, com numerosos intermédios de *Mistress* Kidgerbury, por uma série de criaturas

incapazes. Enfim, caímos em admitir uma rapariga muito bem parecida, que foi para a feira de Greenwich com o chapéu de Dora. Depois não me recordo de mais nada senão de uma porção de reveses sucessivos.

Parecíamos destinados a ser enganados por todo o mundo. Se aparecíamos em qualquer loja, ofereciam-nos mercadorias avariadas. Se comprávamos uma lagosta, era cheia de água. A nossa carne era coriácea e os nossos pães só tinham miolo. Com o fim de estudarmos o princípio da cozedura de um rosbife para que ficasse assado como devia, eu próprio recorri ao livro de cozinha, no qual soube que era preciso gastar um quarto de hora de espeto por libra de carne e mais outro quarto de hora no fim de tudo. Mas era preciso que fôssemos vítimas de uma extravagante fatalidade, porque nunca podíamos apanhar o justo equilíbrio entre a carne mal passada e a carne calcinada.

Eu estava bem convencido de que todos estes desastres nos custavam muito mais caro do que se realizássemos uma série de triunfos. Verificando as nossas contas, vim a saber que tínhamos consumido manteiga mais do que suficiente para betumar o rés-do-chão da nossa casa. Que consumo! Não sei se era porque as contribuições indirectas desse ano tinham feito encarecer a pimenta, mas, pelo caminho que se levava, era preciso, para manter as nossas pimenteiras, que bastantes famílias se privassem dela, para nos cederem a sua parte. E o que havia de mais maravilhoso em tudo isso é que nunca tínhamos nada em casa!

Aconteceu-nos também diversas vezes que a lavadeira nos empenhava a roupa branca e vinha em estado de embriaguez penitente implorar o nosso perdão; mas suponho que isso devia suceder a toda a gente. Tivemos ainda de sofrer um incêndio na chaminé, a bomba da paróquia e o juramento falso do maceiro, que nos meteu em despesas; mas tudo isso não passava de sensaborias ordinárias. O que nos era pessoal era o nosso enguiço em matéria de criadas; uma delas tinha paixão pelos licores fortes, que aumentavam singularmente a nossa conta de *porter* e bebidas espirituosas que nos fornecia. Achávamos nos róis artigos inexplicáveis, como «um quarto de litro de rum (*Mistress* C.)» e «um meio quarto de genebra (*Mistress* C.)» e «um copo de rum e de aguardente de alfazema (*Mistress* C.)»; o parêntesis aplicava-se sempre a Dora, que passava, ao que depois soubemos, por ter absorvido todos esses líquidos.

Uma das nossas primeiras proezas foi dar de jantar a Traddles. Encontrei-o uma manhã e comprometi-o a vir passar connosco a tarde. Ele consentiu de boa vontade e eu escrevi uma palavra a Dora, para lhe dizer que levava comigo o nosso amigo. O tempo estava magnífico e pelo caminho fomos conversando sempre acerca da minha felicidade. Traddles estava satisfeitíssimo e dizia-me que, no dia em que soubesse que Sofia o esperava à noite numa casinha como a nossa, nada faltaria à sua felicidade.

Eu não podia desejar ter mais encantadora mulherzinha do que aquela que se sentava nessa tarde em frente de mim; mas o que podia ter desejado melhor é que a sala fosse um pouco mais ampla. Não sei como era, mas ainda que fôssemos dois, nunca tínhamos lugar e todavia a sala era bastante espaçosa para que a nossa mobília lá coubesse bem. Suspeito que era porque ninguém tinha lugar marcado, excepto o pagode de Jip, que atravancava a via pública. Nessa tarde, Traddles estava tão bem colocado entre o pagode, a caixa da guitarra, o cavalete de Dora e a minha secretária, que eu estava sempre com receio de que ele não tivesse espaço suficiente para se servir da faca e do garfo; mas ele protestava com o seu bom humor habitual e repetia-me: «Tenho muito lugar, Copperfield! Muito lugar, asseguro-lhe!».

Havia uma outra coisa que eu desejaria impedir; era minha vontade que não se tolerasse a presença de Jip em cima da toalha durante o jantar. Começava a achar pouco conveniente que ele para ali fosse sempre, ainda mesmo que não tivesse o mau hábito de meter a pata no saleiro ou na manteigueira. Desta vez, não sei se ele se julgava especialmente encarregado de apoquentar Traddles, pois não cessava de lhe ladrar e de lhe saltar ao prato, pondo nestas diversas manobras uma tal teimosia, que monopolizava para ele só toda a conversação.

Mas eu sabia bem quanto a minha querida Dora tinha o coração terno para o seu favorito; assim, não fiz observação alguma: não me permiti mesmo uma alusão aos pratos que ele ia espatifando, nem à falta de simetria na disposição dos saleiros, todos agrupados aos três e aos quatro, ao Deus dará; não quis também fazer observar que Traddles estava absolutamente bloqueado por pratos de legumes e garrafas. Somente eu não podia deixar de perguntar de mim para mim, contemplando sempre a perna de carneiro que eu ia trinchar, como era que as nossas pernas de carneiro tinham sempre formas tão extraordinárias, como se o nosso carniceiro não comprasse senão carneiros disformes; mas guardei para mim estas reflexões.

— Meu amor — disse eu a Dora — que tem nesse prato?

Não podia compreender porque é que Dora me fazia de há um momento caretas gentis, como se quisesse beijar-me.

— São ostras, meu amigo — disse ela timidamente.

— Foi sua a lembrança? — perguntei num tom contente.

— Foi, David — disse Dora.

— Que boa ideia! — exclamei, pousando o trinchante. — Não há nada de que Traddles tanto goste!

— Sim, sim, David — disse Dora. — Comprei um pequeno barril cheio delas e o homem disse-me eram magníficas. Mas receio... receio que tenham quer coisa de extraordinário.

E Dora abanou a cabeça e as lágrimas começaram-lhe a bailar nos olhos.

— Mas estão só meio abertas — disse-lhe eu. — Tire-lhe a casca de cima.

— Mas ela não quer sair — disse Dora que empregava toda a força, com a atitude mais lamentável.

— Olhe, Copperfield — disse Traddles examinando alegremente o prato — creio que é porque... as ostras são perfeitas... mas creio que é porque... porque nunca foram abertas.

Efectivamente ninguém as abrira; e não tínhamos facas para elas. De resto não saberíamos servir-nos; olhámos para as ostras e comemos o carneiro; pelo menos comemos tudo o que estava cozido, temperando-o com alcaparras. Se eu lho permitisse, Traddles, passando ao estado selvagem, ter-se-ia de boa mente feito canibal e alimentado de carne quase crua, para exprimir quanto estava satisfeito com a refeição; mas eu estava decidido a não lhe permitir imolar-se dessa maneira no altar da amizade e tivemos em vez disso um pedaço de toucinho; felizmente havia bastante toucinho frio no aparador.

A minha pobre mulherzinha estava por tal forma desolada ao pensar que eu estaria contrariado e a sua alegria foi tão intensa quando viu que não era nada, que esqueci bem depressa o meu aborrecimento de um momento. A noite decorreu maravilhosamente. Dora estava sentada ao pé de mim, com o braço apoiado na minha poltrona, enquanto que Traddles e eu discutíamos a qualidade do meu vinho e a cada instante ela inclinava-se ao meu ouvido para me agradecer de não ter sido resmungão nem mau. Em seguida preparou-nos o chá e eu estava tão encantado de a ver nessa faina, como se fizesse o jantarzinho da sua boneca, que não me pronunciei sobre a qualidade duvidosa da bebida. Depois Traddles e eu jogámos as cartas, enquanto Dora cantava acompanhando-se ao violão e parecia-me que o nosso casamento não passava de um lindo sonho e que me encontrava ainda naquela noite em que pela primeira vez ouvi a sua doce voz.

Quando Traddles partiu, acompanhei-o até à porta, depois regressei à sala de visitas; minha mulher veio pôr a sua cadeira pegada à minha.

— Estou tão desgostada! — disse ela. — Oh! David, porque é que me não ensina a fazer qualquer coisa?

— Mas primeiro era preciso que eu também aprendesse, Dora — disse-lhe eu. — Não sei mais do que sabe, meu amor.

— Oh! Mas o senhor pode aprender — prosseguiu ela — tem tanto juízo!

— Que doidice, minha gatinha!

— Eu deveria — continuou ela após um longo silêncio — eu deveria ir para a aldeia e passar um ano com Inês!

Tinha as mãos enlaçadas em cima do meu ombro, aonde descansava a cabeça

e fitava-me docemente com os seus grandes olhos azuis.

— Para quê, não me dirá? — perguntei.

— Creio que me havia de fazer bem e que com *ela* poderia aprender bastantes coisas.

— Tudo vem no seu tempo, meu amor. Há muitos anos, sabe, que Inês teve de tomar o pai ao seu cuidado; mesmo no tempo em que ela não era ainda senão uma criança, era já a Inês que hoje conhece.

— Quer chamar-me como eu lhe vou pedir? — perguntou Dora sem se mexer.

— E como é? — disse eu sorrindo.

— É um nome estúpido — disse ela sacudindo os caracóis —, mas é o mesmo, chame-me a sua *mulher-criança.*

Perguntei rindo à minha mulher-criança, porque queria que eu lhe chamasse assim. Respondeu-me sem se mexer, somente o meu braço passado em volta da sua cinta reaproximava ainda de mim os seus lindos olhos azuis.

— Mas, que pateta! Eu não lhe peço que me dê esse nome, em vez de me chamar Dora. Peço-lhe somente que, quando pensar em mim, diga consigo que sou a sua mulher-criança. Quando tiver desejo de se zangar comigo, só tem que dizer consigo: «Ora! É a minha mulher-criança». Quando eu lhe transtornar a cabeça, diga ainda: «Não sabia eu já há muito tempo que isto só poderia ser feito por uma mulherzinha-criança!». Quando eu não seja para si o que desejaria ser e que nunca talvez o seja, diga sempre: «Isto não impede que essa doidinha de mulher-criança me ame da mesma maneira», porque esta é a verdade, David, eu amo-o muito.

Não lhe respondi seriamente; até então não me ocorrera a ideia de que ela falasse a sério. Mas ficou tão contente com o que lhe respondi, que os seus olhos ainda não estavam enxutos e já estava a rir. E não tardou que eu visse a minha mulher-criança sentada no chão, ao lado do pagode chinês, fazendo tocar todas as campainhas umas após outras, para punir Jip do seu mau comportamento e Jip estava preguiçosamente estendido no pavimento da casota, olhando-a com o canto do olho como para lhe dizer: «Toca, toca, que não conseguirás fazer-me mexer daqui com todas as tuas implicações; sou muito madraço, não me incomodo por tão pouco».

Este apelo de Dora causou em mim uma profunda impressão. Reporto-me a esse tempo longínquo; represento-me essa doce criatura que eu tanto amava; suplico-lhe que saia ainda uma vez dos sonhos do passado e que volte para mim o seu rosto encantador e posso assegurar que o seu pequeno discurso retumbava sem cessar no meu coração. Não tirei dele talvez o melhor partido possível, eu era novo e sem experiência; mas nunca a sua inocente suplica veio impressionar baldadamente o meu ouvido.

Disse-me Dora, alguns dias depois, que se ia tornar numa excelente mulher de casa. Em consequência disso, tirou da gaveta a sua lousa, aguçou o lápis, comprou um imenso livro de contas, tornou a unir cuidadosamente todas as folhas do livro de cozinha que Jip tinha rasgado e fez um esforço desesperado «para ser obediente», como ela dizia. Mas os algarismos tinham sempre o mesmo defeito; não queriam deixar-se somar. Quando completava duas ou três colunas do seu livro de contas e isso com certo trabalho, Jip punha-se a passear pela página e a esborratar tudo com a cauda; e depois Dora enchia o seu lindo dedo de tinta até ao osso; é o que neste caso havia de mais claro.

Algumas vezes à noite, quando eu regressava e me punha a trabalhar (porque escrevia muito e começava a criar um nome como autor), pousava a pena e observava a minha mulher-criança que tratava «de ser obediente». Via-a primeiro pôr em cima da mesa o seu imenso livro de contas e soltava um profundo suspiro; depois abria-o no lugar safado por Jip na véspera à noite e chamava o cãozito para lhe mostrar os vestígios do seu crime; era o sinal de uma diversão em favor de Jip, e, por castigo, pintava-lhe de tinta a ponta do nariz. Em seguida dizia a Jip que se deitasse em cima da mesa imediatamente como um «leão», era uma das suas habilidades, se bem que a meus olhos a analogia não fosse surpreendente. Se estava de bom humor, Jip obedecia. Então ela pegava numa pena e começava a escrever, mas se a pena tinha um cabelo, pegava noutra e tornava a escrever; a segunda pena deitava borrões; então pegava em terceira pena e recomeçava a escrever, dizendo em voz baixa: «Oh, mas esta range e vai incomodar o David!» Em resumo, acabava com o serviço e ia pôr o livro de contas no seu lugar, depois de ter feito menção de o atirar à cabeça do «leão».

Uma outra vez, quando se sentia de humor mais grave, pegava na lousa e num cestinho cheio de notas e outros documentos que se pareciam mais com papelotes do que com outra coisa e tentava tirar um resultado qualquer daquilo tudo. Punha-se a compará-los muito a sério, ia escrevendo na lousa algarismos que safava, contava em todos os sentidos os dedos da mão esquerda, depois do que ficava com o ar tão vexado, tão desanimado e tão descontente, que eu tinha pena de ver entristecer, para me comprazer, essa carinha encantadora; então, aproximava-me dela muito devagarinho e dizia-lhe:

— Que é o que tem, Dora?

Ela olhava para mim com ar desolado e respondia:

— São estas arrevesadas contas que não dão certas; fazem-me dor de cabeça; teimam em não fazer o que eu quero.

E eu dizia-lhe então:

— Ora vamos tentar um pouco ambos; vamos a ver, Dora.

Depois eu começava uma demonstração prática; Dora ouvia durante cinco

minutos com a mais profunda atenção, depois do que começava a sentir-se horrivelmente fatigada e procurava distrair-se enrolando os meus cabelos nos seus dedos ou deitando-me para baixo o colarinho a ver se me ficava bem. Quando eu queria um pouco reprimir a sua frivolidade e que continuava com os meus raciocínios, ela tomava um ar tão desolado e tão espavorido, que me lembrava de repente como uma censura, ao vê-la tão triste, a sua alegria natural no dia em que a tinha visto pela primeira vez; então eu deixava cair o lápis repetindo de mim para mim que era uma mulher-criança e pedia-lhe que pegasse na guitarra.

Eu tinha muito que trabalhar e numerosos cuidados, mas guardava tudo isso para mim. Estou longe de supor agora que tivesse razão de proceder assim, mas fazia-o por ternura com a minha mulher-criança. Examino o meu coração e é sem a menor reserva que confio a estas páginas os meus mais secretos pensamentos. Sentia bem que me faltava qualquer coisa, mas isso não ia até alterar a felicidade da minha vida. Quando passeava só por um belo sol e que pensava nos dias de Verão em que toda a terra parecia repleta da minha jovem paixão, sentia que os meus sonhos não se haviam perfeitamente realizado, mas creio que não era senão uma sombra suavizada da doce glória do passado. Por vezes, dizia muitos comigo, que preferiria encontrar em minha mulher um conselheiro mais seguro, com mais razão, firmeza e carácter; desejaria que ela me pudesse servir de apoio e de ajuda, que possuísse o poder de encher as lacunas que sentia em mim, mas dizia também de mim para mim que tal felicidade não era deste mundo e que não devia, não podia existir.

Eu era ainda, enquanto a idade, um rapaz novo antes que um marido. Não tinha conhecido, para me formar na sua salutar influência, outros desgostos do que os que se tem podido ler nesta narrativa. Se me enganava e isso sucedia-me talvez bastantes vezes, eram o meu amor e a minha pouca experiência que me desnorteavam. Digo a verdade exacta. De que me serviria agora a dissimulação?

Era, pois, em cima de mim que recaíam todas as dificuldades e os cuidados da nossa vida; ela não tomava parte nisso. A nossa casa continuava pouco mais ou menos na mesma embrulhada que no princípio; com a diferença de que já me havia habituado e tinha, ao menos, o prazer de ver que Dora já quase não tinha nada que a afligisse. Recuperara toda a sua alegria galhofeira; amava-me de todo o seu coração e divertia-se como dantes, isto é, como uma criança.

Quando os debates das Câmaras tinham sido fatigantes (eu não falo senão da sua extensão e não da sua qualidade, porque, sob esta última relação, nunca eram de outra maneira) e que eu regressava tarde, Dora não queria deitar-se nunca antes de eu chegar e descia sempre para me receber. Quando eu não tinha a ocupar-me do trabalho que me tinha custado tanto labor estenográfico e que

podia escrever para mim, vinha ela sentar-se tranquilamente ao meu lado, por mais tarde que fosse e estava por tal modo silenciosa que muitas vezes a julgava adormecida. Mas, em geral, quando eu erguia a cabeça, via os seus olhos azuis fixos em mim com a atenção tranquila de que já falei.

— Pobre rapaz! Como deve estar fatigado! — disse ela uma noite, no momento em que eu fechava a minha carteira.

— Pobre rapariga! Como deve estar fatigada! — respondi. — A mim é que me pertencia dizer-lhe isso, Dora. Para outra vez, há-de ir deitar-se, meu amor; é muitíssimo tarde para si.

— Oh! Não! Não me mande deitar — disse Dora num tom súplice. — Peço-lhe que não faça isso!

— Dora!

Com meu grande espanto, ela chorava sobre o meu ombro.

— Não se acha bem, minha linda; não é feliz?

— Sim, acho-me bem e sou muito feliz — disse Dora. — Mas prometa-me que me há-de deixar estar ao pé de si para o ver escrever.

— Que linda vista a destes lindos olhos e à meia-noite ainda! — respondi.

— Palavra! Acha-os lindos? — prosseguiu Dora a rir. — Estou tão contente que eles sejam lindos.

— Vaidosinha! — disse-lhe eu.

Mas não, não era vaidade, era uma alegria sincera sentir-se admirada por mim. Sabia-o bem antes que ela mo dissesse.

— Se os acha lindos, diga-me que há-de consentir sempre que eles o vejam estar a escrever! — disse Dora. — Acha-os lindos?

— Muito lindos!

— Então deixe-me vê-lo escrever.

— Receio que com isso fiquem feios, Dora.

— Não ficam tal! Estando a olhar para si, senhor sábio, isso impedi-lo-á de me esquecer, enquanto está mergulhado nas suas meditações silenciosas. Dar-se-á o caso de que se enfade por eu lhe dizer qualquer coisa tola, mais tola ainda que de ordinário?

—Já viram uma coisa assim?

— Deixe-me dar-lhe as penas à medida que for precisando delas — continuou Dora. — Tenho desejo de o ajudar em qualquer coisa durante estas longas horas em que está tão ocupado. Quero ter as penas ao pé de mim para lhas dar.

A recordação da sua alegria encantadora quando lhe disse que sim, faz-me vir as lágrimas aos olhos. Quando no dia seguinte me pus a escrever, vi-a instalada junto de mim com um grande maço de penas; isso renovou-se regularmente de cada vez. O prazer que ela tinha em associar-se assim ao meu trabalho e o seu

enlevo cada vez que eu tinha necessidade de uma pena, o que sem cessar me sucedia, deram-me a ideia de lhe dar uma satisfação maior ainda. Fingia, de tempos a tempos, precisar dela para me copiar uma ou duas páginas do meu manuscrito. Então é que ela ficava em toda a sua glória. Era preciso vê-la preparar-se para esta grande empresa, pôr o seu avental, ir buscar trapos à cozinha para limpar a pena e o tempo que gastava e o número de vezes que lia passagens a Jip, como se ele pudesse compreender; depois, enfim, assinava a página como se a obra fosse incompleta sem o nome da copista e trazia-ma toda contente por ter acabado a sua tarefa, deitando-me os braços em volta do pescoço. Lembrança encantadora, para mim, quando outros só nisto veriam uma criancice!

Pouco tempo depois tomou conta das chaves, que passeava por toda a casa num cestinho preso ao cinto. Em geral, os armários a que elas pertenciam não estavam fechados e as chaves acabaram por não servir senão para divertir Jip, mas Dora estava contente e isso me bastava. Ela estava convencida de que essa medida devia produzir o melhor efeito e estávamos alegres como duas crianças que para se divertirem, fazem dirigir a casa pela sua boneca.

Era assim que se passava a nossa vida; Dora testemunhava quase tanta ternura a minha tia como a mim e falava-lhe muitas vezes do tempo em que ela a considerava uma velha resmungona. Minha tia nunca tivera tanto trabalho com ninguém. Ela fazia a corte a Jip que não lhe correspondia de forma alguma; ouvia Dora todos os dias tocar guitarra, ela que não gostava de música; nunca dizia mal da nossa série de *Incapazes,* e, todavia, a tentação devia ser bem grande para ela; fazia a pé caminhadas enormes para trazer a Dora toda a espécie de pequenas coisas que ela desejava e de cada vez que vinha pelo jardim e que Dora não estava em baixo, ouvíamo-la dizer, ao fundo da escada e com uma voz que retumbava alegremente por toda a casa:

— Mas aonde é que está a Florzinha?

## Capítulo XLV — *Mister* Dick justifica a predição de minha tia

Havia já algum tempo que eu saíra de casa do doutor.

Vivíamos na vizinhança dele, via-o frequentemente e duas ou três vezes tínhamos ido jantar ou tomar o chá com ele. O Velho-Tarimbeiro lá estava residindo. Era sempre a mesma, com as mesmas borboletas imortais volteando sempre por cima da sua touca.

Semelhante a muitas outras mães que conheci durante a minha vida, *Mistress* Markleham tratava mais de se divertir do que a filha. Tinha necessidade de se distrair e como um astucioso Velho-Tarimbeiro que era, queria fazer acreditar, consultando as suas próprias inspirações, que se imolava à filha. Essa excelente mãe estava, pois, muito disposta a favorecer o desejo do doutor, que queria que Annie se divertisse e aprovava alto e bom som a sagacidade do seu genro.

Não duvido que ela fizesse sangrar a chaga do doutor sem o saber, sem contribuir com outra coisa do que com um certo grau de egoísmo e de frivolidade que se encontra por vezes nas pessoas de uma idade madura; confirmava-o, creio, no pensamento que ele impunha à mocidade de sua mulher e como não havia entre eles simpatia natural, à força de o felicitar por procurar tornar mais leve a Annie o peso da vida.

— Meu caro amigo — dizia-lhe ela um dia na minha presença — sem dúvida sabe que é um pouco triste para Annie estar sempre encerrada aqui.

O doutor fez um benévolo sinal de cabeça.

— Quando ela tiver a idade de sua mãe — disse *Mistress* Markleham, agitando o leque — o caso mudará de figura. Cá por mim podiam meter-me numa enxovia; contanto que eu tivesse boa companhia e pudesse fazer o meu *rubber*, nunca pediria para sair. Mas eu não sou Annie, sabe? E Annie não é sua mãe.

— Certamente, certamente — disse o doutor.

— O senhor é o melhor homem do mundo. Não, há-de perdoar-me — continuou ela, vendo o doutor fazer um gesto negativo. — É preciso que lho diga na frente como lho digo nas costas, o senhor é o melhor homem do mundo; mas, naturalmente, o senhor não pode, não é verdade, ter os mesmos gostos e os mesmos cuidados de Annie?

— Não! — disse o doutor com voz triste.

— Não; é muito natural — prosseguiu o Velho Tarimbeiro. — Veja, por exemplo, o seu Dicionário! Que coisa tão útil um dicionário! Que coisa tão indispensável! O sentido das palavras! Sem o doutor Johnson e outras pessoas

assim, quem sabe se, a estas horas, não daríamos a um ferro de brunir o nome de um cabo de vassoura!? Mas não podemos pedir a Annie que se interesse por um Dicionário, mesmo quando ele está por acabar, não é verdade?

O doutor meneou a cabeça.

— E eis a razão porque aprovo tanto as suas atenções delicadas — disse *Mistress* Markleham, dando-lhe no ombro uma pequena pancada com o leque. — Isso prova que o senhor não é como tantos outros velhos que desejariam encontrar velhas cabeças sobre ombros novos. O senhor estudou o coração de Annie e compreende-o. É o que em si acho de encantador.

O doutor Strong parecia, a despeito da sua tranquilidade e da sua paciência habitual, não suportar senão com constrangimento todos estes cumprimentos.

— Assim, meu caro doutor — continuou o Velho Tarimbeiro, dando no doutor muitas palmadinhas de amizade — pode dispor de mim quando quiser. Saiba que estou inteiramente às suas ordens. Estou pronta a ir com Annie aos teatros, aos concertos, à exposição, a toda a parte, enfim; e verá que não me queixarei senão da fadiga; o dever, meu caro doutor, o dever primeiro que tudo!

E cumpria a sua palavra. Era destas pessoas que podem suportar uma quantidade de prazeres sem nunca esgotarem a sua perseverança. Nunca lia o jornal (e lia-o todos os dias, durante duas horas, numa boa poltrona e de luneta assestada), que não descobrisse qualquer coisa digna de ver-se, que certamente divertiria Annie. Baldadamente protestava Annie que estava cansada de tudo isso, mas sua mãe respondia-lhe invariavelmente:

— Minha querida Annie, supunha-a mais razoável e devo dizer-lhe, meu amor, que é reconhecer muito mal a bondade do doutor Strong.

Esta censura era-lhe geralmente endereçada em presença do doutor e parecia-me que era isso principalmente o que decidia Annie a ceder. Resignava-se quase sempre a ir para toda a parte para onde a levava o Velho Tarimbeiro.

Acontecia muito raras vezes que *Mister* Maldon as acompanhasse. Algumas vezes convidavam minha tia e Dora a juntarem-se-lhes; outras vezes era só Dora. Dantes hesitaria em deixá-la ir, mas reflectindo no que se havia passado naquela noite no gabinete do doutor, já não tinha desconfiança. Supunha que o doutor tinha razão, e, como ele, já não nutria suspeitas.

Algumas vezes minha tia coçava o nariz, quando estávamos sós, dizendo-me que não compreendia nada, que desejaria vê-los mais felizes e que não acreditava absolutamente que a nossa militar amiga (era assim que ela chamava sempre ao Velho Tarimbeiro) contribuísse para reconciliar as coisas. Dizia-me ainda que o primeiro acto do regresso ao bom senso da nossa militar amiga deveria ser arrancar todas as suas borboletas e fazer presente delas a qualquer limpa-chaminés, para um dia se mascarar.

Mas era sobretudo com *Mister* Dick que ela contava. Evidentemente, esse homem tinha uma ideia, dizia ela e se pudesse somente estreitá-la de perto, qualquer dia, a um canto do cérebro, o que para ele era a grande dificuldade, distinguir-se-ia por qualquer forma extraordinária.

Ignorante como era desta predição, *Mister* Dick permanecia sempre na mesma posição em face do doutor e de *Mistress* Strong. Parecia não avançar nem recuar um passo, imóvel na sua base como um edifício sólido e confesso que, efectivamente, espantar-me-ia tanto vê-lo proceder nesse sentido, como ver andar uma casa.

Mas uma noite, alguns meses depois do nosso casamento, *Mister* Dick entreabriu a porta da nossa sala de visitas; eu estava só, a trabalhar. (Dora e minha tia tinham ido tomar o chá a casa dos dois canarinhos) e disse-me com uma tosse significativa:

— Incomodá-lo-ia talvez, receio, conversar um momento comigo, Trotwood?

— Oh! Não, certamente, senhor Dick. Faça favor de entrar.

— Trotwood — disse-me ele encostando o dedo ao nariz, depois de me ter dado um aperto de mão — antes de me sentar, desejava fazer uma observação. Conhece sua tia?

— Um pouco — respondi.

— É a mais notável mulher do mundo!

E, depois de me ter feito esta comunicação, que lançou como uma bala rasa de canhão, *Mister* Dick sentou-se com um ar mais grave do que de costume e fitou-me.

— Agora, meu caro — acrescentou ele — vou fazer-lhe uma pergunta.

— Tantas quantas quiser.

— Que pensa de mim o senhor? — perguntou-me cruzando os braços.

— Que é o meu bom e velho amigo.

— Obrigado, Trotwood — respondeu *Mister* Dick, rindo e apertando-me a mão com uma alegria expansiva. — Mas não é isso o que eu quero dizer, meu filho — continuou ele num tom mais grave. — Que pensa de mim sob este ponto de vista? — E batia na testa.

Eu não sabia que responder, mas ele veio em meu auxílio:

— Que tenho o espírito fraco, não é verdade?

— Mas... — disse-lhe num tom indeciso — talvez um pouco.

— Precisamente! — gritou *Mister* Dick, que parecia encantado com a minha resposta. — É que, veja, senhor Trotwood, quando eles retiraram um pouco da desordem que havia na cabeça de... o senhor bem sabe de quem... para o pôr sabe bem aonde, houve...

Neste ponto, *Mister* Dick executou com as mãos, muitas vezes, um molinete,

fazendo-as girar uma em volta da outra, depois bateu com ambas e recomeçou o exercício do molinete, para exprimir uma grande confusão.

— Eis o que me fizeram! Foi isto!

Fiz-lhe um sinal de aprovação, que ele me retribuiu.

— Numa palavra, meu filho — disse *Mister* Dick, abaixando de súbito a voz — eu sou um pouco simples.

Eu ia negar o facto, mas ele deteve-me.

— Sim, sim! Ela pretende que não. Ela não quer ouvir falar em tal, mas isto é assim. Eu sei. Se eu não a houvesse tido por amiga, senhor Trotwood, há muitos anos que me teriam internado e eu levaria a mais triste vida. Mas eu lhe pagarei bem, não tenha receio. Não chego a gastar o que ganho a tirar cópias. Meto-o num mealheiro. Fiz o meu testamento e deixo-lhe tudo. Ficará rica, há-de ter uma nobre existência!

*Mister* Dick sacou o lenço do bolso e enxugou os olhos. Tornou-o a dobrar muito cuidadosamente, alisou-o entre as mãos, meteu-o no bolso e pareceu do mesmo lance fazer desaparecer minha tia.

— O senhor é instruído, Trotwood — disse *Mister* Dick. — O senhor é muito instruído. Sabe como o doutor é sábio; sabe a honra com que ele sempre me tratou. A ciência nunca o envaideceu. É humilde, humilde, cheio de condescendência até para o pobre Dick, que tem o espírito tacanho e que nada sabe. Eu fiz subir o nome dele num bocadinho de papel pelo fio do meu papagaio e chegou até ao céu, entre as cotovias. O papagaio ficou encantado de o receber e o céu tornou-se mais brilhante.

Encante-o dizendo-lhe com efusão que o doutor merecia todo o nosso respeito e toda a nossa estima.

— E a formosa mulher que ele tem é uma estrela — disse *Mister* Dick — uma brilhante estrela; vi-a em todo o seu esplendor, senhor Trotwood. Mas (aproximou a cadeira e pousou a mão no meu joelho), mas há nuvens, senhor Trotwood, há nuvens.

Respondi à solicitude que exprimia a sua fisionomia dando à minha a mesma expressão e meneando a cabeça.

— E que nuvens são? — continuou *Mister* Dick.

Olhava-me com um ar tão inquieto e parecia tão desejoso de saber quais eram essas nuvens, que eu tive o trabalho de lhe responder lentamente e distintamente, como se quisesse explicar qualquer coisa a uma criança:

— Há entre eles qualquer desgraçado motivo de divisão — respondi eu — qualquer triste causa de desunião. É um segredo. Será talvez uma consequência inevitável da diferença de idade que entre eles existe. Talvez que isso se relacione com uma coisa insignificantíssima.

*Mister* Dick acompanhou cada uma das minhas frases de um sinal de atenção; parou quando acabei e ficou a reflectir, de olhos fitos em mim e com a mão no meu joelho.

— O doutor não está zangado com ela, Trotwood? — disse ele ao cabo de um momento.

— Não. Ama-a ternamente.

— Então, eu sei o que é, meu filho — disse *Mister* Dick.

Num acesso de alegria repentina, bateu-me no joelho e recostou-se na cadeira, com as sobrancelhas arqueadas a toda a altura da testa; supu-lo completamente doido. Mas recuperou daí a pouco a sua gravidade, e, inclinando-se para a frente, disse-me, depois de ter tirado o lenço com um ar respeitoso, como se ele lhe representasse realmente minha tia:

— É a mulher mais extraordinária do mundo, Trotwood? Porque é que ela nada fez para restituir à ordem essa casa?

— É um assunto muito delicado e muito difícil para ela se imiscuir nele — respondi.

— E o senhor, que é tão instruído — disse *Mister* Dick, tocando-me com a ponta do dedo — porque é que também nada fez?

— Pela mesma razão — respondi eu ainda.

— Então cá estou eu, meu filho — replicou *Mister* Dick.

E levantou-se diante de mim com um ar ainda mais triunfante, meneando a cabeça e batendo no peito repetidas vezes; dir-se-ia que tinha pensado arrancar a alma do corpo.

— Um pobre homem com uma ligeira bolha — disse *Mister* Dick — um idiota, um espírito fraco (é de mim que falo, sabe?), pode fazer o que não podem tentar as pessoas mais distintas do mundo. Reconciliá-los-ei, meu filho; hei-de tentar; eles não me há-de querer mal por isso. Não me acharão indiscreto. Fazem bem pouco caso do que eu possa dizer; quando me sair mal, não passo de Dick. Quem é que presta atenção a Dick? Dick não é ninguém. Ora adeus!

E soprou, com desprezo pela sua miserável individualidade, como se atirasse uma folha ao vento.

Felizmente avançava nas suas explicações, porque ouvíamos uma carruagem parar à porta do jardim. Dora e minha tia não tardavam a entrar.

— Nem uma palavra, meu filho! — continuou ele em voz baixa. — Deixe cair tudo isso em cima de Dick, em cima deste palerma de Dick... deste doido de Dick! Há já algum tempo que eu pensava nisto, senhor Trotwood; agora cá estou. Depois do que me disse, estou informado, estou certificado. Tudo há-de correr bem.

*Mister* Dick não pronunciou nem mais uma palavra sobre o assunto; mas,

durante uma meia hora, fez-me sinais telegráficos, de que minha tia não sabia que pensar, para me prevenir de que devia guardar o mais profundo segredo.

Com grande surpresa minha, não o ouvi mais falar de nada durante três semanas e todavia eu ligava um verdadeiro interesse ao resultado dos seus esforços; entrevia um clarão estranho de bom senso na conclusão a que ele tinha chegado; quanto ao seu coração, nunca havia duvidado da sua bondade. Mas acabei por acreditar que, volúvel e variável como era, tinha esquecido ou abandonado o seu projecto.

Uma tarde em que Dora não quis sair, dirigimo-nos, minha tia e eu, até à casinha do doutor. Era no Outono, não havia debates do Parlamento que me estragassem a brisa da tarde e o cheiro das folhas secas fazia-me recordar as que antigamente os meus pés calcavam no nosso jardinzinho de Blunderstone; o vento, gemendo, parecia trazer-me ainda uma vaga tristeza, como outrora.

Começava a anoitecer quando chegámos a casa do doutor. *Mistress* Strong saía do jardim, aonde *Mister* Dick errava ainda, ajudando sempre o jardineiro a colocar algumas estacas. O doutor estava no seu gabinete com uma visita, que *Mistress* Strong nos disse que não tardaria a ir embora e pediu-nos que esperássemos. Seguimo-la para a sala e sentámo-nos, às escuras, junto da janela. Não fazíamos cerimónias entre nós; vivíamos livremente juntos, como velhos amigos e bons vizinhos.

Estávamos ali havia um momento, quando *Mistress* Markleham, que era sempre uma importuna a propósito de tudo, entrou bruscamente, com um jornal na mão, dizendo em voz entrecortada:

— Deus do céu, Annie! Porque é que me não disse que havia gente no gabinete?

— Mas, querida mamã — respondeu Annie tranquilamente — eu não podia adivinhar que tivesse desejo de o saber!

— Desejo de o saber! — repetiu *Mistress* Markleham, deixando-se cair sobre o canapé. — Nunca me emocionei assim!

— Então entrou no gabinete, mamã? — perguntou Annie.

— Se entrei no gabinete, minha querida! — disse ela com uma viva energia. — Entrei, sim! E caí sobre esse excelente homem (julgue da minha emoção, *miss* Trotwood e o senhor também, *Mister* David), justamente no momento em que ele fazia o seu testamento!

Sua filha voltou vivamente a cabeça.

— Justamente no momento, minha querida Annie, em que ele fazia o seu testamento, a acta das suas últimas vontades — repetiu *Mistress* Markleham, estendendo o jornal no regaço como uma toalha. — Que previdência e que afecto! É preciso que lhes conte como isso se passou. Palavra, sim! É preciso,

quando mais não seja, ao menos para prestar justiça a esse homem gentil, porque é deveras gentil o doutor! A senhora bem sabe, *miss* Trotwood, que nesta casa há o costume de se não acenderem velas senão quando a gente está literalmente farta de estragar a vista a ler o jornal; e também que só no gabinete é que se encontra uma cadeira em que a gente possa ler, o que se chama à nossa vontade. Era, pois, para isso que eu me dirigia para o gabinete, aonde eu já tinha visto luz. Abro a porta. Ao pé desse querido doutor vejo dois sujeitos vestidos de preto, evidentemente jurisconsultos; todos três de pé diante da mesa; o querido doutor tinha a pena na mão. «É simplesmente para exprimir», dizia o doutor. Annie, meu amor, ouça bem... «É simplesmente para exprimir toda a confiança que tenho em *Mistress* Strong que lhe deixo toda a minha fortuna, sem condições». Um dos sujeitos repete: «Toda a sua fortuna, sem condições». Ao ouvir isto, emocionada, como devem imaginar que o podia estar uma mãe em tais circunstâncias, exclamei: «Deus do céu! Queiram perdoar!» Ia tropeçando no limiar da porta e corri até aqui pelo pequeno corredor que vai dar à copa.

*Mistress* Strong abriu a janela e saiu para a varanda, aonde se debruçou na balaustrada.

— Mas não é um espectáculo que faz bem, *miss* Trotwood e senhor David — continuou *Mistress* Markleham — ver um homem da idade do doutor Strong ter a força de alma necessária para fazer uma coisa assim? Isso prova quanto eu tinha razão. Quando o doutor Strong me fez uma visita das mais lisonjeiras e me pediu a mão de Annie, eu disse a minha filha: «Não duvide, minha querida, que o doutor Strong lhe assegure no futuro bem mais ainda do que hoje promete fazer».

Nesta altura ouviu-se a campainha e as visitas saíram do gabinete do doutor.

— Provavelmente já acabou tudo — disse o Velho Tarimbeiro depois de ter apurado o ouvido. — O querido homem assinou, lacrou, entregou o testamento e agora está com o espírito descansado; tem bem direito a isso. Que homem! Annie, meu amor, vou ler o meu jornal no gabinete, porque não posso deixar de ler as notícias do dia. *Miss* Trotwood e senhor David, venham ver o doutor, andem!

Descobri *Mister* Dick na sombra, fechando o seu canivete, quando segui *Mistress* Markleham ao gabinete, com minha tia, que coçava com toda a força o nariz, como para distrair um pouco o seu furor contra a nossa militar amiga; mas o que eu não poderia dizer, esqueci-o sem dúvida, é quem foi que entrou primeiro no gabinete, ou como *Mistress* Markleham se encontrou num momento instalada na sua poltrona. Não poderia dizer igualmente como foi que nos encontrámos, minha tia e eu, ao pé da porta; talvez que os seus olhos foram mais prontos do que os meus e me reteve de propósito; ao certo não sei nada. Mas o

que sei bem, é que vimos o doutor antes que ele nos visse; estava ele no meio dos grandes livros que tanto amava, com a cabeça tranquilamente encostada à mão. No mesmo instante vimos entrar *Mistress* Strong, pálida e trémula. Apoiava-se a *Mister* Dick. Este pousou a mão no braço do doutor, que ergueu a cabeça distraidamente. Então Annie caiu-lhe aos pés, de mãos postas, com ar suplicante, fixando nele um olhar que nunca me esqueceu. Ao ver isto, *Mistress* Markleham deixou cair o jornal, com uma tal expressão de espanto, que a sua cara poderia assentar bem na proa de qualquer navio chamado *A Surpresa*.

Mas quanto à bondade que o doutor mostrou no seu espanto, quanto à dignidade de sua mulher na sua atitude suplicante, à emoção patética de *Mister* Dick, ao sério com que minha tia repetia a si própria: «Este homem, doido!», pois triunfava nesse momento da posição miserável donde o tinha tirado, estou vendo, estou entendendo tudo isto bem melhor do que me recordo no próprio momento em que o conto.

— Doutor! — disse *Mister* Dick —, então isso que é? Olhe para os seus pés!

— Annie! — gritou o doutor —, levante-se, minha querida mulher!

— Não! — disse ela. — A todos peço que não saíam deste aposento. Ó meu marido, meu pai, rompamos enfim este longo silêncio. Saibamos, enfim, um e outro o que pode haver entre nós!

*Mistress* Markleham pudera tomar a palavra, e, cheia de orgulho pela família e de indignação materna, exclamava:

— Annie, levante-se já e não envergonhe todos os seus amigos, humilhando-se assim, se não quer que eu enlouqueça aqui mesmo!

— Mamã — respondeu Annie — faça favor de não me interromper. É a meu marido que me dirijo; só o vejo a ele aqui; ele é que é tudo para mim.

— Quer dizer — exclamou *Mistress* Markleham — que eu não sou nada! É preciso que esta filha tenha perdido a cabeça! Quem tem a bondade de me ir buscar um copo de água?

Eu estava muito ocupado com o doutor e com sua mulher para obedecer a esse pedido, e, como ninguém fizesse o menor caso, *Mistress* Markleham foi obrigada a continuar a suspirar, a abanar-se com o leque e a arregalar os olhos.

— Annie! — disse o doutor abraçando-a docemente —, minha bem amada! Se sobreveio na sua vida uma mudança inevitável, disso não é culpada. A culpa é minha, toda minha. A minha afeição, a minha admiração e o meu respeito por si são sempre inalteráveis. Desejo torná-la feliz. Amo-a e estimo-a. Levante-se, Annie, peço-lhe!

Ela, porém, não se levantou. Fitou-o um momento e depois, cingindo-se ainda mais dele, pousou o seu braço nos joelhos do marido e encostando aí a cabeça, disse:

— Se tenho aqui um amigo que possa dizer uma palavra sobre este assunto, por meu marido ou por mim; se tenho aqui um amigo que possa fazer ouvir uma suspeita que o meu coração por vezes me murmurou; se tenho aqui um amigo que respeite o meu marido e que me ame; se esse amigo sabe qualquer coisa que possa auxiliar-nos: suplico-lhe que fale!

Houve um profundo silêncio. Após alguns instantes de penosa situação, decidi-me enfim:

— *Mistress* Strong — disse — sei qualquer coisa que o doutor Strong me ordenara que calasse; guardei silêncio até hoje. Mas creio ser chegado o momento em que seria uma falsa delicadeza continuar a ocultá-lo; o seu apelo releva-me da minha promessa.

Ela voltou os olhos para mim e eu vi que tinha razão. Não poderia resistir a esse olhar suplicante, quando mesmo a minha confiança não fosse tão inabalável.

— A nossa paz futura está talvez em suas mãos. Tenho a certeza de que não calará nada; sei antecipadamente que nem o senhor, nem ninguém no mundo poderá dizer nada que prejudique o nobre coração de meu marido. Tenha a dizer o que tiver que me diga respeito, fale francamente. Eu falarei imediatamente por minha vez diante dele, como mais tarde hei-de falar diante de Deus.

Não pedi autorização ao doutor e pus-me a contar o que se tinha passado naquela noite, nesse mesmo gabinete, permitindo-me somente suavizar um pouco as grosseiras expressões de Uriah Heep. Era impossível descrever os olhos desvairados de *Mistress* Markleham durante toda a minha narrativa, nem as interjeições agudas que fazia ouvir.

Quando acabei, Annie ficou ainda um momento silenciosa, com a cabeça baixa como acabei de descrever, depois pegou na mão do doutor, que não tinha mudado de atitude desde que tínhamos entrado, apertou-a de encontro ao coração e beijou-a. *Mister* Dick levantou-a docemente e ela ficou imóvel, encostada a ele, com os olhos fixos em seu marido.

— Vou pôr a nu na sua presença — disse ela numa voz modesta, submissa e terna — tudo o que me tem enchido o coração desde o meu casamento. Não poderia viver em paz, agora que sei tudo, se ficasse a menor obscuridade sobre este ponto.

— Não, Annie — disse o doutor docemente — eu nunca duvidei de si, minha filha. Não é necessário, minha querida, creia que não é necessário.

— É — respondeu ela — é necessário que eu abra o meu coração diante de si que é a verdade e a generosidade em pessoa, diante de si a quem tenho amado e respeitado sempre mais desde que o conheci, Deus é testemunha disso!

— Realmente — disse *Mistress* Markleham — se tenho o menor bom senso...

— Mas nem a sombra dele tem, velha tola! — murmurou minha tia indignada.

— ...Deve ser-me permitido dizer que é inútil entrar em todos estes pormenores.

— Só o meu marido é que pode ser juiz — disse Annie sem cessar de olhar um instante para o doutor — e ele deseja muito ouvir-me. Mamã, se eu disser qualquer coisa que a penalize, perdoe-me. Eu própria tenho sofrido bastante, muitas vezes e por muito tempo.

— Dou a minha palavra! — resmungou *Mistress* Markleham.

— Quando era muito nova — disse Annie — uma pequena, uma rapariguinha, as minhas primeiras noções sobre qualquer coisa, foram-me dadas por um amigo e um mestre muito paciente. Meu pai tinha morrido e esse amigo de meu pai foi-me sempre querido. Recordo-me de não ter aprendido nada que a sua recordação não ande de permeio. Foi ele que me pôs na alma os seus primeiros tesouros, gravara-os com o seu cunho; ensinados por outros, creio que receberia uma menos salutar influência.

— Não conta sua mãe absolutamente para nada! — exclamou *Mistress* Markleham.

— Não, mamã — disse Annie —; ele, sim, ponho-o no seu lugar. Assim é preciso. À medida que eu ia crescendo, era sempre o mesmo para mim. Eu envaidecia-me pelo seu interesse, era-lhe profundamente, sinceramente afeiçoada. Olhava-o como um pai, como um guia cujos elogios me eram mais preciosos do que qualquer outro elogio no mundo, como alguém a quem me confiasse, quando mesmo desconfiasse do mundo inteiro. A mamã sabe como eu era nova e inexperiente quando repentinamente mo apresentou como meu marido.

— Tenho dito isso mais de cinquenta vezes a quantos aqui estão — disse *Mistress* Markleham.

— Então pelo amor de Deus, cale-se e não falemos mais nisso — murmurou minha tia.

— Isso era para mim uma tamanha mudança, uma tamanha perda, segundo me parecia — disse Annie sempre no mesmo tom — que a princípio senti-me agitada e infeliz. Eu não passava então de uma rapariga e creio, que fiquei bastante triste com a mudança súbita que o meu casamento ia operar na natureza dos sentimentos que até então lhe tinha dedicado. Mas desde que daí em diante nada podia conservá-lo a meus olhos como o tinha conhecido, quando não passava de sua aluna, envaideci-me de que me julgasse digna dele; e desposei-o.

— Na igreja St. Alphage, em Canterbury — fez notar *Mistress* Markleham.

— Diabos levem esta mulher, mais as suas interrupções! — disse minha tia.

— Eu não pensei um só momento — continuou Annie, corando — nos bens

deste mundo que meu marido possuía. O meu jovem coração não se preocupava com tal pensamento. Mamã, perdoe-me se digo que foi a senhora que me fez entrever primeiro o pensamento de que havia gente no mundo que poderia ser tão injusta com ele e comigo para se permitirem essa cruel suspeita.

— Eu? — exclamou *Mistress* Markleham.

— Ah! Foi com certeza — notou minha tia —; e desta vez, não lhe vale manobrar com o leque, não pode negá-lo, militar amiga!

— Foi a primeira desgraça da minha nova vida — disse Annie. — Foi a primeira origem de todos os meus desgostos. Tão numerosos foram há um certo tempo, que não poderia contá-los; mas não, ó meu generoso amigo, não pela razão que supõe; porque não há no meu coração um pensamento, uma recordação, uma esperança que não se lhe relacionem.

Ergueu os olhos ao céu, e, de mãos postas, parecia-se, na sua nobre atitude, com um espírito bem-aventurado. O doutor a partir desse momento, contemplou-a fixamente em silêncio e os olhos de Annie sustentaram fixamente o olhar dele.

— Não arguo a mamã de lhe ter pedido fosse o que fosse para ela própria. As suas intenções foram sempre irrepreensíveis, bem sei, mas não posso dizer o que sofri quando vi os apelos indirectos que se faziam ao senhor em meu nome, o tráfico que se fez do meu nome junto de si quando fui testemunha da sua generosidade e do desgosto que experimentava *Mister* Wickfield, que tanta solicitude tinha pelos seus legítimos interesses. Como dizer-lhe o que senti a primeira vez que me vi exposta à odiosa suspeita de lhe haver vendido o meu amor, ao senhor, o homem a quem eu mais estimava no mundo! Tudo isso me acabrunhou sob o peso de uma vergonha imerecida de que eu lhe infligia parte. Oh! Não, ninguém nem a mamã nem qualquer outra pessoa podem saber tudo quanto tenho sofrido! Pense o que será ter sempre trazer no coração este receio e esta angústia e saber, todavia, em minha alma e consciência, que o dia do meu casamento não tinha feito senão coroar o amor e a honra da minha vida!

— E aí está o que uma pessoa lucra — gritou *Mistress* Markleham chorosa — em dedicar-se pelos seus filhos! Antes eu fosse turca!

— Ah! Prouvesse a Deus e que tivesse ficado no seu país natal! — disse minha tia.

— Foi nesse momento que a mamã tanto se ocupou do meu primo Maldon. Eu tinha-lhe tido — continuou ela em voz baixa, mas sem a menor hesitação — alguma amizade. Na nossa infância tínhamos sido namorados. Se as circunstâncias não tivessem seguido por outra forma, eu teria talvez acabado por me persuadir que o amava realmente; talvez tivesse casado com ele, para desgraça minha. Não há casamento mais mal combinado do que aquele aonde há poucas relações de ideias e de carácter.

Eu reflectia nestas palavras, continuando sempre a ouvir atentamente, como se elas tivessem um interesse particular ou qualquer aplicação secreta que eu não podia adivinhar ainda: «Não há casamento mais mal combinado de que aquele aonde há poucas relações de ideias e de carácter».

— Nada temos de comum — continuou Annie —; há muito que o tenho notado. Quando mesmo eu não tivesse outras razões de amar reconhecidamente meu marido, eu que tantas tenho, agradecer-lhe-ia de toda a minha alma por me haver salvado do primeiro movimento de um coração indisciplinado que ia extraviar-se.

Conservava-se imóvel diante do doutor, a sua voz vibrava numa emoção que me fez estremecer, ficando completa e perfeitamente calma e firme como antes.

— Quando ele solicitava provas da sua munificência, que o senhor lhe dispensava tão generosamente, por amor de mim, eu sofria por causa da aparência mercenária que se dava à minha ternura; achava que seria melhor para ele, mais honroso fazer só o seu caminho; dizia comigo que se estivesse no lugar dele nada me custaria tentar ser correcta. Mas enfim perdoava-lhe ainda, até à tarde em que se despediu de nós antes de partir para a índia. Foi nessa tarde que eu tive a prova de que ele era um ingrato e um pérfido; notei também que *Mister* Wickfield me observava com desconfiança, e, pela primeira vez, entrevi a cruel suspeita que viera ensombrar-me a vida.

— Uma suspeita, Annie! — disse o doutor. — Não, não, não!

— Ela não existia em seu coração, meu amigo, não, bem o sei! — respondeu ela. — É quando eu fui essa noite ter consigo, para derramar a seus pés essa taça de tristeza e de vergonha, para lhe dizer que estivera debaixo do seu tecto um homem do meu sangue que o senhor tinha cumulado de benefícios por amor de mim e que esse homem se atrevera a dizer-me coisas que nunca devera ter-me dito, quando mesmo eu fosse aquilo que ele supunha, uma fraca e mercenária criatura, o meu coração sublevou-se ao pensamento de macular os seus ouvidos com uma tal infâmia; os meus lábios recusaram-se a dizer-lha então, como depois.

*Mistress* Markleham recostou-se na sua poltrona com um surdo gemido e escondeu-se por trás do seu leque.

— Desde esse dia nunca mais troquei com ele uma palavra senão na presença do senhor e somente quando isso era necessário para evitar uma explicação. Decorreram anos depois que ele soube de mim qual era aqui a sua situação. O cuidado que o senhor empregava em fazê-lo subir, a alegria com que me anunciava que se tinha saído bem, toda a sua bondade com ele, não eram para mim senão um redobramento de dor e o meu segredo cada vez mais pesado se tornava.

Deixou-se cair docemente de joelhos aos pés do doutor, se bem que ele se esforçasse por a impedir e com os olhos rasos de lágrimas, disse-lhe ainda:

— Não me interrompa! Deixe-me ainda dizer-lhe alguma coisa! Com razão ou sem ela, se eu tivesse de recomeçar, creio que o faria. O senhor não pode compreender o que era amá-lo e saber que antigas recordações podiam fazer crer o contrário, saber que tinham podido julgar-me pérfida e ver-me rodeada de aparências que confirmavam uma tal suspeita. Eu era muito nova e não tinha ninguém para me aconselhar; entre mim e a mamã houve sempre um abismo para tudo o que se relacionava com o senhor. Se me concentrei comigo mesma, se ocultei o ultraje que sofrera, foi porque o honrava com toda a minha alma, pois que desejava ardentemente que me pudesse honrar também.

— Annie, meu nobre coração! — disse o doutor. — Minha filha querida!

— Uma palavra! Ainda uma palavra! Dizia comigo muitas vezes que o senhor talvez tivesse podido casar com uma mulher que não lhe causasse tantas penas e cuidados, uma mulher que melhor tivesse ocupado o meu lugar no seu lar; dizia de mim para mim que teria feito melhor em permanecer sua aluna, quase sua filha; dizia comigo que não estava à altura da sua sabedoria, da sua ciência; era tudo isso que me fazia guardar silêncio; mas era porque o honrava com toda a minha alma, porque esperava que um dia o senhor pudesse honrar-me também!

— Esse dia há muito que chegou, Annie — disse o doutor — e nunca há-de acabar.

— Ainda uma palavra! Eu tinha resolvido levar só a minha cruz ao Calvário, nunca revelar a ninguém a indignidade daquele para quem o senhor tem sido tão bondoso... Uma palavra mais, ó o melhor dos amigos! Soube hoje a causa da mudança que em si venho notando e por via da qual tanto tenho sofrido; umas vezes atribuía isso aos meus antigos receios, outras vezes estava no ponto de compreender a verdade; enfim, um acaso revelou-me, esta noite, toda a extensão da sua confiança em mim, quando mesmo estivesse em erro a meu respeito. Não espero que todo o meu amor, nem todo o meu respeito possam jamais tornar-me digna dessa confiança inestimável; mas posso ao menos erguer os olhos para o nobre rosto daquele que tenho venerado como um pai, amado como um marido, respeitado desde os dias da minha infância como um amigo e declarar solenemente que, nunca nos meus mais passageiros pensamentos, o agravei, que nunca variei no amor e na fidelidade que lhe devo!

Annie tinha abraçado o doutor: a cabeça do ancião descansou sobre a de sua mulher, os seus cabelos grisalhos confundiam-se com as tranças castanhas de Annie.

— Guarde-me, apertada de encontro ao seu coração, meu marido! Não me repila jamais para longe de si! Não pense, não diga que há muita distância entre

nós; só as minhas imperfeições é que nos separam, sei-o cada dia melhor e amo-o sempre cada vez mais. Oh! Recolha-me no seu coração, meu marido, porque o meu amor é edificado em rocha e durará eternamente.

Houve um longo silêncio. Minha tia levantou-se gravemente, aproximou-se muito devagar de *Mister* Dick e beijou-o em ambas as faces. Isto para ele foi magnífico, porque não tardaria a comprometer-se; eu estava a ver quando chegava o momento em que ele, no excesso da alegria, em face desta cena, ficaria numa perna só, a saltar de pé coxinho.

— O senhor é um homem muito notável, Dick — disse-lhe minha tia num tom de aprovação muito decidido — e não esteja assim com um ar de me dizer que não; sei-o melhor do que o senhor!

Depois minha tia agarrou-o pela manga do casaco, fez-me um sinal e saímos todos três, muito devagarinho, para fora do gabinete.

— Isto vai acalmar a nossa militar amiga — disse minha tia —; isto proporcionar-me-ia uma boa noite, quando não tivesse, de resto, outros motivos de satisfação.

— Receio que estava perturbada — disse *Mister* Dick, num tom de grande comiseração.

— Que quer dizer?! Já viu algum crocodilo perturbado? — perguntou minha tia.

— Creio que nunca vi crocodilo de nenhum modo — respondeu docemente *Mister* Dick.

— Nunca teria havido a mais pequena coisa com esta velha doida — disse minha tia num tom compenetrado — se as mães pudessem somente deixar as filhas sossegadas, logo que elas estão casadas, em vez de fazerem tanta barulheira com a sua pretensa ternura! Parece que o único auxílio que podem prestar às desditosas raparigas que deitaram a este mundo (Deus sabe se as desgraçadas testemunharam algum dia o desejo de cá aparecer), é fazê-las tornar a partir o mais depressa possível, à força de tormentos! Mas em que está para aí a pensar, Trot?

Eu pensava em tudo o que acabava de ouvir. Algumas das frases de que ela se tinha servido vinham-me à ideia sem cessar: «Não há casamento mais mal combinado do que aquele em que há poucas relações de ideias e de carácter... O primeiro movimento de um coração indisciplinado!... O meu amor está edificado em rocha». Mas estava a chegar a casa; as folhas secas estalavam-me debaixo dos pés e o vento de Outono sibilava.

## Capítulo XLVI — Novidades

Eu estava casado há coisa de um ano, a acreditar na minha memória, bastante falível em questão de datas, quando numa noite em que regressava só a casa, pensando no livro que andava a escrever (porque o meu êxito tinha seguido o progresso da minha aplicação e eu trabalhava então no meu primeiro romance), passei pela casa de Steerforth. Já me tinha sucedido isso várias vezes durante a minha residência naquelas vizinhanças, conquanto geralmente preferisse mais seguir por outro caminho. Mas como isso me obrigava a dar uma grande volta, acabei por passar bastantes vezes por ali.

Eu nunca tinha feito outra coisa senão lançar sobre essa casa um rápido olhar; ela tinha uma aparência sombria e triste; os grandes aposentos não deitavam para a estrada e as janelas estreitas, velhas e maciças, que já não eram alegres à vista, pareciam sobretudo lúgubres quando estavam fechadas, com todos os transparentes corridos. Havia uma avenida coberta que atravessava um pequeno pátio empedrado, que ia dar a uma porta de entrada que nunca servia e uma janela em arco, a da escada, em harmonia com o resto: conquanto fosse a única que por dentro não estivesse tapada com um transparente, não deixava por isso de ter um ar tão triste e tão abandonado como as outras. Não me lembro de ter visto uma única luz nessa casa. Se eu tivesse passado por lá, como tantas outras pessoas, com o coração indiferente, teria provavelmente suposto que o proprietário dessa residência havia morrido sem deixar filhos. Se eu tivesse a felicidade de não saber nada que me interessasse nesse lugar e que eu a tivesse sempre visto assim na sua imobilidade, a minha imaginação teria provavelmente edificado a este respeito as mais engenhosas suposições.

Apesar de tudo, eu procurava pensar nisso o menos possível. Mas o meu espírito não podia passar avante como o meu corpo sem ali se deter e não podia subtrair-me aos pensamentos que acabavam de me assaltar em chusma. Nessa tarde, em particular, sempre seguindo o meu caminho, eu evocava sem querer as sombras das minhas recordações de infância, dos sonhos mais recentes, das esperanças vagas, dos desgostos muito reais e muito profundos; havia na minha alma um misto de realidade e de imaginação que, confundindo-se com o plano do assunto com que eu acabava de ocupar o meu espírito, dava às minhas ideias uma feição singularmente romanesca. Eu meditava, pois, caminhando tristemente, quando uma voz muito perto de mim me fez repentinamente estremecer.

Demais, era uma voz de mulher e reconheci a criadita de *Mistress* Steerforth,

aquela que trazia dantes uma touca de fitas azuis. Tinha-as tirado, provavelmente para melhor se acomodar à aparência tristonha da casa e só trazia um ou dois laços desolados de um castanho modesto.

— O senhor quer ter a bondade de vir falar a *miss* Dartle?

— *Miss* Dartle mandou-me chamar?

— Esta tarde não, mas vem a ser o mesmo. *Miss* Dartle viu-o passar há um ou dois dias e mandou-me sentar na escada a trabalhar, para logo que o visse aparecer de novo, lhe pedir que lhe fosse falar.

Segui-a e perguntei-lhe, de caminho, como estava *Mistress* Steerforth; respondeu-me que continuava sempre doente e que saía poucas vezes dos seus aposentos.

Quando chegámos a casa, levou-me até ao jardim, aonde se encontrava *miss* Dartle. Adiantei-me só para ela. A *miss* estava sentada num banco, ao fim de um espaçoso terraço, donde se avistava Londres. A tarde estava escura, um clarão avermelhado iluminava apenas o horizonte e a grande cidade que se entrevia ao longe, com a ajuda desse clarão sinistro, parecia-me uma companhia apropriada à recordação dessa mulher ardente e altiva.

Viu-me aproximar e ergueu-se para me receber. Achei-a mais pálida e ainda mais magra do que na ocasião da nossa última entrevista; os seus olhos eram mais brilhantes e a sua cicatriz mais visível.

Cumprimentamo-nos friamente. A última vez que eu a tinha visto, havíamo-nos deixado após uma cena bastante violenta e notava-se, em toda a sua pessoa, um ar de desdém que não se dava ao trabalho de dissimular.

— Disseram-me que *miss* Dartle desejava falar-me — disse-lhe ao pé dela, com a mão pousada nas costas do banco.

— Sim — disse ela. — Faça o favor de me dizer se já encontraram essa tal rapariga?

— Não.

— E no entanto ela fugiu?

Eu via os seus lábios delgados contraírem-se falando-me, como se almejassem encher Emília de arguições.

— Fugiu? — repeti eu.

— Sim! Ela deixou-o — disse a rir-se — e se não a encontraram até agora, talvez nunca mais a encontrem. Está talvez morta!

Nunca vi em rosto algum uma tal expressão de crueldade triunfante.

— A morte seria talvez a maior felicidade que poderia desejar-lhe uma mulher — disse-lhe — e estou satisfeito por ver que o tempo a tenha tornado tão indulgente, *miss* Dartle.

Ela não se dignou responder-me e voltou-se para mim com um sorriso

desprezador.

— Os amigos dessa excelente e virtuosa pessoa são seus amigos: o senhor é o campeão dela e defende os seus direitos. Quer que lhe diga tudo quanto dela se sabe?

— Quero — disse eu.

Ela ergueu-se com um mau sorriso, adiantou-se para uma sebe de azevinho que ficava perto e que separava a relva do pomar e depois pôs-se a gritar: «Venha cá!», como se chamasse algum animal imundo.

— Espero que não se permitirá nenhum acto de vingança nem de represálias neste lugar, senhor Copperfield? — disse ela olhando-me sempre com a mesma expressão.

Inclinei-me sem compreender o que ela queria dizer e ei-la que repetiu uma segunda vez: «Venha cá!». Então vi aparecer o respeitável senhor Littimer que, sempre respeitador, me fez uma profunda mesura e se colocou por trás dela. *Miss* Dartle estendeu-se no banco e fitou-me com um ar de triunfo e de malícia, no qual havia, todavia — coisa extravagante! — não sei que graça feminina, não sei que atractivo singular; tinha a aparência dessas princesas cruéis que se encontram nos contos de fadas.

— E agora — disse-lhe ela em tom imperioso, sem mesmo olhar para ele e passando a mão pela cicatriz, talvez nesse instante com mais prazer do que pena — diga a *Mister* Copperfield tudo quanto sabe acerca da fuga.

— *Mister* James e eu, minha senhora...

— Não se dirija a mim — disse ela franzindo o sobrecenho.

— *Mister* James e eu, senhor...

— Nem a mim, peço-lhe — disse eu.

O senhor Littimer, sem parecer coisa alguma desconcertado, inclinou-se ligeiramente, como para dar a entender que tudo o que nos agradasse lhe seria igualmente agradável e prosseguiu:

— *Mister* James e eu viajamos com essa rapariga desde o dia em que ela saiu de Yarmouth, sob a protecção de *Mister* James. Estivemos numa porção de localidades e vimos muitos países; estivemos na França, na Suíça, na Itália, enfim quase em toda a parte.

Fixava a vista nas costas do banco, como se fosse a ele que estivesse reduzido a dirigir-se e corria por ele os dedos, como se tocasse num piano mudo.

— *Mister* James tinha-se afeiçoado muito a essa rapariga e durante bastante tempo levou uma vida mais regular do que a que eu lhe vira levar desde que estava ao seu serviço. A rapariga tinha feito grandes progressos e falava as línguas dos países aonde íamos fixando residência. Já não era nada da aldeãzinha de outro tempo. Notei que a admiravam muito por onde andávamos.

*Miss* Dartle levou a mão ao lado do peito. Vi-o deitar-lhe um olhar e esboçar um sorriso.

— Era verdade que a admiravam muito, talvez pelo seu vestuário, talvez pelo efeito do sol e do grande ar sobre a sua tez, talvez pelos cuidados de que era objecto; mas fosse por uma coisa ou por outra, o facto é que a sua pessoa tinha um encanto que atraía as atenções gerais.

Parou um momento. Os olhos de *miss* Dartle vagueavam, sem descanso, de um ponto do horizonte para o outro; mordia convulsivamente os lábios.

O senhor Littimer juntou as mãos, equilibrou-se numa perna só, e, de olhos baixos, avançou a sua respeitável cabeça; depois continuou:

— Assim foi ela vivendo durante algum tempo, com um pouco de abatimento a intervalos, até que enfim começou a fatigar *Mister* James com os seus gemidos e com as suas cenas repetidas. As coisas já não corriam tão bem; *Mister* James começava a desconcertar-se como dantes. Quanto mais ele se desconcertava, mais ela entristecia e posso bem dizer que eu me não achava à vontade entre ambos. Todavia, reconciliaram-se bastantes vezes e este estado de coisas durou mais tempo do que, em verdade, se poderia esperar.

*Miss* Dartle dardejou sobre mim os seus olhares com a mesma expressão vitoriosa. O senhor Littimer tossiu uma ou duas vezes para aclarar a voz, mudou de perna e prosseguiu:

— Enfim, depois de muitas recriminações e de lágrimas da rapariga, *Mister* James partiu uma manhã (ocupávamos uma vila nas proximidades de Nápoles, porque ela gostava muito do mar), e, sob o pretexto de estar ausente por muito tempo, encarregou-me de lhe anunciar que, no interesse de todos, tinha... — neste ponto o senhor Littimer tossiu de novo — tinha partido. Mas *Mister* James, devo dizê-lo, havia-se portado da maneira mais honrosa, porque propusera à rapariga casá-la com um homem muito respeitável, que estava completamente pronto a passar uma esponja sobre o passado e que valia bem todos os que ela teria podido pretender por uma via regular, porque ela era de uma família vulgaríssima.

Mudou outra vez de perna e passou a língua pelos beiços. Eu estava convencido que era de si próprio que esse celerado queria falar e via que *miss* Dartle partilhava da minha opinião.

— Eu estava igualmente encarregado dessa comunicação; todo o meu desejo no mundo era livrar *Mister* James de embaraços e restabelecer as boas relações entre ele e sua excelente mãe, que tanto fez sofrer e eis a razão porque me incumbi dessa comissão. A violência da rapariga, quando soube que ele partira, excedeu tudo quanto se podia esperar; ficou doida e se não se tivesse empregado a força, ter-se-ia apunhalado ou atirado ao mar, ou antes teria quebrado a cabeça

contra as paredes.

*Miss* Dartle recostava-se no banco, com uma expressão de alegria, como se melhor quisesse saborear os termos de que se servia esse miserável.

— Mas quando lhe expus o segundo ponto — disse Littimer com um certo acanhamento — foi que ela mais entrou em fúria. Era de crer que, pelo menos, sentisse toda a generosa bondade da intenção; mas não, nunca vi um tal furor. O seu procedimento excedeu tudo quanto se pode imaginar. Uma acha de lenha, um calhau, teriam mostrado mais reconhecimento, mais coração, mais paciência, mais razão. Se eu não me tivesse acautelado, estou convencido de que atentaria contra a minha vida.

— Tenho-a em outro conceito! — disse eu com indignação.

O senhor Littimer inclinou a cabeça como para dizer: «Deveras, senhor! Mas é ainda tão novo!». Depois continuou a sua narrativa:

— Numa palavra, durante algum tempo foi preciso não lhe deixar à mão quaisquer objectos com que ela pudesse maltratar-se ou fazer mal aos outros e conservá-la fechada. Mas, apesar de tudo, saiu uma noite, quebrou os caixilhos de uma janela que eu próprio tinha pregado, deixou-se escorregar por uma vinha e nunca, que eu saiba, se ouviu mais falar dela.

— Morreu talvez! — disse *miss* Dartle com um sorriso, como se quisesse impelir com o pé o cadáver da desditosa rapariga.

— Afogou-se talvez, *miss* — prosseguiu o senhor Littimer, muito satisfeito por poder dirigir-se a alguém. — É muito possível. Ou talvez fosse socorrida pelos barqueiros e suas mulheres. Ela gostava muito das más companhias, *miss* Dartle e ia sentar-se ao pé dos bateis, na praia, para conversar com elas. Vi-a fazer isso dias inteiros, quando *Mister* James andava por fora. E, um dia, *Mister* James ficou muito descontente por saber que ela tinha dito aos filhos dos barqueiros que também era filha de um barqueiro e que dantes, no seu país, ela corria como eles pela beira-mar.

Oh, Emília! Pobre rapariga! Que quadro, se apresentou à minha imaginação! Via-a sentada na praia longínqua, no meio de crianças que lhe recordavam os dias da sua inocência, ouvindo essas vozinhas que lhe falavam do amor maternal, das puras e doces alegrias que ela conheceria, se se tivesse tornado mulher de um honrado marinheiro, ou então prestando atenção à voz solene do Oceano, que murmura eternamente: «Nunca mais!».

— Quando se evidenciou que não havia mais nada a fazer, *miss* Dartle...

— Já lhe não disse que não falasse para mim? — observou-lhe ela com uma dureza desprezadora.

— É que a *miss* falou para mim! — respondeu ele. — Peço-lhe perdão; sei bem que o meu dever é obedecer.

— Nesse caso, cumpra o seu dever — continuou ela. — Acabe a sua história e retire-se.

— Quando se evidenciou — disse ele no tom mais respeitável e fazendo uma profunda vénia — que não era encontrada em parte alguma, fui ter com *Mister* James ao local para onde se combinou que eu lhe escreveria e informei-o do que se passara. Houve uma discussão entre nós e julguei do meu dever, em atenção a mim próprio, deixar o seu serviço. Podia suportar e tinha suportado bastantes coisas; mas *Mister* James havia levado o insulto até me agredir; era muito. Sabendo, pois, o desgraçado dissentimento que existia entre sua mãe e ele e a angústia em que ela devia encontrar-se, tomei a liberdade de regressar à Inglaterra, para lhe contar...

— Não o acredite; fui eu que lhe paguei para isso — disse-me *miss* Dartle.

— Precisamente, *miss*... para lhe contar quanto soubesse. Creio — disse o senhor Littimer, após um momento de reflexão — não ter mais nada a dizer. Acho-me actualmente desempregado e dar-me-ia por feliz, se encontrasse em qualquer parte uma situação respeitável.

*Miss* Dartle olhou para mim, como para me perguntar se eu não tinha alguma pergunta a fazer. Tinha-me vindo uma à ideia e respondi:

— Eu desejava perguntar a... este indivíduo — foi-me impossível pronunciar um nome mais polido — se não se interceptou uma carta que os pais dessa desgraçada rapariga lhe escreveram, ou se supõe que ela a tivesse recebido.

Ele ficou tranquilo e silencioso, com os olhos fitos no chão e a ponta dos dedos da mão esquerda na ponta dos dedos da mão direita, fazendo abobada com as mãos.

*Miss* Dartle voltou para ele a cabeça numa atitude de desdém.

— Peço-lhe perdão, *miss*, mas, apesar de toda a submissão que lhe devo, conheço a minha posição, se bem que não passe de um criado. *Mister* Copperfield e a *miss* não são a mesma coisa. Se *Mister* Copperfield deseja saber qualquer coisa de mim, tomo a liberdade de lhe recordar que, se quiser uma resposta, pode dirigir-me a mim próprio as suas perguntas. Tenho que guardar a minha posição.

Fiz um violento esforço sobre o meu desprezo, e, voltando-me para ele, disse-lhe:

— Ouviu a minha pergunta. Faça de conta, se quiser, que é a si que ela se dirige. Que tem a responder-me?

— Senhor — prosseguiu ele unindo e desunindo alternativamente a ponta dos dedos — não posso responder assim inconsideradamente. Trair a confiança de *Mister* James em face de sua mãe, ou em face do senhor, é muito diferente. Não era provável, creio, que *Mister* James quisesse animar uma correspondência

própria para redobrar o abatimento ou as recriminações da menina; mas, senhor, desejo não me adiantar mais.

— É tudo? — perguntou-me *miss* Dartle.

Respondi que nada mais tinha a acrescentar.

— Somente — prossegui vendo-o afastar-se — compreendo o papel que este miserável desempenhou em todo esse culposo caso e vou fazê-lo saber ao que servia de pai a Emília desde a infância. Só tenho um conselho a dar a esse patife, é o de não se mostrar muito em público.

Ele parara ao ouvir-me falar, para me escutar com a sua calma habitual.

— Obrigado, senhor, mas permita-me que lhe diga que não há neste país nem escravos nem senhores de escravos e que ninguém tem o direito de fazer justiça por suas mãos; quando se lembram de o fazer creio que não estão no bom caminho. Isto serve para lhe dizer, senhor, que hei-de andar por onde bem me parecer.

Saudou-me polidamente, fez outro tanto a *miss* Dartle e foi andando por onde veio. *Miss* Dartle e eu esperamos um bocado sem dizer palavra; ela parecia estar na mesma disposição de espírito do que quando fez comparecer esse homem à minha presença.

— Ele conta mais — notou ela apertando lentamente os lábios — que o amo viaja pelo litoral da Espanha e que pessoalmente continuará durante muito tempo as suas excursões marítimas. Mas isso não nos interessa. Há entre essas duas naturezas orgulhosas, entre essa mãe e esse filho, um abismo mais profundo que nunca e que jamais poderá desaparecer, porque ambos são da mesma raça, o tempo só faz torná-los mais obstinados e imperiosos. Mas isso não nos interessa também. Era isto o que eu queria dizer-lhe. Esse demónio, de que o senhor faz um anjo; essa baixa criatura que ele tirou da lama — e ela voltava para mim os seus olhos negros cheios de paixão — talvez que ainda viva. Essas vis criaturas, têm pele de sapo. Se não morreu, qualquer dia provavelmente encontrará o senhor essa pérola preciosa para a encaixar num escrínio. Assim o desejamos, para que ele não possa tornar a cair-lhe nas garras. Assim temos, pois, o mesmo interesse e eis a razão porque, eu que desejaria fazer-lhe a ela todo o mal a que pode ser sensível uma tão desprezível criatura, lhe pedi que viesse ouvir o que acaba de ouvir.

Vi, pela mudança da sua expressão, que alguém se aproximava por trás de mim. Era *Mistress* Steerforth, que me estendeu a mão mais friamente que de costume e com um ar mais solene ainda que dantes; mas descobri, todavia, não sem emoção, que ela não podia esquecer a minha velha amizade por seu filho. Tinha mudado muito. A sua nobre estatura estava curvada, o seu lindo rosto estava sulcado de rugas profundas e tinha os cabelos quase embranquecidos, mas

era ainda formosa e ainda lhe encontrei os olhos cintilantes e o ar imponente que dantes, no colégio, causava a admiração dos meus sonhos infantis.

— O senhor Copperfield sabe tudo, Rosa?

— Sabe.

— Viu o Littimer?

— Viu; e eu disse-lhe porque é que a senhora tinha exprimido o desejo de que o visse.

— A Rosa é uma boa rapariga. Tive, desde que deixei de o ver, algumas relações com o seu antigo amigo, senhor — disse ela dirigindo-se-me —, mas ele ainda não regressou ao sentimento do seu dever para comigo. Não tenho outro objecto nisto do que o que Rosa lhe fez conhecer. Podendo-se ao mesmo tempo consolar as penas do pobre homem que o senhor cá trouxe, porque eu não lhe quero mal e é já bonito da minha parte e salvar meu filho do perigo de recair nos laços dessa intrigante, em boa hora seja!

Tomou uma atitude altiva e sentou-se olhando em frente, até onde os olhos podiam olhar, para muito longe.

— Minha senhora — disse-lhe eu num tom respeitoso — compreendo. Asseguro-lhe que não tenho nenhum desejo de lhe atribuir outros motivos; mas devo dizer-lhe, eu que conheci desde a minha infância essa desgraçada família, que a senhora se equivoca. Se imagina que essa pobre rapariga, indignamente tratada, não foi cruelmente enganada e que não preferiria morrer mil vezes a aceitar um copo de água da mão de seu filho, engana-se redondamente.

— Silêncio, Rosa, silêncio! — disse *Mistress* Steerforth que viu que a sua companheira ia replicar. — É inútil, não falemos mais nisto. Disseram-me que o senhor tinha casado.

Respondi que efectivamente me tinha casado no ano antecedente.

— Disseram-me também que é bem sucedido? Vivo tão longe do mundo que pouca coisa sei; mas ouço dizer que começa a tornar-se célebre.

— Tenho tido muita felicidade — disse — e o meu nome já tem alguma reputação.

— Não tem mãe? — disse com uma voz mais doce.

— Não.

— É pena — prosseguiu — ela orgulhar-se-ia de si. Adeus.

Peguei na mão que me estendia com uma dignidade mista de rigidez; estava tão tranquila de fisionomia como se a sua alma estivesse em repouso. O seu orgulho era bastante forte para impor silêncio às próprias pulsações do seu coração e para baixar sobre o rosto o véu da insensibilidade enganadora através do qual ela olhava do banco em que estava sentada, muito em frente diante dela, lá para muito ao longe, lá para muito ao longe.

Ao afastar-me delas, pelo terraço fora, não pude deixar de me voltar para ver essas duas mulheres cujos olhos permaneciam fixos no horizonte sempre mais sombrio ao redor delas. Aqui e além, viam-se cintilar alguns clarões na longínqua cidade, uma claridade avermelhada iluminava ainda o Oriente com os seus reflexos; mas elevava-se do vale um nevoeiro que se espalhava como o mar no meio das trevas, para envolver em suas ondulações essas acabava de deixar. Não pude pensar nisso sem espanto, porque quando tornei a olhar para elas, um mar em fúria se lhes levantava a valer debaixo dos pés.

Reflectindo no que acabava de ouvir, julguei dever dar parte a *Mister* Peggotty. No dia seguinte à noite, fui a Londres para o ver. Ela errava sem cessar de cidade em cidade, sempre unicamente preocupado com a mesma ideia; mas, permanecia em Londres mais do que noutra parte. Quantas vezes eu o vi no meio das sombras da noite atravessar as ruas, para descobrir entre as raras sombras que tinham a aparência de procurar fortuna fora de horas, o que ele receava encontrar!

Ele tinha alugado um quarto por cima da pequena loja do negociante de velas de Hungerford Market, de que já tive ocasião de falar. Fora de lá que tinha partido a primeira vez, quando empreendeu a sua piedosa peregrinação. Fui lá procurá-lo. Disseram-me que não tinha ainda saído e que o encontraria no quarto.

Encontrei-o sentado ao pé de uma janela aonde cultivava algumas flores. O quarto estava limpo e bem arranjado. Vi num relance de olhos que tudo estava pronto para a receber e que não saía nunca sem dizer de si para si que talvez a trouxesse quando voltasse à noite. Não me ouviu bater à porta e não ergueu os olhos senão quando eu pousei a mão no seu ombro.

— Mestre Davy! Obrigado senhor; obrigado mil vezes pela sua visita! Sente-se. Seja bem vindo, senhor.

— Senhor Peggotty — disse-lhe eu sentando-me na cadeira que me oferecia — eu não queria dar-lhe muita esperança, mas soube alguma coisa.

— Da Emília?

Pousou a mão na boca com uma agitação de febre, e, com os olhos fitos em mim, tornou-se de uma palidez mortal.

— Não há nenhum indício sobre o lugar em que se encontra, mas enfim já não está com *ele*.

Peggotty sentou-se, sem cessar de olhar para mim e ouviu no mais profundo silêncio tudo quanto tinha a dizer-lhe. Nunca me há-de esquecer a dignidade desse grave e paciente rosto; ouvia-me, pois, de olhos baixos, encostando a cabeça à mão; e permaneceu todo esse tempo imóvel sem me interromper uma única vez. Parecia que não havia em tudo isso senão uma figura que ele

perseguia através da minha narrativa; deixava passar sucessivamente todas as outras como sombras vulgares de que não fazia caso.

Quando acabei, escondeu um momento a cabeça entre as duas mãos e guardou silêncio. Voltei-me para o lado da janela como para examinar os vasos de flores.

— Que pensa, mestre Davy? — perguntou-me enfim.

— Creio que ela vive — respondi eu.

— Não sei. Talvez o primeiro choque fosse muito rude e na angústia da sua alma!... esse mar azul em que tanto falava, talvez que nele não pensasse tanto tempo senão porque devia ser o seu túmulo.

Falava em voz baixa e emocionado caminhando pelo quarto.

— E todavia, mestre Davy — acrescentou ele — eu estava bem certo de que ela vivia; dia e noite, ao pensar nisso, eu sabia que havia de tornar a encontrá-la; isso deu-me tanta força, tanta confiança, que creio não me ter enganado. Não, não, Emília é viva!

Apoiou fortemente a mão na mesa e o seu rosto crestado tomou uma expressão de resolução indizível.

— A minha sobrinha Emília é viva, senhor —disse ele num tom enérgico. — Não sei donde isto provém nem como se faz, mas ouço qualquer coisa que me diz que é viva!

Tinha quase o ar inspirado ao dizer isto. Esperei um momento que ficasse em estado de me escutar; depois procurei sugerir-lhe uma ideia que me ocorrera na véspera à noite.

— Meu caro amigo — disse-lhe eu.

— Obrigado, obrigado, senhor — e apertava-me as mãos nas suas.

— Se ela viesse a Londres, o que é provável, porque ela não pode esperar esconder-se em parte alguma tão facilmente como nesta grande cidade; e que pode ela fazer de melhor aos olhos de todos do que esconder-se, se não regressar a sua casa...?

— Não regressará a minha casa — respondeu ele maneando tristemente a cabeça. — Se ela tivesse partido por sua própria vontade, talvez lá regressasse, mas assim não, senhor.

— Se ela viesse para Londres — disse eu — há, creio, uma pessoa que teria mais probabilidade de a descobrir que qualquer outra no mundo! Recorda-se... ouça-me com firmeza, pense no grande fim que tem em vista: lembra-se de Marta?

— A nossa patrícia?

Eu não tinha necessidade de resposta, bastava olhar para ele.

— Sabe que Marta está em Londres?

— Já a vi pelas ruas — respondeu-me arrepiando-se.

— Mas o que não sabe — disse eu — é que Emília foi cheia de bondade para ela, com a ajuda de Cham, muito tempo antes que ela lhe fugisse de casa. Não sabe também, que na noite em que o encontrei e em que, falámos na sala da hospedaria, do outro lado da rua estava ela a escutar à porta.

— Que diz, mestre Davy? — respondeu ele com espanto. — Na noite em que nevou tanto?

— Precisamente. Não a tornei mais a ver. Depois de o ter deixado, procurei-a, mas ela já tinha desaparecido. Eu não queria falar dela: hoje mesmo, só com repugnância o faço, mas é ela que eu lhe queria indicar, é a ela que é preciso, creio, dirigir-se. Compreende?

— Compreendo de mais, senhor — respondeu.

Falávamos em voz baixa um e outro.

— O senhor diz que a viu? Supõe poder encontrá-la? Porque eu só por acaso é que poderia encontrá-la.

— Creio, mestre Davy, que sei aonde é preciso procurá-la.

— É noite. Já que aqui estamos, quer que tentemos procurá-la agora?

Ele acedeu e preparou-se para me acompanhar. Sem parecer que reparava no que ele fazia, vi com que cuidado ele arrumava o pequeno quarto; preparou um castiçal com vela e pôs lume em cima da mesa, fez a cama, tirou de uma gaveta um vestido que eu me lembrava de ter visto usar dantes a Emília, dobrou-o cuidadosamente com algumas outras peças de roupa de mulher, pôs ao lado um chapéu e pousou tudo em cima de uma cadeira. De resto, não fez a menor alusão a esses preparativos e eu calei-me como ele. Sem dúvida que havia já bastante tempo que esse vestido esperava a Emilita, todas as noites!

— Antigamente, mestre Davy — disse-me ele descendo a escada — eu olhava essa rapariga, essa Marta como a lama dos sapatos da minha Emília. Que Deus me perdoe e hoje não podemos dizer outro tanto!

Sempre andando, falei-lhe de Ham; era um meio de o forçar a conversar e ao mesmo tempo desejava saber notícias desse pobre rapaz. Repetiu-me ele, quase nos mesmos termos em que dantes o havia feito, que Ham continuava sempre na mesma e «que gastava a vida sem ter por ela o menor cuidado, mas que nunca se queixava e que se fazia amar de toda a gente».

Perguntei-lhe se sabia as disposições de Ham a respeito do autor de tantos infortúnios. Não haveria a recear qualquer coisa por esse lado?

— Que sucederia, por exemplo, se Ham se encontrasse, por acaso, com Steerforth?

— Não sei nada, senhor — respondeu ele. — Pensei nisso muita vez e não sei que dizer. Mas isso que tem?

Recordei-lhe o dia em que tínhamos, todos três, percorrido a praia, no dia

seguinte ao da fuga de Emília.

— Lembra-se — disse-lhe eu — da maneira como ele olhava para o mar e como murmurava por entre dentes: «Havemos de ver como tudo isso há-de acabar!?»

— Certamente que me lembro!

— Que lhe parece que ele queria dizer?

— Mestre Davy — respondeu ele — bastantes vezes o perguntei a mim próprio e nunca encontrei resposta satisfatória. O que há de curioso, é que a despeito de toda a sua bondade, creio que nunca me atreveria a perguntar-lhe; nunca me disse a mais pequena palavra que se desviasse do respeito mais profundo e não é nada provável que ele quisesse começar hoje, mas não é uma água tranquila aquela em que dormem tais pensamentos. É uma água bem profunda, vamos! Não posso ver o que há no fundo.

— Tem razão — disse eu — e é isso que me inquieta algumas vezes.

— E a mim, também, senhor Davy — replicou ele. — Isso atormenta-me ainda mais, asseguro-lhe, do que os seus gostos aventurosos e todavia tudo isso vem da mesma origem. Não posso dizer a que extremidades ele se deixaria arrastar em tal caso, mas espero que esses dois homens jamais se encontrarão.

Tínhamos chegado à City. Já não conversávamos; ele ia ao meu lado, absorvido num único pensamento, numa preocupação constante que lhe teria feito encontrar a solidão no meio da luta mais ruidosa. Não estávamos longe da ponte de Black-Friars, quando ele voltou a cabeça para me indicar com o olhar uma mulher que caminhava sozinha do outro lado da rua. Reconheci logo aquela a quem procurávamos.

Atravessamos a rua e íamos a chegar ao pé dela, quando me veio à ideia que ela estaria talvez mais disposta a mostrar-nos a sua simpatia pela desgraçada Emília, se lhe falássemos num sítio mais retirado e longe da turbamulta. Aconselhei, pois, o meu companheiro a segui-la sem lhe falar; de resto, sem compreender bem o que fazia, desejava saber aonde é que ela ia.

Ele concordou e seguimo-la de longe, sem nunca a perdermos de vista, mas sem também nos aproximarmos muito; a todos os momentos, ela ia olhando para um e outro lado. Uma vez, parou para ouvir um bando de músicos. Nós parámos também.

Ela caminhava sempre; nós seguíamo-la. Era evidente que se dirigia a um lugar determinado; esta circunstância, junta ao cuidado que eu lhe via tomar de continuar a seguir pelas ruas populosas e talvez uma espécie de fascinação estranha que me inspirava essa misteriosa perseguição, confirmaram-me cada vez mais na minha resolução de não nos aproximarmos dela. Por fim, entrou numa rua escura e triste; aí já não havia nem gente nem ruído e então eu disse a

*Mister* Peggotty:

— Agora podemos falar com ela.

E, estugando o passo, seguimo-la de mais perto.

## Capítulo XLVII — Marta

Tínhamos entrado no bairro de Westminster. Como encontráramos Marta vindo num sentido oposto, para a seguir havíamos andado para trás; fora perto da abadia de Westminster que ela abandonara as ruas ruidosas e de muita passagem. Caminhava tão depressa, que uma vez atravessada a turba que passava na ponte em todos os sentidos, não conseguimos alcançá-la senão na estreita travessa que corre à beira rio perto de Millbank. Neste momento, ela atravessou a rua, como para evitar que a seguissem, e, sem sequer olhar para trás, acelerou mais a sua marcha.

O rio apareceu-me através de uma escura passagem aonde estavam arrumados alguns carros e essa vista fez-me mudar de ideia. Toquei no braço do meu companheiro sem dizer palavra, e, em vez de atravessar-mos a rua, como Marta acabava de fazer, continuamos a seguir o mesmo lado, ocultando-nos o mais possível à sombra das casas, mas sempre muito perto dela.

Existia então e ainda existe hoje, ao fim dessa travessa, um pequeno telheiro em ruínas, sem dúvida destinado dantes a abrigar os marinheiros do barco de passagem. Acha-se colocado justamente no sítio em que a rua acaba e em que a estrada começa a estender-se entre o rio e uma fiada de casas. Logo que ela aí chegou e que viu o rio, parou, como se houvesse atingido o seu destino e depois pôs-se a descer lentamente a beira rio, sem perder a água de vista um único momento.

A princípio imaginei que ela se dirigia a alguma casa: tinha mesmo vagamente esperado que aí encontraríamos qualquer coisa que nos poria na pista daquela que procurávamos. Mas, ao descobrir a água esverdeada, tive um secreto pressentimento de que ela não iria mais longe.

Tudo quanto nos rodeava era triste, solitário e escuro, nessa noite. Não havia nem cães, nem casas no caminho monótono que se aproximava da vasta extensão da cadeia. Um pântano de água salobra depositava o seu lodo na base desse imenso edifício. Ervas daninhas meio apodrecidas cobriam o terreno paludoso. De um lado, casas em ruínas, mal principiadas e que nunca foram acabadas; do outro, um montão de peças de ferro informes, rodas, vigas, tubos, fogões, âncoras, sinos de mergulhador, cabrestantes e não sei quantos outros objectos, envergonhados de si próprios, que pareciam baldadamente esconder-se debaixo da poeira e da lama de que estavam cobertos. Na outra margem, o clarão brilhante e o ruído das fábricas pareciam ter por tarefa perturbar o repouso da noite, mas o fumo espesso que vomitavam as suas chaminés maciças não se

agitava e continuava a subir numa coluna incessante. Aberturas e pontilhões cheios de limo serpenteavam entre grossos barrotes todos cobertos de um musgo esverdeado, semelhante a uma peruca de erva e sobre os quais se poderiam ainda ler fragmentos de cartazes do ano anterior, oferecendo uma recompensa aos que recolhessem cadáveres de afogados arrojados para ali pela maré, através do lodo e da vasa. Dizia-se que antigamente, no tempo da grande peste, tinha-se ali aberto uma cova para enterrar os mortos e esta crença parecia ter espalhado por toda a vizinhança uma fatal influência; parecia que a peste acabara gradualmente por decompor-se nessa forma nova e que se combinara com a espuma do rio, manchada pelo seu contacto, a fim de formar esse lamaçal imundo e glutinoso.

Era ali que, julgando-se sem dúvida feita do mesmo limo e olhando-se como o refugo da natureza reclamado por essa cloaca de putrefacção e de corrupção, a rapariga que tínhamos seguido na sua carreira alucinada parara no meio dessa cena nocturna, só e triste, olhando para a água.

Viam-se algumas barcas, aqui e além, encalhadas no lodo da margem; pudemos, passando por elas, deslizar até junto dela sem sermos vistos. Fiz sinal a *Mister* Peggotty para que se conservasse aonde estava e acerquei-me dela. Eu ia-me aproximando a tremer, porque, vendo-a terminar tão bruscamente a sua rápida corrida e observando-a ali, de pé, debaixo da sombra da ponte cavernosa, sempre absorvida no espectáculo dessas águas mugidoras, não podia reprimir dentro em mim um secreto sobressalto.

Creio que ela estava a falar só. Vi-a tirar o xaile e envolver nele as mãos com a agitação nervosa de uma sonâmbula. Nunca me há-de esquecer que, em toda a sua pessoa, havia uma perturbação selvagem que me teve num transe mortal de a ver afogar-se ali à minha vista, até ao momento em que enfim senti que a minha mão a segurava bem por um braço.

No mesmo instante gritei:

— Marta!

Ela soltou um grito apavorado e procurou soltar-se-me da mão; só, não teria força para a reter, mas um braço mais vigoroso do que o meu agarrou-a também; e quando ela ergueu os olhos e viu quem era, não fez mais do que um só esforço para se desprender, antes de nos cair aos pés. Transportámo-la para fora da água até um sítio aonde havia umas grandes pedras e fizemo-la sentar; ela não cessava de chorar e de gemer, com a cabeça escondida entre as mãos.

— Oh! O rio! — repetia ela com angústia. — Oh! O rio!

— Silêncio! Silêncio! — disse-lhe eu. — Tranquilize-se.

Ela, porém, repetia sempre as mesmas palavras e exclamava com dor violenta:

— Oh! O rio! Ele parece-se comigo! — dizia ela. — Pertenço-lhe. É agora a única companhia digna de mim. Como eu, vem de um lugar campestre e

pacífico, aonde às suas águas corriam inocentes; presentemente, corre informe e turvo, no meio das ruas escuras e vai, como a minha vida, para um imenso oceano incessantemente agitado e sinto bem que é preciso que eu vá com ele!

Nunca ouvi uma voz nem palavras tão cheias de desespero.

— Não posso resistir-lhe — continuou ela. — Não posso deixar de pensar nele sem cessar. Comunica comigo noite e dia. É a única coisa no mundo à qual eu convenho e que me convém. Oh! O horrível rio!

Ao olhar para o rosto do meu companheiro, disse eu então comigo que teria adivinhado em suas feições toda a história da sua sobrinha, se antecipadamente não a soubesse. Ao ver a atitude com que ele observava Marta, sem dizer palavra e sem se mexer, notei que nunca tinha visto, nem em realidade nem em pintura, o horror e a compaixão combinados de uma forma mais impressionante. Tremia como varas verdes e tinha a mão fria como mármore. Alarmou-me o seu olhar.

Murmurei ao ouvido de *Mister* Peggotty:

— Ela está com um ataque de alucinação. Verá que dentro em pouco falará diferentemente.

Não sei o que ele me quis responder; agitou os lábios e julgou sem dúvida que me tinha falado, mas não fez outra coisa senão indicar-ma estendendo o braço.

Ela soluçava novamente, com a cabeça escondida no meio das pedras, imagem lamentável da vergonha e da ruína. Convencido de que era preciso dar-lhe tempo para se acalmar antes de lhe dirigir a palavra, sustive *Mister* Peggotty, que queria levantá-la e esperamos em silêncio que ela estivesse mais tranquila.

— Marta — disse-lhe eu então, inclinando-me para a erguer, porque parecia querer afastar-se, mas a sua fraqueza fazia-a cair por terra. — Marta, sabe quem é que está comigo?

Ela respondeu-me muito debilmente:

— Sei.

— Sabe que há muito tempo que a vínhamos seguindo até aqui?

Ela abanou a cabeça; não olhava nem para mim nem para ele, mas conservava-se humildemente inclinada, com o chapéu e o xaile numa das mãos, enquanto que com a outra apertava convulsivamente a fronte.

— Está já suficientemente tranquilizada — disse-lhe eu — para conversar comigo sobre um assunto que tão intensamente a interessou (oxalá que tenha conservado essa recordação!) naquela noite de neve, não há muito tempo, lembra-se?

Ela recomeçou a soluçar e murmurou em voz entrecortada que muito agradecia não a ter eu então mandado pôr fora da porta.

— Eu não quero dizer nada para me justificar — prosseguiu ela passado um instante —; sou uma culpada, sou uma perdida. Já não tenho esperança. Mas

diga-lhe a *ele,* senhor — e afastava-se de *Mister* Peggotty — se alguma compaixão tem por mim; diga-lhe que não fui eu quem causou a desgraça dela.

— Nunca ninguém pensou nisso! — disse eu com emoção.

— Foi o senhor, se me não engano — prosseguiu ela, com voz trémula — quem entrou na cozinha, naquela noite em que ela se compadeceu de mim, em que tão boa para mim foi; porque ela não me repelia como as outras pessoas, vinha em meu auxílio. Era o senhor, pois não era?

— Era — respondi.

— Há muito tempo que eu me teria atirado ao rio — prosseguiu ela, lançando à água um terrível olhar — se tivesse que me arguir de algum dia lhe haver feito o menor mal. Logo na primeira noite deste Inverno eu me teria feito justiça, se não me sentisse inocente do que ela fez.

— Sabemos perfeitamente toda a história da fuga dela — disse-lhe eu. — Todos acreditamos e estamos certos de que a Marta está completamente inocente.

— Oh! Se eu não fosse de mau coração — prosseguiu a pobre rapariga com um pesar aflitivo — deveria ter-me emendado, se seguisse os seus conselhos; ela era tão boa para mim! Nunca me falou senão com cordura e benignidade. Como é possível acreditar que eu desejasse iguala-la a mim, conhecendo-me como me conheço? Eu que perdi tudo o que podia ligar-me à vida, eu cujo maior desgosto foi pensar que, pelo meu comportamento, ficava separada dela para sempre!

*Mister* Peggotty tinha os olhos no chão e a mão direita apoiada no rebordo de uma barca; levou a outra aos olhos.

— E quando soube por alguém da povoação o que tinha sucedido — exclamou Marta — a minha maior angústia foi observar-me essa pessoa que se haviam de recordar que ela fora tão boa para mim e que se havia de dizer que eu a tinha pervertido! Oh! Deus sabe que, bem pelo contrário, eu era capaz de dar a minha vida para lhe restituir a honra e a boa fama!

E a pobre rapariga, pouco habituada a reprimir-se, abandonava-se a toda a agonia da sua dor e dos seus remorsos.

— Eu teria dado a vida!? Não! Eu teria feito ainda mais — exclamou ela — eu viveria! Viveria velha e abandonada, por essas ruas miseráveis fora! Vaguearia pelas trevas! Veria nascer o dia em cima dessas paredes branqueadas, recordar-me-ia que, dantes, este mesmo sol brilhava no meu quarto e despertava-me nova e... Sim, teria feito isto para a salvar!

Tornou a deixar-se cair no meio das pedras, e, agarrando-as às mãos ambas, na sua angústia, parecia querer tritura-las. A cada instante mudava de postura: umas vezes ficava com os braços esqueléticos hirtos; outras, contorcia-os à altura do rosto, para se furtar à luz vacilante do dia, de que se envergonhava; outras vezes,

finalmente, inclinava a fronte para a terra, como se não pudesse com o peso de tão dolorosas recordações.

— Que quer que eu seja! — disse ela enfim, lutando com o seu desespero. — Como poderei continuar a viver assim, eu que trago comigo a maldição de mim própria, eu que não passo de uma vergonha viva para tudo quanto se aproxima de mim?

De súbito voltou-se para o meu companheiro e disse-lhe:

— Calque-me aos pés, mate-me! Quando ela era ainda o seu orgulho, o senhor havia de julgar que eu lhe faria mal acotovelando-a na rua. Mas de que serve eu dizer-lho! O senhor não creditará... e porque é que há-de acreditar uma só das palavras que saem da boca de uma miserável como eu? O senhor coraria de vergonha, mesmo neste momento, se ela trocasse uma palavra comigo! Eu não me queixo. Não digo que sejamos iguais, ela e eu; sei que há uma grande... uma grande distância entre nós. Eu digo somente, sentindo todo o peso do meu crime e da minha miséria, que lhe sou grata do fundo do meu coração e que a amo! Oh! Não creia que eu me tenha tornado incapaz de amar! Repila-me como o mundo me repele! Mate-me para me punir de a ter procurado e conhecido, criminosa como sou, mas não pense isso de mim!

Enquanto ela lhe dirigia estas súplicas, ele fitava-a com a alma despedaçada. Quando ela se calou, ergueu-a docemente.

— Marta — disse-lhe ele — Deus me preserve de a julgar! Deus me preserve, mais do que a qualquer outro homem no mundo! Não sabe quanto estou mudado. Enfim!

Parou um momento e prosseguiu depois:

— A Marta não compreende porque é que *Mister* Copperfield e eu lhe desejamos falar. Não sabe o que nós queremos. Ora ouça.

A sua influência sobre ela foi completa. Marta ficou diante dele, sem se mexer, como se receasse encontrar o seu olhar, mas a sua dor exaltada tornou-se muda.

— Já que ouviu o que se passou entre mestre Davy e eu, naquela noite em que nevava tanto, sabe que eu fui (ai de mim! Aonde é que eu não fui?...) procurar por bem longe a minha querida sobrinha... A minha querida sobrinha — repetiu num tom firme — porque ela é-me hoje mais querida do que nunca, Marta!

Ela levou as mãos aos olhos, mas ficou tranquila.

— Ouvi dizer à Emília — continuou *Mister* Peggotty — que a Marta tinha ficado órfã muito pequena e que nem um amigo substituíra os seus pais. Se tivesse um amigo, por mais rude e mais intratável que pudesse ser, talvez acabasse por o amar, talvez a Marta fosse para ele o que a minha sobrinha era para mim.

Ela tremia em silêncio; ele embrulhou-a cuidadosamente no xaile, que lhe tinha caído.

— Eu sei — prosseguiu ele — que se ela me visse uma vez que fosse, seguir-me-ia ao cabo do mundo; mas também sei que é capaz de fugir para o cabo do mundo para evitar tornar-me a ver. Ela não tem o direito de duvidar do meu amor, não o duvida; não, não duvida — repetiu com uma tranquila certeza da verdade das suas palavras —, mas há uma grande vergonha entre nós e é isso o que nos separa!

Era evidente, pela forma firme e clara com que falava, que estudara a fundo cada pormenor dessa questão, que era tudo para ele.

— Julgamos provável — prosseguiu ele — mestre David que aqui está e eu, que um dia ela dirigirá para Londres a sua pobre corrida desgarrada e solitária. Julgamos, mestre David e eu e todos nós, que a Marta está tão inocente como uma criança recém-nascida de todo o mal que aconteceu à minha sobrinha. A Marta dizia que ela linha sido boa e terna para si. Deus a abençoe, eu bem o sei. Sei que ela foi sempre boa para toda a gente. A Marta está-lhe reconhecida e ama-a. Ajude-nos a encontrá-la e o céu a recompensará!

Pela primeira vez, Marta ergueu rapidamente os olhos para ele, como se não pudesse acreditar o que estava ouvindo.

— Os senhores querem confiar em mim? — perguntou ela com assombro e em voz baixa.

— De todo o nosso coração — disse *Mister* Peggotty.

— Dão-me; licença de eu lhe falar a ela, se a encontrar; de lhe dar um abrigo, se tenho um abrigo a partilhar com ela, e depois, sem lhe dizer nada, de ir procurá-los para os levar até onde ela estiver? — perguntou vivamente Marta.

Respondemos ao mesmo tempo:

— Sim!

Ergueu os olhos ao céu e declarou solenemente que se ia dedicar, ardentemente e fielmente, a essa tarefa; que não a abandonaria, que nunca se distrairia, enquanto tivesse um clarão de esperança. Tomou o céu por testemunha de que, se titubeasse na sua obra, consentiria em ser mais miserável e mais desesperada, se fosse possível, do que o fora nessa noite, à beira do rio e que renunciava para todo o sempre a implorar o socorro de Deus ou dos homens!

Falava em voz baixa e sem se voltar para nós, como se se dirigisse ao céu que estava por cima das nossas cabeças; depois fixou de novo os olhos na água sombria.

Julgamos necessário dizer-lhe tudo o que sabíamos e contar-lhe tudo por miúdo. Escutou-nos com grande atenção, mudando muitas vezes de feição, mas em todas as suas diversas expressões lia-se o mesmo desígnio. Por vezes, os seus

olhos enchiam-se de lágrimas, mas reprimia-as logo. Parecia que a sua exaltação passada dera lugar a uma tranquilidade profunda.

Quando cessei de falar, Marta perguntou aonde é que poderia procurar-nos, quando fosse ocasião. Um fraco reverbero iluminava o caminho: escrevi os nossos endereços numa folha da minha agenda de algibeira, entreguei-lha e ela guardou-a no seio. Perguntei-lhe aonde morava. Após um momento de silêncio, disse-me que não tencionava morar por muito tempo no mesmo lugar e que mais valia talvez que eu não o soubesse.

*Mister* Peggotty sugeriu-me, em voz baixa, um pensamento que já me havia ocorrido; tirei a bolsa, mas foi-me impossível persuadi-la a aceitar dinheiro, nem dela obter a promessa de que mais tarde o aceitaria. Representei-lhe que, para um homem da sua condição, *Mister* Peggotty não era pobre e que não podíamos consentir, que ela empreendesse uma tal tarefa só com a ajuda dos seus recursos. Marta conservou-se inabalável. *Mister* Peggotty não alcançou com ela mais êxito do que eu; ela agradeceu-lhe reconhecidamente, mas sem mudar de resolução.

— Eu hei-de encontrar trabalho — disse ela —; vou tentar.

— Aceite ao menos, enquanto o não encontra, o nosso auxílio — insisti.

— Não posso fazer por dinheiro o que lhes prometi — respondeu ela —; quando mesmo estivesse a morrer de fome, não poderia aceitar. Darem-me dinheiro seria retirarem-me a sua confiança, retirarem-me o alvo que eu quero atingir, privarem-me da única coisa no mundo que pode impedir que eu me atire a esse rio!

— Em nome do grande Juiz, perante o qual nós havemos de aparecer todos um dia, expulse de si essa terrível ideia. Todos podemos fazer bem neste mundo, basta somente querermos.

Marta tremia e o seu rosto estava mais pálido, quando respondeu:

— Quem sabe se os senhores receberam do Alto a missão de salvarem uma miserável criatura!? Não ouso acreditá-lo, pois não mereço essa graça. Se eu conseguisse fazer um pouco de bem, poderia começar a ter esperança, mas até hoje o meu comportamento só tem sido mau. Pela primeira vez, desde há muito tempo, desejo viver para me dedicar à obra que me incumbem de fazer. Não sei mais e mais não posso dizer.

Marta reteve as lágrimas que começavam a correr, e, avançando para *Mister* Peggotty a sua mão trémula, tocou-o, como se ela possuísse alguma virtude benéfica; depois retirou-se para a rua solitária. Havia estado doente: via-se-lhe pela magreza e palidez do rosto e pelos olhos encovados, que revelavam longos sofrimentos e cruéis privações.

Seguimo-la de longe até estarmos de volta ao meio dos bairros populosos. Eu depositava uma confiança tão absoluta nas suas promessas que insinuei a *Mister*

Peggotty que o melhor seria, talvez, não irmos mais longe, que não fosse ela supor que a queríamos vigiar. Ele concordou comigo e, deixando Marta seguir o seu caminho, dirigimo-nos para Highgate. *Mister* Peggotty acompanhou-me durante algum tempo e quando nos separámos, rogando a Deus que abençoasse este novo esforço, havia na sua voz uma terna compaixão bem fácil de compreender.

Era meia-noite quando cheguei a casa. Ia a entrar e estava ouvindo o som dos sinos de S. Paulo, que chegava até mim no meio do ruído dos relógios da cidade, quando notei, com surpresa, que a porta da casa de minha tia estava aberta e que se via um débil clarão em frente.

Imaginei que minha tia, assaltada talvez por algum dos seus terrores de outrora, observava ao longe os progressos de um incêndio imaginário; avancei, pois, para lhe falar, Mas qual não foi o meu espanto, quando vi um homem de pé no seu jardinzinho!

Tinha na mão uma garrafa e um copo e ocupava-se a beber. Parei encoberto com as árvores, e, ao luar que aparecia por entre as nuvens, reconheci o homem que encontrei uma vez com minha tia nas ruas da City, depois de por muito tempo ter suposto que essa criatura fantástica não passava de uma alucinação a mais do pobre cérebro de *Mister* Dick.

Estava comendo e bebendo com bom apetite e ao mesmo tempo observava curiosamente a casinha, como se fosse a primeira vez que a visse. Abaixou-se para pousar a garrafa na relva, depois olhou em roda com uma vista inquieta, como um homem que tem pressa de se retirar.

A luz do corredor escureceu-se por um momento quando minha tia passou por diante dela. Parecia agitada e ouvi que metia dinheiro na mão do homem.

— Que quer que eu faça com isto? — perguntou ele.

— Não posso dar-lhe mais! — respondeu minha tia.

— Então não saio daqui — disse ele. — Tome lá! Pegue nisto.

— Seu mau homem — observou minha tia com viva emoção — como é que pode tratar-me assim? Mas bem ingénua sou em lho perguntar! É porque conhece a minha fraqueza! Se eu quisesse livrar-me num pronto das suas visitas, bastava-me abandoná-lo à sorte que merece.

— E então! Porque é que não me abandona à sorte que eu mereço?!

— E é o senhor quem me faz essa pergunta! — prosseguiu minha tia. — É preciso que tenha muito pouco coração!

Ele ficara parado a fazer tilintar o dinheiro na mão e a abanar a cabeça com atitude descontente. Enfim disse:

— É tudo quanto me quer dar?

— É tudo quanto lhe posso dar — disse minha tia. — O senhor bem sabe que

perdi tudo e que sou mais pobre do que nunca. Já lho disse. Agora que já obteve o que desejava, para que me desgosta em demorar-se um instante mais e a mostrar-me esse triste estado a que chegou?

— Um estado bem miserável! — respondeu ele. — Vivo como um mocho!

— O senhor levou-me tudo quanto eu possuía — disse minha tia — e durante longos anos fez-me empedernir o coração. Tratou-me da maneira mais pérfida, mais ingrata e mais cruel. Vá-se embora daqui e arrependa-se; não acrescente novos agravos aos que já me causou!

— Ora adeus! — continuou ele. — Palavra que tudo isso é muito bonito! Mas enfim, já que é preciso que eu me acomode por alguns dias...

Bem a seu pesar, pareceu envergonhar-se das lágrimas de minha tia e saiu à sorrelfa do jardim. Então adiantei-me rapidamente, fingindo que acabava de chegar e vi-o já a retirar-se. Lançamos um ao outro um olhar pouco amigável.

— Minha tia — disse eu vivamente — cá temos outra vez esse homem que veio amedrontá-la? Deixe-me falar-lhe. Quem é?

— Meu filho! — respondeu ela agarrando-me no braço —, entre e não me fale senão daqui a dez minutos.

Sentámo-nos na sua salinha de visitas. Ela ocultou-se por trás do seu velho quadro verde, agora aparafusado nas costas de uma cadeira, e, durante aproximadamente um quarto de hora, vi-a enxugar os olhos muitas vezes. Depois levantou-se e veio sentar-se a meu lado.

— Trot — disse ela com tranquilidade —, é meu marido.

— Seu marido, minha tia? Eu julgava que ele tinha morrido!

— Morreu, morreu para mim — respondeu ela —, mas vive.

Eu estava mudo de assombro.

— Betsy Trotwood não tem o ar muito próprio de se deixar seduzir per uma terna paixão — disse ela com tranquilidade —, mas houve um tempo, Trot, em que ela pôs nesse homem toda a sua inteira confiança; um tempo, Trot, em que ela o amava sinceramente e em que ela não recuaria diante de nenhuma prova de amizade e de afecto. Ele recompensou-a comendo-lhe a fortuna e despedaçando-lhe o coração. Então ela enterrou para sempre toda a espécie de sensibilidade, num túmulo do qual cavou, encheu e alisou a cova.

— Minha querida, minha boa tia...

— Fui generoso com ele — continuou ela colocando a sua mão nas minhas. — Posso dizê-lo agora, Trot, fui generoso com ele. Ele tinha sido tão cruel para mim que eu poderia obter uma separação que fosse bem favorável aos meus interesses, mas não quis. Dissipou num abrir e fechar de olhos tudo quanto eu lhe tinha dado e foi caindo dia a dia cada vez mais baixo; não sei se casou com outra mulher, mas tornou-se um aventureiro, um jogador, um tratante. Acaba de

o ver, tal qual hoje é, mas olhe que era um lindo homem quando com ele casei — disse minha tia, cuja voz continha ainda qualquer vestígio da sua admiração passada — e, pobre doida que eu era, julgava-o a encarnação da própria honra!

Apertou-me a mão e abanou a cabeça.

— Agora já nada é para mim, Trot, é menos que nada. Mas, antes do que vê-lo punir pelos seus delitos (o que lhe sucederia infalivelmente se residisse nesta terra), dou-lhe de tempos a tempos mais do que posso, com a condição de ele ir para longe. Eu estava doida quando casei com ele e sou agora tão incorrigível que não desejaria ver maltratar o homem sobre o qual pude criar tão extravagantes ilusões, porque eu acreditava nele, Trot, de toda a minha alma.

Minha tia soltou um profundo suspiro, depois alisou cuidadosamente com a mão as pregas do vestido.

— Aqui tem! Meu amigo — disse ela. — Agora sabe tudo; o princípio, o meio e o fim. Não falaremos mais nisto; e, bem entendido, o senhor também não falará a ninguém. É a história das minhas tolices, Trot, guardemo-las para nós!

## Capítulo XLVIII — Acontecimento doméstico

Eu trabalhava activamente no meu livro, sem interromper as minhas ocupações de estenógrafo, e, quando o publiquei, ele obteve um grande êxito. Não me deixei aturdir pelos louvores que retumbaram aos meus ouvidos, e, todavia, gozei intensamente com isso e pensei melhor ainda da minha obra, sem dúvida alguma, que toda a gente. Notei muitas vezes que aqueles que têm razões legítimas de estimar o seu próprio talento não fazem ostentação aos olhos dos outros para se recomendarem à estima pública. É por isso que me tornava modesto com respeito a mim próprio. Quanto mais elogios me faziam, mais eu me esforçava pelos merecer.

Não é intenção minha contar, nesta, de resto, narrativa completa da minha vida, também a história dos romances que publiquei. Eles podem falar por si e deixar-lhes-ei esse cuidado; não lhes faço aqui alusão, de passagem, senão porque servem para fazer conhecer em parte o desenvolvimento da minha carreira.

Eu tinha então alguma razão para acreditar que a natureza, coadjuvada pelas circunstâncias, me tinha destinado a ser autor; entregava-me com afoiteza à minha vocação. Sem essa confiança, teria de certo renunciado para dar qualquer outro rumo à minha energia. Procuraria descobrir o que a natureza e as circunstâncias podiam realmente fazer de mim, para a isso me dedicar exclusivamente.

Eu tinha-me saído bem, havia um certo tempo, nas minhas tentativas literárias, que julguei poder razoavelmente, após um novo sucesso, escapar à amofinação desses terríveis debates. Uma tarde (que ditosa tarde!) enterrei de uma vez para sempre essa transcrição musical dos trombones parlamentares. Desde esse dia nunca mais quis ouvi-los; basta e bem, ser ainda perseguido, quando leio o jornal, por esse zumbido eterno e monótono de toda uma sessão, sem outra variação apreciável que um pouco mais de tagarelice e portanto mais de enfado.

No momento em que falo, havia quase um ano que estávamos casados. Depois de diversas experiências, tínhamos acabado por encontrar que não valia a pena dirigir a nossa casa. Ela dirigia-se de *per si*, todavia com a ajuda de um servente, cuja principal função era disputar com a cozinheira, e, sob esse ponto de vista, era um perfeito Wittington; toda a diferença consistia em ele não ter um gato nem a menor probabilidade de nunca vir a ser lord-mayor como aquele.

Vivia num contínuo aguaceiro de caçarolas. A sua vida era um combate. Ouvia-se gritar por socorro nas ocasiões mais incómodas, por exemplo quando

tínhamos gente a jantar ou alguns amigos à noite, ou então saia a berrar da cozinha e caia sob o peso de uma parte dos nossos utensílios com que a sua inimiga lhe atirava. Desejávamos ver-nos livre dele, mas era-nos tão afeiçoado que não nos queria largar. Andava continuamente a choramingar e quando se tratava de nos separarmos dele, soltava tais lamentos que éramos obrigados a deixá-lo ficar. Não tinha mãe e parente mais nenhum do que uma irmã que embarcou para a América no dia em que o tomámos ao nosso serviço; estava, pois, às nossas costas, como um idiota que a família não tem remédio senão sustentar. Ele sentia muito intensamente o seu infortúnio e andava continuamente a limpar os olhos com a manga do casaco, quando não se ocupava a assoar-se a uma ponta de um pequeno lenço, que por nada deste mundo seria capaz de tirar todo do bolso, por economia e discrição.

Este diabo de servente, que, numa hora nefasta, tivemos a desgraça de contratar ao nosso serviço, mediante seis libras esterlinas por ano, era para mim uma causa contínua de ansiedade. Observava-o, via-o crescer, porque como sabem, a erva daninha... e pensava angustiadamente no tempo em que ele havia de ter barba e depois no tempo em que havia de encalvecer. Eu não via a menor perspectiva de me desfazer dele, e, pensando no futuro, pensava também quanto ele nos havia de ser incómodo quando fosse velho.

Eu não esperava de forma alguma pelo processo que o desgraçado empregou para me livrar de apuros. Roubou o relógio de Dora, que naturalmente nunca estava no seu lugar, como tudo o que nos pertencia. Vendeu-o e gastou o dinheiro (pobre idiota!) a passear continuamente e sem cessar na imperial do ónibus de Londres a Cambridge. Ia realizar a sua décima quinta viagem, quando um *policeman* o agarrou; não se lhe encontrou senão quatro xelins e um flautim barato que ele não sabia tocar.

Esta descoberta e todas as suas consequências não me teriam surpreendido tão desagradavelmente, se ele não se tivesse arrependido. Mas fazia-o, pelo contrário, de uma maneira muito particular... não por junto, ora avaliem, mas a retalho. Por exemplo, no dia seguinte àquele em que fui obrigado a queixar-me dele, confessou que um cesto de vinho que supúnhamos cheio, só continha garrafas vazias. Esperávamos que o caso acabasse por aí, que tinha descarregado a consciência e que nada mais tinha a revelar contra a cozinheira, quando dois ou três dias depois, eis um novo remorso de consciência que o assalta e impele a confessar-nos que a cozinheira tinha uma neta que ia todos os dias, muito cedo, roubar-nos o pão e que o tinham subornado a ele próprio para fornecer de carvão o leiteiro. Dois ou três dias depois, informaram-me os magistrados que ele tinha descoberto lombos de vaca inteiros no meio das sobras que se deitavam fora e lençóis no cesto dos farrapos. Depois, passado algum tempo, eis que toma uma

direcção penitente muito diversa e desata a denunciar o criado do café vizinho que tinha tenção de nos assaltar a casa. Prende-se o criado. Eu estava por tal forma confuso com o papel de vítima que ele me criara com estas repetidas torturas, que lhe teria dado todo o dinheiro que ele quisesse para se calar; ou teria de boa vontade oferecido uma boa quantia para que o deixassem fugir. O que havia de pior, é que ele não tinha a menor ideia do desgosto que me causava e que julgava, pelo contrário, dar-me uma reparação a mais a cada nova descoberta. Deus me perdoe! Não me espantaria que ele imaginasse multiplicar assim os seus direitos ao meu reconhecimento.

Enfim, eu é que tomei a resolução de fugir, todas as vezes que avistava um emissário da polícia encarregado de me transmitir alguma nova revelação e vivi, por assim dizer, às escondidas, até que esse desgraçado rapaz foi julgado e condenado a deportação. Mesmo então não podia conservar-se sossegado e escrevia-nos constantemente. Quis absolutamente ver Dora antes de seguir destino; Dora consentiu; foi lá e desmaiou ao ver a grade de ferro da prisão fechar-se atrás dela. Numa palavra, fui infeliz como as pedras até ao momento que ele partiu; enfim, lá seguiu e soube depois que se fez pastor no lugar da deportação, não sei bem aonde. Falham-me os conhecimentos geográficos.

Tudo isto me obrigou a fazer sérias reflexões e apresentou-me os nossos erros sob um novo aspecto; não pude deixar de o dizer a Dora uma tarde, a despeito da minha ternura por ela.

— Meu amor — disse-lhe eu — é-me muito penoso pensar que a má administração dos nossos negócios não nos prejudica somente a nós (já tomámos a nossa resolução), mas faz também mal a outros.

— Ora, há tanto tempo que o senhor não dizia nada, não vá agora tornar-se resmungão! — disse Dora.

— Palavra que não, minha querida! Deixe-me explicar o que lhe quero dizer.

— Não tenho desejo de o saber.

— Mas é preciso que o saiba, meu amor. Ponha Jip no chão.

Dora encostou o focinho de Jip ao meu nariz, dizendo «Boh! Boh!» para ver se me fazia rir; mas ao ver que o não conseguia, mandou o cão para a casota e sentou-se diante de mim, de mãos juntas, com o ar mais resignado.

— O facto é, minha filha — repliquei eu — que isto assim vai cada vez pior e que causamos mal a toda a gente que nos rodeia.

Ia a continuar neste estilo figurado, se o rosto de Dora não me tivesse avisado de que ela esperava que eu lhe falasse de alguma nova forma de vacina, ou qualquer outro remédio medicinal, para curar esse mal contagioso de que fôramos atacados. Decidir-me, pois, a dizer muito de boamente:

— Não só, minha querida, perdemos dinheiro e bem estar, pela nossa

negligência; não só o nosso carácter sofre por vezes, mas ainda há mais o dano grave de estragarmos todos aqueles que entram ao nosso serviço, ou que connosco se relacionam. Começo a recear que todo o mal não esteja só de um lado e que, se todas estas pessoas andam mal, não é porque nós andemos bem.

— Oh! Que acusação! — exclamou Dora arregalando os olhos. — Como! Quer dizer com isso que me viu roubar relógios de ouro? Oh!

— Minha querida — respondi eu — não digamos tolices! Quem é que lhe fala de relógios?

— É o senhor! — continuou Dora. — Bem o sabe. O senhor disse que eu andava mal e comparou-me a ele.

— A ele, quem? — perguntei.

— Ao nosso servente! — disse ela soluçando. — Oh! Que mau o senhor é, comparando uma mulher que o ama ternamente com um servo que acabam de deportar! Porque não me disse o que pensava de mim antes de casar comigo? Porque é que não me preveniu de que me achava mais má que um servente que se acaba de deportar? Oh! Que horrível opinião o senhor faz de mim, Deus do céu!

— Vamos, Dora, meu amor — prossegui eu, tentando muito suavemente tirar-lhe o lenço que lhe escondia os olhos — não só o que está dizendo é ridículo, mas não é bonito. Primeiro, não é verdade.

— É o que eu digo. O senhor acusou-o sempre efectivamente de dizer mentiras — e chorava a bom chorar — e está agora a dizer o mesmo de mim! Oh! Que vai ser de mim? Que vai ser de mim?

— Minha querida filha — prossegui — suplico-lhe muito seriamente que seja um pouco razoável e que ouça o que tenho a dizer-lhe. Minha querida Dora, se não cumprirmos os nossos deveres com os que nos servem, eles não aprenderão nunca a cumprir o seu dever connosco. Tenho receio de que temos dado aos outros ocasiões de mal fazer. Quando mesmo fosse por gosto que fôssemos tão negligentes (mas não é assim); quando mesmo isso nos parecesse agradável (e o caso não é desses), estou convencido de que não temos o direito de proceder como procedemos. Corrompemos verdadeiramente os outros. Somos obrigados, em consciência, a prestar atenção. Não posso deixar de pensar nisto, Dora. É um pensamento que eu não poderia banir de mim e que me atormenta muito. É tudo quanto lhe tenho a dizer, minha querida. Venha cá e não seja criança!

Mas durante muito tempo, Dora não me deixou tirar-lhe o lenço. Ela continuava a soluçar, murmurando que, já que eu estava tão mortificado, melhor teria feito em não me casar. Porque é que não lhe tinha dito eu, mesmo na véspera do nosso casamento, que havia de ficar muito mortificado e que preferiria não me casar! Já que não a podia sofrer, porque é que não a mandava

para casa das tias para Putney, ou para casa de Júlia Mills, para a Índia? Júlia ficaria encantada de a ver e não a compararia a um servente deportado; ela nunca lhe tinha feito tal injúria. Numa palavra, Dora estava tão aflita e o seu desgosto causava-me tanta pena, que eu senti ser inútil repetir as minhas exortações, por mais ternura que eu empregasse e que era preciso tentar outra coisa.

Mas que podia eu fazer? Procurar «formar o seu espírito?» Ora aqui estão frases triviais que prometem; resolvi, pois, formar o espírito de Dora.

Pus-me imediatamente à obra. Quando eu via Dora fazer de criança e que eu tinha grande desejo de partilhar o seu humor, tratava de me tornar grave... e não fazia senão perturbá-la e perturbar-me. Falava-lhe dos assuntos que me ocupavam naquele tempo; lia-lhe Shakespeare e então fatigava-a até ao último ponto. Tratava de lhe insinuar, como por acaso, algumas noções úteis, ou algumas opiniões sensatas, e, mal eu acabava, ela fugia de mim a correr, como se a tivesse presa num tornilho. Por mais que eu tomasse o ar mais natural, quando pretendia *formar o espírito* da minha mulherzinha, via que ela adivinhava sempre aonde é que eu queria chegar e começava a tremer antecipadamente. Em particular, era-me evidente que ela considerava Shakespeare como um terrível maçador. Decididamente não se formava depressa.

Empreguei Traddles nessa grande empresa, sem o prevenir, e, todas as vezes que ele nos vinha ver, ensaiava nele as minhas máquinas de guerra, para a edificação de Dora, por via indirecta. Atormentava Traddles com uma infinidade de excelentes máximas; mas toda a minha sabedoria não tinha outro efeito senão entristecer Dora; ela estava sempre com medo que lhe chegasse daí a pouco a sua vez. Eu desempenhava o papel de um mestre-escola, ou de uma ratoeira ou de uma armadilha obstinada; tornara-me a aranha dessa pobre mosquinha de Dora, sempre pronto a cair sobre ela do fundo da minha teia: via-o bem pela sua perturbação.

Todavia perseverei durante meses, esperando sempre que viria tempo em que se estabelecesse entre nós uma simpatia perfeita e em que eu tivesse enfim «formado o seu espírito» com meu inteiro contentamento. Por fim, julguei perceber que a, despeito de toda a minha resolução e conquanto eu me tivesse tornado um ouriço cacheiro, um verdadeiro porco espinho, nada ganhei com isso e disse comigo que talvez o *espírito de Dora estivesse já todo formado.*

Reflectindo mais maduramente, pareceu-me isso tão verosímil que abandonei o meu projecto, que estava longe de corresponder às minhas esperanças e resolvi contentar-me para o futuro em ter uma mulher-criança, em vez de procurar transformá-la sem êxito. Eu próprio estava cansado da minha sabedoria e da minha razão solitárias; sofri por ver o constrangimento habitual a que eu tinha reduzido a minha querida mulherzinha. Um belo dia, comprei-lhe um lindo par

de brincos e um colar para Jip e voltei para minha casa decidido a reentrar nas suas boas graças.

Dora ficou encantada com esses pequenos presentes e beijou-me ternamente, mas havia entre nós uma nuvem, e, por mais diáfana que ela fosse, eu não queria absolutamente deixá-la persistir e resolvera arcar eu só com todos os pequenos dissabores da vida.

Sentei-me no canapé, ao pé de minha mulher e enfiei-lhe os brincos nas orelhas, depois disse-lhe que, desde algum tempo, não éramos completamente tão bons amigos como dantes e que a culpa era minha, que o reconhecia sinceramente; e era verdade.

— O facto é — repliquei — que eu, minha Dora, tentei ser razoável.

— E eu também — disse timidamente Dora — não é verdade, David?

Fiz-lhe um sinal de assentimento, enquanto ela erguia docemente os seus lindos olhos para mim e beijei-lhe os lábios entreabertos.

— É bem inútil — disse Dora abanando a cabeça e agitando os caracóis —; sabe que sou uma pobre mulherzinha e esqueceu-se do nome que eu lhe pedi que me desse desde o princípio. Se não pode conformar-se, creio que nunca me há-de amar. Está bem certo de não pensar algumas vezes que... talvez... mais valeria...

— Mais valeria o quê, minha querida? — porque ela tinha-se calado.

— Nada! — disse Dora.

— Nada? — repeti eu.

Ela lançou-me os braços em volta do pescoço, rindo, tratando-se a si própria, como sempre, de patetinha e escondia a cabeça no meu ombro, no meio de uma linda floresta de caracóis que eu tive todas as penas do mundo para desviar do seu rosto a fim de a fitar de frente.

— Quer-me perguntar se não acredito que mais valeria não fazer nada antes de formar o espírito da minha mulherzinha? — disse eu rindo da minha feliz invenção. — Não é o que ia a perguntar-me? Pois bem! Sim, palavra que acredito.

— Como! Era, pois, isso o que o senhor queria tentar? — gritou Dora. — Oh! Que mau rapaz!

— Mas eu não tentarei nada mais — disse — porque a amo ternamente tal qual é.

— Palavra? Está a falar sério? — perguntou ela acingindo-se de mim.

— Porque é que havia de querer mudar o que tão caro me é há tanto tempo? A Dora não se pode mostrar nunca mais à sua vontade como quando é o que é, minha boa Dorinha; não faremos, pois, mais tentativas temerárias; recuperemos os nossos antigos hábitos para sermos felizes.

— Para sermos felizes! — replicou Dora. — Oh, sim! Todo o dia. E promete-

me não se zangar, se as coisas correrem algumas vezes um pouco às avessas?

— Não, não! — disse eu. — Trataremos de fazer tudo o melhor possível.

— E não me dirá nunca mais que estragamos os que de nós se aproximam — disse ela com alguma meiguice — não é assim? É tão mau!

— Não, não! — disse eu.

— Mais vale ainda que eu seja estúpida do que desagradável, não é assim? — disse Dora.

— Vale mais ser muito simplesmente Dora, do que seja o que for neste mundo!

— Neste mundo! Ah! Meu David, é um grande país!

E, meneando alegremente a cabeça, fitou em mim os seus olhos alegres, pôs-se a rir, beijou-me e saltou para agarrar Jip, a fim de lhe pôr a sua nova coleira.

Assim acabou a minha última tentativa. Tinha feito mal em tentar mudar Dora; eu não podia esquecer como dantes ela me havia pedido que lhe chamasse a minha mulherzinha-criança. Tentaria de futuro — dizia eu comigo — melhorar o mais possível as coisas, mas sem ruído. Isso mesmo não era nada fácil; arriscava-me sempre a retomar o meu papel de aranha e a pôr-me de emboscada ao fundo da minha teia.

E a sombra de outrora não devia mais interpor-se entre nós; doravante não era senão sobre o meu coração que ela devia pesar. Vão ver como.

O sentimento penoso que eu dantes tinha concebido espalhou-se desde então sobre toda a minha vida, mais profundo talvez do que no passado, mas mais vago do que nunca, tal como os sons plangentes de uma música triste que eu ouvisse vibrar no meio da noite. Eu amava ternamente minha mulher e sentia-me feliz; mas a felicidade que eu gozava não era a que outrora sonhara: faltava-me sempre qualquer coisa.

Decidido a cumprir a promessa que a mim mesmo fizera, de exarar neste papel a narrativa fiel da minha vida, examino-me cuidadosamente, sinceramente, para pôr a nu todos os segredos do meu coração. O que me faltava, considerava-o ainda, considerava-o sempre como um sonho da minha jovem imaginação, um sonho que não podia realizar-se. Sofria, como acontece mais ou menos a todos os homens, por sentir que era uma quimera impossível. Mas, no fim de contas, eu não podia deixar de dizer comigo que mais valeria que minha mulher me ajudasse muitas vezes, que ela partilhasse todos os meus pensamentos, em vez de me deixar só com o peso deles. Podia fazê-lo, mas não o fazia. Era isto que eu estava muito obrigado a reconhecer.

Eu hesitava, pois, entre duas conclusões que não podiam conciliar-se. Ou o que eu experimentava era geral, inevitável; ou então era uni facto que me era particular e cujo desgosto poderiam poupar-me. Quando eu tornava a ver em

espírito esses castelos no ar, esses sonhos da minha mocidade, que não podiam realizar-se, eu arguia a idade madura de ser menos rica em felicidade do que a adolescência; e então esses dias de felicidade junto de Inês, na sua boa velha casa, erguiam-se diante de mim como espectros do tempo passado, que poderiam ressuscitar talvez num outro mundo, mas que eu não podia esperar ver reviver na terra.

Por vezes, um outro pensamento me atravessava o espírito: que sucederia se Dora e eu nunca nos tivéssemos conhecido? Mas ela estava por tal forma imiscuída em toda a minha vida, que era uma ideia fugaz que num instante se evolava para longe de mim, como o fio da boa Virgem, que flutua e desaparece nos ares.

Eu amava-a sempre. Os sentimentos que aqui descrevo dormitavam no fundo do meu coração; eu apenas tinha a consciência deles. Não creio que tivessem alguma influência sobre as minhas palavras ou sobre as minhas acções. Eu carregava com o peso de todos os nossos pequenos cuidados e de todos os nossos projectos; Dora tinha a seu cuidado as minhas penas de escrever e sentíamos ambos que as coisas estavam tão bem divididas quanto o podiam ser. Amava-me e orgulhava-se de mim; e quando Inês lhe escrevia dizendo-lhe que os meus antigos amigos se regozijavam com os meus sucessos, quando ela dizia que lendo-me julgava ouvir-me a voz, Dora tinha lágrimas de alegria nos olhos e chamava-me seu querido, seu ilustre, seu bom e velho maridinho.

«O primeiro movimento de um coração indisciplinado!» Estas palavras de *Mistress* Strong vinham-me sem cessar à lembrança; tinha-as sempre presentes. De noite, encontrava-as no meu despertar; nos meus sonhos, lia-as escritas nas paredes das casas. Porque agora eu sabia que o meu próprio coração não tinha conhecido disciplina quando se afeiçoara antigamente a Dora e que se hoje mesmo estivesse melhor disciplinado, eu nunca experimentaria, depois do nosso casamento, os sentimentos cuja experiência secreta ele fazia.

«Não há casamento mais mal combinado do que o que não tem relações de ideias e de carácter». Nunca mais esqueci estas palavras. Eu tinha tentado adequar Dora ao meu carácter e não tinha conseguido nada. Só me restava adequar-me ao carácter de Dora, partilhar com ela o que pudesse e ficar contente; carregar o resto às minhas costas, às minhas só e continuar a ficar contente. Eis a disciplina a que era preciso submeter o meu coração. Graças a esta resolução, o meu segundo ano de casado foi muito mais feliz do que o primeiro, e, o que mais valia ainda, a vida de Dora não passava de um raio de sol.

Mas, no seu decurso, esse ano diminuirá a força de Dora. Eu esperara que mãos mais delicadas do que as minhas viriam ajudar-me a modelar a sua alma e

que o sorriso de um bebé faria da «minha mulher-criança» uma mulher. Baldada esperança! O pequeno espírito que devia abençoar a nossa família estremeceu um momento no limiar da sua prisão, depois evolou-se aos céus, sem conhecer sequer o seu cativeiro.

— Quando eu puder continuar a correr como dantes, minha tia — dizia Dora — levarei Jip à rua; está muito pesado e muito preguiçoso.

— Suspeito, minha querida — disse minha tia, que trabalhava tranquilamente ao lado de minha mulher — que ele tem uma doença mais grave do que a preguiça: é a idade, Dora.

— Supõe que ele é velho? — disse Dora, surpreendida. — Oh! Que tolice que Jip seja velho!

— É uma doença a que todos estamos expostos, menina, à medida que nos adiantamos na vida. Eu sinto-a mais do que dantes, asseguro-lhe.

— Mas Jip... — disse Dora olhando-o com um ar de compaixão. — O quê! O pequeno Jip também! Pobre amigo!

— Creio que ele há-de viver ainda muito tempo, Florzinha — disse minha tia beijando Dora, que se tinha inclinado no braço do canapé para ver Jip.

O pobre animal respondeu às suas carícias pondo-se em pé e esforçando-se, apesar da sua asma, por trepar para o pé da sua dona.

— Fiei de mandar forrar-lhe a casota de flanela neste Inverno e quer-me parecer que na Primavera ele há-de estar mais fresco do que nunca, como as flores.

— Desprezível animalejo! — exclamou minha tia. — Ainda que fosse dotado de tantos fôlegos como um gato e que estivesse a morrer, creio bem que empregaria o seu último alento a ladrar contra mim!

Dora tinha-o ajudado a trepar para o canapé, em cima do qual ele tornou logo a atitude de desafiar minha tia com tanta fúria, que não queria estar quieto e não cessava de ladrar de lado. Quanto mais minha tia olhava para ele, mais ele a provocava, sem dúvida porque ela tinha recentemente adoptado lunetas e Jip, por certas razões só dele conhecidas, considerava este processo como um insulto pessoal.

À força de persuasão, Dora chegara a conseguir que Jip se deitasse ao pé dela, e, quando ele estava sossegado, afagou docemente as suas orelhas compridas, repetindo com ar pensativo:

— Tu também, meu pequeno Jip, pobre cãozito!

— Ele tem ainda muito boa voz — disse alegremente minha tia — e a vivacidade das suas antipatias demonstra bem que nada perdeu da sua força. Tem ainda bastantes anos para viver, asseguro-lhe. Mas se quiser um cão que corra tanto como a Florzinha, Jip já viveu de mais para desempenhar esse mister; dar-

lhe-ei outro.

— Obrigada, tia — disse fracamente Dora —, mas não o traga, peço-lhe!

— Não? — disse minha tia tirando as lunetas.

— Não quero outro cão senão Jip — disse Dora. — Seria muita crueldade. De resto, nunca mais gostarei de outro cão como gosto de Jip; outro não me conheceria desde o meu casamento e não ladraria quando David chegasse a casa. Receio bem, minha tia, não poder gostar de outro cão como gosto de Jip.

— Tem razão — disse minha tia acariciando a face de Dora —, tem toda a razão.

— Não me quer mal por isso — disse Dora — não é verdade?

— Mas que pequena sensitiva que aqui está! — exclamou minha tia olhando para ela ternamente. — Como é que pode supor que eu lhe queira mal?

— Oh! Não! Não creio! — respondeu Dora. — Somente estou um pouco fatigada, o que me torna tão tola; sou sempre uma tolinha, sabe?, mas ainda o fiquei mais por falar de Jip. Ele conhece-me desde que me conheço, sabe tudo quanto me tem sucedido, não é verdade, Jip? E eu não quero deitá-lo para o canto, pelo facto de estar um pouco mudado, não é verdade, Jip?

Jip estava encostado à dona e lambia-lhe languidamente a mão.

— Tu não és assim velhinho para abandonares a tua senhora, não é verdade, Jip? — disse Dora. — Havemos de fazer companhia um ao outro ainda por muito tempo!

Minha linda Dorinha! Quando ela desceu para jantar, no domingo imediato e se mostrou muito contente por tornar a ver Traddles, que jantava sempre connosco aos domingos, julgávamos que dentro de poucos dias ela desataria a correr por toda a parte, como dantes. Diziam-nos; Esperem ainda uns dias e depois mais ainda outros dias; ela, porém, não se punha a correr, nem sequer a andar. Continuava bastante linda e bastante alegre; mas esses pezinhos que dantes dançavam tão alegremente à roda de Jip, permaneciam fracos e sem movimento.

Tomei o hábito de a trazer para baixo todas as manhãs ao colo e levá-la para cima todas as noites. Ela passava-me os braços ao pescoço e ria enquanto eu pegava nela, como se se tratasse de uma aposta. Jip precedia-nos a ladrar e parava, muito esbaforido, para ver se chegávamos. Minha tia, a melhor e a mais alegre das enfermeiras, seguia-nos com um carregamento de chales e de travesseiros. *Mister* Dick não cederia a ninguém o direito de abrir a marcha com um castiçal na mão. Traddles ficava muitas vezes ao fundo da escada, a receber todas as mensagens folgazãs de que o encarregava Dora para a melhor rapariga do mundo. Apresentávamos o ar de uma alegre procissão e a minha mulher-criança estava sempre mais alegre do que ninguém.

Mas, às vezes, quando eu pegava nela e que a sentia pesar cada vez menos, apoderava-se de mim um vago sentimento de pena; parecia-me que caminhava para uma região glacial que me era desconhecida e cuja ideia me assombrava a vida. Eu procurava abafar este pensamento, ocultava-o a mim mesmo; mas uma noite, depois de ter ouvido minha tia gritar-lhe: «Boa noite, Florzinha!», fiquei só diante da minha secretária e chorei dizendo de mim para mim:

— Nome fatal! E se a Flor vai murchar na haste, como acontece às flores?

# Capítulo XLIX — Acho-me envolvido num mistério

Uma manhã recebi pelo correio a seguinte carta, datada de Canterbury e que me era endereçada para os *Doctor's-Commons*. Li, não sem surpresa, o seguinte:

Meu caro senhor:

Circunstâncias que não dependeram da minha vontade, há muito que fizeram arrefecer uma intimidade que sempre me causou as mais doces emoções. Ainda hoje, quando me é possível, nos raros instantes de ócio que a minha profissão me deixa, contemplar as ruínas do passado, embelezadas pelas cores brilhantes que ornamentam o prisma da memória, volvo a encontrá-las com felicidade. Não poderia permitir-me, meu caro senhor, agora que os seus talentos o elevaram a uma tão alta distinção, que desse ao companheiro da minha mocidade o nome familiar de Copperfield! Basta-me saber que este nome a que tenho a honra de aludir permanecerá eternamente rodeado de estima e de afecto nos arquivos da nossa casa (quero falar dos arquivos relativos aos nossos antigos inquilinos, cuidadosamente conservados por *Mistress* Micawber).

Não me pertence a mim, que por uma série de erros pessoais e por uma combinação fortuita de acontecimentos nefastos, me encontro na situação de uma barca que naufragou (se me é permitido fazer esta comparação náutica), não me pertence, dizia eu, dirigir-lhe cumprimentos ou felicitações. Deixo esse prazer a mãos mais puras e mais idóneas.

Se as suas importantes ocupações (não me atrevo a esperá-lo) lhe permitirem percorrer estes caracteres imperfeitos, o senhor decerto perguntará, de si para si, com que fim eu traço a presente epístola. Permita-me que lhe diga que compreendo toda a justeza dessa pergunta e que lhe vou fazer justiça, declarando-lhe em primeiro lugar que não tem relação com negócios pecuniários.

Sem fazer alusão directa ao talento que posso ter para lançar o raio ou para dirigir a chama vingadora, não importa contra quem, posso permitir-me notar de passagem que as minhas mais brilhantes visões se acham destruídas, que a minha paz está aniquilada e que todas as minhas alegrias estão exaustas, que o meu coração deixou de estar no seu lugar e que já não caminho de cabeça levantada diante dos meus concidadãos. A lagarta está na flor, a taça da amargura transborda, o verme está operando e não tarda a roer a sua vítima. Quanto mais cedo, melhor. Mas não quero desviar-me do meu assunto.

Colocado, como estou, na mais penosa situação de espírito, muito desgraçado para que a influência de *Mistress* Micawber possa mitigar o meu sofrimento, se bem que a exerça na sua tríplice qualidade de mulher, de esposa e de mãe, tenho tenção de fugir a mim mesmo durante alguns instantes e empregar quarenta e oito horas a visitar na capital os lugares que foram outrora o teatro do meu contentamento. Entre esses portos tranquilos aonde eu conheci a paz da alma, dirigir-me-ei naturalmente para a prisão do Banco do Rei. Terei atingido o meu fim nesta comunicação epistolar, anunciando-lhe que estarei (D. V.) ao pé do muro exterior desse lugar de prisão por questões civis, depois de amanhã, às sete horas da tarde.

Não me atrevo a pedir ao meu antigo amigo senhor Copperfield, ou ao meu antigo amigo *Mister* Tomás Traddles, do Templo, se este último ainda viver, que se dignem ir ali ter comigo, para reatarmos (tanto quanto isso seja possível) as nossas relações do bom tempo de outrora. Limito-me a lançar aos ventos esta indicação; à hora e no lugar preceituados, poder-se-ão encontrar os vestígios arruinados do que resta de uma torre derruída,

*P. S.* — É talvez prudente acrescentar que *Mistress* Micawber ignora esta minha confidência.

Reli várias vezes esta carta. Por mais que me lembrasse do estilo pomposo das composições de *Mister* Micawber e do gosto extraordinário que ele sempre havia revelado para escrever cartas intermináveis em todas as ocasiões possíveis ou impossíveis, parecia-me que devia haver no fundo dessa ênfase afectada qualquer coisa de importante. Pousei a carta para reflectir, depois peguei nela para a ler ainda uma vez e estava mergulhado nessa leitura quando Traddles me entrou em casa.

— Meu caro amigo — disse-lhe eu — nunca fiquei tão contente em o ver chegar! Venha ajudar-me com a sua opinião reflectida num momento muito oportuno. Recebi, meu caro Traddles, a carta mais singular de *Mister* Micawber!

— Palavra? — exclamou Traddles. — Não está má! Eu também recebi uma outra de *Mistress* Micawber!

E nisto, Traddles, animado pela caminhada e com os cabelos eriçados, como se acabasse de ver aparecer um fantasma sob a dupla influência de um exercício precipitado e de uma emoção intensa, estendeu-me a sua carta e pegou na minha. Eu reparava como ele lia e vi-lhe um sorriso quando chegou ao ponto: «lançar o raio ou dirigir a chama vingadora».

— Deus do céu! Copperfield! — exclamou Traddles.

Entreguei-me, por minha vez, à leitura da carta de *Mistress* Micawber. Ei-la:

> Apresento todos os meus cumprimentos ao senhor Tomás Traddles e, se ele conserva alguma recordação de uma pessoa que noutro tempo teve a dita de estar ligada com ele, ouso pedir-lhe que haja por bem consagrar-me alguns instantes. Certifico o senhor Tomás Traddles de que nunca abusaria da sua bondade, se não estivesse a ponto de perder a razão.
>
> É-me bem doloroso dizer que é a frieza de *Mister* Micawber para com sua mulher e seus filhos (ele antigamente tão terno!) que me força a dirigir-me hoje ao senhor Traddles e a solicitar o seu apoio. O senhor Traddles não pode fazer uma justa ideia da mudança que se operou no comportamento de *Mister* Micawber, da sua extravagância, da sua violência. Isto tem ido crescendo sempre e tornou-se numa verdadeira aberração. Posso assegurar ao senhor Traddles que não se passa um dia que eu não tenha a suportar algum paroxismo deste género. O senhor Traddles não precisará de que me estenda sobre a minha dor, quando lhe disser que ouço incessantemente *Mister* Micawber afirmar que se vendeu ao diabo. O mistério e o segredo há muito tempo que se tornaram o seu carácter habitual e substituem uma confiança ilimitada. À mais frívola provocação, por exemplo, se eu lhe faço somente esta pergunta: «Que é o quer para o jantar?» — declara-me que vai pedir uma separação de pessoa e bens. Ontem à tarde, tendo-lhe os filhos pedido dois *pence* para comprarem amêndoas de limão, gulodice local, ameaçou os gémeos com uma grande faca!
>
> Suplico ao senhor Traddles que me perdoe estas minudências, que só podem dar-lhe uma fraca ideia da minha horrível situação.

Posso agora confiar ao senhor Traddles o fim da minha carta? Permite-me que me abandone à sua amizade? Oh! Sim, conheço o seu coração.

Os olhos da afeição vêem claro, sobretudo em nós outras mulheres. *Mister* Micawber vai a Londres. Conquanto ele tenha procurado esta manhã esconder-se de mim, enquanto escrevia um endereço para pôr na maleta castanha que conheceu os nossos dias de felicidade, o olhar de águia da ansiedade conjugal soube ler a última sílaba *dres.* A diligência para na Cruz de Ouro. Posso solicitar a *Mister* Traddles que vá amanhã ver meu esposo que desatina e que procure encarreirá-lo no bom caminho? Posso pedir a *Mister* Traddles que acuda a uma família desesperada? Oh! Não, seria importuná-lo muito.

Se *Mister* Copperfield, na sua glória, se recorda ainda de uma pessoa tão desconhecida como eu, *Mister* Traddles quererá transmitir-lhe os meus cumprimentos e os meus pedidos? Em todo o caso rogo-lhe que haja por bem *considerar esta carta como expressamente particular e de não fazer a ela nenhuma alusão, sob qualquer pretexto, em presença de Mister Micawber.* Se *Mister* Traddles se dignasse responder-me (o que me parece extremamente improvável), uma carta dirigida a M. E., posta-restante, Canterbury, terá, sob esse endereço, menos dolorosas consequências de que sob qualquer outro, para aquela que tem a honra de ser, com o mais profundo desespero

Muito respeitosamente sua amiga suplicante,

EMA MICAWBER

— Que é o que pensa desta carta? — disse-me Traddles erguendo os olhos para mim.

— E o senhor que pensa da outra? — porque ele lia-a com um ar de ansiedade.

— Creio, Copperfield, que estas duas cartas juntas são mais significativas de que o são em geral as epístolas de *Mister* e de *Mistress* Micawber, mas não sei lá muito bem o que eles querem dizer. Não duvido que as tenham escrito com a melhor boa fé do mundo. Pobre mulher! — disse ele olhando para a carta de *Mistress* Micawber, enquanto comparávamos as duas missivas. — Em todo o caso é preciso ter-se a caridade de lhe escrever e dizer que não faltaremos a ir ter com *Mister* Micawber.

Consenti tanto mais de boamente que me arguia de ter tratado um pouco ao de leve a primeira carta dessa pobre mulher. Eu tinha reflectido nela oportunamente, como já disse, mas preocupado com as minhas coisas e conhecendo bem os indivíduos, acabara pouco a pouco por não mais pensar nela. A recordação dos Micawber amofinava-me muitas vezes o espírito, mas era sobretudo para perguntar comigo mesmo que «compromissos pecuniários» estavam para contrair em Canterbury e para me lembrar em que perplexidade *Mister* Micawber me recebera há tempos, quando se tornou caixeiro de Uriah Heep.

Escrevi uma carta consoladora a *Mistress* Micawber, em nosso nome colectivo

e assinamo-la ambos. Saímos para a deitar ao correio e de caminho entregamo-nos, Traddles e eu, a uma infinidade de suposições que é inútil repetir aqui. Chamamos minha tia a conselho, mas o único resultado positivo da nossa conferência foi o de que não faltaríamos à entrevista fixada por *Mister* Micawber.

Efectivamente, chegámos ao lugar combinado, com um quarto de hora de antecipação; *Mister* Micawber já lá se encontrava. Estava de pé, braços cruzados, encostado à parede e olhava com um ar sentimental as lanças de ferro que a encimavam, como se fossem os ramos entrelaçados das árvores que o tinham abrigado durante os seus dias de mocidade.

Quando chegámos ao pé dele, encontramos-lhe o ar mais confundido e menos elegante que outrora. Nesse dia não tinha vestido o seu fato preto; trazia o velho sobretudo e as calças justas, mas não com a mesma graça que no passado. À medida que conversávamos, ele ia retomando um pouco as maneiras antigas; mas o monóculo já não lhe pendia com o mesmo desafogo e o colarinho caía-lhe mais negligentemente.

— Os senhores — disse *Mister* Micawber quando acabámos de trocar os primeiros cumprimentos — são amigos a valer, amigos na adversidade. Dêem-me licença que lhes pergunte minudências sobre a saúde física de *Mistress* Copperfield *in esse* e de *Mistress* Traddles *in posse,* supondo todavia que *Mister* Traddles ainda não esteja unido ao objecto da sua afeição para partilhar o bem e o mal do governo da casa.

Respondemos, como convinha, à sua polidez. Depois mostrou-nos com o dedo a parede e tinha já começado um discurso por «Asseguro-lhes, meus senhores...» quando eu me permiti opor-me a que nos tratasse com tanta cerimónia e a pedir-lhe que nos considerasse como velhos amigos.

— Meu caro Copperfield — disse ele apertando-me a mão — a sua cordialidade confunde-me. Ao receber com tanta bondade este fragmento destruído de um templo a que noutro tempo se dava o nome de homem, se é permitido exprimir-me assim, o senhor dá provas de sentimentos que honram a nossa comum natureza. Eu estava quase a notar que tornava hoje a ver o lugar pacífico em que decorreram alguns dos mais belos anos da minha existência.

— Graças a *Mistress* Micawber, estou disso convencido — respondi. — Espero que ela esteja de saúde.

— Obrigado — respondeu *Mister* Micawber, cujo rosto se assombreara — ela vai assim, assim. — Aqui temos, pois — continuou *Mister* Micawber inclinando tristemente a cabeça — aqui temos o Banco! Aqui temos esse lugar em que pela primeira vez, durante longos anos, o doloroso fardo de compromissos pecuniários não foi proclamado todos os dias por vozes importunas que se

recusavam a deixar-me sair; aonde não havia batente que permitisse aos credores martelarem à porta, aonde não se exigia nenhum serviço pessoal e em que aqueles que nos detinham na prisão esperavam junto à grade. Meus senhores, quando as sombras dessas lanças de ferro que ornamentam o cimo dos tijolos se reflectiam no pavimento da Parada, eu vi meus filhos divertirem-se a seguir com os pés o labirinto complicado do chão, evitando os pontos negros. Não há uma única pedra desse edifício que me não seja familiar. Se não posso dissimular-lhes a minha fraqueza, queiram desculpar!

— Todos nós temos caminhado neste mundo desde esse tempo, senhor Micawber — observei eu.

— Senhor Copperfield — respondeu-me ele com amargura — quando eu residia nesse retiro, podia olhar de frente o meu próximo, podia bater-lhe se ele viesse ofender-me. O meu próximo e eu já não nos achámos nesse glorioso pé de igualdade.

*Mister* Micawber afastou-se com ar abatido e agarrando no braço de Traddles por um lado e pelo outro encostando-se a mim, continuou:

— No caminho que leva à sepultura existem marcos que mais valeria nunca terem de franquear-se, se não se sentisse que tal desejo seria ímpio. Tal é o Banco do Rei na minha vida variegada!

— Está hoje bastante triste, senhor Micawber —disse Traddles.

— Estou, sim, senhor Traddles — respondeu *Mister* Micawber.

— Espero — tornou Traddles — que não seja por se ter desgostado do Direito, porque, como sabe, eu sou advogado.

*Mister* Micawber não respondeu nem palavra.

— Como vai o nosso amigo Heep, senhor Micawber? — perguntei-lhe eu passado um momento.

— Meu caro Copperfield — respondeu *Mister* Micawber, que pareceu a princípio possuído de uma violenta emoção e depois se tornou muito pálido — se chama *seu* amigo àquele que me emprega incomoda-me, mas se lhe chama *meu* amigo respondo-lhe com um riso sardónico. Seja qual for o nome que dê a esse senhor, peço licença para lhe responder simplesmente que qualquer que possa ser o seu estado de saúde, tem a aparência de uma raposa, para não dizer de um diabo. Permita que não me adiante mais, como indivíduo, acerca de um assunto que, como homem público, me arrastou quase à berra do abismo.

Exprimi-lhe o meu pesar por ter muito inocentemente abordado um tema de conversa que parecia emocioná-lo tão intensamente.

— Posso perguntar-lhe, sem correr o risco de cometer a mesma falta, como passam os meus velhos amigos, *Mister* e *miss* Wickfield?

— *Miss* Wickfield — disse *Mister* Micawber, ao mesmo tempo que o rosto se

lhe coloria de uma forte vermelhidão — *miss* Wickfield é o que sempre tem sido: um modelo, um exemplo radioso. Meu caro Copperfield, é a única estrela que fulge no meio de uma profunda noite. O meu respeito por essa menina, a minha admiração pela sua virtude, a minha dedicação pela sua pessoa... tanta bondade, ternura e fidelidade... Conduzem-me a um lugar retirado — disse ele enfim — pela minha alma, que já não me sinto senhor de mim!

Conduzimo-lo para uma travessa: ele encostou-se à parede e tirou o lenço. Se eu o fitasse com um olhar tão grave como o fazia Traddles, a nossa companhia não lhe deveria ser propícia a incutir-lhe muita coragem.

— Estou condenado — disse *Mister* Micawber soluçando, mas sem se esquecer de o fazer com algum resto da sua elegância passada — estou condenado, meus senhores, a sofrer por todos os bons sentimentos que a natureza humana encerra. A homenagem que acabo de prestar a *miss* Wickfield trespassou-me o coração. Olhem, deixem-me antes errar pela terra, triste vagabundo que eu sou! Respondo-lhes que os vermes pouco tempo tardarão a ajustar contas comigo!

Sem responder a esta invocação, esperamos que *Mister* Micawber tivesse metido o lenço ao bolso, que puxasse pelo colarinho e que trauteasse uma ária com o ar mais despreocupado, para iludir os transeuntes, que pudessem reparar nas suas lágrimas. Disse-lhe então, bem decidido a não o perder de vista, para não perdermos para sempre o que queríamos saber, que todo o meu gosto seria apresentá-lo a minha tia, se quisesse acompanhar-nos até Highgate, aonde tínhamos cama às suas ordens.

— Preparar-nos-á um copo do seu excelente *punch* de outros tempos, senhor Micawber — disse-lhe eu — e mais agradáveis recordações lhe farão esquecer os seus cuidados de agora.

— Ou se encontrar algum alívio em confiar a amigos a causa da sua desdita, senhor Micawber, estamos ambos prontos a ouvi-lo — acrescentou prudentemente Traddles.

— Meus senhores — respondeu *Mister* Micawber — façam de mim o que quiserem! Sou uma palha levada pelo Oceano enfurecido; sinto-me sacudido em todos os sentidos pelos *alimentos...* peço-lhes perdão, pelos elementos é que eu queria dizer.

Pusemo-nos a caminho, de braço dado; daí a pouco entrámos para um ónibus e chegámos sem incidente a Highgate. Eu estava muito atrapalhado: não sabia que fazer nem que dizer. A Traddles sucedia-lhe o mesmo. *Mister* Micawber estava taciturno. De tempos a tempos fazia um esforço para sair do seu abatimento, assobiando alguns fragmentos de cançonetas; mas recaía logo numa profunda melancolia e quanto mais abatido parecia, mais colocava o chapéu às

três pancadas e mais puxava o colarinho até aos olhos.

Dirigimo-nos a casa de minha tia e não à minha, porque Dora estava doente. Minha tia acolheu *Mister* Micawber com uma graciosa cordialidade. *Mister* Micawber beijou-lhe a mão, retirou-se para um canto da janela, e, tirando o lenço do bolso, entregou-se a uma luta interior contra si próprio.

*Mister* Dick estava em casa. Tinha naturalmente compaixão de todos quantos pareciam não estar à vontade e descobria-os tão depressa, que deu bem dez apertos de mão a *Mister* Micawber em cinco minutos. Esta afeição, que não podia esperar da parte de um estranho, emocionou por tal forma *Mister* Micawber, que repetia a todo o instante: «Meu caro senhor, é de mais!» E *Mister* Dick, animado pelos seus sucessos, voltava à carga com novo ardor.

— A bondade deste cavalheiro, minha senhora — disse *Mister* Micawber ao ouvido de minha tia —, se se digna permitir-me que eu empregue uma figura florida no vocabulário dos nossos jogos nacionais um pouco vulgares, passa-me a perna; uma tal recepção é uma prova bastante sensível para um homem que luta, como eu, contra uma infinidade de perturbações e de dificuldades.

— O meu amigo Dick — disse ufanamente minha tia — não é um homem trivial.

— Estou convencido disso, minha senhora — disse *Mister* Micawber. — Meu caro senhor — continuou ele, porque *Mister* Dick de novo lhe apertava as mãos — sinto intensamente a sua bondade!

— Como está? — disse *Mister* Dick com um ar afectuoso.

— Menos mal, senhor — respondeu suspirando *Mister* Micawber.

— É preciso não se deixar descoroçoar — tornou *Mister* Dick — bem pelo contrário; trate de se distrair conforme puder.

Estas palavras amigáveis emocionaram intensamente *Mister* Micawber e apertou as mãos de *Mister* Dick entre as suas.

— Tenho tido a vantagem de encontrar algumas vezes no panorama tão variado da existência humana um oásis sobre o meu caminho, mas nunca o vi tão verdejante nem tão refrescante como o que se me oferece à vista.

Noutro qualquer momento eu teria rido dessa imagem; mas sentíamo-nos todos constrangidos e inquietos e eu seguia com tanta ansiedade as incertezas de *Mister* Micawber, dividido entre o desejo manifesto de nos fazer uma revelação e o contra-desejo de não revelar absolutamente nada, que até me sentia com febre. Traddles, sentado na beira da cadeira, os olhos arregalados e os cabelos mais eriçados do que nunca, olhava alternativamente para o soalho e para *Mister* Micawber, sem dizer palavra. Minha tia, procurando sempre com muita habilidade compreender o seu novo hóspede, conservava mais presença de espírito do que qualquer de nós, porque conversava com ele e obrigava-o a

conversar, quer quisesse quer não.

— O senhor é um antigo amigo de meu sobrinho, senhor Micawber — disse minha tia —; lamento não me haver sido dado o prazer de o conhecer mais cedo.

— Minha senhora — disse *Mister* Micawber — considerar-me-ia muito feliz, se há mais tempo tivesse o prazer de a conhecer. Nem sempre fui o miserável náufrago que poderá contemplar neste momento.

— Espero que *Mistress* Micawber e toda a sua família passem bem, senhor! — disse minha tia.

*Mister* Micawber cumprimentou e replicou num tom desesperado:

— Passam tão bem, minha senhora, quanto o podem passar desgraçados proscritos.

— Oh! Bom Deus do céu! — exclamou minha tia com a sua rudeza habitual. — O que é que nos está a dizer?!

— A existência de minha família — respondeu *Mister* Micawber — está por um fio. Aquele a quem eu sirvo...

Neste ponto *Mister* Micawber parou, com grande desprazer meu e começou a descascar os limões que eu tinha mandado pôr na mesa em frente dele, com todos os outros ingredientes precisos para fazer o *punch.*

— Aquele a quem o senhor serve, dizia o senhor... — interveio *Mister* Dick dando-lhe ao de leve com o cotovelo.

— Agradeço-lhe, meu caro senhor — respondeu *Mister* Micawber — por me recordar o que eu queria dizer. Pois bem! Ora, minha senhora, aquele a quem eu sirvo, *Mister* Heep, fez-me um dia a honra de me dizer que, se eu não tivesse o ordenado compatível com as funções que exerço junto dele, não passaria provavelmente de um desgraçado saltimbanco e que percorreria as aldeias, no mester de engolir lâminas de sabre ou devorar chamas. E não deixa efectivamente de ser provável que meus filhos ficarão reduzidos a ganhar a vida, fazendo deslocamentos e habilidades, enquanto que *Mistress* Micawber tocará realejo para acompanhar essas desditosas criaturas em seus atrozes exercícios!

*Mister* Micawber brandiu então a sua faca com um ar distraído, mas expressivo, como se quisesse dizer que felizmente já não existiria para ver isso; depois continuou a descascar os limões com um ar pungente.

Minha tia olhava atentamente para ele, com o cotovelo apoiado no seu pequeno velador. Apesar da minha repugnância em obter dele por surpresa as confidências que ele não pareceria disposto a fazer-nos, ia aproveitar-me da ocasião para o fazer falar; mas não havia meio; ele estava muito ocupado a pôr a casca de limão na chaleira, o açúcar nas espevitadeiras, o espírito de vinho na garrafa vazia, a pegar no castiçal para lhe deitar água a ferver, enfim, a uma infinidade de processos os mais extravagantes. Eu via que tocávamos numa

crise, o que não tardou. Repeliu para longe de si todos os seus materiais e os seus utensílios, ergueu-se bruscamente, tirou o lenço do bolso e desfez-se em lágrimas.

— Meu caro Copperfield — disse-me ele enxugando os olhos — esta ocupação demanda mais do que qualquer outra tranquilidade e respeito de si próprio. Não sou capaz de me encarregar dela. É uma coisa indubitável.

— Senhor Micawber — disse-lhe eu — que é o que tem? Fale, peço-lhe, aqui só há amigos.

— Amigos! Senhor — repetiu Micawber e o segredo que contivera até então com grande custo escapou-lhe de súbito. — Deus do céu! É precisamente porque estou rodeado de amigos que me vêem neste estado. O que tenho e o que há, meus senhores? Perguntem-me antes o que é que não tenho! Há maldade, há baixeza, há decepção, fraude, conspirações; e o nome dessa massa de atrocidades é... HEEP!

Minha tia bateu palmas e nós estremecemos todos como possessos.

— Não, não, não mais combate, não mais luta comigo — disse *Mister* Micawber gesticulando violentamente com o lenço e estendendo de tempos a tempos ambos os braços para a frente, a compasso, como se nadasse num oceano de dificuldades sobre-humanas. — Eu não poderia passar assim a vida por mais tempo, sou muito miserável; tiraram-me tudo quanto torna a existência suportável. Fui condenado à excomunhão do *tabu* todo o tempo que permaneci ao serviço desse celerado. Entreguem-me a minha mulher, entreguem-me os meus filhos; restituam Micawber ao lugar do desgraçado que hoje caminha nas minhas botas e depois digam-me que engula amanhã um sabre e fá-lo-ei; Verão com que apetite.

Eu nunca tinha visto um homem tão exaltado. Esforcei-me por o tranquilizar a fim de tentar tirar dele algumas palavras mais sensatas, ele cada vez se encolerizava mais sem querer somente ouvir uma palavra.

— Não apertarei mais a mão a ninguém — continuou ele abafando um soluço e soprando como um homem que se afoga — enquanto não espatifar essa detestável... serpente de Heep! Não aceitarei a hospitalidade de ninguém, enquanto não decidir o Vesúvio a fazer irromper as suas chamas... sobre esse miserável bandido de Heep! Não poderei engolir o... mais pequeno refresco... debaixo deste tecto... sobretudo *punch*... antes de arrancar os olhos... a esse ladrão, a esse mentiroso de Heep! Não quero ver ninguém... não quero dizer palavra... não quero residir em parte alguma... enquanto não reduzir... a um pó impalpável esse hipócrita transcendente, esse imortal perjuro de Heep!

Eu começava a recear ver *Mister* Micawber morrer ali mesmo. Ele pronunciava todas essas frases curtas e sofreadas com uma voz sufocada; depois,

quando se aproximava do nome de Heep, duplicava de velocidade e de ardor, a sua acentuação apaixonada tinha qualquer coisa de assustador; mas quando se deixou cair numa cadeira, a suar em bica, fora de si, as faces roxas, a respiração ofegante, a testa camarinhada de água, tinha toda a aparência de estar na última extremidade. Aproximei-me dele para o socorrer, mas ele desviou-me fazendo-me um sinal com a mão e prosseguiu:

— Não, Copperfield!... Nada de comunicação entre nós... enquanto *miss* Wickfield... não tenha obtido reparação... do mal que lhe causou esse ladino patife de Heep!

Estou certo de que não teria a força de pronunciar três palavras, se ao fim delas não tivesse sentido esse nome odioso que lhe dava coragem...

— Que seja guardado um segredo inviolável! — continuou Micawber. — Sem excepção!... De hoje a oito dias, à hora do almoço... que todos os que aqui estão presentes... incluindo a tia... e esse excelente cavalheiro... se achem reunidos no hotel de Canterbury... Encontrarão lá *Mistress* Micawber e eu... Cantaremos em coro a recordação dos belos dias fugidos, e... desmascarei esse espantoso celerado de Heep! Nada mais tenho a dizer... nada mais a ouvir... Arremeto imediatamente... porque a sociedade me pesa... na pista desse traidor, desse celerado, desse bandido de HEEP!

E depois desta última repetição da palavra mágica que o sustentara até ao fim, depois de ter esgotado quanto lhe restava de força, *Mister* Micawber precipitou-se para fora da casa, deixando-nos a todos num estado de excitação, de expectação e de assombro, que não estávamos menos anelantes, menos esbaforidos do que ele. Mas, mesmo então, não pôde resistir à sua paixão epistolar, porque, enquanto estávamos ainda no paroxismo da nossa excitação, da nossa expectação e do nosso assombro, trouxeram-me o seguinte bilhete, que ele me acabava de escrever, de um café da vizinhança:

Muito segredo e confidencial.

Meu caro senhor.

Rogo-lhe que tenha a fineza de transmitir a sua excelente tia todas as minhas desculpas pela agitação que deixei mostrar perante ela. A erupção de um vulcão há muito tempo reprimido, seguiu uma luta interior que eu não saberia descrever. Adivinhá-la-ão.

Espero tê-lo feito compreender, todavia, que de hoje a oito dias conto consigo, no café de Canterbury, lá, aonde noutro tempo tivemos a honra, *Mistress* Micawber e eu, de unir as nossas vozes à sua para repetirmos os famosos acordes do imortal empregado aduaneiro criado e educado na outra margem do Tweed.

Uma vez cumprido este dever e este acto de reparação, o único que possa restituir-me a coragem de encarar o meu próximo de frente, desaparecerei para sempre e não pedirei senão que me deponham nesse lugar de asilo universal

*Onde dormem para sempre em seu jazigo igual*
*Os mortos ancestrais deste humilde local*

com esta simples inscrição:

WILKINS MICAWBER

## Capítulo L — Realiza-se o sonho de *Mister* Peggotty

No entanto, iam decorridos alguns meses depois da nossa entrevista com Marta, à beira do Tamisa. Não a tornei a ver depois, porém ela havia tido várias comunicações com *Mister* Peggotty. O seu zelo fora sem resultado e eu não via, no que ele me dizia, nada que nos pusesse na pista do destino de Emília. Confesso que começava a desesperar de a encontrar e que dia a dia ia mais firmemente acreditando que ela estava morta.

Para ele, a sua convicção continuava a ser a mesma, tanto quanto eu podia acreditar e o seu coração aberto nada tinha de oculto para mim. Nunca titubeou um momento, nunca foi abalado na sua certeza solene de acabar por a descobrir. Era infatigável a sua paciência, e, quando por vezes eu tremia à ideia do seu desespero se um dia essa certeza positiva recebia um golpe funesto, não podia todavia impedir-me de estimar e de respeitar todos os dias, cada vez mais, essa fé tão sólida, tão religiosa, que tinha origem num coração puro e elevado.

Ele não era daqueles que se deixam adormecer numa esperança e numa confiança ociosas. Toda a sua vida fora de acção e de energia. Sabia que em todas as coisas era preciso desempenhar fielmente o seu papel e não descansar noutrem. Vi-o partir de noite, a pé, para Yarmouth, receoso de que se esquecessem de acender a luz que devia iluminar o barco. Vi-o, se por acaso lia num jornal qualquer coisa que pudesse relacionar-se com Emília, pegar do cajado e empreender uma nova caminhada de trinta ou quarenta léguas. Quando eu lhe contei o que soubera por intermédio de *miss* Dartle, partiu para Nápoles por mar. Todas essas viagens eram muito penosas, pois economizava o mais que podia por amor de Emília. Mas nunca lhe ouvi uma queixa, nunca o ouvi confessar que estivesse fatigado ou desanimado.

Dora tinha-o visto muitas vezes depois do nosso casamento e queria-lhe muito. Ainda o estou a ver de pé junto do canapé aonde ela descansa; está com o boné na mão; minha mulher-criança ergue para cie os seus grandes olhos azuis, com uma espécie de espanto tímido. Muitas vezes, à tarde, quando tinha de me falar, levava-o até ao jardim, para ele fumar uma cachimbada; conversávamos passeando e recordava-me então da sua habitação abandonada e de tudo quanto eu gostara nesse velho barco, que apresentava a meus olhos de criança um espectáculo tão estupendo à noite, quando o fogo ardia alegremente e o vento gemia em volta de nós.

Uma noite disse-me ele que, na véspera, tinha encontrado Marta ao pé de sua casa e que ela lhe pedira que não saísse de Londres, em caso algum, até que

tornasse a procurá-lo.

— E não lhe disse porquê?

— Perguntei-lho, mestre Davy — respondeu-me ele — porém ela fala muito pouco e logo que lhe prometi que faria o que me pedia, desapareceu.

— Disse-lhe quando voltaria?

— Não, mestre Davy — continuou *Mister* Peggotty, passando a mão pelo rosto com ar grave. — Perguntei-lho, porém respondeu-me que não mo podia dizer.

Há muito tempo que eu tinha resolvido não animar esperanças que se atinham apenas por um fio; não fiz, pois, reflexão alguma; ajuntei simplesmente que, sem dúvida, a tornaria a ver dentro de pouco tempo. Calei comigo todas as suposições, sem ligar, de resto, grande importância às palavras de Marta.

Quinze dias depois, passeava eu só, uma tarde, pelo jardim. Lembra-me perfeitamente essa tarde. Foi no dia seguinte à visita de *Mister* Micawber. Tinha chovido todo o santo dia, o ar estava húmido, as folhas pareciam pesadas nos ramos carregados de chuva, o céu estava ainda carrancudo, mas os pássaros recomeçavam a cantar alegremente. À medida que o crepúsculo ia aumentando, os pássaros foram-se calando uns após outros; tudo estava silencioso em redor; nem um sopro de vento agitava as árvores; só se ouvia o ruído das pingas de chuva, que caíam lentamente dos ramos verdes, enquanto eu passeava de cá para lá pelo jardim.

Havia, encostado à nossa casa, uma espécie de caramanchão de hera, ao longo de uma ramada, donde se descobria a estrada. Eu lançava os olhos para esse lado, pensando sempre numa infinidade de coisas, quando reparei em alguém que fazia menção de me chamar.

— Marta! — disse eu adiantando-me.

— Pode vir comigo? — perguntou-me ela com voz emocionada. — Fui a casa dele e não o encontrei. Escrevi num pedaço de papel o lugar aonde ele devia vir ter connosco e pousei o endereço em cima da mesa. Disseram-me que não tardaria a regressar. Tenho novidades a dar-lhe. Pode vir agora?

Respondi-lhe abrindo a grade para a seguir. Ela fez-me um sinal com a mão, como para prescrever paciência e silêncio e tomou o caminho de Londres; pela poeira que a cobria, via-se que tinha vindo a pé, a toda a pressa.

Perguntei-lhe se íamos a Londres. Fez-me sinal que sim. Tomei um carro que passava e seguimos nele os dois. Quando a interroguei aonde era preciso ir, respondeu-me: «Para o lado de Golden Square! E depressa! Depressa!» Depois encafuou-se a um canto, escondendo a cara com uma mão trémula e pediu-me de novo que guardasse silêncio, como se não pudesse suportar o som de uma voz.

Eu estava perturbado, sentia-me dividido entre a esperança e o receio; fitava-a

para obter qualquer explicação; mas, evidentemente, ela queria permanecer calada e eu não estava disposto absolutamente a quebrar o silêncio. íamos avançando sem trocarmos uma palavra. Por vezes, Marta olhava pela portinhola, como se achasse que íamos muito vagarosamente, conquanto em verdade o carro fosse a bom passo, mas continuava a calar-se.

Apeámo-nos à esquina do *square* que ela indicara; disse ao cocheiro que esperasse, pensando que talvez tivéssemos necessidade dos seus serviços. Ela tomou-me o braço e arrastou-me rapidamente para uma dessas ruas escuras que serviam antigamente de residência a famílias nobres, mas onde agora se alugam, separadamente, quartos a um preço módico. Entrou numa dessas grandes casas, e, largando-me o braço, fez-me sinal para que a seguisse pela escada, que servia numerosos inquilinos e que despejava toda uma população de locatários na rua.

A casa estava cheia de gente. Enquanto subíamos a escada, as portas abriam-se à nossa passagem; outras pessoas cruzavam por nós a cada momento. Antes de entrarmos, eu tinha visto mulheres e crianças que espreitavam às janelas, por entre vasos de flores; tínhamos provavelmente excitado a sua curiosidade, porque eram as mesmas que vinham abrir as portas para nos verem passar. A escada era larga e comprida, com um corrimão maciço de madeira de talha; por cima das portas viam-se cornijas ornamentadas com flores e frutas; as janelas tinham grandes vãos. Mas todos esses restos de grandeza decaída estavam em ruínas; o tempo, a humidade e a podridão tinham atacado o soalho, que estremecia sob os nossos passos. Havia-se tentado fazer correr um pouco de sangue novo nesse corpo gasto peia idade; em diversos lugares, as lindas esculturas tinham sido reparadas com materiais mais grosseiros, mas era como o consórcio de um velho nobre arruinado com uma filha do povo: as duas partes pareciam não poder resolver-se a essa união mal combinada. Tinham-se tapado diversas janelas da escada. As que permaneciam abertas não tinham quase vidros nenhuns, e, através dos forros carunchosos que pareciam aspirar o mau ar sem nunca o expelirem, eu via outras casas no mesmo estado e mergulhava a vista num pátio acanhado e lôbrego, que parecia o depósito do lixo do velho solar.

Subimos quase até ao alto da casa. Duas ou três vezes julguei entrever na sombra as pregas de um vestido de mulher; alguém caminhava adiante de nós. Chegávamos ao último andar, quando eu vi essa pessoa parar defronte de uma porta, depois dar volta à chave e entrar.

— O que quer isto dizer? — murmurou Marta. — Então entra no meu quarto uma mulher que eu não conheço!

*Eu* conhecia-a. Com grande surpresa minha, tinha visto as feições de *miss* Dartle.

Fiz compreender em poucas palavras a Marta que era uma dama que eu tinha

visto antigamente e mal havia acabado de lhe dar esta explicação, quando lhe ouvimos a voz no quarto, mas, colocados como estávamos, não podíamos compreender o que ela dizia. Marta olhou para mim atónita, mas guiou-me até ao patamar do andar em que morava e aí, empurrando uma pequena porta sem fechadura, achámo-nos num sótão vazio, quase do tamanho de um armário. Havia entre esse cubículo e o quarto dela uma porta de comunicação entreaberta, muito perto da qual nos colocámos. Tínhamos andado tão depressa, que eu mal podia respirar; ela pousou docemente a mão nos meus lábios. Eu podia ver um canto de uma sala bastante espaçosa, em que se encontrava uma cama; nas paredes viam-se algumas más litografias de embarcações. Eu não via *miss* Dartle, nem a pessoa a quem ela se dirigia. A minha companheira devia vê-las ainda menos do que eu.

Durante um momento, reinou um profundo silêncio. Marta continuava a pôr-me a mão na boca e levantava a outra, inclinando-se para ouvir.

— Pouco me importa que ela aqui não esteja — disse Rosa Dartle com altivez. — Não a conheço. É a si a quem venho procurar.

— A mim? — respondeu uma doce voz.

Ao som dessa voz, o meu coração estremeceu. Era a voz de Emília.

— Sim — respondeu *miss* Dartle — vim cá para olhar bem para si. Pois quê? Não tem vergonha nessa cara que tanto mal tem causado?

O ódio implacável e resoluto que lhe animava a voz, a fria amargura e a raiva represada do seu tom tornavam-me *miss* Dartle tão presente como se a tivesse defronte de mim. Eu estava vendo, sem os ver, esses olhos pretos que chispavam relâmpagos, esse rosto desfigurado peia cólera; estava vendo a cicatriz esbranquiçada, que lhe atravessava os lábios, tremer e agitar-se, enquanto falava.

— Venho ver — continuou ela — a que fez virar a cabeça a James Steerforth; a rapariga que fugiu com ele e que faz tagarelar toda a gente da sua terra; a audaciosa, a velhaca, a pérfida amante de James Steerforth! Quero saber com quem se parece semelhante criatura!

Ouviu-se ruído, como se a desgraçada mulher que ela enchia de insultos tivesse tentado fugir-lhe. *Miss* Dartle impediu-lhe a passagem. Depois prosseguiu, com os dentes cerrados e batendo o pé:

— Deixe-se estar aí! Senão desmascaro-a diante de todos os inquilinos desta casa e desta rua! Se tenta fugir-me, agarro-a, ainda que tenha de ser pelos cabelos e que tenha de levantar contra si as próprias pedras destas paredes!

Um murmúrio de medo foi a única resposta que até mim chegou; depois seguiu-se novo momento de silêncio. Eu não sabia que fazer. Desejava ardentemente pôr um termo a essa entrevista, mas não tinha o direito de me apresentar; era só a *Mister* Peggotty a quem competia vê-la e reclamá-la.

Quando é que ele chegaria?

— Assim — disse Rosa Dartle com um riso de desprezo — até que enfim a vejo! Nunca seria capaz de acreditar que ele se deixasse seduzir por essa falsa modéstia e por esses ares estudados!

— Oh! Em nome do céu, poupe-me! — exclamou Emília. — Quem quer que seja, sabe a minha triste história; pelo amor de Deus, deixe-me, se quer que se compadeçam de si!

— Se quero que se compadeçam de mim! — respondeu a *miss* num tom feroz. — E o que é que há-de comum entre *nós*, diga-me?

— O nosso sexo! — disse Emília coberta de lágrimas.

— E é um laço tão forte quando é invocado por uma criatura tão infame que, se eu pudesse ter no coração outra coisa que não fosse desprezo e ódio por si, a cólera far-me-ia esquecer que é uma mulher. O nosso sexo! Uma bela honra para o nosso sexo!

— Mereço bem essa arguição — exclamou Emília —, mas é horroroso! Oh! Minha senhora, minha querida senhora, pense em tudo quanto eu tenho sofrido e nas circunstâncias da minha queda! Oh! Marta, volte depressa! Oh! Quando tornarei a encontrar o abrigo do lar doméstico!

*Miss* Dartle sentou-se numa cadeira que eu via da porta; tinha os olhos fitos no soalho, como se a Emília se lhe houvesse rojado aos pés. Eu podia ver-lhe agora os lábios delgados e comprimidos e os seus olhos cruelmente fixos num só ponto, na embriaguez do triunfo.

— Ouça o que eu lhe vou dizer — continuou ela — e guarde toda a sua astúcia para aqueles a quem tenciona lograr. Não me emocionará de modo algum com as suas lágrimas, como não poderá seduzir-me com os seus sorrisos, beleza venal!

— Oh! Tenha piedade de mim! — repetia Emília. — Mostre-me alguma compaixão, senão endoideço!

— Seria apenas um fraco castigo dos seus crimes! — tornou Rosa Dartle. — Sabe o que fez? Atreve-se ainda a invocar esse lar doméstico que desolou?

— Oh! — exclamou Emília — não se passou um dia nem uma noite que eu não pensasse nisso — (e eu vi-a cair de joelhos, a cabeça tombada para trás, o rosto pálido voltado para o céu, as mãos erguidas com angústia, os compridos cabelos flutuando-lhe pelas espáduas) — não se passou um único instante que eu não tivesse essa querida casa presente aos meus olhos, como nos dias antigos, quando para sempre a deixei! Oh! Meu tio, meu querido tio, se pudesse saber que dor me havia de causar a recordação pungente da sua ternura, quando me afastei do bom caminho, não me teria testemunhado tanto amor; teria, uma vez ao menos, falado duramente a Emília e isso ter-lhe-ia servido de consolação.

Mas não, neste mundo não tenho consolação, todos têm sido muito bons para mim!

Deixou-se cair com o rosto em terra, esforçando-se por tocar a fímbria do vestido do tirano fêmea que se conservava imóvel diante dela.

Rosa Dartle olhava para ela friamente; uma estátua de bronze não seria mais inflexível. Apertava fortemente os lábios, como se fosse forçada a conter-se para não calcar aos pés a encantadora criatura que tão humildemente se prostrava diante dela; via-a distintamente: parecia precisar de toda a sua energia para se conter. Quando é que chegaria *Mister* Peggotty?

— Ora vejam a ridícula vaidade destes vermes da terra! — disse ela quando acalmou um pouco o furor que a impedia de falar. — A *sua* casa, o *seu* lar doméstico! E pensa, porventura, que eu dou a essa gente a honra de pensar nisso ou de acreditar que tivesse podido fazer a um semelhante tugúrio algum prejuízo que não se possa largamente pagar com dinheiro? A sua família! Mas o que era para ela senão um objecto de negócio, como tudo o mais, qualquer coisa a comprar ou a vender!?

— Oh! Não! — exclamou Emília. — Diga de mim o que lhe parecer, mas não faça recair a minha vergonha (ai de mim! Já bastante pesa em cima deles!) sobre pessoas que são tão dignas de respeito como a senhora! Se é verdadeiramente uma senhora, honre-as ao menos, já que não se compadece de mim!

— Eu falo — continuou *miss* Dartle, sem se dignar ouvir esse apelo e afastava o vestido, como se Emília o houvesse manchado com tocar-lhe — falo da casa *dele*, a casa em que eu moro. Ora aqui está — prosseguiu ela com um riso de desdém e olhando para a pobre vítima com um ar sarcástico — aqui está uma bela causa de divisão entre uma mãe e um filho! Aqui está a que lançou o desespero numa casa aonde não a quereriam nem para lavar a louça! Foi esta que ali levou a cólera, as censuras, as recriminações. Vil criatura, que foram apanhar à beira de água para se divertirem numa hora e repeli-la depois com a ponta do pé para o lodo donde saía!

— Não! Não! — exclamou Emília, juntando as mãos. — A primeira vez que ele se encontrou no meu caminho (ah! Permitisse Deus que ele não me houvesse encontrado senão no dia em que me levassem a enterrar!) eu tinha sido educada em princípios tão severos e tão virtuosos como a senhora, ou como qualquer outra mulher; eu ia casar com o melhor dos homens. Se vive perto dele, se o conhece, sabe talvez que influência ele podia exercer numa pobre rapariga, fraca e inútil como eu. Não me defendo, mas o que sei e o que ele também sabe, pelo menos o que ele saberá, à hora da sua morte, quando a sua alma se perturbar, é que usou de todo o seu poder para me enganar e que eu, eu cria nele, eu confiava nele, eu amava-o!

Rosa Dartle saltou na cadeira, recuou um passo para lhe bater, com uma tal expressão de ruindade e de raiva que estive a ponto de me lançar no meio delas. A pancada, mal dirigida, perdeu-se no ar. Ela ficou de pé, trémula de furor, toda anelante dos pés até à cabeça, como uma verdadeira fúria; não, eu nunca tinha visto, nunca mais poderei tornar a ver uma raiva semelhante.

— Pois ama-o? Ama-o? — gritou ela, cerrando o punho, como se quisesse apertar uma arma para ferir com ela o objecto do seu ódio.

Eu já não via Emília. Não ouvi a mínima resposta.

— E diz-me isso a mim — acrescentou ela — com essa boca depravada? Ah! Como eu desejaria que se açoitassem estas desprezíveis! Sim! Se isso só dependesse de mim, mandá-las-ia açoitar até que morressem!

E tê-lo-ia feito, estou certo disso. Enquanto durou esse olhar de Némesis, eu não quereria confiar-lhe um instrumento de tortura. Depois, pouco a pouco, pôs-se a rir, mas um riso sofreado, indicando com o dedo Emília como um objecto de vergonha e de ignomínia diante de Deus e diante dos homens.

— Ela ama-o! — prosseguiu *miss* Dartle —, a infame! E desejaria fazer-me acreditar que ele nunca se importou com ela! Ah! Ah! Como mentem estas mulheres venais!

O seu escárnio excedia ainda a sua raiva em crueldade; era mais atroz que tudo: só se desencadeava por momentos e com risco de lhe fazer rebentar o peito, aonde recalcava a sua raiva para melhor torturar a pobre vítima.

— Eu vim até aqui, como lhe dizia há pouco, ó puro manancial do amor! Para ver com quem se podia parecer. Estava cheia de curiosidade. Agora estou satisfeita! Queria também aconselhá-la a regressar quanto antes a sua casa, a ir esconder-se no meio desses excelentes parentes que a esperam e que o seu dinheiro consolará, de resto. Quando gastar tudo, muito bem, bastar-lhe-á procurar qualquer substituto para acreditar nele, confiar nele e amá-lo... Julgava vir encontrar aqui um brinquedo quebrado que tinha passado de moda, uma jóia de pechisbeque descorada pelo uso e atirada para uma valeta. Mas já que, em vez disso, encontro uma pérola fina, uma senhora, pois quê!, uma pobre inocente a quem enganaram, com um coração ainda muito viçoso, cheio de amor e de virtude, porque em verdade tem esse ar e representa bem a comédia, ainda tenho mais alguma coisa a dizer-lhe. Ouça-me e fique sabendo que o que lhe vou dizer cumpri-lo-ei; está-me ouvindo, linda fada? O que digo, faço-o!

Não pode reprimir o seu furor; mas foi coisa de um momento, um simples espasmo que deu imediatamente jogar a um sorriso.

— Esconda-se; se não for na sua antiga habitação, que seja noutra parte; esconda-se bem longe. Vá viver na obscuridade, ou melhor ainda, vá morrer em qualquer canto. Espanto-me de que não tenha ainda encontrado um meio de

acalmar esse terno coração que não quer despedaçar-se. E, todavia, esses meios existem: não são difíceis de encontrar, parece-me.

Interrompeu-se um momento enquanto Emília soluçava; ela ouvia-a chorar, como se fosse para ela uma arrebatadora melodia.

— Eu sou talvez singularmente feita — replicou Rosa Dartle —, mas não posso respirar livremente o mesmo ar, acho-o corrompido. Ê preciso, pois, que eu o purifique, que o purgue da sua presença. Se ainda aqui estiver amanhã, a sua história e o seu comportamento serão conhecidos de quantos habitam nesta casa. Dizem-me que há aqui mulheres honestas; é pena que elas não possam apreciar um tesouro assim. Se, uma vez saída daqui, voltar a procurar um refúgio nesta cidade, em qualquer outra qualidade que a de mulher perdida (tranquilize-se, desta vez, que eu não a impedirei), virei prestar-lhe o mesmo serviço, por toda a parte para onde for. E estou certa de me sair bem, com a ajuda de um certo sujeito que pretendeu a sua mão, não há muito tempo.

E Peggotty não regressaria nunca, nunca! Quanto tempo seria preciso suportar isto? Quanto tempo podia eu estar seguro de me conter ainda?

— Oh, meu Deus! — exclamava a desditosa Emília, num tom que teria emocionado o coração mais empedernido.

Rosa Dartle sorria sempre.

— Que quer, pois, que eu faça?

— O que quero que faça! — prosseguiu Rosa. — Mas pode viver feliz com as suas recordações. Pode passar a sua vida a lembrar-se da ternura de James Steerforth; ele queria casá-la com o criado, não é verdade? Muito bem, pode então pensar com reconhecimento no homem honrado que desejava aceitar o oferecimento do seu patrão. Pode ainda, se todos estes doces pensamentos, se a recordação das suas virtudes e da honrosa posição que lhe adquiriram, não bastarem para lhe encher o seu coração, pode casar com esse excelente homem e aproveitar-se da sua condescendência. Se não é bastante para a satisfazer, então morra! Não faltam por aí vielas, nem monturos de lixo muito bons para se morrer quando há desgostos destes! Vá procurar um, para de lá se evolar até ao céu!

Ouvi passos. Estava bem certo de que era ele. Louvado seja Deus!

Ela aproximou-se lentamente da porta e desapareceu a meus olhos.

— Olhe se se recorda — acrescentou numa voz lenta e dura — que estou bem decidida, por certas razões de mim conhecidas e pelos ódios que me são pessoais, a persegui-la por toda a parte, a menos que não fuja para longe ou que arranque essa linda mascarazinha de inocência que quer afivelar. Era isto que eu tinha a dizer-lhe e o que digo, faço-o.

Os passos aproximavam-se, vinha gente; alguém entrou, precipitou-se no

quarto.

— Meu tio!

Um grito terrível seguiu-se a estas palavras. Esperei um momento antes de entrar e vi-o apertando nos braços a sobrinha desmaiada. Contemplou um instante o seu rosto, depois baixou-se para a beijar, oh!, com que ternura! E pôs suavemente um lenço na cabeça de Emília.

— Mestre Davy — disse ele em voz baixa e trémula, quando cobriu o rosto da pequena — abençoado seja o nosso pai celeste, o meu sonho realizou-se. Dou-lhe graças de todo o meu coração por me ter, segundo o seu bom desejo, restituído a minha filha.

Depois ergueu-a nos braços, enquanto que ela continuava com a face velada, de cabeça inclinada para o peito e, unindo à sua face as faces pálidas e frias da sobrinha querida, levou-a ao colo lentamente até ao fundo da escada.

## Capítulo LI — Preparativos de uma mais longa viagem

No dia seguinte de manhã, muito cedo, andava eu passeando no jardim com minha tia (que nunca passeava por outra parte, porque fazia quase sempre companhia à minha querida Dora), quando vieram dizer-me que *Mister* Peggotty me desejava falar. Entrou no jardim no momento em que eu ia ao seu encontro e adiantou-se para nós, de cabeça descoberta, como sempre fazia quando via minha tia, por quem tinha um profundo respeito. Ela sabia tudo quanto ocorrera na véspera. Sem dizer palavra, ela aproximou-se-lhe com um ar cordial, deu-lhe um aperto de mão e bateu-lhe afectuosamente no braço. E deu a isso tanta expressão, que qualquer palavra teria sido supérflua. *Mister* Peggotty compreendera-a perfeitamente.

— Agora, Trot — disse minha tia — vou até lá cima, para ver a Florzinha que não deve tardar a levantar-se.

— Espero que não seja por minha causa que a senhora se retira — disse *Mister* Peggotty. — E, todavia, se o meu espírito não se invadiu esta manhã... ele queria dizer evadiu... receio bem que não seja por minha causa que a senhora nos deixe agora.

— Os senhores têm qualquer coisa a dizerem-se, meu amigo — volveu minha tia —; ficarão mais à vontade sem mim.

— Mas, minha senhora — respondeu *Mister* Peggotty — se quisesse ter a bondade de se deixar estar... a menos que a minha tagarelice não a enfastie...

— Palavra? — disse minha tia, num tom afectuoso e breve a um tempo. — Nesse caso, fico.

Tomou o braço de *Mister* Peggotty e conduziu-o até uma pequena sala de verdura que se encontrava ao fundo do jardim; sentou-se num banco e eu coloquei-me ao lado dela. *Mister* Peggotty ficou de pé, com a mão apoiada na mesa de cortiça. Estava imóvel, de olhos fixos no seu boné e eu não podia deixar de observar o vigor de carácter e de resolução que traía a contracção das suas mãos nervosas, tanto em harmonia com a sua fronte honesta e leal e os seus cabelos pardos.

— Levei ontem à noite a minha querida filha — disse ele erguendo os olhos para nós — para o alojamento que há bastante tempo preparara para a receber. Decorreram horas antes dela me reconhecer e depois veio ajoelhar-se-me aos pés, como para rezar a sua oração e em seguida contou-me tudo quanto lhe tinha acontecido. Podem crer como o meu coração se afligiu ao ouvir a sua voz chorosa, essa voz que eu ouvia tão alegre lá por casa e vendo-a humilhada no pó

em que o Nosso Salvador escrevia outrora, com a sua bendita mão, palavras de misericórdia. Eu tinha o coração bem torturado no meio de todos esses testemunhos de reconhecimento.

Passou a manga pelos olhos, sem procurar dissimular a sua comoção; depois prosseguiu numa voz mais firme: «Mas isso não durou muito, porque a tinha encontrado. Não pensei mais senão nela e bem depressa esqueci o resto. Não sei mesmo porque lhes falo agora deste momento de tristeza. Não contava dizer-lhes uma palavra, ainda há um minuto, mas isso veio-me tão naturalmente, que não pude deixar de o fazer.

— O senhor é um nobre coração — disse-lhe minha tia — e um dia há-de receber a justa recompensa que merece.

A ramaria assombrava o rosto de *Mister* Peggotty; ele inclinou-se com ar surpreendido, como para lhe agradecer de ter tão boa opinião dele por tão pouca coisa, depois continuou com um movimento de cólera passageira:

— Quando a minha Emília fugiu da casa aonde estava retida prisioneira por um lacrau que mestre Davy conhece muito bem (o que ele me contou era a expressão da verdade, oxalá que Deus castigue o traidor!), era quase noite; as estrelas brilhavam no céu. Ela estava como doida. Corria pela praia fora, julgando encontrar o nosso velho barco e na sua alucinação gritava que tapássemos o rosto, porque ia passar. Julgava ela, nos seus gritos de dor, ouvir chorar uma outra pessoa e martirizava os pés correndo por cima das pedras e dos penedos, porém não dava fé de nada como se ela própria fosse um bloco de granito. Quanto mais corria, tanto mais sentia a cabeça a arder e cada vez mais ouvia grandes zumbidos nos ouvidos. De repente, pelo menos, julgou-o assim, o dia amanheceu húmido e tempestuoso e achou-se deitada num monte de pedras; uma mulher falava-lhe na língua do país e perguntava-lhe o que lhe tinha acontecido.

*Mister* Peggotty parecia estar a ver tudo quanto ia contando. Essa cena estava-lhe por tal forma presente, que, na sua emoção, descrevia cada particularidade com uma nitidez que eu não saberia reconstituir. Hoje, parece-me que assisto a todos esses acontecimentos, tanta aparência de realidade tinham as narrativas de *Mister* Peggotty.

— Pouco a pouco — continuou ele — Emília reconheceu essa mulher por lhe ter falado algumas vezes na praia. Emília tinha feito por várias vezes grandes excursões, a pé, ou de barco, ou de carro e conhecia toda a região, pela costa fora. Essa mulher era casada de fresco e ainda não tinha filho algum, mas não tardava a esperá-lo. Deus permita que esse filho seja para ela um amparo, uma consolação, uma honra em toda a sua vida. Que a ame e que a respeite na sua velhice, que a sirva fielmente até ao fim; que seja para ela um anjo, na terra e no

céu!

— Ámen — disse minha tia.

— Das primeiras vezes, ela tinha ficado um pouco intimidada e quando Emília falava às crianças na praia, ela ficava a fiar, sem se aproximar. Mas Emília, que tinha reparado nela, fora de moto próprio falar-lhe e como essa mulher também gostava muito de crianças, bem depressa se tornaram amigas; de tal forma que, quando Emília ia para esse lado, a mulher dava-lhe sempre flores. Era ela a que estava nesse momento perguntando à Emília o que lhe tinha acontecido. Emília disse-lho e ela... levou-a para casa. Sim, palavra, levou-a para casa — disse Peggotty — cobrindo o rosto com ambas as mãos.

Ele estava comovido com este acto de bondade como nunca o vira emocionar-se desde o dia em que sua sobrinha o tinha deixado. Minha tia e eu, não procuramos distrai-lo.

— Era uma pequena choupana, compreendem — disse ele logo a seguir —; porém ela achou meio de lá alojar a Emília; seu marido andava no mar. Ela guardou segredo e obteve dos vizinhos (que não eram numerosos) a promessa de também serem discretos. Emília adoeceu e o que muito me espanta, talvez pessoas mais sabedoras o compreendam melhor do que eu, é que perdeu toda a lembrança da língua do país; não se recordava senão da sua própria língua e ninguém a entendia. Lembra-se como num sonho que estava deitada nessa pequena choupana, falando sempre a sua própria língua e sempre convencida de que o velho barco estava muito perto dali, na baía; suplicava que nos viessem dizer que ia morrer e que nos suplicassem que lhe enviássemos uma palavra, uma só palavra de perdão. Afigurava-se-lhe a cada instante que o indivíduo de que já falei a esperava debaixo da janela para a levar, ou então que o seu sedutor se encontrava no quarto e ela gritava para a mulherzinha que a recolhera que não a deixasse agarrar; mas, ao mesmo tempo sabia que não a compreendiam e receava sempre que alguém entrasse para a levar. A cabeça ardia-lhe como fogo, sons estranhos retumbavam-lhe aos ouvidos, não conhecia nem hoje, nem ontem, nem amanhã e, portanto, tudo o que se tinha passado ou que deveria passar-se na sua vida, tudo o que nunca se havia realizado nem podia jamais realizar-se, vinha-lhe em turbilhão ao espírito; e, no meio dessa perturbação aflitiva, ria e cantava! Não sei quanto tempo isso durou; mas um dia adormeceu. Em vez de se encontrar dez vezes mais forte do que era, como durante a febre, despertou fraca como uma criancinha.

Parou nesta altura; sentia-se aliviado de não ter de contar mais essa terrível doença. Depois de um momento de silêncio, prosseguiu:

— Quando despertou, era um dia bonito e o mar estava tão sossegado que apenas se ouvia o ruído das ondas azuis quebrando-se suavemente na praia. A

princípio ela julgou que fosse domingo e que estava em nossa casa; mas as folhas de uma videira que lhe entravam pela janela dentro e as colinas que se viam no horizonte fizeram-lhe ver bem que não estava em nossa casa e que se enganava. Então a sua amiga aproximou-se-lhe da cama; e, ela compreendeu que não estava ali perto o velho barco, na extremidade da baía, mas sim muito longe; e não se recordou aonde é que estava e porque. Então pôs-se a chorar no seio dessa boa mulherzinha, no mesmo seio aonde agora achega de si o filhinho, espero, alegrando a vista ao ver os seus lindos olhinhos».

Por mais que fizesse, não podia falar da amiga da sua Emília sem se cobrir de lágrimas. Pôs-se a chorar de novo murmurando: «Deus a abençoe!»

— Isso fez bem à Emília — disse ele com uma emoção que eu não podia deixar de partilhar; quanto a minha tia, chorava a bom chorar. — Isso fez bem à minha Emília e ela começou a restabelecer-se. Mas esquecera-se da linguagem do país e estava reduzida a falar por sinais. Todavia, pouco a pouco, pôs-se a tornar a aprender o nome das coisas usuais como se nunca as tivesse sabido; mas, uma tarde que ela estava à janela, a ver brincar uma pequenita na praia, essa criança estendeu-lhe a mão dizendo: «Filha de pescador, toma uma concha!» É preciso que saibam que nos princípios chamavam à minha sobrinha: «minha linda senhora», como é costume do país e que ela lhes tinha ensinado a chamar: «Filha de pescador». De repente a criança exclama: «Filha de pescador, toma uma concha!» Emília compreendera-a e responde-lhe, derramando lágrimas; desde esse dia lembrou-se outra vez da língua do país.

— Quando Emília recuperou um pouco as forças — continuou *Mister* Peggotty depois de um curto momento de silêncio — decidiu-se a despedir-se dessa excelente criatura e a regressar ao seu país. O marido tinha voltado do mar e ambos a acompanharam a Leorne, aonde ela embarcou num navio mercante que devia conduzi-la a França. Tinha algum dinheiro, porém eles não quiseram aceitar nada em paga do que por ela tinham feito. Isto consola-me, visto que eram tão pobrezinhos! O que eles fizeram está em depósito lá aonde os vermes nem a ferrugem podem roer e aonde os ladrões nada podem roubar. Mestre Davy, esse tesouro vale mais que todos os tesouros do mundo! Emília chegou a França e arrumou-se num hotel, para servir as senhoras que viajavam. Mas eis que um dia aparece esse lacrau. Que ele nunca se aproxime de mim, não sei o que seria capaz de lhe fazer! Logo que ela o descobriu (ele não a tinha visto), sobreveio-lhe o seu antigo terror e fugiu para longe desse homem. Veio para Inglaterra e desembarcou em Dover. Não sei bem — continuava *Mister* Peggotty — quando foi que lhe começou a faltar a coragem; mas enquanto se vinha aproximando pensava em vir ter connosco. Logo que chegou a Inglaterra, dirigiu os seus passos para a sua antiga morada. Mas, ou porque receasse que não lhe

perdoassem e que a apontassem a dedo; ou porque tivesse receio de que algum de nós tivesse morrido, não pôde ir mais longe. «Meu tio, meu tio», disse-me ela, «o que eu mais receava no mundo era não me sentir digna de realizar o que o meu pobre coração desejava e portanto não cessava de pedir a Deus que me permitisse arrastar-me até ao limiar da sua porta, beijá-lo e lá repousar a minha cabeça culpada, para aí me encontrarem morta no dia seguinte de manhã». Foi para Londres — prosseguiu *Mister* Peggotty numa voz murmurante perturbada pela emoção. — Ela que nunca tinha visto Londres, para lá foi sozinha, sem um *penny*, nova e encantadora como é, avaliem! Mal tinha chegado quando no seu isolamento julgou ter encontrado uma amiga; uma mulher de ar respeitável ofereceu-lhe trabalho de costura, como antigamente fazia, propôs-lhe um alojamento aonde passasse a noite, prometendo-lhe procurar informar-se no dia seguinte de mim e de tudo o mais que lhe interessasse. A minha filha — continuou ele com um reconhecimento tão profundo que o corpo lhe tremia todo — a minha filha estava à beira de um abismo, nem me atrevo a falar nem a pensar nisso, quando Marta, fiel à sua promessa, apareceu a salvá-la.

Eu não pude conter um grito de alegria.

— Mestre Davy! — prosseguiu ele, apertando o meu braço na sua robusta mão. — Foi o senhor quem me falou dela; bem haja, senhor! Ela foi até ao fim. Sabia por uma amarga experiência aonde é que era preciso estar vigilante e o que tinha que fazer. E fê-lo, bendita seja ela e Nosso Senhor acima de todos! Correu pálida e trémula a chamar Emília, enquanto ela dormia. Disse-lhe: «Levante-se, fuja de um perigo pior do que a morte e venha comigo!» As pessoas a quem a casa pertencia não a queriam deixar, mas o mesmo seria que tentar deter as ondas do mar. «Retirem-se!», disse-lhes ela, «eu sou um fantasma que vem arrancá-la ao sepulcro aberto diante dela!» Disse à Emília que tinha estado comigo e que sabia que eu lhe perdoava e que a amava. Ajudou-a a vestir-se a toda a pressa, depois deu-lhe o braço e levou-a, enfraquecida e vacilante. Não ouvia o que lhe diziam, como se não tivesse ouvidos. Passou através de todas essas pessoas levando agarrada a minha filha, só cuidando nela e assim a tirou, sã e salva, no meio da noite, do fundo desse abismo de perdição! Cuidou da minha Emília — continuou ele, com a mão pousada sobre o coração, que pulsava com muita intensidade —, fatigou-se a cuidar dela e a correr por causa dela, por um e por outro lado, até ao dia seguinte à tarde. Depois foi procurar-me e ao senhor também, mestre Davy. Ela não disse à Emília aonde é que ia, com receio de que lhe faltasse a coragem e que lhe ocorresse a ideia de se esconder de nós. Não sei como essa ruim dama soube aonde ela estava. Talvez o indivíduo, em quem já falei de mais, as visse entrar, ou, antes, talvez o soubesse da própria mulher que quisera perdê-la. Mas, que importa! O caso é que encontrei a minha

sobrinha! Toda a noite — continuou *Mister* Peggotty — estivemos juntos, Emília e eu. Ela não me disse grandes coisas, no meio das suas lágrimas; mal pude ver o querido rosto daquela que cresceu debaixo do meu tecto. Mas, toda a noite senti os seus braços em volta do meu pescoço; a sua cabeça descansou no meu ombro e sabemos agora que podemos confiar um no outro e para sempre!

Cessou de falar e deixou cair a mão em cima da mesa, com uma energia capaz de domar um leão.

— Quando em tempos tomei a resolução de ser madrinha de sua irmã, Trot — disse minha tia —, de Betsy Trotwood que, entre parêntesis, falhou, não pode imaginar a felicidade que eu tinha arquitectado. Mas, depois disso, nada no mundo me teria sido mais aprazível do que ser madrinha de uma criança dessa boa pequena!

*Mister* Peggotty fez um sinal de assentimento, mas não ousou pronunciar de novo o nome daquela que minha tia elogiava. Todos nós guardávamos silêncio, absorvidos nas nossas reflexões (minha tia enxugava os olhos, chorava, ria, zombava da sua própria fraqueza). Enfim aventurei-me a perguntar:

— Tomou alguma resolução para futuro, meu bom amigo? Desejava sabê-lo.

— Sim, mestre Davy — respondeu ele — e já o disse à Emília. Há grandes países, longe daqui. A nossa vida futura há-de passar-se para além dos mares!

— Vão emigrar todos, minha tia, ouve-o!

— Sim! — disse *Mister* Peggotty, com um sorriso cheio de esperança. — Na Austrália ninguém terá de que arguir a minha filha. Recomeçaremos lá uma vida nova.

Perguntei-lhe se já sabia em que época partiriam.

— Estive esta manhã na alfândega, senhor Davy — respondeu-me ele — para me informar acerca dos navios a partir. Dentro de seis semanas ou dois meses sairá um veleiro. Já estive a bordo dele, é aquele aonde havemos de embarcar.

— Sós? — perguntei.

— Sim, mestre Davy! — respondeu ele. — Minha irmã, como sabe, quer-lhe muito ao senhor e à sua família; não vê nada de mais belo do que o seu país natal; não seria justo deixá-la partir. De resto, mestre Davy, ela tem de cuidar de alguém que é preciso não esquecer.

— Pobre Ham! — exclamei.

— A minha boa irmã toma conta do que é dele e ele tem muita amizade por ela — acrescentou ele, para pôr minha tia bem ao corrente. — Falará talvez com ela muito tranquilamente, quando não poderia abrir-se com outros. Pobre rapaz! — acentuou *Mister* Peggotty meneando a cabeça —, resta-lhe tão pouco, que se lhe deve ao menos deixar-lhe o que tem!

— E *Mistress* Gummidge? — perguntei.

— Ah! — respondeu *Mister* Peggotty, com um ar embaraçado, que não tardou a dissipar-se, à medida que falava — *Mistress* Gummidge tem-me dado bastante que pensar. Olhe, quando *Mistress* Gummidge começar a ver tudo negro e a pensar no seu defunto, não é o que se chama uma companhia muito agradável. Aqui para nós, mestre David e para a senhora, quando *Mistress* Gummidge se põe a lacrimejar, aqueles que não conheceram o defunto acham-na rabugenta. Eu que o conheci — acrescentou ele — e que sei tudo quanto ele valia, posso compreendê-la; mas não sucede o mesmo com os outros, vejam, é muito natural!

Fizemos um sinal de aprovação.

— Minha irmã — prosseguiu *Mister* Peggotty — poderia muito bem achar por vezes *Mistress* Gummidge muito aborrecida. Não tenho, pois, tenção de deixar *Mistress* Gummidge em casa dela; hei-de arranjar-lhe um lugar em que ela há-de poder passar menos mal. E, para isso, conto deixar-lhe uma pequena pensão que possa pô-la à vontade. É a melhor das mulheres! Mas na idade dela não se pode esperar que essa boa velhota, que já de si é triste e solitária, se aventure a embarcar para ir até ao deserto, para o meio das florestas de um país quase selvagem. Eis o que conto fazer dela.

Não esquecia ninguém. Pensava nas necessidades e na felicidade de todos, excepto na sua.

— A Emília ficará comigo — continuou. — Pobre criança! Precisa tanto de repouso e de tranquilidade até ao momento da nossa partida! Irá preparando o enxoval de viagem e espero que uma vez ao pé do seu velho tio, que tanto a ama, apesar da sua rudeza de maneiras, acabará por esquecer o tempo em que foi infeliz.

Minha tia confirmou essa esperança com um sinal de cabeça, o que causou a *Mister* Peggotty uma viva satisfação.

— Há ainda uma coisa, mestre David — tornou ele, metendo a mão no bolso do colete, para dele tirar gravemente o pacotezinho de papéis que eu já tinha visto e que desdobrou em cima da mesa. — Estão aqui estas notas de banco: uma de cinquenta libras e outra de dez. Quero ajuntar-lhes o dinheiro que ela gastou na viagem. Perguntei-lhe quanto foi, sem lhe dizer para que e fiz a soma; mas não sou forte em aritmética. Quer ter a bondade de conferir se está bem?

Estendeu-me um bocado de papel e seguiu-me com os olhos enquanto eu ia conferindo a adição. Estava perfeitamente exacta.

— Obrigado, senhor — disse-me, apossando-se do papel. — Se não vê nisso inconveniente, mestre Davy, meterei esta importância num sobrescrito, antes de me ir embora, dirigido a *ele* e o todo dentro de outro sobrescrito dirigido à mãe, a quem eu direi somente do que se trata; e, quando eu partir, não haverá medo de mo devolverem.

Achei que tinha razão, perfeitamente razão.

— Disse que havia ainda uma coisa — continuou ele com um grave sorriso, metendo o pacotezinho no bolso —, mas são duas. Esta manhã ainda não sabia bem se devia eu próprio anunciar a Ham a nossa grande felicidade. Acabei por escrever uma carta, que deitei ao correio, a dizer a todos quanto se tinha passado; e amanhã irei desabafar o resto que tenho no coração, e, provavelmente, dizer adeus a Yarmouth!

— Quer que vá consigo? — disse-lhe, vendo que ele ainda tinha qualquer coisa a pedir-me.

— Se quisesse fazer-me esse favor, mestre Davy — respondeu ele. — Eu sei que lhe há-de fazer muito bem vê-lo ao senhor.

A minha Dorinha sentia-se melhor e mostrava um grande desejo de que eu fosse com *Mister* Peggotty; prometi-lhe, pois, que o acompanharia. E no dia seguinte, pela manhã, estávamos na diligência de Yarmouth, para percorrermos ainda uma vez esse país, que eu conhecia tão bem.

Enquanto atravessávamos a rua que me era familiar (*Mister* Peggotty quisera a toda a força encarregar-se de levar a minha maleta), lancei um olhar para a loja de Omer & Joram e lá descobri o meu velho amigo *Mister* Omer a fumar uma cachimbada. Eu preferia não assistir à primeira entrevista de *Mister* Peggotty com a irmã e com Ham; *Mister* Omer serviu-me de pretexto para ficar para trás.

— Como é que vai *Mister* Omer? Há bastante tempo que o não vejo! — disse eu entrando.

Ele tirou o cachimbo da boca para melhor olhar para mim e, com grande alegria, reconheceu-me logo.

— Deveria levantar-me, senhor, para lhe agradecer a honra que me confere — disse ele —, mas as pernas não me deixam e ando rodado nesta cadeira. De resto, a não ser as pernas e a respiração, que é um pouco curta, passo menos mal, graças a Deus!

Felicitei-o pelo seu ar de contentamento e pelas suas boas disposições. Reparei então que ele estava numa cadeira de rodas.

— É muito engenhoso, pois não é? — perguntou-me ele, seguindo a direcção do meu olhar e passando a manga sobre o caju para lhe dar lustro. — É leve como uma pena e segura como uma diligência. A minha pequena Minnie, minha neta, sabe?, a filha de Minnie, não tem mais que empurrar levemente pelas costas a cadeira e ei-la aí vai a rodar o mais alegremente possível. E depois, sabe?, é uma excelente cadeira para se fumar uma cachimbada...

Eu nunca vi assim um bom velhote como *Mister* Omer, sempre pronto a ver as coisas pelo melhor lado e a sentir-se satisfeito. Tinha o ar radiante, como se a sua cadeira, a sua asma e as suas pernas doentes fossem as diversas engrenagens de

uma grande invenção destinada a completar os prazeres de uma cachimbada.

— Asseguro-lhe que recebo muita gente nesta cadeira: muita mais do que dantes — prosseguiu *Mister* Omer. — O senhor ficaria surpreendido da quantidade de gente que aqui entra para cavaquear. Palavra que sim! E então, depois que me sirvo deste cadeira, o jornal até parece que tem dez vezes mais que ler. Leio enormemente. É isto que me reconforta, veja. Se eu tivesse perdido a vista, que teria sido de mim? Mas as pernas, isso que é que tem? Elas não me serviam senão para me tornar a respiração ainda mais curta... E agora, quando tenho de sair à rua ou quero dar uma volta pela praia, é só chamar Dick, o mais novo dos aprendizes de Joram e ala! Lá vou na minha equipagem, como o lord-mayor de Londres.

E ria a bandeiras despregadas.

— O bom Deus o abençoe! — disse *Mister* Omer, retomando o cachimbo. — É preciso saber aguentar o gordo e o magro de que este mundo está lardeado. Joram vai muito bem com a sua vida.

— Folgo imenso com essa boa novidade.

— Eu bem o sabia — prosseguiu *Mister* Omer. — E Joram e Minnie são como dois rolinhos. O que é que se pode pedir mais? Que vêm a ser as *pernas* comparadas com isto?

O seu soberano desprezo pelas pernas parecia-me uma das coisas mais cómicas que tenho visto.

— E depois que desatei a ler, o senhor desatou a escrever! — disse *Mister* Omer, examinando-me com um ar de admiração. — Que obra tão encantadora a que o senhor produziu! Que narrativas tão interessantes! Não me falhou uma linha. E quanto a ter sono, oh! Nem pensar nisso!

Exprimi a minha satisfação rindo, mas confesso que essa associação de ideias me pareceu significativa.

— Dou-lhe a minha palavra de honra, senhor — disse *Mister* Omer — que quando pouso esse livro em cima da mesa e que lhe olho para a lombada, três lindos volumes compactos, um, dois, três, orgulho-me de pensar que tive antigamente a honra de conhecer a sua família. Já lá vai há bastante tempo, vamos! Era em Blunderstone. Havia lá um menino deitado junto de outra pessoa. O senhor próprio não era lá muito crescido... O que são as coisas! O que são as coisas!

Mudei de assunto de conversação, para falar de Emília. Depois de certificado *Mister* Omer de que eu não tinha dúvidas sobre a bondade e interesse com que ele a havia sempre tratado, contei-lhe por junto como o tio a encontrara, coadjuvado por Marta; eu estava certo de que isso agradaria ao velhote. Ele escutou-me com a maior atenção e depois disse-me num tom emocionado:

— Folgo muito com isso, senhor! Há que tempos que eu não sabia tão boas novidades! Ah! Meu Deus, meu Deus! E o que é que vão fazer por essa pobre Marta?

— O senhor veio tocar numa questão que me preocupa desde ontem, *Mister* Omer, mas acerca da qual ainda não posso dar-lhe nenhuma informação. *Mister* Peggotty não me falou nisso e eu não me atrevi a interrogá-lo. Mas estou certo de que não foi esquecida. Ele não esquece nunca as pessoas que mostram, como ela, uma bondade desinteressada.

— Porque, vejam — disse *Mister* Omer, retomando a sua frase aonde a deixara — quando se fizer alguma coisa por ela, eu desejo associar-me. Inscreva o meu nome com a quantia que julgar conveniente e digne-se avisar-me. Eu nunca pude acreditar que essa pobre rapariga fosse tão viciosa como se dizia e rejubilo por saber que tinha razão. Minha filha Minnie há-de também ficar contente. As mulheres novas dizem muitas vezes coisas que não pensam, para nos contrariar. A mãe era tal qual como ela; mas com tudo isso os corações são bons e ternos; se Minnie engrossa a voz quando fala de Marta, não é senão por causa do mundo. Isso para quê? Não sei nada; mas no fundo, acredite que não o sente. Pelo contrário, ela faria tudo para lhe prestar serviços às escondidas. Assim, inscreva o meu nome, peço-lhe, para o que julgar conveniente e escreva-me uma linha para me dizer aonde é que devo dirigir-lhe a minha oferta. Ah! — continuou *Mister* Omer —, quando se chega a esta época da vida, em que os dois extremos se tocam, quando um homem se vê forçado, por mais robusto que seja, a fazer-se rodar pela segunda vez numa espécie de carrinho, é-se muito feliz em prestar serviço a alguém. A gente precisa tanto dos outros! Não falo de mim; somente lhe digo, senhor — prosseguiu *Mister* Omer — que havemos de descer todos a colina, seja qual for a idade que tenhamos; o tempo não permanece nunca imóvel. Façamos, pois, bem aos outros, ainda que não seja senão para nos tornar felizes a nós próprios. A minha opinião é esta.

Sacudiu a cinza do cachimbo, que pousou a um canto das costas da cadeira, adaptado para esse uso.

— Olhe o primo de Emília, aquele com quem ela devia casar — tornou *Mister* Omer, esfregando vagarosamente as mãos —, é um bom rapaz, como não há outro em todo o Yarmouth! Vem por aí, às tardes, conversar comigo, ou ler-me qualquer coisa durante uma hora. É muita bondade, estou certo, mas toda a sua vida não passa da mais perfeita bondade.

— Vou vê-lo agora — disse-lhe eu.

— Ah! Sim? — disse *Mister* Omer. — Diga-lhe que passo bem e que lhe apresento os meus respeitos. Minnie e Joram foram a um baile; estimariam vê-lo, tanto como eu, se estivessem em casa. Minnie quase nunca sai, por causa de seu

pai, como ela diz; assim, esta tarde, eu tinha-lhe jurado que, se ela não fosse ao baile, deitar-me-ia às seis horas; e ela foi ao baile com Joram!

*Mister* Omer sacudia a sua cadeira de braços, muito alegre por ter sido bem sucedido na sua astúcia inocente.

Apertei-lhe as mãos dando-lhe as boas noites.

— Ainda um meio minuto, senhor — disse *Mister* Omer. — Se fosse embora sem ver o meu elefantezinho, o senhor perderia o mais encantador de todos os espectáculos. O senhor nunca viu nada de parecido!... Minnie!

Ouviu-se uma vozinha melodiosa que respondia do andar superior: «Estou aqui, avô!» E uma linda pequenita, de compridos caracóis louros, chegou num instante, a correr.

— Aqui está o meu elefantezinho, senhor! — disse-me *Mister* Omer beijando a criança. — Puro sangue de Sião, senhor. Vamos, elefantezinho!

O elefantezinho abriu a porta da sala, que se tinha transformado num quarto de dormir para *Mister* Omer, porque lhe custava a subir; depois encostou a sua linda fronte e deixou cair os seus compridos cabelos de encontro às costas da cadeira de *Mister* Omer.

— Os elefantes, quando se dirigem para um objecto, o senhor sabe que vão de cabeça baixa — disse-me *Mister* Omer, piscando-me o olho. — Elefantezinho, uma, duas, três!

A este sinal, o elefantezinho fez virar a cadeira de *Mister* Omer, com uma destreza maravilhosa num tal animalzinho e fê-la entrar na sala de visitas, sem esbarrar na porta, enquanto que *Mister* Omer olhava para mim com uma alegria indizível, à vista desta evolução, como se ficasse muito glorioso em terminar por essa difícil habilidade os sucessos da sua vida passada.

Depois de ter passeado pela cidade, fui ter a casa de Ham. Peggotty morava com ele; alugara a sua choupana ao sucessor de *Mister* Barkis, que lhe comprara o grosso da freguesia, a carroça e o cavalo. Creio que era sempre o mesmo cavalicoque pacífico do tempo de *Mister* Barkis.

Encontrei-os numa pequena cozinha muito bem arranjada, em companhia de *Mistress* Gummidge, que *Mister* Peggotty tinha levado do velho barco. Duvido que outro qualquer pudesse decidi-la a abandonar o seu posto. Evidentemente tinha-lhes dito tudo. Peggotty e *Mistress* Gummidge enxugavam os olhos com os seus aventais. Ham saíra para dar uma volta pela praia. Daí a pouco regressou e ficou contente por me ver; espero que a minha visita lhe fizesse bem. Falámos o mais alegremente que nos foi possível, da fortuna que ia tentar *Mister* Peggotty no seu novo país e das maravilhas que nos descreveria nas suas cartas. Não falámos no nome de Emília, mas por mais de uma vez aludimos a ela. Ham tinha a atitude mais serena do que ninguém.

Mas disse-me Peggotty, quando me fez subir para um pequeno quarto, em que me esperava o livro dos crocodilos em cima da mesa, que Ham era sempre o mesmo: estava certa de que ele tinha o coração despedaçado (disse-me isto a chorar); mas era um rapaz cheio de coragem e de bondade e trabalhava com mais actividade e destreza do que todos os construtores de barcos do porto. Às vezes, à tarde, relembrava a sua vida passada a bordo do velho barco; e então falava de Emília, quando ela era pequenita; mas nunca falava dela quando mulher.

Julguei ler no rosto do pobre rapaz que tinha vontade de conversar comigo. Resolvi, pois, encontrar-me no seu caminho no dia seguinte, à tarde, quando ele regressasse do trabalho; depois deitei-me.

Nessa noite, pela primeira vez há muito tempo, apagou-se a luz que brilhara sempre na janela do velho barco e *Mister* Peggotty deitou-se na sua velha rede, ao som do vento que gemia, como dantes, em volta de si.

No dia seguinte ocupou-se a dispor a sua barca de pesca e todas as suas redes; a acondicionar e a dirigir para Londres, em carroças, os móveis que podiam servir-lhe em casa; e a dar a *Mistress* Gummidge aquilo que imaginava não lhe servir. Ela não saiu de ao pé dele em todo o dia. Eu tinha um triste desejo de tornar a ver esse lugar aonde havia antigamente vivido, antes que o abandonassem. Combinei, pois, com eles ir buscá-los à tarde, mas arranjei as coisas de modo a estar antes com Ham.

Como eu sabia aonde ele trabalhava, era-me fácil encontrá-lo no caminho. Fui esperá-lo a um sítio retirado da praia, aonde sabia que ele havia de atravessar e acompanhei-o, para que tivesse tempo de me falar, se realmente estava com esse desejo. Não me havia enganado com a expressão do seu rosto; ainda não tínhamos dado vinte passos, quando ele me disse, sem erguer para mim os olhos:

— Mestre Davy, viu-a?

— Somente um instante, enquanto ela estava desmaiada — respondi afectuosamente.

Caminhámos mais um bocado em silêncio e ele voltou a dizer:

— E torná-la-á a ver, senhor David?

— Isso há-de talvez custar-lhe muito.

— Já pensei nisso — respondeu ele. — É provável, senhor, é provável.

— Mas, Ham — disse-lhe brandamente — se quiser que eu lhe escreva qualquer coisa do seu mando, no caso de não poder dizer-lho verbalmente; se tiver qualquer coisa a comunicar-lhe por meu intermédio, eu guardarei essa confidência como um depósito sagrado.

— Disso estou eu certo! O senhor é sempre bom, agradeço-lhe! Creio que há qualquer coisa que eu desejava mandar-lhe dizer ou mandar-lhe escrever.

— E o que vem a ser?

Demos mais alguns passos e ele prosseguiu:

— Não se trata de dizer que lhe perdoo, isso não valeria a pena; mas sim que lhe peço que me perdoe por lhe ter quase imposto o meu afecto. Digo muitas vezes de mim para mim, senhor, que se ela não me tivesse prometido casar comigo, teria tido bastante confiança em mim, em razão da nossa amizade, para me vir contar a luta que o seu coração sofria e dirigir-se pelos meus conselhos; talvez que eu a tivesse salvado!

Apertei-lhe a mão.

— É tudo?

— Há ainda qualquer coisa; — disse ele — se eu puder ao menos dizer-lha, mestre David!

Andámos ainda um pedaço de caminho sem que ele abrisse a boca; enfim falou. Não chorava; quando parava nos lugares aonde o leitor há-de ver reticências, apenas se recolhia para mais claramente se explicar.

— Eu amava-a muito... e a sua memória...é-me muito querida... para que eu possa tentar fazer-lhe crer que sou feliz. Eu não poderia ser feliz... senão esquecendo-a e receio bem não poder suportar que se lhe prometa outro tanto pela minha parte; mas, se *Mister* Davy, que é tão sabedor, pudesse encontrar qualquer coisa que lhe dissesse para lhe fazer crer que não tenho sofrido muito, que a amo sempre e que a lastimo; se pudesse fazer-lhe crer que não estou cansado de viver, que, pelo contrário, espero vê-la um dia, sem recriminações, lá aonde os maus cessam de perturbar os bons e aonde se encontra o descanso das nossas penas... Se pudesse dizer-lhe qualquer coisa que aliviasse o seu desgosto, sem todavia lhe fazer crer que eu me casarei um dia, ou que qualquer outra me servirá, pedir-lhe-ia que tivesse a bondade de lho dizer... e ainda que rezo por ela... por ela que tão querida me é.

Apertei outra vez intensamente a mão de Ham entre as minhas e prometi-lhe desempenhar-me o melhor possível do seu pedido.

— Agradeço-lhe, senhor — respondeu ele —; já foi muita bondade vir ao meu encontro; já foi também muita bondade acompanhar meu tio até aqui, mestre Davy; compreendo bem que não o tornarei mais a ver, conquanto minha tia deva ir vê-los ainda a Londres e despedir-se deles antes de partirem. Estou decidido a isto; não o dizemos uns aos outros, mas é certo e assim é melhor. A última vez que estiver com ele, no último momento, quer ter a bondade de lhe apresentar todos os meus agradecimentos, toda a respeitosa afeição do órfão para o qual ele foi mais que um pai?

Assim lho prometi.

— Agradeço de novo, senhor — disse ele, apertando-me cordialmente a mão —, sei aonde é que vai. Adeus.

Fez-me um pequeno sinal com a mão, como para me explicar que não podia voltar a esse lugar que noutro tempo amara, depois afastou-se. Vi-o lançar os olhos para uma faixa de luz argêntea, sobre as ondas e ir andando a olhar sempre para ela, até ao momento em que se esfumou numa sombra ao longe.

A porta do velho barco estava aberta quando me aproximei, vi que dentro já não havia móveis, a não ser um velho baú sobre o qual estava sentada *Mistress* Gummidge, com um cesto no colo. Ela olhava para *Mister* Peggotty, que tinha o cotovelo fincado na chaminé e parecia examinar as cinzas avermelhadas de um fogo meio extinto; mas, ao sentir-me, ergueu a cabeça com um ar sereno e disse-me:

— Ah! Cá o temos, mestre Davy; vem dizer adeus à nossa velha casa, como prometeu. Está bastante vazia, não está?

— O senhor tem aproveitado bem o seu tempo — disse-lhe.

— É verdade, senhor, temos trabalhado bem; *Mistress* Gummidge tem trabalhado como um... não sei verdadeiramente como o que tem trabalhado *Mistress* Gummidge — disse *Mister* Peggotty olhando para ela, sem ter podido encontrar comparação bastante lisonjeira.

*Mistress* Gummidge sempre encostada ao seu cesto, não fez reflexão alguma.

— Aqui está o baú em que o senhor se sentava noutros tempos ao lado de Emília — disse *Mister* Peggotty em voz baixa —; vou levá-lo comigo. E cá está o seu antigo quarto, mestre Davy, está tão nu quanto pode estar.

O vento soprava brandamente, como um gemido solene, que envolvia essa habitação meio deserta numa atmosfera cheia de tristeza. Tudo tinha sido levado, até o espelhinho com moldura de nácar. Pensei no tempo em que, pela primeira vez, ali me deitei, quando tamanha mudança se efectuara em casa de minha mãe. Pensei na pequena de olhos azuis que me tinha encantado. Pensei em Steerforth, e, de súbito, senti-me tomado de um louco receio de que ele não andasse por perto e que não fôssemos encontrá-lo de um momento para o outro.

— Há-de levar seu tempo que este barco seja habitado de novo — disse baixinho Peggotty. — É olhado agora como um lugar de maldição.

— Pertence a alguém cá da terra? — perguntei.

— A um construtor de mastros de Yarmouth — disse *Mister* Peggotty. — Conto levar-lhe a chave esta noite.

Entrámos no outro quarto, depois fomos ter com *Mistress* Gummidge, que continuava sempre sentada no baú. *Mister* Peggotty pousou o castiçal em cima do fogão e pediu à boa mulher que se levantasse para ele trazer o baú para fora, antes de apagar a veia.

— Daniel — disse *Mistress* Gummidge largando de repente o cesto para se agarrar ao braço de *Mister* Peggotty — meu caro Daniel, eis as minhas últimas

palavras, ao retirar-me desta casa: é que não quero separar-me de si. Não pense em deixar-me por cá, Daniel. Oh! Não faça nada disso!

*Mister* Peggotty, surpreendido, olhou para *Mistress* Gummidge e depois para mim, como se saísse de um sonho.

— Não faça nada disso, meu bom Daniel, suplico-lhe — gritou *Mistress* Gummidge no tom mais emocionado. — Leve-me consigo, Daniel, leve-me consigo e com a Emília! Serei sua criada, sua constante e fiel criada. Se houver escravos no país para onde vai, serei sua escrava e ficarei bem contente, mas não me abandone agora, Daniel, suplico-lhe.

— Minha querida amiga — disse *Mister* Peggotty meneando a cabeça — a senhora não sabe como a viagem é longa e como a vida vai ser rude!

— Sim, Daniel, bem sei! Adivinho-o! — exclamou *Mistress* Gummidge. — Mas repito-lhe, eis as minhas últimas palavras antes da nossa separação: é que, se me deixa por cá ficar, quero tornar a entrar para esta casa e aí morrer. Sei cavar, Daniel; sei trabalhar; sei o que é a fadiga. Serei boa e paciente, Daniel, mais do que pode imaginar. Quer simplesmente experimentar? Não receberei nunca um *penny* dessa pensão, Daniel Peggotty, não; ainda mesmo que estivesse a morrer de fome; mas se quiser levar-me, irei consigo e com Emília até ao cabo do mundo. Eu bem sei o que se passa; sei que acredita que sou aborrecida e resmungona; mas meu querido amigo, isto já não é como dantes, eu não fiquei para aqui sozinha sem lucrar qualquer coisa a pensar em todos os seus desgostos. Mestre Davy, fale-lhe a meu favor! Eu conheço-lhe os hábitos e os de Emília; conheço também os seus desgostos, poderei consolá-los algumas vezes e trabalharei sempre para eles. Daniel, meu querido Daniel, leve-me na sua companhia!

*Mistress* Gummidge pegou-lhe na mão e beijou-a com uma emoção e uma ternura que ele merecia bem.

Transportámos o baú para fora, apagaram-se as luzes; fechou-se a porta e deixou-se o velho barco, que ficou para ali como um ponto negro no meio de um céu carregado de borrascas. No dia seguinte voltávamos a Londres na imperial da diligência; *Mistress* Gummidge ia instalada dentro com o seu cesto e dava-se por bem feliz.

## Capítulo LII — Assisto a uma explosão

Quando chegámos à véspera do dia para o qual *Mister* Micawber nos marcara uma tão misteriosa entrevista, consultamo-nos, minha tia e eu, a fim de sabermos o que tínhamos a fazer, porque minha tia não tinha nenhuma vontade de sair de junto de Dora. Ai de mim! Quão fácil me era agora levar Dora ao colo!

Estávamos dispostos, a despeito do desejo manifestado por *Mister* Micawber, a decidir que minha tia ficaria em casa; e *Mister* Dick e eu encarregar-nos-íamos de representar a família. Era mesmo uma coisa combinada, quando Dora veio desarranjar tudo, declarando que nunca se perdoaria a si própria e que nem o perdoaria ao mau do seu maridinho, se minha tia não fosse connosco a Canterbury.

— Não falarei para si — disse ela a minha tia sacudindo os caracóis — serei desagradável, farei ladrar Jip todo o dia contra si. Se a senhora não for, direi que é uma velha resmungona!

— Ora essa! — disse minha tia rindo. — A Florzinha sabe que não pode passar sem mim!

— Posso, sim, posso! — disse Dora. — A senhora não me serve para nada! A senhora nunca me vem ver ao meu quarto, em todo o santo dia; a senhora nunca se vem sentar ao pé de mim, para me contar porque é que o meu Dody tinha os sapatos todos rotos e porque é que estava coberto de pó, pobre homenzinho! A senhora nunca faz nada para me dar gosto, há de confessar!

E Dora apressou-se a beijar minha tia, dizendo:

— Não, não, sou eu que me estou a rir! — como se tivesse medo de que minha tia acreditasse que estava a falar a sério. — Mas, minha tia — prosseguiu em tom de mimo — faça favor de me ouvir: é preciso ir lá e atormentá-la-ei enquanto não me disser que sim e tornarei esse mau rapaz horrivelmente desgraçado se ele não a levar lá. Serei insuportável e Jip também! Não lhe deixarei um momento de trégua, para a fazer arrepender de não ter ido. Mas esperem lá — disse ela, atirando para trás os seus compridos cabelos e olhando para minha tia e para mim com um ar interrogador — e porque é que não querem ir ambos? Eu não estou assim tão doente, pois não é verdade?

— Ora, ora! Que pergunta! — exclamou minha tia.

— Que ideia! — disse eu.

— Sim, eu bem sei que sou uma tolinha! — disse Dora fitando-nos um após outro, depois estendeu a sua linda boca para nos beijar. — Pois bem, então é preciso que vão lá ambos, ou então não os acredito e far-me-ão chorar.

Vi pelo rosto de minha tia que ela começava a ceder e Dora expandiu-se vendo-o também.

— Depois hão-de ter tantas coisas para me contar, que me serão precisos pelo menos oito dias para ouvir e compreender; — disse Dora — porque eu não hei-de compreender logo de seguida, se forem negócios, como é muito provável. E depois, se houver somas a fazer, não darei conta de mim e este mau rapaz estará todo o tempo de ar contrariado. Vamos, irão, pois não é assim? Não estarão ausentes senão uma noite e Jip ficará a tomar conta de mim durante esse tempo. David levar-me-á para o quarto antes de saírem e só de lá sairei quando regressarem; levarão também a Inês uma carta de censura; quero ralhar-lhe por não nos ter vindo ver.

Decidimos, sem mais contestações, que partiríamos ambos e que Dora era uma astuciosazinha que se divertia a fingir de doente para se fazer tratar. Ela estava encantada e de muito bom humor; nessa noite seguimos na mala-posta de Canterbury, minha tia, *Mister* Dick, Traddles e eu.

Encontrei uma carta de *Mister* Micawber no hotel em que nos pedira que o esperássemos e que bastante trabalho nos deu para nos abrir a porta a meio da noite; escrevia-me que nos viria ver no dia seguinte de manhã, às nove horas e meia precisas. Depois do que, fomos, a tiritar, deitar-nos, a essa hora incómoda, passando, para chegarmos às respectivas camas, através de estreitos corredores que se diriam, pelo cheiro, curtidos numa solução de sopa e esterco.

No dia seguinte de manhã cedo, dei uma volta pelas ruas pacíficas dessa antiga cidade; e passeei à sombra de venerandos claustros e de igrejas. Os corvos continuavam a pairar sobre as torres da catedral e as próprias torres, que dominam toda a rica região de em torno cheia de rios graciosos, pareciam fender o ar da manhã, serenas e pacíficas, como se nada tivesse mudado na terra. E, todavia, os sinos, ressoando aos meus ouvidos, recordavam-me bem que tudo muda neste mundo: recordavam-me a sua própria velhice e a mocidade da minha encantadora Dora; contavam-me a vida de quantos tinham passado por ali perto para amar e depois para morrer, enquanto o seu som ia bater na armadura ferrugenta do príncipe Negro na catedral, para ir perder-se após, espaços em fora, como um círculo que se forma e desaparece na superfície das águas.

Lancei um olhar para a velha casa que formava a esquina da rua, mas fiquei distante dela: talvez, se me tivessem visto, involuntariamente prejudicasse a causa que vinha servir. O sol da manhã doirava com seus raios o telhado e as janelas dessa habitação e o meu coração ressentia qualquer coisa da paz que outrora tinha conhecido.

Dei uma volta pelos arredores durante uma ou duas horas e depois regressei pela rua principal, que começava a ter movimento. Numa loja que se abria, vi o

meu antigo inimigo, o carniceiro, que embalava um pequenito e parecia ter-se tornado um membro muito pacífico da sociedade.

Pusemo-nos a almoçar; a impaciência começava a invadir-nos. Eram quase nove horas e meia, esperávamos *Mister* Micawber com extrema agitação. Afinal, levantámo-nos do almoço; só *Mister* Dick é que tinha comido com bom apetite. Minha tia pôs-se a passear de cá para lá na sala, Traddles sentou-se no canapé, com o pretexto de ler um jornal, que estudava, de olhos no tecto e eu pus-me à janela, para avisar os meus companheiros, mal avistasse *Mister* Micawber. Não tive que esperar muito: davam nove horas e meia quando o vi surgir na rua.

— Ele aí vem! — exclamei eu —, e não traz o fato preto!

Minha tia atou as fitas do chapéu (que tinha tirado enquanto almoçava) e pôs o xaile, como se se aprestasse para qualquer acontecimento que demandasse toda a sua energia. Traddles abotoou o casacão com um ar determinado. *Mister* Dick não compreendia nada destes preparativos terríveis, mas julgando necessário imitá-los, enterrou o chapéu pela cabeça abaixo, com todas as suas forças e depois tirou-o imediatamente, para dar os bons dias a *Mister* Micawber.

— Meus senhores e minha senhora — disse *Mister* Micawber — bons dias! Meu caro senhor — disse ele a *Mister* Micawber, que lhe tinha dado um vigoroso aperto de mão — o senhor é muito bondoso!

— Já almoçou? — disse *Mister* Dick. — Quer uma costeleta?

— Por nada no mundo, meu caro senhor! — exclamou *Mister* Micawber, impedindo-o de tocar a campainha. — Há muito tempo, senhor Dixon, que o apetite e eu andamos desavindos.

*Mister* Dixon ficou tão encantado com o seu novo nome, que deu a *Mister* Micawber um novo aperto de mão, rindo como uma criança.

— Dick — disse-lhe minha tia — atenção!

*Mister* Dick corou e ficou muito direito.

— Agora, senhor — disse minha tia a *Mister* Micawber, ao mesmo tempo que calçava as luvas — estamos prontos a partir para o Vesúvio ou para outra qualquer parte que seja da sua vontade.

— Minha senhora — respondeu *Mister* Micawber — tenho esperança, efectivamente, de que não tarda a assistir a uma erupção. O senhor Traddles dá-me licença, não é verdade, de dizer que temos conferenciado ambos, o senhor e eu?

— É um facto, Copperfield — disse Traddles, para o qual eu olhava surpreendido. — *Mister* Micawber consultou-me acerca do que contava fazer e eu dei-lhe a minha opinião o melhor que pude.

— A menos que eu não esteja iludido, senhor Traddles — continuou *Mister* Micawber — o que eu tenho tenção de descobrir aqui é ou não muito

importante?

— Extremamente importante — disse Traddles.

— Talvez, em tais circunstâncias, minha senhora e meus senhores — continuou *Mister* Micawber —, hão-de dar-me a honra de se deixarem dirigir por um homem que, por indigno que seja de ser considerado outra coisa senão um frágil batei naufragado na praia da vida humana, é todavia um homem como os senhores; alguns erros individuais e uma fatal combinação de acontecimentos foram as únicas coisas que o fizeram decair da sua posição natural.

— Todos nós temos plena confiança em si, senhor Micawber — disse-lhe eu. — Faremos tudo o que lhe aprouver.

— Senhor Copperfield — prosseguiu *Mister* Micawber — a sua confiança não está mal colocada pelo momento. Peço-lhes a fineza de me deixarem ir à frente cinco minutos, pois hão-de ter a bondade de fazer uma visita a *miss* Wickfield, no escritório de *Mister's* Wickfield & Heep, aonde sou caixeiro assalariado.

Minha tia e eu olhámos para Traddles, que fazia um sinal de aprovação.

— Nada mais tenho a acrescentar — continuou *Mister* Micawber.

Depois, com grande espanto meu, fez-nos uma profunda mesura, com um ar muito cerimonioso e desapareceu. Notei que ele estava extremamente pálido.

Traddles limitou-se a sorrir, abanando a cabeça, quando olhei para ele a perguntar-lhe o que tudo isso significava: os seus cabelos estavam mais eriçados do que nunca. Puxei do relógio para esperar que o prazo dos cinco minutos expirasse. Minha tia, de relógio na mão, fazia o mesmo. Enfim, Traddles ofereceu-lhe o braço e saímos todos juntos para nos dirigirmos a casa dos Wickfield, sem trocarmos uma palavra em todo o percurso.

Encontrámos *Mister* Micawber no seu escritório do rés-do-chão, no pequeno torreão; tinha o ar de quem trabalha activamente. Tinha a régua metida por entre o colete, mas uma ponta aparecia, numa das extremidades, como um adorno de nova espécie.

Vendo que me pertencia tomar a palavra, disse muito alto:

— Como está, senhor Micawber?

— Senhor Copperfield — disse gravemente *Mister* Micawber — espero que passe bem!

— *Miss* Wickfield está em casa?

— *Mister* Wickfield encontra-se doente e de cama, senhor — disse ele —; tem uma febre reumática; mas *miss* Wickfield estimará muito, estou certo, tornar a ver amigos tão antigos. Quer entrar, senhor?

Precedeu-nos na sala de jantar; fora ali que, pela primeira vez, me tinham recebido nessa casa; depois, abrindo a porta do aposento que servia noutro tempo de escritório a *Mister* Wickfield, anunciou com uma voz retumbante:

— *Miss* Trotwood, o senhor Copperfield, o senhor Tomás Traddles e o senhor Dixon.

Eu não tinha tornado a ver Uriah Heep desde o dia em que lhe bati. Evidentemente, a nossa visita espantava-o quase tanto como nos espantava a nós. Não franziu as sobrancelhas, porque era coisa que não tinha, mas enrugou a testa de maneira a fechar quase completamente os seus olhos pequenos, enquanto que levava a mão hedionda ao queixo, com um ar de surpresa e de ansiedade. Foi apenas obra de um momento: entrevi-o a olhar por cima do ombro de minha tia. Um momento depois estava mais humilde e rastejante do que nunca.

— Ah! Certamente! — disse ele. — É este um prazer inesperado! É uma festa com que não contava, tantos amigos juntos! Senhor Copperfield, passa bem, assim o espero? E se posso humildemente exprimir-me assim, o senhor é sempre bem vindo junto dos seus antigos amigos. *Mistress* Copperfield vai melhor, espero bem, senhor? Andamos bastante inquietos com a sua saúde há um certo tempo, asseguro-lhe.

Importava-me pouco deixar-lhe agarrar a minha mão, mas como fazer?

— As coisas têm aqui mudado bastante, *miss* Trotwood, desde o tempo em que eu era apenas um humilde caixeiro e em que tomava conta do seu pónei, não é verdade? — disse Uriah com o seu sorriso mais mesquinho. — Mas eu é que não mudei, *miss* Trotwood.

— Para lhe falar francamente, senhor — disse minha tia — se isso pode ser-lhe agradável, dir-lhe-ei que o senhor realizou tudo quanto prometia na sua mocidade.

— Obrigado pela sua opinião, *miss* Trotwood — disse Uriah, com as suas costumadas contorções. — Micawber, queira avisar *miss* Inês e minha mãe... Minha mãe vai ficar muito perturbada ao ver tão brilhante companhia! — disse Uriah, oferecendo-nos cadeiras.

— Não está muito ocupado, senhor Heep? — perguntou Traddles, cujos olhos acabavam de encontrar o olhar fouveiro da raposa, que o fitava de esconso, com ar interrogador.

— Não, senhor Traddles — respondeu Uriah, retomando o seu lugar oficial e apertando uma contra a outra as duas mãos ossudas, entre dois joelhos igualmente ossudos — não tanto como era meu desejo. Mas os jurisconsultos são como os tubarões ou como as sanguessugas, o senhor sabe, não são fáceis de contentar! Não é porque *Mister* Micawber e eu não tenhamos bastante que fazer, senhor, devido a *Mister* Wickfield não poder entregar-se a trabalho algum, por assim dizer. Mas é para nós um prazer, tanto como um dever, trabalhar para *ele.* O senhor não está ligado com *Mister* Wickfield, creio, senhor Traddles? Parece-

me que não tive a honra de o ver por cá senão uma única vez?

— Não, não estou ligado com *Mister* Wickfield — respondeu Traddles —; se o estivesse, já teria tido talvez ocasião de o visitar há mais tempo, senhor Heep.

Havia no tom com que Traddles pronunciou estas palavras qualquer coisa que inquietou de novo Uriah; deitou-lhe um olhar sinistro e desconfiado. Mas tranquilizou-se vendo o rosto franco de Traddles, as suas maneiras simples, os seus cabelos eriçados e continuou, balançando-se na cadeira:

— Pois tenho pena, senhor Traddles, porque o teria apreciado como eu o aprecio. Os seus pequenos defeitos não teriam feito senão tornar-lho mais querido. Mas se quiser ouvir o elogio do meu sócio, dirija-se a Copperfield. De resto, toda a família de *Mister* Wickfield é um assunto sobre o qual a eloquência dele nunca se esgota.

Não tive tempo de declinar o cumprimento, quando estivesse disposto a fazê-lo. Inês acabava de entrar, seguida de *Mistress* Heep. Não tinha o ar tão tranquilo como de ordinário; evidentemente, tivera que suportar muita ansiedade e fadiga. Mas a sua cordialidade obsequiosa e a sua serena beleza eram ainda mais surpreendentes.

Eu vi Uriah observá-la, enquanto ela nos cumprimentava; fez-me lembrar a hediondez dos génios maus espiando uma boa fada. Depois vi *Mister* Micawber fazer um sinal a Traddles, que saiu logo.

— Não precisa de estar aqui, Micawber — disse Uriah.

Mas *Mister* Micawber continuava de pé em frente da porta, com uma mão apoiada na régua que trazia debaixo do colete. Via-se bem, a não haver equívoco, que ele não largava de olho um indivíduo e que esse indivíduo era o seu abominável patrão.

— Porque é que espera? — disse Uriah. — Micawber, não ouviu já dizer-lhe que não é preciso aqui?

— Ouvi, sim! — disse *Mister* Micawber, sempre imóvel.

— Então porque é que não se retira? — tornou Uriah.

— Porque... porque assim me convém! — respondeu *Mister* Micawber, que já não podia conter-se.

As faces de Uriah perderam toda a sua cor e cobriram-se de uma palidez mortal, fracamente iluminada pelo vermelho das suas pálpebras. Olhou atentamente para *Mister* Micawber, com uma cara ofegante.

— O senhor não passa de um pobre diabo, toda a gente o sabe bem — disse ele esforçando-se por sorrir — e tenho receio de que me obrigue a desfazer-me de si... Saia! Falar-lhe-ei daqui a pouco...

— Se há neste mundo um celerado — disse *Mister* Micawber, explodindo de repente com uma veemência inaudita —, um velhaco a quem mais odeio na

minha vida, esse patifório chama-se... Heep!

Uriah deu um salto para trás, como se fosse picado por um réptil venenoso. Passeou lentamente os seus olhares por nós todos, com o ar mais sombrio e mais mau; depois disse em voz baixa:

— Ah! Ah! É uma conspiração! Os senhores aprazaram para aqui a entrevista; ao que parece, Copperfield, quer entender-se com o meu caixeiro? Mas acautelem-se! Não levarão a melhor; conhecemo-nos bem, o senhor e eu; não gostamos nada um do outro. Desde a sua primeira visita a esta casa, o senhor foi sempre um cão sarnento; teve ciúmes da minha elevação, não é assim? Mas advirto-o, nada de conjuras contra mim, ou a minha valerá bem a sua! Micawber, retire-se, tenho a dizer-lhe duas palavras...

— Senhor Micawber — disse eu — faz-se uma estranha mudança neste patife; chegou a dizer a verdade sobre um ponto e é que se sente açulado... Trate-o como ele merece!

— Os senhores são pessoas amáveis — disse Uriah, sempre no mesmo tom, enxugando com a manápula as gotas de suor pegajoso que lhe escorriam da testa — em comprarem o meu caixeiro, a escumalha da sociedade; um homem igual ao que já foi Copperfield antes que com ele tivessem caridade; e pagaram-lhe para ele me difamar com mentiras! *Mistress* Trotwood fará bem se puser cobro a isto, ou me encarrego de mandar prender o seu marido, mais depressa do que imagina. Não foi por frioleira que tenho estudado a fundo a sua história como homem do meu *mister,* minha rica senhora! *Miss* Wickfield, em nome da afeição que consagra a seu pai, não se junte a esta cambada, se não quer que eu o arruíne... E agora, Micawber, venha cá, tenho-o nas minhas garras! Repare bem no que está fazendo, se não quer ficar esmagado! Recomendo-lhe que se retire, enquanto ainda é tempo... Mas aonde é que está minha mãe? — disse ele, parecendo notar com certo alarme a ausência de Traddles e tocando bruscamente a campainha. — Que linda cena que esta gente vem fazer a nossa casa!

— *Mistress* Heep está aqui, senhor! — disse Traddles, que reapareceu seguido da digna mãe desse digno filho. — Tomei a liberdade de me fazer conhecido dela.

— E quem é o senhor, para se fazer conhecer? — perguntou Uriah. — Que tem que vir aqui intrometer-se?

— Sou amigo e agente de *Mister* Wickfield, senhor — disse Traddles com um ar grave e calmo — e tenho no bolso os seus plenos poderes para proceder como procurador em seu nome, suceda o que suceder!

— Pois o burro velho beberia até perder o juízo — disse Uriah que se tornava cada vez mais horrendo — e subtrair-lhe-iam esse documento por meios fraudulentos?

— Sei, sim, que lhe subtraíram qualquer coisa por meios fraudulentos — contestou docemente Traddles — e o senhor sabe-o tão bem como eu, senhor Heep. Deixaremos esta questão para tratar com *Mister* Micawber, se assim o deseja.

— Uriah! — disse *Mistress* Heep num tom inquieto.

— Cale-se, minha mãe — respondeu ele — quanto menos se fala menos tolices se diz.

— Mas, meu amigo...

— Quer fazer-me o favor de se calar, minha mãe, e de me deixar falar?

Há muitíssimo tempo que eu sabia que o seu servilismo não passava de fingimento e que não havia nele senão velhacaria e falsidade; mas até ao dia em que deixou cair a máscara eu não fazia a menor ideia da extensão da sua hipocrisia. Por melhor que o conhecesse há muitos anos e o detestasse cordialmente, fiquei surpreendido da rapidez com que cessou de mentir, quando reconheceu que qualquer mentira lhe seria inútil; da maldade, da insolência e do ódio que deixou irromper, da sua alegria pensando, mesmo então, em todo o mal que tinha feito. Eu julgava saber a que ater-me a seu respeito e, todavia, foi uma revelação para mim, porque ao mesma tempo que ele afectava triunfar, estava desesperado e não sabia como sair desse mau lance.

Não falo do olhar que ele me lançou, enquanto ali estava de pé, a olhar-nos de soslaio a um por um, porque eu não ignorava que não me podia ver e recordava-me das marcas com que a minha mão lhe avergoara a cara. Mas quando os seus olhos se fixaram em Inês, tinham uma expressão de raiva que me fez tremer; via-se que sentia que ela lhe escapava; não poderia satisfazer a odiosa paixão que o fizesse esperar possuir uma mulher da qual era incapaz de apreciar todas as virtudes. Era lá possível que Inês fosse condenada, uma hora que fosse, a viver na companhia de semelhante homem!

Ele esgadanhava o queixo, depois fitava-nos com cólera, enfim, voltou-se outra vez para mim e disse-me num tom meio solene meio insolente:

— E o Copperfield que faz tanto ruído com a sua honra e com tudo o que se segue, como me explicará, senhor homem honrado, que tenha vindo espionar o que se passa em minha casa e subornar o meu caixeiro para que o pusesse ao facto dos meus negócios? Se fosse *eu* não me surpreenderia, porque não tenho a pretensão de ser um *gentleman* (se bem que não tenha vadiado pelas ruas, como fez noutros tempos, ao que conta Micawber), mas o *senhor*, isso não lhe causa medo? Não pensa em tudo quanto eu lhe poderei fazer, em paga, até mandar persegui-lo por conjura, etc., etc.? Muito bem. Nós veremos, senhor... Como *é* a sua graça? Já que queria fazer uma pergunta a Micawber, olhe, aí o tem! Porque, pois, não lhe diz que fale? Acredito que ele deve saber a lição, na ponta da

língua.

Percebeu que tudo quanto dizia não fazia efeito nenhum sobre nós, e, sentando-se na beira da mesa, meteu as mãos nos bolsos, e, de pernas cruzadas, aguardou com ar resoluto a continuação dos acontecimentos.

*Mister* Micawber, que me custara muito a sofrear e que tinha várias vezes articulado a primeira sílaba da palavra celerado!, sem que eu lhe permitisse pronunciar o resto, explodiu enfim, tirou do colete a grande régua (provavelmente destinada a servir-lhe de arma de defesa) e sacou do bolso um volumoso documento em papel ministro, dobrado em forma de oficio. Abriu esse pacote com ar dramático e contemplou-o com admiração, como se antegostasse o encanto dos seus talentos de autor, depois começou a ler o que se segue:

— Querida *miss* Trotwood. Meus senhores...

— Abençoado seja! — exclamou minha tia. — Se se tratasse de um crime capital, gastaria uma resma de papel na petição.

*Mister* Micawber não a ouviu e continuava:

— Aparecendo perante vós para vos denunciar o mais abominável patife que, ao que me parece, tenha existido — disse sem levantar os olhos do papel, mas brandindo a régua como se fosse um monstruoso cacete na direcção de Uriah Heep —, não venho pedir-vos que atenteis em mim. Vítima, desde a infância, de embaraços pecuniários de que foi impossível desenvencilhar-me, tenho sido o ludíbrio das mais tristes circunstâncias. A ignomínia, a miséria, a aflição e a loucura têm-me sido colectivamente ou sucessivamente, assíduas companheiras durante a minha dolorosa carreira.

A satisfação com que *Mister* Micawber descrevia todas as infelicidades da sua vida só poderia ser igualada à ênfase com que lia a sua carta e à homenagem que ele próprio rendia a essa pequena obra prima, meneando a cabeça cada vez que julgava ter encontrado uma expressão suficientemente enérgica.

— Um dia, sob o golpe da ignomínia, da aflição e da loucura combinadas entrei no escritório da sociedade conhecida sob o nome de Wickfield & Heep, mas na realidade dirigida por *Heep* somente. HEEP, só HEEP é a mola real desta máquina. HEEP, só HEEP é um falsário e um gatuno.

Uriah ficou azul, de pálido que estava; saltou para deitar a mão à carta e rasgá-la em bocados. Mas *Mister* Micawber com uma destreza coroada de êxito, apanhou-lhe os dedos no ar, com a régua e pôs-lhe a mão direita fora de combate. Uriah deixou cair o pulso como se lho tivessem quebrado. O ruído da pancada foi tão seco, como se batesse num pedaço de pau.

— Diabos o levem! — disse Uriah estorcendo-se de dor. — Eu me desforrarei...

— Basta que se aproxime, Heep, horror de infâmia — exclamou *Mister* Micawber — e se a sua cabeça é de um homem e não de um diabo, ponho-a em cacos. Aproxime-se, aproxime-se!

Creio que nunca vi nada de mais risível do que essa cena. *Mister* Micawber fazia o molinete com a régua, gritando «Aproxime-se! Aproxime-se!» enquanto Traddles e eu o empurrávamos para um canto, donde ele fazia esforços inimagináveis para sair.

O seu inimigo resmungava por entre dentes friccionando a mão pisada; tirou o lenço e embrulhou-a nele, depois tornou a sentar-se na mesa, de olhos baixos e ar sombrio.

Quando *Mister* Micawber se acalmou um pouco, prosseguiu na sua leitura:

— O ordenado que me decidiu a entrar ao serviço de... *Heep* — parava sempre antes de pronunciar este nome, para o articular com mais vigor — tinha sido provisoriamente fixado em vinte e dois xelins e seis *pence* por semana. O resto devia ser regulado à vista do meu trabalho no escritório, ou antes, para dizer a verdade, à vista da indignidade do meu carácter, à vista da cupidez dos meus desejos, à vista da pobreza de minha família, à vista da parecença moral, ou antes imoral, que pudesse existir entre mim e... *Heep*! Terei necessidade de dizer que não tardou que me visse obrigado a solicitar de... *Heep* socorros pecuniários para acudir a *Mistress* Micawber e à nossa desditosa família que não fazia senão crescer no meio das nossas desgraças? Terei precisão de dizer que essa necessidade tinha sido prevista por... *Heep*? E que os adiantamentos que me fazia eram garantidos por declarações conforme as leis deste país? Ser-me-á preciso acrescentar que foi assim que essa aranha pérfida me atraiu à teia que tinha tecido para minha perdição?

*Mister* Micawber estava realmente tão orgulhoso dos seus talentos epistolares, descrevendo um tão doloroso estado de coisas, que parecia ter esquecido o desgosto ou a ansiedade que outrora a realidade lhe causara. Continuava:

— Foi então que... *Heep* começou a favorecer-me com uma certa dose de confiança que lhe era necessária para que lhe coadjuvasse os seus planos infernais. Foi então que, para me servir da linguagem de Shakespeare, comecei a languescer, a definhar-me, a estiolar-me. Pedia-se-me constantemente a minha cooperação para falsificar documentos e para enganar um indivíduo que eu designarei sob o nome de *Mister* W., *Mister* W. ignorava tudo; iludiam-no de todas as maneiras sem que esse celerado de... *Heep* cessasse de testemunhar ao pobre desgraçado um reconhecimento e uma amizade sem limites. Era já bastante desprezível, mas como o observa o príncipe da Dinamarca com essa altivez de filosofia que distingue o ilustre ornamento da era de Isabel, «o resto é que é o pior».

*Mister* Micawber ficou tão encantado com esta feliz citação que sob pretexto de já não saber em que ponto ficara da leitura, releu-nos esta passagem duas vezes a seguir.

— Não tenho intenção — prosseguiu — de vos pormenorizar todas as pequenas fraudes que foram praticadas contra o indivíduo designado sob o nome de *Mister* W. e às quais prestei um tácito concurso; esta carta não poderia contê-las, mas vão expressas noutra parte. Quando cessei de discutir comigo mesmo a dolorosa alternativa em que me encontrava, de receber ou não o meu ordenado, de comer ou de morrer de fome, de viver ou de não viver, resolvi aplicar-me a descobrir e a expor todos os crimes perpetrados por... *Heep* em detrimento desse desgraçado cavalheiro. Estimulado pelo conselheiro que velava a dentro da minha consciência e por um conselheiro não menos afectuoso a que chamarei sucintamente *miss* W., procurei estabelecer, não sem esforço, uma série de investigações secretas, remontando, se me não engano, a um período de mais de doze meses.

Leu esta passagem como se fosse uma acta parlamentar e ficou singularmente encantado da majestade das expressões.

— Eis aquilo de que eu acuso... *Heep* — disse ele fitando Uriah e metendo a régua debaixo do braço esquerdo, de modo a ficar-lhe à mão em caso de necessidade.

Todos nós retínhamos a respiração, Heep, era bem de ver, mais que ninguém.

— Primeiramente — disse *Mister* Micawber — quando as faculdades de *Mister* W. se tornaram, por causas que é inútil recordar, pouco límpidas e fracas, *Heep* aplicou-se a complicar todas as transacções comerciais. Quanto mais *Mister* W.... ficava inapto para se ocupar de negócios, mais *Heep* queria constrangê-lo a ocupar-se deles. Em tais momentos fez assinar a *Mister* W. documentos de uma grande importância em vez de outros que não tinham nenhuma. Levou *Mister* W. a conferir-lhe autorização para empregar uma quantia que lhe fora confiada, pretendendo que havia a pagar encargos muito onerosos já liquidados ou que mesmo não existiam. E, ao mesmo tempo, atribuía a *Mister* W. a invenção de uma indelicadeza tão revoltante de que se serviu depois para torturar e obrigar *Mister* W. a ceder-lhe em todos os pontos.

— Há-de provar tudo isso, Copperfield! — disse Uriah, sacudindo a cabeça com ar ameaçador. — Paciência!

— Senhor Traddles, queira perguntar a... *Heep* quem é que mora na casa em que ele morou — disse *Mister* Micawber interrompendo-se na sua leitura. — Quer fazer esse favor?

— Um imbecil que ainda lá mora — disse Uriah com ar desdenhoso.

— Queira perguntar a... *Heep* se ele, por acaso, não possuiu certo livro de

memorandum nessa casa — disse *Mister* Micawber. — Quer fazer esse favor?

Eu vi Uriah cessar de repente de esgadanhar o queixo.

— Ou então, queira perguntar-lhe — disse *Mister* Micawber — se por acaso não queimou um desses livros nessa casa. Se ele disser que sim e que lhe pergunte aonde é que param as cinzas dessa agenda, queira mandá-lo dirigir-se a Wilkins Micawber e ele o cientificará de coisas que hão-de ser-lhe pouco agradáveis.

*Mister* Micawber pronunciou estas palavras num tom tão triunfante que chegou a alarmar seriamente a mãe de Uriah, que exclamou na mais intensa agitação:

— Uriah! Uriah! Seja humilde e trate de compor-se, meu filho!

— Mãe — replicou ele — quer calar-se? Está cheia de medo e não sabe o que diz. Humilde!? — repetiu lançando-me uma mau olhado. — Há muito que os humilhei já, tão humilde como sou!

*Mister* Micawber meteu muito lentamente o queixo dentro do colarinho e continuou:

— Secundo. *Heep* por muitas vezes, ao que posso crer e saber...

— Que belas provas! — murmurou Uriah num tom de alívio. — Minha mãe, sossegue.

— Nós trataremos de as arranjar melhores para o confundir, vai ver — respondeu *Mister* Micawber. — Secundo: *Heep* por muitas vezes, ao que posso crer e saber, fez falsificações, imitando em diversos papéis, livros e documentos, a assinatura de *Mister* W. particularmente numa circunstância de que eu poderei dar provas, por exemplo, da maneira seguinte, a saber...

*Mister* Micawber gostava singularmente de amontoar assim fórmulas oficiais, mas isso não lhe era particular, devo dizê-lo. Era antes regra geral. Bastantes vezes pude notar que indivíduos chamados a prestar juramento, por exemplo, parecem gozar de um certo enlevo quando podem enfiar palavras sinónimas em seguida umas às outras para exprimirem uma única ideia; dizem que detestam, que odeiam, que execram, etc., etc. Os anátemas eram noutros tempos concebidos segundo o mesmo princípio. Nós falámos da tirania das palavras, mas gostamos também de as tiranizar; gostamos também de fazer uma rica provisão delas que nos possa servir de cortejo nas grandes ocasiões; parece que isso nos dá importância, que isso tem certo ar. Da mesma maneira que em dias de festa não somos muito difíceis sobre a qualidade dos criados que envergam a nossa libré, desde que se portem bem e que façam número; da mesma maneira só ligamos uma importância secundária ao sentido ou à utilidade das palavras que empregamos contanto que desfilem em parada. E, assim como se ganham inimigos alardeando muito a magnificência das librés ou assim como escravos

muito numerosos se revoltam contra os seus senhores, assim também eu poderei citar um povo que se atraiu grandes dificuldades e atrair-se-á bem mais, por ter querido conservar um repertório muito rico de sinónimos no seu vocabulário nacional.

*Mister* Micawber continuou a leitura lambendo as barbas:

— Por exemplo, da maneira seguinte, a saber: *Mister* W. estava doente, era muito provável que a sua morte acarretasse descobertas conducentes a destruir a influência de... *Heep* na família W. o que posso afirmar, eu, abaixo-assinado, Wilkins Micawber... a menos que não se pudesse obter da sua filha que renunciasse, por muito afecto filial, a qualquer investigação do passado; nessa previsão, o sobredito... *Heep* julgou prudente ter pronta uma acta, como provinda de *Mister* W., estabelecendo que as importâncias abaixo mencionadas tinham sido adiantadas por... *Heep* a *Mister* W. para o salvar da desonra. A verdade é que esta importância nunca foi adiantada por ele. Foi... *Heep* quem forjou as assinaturas desse documento; pôs lá o nome de *Mister* W. e, por baixo, um certificado de Wilkins Micawber. Tenho em meu poder, na agenda que pertenceu a... *Heep*, diversas imitações da assinatura de *Mister* W. um pouco prejudicadas pelas chamas, mas que ainda se lêem. Nunca em vida minha assinei uma semelhante acta. Tenho em meu poder o documento original.

Uriah Heep estremeceu, depois tirou do bolso um molho de chaves e abriu uma gaveta; mas, mudando repentinamente de resolução, voltou-se de novo para nós, sem nos olhar.

— E tenho o documento... — prosseguiu *Mister* Micawber, lançando os olhos em torno de si como se relesse o texto de um sermão — em meu poder, isto é, tinha-o esta manhã, quando escrevi isto! Mas depois entreguei-o a *Mister* Traddles.

— É perfeitamente exacto! — confirmou Traddles.

— Uriah! Uriah! — gritou-lhe a mãe —, seja humilde e trate de compor-se com estes senhores. Eu sei que o meu filho será humilde se os senhores lhe derem tempo de reflectir. O senhor Copperfield sabe como ele tem sido sempre humilde!

Era curioso ver a mãe permanecer fiel aos seus velhos hábitos de astúcia enquanto o filho os repelia agora como inúteis.

— Minha mãe — disse ele mordendo com impaciência o lenço que lhe envolvia a mão — melhor faria se pegasse já numa espingarda carregada e me desse um tiro!

— Mas eu amo-o, Uriah! — exclamou *Mistress* Heep.

E certamente amava-o e ele consagrava afecto à mãe: por mais singular que isto possa parecer, era um par muito bem combinado.

— Não posso suportar — tornou *Mistress* Heep — ouvi-lo insultar estes senhores; nada ganhará com isso. Disse-o logo a este senhor, quando ele me afirmou, ao descer a escada, que se sabia tudo; prometi que o Uriah seria humilde e que repararia todos os danos. Oh! Reparem como eu sou humilde, eu, meus senhores e façam de conta que o não ouvem!

— Mas, minha mãe — disse ele enfurecido, voltando para mim o seu dedo afilado e magro —, aí tem Copperfield, que lhe daria de boa vontade cem libras esterlinas para saber menos de metade de quanto tem dito há um quarto de hora!

Era contra mim que ele estava acima de tudo, convencido de que tinha sido eu o principal motor deste caso; não procurei desmenti-lo.

— Isto é mais forte do que eu, Uriah! — exclamou sua mãe. — Não posso vê-lo assim exposto ao perigo por orgulho. Mais vale ser humilde, como sempre o tem sido.

Ele ficou um momento silencioso, como que a devorar o lenço e depois disse-me num regougue surdo:

— Tem mais alguma coisa a asseverar? Se tem, diga-a. Porque é que espera?

*Mister* Micawber prosseguiu na sua leitura: sentia-se muito feliz por poder continuar a representar um papel em que se sentia perfeitamente satisfeito.

— Tertio: Enfim, encontro-me em estado de provar, segundo os livros falsificados de... *Heep* e segundo a agenda autêntica de... *Heep,* que durante muitos anos... *Heep* serviu-se das fraquezas e defeitos de *Mister* W. para atingir os seus infames desígnios. Com esse fim, soube até empregar as virtudes, o sentimento de honra, a afeição paterna do desditoso *Mister W.* Tudo isto será demonstrado por mim, graças ao pequeno livro, em parte calcinado (que a princípio não pude compreender bem, quando *Mistress* Micawber o encontrou acidentalmente no nosso domicílio, no fundo do depósito das cinzas consumidas no nosso lar doméstico). Durante anos, *Mister* W. foi enganado e roubado por todas as formas e feitios por esse avarento, falso e pérfido... *Heep.* O fim supremo de... Heep, após a sua paixão pela ganância, era alcançar um império absoluto sobre *Mister* e *miss W.* (Não digo nada das suas vistas ulteriores sobre esta última). O seu último acto foi, há poucos meses, levar *Mister* W. a abandonar a sua parte da sociedade e mesmo a vender o mobiliário da casa sob a condição de receber exactamente e fielmente de... *Heep* uma pensão vitalícia pagável de três em três meses. Pouco a pouco, estavam todos os negócios tão bem embrulhados que o desditoso *Mister* W. nunca mais foi capaz de os desenvencilhar. Fizeram-se falsos inventários de propriedades, pelos quais *Mister* W. tem a responder, numa época em que *Mister* W. se lançara em especulações arriscadas e não tinha em seu poder a importância de que era moralmente e legalmente responsável. Declarou-se que tinha pedido emprestado

dinheiro a um juro fabuloso, quando a verdade é que... *Heep* tinha fraudulentamente roubado esse dinheiro a *Mister* W. Lavrou-se um catálogo inaudito de chicanas inconcebíveis. Enfim, o desditoso *Mister* W. acreditou na bancarrota da sua fortuna, das suas esperanças terrestres, da sua honra e não viu outra salvação senão nesse monstro com forma humana que, tendo-se tornado indispensável, soubera ir perpetrando a ruína dessa desgraçada família. (*Mister* Micawber gostava muito da expressão — monstro com forma humana, que lhe parecia nova e original). Tudo isto posso eu provar e provavelmente bastantes coisas mais!

Murmurei algumas palavras ao ouvido de Inês, que chorava de alegria e de tristeza junto de mim; fez-se um movimento na sala, como se *Mister* Micawber tivesse acabado. Mas ele disse no tom mais grave: «Perdão!» e continuou, com um misto de extremo abatimento e de vibrante alegria, a leitura do seu libelo:

— Terminei. Resta-me somente estabelecer a verdade destas acusações; e depois desaparecer, com uma família predestinada para a desgraça, de um lugar em que parecemos ser pesados a todo o mundo. Isto não tardará a ser um facto concluído. Pode-se supor com alguma razão que o nosso filho mais novo seja o primeiro a morrer de inanição, ele que é o mais frágil de todos; segui-lo-ão os gémeos. Pois seja! Quanto a mim, a minha permanência em Canterbury adiantou bastante as coisas; a prisão por dívidas e a miséria farão o resto. Tenho confiança em que o resultado feliz de um inquérito, longamente e penosamente executado, no meio de trabalhos incessantes e de receios dolorosos, ao nascer como ao pôr do sol e durante a sombra da noite, sob o olhar de um indivíduo que é supérfluo chamar um demónio e na angústia que me causava a situação dos meus mal-aventurados herdeiros, derramará sob a minha fogueira fúnebre algumas gotas de misericórdia. Não peço mais. Façam-me apenas justiça e digam de mim como desse herói marítimo, ao qual não tenho a pretensão de me comparar, que o que fiz, fi-lo, a despeito de interesses egoístas ou mercenários,

Pelo amor, pela inteireza,
Pela Inglaterra, pela beleza.

Para a vida e para a morte, etc., etc.

WILKINS MICAWBER

*Mister* Micawber dobrou a carta com uma intensa emoção, mas com uma satisfação não menos intensa e estendeu-a para minha tia, como um documento que ela sem dúvida teria prazer em guardar.

Havia na sala um cofre-forte de ferro: tinha já reparado nele quando da minha primeira visita. A chave estava na fechadura. Uma suspeita repentina pareceu apoderar-se de Uriah; lançou um olhar sobre *Mister* Micawber, correu ao cofre-forte e abriu-o com estrépito. Estava vazio.

— Aonde é que estão os livros? — exclamou, com uma temerosa expressão de raiva. — Um ladrão roubou os meus livros!

*Mister* Micawber deu uma pequena pancada com a régua nos dedos e disse:

— Fui eu; entregou-me a chave como de ordinário, um pouco mais cedo do que o costume, e eu abri o cofre.

— Não se assuste — disse Traddles. — Os livros estão em meu poder. Tomarei conta deles, segundo os poderes que recebi.

— Com que então é um receptador? — exclamou Uriah.

— Em circunstâncias como estas, não digo que não — respondeu Traddles.

Qual não foi, porém, o meu espanto quando vi minha tia, que até então tinha assistido a tudo com uma perfeita tranquilidade, dar de repente um salto para Uriah e agarrá-lo pela gola do casaco.

— Sabe o que eu quero? — disse minha tia.

— Uma camisa-de-forças! — respondeu ele.

— Não. A minha fortuna! — replicou minha tia. — Inês, minha querida, enquanto acreditei que fora seu pai quem a tinha deixado perder, não disse palavra; o próprio Trot nunca soube que eu tinha essa fortuna na mão de *Mister* Wickfield. Mas agora que sei que é este sujeito quem me há-de responder por ela, reclamo-a, quero-a! Trot, venha reclamar-lha!

Suponho que minha tia julgava nesse momento encontrar a sua fortuna na gravata de Uriah, porque ela sacudia-o com toda a força. Apressei-me a separá-la, assegurando a minha tia que ele havia de restituir até ao último *penny* tudo quanto indevidamente adquirira. Passado um momento de reflexão, acalmou-se e tornou-se a sentar, sem parecer por forma alguma desconcertada com o que acabara de fazer (outro tanto não poderia dizer do seu chapéu).

Durante o quarto de hora que tinha acabado de decorrer, *Mistress* Heep fatigara-se a gritar ao filho que fosse «humilde»; lançara-se de joelhos diante de cada um de nós, sucessivamente, fazendo as mais extravagantes promessas. Seu filho obrigou-a a sentar-se outra vez e depois, conservando-se ao pé dela, mas sem rudeza, disse-me com um olhar feroz:

— O que quer que eu faça?

— Vou eu dizer-lhe o que é preciso fazer — disse Traddles.

— Copperfield não tem língua? — murmurou Uriah. — Daria alguma coisa de bom grado, se pudesse afirmar-me, sem mentir, que lha tinham cortado!

— O meu Uriah vai ser humilde! — exclamou sua mãe. — Não se importem

com o que ele diz, meus bons senhores!

— Vai ouvir o que é preciso fazer — tornou Traddles. — Primeiro vai entregar-me, aqui mesmo, a acta pela qual *Mister* Wickfield lhe fez entrega dos seus bens.

— E se eu não a tiver?

— Tem, sim senhor — disse Traddles —; está prejudicada essa suposição.

Não posso deixar de confessar que fiz justiça pela primeira vez, nessa ocasião, à sagacidade e ao bom senso simples e prático do meu antigo camarada.

— Assim, pois — prosseguiu Traddles — é preciso preparar-se para se submeter, restituindo até ao último *penny* tudo quanto a sua rapacidade fez passar para as suas mãos. Conservaremos em nosso poder todos os livros e papéis da sociedade; todos os seus livros e papéis particulares; todas as contas e recibos; em suma, tudo quanto aqui está.

— Palavra? Não estou resolvido a isso — disse Uriah. — Preciso que me dêem tempo para pensar.

— Certamente — respondeu Traddles —, mas enquanto se espera e até que tudo esteja regulado à nossa satisfação, tomaremos posse de todas estas garantias e pedir-lhe-emos, e, se preciso for, obrigá-lo-emos a encerrar-se no seu quarto, sem comunicar com quem quer que seja.

— Isso é que eu não faço! — disse Uriah praguejando como um diabo.

— A cadeia de Maidstone é um lugar de detenção mais seguro — prosseguiu Traddles — e se bem que a lei possa levar tempo a fazer-nos justiça e talvez no-la faça menos completa do que devia ser, não há dúvida alguma que o há-de punir. Sabe-o tão bem como eu... Copperfield, tem a bondade de ir a Guildhall procurar dois *policemen!*

Nesta altura, *Mistress* Heep caiu novamente de joelhos, solicitou de Inês que intercedesse em seu favor, exclamou que ele era muito humilde, que estava certíssima disso e que se ele não fazia o que nós queríamos, fá-lo-ia ela em seu lugar. E, efectivamente, teria feito tudo o que se quisesse, porque estava quase com a cabeça perdida, tanto ela tremia pelo filho querido; quanto a ele, de que valeria perguntar o que poderia fazer, se tivesse um pouco mais de audácia; o mesmo que perguntar o que faria um vil fraldiqueiro animado da fereza de um tigre. Era um cobarde da cabeça até aos pés; e, nesse momento mais do que nunca, demonstrava bem a baixeza do seu carácter pela sua atitude mortificada e pelo seu desespero sombrio.

— Esperem! — gritou ele em voz surda enxugando as faces cobertas de suor. — Minha mãe, basta de tanto ruído! Dê-se-lhe esse papel! Vá buscá-lo.

— Quer ter a bondade de lhe prestar o seu concurso, senhor Dick? — disse Traddles.

Todo orgulhoso por essa comissão cujo alcance compreendia, *Mister* Dick acompanhou *Mistress* Heep, como um cão de pastor acompanha uma ovelha. Mas *Mistress* Heep deu-lhe pouco trabalho, porque trouxe, não só o documento pedido, mas também a caixa que o continha e dentro dela ainda um livrete de banco e outros papéis que foram úteis mais tarde.

— Bem — disse Traddles recebendo-os. — Agora, senhor Heep, pode retirar-se para reflectir; mas considere bem consigo próprio, peço-lhe, que não tem senão uma coisa a fazer, como já lhe expliquei e que é preciso fazê-la sem tardar.

Uriah atravessou a sala sem erguer os olhos, passando o mão pelo queixo; depois parando à porta, disse-me:

— Copperfield, sempre o detestei. O senhor não tem sido senão um parvajola e tem estado sempre contra mim.

— Já lhe disse — respondi eu — que é o senhor que tem estado sempre contra todo o mundo pela sua patifaria e pela sua avidez. Pense doravante que nunca a velhacaria nem a avidez podem parar a tempo, mesmo em seu próprio interesse. É um facto tão incontestável como o de que havemos de morrer um dia.

— É talvez um facto tão incerto como o que se nos ensinava na escola — disse ele com um riso de escárnio expressivo — nessa mesma escola em que aprendi a ser tão humilde. Das nove às onze horas diziam-nos que o trabalho era uma maldição; das onze à uma hora que era um bem, uma bênção e que sei eu ainda? O senhor prega-nos doutrinas quase tão consequentes como essa gente. A humildade vale mais que tudo isso, é um excelente sistema. Sem ela, eu não teria enredado tão bem o meu nobre sócio, asseguro-lhe... Micawber, velho animal, há-de pagar-mas todas!

*Mister* Micawber olhou para ele com um ar de soberano desprezo até que ele saiu da sala, depois voltou-se para mim e propôs-me dar-me o prazer de ir assistir à reconciliação de confiança entre ele e *Mistress* Micawber. Depois do que, convidou toda a companhia a contemplar uma tão emocionante cerimónia.

— O véu que nos separou por tanto tempo a *Mistress* Micawber e a mim, ei-lo enfim despedaçado — disse *Mister* Micawber —; os meus filhos e o autor da sua existência podem agora aproximar-se de novo sem corarem uns dos outros.

Tínhamos-lhe todos muito reconhecimento e desejávamos dar-lhe um testemunho disso, pelo menos tanto quanto no-lo permitisse a desordem dos nossos espíritos: assim, teríamos todos de boamente aceitado a sua oferta, se Inês não fosse forçada a ir ter com seu pai, ao qual não se havia ainda ousado fazer senão entrever um clarão de esperança; era também preciso que alguém ficasse de guarda a Uriah. Traddles encarregou-se desse serviço, em que Dick devia bem depressa rendê-lo; minha tia, *Mister* Dick e eu, acompanhamos *Mister* Micawber. Ao separar-me tão precipitadamente da minha querida Inês, a quem

tanto devia e pensando no perigo de que a tínhamos salvado nesse dia, porque quem sabe se a sua coragem não teria sucumbido nessa luta?, sentia-me com o coração repleto de reconhecimento pelas infelicidades da minha mocidade, que me tinham levado a conhecer *Mister* Micawber.

A casa dele não ficava longe; a porta da sala dava para a rua: precipitou-se por ela dentro com a sua vivacidade habitual e encontrámo-nos no meio da sua família. Lançou-se nos braços de *Mistress* Micawber, exclamando: — Ema, minha felicidade e minha vida!». *Mistress* Micawber soltou um grito agudo e apertou *Mister* Micawber de encontro ao coração. *Miss* Micawber, que estava ocupada a embalar o inocente desconhecido de que me falava *Mistress* Micawber na sua carta, ficou extremamente emocionada. O desconhecido saltou de alegria. Os gémeos testemunharam a sua satisfação por diversas demonstrações incómodas, mas sinceras. Micawber Júnior, cujo génio parecia azedado pelas decepções precoces da sua mocidade e cujo semblante tinha conservado qualquer coisa de pensativo, cedeu a melhores sentimentos e choramingou.

— Ema — disse *Mister* Micawber — a nuvem que me velava a alma dissipou-se! A confiança que por tanto tempo existiu entre nós, revive para sempre! Salve, pobreza! — exclamou chorando. — Salve, miséria bendita! Que a fome, os farrapos, a tempestade, a mendicidade sejam bem-vindos! Salve! A confiança recíproca sustentar-nos-á até ao fim!

Assim falando, *Mister* Micawber beijava todos os filhos uns após outros e mandava sentar sua mulher, prosseguindo com os seus salve, entusiasmado, a perspectiva de uma série de infortúnios que não me pareciam muito desejáveis para a sua família; e convidando-os a todos a irem cantar em coro para as ruas de Canterbury, pois era o único recurso que lhes restava para viverem.

Mas *Mistress* Micawber acabava de desmaiar, vencida por tantas emoções; a primeira coisa a fazer, mesmo antes de pensar em realizar o coro em questão, era fazê-la voltar a si. Minha tia e *Mister* Micawber encarregaram-se disso; depois apresentaram-lhe minha tia e *Mistress* Micawber reconheceu-me.

— Perdoe-me, meu querido senhor Copperfield — disse a pobre mulher estendendo-me a mão —, mas eu sou pouco forte e não pude resistir à felicidade de ver desaparecer tanto desacordo entre *Mister* Micawber e eu.

— São estes todos os seus filhos, minha senhora? — perguntou minha tia.

— É tudo quanto tenho por agora... — respondeu *Mistress* Micawber.

— Deus do céu! Não é isso o que eu quero dizer, minha senhora! — tornou minha tia. — O que lhe pergunto é se todos esses filhos são seus...

— Minha senhora — replicou *Mister* Micawber — é a conta exacta.

— E este mocetão — disse minha tia com ar pensativo — o que é que faz?

— Quando cheguei a esta terra — disse *Mister* Micawber — esperava colocar Williams na Igreja, ou, para falar mais correctamente, no coro. Mas não há lugar vago de tenor no venerando edifício que faz justo título à glória desta cidade; e ele tomou... numa palavra, habituou-se a cantar nos cafés, em vez de adestrar-se num recinto consagrado.

— Mas foi bem intencionadamente — disse *Mistress* Micawber com ternura.

— Estou certo, meu amor — volveu *Mister* Micawber — de que tem as melhores intenções do mundo; somente, até hoje, não vejo muito para que é que isso lhe serve.

Neste ponto, Micawber Júnior retomou o seu ar taciturno e perguntou com alguma acrimónia o que queriam que ele fizesse. Julgavam que pudesse fazer-se carpinteiro de nascença, ou ferreiro, sem aprendizagem?, Julgavam que pudesse estabelecer-se como farmacêutico na rua próxima? Desejavam que corresse ao Tribunal, nas próximas audiências e que tomasse a palavra como advogado? Ou que se fizesse ouvir à força na Ópera e alcançasse bravos também à fina força? Queriam que ele estivesse preparado para tudo, sem lhe terem ensinado nada?!

Minha tia reflectiu um instante e disse em seguida:

— Senhor Micawber, estou surpreendida de que o senhor nunca pensasse em emigrar!

— Minha senhora — respondeu *Mister* Micawber — era esse o sonho da minha mocidade; é ainda a enganadora esperança da minha idade madura.

A propósito, estou plenamente convencido de que ele nunca tinha pensado nisso.

— Oh! — disse minha tia, deitando um olhar para mim — que excelente coisa não seria isso para si e para a sua família, senhor e senhora Micawber!

— E o dinheiro, minha senhora, o dinheiro? — exclamou *Mister* Micawber com ar sombrio.

— É essa a principal, para não dizer a única dificuldade, meu caro senhor Copperfield — acrescentou sua mulher.

— Dinheiro?! — disse minha tia. — Mas o senhor está-nos prestando um grande serviço, posso bem dizê-lo, porque certamente que se hão-de salvar bastantes coisas desse desastre; e que melhor poderíamos nós fazer em seu favor do que arranjar-lhe dinheiro para essa consecução?

— Eu não o poderia aceitar como puro donativo — disse *Mister* Micawber com veemência —, mas se se pudesse adiantar-me uma quantia, a um juro de cinco por cento, sob a minha responsabilidade pessoal, podê-la-ia ir reembolsando a pouco e pouco, a doze, dezoito e vinte e quatro meses de data, por exemplo, para se me dar tempo a eu juntar...

— Se se pudesse? — respondeu minha tia. — Pode, sim e há-de fazer-se, por

pouco que isso lhes convenha. Pensem bem os dois. David tem pessoas amigas que vão partir para a Austrália: se se decidirem a partir também, porque é que não se hão-de aproveitar do mesmo navio? Podem prestar-se serviços mutuamente. Pensem bem nisso, senhor e senhora Micawber. Com tempo, vão pesando maduramente o caso.

— Só tenho uma pergunta a formular — disse *Mistress* Micawber. — O clima é salubre, creio?

— É o melhor clima do mundo! — redarguiu minha tia.

— Perfeitamente — tornou *Mistress* Micawber. — Ainda pergunto mais: o estado do país é tal que um homem distinto como *Mister* Micawber possa esperar elevar-se na escala social? Não quero dizer, por agora, que possa pretender ser governador ou obter qualquer outra função desta natureza, mas poderá encontrar um campo suficientemente vasto para o desenvolvimento expansivo das suas grandes faculdades?

— Em parte alguma poderá haver um mais belo futuro para um homem que tem comportamento e actividade — disse minha tia.

— Para um homem que tem comportamento e actividade — repetiu lentamente *Mistress* Micawber. — Precisamente, é evidente para mim que a Austrália é o lugar em que *Mister* Micawber encontrará a esfera de acção legítima para abrir carreira às suas grandes qualidades.

— Estou convencido, minha querida senhora — interveio *Mister* Micawber — de que é, nas circunstâncias actuais, o país, o único país em que eu possa estabelecer a minha família; qualquer coisa de extraordinário nos está reservada nessas ignotas plagas. A distância nada é, para falar com propriedade; e se bem que seja conveniente reflectir na sua generosa proposta, asseguro-lhe que é puramente uma questão de forma.

Nunca me há-de esquecer como, num instante, *Mister* Micawber se transformou num homem com as mais doidas esperanças e se viu levado já pela roda da fortuna, nem como *Mistress* Micawber se pôs a discorrer desde logo acerca dos hábitos dos cangurus! Nunca poderei pensar nessa rua de Canterbury, em dia de feira, que me não lembre ao mesmo tempo a atitude deliberada com que ele caminhava a nosso lado; já tinha tomado os modos rudes, descuidados e nómadas de um colono longínquo; era de ver como ele examinava de passagem o gado cornígero, já com o olhar prático de um fazendeiro da Austrália.

## Capítulo LIII — Ainda um olhar retrospectivo

É preciso que eu faça aqui uma pausa. Oh! Minha mulher-criança, torno a ver diante de mim, serena e calma, no meio da turba móbil que agita a minha memória, uma figura que me diz, com a sua inocente ternura e a sua cândida beleza: «Pare a fim de pensar em mim; volte-se para deitar um olhar à Florzinha, que vai cair e emurchecer!»

Paro. Tudo o mais empalidece e se ofusca a meus olhos. Encontro-me com Dora na nossa casinha. Não sei há quanto tempo ela está doente; tenho um tão longo hábito de a lastimar que já perdi a noção do tempo. Não é bastante longo, talvez, para pormenorizá-lo por meses e por dias, mas para mim, que sofro, como ela, a todos os momentos do dia, Deus de bondade!, como parece longo e penoso!

Já não me dizem: «É preciso esperar ainda alguns dias». Começo a recear secretamente que nunca mais tornarei a ver o dia em que a minha mulher-criança recomeçará a sua corrida ao sol, com Jip, o seu velho camarada.

Coisa singular! O bicho envelheceu quase subitamente; talvez que não encontre já, ao pé da dona, essa alegria que o tornava mais novo e lhe dava mais vivacidade; arrasta-se lentamente, vê mal, já não tem força e minha tia recorda-se com saudade do tempo em que ele ladrava à sua chegada, em vez de rastejar, como agora faz, até ela, sem sair da cama de Dora e de lamber docemente a mão da sua antiga inimiga, que está sempre à cabeceira da cama de minha mulher.

Dora está deitada: sorri para nós com o seu rosto encantador; nunca se queixa; nunca pronuncia uma palavra de impaciência. Diz que somos todos muito bons para ela, que o seu querido marido se fatiga a tratar dela, que minha tia não dorme, que está sempre, pelo contrário, ao pé dela, boa, activa e vigilante. Algumas vezes, as duas pequenas damas que se parecem com pássaros vêm vê-la e então conversamos do nosso dia de núpcias e de todo esse ditoso tempo.

Que estranho repouso em toda a minha existência de então, tanto dentro como fora! Sentado nesse pacífico aposentozinho, vejo minha mulher-criança voltar para mim os seus olhos azuis: os seus dedinhos entrelaçam-se nos meus. Bastantes horas decorrem assim; mas, em todas estas horas uniformes, há três episódios que me estão ainda mais presentes ao espírito do que outros.

É de manhã; Dora está muito bonita, graças aos cuidados de minha tia: mostra-me como os seus cabelos ainda se frisam sobre a travesseira, como são compridos e brilhantes e como gosta de os deixar flutuar à vontade dentro da sua rede.

— Não é porque me orgulhe deles — disse ela vendo-me sorrir — feio trocista, mas é porque o senhor os acha bonitos; e porque, quando comecei a pensar em si, olhava-me muitas vezes ao espelho, perguntando de mim para mim, se o senhor não estimaria possuir uma madeixa. Oh! Como o senhor ficou tolinho, meu Dody, no dia em que lhe dei uma!

— Foi no dia em que a Dora copiou umas flores que lhe ofereci e em que eu lhe disse quanto a amava!

— Ah! Mas eu não lhe disse então — respondeu Dora — como chorei sobre essas flores, ao pensar que o senhor tinha verdadeiramente o ar de me amar! Quando eu puder correr como dantes, David, iremos tornar a ver os lugares em que tantas criancices fizemos, não é assim? Havemos de prosseguir nos nossos antigos passeios, sim? E não havemos de esquecer o meu pobre papá, não?

— Certamente e havemos de ser ainda muito felizes; mas é preciso tratar de sarar depressa, minha querida!

— Oh! Isto não há-de levar muito tempo! Já vou muito melhor, embora não pareça.

Agora é de tarde; estou sentado na mesma poltrona, ao pé da mesma cama, com o mesmo suave rosto voltado para mim. Guardamos silêncio durante um momento; ela sorri-me. Deixei de transportar todos os dias para a sala de visitas o meu leve fardo. Dora já não sai da cama.

— Dody!

— Minha querida Dora!

— Não me acha desrazoável, depois do que me disse o outro dia acerca do estado de *Mister* Wickfield, se eu lhe disser que desejava ver Inês? Tenho muito desejo de a ver.

— Vou-lhe escrever, minha querida.

— Palavra?

— No mesmo instante.

— Como o David é bom! Ampare-me no seu braço. Em verdade, meu amigo, que não é uma fantasia, um vão capricho. Tenho muita necessidade de a ver!

— Faço ideia, é só dizer-lho; ela aparecerá logo.

— O David está agora tão sozinho quando vai para a sala! — murmurou ela lançando-me os braços ao pescoço.

— É muito natural, minha querida filha, pois que vejo o seu lugar vazio.

— O meu lugar vazio! — E ela aperta-me de encontro ao coração, sem nada dizer. — Com que então faço-lhe falta, David? — prossegue com um alegre sorriso. — Eu que sou tão tola, tão cabeça no ar, tão criança!

— Meu tesouro! Quem encontraria eu na terra como a minha Dora?

— Oh! Meu marido, estou tão contente e ao mesmo tempo tão aborrecida!

E torna a apertar-me de encontro ao peito e enlaça-me o pescoço com ambos os braços. Ri, depois chora; enfim sossega, é feliz.

— Sim, bem feliz! — diz ela. — Diga à Inês que lhe envio todas as minhas ternuras e dir-lhe-á também que tenho grande desejo de a ver. Não tenho outro desejo.

— A não ser o de se curar, Dora.

— Oh! David! Algumas vezes, digo comigo... bem sabe que tenho sido sempre uma tolinha... digo comigo que esse dia nunca chegará!

— Não diga isso, Dora! Meu amor, não meta essas ideias na cabeça!

— Não posso, David e não queria assim ser. Mas isso não impede que eu seja muito feliz, conquanto tenha pena ao pensar que o meu querido marido se encontra tão sozinho, diante do lugar vazio da sua mulher-criança!

Desta vez é de noite; estou sempre ao pé dela. Chegou Inês, passou todo o dia connosco. Estivemos toda a manhã com ela, minha tia, Inês e eu. Conversámos muito e Dora pareceu-me perfeitamente feliz e tranquila. Agora estamos sós.

Será verdade que a minha mulher-criança não tarde a deixar-me?! Disseram-mo, ai de mim!, não era nenhuma novidade para os meus receios; mas ainda quero ficar na dúvida. O meu coração revolta-se contra este pensamento. Bastantes vezes tenho saído hoje de junto dela, para vir chorar escondido. Recordei-me de que Jesus chorara sobre está última separação dos vivos e dos mortos. Repassei no coração essa história cheia de graça e de misericórdia. Procurei submeter-me, animar-me; mas, creio bem, sem completamente o conseguir. Não, não posso admitir que ela esteja por pouco. Tenho a sua mão entre as minhas; o seu coração descansa sobre o meu coração; vejo o seu amor por mim ainda muito vivo. Não posso deixar de me defender com uma pálida e débil esperança de que me será conservado.

— Quero falar-lhe, David. Quero dizer-lhe uma coisa que desde há algum tempo penso sempre em dizer-lhe. Permite-me que lha diga? — acrescentou com um doce olhar.

— Sim, certamente, minha filha! Porque não hei-de permitir?

— Ah! É que não sei o que o senhor pensará; talvez que já o dissesse de si para si, talvez que já o tivesse pensado... David, meu amigo, creio que eu era nova de mais.

Eu descanso a minha cabeça ao pé da sua, na travesseira; ela mergulha os seus olhos nos meus e fala-me muito docemente. Pouco a pouco, à medida que se vai adiantando, sinto, com o coração despedaçado, que ela me fala de si própria como no tempo passado.

— Creio, meu amigo, que eu era muito nova. Não me refiro só à minha idade: eu era muito nova em experiência, em pensamentos, muito nova em tudo. Eu era

uma pobre criaturinha. Mais valeria talvez que nunca nos tivéssemos amado senão como crianças, para nos esquecermos em seguida. Começo a recear que eu não me encontrava ainda em estado de ser uma esposa.

Tento deter as lágrimas e respondo-lhe:

— Oh! Dora, meu amor, também eu não me encontrava ainda em estado de ser um marido!

— Não sei. — E sacudia como dantes os seus caracóis compridos. — Talvez. Mas se eu me encontrasse em estado de me casar, isso talvez lhe fizesse bem. De resto, o senhor tem muito espírito e eu não.

— Então nós não temos sido tão felizes, minha Dorinha?

— Oh! Eu tenho sido bem feliz! Mas, com o tempo, o meu querido marido cansar-se-ia da sua mulher-criança. Ela cada vez menos seria a sua companheira. Ele dia a dia iria sentindo o que faltava à sua felicidade. Ela não progrediria. Vale mais que seja assim!

— Ó Dora, minha bem amada, não me diga isso! Cada uma das suas palavras parece uma censura!

— Bem sabe que não — responde ela, beijando-me. — Oh! Meu amigo, o senhor nunca mereceu isso e eu amava-o muito para lhe fazer a sério a mais pequena censura; era o meu único merecimento, salvo o de ser linda, pelo menos o senhor assim o achava... Realmente está muito sozinho lá em baixo?

— Oh! Sim, bem sozinho!

— Não chore... A minha poltrona lá está no seu lugar!

— Lá está sempre.

— Oh! Como o meu pobre amigo chora! Silêncio! Silêncio! Agora prometa-me uma coisa. Quero falar a Inês. Quando descer, peça-lhe que venha cá acima e enquanto eu estiver conversando com ela, ninguém cá venha, nem mesmo a tia. Quero falar só com ela. Quero falar sozinha à Inês.

Prometo que lhe mando imediatamente a Inês; mas não posso sair de junto dela; tenho muita pena.

— Dizia eu que valia mais assim! — murmurou ela abraçando-me. — Oh! David, mais tarde não poderia amar a sua mulher-criança tanto como a ama agora; mais tarde ter-lhe-ia ela causado tantos desgostos e sensaborias, que talvez a amasse muito menos. Eu era muito nova e muito criança, bem sei. Mais vale que seja assim!

Desço à sala e encontro Inês; peço-lhe que suba. Ela desaparece e eu fico só com Jip.

A casota chinesa deste está ao pé do fogão; ele está deitado numa flanela; procura dormir e geme. A lua brilha com a sua mais viva claridade. E as minhas lágrimas caem às bagadas e o meu coração, cheio de uma angústia rebelde, luta

dolorosamente contra o golpe que o punge, oh, sim, bem dolorosamente!

Estou sentado ao fogão e penso, com um vago remorso, em todos os sentimentos que alimentei em silêncio depois do meu casamento. Penso em todas as pequenas misérias que se passaram entre mim e Dora e sinto quanta razão há em se dizer que são todas estas pequenas misérias que compõem a vida. E torno a ver sempre diante de mim a encantadora criança, tal como a princípio a conheci, embelecida pelo meu apaixonado amor, como pelo seu, com todos os encantos de um tal amor. Não teria sido melhor, como ela me dizia, que nos tivéssemos amado como crianças, para nos esquecermos em seguida? Coração rebelde, responde!

Não sei como se passa o tempo; enfim sou chamado à realidade pelo velho companheiro da minha mulherzinha. Ele está mais agitado, arrasta-se para fora da casota, olha para mim, olha para a porta, chora porque quer ir lá acima.

— Esta noite não! Jip, esta noite não!

Ele aproxima-se lentamente de mim, lambe-me a mão e ergue para mim os olhos, que mal vêem.

— Oh! Jip! Talvez que nunca mais!

Ele deita-se-me aos pés, estende-se como para dormir, solta um gemido lamentoso; está morto!

— Oh! Inês! Venha, venha ver!

Porque Inês acaba efectivamente de descer. O seu rosto está cheio de compaixão e de dor, uma torrente de lágrimas corre-lhe dos olhos, olha para mim sem dizer palavra, a sua mão aponta-me o céu.

— Inês?!

Acabou-se. Não vejo nada; o meu espírito perturba-se, e, no mesmo instante, tudo se me apaga da lembrança.

## Capítulo LIV — As operações de *Mister* Micawber

Não é este o momento de descrever o meu estado de alma sob a influência de tão horrível acontecimento. Cheguei a acreditar que o futuro estava cerrado para mim, que perdera para sempre toda a actividade e toda a energia e que só me restava um refúgio: o túmulo. Cheguei por gradações a esse marasmo languescente, que talvez me tivesse dominado desde os primeiros momentos, se a minha aflição não tivesse sido perturbada primeiramente e aumentada mais tarde por acontecimentos que vou contar na continuação desta história. Seja como for, o que há-de certo é que se passou um determinado tempo antes de eu compreender toda a extensão da minha desgraça; quase supunha que já tinha atravessado as minhas mais dolorosas angústias e encontrava uma certa consolação em meditar sobre tudo quanto havia de belo e de puro nessa história emocionante que acabava de findar para sempre.

Mesmo agora não me recordo distintamente da época em que me falaram de eu fazer uma viagem, nem como fomos levados a pensar que eu só encontraria consolação e o repouso de que necessitava na mudança de lugar e de distracções. Inês exercia tanta influência sobre tudo o que pensávamos, sobre tudo o que dizíamos, sobre tudo o que fazíamos, durante estes dias de luto, que julgo poder atribuir-lhe este projecto. Mas essa influência exercia-se tão pacificamente, que não sei.

Eu começava a crer que, quando associava antigamente o pensamento de Inês com o velho vitral da igreja, era por um instinto profético do que ela seria para mim, na hora do grande desgosto que devia cair um dia sobre a minha vida. Efectivamente, a partir do momento que nunca esquecerei, em que ela me apareceu de pé, com a mão erguida para o céu, ela foi durante essas horas tão dolorosas como uma santa na minha morada solitária; quando o anjo da morte desceu junto de Dora, foi no seio de Inês que ela adormeceu, com um sorriso nos lábios; só depois o soube, quando me encontrei em estado de ouvir esses tristes pormenores. Quando voltei a mim, vi-a a meu lado, chorando lágrimas de compaixão e as suas palavras cheias de esperança e de paz, o seu doce rosto que parecia descer de uma região mais pura e mais vizinha do céu para se inclinar sobre mim, vieram acalmar o meu coração indócil e suavizar o meu desespero.

Preciso de prosseguir na minha narrativa.

Eu tinha de ir viajar. Era, ao que parece, uma resolução decidida entre nós desde os primeiros momentos. Tendo a terra recebido tudo o que podia morrer daquela que me deixara, não me restava senão esperar aquilo a que *Mister*

Micawber chamava o último acto da pulverização de Heep e a partida dos emigrantes.

A pedido de Traddles, que foi para mim, durante a minha aflição, o mais terno e o mais dedicado dos amigos, regressamos a Canterbury, minha tia, Inês e eu. Fomos logo direitos a casa de *Mister* Micawber, que nos esperava. Desde a explosão da nossa última reunião, Traddles não tinha cessado de partilhar os seus cuidados entre a habitação de *Mister* Micawber e a de *Mister* Wickfield. Quando a pobre *Mistress* Micawber me viu entrar, com o meu fato de luto, ficou extremamente emocionada. Havia ainda nesse coração muita bondade, apesar das labutas e dos prolongados sofrimentos por que vinha passando há tantos anos.

— Então, senhor e senhora Micawber — disse minha tia mal nos sentámos — pensaram já na proposta de emigrar que lhes fiz?

— Minha querida senhora — disse *Mister* Micawber — eu não poderia exprimir melhor a conclusão a que chegámos, *Mistress* Micawber e este seu humilde criado, e posso acrescentar os nossos filhos, do que citando a linguagem de um poeta ilustre e dizendo-lhe com ele:

Nossa barca aborda à praia,
E vejo ao longe, no mar
O navio e os marinheiros
Que se estão a preparar.

— Em boa hora seja! — disse minha tia. — Auguro bem por si dessa decisão, que faz honra ao seu bom senso.

— É a senhora quem nos faz muita honra — respondeu ele.

Depois, consultando a sua carteira de lembranças, continuou:

— Quanto à assistência pecuniária que deve colocar-nos no caso de lançarmos o nosso frágil batel no oceano das empresas, ponderei de novo este ponto capital e proponho-lhes a composição seguinte, que libelei, não tenho necessidade de o dizer, em papel selado, segundo as prescrições das diversas actas do Parlamento relativas a esta espécie de garantias: ofereço o reembolso nos vencimentos infra indicados, dezoito meses, dois anos e dois anos e meio. Primeiramente propus um ano, dezoito meses e dois anos; mas seria de recear que o tempo fosse muito pouco para juntar qualquer pecúlio. Poderíamos, no primeiro vencimento, não nos acharmos habilitados com as nossas colheitas — e *Mister* Micawber olhava para todo o aposento, como se ali visse algumas centenas de hectares duma terra bem cultivada — ou poderia acontecer que não tivéssemos ainda enceleirado os cereais. Não se encontram sempre braços como se quer, receio bem, nessa parte das nossas colónias em que deveremos doravante lutar contra a fecundidade

luxuriante de um solo ainda virgem.

— Arranje lá isso como quiser, senhor — disse minha tia.

— Minha senhora — replicou ele — *Mistress* Micawber e eu sentimos intensamente a extrema bondade dos nossos amigos e dos nossos parentes. O que eu desejo é estar perfeitamente em regra e ser perfeitamente exacto. Vamos voltar uma nova folha do livro da vida, vamos experimentar uma mola desconhecida e manobrar uma alavanca poderosa; entendo, por mim, como por meu filho, que estas disposições se ultimem, como é obrigatório, de homem para homem.

Não sei se *Mister* Micawber ligava a esta última frase um sentido particular. Não sei mesmo se os que a empregam alguma vez estão bem seguros de que queira dizer qualquer coisa, mas o que é certo é que ele gostava muito desta locução, porque repetiu, com uma tosse expressiva:

— Como é obrigatório, de homem para homem.

— Proponho — disse *Mister* Micawber — letras de câmbio; estão em uso em todo o mundo comercial (é aos judeus, creio, que devemos atribuir-lhes a origem e desde que as inventaram souberam conservar o seu quinhão); proponho-as, porque são efeitos negociáveis. Mas se preferirem qualquer outra garantia, dar-me-ei por feliz em me conformar com os votos enunciados a este respeito: «Como é obrigatório, de homem para homem».

Minha tia declarou que, quando se estava resolvido de um e de outro lado a consentir em tudo, parecia-lhe que não podia surgir nenhuma dificuldade. *Mister* Micawber foi dessa opinião.

— Quanto aos nossos preparativos interiores, minha senhora — prosseguiu *Mister* Micawber com um sentimento de orgulho — permita-lhe que lhe diga como procuramos adaptar-nos à sorte que daqui em diante nos estará reservada. Minha filha mais velha vai todas as manhãs às cinco horas, a um estabelecimento próximo, para ali adquirir o talento, se assim se pode dizer, de ordenhar as vacas. Os meus filhos mais novos estudam, tão perto como lho permitem as circunstâncias, os hábitos dos suínos e das aves que se criam nos bairros menos elegantes desta cidade; duas vezes já foram transportados a casa, por assim dizer, quase esmagados por carroças. Aqui estou eu que na semana passada, prestei toda a minha atenção à arte da padaria e meu filho Wilkins consagra-se a conduzir gado, quando os grosseiros condutores pagos para esse serviço lhe permitem que ele lhes preste grátis alguns serviços nesse género. Lamento, por honra da nossa espécie, ser obrigado a acrescentar que raras vezes se apresentam tais ocasiões; em geral, ordenam-lhe, praguejando espantosamente, que se retire o mais depressa possível da vista deles.

— Tudo vai às mil maravilhas — disse minha tia no tom mais animador. —

*Mistress* Micawber também não permaneceu ociosa, estou persuadida disso.

— Minha querida senhora — respondeu *Mistress* Micawber no seu ar atarefado — devo confessar que até hoje não tenho tomado grande parte em ocupações que tenham uma relação directa com a cultura ou a criação de gados, se bem que me proponha prestar-lhes toda a minha atenção quando lá estivermos. O tempo que tenho podido furtar aos meus deveres domésticos consagrei-o a uma extensa correspondência com a minha família. Porque confesso, meu caro senhor Copperfield — acrescentou *Mistress* Micawber que se dirigia muitas vezes a mim, provavelmente porque noutro tempo tinha o hábito de pronunciar o meu nome no começo dos seus discursos — confesso que me parece que chegou a época de sepultar o passado num eterno esquecimento; a minha família deve hoje dar a mão a *Mister* Micawber, *Mister* Micawber deve dar a mão à minha família; é tempo do leão repousar ao lado do cordeiro e de minha família se reconciliar com *Mister* Micawber.

Declarei que também era essa a minha opinião.

— É pelo menos sob esse aspecto, meu caro senhor Copperfield, que eu encaro as coisas. Quando eu estava ainda com o papá e com a mamã, o papá tinha o hábito de me perguntar, todas as vezes que se discutia uma questão na nossa pequena roda: «Que pensa a minha Ema, deste caso?» Talvez que o papá me mostrasse mais deferência do que eu merecia, todavia, é-me permitido ter naturalmente a minha opinião sobre a frieza glacial que sempre reinou nas relações de *Mister* Micawber com a minha família; posso enganar-me, mas enfim tenho a minha opinião.

— Certamente. É muito natural, minha senhora — disse minha tia.

— Precisamente — continuou *Mistress* Micawber. — Certamente que posso enganar-me, é mesmo muito provável, mas a minha impressão individual é que o abismo que separa *Mister* Micawber e a minha família não tem necessidade de assistência pecuniária. Não posso deixar de crer que há membros da minha família — acrescentou com um ar de grande penetração — que recearam ver *Mister* Micawber pedir-lhes que se comprometessem pessoalmente por ele prestando-lhe o seu nome. Não falo aqui de darem os nomes para o baptismo dos nossos filhos; mas o que eles temiam era que deles se servissem para letras de câmbio, que poderiam em seguida correr o risco de ser negociadas no Banco.

O olhar sagaz com que *Mistress* Micawber nos anunciava esta descoberta, como se alguém nunca tivesse pensado nisso, pareceu admirar minha tia que respondeu um pouco bruscamente:

— Muito bem minha senhora! Mas no fim de contas não me admiro nada que tenha razão.

— *Mister* Micawber acha-se agora no ponto de se desembaraçar das

dificuldades pecuniárias que por muito tempo lhe embaraçaram a marcha, vai tomar novo fôlego num país em que há-de encontrar uma ampla carreira para desenvolver as suas faculdades; ponto extremamente importante a meus olhos; as faculdades de *Mister* Micawber têm necessidade de espaço. Parece-me, pois, que a minha família deveria aproveitar-se desta ocasião para avançar. Eu desejaria que *Mister* Micawber e a minha família se reunissem numa festa celebrada... à custa da minha família; um membro importante da minha família levantaria um brinde à saúde e à prosperidade de *Mister* Micawber e *Mister* Micawber encontraria ocasião de lhe desenvolver os desígnios que tem.

— Minha querida — disse *Mister* Micawber, com alguma vivacidade — creio dever declarar desde já que, se eu tivesse a desenvolver os meus desígnios diante de uma tal assembleia, ela ficaria provavelmente mal impressionada; visto ser minha opinião que a sua família, por grosso, se compõe de patifes impertinentes e, a retalho, de velhacos incorrigíveis.

— Micawber — disse *Mistress* Micawber, meneando a cabeça —, não! O senhor nunca os compreendeu e eles nunca o compreenderam, eis tudo.

*Mister* Micawber tossiu levemente.

— Nunca o compreenderam, Micawber — disse sua mulher. — Talvez porque são incapazes. Se assim é, são dignos de lástima e compadeço-me do infortúnio deles.

— Sinto-me extremamente incomodado, minha querida Ema — disse *Mister* Micawber, num tom brando — de me ter deixado arrastar por expressões que podem supor-se um pouco fortes. Tudo quanto quero dizer, é que posso deixar esta região sem que a sua família se adiante a favorecer-me... com um adeus, empurrando-me para que eu parta mais depressa; enfim custa-me tanto a retirar da Inglaterra, de meu moto próprio, como receber animação dessa gente. Todavia, minha querida, se se dignarem responder à sua comunicação, o que segundo a experiência de nós ambos, me parece o mais improvável possível, por forma alguma serei um empecilho aos seus desejos.

Tendo o caso ficado assim decidido amigavelmente, *Mister* Micawber ofereceu o braço a *Mistress* Micawber e lançando um olhar ao monte de livros e papéis que estavam em cima da mesa, em frente de Traddles, declarou que iam retirar-se para nos deixar em liberdade; o que fizeram com o ar mais cerimonioso.

— Meu caro Copperfield — disse Traddles enterrando-se na sua poltrona, quando eles saíram e olhando-me com um enternecimento que lhe tornava os olhos ainda mais vermelhos que de costume e dava aos seus cabelos as atitudes mais extravagantes —, não lhe peço perdão por lhe ir falar de negócios; sei todo o interesse que lhes liga e isso poderá de resto trazer qualquer distracção à sua

dor. Meu caro amigo, espero que não esteja muito fatigado.

— Estou pronto — disse-lhe após um momento de silêncio. — Primeiramente é em minha tia que é preciso pensar. Sabe todo o mal a que se tem sacrificado!

— Seguramente, seguramente — respondeu Traddles —, quem o poderá esquecer!

— Mas não é tudo — repliquei. — Há quinze dias que ela teve novos desgostos; não fez outra coisa senão correr para Londres todos os dias. Muitas vezes tem saído logo de manhã cedo para regressar a casa pela noite. Ontem ainda, Traddles com esta viagem em perspectiva, era perto de meia-noite, quando recolheu a casa. Sabe quanto ela pensa nos outros. Não quer dizer-me o motivo das suas penas.

Minha tia, de fronte pálida e vincada de rugas profundas, ficou imóvel a escutar-me. Algumas lágrimas correram-lhe lentamente pelas faces e meteu a sua mão na minha.

— Não é nada, Trot, não é nada. Está tudo acabado. Há-de sabê-lo um dia. Agora, Inês, minha querida, ocupemo-nos dos nossos negócios.

— Devo prestar a *Mister* Micawber a justiça de dizer — prosseguiu Traddles — que se bem não tenha sabido trabalhar utilmente por sua própria conta, é infatigável quando se trata dos negócios dos outros. Nunca vi nada assim. Se sempre teve esta actividade devoradora, deve ter a estas horas, segundo os meus cálculos, pelo menos, duzentos anos. É qualquer coisa de extraordinário o estado em que se põe, a paixão com que se mergulha noite e dia, no exame dos papéis e dos livros de contas; não falo da imensa quantidade de cartas que me tem escrito, conquanto estejamos porta com porta; muitas vezes até mas entrega através da mesa quando seria infinitamente mais simples explicarmo-nos de viva voz.

— Cartas! — exclamou minha tia. — Mas estou certa que ele só sonha com cartas.

— E *Mister* Dick — disse Traddles — também tem feito maravilhas! Logo que ficou livre de vigiar sobre Uriah Heep, o que fez com um zelo inaudito, dedicou-se aos interesses de *Mister* Wickfield e prestou-nos verdadeiramente os maiores serviços, ajudando-nos nas nossas investigações, encarregando-se de mil pequenas comissões, copiando-nos tudo de que tínhamos necessidade.

— Dick é um homem muito notável — exclamou minha tia — disse-o sempre, o Trot bem o sabe.

— Sinto-me feliz em dizer-lhe, *miss* Wickfield — prosseguiu Traddles, com uma delicadeza e uma seriedade deveras emocionantes —, que durante o tempo que esteve ausente o estado de *Mister* Wickfield melhorou muitíssimo. Libertado do peso que o esmagava há tanto tempo e dos terríveis receios que o afligiam, já não é o mesmo homem. Por vezes encontra até a faculdade de concentrar a sua

memória e a sua atenção e ajudou-nos a esclarecer diversos pontos dificultosos sobre os quais nunca poderíamos formar uma opinião sem o seu concurso. Mas apresso-me a chegar aos resultados que não demorarão a ser conhecidos; seria um nunca acabar, se eu me pusesse a contar-lhe por miúdo tudo o que me dá boa esperança no futuro.

Era fácil de ver que esse excelente Traddles dizia isso para nos fazer criar ânimo e para permitir a Inês ouvir pronunciar o nome de seu pai sem inquietação; mas nem por isso não deixamos todos de ficar menos satisfeitos.

— Vejamos! — disse Traddles pondo por ordem os papéis que estavam em cima da mesa. — Examinamos o estado dos nossos fundos, e, depois de termos posto em ordem diversas contas umas muito embrulhadas sem má intenção, mas outras atrapalhadas e falsificadas de propósito, parece-nos evidente que *Mister* Wickfield poderia retirar-se hoje dos negócios, sem ficar absolutamente nada em deficit.

— Bendito seja Deus! — disse Inês, com um fervoroso reconhecimento.

— Mas — disse Traddles — ficar-lhe-ia tão pouco para viver (porque mesmo supondo que vendesse a casa não arranjaria mais que alguns centos de libras esterlinas), que creio dever animá-la a reflectir, *miss* Wickfield, se ele não faria melhor em continuar a administrar as propriedades de que durante tanto tempo se encarregou. Os seus amigos poderiam, bem o reconhece, ajudá-lo com os seus conselhos, agora que ele se vê liberto de todos os embaraços. A própria *miss* Copperfield e eu...

— Já pensei nisto, Trotwood — disse Inês, olhando para mim —, mas creio que não se pode fazer, que não se deve fazer, mesmo a instâncias de um amigo a quem tanto devemos e a quem tão reconhecidos somos.

— Eu faria mal se insistisse — replicou Traddles. — Tive apenas em vista dar-lhe a ideia. Não falemos mais nisso.

— Sinto-me satisfeita em o ouvir — respondeu Inês com firmeza — porque isso me dá a esperança e quase a certeza de que pensamos da mesma maneira, caro senhor Traddles, e o senhor também, caro Trotwood. Uma vez livre meu pai de uma tal responsabilidade, que poderia eu desejar? Mais nada senão vê-lo aliviado de um trabalho tão penoso e de poder consagrar-lhe a minha vida, para lhe restituir um pouco do amor e das solicitudes com que me cumulou. Há muitos anos que é o que eu mais desejo no mundo. Nada poderia tornar-me mais feliz do que o pensamento de ser encarregada do nosso futuro, se não fosse o sentimento de que meu pai não mais será sobrecarregado com tão pesada responsabilidade.

—Já pensou no que poderia fazer, Inês?

— Muitas vezes, caro Trotwood. Não estou inquieta. Estou certa de me sair

bem. Toda a gente me conhece e me estima, estou certa disso. Nada receie por mim. As nossas necessidades não são grandes. Se puder alugar a nossa tão querida e velha casa e abrir uma escola, sentir-me-ei feliz por me tornar útil.

Ao ouvir essa voz calorosa, emocionada, mas pacífica, eu tinha tão presente a recordação da velha casa, dantes minha residência solitária, que não pude responder uma só palavra; tinha o coração a transbordar. Traddles fingiu que procurava uma nota entre os seus papéis.

— Agora, *miss* Trotwood — disse Traddles — vamos ocupar-nos da sua fortuna.

— Muito bem, senhor! — respondeu minha tia suspirando. — Tudo quanto posso dizer-lhe é que se ela já não existe, saberei tomar uma resolução; e que se ela ainda existe, ficarei contente em a reaver.

— Originariamente, creio que era na importância de oito mil libras esterlinas, em consolidados? — perguntou Traddles.

— Precisamente — respondeu minha tia.

— Não posso encontrar senão cinco — disse Traddles com ar perplexo.

— Mas são cinco mil libras ou cinco libras de que fala? — objectou minha tia com o maior sangue frio.

— Cinco mil libras — replicou Traddles.

— Era tudo quanto havia — respondeu minha tia. — Eu própria vendera três mil, mil das quais foram para a sua instalação, meu querido Trot; o resto guardei-o. Quando perdi o que possuía, julguei mais prudente não lhe falar desta última importância e de ficar com ela de reserva para ocorrer aos acontecimentos. Eu queria ver como é que suportaria esta provação, Trot; suportou-a nobremente, com perseverança, com dignidade, com resignação. Dick fez o mesmo. Não me digam nada, porque sinto os nervos um pouco abalados.

Ninguém poderia adivinhá-lo ao vê-la tão direita na sua cadeira, de braços cruzados; pelo contrário estava maravilhosamente senhora de si.

— Nesse caso estou satisfeitíssimo por lhe poder dizer — exclamou Traddles com ar radioso — que encontrámos todo o seu dinheiro.

— Peço sobretudo que ninguém me felicite — disse minha tia... — E como foi isso, senhor?

— A senhora julgava que *Mister* Wickfield tinha empregado mal essa quantia, não é verdade? — disse Traddles.

— Certamente — disse minha tia. — Também não me custou a guardar silêncio. Inês, não me diga uma palavra!

— E o facto é — disse Traddles — que os seus fundos tinham sido vendidos em virtude dos poderes que lhe confiara; não tenho precisão de lhe dizer por quem, nem com qual assinatura. Esse miserável ousou mais tarde afirmar e

mesmo provar, com cifras, a *Mister* Wickfield que tinha empregado a importância (segundo instruções gerais, dizia) para paliar outros deficits e outros embaraços de negócios. *Mister* Wickfield não tomou participação alguma na fraude, a não ser a desgraçada fraqueza de lhe pagar à senhora por diversas vezes os juros de um capital que ele sabia não existir já.

— E por fim, atribuiu-se todo o labéu — acrescentou minha tia —; escreveu-me então uma carta insensata em que se acusava de roubo e dos crimes mais odiosos. Em vista do que vim visitá-lo uma manhã, pedi uma vela acesa, queimei a carta que ele me mandou e disse-lhe que ele me pagaria um dia se lhe fosse possível, mas, no entanto, que se não pudesse, que vigiasse então sobre os seus próprios negócios, por amor de sua filha... Se alguém me diz uma palavra, saio já desta sala.

Ficámos silenciosos. Inês escondia a cabeça entre as mãos.

— Muito bem, meu caro amigo — disse minha tia passado um instante — e arrancou-lhe esse dinheiro?

— Com certeza! — disse Traddles. — *Mister* Micawber tinha-o tão bem encurralado e munira-se de tantas provas irresistíveis que o outro não pôde fugir-nos. O que há de mais notável é que creio em verdade que foi ainda mais por ódio contra Copperfield do que para satisfazer a sua extrema avareza que ele roubou esse dinheiro. Disse-mo ele muito francamente. Restava-lhe apenas um desgosto, era não ter dissipado essa quantia, para vexar Copperfield e para lhe fazer mal.

— Ora vejam! — disse minha tia franzindo as sobrancelhas com ar pensativo deitando um olhar sobre Inês. — E que é feito dele?

— Não sei — disse Traddles. — Partiu com a mãe que não fazia senão gritar, suplicar, confessar tudo. Partiram para Londres, na diligência da noite e nada mais sei a respeito dele, a não ser que ao partir demonstrou contra mim a malevolência mais audaciosa. Não me odiava menos que a *Mister* Micawber; tomei esta declaração por um cumprimento e tive o prazer de dizer-lho.

— Crê que ele leve algum dinheiro, Traddles? — perguntei-lhe.

— Oh! Sim, estou disso convencido — respondeu ele, abanando a cabeça com um ar sério. — Estou certo de que, de uma maneira ou de outra, deve ter embolsado uma linda maquia. Mas creio, Copperfield, que se tiver ocasião de o observar mais tarde, no decurso do seu destino, há-de ver que o dinheiro não o impedirá de proceder mal. É um hipócrita consumado; faça o que fizer, esteja certo de que nunca caminhará senão por vias tortuosas. E o único prazer que o compensa do constrangimento exterior que se impõe. Como rasteja sem cessar, de ventre no chão, para atingir qualquer fim particular, torna-se sempre um monstro quando encontra qualquer obstáculo no seu caminho; por consequência,

perseguirá com o seu ódio e com as suas suspeitas cada um daqueles que o incomodarem nos seus desígnios, ainda que seja o mais inocentemente possível. Então os seus desígnios tornar-se-ão cada vez mais tortuosos, à menor desconfiança que o saltear. Basta ver-se o que ele fez aqui, para a gente se convencer.

— É um monstro de baixeza como não há outro! — disse minha tia.

— Não sei... — replicou Traddles com ar pensativo. — Não é difícil vir a ser um monstro de baixeza quando se quer ter esse trabalho.

— E *Mister* Micawber? — disse minha tia.

— Ah! Realmente — disse Traddles com um ar satisfeito — não posso deixar de fazer ainda grandes elogios a *Mister* Micawber. Sem a sua paciência e a sua longa perseverança, nada teríamos feito que valesse a pena. E é preciso não esquecer que *Mister* Micawber procedeu por pura dedicação: basta pensar em tudo quanto poderia ter obtido de Uriah Heep, se quisesse que ele lhe pagasse o seu silêncio!

— Tem muita razão! — disse-lhe eu.

— E agora o que é preciso dar-lhe? — perguntou minha tia.

— Oh! Antes de chegarmos a esse ponto — disse Traddles, com um ar um pouco desconcertado — julguei, por discrição, dever omitir dois pontos no arranjo muito pouco legal (porque é preciso não dissimular que ele é muito pouco legal, de lés a lés) dessa difícil questão. As letras aceites por *Mister* Micawber a favor de Uriah, pelos adiantamentos que este lhe fazia...

— Muito bem! É preciso pagá-las — disse minha tia.

— Sim, mas não sei quando quererão servir-se delas contra ele, nem aonde param — replicou Traddles, arregalando os olhos —, e receio bem que daqui até à sua partida, *Mister* Micawber esteja constantemente a ser preso ou penhorado por dívidas.

— Então há-de ser preciso estar a pô-lo constantemente em liberdade e a pagar-lhe as penhoras — disse minha tia. — A quanto monta isso tudo?

— *Mister* Micawber lançou com muita exactidão essas transacções (ele chama-lhes transacções) no seu Razão — prosseguiu Traddles a sorrir — e isso monta a cento e três libras esterlinas e cinco xelins.

— Vejamos, quanto lhe havemos de dar, compreendida essa quantia? — disse minha tia. — Inês, minha querida, havemos de falar mais tarde da sua parte proporcional neste pequeno sacrifício... Muito bem! Quanto lhe daremos? Quinhentas libras?

Acerca desta oferta, pedimos ambos a palavra, Traddles e eu. Insistimos os dois para que não se entregasse a Micawber senão uma pequena quantia de cada vez e que, sem antecipadamente se lhe prometer coisa alguma, se fosse saldando

pouco a pouco o que ele devesse a Uriah. Fomos de opinião que se pagasse a passagem e as despesas de instalação da família, que se lhe desse, além disso, cem libras esterlinas e que se simulasse tomar a sério o contrato proposto por *Mister* Micawber para fazer esses adiantamentos; ser-lhe-ia salutar sentir-se sob o peso dessa responsabilidade. A isto acrescentei que eu daria sobre o seu carácter alguns pormenores a *Mister* Peggotty, com o qual eu sabia que se podia contar. Poder-se-ia também confiar a *Mister* Peggotty o cuidado de lhe adiantar mais tarde cem libras esterlinas, além do que ele tivesse recebido à partida. Propunha-me ainda interessar *Mister* Micawber a *Mister* Peggotty, confiando-lhe, da história deste último, o que me parecesse útil ou conveniente não lhe ocultar, a fim de os levar a coadjuvarem-se mutuamente, no seu comum interesse. Entrámos todos calorosamente na discussão destes planos e posso dizer antecipadamente que, efectivamente, a mais perfeita boa vontade e a melhor harmonia não tardaram a reinar entre as duas partes interessadas.

Vendo que Traddles olhava para minha tia com ar inquieto, recordei-lhe que ele aludira a duas questões de que nos tinha que falar.

— Sua tia há-de desculpar-me e o senhor também, Copperfield, se abordo um assunto tão desagradável — disse Traddles hesitando —, mas creio necessário recordá-lo. No dia em que *Mister* Micawber nos fez essa memorável denúncia, Uriah Heep proferiu ameaças contra o marido de sua tia...

Minha tia inclinou a cabeça sem mudar de posição, com a mesma tranquilidade aparente.

— Talvez — continuou Traddles — que não passasse duma impertinente bravata.

— Não — respondeu minha tia.

— Havia, pois... peço-lhe a bondade de me perdoar... uma pessoa que tinha esse título...? — disse Traddles. — E essa pessoa estava à mercê de Uriah?

— É verdade, meu amigo! — disse minha tia.

Traddles explicou e com cara de caso, que não tinha podido abordar esse assunto e que na combinação que havia feito, não se ressalvara isso nem as letras contra *Mister* Micawber; que não tínhamos nenhum poder sobre Uriah Heep e que se ele estava nos casos de nos fazer mal, ou de nos pregar uma má partida, quer a uns quer a outros, que não deixaria de o fazer pela certa.

Minha tia guardava silêncio; corriam-lhe algumas lágrimas pelo rosto.

— Tem razão — disse ela. — E fez bem em falar nisso.

— Podemos fazer qualquer coisa, Copperfield ou eu? — perguntou docemente Traddles.

— Nada —disse minha tia. — Agradeço-lhes mil vezes. Trot, meu caro, isso não passa de uma vã ameaça. Mande entrar *Mister* e *Mistress* Micawber. E

sobretudo não me digam nada nem uns nem outros!

Ao mesmo tempo arranjou as pregas do seu vestido e tornou-se a sentar, sempre direita como de ordinário, de olhos fitos na porta.

— Muito bem, *Mister* e *Mistress* Micawber — disse minha tia vendo-os entrar —, acabámos de discutir a questão da sua emigração... peço-lhes perdão de os ter deixado tanto tempo sós... vão ouvir o que nós lhes propomos.

E passou a explicar-lhes o que se tinha combinado, com extrema satisfação da família, pequenos e grandes, aí presentes. *Mister* Micawber, em particular, ficou por tal forma encantado por encontrar uma tão bela ocasião de praticar os seus hábitos de transacções comerciais, assinando letras, que não se pôde impedi-lo de correr imediatamente à loja do papel selado. Mas a sua alegria recebeu de repente um rude choque: cinco minutos depois, apareceu escoltado por um agente do *sheriff,* a informar-nos, soluçando, que estava perdido. Como nos encontrávamos preparados para esse acontecimento, pois que tínhamos previsto a vingança de Uriah Heep, pagámos logo a quantia, e, cinco minutos depois, *Mister* Micawber tinha retomado o seu lugar diante da mesa e preenchia os espaços brancos das suas folhas de papel selado com uma expressão de arroubamento que nenhuma outra ocupação podia dar-lhe, a não ser a de confeccionar o *punch.* Era de vê-lo retocar as suas letras com um embevecimento artístico e colocá-las a distância para melhor gozar o efeito, olhar para elas com o canto do olho e inscrever na sua carteira de lembranças as datas e as importâncias, enfim contemplar a sua obra terminada, com a profunda convicção de que era ouro em barra. Não podia haver espectáculo mais divertido.

— E agora, senhor, se me permite dizer-lhe o que tem de melhor a fazer — disse minha tia depois de o haver observado um momento em silêncio — é renunciar para sempre a essa ocupação.

— Minha senhora — respondeu *Mister* Micawber — tenho tenção de inscrever esse voto na página virgem do nosso novo futuro. *Mistress* Micawber pode dizer-lho. Tenho confiança — acrescentou ele num tom solene — em que meu filho Wilkins nunca se esquecerá de que mais lhe valerá meter as mãos em chamas do que manejar com elas as serpentes que espalharam o seu veneno nas veias geladas de seu desgraçado pai!

Profundamente emocionado e transformado numa imagem do desespero, *Mister* Micawber contemplava essas serpentes invisíveis com um olhar repleto de um ódio sombrio (conquanto, a falar verdade, ali se deparassem alguns vestígios do seu antigo gosto por essas serpentes figuradas), depois dobrou as letras e meteu-as no bolso.

A noite tinha sido bem trabalhosa. Estávamos cansados de desgosto e de

fadiga, sem contar que minha tia e eu devíamos regressar a Londres no dia seguinte. Combinou-se que os Micawber seguiriam para ali, depois de venderem a mobília; que os negócios de *Mister* Wickfield seriam regulados o mais prontamente possível, sob a direcção de Traddles e que Inês iria em seguida a Londres. Passámos a noite na velha casa que, liberta agora da presença dos Heep, parecia purgada de uma pestilência e deitei-me no meu antigo quarto, como um pobre náufrago que regressou a casa.

No dia seguinte fomos para casa de minha tia, para não irmos a minha casa e estávamos ambos sentados ao lado um do outro, como outrora, antes de nos irmos deitar, quando ela me disse:

— O Trot tem deveras muita vontade de saber o que é que me preocupava ultimamente?

— Tenho, sim, minha tia; hoje, mais do que nunca, não desejaria ver-lhe um desgosto ou uma inquietação de que eu não participasse.

—Já tem desgostos que bastem, meu filho — disse minha tia afectuosamente —, para que eu lhe vá acrescentar as minhas pequenas misérias. Não tenho tido outro motivo, meu caro Trot, se lhe tenho ocultado qualquer coisa.

— Bem sei. Mas diga-mo agora.

— Quer sair de carro comigo amanhã de manhã? — perguntou minha tia.

— Com certeza que quero.

— Às nove horas — prosseguiu ela —; dir-lhe-ei tudo, meu amigo.

No dia seguinte de manhã, entrámos para um trem com destino a Londres. Fizemos um longo trajecto pelas ruas, antes de chegarmos diante de um dos grandes hospitais da cidade. Perto do edifício, vi um carro mortuário muito simples. O cocheiro reconheceu minha tia, que lhe fez sinal com a mão para se pôr em marcha: obedeceu e nós seguimo-lo.

— Compreende agora, Trot? — disse minha tia. — *Ele* morreu!

— Morreu no hospital?

— É verdade!

Ela estava sentada, imóvel, a meu lado, mas eu via de novo as lágrimas correrem-lhe pelas faces.

— Já cá tinha estado uma vez — informou minha tia. — Há muito tempo que andava doente, era uma saúde destruída. Quando soube qual o seu estado, durante a última doença, mandou-me chamar. Estava arrependido, muito arrependido!

— E estou certo de que a tia foi vê-lo?

— Fui e passei depois bastantes horas ao pé dele.

— Morreu na véspera da nossa viagem a Canterbury?

Minha tia fez-me sinal que sim.

— Ninguém agora já lhe pode fazer mal — disse ela. — Bem vê que era uma ameaça vã.

Chegámos ao cemitério de Hornsey.

— Prefiro que ele aqui descanse do que na cidade. Nasceu aqui.

Apeámo-nos e seguimos a pé o féretro até ao canto de terra cuja lembrança conservei e aonde se leu o ofício dos mortos: *Tu és pó e...*

— Há trinta e seis anos, meu amigo, que eu tinha casado com ele — disse-me minha tia quando entrámos de novo para o trem. — Que Deus nos perdoe a todos!

Sentámo-nos em silêncio e ela esteve durante largo espaço de tempo sem falar, tendo sempre a minha mão apertada entre as suas. Enfim desatou de repente a chorar e disse-me:

— Era um lindíssimo homem quando casei com ele, Trot... Mas, Deus do céu!, como estava mudado!

Isto pouco durou. As lágrimas aliviaram-na, tranquilizou-se a breve trecho e recuperou a sua serenidade.

— É que tenho os nervos um pouco abalados — dizia-me ela. — Se não fosse isso, não cairia assim em emoção. Que Deus nos perdoe a todos!

Regressámos a casa dela em Highgate e lá encontrámos o seguinte bilhetinho, chegado pelo correio da manhã, da parte de *Mister* Micawber:

> Canterbury, sexta-feira.
>
> Minha querida senhora e também meu querido Copperfield: O belo país de promissão que começava a despontar no horizonte, acha-se de novo envolvido numa neblina impenetrável e desaparece para sempre dos olhos de um desgraçado náufrago, cuja sentença está pronunciada.
>
> Uma ordem de prisão acaba efectivamente de ser lançada por Heep contra Micawber (no supremo tribunal do Banco do Rei, em Westminster) e o citado é vítima do *sheriff,* revestido de autoridade legal neste bailiado.
>
> Eis o dia, eis a hora de horror
> São vencidos na frente os soldados,
> Eduardo, por fim vencedor
> Escraviza-me em ferros odiados.
>
> Uma vez caído novamente entre ferros, a minha existência será de curta duração (as angústias da alma não poderão suportar-se logo que atinjam um certo ponto; sinto que ultrapassei esses limites). Que Deus os abençoe! Que os abençoe a todos! Talvez que um dia qualquer viajante, visitando por curiosidade e também, espero, por simpatia, o lugar onde se encerram os devedores nesta cidade, há-de reflectir por muito tempo, ao ler gravadas na parede, com a ajuda de um prego ferrugento,
>
> Estas obscuras iniciais:
>
> W. M.

*P.S.* — Torno a abrir esta carta para lhes dizer que o nosso comum amigo *Mister* Tomás Traddles, que ainda não nos deixou e que parece gozar da melhor saúde, acaba de pagar as minhas dívidas e todas as despesas, em nome dessa boa e honrada *miss* Trotwood; a minha família e eu sentimo-nos no cúmulo da felicidade.

## Capítulo LV — A tempestade

Chego agora a um acontecimento que deixou na minha alma vestígios terríveis e indeléveis, a um acontecimento por tal forma ligado a tudo quanto precede esta parte da minha vida, que, desde as primeiras páginas da minha narrativa, se foi elevando sempre a meus olhos, como uma torre gigantesca isolada na planície, projectando a sua sombra sobre os próprios incidentes que marcaram os dias da minha infância.

Durante os anos que se seguiram a este acontecimento, eu pensava nisso sem cessar. A impressão fora tão profunda que, durante o sossego das noites, no meu quarto tranquilo, eu ouvia ainda bramir o trovão da sua fúria temerosa. Hoje mesmo sucede-me tornar a ver essa cena nos meus sonhos, se bem que com mais raros intervalos. Associa-se ela no meu espírito ao ruído do vento durante a tempestade e ao nome da costa do Oceano. Vou tentar reconstrui-la, tal como a vejo a meus olhos, porque não é uma recordação, é uma realidade presente.

Aproximava-se o momento em que o navio dos emigrantes ia seguir viagem; a minha querida criada velhota veio a Londres; o seu coração amargurou-se de dor à nossa primeira entrevista. Eu estava constantemente com ela, com seu irmão e com os Micawber, que não os abandonavam nunca, mas não tornei mais a ver Emília.

Uma noite, estava eu só com Peggotty e com seu irmão. Pusemo-nos a falar de Ham. Contou-nos com que ternura ele se despedira dela, sempre sossegado e corajoso. Quando ela o julgava mais prostrado pelo desgosto, dizia-me, era quando ele parecia ainda mais tranquilo e animoso. A excelente mulher nunca se cansava de falar nele e tínhamos, ao ouvir as suas narrativas, o mesmo interesse que ela ao contar-no-las.

Tínhamos renunciado, minha tia e eu, às nossas duas casinhas de Highgate; eu, para viajar e ela para voltar a habitar a sua casa de Dover. Enquanto esperávamos, tínhamos alugado um quarto em Covent Garden. Eu entrava em casa nessa noite, reflectindo no que se passara entre mim e Ham, na minha última visita a Yarmouth e perguntava comigo se não faria melhor escrever imediatamente a Emília, em vez de entregar uma carta para ela ao tio, no momento em que me despedisse dele no tombadilho, como de princípio projectara. Talvez que ela quisesse, depois de ter lido a minha carta, enviar por mim alguma mensagem de despedida àquele que tanto a amava. Mais valia facilitar-lhe a ocasião.

Antes de me deitar, escrevi-lhe. Disse-lhe que tinha visto Ham e que ele me

havia pedido para lhe dizer o que já relatei mais atrás. Repeti-o fielmente, sem nada acrescentar. Quando mesmo eu não tivesse esse direito, não tinha necessidade alguma de dizer nada mais. Nem eu, nem ninguém, poderia tornar mais emocionantes as suas palavras simples e sinceras. Dei ordem de levar essa carta no dia seguinte de manhã, acrescentando somente para *Mister* Peggotty o pedido de a entregar a Emília. Não me deitei senão de madrugada.

Eu estava então mais fatigado do que imaginava; só adormeci quando o sol aparecia já no horizonte e a fadiga reteve-me na cama até bastante tarde no dia seguinte. Fui despertado pela presença de minha tia à cabeceira da cama, conquanto não fizesse ruído. Senti no meu sono que ela estava ali, como isso nos sucede bastantes vezes.

— Trot, meu amigo — disse ela vendo-me abrir os olhos — eu não podia decidir-me a despertá-lo. *Mister* Peggotty está aí; quer que o mande subir?

Respondi que sim; apareceu daí a pouco.

— Mestre Davy — disse ele quando me deu um aperto de mão — entreguei a Emília a sua carta e aqui está o bilhete que ela escreveu depois de a ter lido. Pede-lhe para se inteirar dele, e, se nisso não vir inconveniente, para ter a bondade de se encarregar do resto.

— O senhor leu-o? — perguntei-lhe eu.

Disse tristemente que sim com a cabeça; abri-o e li o seguinte:

> Recebi a sua mensagem. Oh! Que poderia eu dizer-lhe para lhe agradecer tanta bondade e interesse?
>
> Apertei a sua carta de encontro ao meu coração. Aí permanecerá até ao dia da minha morte. São espinhos bem agudos, mas fazem-me bem. Rezei depois. Oh! Sim, rezei bastante. Quando penso o que o senhor é e o que é meu tio, compreendo o que Deus deve ser e sinto-me com coragem para lhe rezar.
>
> Adeus para sempre, meu amigo; adeus para sempre neste mundo. No outro, se eu obtiver o meu perdão, talvez que desperte criança e poderei então ir procurá-lo? Obrigada e que Deus o abençoe! Adeus, adeus para sempre!

Era tudo quanto se lia na sua carta, com o vestígio das suas lágrimas.

— Posso dizer-lhe que o senhor não viu inconveniente, mestre Davy e que há-de ter a bondade de a fazer chegar ao seu destino? — perguntou-me *Mister* Peggotty quando acabei de ler.

— Certamente que sim — disse-lhe eu —, mas estava a pensar...

— Sim, mestre Davy?

— Estou com vontade de ir a Yarmouth. Tenho mais do que o tempo preciso para ir e vir antes da partida do navio. *Ele* não me sai do espírito, *ele* e a sua solidão; se eu puder entregar-lhe a carta de Emília e encarregá-lo de dizer à sua sobrinha, à hora da partida, que ele a recebeu, isso far-lhes-á bem a ambos.

Aceitei solenemente a incumbência de que o excelente rapaz me encarregou e hei-de cumpri-la por completo. A viagem nada é para mim. Tenho necessidade de movimento, isso me acalmará. Partirei esta noite.

*Mister* Peggotty tentou dissuadir-me, mas vi que no fundo pensava como eu e isso me confirmaria na minha intenção, se tivesse necessidade de tal. A meu pedido, foi ele ao escritório da diligência reservar-me um lugar de imperial. Parti à noite por essa mesma estrada que noutros tempos atravessei, no meio de tão diversas vicissitudes.

— O céu não lhe parece tão esquisito esta noite? — disse eu ao cocheiro quando da nossa primeira muda. — Não me recordo de o ver assim como hoje!

— Nem eu tampouco; nem mesmo vi coisa que se lhe parecesse — respondeu ele. — Isto é vento, senhor. Haverá desgraças no mar, lenho bem receio, antes de pouco tempo.

Era uma confusão de nuvens escuras e rápidas, atravessadas aqui e além por faixas de uma cor como a do fumo que se ergue da madeira molhada: essas nuvens acumulavam-se em massas enormes, com profundidades tais como não poderiam dar ideia os mais profundos abismos da terra e a lua parecia mergulhar-se nelas de cabeça baixa, como se, no seu espanto de ver uma tão grande desordem nas leis da natureza, tivesse perdido a sua rota através do céu. O vento, que havia soprado com violência em todo o dia, recomeçava com um ruído formidável. O céu ia-se carregando sempre cada vez mais.

Mas à medida que avançava a noite e que as nuvens precipitavam a sua carreira, negras e cerradas, por toda a superfície do céu, o vento redobrava de furor. Era por tal modo violento, que os cavalos mal podiam andar. Várias vezes, no meio da escuridão da noite (estávamos em fins de Setembro e as noites eram já compridas), o cocheiro parou, seriamente alarmado pela segurança dos passageiros. Sucediam-se aguaceiros rápidos, que caíam como lâminas de aço e dávamo-nos por felizes quando encontrávamos um muro ou uma árvore que nos abrigasse, porque se tornava impossível continuar-se a lutar contra a tempestade.

Ao raiar do dia, o vento redobrou ainda de furor. Eu tinha assistido, em Yarmouth, a vendavais que os marinheiros chamavam canhonaços, mas nunca havia visto uma coisa semelhante, nem mesmo que se lhe parecesse. Chegámos muito tarde a Norwich, disputando à tempestade cada polegada de terreno, a partir de quatro léguas de Londres e encontrámos na praça do mercado uma quantidade de pessoas que se tinham levantado, a meio da noite, ao ruído da queda das chaminés. Disseram-nos, enquanto se mudava de cavalos, que grandes folhas de zinco tinham sido arrancadas, pelo vento, da torre da igreja e atiradas para uma rua próxima, que estava atravancada por completo; outras pessoas contavam que uns aldeões chegados dos arredores tinham visto corpulentas

árvores desarreigadas e cujos ramos esparsos juncavam estradas e campos. E, todavia, longe de amainar, a tempestade redobrava sempre de violência.

Fomos avançando a muito custo; aproximávamo-nos do mar, que nos enviava esse ciclone. Não estávamos ainda à vista do Oceano e já sentíamos inundar-nos ondas de espuma numa chuva salgada. A água subia sempre, cobrindo até algumas milhas de distância a região plana que se avizinha de Yarmouth. Todos os pequenos regatos, transformados em torrentes, espalhavam-se ao longe. Quando avistámos o mar, as vagas levantavam-se, no horizonte do abismo em fúria, como torres e edifícios, numa praia distante. Quando enfim entrámos na cidade, todos os habitantes vinham às soleiras das portas, com ar inquieto, de cabelos ao vento, ver passar a mala-posta, que tivera a coragem de arrostar viagem durante essa terrível noite.

Apeei-me na velha estalagem e depois dirigi-me para o mar, tropeçando na rua, coberta de areia e de ervas marinhas ainda todas inundadas de espuma esbranquiçada; a cada passo tinha de evitar que me caísse alguma telha na cabeça ou de agarrar-me a algum transeunte, ao voltar de uma rua, para não ser arrastado pela ventania. Ao aproximar-me da praia, vi não só marinheiros, mas metade da população da cidade refugiada por trás das casas; arrostavam por vezes a fúria da tempestade para contemplar o mar, mas apressavam-se a regressar aos abrigos, conforme podiam, fazendo mil ziguezagues para cortar o vento.

Fui juntar-me a esses grupos: viam-se entre eles mulheres banhadas em lágrimas, que tinham os maridos no mar à pesca do arenque ou das ostras; havia muitas razões para acreditar que os seus batéis tivessem sido engolidos pelo mar antes que pudessem refugiar-se em qualquer abrigo. Velhos marinheiros meneavam a cabeça e falavam ao ouvido, olhando primeiro para o mar e depois para o céu; havia também entre eles armadores de navios, agitados e inquietos; a criançada, a trouxe-mouxe, procurava ler no rosto dos velhos lobos do mar; vigorosos marujos, perturbados e inquietos, refugiavam-se por trás de uma parede, dirigindo para o oceano os seus óculos de alcance, pomo se estivessem em vedeta na frente do inimigo.

Quando pude contemplar o mar, a despeito do vento que me cegava, dos seixos e da areia que vinham de todos os lados e dos formidáveis mugidos das ondas, fiquei completamente confundido com tal espectáculo.

Viam-se muralhas de água, que avançavam rolando e depois ruíam subitamente de toda a sua altura, parecendo que iam engolir a cidade. As vagas, retirando-se com um ruído surdo, pareciam escavar na praia barrancos profundos, como para minar o solo. Quando uma onda branca se despedaçava com fragor, antes de atingir a praia, cada fragmento desse todo temeroso,

animado da mesma fúria, corria, na sua cólera, a formar um outro monstro para um novo assalto. As colinas transformavam-se em vales, os vales tornavam a formar colinas, sobre as quais descia de repente alguma gaivota solitária; a água fervilhante vinha espadanar no areal, massa tumultuosa que mudava sem cessar de forma e de lugar, para ceder daí a pouco o espaço a formas novas; a praia ideal que parecia elevar-se no horizonte mostrava e ocultava alternativamente os seus campanários e os seus edifícios; as nuvens galopavam compactas e rápidas; parecia assistir-se a uma epilepsia, a um despedaçamento supremo da natureza inteira.

Eu não tinha visto Ham entre os marinheiros que esse tufão memorável (porque ainda hoje é lembrado como o mais terrível sinistro que desolou o litoral) reunira na praia; fui ter à sua choupana; estava fechada; baldadamente bati. Então fui ter, por atalhos, ao estaleiro aonde ele trabalhava. Soube lá que tinha partido para Lowestoft, aonde fora chamado urgentemente para fazer um concerto num casco, que só ele podia fazer, mas que devia estar de volta no dia seguinte de manhã cedo.

Fui à estalagem, e, depois de me agasalhar para a noite, tentei dormir, mas não fui capaz; eram cinco horas da tarde. Não estaria há dois minutos ao canto do fogão, na sala de jantar, quando entrou o criado sob o pretexto de arrumar, o que lhe servia de desculpa para dar à língua. Disse-me que acabavam de naufragar dois navios carvoeiros com toda a tripulação, a algumas milhas de Yarmouth e que se tinham visto outros navios em aflição, desgovernados, esforçando-se por se afastarem da costa: o perigo era iminente.

— Que Deus tenha piedade deles e de todos os pobres marinheiros! — disse ele. — Que vai ser deles se esta noite for como a de ontem!

Eu estava muito desanimado; o meu isolamento e a ausência de Ham causavam-me um mal-estar invencível. Estava seriamente incomodado, sem perceber bem, por causa dos últimos acontecimentos e o vento fortíssimo a que estivera muito tempo exposto perturbava-me as ideias. Parecia-me tudo tão confuso, que tinha perdido a noção do tempo e da distância. Não me surpreenderia nada, creio, encontrar nas ruas de Yarmouth alguém que eu soubesse que devia estar em Londres. Havia, a esse respeito, um vácuo extravagante no meu espírito. E, todavia, não permanecia ocioso, mas estava todo absorvido nos pensamentos tumultuosos que naturalmente me sugeria esse lugar, para mim tão cheio de recordações distantes e recentes.

Nesse estado, as tristes novidades que me dava o criado acerca dos navios em perigo, associavam-se, sem nenhum esforço da minha vontade, à minha ansiedade por Ham. Convencia-me de que ele quisesse regressar de Lowestoft por mar e de que estava perdido. Esta apreensão tornou-se tão forte, que resolvi

voltar ao estaleiro antes de jantar e perguntar ao construtor se ele julgava provável que Ham pudesse pensar em regressar por mar. Se ele me desse a menor razão de o acreditar, eu partiria para Lowestoft e não o deixaria embarcar, trazendo-o na minha companhia.

Encomendei o jantar e fui ao estaleiro. Era tempo; o construtor, de lanterna na mão, ia fechar a porta. Pôs-se a rir quando eu lhe fiz a pergunta e disse-me que escusava de recear, pois nunca um homem em seu bom juízo, nem mesmo um doido, pensaria em embarcar-se com uma tal ventania; Ham Peggotty menos do que qualquer outro; então ele que nascera marinheiro!

Eu previra isto antecipadamente e todavia não pudera resistir à necessidade de fazer tal pergunta, conquanto a fizesse envergonhado. Depois voltei para a estalagem. O vento parecia ainda aumentar de violência, se é possível. Os seus bramidos, o fragor das vagas, o bater das portas e das janelas, o gemido abafado das chaminés, a oscilação aparente da casa que me abrigava e o tumulto do mar em fúria, tudo isto era mais medonho ainda do que pela manhã. A profunda escuridão vinha ajuntar ao vendaval os seus terrores reais e imaginários.

Eu não podia comer, não podia conservar-me tranquilo, não podia fixar-me em coisa alguma: havia dentro de mim qualquer coisa que respondia à tempestade exterior e subvertia vagamente os meus pensamentos tempestuosos. Mas no meio dessa tempestade da minha alma, que se elevava como as vagas mugidoras, eu reencontrava constantemente em primeira linha a minha inquietação pela sorte de Ham.

Arrumaram o jantar sem que eu, por assim dizer, lhe tivesse tocado e tentei reconfortar-me com um ou dois copos de vinho. Tudo era inútil. Adormeci diante do fogão, sem perder o sentimento nem do ruído exterior, nem do lugar em que estava. Era um horror indefinível que me perseguia no meu sono e quando despertei, ou, antes, quando saí da letargia que me pregava à cadeira, tremia-me o corpo todo, tomado de um receio inexplicável.

Andei pela sala, tentei ler um jornal velho, pus-me a ouvir o ruído do vento e a olhar para as formas bizarras que a chama do fogão figurava. Afinal, o tique-taque monótono do relógio de parede irritou-me por tal forma os nervos que resolvi ir-me deitar.

Fiquei satisfeito ao saber que, com uma noite assim, alguns dos criados da estalagem estavam decididos a não se deitarem até ao dia seguinte de manhã. Deitei-me horrivelmente cansado e com a cabeça pesada; mas, mal me estendi na cama, essas sensações desapareceram como que por encanto e fiquei perfeitamente desperto, na plenitude de todos os sentidos.

Durante horas ouvi o bramido do vento e do mar; umas vezes julgava ouvir gritos ao longe, outras era um tiro de canhão de alarme, outras enfim eram casas

que se esbarrondavam na cidade. Levantei-me umas poucas de vezes e aproximei-me da janela, mas não via através das vidraças senão o débil clarão da minha vela e o meu rosto pálido e transtornado, que nelas se reflectia no meio das trevas.

Por fim, a minha agitação tornou-se tal que me vesti outra vez a toda a pressa e desci do meu quarto. Na vasta cozinha, aonde pendiam, das traves, compridas réstias de cebolas e pedaços de toucinho, vi a gente da casa que estava de vigília, agrupada em volta de uma mesa que se tinha expressamente tirado de em frente do fogão para o pé da porta. Uma linda criada que tapava os ouvidos com o avental, com os olhos sempre fixos na porta, pôs-se a gritar quando me avistou, tomando-me por uma alma do outro mundo; mas os outros tiveram mais coragem e ficaram encantados por eu ir fazer-lhes companhia. Um deles perguntou-me se eu acreditava que as almas dos pobres marinheiros que acabavam de morrer no naufrágio dos barcos carvoeiros, não teriam sido, ao evolar-se dos corpos, extintas pela tempestade.

Demorei-me ali, creio que duas horas. Uma vez, abri a porta do pátio e olhei para a rua solitária. A areia, as ervas marinhas e as poças de espuma encheram a passagem num momento; tive de pedir auxílio para conseguir fechar a porta e barricá-la contra o vento.

Reinava uma sombria escuridão no meu quarto solitário, quando acabei por ir para lá; como estava fatigado, tornei-me a deitar; daí a pouco caí num profundo sono, como se resvalasse, em sonhos, de uma alta torre ao fundo de um precipício. Estou lembrado de que, durante algum tempo, ouvia o vento através do meu sono, se bem que os meus sonhos me transportassem a outros lugares e no meio de cenas bem diferentes. Finalmente, todo o sentimento da realidade desapareceu e vi-me com dois dos meus melhores amigos, cujos nomes ignoro, no cerco de uma cidade que bombardeavam a mais não poder ser.

O ruído do canhão era tão forte e tão contínuo, que eu não podia conseguir ouvir certa coisa que tinha grande desejo de saber; enfim, fiz um derradeiro esforço e despertei. Era dia bem claro, aproximadamente oito ou nove horas: era a tempestade que eu estava ouvindo e não as baterias; batiam-me à porta e chamavam por mim.

— O que é? — exclamei.

— É um navio que está a naufragar muito perto daqui.

Saltei abaixo da cama e perguntei que navio era.

— É um *scooner* que vem de Espanha ou de Portugal, com um carregamento de fruta e vinho. Venha depressa, senhor, se o quer ver. Dizem que vai despedaçar-se nos rochedos, de um momento para o outro.

O criado desceu a escada quatro a quatro; vesti-me o mais depressa que me foi

possível e achei-me na rua.

Precedia-me uma multidão de gente; corriam todos na mesma direcção, para a praia. Não tardou que eu passasse adiante de um grande número e cheguei em frente do mar em fúria.

O vento talvez se tivesse acalmado um pouco, mas que calma! Era como se meia dúzia de peças de artilharia se tivessem calado, entre as centenas de bocas de fogo que soavam aos meus ouvidos durante o meu sonho. Quanto ao mar, cada vez mais agitado, tinha uma aparência bem mais formidável ainda do que na véspera à tarde. Parecia ter aumentado de volume por todos os lados; era qualquer coisa de assustador ver a que altura se elevavam as suas vagas imensas, que trepavam umas sobre as outras, para rolarem na praia e aí se despedaçarem com fragor.

No primeiro momento, o bramido do vento e das ondas, a multidão e a confusão universal, juntas à dificuldade que eu experimentava em resistir à tempestade, por tal forma me perturbavam os sentidos, que por mais que olhasse não pude ver o navio em perigo: só descobria o cimo das grandes vagas. Um marinheiro seminu, de pé, a meu lado, mostrou-me, com o seu braço tatuado, em que se via uma seta com a ponta voltada para a mão, o lado esquerdo da praia. Mas então, Deus do céu!, vi-o bem, a esse desgraçado navio e muito perto de nós.

Um dos mastros estava quebrado a seis ou oito pés do tombadilho e jazia estendido ao lado, no meio de um montão de velas e de cordame. À medida que o navio era sacudido pelo balanço de bombordo a estibordo e da proa à popa, que não lhe deixava um momento de descanso, essas ruínas incómodas batiam o flanco do navio como para arrombarem o casco; faziam-se esforços a bordo para cortar tudo e atirá-lo ao mar, porque, quando o balanço nos deixava ver o convés, descobria-se claramente a tripulação nessa faina, de machados em punho. Entre os homens de bordo havia um, sobretudo, de cabelos encaracolados, que se distinguia dos outros pela sua actividade infatigável. Mas, nesse momento, um grande grito partiu da praia, sobrelevando ao vento e ao mar: as vagas tinham varrido o tombadilho, levando com elas, para o abismo fervilhante, os homens, as tábuas e o cordame — frágeis brinquedos para o seu furor!

Estava ainda de pé o segundo mastro, envolvido com alguns destroços de velas e cordas meio desprendidas, que o batiam em todos os sentidos. O navio já estava encalhado, ao que me dizia ao ouvido a voz rouca de um marinheiro; safou-se, depois encalhou de novo. Daí a pouco ouvi a mesma voz anunciar-me que o navio estava a abrir de través e isso não era difícil de compreender; via-se bem que o assalto dado ao navio era muito violento para que a obra da mão dos

homens pudesse resistir por muito tempo. No momento em que tal ouvia, um outro grito, um longo grito de aflição partia da praia, vendo-se quatro homens sair do abismo com o navio naufragado e agarrarem-se ao pedaço de mastro ainda de pé, e, no meio deles, esse personagem de cabelos encaracolados cuja energia tão admirada tinha sido há pouco.

Havia um sino a bordo: enquanto o navio se debatia como uma criatura reduzida à loucura pelo desespero, mostrando-nos ora toda a extensão do tombadilho devastado voltado para a praia, ora a sua quilha que tão depressa se voltava para nós como tornava a mergulhar no mar, o sino tocava incessantemente o dobre fúnebre por esses desgraçados, dobre que vinha até nós. O navio abismou-se de novo nas águas, depois reapareceu; dois dos homens haviam sido engolidos. A angústia das testemunhas desta cena dilacerante aumentava sempre. Os homens gemiam juntando as mãos, as mulheres gritavam e desviavam o rosto. Via-se gente a correr pela praia, desordenadamente e a gritar por socorro, quando todo o socorro era impossível. Eu próprio, suplicava com instância a um grupo de marinheiros meus conhecidos, que não deixassem essas duas vítimas morrer assim à nossa vista.

Responderam-me, na sua agitação (não sei como em tal momento pude compreendê-los), que uma hora antes se havia tentado, mas sem sucesso, deitar ao mar o barco salva-vidas e que, como ninguém teria a audácia de se lançar a nado com uma corda cuja extremidade ficaria presa na praia, nada havia absolutamente que tentar. De repente, vi o povo agitar-se no areal; abria caminho para dar passagem a alguém. Era Ham que chegava, correndo desabaladamente.

Fui direito a ele; creio, em verdade, que era para lhe pedir que fosse em socorro desses desgraçados. Mas, por mais emocionado que eu estivesse por um espectáculo tão novo e tão terrível, a expressão do seu rosto e o seu olhar dirigido para o mar, esse olhar que só uma vez lhe tinha visto, no dia da fuga de Emília, despertaram em mim o sentimento do seu perigo. Agarrei-o nos braços; gritei aos que me rodeavam que não o ouvissem, que seria um homicídio, que era preciso não o deixar sair da praia.

Um novo grito ressoou em torno de nós; vimos a vela cruel enrodilhar em golpes repetidos um dos dois que pôde atingir e lançar-se vitoriosa sobre o homem de coragem indomável, o único que se agarrara ao mastro.

Em presença de tal espectáculo e diante da resolução calma e desesperada do valente marinheiro, acostumado a exercer tanto império sobre a maior parte das pessoas que formigavam em volta dele, compreendi que nada podia contra a sua vontade; o mesmo seria que tentar deter os ventos e as vagas.

— *Mister* David — disse ele apertando-me afectuosamente as mãos — se é chegada a minha hora, bem vinda seja; se não é ainda chegada, o senhor há-de

tornar a ver-me... Que o Deus do céu o abençoe! Que ele os abençoe a todos, camaradas! Preparem tudo; vou partir!

Desviaram-me brandamente, pediram-me que me afastasse, já que ele queria ir, custasse o que custasse; com a minha presença não faria senão comprometer as medidas de segurança que havia a tomar, perturbando os encarregados de as pôr em prática. Na confusão dos meus sentimentos e das minhas ideias, não sei o que respondi ou o que me responderam, mas vi que corriam pela areia; desamarraram as cordas de um cabrestante, diversos grupos se interpuseram entre mim e ele. Daí a pouco vi-o de pé, só, com trajo à maruja, uma corda na mão, enrolada no pulso, uma outra na cintura, enquanto que os mais vigorosos agarravam a que ele acabava de lhes atirar aos pés.

O navio estava prestes a despedaçar-se; não era preciso ser-se marinheiro para dar por isso. Vi que ia quebrar pelo meio e que a vida desse homem abandonado no alto do mastro estava por um fio; todavia, ele continuava firmemente agarrado. Tinha na cabeça uma boina, de um vermelho mais vivo do que o do boné dos marinheiros; e, enquanto que as frágeis tábuas que o separavam da morte rolavam e estoiravam a seus pés, enquanto o sino dobrava antecipadamente a finados, ele cumprimentava-nos agitando a boina. Vi-o nesse momento e julguei-me prestes a endoidecer, pois reconheci nesses gestos a velha recordação de um amigo noutros tempos bastante querido.

Ham olhava para o mar, de pé e imóvel, como silêncio de uma multidão que nem respirava atrás de si e diante dele a tempestade, esperando que uma vaga enorme se retirasse para se lançar a nado na ressaca. Então fez um sinal aos que seguravam a corda que ele tinha presa à cinta, depois atirou-se ao meio das ondas e num momento começava entre eles a luta: Ham elevava-se nas colinas que as ondas formavam, caía no fundo dos seus vales, perdido sob montões de espuma e depois era atirado à praia. Apressaram-se a retirá-lo.

Estava ferido. Do lugar em que me encontrava, vi-lhe sangue no rosto, mas pareceu não ter dado fé. Pareceu-me que dava à pressa algumas instruções aos marinheiros da praia para o deixarem mais livre, tanto quanto pude julgar por um movimento que fez com o braço e depois atirou-se de novo à água.

Avançou para o navio naufragado, lutando de novo contra as ondas, elevando-se nas suas colinas, caindo no fundo dos seus vales, perdido sob os montões de espuma, repelido para a praia, depois tornado a levar para o navio, ousadamente e valentemente. A distância pouca era, mas a força da ventania e do mar tornava a luta mortal. Enfim ia aproximar-se do navio; estava tão perto, que com mais um esforço agarrar-se-lhe-ia, quando ao ver uma montanha imensa, glauca, desumana, rolar do lado de lá do navio em direcção à praia, precipitou-se sobre ela com um salto poderoso; o navio tinha desaparecido!

Vi flutuando no mar alguns fragmentos esparsos; ao correr até ao sítio para onde o estavam puxando da praia, apenas descobri frágeis destroços, como se fossem os fragmentos de alguma miserável cascaria. A consternação estava pintada em todos os rostos. Puxaram Ham até junto de mim... insensível... morto. Levaram-no para a casa mais próxima e agora já ninguém me impediu de ficar ao pé dele, ocupado, como todas as demais pessoas presentes, a tentar tudo quanto havia para o chamar à vida; mas a grande vaga tinha-o ferido de morte: o seu nobre coração para sempre cessara de pulsar.

Eu estava sentado ao pé da cama, muito tempo depois de perdida toda a esperança de o chamar à vida; um pescador que me conhecera dantes, quando Emília e eu éramos crianças e que me tinha visto depois, veio chamar-me em voz baixa.

— Senhor — disse-me ele com grandes lágrimas a correrem-lhe pelas faces bronzeadas e os lábios trémulos pálidos como a morte — pode vir aqui fora por um momento?

No seu olhar encontrei a recordação que me tinha impressionado há pouco. Cheio de terror, encostei-me ao braço que ele me oferecia para me amparar.

— Há talvez — perguntei-lhe — um outro corpo na praia?

— Há — respondeu-me ele.

— É de alguém que eu conheço?

Não me respondeu.

Conduziu-me até ao areal e lá, aonde noutro tempo, ambos crianças, ela e eu procurávamos alcofinhas, lá aonde alguns destroços do velho barco destruído pelo vendaval da noite precedente se viam esparsos no meio dos seixos, entre as ruínas da casa que ele desolara, vi-o deitado, com a cabeça encostada ao braço, exactamente como tantas vezes o tinha visto outrora adormecer no dormitório de Salem-House.

## Capítulo LVI — O novo e o velho golpe

Não precisava de me dizer, ó Steerforth, no dia em que o vi pela última vez, nesse dia que eu não julgava ser o da nossa derradeira despedida, não, não precisava de me dizer: «Quando pensar em mim, que seja com indulgência!» Sempre assim fiz e não era à vista de um tal espectáculo que eu havia de mudar.

Arranjou-se uma padiola, estenderam o cadáver em cima, cobriram-no com uma bandeira e levaram-no para a cidade. Todos os homens que lhe prestaram esse triste dever conheciam-no, tinham navegado com ele, tinham-no visto alegre e destemido. Transportaram-no, ao ruído das vagas e dos gritos tumultuosos que se ouviam na sua passagem, até à choupana aonde o outro corpo jazia já.

Quando pousaram a padiola no chão, entreolharam-se e voltaram-se para mim, falando em voz baixa. Compreendi porque é que sentiam que não podiam colocar-se os dois corpos, ao lado um do outro, no mesmo lugar de repouso.

Entrámos na cidade a fim de o levar para a estalagem. Logo que pude raciocinar um pouco, mandei chamar Joram para que me arranjasse um carro mortuário que o conduzisse a Londres nessa mesma noite. Sabia que só eu podia desempenhar-me desse cuidado e cumprir o doloroso encargo de anunciar a sua mãe a horrorosa nova e queria cumprir fielmente com esse penoso dever.

Escolhi a noite para a minha viagem, a fim de escapar à curiosidade de toda a cidade no momento da partida. Mas, se bem que fosse quase meia-noite quando saí da hospedaria e tomei uma sege de posta, seguido pelo meu precioso depósito, havia muita gente à espera. Pelas ruas fora e mesmo até a uma certa distância, na estrada, vi grupos numerosos; mas, por fim, não vi mais do que a noite escura, os campos tranquilos e as cinzas de uma amizade que tinha feito as delícias da minha infância.

Por um formoso dia de Outono, era quase meio-dia, quando o solo estava já perfumado pelas folhas caídas, enquanto que as outras, numerosas ainda, com as suas cores matizadas de amarelo, vermelho e violeta, ainda suspensas nos ramos, deixavam brilhar o sol através delas, cheguei a Highgate. A última milha fi-la a pé, pensando pelo caminho no que devia fazer e deixando parado o carro que me seguira toda a noite, à espera que eu lhe desse ordem de avançar.

Quando cheguei em frente da casa, tornei a vê-la tal qual a tinha deixado. Todos os transparentes das janelas se conservavam descidos e não havia nem um sinal de vida no pátio empedrado, com a sua galeria coberta que levava até uma dependência há muito tempo inútil. O vento abrandara: tudo estava silencioso e

imóvel.

A princípio não tive coragem de bater à porta e quando a isso me decidi, pareceu-me que a própria campanha, com o seu som lamentável, devia anunciar a triste nova de que eu era portador. Veio-me abrir a criadinha e olhando-me com um ar inquieto, ao mesmo tempo que me fazia passar à frente dela, perguntou-me:

— Perdão; o senhor está doente?

— Não; é que tenho estado muito agitado e sinto-me fatigado.

— Há alguma novidade, senhor? Trata-se de *Mister* James?

— Caluda! — disse-lhe eu. — Sim, sucedeu qualquer coisa que tenho a anunciar a *Mistress* Steerforth. Ela está em casa?

A rapariga respondeu, com um ar inquieto, que sua ama saía agora muito raras vezes, mesmo de carro; que não saía nem mesmo do seu quarto e não via ninguém, mas que a mim me receberia. Sua ama estava no quarto, acrescentou ela, e *miss* Dartle estava ao pé dela.

— O que quer o senhor que eu lhe vá dizer lá em cima?

Recomendei-lhe que se comedisse para não as sobressaltar, que entregasse apenas o meu cartão e que dissesse que eu estava esperando em baixo. Depois entrei para a sala de visitas e sentei-me numa poltrona. A sala já não apresentava o ar animado que tinha dantes e as portadas das janelas estavam semicerradas. A harpa não tinha servido havia muito tempo. Lá estava o retrato de Steerforth, criança ainda. Ao lado, a secretária em que a mãe encerrava as cartas do filho. Relê-las-ia jamais? Relê-las-ia ainda?

A casa estava tão sossegada, que eu ouvi na escada o passo leve da criadita. Vinha dizer-me que *Mistress* Steerforth estava muito doente para descer, mas que se eu a desculpasse e tivesse o incómodo de subir, muito estimaria ver-me. Achei-me junto dela num instante.

Encontrei-a no quarto de Steerforth e não no seu; senti que ela o ocupava como recordação por ele e que era também pela mesma razão que havia deixado, no seu lugar costumado, uma porção de objectos de que estava rodeada, recordações vivas dos gostos e dos talentos de seu filho. Murmurou, dando-me os bons dias, que tinha mudado de quarto porque, no seu estado de saúde, não era cómodo o que dantes ocupava e tomou um ar imponente que parecia repelir toda a suspeita de verdade.

Rosa Dartle estava, como sempre, junto da sua poltrona. No momento em que ela fixou em mim os seus olhos negros, vi que compreendera que eu era portador de más novas. A cicatriz reapareceu no mesmo instante. A *miss* recuou um passo, como para escapar à observação de *Mistress* Steerforth e começou a espiar-me com um olhar penetrante e obstinado que não me abandonou mais.

— Sinto muito vê-lo de luto, senhor — disse-me *Mistress* Steerforth.

— Tive a desgraça de perder minha mulher — disse-lhe eu.

— É bem novo para ter passado por um tamanho desgosto — respondeu ela. — Sinto muito, muito, tal notícia. Espero que o tempo há-de trazer-lhe algum alívio.

— Espero — disse eu fitando-a — que o tempo nos trará a todos algum alívio. Querida *Mistress* Steerforth, é uma esperança que se torna mister alimentar sempre, mesmo no meio das nossas mais dolorosas provações.

A gravidade das minhas palavras e as lágrimas que me marejavam os olhos alarmaram-na. As suas ideias parece que pararam de repente para seguirem outro rumo.

Tentei dominar a minha emoção quando pronunciei docemente o nome do filho, mas a voz tremia-me. Ela repetiu-o duas ou três vezes para si, em voz baixa, e depois, voltando-se para mim, disse-me com uma tranquilidade afectada:

— Meu filho está doente?

— Muito doente!

— Esteve com ele?

— Estive.

— Reconciliaram-se?

Eu não podia dizer que sim nem podia dizer que não. Voltou ligeiramente a cabeça para o lugar em que julgava encontrar a seu lado Rosa Dartle e eu aproveitei-me desse momento para murmurar a Rosa com a ponta dos lábios:

— Morreu!

Para que *Mistress* Steerforth não fosse olhar para trás dela e ler no rosto emocionado de Rosa a verdade que ela não estava ainda preparada para saber, apressei-me a encontrar o seu olhar, porque tinha visto Rosa Dartle erguer as mãos ao céu com uma expressão violenta de horror e de desespero, depois tapara angustiadamente o rosto com as mãos.

Que formoso e nobre rosto o da mãe! Ah! Que semelhança! Que semelhança!... Estava voltado para mim com um olhar fixo. Vi-a levar a mão à testa. Supliquei-lhe que se tranquilizasse e que se preparasse para ouvir o que eu tinha que lhe dizer; teria feito melhor se lhe suplicasse que chorasse, porque ela estava para ali como uma estátua.

— Da última vez que aqui vim — prossegui eu em voz desfalecida — disse-me *miss* Dartle que ele andava navegando por diversas partes. Anteontem, a noite foi terrível no mar. Se ele se encontrasse no mar nessa noite e perto de uma costa perigosa, como se diz, e se o navio que todos viram fosse aquele que...

— Rosa! — disse *Mistress* Steerforth. — Venha cá!

Rosa aproximou-se, mas contra vontade, com pouca simpatia. Os seus olhos cintilavam e fuzilavam chamas e rebentou numa horrorosa risada.

— Enfim — disse ela — está satisfeito esse seu orgulho, mulher insensata? Agora que ele a satisfez... morrendo! Está-me ouvindo?... morrendo!

*Mistress* Steerforth tinha caído estatelada na poltrona; soltara apenas um longo gemido, fixando sobre ela os seus olhos esgazeados.

— Sim — gritou Rosa batendo violentamente no peito — olhe para mim, chore e gema e olhe para mim! Olhe! — disse tocando com o dedo na cicatriz. — Olhe para a bonita obra do seu filho morto!

O gemido que de tempos a tempos soltava a pobre mãe ia-me direito ao coração. Sempre o mesmo, sempre inarticulado e abafado, sempre acompanhado de um débil movimento de cabeça, mas sem nenhuma alteração nas feições; sempre saindo de uma boca contraída e de dentes cerrados, como se as maxilas estivessem fechadas à chave e o rosto gelado pela dor.

— Lembra-se do dia em que ele me fez isto? — continuou Rosa. — Lembra-se do dia em que, muito fiel ao sangue que a senhora lhe pôs nas veias, num acesso de orgulho, muito acariciado por sua mãe, ele me fez isto, desfigurando-me para toda a vida? Olhe para mim, morrerei com o sinal do seu cruel descontentamento; e depois chore e gema sobre a sua obra!

— *Miss* Dartle — disse eu em tom suplicante — em nome do céu!

— Quero falar e hei-de falar! — disse-me ela, fitando-me com os seus olhos em fogo. — Cale-se! Olhe para mim, digo-lho eu, orgulhosa mãe de um filho pérfido e orgulhoso! Chore, porque o criou; chore, porque o corrompeu; chore por ele, por si e por mim!

*Miss* Dartle apertava convulsivamente as mãos; a paixão parecia consumir a fogo lento essa frágil e delgada criatura.

— Então! Foi a *senhora* que não pôde perdoar-lhe o seu espírito voluntarioso! — exclamou ela. — Foi a *senhora* que se ofendeu com o seu carácter altivo; foi a *senhora* que o combateu, de cabelos brancos, com as mesmas armas que lhe deu no dia em que ele nasceu! Foi a *senhora*, que, depois de o haver formado desde o berço para dele fazer o que era, quis abafar o gérmen que fez crescer? Ei-la bem paga agora do trabalho que teve durante tantos anos!

— Oh! *Miss* Dartle, não se envergonha? Que crueldade!

— Já lhe disse — respondeu ela — que lhe *quero* falar! Nada no mundo poderá impedir-me disso, enquanto aqui estiver! Pois eu havia de guardar silêncio durante bastantes anos para não dizer nada agora? Amava-o mais do que a senhora nunca o amou! — disse ela fitando-a com ar feroz. — Eu teria podido amá-lo, sem lhe pedir reciprocidade. Se eu tivesse sido mulher dele, poderia ser escrava dos seus caprichos, em troca de uma única palavra de amor, uma vez por

ano. Sim, com certeza, quem o sabe melhor do que eu? Mas a senhora era exigente, orgulhosa, insensível, egoísta. O amor da minha parte teria sido dedicado... ele teria calcado aos pés os miseráveis rancores da senhora!

Com os olhos ardentes de cólera, simulava o gesto esmagando com o pé o soalho.

— Olhe! — continuou ela, batendo ainda na sua cicatriz. — Quando ele chegou à idade de melhor compreender o que tinha feito, viu-o e arrependeu-se. Eu pude cantar para lhe ser agradável, conversar com ele, mostrar-lhe com que ardor me interessava por tudo quanto ele me fazia; pude, com a minha perseverança, chegar a ser suficientemente instruída para lhe agradar, porque procurei agradar-lhe e consegui-o. Quando o coração dele era ainda novo e fiel, amou-me; sim, amou-me! Quantas vezes, quando acabava de a humilhar com uma palavra de desprezo, ele me apertou, a mim, de encontro ao coração!

Falava com uma altivez insultante que se assemelhava ao frenesi, mas também com uma saudade ardente e apaixonada, com um amor cujas cinzas adormentadas deixavam irromper alguma faúlha de um fogo mais brando.

— Veio a humilhação depois... devia esperá-lo, se não me tivesse fascinado com os seus ardores de criança... passei pela humilhação de ser para ele um brinquedo, uma boneca, boa para lhe servir de passatempo à ociosidade, para pegar e largar, para se divertir, segundo o inconsciente humor do momento. Quando se cansou de mim, também eu me cansei dele. Quando não pensou mais em mim, eu não procurei reconquistar o meu poder sobre ele; teria pensado tanto em desposá-lo, como se o forçassem a tomar-me por mulher. Separámo-nos um do outro sem uma palavra. A senhora talvez o tivesse notado e não se incomodou. Desde então, não fui outra coisa para os dois senão um móvel insensível, que não tinha nem olhos, nem ouvidos, nem sentimento, nem recordação. Ah! Está a chorar? Chore pelo que dele fez! Não chore pelo seu amor. Repito-lhe que houve tempo em que eu o amava mais do que nunca a senhora o amou!

E lançava um olhar colérico sobre esse rosto imóvel, cujos olhos não se mexiam e não se enternecia com os gemidos repetidos da mãe, como se eles saíssem da boca de uma estátua.

— *Miss* Dartle — disse-lhe eu — é possível que tenha o coração bastante insensível para não se compadecer desta desgraçada mãe?...

— E quem se compadecerá de mim? — retorquiu ela com amargura. — Foi o que ela semeou... Quem semeia ventos colhe tempestades!

— E se os defeitos do filho... — continuei.

— Os defeitos! — exclamou ela vertendo lágrimas apaixonadas. — Quem se atreve a dizer mal dele? Ele valia dez mil vezes mais do que os amigos a quem

deu a honra de elevar até junto dele!

— Ninguém pode tê-lo amado mais do que eu, nem ninguém lhe conserva uma mais viva saudade! — respondi. — O que eu queria dizer é que, quando mesmo não tivesse compaixão da mãe, quando mesmo os defeitos do filho, que a senhora própria não poupava...

— É falso — exclamou ela arrancando os cabelos — eu amava-o!

— Quando mesmo — prossegui — os defeitos dele não pudessem, em tal momento, ser banidos da sua lembrança, deveria, pelo menos, ter em consideração essa pobre mãe, como se nunca a tivesse visto antes e socorrê-la.

*Mistress* Steerforth não se mexera; não tivera um único gesto. Permanecia imóvel, fria, de olhar fixo; continuava a gemer de tempos a tempos, com um fraco movimento de cabeça, mas sem dar nenhum outro sinal de vida. De repente, *miss* Dartle ajoelhou-se diante dela e começou a desapertar-lhe o vestido.

— Maldito seja! — disse ela fitando-me com uma expressão de raiva e de dor reunidas. — Maldita seja a hora em que veio a esta casa!... Maldição sobre si! Saia!

Saí do quarto, mas tornei a entrar, para tocar a campainha a fim de prevenir os criados. Rosa Dartle tinha em seus braços a forma impassível de *Mistress* Steerforth, abraçava-a a chorar, chamava-a, apertava-a de encontro ao seio, como se fosse sua filha. Duplicava de ternura, para reanimar essa criatura inanimada. Já não receava deixá-las sós; desci as escadas sem ruído e, ao sair, dei o alarme na casa.

Regressei a uma hora mais adiantada da tarde; deitámos o filho na cama, no quarto da mãe. Disseram-me que ela continuava na mesma; *miss* Dartle não a abandonava; haviam chamado médicos, que ainda lá se encontravam; tinham tentado muitos remédios; porém, *Mistress* Steerforth permanecia no mesmo estado, sempre como uma estátua, fazendo ouvir somente, de tempos a tempos, um gemido lamentoso.

Percorri essa casa funesta e fechei todas as portadas. Acabei pelas do quarto em que repousava Steerforth. Levantei-lhe a mão gelada e coloquei-a sobre o meu coração; o mundo inteiro não era para mim mais do que morte e silêncio... Somente, a intervalos, ouvia ressoar o doloroso gemido da mãe...

## Capítulo LVII — Os emigrantes

Ainda me restava uma coisa a fazer antes de ceder ao choque de tantas comoções. Era ocultar àqueles que iam partir o que acabava de suceder e deixá-los empreender a sua viagem numa feliz ignorância. Para isso não havia tempo a perder.

Nessa mesma noite, chamei à parte *Mister* Micawber e confiei-lhe o cuidado de evitar que essa terrível novidade chegasse até *Mister* Peggotty. Encarregou-se disso de boa vontade e prometeu-me interceptar todos os jornais, que, sem essa precaução, poderiam revelar-lha.

— Antes de chegar até junto dele, senhor Copperfield — disse *Mister* Micawber, batendo no peito — essa triste história terá de passar por cima do meu cadáver!

*Mister* Micawber tinha, desde que fora questão de se adaptar a um novo estado de sociedade, certos ares de flibusteiro aventuroso, não ainda precisamente em revolta com a lei, mas pronto para o que desse e viesse. De chapéu derrubado sobre a orelha, poder-se-ia tomar por um filho do deserto, habituado há muito tempo a viver longe dos confins da civilização e quase de regresso às suas solidões natais.

Tinha-se munido, entre outras coisas, de um vestuário completo de oleado e de um chapéu de palha, com a copa muito baixa, alcatroado por fora. Nesse vestuário grosseiro, levando debaixo do braço um telescópio comum de simples marinheiro, voltando a cada instante para o céu um olhar conhecedor, como se esperasse mau tempo, o ar de *Mister* Micawber era bem mais náutico do que o de *Mister* Peggotty. Tinha, por assim dizer, incutido a desordem em toda a sua família. Encontrei *Mistress* Micawber tendo na cabeça um chapéu o mais hermeticamente fechado e o mais discreto, solidamente atado por baixo do queixo e com um xaile que a embrulhava toda, exactamente como me tinham embrulhado em casa de minha tia no dia em que pela primeira vez lhe apareci, isto é, como uma trouxa e apertado depois na cinta com um nó forte. *Miss* Micawber, segundo pude ver, também não se tinha esquecido de se prevenir contra o mau tempo, conquanto nada houvesse de supérfluo no seu vestuário. Micawber Júnior estava apenas visível a olho nu, na sua ampla camisa azul e sob o vestuário de marinheiro, o mais peludo que na minha vida tenho visto. Quanto às crianças, estavam empacotadas como conservas, em estojos impermeáveis. *Mister* Micawber e seu filho mais velho tinham arregaçado as mangas, para mostrar que estavam prontos a deitar uma mão fosse ao que fosse, a subirem à

coberta e a cantarem em coro com os outros para içarem a âncora: «Yeo, ala! Yeo», à primeira voz de comando.

Foi nesses trajos que os encontrei a todos, à noite, reunidos debaixo da escada de madeira que se chamava então os *degraus de Hungerford*, vigiavam a partida de uma barca que lhes levava uma parte das bagagens. Eu tinha cientificado Traddles do cruel acontecimento, que dolorosamente o emocionou; mas entendia, como eu, que era necessário conservá-lo secreto. Foi então que chamei *Mister* Micawber à parte e que obtive dele a promessa em questão.

A família Micawber alojava-se numa suja taverna suspeita, logo ao pé dos Degraus de Hungerford e cujos quartos de tabique avançavam em saliência sobre o rio. Como a família dos emigrantes excitava bastante curiosidade no bairro, ficámos contentíssimos em nos refugiarmos no quarto deles. Era justamente um desses quartos de madeira por baixo dos quais subia a maré. Minha tia e Inês lá estavam, muito atarefadas, a confeccionar algumas roupas suplementares para as crianças. Peggotty ajudava-as, tendo aberta na sua frente a velha caixa de costura, com o seu metro e o bocadito de cera, que tinha atravessado, são e salvo, tantos acontecimentos.

Tive bastante dificuldade em sofismar as suas perguntas e bastante mais ainda em insinuar baixinho, sem ser notado, a *Mister* Peggotty, que acabava de chegar, que fora entregue a carta e que tudo ia bem. Mas enfim, consegui o que queria e a pobre gente sentia-se muito feliz. Eu não devia apresentar um ar muito alegre, mas tinha sofrido bastante pessoalmente para que ninguém pudesse admirar-se.

— Quando é que o navio se faz de vela, senhor Micawber? — perguntou minha tia.

*Mister* Micawber julgou necessário preparar por gradações minha tia, ou sua mulher, para o que tinha a dizer-lhes e respondeu que seria mais depressa do que na véspera se esperava.

— Suponho que o preveniram de bordo, não é assim? — disse minha tia.

— É verdade, minha senhora — respondeu ele.

— Muito bem! — tornou minha tia — fazem-se de vela...

— Minha senhora — respondeu ele — estou informado de que é preciso estarmos a bordo, amanhã de manhã, antes das sete horas.

— Ah! — disse minha tia — então está tudo pronto. É caso resolvido, senhor Peggotty?

— É sim, minha senhora. O navio descerá o rio na próxima maré. Se mestre Davy e minha irmã forem a Gravesend connosco, amanhã de tarde, far-nos-ão as suas despedidas...

— Pode estar certo disso! — disse-lhe eu.

— Até lá e até ao momento de nos metermos ao mar — replicou *Mister*

Micawber, deitando-me um olhar de inteligência — *Mister* Peggotty e eu vigiaremos juntos pelas nossas malas e mais efeitos... Ema, meu amor — continuou *Mister* Micawber, tossindo com a sua majestade ordinária, para aclarar a voz — o meu amigo *Mister* Tomás Traddles teve a bondade de me propor muito baixo que não levasse a mal que ele mandasse vir todos os ingredientes necessários à composição de uma certa bebida, que se associa, naturalmente, em nossos corações, ao rosbife da velha Inglaterra; quero dizer... *punch.* Noutras circunstâncias, não me atreveria a pedir a *miss* Trotwood e a *miss* Wickfield... mas...

— Tudo o que posso dizer-lhe — respondeu minha tia — é que, por mim, beberei à sua saúde e ao seu bom êxito com o maior prazer, senhor Micawber.

— E eu também — disse Inês sorrindo.

*Mister* Micawber desceu imediatamente até ao balcão e voltou carregado com uma bilha a fumegar. Não pude deixar de notar que vinha a descascar limões com a sua faca punhal, que tinha, como convinha à faca de um verdadeiro fazendeiro, pelo menos um pé de comprido e que ele limpava com certa ostentação sanguinária à manga do casaco. *Mistress* Micawber e os dois filhos mais velhos também estavam munidos desses formidáveis instrumentos; quanto aos mais novos, tinham-lhes atado à cinta, com uma fita, uma colher de pau, que lhes pendia ao lado. Igualmente, para tomarem um antegosto à vida de bordo, ou à sua existência futura no meio das florestas, *Mister* Micawber comprazia-se a oferecer *punch* a *Mistress* Micawber e a seu filho, em horríveis covilhetes de estanho, em vez de se servir dos copos de que estava cheia uma das prateleiras do aparador; quanto a ele, nunca estivera tão contente como bebendo pelo seu próprio covilhete de estanho e guardando-o em seguida no bolso, com muito cuidado, no fim da noite.

— Abandonámos — disse *Mister* Micawber — o luxo da nossa antiga pátria.

E parecia renunciar a ele com a mais intensa satisfação.

— Os cidadãos das florestas — continuou ele — não podem naturalmente esperar que hão-de encontrar lá os requintes desta terra de liberdade.

Nesta altura, um rapazito veio dizer que estavam em baixo a procurar *Mister* Micawber.

— Tenho um pressentimento — disse *Mistress* Micawber, pousando em cima da mesa o seu covilhete de estanho — de que é um membro da minha família.

— Se assim for, minha querida — observou *Mister* Micawber com a vivacidade que lhe era habitual quando abordava esse assunto — como o membro da sua família, qualquer que ele possa ser, macho ou fêmea, nos tem feito esperar há muito tempo, que, por sua vez, se digne também esperar que eu esteja pronto a recebê-lo.

— Micawber — disse-lhe a mulher em voz baixa — num momento como este...

— Não haveria generosidade — disse *Mister* Micawber levantando-se — em querer-se a vingança de tantas ofensas! Ema, sinto os meus agravos!

— E de resto, não foi o senhor quem sofreu, Micawber, foi a minha família. Se a minha família sente enfim de que bem tem estado voluntariamente privada, se quer agora estender-nos a mão da amizade, não a repilamos.

— Minha querida — redarguiu ele — pois seja assim!

— Se não for por eles, Micawber, ao menos que seja por mim!

— Ema — respondeu — não poderei resistir a semelhante apelo. Não posso, mesmo neste momento, prometer-lhe que abrace a sua família; mas o membro da sua família que lá em baixo me espera, não há-de ver o seu ardor arrefecer com um acolhimento glacial.

*Mister* Micawber desapareceu e demorou-se algum tempo; *Mistress* Micawber estava com certa apreensão de se ter suscitado discussão entre ele e o tal membro da sua família. Enfim, reapareceu o mesmo rapazito e apresentou-me um bilhete escrito a lápis com a marca oficial: «Heep contra Micawber».

Soube por esse documento que *Mister* Micawber, vendo-se mais uma vez preso, caíra no mais violento paroxismo de desespero; suplicava-me ardentemente que lhe mandasse pelo rapaz a sua faca punhal e a sua pinta de estanho, que poderiam ser-lhe úteis na prisão, durante os curtos momentos que ainda tinha que viver. Pedia-me também, como última prova de amizade, que conduzisse a sua família ao hospício de caridade da paróquia e que esquecesse ter algum dia existido uma criatura com o seu nome.

Como de justiça, respondi-lhe, apressando-me a descer para lhe pagar a dívida; encontrei-o sentado a um canto, fitando com ar sinistro o agente de polícia que o prendera. Uma vez solto, beijou-me com a mais intensa ternura e apressou-se a inscrever esse item na sua carteira de lembranças, com algumas notas, aonde teve o cuidado, recordo-me, de lançar um meio *penny* que eu tinha omitido, por inadvertência, no total.

Essa importante carteira relembrou-lhe justamente uma outra transacção, como ele lhe chamava. Quando subimos, disse-me que a sua ausência tinha sido causada por circunstâncias independentes da sua vontade; depois tirou do bolso uma grande folha de papel, cuidadosamente dobrada e coberta com uma soma enorme. A primeira vista de olhos que lhe lancei, disse comigo que nunca tinha visto soma assim tão comprida em qualquer caderno de aritmética. Era, ao que me pareceu, uma conta de juros compostos sobre o que ele chamava «o total capital de quarenta e uma libras, dez xelins e onze *pence* e meio», em diversos vencimentos. Depois de haver cuidadosamente examinado os seus recursos e

comparado os algarismos, chegara a fixar a soma que representava o total, juro e capital, por dois anos, quinze meses e catorze dias, a datar do momento presente. Por essa quantia assinou, com a sua mais linda caligrafia, uma letra à ordem que entregou a Traddles, com mil agradecimentos, para quitação da sua dívida integral (como se é obrigado, de homem para homem).

— É o mesmo; não me deixa o pressentimento — disse *Mistress* Micawber abanando a cabeça com ar pensativo — de que havemos de encontrar a minha família a bordo antes da nossa partida definitiva.

*Mister* Micawber tinha evidentemente um outro pressentimento sobre o mesmo assunto, mas recalcou-o no seu covilhete de estanho e engoliu tudo.

— Se durante a travessia tiver alguma ocasião de escrever para Inglaterra, *Mistress* Micawber — disse minha tia — não deixe de me dar notícias suas.

— Minha querida *miss* Trotwood — respondeu ela — muito estimarei pensar que haja alguém que sé interesse em falar de nós; não deixarei de lhe escrever. *Mister* Copperfield, que há tanto tempo é nosso amigo, não fará, espero, objecção a receber qualquer saudade de uma pessoa que o conheceu antes dos gémeos terem a consciência da sua própria existência.

Respondi que estimaria receber notícias suas, todas as vezes que tivesse ocasião de escrever.

— As facilidades de comunicação não nos hão-de faltar, graças a Deus — disse *Mister* Micawber. — O oceano hoje em dia está coberto de embarcações e havemos seguramente de encontrar mais de um navio durante a travessia. É uma brincadeira esta viagem — continuou ele brincando com o monóculo — uma verdadeira brincadeira. A distância é imaginária.

Quando penso nisto, não posso deixar de sorrir. Era bem a valer *Mister* Micawber... Noutro tempo, quando ia de Londres para Canterbury, falava como de uma viagem ao fim do mundo; e agora que saía da Inglaterra para a Austrália, parecia fazer a travessia da Mancha.

— Durante a viagem — prosseguiu *Mister* Micawber — tentarei incutir-lhes paciência pondo tudo em pratos limpos e confio bem que, durante as nossas longas noitadas, não nos aborreceremos de ouvir as melodias de meu filho Wilkins, em volta do fogão. Quando *Mistress* Micawber andar a bordo sem cambalear e sem enjoar (perdoem-me a expressão), também nos há-de cantar a sua cançonetazinha. Veremos, a cada instante, passar por junto de nós as toninhas e os golfinhos; a bombordo como a estibordo descobriremos a todos os momentos objectos cheios de interesse. Numa palavra — disse *Mister* Micawber com a sua antiga elegância — é provável que venhamos a ter em volta de nós tantos assuntos de distracção, que quando ouvirmos gritar «Terra!» do alto do mastro grande, não havemos de ficar muito surpreendidos!

Dizendo isto, brandiu vitoriosamente o seu covilhete de estanho, como se já tivesse realizado a viagem e como se acabasse de fazer um exame de primeira classe diante das autoridades marítimas mais competentes.

— Quanto a mim, o que sobretudo espero, meu caro senhor Copperfield — disse *Mistress* Micawber — é que havemos de reviver um dia na nossa antiga pátria, na pessoa de alguns membros da nossa família... Não franza o sobrecenho, Micawber! Não é à minha própria família que quero aludir, é aos filhos de nossos filhos... Por mais vigoroso que possa ser o rebento transplantado — continuou *Mistress* Micawber meneando a cabeça — ele não poderia esquecer a árvore donde saiu, e, quando a nossa raça chegar à grandeza e à fortuna, confesso que terei grande prazer em pensar que essa fortuna refluirá toda aos cofres da Grã-Bretanha.

— Minha querida — disse *Mister* Micawber — a Grã-Bretanha que se arranje como puder; sou obrigado a dizer que ela nunca fez grande coisa por mim e que não me preocupo muito com o que ela há-de vir a ser.

— Micawber — retorquiu *Mistress* Micawber — o senhor faz mal. Quando partimos, Micawber, para um país longínquo, não é para enfraquecermos, mas sim para fortificarmos o laço que nos une a Albion.

— O laço em questão, minha querida amiga — prosseguiu *Mister* Micawber — não me impõe, repito, bastantes obrigações pessoais, para que eu receie o menos possível criar outras novas.

— Micawber — replicou *Mistress* Micawber — repito-lhe que faz mal; o senhor não sabe aquilo de que é capaz, Micawber; é com isso que eu conto para que fortifique, retirando-se da sua pátria, o laço que o une a Albion.

*Mister* Micawber sentou-se na poltrona, com as sobrancelhas levemente franzidas; tinha o ar de não admitir senão por metade as ideias de *Mistress* Micawber, à medida que ela as enunciava, se bem que estivesse profundamente compenetrado da perspectiva que ela abria diante dele.

— Meu caro senhor Copperfield — disse *Mistress* Micawber — desejo que *Mister* Micawber compreenda a sua posição. Parece-me extremamente importante que, a datar do dia do seu embarque, *Mister* Micawber compreenda a sua posição. Conhece-me bem, meu caro senhor Copperfield, para saber que eu não tenho a vivacidade de génio de *Mister* Micawber. Eu sou, permita-me dizê-lo, uma mulher eminentemente prática. Sei que vamos empreender uma longa viagem; sei que teremos a suportar bastantes dificuldades e bastantes privações, é uma verdade muito clara; mas sei também o que é *Mister* Micawber, sei melhor do que ele próprio aquilo de que ele é capaz. É esta a razão porque eu considero como extremamente importante que *Mister* Micawber compreenda a sua posição.

—Meu amor — respondeu ele — permita-me que lhe observe que me é impossível compreender a minha posição no momento presente.

— Não sou dessa opinião, Micawber — contestou ela —; discordo absolutamente. Meu caro senhor Copperfield, a situação de *Mister* Micawber não é como a de toda a gente; *Mister* Micawber dirige-se a um país afastado, precisamente para se fazer enfim conhecer e apreciar pela primeira vez na sua vida. Desejo que *Mister* Micawber se coloque à proa desse navio e que diga em voz forte: «Venho conquistar este país! Há por cá honras? Há por cá riquezas? Há por cá funções largamente retribuídas? Tragam-mas; são minhas!»

*Mister* Micawber lançou um olhar que queria dizer: «Há, palavra de honra!, muitas coisas boas em tudo quanto ela diz».

— Numa palavra — continuou *Mistress* Micawber, no tom mais decisivo — quero que *Mister* Micawber seja o César da sua fortuna. É assim como eu encaro a verdadeira posição de *Mister* Micawber, meu caro senhor Copperfield. Desejo que, a partir do primeiro dia desta viagem, *Mister* Micawber se coloque à proa do navio, para dizer: «Basta de uma demora assim, basta de desapontamento, basta de mortificações; isso era bom na nossa antiga pátria, mas aqui está a nossa nova pátria; devem-me uma reparação! Tragam-ma!»

*Mister* Micawber cruzou os braços com um ar resoluto, como se já estivesse de pé, dominando a figura que ornamentava a proa do navio.

— E se ele compreender a sua posição — tornou *Mistress* Micawber — não terei razão de dizer que *Mister* Micawber fortificará o laço que o une à Grã-Bretanha, bem longe de o enfraquecer? Pretender-se-á que não se há-de ressentir, até na mãe pátria, a influência do homem importante, cujo astro nascerá num outro hemisfério? Teria eu a fraqueza de acreditar que, uma vez de posse do ceptro da fortuna e do génio na Austrália, *Mister* Micawber não será nada na Inglaterra? Não passo de uma mulher, mas considerar-me-ia indigna de mim própria e do papá, se tivesse que arguir-me dessa absurda fraqueza!

Na sua profunda convicção de que nada havia que responder a esses argumentos, *Mistress* Micawber deu ao seu tom uma elevação moral que nunca lhe tinha conhecido antes.

— É essa a razão porque — disse ela — tanto mais desejo que possamos voltar a habitar um dia o solo natal; *Mister* Micawber será talvez, não poderei dissimular que isso é muito provável, *Mister* Micawber será um grande nome no livro da história e chegará para ele o momento de reaparecer glorioso no país que lhe deu nascimento e que não soube empregar as suas grandes faculdades!

— Meu amor — redarguiu *Mister* Micawber — é impossível não me emocionar o seu afecto; estou sempre pronto a reportar-me à sua boa apreciação. O que há-de ser, há-de ser! O céu me preserve de jamais querer roubar à minha

terra natal a menor parte das riquezas que poderão, um dia, acumular-se sobre os nossos descendentes!

— Muito bem! — disse minha tia, voltando-se para *Mister* Peggotty. — Bebo à saúde de todos; que toda a espécie de bênçãos e de sucessos os acompanhem!

*Mister* Peggotty pousou no chão as duas crianças que tinha nos joelhos e foi juntar-se a *Mister* e *Mistress* Micawber para beber, em reciprocidade, à nossa saúde; depois, os Micawber e ele apertaram-se cordialmente as mãos e ao ver um sorriso iluminar-lhe o rosto bronzeado, senti que havia de saber livrar-se de apuros, restabelecer o seu bom renome e fazer-se amar por toda a parte para onde fosse.

Até os filhos tiveram licença de meter as colheres de pau no covilhete de *Mister* Micawber, para se associarem à saúde geral; depois do que minha tia e Inês levantaram-se e despediram-se dos emigrantes. Foi um doloroso momento. Choravam todos; as crianças agarravam-se ao vestido de Inês e deixámos o pobre *Mister* Micawber num violento desespero, chorando e soluçando à luz de uma vela, cuja simples claridade, vista do Tamisa, devia dar ao seu quarto a aparência de um pobre farol.

No dia seguinte de manhã, fui certificar-me de que tinham partido. Haviam embarcado na chalupa às cinco horas da manhã. Compreendi que vácuo deixavam tais despedidas, encontrando na miserável locanda, aonde apenas os vira uma única vez, um ar triste e deserto, agora que eles a tinham deixado.

No dia imediato, à tarde, dirigimo-nos a Gravesend, a minha velha criada e eu; encontrámos o navio rodeado de uma infinidade de barcos, no meio do rio. O vento estava de feição, o sinal de partida flutuava no topo do mastro. Aluguei imediatamente um barco e fomos a bordo, através da confusão atordoadora em que o navio se encontrava.

*Mister* Peggotty esperava-nos no tombadilho. Disse-me que *Mister* Micawber acabava de ser outra vez preso (e pela última vez) à requisição de *Mister* Heep e que, segundo as minhas instruções, pagara o total da dívida, que logo lhe restituí. Depois fez-nos descer à entreponte e aí dissiparam-se os receios que eu tinha podido conceber de que não viesse a saber o que se havia passado em Yarmouth. *Mister* Micawber aproximou-se dele, tomou-lhe o braço com um ar de amizade e de protecção e disse-me em voz baixa que, desde a antevéspera, não o tinha largado.

Era para mim um espectáculo tão estranho, a escuridão parecia-me tamanha e o espaço tão acanhado, que à primeira vista não pude certificar-me de nada; mas, pouco a pouco, foram-se-me os olhos habituando a essas trevas e julguei-me no centro de um quadro de Van Ostade. Viam-se no meio das vigas, do massame, das relingas do navio, as macas, as malas, as caixas, os barris que compunham a

bagagem dos emigrantes; algumas lanternas alumiavam a cena; mais longe, a pálida luz do dia entrava por uma escotilha ou por um ventilador. Apinhava-se gente em grupos diversos; faziam-se novos conhecimentos ou despediam-se dos antigos; falava-se, ria-se, chorava-se, comia-se e bebia-se; uns, já instalados nalguns pés de soalho que lhe eram destinados, ocupavam-se a dispor as suas coisas e sentavam crianças em mochos ou em cadeiras pequenas; outros, não sabendo aonde arrumar-se, vagueavam com um ar desolado. Havia crianças que não teriam mais de oito dias de nascidas e velhos corcovados que pareciam não ter mais de oito dias de vida; campónios que traziam as botas cheias de terra do solo natal e ferreiros cuja pele ia dar ao novo mundo uma amostra da fuligem e do fumo da Inglaterra; no espaço estreito da entreponte achara-se meio de acumular espécimes de todas as idades e de todos os estados.

Ao lançar em volta de mim uma vista de olhos, julguei ver, sentada ao lado de um dos pequenos Micawber, uma mulher que, pelo todo, me recordava Emília. Uma outra mulher inclinou-se sobre ela para a beijar, depois retirou-se rapidamente através da multidão, dando-me uma vaga lembrança de Inês. Mas no meio da confusão geral e da desordem dos meus pensamentos, perdi-a logo de vista; não vi senão uma coisa, é que se dava o sinal de saída de bordo a todos os visitantes; que a minha velha criada chorava a meu lado e que *Mistress* Gummidge se ocupava activamente em arranjar a bagagem de *Mister* Peggotty, com a assistência de uma rapariga, vestida de preto, que estava de costas para mim.

— Tem ainda qualquer ordem a dar-me, mestre Davy? — perguntou-me *Mister* Peggotty. — Não terá qualquer pergunta a fazer-me, enquanto aqui estamos?

— Uma só — disse-lhe. — Marta...

Ele tocou no braço da rapariga que eu tinha visto ao pé dele. Ela voltou-se; era Marta.

— Deus o abençoe; o senhor é um excelente homem! — exclamei. — Leva-a consigo?

Marta respondeu-me por ele, cobrindo-se de lágrimas. Foi-me impossível dizer nem mais uma palavra, mas apertei a mão de *Mister* Peggotty; e se algum dia estimei e amei um homem no mundo, foi a ele, por certo.

Os visitantes iam evacuando o navio. Restava a cumprir o meu mais penoso dever. Disse-lhe o que estava encarregado de lhe repetir, no momento da sua partida, pelo nobre coração que cessara de pulsar. Ficou profundamente emocionado. Mas quando, por sua vez, me encarregou dos seus cumprimentos de afecto e de pesar para aquele que já os não podia ouvir, fiquei bem mais emocionado do que ele.

Chegou o último momento. Beijei-o. Dei o braço à minha boa e velha criada, banhada em lágrimas e subimos ao tombadilho. Despedi-me da pobre *Mistress* Micawber. Ela continuava sempre a esperar a família com ar inquieto e as suas últimas palavras foram para me dizer que nunca abandonaria *Mister* Micawber.

Descemos do navio para o barco; a uma pequena distância, parámos para ver o navio abalar. O sol estava no poente. O navio flutuava entre nós e o céu avermelhado: desenhava-se a mais fina das antenas e do cordame nesse fundo brilhante. Era tão bonito, tão triste e ao mesmo tempo tão animador, ver esse glorioso navio imóvel ainda sobre a água brandamente agitada, com toda a tripulação, todos os passageiros, reunidos em montão no tombadilho, silenciosos e de cabeça descoberta, que nunca tinha visto coisa igual!

O silêncio pouco durou. O vento inflou as velas, o navio teve um estremeção; três hurras retumbantes, saídos de todos os barcos e repetidos a bordo, foram, de eco em eco, morrer na margem. Senti-me desfalecer a esse ruído, à vista dos lenços e dos chapéus que se agitavam dizendo adeus e foi então que eu a vi.

Sim, vi-a ao lado do tio, toda trémula, encostada ao seu ombro. Ele mostrava-nos a sobrinha, ela viu-nos por sua vez e com a mão disse-me o seu último adeus. Vai, pobre Emília, bela e frágil planta batida pela tempestade! Prende-te a ele como a hera, com toda a confiança que te deixa esse coração despedaçado, porque ele prendeu-se-te com toda a força do seu poderoso amor.

Em meio dos matizes rosados do céu, ela, encostada a ele e ele amparando-a nos braços, passaram majestosamente e desapareceram. Quando voltámos, a remos, para a margem, vinha caindo a noite sobre as colinas de Kent... Bem tenebrosa tinha ela também caído sobre mim!

## Capítulo LVIII — Ausência

Oh! Sim, uma noite bem comprida e bem tenebrosa, perturbada por tantas esperanças não realizadas, por tão queridas recordações, por tantos erros passados, por tantos desgostos estéreis, por tantos pesares amargos que vinham visitá-la como espectros nocturnos.

Deixei a Inglaterra, sem bem compreender ainda toda a força do golpe que tinha de suportar. Deixei todos quantos me eram caros e parti; julgava que estava livre de tudo e que tudo estava assim acabado. Da mesma maneira que, num campo de batalha, um soldado acaba de receber uma bala mortal sem saber sequer que está ferido; assim, deixado a sós com o meu coração indisciplinado, eu nem sequer desconfiava do profundo golpe contra o qual ele ia ter que lutar.

Compreendi-o enfim, mas não logo de repente; não foi senão pouco a pouco e como fio a fio. O sentimento de desolação que eu levava comigo afastando-me, ia-se tornando, de hora a hora, mais vivo e mais profundo. A princípio não era senão um sentimento vago e penoso de desgosto e de isolamento. Mas foi-se transformando, por graus imperceptíveis, num pesar sem esperança de tudo o que eu tinha perdido, amor, amizade e interesse; de tudo o que o amor tinha despedaçado em minhas mãos; uma primeira fé, um primeiro afecto, o sonho inteiro da minha vida. Que me restava doravante? Um vasto deserto que se estendia em volta de mim, sem interrupção, quase sem horizonte.

Se a minha dor era egoísta, eu não dava fé. Chorava por a minha mulher-criança, roubada tão nova, na flor do seu porvir. Chorava por aquele que poderia ter conquistado a amizade e a admiração de todos, como outrora soubera conquistar a minha. Chorava pelo coração despedaçado que tinha encontrado no mar tempestuoso. Chorava pelos destroços esparsos dessa velha moradia, aonde eu ouvira soprar o vento da noite, quando apenas era uma criança.

Não via nenhuma saída a esse abismo de tristeza em que tinha caído. Vagueava de lugar em lugar, levando por toda a parte o meu fardo comigo. Sentia-lhe todo o peso, custava-me a suportar a carga e dizia a dentro do meu coração que nunca poderia ser aliviado dela.

Nesses momentos de crise e de desânimo, julgava que ia morrer. Por vezes, dizia de mim para mim que queria morrer ao menos junto dos meus e voltava para trás, a fim de estar mais depressa com eles. Outras vezes, continuava a caminhar, ia de cidade em cidade, perseguindo não sei quê adiante de mim e querendo deixar para trás de mim também não sei quê.

Ser-me-ia impossível narrar, uma a uma, todas as fases dolorosas que tive de

atravessar na minha aflição. Há sonhos que não se poderiam descrever senão de uma maneira vaga e imperfeita; e quando intento recordar-me dessa época da minha vida, parece-me que é um desses sonhos que me vem à imaginação. Torno a ver, de passagem, cidades desconhecidas, palácios, catedrais, templos, quadros, castelos, túmulos, ruas fantásticas, todos os velhos monumentos da história e da fantasia. Mas não, não os torno a ver, sonho com eles, carregando sempre por toda a parte o meu fardo e mal reconhecendo os objectos que passam e desaparecem nessa fantasmagoria do meu espírito. Não ver nada, nem ouvir nada, unicamente absorvido no sentimento da minha dor, eis a noite que caiu sobre o meu coração indisciplinado. Mas saiamos dela... como acabei de sair, graças a Deus!... É tempo de sacudir esse longo e triste sonho e de deixar as trevas por uma nova aurora.

Durante vários meses viajei assim, com essa nuvem escura no espírito. Razões misteriosas pareciam impedir-me de retomar o caminho do meu país natal e constranger-me a prosseguir na minha peregrinação. Ora seguia o meu rumo, de país em país, sem descansar, sem parar em parte alguma; ora me deixava ficar no mesmo lugar, sem saber porquê. Não tinha nem escopo, nem móbil.

Estava na Suíça. Regressava da Itália, por uma dessas grandes passagens através dos Alpes, em que errei, com um guia, pelos atalhos afastados das montanhas. Se essas solidões majestosas falavam ao meu coração, não o sabia dizer em verdade. Tinha achado qualquer coisa de maravilhoso e de sublime nessas alturas prodigiosas, nesses horrorosos precipícios, nessas torrentes mugidoras, nesses caos de neve e de gelo, mas era tudo quanto lá tinha visto.

Uma tarde, descia, antes do pôr do sol, para o fundo de um vale aonde devia passar a noite. À medida que seguia o atalho em volta da montanha, donde acabava de ver o astro do dia muito acima de mim, julguei sentir o gosto do belo e o instinto de uma felicidade tranquila despertar dentro de mim, sob a doce influência desse espectáculo pacífico e reanimar em meu coração um débil clarão dessas emoções há tanto tempo desconhecidas. Lembro-me de que parei na minha marcha, com uma espécie de desgosto na alma, que já não se assemelhava ao desânimo e ao desespero. Lembro-me de que me tentou a esperança de que não era impossível que viesse a operar-se em mim alguma feliz transformação.

Desci ao vale no momento em que o sol da tarde doirava os píncaros cobertos de neve que iam encobri-lo como com uma névoa eterna. O sopé da montanha que formava a cordilheira em que estava situada a aldeiazinha, era de uma luxuriante verdura; acima dessa alegre vegetação, cresciam escuros pinheirais, que fendiam essas massas de neve como uma cunha e impediam as avalanches. Mais no alto, viam-se penhascos acinzentados, atalhos pedregosos, pedaços de

gelo e pequenos oásis de pastagens que iam perder-se na neve com que se coroavam os píncaros. Aqui e ali, no outro lado da montanha, alguns pontos sobre a neve; cada um desses pontos era uma casa. Todos esses chalés solitários, esmagados peia grandeza sublime dos píncaros gigantescos que os dominavam, pareciam muito pequenos em comparação com brinquedos de criança. O mesmo se dava com a aldeia, agrupada no vale, com a sua ponte de madeira lançada por cima do ribeiro que caía em cascata sobre penedos estilhaçados e corria com grande ruído por entre o arvoredo. Ouvia-se ao longe, no remanso da tarde, uma espécie de canto: eram as vozes dos pastores; e ao ver uma nuvem, que brilhava com as cores do sol poente, flutuar a meia encosta no flanco da montanha, parecia-me quase ouvir sair de dentro dela os sons dessa música serena, que não pertencia à terra. Repentinamente, no meio dessa grandeza imponente, a voz, a grande voz da natureza, falou-me; dócil à sua influência secreta, descansei sobre a relva a minha cabeça fatigada e chorei como nunca tinha chorado depois da morte de Dora.

Momentos antes havia encontrado um maço de cartas que me esperava e tinha saído da aldeia para as ler enquanto me preparavam a ceia. Outros maços haviam-se perdido e já há muito tempo que eu não recebia nenhum. Não tinha tido coragem nem força para escrever uma única carta depois da minha partida, salvo uma linha ou duas, para dizer que estava bem e aonde é que tinha chegado.

Tinha o maço na mão. Abri-o e reconheci a letra de Inês.

Repetia-me que se considerava feliz por se sentir útil. Iam tendo bom êxito os seus esforços, como sempre contara. Era tudo quanto me dizia a seu respeito. O resto era comigo.

Não me dava conselhos; não me falava de deveres; dizia-me somente, com o seu fervor costumado, que tinha confiança em mim. Sabia que, com o meu carácter, eu não deixaria de tirar uma lição salutar do próprio desgosto que me ferira. Sabia que as privações e a dor só fariam elevar-me e fortificar-me a alma. Estava certa de que eu daria a todos os meus trabalhos um fim mais nobre e mais firme, após a desgraça que tivera de sofrer. Ela, que tanto se regozijava com o nome que eu tinha alcançado e que esperava com tanta impaciência outros resultados que deviam ilustrar-me ainda, bem sabia que eu continuaria a trabalhar. Sabia que em meu coração, como em todos os corações verdadeiramente bons e elevados, a aflição dá força e não fraqueza. Da mesma maneira que os sofrimentos da minha infância tinham contribuído para fazer de mim o que eu era; da mesma maneira maiores desgraças, depurando-me o ânimo, melhor me tornariam ainda, para que eu pudesse transmitir aos outros, em meus escritos, o ensinamento que de mim próprio recebera. Ela entregava-me nas mãos de Deus, daquele que tinha recolhido em seu descanso o meu

inocente tesouro; repetia-me que me amava sempre como uma irmã e que o seu pensamento por toda a parte me seguia, ufana pelo que eu tinha feito, mas mais ufana ainda pelo que eu estava destinado a fazer um dia.

Apertei a carta de encontro ao coração e pensei no que era uma hora antes, quando estava escutando as vozes que expiravam no horizonte: e ao ver as nuvens vaporosas da tarde tomarem uma cor mais escura, irem-se esbatendo todos os matizes do vale, a neve doirada dos píncaros confundir-se com o céu pálido da noite, senti a noite da minha alma passar e escurecer-se com essas sombras e essas trevas. Não havia nome para o amor que eu sentia por ela, mais querida de ora em diante ao meu coração do que nunca tinha sido.

Reli muitas vezes a sua carta. Escrevi-lhe antes de me deitar. Disse-lhe que tinha grande precisão da sua ajuda, que sem ela não seria, nem nunca teria sido, o que ela imaginava, mas que era ela quem me dava a ambição de o ser e a coragem de o tentar.

Tentei-o efectivamente. Três meses mais e faria um ano que eu tão dolorosamente havia sido ferido. Resolvi não tomar resolução alguma sem expirar esse prazo e tentar somente corresponder à estima de Inês. Passei todo esse tempo no pequeno vale aonde estava e nos arredores.

Decorridos os três meses, resolvi demorar-me ainda algum tempo mais afastado do meu país; estabeleci-me pelo momento na Suíça, que se me tornava querida pela recordação dessa noite; tornei a pegar na pena e entreguei-me de novo ao trabalho.

Conformei-me humildemente com os conselhos de Inês; interroguei a natureza, que nunca se interroga em vão; não repeli mais para longe de mim as afectividades humanas. Não tardou que tivesse tantos amigos no vale, como noutros tempos tivera em Yarmouth e quando me despedi deles no Outono para ir a Genebra e que voltei a vê-los na Primavera, os seus pesares e o seu acolhimento afectuoso foram-me direitos ao coração, como se mos dirigissem na minha língua natal.

Eu trabalhava firme e forte; começava cedo e acabava tarde. Andava a escrever uma novela cujo assunto escolhi de afinidade com as minhas penas recentes; mandei-a a Traddles, que foi o intermediário para a publicação, de uma forma muito vantajosa para os meus interesses; e o ruído da minha reputação crescente chegou até mim pela chusma de excursionistas que eu ia encontrando pelo caminho. Depois de haver tomado um pouco de repouso e de distracção, voltei a trabalhar com o meu ardor de outro tempo, sobre um novo assunto de fantasia, que me agradava infinitamente. A medida que me adiantava no cumprimento dessa tarefa, cada vez mais me afeiçoava a ela e envidava toda a minha energia para me sair bem. Era a minha terceira tentativa no género. Tinha

escrito aproximadamente metade, quando pensei, num intervalo de descanso, em regressar à Inglaterra.

Desde muito tempo, sem prejudicar o meu trabalho paciente e os meus estudos incessantes, que me habituara a exercícios robustos. A minha saúde, gravemente alterada quando saí da Inglaterra, tinha-se restabelecido por completo. Tinha visto muito, tinha viajado muito e fio bem que tinha aprendido alguma coisa com essas viagens.

Contei agora tudo quanto me parecia útil dizer acerca dessa longa ausência... Todavia, fiz uma reserva. E se a fiz, não foi porque tivesse a intenção de calar um único dos meus pensamentos, porque, já o levo dito, esta narrativa é a minha memória escrita. Quis guardar para o fim esse segredo sepultado no fundo da minha alma. Vou dizê-lo agora.

Não posso sondar o bastante, antes de revelar esse segredo, no meu próprio coração, para poder dizer em que momento comecei a pensar que teria podido noutro tempo fazer de Inês o objecto das minhas primeiras e das minhas mais queridas esperanças. Não posso dizer em que época do meu desgosto eu vim a pensar que, na minha descuidosa mocidade, tinha atirado para longe de mim o tesouro do seu amor. Talvez que eu tivesse recolhido algum murmúrio desse longínquo pensamento, cada vez que tive a desgraça de sentir a perda ou a necessidade dessa qualquer coisa que nunca devia realizar-se e que faltava à minha felicidade. Mas foi um pensamento que, quando me sobreveio, eu não quis acolher, senão como um pesar misto de arguição contra mim próprio, quando a morte de Dora me deixou triste e só no mundo.

Se, nessa época, me tivesse encontrado muitas vezes junto de Inês, talvez que, na minha fraqueza, eu traísse esse sentimento íntimo. Foi esse o receio vago que me impeliu primeiramente a permanecer longe do meu país natal. Não poderia resignar-me a perder a mais pequena parcela do seu afecto de irmã, e, uma vez revelado o meu segredo, eu teria colocado entre nós ambos uma barreira até então desconhecida.

Não podia esquecer que o género de afeição que ela tinha agora por mim era obra minha; que, se algum dia ela me havia amado com um outro amor e por vezes eu dizia comigo que isso talvez existisse no seu coração, eu o repelira. Quando não passávamos de duas crianças, habituara-me a considerá-lo como uma quimera. Eu tinha dado todo o meu amor a outra mulher; não fizera o que poderia ter feito; e se Inês era hoje para mim o que era, uma irmã e não uma namorada, fora eu que assim o quisera; o seu nobre coração tinha feito o resto.

Quando comecei a restabelecer-me, a reconhecer-me e a observar-me pensei que talvez um dia, após uma longa espera, eu pudesse reparar as faltas do passado e que poderia ter a felicidade indizível de casar com ela. Mas, no seu

decurso, o tempo levou consigo essa longínqua esperança. Se ela alguma vez me havia amado, mais sagrada ainda me devia ser; não recebia ela todas as minhas confidências? Não a tinha posto ao corrente de todas as minhas fraquezas? Não se havia ela imolado até ao ponto de se tornar minha irmã e minha amiga? Cruel triunfo sobre si própria! Se, pelo contrário, nunca me tivesse amado, podia eu acreditar que ela me amasse agora?

Eu tinha-me sentido sempre tão fraco em comparação com a sua perseverança e com a sua coragem! Agora ainda o sentia mais. Conquanto eu tivesse podido ser para ela, ou ela para mim, se noutro tempo eu tinha sido mais digno dela, esse tempo passara. Tinha-o deixado fugir para longe de mim. Merecera perdê-la.

Sofri muito nesta luta; o meu coração estava cheio de tristeza e de remorso e todavia sentia que a honra e o dever me obrigavam a não vir fazer oferenda, a essa pessoa tão querida, das minhas esperanças esvaecidas, eu que, por um capricho frívolo, tinha ido levar as minhas homenagens a outra parte, quando elas se encontravam em todo o seu frescor de mocidade. Eu não procurava ocultar-me que a amava, que lhe era dedicado por toda a vida, mas repetia comigo que era muito tarde, agora, para nada alterar à natureza das nossas relações convencionadas.

Muitas vezes reflecti no que me dizia a minha Dora quando me falava, nos seus últimos momentos, do que nos sucederia na nossa vida doméstica, se tivéssemos que passar juntos mais tempo; eu tinha compreendido que, bastantes vezes, as coisas que não nos sucedem têm sobre nós tanto efeito na realidade como as que nos sucedem. Esse futuro, com o qual ela se assustara por minha causa, era agora uma realidade que o destino me enviara para me punir, como o teria feito cedo ou tarde, mesmo junto dela, se a morte não nos houvesse separado antes. Tentei pensar em todos os felizes efeitos que teria podido exercer sobre mim a influência de Inês, para me tornar mais corajoso, menos egoísta, mais atento a velar pelos meus defeitos e a corrigir os meus erros. E foi assim que, à força de pensar no que eu teria podido ser, cheguei à convicção sincera de que isso nunca se realizaria.

Eis o que vinha a ser a areia movediça dos meus pensamentos; eis em que acessos de perplexidades e de dúvidas passei os três anos que decorreram desde a minha partida até ao dia em que voltei à minha pátria. Sim, havia três anos que o navio, carregado de emigrantes, tinha seguido à vela; e era três anos depois que, no mesmo lugar e à mesma hora, ao pôr do sol, estava eu de pé no tombadilho do paquete que me reconduzia à Inglaterra, com os olhos fixos na água de tintas rosadas, aonde eu tinha visto reflectir a imagem desse navio.

Três anos! É muito tempo no seu conjunto, conquanto seja muito pouco

separadamente! E o meu país era-me bastante querido e Inês também!... Porém ela não me pertencia... nunca me pertenceria... Isso poderia ter-se realizado noutros tempos; agora já não era possível!...

## Capítulo LIX — Regresso

Desembarquei em Londres, por uma fria tarde de Outono. Estava escuro e chovia; dentro de um minuto vi mais nevoeiro e mais lama do que tinha visto em todo um ano. Fui a pé desde a alfândega até Charing Cross, sem encontrar um carro. Conquanto a gente goste de tornar a ver antigos conhecimentos, ao encontrar pelo caminho os telhados saídos e as goteiras entupidas como dantes, não podia deixar de lamentar que os meus velhos conhecimentos não estivessem um pouco mais asseados.

Notei muitas vezes e suponho que toda a gente faz o mesmo, que no momento em que se deixa um lugar que nos é familiar, parece que a nossa partida lhe dá o sinal de uma porção de mudanças que saltam à vista. Ao olhar pela portinhola do carro e ao notar que uma velha casa de Fish Street, que há mais de um século não via nem pedreiro, nem pintor, nem marceneiro, tinha sido demolida na minha ausência e que uma rua próxima, célebre pela sua insalubridade e falta de comodidades de todo o género que a sua antiguidade tornara respeitáveis, fora saneada e alargada, quase que esperava que a catedral de S. Paulo ia parecer-me mais velha ainda do que dantes.

Sabia que se tinham operado mudanças na situação de diversos amigos meus. Minha tia há muito que regressara a Dover e Traddles tinha começado a angariar uma pequena clientela pouco tempo depois da minha partida. Ocupava presentemente um pequeno aposento em Gray’s-Inn e numa das suas últimas cartas dizia-me que alimentava uma certa esperança de estar brevemente ligado à melhor rapariga do mundo.

Em minha casa esperavam-me para o Natal, mas não se desconfiava que eu devesse chegar tão cedo. Tinha, propositadamente, apressado o meu regresso, a fim de ter o prazer de lhes causar uma surpresa a todos. E, todavia, tinha a injustiça de sentir um calafrio gelado, como se estivesse desapontado por não ver aparecer ninguém a esperar-me e por me ver rodar sozinho, em silêncio, pelas ruas assombradas pelo nevoeiro.

Todavia, os estabelecimentos e as suas alegres montras puseram-me um pouco bem disposto; e quando cheguei à porta do botequim de Gray’s-Inn, tinha recuperado toda a minha animação. No primeiro momento, recordei-me dessa época da minha vida, bem diferente todavia, em que eu me apeara na Cruz de Ouro e as mudanças que se realizaram desde esse tempo. Era bem natural.

— Sabe aonde é que mora *Mister* Traddles? — perguntei ao criado, aquecendo-me ao fogão do botequim.

— Holborn-Court, senhor, nº 2.

— *Mister* Traddles começa a ser conhecido entre os advogados, não é verdade?

— É provável que assim seja, senhor, mas não sei nada.

O criado, que não era nem velho nem novo e muito magro, voltou-se para um criado de categoria superior, quase uma autoridade, um velho criado robusto, forte, de barbela, calça curta e meias pretas; levantou-se do Jogar que ocupava no fim da sala, numa espécie de banco de sacristão, aonde estava em companhia de uma caixa contendo dinheiro miúdo, de um almanaque, de uma lista de gente do foro e de alguns outros livros e papéis.

— *Mister* Traddles? — disse o criado magro — Nº 2, no pátio.

O velho majestoso fez-lhe sinal, com a mão, de que podia retirar-se e voltou-se gravemente para mim.

— Perguntava eu — disse-lhe — se *Mister* Traddles, que mora no nº 2, no pátio, começa a ter nome entre os advogados?

— Nunca ouvi falar nesse nome — respondeu o criado, numa rica voz de barítono.

Senti-me muito humilhado por Traddles.

— É talvez muito novo ainda — disse o imponente velho, fixando sobre mim um olhar severo. — Há quanto tempo advoga ele?

— Há uns três anos — respondi.

Não se devia esperar que um criado que tinha todo o ar de estar naquele mesmo canto do botequim há quarenta anos, se demorasse mais tempo com tão insignificante assunto. Perguntou-me o que é que eu queria para jantar.

Senti que havia regressado à Inglaterra e realmente Traddles fez-me pena. Não tinha sorte. Pedi timidamente peixe e um *bifteck* e fiquei de pé, diante do fogão, a meditar sobre a obscuridade do meu pobre amigo.

Sempre seguindo com os olhos o criado em chefe, que ia e vinha, não podia deixar de dizer comigo que o jardim em que desabrochara uma flor tão próspera era todavia de uma natureza bem ingrata para a produzir Tinha tudo ali um ar tão rígido, tão antigo, tão cerimonioso, tão solene! Olhei, em volta da sala e vi o soalho coberto de areia, provavelmente como no tempo em que o criado em chefe era ainda um criado pequeno, se algum dia o fora, o que me parecia muito inverosímil; vi as mesas luzidias, aonde a minha imagem se reflectia até ao fundo do velho mogno; os candeeiros muito bem limpos, sem uma única mancha; as lindas cortinas verdes, com as suas varas de cobre polido, fechando com todo o cuidado cada compartimento separado; os dois grandes fogões de carvão bem acesos; as garrafas alinhadas na melhor ordem e cheias até ao gargalo, para mostrar que na adega não estavam embaraçadas de encontrar túneis

inteiros de vinho velho do Porto de primeira qualidade. E eu dizia comigo, ao ver tudo isso, que, na Inglaterra, quer a fama, quer um lugar de honra no foro, não eram coisas fáceis de tomar de assalto. Subi ao meu quarto para me mudar, pois que tinha a roupa numa sopa; e esse vasto aposento, todo de talha (deitava sobre a arcada que conduzia a Gray's-Inn) e esse leito pacífico na sua imensidade, flanqueado pelas suas quatro pilastras, ao lado do qual se ostentava, na sua gravidade indomável, uma cómoda maciça, pareciam de combinação profetizar um pobre futuro a Traddles, como a todos os novos audaciosos que queriam caminhar muito depressa. Desci a sentar-me à mesa e tudo, nesse estabelecimento, desde a ordem solene do serviço até ao silêncio que ali reinava... à falta de convivas, porque o tribunal estava ainda em férias, tudo parecia condenar com eloquência a louca presunção de Traddles e predizer-lhe que tinha ainda para uns vinte anos primeiro que ganhasse a vida pela sua profissão.

Eu nada tinha visto de semelhante no estrangeiro, depois que partira e todas as minhas esperanças por o meu amigo se desvaneceram. O criado em chefe abandonara-me, para atender um sujeito velho, de polainas subidas, ao qual foi servir uma garrafa particular de vinho do Porto, que pareceu sair por si própria do fundo da adega, pois nem sequer a tinha pedido. O segundo criado segredou-me que esse velho *gentleman* era um agente de negócios retirado que morava no *square*, que possuía uma grande fortuna que por sua morte passaria talvez para a filha da sua lavadeira; dizia-se também que tinha no seu escritório um serviço completo de prata, enegrecido por falta de uso, conquanto ninguém se lembrasse de ter visto em sua casa senão uma colher e um garfo desirmanados. Por agora, considerei decididamente Traddles como perdido e não conservei por ele a menor esperança. Como isso não me impedia de desejar com impaciência ver esse bom rapaz, aviei-me com o jantar, de maneira a não me honrar com a estima do chefe da criadagem, e apressei-me a sair pela porta das traseiras. Não tardei a chegar ao nº 2, no pátio, e li um letreiro destinado a informar quem de direito que *Mister* Traddles ocupava um quarto no último andar. Subi a escada, uma velha escada a desfazer-se, mal iluminada, em cada patamar, por um candeeiro fumoso cuja torcida carregada de morrões se ia apagando muito lentamente dentro dos vidros imundos.

Tropeçando nos degraus, julguei ouvir risadas; não era um riso de procurador ou de advogado, nem mesmo de escrevente de advogado ou de procurador, mas de duas ou três raparigas alegres. Mas, ao parar, a fim de prestar atenção, tive a desgraça de meter o pé por um buraco sobre o qual a honrada sociedade de Gray's-Inn se tinha esquecido de mandar pregar uma tábua; fiz barulho ao cair e quando me levantei haviam cessado as risadas.

Fui trepando devagar e com mais precaução, o resto da escada; o meu coração pulsava bastante forte quando cheguei à porta exterior em que se lia o nome de *Mister* Traddles: estava aberta. Bati, ouviu-se um grande ruído dentro e mais nada. Bati outra vez.

Um homenzinho, de ar esperto, meio caixeiro e meio criado, apresentou-se, todo esbaforido, mas olhando para mim descaradamente, como para me desafiar a produzir-lhe a prova legal.

— *Mister* Traddles está em casa?

— Sim, senhor, mas está ocupado.

— Desejo vê-lo.

Depois de me haver examinado ainda um momento, o homenzinho decidiu-se a deixar-me entrar, e, abrindo a porta escancaradamente, guiou-me primeiro até um vestíbulo em miniatura e depois introduziu-me numa pequena sala, onde me encontrei em presença do meu velho amigo (igualmente esbaforido), sentado a uma mesa, com o nariz em cima da papelada.

— Deus do céu! — exclamou Traddles erguendo os olhos para mim. — É Copperfield!

E lançou-se-me nos braços, aonde o tive muito tempo enlaçado.

— Vai tudo bem, meu caro Traddles?

— Vai tudo bem, meu caro, meu bom Copperfield e só tenho boas novidades a dar-lhe.

Chorávamos ambos de alegria.

— Meu caro amigo — disse Traddles, que, na sua satisfação, esguedelhava os cabelos, conquanto fosse bem pouco necessário —, meu caro Copperfield, meu excelente amigo, que há tanto tempo tinha perdido e que enfim torno a encontrar, como estou contente por o tornar a ver! Como o senhor vem moreno! E como eu estou contente! Palavra de honra, meu bem amado Copperfield, que nunca estive tão contente, não, nunca!

Pelo meu lado, eu já não podia mais exprimir a minha emoção. Sentia-me em estado de não dizer uma palavra.

— Meu caro amigo! — tornou Traddles. — E que famoso que o senhor se tem tornado! Meu ilustre Copperfield! Bom Deus! Mas donde é que vem? Quando chegou? Que tem sido feito de si?

Sem esperar uma resposta a todas estas perguntas, Traddles, que me tinha instalado numa grande poltrona ao pé do fogão, ocupava-se com uma mão a remexer vigorosamente os carvões, enquanto que com a outra puxava-me pela gravata, supondo sem dúvida que era o sobretudo. Depois, sem se dar ao trabalho de pousar as tenazes, dava-me grandes abraços e eu correspondia-lhe e ambos nos ríamos e enxugávamos os olhos: depois, tornando-nos a sentar,

dávamo-nos continuados apertos de mão, em frente do fogão.

— Quando penso — disse Traddles — que estava tão próximo do seu regresso e que não assistiu à cerimónia!

— A que cerimónia, meu caro Traddles?

— Como assim! — exclamou Traddles, arregalando os olhos como dantes. — O senhor não recebeu a minha última carta?

— Certamente que não, se nela se tratava de alguma cerimónia.

— Mas, meu caro Copperfield — disse Traddles, passando os dedos pelos cabelos, para os arrepiar, antes de me bater com as mãos nos joelhos — estou casado!

— Casado?! — disse-lhe eu, soltando um grito de alegria.

— Casado, sim, graças a Deus! — disse Traddles —, pelo reverendo Horácio, com Sofia, no Devonshire! Mas, meu caro amigo, ela está ali, por trás do transparente da janela. Olhe!

E, com grande surpresa minha, a melhor rapariga do mundo saiu, rindo e corando ao mesmo tempo, do seu esconderijo. Nunca se viu casada mais alegre, mais amável, mais honesta, mais feliz, mais encantadora, e não pude deixar de lho dizer imediatamente. Beijei-a, na minha qualidade de velho conhecimento, e desejei-lhes, do fundo do coração, toda a sorte de prosperidades.

— Mas que deliciosa reunião! — disse Traddles. — Como vem moreno, meu caro Copperfield! Meu Deus! Meu Deus! Como me sinto feliz!

— E eu! — respondi.

— E eu então! — disse Sofia, rindo e corando cada vez mais.

— Somos todos tão felizes quanto possível — disse Traddles. — Até estas meninas são felizes! Mas, a propósito, eu ia-as esquecendo!

— Ia-as esquecendo, quem? — disse eu.

— Sim, essas meninas — disse Traddles — as irmãs de Sofia. Elas vivem aqui connosco. Vieram ver Londres. O facto é que... o Copperfield caiu há pouco nas escadas, não é verdade?

— Caí, sim — respondi-lhe a rir.

— Pois quando o senhor caiu nas escadas, estava eu aqui a brincar com elas. Jogávamos as escondidas. Mas como isso não parece conveniente em Westminster Hall e como é preciso respeitar o decoro da nossa profissão, diante dos clientes, elas fugiram num abrir e fechar de olhos. E agora estou certo de que estão aí em qualquer canto a ouvir-nos — disse Traddles deitando uma olhadela de lado para a porta da outra sala.

— Tenho pena — disse-lhe eu, rindo de novo — de haver sido a causa de uma tal debandada...

— Palavra — replicou Traddles num tom satisfeito — que não diria isso, se as

tivesse visto fugir, quando elas o ouviram bater e voltarem atrás, a galope, a apanhar os pentes que deixaram cair e desaparecerem de novo como maluquinhas. Meu amor, quer ir chamá-las?

Sofia saiu a correr e depois ouvimos rir às gargalhadas na saia pegada.

— Que agradável música não é, meu caro Copperfield? — disse Traddles. — É um encanto ouvi-la; é preciso isto para alegrar esta velha casa. Para um desgraçado rapaz que tem vivido sozinho em toda a sua vida, é delicioso, é encantador! Pobres raparigas! Perderam tanto, perdendo Sofia!... Porque ela é, asseguro-lhe, Copperfield, a melhor rapariga! Assim, eu fico satisfeitíssimo quando as vejo distrair. A companhia das pequenas é qualquer coisa de delicioso, Copperfield. Não é precisamente conforme ao decoro da minha profissão, mas é o mesmo, é delicioso!

Notei que ele me dizia tudo isso com um pouco de acanhamento; compreendi que, por bondade sincera, receava afligir-me, descrevendo-me muito intensamente as alegrias do casamento, e apressei-me a tranquilizá-lo dizendo com ele, com uma vivacidade de expressão que pareceu encantá-lo.

— Mas, para falar verdade — prosseguiu —, os nossos arranjos domésticos, de lés a lés, não estão muito de acordo com a minha profissão, meu caro Copperfield. Mesmo, a estada de Sofia aqui, não é muito conforme ao decoro da profissão, mas não temos outro alojamento. Embarcamo-nos numa jangada e estamos decididos a não sermos difíceis de contentar. De resto, Sofia é uma tão boa dona de casa! O Copperfield ficaria surpreendido, se visse como ela instalou essas pequenas. Eu até não chego a compreender bem como isso foi!

— Quantas tem cá? — perguntei.

— Tenho cá a mais velha, a Beleza — disse Traddles em voz baixa —; a Carolina e a Sara, sabe?, aquela de que lhe falei que tem qualquer coisa na espinha, passa agora infinitamente melhor. E ainda, além destas, as duas mais novas, que Sofia criou, estão cá também. É verdade, também cá temos a Luísa.

— Também! — exclamei.

— Sim! — disse Traddles. — Pois bem! Estes nossos aposentos só têm três quartos, mas Sofia arranjou tudo isso de uma maneira deveras maravilhosa e estão arrumadas todas o mais comodamente possível. Três neste quarto — disse Traddles, indicando-me uma porta — e duas naquele.

Não pude deixar de olhar em torno de mim, para procurar aonde é que se acomodariam *Mister* e *Mistress* Traddles. Ele compreendeu-me.

— Palavra de honra — disse Traddles — nós não somos difíceis de contentar, como há pouco disse; na semana passada improvisámos uma cama no chão, aqui. Mas como há um sótão por baixo do telhado... um quarto pequeno mas bonito... quando a gente lá está é que vê, Sofia forrou-o a papel, por suas

próprias mãos, para me fazer uma surpresa; e agora é o nosso quarto. É um buraquinho encantador. Tem umas bonitas vistas.

— Enfim, ei-lo casado, meu caro Traddles! Como estou contente!

— Obrigado, meu caro Copperfield — disse Traddles, dando-me ainda um aperto de mão. — Sim, sou tão feliz, quanto se pode ser. Olhe para este seu velho conhecimento — disse-me apontando-me com um ar de triunfo o vaso de flores — e olhe o velador com pedra mármore. Todo o nosso mobiliário é simples e cómodo. Quanto a pratas, meu Deus! Nem sequer temos uma colher de chá!

— Ora! O Traddles as ganhará! — disse eu alegremente.

— É isso — respondeu Traddles — eu as ganharei. Como é sabido, temos colheres pequenas para o chá, mas são de metal inglês.

— A prata não será mais brilhante no dia em que a tiver — disse-lhe eu.

— É justamente o que nós dizemos — exclamou Traddles. — Olhe, meu caro Copperfield — e retomou de novo o seu tom confidencial — quando eu advoguei no processo de *Doe dem Gipes contra Wigzell*, de que me saí bem, fui ao Devonshire a fim de ter uma conversa séria com o reverendo Horácio. Insisto sobre o facto de que Sofia é, asseguro-lhe, Copperfield, a melhor rapariga do mundo...

— Tenho a certeza disso — disse-lhe eu.

— Ah! E tem toda a razão — prosseguiu Traddles. — Mas estou-me afastando, parece-me, do meu assunto. Creio que lhe falava do reverendo Horácio?

— O Traddles dizia-me que insistia sobre o facto...

— Ah! Sim... sobre o facto de que éramos noivos há muito tempo, Sofia e eu e que Sofia, com a licença de seus pais, não pedia outra coisa senão casar comigo... — continuou Traddles com o seu franco e honesto sorriso de outros tempos — no estado actual, isto é, com o metal inglês. Propus então ao reverendo Horácio que consentisse na nossa união. É um excelente pastor, Copperfield, deveriam fazê-lo bispo, ou, pelo menos, dar-lhe com que viver comodamente; pedi-lhe que consentisse em casar-nos, podendo eu apenas remir-me com duzentas e cinquenta libras esterlinas por ano, esperançado em que, para o ano seguinte, faria mais qualquer coisa e que, além disso, mobilaria a minha casinha. Como vê, tomei a liberdade de lhe expor que havíamos esperado bastante tempo e que também, como bons pais que eram, não podiam opor-se a que a filha se arrumasse, simplesmente porque ela lhes era extremamente útil em casa... Compreende?

— Certamente, não seria justo.

— Estou satisfeitíssimo por ser da minha opinião, Copperfield — prosseguiu

Traddles — porque, sem fazer a menor censura ao reverendo Horácio, creio que os pais, os irmãos, etc., são muitas vezes egoístas em casos tais. Também lhe fiz notar que nada desejava tanto no mundo como ser igualmente útil à família e que se prosperasse e que por desgraça lhe acontecesse qualquer coisa... eu falo do reverendo Horácio...

— Compreendo.

— Ou a *Mistress* Crewler, por muito feliz me daria em servir de pai a suas filhas. Respondeu-me de um modo admirável e muito lisonjeiro para mim, prometendo-me obter o consentimento de *Mistress* Crewler. Ela custou a convencer. Era uma coisa que lhe subia das pernas ao peito e depois à cabeça...

— Mas o que é que lhe subia assim? — perguntei eu.

— O desgosto — prosseguiu Traddles com um ar sério. — Todos os sentimentos a perturbam assim. Como já uma vez lhe disse, *Mistress* Crewler é uma mulher superior, mas perdeu o uso das pernas. Quando qualquer coisa a amofina, as pernas sentem-no logo; mas nessa ocasião, sentiu-lho o peito e depois a cabeça, «enfim subiu-lhe por toda a parte, de modo a comprometer todo o sistema da maneira mais alarmante. Todavia, conseguiu-se que se restabelecesse à força de cuidados e de atenções e fez ontem seis semanas que nos casámos. O Copperfield não pode fazer uma ideia das recriminações que eu me dirigi ao ver a família inteira a chorar e a achar-se mal, por todos os cantos da casa! *Mistress* Crewler não pôde resolver-se a ver-me antes da nossa partida; não me podia perdoar que lhe tivesse roubado a filha, mas no fundo é tão boa senhora! Agora está resignada. Recebi dela, esta mesma manhã, uma encantadora carta.

— Numa palavra, meu caro amigo — disse-lhe eu — é tão feliz quanto merece!

— Oh! Como me lisonjeia! — disse Traddles rindo. — Mas o facto é que a minha sorte é digna de inveja. Trabalho muito e leio direito todo o dia. Levanto-me habitualmente às cinco horas da manhã e nem nisso penso. Durante o dia escondo as pequenas a todos os olhares e à noite divertimo-nos do bom e do melhor. Asseguro-lhe que tenho muitíssima pena por elas se irem embora na terça-feira, véspera de S. Miguel... Mas cá estão elas! — disse Traddles, cessando prontamente as suas confidências para me dizer num tom de voz mais elevado: — Senhor Copperfield, *miss* Crewler, *miss* Sara, *miss* Luísa, Margaret e Lucy!

Era um verdadeira ramalhete de rosas: eram frescas e sadias e todas lindas; *miss* Carolina era muito formosa, mas havia no brilhante olhar de Sofia uma expressão tão terna, tão alegre, tão serena, que eu estava seguro de que o meu amigo não se tinha enganado na escolha. Abancámos todos em volta do fogão,

enquanto que o homenzinho esperto, que provavelmente se tinha esbaforido a tirar das caixas os papéis para os espalhar pela mesa, se atarefava agora a arrumá-los para os substituir pelo chá; depois retirou-se, fechando a porta com toda a força. *Mistress* Traddles, sempre tranquila e alegre, pôs-se a fazer o chá e a vigiar pelas torradas, que estavam tostando a um canto do fogão.

Sempre entregando-se a esta ocupação, disse-me que tinha visto Inês. «Tom levara-a ao Kent em viagem de núpcias, tinha estado com minha tia, que passava muito bem, assim como com Inês e não se tinha falado senão de mim. Tom não tinha cessado de pensar em mim», disse ela, «em todo o tempo da minha ausência». Tom era a sua autoridade em todas as matérias; Tom era evidentemente o ídolo da sua vida e não havia perigo que houvesse um abalo capaz de fazer aluir esse ídolo do seu pedestal; depositava toda a confiança nele; de todo o seu coração, tinha-lhe ela prestado fé e homenagem, desse por onde desse.

A deferência que Traddles e ela testemunhavam à Beleza agradava-me muito. Não sei se achava isso bem razoável, mas era ainda uma feição deliciosa do seu carácter, em harmonia com o resto. Estou certo de que se Traddles se punha por vezes a lastimar-se por não ter podido ainda comprar as colheres de prata para o chá, era somente quando passava a chávena à Beleza. Se a sua doce mulherzinha era capaz de se glorificar de qualquer coisa no mundo, estava convencido de que era unicamente por ser irmã da Beleza. Notei que os caprichos dessa menina eram encarados por Traddles e sua mulher como um título legítimo que ela evidenciava naturalmente das suas vantagens físicas. Se ela nascesse rainha do cortiço e eles fossem abelhas obreiras, estou certo de que não teriam reconhecido com mais prazer a superioridade da sua posição.

Mas o que sobretudo me encantava era a abnegação dos dois. Nada podia fazer melhor o seu elogio do que o orgulho com que ambos falavam das irmãs e a sua perfeita submissão a todas as fantasias dessas meninas. A cada instante chamava-se Traddles para lhe pedir que trouxesse isto ou que levasse aquilo; que subisse uma coisa ou que descesse outra, ou que lhes fosse ainda buscar um terceiro objecto. Quanto a Sofia, as outras não podiam fazer nada sem ela. Uma das irmãs estava despenteada, Sofia era a única que podia pôr-lhe os cabelos em ordem. Outra tinha-se esquecido de uma área, só Sofia é que poderia fazer-lha recordar. Queria-se saber o nome de uma aldeia do Devonshire, só Sofia é que era capaz de o saber. Se era preciso escrever aos pais, contava-se com Sofia para escrever de manhã, antes de almoço. Quando uma delas deixava cair uma malha na renda, era logo solicitada a Sofia para a levantar. Elas é que eram as donas da casa, Sofia e Traddles estavam apenas ali para as servir. Não sei de quantas crianças Sofia poderia ter tratado no seu tempo, mas creio que não houve canção

infantil, em inglês, que ela não soubesse na ponta da língua e cantava-as às dúzias, uma após outra, com a vozinha mais clara do mundo, ao mandado de suas irmãs, que queriam cada uma a sua, sem esquecer a Beleza, que não lhes ficava atrás; eu estava encantado a valer. Com tudo isso, no meio de todas as suas exigências, as irmãs tinham todas o maior respeito e a maior ternura por Sofia e por seu marido. Quando me retirei, Traddles quis acompanhar-me até ao hotel e creio que nunca vi uma cabeça, sobretudo uma cabeça encimada por uma cabeleira tão obstinada, rolar entre tantas mãos para receber iguais revoadas de beijos. Numa palavra, era uma cena em que não pude deixar de pensar com prazer, durante muito tempo, depois de ter dado as boas noites a Traddles. Creio que a vista de um milhar de rosas desabrochadas numa mansarda do velho edifício de Gray's-Inn não o pudesse alegrar tanto. Só a ideia de todas essas pequerruchas do Devonshire, escondidas no meio de todos esses velhos jurisconsultos e nesse grave escritório de procurador, ocupadas a fazerem torradas e a cantarem todo o dia entre os pergaminhos poeirentos, o fio vermelho, as velhas obreias, as garrafas de tinta, o papel selado, os arrendamentos e os processos verbais, as citações e as contas das despesas e aviamentos, era para mim um sonho tão divertido e tão fantástico como se tivesse visto a fabulosa família do Sultão inscrita no quadro dos advogados, com o pássaro que fala, a árvore que canta e o rio que rola palhetas de ouro, instalada em Gray's-Inn-Hall. O que há-de seguro é que quando deixei Traddles e que regressei ao botequim, nem por sombras pensava em lastimar o meu velho camarada e comecei a crer nos seus sucessos futuros, a despeito de todos os criados em chefe do Reino Unido.

Sentado ao fogão, para pensar em Traddles com vagar, caí bem depressa dessas reflexões consoladoras e dessas doces imagens na contemplação vaga do carvão flamejante, cujas transformações caprichosas me representavam fielmente as vicissitudes que me tinham perturbado a vida. Depois que havia deixado a Inglaterra, três anos antes, não tinha tornado a ver um fogo de carvão, mas quantas vezes, observando as achas de madeira que se desfaziam em cinza esbranquiçada, para se misturarem à leve poeira do lar, eu julgava ver com as suas brasas consumidas desvanecerem-se as minhas esperanças extintas para todo o sempre!

Agora sentia-me capaz de pensar gravemente no passado, mas sem amargor; podia contemplar o futuro com coragem. A falar verdade, já não tinha lar doméstico. Tinha feito uma irmã daquela a quem talvez teria podido inspirar um sentimento mais terno. Um dia ela casaria, outros teriam direito sobre o seu coração, sem que ela jamais soubesse, tomando novas ligações, do amor que havia brotado na minha alma. Era justo que eu sofresse as consequências da

minha paixão estouvada. Colhia o que tinha semeado.

Pensava em tudo isso e perguntava de mim para mim se o meu coração se encontrava em estado de suportar essa prova, se eu poderia contentar-me junto dela a ocupar o lugar que ela soubera contentar-se a ocupar junto de mim, quando de repente descobri sob o meu olhar uma figura que parecia sair expressamente do fogo que eu contemplava, para reavivar as minhas mais antigas recordações.

O pequeno doutor Chillip, cujos bons ofícios me tinham prestado o serviço que se viu no primeiro capítulo desta narrativa, estava sentado no outro canto da sala, lendo um jornal. Via-se bem que tinha sofrido um pouco com o progresso dos anos, mas era um homenzinho tão doce, tão tranquilo, tão pacífico, que não o parecia; afigurava-se-me que não tinha podido mudar desde o dia em que se instalara na nossa pequena sala de visitas, à espera do meu nascimento.

*Mister* Chillip tinha deixado Blunderstone há cinco ou seis anos e nunca mais o tornara a ver. Estava ele a ler muito sossegadamente o seu jornal, com a cabeça de lado e um copo de vinho quente ao pé de si. Havia em toda a sua pessoa qualquer coisa de tão conciliador, que parecia apresentar as suas desculpas ao jornal por se permitir a liberdade de o ler.

Aproximei-me do lugar em que ele estava sentado e disse-lhe:

— Como vai isso, senhor Chillip?

Ele pareceu muito atrapalhado com essa interpelação inesperada da parte de um estranho e respondeu lentamente, segundo o seu costume:

— Muito agradecido, senhor; é demasiada bondade. Obrigado. E o senhor, espero que passe bem!

— Não se recorda de mim?

— Mas, senhor — respondeu *Mister* Chillip, sorrindo com o ar mais doce e abanando a cabeça — tenho uma ideia de que vi a sua fisionomia em qualquer parte, mas, em verdade, não posso atinar com o seu nome.

— E, todavia, o senhor conheceu-me muito tempo antes que eu próprio o conhecesse! — respondi.

— Palavra, senhor? — disse *Mister* Chillip. — Dar-se-á o caso de que eu tivesse tido a honra de presidir a...

— Justamente...

— Palavra? — exclamou *Mister* Chillip. — Provavelmente o senhor mudou muito desde então.

— Provavelmente.

— Nesse caso, senhor — continuou *Mister* Chillip — espero que me há-de desculpar, se eu lhe pedir que me diga o seu nome.

Ao ouvir o meu nome, ficou emocionadíssimo. Apertou-me a mão, o que para

ele era um processo violento, visto que, em geral, apresentava timidamente, a uma ou duas polegadas dos quadris, um dedo ou dois e parecia muito atarantado quando alguém levava a amizade ao ponto de lhos apertar com força. Neste mesmo momento, enfiou logo depois a mão no bolso do sobretudo e pareceu muito tranquilizado por a ter posto em lugar de segurança.

— Em verdade, senhor! — disse *Mister* Chillip depois de me ter examinado, com a cabeça sempre inclinada do mesmo lado. — O quê! É o senhor Copperfield? Creio que o reconheceria se tomasse a liberdade de o examinar de mais perto. Parece-se muito com seu pobre pai, senhor.

— Não tive a felicidade de ver meu pai — respondi-lhe.

— É verdade, senhor — disse *Mister* Chillip no tom mais suave. — E foi uma grande desgraça, a todos os respeitos. Não ignoramos a fama que tem alcançado neste pequeno canto do mundo, senhor — acrescentou *Mister* Chillip, meneando de novo, muito brandamente, a sua pequena cabeça. — Deve ter aí — e batia com a mão na testa — uma grande excitação em movimento; estou certo de que acha esse género de ocupação muito fatigante, pois não é verdade?

— Aonde é que reside agora? — perguntei sentando-me junto dele.

— Estabeleci-me a algumas milhas de Bury-Saint-Edmunds — respondeu *Mister* Chillip. — *Mistress* Chillip herdou de seu pai uma pequena terra nos arredores; lá me instalei e não me corre mal a vida, como há-de gostar de saber. Minha filha está uma senhora — continuou ele, meneando outra vez a pequena cabeça — a mãe viu-se obrigada a deitar-lhe abaixo dois tomados da saia, na semana passada. O que são as coisas! Como o tempo passa!

Como o doutor, ao fazer esta reflexão, levasse aos lábios o copo vazio, eu propus-lhe mandar-lho encher e pedir outro para mim, a fim de o acompanhar.

— É que não estou habituado a tomar mais — observou-me com a sua lentidão costumada —, mas não posso recusar o prazer da sua conversa. Parece-me que foi ontem que tive a honra de o tratar do sarampo. O senhor saiu-se perfeitamente.

Agradeci-lhe o cumprimento e pedi dois copos de *bichof,* que nos trouxeram logo.

— Que excesso! — disse *Mister* Chillip. — Mas como resistir a uma fortuna tão extraordinária? O senhor não tem filhos?

Disse que não com a cabeça.

— Sabia que o senhor tinha perdido uma pessoa querida há um certo tempo — observou-me *Mister* Chillip. — Disse-mo a irmã de seu padrasto: um carácter bem decidido, senhor!

— Sim, arrogantemente decidido! — respondi. — Aonde foi que a viu, senhor Chillip?

— O senhor não sabe — respondeu *Mister* Chillip com o seu mais afável sorriso — que o seu padrasto é outra vez meu vizinho?

— Não sabia.

— Pois saiba o senhor que é. Casou com uma menina da terra, que tinha uma linda fortunazinha, pobre mulher... Mas a sua cabeça, senhor? Não acha que o género de trabalho a que se entrega lhe deve fatigar muito o cérebro? — prosseguiu ele, olhando-me com um ar de admiração.

Não respondi a esta pergunta e voltei aos Murdstone.

— Eu sabia que ele tinha tornado a casar. O senhor é o médico da casa?

— Não regularmente. Mas mandam-me chamar algumas vezes — respondeu ele. — A bossa da firmeza está terrivelmente desenvolvida em *Mister* Murdstone e sua irmã!

Respondi com um olhar tão expressivo que *Mister* Chillip, graças a este incitamento e ao *bichof* ao mesmo tempo, imprimiu à cabeça dois ou três movimentos sofreados e repetiu com um ar pensativo:

— Ah! Meu Deus! Esse tempo já vai bem longe de nós, senhor Copperfield!

— O irmão e a irmã continuam na mesma maneira de viver? — perguntei.

— Ah! Senhor — respondeu *Mister* Chillip — um médico vai muito ao íntimo das famílias, não devendo, por consequência, ter olhos e ouvidos senão para o que respeita à sua profissão; mas, todavia, devo dizer-lhe, senhor, que são muito severos para essa vida, como o foram para a outra.

— Oh! A outra pode bem passar sem o seu concurso, estimo dizê-lo — respondi —, mas o que fazem desta?

*Mister* Chillip abanou a cabeça, agitou o seu *bichof.* bebeu um golinho.

— Era uma mulher encantadora, senhor! — disse num tom de grande pena.

— A nova *Mistress* Murdstone?

— Encantadora, senhor! — continuou *Mister* Chillip —, e tão amável quanto possível! A opinião de *Mistress* Chillip é a de que lhe mudaram o carácter depois do seu casamento e que ela está quase doida de desgosto. As mulheres — prosseguiu com um riso receoso —, as mulheres têm um espírito observador, senhor!

— Suponho que quiseram submetê-la e domá-la ao seu detestável génio. Que Deus lhe acuda! E ela deixou?

— A princípio, senhor, houve ralhos, posso assegurá-lo — disse *Mister* Chillip —, mas agora ela não passa da sombra do que foi. Atrever-me-ei a dizer, senhor, que desde que a irmã se meteu no caso, os dois reduziram a pobre mulher a um estado próximo da imbecilidade!

Disse-lhe que não tinha dúvida em acreditá-lo.

— Não hesito em dizer — continuou *Mister* Chillip, sorvendo um novo golo

de *bichof* para se dar ânimo —, aqui para nós, que a mãe dela morreu por causa disso. A tirania, o génio sombrio, as perseguições dos dois tornaram *Mistress* Murdstone quase imbecil. Antes do casamento, senhor, era ela uma mulher nova com muita vivacidade; pois eles têm-na embrutecido com aquela austeridade sinistra. Seguem-na para toda a parte, antes como guardas de alienados do que como marido e cunhada. É o que me dizia *Mistress* Chillip ainda não há muito, na semana passada. E asseguro-lhe, senhor, que as mulheres têm o espírito observador; *Mistress* Chillip sobretudo.

— E continuam com a pretensão de dar a esse humor lúgubre o nome... até me custa a dizer... o nome de religião?

— Paciência, senhor; não antecipemos — disse *Mister* Chillip, cujas pálpebras afogueadas atestavam o efeito do estimulante desacostumado com que ele ganhava tanta audácia. — Uma das observações mais surpreendentes de *Mistress* Chillip, uma observação que me electrizou — continuou ele no seu tom mais lento — foi que *Mister* Murdstone põe a sua própria imagem num pedestal e chama a isso a natureza divina. Quando *Mistress* Chillip notou isto, senhor, por um triz que não caiu para o outro lado; não era preciso mais nada! Oh! Sim! As mulheres têm o espírito de observação, senhor!

— De observação intuitiva! — disse-lhe, com grande satisfação dele.

— Muito estimo, senhor, vê-lo corroborar a minha opinião — prosseguiu ele. — Não me sucede muitas vezes, asseguro-lhe, arriscar-me a exprimir uma opinião sobre o que não se refere à minha profissão. *Mister* Murdstone faz às vezes discursos em público e diz-se... numa palavra, senhor, tenho ouvido dizer a *Mistress* Chillip que quanto mais acaba de tiranizar a mulher com maldade, tanto mais feroz se mostra na sua doutrina religiosa.

— Creio que *Mistress* Chillip tem muita razão.

— *Mistress* Chillip chega a dizer —continuou o mais doce dos homens, animado pelo meu assentimento — que o que eles chamam falsamente religião, não passa de um pretexto para livremente se entregarem a todo o mau humor e arrogância. E quer saber, senhor — continuou, inclinando docemente a sua cabeça — que não encontro nada no Novo Testamento que possa autorizar *Mister* e *miss* Murdstone a semelhante rigor?

— Nem eu tão pouco.

— No entanto, senhor — prosseguiu *Mister* Chillip — vão-se fazendo detestar e como não se incomodam a condenar ao fogo eterno da sua autoridade privada quem quer que seja que o deteste, temos um horror de condenados na nossa vizinhança! Todavia, como diz *Mistress* Chillip, senhor, são bem punidos e a toda a hora; sofrem o suplício de Prometeu, senhor; devoram o próprio coração e, como nada vale, não deve ser de regalar. Mas agora, senhor, falemos um

pouco do seu cérebro, se tem a bondade de mo permitir. Não se dá o caso de o senhor o expor bastantes vezes a uma demasiada excitação?

No estado de excitação em que *Mister* Chillip tinha posto o próprio cérebro com as suas repetidas libações, não me custou muito a desviar a sua atenção desse assunto para os seus negócios, de que me falou, durante uma meia hora, com loquacidade, dando-me a entender, entre outras minudências íntimas, que, se nesse momento se encontrava no botequim de Gray's-Inn, era para depor, perante uma comissão de inquérito, acerca do estado de um doente cujo cérebro se desarranjara pelo abuso de bebidas.

— E asseguro-lhe, senhor, que, nestas ocasiões, me vejo extremamente agitado. Eu não poderia suportar o ser apoquentado. Era o bastante para me fazer perder as estribeiras. Quer saber que me foi preciso certo tempo para me restabelecer dos modos bruscos daquela dama feroz que apareceu na noite em que o senhor Copperfield nasceu?

Eu disse-lhe que partia justamente no dia seguinte de manhã para ir ver minha tia, esse terrível dragão de que tanto medo tivera; que se a conhecesse melhor, havia de ver que era a mais afectuosa e a melhor das mulheres. A única suposição de que poderia um dia tornar a vê-la, pareceu terrificá-lo. Respondeu com um pálido sorriso: «Palavra, senhor, palavra?» e pediu quase em seguida um castiçal para se ir deitar, como se não se sentisse, de resto, em segurança em parte alguma. Não cambaleava precisamente ao subir a escada, mas creio que o seu pulso, geralmente tão tranquilo, devia ter nessa noite duas ou três pulsações a mais por minuto do que no dia em que minha tia, no paroxismo do seu desapontamento, lhe atirou com o chapéu à cabeça.

À meia-noite fui também deitar-me, extremamente fatigado; no dia seguinte tomei a diligência de Dover.

Cheguei são e salvo à velha sala de minha tia, aonde caí, como um raio, na ocasião em que ela tomava o chá (a propósito, habituara-se a usar lunetas) e fui recebido de braços abertos, com lágrimas de alegria, por ela, por *Mister* Dick e pela minha querida e velha Peggotty, agora a governanta da casa. Quando pudemos conversar um pouco tranquilamente, contei a minha tia a entrevista que tivera com *Mister* Chillip e o terror que ela lhe inspirava ainda hoje, o que a divertiu extraordinariamente. Peggotty e ela puseram-se a dizê-las boas e bonitas do segundo marido de minha mãe e desse «assassino fêmea a quem ele chama irmã», porque eu creio que não há no mundo nem decreto de parlamento, nem penalidade judiciária que pudesse decidir minha tia a dar a essa mulher um nome de baptismo, ou de família, ou fosse do que fosse.

## Capítulo LX — Inês

Conversámos um com o outro, minha tia e eu, muito pela noite dentro. Contou-me que os emigrantes não mandavam uma única carta para a Inglaterra que não respirasse esperança e contentamento; que *Mister* Micawber tinha enviado já pequenas quantias, para honrar os seus vencimentos pecuniários, como era obrigatório de homem para homem; que Joaninha, que tinha tornado a entrar para o serviço de minha tia quando ela regressou a Dover, acabara por desistir da sua antipatia contra o sexo masculino, desposando um rico taberneiro e que minha tia havia dado o seu pleno consentimento a esse grande princípio, coadjuvando e secundando a noiva; que havia até honrado a cerimónia com a sua presença. Foram estes alguns dos pontos sobre que versou a nossa conversa; de resto, ela já me tinha informado de tudo nas suas cartas, com mais ou menos minudências. *Mister* Dick também não foi esquecido. Disse-me minha tia que ele se ocupava a copiar tudo quanto lhe vinha cair à mão e que, por esta aparência de trabalho, tinha conseguido manter o rei Carlos I a uma distância respeitosa; que se dava por bem feliz em o ver livre e satisfeito, em vez de penar num estado de constrangimento monótono e que enfim (conclusão que não era nova!) só ela é que sabia bem o que ele valia.

— E agora, Trot — disse-me ela, afagando-me as mãos, quando estávamos sentados ao fogão, segundo o nosso velho hábito — quando é que vai a Canterbury?

— Vou mandar aparelhar um cavalo e irei lá amanhã de manhã, minha tia, a menos que não queira vir comigo.

— Não! — disse-me minha tia no seu tom breve. — Tenciono ficar onde estou.

— Nesse caso — respondi-lhe — irei a cavalo. Eu não teria atravessado hoje Canterbury sem lá me demorar, se não tivesse pressa em a ver.

Ela ficou encantada no fundo, mas respondeu-me:

— Ora, Trot, os meus velhos ossos poderiam muito bem esperar até amanhã.

E pousou ainda a sua mão na minha, enquanto eu olhava para o fogo, sonhando.

Sim, sonhando! Porque não me podia sentir tão perto de Inês sem experimentar, em toda a sua vivacidade, os pesares que de há tanto tempo me vinham preocupando. Eram talvez suavizados pelo pensamento de que merecia esta lição por não a ter prevenido no tempo em que tinha todo o futuro diante de mim; mas nem por isso eram menos pesares. E ouvia ainda a voz de minha tia

repetir-me o que hoje melhor podia compreender: «Oh! Trot, cego, cego, cego!».

Conservámo-nos silenciosos durante alguns minutos. Quando ergui os olhos, vi que ela me observava atentamente. Talvez tivesse seguido o fio dos meus pensamentos, menos difícil de seguir agora do que quando o meu espírito se obstinava na sua cegueira.

— Vai encontrar o pai dela com os cabelos brancos — disse minha tia —, mas está bastante melhor sob qualquer outro ponto de vista; é um homem renovado. Já não bebe o pouco que bebia, nem para festejar alegrias, nem para apagar tristezas. Acredite-me, meu filho, é preciso que todos os sentimentos estejam bem diminuídos num homem para que se possam medir por esta bitola.

— É verdade que sim — respondi-lhe.

— Quanto a ela, há-de encontrá-la — continuou minha tia — tão bonita, tão bondosa, tão terna, tão desinteressada como dantes. Se eu soubesse fazer um mais belo elogio, Trot, não deixaria de fazê-lo.

Não havia, de facto, mais belo elogio para ela nem mais amarga recriminação para mim! Oh! Porque fatalidade me tinha eu assim extraviado!

— Se ela ensina as pequenitas que a rodeiam a assemelharem-se-lhe — disse minha tia (e tinha os olhos marejados de lágrimas) — Deus sabe que será uma vida bem empregada! Feliz em ser útil, como ela dizia um dia! Como poderia ela não ser assim?

— A Inês encontrou algum... — Eu pensava muito alto, não era falar.

— Algum... quê? O quê? — perguntou vivamente minha tia.

— Um homem que a ame?

— Tem disso às dúzias! — exclamou minha tia com uma espécie de orgulho indignado. — Se quisesse, depois de o Trot partir podia ter-se casado vinte vezes!

— Por certo! — disse eu — Por certo! Mas encontrou um homem digno dela? Porque Inês não poderia amar qualquer que assim não fosse.

Minha tia ficou silenciosa um instante, com o queixo fincado na mão. Depois, erguendo lentamente os olhos:

— Suspeito — disse ela — que Inês guarda afeição a alguém, Trot.

— E esse alguém retribui-lhe? — perguntei.

— Trot — prosseguiu gravemente minha tia — não lho posso dizer. Não tenho mesmo o direito de afirmar o que acabo de lhe dizer. Ela nunca mo confiou, não faço senão suspeitá-lo.

Minha tia olhava para mim com um ar tão inquieto (via-a mesmo tremer), que senti então, mais do que nunca, que penetrava no fundo do meu pensamento. Fiz um apelo a todas as resoluções que tinha formado, durante tantos dias e tantas noites de luta contra o meu próprio coração.

— Se assim é — disse eu — e espero que assim seja...

— Eu não disse que assim fosse — disse bruscamente minha tia. — É preciso não se fiar nas minhas suspeitas. Pelo contrário, é preciso conservá-las secretas. Pode ser que isto não passe de uma ideia minha. Não tenho o direito de dizer nada.

— Se assim fosse — repeti — Inês ter-mo-ia dito qualquer dia. Uma irmã à qual mostrei tanta confiança, minha tia, não me há-de recusar a sua confiança.

Minha tia foi desviando os olhos tão lentamente como os tinha dirigido sobre mim e escondeu-os nas mãos com ar pensativo. Pouco a pouco foi pondo a outra sua mão no meu ombro e assim estivemos um junto do outro, pensando no passado, sem trocarmos uma única palavra, até ao momento de nos retirarmos.

Parti no dia seguinte de manhã muito cedo para o lugar aonde tinha passado o tempo bem afastado dos meus estudos. Não posso dizer que me sentisse feliz em pensar que era uma vitória que eu alcançava sobre mim próprio, nem mesmo da perspectiva de tornar a ver daí a pouco um rosto bem-amado.

Não tardou, efectivamente, que eu percorresse esse caminho que tão bem conhecia e atravessasse essas ruas pacíficas em que cada pedra me era tão familiar como um livro de aula a um estudante. Fui a pé até à velha casa, depois afastei-me; tinha o coração muito pesaroso para me decidir a entrar. Voltei e olhei ao passar pela janela baixa do torreão em que Uriah Heep e depois *Mister* Micawber, trabalhavam não há muito; era agora uma saleta; já não havia escritório. De resto, a velha casa tinha o mesmo aspecto tranquilo e cuidado de quando eu a havia visto pela primeira vez. Pedi à criadita que me veio abrir a porta que dissesse a *miss* Wickfield que um sujeito pedia para lhe falar, da parte de um amigo que andava em viagem no continente; a criadita fez-me subir pela velha escada (avisando-me de que tivesse cautela com os degraus, que eu conhecia melhor do que ela); entrei na sala de visitas; nada estava mudado. Os livros que líamos juntos, Inês e eu, estavam no mesmo lugar; vi, no mesmo canto da mesa, a escrivaninha em que tantas vezes tinha trabalhado. Todas as pequenas mudanças que os Heep tinham introduzido de novo na casa, haviam sido desmanchadas por sua vez. Cada coisa encontrava-se no mesmo estado que no meu tempo de felicidade que não mais voltava.

Cheguei a uma janela, olhei para as casas de em frente, recordando-me quantas vezes as tinha examinado nos dias de chuva, quando me tinha vindo instalar em Canterbury; todas as suposições que eu me divertia a fazer acerca das pessoas que apareciam às janelas, a curiosidade que eu punha em segui-las quando subiam e desciam as escadas, enquanto as mulheres faziam ressoar os clique-claque das suas solas grossas no passeio e a chuva maçadora fustigava as pedras da calçada ou extravasava das goteiras próximas. Recordava-me que

tinha pena, do coração, dos transeuntes que via passar, à boca da noite, todos encharcados e arrastando a perna, com os embrulhos às costas enfiados num pau. Todas essas recordações estavam ainda tão frescas na minha memória, que sentia um cheiro a terra húmida, a folhas e silvas molhadas, até ao sopro do vento que me havia enfadado durante a minha penosa viagem.

O ruído da pequena porta que se abria no entalhamento da parede, fez-me estremecer; voltei-me. O belo e tranquilo olhar de Inês encontrou o meu. Ela parou e levou a mão ao coração; eu abracei-a.

— Inês, minha amiga! Fiz mal em chegar assim tão de improviso...

— Não, não; estou satisfeita por o ver, Trotwood!

— Querida Inês, eu é que me sinto feliz por a tornar a ver ainda.

Apertei-a ao coração e durante um momento guardamos ambos silêncio. Depois sentámo-nos juntos um do outro e vi nesse rosto angélico a expressão de alegria e de afecto com que eu sonhava de noite, desde há anos.

Ela era tão sincera, tão bonita, tão bondosa, devia-lhe tanto e amava-a tanto, que não podia exprimir o que sentia. Tentei abençoá-la, tentei agradecer-lhe, tentei dizer-lhe (como tantas vezes o tinha feito por cartas) toda a influência que sobre mim exercia, mas não o consegui; foram baldados os meus esforços. Ficava muda a minha alegria, emudecia o meu amor.

Com a sua suave tranquilidade, acalmou ela a minha agitação; fez-me regressar à recordação do momento da nossa separação; falou-me de Emília, que fora ver em segredo várias vezes; falou-me de um modo emocionante da sepultura de Dora. Com o instinto sempre justo que lhe dava o seu nobre coração, fez vibrar tão docemente e tão delicadamente as cordas dolorosas da minha memória, que nenhuma delas deixou de responder ao seu apelo harmonioso e eu prestava atenção a essa triste e longínqua melodia, sem sofrer as saudades que ela despertava na minha alma. E como as sofreria eu se era a sua saudade que as dominava todas e que pairava sobre a minha vida como as asas de um anjo!

— E a Inês? — disse eu por fim. — Fale-me de si. Ainda não me disse quase nada do que faz.

— E que tenho eu a dizer-lhe? — respondeu ela com o seu radioso sorriso. — Meu pai está bem. O senhor vem encontrar-nos tranquilos na nossa velha casa, que nos foi restituída; dissiparam-se as nossas inquietações; o senhor bem o sabe, Trotwood e nesse caso sabe tudo.

— Tudo, Inês?

Ela olhou para mim, não sem um pouco de espanto e de emoção.

— E não há mais nada, minha irmã? — disse-lhe eu.

Ela empalideceu, depois corou e empalideceu de novo. Sorriu com uma

tranquila tristeza, ao que me pareceu e meneou a cabeça.

Eu tinha procurado encarreirá-la no assunto de que me minha tia me havia falado; porque, por mais dolorosa que essa confidência devesse ser para mim, eu queria submeter-lhe o meu coração e cumprir o meu dever para com ela. Mas vi que se perturbava e não insisti.

— Tem muito que fazer, querida Inês?

— Com as minhas discípulas? — disse ela levantando a cabeça; tinha recuperado a sua habitual serenidade.

— Sim. Dão-lhe muita maçada, não é verdade?

— O trabalho que tenho é tão suave — respondeu — que seria quase ingrata se lhe desse esse nome.

— Nada do que é em bem do seu semelhante lhe parece difícil — repliquei.

Inês empalideceu de novo, e, de novo, quando baixava a cabeça, tornei a reparar no mesmo sorriso triste.

— O senhor há-de esperar para ver meu pai — disse ela alegremente — e passará o dia connosco. Talvez até queira dormir no seu antigo quarto. Continua a ter o seu nome.

Isso era-me impossível; eu tinha prometido a minha tia regressar à noite, mas estimaria imenso, disse, passar o dia com eles.

— Tenho lá dentro de acabar qualquer coisa — disse Inês —, mas aqui estão os seus livros, Trotwood e a nossa antiga música.

— Estou a ver até as antigas flores — disse olhando em volta de mim — ou pelo menos as espécies de que mais gostava dantes.

— Tive gosto — replicou Inês sorrindo — em conservar tudo aqui durante a sua ausência, no mesmo estado que quando éramos crianças. Éramos então tão felizes!

— Oh! Sim! Deus é testemunha disso!

— É tudo quanto me recordava o meu irmão — disse Inês por seu turno, voltando para mim os seus olhos afectuosos — me fez doce companhia. Até este cesto em miniatura — prosseguiu ela, mostrando-me o que lhe pendia da cinta, todo cheio de chaves — parece-me, quando o ouço tilintar, que me canta uma ária da nossa juventude.

Sorriu e saiu pela porta por onde havia entrado.

Pertencia-me conservar com um cuidado religioso esse afecto de irmã. Era tudo quanto me restava e era um tesouro. Se alguma vez eu abalasse essa santa confiança, querendo desnaturá-la, estava perdida para todo o sempre e não poderia renascer. Tomei a firme resolução de não lhe correr o risco. Quanto mais a amava, tanto mais estava interessado em não me esquecer um momento.

Passeei pelas ruas, tornei a ver o meu antigo inimigo o carniceiro, hoje

transformado em *constable*, com o bastão, distintivo honroso da sua autoridade, pendurado na loja; fui ver o lugar aonde o combate se dera; e lá meditei acerca de *miss* Shepherd e acerca da mais velha das *miss* Jorkins e acerca de todas as minhas frívolas paixões, amores ou ódios dessa época. Nada me parecia ter sobrevivido senão Inês, a minha estrela sempre mais brilhante e mais elevada no céu.

Quando regressei, *Mister* Wickfield já havia voltado; alugara, a umas duas milhas da cidade, um jardim aonde ia trabalhar quase todos os dias. Encontrei-o tal como minha tia mo descrevera. Jantámos em companhia de cinco ou seis pequenitas; tinha o ar de não ser senão a sombra do belo retrato que se via na parede.

A tranquilidade e a paz que antigamente reinavam nessa pacífica habitação e de que eu tinha conservado uma tão profunda recordação, haviam voltado ali. Terminado o jantar, *Mister* Wickfield, não tomando já o vinho da sobremesa e eu não o querendo também, saímos todos. Inês e as suas pequenas discípulas puseram-se a cantar, a tocar e a trabalhar juntas. Depois do chá, as crianças retiraram e ficámos todos três juntos, a conversar do passado.

— Tem para mim bastantes causas de desgosto, de profundo desgosto e de remorso, Trotwood — disse *Mister* Wickfield, abanando a cabeça encanecida —; o senhor sabe-o demasiado. Mas, apesar disso tudo, não ficaria satisfeito, se se me apagasse a recordação, ainda mesmo que isso estivesse na minha mão.

Facilmente o podia acreditar: Inês estava ao lado dele!

— Aniquilaria ao mesmo tempo a da paciência, da dedicação, da fidelidade, do amor da minha filha e isso não o quero eu esquecer, não! Nem mesmo para conseguir eu próprio esquecer-me.

— Compreendo, senhor Wickfield — disse-lhe eu docemente. — Eu venero-a. Sempre pensei nisso... sempre, com veneração.

— Mas ninguém sabe, nem mesmo o senhor — prosseguiu ele — tudo quanto ela fez, quanto suportou, tudo quanto ela sofreu. Minha Inês!

Ela tinha posto a sua mão no braço do pai, como para o fazer calar e estava pálida, bastante pálida!

— Vamos! Vamos! — disse ele, com um suspiro, repelindo evidentemente a recordação de um desgosto que a filha tivera que suportar, que ainda até suportava (pensei no que minha tia me dissera). — Trotwood, eu nunca lhe falei da mãe de Inês. Alguém falou-lhe nela?

— Não, senhor.

— Não é muito o que tenho a dizer... se bem que ela tivesse sofrido muito. Casou comigo contra vontade do pai, que a renegou. Ela suplicou-lhe que lhe perdoasse, antes de nascer Inês. Era um homem muito severo e a mãe tinha

morrido há bastante tempo. Não atendeu a súplica. Despedaçou-lhe o coração.

Inês encostou-se ao ombro do pai e passou-lhe docemente os braços em volta do pescoço.

— Era um coração doce e terno — prosseguiu ele — e o pai despedaçou-o. Eu sabia quanto minha mulher era uma natureza franzina e delicada. Ninguém o podia saber tão bem como eu. Amava-me muito, mas nunca foi feliz. Sofreu sempre em segredo esse golpe doloroso e quando o pai a repeliu pela última vez, estava fraca e doente... enfraqueceu mais e depois morreu. Deixou-me Inês apenas com quinze dias de nascida e deixou-me os cabelos grisalhos que se recorda de me ver a primeira vez que aqui veio.

E beijou a filha.

— O meu amor pela minha filha era um amor cheio de tristeza, porque toda a minha alma estava enferma. Mas de que serve falar-lhe de mim? É de sua mãe e dela que eu lhe queria falar, Trotwood. Não tenho necessidade de lhe dizer o que fui nem ainda o que sou, bem o adivinhará; eu sei. Quanto a Inês, escuso também de lhe dizer o que ela é; mas encontrei sempre nela qualquer coisa da história da sua pobre mãe; e é por isso que dela lhe falo agora, visto que de novo nos achámos reunidos, depois de tamanhas transformações. Concluí.

Ele baixou a cabeça, ela inclinou sobre ele o seu rosto de anjo, que, com as suas carícias filiais, tomou ainda um carácter mais patético depois dessa narrativa. Uma cena tão emocionante era em verdade de molde a fixar de uma maneira muito particular na minha memória a recordação dessa noite, a primeira da nossa reunião.

Inês levantou-se, e, aproximando-se docemente do piano, pôs-se a tocar algumas das antigas árias que tantas vezes tínhamos ouvido no mesmo lugar.

— Continua com a preocupação de viajar ainda mais? — perguntou-me Inês quando eu estava de pé ao lado dela.

— E que pensa a minha irmã?

— Espero que não.

— Então não tenho projecto algum, Inês.

— Já que me consulta, Trotwood, dir-lhe-ei que a minha opinião é que o senhor não deve fazer nada — continuou ela docemente. — A sua reputação crescente e os seus resultados animam-no a prosseguir; e quando mesmo eu puder passar sem o meu irmão — continuou ela fixando os seus olhos em mim — talvez que o tempo, mais exigente, reclame de si uma vida mais activa.

— O que eu sou, é obra sua, Inês; avalie por isso.

— Obra minha, Trotwood?

— Sim, Inês, minha amiga! — disse-lhe eu, inclinando-me para ela. — Quis dizer-lhe hoje, ao tornar a vê-la, qualquer coisa que não cessou de estar em meu

coração desde que morreu Dora. Recorda-se de quando foi ter comigo à minha salinha de visitas e que me apontou para o céu, Inês?

— Oh, Trotwood! — prosseguiu ela, com os olhos marejados de lágrimas. — Ela era tão terna, tão sincera, tão jovem! Poderei eu esquecê-la algum dia?!

— Tal como me apareceu então, minha irmã, tal tem sido sempre para mim. Bastantes vezes tenho dito comigo depois desse dia: «A Inês mostrou-me sempre o céu; sempre me conduziu para um fim melhor; sempre me guiou para um mundo mais elevado».

Ela meneou a cabeça em silêncio; através das suas lágrimas tornei a notar ainda o doce e triste sorriso.

— E sou-lhe tão reconhecido, Inês, tão obrigado eternamente, que não tenho nome para o afecto que lhe consagro. Eu quero que saiba e todavia não sei como dizer-lho, que toda a minha vida crerei em si e me deixarei guiar por si, como o fiz no meio das trevas que se afastaram para longe de mim. Suceda o que suceder, sejam quais forem as novas ligações que possa formar, sejam quais forem as mudanças que possam sobrevir entre nós, segui-la-ei sempre com os olhos, crerei em si e amá-la-ei, como hoje faço e como sempre o fiz. Será, como sempre tem sido, a minha consolação e o meu apoio. Até ao dia da minha morte, minha irmã querida, vê-la-ei sempre diante de mim, apontando-me o céu!

Ela pousou a sua mão sobre a minha e disse-me que se orgulhava de mim e do que eu lhe dizia, mas que eu a louvava muito mais do que ela merecia. Depois continuou a tocar docemente, mas sem me desfitar.

— Sabe, Inês, que o que ouvi esta noite a seu pai corresponde maravilhosamente ao sentimento que me inspirou quando a princípio a conheci, quando eu não passava ainda de um pobre colegialzinho sentado a seu lado.

— O senhor sabia que eu não tinha mãe — respondeu ela com um sorriso — e isso dispunha-o a amar-me um pouco.

— Mais do que isso, Inês. Sentia quase tanto como se soubesse essa história, que havia na atmosfera que nos rodeava qualquer coisa de doce e de terno que eu não podia explicar a mim próprio; qualquer coisa que, numa outra, poderia ser tristeza (e agora sei que tinha razão), mas que em si não tinha esse carácter.

Ela ia tocando docemente algumas notas e fitava-me sempre.

— Não se ri da ideia que eu então acariciava, ideias doidas, Inês?

— Não!

— E se eu lhe dissesse que, mesmo então, compreendia que a Inês poderia amar fielmente, a despeito de qualquer desânimo, amar até à sua última hora, não riria também dessa fantasia?

— Oh, não! Oh, não!

Houve um instante em que o seu rosto tomou uma expressão de tristeza que

me fez estremecer, mas um momento depois continuou a tocar docemente, fitando-me com o seu belo e tranquilo sorriso.

Quando à noite eu ia a caminho de Londres, perseguido pelo vento como por uma recordação inflexível, pensando nela, receava que não fosse feliz. Eu não o era, mas tinha conseguido até então cancelar fielmente o passado; e, pensando nela, no momento em que me apontava o céu, pensava nessa residência eterna aonde eu poderia amá-la um dia, com um amor desconhecido na terra e dizer-lhe a luta que travei a dentro do coração, quando a amava neste vale de lágrimas.

## Capítulo LXI — Mostram-me dois interessantes penitentes

Provisoriamente... em todo o caso até ter terminado o meu livro, isto é, durante alguns meses ainda... instalei residência em Dover, em casa de minha tia; e lá, sentado à janela donde tinha contemplado a lua tremeluzindo nas águas do mar, da primeira vez que fui procurar um abrigo debaixo desse tecto, prosseguia tranquilamente na minha obra.

Fiel ao projecto de não aludir aos meus trabalhos senão quando eles tinham por acaso de imiscuir-se na história da minha vida, não direi as esperanças, as alegrias, as ansiedades e os triunfos da minha vida de escritor. Já disse que me dedicava ao meu trabalho com todo o ardor da minha alma, que lhe votava quanta energia tinha. Se os meus livros têm algum valor, que necessidade tenho eu de acrescentar nada? Aliás, não valendo o meu trabalho grande coisa, o resto não interessa a ninguém.

Às vezes eu ia a Londres, para me perder nesse vivo turbilhão do mundo, ou para consultar Traddles sobre qualquer questão. Durante a minha ausência, ele tinha governado a minha fortuna com um juízo dos mais sólidos; e, graças a ele, achava-se no estado mais próspero. Como a minha fama crescente começava a atrair-me uma infinidade de cartas de pessoas que eu não conhecia, cartas bastantes vezes muito insignificantes, às quais não sabia que responder, combinei com Traddles de mandar pintar o meu nome na porta dele; aí, os distribuidores infatigáveis iam levar-me montões de cartas com o meu endereço, e, de vez em quando, eu engolfava-me naquele expediente com certo ímpeto, como um ministro do interior, salvo os honorários.

Uma vez por outra encontrava perdida na correspondência uma oferta obsequiosa de algum dos numerosos indivíduos que vagueavam pelo tribunal dos *Doctor's-Commons.* propunham-me para eu emprestar o meu nome (com a condição de me encarregar de comprar o lugar de procurador) e davam-me uns tantos por cento sobre os lucros. Declinei, é claro, todas estas ofertas, sabendo bem que havia zângãos de mais em exercício e persuadido de que o tribunal dos *Commons* era já bem mau para que eu fosse contribuir para torná-lo ainda pior.

Tinham regressado ao Devonshire as irmãs de Sofia, quando o meu nome surgiu na porta de Traddles e era o homenzinho esperto o encarregado de responder todo o dia a quem aparecia, sem sequer parecer importar-se com Sofia, confinada num quarto das traseiras, aonde tinha a distracção de poder, erguendo os olhos da obra que tinha entre mãos, gozar uma perspectiva de um pequeno recanto de jardim cheio de fumo, com uma bomba ao lado.

Mas encontrava-a sempre nesse lugar, encantadora doce dona de casa, cantando canções do Devonshire quando não ouvia passos desconhecidos pelas escadas, canções que prendiam ao banco do vestíbulo oficial o homenzinho do escritório.

As vezes eu não compreendia porque é que encontrava Sofia a escrever num grande livro, nem porque, logo que ela me via, se apressava a encafuá-lo na gaveta da mesa. Um dia Traddles (que acabava de regressar por causa da chuva persistente) pegou de um papel da sua escrivaninha e perguntou-me o que *é* que eu pensava daquela letra.

— Oh, isso não, Tom! — exclamou Sofia, que estava a aquecer os sapatos do marido trazer por casa.

— Porque não, minha querida? — prosseguiu Tom com um ar satisfeito. — Que me diz a esta letra, Copperfield?

— Que é magnífica; é por completo a letra legal dos negócios. Não me lembro de ver uma mão tão firme.

— Não parece letra de mulher, pois não é verdade? — disse Traddles.

— De mulher! — repeti. — E porque não de um ente imaginário?

Traddles, contente com o meu equívoco, largou a rir e informou-me que era letra de Sofia; que Sofia tinha declarado que não tardaria a ser necessário um copista e queria desempenhar esse serviço; que tinha adquirido aquela forma de letra à força de estudar um modelo; e que presentemente copiava não sei quantas páginas in-fólio por hora... Sofia estava muito envergonhada com o que ele me dizia. «Quando Tom for juiz», dizia ela, «não badalará assim por toda a parte». Mas Tom não era dessa opinião; declarava, pelo contrário, que se orgulharia sempre disso, fossem quais fossem as circunstâncias.

— Que excelente e encantadora esposa que tem, meu caro Traddles! — disse-lhe eu, quando ela saiu a rir.

— Meu caro Copperfield — replicou Traddles — é sem excepção a melhor rapariga do mundo. Se soubesse como ela governa tudo isto, com que exactidão, com que habilidade, com que economia, com que ordem, com que jeito ela guia tudo!

— Em verdade que tem toda a razão para fazer o elogio de sua esposa — disse eu. — O Traddles é um feliz mortal. Creio que os dois nasceram para se comunicarem um ao outro a felicidade que cada qual tem em si.

— É certo que somos os mais felizes do mundo; — prosseguiu Traddles — é uma coisa que não posso negar. Olhe! Quando a vejo levantar ainda com luz acesa para pôr tudo em ordem, ir fazer compras sem nunca se inquietar com o tempo, antes mesmo da chegada dos empregados ao escritório; arranjar-me não sei como os melhores jantarzinhos, com os elementos mais somenos, fazer-me

*puddings* e pasteis, pôr tudo no seu lugar; sempre asseada e cuidadosa da sua pessoa; estar à minha espera à noite, venha eu a que hora vier, sempre de bom humor, sempre pronta a animar-me e tudo isso para me dar gosto; palavra, Copperfield, que às vezes até me custa a acreditar!

Traddles contemplava com ternura até os sapatos que ela lhe aquecera, enfiando-os nos pés e estendendo estes para o fogão com ar de satisfação plena.

— Custa-me a acreditá-lo — repetia. — E se soubesse as distracções que temos! Não são caras, mas são admiráveis. Quando estamos em casa, à noite e fechamos a porta, depois de havermos tirado estas cortinas... feitas por ela... aonde é que poderíamos estar melhor? Quando está bom tempo vamos dar um passeio, as ruas fornecem-nos mil diversões. Pomo-nos a ver as montras dos joalheiros e mostro a Sofia qual é a cobra de olhos de diamante, enroscada em cetim branco, que eu lhe daria, se tivesse posses; e Sofia mostra-me qual é o relógio de ouro de cilindro, com movimento de escape horizontal, que ela me compraria, se pudesse; depois passamos a escolher as colheis e os garfos, as facas para a manteiga, os trinchantes para o peixe ou as pinças para o açúcar que mais nos agradariam, se tivéssemos dinheiro; e palavra que passamos tão contentes como se tivéssemos comprado tudo! Outra vez vamos passear pelos *squares* ou pelas ruas bonitas; vemos uma casa para alugar, examinamo-la de alto a baixo perguntando um ao outro se nos convirá quando eu for juiz. Depois fazemos a divisão: aquele quarto será para nós, aquele outro para uma de nossas irmãs, etc., etc., até que tenhamos decidido se o prédio nos pode ou não convir. Algumas vezes vamos, pagando meios preços, para a plateia de qualquer teatro, de que só o cheiro, na minha opinião, não é caro pelo preço e divertimo-nos como príncipes. Principia por que Sofia acredita em tudo quanto se passa em cena e eu também. Ao regressarmos a casa, compramos uma vez por outra qualquer petisco em casa do salsicheiro, ou um lagostim no vendedor de peixe e vamos fazer uma ceia magnífica, recapitulando em conversa quanto acabámos de ver. Oh! Copperfield, não é verdade que se eu fosse *lord chanceler,* não poderíamos distrair-nos assim?

— Torne-se no que se tornar, meu caro Traddles — pensei eu de mim para mim — nada fará que não seja bom e amável. A propósito — disse-lhe alto — suponho que já não desenha esqueletos?

— Mas realmente — respondeu Traddles rindo e corando — olhe que eu não sei o que afirmar, meu caro Copperfield. Porque aqui atrasado estava eu no banco do rei, com uma pena na mão; deu-me na fantasia ver se ainda conservava o meu talento passado. E parece-me que deixei um esqueleto... de cabeleira... no rebordo de uma escrivaninha.

Quando acabámos de rir com toda a vontade, Traddles pôs-se a dizer no seu

tom de indulgência:

— Esse velho Creakle!

— Ah! Recebi uma carta desse velho... celerado — disse-lhe eu — porque nunca me senti menos disposto a perdoar-lhe o hábito que tomou de bater em Traddles como se ele fosse de gesso, como quando via Traddles disposto a perdoar-lhe de moto próprio.

— De Creakle, o director do colégio? — exclamou Traddles. — Oh! Não, não é possível.

— Entre as pessoas que a minha fama nascente me atrai — disse-lhe lançando uma olhadela sobre as minhas cartas — e que me fazem a descoberta de que sempre me foram muito afeiçoadas, conta-se o sobredito Creakle. Agora já não é director do colégio, Traddles. Retirou-se. É magistrado no condado de Middlesex.

Eu gozava de antemão a surpresa de Traddles, mas nada, não mostrou nenhuma.

— E como é que, diga lá se sabe, se tornou ele magistrado em Middlesex? — continuei.

— Oh, meu caro amigo — respondeu Traddles — é uma pergunta bem difícil de responder. Votou talvez por alguém ou emprestou dinheiro a alguém, ou comprou alguma coisa a alguém, ou prestou um serviço a alguém, que conhecia alguém, que obteve do lugar-tenente do condado que o metessem na comissão.

— Seja como for, é da comissão — disse-lhe eu. — E escreve-me que por muito feliz se dará, se eu quiser ver, em pleno vigor, o único e verdadeiro sistema de disciplina em prisões; o único meio infalível de obter arrependimentos sólidos e duradouros, isto é, como sabe, o sistema celular. Que me diz?

— Do sistema? — perguntou Traddles, com um ar grave.

— Não. Parece-lhe que deva aceitar o oferecimento dele e anunciar-lhe que o senhor me acompanhará?

— Não faço a menor objecção — disse Traddles.

— Nesse caso vou-lhe escrever a preveni-lo. Recorda-se (já não falo da maneira como nos tratava) que esse mesmo Creakle pôs o filho fora da porta e recorda-se também como é que ele tratava a mulher e a filha?

— Perfeitamente — disse Traddles.

— Pois se ler a carta dele, verá que se mostra o mais terno dos homens pelos condenados carregados de todos os crimes. Somente não estou bem seguro se essa ternura se estende também a qualquer outra classe de criaturas humanas.

Traddles encolheu os ombros, mas sem parecer absolutamente nada surpreendido. Eu não o estava também, tinha visto muitas vezes semelhantes

parodias em acção. Marcámos o dia da nossa visita e escrevi nessa mesma noite a *Mister* Creakle.

No dia marcado, creio que era o dia imediato, mas pouco importa, dirigimo-nos Traddles e eu à prisão aonde *Mister* Creakle exercia a sua autoridade. Era um imenso edifício que devia ter custado muito a construir. Quando nos aproximávamos da porta, não posso deixar de pensar no brado de indignação geral que excitaria no país o pobre inocente que se propusesse a gastar metade da quantia ali empregada em construir uma escola industrial para rapazes ou um asilo para velhos inválidos.

Fizeram-nos entrar num escritório que poderia servir de rés-do-chão à torre de Babel, tão solidamente construído era. Fomos lá apresentados ao nosso antigo director de colégio, no meio de um grupo que se compunha de dois ou três desses infatigáveis magistrados, seus colegas e de alguns visitantes que vinham no seu séquito. Recebeu-me como um homem que me tivesse formado o espírito e o coração e que me tivesse sempre amado ternamente. Quando lhe apresentei Traddles, *Mister* Creakle declarou, mas com menos ênfase que tinha sido igualmente o guia, o mestre e o amigo de Traddles. O nosso venerando pedagogo tinha envelhecido, mas não com grande vantagem para ele. O seu rosto era sempre muito mau; os seus olhos mais pequenos e um pouco mais encovados ainda. Os seus raros cabelos gordurosos e grisalhos, com os quais eu o representava sempre, tinham quase desaparecido por completo e as grossas veias que se lhe desenhavam no crânio calvo, não eram de molde a torná-lo mais agradável à vista.

Depois de haver conversado um momento com esses indivíduos, cuja conversação poderia fazer crer que não havia neste mundo nada de tão importante como o supremo bem-estar dos presos, nem nada a fazer sobre a terra fora das grades de uma prisão, começamos a nossa inspecção. Era justamente a hora do jantar; estivemos primeiro na grande cozinha, aonde se preparava o jantar de cada preso (que depois era levado para cada célula), com a regularidade e a precisão de um cronómetro. Eu disse muito baixo a Traddles que achava um contraste bem surpreendente entre essas refeições tão abundantes e tão cuidadas e os jantares, não digo dos pobres, mas dos soldados, dos marinheiros, dos aldeões, da massa honrada e laboriosa da nação, da qual não havia um por quinhentos que jantasse a metade disso. Soube que o *Sistema* exigia uma forte alimentação, e, numa palavra, para acabarmos com o *Sistema*, descobri que, sobre este ponto como sobre todos os outros, o *Sistema* aplanava todas as dúvidas e aplanava todas as dificuldades. Parecia que ninguém tinha a menor ideia de que houvesse outro sistema além do *Sistema* de que valesse a pena falar.

Quando atravessávamos um magnífico corredor, perguntei a *Mister* Creakle e

aos seus amigos quais eram as vantagens principais desse omnipotente, desse incomparável sistema. Soube que era o isolamento completo dos presos, graças ao qual um homem não podia saber o que quer que fosse do que estava encerrado ao seu lado e se encontrava assim reduzido a um estado de alma salutar que o levava enfim ao arrependimento e a uma contrição sincera.

Quando visitámos alguns indivíduos nas suas células e atravessamos os corredores sobre os quais davam essas células; quando nos explicaram a maneira de irem à capela e assim sucessivamente, eu fiquei impressionado com a ideia de que era extremamente provável que os presos soubessem mais do que se pensava a respeito uns dos outros e que haviam evidentemente encontrado algum meio bom de se corresponderem entre si. Isto foi provado depois, creio, mas sabendo bem que tal suspeita seria repelida como uma abominável blasfémia contra o *Sistema,* esperei para examinar mais de perto os vestígios dessa tão gabada penitência.

Mas neste ponto ainda fui assaltado por grandes dúvidas. Encontrei que a penitência era aproximadamente talhada sobre um padrão uniforme, como os casacos e os coletes de confecção que se vêem nas montras dos alfaiates. Achei que se faziam grandes profissões de fé, muito semelhantes quanto ao fundo e mesmo quanto à forma, o que me pareceu muito equívoco. Achei uma infinidade de raposas ocupadas a dizerem muito mal das uvas suspensas das latadas inacessíveis; mas, de todas essas raposas não havia uma única à qual eu confiasse uma gaipa ao alcance das suas garras. Sobretudo achei que aqueles que mais falavam eram os que mais interesse excitavam e que o seu amor-próprio, a sua vaidade, a necessidade que tinham de fazer efeito e de enganar as pessoas, todos os sentimentos suficientemente demonstrados pelos seus antecedentes, os levavam a fazer longas profissões de fé com as quais muito se compraziam.

Todavia ouvi falar tantas vezes, no decurso da nossa visita, de um certo número Vinte-e-sete que estava em cheiro de santidade, que resolvi suspender o meu juízo até que o tivesse visto. Emparelhava com ele o número Vinte-e-oito; ao que diziam, também era um astro muito fulgente, mas, por mal de seus pecados, o seu mérito era levemente eclipsado pelo brilho extraordinário do Vinte-e-sete. À força de ouvir falar deste número, das piedosas exortações que dirigia a quantos o rodeavam, das lindas cartas que constantemente escrevia à mãe, que se inquietava de ver no mau caminho, comecei a impacientar-me por não me encontrar depressa em frente desse fenómeno.

Tive que dominar durante algum tempo a minha impaciência, porque se reservava o Vinte-e-sete para *bouquet* final. Por fim, chegámos à porta da sua célula e lá, *Mister* Creakle olhando por um buraquinho aberto na parede informou-nos com a mais intensa admiração que ele estava em acção de ler um

livro de cânticos.

Imediatamente precipitaram-se tantas cabeças a um tempo para ver o número Vinte-e-sete ler o seu livro de cânticos, que o buraquinho se achou bloqueado em menos de nada por uma espessura de seis ou sete cabeças. Para remediar a esse inconveniente e para nos proporcionar a ocasião de conversarmos com o Vinte-e-sete em toda a sua pureza, *Mister* Creakle deu ordem de abrir a porta da célula e convidar o Vinte-e-sete a sair para o corredor. Executaram-se estas instruções e qual não foi o espanto de Traddles e o meu! Esse ilustre convertido, esse famoso número Vinte-e-sete era Uriah Heep!

Ele reconheceu-nos imediatamente e disse-nos, ao sair da célula com as suas contorções do costume:

— Como passou, senhor Copperfield? Como passou, senhor Traddles?

Este reconhecimento causou na assistência uma admiração geral que não pude explicar-me senão supondo que cada qual estava maravilhado por ele não ter o menor orgulho e dar-nos a honra de se dignar reconhecer-nos.

— Muito bem, Vinte-e-sete — disse *Mister* Creakle admirando-o com um ar sentimental — como se sente hoje?

— Bastante humilde, meu senhor — respondeu Uriah Heep.

— Humilde é-o sempre, Vinte-e-sete — disse *Mister* Creakle.

Nesta altura um sujeito qualquer perguntou-lhe com um ar de profundo interesse:

— Sente-se na verdade completamente bem?

— Sim, meu senhor — respondeu Uriah Heep olhando para o lado do seu interlocutor — muito melhor aqui do que nunca estive noutra qualquer parte. Reconheço agora os meus desvarios, meu senhor. É isso que faz com que me sinta tão bem no meu novo estado.

Vários assistentes estavam profundamente emocionados. Um deles, adiantando-se, perguntou-lhe com uma extrema sensibilidade como achava a carne de vaca.

— Obrigado, meu senhor — respondeu Uriah Heep olhando para o lado donde vinha essa pergunta —; era mais dura ontem do que eu desejaria, mas o meu dever é resignar-me. Fiz bastantes desvarios, meus senhores — disse Uriah deitando em volta de si, com um sorriso, um olhar benigno — e devo suportar-lhes as consequências sem me queixar.

Elevou-se um murmúrio combinado aonde se misturava, de uma parte a satisfação de ver o Vinte-e-sete num estado de alma tão celestial e da outra um sentimento contra o fornecedor por lhe ter ocasionado qualquer motivo de queixa (*Mister* Creakle tomou nota imediatamente). Todavia, Vinte-e-sete, permanecia de pé no meio de nós, como se sentisse bem que representava ali a

peça curiosa de um museu dos mais interessantes. Para nos darem, a nós outros neófitos, o golpe de misericórdia e ofuscar-nos, em acto contínuo, duplicando aos nossos olhos essas brilhantes maravilhas, deu-se ordem para que trouxessem também o Vinte-e-oito.

Eu achava-me já tão admirado, que apenas senti uma espécie de surpresa resignada, quando vi adiantar-se *Mister* Littimer a ler um bom livro.

— Vinte-e-oito — disse um sujeito de lunetas que não tinha ainda falado — a semana passada, queixou-se do chocolate, meu amigo. Tem sido melhor esta semana?

— Obrigado, meu senhor — disse *Mister* Littimer — era mais bem feito. Se eu me atrevesse a fazer uma observação, meu senhor, creio que o leite com que o preparam não é perfeitamente puro; mas eu sei, meu senhor, que se falsifica muito o leite em Londres e que é um artigo que é difícil encontrar puro.

Julguei notar que o sujeito de lunetas fazia concorrência com o seu Vinte-e-oito ao Vinte-e-sete de *Mister* Creakle, porque cada um deles se encarregava alternativamente de fazer valer o seu protegido.

— Em que estado de alma se encontra, Vinte-e-oito? — disse o interrogador de lunetas.

— Agradeço-lhe, meu senhor — respondeu *Mister* Littimer —; reconheço os meus desvarios, meu senhor; aflijo-me bastante quando penso nos pecados dos meus antigos companheiros, meu senhor, mas espero que hão-de obter o seu perdão.

— Encontra-se bem? — continuou o mesmo sujeito num tom de animação.

— Sou-lhe muito obrigado, meu senhor — redarguiu *Mister* Littimer — encontro-me perfeitamente.

— Tem alguma coisa que o preocupe? Diga-o francamente, Vinte-e-oito.

— Meu senhor — disse *Mister* Littimer sem erguer a cabeça — se os meus olhos não me enganaram, há aqui um cavalheiro que me conheceu noutro tempo. Pode ser útil a esse cavalheiro saber que eu atribuo todos os meus desvarios passados a que gastei uma vida frívola ao serviço de rapazes novos e que me deixei arrastar por eles a fraquezas a que não tive a força de resistir. Espero que este cavalheiro, que é moço, quererá aproveitar-se bem desta advertência, meu senhor e não se ofenderá com a liberdade que tomo; é para o seu bem. Reconheço todos os meus desvarios passados; espero que ele se há-de arrepender também de todas as culpas e pecados em que tomou parte.

Observei que diversos sujeitos cobriam os olhos com a mão, como se acabassem de entrar numa igreja.

— Isso honra-o muito, Vinte-e-oito, não esperava outra coisa de si... Tem mais alguma coisa a dizer?

— Meu senhor — prosseguiu *Mister* Littimer erguendo ligeiramente, não os olhos, mas somente as sobrancelhas — havia uma rapariga de má conduta que eu tentei, baldadamente, salvar. Rogo ao cavalheiro a que me dirigi que, se puder, informe essa rapariga, da minha parte, de que lhe perdoo os agravos que me causou e que a convido ao arrependimento. Confio que terá essa bondade.

— Não duvido, Vinte-e-oito — continuou o seu interlocutor — que o cavalheiro a quem alude não sinta intensamente, como nós todos sentimos, o que acaba de dizer de uma forma tão emocionante. Não queremos demorá-lo por mais tempo.

— Agradeço-lhe, meu senhor — disse *Mister* Littimer. — Meus senhores, desejo-lhes um bom dia; espero que hão-de vir também, os senhores e as suas famílias, reconhecer os seus pecados e emendar-se.

Dito isto Vinte-e-oito retirou-se, depois de ter lançado um olhar de inteligência a Uriah. Via-se bem que não eram desconhecidos um ao outro e que tinham encontrado meio de se entenderem.

Quando se fechou sobre ele a porta da célula, ouvia-se cochichar de todos os lados, no grupo, que ele era um preso bastante respeitável, um caso magnífico.

— Agora, Vinte-e-sete — disse *Mister* Creakle reentrando em cena com o seu campeão — deseja alguma coisa que se lhe faça? É só falar.

— Peço-lhe humildemente, meu senhor — replicou Uriah abanando a sua cabeça rancorosa — autorização para escrever de novo a minha mãe.

— Certamente que lhe será concedida — disse *Mister* Creakle.

— Obrigado, meu senhor! Estou bastante inquieto com minha mãe. Receio que não esteja em segurança.

Alguém teve a imprudência de perguntar que perigo é que ela corria; mas um «Chiu!» escandalizado foi a resposta geral.

— Receio que não esteja em segurança para a eternidade, meu senhor — respondeu Uriah contorcionando-se na direcção da voz —; eu desejaria saber que minha mãe se encontrasse no estado em que eu me encontro. Eu nunca chegaria a este estado de alma, se não tivesse vindo para aqui. Desejaria que minha mãe estivesse aqui. Que felicidade seria para cada um, se aqui se pudesse trazer toda a gente!

Este sentimento foi recebido com uma satisfação sem limites, uma satisfação tal, que esses sujeitos creio que não tinham ainda visto nada de igual.

— Antes de vir para aqui — disse Uriah lançando-nos um olhar de lado, como se desejasse envenenar com uma olhadela o mundo exterior a que pertencíamos —, antes de vir para aqui, cometia culpas; mas pude agora reconhecê-lo; há muito pecado no mundo; há muito pecado em minha mãe. De resto, há pecado por toda a parte, excepto aqui.

— O senhor está completamente mudado — disse *Mister* Creakle.

— Oh! Céus! Certamente, meu senhor — gritou esse convertido, com a maior esperança.

— Não cairia noutra, se lhe concedessem a liberdade? — perguntou outra pessoa.

— Oh! Céus! Não, meu senhor.

— Bem! — disse *Mister* Creakle. — Tudo isto é muito satisfatório. Dirigiu-se há pouco a *Mister* Copperfield. Vinte-e-sete, tem alguma coisa mais a dizer-lhe?

— O senhor conheceu-me muito tempo antes de eu entrar para aqui e da minha grande mudança, senhor Copperfield — disse Uriah olhando-me de tal maneira que eu nunca tinha visto, mesmo nele, um olhar tão atroz... — O senhor conheceu-me no tempo em que, apesar de todas as minhas culpas, eu era humilde com os orgulhosos e suave com os violentos; o senhor foi violento comigo uma vez, senhor Copperfield; deu-me uma bofetada, bem sabe!

Quadro de comiseração geral. Lançam-me olhares indignados.

— Mas perdoo-lhe, senhor Copperfield — disse Uriah fazendo da sua clemência o assunto de um paralelo odioso, ímpio, que se eu o repetisse julgaria blasfemar. — Perdoo a toda a gente. Não me cumpre conservar o menor rancor seja a quem for. Perdoo-lhe de boa vontade e espero que de futuro subjugará melhor as suas paixões. Espero que *Mister* Wickfield e *miss* Wickfield se hão-de arrepender, assim como toda essa súcia de pecadores. O senhor foi visitado pela aflição e confio que isso lhe há-de aproveitar, mas era-lhe muito mais proveitoso vir para aqui. *Mister* Wickfield teria também feito melhor em vir para aqui e *miss* Wickfield também. O que de melhor posso desejar-lhe, senhor Copperfield, bem como a todos, senhores, é de serem presos e trazidos para aqui. Quando penso nos meus desvarios passados e no meu estado presente, sinto quanto isso lhes seria vantajoso. Lastimo todos quantos não são trazidos para aqui.

Enfiou-se depois na célula no meio de um coro de aprovação; Traddles e eu sentimo-nos muito aliviados quando o vimos aferrolhado.

Uma consequência notável de todo esse belo arrependimento, foi que tive desejo de perguntar o que tinham feito esses dois homens para estarem presos. Era evidentemente a última confissão sobre a qual estariam dispostos a estender-se. Dirigi-me a um dos dois guardas que, pela expressão das fisionomias, pareciam saber perfeitamente a que deviam ater-se a respeito de toda essa comédia.

— Olhem lá — disse-lhes quando íamos pelo corredor — sabem qual foi o último delito do número Vinte-e-sete?

Responderam-me que era um caso de banco.

— Uma fraude com o banco de Inglaterra? — perguntei.

— Sim, senhor. Um caso de fraude, de falsificação e de conluio, porque não foi só; ele era o capitão da quadrilha. Tratava-se de uma grande quantia. Foram condenados a deportação perpétua. Vinte-e-sete era o mais astucioso da quadrilha, soubera esconder-se quase complemente na sombra. Todavia não pôde fugir. O banco só lhe pôde chegar um grão de chumbo à asa... e não era fácil.

— E qual foi o crime do Vinte-e-oito, sabe?

— O Vinte-e-oito — continuou o guarda, falando em voz baixa e por cima do ombro sem voltar a cabeça, como se receasse que Creakle e consortes o ouvissem falar com essa culposa irreverência dessas criaturas imaculadas — o Vinte-e-oito (igualmente condenado a deportação) entrou ao serviço de um sujeito novo, ao qual, na véspera dele partir para o estrangeiro, roubou duzentas e cinquenta libras esterlinas em dinheiro e valores. O que me faz lembrar muito particularmente o seu processo é que foi preso por uma anã.

— Por quem?

— Por uma anã cujo nome esqueci.

— Não se chamava Mowcher?

— Exactamente. Ele tinha escapado a todas as investigações e pesquisas e partia para a América disfarçado com uma cabeleira e suíças ruivas, o senhor nunca viu um disfarce tão bem feito, quando a tal anã que se encontrava em Southampton, o encontrou na rua, reconheceu-o com o seu olhar penetrante, correu a meter-se-lhe nas pernas para o fazer cair e segurou-o firme, como a morte.

— Excelente *miss* Mowcher! — exclamei.

— Era bem o caso de lho chamar, se o senhor a visse como eu a vi, de pé em cima de uma cadeira, no lugar das testemunhas, no dia do julgamento. Quando ela o agarrou, ele fez-lhe um grande gilvaz na cara e maltratou-a o mais brutalmente possível; ela, porém, não o largou sem o ver bem aferrolhado. E segurou-o com tanto nervoso que os agentes de polícia foram obrigados a prendê-los juntos. O seu depoimento foi muito interessante; recebeu os cumprimentos de todo o Tribunal e foi levada a casa em triunfo. Disse ela na audiência que conhecendo-o como o conhecia, tê-lo-ia agarrado da mesma maneira ainda que não tivesse braços e que ele fosse tão forte como Sansão. E, com consciência, creio que era muito capaz de o fazer como dizia.

Também era a minha opinião e mais estimava ainda *miss* Mowcher.

Tínhamos visto tudo o que valia ver-se. Seria trabalho perdido se quiséssemos tentar fazer compreender a um homem como o venerando *Mister* Creakle, que o Vinte-e-sete e o Vinte-e-oito eram dois refinados tipos de carácter que em nada tinham mudado, que eram o que sempre foram: vis hipócritas preparados propositalmente para essa espécie de confissão pública; que sabiam tão bem

como nós que tudo isso se cotava na bolsa da filantropia e que eram tomados em consideração logo que iam ser mandados para longe da pátria; numa palavra, não era de lés-a-lés senão um cálculo infame, uma impostura execrável. Deixámos para ali o *Sistema* e os seus aderentes e seguimos o caminho de nossa casa, ainda bastante aturdidos com o que acabávamos de ver.

— Traddles — disse eu ao meu amigo — quando a gente monta um mau cavalicoque, realmente vale talvez mais estafá-lo assim, para o rebentar mais depressa.

— Deus o ouça! — respondeu-me ele.

## Capítulo LXII — Fulge uma estrela no meu caminho

Estávamos chegados ao Natal; havia mais de dois meses que eu tinha regressado. Encontrei-me muitas vezes com Inês. Por maior prazer que eu sentisse em ouvir-me elogiar pela grande voz do público, voz potente para me animar a redobrar de esforços, a mais pequena palavra de elogio saída da boca de Inês valia para mim mil vezes mais que tudo.

Ia a Canterbury pelo menos uma vez por semana, às vezes mais, passar a noite com ela. Regressava de noite, a cavalo, porque tinha então recaído no meu humor melancólico... sobretudo quando a deixava... e ficava satisfeito em fazer um exercício forçado para escapar às recordações do passado que me perseguiam em penosas vigílias, ou em sonhos mais penosos ainda. Passava, pois, a cavalo a maior parte das minhas extensas e tristes noites, evocando, pelo caminho fora, os dolorosos desgostos que me tinham ocupado durante a minha longa ausência.

Ou antes escutava o eco desses desgostos, que ouvia muito ao longe. Fora eu que, de meu moto próprio, os exilara para tão longe de mim; não me restava senão aceitar o papel inevitável que a mim mesmo me criara. Quando eu lia a Inês as páginas que acabava de escrever, quando eu a via escutar-me tão atentamente, pôr-se a rir ou a chorar; quando a sua voz afectuosa se misturava com tanto interesse ao mundo ideal em que eu vivia, eu pensava no que teria podido ser a minha vida; mas pensava nisso, como antigamente, depois de ter casado com Dora, tinha pensado muito tarde no que teria querido que fosse minha mulher.

Os meus deveres para com Inês, que me amava com uma ternura que eu não devia pensar em perturbar, sem me tornar culpado para com ela de um egoísmo miserável, impotente de resto em reparar o mal; a segurança em que eu estava, após madura reflexão, de que tendo eu próprio estragado voluntariamente o meu destino e obtido o género de afeição que o meu coração impetuoso lhe tinha pedido, eu não tinha o direito de murmurar e que só me restava sofrer; eis tudo quanto me ocupava a alma e o pensamento; mas amava-a e achava alguma consolação em dizer comigo que chegaria talvez um dia em que eu o pudesse confessar sem remorsos, um dia bem afastado em que eu pudesse dizer-lhe: «Inês, eis o que eu era quando vim para o pé de si; e agora estou velho e nunca amei depois!» Quanto a ela, não mostrava nenhuma mudança nos seus sentimentos nem nas suas maneiras; o que ela tinha sido sempre para mim, ainda o era; nem mais, nem menos.

Entre mim e minha tia, este assunto parecia estar banido das nossas conversações, não que estivéssemos de caso pensado para o evitar; mas, por uma espécie de compromisso tácito, pensávamos nisso cada qual pelo nosso lado, sem formularmos em comum os nossos pensamentos. Quando, segundo o nosso antigo costume, estávamos sentados ao fogão, ficávamos absorvidos nesses devaneios, mas muito naturalmente, como se nisso tivéssemos falado, sem reserva. E, todavia, guardávamos silêncio. Creio que ela lera no meu coração e que compreendia às mil maravilhas porque é que eu me condenava a calar-me.

Estava próximo o Natal e Inês não me tinha dito nada; comecei a recear que não tivesse compreendido o meu estado de alma e que conservasse o seu segredo, com receio de me desgostar. Se assim era, o meu sacrifício era inútil, eu não tinha cumprido para com ela o mais simples dos meus deveres; e todos os dias fazia o que tinha resolvido evitar. Decidi-me a resolver a dificuldade; se existia entre nós uma tal barreira, era preciso despedaçá-la com mão enérgica.

Era por um dia de Inverno, frio e escuro! Quantos motivos eu tenho para me lembrar! Tinha caído, algumas horas antes, um nevão que, sem ser espesso, se prendera ao solo, que cobria. No mar, eu via através das vidraças da janela o vento norte soprar com violência. Acabava de pensar nas rajadas que deviam varrer nesse momento as solidões nevosas da Suíça e as suas montanhas inacessíveis aos homens, nessa estação e perguntava de mim para mim o que seria mais solitário, se essas regiões isoladas, se o Oceano deserto.

— Sai hoje a cavalo, Trot? — perguntou minha tia, entreabrindo a minha porta.

— Saio — respondi-lhe — vou a Canterbury. Está um lindo dia para um passeio a cavalo.

— Desejo que o seu cavalo seja dessa opinião — volveu minha tia — mas, pelo momento, ele lá está diante da porta, de orelha baixa e de cabeça inclinada, como se preferisse ficar na cavalariça.

Entre parêntesis, minha tia permitia que o meu cavalo atravessasse o pedaço de relva reservado, mas não perdia a sua severidade contra os burros.

— Daqui a pouco vai ele ficar todo contente, não tenha receio.

— Em todo o caso, o passeio fará bem ao dono — disse minha tia, olhando para os papéis acumulados sobre a minha mesa. — Ah! Meu filho, gasta com isso bastantes horas! Nunca desconfiei, quando dantes lia um livro, que custasse tanto trabalho, tanto trabalho ao autor!

— Pois olhe que às vezes não custa menos ao leitor — respondi. — Quanto ao autor, o seu trabalho não deixa de ter encanto, minha tia.

— Ah! Sim — observou ela — a ambição, o amor da glória, a simpatia e bastantes coisas ainda, suponho! Muito bem! Boa viagem!

— Sabe mais alguma coisa — disse-lhe num tom calmo, quando ela se sentava na minha poltrona, depois de me haver dado uma pequena palmada no ombro — sabe mais alguma coisa acerca dessa afeição de Inês em que me falou?

Ela olhou para mim fixamente antes de me responder:

— Creio que sim, Trot.

— E confirma-se a sua primeira impressão?

— Creio que sim, Trot.

Ela olhou-me de frente, com uma espécie de dúvida, de compaixão e de desconfiança de si própria, ao ver que eu estudava o melhor possível para lhe mostrar um rosto de uma alegria perfeita.

— E o que é bem mais forte, Trot... — disse minha tia.

— Então!

— É que creio que Inês se vai casar.

— Que Deus a abençoe! — disse eu alegremente.

— Sim, que Deus a abençoe! — disse minha tia. — E a seu marido também!

Associei-me a este voto e, dizendo-lhe adeus, desci rapidamente a escada, montei e parti. «Razão de mais», disse comigo, «para apressar a explicação».

Como me recordo dessa viagem triste e fria! Os flocos de neve, varridos pelo vento à superfície dos campos, vinham bater-me no rosto, os cascos do cavalo batiam a compasso no solo endurecido; a neve, levada pelo vento, turbilhonava sobre as pedreiras esbranquiçadas; os cavalos fumegantes paravam no alto das colinas para resfolegar, puxando carros carregados de feno e sacudiam as guizeiras harmoniosas; os outeiros e as planícies, que se viam do sopé das montanhas, desenhavam-se no horizonte enegrecido, como linhas imensas traçadas a giz numa louça gigantesca.

Encontrei Inês só. As suas alunazinhas tinham ido para casa das famílias; ela estava a ler ao calor do fogão. Pousou o livro ao ver-me entrar, e, acolhendo-me com a sua costumada cordialidade, pegou na obra e instalou-se numa das janelas abobadadas da sua velha casa.

Sentei-me ao pé dela e pusemo-nos a falar acerca do que eu fazia, do tempo de que ainda precisava para terminar a minha obra, do trabalho que tinha feito depois da minha última visita. Inês estava muito alegre; e predisse-me, a rir, que não tardaria que eu me tornasse muito famoso para ninguém se atrever a falar-me sobre tais assuntos.

— Assim, o senhor vê que eu trato de me valer da ocasião — disse-me ela — e que não me poupo a perguntas, enquanto me é permitido.

Eu olhava para esse bonito rosto, inclinado sobre a sua obra; Inês ergueu os olhos e viu que eu olhava para ela.

— O senhor tem hoje um ar preocupado, Trotwood!

— Quer que lhe diga porquê, Inês? Vim para lho dizer.

Ela pousou a obra, como tinha o costume de fazer quando discutíamos seriamente qualquer assunto e prestou-me toda a sua atenção.

— Minha querida Inês, duvida da minha sinceridade para consigo?

— Não! — respondeu ela com um olhar atónito.

— Duvida que eu seja no futuro o que sempre tenho sido até hoje para si?

— Não! — objectou como da primeira vez.

— Lembra-se do que eu tentei dizer-lhe, quando do meu regresso, querida Inês, da dívida de reconhecimento que contraí consigo e do ardor de afecto que lhe consagro?

— Lembro-me muito bem — disse ela docemente.

— A Inês tem um segredo — insinuei —; permite-me que dele participe?

Ela baixou os olhos; estava a tremer.

— Eu não podia ignorar sempre, Inês, embora o soubesse por outros que não por si (não acha estranho?) que há alguém a quem já deu o tesouro do seu amor. Não me oculte o que toca de tão perto a sua felicidade. Se tem confiança em mim (a Inês diz-me que sim e eu creio), trate-me como amigo, como irmão, sobretudo nesta ocasião!

Ela deitou-me um olhar súplice e quase de recriminação; depois, erguendo-se, atravessou rapidamente o aposento, como se não soubesse para onde devia ir, e, escondendo a cabeça entre as mãos, começou a chorar.

As suas lágrimas emocionaram-me até ao fundo de alma e todavia despertaram em mim qualquer coisa que me reanimou a coragem. Sem que eu soubesse porquê, essas lágrimas aliavam-se no meu espírito ao doce e triste sorriso que se tinha gravado na minha memória e causavam-me uma emoção de esperança que não de tristeza.

— Inês! Minha irmã! Minha amiga! Que vim eu fazer?

— Deixe-me, senhor Trotwood. Não me sinto bem. Estou fora de mim; falar-lhe-ei... para outra vez. Escrever-lhe-ei. Agora não, peço-lhe, suplico-lhe!

Procurei recordar-me do que ela me havia dito na noite em que conversáramos, acerca da natureza do seu afecto, que não tinha necessidade de retorno. Pareceu-me que acabava de atravessar todo um mundo num momento.

— Inês, não posso suportar vê-la assim e sobretudo por minha culpa. Minha querida filha, eu que a amo mais que tudo no mundo, deixe-me partilhar das suas tristezas, se as tem. Se carece de ajuda ou de conselho, deixe-me tentar socorrê-la. Se tem um peso no coração, permita-me que eu tente minorar-lhe essa pena. Para que é, pois, que eu suporto a vida, Inês, se não por sua causa?!

— Oh! Poupe-me!... Não estou em mim!... Para outra vez será!...

Não pude distinguir senão estas palavras entrecortadas.

Faria eu mal? O meu amor-próprio arrastar-me-ia sem eu querer? Ou então, era verdade que eu tinha o direito de esperar, de sonhar que entrevia uma felicidade para a qual nem sequer ousara pensar?

— É preciso que eu lhe fale, Inês. Não posso deixá-la nesse estado. Pelo amor de Deus, não nos iludamos um ao outro depois de tantos anos, depois de tudo o que se tem passado! Quero falar-lhe abertamente. Se tem a ideia de que eu deva ter ciúmes dessa felicidade que a *miss* pode dar; que não poderei resignar-me a vê-la na posse de um mais querido protector, escolhido por si; que não poderei, no meu isolamento, ver satisfeita a sua felicidade, afaste esse pensamento: não me faz justiça. Não foi baldadamente que sofri tanto. Não perdi as suas lições. Não há a menor liga de egoísmo na pureza dos meus sentimentos por si.

Inês sossegara. Pouco depois voltou para mim o seu rosto ainda pálido e disse-me numa voz baixa, entrecortada pela emoção, mas muito distinta:

— Devo à sua amizade por mim, Trotwood, declarar-lhe que se engana. Não posso dizer mais. Se por vezes precisei de apoio e de conselho, nunca me faltaram. Se algumas vezes tenho sido infeliz, o meu desgosto passou. Se tive um peso em cima de mim, mais leve ele se tornou já. Se tenho um segredo, não é novo... e não é o que supõe. Há muito tempo que ele anda dentro de mim e sou eu só que o devo guardar.

— Inês, atenda! Ainda um momento!

Ela ia a retirar-se, mas eu retive-a. Passei o meu braço pela sua cintura. «Se algumas vezes tenho sido infeliz!... O meu segredo não é novo!» — dizia ela. Pensamentos e esperanças desconhecidas vinham saltear-me a alma: um novo clarão acabava de iluminar a minha vida.

— Minha Inês, a quem eu respeito e venero e a quem amo tão ternamente! Quando vim hoje aqui, julguei que nada seria capaz de arrancar-me uma tal confissão. Julgava que ela ficaria sepultada no fundo do meu coração, até aos dias da nossa velhice. Mas, Inês, se entrevejo neste momento a esperança de que talvez um dia me será permitido dar-lhe outro nome, um nome mil vezes mais doce do que o de irmã!...

Ela chorava, mas já não eram lágrimas amargas; nelas via brilhar a minha esperança.

— Inês! Que tem sido sempre o meu guia e o meu mais querido apoio! Se pensasse um pouco mais em si mesma e um pouco menos em mim, quando crescíamos aqui juntos, creio que a minha imaginação vagabunda não se deixaria arrastar jamais para longe de si. Mas a Inês era por tal modo superior a mim, era-me tão necessária nos meus desgostos ou nas minhas alegrias infantis, que eu tomei o hábito de confiar em si e este hábito tornou-se em mim uma segunda natureza que usurpou o lugar dos meus primeiros sentimentos, da felicidade de a

amar como a amo.

Ela chorava sempre, mas já não eram lágrimas de tristeza; eram lágrimas de alegria. E eu apertava-a em meus braços como nunca tinha feito, como nunca soubera fazê-lo.

— Quando eu amava Dora... a Inês bem sabe se a amei ternamente!

— Sim! — exclamou ela intensamente. — E sinto-me feliz em sabê-lo!

— Quando eu a amava, mesmo então o meu amor teria sido incompleto sem a sua simpatia. Eu tinha-a e então não me faltava mais nada. Quando a perdi, Inês, que teria sido sem si?

E apertava-a ainda nos meus braços, mais junto do meu coração; a sua cabeça trémula descansava no meu ombro; os seus olhos tão suaves procuravam os meus, brilhando de alegria através das suas lágrimas!

— Quando parti, minha Inês, eu amava-a. Ausente, nunca cessei de a amar sempre... De regresso aqui, amo-a!

Então tentei contar-lhe a luta que eu sustentara dentro de mim próprio e a conclusão a que tinha chegado. Tentei revelar-lhe toda a minha alma. Tentei fazer-lhe compreender como tinha procurado conhecê-la melhor e conhecer-me melhor a mim próprio; como me tinha resignado ao que julgara ter descoberto e como nesse mesmo dia eu tinha vindo procurá-la, fiel à minha resolução. Se me amasse bastante (dizia-lhe) para casar comigo, eu bem sabia que não era por causa dos meus merecimentos pessoais; eu não possuía outro senão o de a ter amado fielmente e de ter sofrido muito; era isso o que me havia decidido a confessar-lhe tudo. E nesse momento, ó minha Inês!, vi brilhar em teus olhos a alma da minha mulher-criança; ela dizia-me: «Está bem!» e encontrei, em ti, a mais preciosa recordação da flor que tinha fenecido em todo o seu esplendor!

— Eu sou tão feliz, Trotwood! Tenho o coração a transbordar! Mas é preciso que lhe diga uma coisa.

— O quê, minha bem amada?

Ela pousou docemente as mãos nos meus ombros e olhou para mim muito tempo.

— Quer saber o que é?

— Não me atrevo a pensar nisso. Diga-mo, minha Inês!

— Amei-o sempre desde que o conheci!

Oh! Como nós éramos felizes, meu Deus! Como éramos felizes! Não chorávamos sobre as nossas provações passadas (as dela excediam bem as minhas!). Não, não era sobre essas provações de outrora, a origem da nossa alegria de hoje, que derramávamos lágrimas; chorávamos pela felicidade de nos vermos assim um e outro... para não mais nos separarmos.

Fomos passear ambos pelos campos, por essa noitada de Inverno; a natureza

parecia partilhar da alegria pacífica que enchia a nossa alma. As estrelas brilhavam por cima de nós, e, de olhos fixos no céu, abençoávamos a Deus por nos ter dirigido para o porto tranquilo.

De pé, junto da janela aberta, contemplávamos a lua, que aparecia no meio das estrelas; Inês erguia para ela os seus olhos tão serenos e eu seguia o seu olhar. Parecia entreabrir-se um grande espaço diante de mim e descobria muito ao longe, nessa estrada laboriosa, um pobre rapazinho esfarrapado, só e abandonado, sem desconfiar coisa alguma de que um dia havia de sentir pulsar um outro coração, sobretudo aquele, de encontro ao seu e poderia dizer: «Pertence-me!»

Eram quase horas de jantar quando aparecemos em casa de minha tia, no dia seguinte. Peggotty disse-me que ela estava no meu gabinete: punha todo o seu orgulho em tê-lo em ordem, sempre pronto a receber-me. Encontrámo-la a ler, com as suas lunetas, junto do fogão.

— Deus do céu! — disse-me ela ao ver-nos entrar. — O que é que me traz cá a casa?

— É a Inês! — disse-lhe eu.

Tínhamos combinado que começaríamos por ser muito discretos. Minha tia ficou extremamente desapontada. Quando eu disse «É a Inês», ela deitara-me um olhar cheio de esperança; mas vendo-me tão tranquilo como de costume, tirou as lunetas desesperada e esfregou com força a ponta do nariz.

Todavia, acolheu Inês da melhor vontade e não tardou que descêssemos para jantar. Duas ou três vezes pôs minha tia as lunetas para olhar para mim; mas tirava-as logo, com ar desapontado e esfregava o nariz. Isto tudo com grande desgosto de *Mister* Dick, que sabia que era mau sinal.

— A propósito, tia — disse-lhe eu depois de jantar — falei a Inês naquilo que me disse.

— Então, Trot — disse minha tia, pondo-se muito vermelha — fez muito mal e deveria cumprir melhor o que prometeu.

— Não me há-de querer mal, minha tia, espero, quando souber que Inês não tem afeição que a torne infeliz.

— Que tolice! — disse minha tia.

Ao vê-la muito vexada, julguei que mais valia acabar. Agarrei na mão de Inês e fomos ambos ajoelhar-nos ao pé da sua poltrona. Ela olhou para nós, juntou as mãos e, pela primeira e última vez na sua vida, teve um ataque de nervos.

Peggotty acudiu. Logo que minha tia voltou a si lançou-se-lhe ao pescoço, chamou-lhe velha doida e beijou-a, abraçando-a muito. Depois beijou *Mister* Dick (que ficou muito desvanecido, mas ainda mais surpreendido); depois explicou-lhes tudo. E todos nos entregamos a uma grande alegria.

Nunca pude descobrir, se, na sua última conversa comigo, minha tia se permitira uma fraude piedosa, ou se ela se tinha enganado acerca do estado da minha alma. Tudo o que ela havia dito, repetiu-me, é que Inês ia casar-se e agora eu sabia melhor do que ninguém se isso era ou não verdade.

O nosso casamento celebrou-se passado quinze dias. Traddles e Sofia, o doutor e *Mistress* Strong foram os únicos convidados para a nossa pacífica união. Deixamo-los com o coração cheio de alegria, para subirmos ambos para o carro. Eu tinha em meus braços aquela que fora para mim a origem de todas as nobres emoções que pudera experimentar, o centro da minha alma, o círculo da minha vida, a minha... a minha mulher! E o meu amor por ela era firmado em rocha!

— Meu marido bem amado — disse Inês — agora que posso dar-lhe este nome, tenho ainda uma coisa a dizer-lhe.

— Diga-ma, meu amor.

— É uma recordação da noite em que Dora faleceu. Deve lembrar-se de ela lhe ter pedido para me mandar chamar...

— Lembro-me perfeitamente.

— Ela disse-me que me deixava qualquer coisa. Sabe o que era?

Julgava adivinhá-lo. Apertei mais de encontro ao coração a mulher que há tanto tempo me amava.

— Ela disse-me que me fazia um último pedido e que me deixava um último dever a cumprir.

— E qual foi?

— Pediu-me que viesse um dia ocupar o lugar que deixava vazio.

E Inês encostou a cabeça ao meu seio: e chorou e eu chorei com ela, conquanto fôssemos bastante felizes.

## Capítulo LXIII — Um visitante

Estou a chegar ao fim da narrativa que quis contar; mas há ainda um incidente sobre o qual a minha recordação se detém bastantes vezes com prazer e sem o qual um dos fios da minha teia ficaria enredado.

A minha fama e a minha fortuna tinham crescido, a minha felicidade doméstica era perfeita, estava casado há dez anos. Por uma tarde de Primavera, estávamos sentados ao fogão, na nossa casa de Londres, Inês e eu. Três dos nossos filhos brincavam na sala, quando me vieram dizer que um desconhecido me queria falar.

Tinham-lhe perguntado se era para negócios e havia respondido que não: vinha para ter o prazer de me ver e chegava de uma longa viagem. O meu criado dizia que era um homem de idade que tinha o ar de um quinteiro.

Esta notícia produziu uma certa emoção; tinha qualquer coisa de misterioso que fazia recordar às crianças o começo de uma história favorita que a mãe gostava de lhes contar e em que se via chegar assim disfarçada, debaixo de uma capa, uma má e velha fada que detestava toda a gente. Um dos nossos pequenitos escondeu a cabeça no regaço da mamã para ficar na sala e a Inesita (a mais velha dos nossos filhos) sentou a boneca numa cadeira, para figurar em seu lugar e correu a esconder-se atrás dos cortinados da janela, donde deixava passar a floresta de caracóis dourados da cabecita loira, curiosa de ver o que ia passar-se.

— Mande-o entrar! — disse eu ao criado.

Daí a um instante vimos aparecer e parar à sombra, no limiar da porta, um velho bem conservado e robusto, de cabelos grisalhos. A Inesita, atraída pelo seu ar aprazível, correu ao seu encontro para o mandar entrar e eu ainda não lhe tinha reconhecido as feições, quando minha mulher, levantando-se de repente, exclamou com voz emocionada que era *Mister* Peggotty.

Era realmente *Mister* Peggotty! Estava velho agora, mas era dessas velhices vermelhas, vivas e vigorosas. Quando se acalmou a nossa primeira emoção e quando ele se sentou, com os pequenos já nos joelhos, diante do fogão, cuja chama lhe iluminava o rosto, pareceu-me tão forte e tão robusto, direi mesmo tão belo, para a sua idade, como nunca.

— Mestre Davy! — disse ele. (E como esse nome de outros tempos, pronunciado no mesmo tom de outros tempos, alegrava o meu ouvido!) — Mestre Davy! É para mim um belo dia este em que o torno a ver, com a sua excelente senhora.

— Sim, meu velho amigo, é com certeza um belo dia! — exclamei.

— E estas lindas crianças! — disse *Mister* Peggotty. — Que belas flores que são! Mestre Davy, o senhor não era maior do que a mais pequena destes três pequerruchos, quando o vi pela primeira vez. Emília era do mesmo tamanho e o nosso pobre rapaz não passava de um canalhita!

— Mudei muito desde então — respondi-lhe. — Mas deixemos que os pequerruchos se vão deitar e como não pode haver na Inglaterra outra pousada para si, esta noite, senão esta, diga-me aonde é que tenho de lhe mandar buscar as bagagens. Ainda será o célebre saco negro que tanto viajou? E depois, ao bebermos um copo de *grog* de Yarmouth, conversaremos de tudo o que se tem passado nestes dez anos.

— Veio só? — perguntou Inês.

— Vim, minha senhora — respondeu ele, beijando-lhe a mão — vim completamente só.

Sentou-se no meio de nós: não sabíamos como testemunhar-lhe a nossa alegria e ouvindo essa voz que tão familiar me era, afigurou-se-me que se estava ainda no tempo em que ele andava viajando à procura da sua querida sobrinha.

— Há uma famosa porção de água a atravessar — continuou ele — para me demorar apenas algumas semanas. Mas a água conhece-me (sobretudo quando é salgada) e os amigos são sempre queridos, assim eis—nos aqui reunidos. Ora vejam! E até rima — concluiu *Mister* Peggotty surpreendido com a descoberta —, mas palavra de honra que foi sem querer!

— Pois na verdade o senhor vai dentro de pouco tornar a navegar esses milhares de léguas? — perguntou Inês.

— Vou, minha senhora — respondeu —; assim o prometi à Emília antes de partir. Reparem que os anos não me rejuvenescem e se eu cá não viesse desta feita, é provável que nunca viria. Mas tinha grande desejo de o ver, mestre Davy e à senhora, no seu feliz matrimónio, antes de envelhecer mais.

E olhava para nós, como se não pudesse saciar os seus olhos. Inês desviou-lhe alegremente as compridas madeixas de cabelos grisalhos de diante dos olhos, para que pudesse ver-nos bem à sua vontade.

— E agora conte-nos — disse-lhe — tudo quanto lhe tem sucedido.

— Não demora muito, mestre Davy. Não fizemos fortuna, mas temos prosperado. Trabalhamos como negros para o conseguir: a princípio levamos uma vida um pouco rude, mas fomos prosperando. Entregámo-nos à criação de carneiros, à lavoura, trabalhamos um pouco em tudo, e, palavra, que acabámos por nos encontrar tão bem como poderíamos desejar. Deus protegeu-nos sempre — continuou ele, inclinando respeitosamente a cabeça — e não fazemos senão dar-nos bem. Isto é: bem, bem, não a princípio; se não era ontem, era hoje e se não era hoje, era amanhã.

— E a Emília? — perguntámos, a um tempo, Inês e eu.

— A Emília, minha senhora, depois da nossa partida nunca fez a sua oração à noite, ao deitar, nos bosques aonde estávamos instalados, do outro lado do sol, sem que a ouvisse murmurar o seu nome. Quando a senhora a deixou e quando perdemos de vista mestre Davy. nessa famosa tarde que nos viu partir, a princípio ficou muito abatida e estou seguro e certo de que, se ela soubesse então o que mestre Davy teve a prudência e a bondade de nos ocultar, não teria podido resistir a esse golpe. Mas havia a bordo gente pobre doente e ela ocupava-se a tratá-la; havia crianças e ela cuidou delas: foi o que a distraiu; fazendo bem em volta dela, também o fez a si própria.

— Quando foi que ela soube da desgraça? — perguntei.

— Eu ocultei-lha, logo que a soube — prosseguiu *Mister* Peggotty. — Vivíamos num lugar solitário, mas no meio das mais bonitas árvores e de rosas que trepavam até ao telhado. Um dia, quando eu trabalhava nos campos, chegou um viajante inglês do nosso Norfolk ou do nosso Suffolk (já não sei qual deles é); e, como de verdade, mandámo-lo entrar para lhe dar de comer e de beber; recebemo-lo o melhor que pudemos. É como todos fazem na colónia. Levava com ele um velho jornal em que vinha a narrativa da tempestade. Foi assim que ela o soube. Quando eu regressei à tarde, vi que ela estava informada de tudo.

Baixou a voz a estas palavras e o seu rosto retomou essa expressão de gravidade que eu lhe conhecia demasiado.

— E isso abalou-a muito?

— Abalou, durante muito tempo — disse — talvez mesmo até hoje. Mas creio que a solidão lhe fez bem. Ela tem muito que fazer na quinta; trata das aves e do resto; sentiu-se mal e isso fez-lhe bem. Não sei — concluiu com um ar pensativo — se o senhor, mestre Davy, seria capaz de reconhecer agora a nossa Emília!

— Está muito mudada?

— Não sei. Vejo-a todos os dias, não posso saber ao certo; mas há momentos em que acho que está bastante apanhada — disse *Mister* Peggotty olhando para o fogo — um pouco envelhecida, um pouco definhada, triste, com os seus olhos azuis, o ar delicado, uma linda cabecinha um pouco inclinada, uma voz tranquila... quase tímida. Aqui tem a minha Emília.

Observámo-lo em silêncio, enquanto ele continuava a fixar a fogueira com ar pensativo.

— Uns acreditam — tornou ele — que ela empregou mal o seu afecto, outros crêem que o seu casamento foi desfeito pela morte. Ninguém sabe o que se passou. Ela poderia ter casado, não têm faltado ocasiões; mas disse-me: «Não, meu tio, está acabado para sempre». Comigo é sempre alegre; é reservada quando há estranhos; gosta de ir longe dar lição a uma criança ou tratar de um

doente, ou levar um presente a uma rapariga que vai casar, porque tem feito bastantes casamentos, mas sem querer nunca assistir a uma boda. Ama ternamente o tio e é paciente; todos gostam dela, moços e velhos. Todos os que sofrem vão procurá-la. Aqui tem a minha Emília.

Passou a mão pelos olhos, e, com um suspiro meio reprimido, ergueu a cabeça.

— E a Marta, ainda está consigo? — perguntei.

— Casou, mestre Davy, logo ao segundo ano. Um rapaz, um moço lavrador, que passava em frente da nossa casa quando ia para o mercado vender os géneros do patrão... a viagem é de quinhentas milhas, ida e volta... ofereceu-lhe casamento (as mulheres são muito raras para aqueles lados), para em seguida se estabelecer por sua conta nos grandes bosques. Ela pediu-me que contasse a esse homem a sua história, sem nada lhe ocultar. Assim o fiz; casaram e vivem a quatrocentas milhas de toda a voz humana. Só ouvem a deles e a dos passarinhos.

— E *Mistress* Gummidge? — perguntei.

Com certeza que lhe toquei numa corda sensível, porque *Mister* Peggotty desatou a rir e esfregou as mãos pelas pernas, de alto a baixo, como dantes fazia quando estava de humor alegre, no velho barco.

— Acredite-me, se quiser — disse —, mas figure-se que a velhota encontrou quem quisesse casar com ela! Se o cozinheiro de um navio, que para lá está como colono, não pediu *Mistress* Gummidge em casamento, enforcado seja eu! Foi isto, sem tirar nem por!

Nunca vi a Inês rir com mais vontade. O entusiasmo súbito de Peggotty divertia-a por tal forma, que não podia conter-se; quanto mais se ria, mais me fazia rir, mais crescia o entusiasmo de *Mister* Peggotty e mais ele esfregava as pernas.

— E que foi que disse a isso *Mistress* Gummidge? — perguntei quando recuperei um pouco de sangue-frio.

— O que disse?! — explicou *Mister* Peggotty. — Em vez de lhe dizer «Muito obrigada, sou-lhe reconhecida mas não quero mudar de condição na minha idade», *Mistress* Gummidge agarrou numa celha de água que tinha ao lado e despejou-lha pela cabeça abaixo. O desgraçado cozinheiro ia-se afogando. Pôs-se a gritar por socorro, com toda a força, por tal forma que eu tive de acudir à rascada.

E *Mister* Peggotty desatou outra vez a rir e nós com ele.

— Mas devo dizer uma coisa, para fazer justiça a essa excelente criatura — prosseguiu, enxugando os olhos, que tinha cheios de lágrimas, à força de se rir. — Ela cumpriu tudo quanto nos prometeu e melhor ainda. Agora está a mulher

mais serviçal, mais fiel, mais bondosa que dar-se pode, mestre Davy. Nem um momento se queixou de estar só e abandonada, nem mesmo quando nos vimos bem aflitos ao desembarcar. E com respeito ao velho, nunca mais nele pensou, asseguro-lhe, desde que partiu da Inglaterra.

— Agora — disse-lhe — falemos de *Mister* Micawber. Sabe que ele pagou tudo quanto devia, até a letra de Traddles? Lembra-se, minha querida Inês? Por consequência, devemos supor que vai bem nas suas empresas. Mas dê-me as últimas notícias dele.

*Mister* Peggotty meteu, sorrindo, a mão no bolso do colete e sacou um embrulho de papel bem dobrado, donde tirou, com o maior cuidado, um pequeno jornal que tinha um aspecto esquisito.

— É preciso dizer-lhe, mestre Davy — acrescentou — que deixámos os grandes bosques e que vivemos agora próximo do porto de Middlebay, aonde há o que chamamos uma cidade.

— E *Mister* Micawber esteve com o senhor nos grandes bosques?

— Sim, senhor — respondeu-me — e entregou-se à faina de boa vontade. Nunca vi uma coisa assim! Ainda o estou a ver, com a cabeça calva, mestre Davy, por tal forma inundada de suor debaixo de um sol abrasador, que julguei que se ia derreter em água! E agora é magistrado.

— Magistrado? — interroguei.

*Mister* Peggotty pôs o dedo num parágrafo do jornal, aonde li o extracto seguinte do *Times* de Middlebay:

> O jantar solene oferecido ao nosso eminente colono e concidadão *Wilkins Micawber,* magistrado do distrito de Middlebay, realizou-se ontem no grande saião do hotel, aonde se reunira uma enorme multidão. Calcula-se que não havia menos de quarenta e sete pessoas à mesa, sem contar as que enchiam o corredor e a escada. A sociedade mais encantadora, mais elegante e mais exclusiva de Middlebay dera-se ali ponto de reunião, para vir prestar homenagem a esse homem tão notável, tão estimado e tão popular. O doutor Mell (da escola normal de Salem-House, porto de Middlebay) presidia ao banquete; à sua direita sentava-se o nosso ilustre hóspede. Quando arrumaram a mesa e que se executou de uma maneira admirável o nosso canto nacional *Non nobis,* no qual distinguimos particularmente a voz metálica do célebre amador *Wilkins Micawber Júnior,* ergueram-se, segundo a praxe, os *toasts* patrióticos de todo o fiel Australiano, no meio das aclamações da assembleia. Num discurso cheio de sentimento, o doutor Mell propôs uma saúde ao nosso hóspede ilustre, ornamento da nossa cidade. «Oxalá que jamais nos abandone, senão para mais se engrandecer e oxalá que o seu bom êxito entre nós seja tal, que lhe seja impossível elevar-se mais alto!». Nada poderia descrever o entusiasmo com que foi acolhido este *toast.* Os aplausos iam subindo, subindo sempre, rolando com impetuosidade, como as vagas do Oceano. No fim, fez-se um grande silêncio e *Wilkins Micawber* levantou-se para fazer ouvir os seus agradecimentos. Não tentaremos, visto o estado ainda relativamente imperfeito dos recursos intelectuais do nosso estabelecimento, seguir o nosso eloquente concidadão na volubilidade dos períodos da sua resposta, ornada das flores mais elegantes.

Basta dizer que foi um primor de eloquência e que as lágrimas marejaram os olhos de todos os assistentes, quando, remontando ao começo da sua feliz carreira, rogou com instância aos mancebos que se encontravam no auditório que nunca se deixassem arrastar a contrair compromissos pecuniários que lhes fosse impossível solver. Ergueram-se ainda *toasts* ao *doutor Mell*; a *Mistress Micawber,* que agradeceu com uma graciosa saudação da porta de entrada, aonde uma via láctea de belezas moças estavam de pé em cima das cadeiras, para admirar e embelezar ao mesmo tempo este emocionante espectáculo; a *Mistress Ridger Begs* (antes *miss* Micawber); a *Mistress Mell*; a *Wilkins Micawber Júnior* (que fez andar aos trambolhões com riso toda a assembleia, quando pediu licença para exprimir o seu reconhecimento por meio de uma canção e não por meio de um discurso); à *família de Mister Micawber* (bem conhecida, inútil é fazê-lo notar, na mãe pátria); etc., etc. No fim da sessão, as mesas desapareceram, como que por encanto, para dar lugar aos valsistas. Entre os discípulos de Terpsichore, que não cessaram os seus folguedos senão quando o sol veio lembrar-lhes o momento da partida, fizeram-se notar em particular Wilkins Micawber Júnior e a encantadora *miss* Helena, quarta filha do doutor Mell.

Foi com prazer que encontrei nesse jornal o nome do doutor Mell; estava encantado por descobrir nessa brilhante situação o nosso antigo prefeito, o pobre burro-de-carga do nosso magistrado do Middlesex, quando *Mister* Peggotty me indicou uma outra página do mesmo jornal.

Li o seguinte:

AO EMINENTE AUTOR DAVID COPPERFIELD

Meu caro senhor:

Alguns anos vão decorridos desde que me foi dado contemplar todos os dias, *de visu,* feições agora familiares à imaginação de uma porção considerável do mundo civilizado.

Mas, meu caro senhor, se bem que esteja privado (por um concurso de circunstâncias que não dependem de mim) da companhia do amigo e do companheiro da minha mocidade, não cessei de o seguir com o pensamento no voo rápido que ele tomou no alto dos ares. Nada me pôde impedir, não, nem mesmo o Oceano,

Que nos separa bramindo,

(BURNS)

de tomar a minha parte dos mimos intelectuais que nos tem prodigalizado.

Não posso, pois, deixar partir daqui um homem que nós ambos estimamos e respeitamos, meu caro senhor, sem me aproveitar desta ocasião pública para lhe agradecer em meu nome e, não receio de o dizer, em nome dos habitantes de Port-Middlebay, para o prazer dos quais tão poderosamente contribui.

Coragem, meu caro senhor! Não é aqui desconhecido, o seu talento é por cá apreciado. Conquanto desterrados numa região longínqua, é mister não acreditar por isso que sejamos como dizem os nossos detractores, nem *indiferentes,* nem *melancólicos,* nem (posso dizê-lo) *grosseiros.* Coragem, meu caro senhor! Continue no seu voo de águia! Os habitantes de Port-Middlebay segui-lo-ão através das nuvens com delícia, com prazer, com instrução!

E entre os olhos que para si se elevarem desta região do globo, encontrará sempre, enquanto gozarem de vida e de luz,

Os olhos que pertencem a

WILKINS MICAWBER
magistrado

Ao percorrer as outras colunas do jornal, descobri que *Mister* Micawber era um dos seus colaboradores mais activos e mais estimados. Havia dele uma outra carta relativa à construção de uma ponte. Havia também o anúncio de uma nova edição da colecção dos seus primores epistolares, num lindo volume, *consideravelmente aumentado e* julguei reconhecer que o artigo de fundo, à parisiense, era igualmente obra sua.

Falámos muitas vezes de *Mister* Micawber, à noite, com *Mister* Peggotty, enquanto ele se demorou em Londres. Passou todo esse tempo em nossa casa, mas não durou mais de um mês a sua estada. Sua irmã e minha tia vieram a Londres para o ver. Inês e eu fomos despedir-nos dele a bordo do navio, quando embarcou; não mais lhe diremos adeus sobre a terra.

Mas antes de deixar a Inglaterra, foi comigo a Yarmouth, para ver uma pedra que eu tinha mandado pôr no cemitério, em memória de Ham. Enquanto que, a seu pedido, eu copiava, para ele levar, a breve inscrição que lá estava gravada, vi-o abaixar-se e tirar da sepultura um torrão com alguma erva.

— É para a Emília — disse-me ele, guardando-o de encontro ao coração. — Prometi-lhe isto, mestre Davy.

## Capítulo LXIV — Um último olhar retrospectivo

E agora, eis a minha história concluída. Pela última vez dirijo os meus olhares para o passado antes de encerrar estas páginas.

Vejo-me com Inês a meu lado, continuando a nossa viagem na estrada da vida. Vejo em volta de nós os nossos filhos e os nossos amigos e ouço, por vezes, caminho em fora, o ruído de bastantes vozes que me são, queridas.

Quais são os rostos que mais particularmente atraem o meu interesse nesta multidão cujas vozes vou fixando? Olhem! Ei-los que aí vêm ao meu encontro, como para responderem à minha pergunta.

Em primeiro lugar é minha tia, com lunetas de grau mais subido; tem mais de oitenta anos, a bondosa velhinha; mas sempre direita como um junco, e, quando faz frio, ainda caminha dez léguas a pé, de uma assentada.

Junto dela, sempre junto dela, vejo Peggotty, a minha querida e velha criada: também usa lunetas; à noite chega-se para o candeeiro, de agulha enfiada, mas nunca pega na obra que não poise em cima da mesa o cotinho de cera, o metro domiciliado na casinhola e o seu caixão de costura, cuja tampa representa a catedral de S. Paulo.

As faces e os braços de Peggotty, dantes tão duros e tão vermelhos que eu não compreendia, quando criança, como os pássaros não vinham debicá-los de preferência às maçãs, estão agora todos engelhados; e aqueles olhos que ofuscavam com o seu brilho todas as suas feições, ei-los um pouco amortecidos (se bem que ainda brilhem); mas o dedo indicador, que eu comparava dantes a um ralador de noz moscada, é sempre o mesmo e quando vejo o meu filho mais novo agarrar-se a ele, cambaleando, para dar umas passadinhas entre ela e minha tia, lembro-me da nossa sala de Blunderstone e do tempo em que eu não sabia ainda andar. Minha tia acha-se enfim consolada do seu passado desapontamento: é madrinha de uma verdadeira Betsy Trotwood em carne e osso e Dora (a que se lhe segue) diz que a tia a estraga com mimos.

Vejo não sei quê volumoso no bolso de Peggotty, não pode ser outra coisa senão o livro dos crocodilos; encontra-se num miserável estado, tem muitas folhas rasgadas e presas com alfinetes, mas Peggotty mostra-o ainda aos pequenos como uma preciosa relíquia. Nada me diverte mais do que tornar a ver, na segunda geração, o meu rosto de criança, erguendo para mim olhares maravilhados por causa das histórias dos crocodilos. Isso faz-me lembrar o meu velho conhecimento Brooks de Sheffield.

No meio da minha pequenada, por um belo dia de Verão, vejo um velhote a

deitar papagaios e seguindo-os nos ares com uma alegria que se não poderia exprimir. Acolhe-me com um ar satisfeito e começa, com uma porção de pequenos sinais de inteligência:

— O Trotwood vai ficar contente em saber que, quando eu não tiver mais nada que fazer, vou acabar a Memória e que sua tia é a mais notável mulher do mundo!

Quem vem a ser esta mulher que caminha, toda curvada, encostando-se a uma bengala? Reconheço-lhe no rosto os vestígios de uma beleza orgulhosa que já não existe, conquanto ela procure lutar ainda contra o enfraquecimento da sua inteligência resmungona, imbecil, desvairada! Vejo-a num jardim; ao pé dela vejo também uma mulher violenta, sombria, encarquilhada, com uma cicatriz no lábio. Ouçamos o que dizem:

— Rosa, esqueci-me do nome deste senhor.

Rosa inclina-se para ela e anuncia-lhe *Mister* Copperfield.

— Tenho muito gosto em o ver, senhor. Sinto muito notar que vem de luto. Espero que o tempo lhe dará resignação!

A pessoa que a acompanha repreende-a pelas suas distracções.

— Ele não está de luto; ora repare.

E tenta tirá-la às suas divagações.

— O senhor viu o meu filho — continua a velha dama. — Reconciliaram-se?

Depois, olhando para mim fixamente, leva, gemendo, a mão à fronte. De repente exclama, numa voz terrível:

— Rosa, venha cá. Ele morreu!

E Rosa, de joelhos diante dela, prodigaliza-lhe alternativamente as suas carícias e as suas recriminações; ou então exclama na sua amargura «Eu amava-o mais do que nunca a senhora o amou!», ou então esforça-se por a adormecer de encontro ao seu seio, como uma criança doente. É assim que eu as deixo; é assim que as encontro sempre; é assim que, de ano para ano, decorre a vida das duas.

Mas eis que regressa um navio das índias. Quem é esta dama inglesa, casada com um velho Creso escocês, de ar rabugento e de orelhas caídas? Será por acaso Júlia Mills?

Sim, é verdade, é Júlia Mills, sempre taful, sempre tagarela e tem consigo um moleque que lhe traz cartas e bilhetes numa bandeja de prata dourada; tem também uma mulatinha vestida de branco, com um lenço vermelho atado em volta da cabeça, para lhe servir o *tiffin*[8] no gabinete de vestir. Mas Júlia já não escreve o seu diário, já não canta o Toque fúnebre da Afeição; não faz senão testilhar, continuamente, com o velho Creso escocês, uma espécie de urso amarelo, com o couro curtido. Júlia mergulha em ouro até ao pescoço, nunca fala, nem nunca sonha com outra coisa. Gostava mais dela no deserto do Saara.

Ou antes, cá está ele, o tal deserto do Saara! Porque por mais que Júlia tenha uma linda casa, uma sociedade escolhida e que dê todos os dias magníficos jantares, não vejo junto dela rebento verdejante, nem o mais pequeno gomo que prometa um dia flores ou frutos. Não vejo senão o que ela chama a *sua sociedade*. *Mister* Jack Maldon, do alto da sua grandeza, levando para o ridículo a mão que o elevou e falando-me do doutor como de uma antigualha bem divertida. Ah! Júlia, se a sociedade não se compõe para si senão de cavalheiros e damas assim fúteis, se o princípio no qual ela se baseia é, primeiro que tudo, uma indiferença confessada por tudo quanto pode fazer avançar ou retardar o progresso da humanidade, teríamos feito muito melhor em nos perdermos no deserto do Saara; pelo menos poderíamos encontrar meio de sair de lá.

Cá temos esse bom doutor, o nosso excelente amigo; trabalha no seu Dicionário (está na letra D); como é feliz entre sua mulher e os seus livros! E cá está também o Velho-Tarimbeiro; mas ei-lo bem humilhado e longe de haver conservado a sua influência de outros tempos.

Vejo também um homem bem sobrecarregado de negócios, que trabalha no Templo no seu gabinete, os seus cabelos (pelo menos os que lhe restam) são mais recalcitrantes do que nunca, graças à fricção constante que na sua cabeça exerce a cabeleira de advogado: é o meu velho amigo Traddles. Tem a mesa coberta de rumas de papéis e digo-lhe, olhando em volta:

— Se a Sofia ainda fosse o seu copista, Traddles, teria um trabalho de arrepiar.

— Certamente que sim, meu caro Copperfield! Mas que bom tempo aquele que nós passámos em Holborn-Court! Não é verdade?

— Quando ela lhe dizia que um dia o senhor havia de ser juiz, conquanto não fosse completamente essa a voz pública na cidade.

— Em todo o caso — disse Traddles — se algum dia isso me suceder...

— O senhor bem sabe que não tardará.

— Pois bem, meu caro Copperfield, quando eu for juiz, hei-de trair o segredo de Sofia, como então prometi.

Saímos de braço dado. Vou jantar a casa de Traddles, em família. É o aniversário de Sofia, e, pelo caminho, Traddles não me fala senão da sua felicidade presente e passada.

— Meu caro Copperfield, consegui realizar tudo quanto mais ambicionava. Primeiramente, o reverendo Horácio é presentemente reitor de uma curaria que lhe rende por ano quatrocentas e cinquenta libras esterlinas. Em segundo lugar, as nossas duas filhas recebem uma excelente educação e distinguem-se nos seus estudos pelo seu trabalho e bom êxito. Em seguida, casámos vantajosamente três das irmãs de Sofia; ainda vivem connosco outras três; quanto às outras três, desde a morte de *Mistress* Crewler que dirigem a casa do reverendo Horácio e

vivem felizes como rainhas.

— Excepto... — disse eu.

— Excepto a Beleza, sim — disse Traddles. — Foi uma desgraça que ela casasse com um tão mau sujeito. Tinha uma certa aparência brilhante que a seduziu. Mas no fim de contas, agora que está em nossa casa e que nos vimos livres dele, espero bem que vamos fazer com que ela se reanime.

Traddles mora numa dessas casas que talvez Sofia e ele examinavam noutro tempo exteriormente e de que distribuíam em esperança as divisões internas, nos seus passeios à noite. É uma grande casa, mas Traddles tem a papelada amontoada no gabinete de envolta com o calçado; Sofia e ele alojam-se nas águas-furtadas, para deixar os mais lindos quartos à Beleza e às outras irmãs. Não há um quarto de reserva na casa, porque, não sei como isso sucede, mas há sempre, por uma ou por outra razão, uma infinidade de manas a alojar. Não pomos os pés num aposento que elas não se precipitem em montão para a porta e venham, por assim dizer, sufocar Traddles com beijocas. A pobre Beleza permanece aqui perpetuamente; ficou viúva com uma filhinha. Em honra do aniversário de Sofia, temos para jantar as três irmãs casadas, com os seus três maridos, mais o irmão de um dos maridos, o primo de outro e a irmã de um terceiro marido, que me parece ir no caminho de casar com o primo. Na cabeceira alta da mesa está sentado Traddles, o patriarca, sempre bondoso e simples como dantes. Defronte dele, Sofia fita-o com ar radiante, através da mesa, em cima da qual se vê um serviço que reluz bastante para não haver enganos: não é metal inglês.

E agora, no momento de terminar a minha tarefa, tenho pena de me arrancar às minhas recordações, mas assim é preciso; todas estas figuras se apagam e desaparecem. Todavia, há uma, uma só que brilha acima de mim como um clarão celeste, que ilumina todos os objectos que contemplo e que os domina a todos. Essa fica comigo.

Volto a cabeça e vejo-a a meu lado, na sua beleza serena. O meu candeeiro está quase a apagar-se, trabalhei até muito tarde esta noite; mas a minha querida imagem, sem a qual eu nada seria, fielmente me faz comes, ó minha alma, oxalá que esta imagem, sempre presente, possa estar assim junto de mim quando, por minha vez, eu chegar ao termo da vida! Oxalá, quando a realidade cessar de existir para mim, como as suas sombras vaporosas de que a minha imaginação se separa voluntariamente nesta ocasião, eu possa encontrar-te ao pé de mim, com o dedo levantado a apontar-me o céu!

# Notas

1 — Uma *rookery*, na Inglaterra, é uma colónia de gralhas (*rooks*) a que deixam fazer ninho e procriar nas altas árvores das avenidas ou dos maciços próximos dos castelos. Conservam-se como um sinal aristocrático da antiguidade do domínio.

2 — Arte de cozinha.

3 — Na Inglaterra, a gente baixa suprime a aspiração. *Am*, eu sou; *ham*, presunto.

4 — *Pinta*: medida antiga que equivale a uns 93 centilitros; *ale*: qualidade de cerveja inglesa.

5 — Qualidade de cerveja inglesa muito forte.

6 — *Murdstone, Murderer*, assassino.

7 — Gralheira sem gralhas.

8 — Nome que se dá na Índia ao segundo almoço.

# Table of Contents


Página do título
Capítulo I — Venho ao mundo
Capítulo II — Observo
Capítulo III — Uma mudança
Capítulo IV — Caio em desgraça
Capítulo V — Sou exilado da casa paterna
Capítulo VI — Aumento os meus conhecimentos
Capítulo VII — O meu primeiro semestre em Salem-House
Capítulo VIII — As minhas férias e, em particular, certa tarde em que fui bem feliz
Capítulo IX — Nunca esquecerei esse meu dia de anos
Capítulo X — Primeiro desprezam-me, depois empregam-me
Capítulo XI — Começo a viver por minha conta, do que não gosto nada
Capítulo XII — Não me agrada viver por minha conta; tomo uma grande resolução
Capítulo XIII — Executo a minha resolução
Capítulo XIV — O que minha tia fez de mim
Capítulo XV — Recomeço
Capítulo XVI — Mudo sob vários pontos de vista
Capítulo XVII — A quem a boa sorte favorece
Capítulo XVIII — Um olhar retrospectivo
Capítulo XIX — Olho em torno e faço uma descoberta
Capítulo XX — Em casa de Steerforth
Capítulo XXI — A Emilita
Capítulo XXII — Novos personagens num velho teatro
Capítulo XXIII — Corroboro a opinião de Mister Dick e escolho uma profissão
Capítulo XXIV — Os meus primeiros excessos
Capítulo XXV — Anjo bom e anjo mau
Capítulo XXVI — Eis-me caído em cativeiro
Capítulo XXVII — Tommy Traddles
Capítulo XXVIII — É preciso que Mister Micawber atire a luva à sociedade
Capítulo XXIX — Vou outra vez visitar Steerforth
Capítulo XXX — Uma perda
Capítulo XXXI — Uma perda mais grave
Capítulo XXXII — Começo de uma longa viagem

Capítulo XXXIII — Felicidade
Capítulo XXXIV — Minha tia causa-me um grande pasmo
Capítulo XXXV — Abatimento
Capítulo XXXVI — Entusiasmo
Capítulo XXXVII — Um pouco de água fria lançada no meu fogo
Capítulo XXXVIII — Dissolução de sociedade
Capítulo XXXIX — Wickfield & Heep
Capítulo XL — Triste viagem ao acaso
Capítulo XLI — As tias de Dora
Capítulo XLII — Uma nódoa negra
Capítulo XLIII — Ainda um olhar retrospectivo
Capítulo XLIV — A nossa casa
Capítulo XLV — Mister Dick justifica a predição de minha tia
Capítulo XLVI — Novidades
Capítulo XLVII — Marta
Capítulo XLVIII — Acontecimento doméstico
Capítulo XLIX — Acho-me envolvido num mistério
Capítulo L — Realiza-se o sonho de Mister Peggotty
Capítulo LI — Preparativos de uma mais longa viagem
Capítulo LII — Assisto a uma explosão
Capítulo LIII — Ainda um olhar retrospectivo
Capítulo LIV — As operações de Mister Micawber
Capítulo LV — A tempestade
Capítulo LVI — O novo e o velho golpe
Capítulo LVII — Os emigrantes
Capítulo LVIII — Ausência
Capítulo LIX — Regresso
Capítulo LX — Inês
Capítulo LXI — Mostram-me dois interessantes penitentes
Capítulo LXII — Fulge uma estrela no meu caminho
Capítulo LXIII — Um visitante
Capítulo LXIV — Um último olhar retrospectivo
Notas